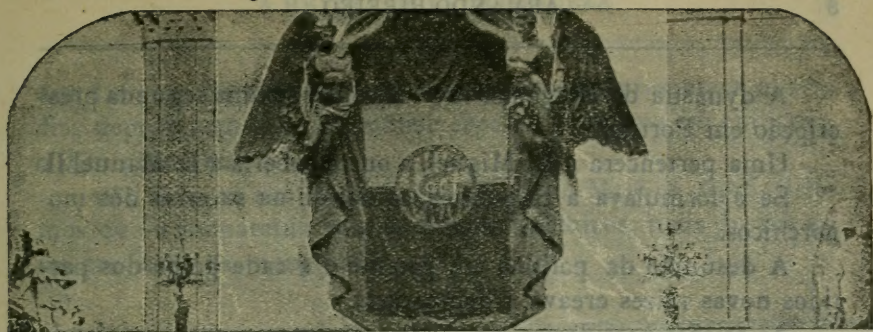
JOÃO ROMANO TORRES & C.A
EDITORES—Escriptorio e officinas:

A REVOLUÇÃO PORTUGUEZA

POR

ARMANDO RIBEIRO

A REVOLUÇÃO PORTUGUEZA

SEGUNDA PARTE

EM PLENA REVOLUÇÃO

I

Esmorece a estrella brigantina.=Erros velhos.=Tumultos populares em Lisboa e Porto.=A caça ao padre.=O boato da revolta. = O governo e o plano da divisão.=O rei e o infante =O jantar de gala no paço de Belem. —De regresso ás Necessidades.=Madrugada de duvidas.

Esmorecia gradualmente a luz viva que presidira á dynastia de Bragança, e ateada, inicialmente nas horas da revolução de 1640, em que a Hespanha vira fugir-lhe de sob o pé despótico, o solo bemdito de Portugal.

O conselheiro Julio de Vilhena, synthetisára prophéticamente, a derrocada da realeza, embora, n'esse periodo agitado que deu ao conselheiro João Ferreira Franco Pinto Castello Branco, o cognome de «O Dictador», se quizesse ver na predicção o thema circumscripto ao fim do reinado carlista.

Deu-se tudo a terminar por um crime ou por uma revolução. O crime fazia caducar o reinado de D. Carlos, o «Desventuroso». A revolução daria fim ao reinado do filho segundo, D. Manuel, segundo a ironia democratica, «O Radioso» ou «O Tumba» e segundo a historia, o «Malaventurado».

A dynastia de Bragança ia a caminho de uma segunda prescripção em Portugal.

Uma pertencera a D. Miguel, a outra caberia a D. Manuel II.

Se a formulava a Republica, talharam-na os erros dos monarchicos.

A desunião da politica era patente e a cada golpe dos partidos novas raizes creava a democracia.

As scisões partidarias, trazendo inimigos aos grupos d'onde haviam sahido, auxiliaram fortemente a campanha anti-dynastica.

Se o affastamento de João Franco do partido regenerador em 1901, não trouxe a este difficuldades, já a dissidencia progressista de 1905, collocou como figadaes inimigos, que nas suas abjurgatorias iam, quasi sempre de encontro ao throno, os conselheiros José Luciano e José de Alpoim.

O contracto dos tabacos servira de pomo d'essa discordia, onde a realeza foi a unica a soffrer, porque, ganhou contra si, em vez de um chefe de opposição, o do partido principal, mais outro, o chefe do grupo dissidente. Este lhe traria nas horas perturbadoras do 28 de Janeiro de 1908, a attitude certa d'um adversario brigantino, macommunado com os republicanos para a derrocada do throno.

A queda foi rapida.

A morte do conselheiro Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro, dirigente dos regeneradores, appressou-a.

Ao surgir de João Franco como supremo arbitro na politica portugueza, os monarchicos, n'um desvairamento de quem vê affastadas, por alguns annos, as suas prerogativas de poder, preferiram desde logo ao rei, a republica.

Deram lhe alentos e garantiram-lhe bases, collocando ao mesmo tempo a primeira pedra para padrão do seu castigo futuro.

Os progressistas forneceram o material para a exarcerbação popular, habilmente aproveitada pelos republicanos.

O «Correio da Noite», declarando em 20 de Maio de 1907, que «á revolução no poder não admira que corresponda muitas vezes, a revolução dos opprimidos, dos maltratados, dos offendi-

dos nas suas liberdades e nos seus direitos», apresentava quatro dias depois, como symptomatico espelho do trama em embryão, o dito provocante:

«Ao Rei, ao auctor da Carta de 16 de Maio de 1906, diremos que a monarchia precisa dos monarchicos, mais do que estes precisam da monarchia».

D. MANUEL II
(O ultimo chefe de Estado da Monarchia)

DR. THEOPHILO BRAGA
(O primeiro chefe de Estado da Republica)

Havia erro forte.

A monarchia não precisava *dos* monarchicos, mas sim *de* monarchicos.

O throno tinha a rodeal-o o tremendo abysmo das abaladas convicções.

Iam contra elle os grupos politicos, crentes de que uma republica, surgindo, traduziria em benesses os serviços prestados á causa pelo rude combate contra a realeza.

Não se procurou apenas o campo politico. Desceu-se ao terreno ignobil do escandalo e d'ahi uma obra de veneno, «O Marquez da Bacalhôa», esvurumando scenas intimas da vida dos reis.

De pouco valeria ao auctor, Antonio de Albuquerque, o excentrico desmiudar dos palacianos successos, pois que, ao surgir da republica, trazida, virtualmente, pela mão dos monarchicos, descrentes uns, commodistas outros, veria o trabalho baixar da notoriedade antiga á craveira das mediocridades e elle proprio, correria de prisão em prisão, (*) como envolto em acontecimentos de rebellião contra a democracia, elle que antes fôra encravar-se nas rodas dentadas e torturadoras do engenho tendente a derrubar a realeza de D. Manuel II.

Era a providencia a decretar episodios para servir de corollario edificante a outros, encadeando os com a arte suprema de que só o destino possue o segredo maravilhoso. . .

O governo de João Franco colheu os fructos da semente que outros haviam lançado á terra.

Levado ao excesso, entregou-se-lhe, como recurso ao incendio que lavrava.

Demais havia confiança no exercito e na verdade, n'essas horas tragicas de em seguida á «janeirada», as tropas, debalde provocadas pelos republicanos, não vieram ao encontro da situação que elles haviam idealisado.

Mas se longe foi a attitude do ultimo gabinete do reinado de D. Carlos, attenuação teve, pelo caminho polvilhado de urzes onde o quizeram trazer acossado.

O volante d'essa machina gigantesca chamada conspiração, devia enrodilhar na sua ellipse impetuosa, dois personagens: o rei e João Franco.

(*) Preso em 27 de Abril de 1913, em Cintra, por um crime commum, era em Junho seguinte, detido e conduzido para a cadeia do Limoeiro, como accusado de fazer parte do grupo destinado ao golpe de estado de 27 de Abril d'esse anno de 1913.

Este, escapou, ferido, moralmente.

O outro, baqueou.

A rede, era extensa.

O proprio palacianismo excedeu-se na guerra contra João Franco e já o assignalámos reunido aos republicanos para auxilio aos tumultos que, não attingiram só o governo como a corôa.

CONSELHEIRO PIMENTEL PINTO

Nem unicamente a dissidencia emparceirou com a democracia e o proprio conselheiro Wenceslau de Lima, bem recebido nas salas regias, se viu coadjuvando arruaças como a do Porto, em 1907, ao chefe do governo regenerador liberal.

Mais tarde ainda, os republicanos não desdenhavam de apontar como coadjuvante d'esse acto de publica demonstração de rancor a D. Carlos, um alto vulto, dito servidor leal da mãe do assassinado do Terreiro do Paço.

Era esse personagem o general Luiz Augusto Pimentel Pinto, cuja morte (6 de Junho de 1913) deixou como rasto, o testemunho insuspeito do jornal republicano o *Mundo*, citando a sua acção incitadora do movimento revolucionario quando do agitado periodo do governo regenerador liberal.

Veremos mais tarde, o conselheiro Pimentel Pinto, apresentando-se (8 de outubro) ao ministro da guerra do governo provisorio com o voto de adhesão incondiccional á republica.

A dictadura, forçada, dos franquistas, levados a esse extremo pela attitude dos contrarios, extremo a que os republicanos recorreriam, mais tarde,—foi o auxilio á democracia, fornecido, ridente e conscientemente pelos outros monarchicos em grupo unico.

Ao mallogro das previsões de victoria da *janeirada*, onde se forjava, unitariamente, a expulsão da familia real, a tiro, veio o regicidio.

As balas foram de Buissa e Costa, mas a base forneceram-n'a os partidos monarchicos trazendo ás suas pugnas o nome regio, e procurando envolvel-o em escandalos, nascidos e sanccionados aliás pelos proprios que d'elles se serviam para ataque aos governos.

Começado em tragedia, não podia o reinado manuelino decorrer em periodo de rosas.

O regicidio, sendo como foi o primeiro passo para a segunda e d'essa vez formal tentativa republicana, ensombrou logo o horisonte.

Como que acobardada ante o seu proprio gesto, a democracia recuou, não por que visse em D. Manuel o levantador da patria, mas assustada pelo ruido d'essa queda gigantesca d'um rei valoroso, pois que ousou deffrontar a morte.

Na fuga partidaria a que João Franco não soube esquivar-se, o throno só viu em redor de si, rostos sombrios e hesitantes.

Do sangue do primeiro de Fevereiro, da fumarada da polvora regicida, sahiu pois o medo do futuro, d'esse futuro tão problematico para os povos como para os reis.

D. Manuel, quiz ser guiado pelos politicos, convencido de que, esse começo triste de Fevereiro, começo seria de um rejuvenescimento de boas intenções.

Creança, não viu, no apavoramento inicial, o abandono na critica hora de uma revolta, ponte de transição para o exilio.

O primeiro governo, o de Ferreira do Amaral, constituiu uma desillusão para os affeiçoados á realeza.

Os outros nada puderam fazer ante o caminho traçado pelo

MARECHAL HERMES DA FONSECA

gabinete que guiou os passos do reinado manuelino, cujo presidente, explicava, no futuro, as suas intenções, ingressando abertamente na democracia, com a consciencia sobrecarregada porém com os successos tragicos da abrilada de 1908, que augmentou o rol sangrento dos republicanos cahidos em serviço de propaganda do seu ideal.

Debalde se recorreu aos governos mixtos.

A lucta era de flagrante violencia.

Nada souberam nem puderam fazer.

Surgiram outra vez os gabinetes partidarios.

O progressista, da chefia de Veiga Beirão, tentou, com alguns elementos de valor, recollocar em foco, o poder real, como imposição de respeito aos monarchicos.

Era tarde.

Fôra o *Liberal*, orgão progressista, o que ineptamente ou orgulhosamente, proclamára a 7 de Fevereiro de 1908:

«Respira-se melhor, e se não fôra o luto official, era possivel o povo entregar-se á mais intensa alegria.»

Era frisante allusão á indifferença popular.

O povo, não é a massa ignara que nos quer apresentar, por vezes, o sabio francez Leon Poinsard.

E' bem um nucleo collossal, impulsivo, que a politica, qualquer que seja, explora apenas em seu proveito, falando-lhe á alma, convencendo-o pelo coração.

E' o martyr, eterno vassallo de todos os regimens, é a multidão impressionista, é o mar galgando barreiras, porque a mãe-Natura lhe aponta a escala da sua orbita na vida.

Foi pouco depois da singular phrase do *Liberal*, que a 19 de Fevereiro de 1908 o dr. Eduardo de Abreu, escrevendo uma carta aberta ao dr. Antonio José d'Almeida, para ser lida no comicio republicano de Braga dizia, apoz ter dado como absolutamente exgotado o reportorio para a escolha dos ministros da corôa:

«Penso que o joven reinante, o sr. D. Manuel II tendo percebido, ou escutado, o sangue do seu sangue, que é total e completa a falencia de todos os partidos e facções monarchicas perante as urnas constitucionaes — funerarias e eleitoraes, — já prepara a augusta mensagem com que resignará o Throno, retirando-se do Paiz, a fim de querer e poder aspirar á vida, ao amor, ao estudo, á paz e á Liberdade, salvaguardado em seu decoro, pessoa e bens, pela tremenda responsabilidade, interna e externa, do Governo Provisorio da Republica, e acompanhado pela generosa saudação do Povo Portuguez que não teme assumir a responsabilidade dos seus Destinos!»

Apontando á cogitação do povo, os maleficios da politica monarchica, ia dar-se-lhe bases para o impulso á revolta, que por si tinha outros cerebros a coadjuval-a.

A acção do penultimo gabinete manuelino, nem foi sequer modesto entrave á acção derruidora da democracia.

Manobrando superior ao gabinete, havia o paço dos Navegantes.

CONSELHEIRO JULIO DE VILHENA

Se o não agitavam odios contra o rei, torcia-o a epilepsia do ataque aos contrarios e a côroa, teria de futuro, á queda ministerial, o recrudescer das injurias que foram como que o incitamento ao assassinio de D. Carlos.

Os inimigos d'este não podiam, a bem, servir o filho.

Onde se exigia o lealismo, havia a tarantula morbida do convencionalismo.

Por seu lado, a propaganda republicana, mercê da propria

acção anterior dos partidarios do conselheiro José Luciano de Castro, mercê da ajuda de todos os fementidos sustentaculos da corôa, crescia em numero e em violencia.

Ia ella rebuscar as escabrosidades dos partidos, para trazer á

CONSELHEIRO FERREIRA DO AMARAL

luz da dia, successos habilmente aproveitados, como o caso Hinton e o do Credito Predial, reduzidos, na republica, ás proporções minimas de casos banaes, pela resolução simples ou egual á que os monarchicos poderiam tomar, se não fossem envolvidos na teia tecida ardilosa e proveitosamente.

Comtudo, e a despeito das notorias affirmativas de força, traduzidas em propagandas firmes, onde o comicio era arma terrivel, ainda o *Correio da Noite*, dava em 7 de Janeiro de 1910, o partido republicano como atravessando uma crise gravissima, enfraquecido e accommettido de grangrena.

Evocava ainda o testemunho transcripto do *Paiz*, do velho democrata, Agostinho José Fortes, do directorio republicano e vereador da camara municipal de Lisboa :

AGOSTINHO FORTES

«E' evidente que o republicanismo atravessa um periodo de mal estar, para cujo termo carecemos nós de envidar os mais desinteressados esforços e tanta quanta «vis civica» possamos dispôr. O republicanismo em Portugal perdeu propriamente o caracter doutrinario, que é pertença das idéas que começam a insuflar se no espirito nacional ; hoje, é um partido politico, com provaveis responsabilidades de governo e, como tal, tem todos os defeitos das aggremiações politicas da nossa terra. Esta é uma

das causas do mal, porque, offerecendo o republicanismo portuguez, hoje, um meio favoravel á satisfação de muitas vantagens materiaes, para elle veem muitos, que em todas as sociedades e em todos os tempos existem, que ao ventre prestam unico e exclusivo culto. Entram pela porta aberta do republicanismo, nada trazendo que represente uma idéa generosa e alevantada; mas abarrotando de intemperados desejos, que a todo o custo hão de satisfazer, muito embora comprometttam a integridade moral da causa, que dizem defender. O ser republicano é, hoje, em muitos casos, manancial de riqueza, honrarias e considerações, para quem, a maior parte das vezes, no campo monarchico, por muito cheio e explorado, já só muito difficilmente pode furar.»

. . . .

«Educamos as camadas populares n'um falso principio de personalismos; temol-as guiado de maneira a só lhes adularmos as paixões, excitando-lhes e deturpando-lhes os sentimentos, a ponto de só seguirem cegamente os que manhosa e habilmente as sabem manejar e lapidarem quasi os que, solidarios com os verdadeiros interesses d'essas camadas populares, as procuram esclarecer, indicando-lhes o verdadeiro caminho. Eivado de todos os vicios d'uma politica mesquinha, sem ideaes, sem a convicção forte que provém da crença firme e inabalavel nos destinos d'um povo, olhando, portanto, apenas para o dia de hoje, tudo isto que tem caracterisado os ultimos decenios da vida monarchica entre nós, o republicanismo quasi está a cahir n'uma regedoria, sem grandeza moral que o imponha e nos faça alimentar a esperança de que a sua acção, além de benefica, se torna indispensavel para o bem publico.»

Era a chimera ao serviço da conveniencia.

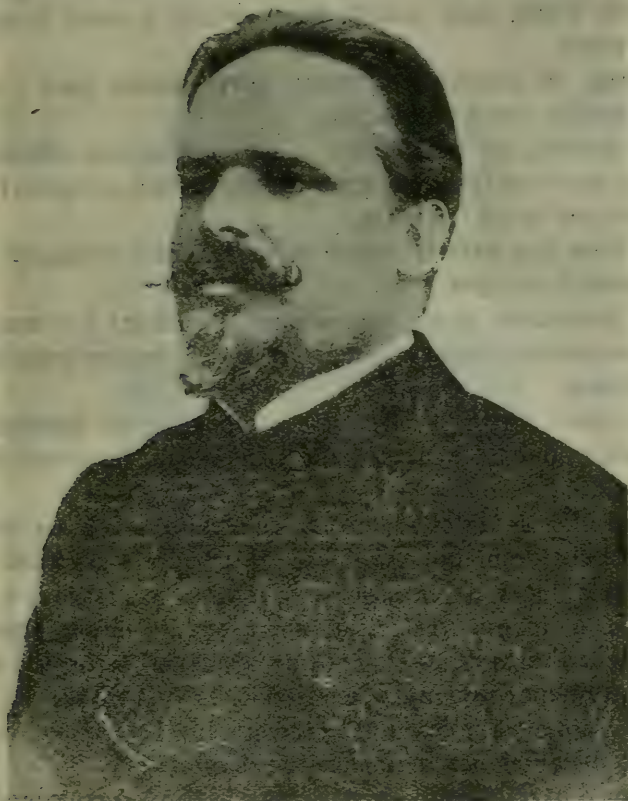
Mas havia, para de futuro, a previsão nitida dos acontecimentos.

O povo, estava n'esses instantes, de alma e coração com o verbo de democracia, com os seus dogmaticos preconisadores.

A educação politica do povo, falsa como era, actuáva poderosamente na sua nevrose do impulsivo.

O erro, aproveitou de momento. De futuro, o erro gerando,

logicamente, erros, trouxe, como directa descendencia, contrariedades.

Era tarde já porém para evitar a torrente, galgando montes

DR. ANTONIO JOSE D'ALMEIDA

e valles, como tarde era em fins de 1910, para, torcendo votos, e cerceando os traços indeleveis d'uma propaganda paciente e energica, cuidada e absorvente, tirar da ideia do povo, o conven-

cimento de que o bem nasceria da revolta como o mal previera do manto de arminho da realeza de Portugal.

Subtileza de espirito ou convicção propria, ao surgir do gabinete de Teixeira de Sousa, (*) tido e havido foi logo este como o derradeiro da combatida monarchia.

O combate foi de segura violencia.

Nem vendo o perigo vermelho a rodear ostensivamente o throno, os partidos que se diziam monarchicos, se congregaram em volta d'elle, para guarda firme do rei, o esteio da sua preponderancia.

Longe de costear o abysmo, enveredaram para o declive.

O declive era a emboscada.

A descida, de apparencia suave e parecendo offerecer uns oasis no seu terminus, encobria o redemoinho, as aguas revoltas onde muitos se sobvertiriam.

A brisa que parecia soprar fagueira, era a avançada apenas do *simoun* destruidor.

A quietitude do ar, nem sempre é bonança e o mar, antes de se ennovellar violento e tragico, deslisa manso para attrahir descuidosos.

No meio d'isso D. Manuel II, era a arvore açoutada pelo vento abrazador do Sahara, era o batel sem governo colhido pela tempestade.

Caminho de erros, caminho de espinhos. N'essas urzes semeadas pela desmedida ambição de uns, pela cegueira de outros e pela lucta de insensatos de outra, se rasgava a pouco e pouco o manto real, que a creança de 1908, abandonaria, a pouco mais de dois annos de distancia, resurgido o espectaculo tremendo do sangue, do tiroteio, da vida em perigo, n'uma desolada ausencia d'esse nucleo de aulicos, reverentes no aureo periodo, distantes nos momentos de desgraça.

Nem o partidarismo ali iria, para redimir o erro da sua desunião.

(*) Largamente descripto todo o reinado de D. Manuel II nas nossas obras *O Começo de um reinado*, *A Caminho da Republica* e a *Revolução Portugueza* (1.° e 2.° volumes) dispensamo-nos de fazer agora mais larga referencia, ou inutil recapitulação. — N. d'A.

De longe vinha, mas accentuara-se n'esse declinar do anno de 1910 aos primeiros passos do governo de Teixeira de Sousa, que se disse preso aos republicanos por secretos compromissos.

A colligação liberal, formada por alguns grupos contra o que seria o derradeiro gabinete monarchico portuguez, depois de lançar sobre este todo o seu anathema injurioso, cahiu de roldão junto do throno, a empeçonhal-o e a abalal-o.

CONSELHEIRO TEIXEIRA DE SOUZA

(Ultimo presidente de Conselhos de Ministros da Monarchia)

Desunidos os pseudo sustentaculos da realeza, só quebrando lanças pelo seu bem-estar proprio, bastaria aos contrarios promover a união provisoria, pelo tempo preciso para liquidar os combatentes tresloucados.

A' politica da injuris seguira-se a de ameaça, e D. Manuel, quedando-se boquiaberto, levou decerto todo o ataque, toda a

campanha feita em redor da corôa, á democracia. Esta não desempenharia melhor o seu papel de anti-dynastica.

Restava colher o amadurecido fructo.

A propaganda republicana teve o auxilio poderoso das enxadadas vibradas no solo realista pelos progressistas, regeneradores e nacionalistas, e ao alvorecer da manhã de 4 de Outubro de 1910, quando infantaria 16 e artilharia 1 haviam já iniciado a abertura de claros nas fileiras da guarda municipal, — os vassallos da realeza cruzavam ainda os braços na espectativa de boa sorte.

Os sobresaltos do 4 de Outubro, o ruido intenso da fusilaria a cruzar com o ribombar dos envolucros dynamitados e das granadas da marinhagem ávida de derruir o throno, não conseguiram abafar a voz da consciencia a accusar de traidor o palacianismo indifferente.

A manhã de 5 e quando o sol despertou, veria o povo sorridente e feliz acclamando a Republica, firmada pelo valor de uns e pela tacita acquiescencia de muitos.

O povo foi o que é, e o que será sempre, quando o não incitem e quando o não desviem á força e criminosamente do seu caminho: bondoso, correcto e inculpado dos assomos nevroticos de exaltados cevando odios, ou de tresloucados querendo sangue.

A união republicana, ephemera, manteve-se como elo a desjungir-se, mas presa ainda pela necessidade de derruir.

Ligava-os o odio ao monarchico. Tudo cança, porque não era odio velho.

Velho era o que os afastava, antes mesmo das horas gloriosas da Rotunda e de Alcantara.

O espectaculo das bombas dezimando tropas e das indecisões e perigos, attrahindo politicos malavindos, desfez-se e a alma nacional viu depois, baixados ao nada os idolos de oiro, erguerem-se ao *tudo terrestre* os idolos de marmore.

A poucos mezes, os politicos arrancariam a mascara de vassallos do povo e o povo via-se forçado a tomar a corôa de soberano.

O sonho quebrava-se e se bem que o povo tinha por si o ideal sagrado e grande, tinha contra si a banalidade e a ambição irritante dos homens.

A Revolução crearia um edificio mas não obreiros para o seu trabalho de fausto.

A 24 mezes d'essa obra colossal, que assombrou o Universo, os escolhos tornados montanhas, fariam vêr que as balas dos heroes não tiveram o poder concepcional de formar de melhor barro as humanas creaturas.

A força d'uma Revolução mudara o throno n'uma cadeira mas não lograra rodeal-a senão de homens gerados sob o mesmo aspecto corroído de ambição, odio e desconfiança.

Mas, a despeito d'isso, a data seria solemne.

Entra ella na Historia como um facho de luz viva, intensa, illuminando mundialmente a herocidade de um povo, o portuguez, que, quando lhe pesam as algemas, quebra-as energico e digno, forte e grandioso!

Ia dar-se pois a derradeira enxadada no throno dos Bragan-ças.

Quando os partidos que mentirosamente se alcunhavam de monarchicos, ainda descriam de um acto violento do povo, pelo povo, já este nas praças publicas se expandia em convulsões de ira que não futuravam nada de seguro para a velha rotativagem.

Assim, quando tarde para ella era o caminho do retrocesso, se retroceder quereriam ainda a bom terreno, tarde era para a revolução não avançar.

A noite de 3 de Outubro de 1910 envolvia já a cidade de Lisboa e os successos iam seguindo a sua senda ameaçadora.

A populaça ia ter emfim as suas horas de revindicta contra o clero e a realeza.

Leão indomavel, guiado pela palavra de seus caudilhos, estava na rua, revoltado, disposto a derramar, com os dos outros, o seu sangue, sacrificando-os em holocausto ao seu ideal.

Convencionára-se, inicialmente, um socego apparente.

Lucrariam com isso os revoltosos, não encontrando a resistencia nascida das prevenções.

Inesperadamente surgiu um acontecimento que alterou os projectos todos.

Na manhã de 3, o tenente de estado maior, Apparicio Re-

bello dos Santos, apparecendo no hospital de Rilhafolles, feriu (*) gravemente com tres tiros, o dr. Miguel Augusto Bombarda, sabio alienista e grande democrata, terrivel adversario da cleresia negra.

Os cuidados clinicos nada poderam.

O medico, alma tambem da revolução que se ia trazer para a rua, succumbia ás 6 horas e cinco minutos da tarde, tendo nos labios a palavra de odio á seita que se julgou armara o braço do assassino, logo atirado para o pavilhão dos doidos furiosos do manicomio da Rua da Cruz da Carreira.

A morte de Miguel Bombarda fez apenas transformar o projecto de inicial serenidade, pois embora se allegasse esse successo como o germen de revolta, certo é que assente estava ella, para a data em que se effectuou.

O assassinio teve para as turbas, como impulsor, o jesuitismo.

Correu celere pois a accusação exaltante e que se deixou subsistir: (**)

«E n'esta accusação, proferida pela multidão anonima, ia como que o vago presentimento de que o estrenuo e corajoso caudilho da democracia e do livre pensamento havia sido morto por... elles, pelos da nefanda seita negra e reaccionaria de todos os matizes, e que pelo dr. Miguel Bombarda sentiam o odio mais profundo, tecendo contra elle uma inqualificavel e surda campanha pessoal. Nada está, a tal respeito averiguado. O que, de positivo, se sabe, é que o illustre psichiatra morreu ás mãos de um doido, com o delirio da perseguição. E' o que, por emquanto, está averiguado».

Do assassinio não teve culpa a reacção, mas para os tumultos era preciso que ella assumisse as proporções gigantescas de uma tyrannia pesada e que depois de crivar de balas o *terror dos padres*, se dispunha sem pretextos, a crivar de metralha as fileiras populares.

Urgia, antes de lançar o povo na revolução, para a qual elle

(*) Vidé pagina 870 do 2.º volume da nossa obra *A Revolução Portugueza*. — N. d'A.

(**) O *Mundo* de 4 de Outubro de 1910.

aliás se arremessava satisfeito e energico, — leval-o ao estado rubro de exaltado.

— Abaixo a reacção! gritou-se.

— A' morte os frades! completou-se.

Em frente do annunciador collocado á janella do *Mundo*, orgão republicano, alguns soldados, carbonarios, exasperavam a multidão, para que á sua grey viessem, no proprio momento, aquelles não iniciados nos projectos de longe trabalhados:

— E' preciso dar uma licção a esta canalha!

PALACIO DAS NECESSIDADES

(Residencia da Familia Real)

— E' preciso vir para a rua!

— Lá o mataram!

Logo na tarde de 3 de outubro, dois padres, ao atravessar do Rocio para a Avenida, viram crescer em volta d'elles a multidão e a fuga impoz-se, não sem que as proprias creanças de 12 a 14 annos, lhes deixassem cahir sobre as costas os seus punhos cerrados, n'uma terrivel demonstração de que estava cahida moralmente, a supremacia sacerdotal, como aviso á queda proxima da supremacia realenga.

Ia começar a lucta fratricida, para abrir caminho á lucta contra o clero e contra o throno.

Primeira victima foi um cabo da guarda fiscal, que se apresentou á paisana, defendendo o tenente Apparicio.

O povo apupava-o e avançando sobre elle, aggredia-o.

Tropeçando ali, cahindo acolá, fugia em direcção á rua Nova do Carmo, onde a policia abrindo-lhe passagem, formava barreira á multidão, de sabre em riste.

A avalanche passa, porém, firme e invencivel deixando apenas ferido á pranchada, Libio Martins, morador na Ponte Nova, e alguns presos.

Detidos Affonso Saldanha, morador na avenida Pinto Coelho e o reservista Victor Sequeira, como promotores do tumulto o segundo augmentava-o, maltratando o agente 1120, que' vendo a attitude hostil da populaça, se defendia com o sabre' auxiliado pelos policias 604, 707 e 1484.

O preso era levado até ao governo civil, entre os gritos subversivos contra os guardas, que livres foram de novo desacato pelo reforço de mais agentes.

A labareda não se extinguia e o primeiro caso succedido ás 4 horas da tarde, no Rocio, ainda não estava liquidado no Chiado, já tinha novo fóco na praça de Camões.

Um padre de Porto de Moz, de passagem em Lisboa, não se eximia no Rocio a commentarios favoraveis á scena de Rilhafolles.

Voltaram-se contra elle as iras populares.

Procurava fugir, entrando na ourivesaria Carvalho, que fechava ante a perspectiva da invasão.

Quiz o sacerdote escapar-se pelas trazeiras do estabelecimento, mas já os manifestantes ali estavam, apedrejando a loja.

Logrou escapar porém, porque novos sacrificados haviam surgido.

Dada, como thema, a morte do Bombarda como obra dos jesuitas, ao clero todo veio esse apodo terrivel.

Os sacerdotes que á rua sahiram n'essa tarde e noite, em embaraçada e duvidosa contingencia viram o regresso ás residencias.

Apupado era o beneficiado da Sé, padre Joaquim Ferreira

Governo, que se apeara de um carro junto do café Gelo. Vendo-o, os populares avançaram e o padre, julgando intimidal-os, fez menção de tirar do bolso qualquer arma.

Obrigaram-no á fuga, tendo de refugiar-se, na Tabacaria Hespanhola, da rua do Principe.

Com o appoio da policia tomava um carro electrico, logo assaltado, sem que á violencia obstasse a attitude repressiva d'um capitão do exercito. Perseguido foi o carro até á Avenida, onde as furias populares se cevaram em dois serventuarios das regas que molharam os manifestantes, á ordem do capitão.

A errada providencia acalmadora só logrou accirrar animos e trazer represalias identicas e a breve trecho, aos padres eram applicados banhos nos tanques publicos.

A vinda policial livrou da morte os encarregados das regas, impondo o dispersar a populaça.

Quando o padre e o official se apearam na rua Alexandre Herculano, outro grupo os esperou, mas ali o capitão, d'essa vez com o auxilio de alguns populares, dispersava-o e o padre para casa seguia, antevendo no prologo o drama intenso e terrivel que se ia desenrolar.

Os agentes procuraram promover a quietitude.

Temeridade era aconselhal-a, quando a palavra de revolta corria febril e enthusiastica.

Loucura era reprimir essa furia popular, e se os guardas podiam, por vezes, suffocar a rebellião latente, devia-se mais aos nucleos dirigentes da revolta, refreando, os do momento inuteis desasocegos, do que á propria obra dos sabres, mais tarde sem valor ante a acção energica das bombas.

O principio da noite mais tumultos trouxe pois.

Forma-se uma turba de exaltados.

Na Revolução Franceza, bradou-se:

— A' Bastilha!

No Rocio, de Lisboa, bradou se:

— Ao *Portugal!*

A multidão subiu, clamorosa o Chiado até se defrontar com o predio 62 da rua Garrett, onde no 2.° andar tinha sua séde o jornal dirigido pelo padre José Lourenço de Mattos.

A's manisfestações hostis, seguiu-se o desejo de assalto.

A policia surge.

Os sabres scintillam na rua mal illuminada pelo rapido encerramento das lojas e se muitos manifestantes fogem, outros fazem frente aos agentes commandados pelo capitão Manuel Jacintho França.

As pedras silvam, emquanto algumas balas cruzam os ares errando os alvos.

Presos são, Alfredo Pereira, morador na rua do Bemformoso, e Vasco Augusto de Magalhães, residente na rua do Valle de Santo Antonio, como chefe dos apedrejadores, que encontraram victimas principaes nos guardas 1058 e 538, e o primeiro grumete da armada n.º 538, que tendo-se lançado ao agente 1348, para o desarmar, não o conseguindo, lhe rasgou a farda.

A attitude decidida da policia, fez retroceder os manifestantes que abandonaram ali o campo.

No Rocio, a despeito da larga força policial ali existente, a populaça não se aquietava.

A exaltação, não fez temor no clero, vendo com desapego a queda d'um temivel adversario e embora conhecendo anteriores represalias, um padre desprezando a mal contida furia da multidão, verberando energica, o 'caso de Rilhafoles, teve a velleidade de bradar, ao lêr a noticia no annunciador da succursal do «Seculo» no Rocio:

— Foi bem feito!

O fogo chegou ao rastilho.

O sacerdote, erguido em dezenas de braços, era depois de maltratado duramente, sujeito a novo supplicio.

O povo rodeou-o.

Erguido em peso, sem chapéu e vestes descompostas pela resistencia, conduzia-o ao meio da praça de D. Pedro e mergulha-o n'um dos tanques, divertindo-se com o seu esbracejar.

Deram-lhe em seguida a companhia de outro sacerdote, e apoz retirados de agua, seguiam caminho, entre apupos e risadas de uma parte do povo, emquanto outra gritava, ironica e ameaçadora:

— Aproveitem com a licção!...

A intervenção policial não tinha já resultado simples e as pedradas renasceram, baqueando na rua da Bitesga, o agente 426.

Correram boatos de que no Porto havia egualmente motins populares.

Se não attingiram o aspecto temerario dos de Lisboa, foram comtudo o seguro prenuncio de quanto se forjava.

DR. AFFONSO COSTA

Convencionado fôra na capital do norte, que, se o periodico republicano *A Patria*, dirigido pelo dr. Alfredo de Magalhães, recebesse um telegramma dizendo *Falleceu Bombarda*, equivalia a, em face d'elle, poder forjar um telegramma particular annunciando o rebentar da revolução em Lisboa.

O aviso estabelecido, chegou realmente, cifrado, ao Porto.

Para a *Patria* ainda, combinára o revolucionario João de Moraes Carvella, com o director do Centro Commercial do Porto, Ferreira Gonçalves, (*) de passagem em Lisboa, a remessa de um telegramma, em cifra tambem, confirmando a realisação do movimento, se resolvido fosse.

O despacho telegraphico seguiu, de facto e a capital do norte teve pois assim conhecimento do trama a aprestar-se.

Com duplo fim, se propagou para ali o triste desenlace da tragedia da rua da Cruz da Carreira.

Para que se lamentasse a perda d'um importante vulto da democracia e para que crescesse o numero de exaltados.

O Porto, não tinha preparatorios largos para o movimento, e assim manteve uma attitude de quasi espectativa, salientada nos seguintes trechos (**) do revolucionario Julio de Oliveira:

«O aviso de que finalmente o movimento revolucionario redentor ia estalar em Lisboa na madrugada de 4, chegou-nos cêrca das 8 horas da noite por um telegramma enviado para *A Patria.* Redigido em cifra á ultima hora combinada em Lisboa com o nosso sempre dedicado correligionario Ferreira Gonçalves, não o pudemos traduzir; e só quando elle regressou da capital, no *rapido* da noite, é que tivemos a decifração que annunciava o irremediavel golpe. Imediatamente procurámos que se reunissem na redacção da *Patria* todos os que ha longos annos vinham intervindo na organização revolucionaria do Porto. Teve-se de os procurar, e só tarde, cêrca das duas horas, conseguiram reunir-se o dr. Paulo Falcão, dr. Alfredo Magalhães, dr. Germano Martins, Caldeira Scevola, dr. Romulo de Oliveira e eu. O dr. Pereira Osorio só de manhã pôde ser prevenido.

«A noite foi de anciedade. Os informes que Ferreira Goncalves trouxera e os que anteriormente havia sido comunicados por Candido dos Reis e pelo tenente Pires, na sua ultima visita ao norte, eram de que o movimento seria necessariamente victorioso e rapido, tal a importancia dos elementos congregados

---

(*) Era pela Republica nomeado governador civil do districto do Porto.
(**) *O Mundo* de 27 de Outubro de 1910.

para a Revolução. Entendiam, convictamente, que de modo algum poderia fracassar. Nós, porém, tinhamos a impressão de que possivelmente haviam sido obrigados a precipitar a hora da Revolução, determinados pelos ultimos acontecimentos, e comprehende-se, passámos horas de agonia. O que primeiro se tratou de fazer foi pôrmo-nos em comunicação com os elementos que tinhamos no telegrapho e que nos serviram com grande dedicação e lealdade. Delles recebemos a communicação dos telegramas officiaes que na estação do Porto se receberam, e, conjunctamente, a certeza de que o movimento se dera e a segurança de que as forças republicanas se batiam em Lisboa.

«Devo esclarecel-o. Desde que gorou a Revolução organizada em 1896-1897 por Bazilio Telles, Duarte Leite e Amandio Gonçalves, o Porto perdeu a hegemonia revolucionaria, que passou para Lisboa. Dessa epoca restára sempre o esqueleto da organização revolucionaria e um fundo importante de armamentos. Quando da conspiração determinada pela dictadura de João Franco e que veio a liquidar no movimento de 28 de janeiro, Affonso Costa, que é seguramente o temperamento revolucionario mais perfeito que conheço, lançou no Porto as bases da organização conspiratoria que devia secundar Lisboa, á qual já então pertencia o papel dominante que tão admiravelmente veio a cumprir. N'essa hora se organizou uma especie de *comité*, a que presidia Duarte Leite. Novos armamentos se adquiriram, reorganizaram-se os grupos civis, fabricaram-se bombas, aliciaram-se sargentos em todos os corpos e na guarda fiscal, congregaram-se os poucos officiaes que contavamos na guarnição do Porto e estabeleceram-se relações com os elementos militares das provincias do norte, que eram importantissimos, e onde se destacava a guarnição de Vianna do Castello, que sempre se considerou segura para a Republica. A Revolução não vingou, então, dado o malogro da tentativa audaciosa de Affonso Costa, mas ficou vivaz toda a semente revolucionaria lançada á terra.

«N'esta altura e pouco antes, haviam o dr. Paulo Falcão, Duarte Leite e Ferreira Gonçalves assumido a ardua empreza de dar novamente fórma a todos esses valores revolucionarios. A noticia do movimento, porém, estalando mais cedo do que

se imaginava, vinha colher-nos bastante atrazados na organização. O que de nós se reclamava era tão só secundar um movimento triumphante e impedir que do Porto partissem reforços que ao sul fossem combater as forças republicanas. Foi isso o que procurámos fazer, preparando-nos para actuar conforme os acontecimentos.

«Plano, nas condições de momento, não o havia, e ter-se-ia de operar conforme as circumstancias, dado o facto da prevenção de todas as forças publicas. O que estavamos era decididos a operar. A mim encarregaram-me de partir para Vianna do Castello, ter com os nossos correligionarios d'ali; regressando eu na noite de 4 com a certeza de que as forças militares estariam a nosso lado. O que desde logo se assentou decisivamente foi que do Porto não partiria força alguma para o sul e os nossos recursos para isso chegavam seguramente. Entretanto iam-se congregando todos os antigos elementos revolucionarios. As noticias que recebiamos, poucas e vagas — eram todavia de molde a dar-nos esperanças e a nossa convicção cada vez mais se affirmava em que Lisboa nos redimia»

Se os elementos principaes só confiavam na redempção, por Lisboa, da derrocada de 1891, redempção que mais tarde, por effectiva, traria surdos despeitos, não quiz o povo confiar-se tanto aos segredos do futuro e expandiu-se em manifestações tendentes a demonstrar que o Porto mantinha vivida a lembrança do 31 de janeiro.

Conhecedor da morte do Bombarda, transmittida a noticia, com o anathema aos elementos clericaes, a multidão veio para a rua expandir o seu furor.

Agglomerada em frente da redacção do *Primeiro de Janeiro* na rua de Santa Catharina, e do jornal catholico *O Correio do Norte*, deu ali os primeiros gritos:

— Viva a Liberdade! Abaixo a reacção!

Seguiu até á Praça de D. Pedro, detendo-se ante a *Palavra*, orgão catholico, onde a manifestação augmentou, acclamando a Republica.

A policia interveiu, e, mal recebida, leva a encontrão os manifestantes.

E' preso o membro da commissão parochial republicana de Miragaya, Antonio Martins, e na praça da Batalha, o confeiteiro Manuel Cardoso.

O tumulto recrudescia e no caminho para o Aljube, os

DR. ALFREDO DE MAGALHÃES

agentes tinham que puxar pelos revolveres, effectuando mais detenções.

A cavallaria da municipal tomava logo a praça de D. Pedro e immediações.

O deputado dr. Alfredo de Magalhães, é acclamado na Praça de D. Pedro.

— Viva a Republica! gritam uns.

— Abaixo os assassinos de Bombarda! bradam outros.

A policia intervindo faz prisões.

A guarda evolucionando, não evita comtudo os apupos dos exaltados a duas irmãs da caridade e a um padre, chegados no comboio, fugidos de Lisboa.

A intervenção dava espadeiradas e capturas, na Praça de D. Pedro, vindo aos calabouços de policia, os caixeiros Antonio Martins e Hamilton Guedes, o antigo guarda-nocturno Adriano da Silva e o factor dos caminhos de ferro, Leonildo Duarte Lopes, depois postos em liberdade condiccional.

Os agentes, promovendo a dispersão de populares, teem desacatos e prendem na rua Sá de Bandeira, Herminio Guedes.

A populaça quiz libertal-o, mas aos inuteis esforços persuasivos, correspondeu a violencia e arrancando as taboas de um tapume, fez frente aos guardas.

Estes apontaram os revolvers e enristaram os sabres e os manifestantes forçados foram a recuar abrindo caminho aos agentes que conduziam presos.

Aproveitando a distracção da policia, houve entretanto a entrevista de um grupo revolucionario, que, em seguida, percorreu os jornaes republicanos trocando a palavra de revolta, sob o disfarce de impressões sobre o assassinio de Miguel Bombarda.

Comtudo rumores teve o Porto do que se tramava.

A infantaria da guarda, sahindo do quartel do Carmo, tomava o edificio da camara, emquanto dois piquetes de cavallaria iam guardar o governo civil.

Parte da policia ficava de prevenção, emquanto se destacavam guardas para a redacção da *Palavra.*

Feitas novas prisões, á tempestade succedeu a calmaria.

Bem mais terrivel era esta, do que a procella de horas antes.

A revolução estava nas suas primeiras evoluções.

Manobrando ainda em Lisboa, um grupo numeroso percorre ás 10 horas da noite, o Rocio e a rua Nova da Palma, e n'um projecto que obedecia mais a uma obra de humanidade do que a intento perturbador, fazia terminar o espectaculo no theatro do Principe Real e cessar mais cedo o transito pelas ruas, pondo-as livres para a acção sediciosa.

Conseguidos os resultados, a cidade aquietou-se. O leão simulava dormir.

Para que não fosse estimulo o relembrar da morte de Bombarda, obtivéra a policia a retirada do annunciador affixado na succursal do «Seculo». Não foi porém de bom prenuncio o socego citadino.

O povo porém talhára para a realeza, desde essa hora, o córte da existencia que os politicos lhe prepararam. D. Manuel II expiou os erros do passado e foi a victima innocente da lucta em que os partidos dynasticos se envolveram não para defeza do throno e da patria, do povo e das prerogativas, mas para capa a suas ganancias e seus descaros.

Havia entretanto banquete real.

El-rei viera de Cintra com a rainha, na manhã de 3 de outubro, para assistir á festa a bordo do couraçado brazileiro *S. Paulo*, precedida da assignatura régia, a ultima.

Voltou depois á villa, para vir de novo á capital, pela tarde, em automovel.

De regresso, foi occupar-se, por curtos instantes, no seu trabalho predilecto, a collecção de louça e preciosidades antigas, que, recolhidas dos palacios de Mafra, Cintra e Cidadella de Cascaes, se aggrupavam nos antigos aposentos occupados por el-rei D. Fernando no paço das Necessidades.

Ao approximar-se a hora do banquete, e apoz ter visitado umas obras, envergava a casaca.

Ia realisar-se a prophecia do *Mundo* de 2 de janeiro de 1909:

«A Revolução não saiu hontem, não saiu ante-hontem, não é provavel que saia hoje, mas sahirá um dia, naturalmente naquelle em que os poderes publicos estiverem socegadamente repousando da laboriosa digestão de suas culpas e erros quotidianos.»

E, de verdade, á hora do festim regio, podia considerar-se a cidade em plena revolução.

*

* *

Nas salas do paço de Belem reluziam os cristaes e as pratas, para o jantar de gala do presidente da Republica Brazileira.

Reapparecia pela derradeira vez a baixella preciosa Saint Germain.

Ia solemnisar-se uma republica extranha, quando a nacional espreitava a sua victoria para de salto cahir sobre o throno, derrubando-o e empurrando para a fuga e para o exilio a familia real.

Aggrupavam-se já nas salas os convidados, quando o presidente do conselho appareceu.

No caminho fôra-lhe reiterado o aviso de revolta proxima.

Em que condições?

«Quem me preveniu de que a Revolução se ia fazer d'ahi a horas, não me quiz dar outras informações.» (*)

Antes, presentira o chefe do governo, a intenção do insurrecionamento, na escassez de vultos altos da democracia junto do corpo exanime de Miguel Bombarda, acompanhado, ás 7 horas da tarde, apenas pela viuva, pelo filho e pelo dr. Augusto de Vasconcellos.

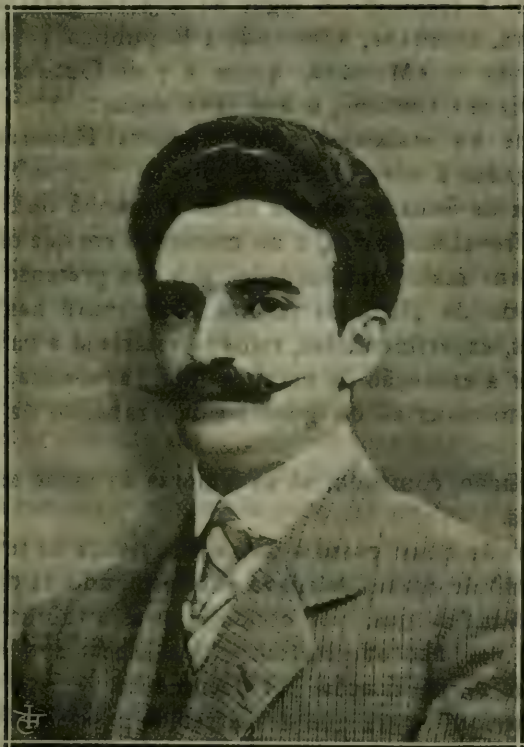
Avisos e presentimentos, não faltaram ao gabinete, destinado a ultimo da monarchia.

Era o fatalismo a collocar-lhe no caminho elementos para uma repressão e n'uma ironia suprema, unica, ia baralhando a ideia governamental, para que longe estivesse da sua missão de defeza ao throno, impossibilitando-o pela inercia, para que o não culpasse a traição...

Era o fatalismo dando razão aos progressistas na accusação á corôa, de que evolucionando para a esquerda, arripiara caminho e preparava a ruina.

(*) «Para a Historia da Revolução», por Teixeira de Sousa = 2.º volume = Pagina 250.

De abalada para o jantar regio esquecera-lhe a prevenção ao director geral do ministerio da guerra, como entidade affecta á realeza e de prestigio no exercito, o general José Honorato de Mendonça.

Não faltaram ao chefe do governo, arguições pelo facto, levado quasi como origem da queda da monarchia:

DR. ANTÓNIO MACIEIRA.

«Se o general Honorato de Mendonça tivesse «na tarde do dia 3» sido prevenido do que Teixeira de Sousa «sabia ás 5 horas», é indubitavel que os factos não se teriam passado como se passaram nos dias que se lhe seguiram. O nome de Honorato de Mendonça, permitte garantir que, no dia 4 de manhã, esta-

riam em Lisboa reforços mais que sufficientes para fazer face aos regimentos que se revolucionaram e até aos que depois adheriram e que talvez n'estas circumstancias o não tivessem feito.» (*)

Os acontecimentos é que subordinam os homens e não estes os acontecimentos.

O general Mendonça, á hora em que das fileiras do exercito sahia a maioria do palacianismo, e dos palatinos da realeza, — convidado a reassumir o logar de director geral do ministerio da guerra, acceitava, adherindo á Republica. (**)

Era ainda o «Mundo», quem a 7 de Outubro citando o facto no «Diz-se» sibillino, o ironisava assim :

« — Que ha «talassas» como o general Honorato de Mendonça já ligados á nova ordem de coisas.»

Teixeira de Sousa conhecia desde a manhã de 3 os passos dados pelos revolucionarios, e no momento em que os preparativos assumiam maior intensidade, sob um pretenso sigillo, estava inteirado do plano da revolta, aliás inutil nas suas mãos.

N'outras, experimentadas, talhada estaria já a barreira segura a antepôr á execução da herança fatal, a revolta, contida no testamento ministerial do governo de Francisco da Veiga Beirão.

A prevenção, comtudo, só ás 5 horas da tarde se deu como determinada.

Assegurada quasi passo a passo a sentença de revolta, o ministerio, como de praxe, delegava ao commando da divisão o governo da cidade, mas, por olvido, que as circumstancias não explicavam, por não offerecerem ainda aspectos desnorteantes, houve a falta de notificação, por documento.

Isso contribuiu para que despercebida passasse a ordem, não cumprida, se dada foi, pois embora se desse como immediatamente determinada a concentração da policia e da municipal, o abandono das barreiras pela guarda aduaneira que entraria na cidade, por companhias, n'um effectivo de 1:200 homens e o

---

(*) «Os Cem Dias Funestos» = por Joaquim Leitão = pagina 497.
(**) «O Dia» de 6 de Outubro de 1910.

regimen preventivo dos outros regimentos, certo é que apenas se affirmou como executada a determinação transmittida pelo telephone do paço de Belem pelo general Gorjão, apoz o rapido conselho entre o presidente do gabinete e os commandantes de lanceiros e da guarda municipal: (*)

«Assim, pelas 8 da noite do dia 3, achando-me em casa, disposto a ir fazer no Quartel General o meu costumado serão, fui chamado ao telephone pelo tenente Pissarra, que me communicou ter o commandante da divisão determinado a prevenção geral das unidades que formavam a guarnição de Lisboa. Acto continuo, transmitti pelo telephone a ordem de prevenção a todos os corpos, recommendando-lhes, ao mesmo tempo, que não deixassem de avisar os officiaes das outras armas que se encontrassem nos seus respectivos districtos. Dez minutos depois estava no quartel general. Verifiquei como tinha procedido o official de dia, chamei a serviço o chefe e todo o pessoal da estação telegraphica, e aguardei qualquer informação precisa que me elucidasse, de maneira positiva, sobre a existencia de qualquer acontecimento anormal, quando chegou o General, a quem informei sobre o cumprimento das ordens que recebera, e que me declarou, segundo indicação do Presidente do Conselho, que rebentaria a revolução n'aquella noite. Era o complemento normal das ordens nos ultimos tempos.»

O depoimento era de valia, resumindo factos succedidos com o chefe do estado maior, coronel José Joaquim de Castro.

Não faltariam sobre o assumpto accusações ao presidente do gabinete, presumivelmente convencido de que manobrara para o entrave da revolta, e não tendo até levado aos collegas do ministerio o echo retumbante do acontecimento a surgir, cujo conhecimento os proprios revolucionarios lhe não negaram. (**)

No tiroteio das accusações, envolvido foi o commandante da divisão: (***)

«Cheguei a minha casa cerca das 7 horas e meia da tarde.

(*) «Os Cem Dias Funestos» = por Joaquim Leitão = Pagina 430.
(**) Da Monarchia á Republica — Pagina 157.
(***) «Para a Historia da Revolução». = Pagina 141.

Quiz de novo repetir as minhas recommendações para a mais rigorosa prevenção, mas não me foi possivel: os commandantes da divisão e das guardas municipaes já tinham sahido para o paço de Belem, para assistirem ao jantar offerecido pelo marechal Hermes da Fonseca. Sómente pude fallar ao official de serviço no Quartel General, a quem repeti a recommendação que pouco tempo antes eu tinha feito ao general, por signal que me ficou a impressão de que o commandante havia sahido para o Paço sem deixar feitas as communicações.»

Mas para que á revolta tudo sorrisse,—sem lhe tirar comtudo, o desanimo dos que desconheciam os preciosos auxiliares,—as prevenções foram transformadas e á marinha, esquecido o habitual systhema de affastamento, mandava-se a estada no Tejo, a 3 de Outubro, sobreestando-se na ordem de sahida que havia sido dada aos cruzadores «D. Carlos», «Adamastor» e «S. Raphael».

Caminhava o governo ao encontro das manobras revolucionarias e auxiliava o desejo dos marinheiros de se conservarem em frente do Terreiro do Paço para a execução do plano ambicionado.

A orientação era extranha e sendo de praxe, o affastamento dos navios em occasiões difficeis, a sua conservação no Tejo tornou-se suspeitosa, tanto mais que vimos já Teixeira de Sousa attribuindo o mallogro da tentativa de Agosto á possivel rapidez da ordem de sahida dada aos cruzadores.

Porque ficaram elles no quadro, em Outubro?!...

Não foi a ignorancia dos acontecimentos.

Teixeira de Sousa ia ao Paço, pessoalmente assegurar aos collegas de marinha e de guerra e commandantes de divisão e das guardas municipaes, as suas convicções pessimistas, a que anteriormente correspondera, por conhecedor, o commandante do destroyer da marinha de guerra britannica, «Bittern», no Tejo desde 25 de Setembro, promovendo logo a sahida do navio para o mar, abandonando a doca do arsenal onde entrára para concerto.

O chefe do governo decerto julgou inutil o debater da borboleta na teia firme tecida pela revolta e pelos erros de quantos se cercara a realeza.

Mas nem toda a derrocada lhe deve ser attribuida.

Tardia embora, a prevenção regimental, a tempo foi d'uma defeza, se a quizesse haver.

Os batalhões, se bem que anarchisados nos aquartellamentos, viriam para a rua, n'uma ordem relativa e os testemunhos revolucionarios, assignalariam ainda um começo de reivindicta contra a rebeldia da Rotunda e do quartel de marinheiros, os dois pontos principaes da sedição.

O mau passo inicial teria talvez remedio.

O ultimo chefe do governo monarchico, synthitesaria na derradeira parte de um seu commentario, a exacta distribuição de responsabilidades que só a elle lhe quizeram assacar:

«Havia cahido a monarchia em Portugal, que eu, por honra minha, tinha de deffender emquanto existisse. Quiz impedir a revolução, desarmando-a com liberdades. Nada consegui. Quiz conjurar a revolução, quiz como era de honra minha, impedir que a revolução caminhasse. Vi então e depois que a lucta era impossivel. A monarchia estava cercada, salvas raras excepções, de republicanos e indifferentes.» (*)

Restaram como obscuro ponto, a pouca pressa em estabelecer o justo alarme nos regimentos e nos outros membros do governo e a não confirmação das ordens allegadas como transmittidas ao quartel general.

Vejamos uma affirmativa do chefe do governo: (**)

«Todas estas circumstancias fizeram com que, cêrca das 5 horas da tarde se recommendasse ao general commandante da divisão que puzesse os corpos de prevenção e que identica recommendação se transmittisse ao commandante das guardas municipaes. N'essa noite havia um jantar no paço de Belem, para que eu estava convidado. Antes de ir para ali, puz-me em communicação com o quartel general. Não consegui falar com o respectivo general, que já tinha ido para aquelle jantar, mas entendi-me com o official de serviço, a quem repeti a ordem para pôr de completa prevenção todas as unidades milita-

---

(*) «Da Monarchia á Republica» = Pagina 160.
(**) O «Diario de Noticias» de 17 de Outubro de 1910.

res de Lisboa. No paço de Belem fui encontrar o commandante das guardas municipaes, o general commandante da divisão e os ministros da guerra e da marinha. A todos dei a segurança de que a revolução rebentaria n'aquella noite. O commandante das guardas municipaes já não tomou logar á meza, o ministro da marinha retirou-se logo no começo do jantar e eu retirei com o ministro da guerra, cerca das 9 e meia da noite.»

Comtudo torna-se mysterioso o motivo porque se necessitou da entrevista na sala das Bicas, quando pela declaração do presidente do conselho se poderia deduzir que os commandantes da divisão e das guardas municipaes, inteirados deviam estar dos acontecimentos previstos, pelas communicações citadas no trabalho do conselheiro Teixeira de Sousa.

A' noite, comtudo, e reavivada a lembrança pelo secreto aviso que no caminho para o Paço lhe deram, Teixeira de Sousa, teve a presciencia do logar em que ficaria, se não evidenciasse o trama que lhe era desvendado pela segunda vez.

«Saí para o paço de Belem, mais para prevenir o rei, os ministros e os commandantes, do que para jantar» (*)

Seria irrisorio de mais que, apoz o olvido de communicação dos previstos successos, aos collegas do gabinete, a poucos passos do seu ministerio, não lhes fizesse sentir o agitado da situação, tendo-os junto de si.

A responsabilidade seria grandiosa.

Assim chegando ao palacio de Belem, desenvolvia a sua acção de alarme.

Teve primeiro o aviso, pelo telephone do Paço, o ministro das finanças, Anselmo de Assis Andrade, para que deliberasse sobre a guarda fiscal, mandando a retirar aos trez quarteis de Lisboa.

Isso explicaria uma contradicta do coronel Alfredo Albuquerque, de que não poderia ter o presidente do conselho participar cousa alguma pelo facto do commandante de lanceiros, apoz a entrevista debalde haver procurado ligação com o respectivo quartel, não sahindo de junto do apparelho telephonico.

(*) «Para a Historia da Revolução» = 2.° volume = Pagina 241.

A communicação sobre a guarda aduaneira effectuou-se antes da que foi feita ao coronel de cavallaria 2.

Seguro de que escutado fôra, o conselheiro Teixeira de Sousa encarregava o official das equipagens reaes, Henrique Paulo Rolim, de procurar na sala grande, o coronel de lanceiros 2, Augusto José de Albuquerque, convidado a conferencia particular na Sala das Bicas.

Historica é essa entrevista, pois n'esse aposento, solitario, se discutiram as primeiras providencias para a protecção á corôa.

O presidente do conselho communicava ao commandante de cavallaria 2, regimento que ainda desconhecia a ordem de prevenção:

— Albuquerque! A revolução rebenta esta noite! O que se hade fazer?!...

— Ora! isso hade ser como das outras vezes!

— Não, Albuquerque! Olhe que não é. D'esta vez sae certo, tenho a certeza que é para esta noite a revolução! (*)

O official, n'esse momento, á paisana, firmando logo a sua lealdade ao rei e garantindo a sua confiança no regimento, alvitráva que á conferencia se aggregassem o general Manuel Raphael Gorjão, commandante da 1.ª divisão militar e o coronel Filippe Malaquias de Lemos, commandante das guardas municipaes.

Vieram tambem os ministros da guerra e da marinha.

Estava a approximar-se a hora do jantar.

Eram 8 horas e meia da noite (**)

O coronel Albuquerque, em pessoa, chamava o coronel Malaquias de Lemos e em breves palavras, para que a demora não suscitasse alarmes, se concertava o plano da defeza.

De confiança eram todos, a despeito da politica diversa que seguiam.

O coronel Malaquias, progressista, tivera a amisade do assassinado de 1 de Fevereiro e o filho reiterára-a, com o voto expresso de sua conservação á frente das guardas municipaes.

(*) «Os Cem Dias Funestos» por Joaquim Leitão=Pagina 179.
(**) «Para a Historia da Revolução» = por Teixeira de Sousa — Pagina 242.

O general Manuel Raphael Gorjão, nomeado pelo ministro da guerra, progressista, conselheiro Sebastião Telles, para o logar de commandante da 1.ª divisão militar, tinha a confiança régia, com base firme no assumir do cargo que a morte do general Craveiro Lopes deixára vago. Antigo ministro regenerador, com a pasta de marinha em 1903, e pelos regeneradores nomeado par do reino, não deixaria de affirmar o lealismo á corôa.

O coronel Alfredo Augusto José de Albuquerque, estribeiro e director geral das equipagens reaes, velho palatino, á realeza tinha ligada a sua fé e se bem que os outros dois officiaes a não atraiçoaram, deixaram que a desorientação pelo facto previsto, mas não julgado viavel, quebrasse, em todos os effeitos, a boa vontade de deffender a causa aflecta.

Houve pois, breve troca de impressões.

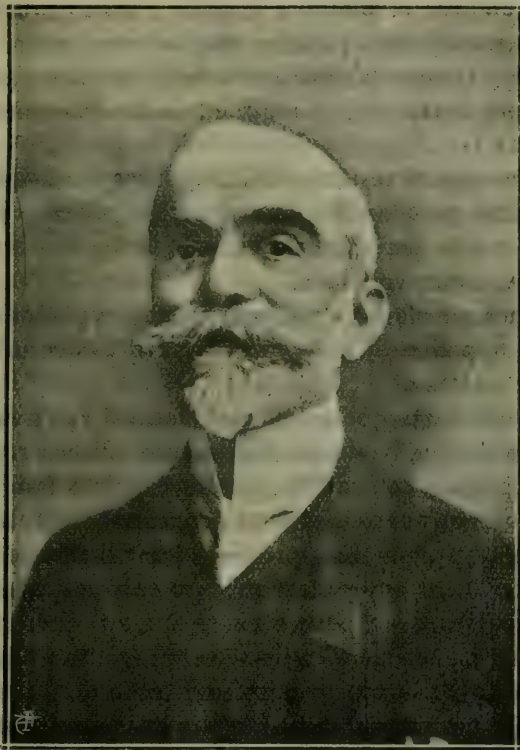
Por dedicados se deram, com a confirmação dos ministros da guerra e da marinha, os varios corpos do exercito, a despeito do commandante de divisão, já haver citado ao ministro da guerra José Nicolau Raposo Botelho, algumas duvidas sob convicções monarchicas de varios officiaes do exercito, sollicitando até a transferencia de muitos para os corpos da provincia, propondo ainda uma necessidade de activa vigilancia sobre elementos democratas, suspeitos de levarem aos quarteis a palavra de indisciplina.

Não eram os corpos de Belem os menos visados pela propaganda, conhecida aliás pelos respectivos commandantes que ao ministerio da guerra levavam, pessoalmente, ou em notas confidenciaes, a communicação de urgente necessidade de contrariar a acção da democracia.

Não avançou ella n'esses regimentos, ou fossem lanceiros 2, cavallaria 4 e infantaria 1, mas a marcha da ideia republicana parecia avassallar todas as patentes, em maior grau, se a revolução não cortasse, por inutil já, o proseguir da faina anti-realista.

As baterias de Queluz, estavam quasi fóra da extensa rede da republicanisação, mas, escassas em munições, debalde sollicitadas, traduziam um novo systema de adhesão á causa dos contrarios, ou fosse o manifestamento.

Infructiferos foram os passos dos chefes dos regimentos, officiaes que na maioria, ou talvez na totalidade, se patentearam fieis á politica que juraram deffender.

Não foi dado andamento a essas reclamações, mas certo é que, ao passo que se pretendia justificar uma necessidade de re-

DR. BERNARDINO MACHADO

(Primeiro ministro dos Negocios Estrangeiros do regimen republicano)

pressão ao exercito, se frisava a conveniencia de a uma tentativa de revolta se oppor apenas a guarda municipal e a policia, pelo receio de desmandos dos outros corpos contra os elementos sediciosos:

«Era esta mesma illusão que dominava o espirito do com-

mandante da 1.ª divisão militar quando, repetidas vezes, me pretendeu convencer da conveniencia de que, havendo movimento revolucionario, se devia fazer intervir em primeiro logar a policia civil e a guarda municipal, porque «a divisão, uma vez na rua praticaria actos de maior violencia contra os adversarios do regimen». Ninguem por isso supunha nem poderia supôr que, tendo-se revoltado a armada e uma pequena parte do exercito, a restante força publica, muitas vezes maior em numero, hesitante e sempre n'uma attitude de manifesta passividade, terminaria por deixar cair o regimen e adherir immediatamente á Republica.» (*)

Outro insuspeito testemunho, avigorava a affirmativa do ultimo presidente do conselho da monarchia, sobre os protestos de firmeza attribuida por alguns commandantes aos regimentos a cuja frente estavam collocados:

«Voltemos ao plano, «que como todos os planos deveria basear-se nas hypotheses mais provaveis e podendo facilmente adaptar-se a outras».

«Ora sendo certo que o Quartel General era frequentemente informado de que havia nos regimentos officiaes republicanos, sargentos e praças; constando que uns e outros iam a reuniões secretas e que nos quarteis se fazia propaganda republicana, sendo por mais que uma vez aprehendidos folhetos com doutrina revolucionaria, constando mais que iam entrando armas em Lisboa para distribuir ao povo e não restando duvida sobre o fabrico de bombas, porque ellas de vez emquando se denunciavam, evidente é que a hypothese d'um movimento feito só por «populares mais ou menos equipados» não seria a mais provavel.

«Os frequentes protestos de fidelidade ás instituições feitos por alguns commandantes de corpos, que respondiam pelos seus subordinados como por elles proprios, que tinham tudo na mão e que estavam dispostos a matar a tiro de pistola qualquer official que em occasião grave levantasse a grimpa, não eram argumentos que tranquilisassem os mais ingenuos. Todos nós ad-

---

(*) Do «Mundo»=Por outras palavras apparece no livro «Para a Historia da Revolução» por Teixeira de Sousa=2.º volume pagina 195.

miravamos a boa-fé d'uns, desconfiavamos da sinceridade d'outros e riamos das bravatas d'outros. Pois se até havia um commandante que no quartel general era conhecido pelo cognome ironico de Mata-mouros em vista da facilidade com que elle se propunha assignar, a tiros de pistola, guias de marcha para o outro mundo a officiaes da sua unidade, apontados como republicanos!» (*)

Assim deu-se como garantida a firmeza do exercito e, de verdade, ante essa apregoada fidelidade á corôa, inutil seria julgar como profiquo o trabalho de contraria propaganda.

Houve a unisona, e peremptoria phrase:

— Está tudo firme!

O coronel Malaquias de Lemos, com o general Gorjão, reaffirmaram a sua fé inquebrantavel nos regimentos.

Emquanto o ministro da guerra formulava o voto da sua confiança no exercito, o da marinha, reiterava a affirmativa de que nenhum indicio havia que fizesse suspeitar de qualquer rebellião naval.

A Revolução era contada para mais tarde.

Comtudo, á hora em que essa convicção se impunha como base de mutuo socego, já do exercito uma parte carregava as armas contra a monarchia, outra tramava uma defeza simulada, como escarneo a um punhado de soldados leaes á bandeira azul e branca das conquistas.

No conciliabulo historico da Sala das Bicas na noite de 3 de Outubro, onde se conversou sobre a defeza da realeza, emquanto por extranha ironia se deixava ir das Necessidades a Belem, sem escolta alguma, o chefe d'essa realeza — rapidamente se assegurou a esperança no velho convencionalismo deffensivo e offensivo d'esses troços de praças presumivelmente dispostos a combater pela dynastia.

Nos quarteis havia sido distribuido tempo antes, aos officiaes uma nota confidencial, para ser aberta na occasião em que recebido fosse qualquer telegramma terminado em A. P.

(*) «Diario dos Vencidos», por Joaquim Leitão=Pagina n.º 334. Depoimento do capitão Alfredo Pedreira Martins de Lima.

Continha ella a ordem de prevenção especial, um maço de ordens assignadas pelo commandante de divisão mandando comparecer no quartel todos os officiaes, e a designação do local a tomar pelo regimento, em momento de revolta.

Representava isso, parcialmente, o plano da divisão distribuindo pontos estrategicos a cada corpo

Esse plano, secreto, e confiado á elaboração technica do estado maior, sob a chefia do commando de divisão, fôra colligido nos agitados periodos da dictadura franquista, e analysado nas suas linhas geraes, soffrera alterações successivas.

N'elle entrava a tactica de secretaria que não um aturado estudo de probabilidades e estrategia e ainda menos um presumido elo de contrariedades que, á modificação do plano inicial, trouxesse um outro conjuncto de ataque e defeza, garantidor da acção das tropas e da sua missão de confiança.

O optimismo d'uma absoluta fé no exercito devia ser obscurecido pelo positivismo de situações anteriores, onde o proprio 28 de Janeiro de 1908, trouxera algumas luzes sobre a manobra revolucionaria nos regimentos.

Posteriormente a esse acto, suffocado mais pelo mal cuidado das forças a revoltar do que pela attitude das entidades repressoras,—nos regimentos appareciam espiritos menos affectos ao monarchismo, levados aos carceres militares e que não deixariam de proceder com outros elementos não conhecidos.

N'uma reunião effectuada durante o governo do conselheiro Ferreira do Amaral, em 1908, na residencia do então governador civil, João de Azevedo Coutinho, e assistencia d'este, general Craveiro Lopes, commandante da 1.ª divisão militar, Moraes Sarmento, commandante da policia e Malaquias de Lemos, commandante das guardas municipaes, novos retoques soffria o plano.

Dera-se a reforma do general Craveiro Lopes, sendo successor, como chefe da divisão, o general Manuel Raphael Gorjão.

A este communicou logo o coronel Malaquias de Lemos, a existencia do «segredo de guerra» e a velha ordem de se subordinarem ao quartel general as guardas municipaes.

O chefe de divisão desconhecia a existencia do plano e da

ordem, e á duvida sobre isso, teve do coronel Malaquias, a phrase seguinte:

« — V. Ex.ª não a considera á sua disposição, mas eu que não posso deixar de me considerar ao dispôr do commando da divisão, para os fins da manutenção da ordem publica, emquanto do ministerio do reino não receber ordens em contrario.»

Ao governo foi logo o incidente e em fins de Janeiro de 1909, ordenado era á divisão o reelaborar do plano, pelo renascer constante de boatos tendenciosos.

Ao chefe de estado maior, coronel José Joaquim de Castro, era feita incumbencia dos trabalhos de reorganisação d'um projecto de defeza, visando a garantir a manutenção da ordem e a indemnidade do paço das Necessidades, caso, em actos rebellionarios, ali estivesse o rei.

Admittiu-se no plano a contingencia de um ataque ao palacio pelo norte e sul e assim convencionou-se que o remedio estava em bater de flanco e pela rectaguarda as forças presumidas assaltantes, não se deslocando, para reforço, a 4.ª companhia da guarda municipal, que ficaria no respectivo quartel.

Os corpos do exercito eram disseminados de forma a promover um pretenso isolamento das zonas occidental e oriental de Lisboa, desafogando o caminho para uma unificação de forças. em casos de necessidade e para o serviço certo e ininterrupto de informações.

Previstas as guardas aos edificios do estado, pensara-se egualmente na garantia de uma linha de defeza iniciada no largo das Duas Egrejas e caducando no largo do Rato.

Infantaria 5 e caçadores 5, tinham logar marcado no Rocio. As Necessidades eram confiadas aos regimentos de Belem.

Cumpria a lanceiros 2, o tomar em parte, dos sitios do Rato, estendendo-se de forma a appoiar os nucleos de infantaria que por assim dizer, os ligavam com o Caes do Sodré, devendo ainda destacar um esquadrão para as pontes de Alcantara, como auxilio a infantaria, a quem ellas ficariam confiadas.

A guarda fiscal fôra olvidada e não teve ali logar assignalado.

Ao corpo de policia, suscitava-se o serviço especial de informação antes e durante os successos que se desenrolassem.

Trabalhos de hypotheses, sorridentes todas, nem de leve se pensou em que os soldados podiam desaggregarem-se d'esse lealismo em redor do qual o projecto sempre sonhando volitou, assim como estabelecendo o aspecto geral d'uma revolta em exclusivo, popular, olvidado foi que á policia poderia ella pôr entraves, inutilisando-lhe á força, o serviço de vigilancia.

N'essas horas de paz, em que o plano teve a revisão do estado maior, cifrou se toda a perspicacia investigadora, na policia.

O esboroar da hypothese, fez demonstrar que a theoria das previsões cae sempre ante o inevitavel da pratica. (*)

«No entanto o plano official deveria adaptar-se ás exigencias de occasião que se fossem manifestando, o que se fez sempre sentir ao commandante da policia, manifestando-lhe a necessidade que havia, de ter o quartel general sempre informado sobre os factos anormaes que se fossem dando na cidade, porventura referentes á acção inicial do movimento revolucionario. As informações da policia, porem, foram poucas e essas poucas em geral, tardias.»

Não obstante, na occasião precisa, a policia, era retirada de todo o serviço, não se lhe aproveitando sequer o da vigilancia, atirando-se depois os agentes para as ruas, cerca da 1 hora da madrugada, quando os magotes dos rebeldes, a tudo estavam resolvidos...

O facto pareceria extranho e concludente, se a sempre apregoada mas sempre occulta revolta, apparecendo emfim, não lançasse os cerebros em perturbação e se a consciencia em rebates, não tivesse feito ruido superior ao vociferar dos vassallos fieis da realeza ao ver em redor de si, o espectaculo de patente desnorteamento.

O coronel Malaquias de Lemos, chamado ao quartel general era informado de que se mantinha a união da municipal ao exercito, em casos de alteração da ordem e escutava do chefe de estado maior, as instrucções, restrictas porém ás guardas e

(*) Joaquim Leitão = «O Diario dos Vencidos» = Carta do coronel José Joaquim de Castro = Pagina 323

que transmittidas eram logo verbalmente pelo coronel Malaquias de Lemos aos commandantes das companhias e esquadrões, seguindo-se-lhe a determinação por escripto.

Intervindo n'esse plano, á municipal era estabelecido o seguinte posto: (*)

«Infantaria — A 1.ª companhia aquartellada no Carmo mandaria um posto de 26 homens para a estação do caminho de ferro do Rocio. A 2.ª companhia mandaria guarnecer com 20 homens, o gazometro da Boa Vista até ser rendida por uma força do regimento de engenharia e com a restante força tomaria posição junto á Caixa Geral de Depositos. A 3.ª companhia dava um posto de 20 homens para a estação telephonica em S. Sebastião da Pedreira, ficando a restante força para reserva. A 4.ª companhia ficava no quartel como posto destinado á defeza do Paço das Necessidades; com postos de 6 homens impediria o movimento pelas ruas de S. Luiz, Ferreira Borges e Largo da Estrella, as restantes forças constituiam uma reserva para occorrer ao ataque dos postos. A 5.ª companhia marcharia toda para o Terreiro do Paço, reforçando com 20 homens a guarda do Banco de Portugal. A restante força reforçaria a guarda dos Correios e Telegraphos. A 6.ª companhia teria por missão deffender o Paço das Necessidades e interceptar o movimento pela rampa das Necessidades e calçada do Livramento.

«Cavallaria — O esquadrão de Alcantara ficaria á disposição do commandante da 1.ª brigada de infantaria para patrulhar em torno do Paço das Necessidades e enviaria patrulhas a distancia; os dois esquadrões do Cabeço de Bola, marchariam para a Avenida da Liberdade; o esquadrão do Carmo aguardaria ordens no quartel. Posteriormente, algumas alterações foram introduzidas no plano da disposição de forças das guardas municipaes, relativamente á 5.ª companhia e ao 2.º esquadrão, estando em vigor, antes do inicio do acto revolucionario, que estas forças fossem destinadas á defeza da casa da residencia do sr. Teixeira de Sousa, onde o ministerio se deveria reunir.»

(*) General Malaquias de Lemos — A sua acção durante a revolução de Outubro de 1910.

Como base, e para a hypothese de não poder effectuar a transmissão de ordens, estabelecia-se para a formatura e sahida, como signal, 3 tiros de artilharia.

A chamada das tropas da provincia, entrava como medida ultima.

O plano em vez de ser de ordem collectiva, era de ordem dissolvente, desunindo forças, n'uma supposição irrisoria de uma revolta exclusivamente popular.

O projecto não assentava pois em bases sérias, nem de tactica e esquecia-se a hypothese aliás por todos os successos indicada, de a um movimento popular, que em exclusivo, seria rematada loucura e daria um fracasso certo, se seguir uma juncção de forças militares.

Assim se visava quasi simplesmente a impedir a affluencia dos civis do lado occidental sobre o centro citadino.

Verdadeira hypothe, apenas aproveitavel para thenica observação que não para pratico exercicio, teria a seguinte analyse (*) o plano do estado maior, conhecido já o resultado nullo das suas intenções:

«Era portanto erro cracissimo e inadmissivel esquecer a tropa e pensar só no povo.

«E era esse plano inicial adaptavel ás exigencias d'occasião que se fossem manifestando?

«Não era Não ha nada que justifique uma tal dispersão de forças.

«Cortadas as communicações telephonicas e telegraphicas, o que era de esperar logo de começo, como dar ordens a essa divisão feita em *postas?* Mandando ajudantes ou ordenanças? O quartel general nunca poderia contar com pessoal bastante numeroso para esse serviço e os emissarios poucos chegariam ao seu destino. Nas ruas d'uma cidade antiga como Lisboa, é facilimo, até sem correr perigo, fazer em estilhas um automovel ou fazer dar um salto mortal a um cavalleiro.

«E' preciso contar com bombas e balas para os que andam

(*) «Diario dos Vencidos», por Joaquim Leitão—Pagina 335 — Depoimento do capitão Alfredo Pedreira Martins de Lima.

O quarto de dormir de D. Manuel, no Palacio das Necessidades, exactamente como o soberano o abandonou

nas ruas no desempenho d'essas missões. E quando essas fracções, algumas bem pequenas, se vissem isoladas, abandonadas, sem conhecerem as posições das outras, sem saberem quaes eram os amigos e os inimigos e d'onde lhes vinha o perigo, ouvindo ao longe o barulho dos combates e sem a menor indicação sobre o caminho dos acontecimentos, não seria inevitavel o desanimo, a desmoralisação, o panico?

«Eu, que como soldado já algumas vezes tenho mostrado em circumstancias difficeis saber dominar o medo e conservar a serenidade, sinto agora bater-me violentamente o coração, percorre-me o corpo um calafrio, só de reconstituir mentalmente a melindrosa situação de alguns dos commandantes d'essas fracções. Nada menos que desesperadora!...

«E devia conservar-se secreto para todos os officiaes do quartel general um plano tão arrevezado como esse? Havia de ser depois de estalar a revolução que ao estado maior seria permittido estudar e encasquetar a distribuição das forças, ou o sigilo seria sempre mantido e os officiaes encarregados de transmittir ordens andariam pelas ruas perfeitamente ás aranhas e jogando as escondidas com tropas que de surpreza se lhes deparavam no caminho? Um plano d'esses não tem defeza possivel, não merece ser levado a sério.

«Foi mais prejudicial á monarchia que todo o chlorato de potassa e dynamite dos carbonarios, foi uma bomba unica, phenomenal, que derrubou um regimen e cujo estampido repercutirá para sempre na historia de Portugal. O seu auctor pretende partilhar a responsabilidade com o general da divisão, com os ministros da guerra e governos que se succederam desde principios de 1909, epoca em que o aborto foi gerado. O general da divisão estava surdo pela enganadora trombeta da fama e os ministros da guerra e os governos é provavel que não tivessem tempo nem paciencia para estudar o assumpto, aliás nada transcendente.» (*)

Tão secreto ficou o plano que, aos officiaes fieis não era da-

---

(*) *Diario dos Vencidos*, por Joaquim Leitão=Pagina 335=Depoimento do capitão Alfredo Pedreira Martins de Lima.

do conhecimento das posições das forças, quando os officiaes envolvidos no movimento, conheciam pelas vedetas populares, a sua composição e ponto de acção:

«Esse plano dispunha as forças pela cidade, contando, creio eu, com uma revolução feita apenas por populares. Nem mesmo durante a Revolução tive conhecimento de tal «plano secreto», que dava d'estes resultados: eu ia fazer um reconhecimento, levar uma ordem, sósinho com a ordenança, e chegar a um ponto, S. Pedro d'Alcantara, por exemplo, avistar um força e não saber se era força revoltosa, se força fiel, e ter de voltar ao quartel general pedir ao chefe de estado maior: «Faz favor de me dizer que força é aquella que está em tal ponto?» Imagine o tempo perdido n'estas idas e vindas. Pedi ao chefe de estado maior que me confiasse a posição das forças para eu não andar ali ás aranhas. Respondeu-me: «Para quê? Se só eu a posso mover?» E o «plano secreto» dispersou de tal maneira as forças que, quando o general as quiz reunir, foi já impossivel.» (*)

Identico era o parecer, formulado mais tarde, (**) pelo commandante das guardas municipaes, Malaquias de Lemos, deffendendo-se de accusações que lhe foram feitas:

«Mas, alem da elementar consideração de disciplina, ha a ponderar que qualquer movimento de tropas das guardas, sem combinação, era arriscada para as mesmas tropas. Eu desconhecia a situação das forças da guarnição e dos seus campos de tiro onde muito bem podia acontecer que as minhas tropas se fossem encontrar. Alem d'isso desconhecedor como era, dos planos do quartel general, como poderia eu atrever-me a dispôr a meu bel-prazer das forças das guardas municipaes, acarretando sobre mim a responsabilidade tremenda de ir contrariar esses planos e consequentemente comprometter os seus resultados?»

E' certo que a cada governo, desde essa data da organisação, fôra participado successivamente o plano, assim approvado pe-

(*) O «Correio da Manhã» de 27 de Novembro de 1910=Depoimento do capitão Martins de Lima.

(**) General Malaquias de Lemos = «A sua acção durante a revolução de 5 de Outubro.

los ministros da guerra dos gabinetes presididos pelos conselheiros Campos Henriques, Wenceslau de Lima e Francisco da Veiga Beirão, ou fossem os conselheiros Sebastião Custodio de Sousa Telles, José Manuel Elvas Cardeira e José Mathias Nunes.

Comtudo não deixou elle de se manter secreto para os chefes das unidades que o deviam executar.

Como compensação, conhecidas eram dos revolucionarios, as ordens relativas ao telegramma terminado em *A. P.* e ainda a fixação dos 3 tiros de peça como aviso á marcha regimental.

Assente toda a confiança nos regimentos e no plano, o general Gorjão pelo telephone dava ás 8 horas da noite as suas determinações.

Foram esses os primeiros communicados ao quartel general.

O official ali de serviço tenente Pissarra, telephonava logo para a residencia do chefe do estado maior, coronel José Joaquim de Castro, a parte do commandante da divisão para a prevenção geral.

Da propria casa, para que mais demora não houvesse, transmittia o coronel Castro a ordem para os regimentos, communicando-lhes o aviso immediato de regresso aos quarteis dos officiaes d'elles ausentes.

Seguindo desde logo para o quartel general, ali assegurava os serviços preventivos, até que ouvia do general Manuel Raphael Gorjão, a communicação transmittida pelo chefe do governo de que a revolta nasceria n'essa noite.

Entretanto, e olvidando-se as baterias de Queluz, mandava-se a infantaria 1, occupar a beira-mar em Alcantara, até á Rua Maria Pia, e a caçadores 5, sitiar a Graça em parte, guardar o Museu de artilharia, e guarnecer o Rocio, com as metralhadoras, coadjuvando infantaria 2.

O ministro da fazenda, ordenava que a linha fiscal fôsse abandonada, devendo as praças na maxima força concentrar-se nos seus quarteis, á ordem do commando da divisão. Outra parte, a dos postos citadinos, cuidaria de auxiliar caçadores 5, na missão de vigilancia, pelo lado do Caes da Fundição, sobre o arsenal do exercito.

Ao da marinha incumbia a ordem de prevenção para os navios, que todavia só sahiu do arsenal, cerca da meia noite e quebrado o sigillo que se devia observar e já quando impossivel era a execução do determinado e o regresso a bordo dos officiaes ali necessarios.

Gorjão, ao conhecer a azafama, disse, tranquillo e descrente:

—Sempre hei de ter tempo de tomar o meu café! (*)

O coronel Malaquias de Lemos, dispensando-se de assistir a todo o jantar, corria ao quartel do Carmo para fazer observar o rigor e as providencias relativas ás forças do seu commando, que pelo telephone determinara.

Mandando recolher a quarteis, cerca das 9 horas da noite as patrulhas de cavallaria e infantaria, elevava a quasi 100 praças, cada uma, as 6 companhias de infantaria e a 60 cavallos cada uma, os quatro esquadrões, fazendo saber aos respectivos commandantes a conveniencia de activa vigilancia.

Tratou-se de guarnecer efficazmente, o Banco de Portugal, a Casa da Moeda, as repartições publicas e a estação telephonica central.

A guarda municipal era subdividida estabelecendo-se a dos Paulistas em torno do edificio da Caixa Geral de Depositos e interceptando o transito no Loreto, Calhariz e Calçada do Combro, o que não obstou ao estabelecimento de communicações dos carbonarios Tavares de Macedo e Jayme Teixeira, que foram levar ao quartel de marinheiros a palavra de animo.

A dos Paulistas, ainda, destacava a 6.ª companhia para as Necessidades, onde formou em frente do palacio, com uma parte de caçadores e suas metralhadoras. A do Carmo, occupava o largo do Carmo, obstruindo as travessas e isolando o quartel, destinando ainda uma companhia para a guarda dos estabelecimentos publicos e da companhia ingleza dos Telephones.

Por seu turno, o coronel Albuquerque tentou communicar pelo telephone, primeiro com as Necesssidades, para prevenir o monarcha, e apoz com o seu regimento, mas já então a revolu-

---

(*) *Diario dos Vencidos*, por Joaquim Leitão.=Pagina 171.

ção actuando, não lhe permittiu, com largo tempo perdido, a expedição do ordens, por esse meio.

Urgia agir, e estando para começar o banquete o commandante de lanceiros soccorreu-se do tenente João Feijó Teixeira, a quem sollicitou, fosse em pessoa, chamar ao quartel, o tenente-coronel Augusto Candido de Sousa Araujo.

O tenente a quem estava commettido o encargo de confiança de vigilar pela pessoa do rei, não soube occultar a sua surpreza ao ser-lhe notificada a origem da chamada, — a revolução proxima — e correu a desempenhar-se da missão, ao tempo que D. Manuel II ignorando o trama que ia desenvolver-se, chegava ao paço de Belem, de automovel e sem guarda de honra.

O aviso do caminho de Belem, não apontou a conveniencia de preservar o rei de attentados possiveis.

Mas, para que esse acto de olvido, que poderia prejudicar o monarcha, não trouxesse eguaes contingencias ao presidente do conselho, não tardaria a residencia d'este a rodear-se de soldados da 2.ª companhia de infanteria e do 2.º esquadrão de cavallaria da guarda.

O erro foi assim reparado, em parte...

El-rei, esperado pelo palacianismo, pela officialidade e pelo governo, percebeu logo no rosto do seu chefe que qualquer acontecimento anormal se passára.

Já então n'um caracteristico desprendimento, mas querendo afastar inquietações, o conselheiro Teixeira de Sousa, lançára, em segredo apparente, a nova alarmante, com o impeto com que, horas depois, os associados secretos arremessariam sobre as raras tropas fieis os involucros terriveis dos seus explosivos.

Não desconhecia o palacianismo a ameaça quasi diaria de uma sublevação:

«O Marquez de Lavradio, que fôra companheiro de infancia do monarcha, podéra ser, para que negal-o, um bom official de marinha mas... um regular mentor de um Rei, joven e inexperiente, nunca! A esse aristocrata, em um dos dias anteriores ao de 5 de Outubro, referi eu:

«Olhe, Marquez, disse-me no Porto o republicano X... (é hoje um alto funccionario da republica) com quem fiz um pas-

seio de carruagem até Mattosinhos, que está para breve uma revolução, em que ha seguras probabilidades de victoria republicana.»

«O sympathico e aloirado titular, com o qual falei do assumpto em plena Avenida da Liberdade, junto á travessa que nos conduz ao largo da Annunciada, ligou tanta importancia á minha segura confidencia, como outros que tinham tambem por obrigação defender o regimen deposto, a ligaram a tantas mais de que eu tinha sido portador!... Lembrei-me até que o maçou a minha presença, que me recebeu com enfado, que me disse estar de licença e não ir por isso ao Paço!... Por fim sorriu-se, entendendo ser melhor ir divertir-se para o Turf Club, do que ter o incommodo de se dirigir ás Necessidades e alguma cousa dizer a seu Amo e Rei!» (*)

Ia encetar-se o banquete, inicialmente de gala, mas finalmente, merencorio e de sobresalto, quando o presidente do conselho, solvidos os cumprimentos protocolares, ciciou ao rei, mas não sem que o palacianismo o escutasse, as phrases simples, no seu ennunciado, mas terriveis nas suas consequencias:

— Senhor! A Revolução rebenta esta noite e é decisiva!

D. Manuel mordeu os labios, com o lenço tentou occultar a fugitiva pallidez e por segundos ficou silencioso.

Soube ainda do assassinio de Miguel Bombarda.

Recuperando breve a serenidade, pois que fugazes, quasi de relampago, eram em D. Manuel as impressões de contrariedade, manifestou de novo e como sempre, a sua confiança no exercito e na marinha.

O pae, D. Carlos I, dissera ao correspondente do «Temps», Joseph Galtier, em 1907:

«Em todos os paizes para fazer uma revolução é preciso contar com o appoio do exercito. Ora o exercito portuguez é submisso á Constituição; é fiel ao seu rei. Conservar-se-ha, lealmente, ao meu lado. Muitos dos officiaes são meus camaradas; servi

(*) «Abilio Magro—A Revolução de Couceiro=Revelações escandalosas =Confidencias, Crimes—Depoimento baseado em provas e documentos de um antigo servidor da Monarchia, apodado na Galliza de espião da Republica = Porto=1912»=Pagina 23.

com elles; conhecem-me. Não tenho a menor duvida sobre a sua dedicação.»

O 28 de Janeiro não deu a contra-prova e o 1.º de Fevereiro, levou com o crime, para o tumulo, esse convicto ideal de appoio.

Sem nunca ter affrontado esses dois elementos, exercito e marinha, D. Manuel, presumia-os firmes.

Já no Bussaco, n'um engano doloroso, proclamara:

— Estou prompto a derramar o meu sangue pelo exercito, como espero que o exercito me deffenda!

Encontrava porém raras dedicações.

Os que não se integraram, pelas armas, na sedição, auxiliaram-na pela inacção.

Seguro testemunho é o do revolucionario João Chagas, que o justifica:

«Devo, porém, accentuar uma cousa verdadeiramente justa. Muitos officiaes que estavam compromettidos comnosco não sairam á rua logo nos primeiros instantes de revolta porque ao entrarem nos quarteis na noite de 3 do corrente, depararam com uma situação que lhes embaraçou os movimentos. Contavam ter apenas que defrontar se, em cada regimento, com o maximo dois dos seus camaradas, os de serviço normal e afinal, em virtude da ordem de prevenção dada pouco antes, tinham-n'os todos elles a postos e aguerridos. A sua situação, em vista d'esse facto inesperado, soffria naturalmente uma certa modificação. Não favoreceram, portanto, o movimento? Favoreceram-no sim, porque em quanto os outros se batiam heroicamente contra as forças fieis, elles, pela sua inacção, pela sua neutralidade, ajudavam indirectamente os triumphadores da revolta.»

Dolorosa surpreza a d'esse rei quando visse em vez do sonhado edificio da lealdade, o tremendo terramoto da traição!....

Altivo e crente fez logo saber, que, esperadas perturbações de ordem em Lisboa, o seu logar em Lisboa seria.

Em obediencia ao desejo real de não regressar a Cintra para essa villa foram expedidos avisos ás duas rainhas.

Alvitrava o presidente do conselho, que bem ficaria el-rei

na mesma villa, ou ainda que albergue procurasse em Mafra, onde estava a gente fiel da escola pratica de infantaria, plano que ainda horas depois tentaria reproduzir, mas já quando o rei executára, mercê das circumstancias e do abandono.

N'essa hora, intervindo, o ministro dos negocios estrangeiros, conselheiro José de Azevedo Castello Branco, dava por pouco necessaria a prevenção, não a aconselhando, mas sim o aguardar dos acontecimentos na capital, indo portanto ao encontro do desejo do soberano.

Attribuiu-se ao ministro dos estrangeiros intenções contrarias, segundo as quaes teria proposto o refugio no Castello da Pena, para que, em vez de se localisar forças nas Necessidades, ellas podessem accionar nos pontos estrategicos.

Mas, nem José de Azevedo formulou parecer de uma deserção, nem o rei n'ella pensou.

A affirmativa assentando sob bases insuspeitas, não dá margem a que duvidas se suscitem: (*)

«Eu tinha dito ao Rei que elle devia saír para Cintra, logo ao fim do jantar, para não distrair a força na sua guarda. O meu collega dos estrangeiros opinou por que ficasse no Paço das Necessidades, no que concordei, depois de alguma discussão.»

E de facto, se de segurança não foram as das Necessidades, de devotado á realeza se não podia acoimar o grupo de Mafra, cujo commandante, o tenente-coronel Francisco Maria Pinto da Rocha seria um dos primeiros adherentes ás instituições novas.

Junto ao rei estava o infante.

Se o primeiro, breve recuperando a serenidade, determinava ao plenipotenciario José Batalha de Freitas a suppressão de alguns dos pratos do banquete, para que mais cedo terminasse, o principe, não soube esconder o seu temor.

N'essa hora, a creança que era D. Manuel, foi mais homem de que o tio, D. Affonso. O condestavel, quebrou mentalmente, o estoque historico e renegou a heroicidade de Nun'Alvares.

(*) Teixeira de Sousa—«Para a Historia da Revolução»=2.° volume.—Pagina 245.

O general de divisão, antigo commandante das baterias de Queluz, lobrigou não a sua espada de combatente, mas a chamma vermelha da revolta que lhe repugnava em defrontar.

A visão tragica do Terreiro do Paço, assombrou o Infante, já cançado talvez, pelas luctas de amor, para os lnces da guerra.

Primeiro que ninguem se despojou, *in mente* da corôa principesca e se esqueceu o estoque de condestavel, egualmente se olvidou de cingir a espada de general para com ella fazer ferreo circulo de defeza á corôa do sobrinho, reivindicar para si, para o seu seculo, essa figura temeraria do condestavel do seculo XIV, o grande D. Nuno.

Nervoso, interrogou, ante a attitude do sobrinho.

— E eu, onde fico?...

Permittira-se el-rei, assumir logar de perigo, pela conservação em palacio, sujeito a assaltos.

Ao principe, e para que não soffresse damno o seu intimo desejo, para que o não ensombrassem suspeitas de desanimo, deu-se-lhe como appoio, a nocção de que, preso o monarcha, restaria, para o throno, o infante, e assim, só se contaria com a successão, desde que a resguardo estivesse.

Não pareceu irrisoria a anomalia de se preservar o duque do Porto, expondo-se D. Manuel.

— E eu, onde fico?

— Não deve, pela sua qualidade de principe real, ficar com el-rei, sujeito ao mesmo perigo!

— Mas é que no Estoril, onde estou, não tenho guarda. Posso ir para a cidadella de Cascaes, onde a ha!

O chefe do governo limitou-se a concordar.

O infante não teve insistencias.

Quiz-se, posteriormente, apagar esse pronunciado agrado de collocação a salvo.

Apparecia ella como motivada por imposição do governo.

Ao proprio estrangeiro foi levado o echo de um conselho para esse distanciar do local das esperadas agitações.

Reproduzia-o assim a «Tribuna» de Roma (16 de Novembro de 1910):

«Teixeira de Sousa assegurava constantemente ao rei e a sua mãe que tudo ia bem e que em Portugal predominavam os monarchicos, até que, repentinamente, durante o banquete no palacio de Belem, em honra de Hermes da Fonseca, foi surprehendido pela revolução, aconselhando então ao sr. D. Affonso que seguisse para Cascaes, a fim de estar preparado para subir ao throno, caso matassem D. Manuel, a quem evidentemente, queriam alijar, tirando-lhe o efficaz auxilio de seu tio. D. Affonso, effectivamente partiu, comprehendendo demasiado tarde a conveniencia do conselho.»

Offerecia a logica a conveniencia mas era de poupar o rei, de dois modestos annos de reinado e de 20 annos de edade offerecendo em holocausto, a pessoa do infante, official-general e dotado com 45 annos de nascido (*), e vindo representar a regia familia, como mais velho.

Reivindicando para o infante como lhe cumpria, uma attitude aguerrida, ainda o marquez do Lavradio, expunha á «Correspondencia de Hespanha» (Outubro de 1910) amargas queixas contra o governo, accusando-o de mandar o principe real para Cascaes, sob ludibrio, para tomar o commando de tropas que deviam chegar da provinçia:

«O governo mandou o principe real para Cascaes, enganando-o, para tomar o commando das tropas.

«D. Manuel foi enganado vilmente pelos seus ministros, fazendo-lhe acreditar que o movimento seria suffocado; era porém necessario sair, immediatamente, de Lisboa, para preparar na provincia forças leaes. Enganaram tambem o principe real, dizendo-lhe que em Cascaes estavam concentrados os regimentos fieis. Sabe-se que o Duque do Porto, é valente, bom soldado, querido pelo exercito, não se comprehendendo, por isso, que não estivesse á frente das tropas leaes.»

Collocada n'esse campo falso a situação, não quiz o ministerio responsabilidades que não tomara e alijou-as: (**)

«Já n'este ponto desminto pela maneira mais firme e cathe-

(*) Nasceu em 31 de Julho de 1865.

(**) «Para a Historia da Revolução», por Teixeira de Sousa=2.º volume = Pagina 247.

gorica, a falsidade de que eu recommendára a sua saida para Cascaes e que o infante D. Affonso desejava tomar logar como general, á frente das tropas. Foi para Cascaes por preferir isso a ir para o Estoril, onde estava passando o outomno, e nem uma só palavra pronunciou relacionada com qualquer desejo de tomar parte na repressão do movimento revolucionario. Affirmo-o pela maneira mais cathegorica »

Por vontade, o duque do Porto, teria posto desde logo cem leguas entre o Paço de Belem e a sua pessoa.

Valeu-lhe ao irrealisar do sonho, a chamada á mesa do jantar. Foi este comtudo o curto intervallo que medeou entre o pensamento e a fuga. As granadas encontravam-no já semi exilado por voto proprio. Não acharam á sua frente as tropas, o seu general de divisão. Trocára o exercito pela marinha. Bordejava no yatht «D. Amelia» para depois incitar á evasão.

*

* *

O jantar começara.

Os convivas, ligeiramente inquietos, aggruparam-se em redor da mesa em forma de U.

D. Manuel occupava o logar de honra, dando a direita ao infante, seguindo-se-lhe o presidente do conselho, conselheiro Antonio Teixeira de Sousa, o ministro da guerra, conselheiro José Nicolau Raposo Botelho, o mestre-sala, Antonio de Vasconcellos e Sousa, conde de Figueiró; o antigo presidente do conselho, conselheiro Francisco Antonio da Veiga Beirão; o commandante da divisão militar, general Manuel Raphael Gorjão; o ministro do Brazil, dr. J. P. Costa Motta; Fernando Anjos; o secretario particular real, marquez de Lavradio, D. José de Almeida Correia de Sá; o secretario da legação do Brazil dr. Oscar Teffé von Hoonholtz; o tenente Goulard, e capitão da guarda; á esquerda, o mordomo-mór conde de Sabugosa, D. Antonio Maria José de Mello e Silva Cesar de Menezes; o ministro da marinha, conselheiro José Marnoco e Sousa; o presidente da

camara municipal de Lisboa, Anselmo Braamcamp Freire; o antigo presidente do conselho, Arthur Alberto de Campos Henriques, o antigo ministro Roma du Bocage, o governador civil de Lisboa, major Alfredo Mendes de Magalhães Ramalho; o chefe de missão e chefe de repartição do protocollo, dr. Joaquim Maria da Costa de Macedo; o secretario da legação do Brazil, Mario Belford Ramos, e o tenente Pimentel, subalterno da guarda,

Defrontando el-rei, estava o presidente da republica do Brazil, tendo á direita o camarista real conde de Tarouca, Sebastião Eduardo Pereira da Silva de Sousa Menezes; o ministro das obras publicas, conselheiro José Gonçalves Pereira dos Santos; o antigo presidente de ministros, conselheiro Sebastião Custodio de Sousa Telles, e o tenente Cruz, e á esquerda, o ministro dos negocios estrangeiros, conselheiro José de Azevedo Castello Branco, o camarista e commandante da guarda real dos archeiros, marquez do Fayal, Luiz Coutinho Borges de Medeiros Sousa Dias da Camara: o antigo presidente do conselho, conselheiro Ferreira do Amaral; o antigo ministro conselheiro Eduardo Villaça; o ministro plenipotenciario, chefe de missão e chefe de repartição do gabinete do ministro, barão de S. Pedro, Predro de Castel-Branco Manuel; o ajudante de campo do infante, capitão D José de Mello; occupando as cabeceiras, o official ás ordens de D. Manuel II, tenente-coronel de infantaria Antonio Luiz Theophilo de Araujo Waddington; o capitão de fragata João Agnello Vellez Caldeira Castello Branco, o major Vasco Martins e o plenipotenciario José Batalha de Freitas.

A prevenção do chefe do governo não era já mysterio absoluto.

A phrase correu, a agitar alanceados todos os corações.

As ameaças da populaça, os anathemas da democracia iam descer finalmente sobre os paços reaes e ao conhecel-os, os politicos, cuidaram de preparar a escapada ao promettido derruir de uma realeza que haviam ajudado a affundar.

Tentou-se restabelecer o perdido animo.

Illudidos mais pelo desconhecimento do meio do que pela apparencia do exercito e da armada, os chefes das unidades mi-

litares, affirmaram firmes á dynastia de Bragança as tropas de seus commandos.

D. Manuel, joven e guiado pelas crenças dos outros, seguia na corrente sonhadora do que presumiam incapazes de traição á corôa os soldados e os marinheiros que nas ruas o saudavam, e deixou aflorar aos labios um sorriso de esperança, quando, sentado já á mesa, no derradeiro festim real, um official superior, fez, com a mão o signal de quem corta.

Sereno, D. Manuel, interrogou Teixeira de Sousa:

— Sabe o que elle quer dizer? Que nem as orelhas deixam aos revoltosos!

O rei sorria mesmo, em contraste com o aspecto constrangido dos convidados.

Emquanto tentava desvanecer receios, os que o rodeavam só tinham fallas em segredo, anciosos de escapar á perigosa companhia d'um monarcha que — quem sabe — dentro em pouco pertenceria ao rol dos justiçados ou dos desthronados?...

O barão de S. Pedro, curvou-se para um dos palatinos e ciciou:

«— Napoleão III dançava nas Tuillerias sobre um vulcão; adivinho que nos estamos banqueteando de egual fórma!»

A salvo se punham altos personagens, rasgando o protocollo para que a revolução annunciada lhes não rasgasse as vidas...

Serve como testemunho assignalador d'essa fuga, o seguinte documento, (*) curioso e registador do regio abandono, pelo palacianismo, primeiro curvado ante a realeza omnipotente e dadivosa e n'essa hora, foragido da corôa ameaçando queda:

«Restaurante da gare de Toulouse, 15 de Abril de 1912.

«Era talvez portugueza uma senhora quarentona, mas bella ainda e de porte nobre, que hontem em Lourdes sahiu apressadamente do comboio e da carruagem em que eu vinha.

«Digo isto porque a tal senhora com a pressa deixou sobre um banco um monte de jornaes portuguezes, de Lisboa e Porto. Logo que o comboio recomeçou a marcha apoderei-me da pa-

(*) *O Dia* de 5 de Julho de 1912.

pelada esquecida e lia-a com a sofreguidão propria de quem anda ha muito por fóra da sua patria e sempre com difficuldade de ter noticias.

«Entre tres d'esses jornaes e sem vir a proposito de cousa alguma deparei mais uma vez com os ataques ao Rei D. Manuel e costumadas falsidades a respeito da sua conducta durante a revolução que trouxe a republica.

«Quando o Senhor D. Manuel na noite de 3 de Outubro se sentou á mesa do Paço de Belem para festejar o banquete de gala ao presidente Hermes da Fonseca, já tinha sido avisado de que se preparava qualquer cousa grave para d'ahi a poucas horas. Da mesa se levantaram algumas pessoas importantes e d'isso teve conhecimento o chefe do Estado.

«Durante o café já todos falavam em segredo com cara de caso e o Rei sorridente conversava com os convidados. Por signal distinguiu bastante um antigo official de marinha que ao depois se fez diplomata, esteve no Oriente em tempos da «ominosa» e hoje occupa na republica um logar de confiança protocolar.

«Depois da meia noite recolheu o rei ao paço das Necessidades. Quando d'ali a uma hora lhe disseram que se ouviam tiros para os lados de Campo d'Ourique, resolveu não se deitar e, sempre sereno, convidou os seus officiaes para uma partida de bridge.

«De madrugada, quando soube que estava uma revolução na rua, despiu a casaca da vespera e fardou-se para esperar os acontecimentos. Só tirou a farda quando ás 2 horas da tarde, em pleno bombardeamento do paço pelos navios de guerra, a isso o aconselhou com insistencia o presidente do governo afim de poder, elle rei, mais facilmente partir para Mafra.

«O que se passou durante as 22 horas que o senhor D. Manuel esteve no paço d'aquella villa só é sabido dos que lá estiveram, e esses fôram bem poucos! Fugiu muita gente, d'essa que diz ou deixa dizer hoje «que foi o Rei quem fugiu!»

«O Rei em Mafra esteve sempre sereno e ponderado. Assim estava quando á 1 hora da tarde do dia 5 se resolveu partir para a Ericeira, dizendo que embarcaria ali em direcção ao Porto.

«E porque razão não foi para o Norte?

«Porque os officiaes de bordo entenderam que, não tendo o navio sufficientes condições de defeza nem pela sua velocidade nem pela sua artilharia, seria prudente pôr em logar seguro o barco que levava a bordo toda a Familia Real Portugueza. E bem hajam os officiaes. Qualquer dos cruzadores que na vespera atacára o Paço das Necessidades não faria a menor cerimonia em metter no fundo o yacht Real. E ainda ha quem diga «que

CORONEL MALAQUIAS DE LEMOS

(Ultimo commandante das Guardas Municipaes)

o Rei fugiu quando a verdade é que quasi todos fugiram do Rei». Assim se escreve a historia! — Um archeiro emigrado.»

O monarcha, imperturbavel, escutava até a conversa do republicano Anselmo Braamcamp, presidente da camara municipal de Lisboa.

O antigo par do reino, á hora em que pelos seus era espalhada a ordem de revolta, em que o rei affirmava a sua con-

fiança nas tropas e os republicanos lh'a derrubaram com pratica prova, promettia ainda, talvez ironicamente, a remessa dos seus ultimos trabalhos historicos...

Mas nem tudo eram convencionalismos, n'essa mesa de hypothetica festa.

O coronel Alfredo de Albuquerque, activo e vigilante, preoccupado e leal, passava ao commandante da guarda de honra de infantaria 1, a seguinte pergunta, escripta a lapis no seu cartão de convite para esse banquete que se não sonhára tão cheio de incidentes:

«A guarda tem cartuchame embalado? Albuquerque.»

Satisfeito ficou ao signal affirmativo do capitão, para logo attender a resposta do tenente Feijó Teixeira sobre o resultado da diligencia anteriormente determinada e exposto n'um quadrado de papel almaço:

«Sigo Suisso chamar tenente-coronel. Veiu filho a quem preveni. Tudo prompto — Teixeira.»

Notavel era que, determinadas prevenções, não se encontrasse o tenente-coronel Sousa Araujo no seu posto, mas sim n'um café, muito distante do quartel.

Procurando actuar sobre os acontecimentos que adivinhou em marcha, o estribeiro menor do reino, levantou-se da mesa, a pretexto de por interesse proprio o necessitar fazer e accorria a fallar, na ante-sala, ao emissario de Feijó Teixeira, pedindo-lhe, ante o presumido corte de communicações, fosse ao official de inspecção em lanceiros 2, capitão André Reis e de sua ordem lhe determinasse a marcha sobre o paço de Belem, de todas as praças disponiveis, ordem logo repetida pelo coronel ao tenente Antonio de Passos Callado.

Notadas eram essas entrevistas, mas tiravam-lhe todo o caracter grave, a fleugma do governo, na realidade, descuidosa, saboreando as iguarias finas e maldizendo, quiçá, o perturbante aviso que suscitára ao rei a ideia do corte das innumeras vitualhas preparadas para a palaciana festa.

Esta seguiu quasi apressada.

O proprio Rei, notou, a meio do banquete, a assiduidade dos membros do gabinete, junto da sua pessoa, quando talvez

necessaria fosse, n'esse momento, a sua presença nos ministerios, para obstar á projectada acção revoltosa.

Insinuou mesmo ao ministro da marinha, conselheiro Marnoco e Sousa, que, tendo de sair, dispensado estava...

Disse-se, é certo, que esse estadista, abandonára o paço antes do jantar.

Affirmou-o o presidente do conselho, no seu trabalho destinado a esclarecer a sua attitude, (*) embora anteriormente em entrevista jornalistica da epocha, (**) mais facil ao reviver dos acontecimentos de poucos dias, declarasse que essa sahida se effectuára no começo do banquete.

Testemunho insuspeito, porém, o do coronel Alfredo de Albuquerque (***) dá a sahida como a meio do festim e não sem que insinuada fôsse.

De facto assim succedera e o ministro da marinha, sahira, com destino á majoria ante a regia auctorisação, que o coronel Malaquias de Lemos, dispensou, não entrando na sala do festim, para se não affastar do quartel do Carmo e para que rigorosamente fossem cumpridas as ordens que á guarda municipal foram transmittida telephonicamente.

Ficaram o presidente do conselho, o ministro da guerra e o commandante da divisão.

Assistiram aos brindes trocados ao «champagne.

Iniciara-os o marechal Hermes da Fonseca, erguendo a sua taça e saudando o rei e a regia familia, com os votos de prosperidade para Portugal.

D. Manuel bebia á saude do presidente eleito e pelo engrandecimento do Brazil.

Aquelles a quem incumbia a direcção de defeza do throno, em perigo, acompanhavam ainda os derradeiros momentos de pantagruelico regalo.

O conselheiro Teixeira de Sousa teve intenções de sahir,

(*) «Para a Historia da Revolução», por Teixeira de Sousa = 2.º volume = Pagina 242.
(**) *O Seculo* de 16 de Outubro de 1910.
(***) Joaquim Leitão. — «Os Cem Dias Funestos»=Pagina 188.

mas não o fez, porque indicado fôra por el-rei para o não fazer, com base em evitar alarmes, aliás feitos já.

Se este facto, allegado pelo proprio, se deu, mais salientes ficaram, por esse banir de responsabilidades, os titulares da guerra e da marinha e o commandante da divisão.

O conselheiro José Nicolau Raposo Botelho, como que descançando na força moral que exercia sobre o exercito, seguia attento as phrases de saudação trocadas entre Portugal e o Brazil, e sanccionados pelos hymnos das duas nações, executados pelas bandas de infantaria 1 e caçadores 2.

Alem havia já tropas a postos, para o derrubar da dynastia.

O ministro da guerra, n'essa occasião porém era apenas conviva do banquete presidencial republicano.

Essa qualidade talvez lhe reconheceu, mais tarde, a republica, sentando-o na cadeira de membro do conselho superior da defeza nacional, ironia talvez á indifferença na defeza do rei, como ministro da guerra da monarchia...

Descrente d'um acto energico, ou com a força de vontade já a abandonal-o, o general Raphael Gorjão, ciciava ter ainda tempo de tomar o seu café...

Entretanto estava sem escolta o rei e o caminho rasgado até á invasão do palacio se isso estivéra nos planos dos conjurados.

O jantar terminára emfim.

O rei ia recolher ao paço das Necessidades.

O coronel Albuquerque, sempre activo e vigilante, correu a verificar se lanceiros 2 estava a postos.

Não chegára ainda.

Febril, serviu-se mesmo do automovel real e endireitando ao quartel, trouxe comsigo a força, que sob o commando do capitão André Reis e subalternos tenentes D. Luiz de Menezes e Antonio de Passos Callado foi formar, quasi occulta, na calçada do Galvão, junto ás portas da quinta do paço.

Comtudo inutil era quasi.

A precipitação, e tanto menós explicavel era quando ordens preventivas havia desde as 8 horas da noite, — fez com que as praças sahissem sem municiamento.

Não distante da força, elementos conspiradores vigilavam.

O capitão Thomaz Sousa Rosa, de lanceiros, ia a dirigir-se para a casa do revolucionario José Antonio Simões Raposo, na mesma Calçada do Galvão, d'onde devia, a salvo, aguardar que se desordenasse cavallaria 2, para se dirigir ao quartel, quando ao voltar do largo do Chafariz, se lhe defrontou a tropa em forma.

A impressão de desanimo invadiu o unico official com que a revolução ali contava e que, vendo na estada de lanceiros 2, intenções de deter o general republicano Sebastião de Sousa Dantas Baracho, ali residente, presumindo-o um dos chefes do movimento, retrocedeu, a avisar o pharmaceutico Abrantes Lucio de que para casa ia esperar os resultados da projectada manobra.

Socegada teve pois a marcha lanceiros 2, porque frageis eram os escolhos que lhe deviam tapetar o caminho.

Quiz-se revestir elle porém de feito arriscado, que todavia o foi, pela ignorancia dos temores que os contrarios invadiam.

Tudo derrubou porém, trechos authenticos, garantindo que boa estrella presidiu á conservação de lanceiros:

«Estava combinado que eu fosse para casa de Simões Raposo, na calçada do Galvão, espera que lanceiros se desordenasse para então me dirigir ao quartel. Mas quando voltava ao largo do Chafariz em Belem ouvi tropel de cavalos e vozes de comando e vi que um esquadrão de lanceiros formava na calçada do Galvão, em frente da casa onde reside o sr. general Dantas Baracho. Como o esquadrão viesse com uniforme de cotim de algodão, calculei que tivesse sido denunciado o movimento revolucionario e que mandassem ocupar a calçada do Galvão, por desconfiarem que aquelle ilustre general fosse um dos chefes de tal movimento. Tal presunção era erronea, pois que o esquadrão se destinava a acompanhar o rei, que se achava no palacio de Belem, onde fôra jantar com o presidente da Republica Brazileira. Avisei imediatamente Abrantes Lucio para que se precavesse, dizendo-lhe que, não podendo eu ir esperar para a Calçada do Galvão, ia para minha casa, que muito proximo fica do quartel do regimento. E assim fiz.» (*)

(*) «O Mundo» de 15 de Dezembro de 1912.

Entretanto, D. Manuel, sereno, demorava-se ainda em cumprimentos.

Teve novas phrases de amisade para com o chefe da republica do Brazil, que ia deixar no paço de Belem.

Por coincidencia, ou por extranha ironia, o presidente Hermes, apertando gentilmente a mão do rei, exprimia, com os seus agradecimentos pela acceitação do convite, o desejo de um feliz regresso ao paço e feliz sorte.

Pungente e sobresaltada ella seria porém, perturbada pelo canhoneio, que traduziu no seu ribombar continuo uma ameaça tragica, prestes a consummar-se...

O governo a despeito de já nada ter com esses actos protocollares e descurando o seguimento das providencias necessarias e inherentes a quem allegava certeza absoluta do rebentar da revolta, conservou-se no palacio até depois da sahida real.

D. Manuel, tomando logar no automovel, endireitou ao palacio das Necessidades, escoltado pelos lanceiros.

Eram cerca de 11 horas da noite.

O infante abandonou o sobrinho, n'essa hora de perigo e de longada marcha para a cidadella de Cascaes, indo dedicar-se á predilecta partida das *bolas*, esquecendo no jogo os proprios cuidados.

O official ás ordens, telephonava para as Necessidades, inquirindo novas.

Como resposta, apenas a triste confirmação de que agitado estava o povo, sendo esperada a revolta em Lisboa a cada instante.

O official socegando, viu que embora o rei estivesse no vulcão, a lava não galgaria assim toda a extensa linha ferrea até á cidadella.

Lisboa não era Cascaes.

Necessitando de repouso, estando preoccupado o infante com a renhida partida, enveredou para os aposentos e deitou-se:

«12 noche — Llegamos á Cascaes. D. Alfonso me dice que vá a jugar una partida de bolos — su aficion favorita — y yo le pido licencia para acostarme. Telefoneo á Lisboa, desde Palacio y me dan noticias alarmantes. Se espera la revolucion; pero aun

no hay nada en concreto. Me voy á la cama. D. Alfonso regresa á lá una, luego de haber jugado á los bolos.»

Isto passava a um livro (*) de historia da revolução em Portugal, como fazendo parte do diario intimo de um palatino, indicado como sendo D José Sabugosa.

Outro palatino, o conde de Sepulveda, aliás distante de Cascaes não deu porém ao infante tanto desapego do assumpto momentoso: (**)

«Esperava encontrar no Paço o Senhor Infante; mas calei comigo esta observação. Só depois soube em Cascaes, que o governo aconselhara o Senhor Infante a ir para Cascaes, o que, se não foi com o proposito de deixar El-Rei sem o leal conselho de seu Augusto Tio, deu o mesmo resultado. E mais: o sr. Teixeira de Sousa ao aconselhar o Senhor D. Affonso a acolher-se á cidadella de Cascaes, prometteu-lhe que de hora em hora lhe daria noticias. A's duas horas e meia da manhã de 4 de outubro, isto é, uma hora depois de começada a Revolução, o Senhor D. Affonso conseguiu, ao fim de muito teimar com os telephonistas, obter a ligação telephonica para casa do Presidente do Conselho, que, por toda a informação lhe respondeu:

« — Não ha nada! Apenas um movimento desusado para os lados do Beato.

«A essa hora já o Presidente do Conselho sabia que tinha rebentado a revolução e que o movimento vinha justamente de Alcantara, direcção opposta ao Beato. E nunca mais o Senhor D. Affonso conseguiu que o sr. Teixeira de Sousa lhe respondesse ao telephone.»

Em Cascaes, comtudo, não cuidou o principe de conhecer, pessoalmente, as atormentadas horas do paço das Necessidades, embora a intuição lh'as segredasse...

O infante, parece, pensára ja, e em choque com o desejo das emoções do jogo favorito, no bom recato do yacht «D. Amelia».

(**) Augusto Vivero e Antonio de La Villa = «Como cae um trono» = «La Revolucion en Portugal»=Pagina 204.

(***) *Diario dos Vencidos*, por Joaquim Leitão—Pagina 178.

D'ahi o principesco socego de Cascaes.

Poder-se-hia deduzir uma indifferença pelos perigos de D. Manuel, se notoria não fosse a franca amisade que ao sobrinho ligava o tio.

Preferindo as ondas, rolando mansas, ao solo onde a dynamite ia buscar choqüe detonante, em mente tinha já preparar ao rei para abrigo na desgraça, os aposentos que por extranha anomalia, o pae D. Carlos preparára para o mysterio dos seus multiplos amores...

Vendo seguir os altos personagens, o presidente do conselho, com o ministro da guerra, e outros palatinos deteve-se por instantes no jardim, conversando.

Os ultimos convivas iam sahindo, emquanto no jardim do Palacio, se extinguiam as derradeiras notas graves da marcha brazileira do «Guarany».

O chefe do governo tomava então logar com o conselheiro José Nicolau Raposo Botelho, no automovel do ministerio da guerra que a sua casa os conduziu.

N'uma eterna divergencia, esse abandono do palacio foi dado como sendo (*) ás 9 e meia da noite. De base mais certa é comtudo a citada pelo commandante de lanceiros 2, (**) cuja impaciencia ante o imprevisto lhe fazia consultar a meudo o chronometro.

D. Manuel ia atravessando, celere, varios dos focos revolucionarios, mas, como na organisação da revolta não estava, em resultado da missão a Londres, qualquer attentado pessoal, a comitiva passou incolume, trazendo, por instantes, a illusão doce de que mais uma vez, a chimera envergara, para amedrontar, a pelle da hydra lendaria...

Durante esse trajecto, el-rei teve o seguinte aviso para os seus dignitarios, semi-absorvidos na visão de peripecias negras:

— O Teixeira de Sousa communicou-me que se espera qualquer cousa para esta noite. Mas parece que não será nada de

(*) «Para a Historia da Revolução»=2.º volume—Paginas 245 e 452.
(**) «Os Cem Dias Funestos», por Joaquim Leitão=Pagina 448.

grave. E se fosse, elle já me communicou medidas que devem restabelecer a ordem.

Citou-as, convicto de uma efficacia, que o destino se comprazeria em neutralisar.

Energico, exprimiu ainda o voto de envergar o seu fato de louça esmaltada, cognominação pittoresca dada ao uniforme de campanha:

«—Sabem qual era a minha vontade agora? Era chegar ao paço, vestir um fato de louça esmaltada e sahir para a rua com os meus lanceiros!»

Chegando ás Necessidades e vendo o apparente pacifico aspecto das ruas, dispensou-os porém, n'um aperto de mão ao respectivo commandante, capitão André Reis.

Reentrava no palacio quasi abandonado.

Rodeara-o, até então, uma atmosphera de egoismo, de convenções, assoberbando lhe a existencia repleta de pesadellos, de tragedias, nascidas desde a scena de horror do Terreiro do Paço ás luctas, más annunciadoras, dos partidos.

Nas Necessidades já se sabia dos tumultos do Rocio e levada fôra ali, pelo tenente João Feijó Teixeira a presciencia de successos graves.

Ainda tinha uma esperança.

Ainda confiava no exercito e diz-se que ao povo endereçou a phrase commovida de que se não seria pelo rei, não iria contra o rei.

Foi n'esse instante mesmo que lhe trouxeram já sob o aspecto doloroso d'uma insinuação a essa creança que por poucas horas cingia a corôa,— a nova de que longiquos tiros soavam, parecia, para os lados de Santa Izabel.

D. Manuel amoldou-se aos dictames do destino.

Voltou-se para os seus dignitarios e disse com serenidade:

—Eu não me deito. Desde que se esperam acontecimentos não me deito. E vocês?

Todos retorquiram:

—Nós tambem não, meu senhor!

—Então ficamos aqui, na sala.

Conversou-se primeiro.

Depois o rei, ainda de casaca, convidou os officiaes e dignitarios, para uma partida de bridge, logo acceite.

Interromperam-nos os tiros, disparados dos navios.

O monarcha correu ao telephone.

Não poude fallar com os membros do governo, pelo corte de linhas telephonicas.

Do quartel general obteve a noticia de que tudo se limitava a uma mobilisação de precauções.

Para Cintra se transmittiu á rainha a noticia tranquillisadora, quando aliás a essa hora a revolta estava já na rua.

A noticia levou o sobresalto á villa e aos palacios da Pena e de Cintra, mas como as rainhas dormiam já, reservou-se-lhe esse rude despertar..

Nada souberam antes d'isso e mais uma vez se esvahiu a affirmativa-sonho do presidente do conselho de que, na noite de 3, antes do banquete, telephonara para a Pena as suas apprehensões sobre ordem publica.

Extranho era que antes do rei, perto, se levasse á rainha, distante, o alvoroço d'uma má nova.

Visão simples, ou desejo não realisado, ou erro de recepção no palacio real da poetica villa cantada por Byron, não encontrou echo o aviso inicial

O proprio marquez do Soveral, longe, se fez interprete, menos verdadeiro junto do jornal inglez «The Outtook» de uma pretensa intenção da rainha D. Amelia, incitando o filho á lucta e acompanhando-o ella:

«O rei, logo que soube dos disturbios, vestiu o seu uniforme e cingiu a espada. Desejava collocar-se á frente das tropas. Sua Magestade a Rainha Mãe, desejava acompanhar o rei e dirigir-se para onde as tropas combatiam, mas houve quem dissuadisse o rei de proceder assim. Durante algumas horas ainda Sua Magestade se conservou firme, resolvido a tomar o commando das forças, a morrer á sua frente. Não pensava em deixar o seu paiz, nem abandonar o seu povo. Então os navios adheriram á Republica e bombardearam o palacio. Era impossivel a qualquer permanecer ali em taes condições de segurança.»

De certo apenas houve a disposição real de se envolver pessoalmente nos acontecimentos; recuando ante a escassez de elemento de confiança.

A rainha D. Amelia era valorosa e era mãe.

Capaz seria dos dois sacrificios e dos dois lances de audacia que lhe quizeram attribuir.

Se conhecedora fôsse do trama, de roldão viria de Cintra ás Necessidades, para junto do filho, impondo-lhe as energias do seu temperamento impulsivo de franceza.

Mas nada soube, de principio, socegada no seu solar predilecto.

O verdadeiro aviso, chegando noite avançada, e já espelhando as caracteristicas impressões d'uma atmosphera de revolta, não poude, de momento, atormentar essas almas das duas rainhas, que a desventura se comprazia em retalhar, impiedosa, de quando em quando...

Dormiam já o somno dos que confiam, n'esse doce engano de crença que, respeitado, lhe não quizeram derruir antes da torturante manhã de 4 de Outubro.

Eram mais uns instantes de sonho, como transição ou fortalecimento para uma realidade de pavores e de angustias.

N'esse trama terrivel, de futuro dubio e presente ameaçador, o rei poucos viu a seu lado

Apenas, o capitão de fragata João Agnello Vellez Caldeira Castello Branco, os coroneis de engenharia Fernando Eduardo de Serpa e Antonio Luiz Theophilo de Araujo Waddington, o mordomo-mór, conde de Sabugosa, Antonio Maria José de Mello Silva Cesar e Menezes, o capitão da guarda real dos archeiros, marquez do Fayal, Luiz Coutinho Borges de Medeiros Sousa Dias da Camara, o secretario particular do rei, marquez do Lavradio, 1.º tenente D. José de Almeida Correia de Sá, e o tenente João Feijó Teixeira, encarregado dos serviços de vigilancia real.

Era o abandono.

Se alguns estavam em serviço das suas armas, ou ausentes, distantes, ou muitos outros, a poucos passos do palacio realengo, não ousaram transpôr esse espaço para junto da creança sem

culpas, ir levar, quando não o appoio das suas armas, o conforto das suas palavras.

No meio dos sobresaltos, madrugada ainda, arrostando com difficuldades e afrontando riscos, apparecia o conde de Tarouca, Sebastião Eduardo Pereira da Silva de Sousa Menezes.

Não ia ali desconhecendo a situação.

Aos tiros erguera-se do leito o fidalgo e abandonando o conforto do seu palacio, na rua Rosa Araujo, para inquirir do que se passava, endireitou ás Necessidades.

A poucos passos andados deparava-se-lhe o capitão Alfredo Pedreira Martins de Lima, a quem interrogou sobre os successos.

— Quer um conselho? Venha comigo para o quartel, porque andam tropas revoltadas nas ruas e o sr. conde não chega ao Paço sem ser preso.

— O meu dever é ir para o Paço e quanto antes. Vou pelo caminho mais curto e é por aqui! retorquiu energico enveredando pela rua Barata Salgueiro.

Atravez infinitas precauções, para que a prisão o não arredasse de correr a reunir-se ao soberano, conseguia chegar á residencia real.

E' grandiosa essa figura de fidalgo, a primeira que, antepondo á catastrophe pessoal a fidelidade ao rei, para junto d'elle corria, para o foco das attenções revolucionarias, onde a morte podia pairar até...

Aos outros palacianos se junccionava, para esperançar D. Manuel II na derrocada dos planos dos que lhe eram contrarios.

Houve allusões á dispersão de tantos que do paço folgavam nas horas felizes e d'elle se afastaram nos instantes de dolorosa espectativa.

Alguns fieis houve ainda, apparecendo com o sol d'essa manhã de revolta, uns; pela tarde surgindo outros e colhendo ainda outros, o soberano, quando semi-exilado era já.

Encontral-os-hemos e d'elles assignalaremos a passagem ou as faltas, no declinar da corôa para o seu occaso: o bombardeamento do palacio real.

Mais alguem ali accorreu na madrugada indecisa da revolução.

Poucos tiros se haviam dado ainda, no salão se apresentava a figura do ministro de Hespanha, marquez de Villalobar.

Disse-se que algumas breves e enygmaticas palavrai trocára com o soberano.

De manhã deixaria Lisboa com destino ao seu paiz, o addido militar junto á legação hespanhola, não sendo abandonado D. Manuel II, pelo chefe da mesma legação.

Mais tarde veremos qual a attitude hespanhola perante o levantamento do povo contra o rei.

Esses raros que rodeavam a realeza, representavam bem a velha theoria fidalga da crença em Deus e no seu rei, e do amôr á sua patria.

Não era por se mostrarem paladinos da coroa que se podia dizer que a patria atraiçoavam.

Só ao povo se levou o grito agitador de patria em perigo.

Nada mais havia porém, felizmente para ella, do que a reinvindicação, de um regimen desejado pelo povo, sobre outro que lhe ensinaram a odiar.

Animado pelos que iam apparecendo e esperando sempre vêr surgir a palatinagem, D. Manuel, fardou-se e cingiu a espada.

A sua attitude ás primeiras horas de perturbação popular e do exercito appareceu assim descripta mais tarde: (*)

«No paço das Necessidades o Rei ouve as nutridas salvas de infantaria e o ribombo dos canhões, ao longe. Que é dos servidores? As paredes sussurram ainda o éco das palavras lisongeiras dos cortezãos. Elle conhece-lhe as vozes. Volta-se. Julga vêlos. Mas nada. Silencio nas vastas salas. Sabugosa, palido cofia o bigode grisalho, lembra-se, por certo, das paginas em que descreveu guerras portuguezas, tomadas de castello, e, nas cronicas, a fuga dos reis coroados, em perigo, emquanto os famelicos aulicos se escondem, ou apressam se a adherir aos vencedores. E' a attracção do sol nascente! Fayal não sorri, feliz, impando de

(*) «O Dia» de 7 de Outubro de 1910.

saude, moço, apesar dos cabellos brancos abundantes. A sua forte estructura impõe um pouco de confiança ao rei. Mas o pavor apossa-se, tyranno, do animo do Bragança. E' D. João VI que a anemia e mais um seculo de degenerescencia refinaram. Cae nas poltronas, sem forças. Levanta-se, passeia, accentua no esgar o prognatismo da face. Vai ao oratorio e reza, quasi a tocar com a fronte no chão.»

A' Hespanha chegava a reproducção da scena infiel:

«En el Palacio, desierto, ni rastro de servidores. Solo los validos del monarca. Serpa, vizconde de Asseca, marqués del Lavradio, conde de Sabugosa y marqués de Fayal, rodean al treste Braganza, que, tremulo, nervioso, inquiere á cada minuto noticias. Fuera, retumban las descargas de fusileria y el seco estampido de los canones. Nadie puede tranquilizar al empavorisado mozo. Nadie se atreve a deshojar las flores de cortesanismo con que antes acariciaban sus oidos... Y el medroso adolescente ya acude a resar al oratorio apretando con ansia febril las medallas que lleva al cuello; ya aventura una mirada al través de las vidrieras. Triunfaran? pregunta nervioso. Y el recelo que palpita en sus palabras se refleja en el rostro de sus validos, que, por una vez, no osan mentirle. A lo lejos continua al crepitar nervioso de la fusileria. Con las horas cresce la ansiedad. El nieto de D. João VI, depauperado por un siglo de anemia y degeneracion, cae, abulico, en una butaca, presa de honda, inconsolable amargura. Los validos quieren confortarle. Del cuartiel general transmiten nuevas alentadoras. Las tropas leales resisten, junto a Rocio, heroicamente, en algun cuartel de la guardia municipal se ha fusilado ya á varios revoltosos; toda las calles que llevan á Palacio estan occupados por los leales. El regimiento de linea num. 1, desde Alcantara, se extiende por la calle de la Costa. Cazadores num. 2 y las fuerzas fieles del 16 de linea amparan el frente y la ezquierda de Palacio. Una compañia de la Municipal defiende la calzada de Necessidades. Aun hay esperanza. Y el gobierno? Qué hace el Gobierno? interroga D. Manuel. Ha piña de cortejanos lo ignora; acaso haya pedido refuerzo; mas si estan cortados los comunicaciones? El rey, desesperado, con los ojos llenos de llanto, se pone en pie, va y viene

nervioso y concluye por humillarse ante el crucifijo, con la frente en tierra.» (*)

N'essas primeiras horas, comtudo, D. Manuel II, apenas passeou o seu exaspero de se conhecer impotente para derrubar os que o queriam derrubar.

Para combater quasi não havia tropas, porque conhecida a attitude da marinha, do 16 e de artilharia 1, a duvida justa se lançou sobre todos os outros regimentos.

Resolvido foi esperar o seguir dos acontecimentos, como os republicanos, dirigentes, resolviam egualmente confiar ao acaso a graça sublime de uma victoria.

Houve a differença.

Ao rei iria toda a derrocada de esperança, aos democratas toda a confirmação da sua confiança no destino.

Junto ao palacio das Necessidades, já então estava o batalhão de caçadores 2, com as metralhadoras, sob o commando do tenente-coronel André Joaquim Bastos, infantaria 1, sob o commando do coronel José J. de Souza Marques, um batalhão de lanceiros sob o commando de tenente Cunha Menezes.

Formava ali tambem infantaria 2, com o capitão Oliveira, tenentes Cancella e Godinho e aspirantes Barbosa Leite, este incumbido do serviço de segurança, posto especial estabelecido no largo fronteiro ao palacio e onde collocou varios caixotes que mandou encher com terra e destinados ao entrincheiramento das praças.

As prisões de suspeitos, approximando-se do paço com intenções desconhecidas, succediam-se, e elevar-se-hia, até á retirada real, a 111 individuos, entre elles, marinheiros, e que ingressavam depois na esquadra das Cavallariças do Infante.

Fallou-se na bella acção deffensiva d'essa força, mais de 800 homens, com a 6.ª companhia e o 3.º esquadrão da guarda municipal.

Não houve uma fé de valia e de peso, e os successos confirmariam a intuição:

(*) Augusto Vivero y Antonio de La Villa=«Como cae um trono»=«La Revolucion en Portugal»=Pagina 191.

«Mais tarde foi a guarda successivamente reforçada pelo regimento de caçadores 2, com seis metralhadoras, a 6.ª companhia da guarda municipal e o 3.º esquadrão da mesma guarda, elevando-se assim a mais de 800 homens a guarnição do palacio, que se limitou a impedir a approximação do inimigo, sem, comtudo, disparar um tiro, até que, participada a rendição pelo quartel general, e reunidos em conselho os officiaes, foi por este deliberado que fossem descarregadas as armas.» (*)

O coronel Alfredo de Albuquerque, chegou ao paço, madrugada finda quasi, com o tenente Estevão Wanzeller.

Deixava a Estrella guarnecida por lanceiros e infantaria 2 e referiu os escassos pormenores sobre a sublevação em infantaria 16 e artilharia 1, e o mallogrado avanço d'estes sobre as Necessidades.

Albuquerque, retirava para o seu posto, constatando antes a vinda para o largo fronteiro ao paço, da bateria de Queluz.

Nas Necessidades, apoz breve analyse de probabilidades, abalada estava a confiança.

Existia apenas o desfallecimento de uma triste vellada, dolorosa e enervante.

A partida de «bridge», terminara havia muito.

Fôra a derradeira em terra portugueza.

Angustiosa madrugada de desillusões...

Que occultára ella até então, nas escuridades mysteriosas da sua rotina infatigavel?...

(*) *Diario de Noticias* de 6 de Outubro de 1910.

II

A senha revolucionaria.=O ultimo encontro do almirante Candido dos Reis com Machado Santos =A reunião dos conjurados na rua da Esperança.=Os grupos dos rebeldes.=Lances intimos da proximidade da lucta.

uasi á hora em que o presidente do conselho ennunciava no paço de Belem a nova alarmante de revolução proxima, preparavam os conjurados a ultima reunião deliberativa, emquanto outros, convictos de que dita estava a derradeira palavra, iam tomando nas mãos as armas destinadas ao derrubar da monarchia.

Das 4 ás 7, no Centro do Largo de S. Carlos, ia sendo dada aos chefes dos grupos, pelo dr. José Antonio Simões Raposo, o santo e a senha, que o almirante Carlos Candido dos Reis sorrindo, animado, repetia, para menos facil olvido:

— *Mandou-me procurar?*

— *Passe, cidadão!*

O official era a força suprema da revolta.

Transferida fôra incessantemente, com o seu desespero e o seu contrario voto.

Marcada estivera até para as 2 horas da tarde de 4, á retirada do presidente da republica do Brazil, Hermes da Fonseca, de visita a Lisboa e a D. Manuel II.

Manobrava energico e activo o almirante e avigorado o seu desejo com um «ultimatum» da marinha impaciente, impuzera á rebeldia a resolução unanime de se não recuar.

Era a sua estrella, impulsionando-o para mais breve ser forçado a deixar a vida, e os seus designios haviam de cumprir-se com toda a inevitabilidade do fatalismo.

Candido dos Reis, pois, não abandonava o seu posto na séde do Centro de S. Carlos, 4, 2.º facultando a senha e até o contra-senha.

Ali o colheu a chegada do dr. João Duarte de Menezes, que lhe vinha communicar as derradeiras intimações do dr. Miguel Bombarda:

— Vá dizer ao Candido dos Reis que a senha a póde dar ao Simões Raposo.

O almirante conteve as lagrimas:

— E então o Bombarda?

— Perdido .. morre!

Mas a revolução estava primeiro do que o coração.

Continuou a animar os revolucionarios que iam chegando, e transmittindo-lhe as ordens.

Avisava Machado Santos da reunião da Rua da Esperança.

O commissario naval mostrou a conveniencia de, em vez de assistir a novas combinações, quando tudo lhe parecia ajustado já, concluir os trabalhos praticos.

A essa hora devia estar cuidando de promover o assalto a infantaria 16.

O almirante concordou, na seguinte expansão:

— Então abrace-me! E' possivel que nós não tornemos a vêr!

A phrase era fatidica.

O destino sanccionava-a, assignalando ao mesmo tempo legitimo successor de Candido Reis, como chefe de revolta, aquelle que n'essa hora era julgado simples auxiliar do movimento.

A breve trecho e apoz a despedida, o almirante reconhecia que o seu trabalho ali estava feito.

Esperado era já na reunião da Rua da Esperança.

Subiu ancioso até ao 3.º andar do predio n.º 106, onde habitava a mãe do demonstrador da Escola Polytechnica, Innocencio Camacho.

Foi ali o derradeiro definir de attitudes e de situações.

A' reunião assistia o dr. Eusebio Leão, que, embora doente e de cama, regressára de Cintra, a chamada pessoal do commissario naval Marinha de Campos e do commerciante Alfredo Leal, que áquella villa lhe fôram, de automovel, entregar uma carta de José Barbosa.

Ao dr. Eusebio Leão, causou extranheza o emissario Marinha de Campos, que sabia fóra do segredo conspirador.

O aviso official, fôra porem momento antes ordenado pelo almirante Reis, e de segura intuição se affirmou a carta de José Barbosa, verdadeiro documento de credito e ainda a presença de Alfredo Leal que logo estabeleu a authenticidade revolucionaria do portador.

Este, de facto, estivera até então affastado de todos os conciliabulos, o que aliás succedera egualmente com o dr. Affonso Costa, sendo ambos informados quasi á mesma hora: a 1 da tarde de 3 de Outubro.

Marinha de Campos só tivera tempo de ir ao jornal «A Capital», na rua do Norte, incumbir um collega de redacção de redigir o seu habitual artigo, não conseguindo ali callar o segredo do movimento que se ia realisar.

D'ali marchava de automovel, para Cintra, onde chegou ás 5 horas da tarde.

Febril, o dr. Eusebio Leão, vestiu se rapido e correu a munir-se dos capitaes revolucionarios occultos na casa do proprio irmão, o logista da Rua Garrett, Ramiro Leão. No escriptorio do dr. Affonso Costa, na rua dos Sapateiros, 104, 2.º, traçava uma despedida á familia, para possiveis eventualidades de morte e assim entrou na pequena sala, onde a atmosphera se tornava irrespiravel pela avalanche de conspiradores que se accumullava ali, passando elle logo, para um gabinete contiguo.

Cincoenta chefes revolucionarios se encerraram na estreita sala, illuminada por um candieiro de petroleo e tendo por unica mobilia uma mesa.

Entre elles, o almirante reformado Carlos Candido dos Reis; o proprietario e lavrador em Alpiarça José Relvas; o jornalista e pamphletario João Chagas; o advogado e lente da Universidade

dr. Affonso Augusto da Costa; o 1.º tenente da armada Antonio Ladislau Parreira; o 2.º tenente da armada José Carlos da Maia; o medico naval Annibal de Sousa Dias; o director-gerente da Casa de Banhos de S. Paulo, Joaquim Pessoa; Celestino Steffanina; Ricardo Malhou Durão; o negociante de farinhas e cereaes em Alpiarça, Manuel Duarte; o director da «Lucta» dr. Manuel de Brito Camacho; o general Ernesto Encarnação Ribeiro; o redactor da «Lucta» e advogado, dr. João Duarte de Menezes; o engenheiro subalterno de 2.ª classe da secção de minas da circunscripção sul em serviço na repartição de minas do ministerio das obras publicas, Antonio Maria da Silva; o medico Francisco Eusebio Leão; o capitão-tenente da armada João Maria de Fontes Pereira de Mello; o medico Antonio José de Almeida; o dr. Antonio Maria Malva do Valle; o proprietario da Empreza Liquidadora da Rua das Portas de Santo Antão, Alfredo Leal; o commissario naval Arthur Marinha de Campos; o director-gerente da Companhia Maritima Fluvial de Transportes, presidente da Associação dos Proprietarios de Fragatas e director e fundador da associação O Vintem Preventivo, Manuel Soares Guedes; o professor José Antonio Simões Raposo Junior; o tenente de cavallaria 4, João Ferreira Nunes de Carvalho; o advogado dr. José Barbosa; o demonstrador de phisica na Escola Polytechnica de Lisboa, Innocencio Joaquim Camacho Rodrigues; o tenente de caçadores 5, Helder Armando dos Santos Ribeiro; o capitão de lanceiros 2, Thomaz de Sousa Rosa; o capitão do grupo de guarnição n.º 4, da Trafaria, José Affonso Palla; o capitão de caçadores 5, Caetano do Carvalhal Correia Henriques; o tenente de cavallaria Alvaro Poppe; o tenente de infantaria 5, José da Ascensão Valdez; o capitão de artilharia 1 adjunto á fabrica de armas em Santa Clara e vogal do conselho de trabalhos balisticos, Alfredo Ernesto de Sá Cardoso; o alferes de caçadores 5, Gomes da Silva Junior; o antigo tenente de infantaria 16, Jayme Augusto Pinto Garcia; o tenente de infantaria 2, Americo Olavo de Azevedo; o 2.º tenente José Joaquim Marques da Silva Araujo; o 2.º tenente Assis Ferreira; o commissario naval Henrique da Costa Gomes; o 2.º tenente Tito Augusto de Moraes; alferes de infantaria 16, Al-

berto José Caetano Nunes Freire Quaresma; o 2.° tenente Sousa Junior; o 2.° tenente Monteiro Guimarães; o medico naval Alexandre José Botelho de Vasconcellos e Sá; os 2.os tenentes Aragão e Mello José Botelho de Carvalho e Araujo.

Não houve a assistencia do commissario naval Antonio Maria de Azevedo Machado Santos, que alguns auctores (*) deram como fazendo parte da historica assembléa.

ALMIRANTE CANDIDO DOS REIS

O official trabalhava n'essa hora, nos preparativos do assalto ao regimento de infantaria 16.

Revolucionarios experimentados eram alguns.

João Chagas, um dos mais novos, conhecera até já os fragores da artilharia, pelo 31 de Janeiro de 1891, e os carceres da

(*) Como triumphou a Republica—Pagina 81.

Africa pela derrota d'essa tentativa portuense e pelo fracasso do 28 de Janeiro de 1908.

O tenente Jayme Garcia, estivera envolvido no 28 de Janeiro de 1908, que o affastou do regimento de infantaria 16, com o labeu terrivel, ainda, de uma chacina na officialidade, a cuja frente estava o pae, o coronel Garcia.

O capitão Sá Cardoso, tivera já os sobresaltos do 31 de Janeiro e 28 de Janeiro.

O 1.º tenente José Carlos da Maia, estivera para cooperar no 28 de Janeiro, e chamado de Leixões, onde accorreu a dar impulso ao 4 de Outubro.

N'esse aposento historico, se deram, pelas 8 horas da noite, as ultimas ordens e se avaliaram os elementos com que, previsionalmente se contava.

Alludiu-se a uma antiga phrase de João Chagas, pronunciada nos preparativos para a «janeirada de 1908.»

Segundo elle, a republica depois de proclamada em Lisboa seria toda feita pelo telephone.

Se não foi uma prophecia certa para 1908, sel-o-hia em 1910.

Candido Reis, positivista, frisou que antes de se pensar na proclamação, urgia proceder para a effectivar com os actos necessarios.

Ousadamente expoz que, se não confiasse n'uma victoria, não se teria collocado á frente do movimento.

Estava posto de lado, o projecto em que a revolução manobraria achando-se ausente o rei.

Encontrando se este em Lisboa, restabeleceu-se a analyse do segundo plano, como o outro, elaborado pelo capitão Alfredo Ernesto de Sá Cardoso, tenente de caçadores Helder Ribeiro e 2.º tenente da armada Aragão e Mello.

De novo elle se discutiu, apresentado por Helder Ribeiro, e pelo qual, apoz o assalto a infantaria 16 e artilharia 1, que deveriam marchar para as Necessidades, seria cortada a marcha da municipal do Carmo por infantaria 5, caçadores 5 e engenharia, cabendo ainda a estas, a tomadia do quartel general.

Contava-se em absoluto, com infantaria 5 e caçadores 5,

affirmando-se de novo, em relação a este, a sua firmeza, graças aos trabalhos do capitão Caetano do Carvalhal Correia Henriques e tenente Antonio Pires Pereira Junior, os dois unicos officiaes democraticos, coadjuvados pelos 1.os sargentos Brito e Carlos Moreira Vidal e os 2.os sargentos Lucas, Pedro Affonso Cardoso Dias, Francisco de Sousa Marques e José Pereira Pinto.

Para infantaria 2, se fixou uma acquiescencia não combativa.

De caçadores 2, se pensou n'um completo auxilio á acção a combinar-se, com base no appoio do tenente coronel André Joaquim Bastos.

E, quanto a infantaria 1, se reiterou que, embora não adherisse abertamente, pela acção das armas, assumiria attitude de espectativa, que favorecia os revoltosos.

Houve desconfianças sobre infantaria 16, com fundamento na sua representação, unica, pelo alferes Alberto Quaresma.

Não havia ali officiaes favoraveis á causa nova.

Delegava se portanto nos tenentes, de estado maior, Pinto Garcia, e de infantaria 3, Manuel Luiz dos Santos e Alberto da Silva Paes e alferes Quaresma, o commando de algumas das unidades do 16, que deviam aguardar em artilharia 1.

Disse se que os revolucionarios tiveram ali como affectos certos, elementos varios de cavallaria 2 e 4: (*)

«Examinou-se a situação. Os revolucionarios contavam em absoluto com elementos de lanceiros 2, cavallaria 4, caçadores 2, infantaria 2, artilharia 1, infantaria 5 e caçadores 5. De infantaria 16 compareceu á reunião apenas um alferes e havia duvidas sobre se o regimento podia entrar desde logo na revolta. Infantaria 1 não adheria, mas tambem não contrariava a acção conjuncta dos militares e do povo. Dentro da sala, repetimos, abafava-se... Isso não impedia, entretanto, que todos os conjurados se mantivessem n'um estado de espirito que removia mentalmente quaesquer obstaculos que surgissem ante o projecto de insurreição»

(*) A Revolução Portugueza—«O 5 de Outubro»=por J. de Abreu—Pagina 125.

Comtudo, e contrariamente a esse allegado optimismo, expostas foram opiniões diversas das affirmadas.

Sobre lanceiros 2, não poupou o capitão Thomaz de Sousa Rosa, o desenho critirioso das circumstancias em que se encontrava o regimento, pelo qual não respondia desde que determinado fosse pelo governo um regimen preventivo.

Só os elementos civis, desorganisando as forças de cavallaria á sahida do quartel, arredando-as dos officiaes, poderiam em acto immediato, reorganisal-as, trazendo-as á causa republicana.

Horas antes fôra o official convidado para assumir uma attitude que elle correctamente recusou, frisando «que mesmo em revoluções havia deveres de honra a cumprir e a que o militar não podia faltar.» (*)

Pelo alvitre, suggerido em palestra com o chefe civil dos grupos de Belem, o pharmaceutico João Abrantes Lucio, devia o capitão Sousa Rosa, de lanceiros, assumir o commando das forças revoltadas de cavallaria 4 e com ellas formar uma envestida ao regimento a que pertencia.

Sousa Rosa energicamente repudiou o plano, dando como resposta justa e honesta que, como official de cavallaria n.º 2, não queria «commandar uma outra unidade destinada, a em emboscada fusilar os seus camaradas com quem havia tantos annos servia.»

A intervenção do tenente Helder Ribeiro, sanccionando os escrupulos de Sousa Rosa, liquidára o alvitre que, a proseguir, talvez trouxesse o affastamento do official.

Na reunião da Rua da Esperança, pois, apenas se abordou a possibilidade da contagem com lanceiros, ficando assente uma presumpção de que não contrariaria, pela violencia, o movimento a executar.

Patenteou-se ainda duvidas sobre a orientação de cavallaria 4, onde, agaloado, ao serviço do levantamento regimental, só havia o tenente Nunes de Carvalho.

(*) «A Revolução de 5 de Outubro»,=pelo major Thomaz de Sousa Rosa.

Esses receios, junto com os nascidos da ordem de prevenção transmittida aos quarteis, trouxe o desanimo.

Alvitrou-se novo addiamento.

Valeu ao derrubar d'esse crescente desfallecimento, o exaltado aspecto de Candido dos Reis, intimando a revolução para essa noite.

Antepoz-se ás decisões, onde se achava precipitado o movimento.

CAPITÃO JOSÉ AFFONSO PALLA

De novo se deram as forças como insufficientemente organisadas.

O 1.º tenente Ladislau Parreira, protestou, pela armada.

Candido Reis, manteve o impulso energico, que sacudiu de momento todos os conjurados.

Marcharia só com a marinha.

Ella, solitaria desembarcaria d'ahi a horas, contra quantos se lhe atravessassem no caminho.

(*) *O Diario de Noticias* de 6 de Dezembro de 1910.

— Terei muita honra em me fazer fuzilar pelos meus camaradas do exercito.

A armada contra todos marcharia, se a esse lance supremo a conduzissem.

Em taes transes e para que peor não succedesse, retrocedeu-se nas intenções do postergar o levantamento.

Quiz-se ainda crear animos com previsões de segurança.

Fallou-se no navio brazileiro, como recurso para eventualidades, lembrança logo repudiada.

Mais tarde, se citaria ter havido offerta do presidente Hermes da Fonseca, para que acceite fôsse esse asylo em caso de fracasso, e ante a contingencia de evidentes perseguições

Nasceu desmentido.

Certo foi porem que o assumpto, erguido foi na celebre reunião da Rua da Esperança.

Houve quem patenteasse que, fosse qual fosse o resultado da tentativa, não se procuraria o refugio do cruzador «S. Paulo»:

«Para não crearmos difficuldades ao paiz, fosse qual fosse o regimen que vencesse, nós, os republicanos, (é bom que isso ao menos se diga), tinhamos jurado não nos aproveitar da estada do cruzador «S Paulo» para n'elle nos refugiarmos. Isto foi decidido na reunião suprema que antecedeu a Revolução, logo depois das inolvidaveis palavras, que pertencem hoje á historia, de Candido dos Reis. Ficou combinado que fosse ao «S. Paulo» o Affonso Costa, o Eusebio Leão e o José Relvas, para transmittirem ao marechal esse juramento...

«Não poude ser cumprida essa missão, que a fuzilaria de Alcantara impediu, bem como outro intento d'esses tres grandes revolucionarios e de Antonio José de Almeida.» (*)

Parece portanto que deve subsistir a proposta ou offerecimento de Hermes da Fonseca, pois só isso justificaria a communicação do juramento, indo causar a surpreza do marechal se desconhecida lhe fosse a ideia.

Cumpre accentuar porém que o repudio foi unanime, proferindo-se o exilio a refugio junto de estrangeiros, sob o ceu de Portugal.

O almirante, impulsivo, exigiu que se visse apenas quaes as forças julgadas uteis á causa.

O capitão José Affonso Palla, comprommettia-se a trazer para a rua artilharia 1.

O capitão Alfredo Ernesto de Sá Cardoso, n'um impulso semi-descrente, dizia que, «não julgava o movimento viavel por estarem os corpos de prevenção, mas que iria auxiliar o capitão Palla.»

Para obstar á exaltação de Candido dos Reis e para animo de todos, de novo se reiteraram os protestos da contagem effectiva do exercito como adherente á causa da democracia.

Ia esta porém, procurar aventurosamente uma victoria.

Só esta sorriria, pela força do destino, não pelo positivismo dos calculos dos revoltosos.

O facto comprovar-se-ia na hora derradeira, em que só a vigessima parte das tropas se rebellionavam, pois, computado o existente, no todo, em 8:541 homens, só virtualmente, 400 a descoberto cooperavam no golpe inicial.

O futuro é o mysterio e a vista humana, por mais que se julgue de lynce, jamais rasgará o veo impenetravel que esconde esse segredo bem guardado porque o não póde divulgar: o destino.

Bem escolhida fôra a rua onde houve a reunião dos conspiradores: da *Esperança.*

Foi ella quem presidiu, de verdade, ao conciliabulo.

Renascendo nos espiritos semi-atemorisados, suscitou-lhes alentos fortes.

Deram-se as ultimas instrucções.

O movimento seria iniciado á 1 hora da madrugada com uma salva de 31 tiros pelos navios de guerra fundeados no Tejo e reproduzida pelo regimento de artilharia 1.

A fixação da salva, deu-a o commissario naval Machado Santos, como desconhecida para elle.

Comtudo, se definitiva ficou, na reunião da Rua da Esperança, onde o depois chefe da Rotunda, não compareceu, por ser necessaria a sua presença para a sedição em infantaria 16, certo é que apparece citado no relatorio do capitão Alfredo Er.

nesto de Sá Cardoso, como fazendo parte do plano apresentado na entrevista de 2 de Outubro:

«Em qualquer dos casos, o movimento iniciava-se por uma salva de 31 tiros, dada a bordo de um navio de guerra, á qual devia corresponder outra de 31 tiros dada em artilharia 1.»

A não comparencia de Machado Santos, justificava o facto, se bem que a não justificação d'elle sobre outros vultos recahisse, pelo olvido de referencia a esse ponto essencial do plano:

«Pelas 8 horas da noite d'esse dia (2) reuniu a Commissão de Resistencia no Centro de S. Carlos. Candido dos Reis compareceu. Nem sequer um marujo nos foi procurar; pouca sorte! Ficou resolvido que á frente de cada um dos grupos civis que iam sublevar os regimentos, iria um caudilho da democracia e novamente Candido dos Reis indicou a uma hora da noite para os regimentos sahirem para a rua. Disse a Candido dos Reis que iria buscar infantaria 16 por lá não termos nenhum official, nem sequer um sargento para amostra; que não desejava que para esse regimento fosse qualquer pessoa importante do partido, porque contava com a morte na parada, sem outro official para me ajudar, que não deixasse fraquejar os soldados; que faria para que a confusão fosse tão grande no regimento que o tornasse incapaz de vir contra nós; mas no caso de ser bem succedido, perguntava-lhe para onde devia marchar com elle. O almirante respondeu-me que seguisse para artilharia 1. Mais uma vez insisti para que não houvesse signal, porque temia que todos ficassem á espera d'elle, como no 28 de Janeiro. Alem d'isso o signal tanto seria para os revolucionarios como para o governo. Candido dos Reis novamente me disse que á uma hora da noite me puzesse em marcha para artilharia 1.» (*)

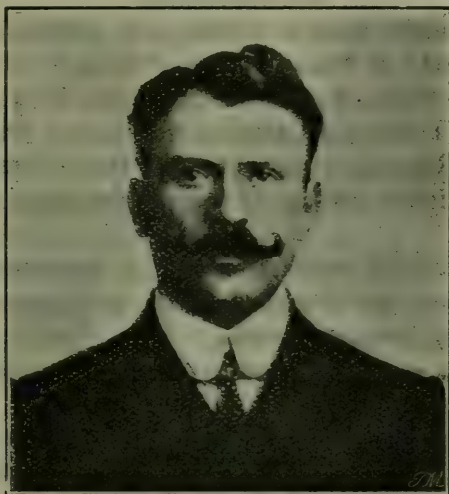
Assente pois essa hora para a acção de Machado Santos e não tendo elle assistido ao conciliabulo onde se resolveu a execução do signal, de extranhar não foi o todo desconnexo dos trabalhos revolucionarios, não esperando uns a salva, que desconheciam aprazada, aguardando-a outros, e recuando pelo facto de não ter

(*) *A Revolução Portugueza*.=Relatorio de Machado Santos.=Pag. 60.

sido feita, pelo olvido dos revoltosos de communicar para bordo o combinado inicio.

Se cuidados houve para com a municipal, ninguem pensou na policia, pois o elemento civil trataria de se entender com ella...

Definido ficou pois:

Caçadores 2, infantaria 2 e guarda fiscal, destroçada a guarda municipal de Alcantara, iriam sobre as Necessidades, onde se daria a prisão de el-rei D. Manuel, acto entregue ao dr. Affon-

CHEFE CIVIL MANUEL LOURENÇO GODINHO

so Costa, por seu alvitre, cooperando com elle, João Chagas e José Relvas.

Ao golpe de mão seguir-se-hia o immediato embarque do desthronado, proclamando-se o successo para quebra moral das tropas que ainda resistissem.

O destino marcaria antes o voluntario exilio, talvez para evitar á revolução maior violencia.

Caçadores 5 e infantaria 5, deviam formar a linha de leste,

occupando o Rocio, e vigiando as embocaduras do Carmo, sob o commando do general Encarnação Ribeiro.

Engenharia protegeria a columna contra a municipal dos quarteis dos Loyos e do Cabeço de Bolla.

A marinha, desembarcando em Santos, na força de 600 homens, accudiria aos pontos em perigo, estacionando para isso junto á Rocha de Conde de Obidos, largo das Côrtes e Praça de Camões.

Algumas companhias de infantaria 5, formariam ainda no largo de S. Roque, para neutralisar os Paulistas e Chiado.

Restava a tomadia dos cruzadores.

Convencionado ficou o embarque a bordo do *Chire* de 9 officiaes, o capitão de fragata Fontes Pereira de Mello, os tenentes Aragão e Mello, Monteiro Guimarães, Silva Araujo, Sousa Junior, Assis Teixeira e Carvalho Araujo, e o tenente de caçadores Helder Ribeiro, com o almirante Reis e um grupo de populares, que iriam exercer as suas acções junto dos navios de guerra.

As embarcações necessarias para o movimento maritimo, seriam arranjadas por Soares Guedes e pelo gerente do balneario de S. Paulo, Joaquim Pessoa.

Subsistia a escolha do balneario como séde da junta revolucionaria.

O capitão José Affonso Palla, manifestara-se pela tomadia das alturas da Graça, formando ali o quartel general.

A marinha não carecia de uma direcção total da junta e estabelecido o plano restava-lhe proceder.

Se a fixação na Graça, do quartel general revolucionario, corresponderia o abandono das funcções principaes da armada, e até a difficil transmissão de ordens, ao estabelecimento da junta em S. Paulo, parecia estar inherente o abandono das posições mais distantes da cidade baixa.

A casa de banhos de S. Paulo, offereceu-se comtudo como ponto mais central, pela ideia de concentrar a acção mais importante nos navios, quartel de marinheiros e Necessidades.

Os outros regimentos, attrahidos ás ruas da baixa, impunham a inutilidade de sua concentração no Alto da Graça, sem

lembrança haver de que esse local, dominante, constituiria talvez uma soberba garantia de exito.

Foi depois o estabelecimento de banhos de S. Paulo o preferido de momento, pois na hora solemne da sedição, o quartel general deixava as altas funcções por perigosas de exercer ali. . .

Aventou-se a possibilidade de resistencia dos companheiros dos officiaes conjurados.

O almirante insinuou, sorrindo:

— *Esses militares entregamol-os ao civil!*

Breve chegava o aviso de rigorosa prevenção.

Surgiram contrariedades e receios.

Candido dos Reis, dirigindo-se ao capitão José Affonso Palla, objectou:

— Não se importe com os outros, responda por si, e se a revolta fracassar, damos um tiro nos miolos. . .

Era a ideia predominante, manifestada em todas as reuniões que antecederam a revolta outubrina.

Eram 10 horas e meia da noite de 3.

Os revolucionarios dispersaram.

Os officiaes de marinha, foram-se fardar, marcando entrevista para a loja de Franklin Lamas, na rua do Livramento em Alcantara, d'onde devia partir o assalto ao quartel de marinheiros.

Os do exercito para os postos que lhes haviam sido designados.

Os civis, para o desempenho dos seus encargos e derradeiros aprestos.

O dr. José Barbosa, ia ainda ao Centro do Largo de S. Carlos, n.º 4, 2.º, onde encontraria tres officiaes de marinha, á paisana, pedindo armas, que já não havia.

— Não ha duvida, responderam. Voltaremos fardados, a buscal-as!

Ali estavam o empreiteiro Oliveira, e o tenente Alvaro Poppe, o primeiro munido de um pé de cabra ou alavanca, para o arrombamento da porta do quartel de engenharia.

Apparecendo ali tambem, n'essa occasião, Machado Santos, notava, com desanimo, a presença d'esses officiaes, á paisana

e que julgava já nos quarteis, auxiliando os preparativos para a sedição, com armas ás ordens, ou combinando a entrada aos revolucionarios civis.

Seguiu-se a incumbencia ao revolucionario Celestino Steffanina do serviço de informações.

GENERAL RAPOSO BOTELHO

(Ultimo ministro da guerra da Monarchia)

Entretanto a casa da rua da Esperança ficava reduzida á solidão.

Os ultimos a sahir, ás 10 horas e meia, foram os drs. Antonio José d'Almeida, Eusebio Leão, Innocencio Camacho, Candido Reis e Helder Ribeiro.

O almirante sahindo da rua da Esperança com o tenente Helder Ribeiro, marcava-lhe reunião em casa de sua familia, na

DR. MAGALHÃES LIMA

rua da Estephania, 153, onde o outro official o devia ir buscar, á meia noite.

Foi ainda ao Centro do Largo de S. Carlos.

Determinava ao professor José Antonio Simões Raposo a ida a Belem, afim de cooperar com o pharmaceutico Abrantes Lucio no inicio do levantamento d'aquelle bairro.

Os revoltosos iam por seu turno recebendo armas e marchando para os locaes onde deviam proceder.

Das 10 e meia ás 11 foram distribuidas pelos revolucionarios Martins Cardoso, da commissão de resistencia da Maçonaria, e Jacintho David, 350 pistolas Browning, de calibre 7,65, 100 das de 6,35 e 100 revolvers diversos e para a acção de Almada, 90 revolveres.

No Directorio, eram fornecidas egualmente armas e senhas escriptas, que, em seguida eram trocadas, nas ruas, pelos emissarios conductores de explosivos.

Foram cerca de 700 as armas introduzidas em Portugal á ordem do Directorio e por elle distribuidas, n'um numero presumivelmente necessario para os grupos destinados ao assalto dos quarteis e que foram tão escassas, que grande parte do plano não teve execução integra devido á falta de armamento.

Ainda assim, o elemento popular, do bolso proprio, adquiriu armas para auxilio á proclamação da republica.

Na séde directorial se preparava Candido dos Reis, mettendo no bolso uma pistola automatica de calibre 6,35 e ainda um pequeno revolver hespanhol, destinado a outro official disposto a cooperar no movimento.

O velho official não tinha comtudo já o esperançado aspecto de antes.

Do caminho da rua da Esperança ao largo de S. Carlos, feito quasi meditativamente, nasceu decerto o convencimento de que arrojada e de responsabilidade fôra a intimativa cathegorica para a sedição.

Ouçamos o medico naval dr. Alexandre José Botelho de Vasconcellos e Sá: (*)

(*) O *Intransigente* de 5 de outubro de 1911.

«E d'ali a duas horas no Centro de S. Carlos, quando lá fui em busca de revolveres para armar a minha gente, o almirante já não era o mesmo: parecia outro homem, triste, pallido, com o olhar apagado, cheio de desalento, cheio de amargura. Tive a visão da catastrophe, porque o Almirante tinha no olhar o suicidio... E a sua voz vellada, parecia já um dobre longinquo de finados:

«— Doutor! Esta gente falta toda!...»

O medico naval, apertando-lhe a mão, para seguir ao seu destino no hospital de marinha, debalde o pretendeu convencer do contrario.

O almirante taciturno ficou e depois devagar enveredou para a rua da Estephania.

Entretanto os grupos iam-se formando.

Mais de 100 civis, se occultaram das 11 á meia noute na Praça da Alegria, para depois dispersar em parte para a Rotunda e em parte para a Graça, indo n'esta, José Augusto dos Santos, já envolvidos nos tumultos anti-dynasticos em 1908, e Antonio Pereira Cacho.

Outro grupo, dirigido pelo jornalista Francisco da Silva Passos, que transitára pelos carceres do forte de Caxias, pelo 28 de janeiro, acampava na Travessa da Sé, onde, entregando a senha do directorio, recebia as granadas de mãos necessarias ao seu nucleo.

Vel-o-hemos breve actuar na Avenida, dispersando um pelotão da guarda municipal.

Outro grupo, de Antonio Maldonado e Armando Porphirio Rodrigues, era, em grande parte avisado, pelo empregado da Casa Grandella, Saul Simões Serio, que, já de noute, ainda estava reunindo gente, fixando-lhe como local de reunião a feira de Agosto.

Destinavam-se ao assalto de artilharia 1.

Outro grupo, de cerca de 150 revolucionarios, sob a chefia de Alberto Emilio Meyrelles, se acobertava na casa 85 da rua de S. Felix, residencia do republicano Manuel de Sousa Carvalhinho, d'onde se destacava um nucleo, composto por Carlos de Araujo, Julio Francisco de Almeida, Francisco Vidal, Eu-

genio Vasques e Jayme Chester, que, armado de revolveres, foi ao Centro Republicano de Santa Izabel, buscar explosivos, não entregues, por distribuidos todos já.

Outros grupos rodeavam a «Boia», o celebre kiosque Elegante, de venda de jornaes e tabacos, propriedade do revolucionario Abilio Marques Raymundo, tio do adjunto da «Alta Venda» da carbonaria portugueza, Antonio Maria da Silva.

A «Boia», (*) que devera a alcunha ao antigo juiz de instrucção, conselheiro Francisco Maria da Veiga, com fundamento na assistencia constante de anarchistas, «amarrando ali,» tinha o seu deposito de projecteis e armas.

Em Algés aprestados se encontravam varios revolucionarios, por aviso pessoalmente levado ali, depois das 7 horas da noite, pelo medico dr. José Paulo Macedo Bragança, já envolvido na janeirada e no caso de Eduardo Antonio da Silva, o engraxador da rua Fernandes da Fonseca, que se disse justiçado pela carbonaria, mercê da denuncia de haver sido convidado para um golpe de audacia junto de D. Manuel II. (**)

Sete grupos de dez homens cada um, sob a direcção do livreiro Gomes de Carvalho, do ourives Antonio da Costa, (***)

(*) Esse centro de revolução popular, pelo proprio povo seria incendiado e destruido por completo no dia 10 de Junho de 1913, apoz o lançamento de uma bomba na Rua do Carmo, durante a passagem do cortejo a Camões e que bastantes victimas fez. Tidos os *Boias* como cumplices, o exaspero do povo justificou o excesso.—N. d'A.

(**) O assumpto está tratado a paginas 159 da nossa obra *O Começo de um Reinado* —N. d'A.

(***) Estes dois revolucionarios appareceram depois assim descriptos:

«Eu desafio o mais esperto a descobrir em Gomes de Carvalho o estofo d'um revolucionario. E' um homem baixo, pallido, de fala demorada e mansa, e ar de quem não quebra um prato e que tem na vida a preoccupação unica de fazer bem o seu negocio. Pois este livreiro, calmo e meticuloso, tem lá dentro uma alma que é preciso olhar com respeito. Foi um organisador incansavel, correu varias terras da provincia fundando nucleos revolucionarios, e desde o primeiro dia em que lhe falei até á hora do perigo, teve sempre o ar de quem arrisca a vida como se estivesse na loja a vender um livro. Juntos com elle, como sub chefe, estavam Antonio Ferreira e Delgado d'Assis, seus dignos companheiros.

«O outro, Antonio da Costa, é um d'estes homens que logo á primeira vista dá a impressão segura de que ha para elle uma coisa inteiramente desconhecida: o medo. N'elle a coragem não resulta de um esforço da vontade ou d'um enthusiasmo de momento. Desconfio mesmo que nem sabe que é valentissimo, como creio que nem se lembra como e porque se fez republicano. E' republicano, eis tudo, e se lhe disserem que é preciso marchar de frente

do carteiro Luiz da Silva, do alhandrense Fernando Barreto, do dr. Carlos Amaro, do medico Alvaro Bossa, José da Motta e do professor e escriptor dr. Luiz Camara Reys, auxiliados pelo

JOÃO CHAGAS

advogado Dias da Costa, Antonio Ferreira e Delgado de Assis e por Lucio dos Santos, se desenvolviam desde a meia noite,

---

para uma metralhadora ou para um regimento e fazer fogo, elle vae pachorrentamente, de cabeça erguida, sem pensar sequer que realisa um acto de heroica bravura. E' o homem d'acção para quem o sacrificio, a prisão, a morte, são coisas minimas que não vale a pena discutir.» — *A Capital* de 16 de Outubro de 1910.

para o ataque ás forças da guarda municipal do Cabeço de Bolla, desde o Arco do Marquez do Alegrete no inicio da rua da Mouraria, até ao fim do Largo do Intendente, pela rua do Bemformoso.

Incumbia ao que n'este local estava o ponto mais arriscado, por ser o primeiro a defrontar a tropa, que deveria atacar com o auxilio dos dois grupos seguintes.

Arriscados á lucta estiveram, mas a guarda, avisada, transviaria caminho e os carbonarios teriam de dispersar para a lucta, a serio, accendida n'outros pontos.

Da villa de Alhandra, veiu com um grupo de 5 revolucionarios, uma remessa de 20 pistolas e curiosa é a descripção de sua entrada na capital:

«A ordem foi-me dada de surpreza ás 4,20 da tarde e o comboio partia um quarto d'hora depois. Parti. Como senha levava um cartão azul, em forma de triangulo, que seria signal de reconhecimento entre mim e um individuo que me esperava na Estação do Rocio para partirmos juntos. Effectivamente o homem lá estava, encostado e abanando-se com um cartão igual. Entre nós trocou-se este dialogo:

« — Para onde vae?»

« — Para Alhandra.»

«Mostrámos mutuamente os cartões e seguimos. Pelo caminho combinámos coisas de secundario valor e que, portanto, escuso de relatar-lhe. Logo, porém, que chegámos á estação descemos e dirigimo-nos a uma tenda, com comidas e bebidas, onde fui apresentado ao dono do estabelecimento, um homem enorme e forte que immediatamente nos mandou subir.

«Aqui J. Jacintho — Que é este o nome do meu interlocutor — passou impressionadamente os dedos pelos olhos, com admiração, e agitou a cabeça, nervoso.

—«Alhandra estava revoltada, com pesar e com odio, devido á morte do dr. Miguel Bombarda, que contava ali muitas dedicações. Esse proprietario da tenda estava-o tambem. Quando lhe contámos, sentados sobre saccs de milho estendidos ao longo da sala, aquillo que lhe vinhamos pedir, foi d'uma acquiescencia immediata; disse-nos firmemente que sim.

— «E eram os homens, não?...

— «Mandou chamal-os. Antes que chegassem, porém, o estanqueiro dirigiu-se a um armario e tirou de lá duas bandeiras revolucionarias, dizendo: — «Já as aqui tinha promptas, ha muito. Mas não julguei que tão cedo viessem a servir!» E destraldou-as com as lagrimas nos olhos.

— «Pode dizer-se hoje que não é «adherente».

— «E' verdade! Os homens foram chegando depois, a um e um. Eram admiraveis typos ribatejanos, espadaudos e elasticos de movimento, promptos corajosamente a partirem. Um d'elles era coxo e dizia: «Eu sou aleijado, mas por mim não ha de a coisa ter mau fim!» Foram alguns a casa vestir o fato domingueiro para suggestionarem o povo que os visse. Outros ficaram. E além dos cinco appareceu um rapaz robusto que pediu para ser armado e partir tambem. Concedemos lhe o que pedia. Esses seis homens armaram-se, com rapidez, na minha frente. O coxo collocou as quatro pistolas na perna avariada: — «Aqui não me tocam elles, porque imaginam que é mazella da perna.»

«Deixámos que todos se armassem, e eu julguei opportuno repetir aos homens que era necessario ser sereno, ter criterio e desapego á vida. Que a lucta daria bons resultados para todos desde que fosse feita com persistencia e d'um modo prudente. Affirmaram que assim procederiam.

— «Vieram logo?

— «Viemos, mas a um e um, saindo pela porta que dá para uma horta.

— «Quem traria as vinte pistolas armazenadas?

— «Um de nós. Ao pontilhão empedrado que fica proximo da estação de Alhandra appareceu-nos a mulher d'um dos cinco carbonarios. Eu sentia a coragem que pode ter um homem que vê com alegria chegar-se o momento da lucta; sentia-a e orgulho-me d'isso. Mas aquella mulher de joelhos no meio do pontilhão, agarrada n'um choro convulso ao casaco do marido, rogando-lhe pelos filhos que não fosse, que voltasse para casa, confesso que não só me fez sentir um frio terrivel de piedade como por um instante me apagou toda a coragem e alegria. Foi como

um copo d'agua apanhado de subito sobre um momento feliz. Quasi me deslocou.

— « E o homem...

— « Pôde convencel-a e veio.

— « E ella?

— « Partiu. Mas ao deixar-nos, eu comprehendi bem o olhar resignado e firme que me botou. Foi como se tivesse dito: — «Elle ahi vae. Entrego-lh'o...»

— « E partiram...

— « Quando chegámos a Lisboa, metti os homens no meu quarto d'hotel e fui entregar as pistolas, já emmaçadas, ao deposito da rua do Crucifixo, onde estavam os restantes armamentos. Ficavam-me os homens para attender. Esperei a hora para os mandar para o seu local, que era... para os lados do Soccorro. Foram para lá á meia noite. Mas a lucta que mantive com elles para os convencer que o meu destino era outro, que os não podia capitanear, como queriam! Não calcula. Alguns nunca tinham vindo a Lisboa. Davam-me a impressão de creanças que tinham medo de se perderem, tão alheios estavam d'isto. Lá foram á meia noite, como lhe acabo de dizer. Mas mal eu pensaria, então, que em sendo duas horas os teria de novo á porta do quarto.

— « Fugidos?

— « Não bem assim. A policia encontrou-os juntos, de mãos nos bolsos, e principiou a desconfiar. Além d'isso, o signal que seria dado no Tejo, a uma hora combinada, não foi prompto como devia. Os homens estavam ali na minha frente, eu sem saber o que devia fazer-lhes, e, creia, a minha convicção de que tudo estava perdido augmentava a cada momento! Que teria acontecido? Não ouviria eu o signal? Era o que eu perguntava a mim proprio, mas sómente a mim; porque não quiz dar a esses homens uma só desconfiança da minha intranquilidade e amargura. Um terrivel bocado!... A's seis horas, já com o sol bem espalhado e na maior ignorancia do que tinha acontecido, mandei aquella gente á redação do «Mundo» receberem ordens. Não os vi mais até ao dia da implatação da Republica. N'essa grande manhã fui encontrar alguns d'elles no acampa-

raiuha D. Amelia e o rei D. Manuel saindo da egreja de Santa Maria-Corôada em Gibraltar, no domingo 9 de Outubro de 1910

mento da Avenida, corajosos e alegres. Soube por alguem que se tinham batido como leões. E soube, com verdadeira consolação, que nenhum d'elles ficou ferido. Desde então... Largaram para casa como quem veio aqui, com os fatos novos, fazer uma romaria ou uma feira d'anno.»

Um grupo enorme se reunia para actuar do Poço do Bispo aos Olivaes, exercendo ainda acção sobre Beirolas. Como chefe tinha o velho republicano Joaquim Lopes de Abreu Castello e como elementos offensivos, algumas bombas, e 10 revolveres levados do Centro de S. Carlos, por um dos filhos do revolucionario.

Nos centros escolares republicanos, novos grupos se formavam, para irem exercer os seus encargos junto aos regimentos, onde os vamos já vêr procedendo.

Assim o povo se conjugava, radiante e esperançado para o impulso tendente a derrubar a corôa.

Nas residencias dos rebeldes, scenas intimas se davam, impondo-se como verdadeiras heroicidades.

O revolucionario José Victorino, pelo sargento Flores era avisado, cerca das 6 horas da tarde, na sua officina de sapataria na rua dos Correeiros para a postos ter os do seu grupo, collocando-os no café Magina existente do largo do Regedor, por detraz do theatro D. Maria.

Antes, corria a casa e á esposa, sabedora do projecto, apenas lhe determinava que, preventivamente, se fornecesse de mantimentos caseiros.

Calcando emoções e fugindo aos seus rogos para mais explicações, ia passar o aviso aos revolucionarios, percorrendo a Mouraria, Calçada de Santo André e Alfama, onde com o chefe de grupo, Antonio Antunes, concertava a reunião para d'ahi a horas.

De volta a casa, caminho de Alcantara, a esposa de novo o interrogava.

— A revolução é para hoje. Ficas tu e os meus filhos. A maior pena que tenho é deixar-vos reduzidos á miséria. Mas emfim, hão de vingar-me! (*)

(*) Do relatorio inedito de José Victorino, de posse do autor d'esta obra. — N. d'A.

Ella, retorquiu-lhe ousada, como que evocando a figura altiva da padeira de Aljubarrota, ou a nobreza energica de Filippa de Vilhena:

— Pois vae, que até aqui os sustentastes tu; d'aqui para o futuro, se tu fores morto, sustental os hei eu!

A phrase historica, á Historia pertence, como synthese do estado de alma da mulher portugueza.

O revoltoso de novo foi cumprir a sua missão de aviso.

Do Centro Antonio José d'Almeida, onde o filho, creança

JOSÉ SIMÕES

(Chefe civil)

intemerata como elle, o esperava, trouxe munições de guerra.

Na rua da Bitesga, a policia, quiz detel-os, não sem que o filho de José Victorino assignalando-a, lembrasse o retrocesso para que presos não fôssem.

— Não tenhas medo que não morres!

— Não tenho.

Os agentes interceptaram-lhe o passo, ante as ousadas respostas ás suas perguntas.

Estava o revolucionario disposto a, sacrificando-se já, fazer

uso d'uma bomba que trazia, quando os policias lhe abriram caminho.

Voltou a casa, a deixar o filho mais velho, beijar os outros adormecidos, e ia para sair quando a esposa o susteve de novo.

— Eu vou comtigo!

— Não. Fica para os filhos!

— Pois vae e sê valente!

Elle correu a juntar-se aos do seu grupo, fortalecido por essas palavras de coragem.

Outros, como o revolucionario Americo de Oliveira, n'um soluço beijavam os filhos e de flôr ao peito, como para festa, avançaram até ao local onde a morte os podia colher.

Era a crença no ideal, a fazel-os abandonar o lar alegre, a familia, a vida de trabalho, para os acasos da lucta.

Mas, quantos d'entre todos elles, mezes passados, extinctas as derradeiras palavras de homenagem nos labios dos que com os seus heroismos lucravam, não iriam aos carceres, não iriam ao meio degredo, á ordem d'esse mesmo ideal que com tanta abnegação serviram, derramando o seu sangue!

Rudes sentenças do destino, designios altos da Providencia, talhando meios para justificar de condemnações!

A Providencia se guiou para bem os passos dos rebeldes, para que fructificasse a semente do promettido manancial de liberdades, não deixou sem regadio o terreno, para que ao seccar da perenne fonte germinasse logo, na alma dos enthusiastas, a flôr da desillusão, como symbolo de amargos transes e negra recompensa do largo arriscar de existencias...

III

O quartel general de S. Paulo. = A organisação do primeiro ministerio da republica = Contrariedades e desanimos.=A dispersão dos conjurados=De poiso em poiso.=O coupé 44.

A' hora em que tudo se conjugava para consummar, a de instante, aspiração popular, dava-se o promettido encontro na casa da Rua D. Estephania, entre o tenente Helder Ribeiro e o almirante Candido Reis.

Era a meia noite de 3 de Outubro.

Analysados os revolveres, houve commentarios sobre as cargas, que para outras armas eram destinadas, não servindo á do tenente.

O chefe militar da revolta, conseguiu carregar o seu revolver, sem que menção fizesse da pistola automatica, obtida no centro de S. Carlos.

Desceram depois, e encobrindo a emoção justificada com a placidez de passeantes, de automovel vieram até ao Aterro.

Era esse o local de embarque, d'onde partiria a missão destinada ao assalto dos navios.

A junta revolucionaria, impacientava-se a essa hora no quartel general improvisado: o estabelecimento de banhos sulphuricos, de S. Paulo, com séde na travessa do Carvalho, 23, por detraz da egreja de S. Paulo.

Para que bem definido ficasse o favoritismo do acaso, excepcional, esse ponto de onde deviam espalhar-se as ordens ener-

gicas d'uma revolução pacientemente trabalhada, constituia um erro de escolha : (*)

«O estabelecimento de banhos de S. Paulo era uma ratoeira onde uma policia habil teria feito uma optima caçada. Um chefe militar ou civil, um chefe verdadeiramente digno d'este nome, busca sempre appoiar-se na força para poder transmittir as suas ordens. Pode allegar-se que a marinha estava a dois passos, mas este argumento é phantastico, porque um navio revoltado, não tendo a sua lotação de officiaes tambem revoltada, só horas depois d'iniciado o movimento é que póde operar um desembarque. Infelizmente as coisas não se passaram como deviam, e n'este caso não é logico nem justo que um grupo de officiaes venha a soffrer uma injusta apreciação do seu procedimento quando tudo lhes indicava a perda da causa pela qual arriscaram as suas patentes.» (**)

Sorria a boa ventura aos sediciosos e se a phantasia da ratoeira, tinha fortes liames para deter os encarcerados voluntarios, aos agentes faltou o fio da habilidade para ali efficazmente os jungir.

O Futuro velava pela revolução e se embaraços lhes punha, era mais para tormento moral do que para physico castigo dos revoltosos.

O fim estava marcado e havia irrevogavelmente de se cumprir.

Os dirigentes revolucionarios, tinham reunião emprazada para o balneario de S. Paulo.

Constituiria elle o quartel general da revolução.

Chegava primeiro o dr. Francisco Eusebio Leão, secretario do Directorio.

Doente, febril, deixava-se cair n'uma «chaise-longue», collocada no 1.° andar, e ali aguardou os companheiros, que deviam reunir-se no pavimento inferior, de janellas gradeadas e offerecendo rapidas garantias de abandono pelas duas saidas que o auxiliavam.

(*) *A Revolução Portugueza*, por Machado Santos.—Pagina 75.

(**) Quando da publicação do relatorio no jornal *O Intransigente*, de 1911 o terminar da phrase era : «*arriscaram a vida.*» Na passagem a livro se deu a substituição. =N. d'A.

Outros conjurados foram chegados.

Do «Mundo» haviam saido em automovel, o dr. Affonso Costa, Alfredo Leal, João Chagas e Marinha de Campos, tomando tambem logar no vehiculo, na rua do Alecrim, o dr. Antonio José d'Almeida.

A' meia noite estavam ali Affonso Costa, Manuel Soares Guedes, José Antonio Simões Raposo, José Relvas, Alfredo Leal, Eusebio Leão, Arthur Marinha de Campos, Innocencio Joaquim Camacho Rodrigues, Antonio Maria Malva do Valle, José Barbosa, Antonio Maria da Silva, Antonio José d'Almeida, Manuel Duarte, João Chagas, Ricardo Durão, Joaquim Pessôa e Celestino Staffanina.

Versado, inicialmente, o conveniente serviço de communicações, via-se a necessidade de tomadia de novo automovel, missão logo confiada pelo dr. Affonso Costa ao proprietario da Empreza Liquidadora da Rua das Portas de Santo Antão.

Pela escusa de muitos conductores de automoveis, dizendo-os alugados, só obteve na rua do Amparo, um d'esses vehiculos, logo tomado e com o qual retrocedeu ao Balneario, mas sem que suspeitado fosse o fim do aluguer.

Foi em plena escuridão, que o corpo director do movimento, se occupou do elaborar da definitiva lista do governo provisorio, alterada pelas circumstancias.

Aguardando o começo da revolta com resultados problematicos, iam-se distribuindo cargos. Ganharam-nos vultos que, quasi em absoluto desconheciam os projectos, como os iriam usufruindo aquelles que, descuidosos, nem um só plano legislativo guardavam na sua bagagem de possiveis ministeriaveis.

D'ahi a admiração de alguns dos homens nomeados para compôr o primeiro ministerio da republica, saido das deliberações do Directorio Republicano, reformado no balneario de S. Paulo e proclamado depois como sanccionado pela revolta e pelo povo, combatendo sim, mas ignorando quem collocava nas cadeiras governamentaes...

Compensando, os escolhidos, em maioria, ignoravam tambem, a escolha feita na escuridão do balneario, entre a espera do tiroteio.

O dr. Theophilo Braga, no remanso do seu lar, escutou a trovoada de fuzilaria e o 5 de outubro, acolhia-o, em plena rua, a republica feita, com as acclamações a um presidente que, de principio, ignorou ser elle.

Fóra, em absoluto, dos bastidores da revolução, só a percebeu quando o rumor das granadas lhe assignalaram a veracidade de particulares e desconjunctas informações ouvidas na socegada

JOSÉ RELVAS

casa da Boa Viagem, onde nem sequer interrompeu a revisão das provas typographicas dos seus eruditos trabalhos litterarios, um dos volumes da «Renascença Portugueza».

A seu tempo veremos, pelo proprio, descriptas as surprezas predecessoras d'esse guindar á suprema magistratura de Portugal.

O dr. Bernardino Luiz Machado Guimarães, antigo monarchico e apoz apostolo fervoroso da democracia, tudo ignora-

va egualmente, aquietado no Minho, em Ancora, proximo a Caminha, de cuja villa telegraphava a pedir noticias do dr. Miguel Bombarda.

De abalada para a côrte, mais precipitada do que a viagem foi a revolta e a victoria, e a proclamação ia dar lhe jubilo na villa de Altmquer, onde a boa nova o colhia, com a do cargo em que fôra investido.

O coronel Antonio Xavier Correia Barreto, iam-no os revolucionarios buscar na manhã da victoria ganha, á poetica villa de Cintra, d'onde transitou surprezo para as cadeiras ministeriaes, para que esquecido ficasse do logar de confiança de director da fabrica da polvora, estabelecida no antigo convento de Chellas.

E' certo que, n'essa hora, á ventura, se julgavam no caminho de hypotheses, e embora a esperança lhes illuminasse os espiritos, o verme corroedor da intima descrença lhe cerceava a possibilidade de uma victoria, antes manifestando ensejos, ou vislumbres, de uma «janeirada».

Inicialmente formularam o voto da entrega da presidencia e interior, ao escriptor e erudito dr. Bazilio Telles; da pasta da justiça, ao dr. Miguel Bombarda, da guerra, ao coronel Correia Barreto, das obras publicas, ao dr. Antonio José d'Almeida, dos negocios estrangeiros, ao dr. Magalhães Lima, da marinha e colonias, ao almirante Carlos Candido dos Reis, das finanças, ao dr. Duarte Leite, este sempre apontado pelo dr. Bazilio Telles como alta capacidade para gerir esta pasta.

Substituido era ali o gabinete.

Disse-se que Bazilio Telles, embora combatente audaz da republica, não tinha o vigor do dr. Theophilo Braga, assiduo á propaganda.

Este, pela edade devia assumir a preponderancia suprema do governo, se bem que com o socego d'um dirigente sem encargos especiaes e a Bazilio Telles convinha a pasta da fazenda.

Era o erro primacial, sabido que o escriptor portuense se preparara para outra que lhe havia sido indicada, a pasta do interior.

Veremos no 5 de outubro com a recusa da que lhe distri-

buiram, as allegações d'aquelles que forjaram as iniciaes disenssões, nascidas logo ás primeiras horas da republica.

Assim, por proposta do dr. Affonso Costa, era confiada a presidencia ao dr. Theophilo Braga, e n'uma rapida transformação, dado o primeiro como substituto do fallecido Miguel Bombarda.

A alteração trazia justificaveis embaraços nascendo o affastamento do dr. Bazilio Telles da ajuda ao gabinete.

Por seu turno, a escolha do dr. Theophilo Braga trazia ainda posteriormente, o seguinte commentario: (*)

«Sua Intangibilidade o Soberano Senhor e Dono d'Isto Tudo gabou-se no seu discurso no Colyseu de ter inventado Theophilo Braga para a presidencia do Governo, nos banhos de S. Paulo. Não é caso para Theophilo lhe mandar a casa um casal de perús, mas se Sua Intangibilidade mettesse a mão na consciencia, haveria de confessar que não foi só esse o mau serviço que em S. Paulo prestou. Que em todo o caso não lhe tem negado os perús e as brôas.»

Convindo desdobrar pastas, para não deixar excluido o dr. Antonio José de Almeida, já que o dr. Affonso Costa, ingressava no gabinete, era-lhe entregue o ministerio do interior, facto que aliás desagradou aos proprios amigos do proposto.

Allegada uma intransigencia do dr. Magalhães Lima, em acceitar logares de governo, o dr. Affonso Costa, propunha para o trato dos negocios estrangeiros, o dr. Bernardino Luiz Machado Guimarães, que longe, não sonhava sequer haver obtido n'essa hora um cargo de destaque e de responsabilidade, tanto mais quanto fortemente a contrariara.

Esse facto seria ainda mais tarde (**) publicamente exposto; nascido de accirrada polemica:

«Escusa o sr. Bernardino de tergiversar. Nós dissemos publicamente que s. ex.ª contrariara sempre o movimento revolucionaria e por tal fórma que o «comité» revolucionario decidira occultar de s. ex.ª todos os trabalhos de preparação.

(*) *O Intransigente* de 26 de março de 1912
(**) *O Paiz* de 25 de julho de 1911.

«Nós dissemos que por aquelle motivo não estava s. ex.ª indicado para fazer parte do gabinete para o qual entrou pela morte de Bombarda e Candido dos Reis. Nós dissemos isto e appellamos para o testemunho do sr. Machado Santos que fazia parte do «comité».

«A resposta como os leitores já viram confirmou as nossas declarações. Escusa pois de s. ex.ª tergiversar. A Revolução nada deve ao sr. Bernardino. Nada, nada e nada.»

A substituição achou ainda reparos nos amigos do dr. Sebastião de Magalhães Lima, e na Maçonaria, salientando que a sua constante propaganda no estrangeiro tornava censuravel a exclusão.

O governo ficava pois assim:

Presidencia, sem pasta, o dr. Joaquim Theophilo Braga.

Interior — Dr. Antonio José d'Almeida.

Justiça — Dr. Affonso Augusto da Costa.

Finanças — Dr. Bazilio Telles.

Guerra — Coronel Antonio Xavier Correia Barreto.

Marinha — Vice-almirante Carlos Candido dos Reis.

Estrangeiros — Dr. Bernardino Luiz Machado Guimarães.

Obras Publicas — não indicado de principio, e collocado depois, o dr. Antonio Luiz Gomes.

Disse-se, posteriormente, que as pastas hsviam ficado distribuidas todas a quem depois as occupou, excepto as dos obras publicas e guerra.

O erro é patente, se virmos que o coronel Barreto foi logo de principio indicado e que a morte do almirante Reis, collocou ali, n'uma pressa que bem poderia ter trazido á pasta da marinha, o nome de Machado Santos, o do official da armada Amaro de Azevedo Gomes, que da propria democracia não era largamente conhecido...

Mais tarde, ás controversias, nasceriam allusões de que elle tivera até logar marcado nas reuniões de propaganda e de acção, e a algumas assistiu, embora não comparecesse ao posto que a Revolução lhe indicara.

Certo é porém que vestigios alguns se encontram em toda

a documentação revolucionaria, da comparencia ás assembléas parciaes ou magnas que precederam o movimento.

Mas ao seguir das discussões, assignalaremos os factos estranhos que as acompanharam.

Para commandante da 1.ª divisão militar, propunha se o general de brigada Antonio Carvalhal da Silveira Telles de Carvalho e das guardas municipaes, o velho conjurador, general Encarnação Ribeiro.

O primeiro como alguns dos ministros indicados, egualmente desconhecia a recordação que d'elle tiveram.

Commandante da brigada de cavallaria, recusára sempre a ingerencia em actos sediciosos, affirmando até que cumprira zelosamente os deveres do cargo de confiança em que fôra invertido.

Lembrado teve comtudo o seu nome, embora cousa alguma o justificasse, envolvendo uma suspeição ao seu lealissimo profissional, não desmentido se bem que, á hora da victoria, bem abocanhado fôsse.

Quanto ao general Ernesto da Encarnação Ribeiro, um dos organizadores do plano revolucionario, fôra citado por vezes pelo almirante Reis, não para o cargo onde o collocaram, mas para o de commandante de divisão.

Fallou-se em governador civil de Lisboa.

As vistas fixaram-se no dr. Eusebio Leão, doente e sem forças.

Ao dr. José Barbosa, era confiada a lista do governo provisorio e outras instrucções, documentos relidos varias vezes pelo portador, para que, no caso de se impôr a sua destruição, perdesse reconstruir todo o plano.

Se largo espaço se occupou com a distribuição dos cargos, de leve se versou a prioridade das medidas legislativas a apresentar.

A convenção apresentava como base, a que impunha o desterro e prescripção á familia de Bragança.

Urgia, desde logo banir esse espectro perturbador que era a realeza.

Foi essa a unica medida mais realçada no balneario de S. Paulo.

Depois davam-se as ultimas instrucções, procurando abafar os primeiros receios.

O aposento continuava em meias trevas, e esses homens, quasi sustinham a respiração, temerosos de que ella os não deixasse escutar o signal a dar pelos navios de guerra.

Ao bater da 1 hora, o alarme não se fez.

Seria novo fracasso? A bordo estaria descoberta a conjuração que arremessaria para as prisões os conjurados tremulos?

A partida era arriscada e a incerteza peor que todo o perigo.

Pelas janellas que deitavam para o Tejo, perscrutavam as sombras impenetraveis da noite.

O socego era para elles impressionante.

Lentos cominhavam os minutos.

A' 1 hora e 23, (*) compassados soaram os primeiros tiros.

Depois o terceiro, mais compassado.

O estado de alma não lhes fez destruinçar se partiam dos navios se de terra.

Comtudo, á pressa, febris, emquanto uns, de faces colladas ás frestas da casa balnearia, anciosamente esperavam a passagem dos marinheiros pelo Aterro, a caminho dos telegraphos e do quartel general que deviam ir tomar, outros deliberavam

Ainda em definitivo se resolveram lances graves.

Caso a revolta estivesse em actividade e a favor da democracia, Affonso Costa, José Relvas e João Chagas, aggregando a si o povo, iriam ao passo intimar a D. Manuel a abdicação.

Para essa missão se citou como escolhido, em logar de José Relvas, o dr. Antonio José d'Almeida.

Certo é porem que foi o primeiro um dos trez indicados commissionados ao paço real, e justifica a inanidade de outras indicações, o facto conhecido das rivalidades dos revolucionarios Affonso Costa e Antonio José d'Almeida, não assegurando possibilidades de união em qualquer acto deslocado do geral procedimento.

(*) Seguimos a hora indicada pelo dr. Eusebio Leão, em entrevista do *Seculo*, publicada em 27 de Outubro de 1910.

Confirma ainda essa escolha, o revolucionario João Chagas: (*)

«O movimento seria iniciado á 1 da madrugada, com uma salva de 31 tiros dada pelos navios de guerra fundeados no Tejo. O Directorio e os outros elementos da organisação escolheram para quartel general o estabelecimento de banhos do largo de S. Paulo, d'onde uma vez começada a revolta saíriam para Alcantara e ao encontro do monarcha, eu, José Relvas e Affonso Costa. Tencionavamos, n'essa altura, pegar em D. Manuel e mettel-o a bordo d'um navio.»

O dr. Eusebio Leão, indireitando ao palacio de Belem, ali deveria affirmar ao presidente Hermes da Fonseca, como secretario do Directorio do partido republicano e em nome do governo revolucionario, a absoluta garantia do respeito ao Brazil e ao seu chefe, e que a sua estada em Lisboa não fôra aproveitada para o acto de rebellião, de ha muito premeditado.

Comtudo, nem a armada dava signal de vida, nem o povo, affluindo ás ruas indicava qualquer acção insurgente.

Mas os tres tiros?

Longe de serenar com essa demonstração, os animos perturbaram-se.

Não era o signal de revolta.

Pedido de soccorro?

Mas então, a bordo desenrolavam-se scenas tragicas, onde os revoltados estariam já talvez em quadrado que os devia fusilar, ou os navios a afundar-se para que sepultassem nas ondas os rivaes d'essa monarchia esmagante?

O silencio fizera-se de novo.

Quando tudo era desanimos e retrahimentos, o dr. Affonso Costa, energico e impaciente, resolve ir até ao quartel de Alcantara, para obter noticias, animar, obstar, emfim, a que os revoltosos retrogradassem.

Para o acompanhar escolhe o conjurado Alfredo Leal.

— Se dentro de um quarto de hora não voltarmos, — disse ao partir — sigam o meu caminho outros exploradores.

(*) *A Capital* de 12 de Outubro de 1910.

O automovel poz-se em marcha, emquanto os passageiros, para que despercebida passasse ao conductor do vehiculo a sua manobra, trocavam em francez as impressões d'esse presumido mau passo.

Citado foi (*) ainda o nome do dr. Malva do Valle, como fazendo parte d'essa primeira acção exploradora, mas documentos ineditos (**) nos auctorisam a accentuar que ella apenas se realisou com o dr. Affonso Costa e Alfredo Leal.

Celestino Stephanina sahira igualmente, só, de automovel, para inspeccionar o succedido em Campolide.

Se os outros viram socego, elle assignalava a acção em fóco: o regimento de artilharia 1, collocando na rua as peças para a marcha sobre as Necessidades.

Satisfeito retrocedeu pelo Rato, Rua da Escola Polytechnica, S. Pedro de Alcantara, S. Roque, Alecrim, até ao balneario.

Achou disperso o quartel e elle proprio, a despeito das boas noticias, se reuniu aos grupos foragidos.

Entretanto, n'um desalento e desasocego crescentes, e decorrido o marcado praso, João Chagas e José Relvas, tomando um automovel seguiam o destino do dr. Affonso Costa e Alfredo Leal.

Deu-se (***) como fazendo parte d'esse acto de investigação o dr. Antonio José de Almeida.

Não o regista porém João Chagas, (****) no seu descrever da acção:

«Affonso Costa e Malva do Valle metteram-se n'um automovel e seguiram para Alcantara; eu e José Relvas tomámos d'ahi a pouco o mesmo destino. Como vê, os factos succediam-se por modo a fazer desesperar os mais optimistas. Nada ou quasi nada do que fôra combinado se produziu. E até o primeiro regimento a sair á rua era exactamente aquelle com que menos se contava.»

(*) *A Revolução Portugueza* — O 5 de Outubro — por J. de Abreu, pagina 128.

(**) De posse do auctor.—N. d'A.

(***) *A Revolução Portugueza*, de J. de Abreu.=Pagina 128.

(****) *A Capital* de 12 de Outubro de 1910.

No Aterro, um official de marinha, accusava o falhar do movimento.

A insurreição denunciada, tivera o prompto afogamento. Havia prevenções geraes.

A' indecisão e receio, do que se não sabia, succederia, por explicavel phenomeno, o anceio de perscrutar todo o mysterio d'essa noite de intentadas agitações.

Um grupo de revolucionarios cercava o quartel.

Dentro notára-se movimento, mas depressa serenara, comquanto as janellas illuminadas annunciassem vigilia dos seus habitantes.

Sabiam egualmente de tiros em Campolide, mas ignorando se significavam repressão ou insubordinação.

O automovel seguiu cauto, indo dar junto ao largo do Calvario com o regimento de infantaria 1, marchando sobre Alcantara, esse bairro revolucionario que na hora extrema parecia adormecido, n'uma paz absoluta.

Apenas novos grupos assignalavam um começo de rebellião no quartel de Alcantara, ao que teria correspondido, pelo seu socego de instante, uma rapida e summaria repressão.

Já com o desespero na alma, os dois pesquizadores, operaram o regresso ao balneario, onde iam levar a nova triste do insuccesso.

Perto, receberam aviso do seu abandono.

Ninguem lá estava já, evolados por uma porta deitando para o Aterro e desconhecida dos agentes.

Estes vigilantes, mais sabiamente vigiados, haviam sido descobertos e pelo telephone recebiam os conspiradores aviso de Soares Guedes do cerco do balneario.

Eram duas horas e meia da madrugada.

Em grupos fugiam os orientadores do movimento, ignorando aliás que ella appoiava solidamente os seus tentaculos, sorrindo ironica a essa deserção.

Assim, emquanto a policia cercava o quartel general dos dirigentes da revolta, já elles buscavam n'uma Varennes os preludios d'uma victoria para a causa.

João Chagas e o seu companheiro, esperados distantes do

edificio, recebiam aviso da perseguição dos agentes, e só socegavam ao conhecer que os revolucionarios haviam sahido do edificio por uma porta das trazeiras.

Emquanto o dr. José Barbosa, deixava uma caixa com balas, o dr. Eusebio Leão desprezava ali a bengala.

Tudo era de mais n'essa hora de salvamento.

O commissario naval Marinha de Campos, depunha até a espada, que esteve encerrada n'um cofre do estabelecimento de banhos até ao dia 5, em que a bordo do «S. Raphael» era entregue aquelle official, para substituir a enorme espada abandonada que elle cingia.

Fazia a entrega o director gerente do balneario, Joaquim Pessoa, que, em entrevista jornalistica, (*) não se esquivou a patentear claro os effeitos d'essa noite de receios.

Segundo elle, os tiros haviam sido seguidos, a breve trecho, do desapparecimento, por se considerar arriscada a residencia, dada como debaixo do alvo dos canhões, embaraço que, aliás devia estar previsto no acto da escolha...

A escapada effectuou se assim antes das 2 horas, sob o aspecto receoso.

Fez-se um principio de derrocada.

Desligou-se de instante o rancho de desilludidos, occultando-se de casa em casa, abrigando-se no deposito das aguas de Monte Banzão na Rua do Arco do Bandeira 136, apoz percorrer avidos o Rocio onde só presumidos realistas acampavam surprehendidos e enfadados.

De regresso iam encerrar-se no 3.º andar do predio 106 da rua da Esperança, emquanto alguns iam ainda rondar o estabelecimento de banhos de S. Paulo.

Os outros dirigentes, errantes andavam egualmente, esquecidos do plano heroico, onde á frente de cada grupo se collocaria um deputado republicano.

Celestino Steffanina, o engenheiro Antonio Maria da Silva e o dr. José Barbosa, encerravam-se no consultorio do ultimo na rua do Loreto, ao Chiado, depois de constatar que não fôra a

---

(*) *O Seculo* de 22 de Outubro de 1910.

marinha adherente quem tomára os telegraphos, mas sim a guarda municipal adversa: (*)

«Depois deu-se a dispersão do quartel general pela fórma já sabida e em virtude da impressão que a todos dominava de que a casa de banhos estava cercada e o movimento falhára por completo.

«Eu, Celestino Steffanina e o engenheiro Silva installámo-nos no meu escriptorio. A essa hora já havia correrias da municipal pelo Calhariz e Loreto, os soldados disparavam tiros para o ar e como d'ahi a pouco começassem a rebentar algumas bombas junto dos soldados, estes passaram a breve trecho a occupar as embocaduras das ruas. Vimos, n'essa occasião, um dos membros da junta de parochia de Santa Catharina, o sr. Tavares de Macedo, praticar actos de verdadeira loucura, expondo-se mais de uma vez a um fuzilamento inevitavel.

«A madrugada ia rompendo e continuavamos sem saber positivamente o que estava acontecendo na cidade.

«Eu conservava em meu poder os papeis com os nomes das pessoas que deviam constituir o governo provisorio e varias indicações, a cumprir logo que a republica fosse proclamada. Relemo-los até os fixarmos na memoria e preparámo-nos para os inutilizar logo que a policia invadisse a casa. A anciedade era enorme. De positivo sabiamos apenas que a guarda municipal cercára o telegrapho e não a marinha, como fôra deliberado ao adoptar-se o plano revolucionario.

«Na estação do Terreiro do Paço todos os empregados que faziam serviço na madrugada de 4 eram republicanos e deviam retardar a transmissão dos telegrammas officiaes. O engenheiro Silva conseguira, por meio de umas trocas, affastar n'esse momento os empregados que não tinham adherido ao *complot.*»

Comtudo, essa convicção de derrota não devia estar assente, pois o revolucionario Celestino Steffanina assignalára o acto energico da sahida para a rua das primeiras peças de artilharia 1.

(*) *A Capital* de 18 de Outudro de 1910.=Entrevista do dr. José Barbosa.

Assim o disse ainda o dr. José Barbosa: (*)

«Emquanto os organisadores do movimento se conservaram no quartel general de S. Paulo, Steffanina foi a diversos pontos colher informações seguras sobre o que se ia desenrolando na madrugada de 4, chegando a ir de uma das vezes a artilharia 1, quando esse regimento começava a pôr na rua as primeiras peças.»

Ainda o dr. José Barbosa, ao recolher-se pressuroso ao seu consultorio, registava o ataque de um grupo de homens á guarda municipal que guarnecia a Caixa Geral de Depositos.

Os combatentes anonymos, n'uma lição exemplar, mas não seguida, aos dirigentes que se iam occultando onde podiam, de frente se lançavam ao embate dos contrarios, forçando-os á fuga.

O dr. Antonio José de Almeida, com o revolucionario Antonio Pires de Carvalho, apparecia no quartel de marinheiros mais tarde, exercendo a missão humanitaria de conduzir em automovel ao hospital alguns d'aquelles que, desprezando a vida, se haviam embrenhado na lucta, cahindo martyres do ideal.

O primeiro buscaria depois egualmente o ignorado poiso do Hotel Central; onde tambem, como transição para o longiquo logar de Algés, se encontrava o dr. Affonso Costa.

Era o destino reunindo, na fuga, sob o mesmo tecto, os dois inimigos de sempre, para que se não podessem, de futuro exprobar procedimentos...

Alfredo Leal, com Affonso Costa, retrocedendo de Alcantara de passagem pelo balneario, tinham o encontro com o almirante Candido dos Reis, cujo exaspero patente descreveremos.

De automovel voltava com elle o primeiro, á Praça de Armas, annotava o apparente socego do bairro, acompanhava a casa o almirante e, só, regressava a casa de um irmão, em Santos.

D'ali tentou sahir depois, ao recrudescer do tiroteio.

Sua cunhada e seu irmão tirando-lhe a chave da porta, quizeram impedir-lhe o passo.

(*) *A Capital* de 18 de Outubro de 1910. = Entrevista do dr. José Barbosa.

O revolucionario correu ao quarto, na intenção de reunindo lençoes e descer pela janella.

Livre assim o caminho da porta, por preferido á arriscada sahida exterior, Alfredo Leal vinha para a rua, onde o encontro com um automovel onde ia o irmão de Innocencio Camacho Rodrigues, lhe facultou nova reunião com outros conjurados no escriptorio das Aguas de Banzão na Rua do Arco do Bandeira.

Por seu turno, de novo irrequieto, e vendo seguir o almirante, Affonso Costa, procura um meio de locomoção, para outra vez verificar o aspecto dos marinheiros.

Apoz trabalhos largos, infindo tempo, no decurso dos quaes encontrava o dr. Malva do Valle, appareceu um velho trem de praça, o n.° 44, tornado celebre.

Marcha o vehiculo, arrastando-se pelo mau calçado das ruas.

Antes de chegar á Praça de Armas é detido, communicando-se-lhe a ordem de não poder seguir.

Eram forças monarchicas.

Retrocedeu e tentou seguir pelo Aterro.

Proximo ao quartel dos marinheiros é de novo assaltado.

— Alto! Quem vive?!...

O cocheiro, desprevenido, se vacilla um instante, breve se julga salvo, com uma phrase:

— Monarchia!

Clamando exaltado, o grupo rodeia o trem, emquanto o cocheiro, tremulo, vendo o prejudicial da palavra, exclama:

— Viva a Republica!

Duvida o dr. Affonso Costa da orientação dos que o cercavam.

Não lhe recorda o citar da senha revolucionaria.

Apenas ordena excitado, o regresso.

Entre invectivas retrocede o trem.

A' fuga seguiu-se uma descarga.

Um dos cavallos, fraqueja ferido, arrastando-se o vehiculo até ao principio do Aterro, onde o animal attingido, cae.

O trem, analysado, dá os vestigios de varias balas.

Providencial automovel reconduzia na peregrinação até ao Hotel Central, os dois conjurados.

O echo d'esse caso, não reproduzido em nenhum dos auctores portuguezes de livros sobre a revolução, que consultamos, e apenas citado (*) por um dos protogonistas, o dr. Malva do Valle, a Hespanha porem chegava, historiando-o assim os escriptores do visinho reino, Antonio de La Villa e Augusto Vivero:

«Candido dos Reis, que ha salido con Leal, cree fracasado el movimiento. Alfonso Costa, espoleado por la impaciencia, resuelve ir al cuartel de Alcantara. Un coche de punto, el numero 44, le llevará. «Si dentro de un cuarto de hora no he vuelto — dice al partir — que sigan mi camiño otros exploradores.» Arranca el vehiculo; pero, antes de llegar á la plaza de Armas, una patrulla realista le cierra el paso No se puede seguir.

«Costa, con energico mandato, desvia al carruage por otro camiño y le hace seguir hacia el Aterro,, ya se vê el cuartel de marineros, ya se llega. De improviso, un grupo aparece en la sombra, y resuena imperioso *alto!* — *Quien vive?* pregunta la mismo voz. El cochero vacila; enmudece, no sabiendo con quien se las ha, y, al fin, todo empavorizado, responde:

« — Monarquia!

«En mala hora se le ha ocurrido, pues le enfilan los fusiles y se alzan voces amenazadoras.

« — Entonces, — murmura temblorosamente — viva la Republica!»

«Alfonso Costa cree habérselas con enemigos y desde el interior del coche le ordena volver en redondo. Entre juramentos y latigazos gira el vehiculo; mas aun no se ha puesto en marcha cuando retumba violenta descarga. La yegua, herida de dos balazos, galopa freneticamente y va á caer á la entrada del Aterro. El auriga, que ha recibido un balazo en una de sus botas, se precipita del pescante y huye tan celerosamente, que, sin poner las manos en ella, transpone de um brinco la cancella ferroviaria. Y Alfonso Costa? Herido? Muerto? Es casi seguro.

«Cinco projectiles han preforado la techumbre del coche, dos horadaron la portezuela izquierda y han roto las critales de ambas, uno agujeréo el guardebarras, tres atravesaron el vehi-

---

(*) *A Capital* de 26 de Outubro de 1910.

culo de atrás adelante, dos rompéeron una de lans linternas. Mas, por milagros azar, ninguno de los proyectiles ha alcançado al gran revolucionario, que abre tranquilamente la portcrjuela y sigue a pie en busca de sus amigos, sin revelar haber sido tiroteado por los marinos, que acaban de sublevar-se contra la monarchia y que, á su vez, tambien le supusieron enemigo.» (*)

Passou o desconjuntado *coupé* 44, a ser alvo da admiração de uns e ironias de outros.

Preferido por muitos para os seus passeios, como desejo de os fazer em trem historico, proposta chegou a ser a sua acquisição para o museu, dando se até como tendo «mais direito do que alguns que lá estão, entre os quaes um que apenas fez serviço a Carlota Joaquina.» (**)

A despeito d'isso, a ironia teve maior força, vencendo a do proprio dono do trem, ambicionando o arranjo de excellente negocio e em nada ficou a ideia de uma subscripção a 20 réis por pessoa.

Contente ficou na chrisma de *reliquia da revolução*, que breve se apagou ante a mordacidade da critica, em que os proprios auxiliares do movimento tinham ingerencia directa.

Como pormenor ainda d'essas aventuras nocturnas e matutinas se dera o disfarce do dr. Affonso Costa, envergando uma farda de official de marinha, para que despercebido passasse á vigilancia policial, aliás descuidosa e atrophiada pelas bombas que de instante a instante lhe tolhiam o passo.

A livro (***) isso ia, como successo certo:

«...quando o almirante Candido Reis se suicidava, executando-se pelo crime de haver arremessado para a rua uma revolução que suppunha mallograda; quando os grandes tribunos os grandes agitadores da Republica se eclypsavam; quando o dr. Affonso Costa, disfarçado em official de marinha, ia obser-

---

(*) «Como cae um trono» = La Revolucion en Portugal. — por Augusto Vivero e Antonio de la Villa.=Pagina 116.

(**) «A Capital» = Outubro de 1910.

(***) Do «Desafio á debandada». = Lisboa-1912 — 2.° volume – Pagina 269.

var, sobresaltado, a desorganisação lamentavel em que liquidára o plano conspirador; o commissario naval Marinha de Campos, propunha ao revolucionario João Chagas o reunirem-se ambos aos que áquella hora combatiam.»

Não tem extranhavel acolhimento a citação, se attendermos a que no 28 de Janeiro de 1908, o advogado recorrera a identico disfarce:

«Na noite de 27, os conspiradores receberam n'uma casa da rua do Desterro uma carta anonyma, prevenindo-os de que se não abandonassem immediatamente o edificio seriam denunciados á policia. A carta era evidentemente de um visinho medroso... Affonso Costa manda alugar outra casa na rua de S. Julião, n.º 32 e, vestindo a farda de Marinha de Campos, percorre varias ruas da cidade, e entra em diversos portaes, sem que a policia dê por tal.» (*)

Voltemos agora aos outros dispersos chefes de revolta.

José Relvas e o dr. Eusebio Leão, peregrinavam nas ruas, indecisos sobre o menos perigoso poiso.

De interesse é a descripção d'esse momento de angustiado transe, feita pelo primeiro governador civil da Republica, o dr. Francisco Eusebio Lourenço Leão: (**)

«Assim chegámos ao largo das Duas Egrejas, onde parámos para resolver para onde haviamos de ir, visto que a policia se nos encontrasse na rua nos prenderia. Hesitavamos entre o hotel Borges, onde eu tenho amigos, o hotel de l'Europe, onde costuma hospedar se José Relvas, e o meu escriptorio.

«Para entrar para o consultorio era difficil, pois seria preciso chamar o guarda nocturno. Se não fosse isso seria o melhor logar. Notámos, porém, que por um acaso feliz a porta estava aberta e o guarda nocturno se entretinha a uma certa distancia a conversar com uma mulher. Enfiámos, pois, para a escada, abrindo eu rapidamente a porta do consultorio. Pouco depois José Relvas saiu para saber noticias ao «Seculo» e ao «Mundo» e eu fiquei para lhe poder abrir a porta rapidamente. Quando

---

(*) A «Revolução Portugueza, por Jorge de Abreu = Pagina 3 .
(**) *O Seculo* de 28 de Outubro de 1910.

voltou trazia noticias desanimadoras, verificando nós que o plano se não executava.

«De madrugada passaram pelo Chiado regimentos de infantaria e cavallaria, havendo pequenos intervallos de tempo d'uns para os outros. Eram dos regimentos com que nós contavamos. Porém, iam tão disciplinados, e com todos os officiaes, que logo

LUZ D'ALMEIDA

(Grão-mestre da Carbonaria Portugueza)

comprehendemos que eram contra nós. Vendo que o plano falhava e receando compromissos para outras pessoas, queimámos n'essa occasião os papeis comprometedores que tinhamos comnosco.

«A's 6 horas da manhã fomos para o hotel de l'Europe. Ahi

encontramos Carvalho Neves, um brazileiro nosso conhecido, em cujo quarto nos installámos. Démos ordem a um criado para que não deixasse entrar ninguem que não perguntasse por Carvalho Neves.

«N'esse hotel appareceu nos depois José Barbosa, que tambem era conhecido de Carvalho Neves, e Celestino Steffanina. N'essa altura as noticias que tinhamos eram estas: que só artilharia 1 e parte de infantaria 16 é que tinham entrado em combate pela Republica e que dos navios ninguem havia desembarcado. Julgámos, pois, a revolução mallograda, mas eu fui de opinião que nos não retirassemos, esperando até ao fim, para soffrermos, se o fossemos, a sorte dos vencidos.»

Foi o quarto n.º 17 esse esconderijo onde ninguem sonhou a existencia de conspiradores. Era o alojamento habitual do democrata Carvalho Neves, que em 1891, lançara á publicidade em Cantanhede, o primeiro numero de um jornal «A Liberdade Popular», que até ao seu ultimo n.º o 16, trazia ao director de 18 annos, 4 processos de imprensa, com prisão e multa.

Emigrou para o Brasil, para regressar nos fins d'esse anno de 1910, e reentrando em Lisboa, fim de assistir ás festas populares dedicadas ao marechal Hermes e por elle alvitradas ao «Mundo».

Como se n'elle entrevissem já um salvador de horas depois, os democratas o apresentavam na tarde de 3 ao presidente Hermes, que o convidava até para visita ao palacio de Cattete:

— Vá fallar comigo, vá; já sabe que lá não ha ceremonias.

A revolução surprehendia-o, facultando-lhe ensejo de dar asylo, aos membros do directorio, dr. Eusebio Leão, José Barbosa e José Relvas e ao deputado José Maria de Moura Barata Feio Terenas, que egualmente abandonou n'essa manhã de indecisões, forçando a que nenhum papel desempenhasse em Lisboa e apenas levar a Coimbra e Figueira da Foz, onde chegava na tarde de 4 a palavra animadora de uma victoria provavel.

Comtudo bem sabia elle a isolada situação dos dirigentes da revolta, conhecendo dubiamente a heroicidade de outros, como Machado Santos, ficando altivo ante a fuga de outros officiaes.

Vejamos os outros eclypsados do balneario.

Marinha de Campos propunha a João Chagas a acção efficaz.

Se não podiam dirigir, podiam combater, vingar perseguições.

Propunha pois a marcha até á Rotunda.

João Chagas retrocedia.

— Para que me prendam? Não darei dez passos na rua sem que um policia me agarre pelo braço e me conduza ao governo civil. Dir-se-hia depois que me faço prender systhematicamente na hora do perigo, para não compartilhar dos riscos dos que se expõem ás eventualidades da lucta...

O pamphletario ia assim acolher-se na séde da Empresa de Aguas de Banzão, onde breve se lhe reuniram os outros revolucionarios, indo e vindo, demonstrando o livre transito, n'um exemplo forte aos foragidos, cuja attitude foi descripta assim no livro de dois republicanos hespanhoes:

«Leão e Relvas seguem a sua peregrinação perigosissima, expondo-se a morte certa, ou a prisão. Em toda a parte a mesma falta de noticias. Os grupos revolucionarios desconhecem a situação exacta do movimento. Nada lhes disseram Steffanina, Antonio José de Almeida, João Chagas, Affonso Costa, que iam passando successivamente. Irresolutos, temendo o total fracasso do conjura, Relvas e Leão, decidem acolher-se ao consultorio do ultimo, mas detem-nos grave preoccupação. Como entrar áquellas horas? Recorrer ao guarda-nocturno era expor-se a ser denunciado á policia, que os deve procurar, pressurosa. Felizmente a porta está aberta de par em par e o guarda, a curta distancia, conversa com uma humilde peccadora. Entram rapidamente, sem ser vistos; mas é tanta a sua impaciencia por saber noticias, que Relvas se abalança a ir procural-as ao «Mundo», expondo-se outra vez a seguro fuzilamento, se as forças leaes o prendem. Ahi sabe que Affonso Costa percorreu a cidade em automovel, dirigindo a acção dos populares e que necessitou deitar mão ao revolver para conter um policia que o pensava deter. O «Mundo» está cheio de gente. A cada momento entram correlegionarios com noticias, exactas umas, falsas outras, que se

commentam e discutem, e vão para a typographia, porque o jornal ha de sahir para levar alentes a todos os que luctam e encorajar os irresolutos. Relvas averigua que os populares estão em acção constante e que já houvera lucta em varios sitios, que João Chagas e Antonio José de Almeida, vão de rua em rua, ateando o fogo revolucionario; que Brito Camacho os imita, arriscando-se como elles, a morte certa, n'uma atrevidissima peregrinação por entre policias e soldados da guarda municipal. Porém, em recurso, o que se sabe? Em resumo, apenas que infantaria 16 e artilharia 1, se sublevaram. Apenas a revolução estava em começo. Relvas vae contar a Leão as desoladoras noticias e em breve, como sinistra confirmação, passam pelo Chiado um regimento de infantaria e outro de cavallaria. Levam a officialidade á frente, e tão silenciosa e ordenada é a sua marcha, que bem se comprehende, serem forças leaes. E, sem embargo, os dois regimentos estavam compromettidos para a sublevação! Sem esperanças, certos do desastre, Relvas e Leão, destroem os papeis compromettedores, e resolvidos a soffrer a sorte dos vencidos, vão ao hotel Europa e installam-se nos quartos de Carvalho Neves. Ali apparecem pouco depois, Steffanina e Barbosa. Este que conservava a lista dos eleitos para os altos cargos da Republica, depois de a fixar na memoria lançou fogo aos documentos.»

Ver-se-hia uma ironia dos auctores do «Como cae um trono», nos trecho de pagina 121, se os escriptores não fossem republicanos.

O facto de aguardar a sorte de vencidos, occultos em aposentos de hotel pertecentes a outrem, se constituia desesperança, não conduzia indubitavelmente a um aguardar paciente de um Golgotha...

Em Portugal, Machado Santos dizia mais em ligeiras linhas: (*)

«Quanto ao quartel general de S. Paulo só servia para os generaes revolucionarios tomarem semi-cupios. Foi uma magnifica

(*) «A Revolução Portugueza» — Relatorio de Machado Santos — Pagina 95.

descoberta para nenhum dos generaes comparecer na Rotunda.»

Nos jornaes republicanos, onde outros dirigentes se encontravam, celeuma egualmente havia.

Na redacção do «Mundo», havia a essa hora enthusiasmo, conhecidos já os pormenores de infantaria 16 e artilharia 1.

D'ali se destacou para a reportagem, Hermano das Neves e Augusto Rato, retrocedendo ao periodico ante o perigoso da permanencia nas ruas.

Manobrando, o director do «Mundo» Antonio França Borges, tomava apontamentos, consultando uma carta topographica de Lisboa, onde procurava reconstituir a marcha da columna e as contrariedades ou regalias que se lhe poderiam apresentar.

Deixando o dr. Affonso Costa, depois de novo encontro onde era dado o aviso do cerco do balneario e para este transmittido, Manuel Soares Guedes, ia á redacção da «Lucta» levar desanimos.

O dr. Manuel de Brito Camacho, director do jornal, longe de perigos, estava esperando os acontecimentos.

O apparecimento do proprietario de fragatas, pallido e soluçante, lastimando que aos 61 annos ainda em aventureiros lances revolucionarios estivesse envolvido, deu a nota alarmante de um insuccesso, com consequencias terriveis:

«Estavamos nós aqui aguardando os acontecimentos, quando Soares Guedes, nos appareceu pallido, transtornado, chorando como uma creança. Eram quasi tres horas da manhã.

« — Que é isso, Soares Guedes?

« — Está tudo perdido!

«Ao Soares Guedes fôra commettido um papel de valor no movimento revolucionario, e elle só abandonou o seu posto, para vir ter comnosco, quando adquiriu o convencimento de que, na verdade, tudo estava perdido

«E assim elle chorava, não pelo receio do que pudesse vir a succeder-lhe, mas porque via desfeito para sempre, o seu sonho, porque sentia a impossibilidade de ver renovada uma semelhante tentativa em seus dias, e não se resignava a morrer sem que

fosse proclamada a Republica. N'isto, chamam-nos pelo telephone, a uma conferencia em casa do dr. Augusto de Vasconcellos. Dissémos ao Soares Guedes que cobrasse alento, pois nada estava perdido, e fosse para casa esperar os acontecimentos. Ao chegarmos a casa do dr. Augusto de Vasconcellos, foi-nos repetido o que nos dissera Soares Guedes — *Tudo perdido; a Casa dos Banhos cercada, porventura os nossos amigos já presos, e as tropas fieis obedientes ao seu commando. Tudo perdido.* Affirmámos que era necessario esperar e voltámos para aqui, onde já não encontrámos o Soares Guedes.» (*)

Dado foi o facto como tendo succedido n'outro local:

«No Hotel Central, acampamento agora dos dirigentes revolucionarios, entra o director da «Lucta», dr. Brito Camacho.

«O dr. Affonso Costa, dirige-se-lhe:

« — Está tudo perdido! Que havemos de fazer?

« — Esperar! redarguiu sereno o antigo deputado » (**)

A entrevista comtudo, effectuou-se na residencia do dr. Augusto Cesar de Almeida Vasconcellos Correia, no pateo do Lencastre n.º 5, á Travessa de Santa Catharina, isto é, a curta distancia da redacção da «Lucta», com séde, n'essa epocha, na Rua Anchieta, n.º 5, 2.º

Na entrevista em casa do dr. Augusto de Vasconcellos, pouco depois das 3 horas da madrugada, reproduzia-se o anceio e o temor da situação.

O dr. Affonso Costa que até lá deitára, a custo, referia toda a scena do balneario e a origem da fuga, ou fosse o cerco ao estabelecimento de banhos.

A causa mais uma vez falhára, estando perdido o trabalho rebellionario.

Teve para o director da «Lucta» a interrogação:

— Que havemos de fazer!

O dr. Brito Camacho, retorquia:

— Ha que esperar!...

(*) «A Lucta» de 23 de Abril de 1913.

(**) Como se implantou a Republica em Portugal = (Notas de um revolucionario) Lisboa-1910=Pagina 17.

Sahindo, emquanto o dr. Affonso Costa ficava, para de manhã seguir para Algés, como melhor refugio, o jornalista voltava á redacção.

Soares Guedes, desesperançado, fôra occultar-se em casa, no Caes da Viscondessa, crente de que jámais veria a Republica em Portugal.

Proxima estava porem a sua victoria.

O revolucionario é que sómente por tres incompletos annos com ella rejubilaria, por baixar á terra (*) consummidora do corpo, emquanto a alma, presenciaria, quem sabe se desolada, largos erros no ideal sonhado...

Como epitaphio teria dois trechos da «Lucta»: (**)

«N'outro logar vae o relato do que foi o enterro de Soares Guedes, um velho combatente republicano, subitamente victimado por uma congestão, salvo erro de diagnostico.

«O partido evolucionista, por isso mesmo que se trata de um republicano de velha data, dos que primeiro se affirmaram intransigentes com o extincto regimen, e sempre serviu a sua causa com a maior dedicação e o mais alevantado espirito de sacrificio, entendeu que davia prestar-lhe homenagem, não só acompanhando o seu cadaver até ao cemiterio, mas ainda pronunciando ali palavras de saudade, repassadas de magua.

«Queremos deixar aqui expresso o nosso agradecimento por tamanha gentileza, que fundamente nos tocou, e procedendo assim interpretamos o pensar e o sentir de todos os membros da União Republicana, em que Soares Guedes estava filiado.

. . . .

«Certo é que Soares Guedes logrou a felicidade de vêr a Republica, mas logrou-a por pouco tempo, morto subitamente no meio das luctas em que andava para a sua consolidação.

«Pobre amigo! Desditoso camarada!»

Mais tarde, (***) em sessão da camara municipal de Lisboa,

(*) Fallecia em 20 de Abril de 1913, na villa do Barreiro.
(**) «A Lucta» de 23 de Abril de 1913.
(***) 24 de Julho de 1913.

era approvada uma proposta do vereador Ricardo Covões, antigo revolucionario, para que a uma rua existente nas terras do Monte, e que começando na rua da Bombarda seguia á Damasceno Monteiro, fosse dado o nome de Manuel Soares Guedes.

Devemos voltar porém aos successos d'essa madrugada de duvidas e de receios, de perigos e de dedicações.

Na redacção da «Lucta», de novo expozeram ao dr. Brito Camacho, o estado desalentado em que Soares Guedes abandonava o jornal.

O jornalista egualmente se convenceu da derrocada, e para que a coberto ficasse como ignorante de tudo, tracejava uma noticia de simulada surpreza ante acontecimentos inesperados...

Era o complemento da deserção.

Os cabecilhas não existiam, proclamando para a ausencia nos logares de risco, uma pretensa catastrophe.

Comtudo, alem, no ponto inverso a todo o percorrido caminho, combatia-se heroica e audazmente pela Republica.

O tiroteio não podia causar illusões.

Ao sul e ao poente havia a visão da derrota, mas ao norte, com o ganhar das primeiras victorias, surgia o sonho dos vencedores.

IV

No Caes do Gaz.=O grupo do almirante Candido dos Reis.=A mallograda tentativa de embarque.=O emissario mysterioso.—Errado aviso. = A dispersão do grupo. = Encontro de conjurados.=A desillusão do almirante Candido dos Reis.

ntretanto no Aterro, no Caes do Gaz, novas desillusões se davam.

Chegara a hora do embarque dos 10 officiaes conjurados, visando a effectuar a rebellião a bordo dos navios, auxiliar o desembarque da marinha junto á Rocha de Conde de Obidos, de onde marchariam sobre Alcantara, Rocio ou Rotunda, segundo o ponto que, a essa hora, de maior appoio necessitasse.

Em primeiro logar, apparecia o 1.º tenente da armada José Botelho de Carvalho Araujo.

Successivamente vieram, o capitão de fragata Fontes Pereira de Mello, os 2.ºs tenentes de marinha, José Joaquim Marques da Silva Araujo, Francisco de Aragão e Mello, Monteiro Guimarães, Sousa Junior e Assis Ferreira, que se reuniram ao almirante Reis e ao tenente de caçadores Helder Ribeiro.

Do elemento civil, ninguem, do *Chire* nem signal.

O tenente Carvalho Araujo, dirigindo-se a uns maritimos alli apparecidos de repente, julgou-os dos seus e dirigiu-lhes a senha:

— *Mandou-me procurar?*

Em vez da contra-senha *Passe cidadão*, apenas uma negativa de surpreza.

Nasceram suspeitas de traição.

A esperança ainda não abandonara os conspiradores.

Os tenentes Carvalho Araujo e Sousa Junior, foram em busca do *Chire*, convencionado para o embarque.

Distante o avistavam de caldeiras apagadas, sem apresto para o movimento, que desconhecia.

Os dois conjurados, verificaram o facto, em rapida inspecção.

Fôra esse o barco que devia estar preparado por Soares Guedes e Joaquim Pessoa.

Comtudo, por um notavel convencionalismo, abafando a propria certeza, disseram-se equivocados no nome do navio.

Em vez do *Chire*, devia ser o *Dinorah*, que já pela *janeirada* de 1908 estivera para receber João Franco a bordo, como ponto transitorio para um vaso de guerra.

Enveredaram pois até ao *Dinorah* e mal o almirante Reis, já pallido e irritado, com os tenentes Araujo, Helder Ribeiro e Monteiro Guimarães, punham pé no vapor, o mestre, jugando os simples passageiros, elucidava:

« — Saberão vossorias que o vapor não está navegavel!

O almirante Reis, estacou, ficando como que anniquilado.

Breve foi essa perturbação.

Ordenava ao tenente Monteiro Guimarães, a verificação do estado descripto.

Era certo: o *Dinorah* não tinha pressão sufficiente para navegar, o que só se conseguiria, esperando.

Os obstaculos surgiam assim, passo a passo, impedindo o embarque, levando o Desespero, era o Destino encaminhando o chefe militar da revolta para o campo dos vencidos, attrahindo-o para a morte, por suas proprias mãos.

Candido Reis, mandava como emissario o tenente Carvalho Araujo chamar os outros conjurados, que se haviam affastado ante a concentração de forças não adherentes.

Ignorando esse facto e que Carvalho Araujo, os andava procurando, de seguida delegava identico encargo no tenente Monteiro Guimarães.

Reuniram-se ambos no executar da missão.

Dirigiam se ao barco appressados, demais tendo ouvido as salvas que, por serem de nove tiros foram julgados das forças fieis.

A guarda fiscal tomava posições.

O governo principiava a manobrar, pensavam.

A serenidade começava a fracassar.

Entretanto o capitão do *Chire*, Casimiro José Sabido, ia bater á porta do beliche do do *Dinorah*, Joaquim José Rodrigo, e participando-lhe que a revolução rebentára, assignalou-lhe a comparencia de alguns officiaes desejosos de embarcarem, com destino ao cruzador *S. Raphael.*

Vestindo-se á pressa, corria á coberta onde se lhe deparou o almirante Reis, que o interrogou;

— Pode levar-nos a bordo do *S. Raphael*!

— Que horas são?

— Deve ser hora e meia.

— Não sei se tenho pressão sufficiente para navegar. Como só deviamos partir ás 4 horas da madrugada...

Insistindo Candido dos Reis pela verificação, o commandante do *Dinorah*, descia á casa das machinas, obtendo do 2.° machinista a resposta de que estando ausente o 1.° machinista, tomava a responsabilidade do serviço, aprestando aliás o barco a sahir antes de um quarto de hora.

Joaquim Rodrigo, declarava ainda o encargo, e determinando os preparos para a partida, mandava começar a faina pelos maritimos.

A nova de revolta, amedrontou alguns, que, entrevendo peripecias difficeis, manifestaram vontade de fallar ás familias.

Houve a recusa terminante.

Ao perigo da divulgação, reunia-se o tempo perdido nas idas e vindas.

O almirante, nervoso, impaciente, assistia a esses preliminares.

Só socegou quando o capitão do *Dinorah*, lhe disse que tudo estava a postos.

Então, n'um gesto largo e precipitado, despojou-se do so-

bretudo negro sob que occultava a farda e atirou-o ao chão, com o chapeu de coco. Depois collocou na cabeça, o bonet de official de marinha.

Surprehendido escutára os unicos tres tiros de bordo e apenas os 9, que se pensou logo disparados de artilharia 1.

O desalento começou.

Porém o *Dinorah* estava já em estado de seguir, bastando-lhe desamarrar o ultimo cabo.

N'essa altura, appareceu offegante um informador desconhecido: (*)

«Candido dos Reis, depois da 1 da noite, dirigia-se á muralha do Gaz, e, com um grupo de officiaes de marinha, procurava o capitão do vapor «Dinorah» para que os conduzisse a bordo do «S. Raphael». Em dez minutos poderiam largar, informou o capitão. O almirante, que vestia sobretudo e chapeu de côco, despiu o sobretudo, substituiu o chapeu pelo bonet do uniforme e ficou devidamente fardado. Já tudo se preparava quando um individuo appareceu na muralha a dizer offegantemente;

—«Meu almirante... está tudo *furado*... Infantaria 16 está a fuzilar o povo, que tentou assaltar o quartel. Os signaes estão todos trocados...

—«Não póde ser! Os signaes estão certos...

—«Estão trocados, meu almirante, insistiu o individuo de chapeu de palha. E' inutil fazer mais sacrificios... Não vale a pena, está tudo perdido...

«Candido dos Reis, desembainhou meia espada, n'um gesto de desespero e disse:

—«Tudo perdido! Já não ha homens capazes de salvar este paiz! exclamou o heroico official.

«Vestiu novamente o sobretudo e poz o chapeu de côco, saltando em terra.»

Esse emissario desconhecido, só proclamado «o homem do chapeu de palha e fato claro», daria margem a accusações graves e que não chegaram a ser esclarecidas: (**)

(*) Como se implantou a Republica em Portugal (Notas de um revolucionario—Lisboa 1910=Pagina 52.

(**) *A Alvorada*, de Mario Monteiro, numero de 14 de Abril de 1912.

«Mas quem era o homem do chapeu de palha que foi ao Caes do Gaz, avisar o almirante Reis, de que estava «tudo perdido» e que era melhor fugir?

«Pois não ha por ahi quem o conheça? Ou haverá fortes motivos «particulares» para occultar o nome de quem desviou com tanto interesse o almirante procurando encaminhal-o para casa?

«E se houve tal interesse, não se ligará esse desejo de o afastar da revolução com o facto da sua morte na hora em que o audaz official decerto desejaria estar na rua com o seu grupo que lhe foi criminosamente roubado por Machado Santos?!...

«Ha dentro de muitos «heroes» o estofo esplendido de hypocritas e assassinos!!!...

«Mas a luz ha-de fazer-se, descancem, ainda que ponham a nossa cabeça a premio!...»

Citado foi o nome do tenente Francisco de Aragão e Mello, como o do emissario que a Candido Reis transmittira, da muralha do Aterro, as noticias alarmantes, causa evidente do desespero do almirante, pelo erro dos informes dados.

Fôi a affirmativa desmentida comtudo por um official do grupo do Caes do Gaz, o tenente Carvalho Araujo: (*)

—« Quem era esse official?

—« O tenente Aragão e Mello, o homem que foi a alma revolucionaria dos navios, no periodo da organização· Porque, creia isto: no trabalho de preparação dos espiritos houve muita heroicidade, muita valentia que mereciam historia. O perigo não existiu apenas dentro das horas de combate, existiu tambem e permanentemente, durante a obra de aliciação, que se fez, dentro dos navios e dos quarteis, á custa de sacrificios tremendos. O Aragão, destacadamente, arriscou tudo, expondo-se temerariamente numa quasi loucura! Era vigiado, olhado com desconfiança, e para isso concorria a clara falta de disciplina com que as praças se lhe dirigiam, num quasi «tu cá tu lá» nascido das reuniões...

(*) O *Mundo* — Dezembro de 1910.

«E o sr. Araujo, emquanto falava do seu collega, passeava agitadamente na sala. A's vezes detinha-se para dizer: «Isto é alguma coisa... Isto é trabalho...»

«Depois, reatando, continuou:

—«O Aragão foi-se do caes, e, incançavel, expondo se sempre, andou pelas ruas, entrou nos quarteis, a sondar os acontecimentos; soube depois que voltou lá abaixo, porém em occasião em que já lá não estava nenhum official.

—«Essa ultima affirmação vae contra outras, que dão o tenente Aragão falando da muralha para Candido dos Reis, e dizendo-lhe: «Meu almirante, basta de sacrificios! Infantaria 16 está fuzilando o povo!»

—«O Aragão não póde ter comunicado com o almirante. Pelo menos não o fez emquanto ali estivemos. Quem lhe falou, isso sim, foi o Helder, que, a nosso pedido, foi ao *Dinorah* levar as noticias recebidas, transmitindo tambem as resoluções do conselho dos officiaes.»

E' de flagrante coherencia este depoimento com outros, citando todos o tenente Aragão e Mello como communicando a pretensa derrocada aos outros officiaes e não ao almirante Reis, que d'esse aviso teve conhecimento pelo tenente Helder Ribeiro.

São ainda os escriptores hespanhoes Augusto Vivero y Antonio de La Villa, que com os revolucionarios privavam, os affirmadores do facto:

«Es la señal de haberse sublevado artilleria 1. El desaliento desaparece ante profundo regocijo. Por desdicha es poco duradero, porque llega, velozmente, un emisario. Es oficial de Marina, el valeroso conspirador Aragao y Mello, alma de la conjura en los navios. Entrecortadamente, con lagrimas en la voz, va matando las ilusiones de todos con noticias vagas, desconsoladoras. Los populares han sido rechazados á tiros del cuartel de Infanteria 16 traidor á la causa. Falló la revuelta.

«Caen aquelles frases cual gotas de plomo derretido sobre los craneos. Nadie habla. La amargura los sobrecoge á todos.

«Los oficiales deliberan rapida, sumariamente. Será bueno aplazar el embarque hasta adquirir noticias seguras. Por deci-

sion de todos, Helder Ribeiro va al *Dinorah* á noticiarle á Dos Reis cuanto ocurre, y llenos de lagrimas los ojos, le refiere al grande patriota cuanto acaba de oir.

«Dos Reis le escucha atentamente, lleno de ansiedad, y pronuncia, dolorido, algumas palabras:

« — Fracasó todo! A qué seguir?

«Y dispone que Helder Ribeiro aconseje á sus companeros que se dispersen, procurando no caer en manos de la Policia. Los conjurados se alejan tristemente.» (*)

Deve-se vêr porem, em relação ao official mysterioso transmissor do desanimo ao nucleo destinado á abordagem dos navios, que se não foi o tenente Aragão, como parece provado, o portador da falsa nova sobre infantaria 16, um emissario houve sobre o assumpto em conveniencia directa com o almirante Reis e d'isso faz ainda menção o tenente Helder Ribeiro,—um dos officiaes destinados ao embarque no Caes do Gaz,—nas seguintes palavras: (**)

«Chegando ao Aterro e depois de reunidos os officiaes cuja missão especial consistia em ir a bordo dos navios de guerra buscar contingentes de marinheiros, entramos nos vapores preparados para o transporte das forças. N'esta altura appareceu para o almirante Carlos Candido dos Reis a primeira arrelia. Os dois vapores tinham as caldeiras apagadas e os homens do fogo recusavam-se a accendel-as e a fazel-os marchar para junto dos barcos de guerra. Gastamos em convencel-os uma hora ou mais. Por fim, apenas um dos fogueiros se prestava a ajudar-nos, mas, no emtanto e em meio de outras contrariedades, todos de molde a quebrantar os mais valorosos de animo, surgiu um emissario a communicar ao almirante que os populares haviam assaltado o quartel de infantaria 16 mas que os soldados do regimento os tinham repellido a tiro. Carlos Candido dos Reis desanimou e esse desanimo ainda mais se accentuou quando, logo a seguir, reconhecemos que de artilharia 1 não vinha o signal demonstrativo da sua adhesão ao movimento.»

(*) *Como cae um trono—La Revolucion en Portugal*=Pagina 174.
(**) *A Capital* de 13 de Outubro de 1910.

E' certo comtudo que o 2.º tenente Aragão, quando todos ascendiam á classe superior, n'aquelle posto ficava, indo a Africa como governador do districto de Tete, com passagem ainda pelo quartel de marinheiros, como encarregado do livro do ponto. (1913).

Auxiliando a citação do apparecimento do emissario mysterioso, mas lançando extranha perplexidade sobre a situação dos barcos, surge novo relato, onde, contra todos os outros, se apresenta o *Dinorah* facilitando viagem, o que é contrariado, com bases certas, pelos officiaes aprestados para o assalto dos cruzadores.

Pretendia-se ecclypsar esse evidente olvido do plano estabelecido, em entrevista de Joaquim Pessoa, director gerente da casa de banhos e que aliás, parece, não teve interferencia no combinado apresto dos barcos.

Descreve elle assim a scena do Caes do Gaz: (*)

«Chegou, finalmente, o decisivo arranco... Havendo sido determinado fazer-se a revolução... quando se fez, eu, sempre de vigia ao movimento dos vapores cujas tripulações por varios motivos me eram mais ou menos affeiçoadas, e, pelos quaes, portanto, eu podia conhecer, sem lhes dar a perceber, os meus intentos, como e com o que podia contar, eu, como dizia, tratei de pôr debaixo dos olhos o *Dinorah* e o *Leonor*, que, fatalmente, desempenhariam o papel necessario. Ficára tambem assente com Casimiro José Sabido que a tripulação do seu *Chire*, que era o barco que convinha, pela sua grande lotação e velocidade, mas que se encontrava sem fogo, no momento opportuno assaltasse o *Dinorah* e o *Leonor*, a fim de n'elles seguir para bordo dos barcos de guerra quem nós quizessemos.

«De facto pouco depois da 1 hora da manhã de 4, Candido dos Reis com uns dezesete ou dezoito officiaes de marinha, chegava ao Caes do Gaz, recebendo de Soares Guedes a necessaria segurança para embarcar no *Dinorah* com os seus camaradas. Candido dos Reis e os outros saltaram para o referido barco, dispostos a seguir immediatamente para a sua missão. Porém, no momento em que o *Dinorah* já de prôa aberta ao mar, ia

(*) *O Seculo* de 22 de Outubro de 1910

soltar se do ultimo cabo, um official de marinha vestido á paisana, appareceu dizendo que a revolução estava gorada e que tudo o que se fizesse mais era um risco inevitavel. Esta informação fez soffrer Candido dos Reis, mas o grande homem, convencido da verdade. ou pelo menos da boa fé do informador,

ANTONIO MARIA DA SILVA
(Vice presidente da Alta Venda *C∴ P∴)*

voltou para terra com os camaradas, seguindo não se sabe para onde.

— «Era republicano o informador?

— «Sem duvida. E as suas palavras foram absolutamente sinceras.

— «Quem era o official?

— «Não conheço.»

Resalta porém o facto de que o *Chire*, com cuja tripulação se contava para o assalto ao *Dinorah*, se manteve sem fogo e com a maruja não filiada no plano. O segundo barco, longe de offerecer a citada segurança de embarque, nem pressão possuia para navegar, constatado tudo pelos officiaes revolucionarios

destinados ao lance, de risco, do assalto aos navios de guerra.

E' obvio pois que os barcos não estavam aptos para seguir, com causa, na falta de ordens n'esse sentido pelos encarregados do estabelecimento de communicação entre o Aterro e os cruzadores.

Um rapido conselho, deu a nota de desespero, embora se pretendesse frisar uma situação de espectativa, indo ao almirante o resolver supremo de um recuar de intenções, aliás n'elle pouco presumivel:

«Esse conselho decidira adiar o embarqne por mais algum tempo até os officiaes alcançarem noticias exactas sobre o que se estava passando n'outros pontos de Lisboa. As suas resoluções, claro é, ficaram no entanto dependentes do arbitrio do almirante. O tenente Helder, depois de conferenciar sobre o assumpto com Candido dos Reis, voltou para junto dos seus camaradas da marinha e communicou-lhes que o almirante desistia do embarque.» (*)

Evidencia-se a desconfiança nos informes do homem do chapeu de palha, mas assim, porque se effectuou sob tão diminutas bases de crença na derrocada, a dispersão do nucleo do Caes do Gaz?

Como que n'um esclarecimento, que o seu auctor todavia encobriu sob anonymato, appareceram para nova versão, os trechos de «apontamentos de um official da armada que esteve ao serviço da revolução republicana, em terra, mas que seguiu de perto todas as operações»: (**)

«Nas operações revolucionarias da gente de marinha deram-se episodios importantes, que ainda não foram trazidos a publico. Não se disse ainda, por exemplo, que no Tejo havia navios que offereciam perigo ao movimento, e que se os revolucionarios os não tivessem tomado a tempo teriam mesmo probabilidades de suffocar a revolta. Comecemos, porem, pelo que se passou em terra.

(*) *A Revolução Portugueza*, por J. Abreu=Pagina 159.
(**) *O Mundo* de 15 de Outubro de 1910.

«O primeiro combate havido em Lisboa, depois do sinal para a revolta, foi o do corpo de marinheiros ainda em efectivo diminuto, contra cavallaria 4 e infantaria 1, no Aterro. N'esse combate, os marinheiros, com os seus poucos officiaes, repeliram valentemente o inimigo, voltando ao seu quartel. A gente dos navios não veiu para terra logo depois do sinal, porque os officiaes da armada, que em certo ponto deviam comparecer n'um pequeno vapor, officiaes que eram diversos dos que á mesma hora cumpriam o seu dever invadindo e revolucionando o quartel, num assalto em que ficou ferido o comandante do corpo e foram presos os oficiaes do mesmo corpo que resistiram, aquelles oficiaes, que por uma serie de fatalidades já apareceram em pequeno numero junto do seu infeliz almirante Candido dos Reis, que com elles devia ir buscar a gente dos navios depois do sinal dado, por fatalidade tambem, alegando a certeza do insucesso pelo falta á ultima hora de elementos com que contavam, recusaram-se, por isto, a embarcar com o seu almirante, julgando tudo perdido.

«E o infeliz almirante Carlos Candido dos Reis, sabendo que já tantos camarados seus, oficiaes, sargentos e praças estavam compromettidos e, mesmo batendo-se, seguiu só, não se sabe para onde, e ou foi assassinado nas ruas depois, ou se suicidou, o que parece mais provavel, e decerto será averiguado no futuro».

E' evidente que o reunido conselho debateu a nota de uma irremediavel catastrophe.

Não houve a concordancia n'um paciente aguardar de acontecimentos.

Serve de desculpa o pouco propicio da occasião, para serenidade de analyse de probabilidades.

A situação ali vista embora falsamente, dava a derrocada dos planos.

Os regimentos julgados adherentes ou pelo menos não hostilisantes, iam tomando posições contrarias a essas presumidas attitudes.

Caçadores 2 e 5, infantaria 2 e 5, parte de cavallaria 2 e 4, longe de assumir uma perpectiva de indecisão, tomaram o aspecto de forças envolventes dos partidarios da Republica.

Os vapores, que deviam estar aprestados, mantiveram-se sem pessoal e sem as machinas accionadas.

E' saliente o facto e extranho, desde que positivamente se accentuara que Soares Guedes, havia sido avisado por causa dos barcos e assim o communicára o almirante Reis a Machado Santos, na tarde de 3, no Centro do largo de S. Carlos.

O elemento civil ou desistira ou fôra attrahido a cilada ou impedido de se manifestar.

Quando se ergueu uma suspeita sobre a falta do grupo de José Antonio dos Santos Belem, o almirante deffendeu-o, pois tinha sua confiança, e d'elle fazia seu ajudante de ordens.

O chefe de *canteiro* sahido da choça *Buiça*, barraca *Segredo*, expunha depois assim as causas da falta de comparencia no Caes do Gaz:

«No dia 1 de Outubro, era um sabado, varios amigos com quem comuniquei, aqui e ali, disseram-me de um modo vago, que a revolução era no dia 3. Fui imediatamente para casa a esperar ordens, e assim me conservei todo o dia de domingo, sem que alguem me levasse a noticia... E, como na segunda feira, dia de trabalho, tivesse serviço no cruzador «D. Carlos», fui a bordo. Pude então comunicar com outros carbonarios que me garantiram o movimento para o dia seguinte. Do «D. Carlos» vim a terra, onde soube da morte de Miguel Bombarda. D'ahi a pouco entrei no «S. Raphael», mas ali ninguem sabia coisa alguma do movimento, o que lançou no meu espirito uma certa confusão. Entretanto, os marinheiros conseguiam mandar a terra uma ordenança, e esta poude regressar com noticias positivas: a revolução fazia-se! Então, desembarquei e fui a casa, com a certeza de encontrar noticias... Enganei-me, porém, ninguem lá tinha ido...

«Este facto deu-me que pensar. Eu tinha de me achar á 1 hora da noite no Caes do Gaz, necessitava de tempo para avisar a minha gente. Porque não me avisaram? Tentei entretanto, remediar as coisas de alguma fórma, e, com o auxilio de um dos do meu grupo, fui avisando os homens que deviam acompanhar-me... Assim adeantava serviço...

«Tomei um electrico e como ia nervoso, não reparei em

quem estava. Imagine V. o meu espanto, quando ao apear-me em Santa Barbara, vejo apear tambem o sr. Machado Santos. E' claro que comunicámos, sendo n'essa occasião que eu tive a noticia official. Perguntei-lhe, então, pelo armamento, porque embora v. ache esquisito, eu ainda a essa hora não estava armado, em contrario do que, pouco antes, o sr. Machado Santos affirmára ao sr. Candido dos Reis. Foi ahi que elle me disse:

— « Appareça á noite no Centro de Santa Izabel, por que v. vae comigo, assim como os seus homens, pôr em pé infantaria 16 e artilharia 1!

«Cahi das nuvens! — E o sr. almirante?! perguntei espantado. — «Não se afflija! — explicou elle — porque o sr. almirante tem lá muitos marinheiros...» A noticia não me agradou, e resolvi a todo o custo procurar o sr. Candido dos Reis ou o sr. Fontes Pereira de Mello. Durante o resto da tarde andei, corri, suei, mas debalde. Na Cordoaria Nacional, o sr. Fontes, quando eu cheguei, tinha sahido minutos antes... Que fazer, pois, senão conformar-me? Assim fiz e, ás 10 horas da noite, lá estava no Centro de Santa Izabel, que por signal estava já cercado de policia, o que não evitou que lá entrassemos...

«Eis aqui porque eu não compareci no Caes do Gaz, onde estava combinado que eu fosse para embarcar com o meu grugo, em companhia dos officiaes. Comprehende muito bem que depois do sr. Carvalho Araujo dizer que uma das causas do não embarque fôra a ausencia dos populares, e depois de um leitor do «Mundo» perguntar porque é que os populares não tinham apparecido, eu não podia ficar silencioso, deixando assim que os que me conhecem, e sabem que o chefe d'esse grupo sou eu, atirem para cima de mim com suspeitas que me não lisongeiam nada. Essa foi a unica razão do meu postal.

«E o Belem, dignamente, com nobreza, accrescenta:

— «Queira escrever lá isto, hein? Eu vim á estacada simplesmente para explicar a minha ausencia, *lá em baixo.*

— «Socegue, que eu porei tudo por meudo. Mas diga-me uma cousa: o almirante saberia da contra ordem que o retirava do Caes do Gaz?

— «Qual! Sabia lá! O que estava combinado, estava com-

binado! E tanto assim é, que, quando lhe foram ao caes dizer que infantaria 16 estava a fuzilar o povo, o sr. Candido dos Reis exclamou para o sr. Fontes Pereira de Mello: «Ahi está porque o Belem não appareceu!» E' que elle bem sabia que eu tinha homens, não tinha borregos, e que, uma ordem que recebessemos havia de se cumprir, sahisse-nos ao caminho Deus ou o Diabo!...

«Depois, já em pé, n'um tom acentuado de tristeza, o Belem conclue:

— «Tudo isto foi uma desgraça. Esta é que é a verdade. Creia, se os meus homens fossem ao Caes do Gaz, nunca o almirante teria o fim que teve. Mas estava escripto, acabou-se!» (*)

A scena do Caes do Gaz, como base da morte do almirante, é difficil de reconstituir pela constante controversia a notar entre todos os depoimentos.

Assim vemos o commissario naval Machado Santos, registando que não só José Antonio dos Santos Belem, desconhecia a existencia do Caes do Gaz, como não tinha commissão especial a dentro dos partidos revolucionarios.

N'estas affirmativas, como poderia Candido dos Reis aguardar a chegada de Belem e do seu grupo?

Vejamos o relatorio de Machado Santos; (**)

«Eu ignorava completamente o local que Candido dos Reis havia escolhido para o embarque dos officiaes que deviam apoderar-se dos navios; egualmente ignorava onde tinham resolvido estabelecer o quartel general da Revolução.

«Já quando foi do 28 de Janeiro, o caes da Viscondessa tinha sido escolhido horas antes do movimento. E para a ida dos officiaes para bordo não se contava com o auxilio do elemento civil, a não ser de Soares Guedes e Joaquim Pessoa, que deviam arranjar os vapores. Nenhum grupo fôra escolhido para nos acompanhar. Na preparação do movimento de 4 de Outubro, o capitão de fragata Fontes Pereira de Mello, que confiava mui-

(*) *O Mundo* = Outubro de 1910,

(**) *A Revolução Portugueza.* = Relatorio de Machado Santos. = Pagina 94.

tissimo em José Antonio dos Santos (Belem), havia resolvido confiar-lhe a guarda de seu filho, official de caçadores 5, que elle desejava que se reservasse para amparo da sua familia, no caso da sorte das armas lhe custar a vida.

«Mais tarde, Belem devia seguir com o seu grupo para o Arsenal de Marinha, no caso do desembarque se effectuar ali, para com a sua gente prender os officiaes de serviço á Majoria e ao Arsenal, e auxiliar a guarda dos marinheiros na defeza do mesmo até ao desembarque do pessoal de bordo. Quando o capitão de fragata Fontes desejava conferenciar comigo era o Belem que elle encarregava de me avisar. Quando Belem, na tarde do dia 3, me disse que não tinha destino ou posto indicado, disse-lhe que viesse comigo para infantaria 16, não porque precisasse do seu auxilio, porque o grupo Meyrelles era bastante numeroso e aguerrido, mas para não deixar sem commissão um homem tão valente e dedicado como elle; tanto eu como o Belem ignoravamos que existisse um Caes do Gaz e ainda hoje não sei bem qual dos caes do porto de Lisboa tem esse nome.

«Tantas são as variadas versões que correm sobre o procedimento dos officiaes a bordo do «Dinorah», que eu não desejo d'ellas fazer-me echo; comtudo, estranho que não tivessem feito o mesmo que mais tarde executou o meu valente camarada Marianno Martins. Este não esperou que o vapor tivesse pressão; um simples bote lhe serviu para isso!

«O signal de 31 tiros era tão ruidoso quanto impraticavel de se dar. Os navios limitaram-se a dar 3 tiros e artilharia 1 poucos deu a mais, talvez uns 9. 31 cartuchos de salva não é coisa que se possa esconder em qualquer canto do navio; 31 cartuchos levam tempo a safar dos paioes e os marinheiros revoltados a bordo teem mais que fazer do que entreterem-se a dar salvas imperiaes!

«Quem transmittiu aos navios a ordem para se revoltarem fui eu, porque *só a minha pessoa é qué estava em contacto com elles* e só a mim é que davam a honra de conhecerem como chefe. Os tenentes Aragão e Mello e Cabeçadas tinham sido postos *por mim* em contacto com a guarnição do seu navio e o mesmo se deu no «D. Carlos» com o tenente Philemon. Como Can-

dido dos Reis havia combinado na Commissão de Resistencia não haver signal algum, a ordem que transmitti para bordo foi para a revolta geral ser á 1 hora da noite. Se o «S. Raphael» deu os 3 tiros foi porque José Malta assim o havia combinado para o 4 de Abril com os soldados de terra. O tenente Cabeçadas a bordo do *Adamastor* não ordenou a salva de 31 tiros porque tambem não sabia d'este *phenomenal disparate.*

«O dever dos officiaes do Caes do Gaz era seguirem immediatamente para bordo dos navios onde se tinha dado a sublevação, em vez de abandonarem o almirante. *Senhores d'um unico navio*, era-lhes facil apoderarem-se dos outros sem para isso necessitarem do elemento civil.

«Aos marinheiros não lhes faltava coragem e dedicação! Só os cegos é que não viam isso!»

Em parte resalta o facto patente de uma appressada organisação revolucionaria, e até o olvido das praticas estabelecidas.

E' certo que Machado Santos, não assistindo á reunião da Rua da Esperança, não tomára conhecimento da ordem de ser dada uma salva de 31 tiros, não participada, como de conveniencia, ao chefe do movimento em infantaria 16; talvez por este a haver combatido antes. Mas de difficil percepção, é o facto de se extranhar a não execução da salva, quando houve falta de ordem para os navios, fazendo tres tiros como obediencia simples ao determinado para os anteriores fallidos movimentos como o 4 de Abril, 15 de Julho e 19 de Agosto d'esse anno. (*)

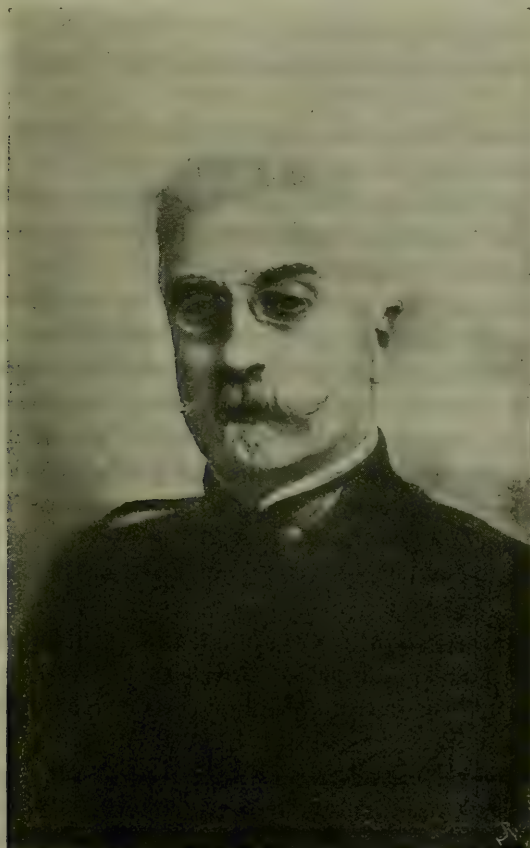
Necessidade ou intenção especial, promoveu-se o desvio para o Centro de Santa Izabel do grupo civil que devia actuar com o almirante Reis.

Conhecidas as suas tendencias para o exaspero, não era de alta presumpção o anterior dos arrebatamentos, collocando fóra da lucta o então chefe de toda a engrenagem revolucionaria.

O facto consummou-se ante o desenhado espelho de um inutil sacrificio.

(*) Citados nas devidas alturas do 1.º e 2.º volumes da nossa obra *A Revolução Portugueza.* (1.ª parte)=N. d'A.

O almirante Reis, convulso, desistia do proseguir da acção.

Apoz ter confiado ao tenenete Helder Ribeiro o encargo de o participar aos cooperadores do movimento, esclarecia:

CORONEL CORREIA BARRETO

(Primeiro ministro da guerra do regimen republicano)

« — Está tudo perdido!... Não podemos effectuar o desembarque da marinha, porque os dois vapores não vão junto dos navios de guerra; infantaria 16 conserva-se fiel á monar-

chia, artilharia 1 não adheriu; dos outros regimentos não ha signal de cooperarem na revolta. Falhou a tentativa... O melhor agora é todos nós voltarmos cada um para sua casa, mas de modo que a policia os não surprehenda.»

E n'um sorriso, falsamente animado, determinou:

— Os senhores pódem desembarcar já. Eu ainda me demoro no vapor alguns minutos.

Debalde os conspiradores insistiram para que com elles fosse.

Ficou.

Perscrutando as trevas, só abandonou o *Dinorah*, quando todos os outros dispersaram no Aterro.

Houve negligencia e essa consistiu em nem um só dos officiaes aguardar distante o chefe da revolta para de longe o seguir afim de o proteger em caso de perigo.

O abandono, da solidão decerto lhe deram a nitida impressão d'um desmoronar completo de todo o plano e falho este apoz os numerosos trabalhos, as presumidas esperanças e a enormidade de sacrificios, o doloroso convencimento de que a tudo isso não podia nem devia sobreviver, voltou a esse cerebro, fraco todavia para os embates de illusões e desillusões que acompanham a senda mysteriosa, occulta e paciente do conspirador politico.

O almirante viu com desgosto, esse desfilar do seu estado maior.

O nucleo debandou, hesitantes uns, procurando isoladamente resuscitar o movimento, outros.

Mas, como succedia ao *comité* civil, o destino guiava-lhes mal os passos.

Junto de Candido dos Reis, ninguem que o sobre-excitasse pela causa.

Faltaram-lhe dedicações, que depois descreviam assim o seu affastamento occasional:

«Porque não fui eu, ao menos, avisado de que o almirante e outros officiaes revolucionarios teriam ponto de embarque á uma hora da madrugada de 4 de Outubro no Caes do Gaz?!...

«Oh! se ali eu tivesse comparecido, tenho fé que o almirante não retiraria d'ali com tanta facilidade.

«O mesmo succederia se o grupo do *Belem* ali tivesse comparecido, porque esses homens, corajosos e dedicados, esclareceriam immediatamente o que se passava de verdadeiro na primeira phase do movimento, e com certeza, pelo menos estabeleciam prompto contacto com o quartel dos marinheiros, que lhe ficava bem proximo, e o almirante não teria pois, sido intrujado por boatos mal averiguados. *Tremenda responsabilidade* é esta do que lhe succedeu, não só perante a Revolução, como perante a Historia, pelas tristes consequencias que a morte prematura de tão grande cidadão tem causado á Republica Portugueza!

«Como tudo seria differente sob o influxo firme, mas generoso tambem, de tão grandioso caracter! Não posso convencer-me de que um homem da sua tempera, lançasse mão do suicidio, sobretudo á hora em que, no seu espirito não podia haver duvidas de que a revolução estava viva, porque a essa hora o canhão troava já de novo e facil era a um technico aperceber-se nitidamente da verdadeira situação dos revolucionarios. Se troava o canhão e crepitava a fusilaria na madrugada de 4 de Outubro, é porque os revolucionarios resistiam e se batiam, *e emquanto alguem se batesse pela Republica, Candido dos Reis não se suicidava.*

«Reservaria sim, o ultimo cartucho, quando, em plena refrega, visse tomada a ultima barricada onde conseguisse chegar. Antes, não!

«Até se conclue isto do caminho que elle seguia e onde caiu morto tão mysteriosamente. Com certeza, saindo da casa onde estava, o que não era conhecido de muitos, dirigiu-se para o caminho que mais rapidamente o levasse para os lados de Santa Apolonia e Hospital de Marinha, para onde elle sabia predominar o elemento republicano e d'ali alcançar o Tejo e embarcar para os cruzadores, cujo estado de revolta devia ter apercebido. Não tinha melhor caminho a seguir, porque, dirigir-se á Rotunda, era metter-se nas mãos dos que o deviam estar cercando ou vigiando ao largo.» (*)

(*) *Soares Andréa* = *A Alvorada*=Supplemento ao n.º 16, Anno I, de 28 de Março de 1912.

Machado Santos, por seu turno, espelhava accusações (*) sibilinas sobre o abandono:

«A revolta a bordo d'este navio (*Adamastor*) tinha um aspecto mais favoravel á guarnição do que no *S. Raphael*. Era a presença d'um official habil e *cumpridor da sua palavra*, como o tenente Cabeçadas. Um outro official da mesma graduação, porém, mais antigo, é que devia commandar o navio. Se esse official, com o pretexto da prevenção, tem ido para bordo á meia noite com as licenças do seu navio, e, iniciada a revolta, tem mandado ao Caes do Gaz um escaler devidamente guarnecido buscar o almirante e seu estado maior, não lamentariamos hoje a morte de Candido dos Reis.

«Esse official preferiu andar á paisana sempre junto ao almirante, para depois o abandonar. Julgava talvez que uma revolução era um movimento mechanico que se effectuava com o menor custo possivel, e, andando sempre junto do chefe, podia de futuro allegar serviços pyrotechnicos... á custa alheia. Por ter passado tres ou quatro revistas ao trabalho d'outrem, afim de se animar e aos outros conspiradores, chegou a passar por... organisador revolucionario. Assim é que a fama se adquire effectivamente, porém d'esta vez falhou o que já era velho costume no partido republicano.»

O almirante foi procurado por um revolucionario ancioso de a elle se reunir: o professor José Antonio Simões Raposo Junior.

Cumprida a incumbencia que Candido Reis lhe fizera no Centro de S. Carlos, e nada vendo do proclamado movimento, viera até á Rocha de Conde de Obidos, onde não achou o chefe, a essa hora luctando com as difficuldades dos barcos.

Prescrutando andou toda a noite.

Não teve a lembrança do balneario, perto do qual acharia o official.

Este, deixando o *Dinorah* e o seu commandante, deparára com Manuel Soares Guedes.

(*) *A Revolução Portugueza* — Relatorio de Machado Santos, pagina 110. = Os quatro ultimos periodos, apparecendo quando da publicação do relatorio no jornal *O Intransigente*, foram eliminados no volume publicado em 1911.=N. d'A.

Houve umas recriminações sobre o olvido do apresto dos vapores.

O proprietario dos barcos, mostrou-lhe a conveniencia de irem até ao quartel general dos revoltosos.

Decerto lá estariam ainda conjurados.

Seguiram, mudo um, ora exaltado ou desalentado o outro:

— «Infantaria 16 não adheriu. Onde está artilharia 1? Onde estão os outros regimentos com que contavamos? O melhor é irmos todos cada qual para sua casa e com toda a cautella, por causa da policia!»

Principia agora a quebra de energia do almirante Reis.

A perspectiva de uma derrocada torceu-lhe a força de vontade.

Aconselhando a dispersão dos chefes, não houve uma só lembrança á massa anonyma, aos populares, muitos dos quaes gemiam já nas prisões ou ingressavam no necroterio...

Caminhando, os dois revolucionarios endireitavam até á travessa do Carvalho.

Chegando ao estabelecimento de banhos repetiu-se ainda:

— Está tudo perdido!

Ficou ali o almirante, largo tempo, de braços cruzados, pensativo.

Ali o achavam, de regresso da sua travessia a Alcantara, os revolucionarios dr. Affonso Costa e Alfredo Leal.

Vejamos o relato d'este: (*)

«Passava de uma hora da madrugada e os vasos de guerra ainda não tinham dado as descargas denunciadoras da revolução. A' porta da casa de banhos, os revolucionarios começavam a inquietar-se. Entre elles, ao lado de Soares Guedes, estava Candido dos Reis, de braços cruzados e attitude pensativa. Alfredo Leal, chegando nesse momento com Affonso Costa, dirigiu-lhe a palavra, estranhando encontral-o ali áquella hora.

— «E' verdade — respondeu Candido dos Reis — estou aqui porque perdi a esperança no movimento e não sei o que devo fazer. O meu logar era no caes ao pé da Companhia do

(*) *Diario de Noticias* de 15 de Outubro de 1910.

Gaz, onde devia encontrar-me com os officiaes. Mas em vez de preparativos da revolta eu apenas observei as evoluções da policia e da municipal, e tenho o presentimento de que está tudo perdido.

«Todos trataram de o serenar a tal respeito, e o dr. Affonso Costa aconselhou-o a metter-se no automovel com Alfredo Leal a fim de verificarem o que se passava nos principaes pontos revolucionarios. Foram e nada notaram de animador. Logo adeante encontraram dois policias fardados, que pareceram desconfiar do automovel.

«Proximo do quartel de marinheiros apenas havia grupos de seis ou sete populares. No caminho da Estephania e de Arroios esbarraram com piquetes de policia e guarda municipal que investigaram o auto com olhares prescrutadores.

«N'esta altura, Candido dos Reis voltou a mostrar se desanimado, expressando-se, pouco mais ou menos, n'estes termos:

— «Extranho isto. Em vez de agitação revolucionaria, só se vê a policia e tropas de prevenção. Presinto que vamos ser assaltados e que terei de dar um tiro nos miolos. Você não acha ridiculo que eu vá acabar n'uma esquadra de policia? Isso de fórma alguma. Sahi para me bater, e eu hei de morrer na revolução ou hei de liquidar a vida pelas minhas proprias mãos.

«Novamente Alfredo Leal tratou de tranquillisal-o, obtendo a convicção de que Candido dos Reis seria capaz de se matar se o movimento falhasse.

«Como era arriscado andar na rua, exposto a cair nas mãos da municipal, concordou o almirante em que era sensato recolher a casa e esperar ahi noticias do movimento. N'esse sentido dirigiu-se o automovel para a rua D. Estephania, dizendo Candido dos Reis ao seu companheiro:

— «Bem. Eu vou para casa de minha irmã, n'esta mesma rua, n.º 153. Você vae saber o que ha de novo, e se a revolução estiver em bom caminho, manda-me immediatamente prevenir, para que eu me ponha á frente do movimento.

«Ia o automovel a parar á porta do n.º 153 quando a attenção de Candido dos Reis foi despertada por um facto extranho.

«A porta da rua estava aberta e um vulto desapparecia, n'esse momento, no limiar. Ambos viram esse vulto distinctamente e ficaram hesitantes durante algum tempo, conjecturando sobre o que seria.

«Por fim, Candido dos Reis, tranquilisando se a si proprio, resolveu entrar em casa. Alfredo Leal só retirou depois de verificar que elle fechára a porta atraz de si.

«E ao metter-se de novo no automovel não poude affastar de si uma forte apprehensão que lhe assaltára o espirito, porque sabia quanto Candido dos Reis era odiado pela policia.»

Apparecem aqui erros flagrantes, nascidos decerto da tensão espiritual de momento.

Um d'elles, é o que patenteia o encontro com o almirante Reis, antes do signal de bordo, encontro que, contrariamente, se deu depois d'elle e quando do quartel general de S. Paulo apenas restava Manuel Soares Guedes.

Authentícam a affirmativa, os factos da sahida do estabelecimento de banhos de Alfredo Leal e Affonso Costa, apoz as salvas dos navios, para o apurar da situação em Alcantara e arredores, ao tempo que, para identica inspecção seguiam João Chagas e Antonio José d'Almeida; e tambem a circumstancia de junto aos barcos, haverem sido ouvidos pelos officiaes, os tiros de bordo.

O commandante do *Dinorah* assignala em depoimento a sua entrevista pela 1 hora e meia da madrugada com Candido dos Reis, esperando que o barco alcançasse pressão. A essa hora já houvera o signal do *Adamastor* e o dr. Eusebio Leão, o fixou como tendo sido dado á 1 hora e 23 minutos.

A firmar-se portanto a primeira parte da entrevista de Alfredo Leal, restava como base a comparencia do almirante no balneario, antes de ir ao Caes do Gaz, desanimado antes de qualquer resultado e indo depois ferir desesperos aos outros officiaes.

Poderia ainda deprehender-se, attendendo ao regresso a casa apoz o encontro no balneario, que Candido dos Reis se não junccionára aos conjurados que haviam de ir assaltar os navios.

Essa reunião deu-se porem, mas antes da ida ao estabelecimento de banhos, e depois dos signaes feitos, obstando apenas aos seus fins, o mallogro dos projectos sobre os serviços de embarque, e a falta dos civis, que, como nos outros varios pontos, influenciariam contrariamente aos desesperançados aspectos dos dirigentes principaes.

Apenas junto de Soares Guedes, egualmente desanimado, o notaram Alfredo Leal e o deputado republicano.

Houve a natural exclamação de surpreza: (*)

— «O commandante?! exclamou Affonso Costa.

— «Estive no ponto fixado, onde me fizeram crer que o signal dado partira da fragata *D. Fernando* e que era um signal de alarme. O governo estava, continuou o informador, ao facto de tudo e infantaria 16 recebeu a tiro o elemento civil...

— «E' impossivel fracassar o movimento! bradou Affonso Costa. Commandante! Tem ali um automovel, vá n'elle inquirir o que se passa. O Leal o acompanha.»

Ante a approximação de tres agentes, inspeccionando os quatro vultos suspeitos, o dr. Affonso Costa com Soares Guedes entravam precipitadamente no balneario, emquanto Alfredo Leal com Candido Reis, tomavam logar no automovel, para a nova travessia de inspecção.

Parecia adormecido o quartel de Alcantara, sendo certo porem que, a essa hora, dentro se procedia á organização da defeza e appoio da columna que tentaria a marcha sobre as Necessidades.

A impaciencia do almirante accentuava-se, traduzida em gestos violentos e phrases desesperadas.

Decidido o proseguir do inquerito pelas ruas, iam, de caminho em caminho, até ao largo de Santa Barbara, onde a municipal e a policia se lhes patenteou como symptoma integro de um desmoronar de projectos.

Candido dos Reis praguejava dentro do carro: (**)

(*) Consta o dialogo de documento inedito de posse do auctor d'esta obra.=N. d'A.

(**) Documento inedito já citado=N-d'A.

— «Vamos ser apanhados!

«No seu olhar houve então um clarão de colera:

— «Não me submeto ao vexame de ir parar a uma esquadra de policia. Se nos prendem dou um tiro nos miolos.

LADISLAU PARREIRA

«Esta ideia fez estremecer Alfredo Leal. Um momento houve em que se lhes afigurou iminente uma intimação para que o *auto* se detivesse. Alfredo Leal immediatamente aconselhou o almirante a mudarem de rumo, ao mesmo tempo que tentou desvanecer-lhe as funestas apprehensões que o impressionavam.

«Candido Reis, respondeu serenamente:

— «E' minha opinião que mais uma vez a cobardia dos homens sacrificou a nossa causa e a todos nós. Nada faço por aqui. Você acompanhe-me a casa de minha cunhada e se perceber que ha indicios de combate vem ou manda-me avisar e sairei logo. Morro combatendo, mas o ridiculo de ser preso não suporto, sob pena de queimar os miolos, repito.»

Firmado o plano, o almirante fazia seguir o automovel até á rua D. Estephania.

Ao chegar, notado foi um vulto, que se occultou rapido na escada da residencia, onde se decidira no trajecto, apear.

Candido Reis, a quem o facto passaria despercebido se notado lhe não fôra pelo seu companheiro, hesitou.

Breve foi esse retrahimento, e disse, sem attender as insinuações para que fosse antes á residencia do irmão

O almirante encolheu os hombros, desesperado, soltou par-o solo, dizendo:

— Está assente que fico!

O commerciante Alfredo Leal, aguardou que o official chegasse ao primeiro andar, onde residia, formulando suspeitas sobre intenções de que se pretendia liquidar o almirante, com base em constantes affirmativas pelos jornaes republicanos, de activa espionagem junto d'elle.

Certo é porém que, a vigilancia mal orientada foi, não tendo registado nenhuma das diversas reuniões revolucionarias a que Candido Reis presidiu, nem definido a sua chefia suprema dos manejos que se presumiam a dar-se.

Regressando ás 2 horas e meia da madrugada, á casa da rua D. Estephania d'onde sahira com o tenente Helder Ribeiro, o almirante Reis deitava-se sobre o leito.

Virtualmente, e quando patente era a lucta d'essa alvorada de rebeldia, o chefe da revolução, deixou o posto, embora na crença de que tudo terminava e repetindo a phrase dita a Alfredo Leal, junto ao balneario de S Paulo:

— Já não ha portuguezes!

Era o erro, d'essa vez a coadjuvar o fatalismo da estrella nefasta que presidiu ao nascimento de Candido dos Reis, mal

precavido para os lances de illusões d'uma revolta, chamma extincta ali, para emergir candente e impulsiva acolá, desanimadora alem, para resaltar galharda e energica n'outro ponto.

Espelhando os seus terrores, manietado nas apprehensões de uma repressão firme, o almirante Candido dos Reis, não pode representar perante a Historia, analysta imparcial, a nitida synthese de um temperamento de energia.

Desvaneceu-se como fragil, como toda a audaciosa attitude, nsufflidora de esperança.

O almirante Candido Reis não era o chefe que convinha a uma revolução.

Nevrotico, com a ideia predominante do suicidio ante o fracasso, se possuia a chamma impectuosa d'um propagandista, e de um semeador intemerato da ideia e do alliciamento revolucionario, faltava-lhe a coragem nata para o soffrer de um desaire, para o affrontar de contingencias graves, a prisão, que á alma traria, como logico, o fortalecer da sêde de revindicta.

Machado Santos, ficando, — como verêmos — quando o desanimo e o desespero, a visão da morte e o horror dos carceres se reproduzia em todos os espiritos, foi um exemplo d'uma vontade inabalavel, da concepção integra do revoltoso, firme na hora da lucta, altivo no instante da presumivel derrota.

O commandante do navio, sabe, ao pisar a ponte do commando, que, em caso de naufragio é o ultimo a sahir, e ou salva tudo ou desce ás ondas.

O almirante Reis, devia defrontar todos os perigos, como o impulsionador da revolta.

O suicidio, quando se cuidava na chacina do povo e da soldadesca rebelde pelas tropas fieis, constituia a deserção.

Cabia-lhe no posto o arrostar de occasos identicos aos dos populares.

Da prisão pode voltar-se para a continuação da obra, na morte só a alma fica, mas o immaterial nada consegue.

Se o tentava a fuga da existencia, o local do tiroteio que se cruzava era soberbo campo para a queda d'um revoltado que aos extremos da revolução conduzira, por um ultimatum, o povo e os soldados.

Mas Candido Reis, era o homem para a victoria, não o espirito paciente de homem que lucta até ao fim, e que só ante o *consummatum est* quebra e liquida.

Do quartel general rebelde, foi elle talvez, o mais fragil.

Os outros, embora receosos, fugitivos, procuravam comtudo reatear sempre a chamma falsamente apagada da revolta.

Ainda que sombras a esbater-se nos pontos perigosos, na sua celere passagem, impulsionavam, deixavam rasto de esperança, se bem que tenue, aos elementos combatentes.

A derrocada tirou lhe a força de vontade e com isso concordam auctores varios: (*)

«O estado de nervosismo do almirante, apesar de ser heroico esforço para aparentar serenidade era extraordinario. A auto suggestão do suicidio deve ter-lhe influenciado n'essa occasião o cerebro de uma maneira decisiva.»

Candido dos Reis, atirando-se febril e n'uma morbidez alanceada sobre o leito, á hora em que o povo se expunha, e em que a republica se preparava para a victoria, podia ter dado o signal de hecatombe a executar pelos elementos monarchicos, se ao rei tivesse sorrido a ventura e se o destino não collocasse ao leme da grande nau da Revolução que elle, Candido Reis, trouxera aos baixios, a figura, de teimosia e de crença, decidida e voluntariosa, de Machado Santos.

N'esse instante de desanimo e de extranhos pensamentos de fuga, pelo suicidio, a responsabilidades futuras, havia fóra luctadores audazes, troçando da morte pelo desprezar da vida em prol de um ideal.

Havia encorajados que mal conhecendo a technica accionante d'um Abbadie ou d'uma Browning e que nas ruas, heroes sem nome conhecido, venciam pelo animo firme, dedicado e sem restricções, á causa, ou baqueavam, rojando no solo com a palavra *Republica*! a cerrar-lhes os labios n'um sorriso de martyr satisfeito.

O proprio filho, sereno estava sem que o pae o soubesse,

(*) Como triumphou a Republica—Pagina 100.

nos carceres da municipal, jurando apenas vingança ás suas violencias:

«A guarda municipal na primeira noite que se iniciou o movimento, prendeu no Bairro Camões o sr. Raul Candido dos Reis, por ser encontrado munido de revolver. Conduzido ao quartel de Cabeço de Bola, foi mettido n'um calabouço estreito, sem luz nem ar, onde o conservaram duas noites e um dia sem lhe darem de comer, fornecendo-lhe á terceira noite unicamente pão e agua, sendo maltratado não só pelas praças como tambem pelos officiaes, chegando alguns d'estes a agredirem com cavalos marinhos os presos que se encontravam n'outros calabouços. A mulher de um tenente, de quem não podemos saber o nome, pedia a todo o momento que matassem os presos, respondendo as praças que os prisioneiros não sahiam d'ali com vida.»

A Revolução estava latente e formidavel nos navios.

A Revolução estava impectuosa, nas ruas, mas tudo sempre no campo opposto dos dirigentes principaes.

Cobrava alentos, juncando o solo de victimas, mas a envolver-se nas primeiras victorias, illuminadas pelos clarões vivos sahidos das boccas das metralhadoras e solemnisadas, tragicamente, pelos estampidos colossaes da artilharia civil.

(*) *O Mundo* de 6 de outubro de 1910.

V

Erradas ordens = No quartel general. = Primeiras communicações da sublevação em infantaria 16 e artilharia 1. = No hospital de marinha. = A tentativa de assalto ao arsenal do exercito — A invasão dos quarteis. — Sahida dos regimentos. — O assalto de Beirollas. — A policia e os revoltosos civis. — A dynamite actuando sobre a municipal.

Apoz os primeiros tumultos do Rocio e Chiado, a cidade pareceu socegar.

Apenas os grupos formados nos arruamentos principaes, annunciavam no seu mysterioso, embora pacifico aspecto, qualquer coisa de grave.

A viação electrica proseguia normal.

Essa serenidade se não illudiu as entidades superiores incumbidas de assegurar a ordem, suggeriu-lhes um erro flagrante, em que muitos quizeram vêr duplicidade de pensamento.

A policia necessaria para fiscalisar intenções, era, por determinação do presidente do conselho (*) mandada recolher ás esquadras ás 10 horas da noite, rasgando assim caminho a quantas reuniões revolucionarias se quizeram effectuar.

No governo civil e no quartel das guardas municipaes se conheceu o evidente desacerto, patenteado nos seguintes trechos do trabalho posthumo do coronel Malaquias de Lemos:

(*) Teixeira de Sousa. = «Para a Historia da Revolução»—2.º volume. Pagina 241

«Pelas 11 horas e meia, diz-me o sr. coronel Sarmento, que, por ordem superior ia mandar recolher ás esquadras todos os guardas policiaes. Pondero-lhe que é um grande erro, pois esses eram os unicos agentes que poderiam informar-nos de qualquer caso anormal que nas ruas se produzisse. Respondeu-me o sr. Sarmento concordando comigo e dizendo me que, não obstante o cumprimento da ordem, por alguma fórma providenciaria, para não ficarmos de todo privados d'esses elementos de informação.» (*)

Todavia, rarissimos agentes se mantiveram nos seus postos de vigilancia, e só mais tarde, cerca da 1 hora da madrugada, quando os grupos civis, a postos e organisados, se reconheciam aptos a impedir, pela violencia, a curiosidade incommoda da policia, é que esta teve nova ordem de sahida:

«Depois, tudo serenou, até que, á hora adeantada da noite, começaram a correr boatos de que as tropas estavam de prevenção. No governo civil, permaneciam os officiaes da policia, sendo dadas ordens para que, á 1 hora da manhã, saissem patrulhas dobradas para as ruas.» (**)

A tardia e notavel reconsideração só conseguiria lançar para a já escancarada bocca da rebeldia, umas victimas do dever.

Querendo tornar-se base de entrave quando para os outros impossivel era recuar, cahiam nos focos revolucionarios, mallogrando ás vezes as suas intenções — reateadas logo, — mas ficando como victimas da propria coragem

Nos regimentos havia prevenções, se não intensamente rigorosas, pela descrença em movimentos effectivos da democracia, pelo menos em parte, perturbadoras dos iniciaes planos dos nucleos que começavam a tomar as armas para a rebellião.

Soldados, a cavallo, andaram açodados, procurando nas residencias os officiaes, para que aos corpos recolhessem.

O quartel general tivera aviso pelo capitão Martins de Lima, do estado agitado da praça publica e a ordem vinda do palacio real de Belem, achou em parte previstas as intenções.

(*) Malaquias de Lemos — «A sua acção durante a revolução de Outubro de 1910»

(**) «O Seculo» de 4 de Outubro de 1910.

A' chegada ao quartel general, vindo do paço, o commandante da divisão, viu logo dirigir se para elle, o capitão Martins de Lima, que o quiz informar dos factos anormaes presenceados.

O general Gorjão, retorquiu, enfadado:

— Já sei, já sei, o presidente do conselho já me informou de que esta noite é de esperar que haja acontecimentos graves. Chame já o chefe de Estado Maior, para que eu saiba por elle proprio as providencias que tomou.

Não explicou o general, que esses acontecimentos lhe haviam sido annunciados sob o aspecto d'uma revolução.

Em secreto conciliabulo se encerraram os chefes da divisão e do estado maior, coronel José Joaquim de Castro, nascendo d'ahi uma phase de espectativa aos acontecimentos.

O telephone retinindo, indicava communicação grave.

Era dos successos de infantaria 16.

Fez-se logo aviso aos outros regimentos, determinando-se-lhes que se collocassem em armas uns, e que viessem occupar posições, outros.

Assim o coronel José Joaquim de Castro, sob ordem do commandante da divisão, promovia a marcha para as Necessidades, de caçadores 2 e infantaria 1, para o Rocio, de caçadores 5, infantaria 5 e cavallaria 4, para o Rato de cavallaria 2, e ainda a união das baterias de Queluz com o regimento de lanceiros de Belem.

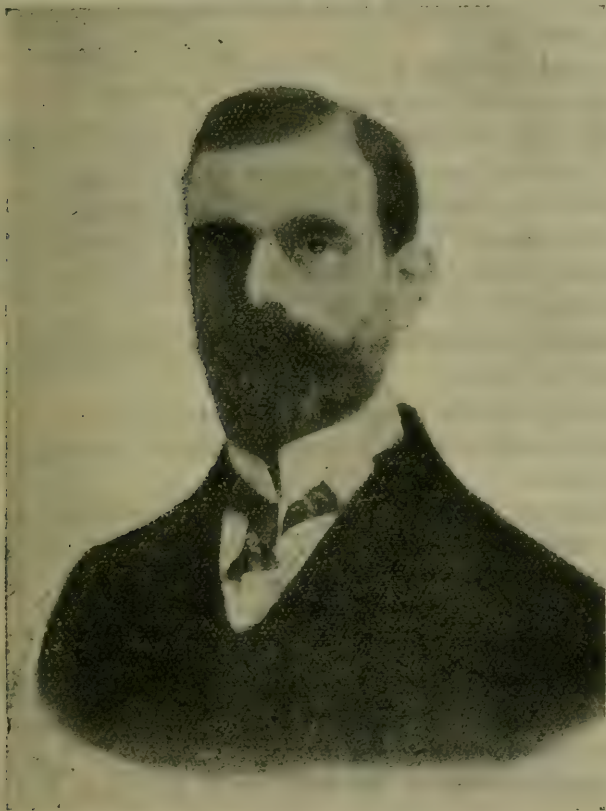
O aviso para as baterias de Queluz, só ali achou echo n'essa hora tardia.

Assim, nem a officialidade se encontrava no quartel, nem a soldadesca tinha as baterias dispostas a seguir.

Nos outros regimentos, a prevenção cifrára-se no sequestro dos officiaes, e as praças, se em armas algumas estavam, para auxilio era da revolução, pois outro lhe não fôra determinado.

O general Gorjão, registando já o aspecto negro da situação mas crente em prompto remedio, a despeito da difficuldade das transmissões telephonicas, affirmando connivencia no trama, soffria novo dissabor ao ser-lhe notificado que casos de ordem identica aos de infanteria 16, se deram em artilharia 1.

Encerrando as portas do quartel general, onde se collocaram duas sentinellas, o capitão Martins de Lima, conseguia reunir cerca de 30 praças que fez formar, armadas, no pateo.

O grupo era de infantaria 16, e por isso se temeu a sua

DR EUSEBIO LEÃO

(Primeiro governador civil de Lisboa do regimen republicano)

connivencia com os revoltosos, o que se averiguou, desde logo, sem fundamento, pelo juramento de fidelidade reproduzida e pelo dó manifestado ao ser-lhes dito o fim do coronel Pedro Celestino da Costa e do capitão Manuel Joaquim de Barros.

Chegava entretanto nova communicação dos successos de artilharia 1.

O general Raphael Gorjão, em conferencia com o capitão Martins de Lima, resolvia a marcha das baterias de Queluz, tentando, entretanto, coartar os acontecimentos com a acção de cavallaria 4, que executaria a praxe guerreira, do ataque á artilharia, em marcha.

Onde estava cavallaria 4?

— Siga o capitão á sua procura!

Recebia o official ordem escripta para, assumindo o commando de um grupo de esquadrões, atacar os revoltosos.

Emquanto era substituido na chefia da defeza do quartel general pelo tenente Piçarra, e já prestes a montar, o capitão era assediado pelos outros officiaes, para consentir em que o acompanhassem.

A' missão não convinha largo numero como não convinha o abandono do quartel.

O momento era de precauções e de fatalismos.

Assim o comprehendeu o general Raphael Gorjão, dizendo para o emissario:

— Venha cá! venha cá! Antes de se retirar dê cá um abraço, porque tenho a consciencia da gravidade da missão de que acabo de encarregal-o e sei muito bem que póde não voltar!

Depois, Martins de Lima, de animo forte, montava, e a toda a brida, endireitava á Avenida, só se detendo junto á Calçada do Salitre, ante o apparecimento de lanceiros 2, do commando do coronel Alfredo de Albuquerque.

Interrogou-o sobre o caminho de cavallaria 4, dita talvez proxima.

A tactica com cavallaria 2, não sorria ao delegado do quartel general e elle, deixando-a seguir, galopou de novo até ao Rato em busca do regimento de que necessitava.

Só distinguiu tiroteio longiquo.

Apoz espera, cujo prolongamento não offerecia vantagens, seguia pela rua da Escola Polytechnica e Principe Real, retrocedendo pela Avenida até ao commando da divisão.

Conformava-se já com a tentativa auxiliada pelos lanceiros.

Estes, comtudo, já haviam partido para um reconhecimento.

Era o destino a tecer a meada onde se debateria a causa monarchica.

De cavallaria 4, nada se sabia.

Alem fôra elle destroçado quasi por completo.

Fallou-se de investidas, goradas, a outros regimentos.

Que se passára?

Vamos descrever esses successos, porque, embora succedidos alguns já quando manobravam infanteria 16 e artilheria 1, constituem, pelas suas intenções malogradas ou pelo seu aspecto preventivo, apenas preliminares da acção principal e influente de todo um activo trabalho de propaganda e de diplomacia, de luctas e de convencionalismos.

*

* *

Emquanto no quartel general havia convencimento de que o regimen de precaução trouxera de certeza, peias fortes ás manobras dos contrarios á realeza, já elles, esperançados iniciavam a sahida para o commettimento em prol da republica e a chamma da revolução ia lavrando, terrivel e absorvente.

Convencionado estava, para fornecimento de munições, o assalto, ao Arsenal do Exercito, em acção dupla.

Uma era entregue ao presidente da Associação de Soccorros Mutuos Senhor Jesus do Bomfim, redactor do jornal *A Obra*, membro do gremio *Estrella*, o operario Carlos Antunes, chefe do grupo composto por Arthur Cunha, Antonio de Sousa, José da Rosa, Alfredo Delgado e Henrique Cunha, que facultaria o ingresso no estabelecimento militar, por meio de chave falsa abrindo communicação interna da séde associativa com o Arsenal, que lhe era annexo; ou ainda auxiliando a passagem com uma escada de corda.

A outra parte seria levada a effeito pelos grupos de Francis.

co Ferreira, Manuel Polycarpo Torres, Alfredo Antonio e Joaquim Nunes da Silva, que, a dois e dois, para isso abandonaram á hora propria o Centro Republicano Rodrigues de Freitas, no largo de Santo André, 19-A, 1.º andar, sob a direcção do *chefe de barraca* da C∴ P∴, Manuel Polycarpo Torres.

Marcado estava que, a cada passo dos revolucionarios, surgissem contratempos, e, assim, embaraçante foi o facto de Carlos Antunes pôr de lado a possibilidade de entrar com os elementos materiaes de que se munira, em virtude de não poder simular uma assembleia geral, em que os associados a breve trecho, assumissem o papel de conjurados audazes.

Esses grupos occultavam se no hospital de marinha, para proceder no promettido desembarque dos marujos.

No estabelecimento hospitalar, onde a revolução preparada estava, começava logo ás 8 horas da noite a organização dos serviços das ambulancias, e esterilisação de ferros e pensos.

Collocou-se a postos a brigada sanitaria, tudo sob as ordens do medico naval, envolvido no movimento, dr. Alexandre José Botelho de Vasconcellos e Sá, auxiliado nos trabalhos clinicos, pelos medicos, Jayme dos Santos Faria, (*) Antonio Augusto Fernandes e José Antonio de Magalhães.

Aguardava-se apenas a chegada de armas, para se transformar o hospital, edificio de paz, em baluarte revolucionario.

Por extranho capricho da sedição, d'ali devia sahir uma columna composta por convalescentes ou doentes em circumstancias de pegar n'uma carabina ou n'uma espingarda.

Junccionar-se lhe-iam 150 revoltosos, mediante a senha e contra-senhha recebida e retorquida pelo barbeiro hospitalar, Antonio Branco.

Foram estes chegando a pouco e pouco, a ultrapassar uma centena.

Do Centro de S. Carlos, onde o almirante Candido Reis rei-

(*) Fallecia no mesmo posto de 1.º tenente, em 28 de Junho de 1913, victimado por uma septicemia, ou seja uma infecção geral obtida durante o exercicio da sua profissão de operador. Nascera essa nova victima da sciencia a 7 de Maio de 1876, tendo prestado relevantes serviços em quasi todas as divisões navaes e especialmente nas do Indico, Guiné e China.

terára ao dr. Vasconcellos e Sá a conveniencia de só apparecerem as ambulancias na Rocha de Conde de Obidos á hora approximada do desembarque, trouxera o medico naval alguns revolveres destinados aos enfermeiros.

De regresso assignalava a boa execução dos preparativos.

Só não haviam chegado as armas, esperadas de Beirolas, a despeito de o seu apparecimento proximo ser annunciado por dois outros devotados á causa democratica, os medicos Francisco Pulido Valente e Alberto Mac Bride Fernandes, este chefe da clinica na Escola Medica Cirurgica de Lisboa.

Dado o breve surgir dos automoveis, com o armamento e de outros, para o serviço de transportes de feridos, os doentes alliciados para a rebellião recebiam ordem de fardar.

A' espera inutil correspondeu uma medida de intuição e precaução.

Para que tudo se não perdesse, fez o dr. Vasconcellos e Sá, seguir, cerca da meia noite e meia hora, duas ambulancias portateis, com os enfermeiros navaes, Ramiro dos Reis e Coelho Flor e ajudantes Eduardo Costa e Martins Cabrita, com ordem de, em transito pelo Caes do Gaz, fronteiro á Companhia do Gaz e servindo ao desembarque do peixe — verificar se ali se encontravam já os officiaes destinados ao assalto dos navios.

Não lobrigaram os emissarios, o nucleo da chefia do almirante Reis e, apoz, demorada espectativa, percebendo um mallogro do desembarque da armada, iam apresentar-se ao 1.º tenente José Carlos da Maia, no quartel de marinheiros, onde mais tarde iria exercer as duplas funcções do medico e do revolucionario, o dr. Vasconcellos e Sá, avançando para ali em automovel escudado com a Cruz Vermelha. (*)

Esse facto, conhecido depois, deu origem a que novas ambulancias fossem impedidas de transitar e até visadas a tiro, crendo-se de novo a bandeira da Cruz Vermelha a servir de pretexto para manejos sediciosos.

Entretanto, no hospital, o dr. Vasconcellos e Sá, com o de-

(*) *O Seculo* de 15 de Outubro de 1910.

sespero da falta á promessa de entrega das armas, resolvia um lance proprio, deixando todavia ali pessoal disposto a seguir o movimento, sob o ponto de vista revolucionario e medico.

Sahiu, apoz os tiros de bordo, para procurar novas da armada, procurar informes, soccorrendo-se para isso d'uma improvisada ambulancia com o enfermeiro naval, Alfredo Martins.

A policia de sobreaviso estava e a meio do caminho, na altura do Caminho de Ferro embargava-lhes o passo, apontando-lhes as carabinas.

Declinada a qualidade de facultativo, avido de prestar soccorros medicos, seguiu, mas a municipal, menos attreita a enredar-se nas combinações dos revoltosos, não condescendeu e á insistencia fez descargas.

Os revolucionarios retrocederam para a execução da sua veridica missão: o trato dos feridos, policias e populares que iam chegando ao hospital, e confiados já aos cuidados rapidos dos facultativos e dos enfermeiros.

As armas não appareceram.

A' certeza da improductiva espera, correspondeu pelos revoltosos civis, o voto de marcha sobre o deposito de armas de Beirolas, emquanto com a ordem de recolher aos leitos transmittida aos doentes, se incitava ao emprego das bombas fóra do hospital: (*)

«Cerca das 3 horas da madrugada resolveu mandar despir os doentes fardados. Sem armas para nada serviam estas praças. Mandou tambem sahir os populares que estavam no hospital, e como alguns tivessem bombas explosivas, disse-lhes o enfermeiro Pinto da sua parte, que as empregassem fóra do hospital, o que fizeram.»

Não quiz pois o destino que a brigada de hospitalisados, semi-invalidos fosse levar o lucto ao ponto onde se lhe determinara acção: o Museu de Artilharia.

Todavia, e talvez n'uma ideia de que os quizessem impedir de se reunirem aos rebeldes, alguns doentes, arrombando

---

(*) Os serviços de saude da armada na primeira noite da revolta = Relatorio do medico Vasconcellos e Sá.

uma janella gradeada que deitava para a Rua do Paraiso, d'ali se precipitaram, emquanto um, na precipitação da fuga, cahia sobre o sub-director do hospital, dr. Adolpho de Mello de Moraes Sarmento, que se ia apresentar ao serviço clinico, unico a que o hospital devia olhar.

Bem cuidado foi elle porém, passados esses primeiros instantes de desejo combativo.

D'isso nasceria depois o seguinte louvor, pelo director do estabelecimento hospitalar, medico naval chefe, dr. Julio Augusto Diniz Sampaio:

«Cumpre-me, como director, louvar todo o pessoal d'este hospital, medicos, enfermeiros, ajudantes e serventes, pelos excellentes serviços prestados durante os dias e noites da revolução, mostrando uma dedicação e proficiencia superiores a todo o elogio, tendo-se conservado sempre no hospital, apezar do trabalho fatigante que tiveram, e demonstrando sempre a mais completa subordinação, alliada á melhor boa vontade de bem servir e serem uteis aos feridos que aqui accorreram em grande numero. Outrosim louvo os medicos navaes que, sendo estranhos ao hospital, aqui vieram offerecer os seus serviços.»

Entretanto, e se os grupos que haviam estado no hospital, tinham optado pela acção em Beirolas, pondo-se á margem o Arsenal do Exercito, outros grupos se propuzeram ao assalto, se bem que confiantes no unido exforço.

Se ao revolucionario Carlos Antunes não trazia bom futuro a ideia, sendo detido no largo do Museu de Artilharia, por denuncia, e arremessado com o socio da sua Associação, José de Jesus Gabriel, para os calabouços da esquadra das Monicas, espinhos tiveram os nucleos que avançavam á conquista do armamento do Arsenal.

A victoria revolucionaria traria Carlos Antunes á liberdade, mas o seu destino lhe guiava mal os passos, sendo levado ao carcere não só por envolvido em actos politicos como em outros particulares. (*)

(*) A 31 de Maio de 1913, Carlos Antunes, natural de Lisboa, então de 35 annos, e operario ferreiro na fabrica de material de guerra em Braço de Prata, era preso por matar na Travessa do Monte, com dois tiros de re-

A' 1 hora da madrugada de 4, intemeratos executavam a parte que no piano lhes fôra confiada.

Violentamente assaltavam a parte central do edificio, crendo-se coadjuvados de dentro e fortalecidos com a dispersão da policia, que haviam operado, pelo seu receoso encerro na esquadra.

Breve os cerca comtudo a infantaria e a cavallaria da guarda fiscal ali disposta.

A tiro e á bomba operam uma acção offensiva, que os outros contrariam, embora perdendo terreno.

Procuram entreter na ancia do desembarque da marinha e ainda do auxilio dos grupos restantes.

Debalde esperam, feridos já, Joaquim Nunes da Silva e Manuel Polycarpo Torres, este attingido no pescoço pelos estilhaços d'uma bomba.

Reconhecendo o fracasso recuam, cedem o terreno conquistado e retiram sobre a Graça, visto os esperados auxiliares terem tido embaraços na marcha.

No caes da Fundição, o grupo que esperava a reunião geral, para proceder e ao mesmo tempo auxiliar o desembarque de material de guerra, vindo pelo mar e operar o descarregamento de tres automoveis com bombas e munições de Beirolas, teve descoberta e derrota.

Havia sido armado pela gente de Polycarpo Torres, João Evangelista e Augusto de Sousa, com pistolas e explosivos occultos n'uma officina da Costa do Castello e que transitaram impunemente, em caixas, á meia noite, pelas ruas do Marquez de Ponte de Lima, das Tendas, Caracol da Graça, Calçada da Graça e rua Rodrigues de Freitas onde a distribuição foi feita.

Na Fundição colheram o grupo, 40 agentes, da esquadra dos caminhos de ferro.

Quizeram envolvel-o, com a ajuda de soldados de caçadores, de guarda ao Museu de Artilharia.

---

volver na cabeça, o operario da mesma fabrica, Claudio Alberto Sequeira, com motivo n'uma aggressão por este, á mulher de Carlos Antunes. Detido na mesma esquadra das Monicas, era remettido para o tribunal, entrando no Limoeiro sem fiança a 1 de Junho de 1913.

Assim a fuga impoz-se, indo varios revolucionarios, com José Maia, parar á Rua do Paraiso, d'onde, procurando não cahir nas garras dos agentes, acorreriam ao ponto principal de combate: a Rotunda.

MARINHA DE CAMPOS

Outros eram arremessados para os carceres e entre elles, Augusto de Sousa, que na esquadra dos Caminhos de Ferro era alvo de ameaças graves, com negação até de agua e encerramento no subterraneo d'uma adega annexa ao posto policial e

onde os guardas o quizeram trespassar com um dos punhaes apprehendidos aos do grupo:

«Ali cumprimos o nosso dever, até que, na quarta-feira, appareceu armado de *Mausér*, Augusto de Sousa a quem eu não mais tinha visto, e que me contou que, na occasião da lucta com a policia dos caminhos de ferro, havia sido preso com um seu amigo e encerrado n'um calabouço, onde lhes negaram comida, agua e tabaco, sendo constantemente ameaçados de morte pelos subordinados do chefe Pinto, que revelou bem os seus instinctos de fera.

«Contou-me mais este corajoso amigo que, na noite de terça para quarta, o chefe Pinto os havia enclausurado n'um subterraneo d'uma adega que perto da esquadra existe, onde os guardas os pretenderam matar chegando um dos policias a estar armado de punhal para o fazer e outro a dizer que os varava a tiro.» (*)

Outros revolucionarios dos grupos destinados ao assalto ao arsenal do exercito, haviam procurado diverso itenerario para desnortear.

A policia perscrutou-lhe os intuitos e perseguiu-os. A' violencia dos populares, responde com a violencia e força-os á retirada.

Aos revolucionarios d'esse grupo, Francisco Alves e Mario Costa e Vasconcellos, reune-se na Calçada da Graça, outro grupo com Jacintho Eduardo Barreiros, mas perseguidos pela policia da esquadra das Monicas, travam nova lucta, onde ficaram feridos alguns agentes, seguida de nova fuga, mas não sem que nas garras policiaes deixassem o secretario do Centro Rodrigues de Freitas, Mario Vasconcellos, a quem arrancaram o revolver, dando-lhe com elle nos olhos, e Jacintho Barreiros derrubado á pranchada.

Ali ingressavam egualmente, José Verissimo de Oliveira, Antonio Marques Paes e Arthur Gama.

A' derruida tentativa, outras se seguiram, cerca das 3 ho-

(*) Depoimento do revolucionario José Maia = «Seculo» de 15 de Outubro de 1910.

ras da madrugada, procurando sempre esphacellar-se os obstaculos á força de explosivos.

Comtudo, a guarda fiscal do posto do Terreiro de Trigo, punha em debandada os revolucionarios, antes mesmo de chegarem até ao edificio em mira, não sem que morto fosse ainda um agente policial. (*)

Nenhum assalto foi coroado de exito.

Não obstante, sobre a tomadia do Museu e Arsenal se fizeram allegações estrondosas e como principal a do chefe revolucionario José Branco: (**)

«Vamos referir o que foi a obra de um desgraçado que procura um pedaço de pão para viver lembrando-se dos momentos em que, em logar de pão, procurava polvora para combater pelo seu ideal que elle, como tantos, antevia rodeado d'aquella decantada aureola de liberdade, egualdade e fraternidade.

«E' elle José Branco.

«Foi um dos mais bravos combatentes de Outubro de 1910 Na sua figura fransina não se adivinha a força de genio, a alma occulta de grande visionario pela construcção d'esse edificio radioso que em reuniões secretas lhe apresentaram como o unico capaz de levantar uma patria, desde que para esse trabalho désse todos os seus sacrificios, todas as suas abnegações.

«Esse revolucionario, agora de olhar entristecido, *La Valliere* negra e desmanchada é, repetimos, José Branco.

«Conta-nos a sua odysseia d'esses dois dias de revolução, apavorados e indecisos...

«Tomou parte no assalto ao Museu de Artilheria na madrugada de 4. O que isso foi debaixo do fogo da companhia que guardava o edificio?

«Quasi José Branco não o sabe descrever. As balas sibilavam e elle, com José Reis e outros, projectava-se para a frente aos gritos de *viva a Republica*, arremessando bombas sobre as janellas e sobre a massa dos defensores do velho regimen.

(*) Contribuiam depois com uma quota a favor das victimas da Revolução.

(**) «As Novidades» de Novembro de 1912.

« — Esse movimento — diz-nos José Branco — foi pavoroso. Só se sentiu, durante uns 10 minutos se tanto o ruido sêcco da fusilaria e o fragor retumbante da metralha civil... Depois tudo debandou e effectuou-se então a evasão do Museu onde sabiamos existir, em grande numero, boas armas... Procedeu-se porém, com criterio no meio da confusão. Não se damnificou coisa alguma e as armas sahiram aos braçados para armamos populares que, apesar da hora, já accorriam...

«Entretanto, ouviam-se tiros ao longe Tudo isso nos animou! Era, — meu querido amigo — a Revolução triumphante! — exclama-nos José Branco.»

Comtudo, não passaram as affirmativas, sem contradicta pelo capitão de infanteria Visconde de Almeida e Vasconcellos: (*)

«Ex.mo Sr .director do jornal *Novidades*. Do meu maior respeito e consideração.

«Tendo lido nas *Novidades* de hontem uma *interview* assignada pelo brilhante jornalista sr. Luiz de Athayde e epigraphada «A tomada do Museu de Artilharia na madrugada da Revolução» foi grande a minha surpreza quando vi que um revolucionario contava varias peripecias de um combate em que tomou activa e commetteu proezas com grande risco da sua vida.

«Fui eu que commandei as forças que guardaram o Arsenal do Exercito desde as 10 e meia horas da manhã do dia 4 até ás 7 horas da manhã do dia 6 e n'essa qualidade posso bem dizer a v. ex.ª: as minhas forças, que eram 2 companhias da guarda fiscal (1.ª e 9.ª), 50 praças de caçadores n.º 5, sob o commando do sr. capitão Carvalhal Correia Henriques, e 18 de engenharia, sob o commando do sr. alferes Moreira, não entraram em nenhum combate; ninguem veiu perturbar-nos, e, por isso nem occasião houve para disparar um tiro, e foram ellas, tendo á sua frente o 1.º cabo Narciso Augusto Rombão, que espontaneamente, ás 7 horas da manhã de 5 proclamaram a Republica, tendo sido ellas tambem que, por iniciativa do mesmo

(*) «Novidades» de 6 de Novembro de 1912.

cabo, abriram as portas e armaram o povo que affluiu depois d'aquelle acto.

«De maneira nenhuma pretendo menoscabar os merecimentos e espirito revolucionarios do entrevistado do sr. Athayde, mas julgo cumprir um dever para com os homens que commandei, prestando esta homenagem ao seu valor: tropas d'aquella qualidade e n'aquelle effectivo não seriam assim tão facilmente vencidas.

«Releve-me v. ex.ª o ousio e digne-se receber os protestos da minha mais subida consideração, pois sou — De v. ex.ª — Raul de Almeida Loureiro e Vasconcellos — (Visconde de Almeida e Vasconcellos).»

Esclarecendo a attitude d'esse official, e para que suspeitas não ficassem sobre a orientação desfavoravel á monarchia, surgira anteriormente o seguinte commentario por parte dos proprios republicanos:

«Sabemos de fonte segura que o illustre official da guarda fiscal o capitão sr. Raul de Vasconcellos que commandava a força de 300 homens, aos quaes fôra confiada a defeza do Arsenal do Exercito sentiu bastante que lhe não tivessem enviado um parlamentar para a entrega d'aquelle importante estabelecimento militar.

«Era seu firme proposito, em face dos ultimos acontecimentos politicos que precederam o movimento revolucionario, envidar todos os esforços para que as forças do seu commando não praticassem qualquer acto hostil para os revolucionarios.

«O sr. Raul de Vasconcellos comprehendeu e muito bem que a attitude do rei e dos que o cercavam não merecia o menor sacrificio e tanto assim que tendo elementos de combate para offerecer uma certa resistencia, ainda que de curta duração, adheriu immediatamente á approximação das forças revolucionarias.

«O sr. Vasconcellos mostra-se, satisfeitissimo pelo facto dos soldados do seu commando não terem feito uma só victima.» (*)

Era ainda a convenção a operar, exalçando a aliás frisante

(*) «O Paiz» de 13 de Outubro de 1910.

adhesão do official, o qual, na sua carta declarava todavia, que, tropas d'aquella qualidade e n'aquelle effectivo não seriam assim tão facilmente vencidas.»

Retrocedendo ás intenções dos revolucionarios.

Hove, é certo, duas tentativas de assalto ao museu na madrugada de 4 d'Outubro, mas tiveram logo os naturaes embaraços.

A ellas se refere egualmente Machado Santos, no seu relatorio, (*) constatando-lhe a inutilidade e a retirada, e a contradicta do visconde de Almeida e Vasconcellos, fraqueja, ante o facto de ter só assumido o commando das forças do arsenal, ás 10 horas e meia da manhã de 4, quando as tentativas descriptas pelo carbonario José Branco e pelo commandante das forças da Rotunda, se assignalam como executadas de madrugada e não indo alem das 2 horas.

O arsenal estava então guardado por praças de caçadores 5, sob o commando do capitão Caetano do Carvalhal Correia Henriques.

Bases certas ha comtudo na exposição do Visconde de Vasconcellos, em contrario da do revolucionario Branco e essas consistem na negação da tomadia do Arsenal do Exercito, nos primeiras horas da revolta, facto que só se effectuou em 5, e ainda por uma entrega: (**)

«Até ás 2 horas conseguem sustentar o combate com bombas, repellindo o inimigo e aguardando o desembarque dos marinheiros; como este se não effectuasse, batem em retirada sobre o alto da Graça travando combate com a esquadra das Monicas. Da Graça seguem para a Rotunda e na tarde de 4 vão armar-se ao cruzador «S. Raphael», conseguindo occupar o Arsenal do Exercito na manhã de 5, sem resistencia, de concerto com os grupos de Alcantara.»

E' obvio dizer porém que o mesmo regista (***) que a retirada da força de caçadores 5, e com ella das outras, se deu, ao

---

(*) «A Revolução Portugueza», por Machado Santos, pag. 139.

(**) A *Revolução Portugueza* = Relatorio de Machado Santos = Pagina 139.

(***) «A Revolução Portugueza» — Relatorio de Machado Santos = Pagina 131.

notar no Tejo, na sua frente, o cruzador «S. Raphael», protegendo as manobras terrestres dos civis.

Relegando para a sua altura, a entrega do Arsenal, pelo official titular, Visconde de Vasconcellos, pezaroso ainda, segundo as affirmativas, sem desmentido, do jornalismo republicano — de que um emissario da revolução lhe não tivesse facultado mais cedo esse acto de abdicação do seu posto de confiança, vamos seguir os passos, sempre ousados e energicos, dos grupos que premeditaram a tomadia d'aquelle deposito de armas.

Debandando do primeiro frustrado golpe sobre elle, os nucleos foram tentar exercer a acção sobre o quartel da Graça.

Ali, o commandante, coronel Christovam Adolpho Ribeiro da Fonseca, tivera aviso de prevenção, cerca das 8 horas da noite, communicado pelo official de inspecção.

Mandando executar a ordem do quartel general, não mais deixou de estar em contacto com o regimento.

Depois da meia noite, o chefe de estado maior determinára a sua marcha sobre o Rocio, evitando a Calçada de Santo André e a Mouraria.

O coronel mandou tocar a unir sem que nas fileiras elle notado houvesse, nem por parte dos officiaes nem dos soldados, a minima hesitação ou gesto indisciplidado.

Comtudo no quartel da Graça, a semente revolucionaria fôra egualmente lançada, contando a sedição com 16 officiaes, 20 sargentos e 17 cabos.

Incumbido estava á primeira companhia, do terceiro batalhão, o desdobramento em tres grupos, para tomar posse da secretaria, aprisionando ali os officiaes superiores, tomar a parada para obstar á sahida do commandante pela porta da residencia e deter na respectiva sala, dois officiaes mais adversos ao movimento.

Para o encargo chegaram as praças a municiar-se, mas falho resultou o plano, pois que a precaução da officialidade fiel, separando as companhias, e ainda a exhortação do commandante do regimento para que deffendessem o rei e as intituições, deram, de momento esse resultado, embora olvidado, em pleno combate, onde assistiremos á flagrante quebra da disci-

plina, pela desobediencia ás vozes dos officiaes, aliás entregues á causa democratica.

Os populares rodeavam já o edificio, estudando o que dentro se estaria a passar.

A policia vigilava egualmente perscrutando já as intenções d'um alferes, que conferenciava com um dos membros da junta dos revoltosos.

A chegada do grupo de João Paulino de Freitas, fez-lhes ver a conveniencia de ataque e, como por encanto, os agentes, surgiam junto ao gradeamento fronteiro ao quartel.

Os revolucionarios bateram em retirada, fugindo de esquina em esquina, pelo Caracol da Graça, rua dos Lagares, para, illudindo a vigilancia, voltar pela Calçada do Monte e de novo á frente do quartel.

Dentro havia a mesma attitude.

Os guardas da esquadra das Monicas, assaltaram os populares e a lucta teve de estabelecer-se.

Os tiros foram trocados sem pontaria, tal o excitamento do combate e o nucleo já então com os dos carbonarios Cesario Correia, Antonio Pereira Cacho e José Augusto dos Santos e os sargentos de engenharia João e Manuel de Oliveira, cediam o passo a elemento mais efficaz: uma bomba de dynamite, lançada pelo barbeiro Reis, do Poço do Borratem, fez destroçar a policia.

O revolucionario Paulino de Freitas, deixava o campo, doente, e os restantes, embora desalentados pela quietitude dos soldados, ditos adherentes, tentaram o derradeiro e heroico extorço.

As coronhas dos revolveres, soaram na porta das armas do quartel, chamando á revolta o regimento.

— Viva a Republica!... gritavam.

O regimento estava prompto a seguir e o commandante, ante a attitude desesperada dos populares, ordenou que uma força, com o respectivo official, subisse ao terraço e d'ali os intimasse ao abandono do projecto insurrecional.

Não o obteve.

O coronel Ribeiro da Fonseca, veiu então em pessoa, á janella, pallido, mas sereno:

— Retirem, senão fusilo-os....

O povo, retorquiu-lhe, desprezando a vida, a procurar derrubar pela audacia, a ultima hesitação:

« — Viva a Republica! Infantaria 5 é pelo povo! Venha o regimento!...»

Este, veiu, mas formou em offensivo aspecto.

Os revoltosos civis, acclamavam-no, bradando lhe sempre:

— Viva a Republica!

Nova ameaça de fuzilamento, pelos officiaes.

A partida perdera-se.

O 5 de infantaria seguia depois, lento, pelo Caracol da Graça em direcção ao Rocio, para occupar o quartel general contra as forças da democracia e estabelecer um batalhão na embocadura da Avenida, para ataque aos que por ali viessem.

Os trabalhos n'aquelle grupo militar, ligados mais ou menos aos de engenharia, nada haviam produzidos e d'esta ultima fracção apenas avançou, desertando para a Rotunda, o sargento Oliveira, que percebendo o estado da soldadesca, fugiu do quartel em direção aos principaes pontos de combate.

A' marcha do regimento correspondeu a intuição de que perdido estava para a causa republicana, e mais tarde ia aos elementos civis, a culpa da attitude inicial de infantaria 5:

«Este regimento tão bem preparado estava que era por nós considerado como a mais firme unidade com que o partido republicano podia contar, não sendo injusta essa apreciação.

«Se o grupo civil que devia ajudar a sublevação tem sabido combinar a tempo e horas com Valdez a entrada no quartel, sem esperar signal (maldita ideia) e, no caso d'isto lhe falhar, se tem seguido á risca as instrucções do *comité* civil, não abandonando o regimento, Valdez teria podido cumprir a missão de o sublevar, mesmo durante a marcha para o Rocio; o mais pequeno ataque, por frouxo que fosse, daria a Valdez o pretexto para carregar sobre o seu regimento, com a fracção do seu commando, para o que reservára para si o marchar na rectaguarda do mesmo.

«O grupo civil, por causa da policia, não só abandonou os arredores do quartel, não tendo estudado d'ante-mão o sitio on-

de occultar-se, como abandonou o caminho por onde fatalmente havia de passar o regimento, desistindo collectivamente da lucta.»

Comtudo, foi sempre o povo o principal auxiliar do exercito na sedição e, com risco certo de fuzilamento, heroicamente tentou chamar á sua causa o regimento da Graça, que se manteve indeciso, receando a não adherencia de outros corpos.

O proprio coronel Ribeiro da Fonseca, não escapou a ataques sobre a sua conducta, na revolução mas a seu tempo deduziremos a sua defeza contra os boatos, que o citavam como olvidado dos seus deveres jurados á dynastia.

A corrente, destruidora, da indisciplina jungia porém todos os regimentos a uma flagrante acção contraria ao regimen.

Houve todavia indecisões, mercê do passo grave, e de probabilidades desagradaveis.

Patente o inicial fracasso da vontade de arremessar infantaria 5, para o appoio á sedição, succedeu o evidente empenho de attenuar a flagrante quebra, pelo receio, do tomado em compromisso e o tenente José Valdez, não hesitou em attribuir culpas á falta de signal e até aos grupos civis: (*)

« — Eu era o dirigente dos revolucionarios do meu regimento. Antigo republicano e tendo trabalhado já muito para o 28 de Janeiro, fui o escolhido pelo comité militar para fazer a propaganda em infantaria 5. Os meus trabalhos tinham sido bem succedidos a ponto de contar com os 8 officiaes no regimento e de haver conseguido disseminar entre os soldados o espirito republicano. Ao ser resolvida a saída do movimento na madrugada de 4 tive poucas horas para avisar a minha gente e logo por infelicidade alguns estavam de licença. Para maior falta de sorte os officiaes estavam todos de prevenção, visto ter-se produzido agitação popular por motivo da morte do dr. Miguel Bombarda. Entretando eu tinha concertado um plano que, apesar de difficil, poderia executar, dispondo, como dispunha, de uma companhia que commandava.

«Não ouvi, e como eu, não ouviram os grupos civis que estavam proximo do quartel, o sinal combinado...

(*) «O Mundo» de 12 de Outubro de 1910.

« — Mas os navios salvaram...

« — Perfeitamente. Mas ali não se ouviu. Julguei que por qualquer motivo imprevisto o movimento fôra de novo adiado, e quando o commandante mandou formar companhias para o regimento sair, fiquei na duvida: Que se teria passado? Estaria a revolução na rua? Seria uma saida ao acaso, como algumas que ultimamente se tinham feito?

«Fosse como fosse fiz por seguir na cauda com a minha companhia e tratei de vêr se me informava por alguns civis do que havia, para, em qualquer altura me separar do resto do corpo e reunir-me ás forças revoltosas que encontrasse. Mas não encontrámos vivalma até o Rocio e ahi mandaram-me imediatamente colocar n'uma posição de onde era por completo impossivel saír sem grande risco.

«A minha companhia foi colocada junto do Avenida Palace, na Praça dos Restauradores; por detraz, installando uma metralhadora, de modo a poder varrer a Avenida veiu tomar posições caçadores 5 e na frente uma companhia do mesmo regimento. Já vê que fiquei tolhido... Se tentasse fugir para a Rotunda os meus homens seriam fuzilados.

« — E havia mais officiaes republicanos nas fileiras?

« — Republicanos creio que só eu. Entretanto a oficialidade não era reacionaria. Por isso tentei vêr se o alferes Bragança e o aspirante Espirito Santo me acompanhavam no caso de se oferecer ensejo de me reunir ás tropas revolucionadas. Mas esse ensejo não apparecia por mais que tentasse procura-lo. Cheguei a pedir ao comandante para me deixar ir com a minha companhia em explorações pela Avenida, mas recebi ordem para não saír do ponto em que me encontrava.

« — E não recebeu ordem para fazer fogo?

« — Consegui dos meus soldados conservá-los serenos mesmo debaixo do fogo. Nenhum d'elles atirou para o acampamento. Apenas os que pertenciam á companhia que ficava fronteira fizeram algumas descargas depois de feridos e perturbados pelo fogo das metralhadoras manobradas pelo alferes Hempes.

« — E assim se mantiveram até render-se?

« — Eu mudei de logar com a minha companhia por des-

confiarem de mim. Mandaram postar-me no largo de S Domingos. Vendo-me completamente impossibilitado de correr com os meus soldados para junto dos meus camaradas que se tinham colocado sob a bandeira republicana, pensei em fugir só e descer até ao acampamento pelo tunel da estação do Rocio a Campolide. Mas em virtude da partida de um comboio não pude pôr em pratica a minha tentativa. N'isto anoitecera e começára o tiroteio mais forte, sentindo-se agora troar a artilharia do lado do mar.

« — E qual era o espirito das tropas?

« — As tropas, apesar de não ter havido baixas, estavam aborrecidas, já não obedeciam aos officiaes e creio que a sua vontade era irem á Rotunda entregar-se.

«Aproveitei esta disposição para de noite convencer os oficiaes. Reuni um grupo e uma grande parte d'elles mostram-se dispostos a acompanhar-me entre os quaes alferes Franco, o tenente Vasques, tenente Rodrigues, tenente Cruz, alferes Bragança, etc. De manhã o alferes Franco mandou dizer ao comandante de caçadores 5 que infantaria 5 já não fazia fogo. N'isto veio o armisticio invadindo por essa occasião o Rocio uma grande massa de povo que cercou logo os soldados já formados no meio da praça dando vivas á Republica. Quando os oficiaes superiores correram para impedir que se désse a fusão das tropas, já Machado dos Santos tinha descido ao quartel general e a Republica havia sido proclamada pelo povo e pelas tropas.

« — E' pois certo que o espirito das tropas era favoravel á Republica?

« — Sem duvida. E foi unicamente por nos ter escapado o signal que infantaria 5 não saiu logo do quartel revolucionada.»

Houve erros e a acção civil não deixou de assediar o regimento, provocando-o ostensivamente a uma franca adhesão democratica.

Os populares, expondo-se a um provavel fusilamento, tentaram por vezes attrahir infantaria 5, chegando até verdadeiras temerosidades.

Não quizeram os carbonarios a injusta arguição de fraqueza, quando ousados haviam sido.

Pela base cahia pois a evasiva, derruindo a uma affirmativa publica (*) dos chefes dos grupos incumbidos do acto:

«*Sr. redactor.* — O sr. José Valdez, tenente de infantaria n.º 5, na sua entrevista com um redactor do *Mundo*, publicada hontem, disse que na noite da Revolução não adheriu á Republica o regimento ou pelo menos a companhia de que era commandante porque não ouviu o signal combinado, e se persuadiu de que a Revolução tinha sido adiada. Entretanto á uma hora da noite vigiavam de perto o quartel mais de 50 revolucionarios, que por todas as fórmas procuravam entender-se com os elementos militares. Deram-se até conflictos com a policia, de que resultou alguns tiros que deviam ser ouvidos lá dentro. Soltaram-se vivas á Republica, incitando os elementos militares a defenderem a Patria em perigo. Bateu-se á porta do quartel ainda para esse effeito, por tão repetidas vezes que da ultima o coronel, chegando á janella, ameaçou o grupo de mandar dar fogo se não retirassem das suas imediações. O signal do inicio da Revolução foi tambem ouvido distinctamente pelos revolucionarios civis, por motivo do qual tomaram a attitude já descripta. Para que não possa haver duvidas na verificação destas asserções subscrevemos os nossos nomes por sermos os que bateram á porta do quartel. Não duvidamos, porém, da fé republicana que levou o sr. Valdez a tomar o papel que tomou na Republica, e reconhecemos os seus bellos serviços e a sua coragem. — De v. ex.ª — José Augusto dos Santos, Antonio Pereira Cacho e Cesario A. Correia.»

Sobre o primeiro ponto, isto é, o de não ser ouvido o signal convem ainda archivar o depoimento do 1.º cabo Zepherino José Franco, que em parte liga com o do tenente José da Ascensão Valdez:

«Eram 7 horas da tarde do dia 3, quando o cabo 55, da 1.ª companhia do 3.º batalhão, Francisco do Carmo Benevides, que ha nove mezes trabalhava sob a inspiração do commissario

(*) *O Mundo* de 15 de Outubro de 1910.

naval Machado dos Santos, no movimento revolucionario militar, avisou a commissão revolucionaria do regimento, que era composta de 17 cabos, 20 sargentos e 16 officiaes, de que a revolução deveria rebentar á 1 hora d'essa madrugada. Deitamo-dos vestidos e, após o toque do silencio, começámos preparando as praças, dizendo-lhes que, ao ouvirem o signal de tres tiros, se levantassem e se armassem e que obedecessem unicamente ao tenente Valdez.

«Quando á 1 hora e tres quartos soou o signal combinado, as praças logo se ergueram e se municiaram, sendo a 1.ª do 3.º commandada pelo sargento Matheus e a 3.ª do 2.º, as primeiras companhias que se formaram.

«Em virtude dos disturbios havidos no Rocio, ocasionados pela morte do dr. Miguel Bombarda, o regimento ficou todo de prevenção, o que bastante nos prejudicou, pois encontravam-se no quartel todos os officiaes, que, suspeitando do que se ia passar, separaram as companhias, chegando o commandante a pronunciar, á saida, uma breve allocução aos soldados, exhortando-os a defenderem o rei e as instituições.

«Como cá fóra, no largo, um magote de populares armados, juntamente com algumas praças de caçadores 5, nos recebessem com palmas e vivas ao exercito e a infantaria 5, o nosso commandante mandou tocar a fogo para dispersar a multidão.

«Chegados ao Rocio, fomos divididos em fracções, que foram tomar as emboccaduras das ruas que convergem n'aquella praça, exceptuando a da rua do Ouro, que era occupada por uma bateria de caçadores 2. Uma fracção foi collocar-se, sob o commando do tenente Valdez, no largo de Camões, que já estava occupado por duas metralhadoras de caçadores 5.» (*)

As causas da não adhesão do regimento, foram pois o retrahimento e o desconhecimento da attitude das outras unidades, mais ou menos perscrutando-se e crivando-se, reciprocamente, de duvidas.

Houve espectativa, assignalando que, se bons deffensores ti-

(*) *O Seculo*, de 10 de Outubro de 1910.

vera a monarchia, denodados, desprendidos da vida e das contingencias do futuro, boa victoria lográra.

As praças incumbidas da missão difficil de vigilancia e aprisionamento dos officiaes, não deram seguimento ao encargo, que os elementos civis tentaram realisar, e valendo-se de todas as audacias.

Não ficou todavia liquidada a controversia e, assim, ainda se pretendeu basear a attitude do regimento de infantaria 5, não só no facto de João Chagas haver olvidado um pedido do revolucionario, o alfayate João Paulino de Freitas, para lhe conceder dois dias destinados á propaganda ali, como á desconfiança de que o regimento não estava republicanisado, e que se o estivesse, comsigo traria egualmente caçadores 5 e engenharia.

Procurava mais tarde acclarar o assumpto, o tenente Valdez, trazendo a publico o seguinte documento, por elle destinado á Historia e que a ella pertence pois:

«No seu jornal de 29 do corrente, sob o titulo acima, vem inserta uma local que, por esse motivo mesmo, deve ser conspurcada d'immensas inexactidões que a deturpam e que não pódem de modo algum ser devidas a Paulino de Freitas, que conheço bem e sempre foi um valente e incansavel trabalhador da Republica.

«A historia do que foi esse grande e valoroso acontecimento de 5 d'Outubro é actualmente difficil de fazer, porque a maioria dos espiritos anda muito apaixonada e deixa-se arrastar por falsas miragens, mas tudo quanto possa esclarecer o papel de cada elemento n'esse grandioso feito é altamente conveniente para que um dia a historia se faça a limpo e nos convençamos de que, se a Republica é um facto, todos contribuiram para ella.

«E' por isso que escrevo esta carta.

«Ninguem veja n'ella que eu desejo angariar para mim heroismos que não commetti.

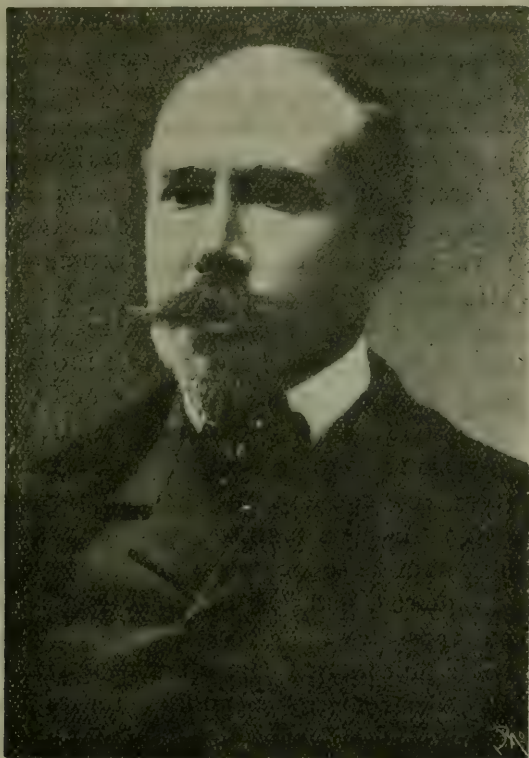
«Fui sempre um republicano convicto e como tal trabalhei. Onde e quando me chamaram appareci sempre para trabalhar pelo meu ideal, nunca recuando ante quaesquer sacrificios para o vêr realisado. O que desejo é vêr bem consignado o papel da

minha unidade na revolução, onde pela força das circumstancias e pela precipitação com que o movimento se iniciou, falhou tudo.

«Como Paulino de Freitas disse não houve entre elle, chefe do grupo civil, e a minha pessoa, representante do 5, qualquer combinação e, se elle estranhou o caso, ainda mais eu o estranhei, sendo isso devido unicamente á grande pressa com que o movimento foi ordenado. No emtanto, eu, que tinha um irmão, Vasco Valdez, no grupo destinado ao meu quartel, tinha imaginado um plano para facilitar a entrada dos civis, afim de coadjuvar a nossa acção dentro do regimento, e foi assim que, depois de conhecida a ordem de prevenção para os officiaes na reunião da rua da Esperança, onde estive, eu segui para o quartel e fallei com os 2.^{os} sargentos Guedes e Matheus, que trabalharam activamente na propaganda revolucionaria, dentro do quartel.

«Para a realisação do meu plano, perguntei-lhes: «em que companhia havia mais elementos revolucionarios» e como elles me respondessem «que na 1.ª do 3.º» disse-lhes que ordenassem a essa companhia para se levantar mal ouvisse tres tiros de peça no mar e se dividisse em tres turnos, indo um á secretaria para impedir que os officiaes superiores d'ali sahissem, outro para a parada para evitar que o commandante sahisse pela porta de sua casa para ali, e o ultimo iria ás salas dos officiaes prender dois d'elles, que logo nomeei para evitar demoras. Eu iria para o quarto do official de inspecção aguardar o signal, afim de abrir a porta do quartel aos civis e officiaes republicanos, que, por estarem de licença, não podiam entrar no quartel senão á hora propria. Dentro do regimento só havia dois officiaes compromettidos no movimento; eu e o tenente Ribeiro Arthur, da Administração militar. Foi o que se resolveu. Os dois sargentos deram cumprimento ao meu mandado e eu fui para o quarto de inspecção, que é contiguo á porta do quartel e esperei. Deu uma hora e o signal não foi ouvido. Como estranhasse o facto fui a uma das janellas que deitam para o jardim do quartel e não vi ninguem. D'ahi a instantes, em vez do signal combinado, eu e todos os officiaes recebiamos ordem para ir para as

companhias porque o regimento ia sair. Imaginei que o movimento fôra adiado e que a nossa saida era á tôa, tanto assim que falei a alguns sargentos a quem disse: «aguardemos os acontecimentos».

«O regimento formou no pavimento terreo, e, quando estava já prompto para sair, tendo toda a sua officialidade, ouvi

DR. ANTONIO LUIZ GOMES

um estrondo na rua e a seguir uns estoiros seccos que me pareceram foguetes e algumas argoladas na porta. Calculo agora que esse estrondo fosse o da tal bomba e os estoiros os tiros feitos pela policia. Estremeci ao ouvil-os por me passar pelo espirito a ideia de que havia qualquer coisa, mas, como o signal

não tinha sido ouvido e antes tivesse visto o largo deserto, atribui o caso a exaltação de alguns que estivessem provocando tumultos por motivo da morte do dr. Bombarda, tumultos que muito prejudicaram o movimento já de si mal ordenado.

«Disse por isso novamente aos sargentos para esperarem os acontecimentos.

«Comprehende-se perfeitamente que, se o signal tivesse sido ouvido, embora sem o valioso auxilio dos civis, a companhia nomeada tinha executado o seu plano e, ainda que eu me tivesse arrependido por medo ou por qualquer outro motivo, o que felizmente não succedeu, não podia evitar que os factos se consumassem. Igualmente se eu soubesse que o tiroteio era com o grupo civil, decerto que o regimento se tinha insubordinado dentro do quartel, pois, embora fossemos só dois os officiaes republicanos, havia elementos de sobra para conseguir, taes como 20 e tantos sargentos e 130 e tantos soldados e cabos.

«Como ouvisse o tiroteio, o commandante ordenou ao ajudante que fosse ao terraço vêr o que havia e intimasse os civis, se os houvesse, a dispersar, o que elle fez, vendo então no largo uns 12 a 15 individuos que convidou a retirar, respondendo-lhes elles com vivas ao exercito e ao regimento. Como visse que se não retiravam, mandou ao corneteiro que fizesse o signal de fogo e a este signal os civis fugiram, pelo que desceu para o pavimento terreo, afim de se incorporar no regimento, que em seguida saiu do quartel, sem que um unico popular ou grupo o victoriasse ou apparecesse, embora eu, propositadamente, me puzesse na cauda da columna com o fim de inquirir o que houvera, para proceder conforme as minhas crenças e fosse conveniente. Até ao Rocio ninguem vi e foi n'uma ignorancia perfeita do que se passava que eu ali me estabeleci. Se os populares, em vez de desapparecerem definitivamente, tivessem aguardado em sitio seguro a saida do regimento, decerto que encontrariam apoio ao seu valor porque o 5 de infantaria foi um dos regimentos onde a ideia republicana encontrou um bom campo para germinar. A falta de contacto antes e depois foi, sem duvida alguma, uma das origens d'essa unidade chegar até ao Rocio na mão dos seus chefes, mas, outra falta e bem importante,

foi a da ausencia de informações que se dizia haveria em barda e foi manifesta.

«No Rocio só tarde é que se soube o que havia, e mal e já quando era manifestamente impossivel tomar um decisão util. Como o 5 contribuiu depois para a implantação da Republica já é sobejamente conhecido. Resta-me, por ultimo, e para cumulo mostrar como se afiançam certos factos. No final do artigo em questão diz o articulista: «que só um elemento acedeu aos signaes, o 2.° sargento Oliveira e que foi até á Rotunda.» Esse sargento, realmente republicano, ha 3 mezes que se encontra no hospital militar doente.

«Não attribuo a Paulino de Freitas as inexactidões que veem insertas na sua entrevista. Conheço-o bem e sei o que vale. Houve, como durante a revolta, pessimas e mal cabidas informações. E é assim que se escreve a historia!...

«Agradecendo a publicação d'uma carta na integra, subscrevo-me de v. ex.ª. — *Tenente Valdez*.»

O regimento saiu pois formado á ordem da monarchia, quando em todas as reuniões revolucionarias, se anteviu a sua immediata filiação no acto insurreccional.

Já em fórma o regimento, não deixaria o tenente Valdez de incitar á indisciplina, o que só conseguiu vêr coroado de exito na manhã de 5, graças á coadjuvação firme do revolucionario Pinto de Lima.

Emquanto isto succedia em infantaria 5, junto ao castello de S. Jorge, onde tinha séde caçadores 5, novas peripecias se davam.

Como nos outros corpos, a insurreição possuia ali adeptos e ao telegraphista fôra commettida, como especial encargo, pelo capitão Carvalhal, a sonegação de qualquer telegramma terminado em *A. P.* e que, segundo a convenção superior dos deffensores monarchicos, corresponderia á abertura de um maço de ordens assignadas pelo commandante da divisão, mandando comparecer no quartel toda a officialidade.

O telephonista, ás primeiras chamadas do quartel general, pelo capitão Martins de Lima, simulava uma somnolencia, que lhe permittiu por algum tempo, o estabelecer da confusão entre

as ordens de prevenção que lhe eram transmittidas e o aviso ao respectivo commandante, tenente-coronel José Joaquim Peixoto.

A situação, comtudo, breve se tornou insustentavel e a comparencia de um major, fez effectuar o determinado pelo commando superior, com o additamento de clausura para o falso somnolento.

N'essa hora, já o adherente á causa dos sublevantes, capitão Caetano Carvalhal Correia Henriques, esperava a chegada de 40 civis, que entrando no quartel, deviam proceder á captura dos officiaes, não sendo dada a incumbencia á soldadesca para que mais damno não soffresse a indisciplina.

Estavam a postos os 1.^{os} sargentos Carlos Moreira Vidal, Nogueira, Francisco Simões dos Santos, e Brito, os 2.^{os} sargentos Caetano, Marques, Felizardo Pedro, Vicente, Lucas, Luciano Monteiro e outros, orientados, não só pelo capitão Carvalhal, como pelo alferes Gomes da Silva Junior.

Para facultar livre transito aos civis, collocou-se ao portão sul, com alguns soldados envolvidos no movimento, o 1.º sargento Francisco Simões dos Santos e no do norte, com outros, o 1.º sargento Vidal e o 2.º sargento Lucas.

A este ultimo portão, se apresentaram os carbonarios, sob a chefia de Coelho Dias.

De desespero se assignalou todavia o apparecimento simples de 10 revolucionarios, na maioria, quasi creanças.

Se não constituiam a quarta parte dos promettidos auxiliares da revolução, symbolisavam egualmente o valor e a temeridade de dez adolescentes querendo assumir o encargo pesado que para 40 homens se designára.

Aproveitando a distracção da sentinella, chamada propositadamente a outro logar, e encaminhados pelo ex segundo sargento Vidal e José Pereira Pinto, como esquilos saltavam, cerca das 11 e meia da noite por sobre o portão de ferro, escoando-se até ás casernas da 6.ª companhia, onde os sargentos prevenidos estavam para o lance em vista.

Entretanto, soando a meia noite, preparavam-se e carregavam-se as metralhadoras, e as praças, perto, aguardavam a voz que para a sedição os lançasse.

De uma das janellas, o capitão Henriques, perscrutava, de oculo em punho, o presumido ancoradouro dos navios, esperando d'elles o annunciado signal.

Esperado era, egualmente, o auxilio dos cadetes João de Menezes Ferreira, Humberto de Athayde Ramos e Oliveira e Marrecas Ferreira, incumbidos pelo almirante Reis, de coadjuvarem os civis no assalto ao castello.

Nada levaram a effeito e Machado Santos, no seu relatorio, a paginas 123, explica assim essa falta:

«Se estas commissões não foram cumpridas, manda a verdade dizer-se que nenhuma culpa tiveram os valentes rapazes.

«Os que foram para caçadores 5 retiraram-se depois dos officiaes se irem embora e dirigiram-se ao Terreiro do Paço, onde tiveram o desgosto de vêr uma fôrça da municipal tranquillamente formada. As noticias que colheram foram tão convincentes do mallogro da revolta que recolheram á escola todos, com excepção de Marrecas Ferreira que foi para sua casa.»

A officialidade fiel, entretanto, bocejava maldizendo as inuteis prevenções.

Fez-se um silencio pesado, breve interrompido pelo estampido de algumas bombas. perto do castello.

Correram para fóra os officiaes, de revolver em punho, lançando o alarme.

Estava escripto que o fracasso e a má comprehensão acompanhariam por toda a parte os revolucionarios, desvalorisando-lhes os ousados projectos.

Julgando feito o signal e em armas já os soldados, abandonaram os esconderijos nas casernas e correram para a parada, armados com as espingardas que á mão poderam haver.

— Viva a Republica!

Fôra cedo de mais tentado o golpe.

As praças, deitadas vestidas e com armas, não haviam comprehendido bem a precipitação dos amotinadores e estes não lograram organisal-os para consummação do plano sedicioso.

Houve a perplexidade, nascida da troca da hora e da falta de signal definitivo, consequencia do que fóra devia vir.

A officialidade leal estava ali unida, para o ataque, chamando a si a soldadesca.

O capitão Carvalhal, exasperado pelo erro, quiz ainda dar fuga aos civis, e accusando-os de precipitação, que elles desculparam com o facto de terem ouvido o signal.

— Eram bombas, apenas! Fujam! Está tudo perdido por culpa dos senhores! Fujam!

Patenteou-se-lhe bem a derrocada pelo escasso numero de civis, arrojados sim, mas não aptos para luctar contra o maior numero.

— Fujam! Saiam!...

Era tarde porém, até para Carvalhal, que suspeito se tornou pelos conselhos, ouvidos por outros officiaes.

A desorientação presidia já aos actos dos rebellionarios e nem se aproveita a sublevação das 2.ª, 5.ª e 6.ª companhias que, sob o commando do sargento Pedro Affonso Cardoso Dias iam apresentar-se a Carvalhal, que as mandou recolher.

Impõe-se aqui a transcripção dos seguintes trechos do relatorio do chefe da Rotunda:

«Mais tarde o capitão Carvalhal Henriques era considerado um dos melhores officiaes revolucionarios e a elle se confiava a honrosa missão de o trazer para a rua.

«Na madrugada de 4 de Outubro, Coelho Dias, chefe civil, entra apenas com dez homens armados no castello de S. Jorge (não lhe mandaram mais armas!) e as companhias, 2.ª, 5.ª e 6.ª revoltam-se, indo a segunda sob o commando do sargento Pedro Affonso Cardoso Dias, apresentar-se ao capitão Carvalhal Henriques, occupando a 5.ª e a 6.ª o parque das metralhadoras. O capitão não aproveita a sublevação para prender os officiaes e arrastar as outras companhias, manda recolher ás cazernas os sublevados e os civis sem apoio algum ficam presos no castello. Maldito signal!

«Maldita salva de 31 tiros!» (*)

Os civis eram immediatamente visados.

(*) «A Revolução Portugueza»=Relatorio de Machado Santos — Pagina 130.

Os graduados cercavam-nos já, apontando-lhes aos peitos as pistolas e as espadas.

Vibravam lhes apostrophes que o exacto conhecimento da situação justificava.

A officialidade, vencedora n'este instante, devera talvez a vida á erronea interpretação do externo tiroteio.

— Então as espingardas eram para nos matar?

— Para nos deffendermos apenas! responderam sem cobardias.

E o commandante, rugiu:

— Malandros!

A altivez dos revolucionarios, conduziu a excessos sobre estes, nascidos do furor pela previsão dos acontecimentos frustrados apenas pelo extemporaneo levantamento.

Os conjurados eram maltratados na parada do quartel, e levado foi até ao estrangeiro, o ecco d'esses actos de revindicta praticados em caçadores e falsamente attribuidos a infantaria 5

Como cae um throno, a pagina 139 narra assim esses successos:

«Não foi possivel subleval-o. Em vez dos 40 populares que deviam entrar no quartel, para prender os 20 officiaes, só appareceram 10. Dez homens que, tomando por signal de revolta os estampidos das bombas, sairam dos seus esconderijos antes de tempo, para serem desarmados pela officialidade, que os esbofeteou e pisou implacavelmente!»

Outros auctores mencionam ainda o facto, citando comtudo, e para amenisar o procedimento dos graduados de caçadores 5, a existencia de curtas scenas de pugilato, ou fosse o desagravo dos revoltosos, quando livres, ante a violencia dos vencedores:

«Deram-se curtas scenas de pugilato. Os revolucionarios foram esbofeteados, arremessados com furia contra as paredes. Por fim, mandaram-nos para as prisões do quartel.» (*)

(*) Como triumphou a Republica = Subsidios para a Historia da Revolução de 4 de Outubro de 1910 = Pagina 95.

Por seu turno, o capitão Carvalhal, revolucionario, cita assim (*) os successos d'essa madrugada de excitações:

«— Era tarde. Responderam-me que tinham ouvido o signal. Tinham tomado o estampido das bombas por tiros de artilharia. D'ahi a pouco estavam todos presos e desarmados na sala dos officiaes, onda chegaram a commetter a cobardia de os agredir. O commandante salientou-se bastante n'esse tristissimo acto.

« O batalhão formou acto continuo na parada. Alguem lembrou n'esse momento ao commandante que seria melhor mandar-me prender como medida preventiva. Elle entendeu por bem fazer-me vigiar por um major. Saímos então para a fundição de canhões, onde fiquei com o major e uma força, ao passo que o resto do contingente seguia para o Rocio. Os sargentos e praças que conspiravam comigo estavam desanimadissimos. Dei-lhes esperança, aconselhei-os sobretudo inercia e abstenção de atirar sobre as forças republicanas. Tambem assim podiam ser uteis.»

Seria talvez essa vigilancia a causa da attitude indecisa de que foi accusado (**) o chefe militar da revolta em caçadores 5:

«O ex-sargento Pinto foi quem dirigiu o assalto do grupo civil a S. Jorge; a indecisão do capitão Carvalhal obrigou o ex-sargento Pinto a retirar, vindo-se-me apresentar na Rotunda na manhã de 4.

«Quando os officiaes retiraram da Rotunda, já eu me encontrava sufficientemente esclarecido sobre a attitude offensiva que o batalhão tomára contra nós.»

Como desculpa á flagrante indecisão do momento, não faltou aquella que aliás allegaram todos os regimentos, salvo artilharia 1 e o 16 de infantaria: o não ser ouvido o signal e a falta dos civis: (***)

«Se caçadores 5 não saiu para a rua, devidamente commandado pelos revoltosos, foi unicamente devido á falta de com-

---

(*) *O Mundo* de 27 de Outubro de 1910.

(**) A Revolução Portugueza. — Relatorio de Machado Santos. — Pagina 131.

(***) *O Seculo* de 15 de Outubro de 1910.

parencia do numero combinado de paisanos no quartel, e tambem á falta de tiros, pois não chegámos a ouvir os 31 combinados. Tambem muito influiu a prevenção devida á exaltação que causou a morte do ditoso democrata dr. Miguel Bombarda, difficuldade esta que facilmente se demovia se apparecessem os paisanos esperados.»

. . . .

«O signal não chegou a ouvir-se completo e os poucos paisanos, apenas uns 12, nada puderam fazer devido á sua insufficiencia e os que para lá se dirigiram foram dispersos pela policia da esquadra do pateo de D. Fradique.»

Com a ajuda dos soldados, que julgaram prudente, ante o fracasso, occultar as primitivas intenções, eram os revolucionarios lançados para os carceres do castello, emquanto o commandante de caçadores 5, obedecendo á ordem do quartel general, mandava formar o regimento, para seguir ao local onde devia comparecer, o Rocio.

Ouçamos agora o depoimento (*) de um dos presos civis d'essa noite:

«Na noite de 4, muitos dos soldados deitaram-se vestidos pondo-se logo a pé, ao primeiro sinal dado de bordo dos navios de guerra, o que surpreendeu alguns oficiais que logo comunicaram ao comandante o que se passava. Entretanto o sr. capitão Carvalhal e um alferes faziam formar as 5.ª e 6.ª companhias, dispondo-se a sair com ellas para a rua. Os populares que entraram não tiveram, porém tempo de aprisionar os oficiais e foram pouco depois presos. O batalhão saiu todo para a rua, mas com o comandante á frente, pronto a acatar as ordens do governo da monarchia. Entretanto não chegou a fazer fogo contra o povo ou contra os revolucionarios militares. Postado nas embocaduras das ruas da Baixa não foi obrigado a disparar um unico tiro. No dia 5 de manhã recebendo a companhia do capitão Carvalhal ordem para marchar para o Caes da Fundição a fim de impedir o desembarque de marinheiros. Imediatamente o batalhão arvorou a bandeira republicana e principiou por

(*) *O Mundo* de 7 de Outubro de 1910.

fazer entrega á guarda fiscal que ali estava, abriu o Museu de Artilharia, armando o povo, e seguiu com toda esta força para infantaria 5 á Graça, que obrigou a desistir da luta, fazendo-a sair do quartel a tocar a *Portuguêza*.

«A' meia noite e um quarto de segunda feira, um grupo de 10 populares assaltou o quartel de caçadores 5, saltando por um portão que fica proximo das casernas. Recolhendo se n'uma casa em que se encontrava uma carroça, ahi os dez populares esperaram anciosos o sinal que se fez sentir á 1 hora, sendo-lhes dito por um sargento que de mando do capitão Carvalhal podiam entrar nas casernas. Acto continuo tomaram pela escada que dá ingresso ás casernas por se encontrar no pavimento superior o paiol e as arrecadações, onde entraram e se armaram, levando espingardas, enchendo os bolsos de cartuchame, avançando depois para as casernas de onde sairam com diversas companhias; quando iam a avançar para intimarem os oficiaes a renderem-se foram subitamente obrigados a recolherem-se novamente ás casernas, escondendo-se por diversos cantos. Em seguida começaram a ser presos pelos officiaes, sendo entregues aos soldados que estavam de prevenção os quaes os acompanharam á sala de bilhar dos oficiaes. Ahi foi-lhes passada uma minuciosa busca, tirando-se-lhes dos bolsos todas as munições bem como as pistolas e revolveres de que iam munidos, sendo insultados por diversos oficiaes entre os quaes se salientaram o tenente-coronel, que era comandante, um major, um alferes, etc. Após isto, foram os presos metidos debaixo de escolta e levados para a casa de Reclusão, onde lhes foi novamente passada uma ainda mais minuciosa revista, tirando-se-lhes todos os objectos de valor que traziam, consentindo que levassem lapis, papel, tabaco e fosforos. Os presos recolheram a casa, indo para o calabouço n.º 1 cinco populares e para o n.º 2 quatro populares. O ultimo foi para um quarto de sargento, visto ir fardado, porque era soldado de infantaria 1 e é filho do capitão Pinto da Cruz, comandante da 4.ª companhia da municipal. Forneceram uma manta a cada preso. Na terça-feira pela manhã os presos reclamaram comidas, sendo lhes dito pelo director da casa da reclusão que esperava ordem do quartel general para saber se lhes podia abo-

nar rancho. Cêrca das 9 horas e meia da manhã foi-lhes fornecido rancho, que constou de carneiro com batatas e de um quarto de pão muito rijo, que teve de durar até quarta-feira de manhã. A' tarde forneceram-lhes o rancho que constou de macarronete com grão e chouriço com feijão encarnado. Proximo da noite foram-lhes fornecidas os tomilhos e mais algumas mantas do que as que tinham dado na vespera. Mais uma noite tiveram que passar ouvindo sobre as cabeças os estrondos das metralha.

«Na quarta feira pela manhã foi-lhes fornecido café, que foi bebido e acompanhado com um resto de pão que receberam no primeiro dia. Cêrca das 9 horas e meia ouve-se uma voz dando vivas á Republica; n'esta occasião vê-se arvorar no Carmo uma bandeira republicana, sendo em seguida abertos os calabouços saindo os presos para a parada, onde o capitão director da casa da reclusão falou, saudando os politicos e terminando com um viva á Republica N'esta occasião um dos presos politicos, subindo a uma pedra, agradeceu em nome dos demais presos a maneira amigavel porque foram tratados. Após isto sairam.»

Essa attitude repressora do commandante de caçadores tenente coronel José Joaquim Peixoto seria mais tarde modificada, e assim vel-o-hemos, na manhã de 5 de Outubro, submettido a ponderações dos revolucionarios tenente José Valdez e Joaquim Augusto Pinto de Lima.

O regimento de caçadores 5, saiu, portanto n'uma attitude indecisa, para a revolução e para a monarchia.

Subdividindo-se, ia uma parte sob o commando do capitão Carvalhal, guarnecer o Arsenal do Exercito, e como no quartel, os revolucionarios, viram falhar-lhe a adherencia d'esses com quem contavam e cuja acção todavia se não era pela republica, abertamente, egualmente não patrocinava a realeza, oppondo-lhe uma apathia duvidosa.

Outra parte, com as metralhadoras, ia para a embocadura da Avenida da Liberdade, e os seus tiros procurariam actuar certeiros sobre o acampamento onde Machado Santos, o organizador audacioso da insurreição em caçadores 5, sonhava uma hecatombe, quando a sorte lhe preparava uma victoria!...

A esse tempo os desalentados provocadores da rebellião em infantaria 5, seguiam sobre engenharia, installada no quartel da rua dos Sapadores.

A ordem transmittida na tarde de 3 de Outubro, ao 2.º sargento Manuel de Oliveira, não tivera andamento por deffi ciente e por suspeitas sobre o emissario, desconhecido.

O aviso com foros de authenticidade, era só communicado cerca das dez horas da noite, e ainda summariamente.

A' 1 hora da madrugada, um automovel com o tenente Alvaro Poppe á paisana e os cadetes João Ribeiro Gomes e Ignacio Monteiro de Azevedo fardados, apresentava-se na rua dos Sapadores sendo participado ao sargento, que ao aviso de sublevação em infantaria 5, engenharia devia pôr-se em armas, acclamando a republica.

Debalde se esperou o aviso.

As praças aprestadas, aguardavam apenas a ordem para a revolta.

Em vez d'ella veiu a que determinava a saida do regimento.

Ao fracasso do 5, ia corresponder o de sapadores.

Os grupos civis de José Augusto de Oliveira, o *Oliveira dos Bonets*, ignorando que se quizesse alliar a sublevação de engenharia á do batalhão da Graça, procuraram actuar ali.

De flagrantes incoherencias se patenteou toda a descripção da attitude assumida pelos revolucionarios civis junto de sapadores, dando-se como não tentado o seu pronunciamento na revolta.

Ouçamos pois o relatorio (*) de um dos chefes revolucionarios, José Victorino, patenteando a derrocada das investidas e, não velada, e constituindo assim um depoimento tão verdadeiro quanto é despido de actos de alto heroismo que aliás se poderiam apregoar:

«Beijei os filhos que estavam a dormir, saí com toda a cautella para os vizinhos não saberem. Dirigi-me ao café Magi-

(*) Documento inedito de posse do auctor d'esta obra. José Victorino e sua esposa, Luiza Ferreira, já foram citados a paginas 112. — N. d'A.

na. Já alguns tinham saido para casa do Oliveira dos *Bonets*, para d'ali seguirem para engenharia onde tinham um sargento para dar entrada no quartel.

«Ali se juntaram com os que vinham do Alto Pina, fazendo um grupo de 175 homens, commandados pelo Oliveira e sargento José Lourenço Flores. Appareceu o sargento de engenharia que disse não podia sair com o regimento para a rua, que não estava nenhum official no quartel. N'esta occasião entravam dois.

«Disse Antonio Antunes:

« — Ali vão dois!

«Disse o sargento:

« — Mas aquelles são thalassas.

«Disse o Antunes:

« — Prendem-se!

«Já outros queriam saltar o tapume para o quartel.

« — E armamento?!... disse um.

« — Ainda não veiu. Esperemos mais um bocado que não póde tardar.

«N'esta altura foram presentidos pela policia que os fez fugir a todos. Havia um que trazia um revolver e ainda quiz dar fogo. Teve que fugir como os outros. Ficaram desorganizados. Eu no café Magina encontrei sete que lá haviam de esperar por mim para atacar a guarda municipal que andasse pela Baixa.

«Eram duas horas da manhã, quando na rua de Santa Justa uma força de cavallaria corria atraz de nós. Ao chegar ao largo o *Joaquimsinho* atirou uma bomba que não sei o estrago que fez, mas já não seguiram para cima. As portas de ferro do 31 foram furadas e assim um vidro. Eu e outros fugimos pela rua dos Fanqueiros, até ao Poço do Borratem Elle, Joaquim, e outro, foram cercados pelas vedetas de caçadores 5 que estavam espalhados pelas ruas da Baixa e viram-se afflictos, queriam matal-os. Lá se escaparam como puderam e foram ter comnosco ao Poço do Borratem e por ahi ficaram até de manhã.»

Ainda outros revolucionarios do grupo de José Augusto de Oliveira, julgando que perdidas as esperanças sobre infantaria 5 iam recuperal as attrahindo engenharia, correram sobre o quartel respectivo, supposto já em completa indisciplina.

Encontravam todavia o regimento em marcha, ordenada, e sem que valessem as tentativas de insubordinação provocadas durante o caminho.

Ao entrave, pela policia, correspondia o ataque a tiro, na Rua dos Sapadores ao agente 1552 Francisco Maria Lima Vieira, que tendo depois summario curativo, voltava ao hospital mais tarde (8 de Outubro) em estado grave.

Debalde procuraram os combatentes o dirigente principal, o *chefe de barraca* José Augusto de Oliveira, o *Oliveira dos Bonets*, estabelecido na rua da Mouraria.

Foi esse talvez o unico grupo que sem o legitimo chefe manobrou.

Agitados já os pontos principaes onde os nucleos revolucionarios deviam actuar José Augusto de Oliveira, avançou com a mulher, Maria Oliveira, activo propagandista, até á Graça.

A's indecisões de infantaria 5, resolveu ir proceder em engenharia.

Baldados eram os passos.

A policia cortou lhes o caminho e prendeu-os. José Augusto de Oliveira ficou detido e Maria d'Oliveira era solta, não sem que o marido n'um olhar lhe recordasse o proseguir da missão.

Ella recorda-se de que, já pelo 28 de Janeiro de 1908, exilado Antonio de Oliveira, se entendera com os varios grupos para o continuar da acção de propaganda.

Os agentes não conheceram essa alma, a assemelhar se a Luiza Michel sob o ponto de vista de energica mentalidade de revolucionaria.

Indifferente ao tiroteio, ás trevas, abandonou o inutil encargo em engenharia, a caminho já, e marcha sobre a Rotunda, registando as forças dispersas, as suas posições, n'um avido anceio de vingar o marido, na lucta, em que a seu tempo a encontraremos.

Baldadamente pois tentaram os outros possuir a orientação do chefe que devia dirigir o assalto a engenharia.

Estava já sob ferros, mercê d'um alheamento de posto que

lhe competia e que encontramos consubstanciado no seguinte insuspeito depoimento: (*)

« — Ora! Como foi! Como havia de ser! Fui, prompto! Então, as mulheres não teem tambem o dever de velar pela sua patria? Alem d'isso, eu era já conhecida como revolucionaria, e os *camaradas* contavam commigo para o grande dia...

«E diz, e diz, relatando-me as peripecias todas da sua vida de propagandista. Já no 28 de Janeiro, quando se deu o fracasso da Revolução, ella estava mettida na *cousa*, de funcção com o seu marido, o valente revolucionario José Augusto d'Oliveira. Deu-se o desastre, e o marido teve de emigrar para Hespanha. Embora! Ficava ella, para se entender com os do grupo d'elle, e o que é facto, é que o grupo a chamava ás suas reuniões, ouvindo o seu conselho... *Pois não! Elles bem sabiam quem eu era!...* Emfim, chega a noite de 3 de Outubro, o canhão sôa *lá em cima*, e eis que os dois, marido e mulher, abalam por ahi fóra, um pouco ao acaso... «*E se fossemos até á Graça?*»

«Seja! Mas na Graça as coisas pareciam indecisas e elles, anciosos por *fazer alguma coisa*, resolvem avançar sobre o quartel de engenharia. «*Isso, isso... Para o quartel de engenharia!*» A policia cortou-lhes o passo a meio do caminho». Para onde vão? marchem lá para a esquadra! Foi uma arrelia medonha... «Imagine, presos assim, sem gloria nenhuma, antes de entrar em fogo... Não era para desesperar?» Na esquadra a policia achou que não tinha nada que ver com mulheres e soltou-a, a ella, mantendo preso o marido.

«Quando lhe davam a ordem de soltura, os dois olharam-se um momento, fixamente, parecendo que elle dizia: «Vê lá, mulher! Morrer pouco importa, quando se morre com honra!» E que ella lhe respondia: «Descansa, que saberei dignificar o teu nome!»

Nada poderam fazer, mercê do fracasso de infantaria 5 e das breves providencias tomadas em engenharia, os cadetes a quem fôra incumbido o encargo de lhe auxiliar a sublevação.

(*) *A Republica* de 5 de Outubro de 1911.

Abandonando esse campo, caminhavam depois para a Rotunda, onde audazes se patentearam.

Assim a sedição viu falhar-lhe egualmente o projecto sobre sapadores e este regimento, contrariamente ás hypotheses revolucionarias de que estava minado, sediciosamente, a ponto de se temer um movimento extemporaneo, assumia, salvo ligeiras deserções para a Rotunda, attitude pouco consentanea com esses allegados compromissos, embora ella não alterasse, na sua fórma pouca violenta, o desiquilibrio preparado ao throno de Portugal.

Engenharia, devidia-se em companhias que iam accionar em pontos varios e mantendo uma forte interrogação sobre qual o caminho por que nortear se, pronunciar-se-hia, como ao inevitavel, pela Republica, que o povo lh'e fez saber acclamada na manhã de 5 de Outubro.

A monarchia estando escassa em servidores leaes, não podia resistir.

Em caçadores 2, com séde na Cova da Moura e que o quartel general queria trazer para a rua, a indisciplina punha-se egualmente ao serviço da Revolução e quando pelo telephone, o commandante mandava marchar para o Rocio, primeiro, depois para S. Pedro de Alcantara, e ainda para o desalojamento dos revoltosos da Rotunda, o tenente ajudante Conceição, longe de registar essas determinações, transformava-as n'uma ordem formal do commando para que o regimento não saisse.

Julgado fôra tão decidido o batalhão que o 2.º sargento David José dos Santos Moreira, dispensára, para a sublevação, o concurso dos civis da chefia de João Augusto de Andrade.

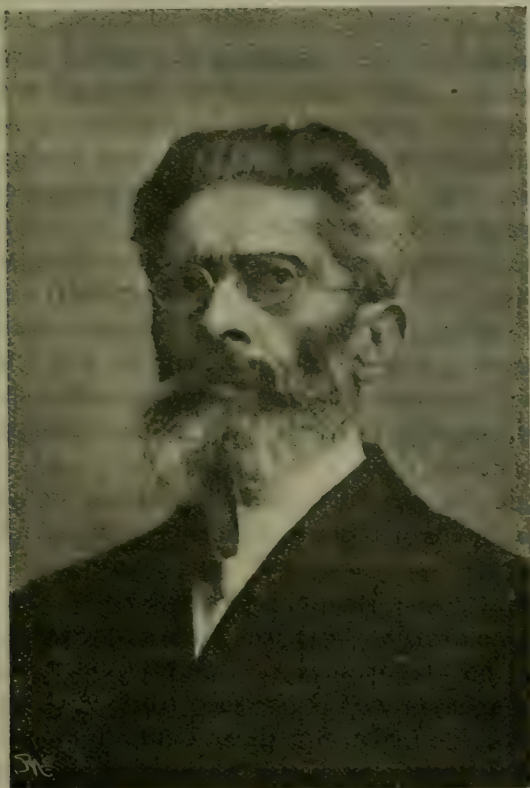
O nucleo não abandonou caçadores 2, mas desprovido de bombas, retirava, á saida da soldadesca, de baioneta callada, e em marcha para a defeza do palacio real.

Um outro grupo, superior a 20 revolucionarios, da chefia do commerciante José Nogueira, tentou ainda a approximação do quartel.

Ao aviso de pouco hospitalisador acolhimento, resolveram aguardar, no fim da rua, o seguir do batalhão.

Foi egualmente a saida d'este em accelerado, que se lhes patenteou como adverso á causa.

Os civis debandaram para a acção no quartel de marinheiros.
A carbonaria julgou ali um novo fracasso.

Era sempre um duplo erro e caçadores 2, embora manifestasse de principio uma attitude aggressiva, breve se tornou n'um

AZEVEDO GOMES
(Primeiro ministro da marinha do regimen republicano)

corpo immobilisado, operando uma tactica de simulado receio, favoravel á revolta, o que esta reconheceu, apontando-o como resgate ao retrocesso na promessa de a auxiliar abertamente:

«O batalhão de caçadores 2 antes de tomar a tal attitude decisiva, foi metralhando os marinheiros com duas metralhado-

ras, resgatando em parte a sua indecisão pela recusa do seu commandante em marchar contra a Rotunda, permanecendo na defeza do real paço até á implantação da Republica.» (*)

No quartel ficava, todavia, uma força do commando do tenente Alvaro Telles de Azevedo.

O official, prevendo um assalto pelos civis, começava por prohibir aos soldados que armassem baionetas e carregassem as armas e a propria resistencia a qualquer tentativa, exhortando-os até a uma entrega immediata, caso o povo se apresentasse ali.

Não satisfeito ainda, fazia expedir ordens secretas, de identica intenção, para as forças da sua companhia, que haviam marchado para as Necessidades.

Entretanto e talvez para execução d'esses preceitos, (**) o 2.º sargento David José Fernandes Moreira, collocava em impossibilidade de serviço tres das metralhadoras confiadas á sua guarda, enfraquecendo-lhes a mola accionadora, e procurando submetter o seu regimento ia, em pessoa, sollicitar ao quartel de marinheiros, uma força destinada ao ataque da posição que phantasiava deffender.

Descia de alto essa corrente e já vimos, a confirmar, a attitude do proprio commandante, o tenente-coronel Andre Joaquim de Bastos.

Em caçadores, a Republica contava ainda com 5 officiaes, 11 sargentos e a maior parte dos cabos e soldados.

A acção nos regimentos de Belem foi fraca, a despeito da larga propaganda, orientada por João Abrantes Lucio, pharmaceutico na Rua de Belem 89, Cesar Loureiro e outros.

Debalde se procurara minar lanceiros 2, com séde na Calçada da Ajuda.

Diminuta foi a influencia sobre cavallaria 4 e os successivos addiamentos, fizeram decrescer fortemente os nucleos revolucionarios formados pelos soldados de infantaria 1.

Esse conhecimento levou os revoltosos a projectos, onde se

(*) «A Revolução Portugueza»=Relatorio de Machado Santos — Pagigina 135.

(**) Regista o facto o *Seculo* de 6 de Outubro de 1910.

aventavam até possibilidades, falsas, de adhesão da bateria de Queluz, que, reunida ás forças de Barcarena, obteria, violentamente, a rendição dos regimentos de Belem com a metralha disparada do alto da Ajuda.

Acompanhou quasi sempre os revolucionarios a derrocada das previsões, se bem que esse facto não significasse um auxilio á realeza que forçada foi ao exilio, quando em Portugal tremulava já a bandeira victoriosa da Revolução como antecessora da Bandeira official da Republica.

Em lanceiros 2 aguardavam-se acontecimentos graves.

O coronel Alfredo de Albuquerque, ao sahir do jantar no paço fôra a casa fardar-se, regressando logo ao quartel, onde encontrava quasi todos os officiaes, e avisados os restantes, como o tenente Estevão Wanzeller.

Este, tendo chegado á residencia no Dafundo á 1 hora da madrugada, achava ali a ordem de prevenção, retrocedendo immediatamente a Belem.

Breve era recebida a ordem do quartel general determinando a marcha para o Rocio.

Tudo organisado e apparelhado, o regimento era mandado seguir ao seu destino.

Assim se fez, e deixando como chefe da guarda de policia ao quartel, o 1.º sargento Manuel Guerra, punha-se em marcha proximo das 2 horas da madrugada sob o commando do coronel Alfredo de Albuquerque e n'um effectivo de 192 soldados, formando quatro esquadrões a dois pelotões de doze filas cada um.

A sahida rapida do regimento de lanceiros 2, neutralizou um plano: a morte do coronel Alfredo de Albuquerque, pelo 2.º sargento Antonio Vigoso, que para isso se munira de chaves falsas do quarto do commandante.

Mais tarde o sargento referia essa incumbencia tragica, o que valia, a despeito de republica em Portugal, um desforço pessoal por outro sargento. (*)

(*) Cita o facto o coronel Alfredo Albuquerque, no livro de Joaquim Leitão, *Os Cem Dias Funestos*, paginas 302.

Não deixou isso de ter desmentido, se bem que alheio a elle fosse o alvejado:

«O 2.º sargento Antonio Vigoso, durante a revolução esteve no quartel e empregou se em interromper as communicações telegraphicas e telephonicas. Não tinha por missão matar o ex-coronel Albuquerque nem tão pouco tal afirmou. Foi provocado no refeitorio pelo 2.º sargento Evandro Roque da Cunha que, por esse motivo e por nenhuma confiança me merecer, foi transferido para cavallaria n.º 7, de onde desertou para Hespanha a incorporar-se nos conspiradores. O 2.º sargento Vigoso, logo que pôde ser util á causa da Republica, manifestou o maior entusiasmo em todas as missões que teve de desempenhar.» (*)

Pretendeu-se negar ainda, para que não subsistisse decerto a accusação, que o sargento fosse revolucionario.

Estava porém o desmentido contrariado já, efficazmente, no seguinte trecho do relatorio de Machado Santos, a paginas 142:

«Lanceiros fez parte da brigada mixta que atacou a Rotunda no dia 4; o sargento Vigoso fez o que poude para neutralizar a acção do regimento; não o conseguiu, mas as granadas certeiras de artilharia 1 dispersaram-na.»

Voltando á sahida de lanceiros 2.

Premeditado estava o seu destroço pelas bombas, á passagem pelo Theatro Camões, porque communicando com o Campo das Salesias, facultava a fuga em caso de insuccesso.

Mas um incidente serviu para, n'um acaso tragico, prevenir maiores calamidades.

Proximo á passagem do regimento, quando no Centro Republicano da Rua da Cadeia, Abrantes Lucio explicava ainda o funccionamento d'uma pistola automatica, a arma disparando-se, levava uma bala á cabeça do leccionado, empregado na Companhia do Gaz.

O caso fez convergir as attenções para o ferido e cavallaria 2, seguiu, escapando-se á premeditada chacina, emquanto a po-

---

(*) «A Revolução de 5 de Outubro» = Resposta ao ex coronel Alfredo de Albuquerque, pelo major de cavallaria Thomaz de Sousa Rosa. — *O Mundo* de 17 de Dezembro de 1912.

licia ao alarme, assaltava o Centro, obrigando á fuga o grupo revolucionario de Belem.

Como guarda avançada rasgava caminho, da Junqueira a Alcantara, um troço de praças, de carabina na mão direita e com as correias das lanças enfiadas no braço esquerdo.

Commandava-as o tenente Accacio Adjuto Augusto Nunes e Antonio Callado.

De marcha em marcha, procuravam informações nas esquadras, onde tudo se ignorava.

Ao desembocar da rua Tenente Valadim, eram intimado a retroceder por um troço de marinheiros.

Posta em pratica a usança militar, o tenente Nunes interrogou:

— Quem commanda ahi?

A resposta veio com uma descarga:

— Aqui commandamos nós!

Era a marinhagem então já de posse do quartel.

— Vamos a elles! bradaram os maritimos.

Retrocedia a guarda avançada e o coronel Albuquerque, avisado, transmittia a communição do assalto, ao commandante de infanteria 1. Este requisitava ao coronel Albuquerque uma força de lanceiros, que ficou na Ponte Velha de Alcantara sob o commando do aspirante Narciso de Sousa.

Deixando infantaria 1, appoiada por um pelotão, lanceiros 2 atravessava as ruas desertas e ás escuras do bairro da Lapa, seguindo pela Calçada das Naves, largos da Estrella e das Côrtes, Rua da Escola Polytechnica, Largo da Alegria, Avenida, onde achava infantaria 5 com as metralhadoras, e Rocio, onde acampava, junto ao Theatro de D. Maria, fazendo companhia a infanteria 2 e caçadores 5.

Quando se apresentou ao commando de divisão recebia Albuquerque a ordem que poderia ter sido expedida quando o regimento perto estava do local onde devia proceder: a Estrella.

Cumpria-lhe seguir com infantaria 2, para proteger mais ao norte o Paço das Necessidades, que se encontrava atacado já pelos revoltosos.

O coronel Albuquerque ia pôr-se á ordem do coronel mais antigo, o de infanteria 2, Antonio Augusto de Sousa Bessa, mas este, abdicando da sua superioridade de tempo de serviço, entregava o commando do grupo unido ao chefe de lanceiros 2.

Livre ainda o caminho, pois a columna revolucionaria marchava então sobre a Lapa, a força fiel seguia cerca das 2 horas e meia pela Avenida, Calçada do Salitre e largo do Rato, ruas do Sol, Santo Ambrozio, Saraiva de Carvalho, Travessa e largo da Estrella, onde deixava um pelotão de cavallaria em auxilio do quartel da guarda municipal; e Rua de Santo Antonio, occupando logo as embocaduras d'essa rua, de Domingos Sequeira, Patrocinio, Possidonio da Silva, Possollo e Borja, largo da Estrella e travessa do Jardim.

Foi a tempo para perturbar as intenções dos rebeldes.

A disposição das forças, protegidas pelas trevas, e julgadas dispostas a cumprir o seu dever, fez retroceder a columna revolucionaria destinada ao assalto das Necessidades.

Vamos notar em breve a disciplina, por irrisoria, posta, por sua vez, ao serviço da revolta e se ella se temeu das tropas presumivelmente dispostas a combate rude, veremos em pouco estas, a curtos passos de uma collissão travada contra a columna sediciosa, e a municipal, observar completo alheiamento.

Essa victoria comtudo do embate da guarda, serviu para affirmar a municipal audaz deffensora da causa monarchica, se bem que apenas constituiu um prolongar da estada real em Lisboa e de auxilio aos preparativos de voluntario exilio

Em cavallaria 4, foi o elemento civil que não coadjuvando a sublevação do regimento, contrariou os esforços para esse fim, empregados pelos tenente Carvalho, 2.º sargento Bernardino e ex-primeiro sargento Duarte Gomes.

Valeu egualmente á falta de adhesão, o facto de cavallaria não ter caminhado a par das propagandas.

Para ajudar uma hypothese de levantamento, chegaram a comparecer os cadetes João Sarmento Pimentel e Francisco Xavier da Cunha Aragão, aguardando a chegada do tenente de cavallaria, José Ricardo Pereira Cabral.

O apparecimento d'este trouxe um breve conselho.

Registou se o facto de o regimento estar de prevenção e a falta dos civis.

Operou-se pois a retirada para a Escola do Exercito, onde lhes era notificada uma falsa nova de perda do movimento.

Todavia, não convencidos, o cadete Sarmento Pimentel e Aragão vendo ali 30 soldados de cavallaria, propunham ao tenente Cabral, que utilisando-os, se fizesse uma investida á municipal, chamando assim novo auxilio á revolta.

A pretexto de falta de munições e ainda da responsabilidade que podia nascer d'um acto isolado, pois o presumia, visto a derrocada geral annunciada, não consentiu no projecto de arrojo.

A's instancias, sahia só, para ajuizar das probabilidades da acção, e vel-o-hemos surgir na Rotunda, para a abandonar quando do evolar dos outros officiaes.

O cadete Francisco Aragão, conseguia deixar a escola, para regressar a casa, mas a conferencia dos tres homens, já denunciara intenções e João Sarmento Pimentel, era detido e interrogado pelo official de serviço, capitão Vallada.

Antevista conspiração, a escola, ás ordens do 2.º commandante, constituia-se em regimen preventivo, formando a infantaria junto aos armeiros com ordem de não deixar approximar ninguem, e commettendo se á cavallaria a externa vigilancia.

Mallograda foi pois a tentativa de inssurrecionamento em cavallaria 4, á qual melhor fôra que ella tivesse proseguido.

Assim, uma parte abandonou o quartel, acompanhando as ordens do quartel general, e escapava, conseguindo sob o commando do capitão Eusebio Augusto Ferreira da Silva, encorporar-se em Alcantara á brigada confiada ao coronel Brito e Abreu.

O primeiro esquadrão sahido porém, do commando do proprio coronel Jesuino Gregorio Pessoa de Amorim, marchando na esteira de lanceiros, foi menos feliz do que elles.

Ao passar em Alcantara, soffreu logo o duro effeito das granadas de mão, que lhe faziam estragos irreparaveis.

Quasi destroçado, o regimento reconheceu-se impotente para se impôr ao mortifero effeito das bombas.

Os soldados esquivavam-se de abalada, abandonando as montadas e os revolucionarios assignalavam com gritos de *viva a republica* a victoria facil.

Como desculpa á fuga, ou para patentear que a monarchia nem por si tinha o regimento com que os revolucionarios não contavam, veiu mais tarde esclarecimento firmado por punho com auctoridade: (*)

«Cavallaria 4 em Alcantara, ao que me consta, não deu um tiro, sendo o regimento posto em debandada pelo elemento civil d'esse heroico bairro, que contra elle lançou algumas bombas; os soldados republicanisados por uma activa propaganda aproveitaram a occasião e fugiram. O tenente Carvalho com o seu esquadrão, depois de ter marchado e contra-marchado sem nos hostilisar, foi-se-me apresentar á Rotunda na manhã de 5, prestando optimos serviços de exploração quando foi o alarme do avanço de artilharia 3 com dois regimentos de infantaria sobre Lisboa.»

Só em Santo Amaro parou essa engendrada fuga e se muitos, indo além, só descançavam no quartel dezoito soldados se aggrupavam ainda ás ordens do coronel Amorim, que reunindo mais alguns animosos, convencidos no quartel, conseguia elevar o effectivo a cerca de 40 praças com as quaes enveredava pela Serra de Monsanto, até voltar a Lisboa, ingressando no quartel da guarda municipal de Cabeço de Bolla.

Não se pode dizer que fosse modesta a fuga, e a galopada, de Belem, pela Serra, até ao Paço da Rainha, nas alturas do Campo de Sant'Anna, constitue um dos extravagantes episodios da revolução, servido assim por esse nucleo que obedeceu a uma tactica de inercia.

Para o regimento de infantaria 1, na Calçada da Ajuda o assalto estava determinado pelo grupo que dirigia o 2.º sargento de caçadores 2, José R. Ferreira, natural de Vinhaes e que ali perseguido pelas suas ideias democraticas, accusado de maçonico e de ter pacto com o diabo, se vira forçado a abandonar,

---

(*) *A Revolução Portugueza* = Relatorio de Machado Santos = Pagina 141.

sentando praça e indo até fazer serviço no Congo, Loanda e Guiné.

O assalto não se realisou. O grupo não comparecendo, fel-o gorar e o sargento regressava a caçadores 2, sem poder cumprir a missão, sublevando o regimento que possuia como revolucionarios a maioria dos officiaes.

Infanteria 1 de prevenção, ordenada de tarde, por desconfiança, pelo coronel José Jayme de Sousa Marques não deu ensejo ás manobras da rebeldia.

A' formatura, o commandante fazia a seguinte fala aos soldados:

—«Infantaria 1 vae cumprir o seu dever. Seguir me ha, porque fazendo-o só trilhará o caminho do dever e da honra.»

O regimento sahia livremente do quartel, com 250 homens.

A's difficuldades do insurreccionamento, correspondia pelos revoltosos, o desejo do destroço.

A marcha, todavia, em vez de se effectuar pela Calçada da Tapada, onde havia espera presumivel, operou-se descendo a Calçada da Ajuda, seguindo pelo areal da Junqueira, até Alcantara, escapando assim á emboscada da artilharia civil.

Ia acampar junto das portas de Alcantara, onde dava o primeiro combate aos marinheiros, emendando porém, mais tarde, o acto de defeza á causa da realeza com uma inactividade salientada pelos proprios elementos democraticos. (*)

Egualmente se desfaziam os projecros traçados sobre infantaria 2, do commando do coronel Antonio Augusto de Sousa Bessa.

Destinara o almirante Reis, para auxilio ao levantamento, os cadetes Mac Breid, Antonio José Soares Durão, Saldanha e Nogueira, sob a direcção dos tenentes Americo Olavo e Luiz Ochôa.

O signal de bordo, colhia os nas alturas da Rocha de Conde de Obidos.

(*) *A Revolução de 5 de Outubro* pelo major Thomaz de Sousa Rosa. = *O Mundo* de 17 de Dezembro de 1912.

Longe de concitar a sedição, aguardaram que a soldadesca a iniciasse.

Dentro, porém, havia a disciplinada obediencia ao toque de formar companhias.

Era o fallir dos planos.

Retrocediam até á linha ferrea de Alcantara, perto do posto de desinfecção, para espera do desembarque da marinha.

A' hora fixada para o assalto ao regimento, apresentava-se no quartel da Rua de Francisco de Paula, o grupo civil de José Victorino, (*) encarregado de trazer para a rua, em revolta, infanria 2:

«José Victorino era o chefe do grupo civil que devia auxiliar a sublevação do regimento. A' hora combinada compareceu com o seu grupo no local que lhe indicaram e, como não sabia, por não lhe terem dito, como havia de proceder, José Victorino foi com a sua gente auxiliar os marinheiros.»

Não teve pois o nucleo as devidas instrucções e havendo-as debalde aguardado, tomou uma attitude de espectativa, receoso de, investindo com a soldadesca, frustrar algum plano interno.

O regimento formou assim sem entraves, de baioneta armada.

Retrocedendo até ao Aterro, achavam ali quatro cadetes, trocando impressões com um official de marinha.

Transmittiram-lhes as más novas de infantaria 2, dando-a como de baioneta calada, e disposta á chacina dos revoltosos.

Esperançados ainda, resolviam, com a armada, fazer frente aos não adherentes.

Aguardada debalde, emquanto os carbonarios de José Victorino, debalde esperavam egualmente os officiaes que os deviam orientar, começava a dispersão pela retirada do tenente Ochôa.

Seguira-se a do tenente Americo Olavo, para procurar informações, que paciente e inutilmente foram esperadas pelos quatro cadetes, cedendo tambem terreno, ás 4 e meia da madrugada.

(*) Este revolucionario citado a paginas 134 do Relatorio de Machado Santos, não é decerto, o encarregado do assalto de engenharia, que no seu depoimento nem sequer allude a qualquer acção sua junto de infanteria 2.

Emquanto dois d'elles, Nogueira e Saldanha, regressavam ás respectivas residencias, Mac Breid e José Soares Durão, exploravam o Aterro, subiam pela calçada do Ferregial até ao Camões, para descer em parte o Chiado onde o aviso de outro official, os fazia retroceder, pela temeridade de avanço até ao Rocio, onde soldados de outros regimentos fuzilavam quem ao alcance passasse.

Por S. Roque iam a S. Pedro de Alcantara e Rua da Escola Polytechnica, onde os cadetes, com o desespero na alma, e julgando abortado o movimento, se separavam: um, Mac Breid, para casa; outro, caminho da escola.

Comtudo, antes de essa hora a Rotunda enchia-se de revolucionarios, os sublevados de artilharia 1 e infantaria 16.

No Aterro dera-se o encontro de infantaria 1, com o troço revoltoso sahido do quartel de Alcantara.

Derruidas ficaram porém as esperanças postas em infantaria 2.

A attitude d'esta embaraçou os cabecilhas que deviam incital-a á rebellião e, do duplo equivoco, nasceu a marcha disciplinada, que logrou fazer entrar o regimento na acção envolvente que com lanceiros 2 e cavallaria 4 se tentou contra a Rotunda.

E' certo que de cousa alguma valeu isso á monarchia, sempre atraiçoada, pois os soldados, retrahidos a uma acção directa de combate contra a dynastia, punham em pratica outro meio, que n'um fracasso, contrario á democracia, não lhes impunha responsabilidades de cumplice declarado: a fuga iniciada ás primeiras balas disparadas da Rotunda sobre os muros da Penitenciaria.

Ao depontar da Republica, os soldados de infantaria 2, traduziriam n'uma carta celebre, (*) o seu velho pensar de adeptos da democracia:

«Finalmente podemos respirar desafogadamente. Vimo-nos livres das garras d'um inimigo fidagal. Era o nosso ex-commandante de companhia o sr. capitão Eduardo Miguel Correia,

(*) O «Mundo» de 8 de Outubro de 1910.

que, com as suas ideias monarchicas e em extremo religiosas, queria incutir no animo dos seus soldados o amor pela monarchia. Podemos dar finalmente um viva á Republica e mostrar a toda a gente as ideias que ha tanto tempo andavam oprimidas pelo nosso jesuitico ex-comandante. Vemo-nos agora comandados por um illustre official, digno da estima dos seus soldados e conhecedor das perdas de que nos dava a monarchia. O sr. Correia, sendo ainda nosso comandante, teve a audacia de trazer para a companhia uma caixa em forma de oratorio, contendo em grande quantidade livros proprios para as senhoras levarem para a igreja numa sexta-feira de paixão obrigando os seus soldados a ler contra vontade os enfadonhos exemplares, castigando severamente toda a praça que não mostrasse ter as suas jesuiticas ideias. Foi hoje queimada no meio de grandes aplausos a livraria do nosso ex-comandante, que bastante trabalhou para que batessemos arduamente os nossos camaradas. Viva a Patria! Viva a Republica Portuguesa! *As praças da 2.ª companhia do 3.º batalhão de infantaria n.º* 2.»

Não era pois de confiança para a causa monarchica nenhum dos regimentos, embora de presumir fosse, que, aos vislumbres de qualquer maior fulgido da estrella da realeza, bem recalcados no intimo se mantivessem esses ideiaes de democracia.

Auctorisa o pensamento a completa abstenção de appoio á republica, nos seus passos cautos da madrugada de 4 de Outubro, em que apenas dois corpos do exercito, se affoitaram á responsabilidade do movimento, só ás claras secundado pelos outros, na manhã de 5, a da proclamação.

Para não fugir ás praxes, filiou-se o falhar dos projectos sobre os regimentos de Belem, nas faltas dos grupos de Carcavellos, Barcarena, Algés e Queluz.

O cabo submarino de Carcavellos, era occupado pelo grupo do barbeiro Emygdio de Almeida, do qual faziam parte entre outros Abel Francisco de Almeida, Josué Augusto de Mello, Camillo Farinhas, Joaquim Ferreira do Amaral, Benjamim Luiz da Silva, Antonio Faria, José Maria Filipe, Joaquim Bazaliza, Tavares da Silva, Domingos da Silva, Valentim Henrique e João Affonso Seguro.

Não vieram todavia ajudar a revolta os alliciados de Carcavellos, Algés, Oeiras e Barcarena, e a seu tempo veremos descripta a sua acção, onde não foi cumprido o plano revoltoso.

Os d'esta ultima localidade, não chegavam a effectuar a tomadia do deposito, só tentado ousadamente na manhã de 5 pelo commerciante Alfredo Leal.

Apenas conseguiram em Barcarena interceptar uma ordem preventiva para as baterias de Queluz.

Os de Algés e Oeiras haviam recebido aviso cerca das 5 horas da tarde de 3, de que pelo telegrapho dos caminhos de ferro teriam ordem, até á meia noite, para se revoltar.

A tomadia da linha, pelos engenheiros da Companhia, interceptou não só a communicação, como a passagem dos suspeitos.

Apesar d'isso 70 homens formaram armados na Ponte da Cartuxa e ali se conservaram até de madrugada, retirando ante a convicção d'um fracasso.

Informados, no Dafundo, por um revisor dos caminhos de ferro, de que infantaria 16 e artilharia n.º 1 se haviam revoltado, de novo se concentravam em Algés, mas quasi que para simplesmente interromper de communicações.

Não correu assim escassa a acção sobre as forças de Beirollas.

O chefe revolucionario, barbeiro Joaquim Lopes de Abreu Castello, com os tres filhos Arthur, Adriano e Jayme, Abilio Sequeira, Antonio Rodrigues Costa, José Arthur dos Santos, José Martins Alves, o machinista dos caminhos de ferro Martins, Joaquim Gomes de Carvalho Patacão, Alexandre Barbosa, Vicente Carvalho, Cypriano Marques, José Cardoso, Izequiel d'Almeida, José Netto e Carlos Antunes, reunindo, mal armada, com 10 revolveres e algumas bombas, a sua gente do Poço do Bispo, Braço de Prata e Olivaes, actuava energico.

No Poço do Bispo, assaltam o quartel da guarda fiscal, que logo adheria e deixando ali uma barricada, seguem a attrahir o destacamento de infantaria 5, de serviço em Braço de Prata, e do commando do 2.º sargento Antonio Ferro.

Deixando nova barricada junto á fabrica de armas, vae o

troço revolucionario offerecer combate á guarda municipal dos Olivaes.

Desarma-a e apodera-se das suas armas, já com o auxilio de algumas praças de infantaria 5.

Reunindo-se ao grupo, o estudante militar João Viegas, faz prodigios, logrando com Abreu Castello, chamar á causa da sedição, a força de serviço em Beirolas ao deposito da polvora.

O assalto á esquadra de policia do Beato foi o mais difficil do projecto.

Os agentes, entrincheirados, sustentaram por segundos, o peso da colera popular, ripostando a tiro aquelles que os contrarios faziam.

Não foi sem perdas, o resultado da pendencia.

Dois populares cahiram feridos, ficando sem uma perna o revolucionario Cypriano Marques.

Joaquim Gomes de Carvalho Patacão, natural dos Olivaes e filho de Antonio Patacão, era o mais attingido e esse corpo lá descia até á *morgue* como ignorado combatente, só reconhecido mais tarde (9 de Outubro) e dado á sepultura (10 de Outubro) no cemiterio de S. Cornelio, nos Olivaes, com mais 11 desventurados filhos da revolução, victimas do ideal.

Aproveitando-se da lucta houve, por malfeitores, o saque ao posto fiscal do Beato, onde a gatunagem entrava para levar, cerca de 1:045$950 réis, avaliação do desapparecido dinheiro, caixas, malas e roupas que os soldados haviam deixado ficar, para cumprir a ordem do commando, de immediata marcha para o largo do Museu de Artilharia.

Entretanto, os rebeldes, vencida a policia, e não desanimados pelas perdas dos companheiros, mantinham a firmeza ao ser surprehendidos por uma força de engenharia destinada a Beirolas e a despeito das 96 praças e 7 officiaes, não hesitam em atacal-a.

Não deixou o reforço de sapadores, destinado a Beirolas, de acceitar a lucta, terminada com a sua dispersão em parte.

Crente de que elle se podia considerar submettido, enviavam os rebeldes como parlamentario, o cadete João Viegas.

Engenharia acolhia-o com uma descarga, pela companhia

do sargento Andrade e o ousado revolucionario era ainda detido, emquanto os revoltosos seguiam sobre Mont'Alvão, para caça aos jesuitas, não sem bloquearem e cortarem a communicação com o deposito de Beirolas, com cujas munições a monarchia já não podia contar, pela sua tomadia cerca das 5 horas.

A linha ferrea, era cortada não só em Braço de Prata como nos Olivaes.

O grupo fortificava-se ainda para impedir a marcha de artilharia 3 e caçadores 6 de Santarem, reunindo-se-lhe para esse fim o grupo do sollicitador Fernão Botto Machado.

Essa derradeira phase da sua acção não foi precisa.

A detenção fôra feita mesmo nas proximidades de Santarem, não conseguindo os regimentos passar de Villa Franca.

Vejamos agora a guarda fiscal.

O plano, para não desmerecer dos outros, teve identico nullo successo, não representando comtudo uma defeza leal á realeza.

Os grupos de Alcantara, da chefia de Francklin e Francisco Lamas, proprietarios da Papelaria Liberty, conseguiam, desfazendo embaraços, arrastar os nucleos da guarda destacados de Porto Franco até ao seu bairro.

Se os carbonarios de Alcantara, haviam rejubilado com a adhesão, encarregou-se o destino de lhes derrubar as intenções, fazendo com que a maruja do quartel da Praça d'Armas, varresse n'uma descarga geral aquelles que apenas visavam ao auxilio dos derrubadores da dynastia.

A debandada fez gorar os esforços dos irmãos Lamas, que, vendo a dispersão, iam quasi solitarios augmentar as forças revoltosas do quartel de Alcantara.

Não serviu comtudo a dynastia a guarda fiscal, que «em parte alguma hostilisou o Povo, a não ser a que estava prestando serviço na estação do Caminho de Ferro do Rocio e a cavallaria que estava proximo ao Arsenal do Exercito.» (*)

(*) A *Revolução Portugueza*, Relatorio de Machado Santos. = Pagina 136.

De momento, e para não desmanchar os resultados negativos dos outros regimentos, tambem a guarda aduaneira não tomou parte nos combates preliminares, mas vel-a-hemos, como os outros, auxiliar a revolução n'uma attitude complacente que favoravel lhe foi, alem de commodidade para os que a usavam.

Os projectos sobre os regimentos, baquearam assim por completo.

Presidia porém, a despeito de tudo, uma estrella má aos destinos da monarchia portugueza, querendo, contrariamente a todos os embaraços surgidos nos actos da revolução, que Portugal fizesse a experiencia de uma republica, n'esses tempos desejada e por todos ajudada a fazer, pela indifferença ou pelo directo auxilio.

A dar-se a combinada simultanea sublevação de infantaria 5 e engenharia, ás quaes estava destinado o cerco ao quartel da municipal no largo do Carmo, e fracassado, como se presumia, o movimento de caçadores 5, do Castello, á acção dos dois primeiros regimentos, corresponderia uma acção envolvente da municipal dos Loyos, Cabeço de Bolla e Santa Barbara, com a do Carmo, affogando a rebellião.

A municipal, comtudo, dispersa andou e os regimentos, não sublevados e offerecendo um falso aspecto de sustentaculos do throno formaram a corrente impulsiva que o derrubou.

Todavia, desalentados andavam os revoltosos, vendo as previsões a falhar, apesar dos elementos dirigentes da revolução bastamente haverem n'elles confiado.

O insuccesso inicial, não os perturbou todavia por completo e os grupos dispersaram para a propaganda junto dos regimentos postados nas ruas principaes da cidade, e para os locaes onde já havia accesa lucta.

Antes, porém, dava-se a represalia contra os agentes policiaes que haviam posto entrave, na Graça, aos seus manejos de rebellião.

A policia das Monicas, fôra antes colhida á sahida da esquadra, pelos estilhaços de uma bomba, que logo victimava o policia José Faustino Ferreira, *O Calceteiro*, ferido ainda com uma bala na cabeça e outra na coxa esquerda. Este fugindo pa-

ra casa, no Becco do Salvador, 3, loja, era ali preso em 8 de Outubro á ordem da Republica e transitando do governo civil para a enfermaria de Santo Antonio do Hospital de S. José, onde lhe foi feita operação pelo dr. Ricardo Jorge, vinha a fallecer porém (16 de Outubro).

A maioria dos agentes da esquadra do largo dos Caminhos

FRANÇA BORGES
(Director do jornal «O Mundo»)

de Ferro, foi aggredida pelos revolucionarios que se dispunham ao assalto do Museu de Artilharia.

Da refrega, a tiro e a projecteis dynamitados sahiram feridos, mais gravemente, os guardas 225, Joaquim Loureiro, morador no Becco do Surra, 17, 1.º, que attingido por um estilhaço de bomba, recolhia á enfermaria de Santo Antonio, do Hospital de S. José; 228, Antonio da Silva, alcançado por

um tiro, o 1052, que recolhia a casa, depois de tratado, e 1502.

Assim, resolveram os policias vingar nos detidos os desaires infligidos á corporação.

Ali se procedia a actos selvaticos, salvando-se apenas o policia 551 que deffendia os presos das iras dos collegas e lhes chegava agua.

Descreve scenas ali passadas com elle e alguns dos do seu grupo, o revolucionario José de Jesus Gabriel, um dos encarregados do assalto ao deposito do material de guerra: (*)

«Entre outras selvagerias, pretenderam arrancar-lhes os olhos com as pontas dos sabres, além de ferimentos que alguns d'elles receberam. A um seu companheiro de nome Gama, depois de o esbofetearem, fizeram-lhe ferimentos na cara, que o paciente soffreu com a maior resignação. Pouco depois de terem dado entrada no calabouço, chegou ás costas de um moço o cadaver de um policia, primo do *homem-macaco*, pretendendo então os agentes que elles o beijassem; ao passo que isto se passava, outros guardas telephonavam para o governo civil a informar que os presos estavam revoltados, esclarecendo depois que semelhante informação era para poderem trucidar com ordens superiores!...

«Durante as trinta e duas horas que estivemos presos, apenas uma vez um guarda, ás escondidas do tal chefe Pinto, lhes deu de beber. Accrescente a isto que eram insultados a cada instante pelos guardas, além de lhes não darem de comer, nem tão pouco permittir que as suas familias lhes fornecessem qualquer alimento. Os republicanos, segundo a catilinaria do tal Pinto, eram, sem excepção, creaturas perigosas, que era necessario exterminar.»

De facto, aggredidos foram o empregado commercial no Rocio, José Verissimo de Oliveira, morador na rua de S. José, 170, 5.º, com a coronha de uma pistola que trazia, e o membro da commissão parochial de Santos, Arthur Sebastião da Gama, residente na Rua da Esperança 103, com soccos, apresentando escoriações no pescoço e olhos.

(*) «O Seculo» de 16 de Outubro de 1910.

O exaspero dos guardas, ao ver os detidos, com armas, e definidas assim as intenções, attingiu exageros, não se lhes dando comer e até como resposta ás sollicitações, o dito rancoroso de que só se lhes concederia strichinina. (*)

Esses casos e a acção conjuncta, pela policia das esquadras dos Caminhos de Ferro e das Monicas, provocaram a vingança grande.

A revolta avançava, não recuava.

A onda popular, era mar immenso, surgindo em tempestade collossal e as barreiras antepostas mais o embraveciam.

As esquadras seriam depois assaltadas, e para que nada ficasse, a vez iria tambem ás da Travessa das Almas, e de Arroyos.

Entretanto os agentes policiaes encontrados isolados, eram victimas dos revolucionarios e mortos assim ficavam os policias, 1151, Adriano dos Santos, encontrado na Calçada do Forte; o 464, Antonio Marques Junior; e feridos os, 270, com uma bala na testa; 1005 e 1067.

Um grupo, ao vêr-se surprehendido no Caminho do Forno do Tijolo, pelos guardas 1492 e 1552, trava combate e ante a inefficacia das armas de fogo, emprega projecteis dynamitados que derrubam os dois policias.

No becco da Lapa, um grupo de populares assaltava alguns agentes. A' defeza d'estes, correspondia a morte a tiro do guarda 1057 e ferimentos n'outros.

Havia pois a lucta, corria portanto o sangue...

Nas varias ruas crescia a agitação, procurando a policia deter todos os noctivagos, como entrave á revolta.

Na calçada do Tojal em Bemfica, eram presos tres homens, que transportavam revolveres, respectivas munições e bombas de dynamite.

Ainda a policia, actuando conforme podia, lançava para os calabouços um fabricante de bombas, denunciado quando ainda as manipulava n'uma casa da Calçada do Correio Velho n.º 3.

No Rocio havia debandada pela populaça que ia promover a sublevação das forças ali dispostas.

(*) *O Seculo* de 18 de Outubro de 1910.

Mau lance, por longe ainda a hora feliz, os resultados não corresponderam, senão em tragedia, baqueando alguns dos carbonarios sob a fuzilaria dos que julgavam alliciar.

A municipal já sahira para a rua, livre, sem os embaraços que os chefes da revolta lhes haviam destinado.

Pelas 2 horas já tomavam as posições fixadas pelo supremo commando militar.

Se aos varios quarteis da guarda, não accorreram os grupos, já assim não succedera com a cavallaria do Cabeço de Bolla.

O 4.º esquadrão era avisado de varios tramas contra elle organisados.

Emquanto uns sahiam, para occupar o seu posto, outros, n'uma inspecção ás proximidades, detinham grupos armados, desde logo vistos como anciosos de intentar o assalto ao quartel.

Iam assim aos carceres, entre muitos outros, Manuel de Almeida Correia, João Chaves, José Roque, Manoel Maria Rego, preso ás 10 horas da noite ao passar na rua da Escola do Exercito e o filho do almirante Reis, Raul Candido dos Reis.

Cobertos de imprecações, inicialmente, breve ellas foram transformadas em aggressões.

Sargentos, cabos e soldados, desenvolvendo a sua raiva contra os detidos, martyrisavam-nos, depois de apagados os candeeiros, com bastonadas de cavallo marinho e esporadas

Debalde intercedia, o 1.º cabo de infantaria da municipal, José Matheus, apontando a situação de prisioneiros, e assim collocados em condições de nada poderem fazer.

Obedecendo ás ordens dos 1.ºs sargentos Santos, do 4.º esquadrão e Albuquerque, do 2.º, a scena cannibal proseguiu, servindo de executores da macabra justiça.

Entre estes, citados foram os n.ºs 23, Francisco Mendes e 56, Francisco da Silva, do 1.º esquadrão, o que por falso se deu, (*) embora mencionados no depoimento (**) do revolucionario Manuel de Almeida Correia, com a companhia do 1.º

(*) *O Seculo* de 15 de Outubro de 1910.
(**) *O Seculo* de 15 de Outubro de 1910=Depoimento de Manuel de Almeida Correia.

cabo 68, e soldado 41, dados como gabando-se de lhes doerem as mãos de tanto bater.

O revolucionario Manuel Reya, era depois de preso, aggredido a socco, pontapé e cavallo marinho, pelo soldado 82. (*)

Outros eram esbofeteados, entre improperios e ameaças de maiores castigos.

D'essas scenas de represalia, seria depois entregue um relatorio (23 de Outubro de 1910) ao ministerio da guerra, d'onde baixou ordem de transferencia para o exercito, de todos os envolvidos nas accusações.

Tivera porém, uma base, se bem que rudemente explorada, a vingança inquisitorial.

Não eram de amenas intenções as attitudes dos populares armados mas, desde que estavam sob ferros, inutilisados se podiam considerar e inculpados dos actos sanguinarios por outros praticados.

Um rebate de lugubre incidente, deu origem ás atrocidades do 4.º esquadrão da municipal.

Um grupo da chefia de Alberto Silva, a aguardava para recepção terrivel: collocados dois cabos de arame a cerrar a embocadura do Paço da Rainha, os cavallos cahiriam fatalmente, emquanto os carbonarios, munidos de 8 bombas, 8 pistolas e 8 revolveres, adquiridos n'um deposito existente na Calçada do Correio Velho n.º 3 atacariam os soldados desmontados, trucidando-os.

Na presumpção, pouco favoravel, de que se derruisse pela resistencia o tenebroso plano, outra espera lhe era feita por grupos occultos do largo do Intendente á Rua do Arco Marquez de Alegrete.

O aviso tolheu tudo, e a municipal torcendo caminho, enveredou antes pelas avenidas novas em direcção á Avenida da Liberdade.

Semeado de perigos estava o seu caminho e se escapou de um lance ia cahir n'outros.

A attenta vigilancia breve assignalou essa attitude.

(*) O *Mundo* de 8 de Outubro de 1910.

Uma parte, enveredou pela rua de S. José, perseguindo tres suspeitos vultos.

Era uma cilada.

Os carbonarios, correndo e retendo ás indicações da ordem da junta revolucionaria, do ataque, junto ás esquinas, torneja-vam rapidamente para a Rua das Pretas, esquina da Avenida da Liberdade e em frente da Praça da Alegria.

A cavallaria despenha-se, insconscientemente sobre o abys-mo que se lhe preparava.

Ao desembocar ali, tres bombas rebentam na sua frente.

E' de horror a situaçao.

Foi esse o primeiro ataque sério á municipal.

O esquadrão desorganisa-se, com cavallos e cavalleiros mor-tos e feridos, emquanto os carbonarios desapparecem nas som-bras d'essa noite de tragedia.

Este lance apparecia de outra forma descripto, embora fos-se mantido, por veridico, o successo como dado na rua das Pretas:

«Pela 1 hora da madrugada de 3, após os três tiros de ca-nhão de polvora secca disparados no Tejo, o signal convencio-nado para o inicio da revolução de ha muito preparada ouvi-ram-se descargas no Alto da Torrinha, Casal do Monte Almei-da, tres tiros para os lados do Rato e, em seguida, uma descar-ga de infantaria. Pouco depois apparecia na Praça do Marquez de Pombal, vindo dos lados da Avenida Fontes Pereira de Mel-lo, um esquadrão de cavallaria da guarda municipal. Por baixo das palmeiras viam-se grupos de populares, que de vez em quando, faziam fogo, e para os lados do elevador de Santa Jus-ta notavam-se de espaço a espaço, focos luminosos, que pareciam ser signaes. A cavallaria desceu a Avenida da Liberdade e, nas alturas da rua das Pretas, sentiram-se tres fortes detonações, que fizeram dispersar as praças, que retomaram a direcção das avenidas Fontes Pereira de Mello e Antonio Augusto de Aguiar.» (*)

E' certo todavia que o facto se deu, quando a cavallaria

(*) Da Monarchia á Republica — Pagina 58.

perseguiu tres carbonarios, pela rua de S. José e tanto que na mesma obra apparecia depois (*) citado como succedido n'aquelle local.

A outra parte, cavalgára para a Avenida da Liberdade, e para se lhe antepôr a marcha se destacou um grupo de 11 carbonarios sob a direcção do chefe de «barraca» Evaristo Luiz Antunes caixeiro de pastellaria da Rua do Principe, antes acampados em trevas na lobrega Alameda de Santo Antonio dos Capuchos.

As palmeiras copadas da Avenida, perto da Rua Barata Salgueiro, abrigaram sob as suas folhas e sob a protecção da noite escura, os 12 associados secretos.

A guarda municipal surge a trote.

Detem se um momento na Praça Marquez de Pombal.

Depois desce, pelo centro da Avenida.

Era uma hora da noite.

As outras forças revolucionarias marchavam ainda para os seus ataques.

o primeiro choque da republica contra a realeza, representada pelos seus deffensores, ia dar-se.

Os soldados exploravam a vastidão escura da Avenida.

Os olhos dos homens nada vêem, os cavallos nada presentem.

Quatro envolucros rolam sobre as pedras.

Quatro detonações formidaveis estrondeiam, a reunir-se nos ares, aos gritos de terror.

Os cavallos caem, estropeados, arrastando os cavalleiros.

A dynamite continuava a produzir os seus effeitos tragicos.

(*) Da Monarchia á Republica = Pagina 75.

VI

No Centro Escolar de Campo de Ourique.=Em marcha para infanta-ria 16 =A insurreição do regimento. =Morte do coronel Celestino da Costa e capitão Manuel de Barros.=A attitude da municipal da Estrella. =A sahida de infantaria 16. = Em marcha sobre artilharia 1.

pedra fundamental da revolução portugueza, origem da 1.ª Republica em Portugal, foi, sem que possivel seja contestar-se, o levantamento insurreccional do regimento de infantaria 16.

No meio dos dubios reflexos de adhesão apresentados pelas outras forças, coube-lhe a elle, e ainda a artilharia 1, o reivindicar da ideia democratica, e o reaccender da coragem que alguns sentiam perder.

Se a esse batalhão pertenceu o firmar da bandeira da sedição, ao Centro Republicano da freguezia de Santa Isabel inherente está a valia de um appoio ao movimento base da queda da realeza.

Trabalho fadigoso de propaganda teve, e a corrente revolucionaria impulsionada pelo presidente da associação escolar, José Maria Reis dos Santos, (*) socio da fabrica de lanificios da Junqueira, lançou para a ideia democratica dezenas de adeptos.

No Centro Republicano de Santa Izabel, nas trazeiras do quartel de infantaria 16 e quasi á ultima hora designado por

---

(*) Falleceu em 20 de Março de 1913, na edade de 55 annos.

Machado Santos para a concentração de forças, aprestaram-se, pois para o acto arrojado aquelles a quem incumbia a missão de iniciar a revolta pelo mais arriscado passo: o assalto á séde do regimento que tinha por invocação o nome do rei de Hespanha, D. Affonso XIII.

A empresa ia quasi á sorte.

Não se contava como certo, nenhum official ou sargento.

Na propria soldadesca, as forças equilibravam-se entre republicanos e realistas.

Não os assustava comtudo a perspectiva d'uma derrota, não pensada sequer, tal a convicção que norteava o carbonarismo avido da partida.

O assombro e o acaso, a firmeza e a temeridade, eram os elementos primaciaes, pois secundarias seriam as armas sem esses requisitos.

Ali estavam pois os grupos, anciosos da acção.

Não os inquietava a morte, como lhes não adivinhava a alma o insuccesso.

O baquear no tragico emprehendimento, era como que o fornecer da muralha para o executar do mortifero fogo dos que sobrassem, famintos de revindicta, leões pela vingança, heroes pela victoria do ideal.

A policia, attenta, vigiava o Centro, mais animado.

Não trouxe isso desanimos.

Pouco confiante surgia o commissario naval Antonio Maria de Azevedo Machado Santos, havendo annotado já insuccessos na distribuição de officiaes e das provisões de guerra.

Teve, como surpreza principal e desagradavel, a estada ali do chefe carbonario Alberto Emilio Meyrelles, (*) pois o contava capitaneando um dos grupos destinados a impedir a concentração das forças da municipal.

Não lograra elle obter porém o armamento necessario para a lucta e, para que inactivo não ficasse, accorrera a Campo de Ourique.

(*) Teve da Republica, como premio, a nomeação para o logar de secretario da administração do 4.º bairro de Lisboa.

Acolhido com enthusiasmo, teve novo suffocado desanimo, ao deparar com esse chefe carbonario defrontando apenas 14 armas.

O commissario naval, como chefe da perigosa acção em que se ia envolver, perguntou pelos revolucionarios e pelas bombas de que necessitava para espalhar a desordem nos nucleos adversos.

Os carbonarios iam chegando, mas faltava com que lhes facilitar o ataque e a defeza.

Entretanto, com o seu grupo composto por Luiz Augusto Ramos, Joaquim Rodrigues Alves da Costa e Modesto Duarte Garcez, apparecia ali, altivo e sobranceiro, o chefe de *canteiro* da *Choça Buiça*, *Barraca Segredo* da *Carbonaria Portugueza*, José Antonio dos Santos Belem, empregado nas officinas do arsenal de marinha, de 58 annos, natural de Lisboa.

Era elle o revolucionario audacioso, esperado no Caes do Gaz pelo almirante Reis e seus companheiros.

Tirado, por outros elementos, de junto do chefe militar da revolta, foi elle quem, deixando-o sem appoio e sem enthusiasmo, conduziu sem o saber, Candido Reis ao desesperado acto que teve por scenario a Travessa das Freiras.

Debalde tinha Santos Belem procurado Candido Reis ou o capitão de fragata João Augusto Fontes Pereira de Mello.

O destino o collocou ás 6 horas da tarde de 3, perto da residencia de Machado Santos, na rua José Estevão 14, 2.º.

Do encontro nasceu, salientada uma impossibilidade de encontro com os dois chefes de marinha, a pergunta sobre se o capitão Fontes Pereira de Mello lhe não tinha marcado logar e apoz a resposta negativa, a attracção de Santos Belem para a arriscada empresa do 16: (*)

«Ao valente grupo estava indicado ir, com Candido dos Reis e Fontes Pereira de Mello, a bordo dos navios.

«N'essa intenção, o sr. Belem dirigiu-se, na tarde de 4, (**) a Machado dos Santos, para receber ordens, ouvindo do heroico

---

(*) O «Paiz» de 15 de Novembro de 1910.
(**) Refere-se com certeza ao dia 3.

commissario que fosse ás 10 da noite ao Centro de Santa Izabel buscar armamento.

« — E os srs. Candido dos Reis e F. Pereira de Mello? perguntou aquelle a recordar o logar que lhe havia sido dado.

«Ao que Machado Santos respondeu:

« — Não se rale, porque elle tem marinheiros que se desempenharão d'essa missão.

«Apezar d'isso, o sr. Belem procurou na Cordoaria Nacional o sr. Fontes Pereira de Mello. Não o encontrando, deu integro cumprimento ás ordens de Machado Santos, indo para o Centro de Santa Izabel com a sua gente.»

A entrada de Santos Belem, fez antever melhor exito á partida arriscada que se ia jogar.

Contava-se ainda, com outros auxiliares.

O grupo de Alberto Emilio Meyrelles. de cerca de 200 revolucionarios, mas reduzido a 150, occultou-se na casa 85 da Rua de S. Felix, pertencente a Manuel de Sousa Carvalhinho.

Não possuiam armas sufficientes, e apenas alguns revolveres.

Destacado um grupo, composto por Carlos de Araujo, Julio Francisco de Almeida, Francisco Vidal, empregado do arsenal de marinha, Eugenio Vasques e Jayme Chester, foi pedir explosivos ao Centro de Santa Izabel, não fornecidos por egualmente os não haver.

Suscitou-se, perto da meia noite e 40 a conveniencia da acção conjunta, e de trazer todo o nucleo da Rua de S. Felix, se encarregou o da chefia de Carlos de Araujo.

A caminho vinha já tudo porém e, ante essa mole humana, sahia-lhe á frente, na Rua de Sant'Anna á Lapa, a guarda municipal e a policia, atacando-a a tiro.

Houve resistencia, feridos e prisioneiros.

Os revoltosos esbandalhavam a compacta massa, alvo seguro do tiroteio e desunidos abandonaram o inutil combate prejudicial e já desmoralisados, pelas victimas existentes.

Alguns cahem feridos gravemente.

Faz-se uma fuga, para se realizar nova reunião em frente do quartel, onde comtudo, do grupo de Carlos de Araujo ape-

nas o relatorio official, o de Machado Santos, assignala a comparencia de Jayme Chester.

Ha entretanto precipitações no Centro de Santa Izabel.

Uma espingarda, e segundo Santos Belem, uma pistola disparou-se.

Ao estampido, a policia conhece o que se trama e não ousando formular o assalto, cérca a Associação Escolar.

Entretanto Machado Santos, sereno, quando tudo é nervosismo, enverga a sua farda de gala, com dragonas.

Se a morte lhe tolhesse o fim da missão, de grande uniforme o colhia já.

Novos tiros soam, mas fóra.

Os trinta e tantos revolucionarios então existentes na sala do centro, comprehendem uns, que a revolta se iniciara, outros que nas ruas havia chacina de rebeldes.

Houve assim uma evasão.

Apenas restavam armados, 16 combatentes.

Percebeu-se que não só urgia seguir, para auxilio aos insurrecionados do regimento, como para evitar desanimos novos.

Era meia noite e 45 minutos.

Foi dado o signal de marcha.

Abriu-se a porta e ao vêr surgir Machado Santos, com o seu uniforme agaloado de ouro, os policias fugiam esquivando-se, como disciplinados, a exigir contas a um superior, chefe de uma indisciplinação.

Essa attitude predispoz bem os sediciosos, que se punham a caminho, abandonando a séde historica do Centro Escolar, na Rua de Campo de Ourique, 77, onde, dois annos depois (5 de Outubro de 1912) era solemnemente inaugurada uma lapide commemorativa, em marmore, tendo a um dos cantos a esphera armilar atravessada por uma palma, trabalho em bronze de Venancio Rodrigues de Andrade França, e onde se gravou a inscripção:

«Na madrugada de 4 de Outubro do anno de 1910 saiu d'esta casa — séde do Centro Escolar Democratico — o grupo de revolucionarios civis que iniciaram a revolução para a implantação da Republica.»

O commandante da columna civil sahida do Centro de Santa Izabel, a despeito do seu avanço, antes de tempo, sobre o 16, teve como que uma surda irritação ao sentir o estampido de alguns tiros.

A hora fixada era a 1 da madrugada, comtudo, se elle antecedera a partida 15 minutos, os soldados retrocederam-na 25 e os embaraços, mais tempo fariam perder a Machado Santos.

Alguem o precedera na missão perigosa.

O commissario naval, o organisador de todo o trabalho conspirador, avançou.

Intemerato, energico, os nervos vibrando de enthusiasmo e de impaciencia, lançou-se á manobra, como se comprehendesse que lhe incumbia, como chefe, o mais arriscado ponto.

Foi mais que temerario, foi louco.

Quiz entrar pela porta do lado norte. Era cerrada, e era impossivel de arrombar, por ser chapeada.

Santos Belem alvitra a entrada por uma janella aberta.

A revolta continuava além e, emquanto esses preparativos se davam, podia ella considerar-se quasi victoriosa.

Essa janella, servira já até para a fuga de officiaes.

Authentíca a affirmativa, depoimento insuspeito, o do carbonario José Belem:

«A porta do lado norte do quartel está fechada, o que nos leva á porta do sul, onde encontrámos o mesmo contratempo. Machado dos Santos aventa que se arrombe, mas nós, achando que seria uma tentativa inutil, por ser a porta chapeada, lembramo-n'os de saltar por uma janella que estava aberta, por haver dado fuga a uns officiaes que em seguida á insurreição se safaram.

«Um soldado guia-nos a uma porta subteranea que ha debaixo da arrecadação, situada a oeste.

«Ahi encontramos uma sentinella que ajudou a arrombar a porta, para além da qual havia ainda uma escada e, ao fim d'ella, um alçapão, que foi levantado, pondo-nos em communicação com a parada.

«A nossa apparição causou entre os soldados um enthusiasmo delirante. Abraçavam-n'os com alma, acclamando a Republica.

Mas as effusões são rapidas, que o tempo vôa, e os populares dividem-se, para operar, em duas fracções, que vão arrombar as portas das arrecadações das companhias, conduzir armamento, etc. Outros rodeiavam os indifferentes, a quem procuravam aliciar. N'esta altura foi varado por uma bayoneta um soldado fiel.» (*)

Vendo a derrocada dos seus planos, Machado Santos, adeanta-se, com a sua farda envergada, até ao portal das armas, na Rua Debaixo dos Quarteis.

De dentro não abriram, porque as chaves occultas estavam na secretaria, dentro de uma barretina, desconhecendo isso os rebeldes.

Tudo são demoras e desanimos, demais quanto o clamor é enorme no interior do quartel.

Salva tudo o cabo 30, Pedro da Cruz Forçado, que estando de guarda para os lados de Valle do Pereiro, abandonára o posto.

Indica a Machado Santos, como de mais viavel entrada, a porta da arrecadação regimental.

A sentinella, parece que desconhecendo o trama sedicioso, quiz embargar-lhes o passo.

O cabo Forçado inicia porém o arrombamento á coronhada.

Esse acto justificaria o seguinte louvor, proposto depois por Machado Santos:

Ordem do dia n.º 7

«O commandante das forças acampadas na Rotunda, determina e manda publicar o seguinte:

«Tendo chegado ao conhecimento d'este commando, que o cabo n.º 30 da 3.ª companhia do 1.º batalhão do regimento de infantaria 16, Pedro da Cruz Forçado, fôra quem indicára e arrombára a porta e o alçapão d'uma das arrecadações, á coronhada, afim de dar passagem ao official e ao grupo civil que o iam assaltar, visto os officiaes do regimento terem escondido as

(*) O «Paiz» de 5 de Novembro de 1910.

chaves das portas principaes, conseguindo assim dar novo alento á força do regimento que se havia revoltado para acclamar a Republica; o commandante das forças determina que esse cabo seja especialmente louvado e, pelo seu porte distincto em combate, promove-o a 1.° sargento. Outrosim determina que o 2.° cabo de infantaria 16 Victor da Costa Pinto seja promovido a 1.° cabo, pela fórma habil como dirigiu um dos postos avançados durante o combate nocturno do dia 4. — Quartel General da Rotunda, 5 de Outubro de 1910 (1.° da Republica). — O commandante, Machado Santos.» (*)

A proposta era authenticada em Ordem do Exercito publicada em 22 de Novembro d'esse anno.

O official procura tambem vencer a sentinella; aperta-a nos braços, n'uma inspiração e vence-a pela persuação:

— Dê-me um abraço, camarada, e ajude-me a metter esta porta dentro!...

O soldado hesita, de leve.

Mas, desprende se do abraço, o primeiro de democrata, de official para uma praça não graduada, e a entrada franqueia se pelo arrombamento.

Acham-se na sala superior ás arrecadações e que d'elles está separada por um alçapão.

Este é forçado e de subito, o grupo surge na parada.

Achavam-se, inicialmente, senhor da situação.

Os outros viram com surpreza abrir-se-lhe as portas.

As sentinellas confraternisavam já e sobrepondo-se, a figura de Machado Santos, emergia soberba de enthusiasmo e de incitamento.

Os soldados acclamaram-no e á Republica.

Encontrava o caminho explanado porém.

No quartel tudo assumira antes o aspecto imperioso da rebellião, que, embora ateada pela propaganda, não teve n'aquelle instante a direcção de Machado Santos.

Authentíca a affirmativa, o seguinte trecho do relatorio do commandante da Rotunda:

(*) «A Revolução Portugueza» = Relatorio de Machado Santos. = Pagina 167.

«Os policias, á vista d'um homem tão vistosamente dourado, fogem como lebres e nós vamos esbarrar contra a porta das armas do regimento quando na parada se ouvem os primeiros tiros.» (*)

Fôra o nascer da tempestade n'esse justamente cognominado *chaos* de infantaria 16.

O sangue correra já e houvera as primeiras mortes, quando o commissario naval, apoz os contratempos antepostos á invasão do quartel, lográra surgir na parada, envolta em trevas.

O que se passára pois?

A officialidade estava reunida, ás ordens de prevenção geral.

Originava mesmo censuras e recriminações,

Descrendo de actos rebellionarios, pouca attenção se ligou a pormenores que, em circumstancias assignaladas como anormaes, deviam fomentar analyses e vigilancias.

Nas casernas, a soldadesca conservava-se um pouco inquieta.

Os officiaes, chegando, pouco a pouco, e aggrupando-se nas duas salas interiores ao pavimento occupado pela secretaria, foram os primeiros a verberar o excesso de precauções.

Jogando o *bridge*, o enfadonho jogo inglez, e discutindo se passaram as primeiras horas.

Uns, de mãos nos bolsos, assistiam aborrecidos ao passatempo, não tolerado por um dos tenentes, adormecido na cadeira em que se sentára.

Falou se da morte de Miguel Bombarda e citaram-se as pretenções democraticas.

Ninguem acreditava na conveniencia de os deter ali e de fazer com que as praças se deitassem vestidas, com as armas ao alcance da mão.

Aventuraram-se possibilidades de um assalto. Houve phrases assomadiças.

Ambicionava-se mesmo a perspectiva da revolução sahida para a rua, afim de que uma repressão violenta fizesse desvanecer, por largos annos, a ideia de renovar a tentativa.

(*) Relatorio de Machado Santos. = Pagina 65.

Todavia mais firmemente imperava a orientação d'um inutil receio governamental, para fins politicos, talvez.

A descrença era evidente.

O proprio coronel não se fardára.

A' paisana se conservou nos aposentos particulares installados n'uma dependencia do quartel, lendo um livro, attitude justificada pela affirmativa do filho, Augusto Celestino da Costa, de que a cidade estava tranquilla.

DR. ALEXANDRE BRAGA

— Ainda bem! — teve como resposta sincera.

O capitão Manuel de Barros, deitava-se, embora fardado.

Commentarios picarescos, onde se fallou em livros de ponto de repartição e notas de escola, sublinharam a pergunta, feita pelo quartel general ás 11 horas da noite, sobre quantos officiaes ali estavam.

Houve conversas ironicas.

Comtudo, por uma medida extranha e tanto que desnecessaria foi a precaução, occultavam-se as chaves dos portões dentro d'uma barretina.

Assim confiantes no acto preventivo da captação das chaves, despercebido lhes passou um ruido insolito vindo das casernas.

Correram alguns á janella, inquirindo avidos do successo.

Era a derrocada das previsões de paz.

De instante appareceu a uma das portas um official, emquanto fóra se tumulteia.

— Os soldados estão revoltados!

Accorreram á parada do quartel e depara-se-lhe a effervescencia da soldadesca . .

Avançam, mas são acolhidos pelos primeiros tiros. . .

Antes de Machado Santos chegar, promovendo o alarme externo, a soldadesca revoltára-se, de armas na mão, tiradas ás occultas das arrecadações pelo cabo Correia, e soldado 1008.

A junta revolucionaria, formada dentro do proprio regimento, e composta pelos 1.ºs cabos, Lucas Fernandes Clemente, José Filippe Pereira Pizarra e Manuel Antonio Correia corneteiro João José Antunes de Queiroz e soldado Carlos Antunes dos Santos, procedia, e se o soldado, largando a guarda do hospital ia promover a sublevação, o cabo Pizarra, deixava o catre do hospital onde estava, para lhe dar auxilio e o cabo Correia iniciava o levantamento, com o signal, não sem que antes tivesse tomado conhecimento do telegramma fixando a prevenção, entregue depois aos officiaes, por inutil já.

A propaganda, a ordem de revolta e a acção combativa trariam como premio, aos cabos e soldados a promoção ao posto de 1.º sargento para a guarda republicana, e ao corneteiro a ascenção a mestre de corneteiros. (*)

A' mesma hora, em que Machado Santos se dispunha ao acto de audacia, soltára da sua caserna o 1.º cabo da 2.ª companhia do 1.º batalhão, Manuel Antonio Correia, um assobio prolongado que alterou o silencio até então observado.

Era meia noite e pouco mais de 35 minutos.

(*) Ordem do Exercito de 22 de Novembro de 1910, já citada.

Os soldados que apenas aguardavam o signal, agarraram logo as espingardas e acclamando a Republica correram para a parada.

Era o acaso a influir ainda para a demonstração da derrocada de todos os calculos sahidos das varias reuniões dos chefes da revolta.

Falharam os planos sobre os regimentos em que elles tinham confiança, falhou egualmente o que considerava infantaria 16 como o nucleo menos favoravel á republica: (*)

«No regimento de infantaria 16 *não havia nem um unico official nem um unico sargento*. Era considerado o *peor* regimento de todos. Candido dos Reis tinha-me dito que officiaes me haviam de ajudar *mas depois do régimento estar na rua*, e que *esperariam a passagem d'elle* pela rua do Alto do Carvalhão! Sem officiaes e sem sargentos impossivel era enquadrar os soldados; o quartel da municipal da Estrella estava a dois passos do quartel do 16; o mais pequeno rumor podia pôr na rua a guarda municipal e um ataque, por pouco vigoroso que fosse, seria o bastante para originar uma chacina ou uma debandada geral.»

D'ahi nasceu o facto, patente de, em 5 de Outubro, ainda no regimento não existir bandeira nem se conhecer o hymno republicano. (**)

Foi portanto o corpo do exercito de menos confiança o que mais fortemente se insurreccionou.

A grita ensurdecedora, deu logo nota exacta do que se passava.

Era a soldadesca que aprestada para a defeza da monarchia formava comtudo ás ordens da revolução.

Das janellas alguns officiaes fizeram fogo para a parada.

As praças retorquiram disparando as armas contra elles.

Estabeleceu-se balburdia e a vozearia era enorme.

O povo, chegando quasi de seguida animando os rebeldes, acclama a republica e agita bandeiras verdes e encarnadas.

(*) «A Revolução Portugueza» — Relatorio de Machado dos Santos = Pagina 65.

(**) «O Seculo» Outubro de 1910.

Faz-se novo inesperado tiroteio e aos pés de Machado Santos, tomba ferido um soldado.

A fuzilaria sobe de intensidade, sem attenção a pontarias.

Correu o tenente ajudante Ernesto Duval Pestana Lopes ao telephone, participando para o quartel general, a sublevação e a invasão de infantaria 16·

Deixemos que a historia, summariamente e sem que allusão faça aos principaes feitos sanguinolentos, o como assassinio dos officiaes,—o chefe supremo da investida no regimento que relata assim o ousado passo: (*)

«A porta estava fechada. Não houve maneira de a abrir. Aos gritos de Viva a Republica, o cabo n.º 30 da 3.ª companhia do 1.º batalhão, Pedro da Cruz Forçado, indica-nos a porta de uma arrecadação regimental e á coronhada consegue arrombala. Este bravo e decidido rapaz salvou-nos a situação!

«A sentinella que de fóra estava, não resiste a um abraço meu, e arrombada a porta, subindo uma pequena escada, conseguimos arrombar um alçapão! Emfim! Eis-nos na parada! A alegria dos soldados é enorme! Os soldados abraçam-me, gritando: «Viva o nosso commandante! Viva a Republica!

«Novos tiros partem não se sabe d'onde, um soldado cahe morto a meus pés; os soldados enfurecem-se e dão tiros á doida, emquanto os civis correm ás casernas a chamar os retardatarios e armarem-se!

«Tento metter os soldados em fórma; é impossivel! Corro a revistar ligeiramente o quartel e encontro apenas o major Dias, a quem convido a adherir; o major recusa, deixo-o em paz e trato o mais depressa possivel de me pôr em marcha para artilharia 1, depois de ter organisado uma guarda da rectaguarda de cerca de 30 homens.

«Quando o 16 sahiu apenas lá ficou o major e dizem que o tenente coronel, tudo o mais tinha fugido! O regimento estava de prevenção *como os outros*. Officiaes, sargentos, musicos e impedidos tudo tinha abalado e isto ainda constituia uma força de mais de 100 homens contra nós.

(*) «A Revolução Portugueza» = Relatorio de Machado Santos, = Pagina 66.

«Quando o 16 recebeu ordem do governo para ir para as Necessidades, tirando umas dezenas de soldados que fugiram e recolheram ao quartel novamente por medo, sem que fosse possivel evital-o, até os musicos pegaram em armas!»

Patenteada foi a gravidade dos acontecimentos ao quartel general, onde o chefe da divisão vigilava.

Esperava-se auxilio, quando do commando superior apenas sahia a communicação feita para os outros regimentos, pelo capitão Martins de Lima, com a ordem de serem collocadas debaixo de forma todas as praças.

Mais praticos, mais zungidos ao dever, outros officiaes, conhecendo, intuitivamente, que a revolução não perderia um segundo, tentaram o entrave.

Se não foram vencedores, foram martyres das convicções e heroes immolados á causa que deffendiam.

Tentou-se a resistencia.

Os primeiros tiros deram o signal de lucta.

Emquanto Machado Santos procurava entrar, convencendo indecisos, outra scena tragica se desenrolava.

Da soldadesca, só 80 se aggrupavam, fieis, em volta dos officiaes, vencidos pela surpreza.

Dois recobram-se d'ella e preferem a morte em combate a trahir a bandeira que juraram deffender: são o coronel Pedro Celestino de Castro, commendador, official e cavalleiro da Ordem Militar de S. Bento de Aviz, e gran-cruz da Ordem de Merito Militar de Hespanha, e o capitão Manuel Joaquim de Barros, em cujo peito brilha a cruz de 3.ª classe de merito naval de Hespanha.

Contava o primeiro 58 annos de edade, e 40 de serviço militar, iniciado, em 1870, a 13 de Novembro, no proprio regimento de infantaria 16 d'onde como capitão, transitou para a guarda municipal, voltando ali, no posto de major, sahindo para ser tenente coronel de caçadores, logar que deixou, para, como coronel, commandar a escola pratica de Mafra. Voltára depois ao seu regimento: ali começara a sua carreira de armas, e ali acabaria, pelo desvairo da populaça, conjugada com a exaltação da soldadesca.

O capitão Barros tinha 58 annos de edade e 30 de praça regimental.

A' propaganda da revolta e de indisciplina oppunham, energicos e corajosos, a ordenação do acatamento ao estandarte azul e branco e de obediencia ao rei.

Ao borborinho, Celestino da Costa, envergando apenas uma capa do uniforme e collocando na cabeça o kepi, veio correndo para a parada.

Ali intima um soldado a bradar ás armas.

Elle obedece, mas foge em seguida para se agrupar junto dos outros conjurados.

O coronel brada ainda:

— Corneta da guarda! toca a formar companhias!

Nada podía já e o tenente ajudante Pestana Lopes, suscitando ao superior que a insistencia em formar companhias apenas serviria para dar mais incremento á revolta, e fazendo vêr que as balas cruzavam já os ares, obtinha que o coronel e o tenente coronel Julio Borges, abandonassem o perigoso posto, trocando o pelas casernas do addidos.

Breve se desembaraçam porém dos que pretendem, por amigos, desvial-os do seu logar.

Os soldados iam porém rareando a seu lado.

Havia o estrepito do arrombar de paioes, e da armaria, a misturar-se com os gritos sonorosos de:

— Viva a Republica!...

A scena era bella, no seu grandioso e ao mesmo tempo tragico desenrolar.

A victoria podia caber á realeza.

O Destino registava o contrario.

O commandante do 16, parando á porta da caserna da 3.ª companhia do 3.º batalhão, procura estabelecer um ponto de transição da revolta para o arrependimento:

— Meus senhores, que é isto?

Mas a soldadesca responde-lhe:

— A Republica!

Brada-lhes a voz de sentido.

Os outros, retrucam-lhe, contrariamente.

Tenta a persuasão:

— Cessem fogo, rapazes, cessem fogo!

— Rendam se! bradam os outros.

Quer avançar.

Sôa uma descarga.

Rola no solo, ferido, o sargento Costa.

O coronel Celestino cae de bruços, morto, n'um gemido unico, com uma bala no ventre emquanto outra descarga, liquida a existencia do capitão Barros, que se postára á porta da arrecadação da sua companhia, afim de impedir o armamento das praças, e é attingido por algumas balas de revolver, e de chumbo.

O tenente coronel Julio Borges, pretende impôr-se.

Uma coronhada violenta dirigida á cabeça, mas que livra com o braço, o prostra, sem sentidos.

Feridos eram ainda, o capitão José Pedro de Lemos, com uma bala de pistola, que lhe atravessou os musculos de uma das pernas e o alferes Alberto Herculano de Moraes, alcançado por um tiro, na parte superior da coxa.

Mas perdidos estão, o coronel Celestino e o capitão Barros.

Este caía, apoz ter clamado que só sahiria, mas em defeza do rei.

O coronel Pedro Celestino, cumprira uma velha phrase sua, nascida ante conselhos de que inutil seria sacrificar-se se o povo visse revoltado e o exercito a dar-lhe força:

— Emquanto eu fôr commandante de infantaria 16, o regimento sahirá para a Revolução, mas hade passar por cima do meu corpo!

O destino tomou posse d'esse voto encorajado.

Infantaria 16, foi o primeiro corpo do exercito que hasteou o pavilhão verde-vermelho da revolta, mas antes, teve que derrubar o velho official, cahindo no seu posto de honra, e legando ao filho a espada de sacrificado em holocausto á realeza pela qual morria...

Ficaram ali, como extranhos tropheus de victoria, esses corpos exanimes, victimas da soldadesca desvairada, pois que, quando os civis penetraram no quartel, encontraram já consummado o acto.

Não houve quem trouxesse fóra, como de heroes, os nomes dos dois paladinos.

No dia seguinte, ainda o *Imparcial*, dava o boato de que o commandante do 16 se suicidára ao vêr a impossibilidade de debellar a revolta.

Não houve comtudo o acto do desanimo, mas apenas o estygma sanguinolento da revolução marcando como martyr um vulto de epopeia, e, como o capitão Manuel de Barros, escravo do dever.

Baquearam os dois devotados á causa monarchica em infantaria 16.

O tragico d'essas primeiras horas de desalento de apagada coragem, trouxe-lhes o abandono.

Ouçamos a descripção d'esse desapego, feita pelo filho do coronel Celestino, o medico effectivo da junta consultiva dos hospitaes, dr. Augusto Pires Celestino da Costa, só deparando com o corpo do infeliz, quando de todo os revoltosos haviam deixado o quartel:

«Um official mandou então um sargento commigo, munido de uma lanterna, para procurar meu pae. Eu estava afflictissimo, como comprehende, mas não me passava pela cabeça que áquella hora já meu pae estivesse morto O meu pae sahira de casa desarmado, sem revolver, sem ter sequer tempo de cingir a espada, limitando-se a querer intervir com o seu prestigio de commandante, que era muito, e eu o mais que podia suppôr é que o tivessem preso n'alguma dependencia do quartel. Fui com o sargento, e, de repente, entrando na 3.ª companhia, vi meu pae deitado n'uma cama, já morto. Calcule como eu fiquei!

«Houve um instante de silencio, o tempo de uma saudade tragar uma lagrima, e o dr. Augusto Celestino proseguiu a sua narrativa, que nós em nome da documentação historica não podemos ter a piedade de lhe poupar.

« — Os officiaes não consentiram que eu levasse o corpo de meu pae para casa, para que os soldados não soubessem que estavam sem commandante. Só pela manhã um musico e um sargento conduziram o corpo, ajudando o a vestir, de grande uniforme, o que foi difficultosissimo, porque o cadaver já estava frio.

«A's primeiras horas da manhã o tenente-coronel insiste repetidas vezes para que saiamos de casa. O regimento tinha de ir para o Paço das Necessidades e o tenente-coronel receava que a minha familia e eu fossemos victimas de alguma nova arremettida ao quartel. Sahimos, deixando o corpo do meu querido pae em casa, guardado apenas pelo impedido que, ao chegar ao Rato, ouvindo uma mulher do povo dizer em voz alta: «mataram o commandante de infantaria 16», deixára os revoltosos e voltára logo para casa, sem querer saber de mais nada.

«O tenente-coronel dispensou-nos, então, o impedido que ficou em casa com ordem de não abrir fosse a quem fosse. O impedido redimiu assim a sua alliança com os revoltosos, com quem elle nega que tivesse grandes ligações, affirmando apenas isto:

« — Eu sabia que um dia haviam de vir os *paizanas* e que a gente havia de sair com elles, mas tanta vez disseram isso sem acontecer, que eu n'esse dia não acreditei.» Deixei, então, a casa sahindo com minha mãe, minha irmã e uma prima nossa, de 80 annos, gravemente doente, que foi levada em braços.

«Ainda tentei fazer transportar meu pae para o hospital da Estrella. No quartel não havia macas, porque as poucas que havia tinham sahido a levar alguns soldados mortos e feridos pela fuzilaria dos revolucionarios Telephonou-se para o quartel general que respondeu: «Agora não se póde pensar n'isso. As ruas tambem não estão seguras e é melhor não tentarem transportar o corpo porque é expôl-o a algum desacato». Fui forçado a abandonar o corpo de meu pae, transformando a nossa casa n'um jazigo. Depois de levar minha familia, a uma casa amiga, voltei ao quartel, bati á porta de casa, mas o impedido conforme a ordem recebida não respondeu. Proclamada a Republica voltámos para casa.» (*)

Houve assim o abandono dos dois martyres, que só desceram á sepultura, quando a republica se erguia, desde dois dias victoriosa em Portugal (7 de Outubro)

N'essa hora, se os athaudes não tiveram sobre si a bandeira

(*) Diario dos Vencidos, por Joaquim Leitão. = Pagina 43.

bi-partida de azul-ceu e branco-neve, tambem não sentiram o peso, para esses corpos victimas da dedicação á realeza, das côres, vermelha de guerra, e verde de esperança: apenas o panno de crepes, negro symbolo de luto.

*

Não quiz a Hespanha deixar sem extranho realce o desenlace da acção em infantaria 16, e a sua imprensa citava, tempo depois (*) que «D. Affonso XIII por intermedio do sr. ministro de Hespanha em Portugal, enviou um importante donativo á familia do capitão Barros, de infantaria 16, morto na lucta sustentada contra os revolucionarios.»

*

* *

Cahiram pois como immolados á causa da democracia, os dois principaes interventores contrarios á avalanche republicana.

Versões de momento, assignalaram que na morte do coronel Celestino, haviam interferido o filho, mercê d'uma attitude de resistencia, e o alferes do regimento, José Celestino Soares, por conjurado.

O dr. Augusto Pires, não assumiu orientação que originasse um desforço contra o coronel, distante, e perdido na movimentada invasão do regimento e levantamento das praças.

O alferes Celestino Soares, não envolvido no trama que se desenrolou, ligaria ainda o seu nome, no Paço das Necessidades, a uma habil troca da ordem real, que preferiu a interferir n'um acto de lesa patria, desculpavel só no apavorado scenario que se patenteava á creança que era D. Manuel II.

Falsas eram as attribuidas responsabilidades, e prova-o o depoimento de um estrenuo deffensor da realeza e que não poupara delinquentes d'esse acto, se consummado por elles houvesse sido: (**)

(*) *El Imparcial*, de Madrid, de 5 de Dezembro de 1910.
(**) Diario dos Vencidos. = Pagina 37.

«Tem-se confundido a pessoa do dr. Celestino da Costa com a do sr. Celestino Soares, alferes de infantaria 16.

«E' apenas uma confusão de nomes.

«O dr. Augusto Celestino da Costa não é militar, é um medico.

«Dedicando-se desde estudante a trabalhos de laboratorio, é hoje um medico analysta, com tanto valôr como probidade scientifica.

«A versão, portanto, de que o filho do commandante do 16 fôra quem pela sua attitude concorrera para a morte d'elle, não tem fundamento.

«E o alferes sr. Celestino Soares tambem em nada concorrera para a morte do seu commandante, porquanto se conservou no quartel ao lado da parte fiel do regimento que acompanhou ao Paço das Necessidades.»

Ao abandono haviam pois ficado os corpos de Celestino da Costa e Manuel de Barros.

N'esse momento de embriaguez de sangue e de anceio de lucta, quem se ajoelha junto aos mortos ou quem acarinha os feridos?...

A hora é de guerra.

A missão de caridade e de paz, a outros impende.

Os revolucionarios não a pódem tomar, porque o tempo lhes foge para a missão que se impuzeram.

Os officiaes adversos, esses, em maioria escaparam-se em louca correria, precipitando-se para a rua, da janella que deitava para a Travessa de Baixo dos Quarteis.

Com raras excepções, preferiu-se a deserção.

A resistencia podia ter sido tentada efficazmente e um depoimento insuspeito, o de Machado Santos, ainda o registava, dois annos decorridos sobre a acção:

«Com o regimento de prevenção, as forças de parte a parte equilibravam-se, as dezenas de officiaes e sargentos com os respectivos impedidos e a banda, perfaziam um numero respeitavel de pessôas affectas á monarchia, mais que sufficientes para, sem mesmo se escudarem com o regulamento e o codigo da justiça militar, imporem respeito aos soldados e cabos, cujo ef-

fectivo se encontrava desfalcado pelos destacamentos e guardas que fornecera no dia anterior.» (*)

O capitão Adelio Carlos da Cruz, ficava no seu quarto, onde os revoltosos o procuravam, chegando um soldado a ir de espingarda aperrada, até á cama do official, na intenção de o matar, o que não logrou, por este estar occulto atraz da porta.

O major José Narciso Guterres Dias, ficava na secretaria, desalentado, cahido n'um banco.

Ali o achou o filho de Celestino da Costa, o dr. Augusto Celestino da Costa, que lhe perguntou afflicto:

— Sr. major, o meu pae?

Deu-se a resposta extranha, tão descabida, quanto ao posto, superior, cabia, por direito de militar e camaradagem, o logar junto dos combatentes, raros, contra a revolução:

— Não sei de seu pae, nem dos outros officiaes!

Emquanto o filho o procurava, indifferente á tempestade desencadeada, a parada do quartel e a secretaria era invadida pelos populares Alberto Emilio Meyrelles, José Amoedo, Alexandre Tavares, José Dias dos Santos, Manuel Dias Ferreira, Jayme Chester, Eugenio Vasques, Elyseu Correia Gomes, Julio Campos, José da Silva, Cypriano Vicente Franco, Alvaro Carlos dos Santos, Abilio d'Albuquerque, Antonio Loureiro, Manuel Bernardo, Antonio Couto de Lima, José Antonio dos Santos (Belem), Luiz Augusto Ramos, Joaquim Rodrigues, Nicolau Francisco, Francisco de Sant'Anna, Modesto Duarte da Silva, Joaquim Cavaco, José Ribeiro Castella, Manuel Romão, Ignacio Marques, Gualdino Roza, João Pereira, Gaspar Raul Larriq Coimbra escriptorario da direcção dos serviços maritimos, entrados, uns pelo alçapão, outros pela porta das armas do quartel depois d'aberta, e ainda Augusto Rufino Pires Palhares, Thomaz do Nascimento, Alvaro Pedro Gonçalves da Silva, Luiz M. Rodrigues. A. V. Franco, Alfredo Augusto dos Santos, Jayme Ferreira, José Costa, Alfredo José Carrilho, Augusto Silva, Couto, Jorge d'Oliveira, José Maria de Carvalho, Francisco Carlos, Joaquim d'Almeida (falleceu em combate),

(*) «O Intransigente» de 4 de Outubro de 1912

Manuel Jorge, Manuel Carlos, Joaquim da Costa, Eduardo Costa, João Henriques Marques, Antonio dos Reis Marques, Manuel Cavallinho, José d'Oliveira, Ventura d'Oliveira, Antonio José d'Araujo, que só lograram armar-se no quartel.

Auxiliando a acção estava egualmente a gente do commerciante José Simões, que alguns auctores (*) dão até como havendo precedido, com cerca de 70 homens, o trabalho de Machado Santos, facto justificado pela demora a este apresentada pelo encerramento das portas por onde contava entrar.

José Simões, dá, apoz o seu apparecimento, a chegada de Machado Santos com 16 homens e o commissario naval, cita no seu relatorio os nomes de 55.

Certo é porém que alem d'esses, egualmente assaltaram o regimento, os revolucionarios João Duarte e Carlos Silva.

Sob o titulo *Subsidios para a Historia da Revolução* appareceria ainda a seguinte carta (**) do revolucionario José de Araujo, fornecendo dados sobre os assaltantes de Campo de Ourique:

«Sr. redactor. — Com o titulo *Faça-se Luz*, publicou o sr. Belem, n'um supplemento, a sua segunda carta ao sr. Machado Santos, que, assim como a primeira, nada esclarece o movimento de 5 de Outubro, pretendendo, a meu vêr, insinuar que o suicidio do almirante Candido dos Reis se deve áquelle senhor.

«Diz o sr. Belem, a quem não conheço pessoalmente, que no seu relatorio o sr. Machado Santos afirmára dispensar o seu grupo, porque tinha o do sr. Meireles, que era bastante numeroso, e classifica essa affirmativa de ardilosa mentira.

«A verdade porém, é que o grupo do referido sr. Meireles compunha-se de mais de 200 homens, dos quaes 150, pouco mais ou menos, compareceram, na noite da revolução, na rua de S. Felix, 85, casa pertencente ao sr. Manuel de Sousa Carvalhinho, a receber ordens, dispostos a marchar para onde lhes fosse determinado.

«Succedeu, no emtanto, ter eu sido incumbido, com Julio

(*) Como se implantou a Republica em Portugal = Pagina 56.
(**) *O Seculo* de 10 de Abril de 1912.

Francisco d'Almeida, Francisco Vidal, operario do Arsenal de Marinha; Eugenio Vasques e Jaime Chester, de irmos ao Centro de Santa Izabel buscar explosivos, visto não podermos fazer frente á guarda municipal apenas com revolvers.

«Chegados ao nosso destino á meia noite e meia hora, vinte minutos depois o sr. Meireles declarou-nos não haver os explosivos requisitados e encarregou-me de ir buscar todo o grupo, a fim de irmos ao quartel de infantaria 16, mas a esse tempo já todos vinham pela rua de Sant'Anna, á Lapa, onde o transito lhes foi impedido, a tiro, pela guarda municipal e policia, que ainda prendeu alguns homens, o que os desmoralisou.

«Ainda assim, a maioria dos assaltantes a infantaria 16, assim como os que se encontravam no Centro, entraram pelo celebre alçapão e outros por onde puderam, pertenciam ao grupo do sr. Meirelles.

«Pela exposição d'estes factos, fica o publico sabendo que quem pretende engendrar uma ardilosa historia é o sr. Belem, e que o sr. Machado Santos não precisava do seu grupo, pois tinha o do sr. Meireles, composto não de leões, mas sim de homens de acção.

«Muito grato pela publicação d'estas linhas, sou de v. ex.ª
Carlos d'Araujo»

Facultada a entrada pelo auxilio efficaz do cabo Forçado, de roldão entravam os revoltosos civis caminhando ao encontro dos militares.

Machado Santos, apparecendo, era logo acclamado e abraçado pela soldadesca.

Os civis porém, não percebendo de principio a attitude, dão uma descarga e aos pés do official, cae, gravemente ferido, o soldado Francisco Mendes Ramalhete.

O tiroteio estabelecia-se confusamente, debalde mandado suspender por Machado Santos, não comprehendendo essa inutil troca de balas

Era necessario proceder e assim, correu á secretaria, esperando ali encontrar toda a officialidade.

Deparava-se-lhe apenas o major Narciso Dias, a quem fazia a intimação:

— Viva a Republica! diga!

O major, retrucou, n'uma phrase arrastada:

— Viva a republica, isso não!

— Se não quer não grite, mas fique sabendo que o que se passa aqui está-se passando ao mesmo tempo em todos os regimentos de Lisboa!

O silencio glacial, que se seguiu, impressionou os sediciosos.

Abandonaram a secretaria e sem ir ás casernas, onde os soldados se escondiam debaixo das camas, afim de commodamente deixarem passar o graniso de chumbo, volveram á parada.

A Revolução, entretanto, agita bandeiras verdes e encarnadas.

Os vivas atroam os ares.

Calca-se o sangue dos vencidos, como tropheu da gloria dos vencedores.

Comtudo o receio gera o medo.

O acto de fuga dos officiaes do 16, se bem que escasso em firmeza de animo, teve interpretação em feito de adversarios intransigentes, insubmissos, indo procurar o appoio da 4.ª companhia da guarda municipal aquartelada na rua de S. Luiz, á Estrella, já que outro auxilio lhes escasseava.

A intenção existiu, e prova-o o depoimento (*) insuspeito do dr. Augusto Celestino da Costa, filho do coronel Celestino:

«Mais de metade do regimento ficou no quartel. Desci a perguntar pelo meu pae. Já vi o impedido debaixo de fórma. Os officiaes que tinham ficado pelas casernas e os que haviam ido á Guarda Municipal e já estavam de volta, procuravam reunir os soldados.

« — Então que resultado deu essa diligencia dos officiaes junto da Guarda Municipal?

« — Nenhum resultado! A Guarda Municipal recusou-se a sahir sem ordem do commando geral. Pediram essa ordem para o quartel do Carmo, e essa ordem... não veio. Os officiaes contavam como certo que esse auxilio, marchando a companhia

(*) «Diario dos Vencidos» por Joaquim Leitão.—Pagina 363.

a passo de carga, ao encontro dos revoltosos, teria suffocado ali no caminho a revolta. Voltaram para o quartel e trataram de procurar os soldados pelas casernas.»

Os officiaes foram de facto ao quartel da 4.ª companhia, conhecedora já do assalto a infantaria 16, communicado d'ali para o commando das guardas e d'este ao commando da divisão.

Ao vêr ingressar os foragidos á acção dos grupos civis, escutado o pedido de auxilio, era elle participado ao coronel Filippe Malaquias de Lemos, como se necessaria fosse a evocação disciplinar para entrave a successos graves.

Começa n'este ponto a acção largamente criticada do chefe das guardas municipaes.

Assignalando a sublevação do 16, a morte do coronel Celestino e do capitão Manuel de Barros, como resposta era dada telephonicamente, que estando a companhia subordinada á divisão e que fazendo parte do posto avançado da defeza do Paço, não podia auctorisar o deslocamento.

Posta era assim a disciplina á ordem da indisciplina.

A revolta podia, se lhe aprouvesse, queimar todo o bairro de Campo de Ourique, ou trucidar todos os desaffectos á causa que a guarda se não retiraria um passo do seu extranho posto avançado.

E' curiosa essa parte do relatorio (*) posthumo do coronel Malaquias de Lemos:

«Immediatamente a seguir sou informado pela 4.ª companhia (Estrella) de que estava sendo assaltado o quartel de infantaria 16 e já se ouviam tiros. Sem demora dou conhecimento d'isto ao quartel general. Minutos depois, a mesma 4.ª companhia diz-me que davam entrada naquelle quartel alguns oficiaes de infantaria 16, sabendo-se por eles que o regimento se sublevava, ocorrendo acontecimentos graves. Por isso pediam soccorro.

«Respondo-lhes que, estando a 4.ª companhia já subordina-

(*) «General Malaquias de Lemos» — «A sua acção durante a revolução de Outubro de 1910.

da ao comando da divisão, e principalmente porque occupava um posto avançado de defeza do Paço das Necessidades, não podia dispôr de essa companhia, mas que ia comunicar o facto ao quartel general, o que imediatamente fiz, pedindo instrucções.

«Por segunda e terceira vez foi renovado o pedido de soccorro dos mesmos oficiaes a quem respondi por identica forma comunicando sempre tudo á divisão. Pouco tempo depois dizem-me que o quartel do 16 fôra abandonado pelos revoltosos e que para lá iam dirigir-se os oficiaes.»

Certo é porém que o coronel Malaquias de Lemos, apoz n'essas linhas ter dado uns vislumbres de declinar de responsabilidades sobre o commando da divisão, as assumia quasi de instante, no mesmo relatorio, ao citar o encontro da 4.ª companhia com a artilharia em marcha para as Necessidades:

«Pela uma hora da madrugada ouvem-se os primeiros tiros de canhão, e decorrido algum tempo, ainda a mesma quarta companhia me informa de que pela rua Ferreira Borges vinha avançando artilharia. Immediatamente dou ordem para que o piquete ali estacionado lhe fizesse frente e fogo, se fosse necessario, e ao capitão da companhia para que, reunida o maximo da força, e dispondo d'ella como entendesse, obstasse com toda a energia ao avanço da artilharia, que sem duvida se dirigia sobre o Palacio das Necessidades, atacando-a principalmente de flanco e procurando cortar-lhe a ligação com o quartel de Campolide. N'esta occasião compreendi quanto acertadamente tinha andado não acedendo aos pedidos dos officiaes do 16.»

Como base inicial se apresentou todavia a directa jurisdição do quartel general sobre todos os nucleos regimentaes.

Assim, para que não soffresse disciplinar quebra a subordinação ao commando da divisão, que, por seu turno não quiz ir alem das attribuições, dando ordens, quando da guarda municipal graves se reproduziam informes, — a força da Estrella não avançou, deixando seguir em infantaria 16 a avalanche sediciosa.

Foi esta comtudo que se temeu de uma represalia.

A intuição de que um perigo vinha da attitude pouco tri-

vial dos officiaes, origina uma febril troca de ordens entre os revolucionarios.

Ao enervamento da primitiva victoria, em parte facil, pelo reduzido nucleo de insubmissos energicos, succede a louca visão d'uma inevitavel hecatombe.

Se n'essa hora, a soldadesca dispersa, a officialidade receosa e inactiva, intenta um golpe de audacia, valendo-se dos vulgares recursos de guerra, a sedição capitulava.

O acaso, symbolisando o Destino, manietava braços e derruia coragens.

A Revolução seguia, embora levada nas azas do espectro tremendo, chamado o terror.

A propria maioria dos soldados, fallados para sahir com os revoltosos, haviam ido occultar-se sob os leitos, ao primeiro tiroteio, louco, ao acaso, havido na escuridão da parada.

Temeram ser victimas dos cumplices, desconhecendo quasi os seus, absorvidos na tarefa de espalhar panico.

A parte firme na revolta, não correspondeu á quantidade com que ella contava.

Comtudo é conveniente frisar, que, nem por um instante houve o pensamento de um retrocesso.

N'essas alturas, apparecia o medico revolucionario dr. José Paulo Macedo de Bragança, ao qual era entregue, para acompanhar o movimento, uma carabina Mauser.

A desorientação proseguia, á ideia de um ataque pela municipal.

Promovia-se pois a precipitada sahida do nucleo insurreccionado.

A officialidade fugitiva não tardaria, pensaram, a exercer revindicta sobre os victoriosos de momento.

Urgia buscar appoio.

Na impossibilidade de obter um constituir de fileiras, optou-se pela propria desordenação.

Para animo, em grita fez sciente Machado Santos, que cumpria procurar a união com artilharia 1.

Conseguido o fim, a massa de rebeldes dispunha se a abandonar o quartel.

O commissario naval assignala esse facto como succedido á 1 hora, exacta, da madrugada, contrariamente a José Antonio dos Santos Belem, que o dá (*) como passado á hora e meia.

Como mais logica se apresenta essa hora, porque, embora fosse rapido o desenrolar dos acontecimentos, passando como relampagos, ante os seus executores, materialmente se não realisaram com a dita rapidez.

A soldadesca sahiu pois em monte, militares e civis entoando os hymnos da revolta, a *Portugueza* e a *Marselhêza*, de braço dado uns, erguendo os bonets outros, disparando as armas outros.

D'esse troço de revoltados do 16, iriam ainda a 2.os sargentos para a guarda republicana os 1.os cabos, Antonio da Silva Nunes, Carlos Rodrigues, Alfredo José Vidigal, João Martins dos Santos, Mario Motta, Gabriel Ribeiro, Antonio Jacintho Caeiros, Antonio Lopes, João Baptista Cardoso de Brito, e o soldado Francisco Mendes Ramalhete e a 1.os cabos, o aprendiz de musica, Victor da Costa Pêco, os 2.os cabos, João Martins e Manuel Joaquim Correia e os soldados José Martins Coxo, Raul Pereira, José Geraldes da Silva, Verdiano Francisco da Silva, Fausto Pereira Borges, Alfredo Alves Ferreira, Manuel Francisco da Silva, Carlos Fernandes dos Santos, Caetano Caldeira, Manuel Pires, José Francisco Rodrigues e Joaquim Tavares; a mestre de corneteiros, os corneteiros, Carlos dos Santos, Manuel Antonio de Menezes e o soldado Albino Costa.

Não foi desmedido o numero de premiados, em relação aos de artilharia 1 e ao publicar o seu relatorio, (paginas 167) Machado Santos expressaria assim as suas queixas:

«Infantaria 16, que teve a honra de iniciar o movimento, porque á uma hora da madrugada em ponto sahia do seu quartel, infantaria 16, que deu o signal de revolta, foi de todos os regimentos o que menos galardão teve.»

Abandonando o quartel, sentiram renascer-lhe o enthusiasmo.

Cousa alguma de suspeito se lhes patenteou.

(*) «O Paiz de 5 de Novembro de 1910.

Marcharam pelo Arco do Carvalhão, a caminho de artilharia I.

E sempre a norteal-os o mesmo desprezo de existencia, o mesmo desprendimento do perigo e banir de pensamento de que ali os poderia colher as granadas dos não adherentes, gritavam:

— Viva a Republica!

Vejamos agora a descripção do ousado passo do 16, feita pelo livro hespanhol *Como cae un trono*: (*)

«Es la marcha muda y sigilosa, porque el grupo se ha desparramado en las sombras nocturnas, y, con la dispersion, sobre los espiritos encandecidos por el ideal bate sus negras alas sombrio presentimiento. Nadie los embaraza el passo y llegan ante la puerta del cuartel. No puede abrirse, pues el official de guardia tiene las llaves. Dentro se oye gran bullicio. Qué es elo? La tropa, al ver el grupo de populares que capitanea Dos Santos, se ha sublevado antes de tiempo, sin percatarse de que aun no sonó la señal, de que ponen al gobierno sobre aviso, de que pueden ocasionar el malogro de la revuelta. Adentro. Los batientes van por tierra con pavoroso estruendo. Ya estan en el patio los populares· Hormiguean alli los soldados que bajan de las compañias vitoreando la Republica, presos de excitacion febril. Machado dos Santos ordena la hueste mientras sus seguidores se precipitan á los armeros en busca de fusiles.

«De pronto resuenan quince, veinte, treinta disparos. Hay un terrible oleaje en aquella masa desordenada, de la cual parten gritos desgarradores. Instintivamente vuelvense los ojos á la sala de oficiales. De alli viene el tiroteo. La oficialidad, con sus pistolas de repiticion, y los sargentos, con sus maüssers, ametrallan á la tropa, alentados por el brutal efecto de la sorpresa. Una voz de Machado Santos domina aquella hirviente batahola, y los agredidos descargan sus fusiles sobre las ventanas. Suenan allá arriba gritos, lamentos, blasfemias; debe haber algunos heridos. Alguien, viniendo de los pabellones, grita: Muchachos, alto el juego!» Un ay! y se le ve desplomar-se. Es el

(*) Como cae um trono, pag. 130.

coronel Celestino da Costa, que vá de paisano, con capote militar y garra cuartelera. Ha muerto. Próximo a el, desmayado, está el teniente coronel, con una contusion en el brazo. Los oficiales debilitan el tiroteo, que cesando poco á poco, queda en algun disparo suelto. La tropa se lanza á los pabellones en busca de sus enemigos.

«El capitan Barros, que salta del lecho y dispara á quemarropa sobre los soldados, cae exanime. Muertos, los sargentos y la major parte de la oficialidad saltan por un ventanuco á la travesia de los Cuarteis, y van a refugiarse en un cuartel de la calle de San Luiz. Está alli la sexta compañia de la guardia municipal, y piden que reduzca á los revoltosos. Vano empeño! La guardia municipal no puede salir sin ordenes superiores, y éstas ó se não piden ó no llegan. Algun otro monarquico—el teniente Cruz — queda occulto en su cuarto, receloso de ser asesinado. Temor injusto! Los republicanos luchan, no asesinan.

«Bien ha podido verlo el mayor Dias, que no se movió de la secretaria y alli fué envuelto por los populares. «Viva la Republica! — clama ante el Machado dos Santos. — No puedo gritar eso! responde secamente el mayor.

« — Haga lo que quiera —dice entonces Dos Santos, mas sepa que lo propio que aqui, está ocurriendo ahora en los demas cuarteles de Lisboa!

«Y con esto le deja tranquilo. Mas la desaparicion de los demas tenientes y capitanes hace recelar algo. Habran ido por refuerzos? Maliciandolo, Machado dos Santos procura organisar las tropas sublevadas, mas tanta és la excitacion reinante, que no lo consigue. Y asi, en confuso apretujamiento, com mas sobre de enthusiasmo que de ordem, sale le columna con direccion al cuartel que ocupa el 1 de artilleria.»

Distantes iam, apagados quasi ao longe os rumores dos vivas com que os revoltosos se enthusiasmavam, quando no quartel do 16, principiavam a assomar, os officiaes mais refeitos do tragico episodio que por terra lançara o coronel Celestino e o capitão Barros.

Vejamos os echos d'esse reapparecimento, levados ao estrangeiro:

«Transcurrido algun tiempo, varios oficiales abandonan sus escondrijos y suben prudentemente a los dormitorios. Alli, ocultos bajos las camas, hay no pocos soldados, 150. Se los hace salir á viva fuerza y van a formar en el pateo. Mientras, recatandose mucho en ello, para que los soldados ignoren que ha muerto su jefe, se lleva al cadaver de Celestino da Costa a una cama de la tercera compañia. Luego, ya de mañana, van esas tropas, en tan deploravel estado moral, á defender el Palacio de las Necesidades.» (*)

De nenhum resultado foi para a causa monarchica esse jungir dos dispersos elementos do 16, mas serviu para patentear, da parte de alguns officiaes o desejo de com elles soerguer a bandeira que de alto se pretendia fazer baixar ao campo raso das inuteis cousas.

Retirando do quartel, os revoltosos nem uma só força ali deixavam.

Era campo aberto á contra-revolução se ella se tivesse querido intentar.

Intenções houve, todavia, até quando do tiroteio á retirada dos civis attingidos pela fuzilaria da 4.ª companhia durante a refrega da rua Ferreira Borges.

Apenas a energia falhou.

O tenente Americo Maria Bivar de Sousa Dores, foi o que mais intemerato se lançou ao encontro dos soldados, trazendo á parada um pelotão, logo formado, a rigor.

Algumas praças tomaram, de baioneta callada, as embocaduras das ruas de S. Luiz e de Campo de Ourique e as das travessas de S. Caetano e de Santo Aleixo.

O tenente-coronel Julio Borges, arranjava uma columna que depois seguiria para as Necessidades, sem que por intuição lhe sorrisse a perspectiva de uma reconquista, indo colher os revoltosos em sortida, perigosa, mas honrosa.

O resto do 16, iria para a espectativa d'um rodeamento do palacio real, onde a acção foi simples simulacro de defesa.

Entretanto, manhã já, ainda uma avalanche de populares

(*) «Como cae un trono» = «L Revolucion en Portugal».= Pagina 132.

ia junto do quartel exigir armas, que o alferes José Xavier de Velasco Celestino Soares, negava, pela falta, aconselhando-os tambem a dispersar.

Dentro do quartel havia a soldadesca que horas depois, por inactiva, se procurou arregimentar para a defeza das Necessidades.

Voltemos porém a essa sahida dos rebeldes.

Ao passo que iam surgindo os fugitivos do primeiro momento, a formar-se para o segundo abandono completo do quartel, os revoltosos iam, felizes, a caminho de artilharia 1.

Haviam firmado, pela energia e pela força de excitação, o inicio d'uma victoria.

A pedra basilar da revolução firmou-a, pois, o quartel de infantaria 16.

Quiz-se ainda quebrar a ideia de um levantamento de motuo-proprio em depoimento (*) aliás não authenticado pelo nome do depoente, onde se cita a revolta como nascida do signál de bordo, á 1 hora da madrugada:

« — Na noite de ante-hontem nós estavamos nas casernas, em silencio, á espera do sinal. Batia-nos o coração mas esperavamos com confiança. A' medida que o tempo decorria aumentava a nossa impaciencia. Finalmente, á uma hora ouvimos os tres tiros de peça no mar. Era esse o sinal e ainda bem não fôra disparado o ultimo tiro já nós gritavamos vivas á Republica e nos lançavamos impetuosamente para as arrecadações a tomarmos o armamento e as munições. Corremos tambem ao portão do quartel, que abrimos para que os populares pudessem entrar.

« — E eram muitos? perguntámos.

« — Muitissimos. Não imagina. Magotes e magotes d'elles. Assim que entravam levavamo-los ás arrecadações onde elles escolhiam o armamento que queriam.

« — E os officiaes?

« — Poucos estavam no quartel. Alguns tentaram opôr-se ao movimento e então declarámos-lhes que se persistissem nos veriamos forçados a submetê-los pela força. Então desistiram de

(*) *O Seculo* de 19 de Novembro de 1910.

querer contrariar os nossos desejos e disseram-nos que queriam retirar para suas casas. Deixámo-los passar livremente. O coronel commandante é que puxou de um revolver que apontou ás praças. Então, antes que o fizesse, caiu varado por uma bala. Em seguida saimos todos para a parada e preparámo-nos para seguir para o quartel de artilharia, o que fizemos. Quando ali chegámos abriram-nos logo as portas e entrámos todos de tropel dando vivas á Republica.»

Assim não fôra.

A acção de infantaria 16, não teve nas suas bases extranha indicação on auxilio.

Mas para que o movimento, livre n'essa hora, da atmosphera primacial da dirigencia revolucionaria, tivesse um embaraço ao regosijo natural da iniciativa, ainda cahiram sobre ella accusações e veremos assim fallar (*) o capitão Alfredo Ernesto de Sá Cardoso, que aliás rejubilou ão sentir no instante grave da sedicção em artilharia 1, o appoio do 16, com o qual não se contava tão cedo:

«Se é certo que essa prevenção difficultava o movimento, outro facto veiu impossibilitar por completo a revolta dos regimentos. Os elementos civis, com infantaria, não esperaram pelo signal de bordo e revoltaram-se antes de tempo. Este facto conhecido no quartel general, foi communicado para todos os corpos e para a guarda municipal, de fórma que, quando a marinha fez o signal, os elementos civis que se dirigiam para os differentes regimentos, encontraram as forças da guarda municipal na rua.»

Comtudo, era n'essa hora de incertezas, incertezas que toda a officialidade revolucionaria synthetisaria n'um abandono do posto que haviam criado, que os soldados do 16 sahiam para a rua.

Tinha alguma cousa de grande e de terrivel essa caminhada, pela escuridão, e n'uma desordem inconcebivel.

Mas a mole humana, marcha enervada e enthusiastica, a resuscitar epica, no cego caminhar para um fim problematico, as scenas gigantescas da França revoltada de 1793!

(*) *O Mundo* de 6 de Outubro de 1910.

VII

Em artilharia 1.=O assalto ao quartel.—Prisão dos officiaes.—Juncção de infantaria 16 e artilharia 1—Incidentes da sedição=Sahida das baterias.

De menos tragedia foi a acção de rebeldia no quartel de Campolide.

Em artilharia 1, com séde na rua de José da Silva Carvalho os officiaes, de prevenção, desdenhavam d'essa medida.

Era a scena exacta de infantaria 16.

Discutiram a morte de Miguel Bombarda, não faltando commentarios, desanuviados, ao successo.

Dado como difficil de supportar o constante regimen de espera a um movimento que jámais se poderia realisar, por escassez de forças republicanas, a conversa breve descambou para variegados assumptos.

Contrariamente a essa despreoccupação, manobrava o espirito de revolta.

De manhã, o capitão José Affonso Palla, transmittira a nota, certa, do movimento, para a madrugada.

Contados entre os elementos principaes, militares, os sargentos Arthur Sangremann Henriques e Candido Augusto Gonzaga Pinto, Mathias dos Santos, José Soares da Encarnação, Francisco Alexandre Lobo Pimentel e Firmino Ferreira da Silva Rego, cuidaram desde logo dos derradeiros preparativos, convencionados de seguida com os chefes dos grupos civis.

Outros impulsionaram tambem a obra da sedição na propaganda e no combate: os 1.os sargentos, Joaquim dos Santos, Joaquim Simões e Sebastião Raymundo da Cruz Pimenta e os 2.os, Aleixo Paulo Mascarenhas, Manuel Monteiro, Raul Augusto Martins, Augusto Guerreiro de Amorim Pires, Antonio Pereira Machado, Arthur do Rego, Vicente Cypriano Rodrigues de Mendonça e José Verissimo.

Mais tarde, victoria ganha, caber-lhes-hia, em premio, a promoção, dos trez primeiros a sargentos ajudantes e dos restantes a 1.os sargentos.

Cerca das 9 horas da noite, transmittira-se aos iniciados, o aviso definitivo.

Para que bem corresse a revolucionaria lida, cedo fôra para o quartel, o dirigente superior da manobra a realisar em artilharia 1.

A' chegada, o capitão Affonso Palla, logo teve aviso, pelo sargento revolucionario Gonzaga Pinto da estada de todos os officiaes.

— Melhor! retorquiu o chefe da acção em artilharia: — Em vez de prenderem trez ou quatro, prendem-se logo todos. Não ha que hesitar!

Entrando na secretaria deparava com cinco officiaes.

Extranhada a chegada, ás 10 e meia da noite, sem que participação lhe houvesse sido feita, o capitão allegava o facto de ter tido conhecimento das prevenções, e perceber a conveniencia de se apresentar antes que procurado fosse.

Palestrando esteve até depois das 11 horas, associando-se ás discussões, para contrafazer a anciedade.

Depois, pretextando necessidade de descanço, e inutilidade da medida, retirava para o quarto, não para dormir, mas para concitar trabalhos.

Alguns, seguiram o falso exemplo e entraram para os seus quartos.

Outros ficaram conversando

A' uma hora, o telephone retinia.

O major José de Oliveira Duque, recebia, por elle, ordem do chefe do estado maior, coronel José Joaquim de Castro, pa-

ra, em vista do acto revoltoso de infantaria 16, conhecido no quartel general, mandar formar as baterias.

N'esse instante, ouviu gritos de viva a Republica e tropel.

Percebeu que a situação já não permittia o executar da formatura.

Communicou essa provavel impossibilidade e do estado maior desligavam.

Ordenado foi porém que as baterias entrassem em forma.

Dispunham-se a ir ás casernas, quando a vozearia recrudesceu.

A secretaria e os quartos eram n'esse instante invadidas.

A prevenção tivéra pois origem certa.

Que se passára?

*

Emquanto a officialidade discutia, a revolução aprestava-se.

O capitão Affonso Palla recolhêra ao seu quarto, e ali transmittira instrucções ao 2.° sargento José Soares da Encarnação, que assignalava tudo prompto, não só para o apparelhamento e atrelamento das muares ás viaturas, como para a tomadia de todo o armamento portatil, armazenado logo no posto optico.

Ao mesmo tempo passava ao sargento ajudante Arthur Sangremann Henriques, a ordem pela qual á 1 hora os sargentos deviam estar a postos.

Da sua janella e ás escuras, o chefe da sedição em artilharia, inspeccionava os movimentos dos outros officiaes.

Com desespero notou a sahida de alguns para os seus aposentos, contrariando assim a primitiva ideia de aprisionamento total, quando reunidos na secretaria.

Entretanto, emquanto o grupo de Manuel Lourenço Godinho, estudava a fórma de effectuar o assalto, um outro grupo da chefia de Antonio Augusto Maldonado e Armando Porphirio Rodrigues, aguardava na Feira de Agosto, desde as 11 horas da noite, o momento de intervir na contenda, até então platonica, travada entre o throno e a democracia.

Pelo silencio da noite, os grupos, combinaram a maneira de realisar o assalto e dispersaram, para convergir, á meia noite e

meia hora, ao local onde o brado da multidão enthusiastica, implantaria o primeiro estandarte da Republica.

Ao encontro do perigo, ignorando se estava reservado para martyr ou para heroe, esse grupo de homens assumia phantastico aspecto, tal o seu silencio, a sua inamovibilidade.

A' 1 hora, a tragica quietitude nocturna, foi quebrada pelo reboar longinquo dos canhões do *Adamastor*.

Ao primeiro tiro, a onda humana, deslocou-se, ao segundo, deu um brado forte como leão furioso.

Era a hora.

O signal mostrava o inevitavel da acção.

Tarde era para recuar, se alguem o quizesse.

Ninguem o pensou, e se recuar era vergonha, avançar era a morte certa, pelas balas dos não adherentes.

O povo, leão rugidor não teve uma indecisão.

Com elle estava, ancioso de proceder, o capitão de artilharia I, Affonso Palla.

Não teve elle, comtudo crença firme.

Viu homens, onde havia porém egualmente entes desprezadores da propria vida.

Olhando á quantidade e não á heroicidade, a que mais tarde, aliás, faria justiça, o official teve de principio a seguinte percepção de perigo que tempo depois reproduzia nas seguintes palavras: (*)

«Sr. Presidente: tendo eu entrado no movimento preparatório revolucionario, e conversando por vezes com o Dr. Bombarda, foi-me por êle dito que, na ocasião precisa, poria em movimento 30:000 a 40.000 revolucionarios, quer dizer: ao sinal da revolução saíriam para a rua 30:000 a 40.000 homens.

«Estava eu, pois, convencido de que, de facto, haviam associados, ligados e devidamente comandados, 30:000 a 40:000 revolucionarios civis.

«Em virtude d'isto, distribui ao dr. Bombarda o seguinte

(*)« Diario do Senado»=Sessão n.º 32 de 24 de Janeiro de 1913.=Pagina 2.

plano: pequenos grupos entrariam nos regimentos a auxiliar os revolucionários; e grandes grupos estariam nas ruas proximo dos quarteis, armados de bombas e pistolas, a fim de impedirem a marcha dos regimentos que não levassem a bandeira republicana.

«Porém, Sr. Presidente, êsses homens não apareceram: De quem foi a culpa? Compete á historia indagar as causas.

«Mas não ha duvida alguma de que apareceram revolucionários civis. Dizer eu que os não houve seria o maior dos absurdos, pois que êles foram a artilharia 1 e devia reconhecê-los.

«Mas, Sr. Presidente, tendo eu destinado para artilharia 1 cêrca de 300 homens armados, á meia hora depois da meia noite mandei um cabo saber se essa gente se encontrava no local, que lhe fôra destinado, obtendo como resposta, que se achavam lá apenas uns 12 a 17 homens, resolvidos a não entrar sem que lhes fôssem dadas armas e munições.

«E' claro que fiquei deveras surprehendido com esta resposta, e vi logo a gravidade do caso. Pois quê?! O apregoado armamento reduziu-se a nada?!

«Como não havia, porém, tempo para resolver outra cousa, dei ordem ao cabo para que ficasse junto de mim, a fim de que, num dado momento, fôsse distribuir o armamento.

«Esperava, por consequencia, o ultimo momento para mandar armas a êsses 12 ou 17 homens, a fim de que êles entrassem; e de facto, momentos antes de começar o movimento, dei ordem ao cabo e êste, com mais outro, ajudados pelos sargentos Matias e Encarnação, fizeram dois braçados de armas e foram levá-las aos revolucionários civis.

«Devo aqui dizer, Sr. Presidente, que êsses homens prestaram os mais relevantes serviços á Republica; pois que, armados de carabinas, romperam com audácia pela escada da secretaria fazendo o que lhes estava determinado, mas de luva branca, isto é: com uma educação primorosíssima, não insultando, nem maltratando ninguem.

«Reconhecendo eu, pois, os serviços prestados por esta gente não podia por fórma alguma dizer, que não havia revolucionários civis.

«Sr. Presidente: devo tambem declarar que êsses 12 ou 17 homens foram comandados por Porfirio Rodrigues que, cumpriu por uma forma digna de todo o elogio o que lhe estava determinado.

«Doutros nomes não me lembro, sómente me recordo de Pena Martins.

«Prestaram, não ha duvida, grandes serviços á Republica, e depois voltaram para os seus lugares, não pediram nada. A todos êsses o reconhecimento profundo.

«Tambem ha um outro grupo digno de todo o elogio. Refiro-me ao grupo de atiradores civis comandado pelo Sr. Moraes Carvela, com 60 a 70 homens, que estiveram no Parque Eduardo VII.

«Depois do movimento o Sr. Carvela voltou para o seu negócio e nunca mais apareceu.

«Este grupo e o comandado pelo Porfirio foi a gente que entrou em artilharia n.º 1. Aqui lhes fica, repito, o meu reconhecimento.

«Ha um outro individuo que prestou enormes serviços á causa da Republica. E' um negociante de vinhos no Beato, chamado Jorge de Carvalho.

«Em vista do que acabo de expor, quer-me parecer haver já dito o bastante para se compreender que conheço os revolucionarios civis.»

A seu tempo virão os ataques de que foi alvo esse discurso parlamentar, reproduzindo ainda flagrantes scenas da Rotunda, como a seu tempo veremos o proclamado heroe, Armando Porphirio Rodrigues levado aos carceres (Setembro de 1913) como envolvido em attentados desfavoraveis á Republica.

Meia hora antes, da marcha para o movimento, mandára o capitão Palla saber pelo cabo 36 da 6.ª bateria se os trezentos revolucionarios com quem contava, a postos estavam, com as suas pelo menos 50 espingardas.

A desillusão foi dura.

D'essa esperada avalanche, terrivel e avassaladora, só de 17 revolucionarios armados foi constatada a comparencia.

Haviam entrado por uma pequena porta deitando para a estrada e a cuja guarda estava um carbonario militar que lhes franqueou o ingresso.

Apoz o acto, aterrorizado ficou, ao ponto de confundir com um agente perspicaz e perseguidor, o chefe de grupo, João Saraiva, que o quiz interrogar sobre se os civis haviam ou não entrado.

Dando errada resposta, deu origem a que João Saraiva retrocedesse, procurando baldadamente os revolucionarios, a esse tempo procedendo já a dentro do quartel.

Conduzidos haviam sido para a casa denominada do *commandante*, na rua de Entre-Muros e que deshabitada por longo tempo, fôra concedida aos telegraphistas de praça, que a revolta conseguira tambem alliciar.

O numero era superior a 30.

Com armas, apenas 17.

Com estes se entendeu excellente começar a manobra, e assim a detenção da officialidade.

Collocados logo n'outro lado, para proceder no dado momento, não houve a minima hesitação.

Dezesete homens para a arriscada missão, era audacia grande.

Seria a derrocada se a sorte das armas não velasse pelo exito da revolução portugueza.

Soube-se comtudo que nem armamento possuiam e que só a inquebrantibilidade de animo os retinha ali.

Não recuavam, mas inutil era o lance se de mãos livres quizessem promover o assalto.

Urgia actuar porém, para que em peor não redundasse o plano.

Assente ficára que a nenhum dos officiaes seria feita violencia, e que esta só teria logar em desforço proprio.

Dada a hora, os revolucionarios procuraram cumprir o seu mandato.

Do seu posto o capitão Palla ouvira os toques telephonicos.

Comprehendeu que eram ordens do quartel general e que prejudiciaes poderiam ser para o projecto.

Ao mesmo tempo soaram os tiros de bordo.

Palla, desceu a correr á caserna da 6.ª bateria e gritou:

— E' agora!

Ao cabo 36, ordenava:

— Depressa! Corre, arrebanha as armas das baterias, entrega-as aos civis e dize ao quarteleiro que te dê um cunhete de munições.

O sargento Gonzaga Pinto, de chofre tomou a chefia da sublevação da 7.ª bateria, a que pertencia.

Os outros carbonarios entrados por pontos diversos recebendo as armas entregues pelo cabo 36, não vacillaram, de leve, ante o lance audaz em que se envolviam.

De roldão se arremessavam para a parada.

A esse tempo, Armando Porphirio Rodrigues e Antonio Augusto Maldonado, percorrendo ligeiros com o seu grupo, o caminho longo que do seu posto ia até á secretaria e quartos dos officiaes, assaltavam-nos, pelas casernas da 2.ª bateria e pela porta principal.

Alem d'elles apenas iam quinze assaltantes intemeratos, representantes da Carbonaria Portugueza: Saul Simões Serio, Alexandre Gomes de Sousa, Antonio Martins Madeira, Laurindo da Conceição Rosado, Arthur Pena Martins, Arthur de Oliveira e Silva, Raul Mesquita, José Maria Lopes Damas, Antonio Mendes Junior, Manuel Ayres, José da Silva Tavares, João Gil de Almeida e Abreu, Humberto Gomes Mendes, Antonio de Freitas Junior e Carlos Cruz.

Guiou-os na missão de audacia o sargento Firmino Ferreira da Silva Rego.

A' catadupa nada resiste.

As sentinellas haviam deixado passar a onda ante a palavra de ordem e a officialidade viu-se de subito rodeada, na secretaria e nos aposentos, pelos emissarios da revolução que eram avançada guarda de numerosos grupos.

A detenção, foi por alguns auctores dada como tendo sido feita na sala da secretaria, mas certo é que se realisou quasi toda nos quartos, tendo escapado ao plano alguns que ali se não encontravam.

Nem todos os officiaes cahiram na rêde onde os logravam deter os revoltosos.

Restavam em liberdade, por se não encontrarem nem na secretaria nem nos quartos, o major José de Oliveira Duque e os capitães Marianno Augusto Choque Junior, Adolpho Calixto Alves Mimoso e João Bernardo Correia Caupers, que não tardariam em mostrar o seu cunho adverso ao acto sedicioso.

Não estava no quartel, o coronel Jayme Leitão de Castro, que só na manhã de 4 seria preso á passagem por Alcantara e que em 3, se disse havia posto termo á existencia, por questões politicas, facto aliás consummado pelo coronel Alberto Adelino Maia. (*)

Não se encontrava ali egualmente o alferes José Cortez dos Santos, citado falsamente, como detido, dando origem á seguinte declaração:

«Sr. Redactor. — Com o titulo «Para a Historia da Revolução», li hoje no seu jornal a narrativa de Manuel Lourenço Godinho, na qual se fazem affirmações, que me dizem respeito, e são menos verdadeiras. Diz esse senhor, que salvou a vida ao alferes Santos, o que não é verdade. No regimento de artilharia 1 só havia um alferes Santos, que era eu, mas nunca fui conhecido pelo Santinhos, diga-se de passagem; mas aquelle senhor não me podia ter salvo a vida pela razão simples de eu não me encontrar no quartel na noite, nem na madrugada em que se passaram aquelles acontecimentos. Gabe-se embora, aquelle senhor, mas não de façanhas que não commetteu.

«Creio, que bastará esta simples declaração para avivar a memoria do sr. Godinho, que me não conhece; senão ha o testemunho de muitas pessoas, que posso citar, que provarão a falsidade da affirmativa.

«Peço a publicação d'esta carta no seu jornal, que virá contribuir para a justa apreciação dos factos e por isso sr. redactor lhe fica grato quem é de v. ex.ª — Lisboa, 19 de Novembro.— José Cortez dos Santos, alferes de artilharia n.º 1.»

(*) Citado o caso a paginas 871 do 2.º volume d'esta nossa obra. — N. d'A.

O aprisionamento da officialidade, quando chimera se pensava o boato insistente de sedição, constituiu surpreza, até para os proprios que n'elle interferiram.

A apparição dos rebeldes, apontando-lhes as carabinas teve seguro desenlace.

Não houve sangue.

Todavia eram 17 contra 15.

O pasmo torceu a energia e, presos, esses quinze homens collocados pela monarchia em prevenção, para sua defesa, desceram á cathegoria de prisioneiros, de captivos d'uma turba quasi egual de revoltados, que, caso extranho e nobre, confiava o seu destino, heroica e altivamente, ao juramento solemne d'esses detidos, promettendo não desobedecer ao impeto denodado d'esse acto supremo da soberania popular.

O lance temerario iria enfileirar-se no martyrologio republicano se o destino não tivesse destinado um logar victorioso a todas essas loucuras.

Seis homens olham sem colera os prisioneiros, vigiando-lhe apenas as intenções.

Era sempre a energia subjugando a força.

Meia duzia de rebeldes continham quinze officiaes, numero elevado, pouco depois, a vinte e um.

O destino centuplicando as forças dos revoltados, talvez por que comprehendesse justa a causa e merecido o castigo, reduzia egualmente ao minimo a coragem dos nucleos deffensores da realeza.

Sobre qual o grupo que a effeito levou o acto arrojado do aprisionamento dos officiaes, se ergueram controversias, avultando como principal, a prioridade exposta em relatorio do chefe civil, socio da Associação dos Logistas de Lisboa, João Moraes Carvella: (*)

«O santo e a senha recebia-os eu de Simões Raposo. Combinámos depois reunirmo-nos todos — eramos uns sessenta — proximo do parque Eduardo VII.

«Uma vez ali reunidos, tratámos de dar nas vistas o menos

(*) *O Seculo* de 29 de Outubro de 1910.

possivel, o que nos foi um tanto difficil. Depois transmittimos uns aos outros o que nos era necessario e abalámos a caminho de artilharia 1. Eu tivera o cuidado de ir estudar, algumas horas antes, o exterior do quartel e reconhecer os terrenos e caminhos circumdantes. Iamos desarmados, pois combinára-se armármo-nos lá, não entrando nenhum de nós, porém, no quartel, sem que de dentro nos fizessem um signal que se convencionára.

«Quando chegámos a artilharia, disse aos meus companheiros que se estendessem, sentados ou deitados, na extensão dos montes de terra que defronte se encontram escavados para a collocação de canos de exgoto, visto não ser conveniente ficarmos a descoberto. Eu tomei o compromisso de vigiar o que se passasse no quartel e avisal-os do signal, logo que nol-o dessem.

«Momentos depois descobri á porta do quartel um official. Era o Sá Cardoso. Puz-me em destaque, esperando entendermo-nos. Porém, como eu me esquecesse de me dar a reconhecer, dizendo: *Mandaram-me aqui*, para que elle reconhecendo, respondesse: *passe cidadão*, e eu accrescentasse o signal maçonico de soccorro, Sá Cardoso desappareceu e eu fiquei como d'antes...

«Quasi a seguir, era uma hora e dez minutos no meu relogio, ouço soar os primeiros tiros, a que logo succederam outros tres, tambem no rio. Corro aos rapazes e digo-lhes: «Os marinheiros já se revolucionaram. Começa a coisa! Esperemos o resto!» Começou então a nossa grande anciedade. Estavamos no peor quarto de hora. Viviamos na incerteza. Assaltava-nos a duvida. Em volta, silencio. Dentro de artilharia parecia-nos ter ouvido um ou dois tiros e um certo movimento, mas tudo se extinguira.

«Continuámos na espectativa um bocado ainda. Uma forte vozearia abalou-nos. De quem seriam as vozes? O que significariam ellas? Poucos minutos depois percebiamos distinctamente que eram estridentes vivas á Republica. Resolvemos marchar ao encontro dos que se approximavam. Alguns segundos depois, nós, infantaria 16 e os populares que o tinham ido buscar, formavamos um só corpo, que rapidamente invadiu o quartel.

«Grande era já a balburdia em artilharia quando lá penetrámos. Os officiaes andavam perfeitamente atordoados, mas os sargentos, os cabos e as praças movimentavam-se doidamente. Maior foi a confusão á nossa entrada. Os civis procuravam immediatamente armar se e municiar se, e os militares tratavam de auxiliar os artilheiros nos duros e demorados preparativos para a saída das peças. E na parada iam formando as forças disponiveis a pouco e pouco, até estar tudo a postos para nos pormos em marcha.

«Em certa altura um artilheiro procurou o capitão Palla para lhe pedir que mandasse prender os officiaes, pois não adheriam e podiam ser perigosos. O capitão nomeou-me a mim para, acompanhado de mais doze homens ir proceder áquella operação. Os officiaes, depois de eu parlamentar, lembrando-lhes a inutilidade da sua resistencia, já pela força de que no proprio momento dispunhamos, já por o movimento contar com a maioria dos regimentos, declararam-me, sob palavra de honra, que se conservariam neutros. Accrescentaram que, ainda mesmo que fosse o seu desejo o contrario, nada poderiam tentar, visto nós lhes havermos tirado soldados, armas, peças e munições... Perante semelhante attitude, não os metti no calabouço; deixei-os simplesmente guardados por alguns dos civis que me acompanhavam.»

Se attendendo ao pequeno troço dos iniciantes da revolta em artilharia 1, não causa extranheza que elle nem sequer fosse notado pelos dirigidos de João de Moraes Carvella, excluindo pois d'ahi duvidas na parte de assalto, que, se póde affirmar, começo teve na acção dos 17 companheiros de Maldonado e Armando Porphirio Rodrigues, cabendo-lhes a captura dos officiaes.

São unanimes os diversos documentos na citação d'esse ponto historico, firmemente estabelecido com o acto praticado pelo grupo dos 17, auxiliados depois pelos de Manuel Lourenço Godinho e Raul Nunes Leal, apoz o que se dava á chegada de infantaria 16.

De facto, Machado Santos, no seu relatorio, a paginas 152, assignala bem que só com o 16 entrou o grupo de Moraes Carvella e este mesmo o não nega:

«Seria 1 hora e 1 quarto da noite quando infantaria 16 chegou a Campolide, arrombando o portão com a ajuda do ferrador Bento Vaz. Com o regimento 16 entrou um grupo de atiradores civis dirigido por Carvella, que acompanhou a columna revolucionaria para a Rotunda, permanecendo lá; lamento ignorar os nomes das pessôas que o compunham.»

Coincidindo só com esta, a entrada dos civis de Moraes Carvella, implicitamente se deduz que executados acharam todos os trabalhos preliminares e de mais risco.

A contradicta vinha, pela penna de Manuel Godinho, que, consummado o projecto se quiz fazer descer a plano inferior, com desvalorisação dos serviços á causa, a despeito da posse de certo documento assignado por sargentos e praças de artilharia e infantaria, onde era dado como o unico chefe que haviam conhecido para os organisar e revolucionar e o unico de quem haviam recebido a ordem para a revolução:

«Tenho que fazer justiça a quem a merece. O meu amigo Armando Porphirio Rodrigues, foi valente, foi um heroe desde a hora em que entrou no quartel até que tudo voltou outra vez á paz. Sacrificou-se muito com a organisação da sua gente que tinha em Carcavellos; foi intrepido, com a carabina na mão na defeza da parte do quartel que dá para o parque Eduardo VII.

«Mas emquanto á propaganda, organisação, e defeza do quartel do regimento de artilharia 1, que dá para as Amoreiras e com a organisação e bom exito no serviço de vedetas, que por tal signal era bem extensivo, só a mim e a mais ninguem é que pertence a honra, da qual não prescindo.

«No regimento de infantaria 16, quem mais gloria tem na revolucionisação d'este glorioso regimento é Machado dos Santos e, depois deste fui eu com o auxilio do ferrador 22 da 2.ª bateria Bento Vaz Gomes, ex-primeiro cabo numero 12 da 5.ª bateria Barradas e 1.º cabo 31 da 1.ª bateria Clemente José Juncal, e não prescindirei do que de justiça me é devido, porque Machado dos Santos e Armando Porphirio Rodrigues conhecem bem os sacrificios que fiz, e se assim eu não posso jurar pela minha honra de cidadão livre que o que n'este relato-

rio exponho para a historia da revolução, é a pura verdade e só a verdade.

«Agora mais um assumpto tenho a ventilar ácêrca do cidadão chefe dos atiradores civis de nome João Moraes Caravella. Este cavalheiro na sua entrevista publicada n'um jornal da manhã do dia 29, tem uma grande imaginação, porque mais de dois terços do que declara é tudo «phantasia». Quem lêr a exposição feita por este senhor, e que esteja ao facto de como tudo se passou desde a primeira hora em que os regimentos de artilharia 1 e infantaria 16, saíram para a rua, observa logo que o sr. Caravella não esteve em nenhum dos pontos em que elle affirma ter estado. Em primeiro logar não houve ataque de especie alguma da parte da rua de S. João dos Bemcasados. D'este lado o ataque houve da parte dos populares que n'esta rua se achavam, mas com palmas, vivas e muito enthusiasmo.

«Segundo, quanto ao logar d'onde o sr. Caravella diz que as peças fizeram fogo, não é exacto, porque o fogo feito a primeira vez pelas peças foi só na rua Ferreira Borges, 3 tiros e na Rotunda o fogo foi feito para a Avenida e aqui é que os cavallos foram mortos.

«Terceiro, não foi o sr. Caravella quem prendeu os srs. officiaes, como elle diz, com 12 homens, mas sim Armando Porphirio Rodrigues com 17 homens, os quaes foram os primeiros a entrar no quartel e ali armados como acima já disse.

«Quarto, não foi o sr. Caravella quem guardou o portão do paiol, nem o paiol, porque nunca ali foi visto.

«Quinto, foi effectivamente combinado que sessenta atiradores civis se fossem postar na trincheira que se encontra em frente do portão das armas, mas quando eu ali fui, seria meia noite e meia hora, não vi lá senão uns 45. Esta combinação foi feita na rua do Alecrim, no dia 1, ás 5 horas da tarde.

«Sexto, como é que o sr. Caravella achando-se a commandar os seus atiradores do lado do parque Eduardo VII, porque era ali o seu posto como confessa, viu o sr. capitão Sá Cardoso e saiu simultaneamente pela porta do paiol commandando baterias, e companhias e batalhões de infantaria, artilharia e ci-

vis, confessando este senhor tambem que entrou com infantaria 16 por este mesmo lado? — Manuel Lourenço Godinho.»

A' flagrante incoherencia, remedeava posteriormente Moraes Carvella, em trechos de uma carta á imprensa, datada de 2 de Dezembro de 1910:

«Sobre o movimento revolucionario de 4 de Outubro, tenho a declarar o seguinte:

«Com o meu grupo de 50 atiradores civis esperámos na noite de 3 para 4, junto ao quartel de artilharia 1 que nos fosse feito o signal combinado, para entrarmos ali, onde nos deviamos armar

«Pela uma hora e 20 minutos appareceu infantaria 16 commandada por Machado dos Santos e os grupos civis.

«Immediatamente nos encorporamos entrando com elles em artilharia, onde nos armamos com carabinas do regimento.

«Durante o tempo que foi preciso para preparar as viaturas e pôr os carros de munições e as peças em ordem de sair, fui encarregado pelo sr. capitão Palla, de ir com um grupo de 12 homens prender os officiaes que não tinham adherido, visto que um sargento tinha vindo informar que o capitão de inspecção andava aliciando soldados. Com esse grupo fui á sala dos officiaes, onde estavam, dizendo-lhes que o commandante das forças revolucionarias, o sr. capitão Palla, me encarregára de os prender ou mette-los no calabouço se por ventura não me dessem a sua palavra de que não tentavam reagir. Encontrava-se ali um grupo de civis, entre elles o sr. Porphirio Rodrigues, que eu na occasião ignorava a missão que desempenhavam; só mais tarde, dias depois, soube que estavam de guarda a esses officiaes que consideravam sob prisão. A' intimação delicada, mas precisa, que lhes fiz, deram uns a sua palavra de honra que não resistiam e outros que obedeceriam ao regimen que se estabelecesse, e além d'isso que nem soldados tinham ainda que quizessem resistir. Apenas um alferes se manteve silencioso.

«Em vista dista, retirei, dando ordem a todos os soldados, os poucos que se encontravam de serviço pelos corredores, que me acompanhassem, o que elles fizeram sem resistencia.

«Quando as forças revolucionarias estavam para se pôr em

marcha, o sr. capitão Palla, voltou-se para os civis e disse: «rapazes, vamos para a vida ou para a morte; aqui ninguem recua»!

«A' saida do quartel o sr. capitão Palla ordenou-me que escolhesse 12 homens e ficasse a guardar o paiol onde havia importante material de guerra, que era preciso defender.

«Obedeci a essa ordem contrariado, porque desejava acompanhar as forças revolucionarias, mas sem hesitar, escolhi 12 homens e fui para o paiol. Encontrei ali alguns soldados e perguntando-lhes se estavam comnosco, responderam affirmativamente. Ordenei-lhes que se armassem fechando o paiol e a porta do quartel e ficassem ali a guardal-o, com o grupo de homens que me acompanhavam. Feito isto, depois de lhes dizer que o defendessem, segui sósinho para ir apanhar as forças revolucionarias, que só encontrei proximo da rua de S. João dos Bemcasados.

«Na Altura das Amoreiras, a columna da frente foi atacada, respondendo ao inimigo com varias descargas. As duas ultimas peças da rectaguarda, foram postas em bateria, uma para a travessa das Amoreiras, e outra para a rua das Amoreiras, se por ventura fossemos atacados pela rua do Carvalhão e S. João dos Bemcasados. Os civis, postámo-nos de arma engatilhada ao lado das peças para as defender. Cessando o tiroteio na frente, seguimos pelo largo do Rato e Avenida Braamcamp.

«Quando se fez alto na Rotunda, mas com os civis ainda em marcha na cauda, fomos atacados pela guarda municipal com descargas cerradas e continuas; a força do 16 que já estava formada, no primeiro embate, recuou; nos civis estabeleceu-se o panico e a confusão, debandando.

«As forças de artilharia que estavam ás duas peças da rua central da Avenida mantiveram-se no seu posto sob o commando do sr. capitão Palla, que, sem hesitar, ordenou que se fizesse fogo sobre a municipal, fazendo se tres tiros de peça, pondo as forças municipaes em fuga.

«Uma das muares atrelada a uma das peça foi morta pela guarda, e a 50 metros proximamente de nós ficaram 3 cavallos mortos pertencentes á guarda municipal.

«Mais tarde, já de dia, fez-se um tiro de peça sobre uma força da municipal que avançava pela Avenida, Marquez d'Avila e Bolama, depois do qual não fomos mais incommodados pela municipal. Pelas 6 e meia, para as 7, pergunta-me inquieto o sr. capitão Palla, o que sabia eu da marinha; o que sabia dos chefes e do resto do movimento! Respondi que nada sabia.

«Pouco depois chegavam-nos noticias inquietadoras; no Rocio, infantaria 5 e caçadores 5 estavam com o governo e não se tinham pronunciado; das Necessidades vinham tambem informes que caçadores 2 e infantaria 2 estavam com o governo, não se pronunciando tambem.

«Da marinha não tinhamos noticias a não serem os tiros que tinhamos ouvido, á 1 hora e dez minutos; dos chefes revolucionarios ignoravamos onde estavam.

«Em taes circumstancias, todos julgámos fracassado o movimento.

«O sr. capitão Palla contrariado, tinha-me dito antes, que o plano era que artilharia devia ter ido para as Necessidades, mas que elle ia Avenida abaixo atacar as forças do Rocio, porém que os populares tinham debandado. Respondi-lhe que não fizesse tal porque nos iamos metter n'uma ratoeira; mas se forças civis debandaram, forças militares tambem o haviam feito, n'um dado momento, em ataque inesperado. Achando-me incommodado de saude, entreguei a minha carabina e os cartuchos, que me restavam, a um atirador civil que estava desarmado e que me substituiu, e retirei-me convencido do fracasso do movimento. Devo porém dizer, porque é convicção minha, que se não fossem os esforços do sr. capitão Palla e Sá Cardoso pôrem-se á frente de artilharia 1, esta não teria saido e a revolução teria logo fracassado, sem o apoio do regimento. Lisboa, 2 de dezembro de 1910.—João de Moraes Carvella.

Citados foram ainda como fazendo parte do grupo, aprisionadores dos officiaes, os nomes dos revolucionarios Augusto Malheiros, Antonio Francisco da Silva, José Pedro dos Santos Cascata, José Gonçalves Baptista e João Maria de Almeida.

No seu relatorio, a paginas 150, Machado Santos, ainda cita outra:

«Grupo civil que, sob a direcção de Antonio Augusto Maldonado, entrou em artilharia 1 para coadjuvar a sublevação do regimento, protegido pelos sargentos Encarnação, Mathias, Pimentel, Tereno e Firmino Rego, ferradores Bento Vaz, e Anastacio, telegraphistas Grello, Silva, Morgado, Encarnação, cabos Juncal, Simões, A. Dias e soldado Thomé Cerqueira:

«Antonio Augusto Maldonado, Saul Simões Serio, Armando Porphirio Rodrigues (ferido em combate), Manuel Lourenço Godinho, Manuel Ayres, João Gil d'Almeida Abreu, José da Silva Tavares, Humberto Gomes Mendes, Arthur Pereira Martins, João dos Santos Almeida, Antonio Francisco Martins, Raul Mesquita, Laurindo da Conceição Rozado, Alexandre Gomes de Sousa, Antonio Martins Madeira, José Maria Lopes Damas, Antonio Nunes Branco, Fernando Gonçalves Ribeiro, Arthur d'Oliveira e Silva, Henrique Correia, Antonio Francisco Martins, Antonio de Freitas Junior, Antonio Mendes Junior, Carlos Augusto Cruz, Manuel Alves Junior.»

Certo é porém que na missão detestora dos graduados de artilharia, apenas cooperaram os dezesete carbonarios, envolvendo se os restantes na acção geral.

Retrocedendo aos primeiros passos da sedição em artilharia 1,

A acção seguia rapida, absorvente.

Auxiliares chegavam, para que desculpa houvesse á primitiva ideia dos officiaes aprisionados, ou fosse, a de que o quartel era em absoluto presa dos rebeldes.

O chefe civil, Manuel Lourenço Godinho, tentou a entrada pela porta do paiol, mas a ella não estava a combinada sentinella, o soldado 33, Thomé Cerqueira.

Vae então á porta chamada do *commandante*, á qual já havia tirado por aquella praça os parafusos da fechadura.

Ao signal combinado a entrada era franqueada pela sentinella, que estava da parte de dentro, de espada desembainhada o soldado ferrador Bento Vaz Gomes, rodeado pelos cabos Manuel Tavares Grelho, Anastacio José de Santos, Clemente José Juncal, Simões Callixto Morgado, Virgilio da Encarnação, Thomé Sequeira e Antonio Augusto Dias e o telegraphista de praça, Manuel da Silva.

Entrou só e sollicitava do cabo 36, Simões 66, Amadeu Alberto Dias, a entrega de algumas armas.

Trinta e sete civis o seguiram depois, dos quaes só 5 com armas, valendo á situação, os sargentos Firmino Rego e Mathias dos Santos, que municiavam 12 homens com carabinas, pistolas e revolvers, egualmente providos com balas no terraço do quartel, onde os revolucionarios, se industriavam nas manobras.

No posto optico, ainda o ferrador 18, puzera á disposição dos revolucionarios um braçado de carabinas.

A breve trecho, estavam senhores de praça, os revolucionarios Manuel Lourenço Godinho capitaneando o seu grupo de carbonarios José Miranda, rua Guilherme Anjos, A. L.; Arthur Miguel, rua Arco do Carvalhão, 53-B; Carlos Rodrigues Praças, rua Thomaz d'Annunciação, 2: Francisco Baptista Estrada, P. Sant'Anna, B. E.; Alfredo Ferreira da Silva, rua Maria Pia, A 1; Heitor Lopes, travessa do Sol, 2 loja, Adriano Domingos Cordeiro, rua 1.º de Maio, 6, loja; Julio de Castro, Alto dos Sete Moinhos, R E; Jayme Antunes, rua do Arco do Carvalhão, Pateo Chalet, 2; Alberto Augusto, rua Verissimo Dias, Cascalheira, 5, loja; Lourenço de Oliveira, Cascalheira, 6, loja; Augusto dos Santos, rua Celeste, 4, loja; Sabino da Conceição, travessa da Fabrica dos Pentes, 21, loja; Clemente M. Cruz de Oliveira, Ilha Amarella, 5, rez-do chão; Francisco Gonçalves, Arco do Carvalhão, 2; Arthur de Sousa Tavares, estrada de Sant'Anna, B; Thomé Vieira, Alto dos Sete Moinhos, 1; Raul de Carvalho, rua de S. Sebastião da Pedreira, 46, 2.º; Guilherme Affonso, rua Conde das Antas, 18, 2.º; Julio Cesar Rodrigues, rua Arco do Carvalhão, 37; Diogo de Sousa, Estrada de Campolide, 5; Narciso Ferreira, rua Arco do Carvalhão, 79, rez-do chão; Joaquim Luiz Theodoro, rua do Meio, 7, rez-do-chão; Salvador Soares da Silva, rua do Meio, 25; José dos Santos, rua da Quintinha, 5; Miguel Nunes, rua Conde das Antas, 84-86; Jacintho Machado, rua Conde das Antas, 84-86; Francisco dos Santos, B. J. n.º 164, rua Possidonio da Silva, 13, S B; Augusto Gomes de Oliveira, rua Possidonio da Silva, 27 loja; João Marques, rua Conde das Antas, 4, r|c; Francisco Anto-

nio Paulino, Villa Borba; José Paulino, Villa Borba; Albino Oliveira, Villa Borba; Athylio Chaves, Alto dos Sete Moinhos, 6; Casa Romão Martins; Fortunato de Almeida; Antonio de Almeida, rua Celeste, Cascalheira; Manuel Pinto, travessa Estevam Pinto, 96; Manuel da Silva Costas, rua Marques da Silva, 135; Julio Ferreira Lopes Junior, rua José Estevam, 18, 3.º; Seraphim Carreira, rua do Meio, 6, Cascalheira; Manuel Martins, rua Thomaz d'Annunciação, 39, 4.º; José Martins, travessa da Rabicha, 9; Eusebio Venancio, rua 4 de Infantaria, 30, 1.º D.; Alfredo Moreira, estrada de Campolide, 60; Guilherme Augusto Alves da Silva, rua Maria Pia, 56, 1.º E.; Antonio Ribeiro, rua Aurea, 165, 1.º; João Miguel, estrada da Torre ao Lumiar, 10, rez-do-chão; Carlos Henriques Faria, desenhador da camara municipal; José Augusto Gomes Froes, rua José da Silva Carvalho.

O chefe Raul Nunes Leal, conduzia o grupo pertencente ao revolucionario Agapito Vieira da Silva, marceneiro da rua de S. Lazaro e detido no Limoeiro desde Janeiro de 1910 como implicado no caso da morte do carbonario Manuel Nunes Pedro.

Compunham no os carbonarios João Saraiva, José Alves, João Baptista, Alfredo Fernandes, José Gonçalves Baptista, Camillo José Ferreira, Luiz Antonio Dias, Joaquim Antonio Dias, Manuel da Costa, José Rodrigues da Fonseca, Eduardo Paschoal, João Lucas, Antonio Francisco Lopes, Manuel Lopes, Antonio Pereira Agostinho, José Ignacio Bravo, Antonio Francisco da Silva, Antonio Tremoul, Armando Antonio Dias e Antonio Jeronimo dos Santos.

A manobra de auxilio á soldadesca começou, appressada e agitada.

No mesmo intante, soam cornetas.

Uma alegria percorre os revoltosos.

Avançava tropa.

A vida ia vender-se cara, quando o borborinho fez perceber as acclamações á Republica.

Não estavam sós.

Infantaria 16, n'um maximo de 200 homens, tendo á fren-

te o commissario naval Machado Santos, vinha trazer reforço e animo a artilharia 1.

Fizeram uma perturbada marcha do Campo de Ourique a Campolide, n'um espaço de 15 minutos.

Dir-se-hia que se quiz antepôr celere um largo espaço entre o quartel do 16, julgado prestes a ser invadido pela 4.ª companhia da municipal, e o troço, aliás avultado, de insurreccionados:

A pressa, o absorvente da carreira, espelhava-o assim Machado Santos, a paginas 68 do seu relatorio.

«Como se fez a marcha até artilharia 1 ainda hoje o não sei dizer! A porta das armas d'este regimento conservava-se fechada. Tinhamos sahido do quartel de Campo d'Ourique *á uma hora em ponto, conforme as ordens do almirante*; deviam passar quinze minutos da uma quando chegamos a Campolide. Batemos á porta do quartel. *Foi preciso arrombal-a tambem* com o auxilio dos civis que já se encontravam lá dentro e do ferrador Bento Vaz. Com o 16 entraram uns officiaes que estavam não sei bem aonde. Com alguma difficuldade consigo pôr os soldados em ordem e dividil os em pelotões.»

Proximo a Entremuros fôra avisado de que as baterias já haviam iniciado o movimento, com opposição da officialidade.

Mais forçada se fez a marcha.

O troço estacou porém deante da cerrada porta das armas.

Reunia-se-lhe então, o capitão adjunto á fabrica de armas em Santa Clara Alfredo Ernesto de Sá Cardoso, até essa hora aguardando ensejo de poder entrar em artilharia.

Tivera aviso das sublevações pelo grupo de Moraes Carvella, occulto nas terras fronteiriças á séde regimental.

Impacientes, assistiram, em espirito ao desenrolar da scena interna, onde os tiros assignalavam factos graves.

Notaram o enorme reboliço no quartel, escutaram os toques de reunir em accellerado.

A approximação do 16, facultou-lhe o satisfazer da vaidade de cooperar no movimento.

Collocou-se, de espada desembainhada, ao lado do commis-

sario naval Machado Santos, com elle ia entrar nos restos da acção sublevadora do regimento de artilharia.

Para que a invasão fosse total, 70 soldados, postaram-se á porta das armas e mais de 30, constituindo a guarda da rectaguarda, estacionaram á porta do paiol, esperando todos o ingresso, ante a impaciencia tumultuaria dos civis vindos de Campo d'Ourique e os quaes se reuniram o grupo de João de Moraes Carvella.

Com elle entrou egualmente o revolucionario Manuel Braz Simões, cuja assistencia foi contestada, dando origem aos seguintes documentos:

«Coimbra, 31 de Outubro de 1910.—Sobre a epigraphe «O regimento de artilharia 1» publicou v. ex.ª no seu muito conceituado jornal de 27 do corrente uma noticia que me diz respeito e que não é verdadeira e, portanto, para poder provar a verdade espero dever a v. a fineza da publicação do que vou expor e bem assim do documento que junto envio.

«Disse a commissão que procurou v. que só conheceram como chefes civis os srs. Manuel Lourenço Godinho e Armando Porphirio Rodrigues e só de mim tiveram conhecimento depois do dia 5.

«Para provar a verdade declaro que eu acompanhado pelo grupo do sr. Moraes Carvella, particularmente convidado pelo sr. Silvestre Coelho, proprietario da camisaria da rua Augusta, dei entrada á 1,10 da manhã de 4 no quartel de artilharia 1 e que, tendo eu ficado dentro do mesmo, por comprehender que assim era preciso, tomei immediatamente, com um grupo de civis o movimento da porta do mesmo quartel depois da saida das tropas para a rua. Mais tarde, desconhecendo quem estivesse dirigindo o movimento dentro do quartel, perguntei a alguem se era o sr. Carvella, visto ser o chefe do grupo; foi-me dito que este senhor tinha tambem saído com as forças para a rua, sabendo eu n'esta mesma occasião que quem tomára a direcção, dentro do quartel, do movimento, tinha sido o sr. Armando Porphirio Rodrigues; e, o sr. Manuel Lourenço Godinho estava dirigindo todo o movimento da parte do paiol. Para mais poder provar que é falsa a exposição que a referida commissão fez a

v., e pedindo desculpa a v. do incommodo que lhe estou causando, peço licença para ainda me referir ao seguinte caso: Na occasião em que andavamos acarretando as granadas para os carros, appareceu-me um official fardado, cujo nome ignoro, e que me disse para mandar prender o sargento ajudante que estava á porta da casa das armas por que não era de confiança; immediatamente, acompanhado de alguns civis, fiz essa prisão, não a mantendo, porém, por que, tomando informações, vi que era uma traição planeada contra o sargento ajudante Sangreman Henriques, sempre um dedicado republicano, ficando depois eu e elle na porta do quartel dirigindo todo o movimento da mesma. Por varias vezes fui procurado por reporters de jornaes, para os informar do que se tinha passado, dizendo-lhes eu, sempre, que procurassem os srs. Armando Porphirio Rodrigues e Manuel Lourenço Godinho por que eram estes senhores quem melhor os podiam informar por que eu desconhecia os nomes dos civis que tomaram parte no movimento. Dias depois de terminada a revolução, foi-me entregue pelos srs. Sangreman Henriques, Armando Porphirio Rodrigues e Manuel Lourenço Godinho uma relação de nomes de todos os civis e militares que trabalharam durante os dias da revolução e bem assim indicando o que cada um fez, nota esta que foi já publicada no seu muito conceituado jornal de 23 do corrente. Nada mais tenho a dizer pois a verdade fica aqui exposta e a v. agradece reconhecido a publicação d'estas linhas quem é de v. ex.ª — Manuel Braz Simões.

«Os abaixo assignados declaram que o sr. Manuel Braz Simões e o sargento ajudante Sangreman Henriques estiveram desde o começo da revolução no quartel de artilharia 1 dirigindo o movimento da porta do mesmo quartel. — (aa) Manuel Lourenço Godinho, chefe politico; Antonio de Figueiredo, primeiro sargento; João Mendes, segundo sargento serralheiro-ferreiro; Arthur José, mestre de ferradores de artilharia 1; Antonio José Báu, Pedro Francisco Marques Alves, impressor na Imprensa Nacional; Julio Martins de Oliveira, Manuel Joaquim, José Borges Ventura, Alberto Augusto de Araujo, Virgilio da Silva Brandão, Joaquim Duarte de Almeida, José Francisco

Massapino, Joaquim da Silva Gomide, empregado na Penitenciaria »

Foi o antigo caixeiro viajante Manuel Braz Simões, um dos combatentes de artilharia 1 e ao qual os republicanos deveram uma valiosa propaganda.

Dentro do quartel conhecia se e comprehendia-se a impaciencia dos de fóra.

Dois soldados, o ferrador n.º 22, Bento Vaz Gomes e o n.º 18, Agostinho da Silva Martins Barradas, tomaram a bandeira e apresentando-a ao major José de Oliveira Duque, pediram-lhe a chave do portão das armas para dar entrada aos revoltosos de fóra.

O major teve uma recusa terminante.

Quiz fazer valer a disciplina.

Era tarde.

Desobedeceram e, antes lhe pediram, e ao capitão Adolpho Callixto Alves Mimoso que se retirassem, sollicitação reproduzida depois egualmente por Sá Cardoso.

Urgia dar entrada aos outros civis e a infantaria 16.

Não vendo coroados de exito, os exforços benevolos, usou-se do summario processo.

Fez-se o desaparafusamento dos fechos grandes do portão.

E' certo que mal se comprehende que, revoltado em grande parte o regimento e assente a probabilidade da cooperação de infantaria 16, se não tivesse de facilitar o ingresso de auxiliares.

Egualmente ninguem se lembrou de indicar a entrada pelas portas por onde outros haviam, precedentemente entrado.

A porta das armas foi assim deslocada dos gonzos, graças á intervenção do cabo telephonista 26, Manuel Tavares Grello e do ferrador Bento Vaz Gomes.

Houve pois o arrombamento, extranhado até por Machado Santos no seu relatorio:

E a mole humana avançou.

Soldados e populares confraternizam.

Os *bonets* agitam-se, as mãos erguem-se, segurando as ar-

mas e as bandeiras e n'um abraço gigantesco inconcebivel, a Revolução e a Republica são acclamadas como gemeas irmãs, nascidas do consorcio da vontade de um povo com o seu indomavel valor.

Mas não devia ir unicamente o tempo para rejubilos.

Cumpria seguir, avassallar.

A campanha estava pouco mais que iniciada.

Arrombam-se as arrecadações.

SARGENTO LOBO PIMENTEL

Soldados e sargentos municiam-se e entregam polvora e armas aos civis, que as souberam conduzir á revolução.

Procedem á tarefa, o 1.º sargento José Soares da Encarnação, os 2.os Mathias dos Santos e Firmino Rego, os 1.os cabos, 26, Manuel Tavares Grelio, 31, Clemente José Juncal, 33, Thomé Cerqueira, 30 Simões e 66 Amadeu Dias, os soldados telegraphistas de praça Manuel da Silva, Callixto Morgado, Virgilio da Encarnação e os soldados ferradores, Bento Vaz Gomes e Anastacio dos Santos.

Emquanto se promovia a entrada do 16, Lourenço Godinho

com o sargento ajudante Sangreman, dirigem o serviço de retirada das peças. O capitão José Affonso Palla, da 1.ª bateria e os sargentos Encarnação, Mathias, Rego e Pimentel, encaminham o serviço de formação das baterias e collocação de arreios nas muares e engatamento das peças aos carros de munições.

O capitão Palla, notou que nem tudo estava no parque.

Deparou com a 2.ª, 3.ª e 4.ª baterias formadas com os sargentos, ouvindo as predicas de 5 officiaes debalde interrompidas por dois revolucionarios civis.

Intimativo e persuasivo gritou:

— Então rapazes! Além está a liberdade e a justiça! Avante pela Patria! Viva a Republica!

Os soldados corresponderam.

Os officiaes correram para junto das peças. Foram intimados a adherir.

Só o alferes Alberto Camacho Brandão de prompto se incorporava na columna revoltosa affirmando que mais cedo a teria auxiliado se fallado tivesse sido.

Exigiu o capitão Palla aos outros, que se votassem ao isolamento junto dos officiaes já detidos, entre os quaes estavam os capitães Alfredo Augusto Carvalho da Silva Froes e o capellão Elysio Matheus de Campos.

N'uma attitude extranha, sollicitaram apenas a segurança de que seriam poupados pelos civis.

Deram-lh'a.

A revolta estava confiada ao povo.

Os officiaes fôram pois entregar-se á prisão, para companhia amena aos 15 detidos da secretaria.

Ali ficaram 20.

Entre elles detido fôra o capitão Augusto Marinha Falcão dos Santos, quando junto de algumas praças, tentava desvial-as da sedição, o que obstado foi pelo revolucionario Antonio Pedro, não sem que incidente tumultuoso, conduzido até ao ponto de pessoaes aggravos, segundo depoimento do chefe civil Manuel Lourenço Godinho:

«Para principiar declaro categoricamente que, quando o sr. Santos estava na parada, na noite (ou por outra) na manhã

de 4 de Outubro, excitando algumas praças que conseguiu reunir, a não sairem com a gente, appareceu o revolucionario Antonio Pedro, morador na rua do Meio, 32, á Cascalheira, e como não sabia que o sr. capitão Santos estava ali com fins diversos aos seus, pediu-lhe que lhe fornecesse uma espingarda, recebendo como resposta, da parte do dito sr. capitão, um empurrão e algumas phrases menos agradaveis, dando isso azo a que o sr capitão Santos fosse mal tratado, vendo se obrigado a ir para o tal corredor que o sr. capitão Santos menciona, onde eu o fui prender.»

Desmentido surgiu breve, assim exposto:

«E' falso tudo quanto o sr. Manuel Lourenço Godinho diz ter-se passado comigo nas suas narrativas, publicadas nos jornaes de 24 e 28 do corrente, tendo, comtudo, a accrescentar que não foi mal tratado por ninguem, mas muito pelo contrario, não tenho senão a render louvores ao modo como me tratou o grupo civil que me aprisionou e me conservou debaixo de prisão. De v. ex.ª — Evora, 28 de novembro de 1910. — Augusto Marinho Falcão dos Santos, capitão do grupo de baterias d'artilharia de montanha.» (*)

Na sua reclusão, os foi tentar ainda o capitão Palla.

Houve recusa formal para adherir.

O capitão bradou, nervoso e excitado:

— Pois irei eu só!

E exclamou:

— Um cavallo! Tragam-me um cavallo! (**)

Uma praça trouxe-lhe um corcel de um dos officiaes detidos:

— E' o mesmo! serve!

O capitão Palla, correndo a montar, foi ao paiol, parque, cavallariças, incitando, abreviando a sahida.

Teve lembrança de que restavam ainda officiaes fóra das vistas revolucionarias.

(*) «Diario de Noticias» de 28 de Novembro de 1910.

(**) Cita o caso o revolucionario José Antonio dos Santos Belem, nos seus «Subsidios para a Historia» = «O Paiz» de 5 de Novembro de 1910.

Os soldados do 16 já se emparceiravam com os de artilharia 1.

Um cabo gritou-lhe até sem continencia:

— Então, meu capitão, cá está o 16 para vos auxiliar!

Era o começo da indisciplina.

José Affonso Palla, encarrega-o, com outros, de uma missão de combate.

A novas praças, pergunta quantos officiaes e sargentos haviam vindo do Campo do Ourique.

Um soldado respondeu, sem attenção ao agaloado que lhe fallava:

— Nenhum, meu capitão, nem precisamos d'elles para implantar a Republica!

O commissario naval Machado Santos, occupado na missão difficil de collocar em pelotões os soldados, é pelo capitão José Affonso Palla, mandado avisar da attitude aggressiva do commandante de bateria, Marianno Choque.

Este, que se não encontrava na secretaria, escapára por isso ao seu encerramento ali e, cumprindo o seu dever, organisava a 8.ª bateria e collocáva-a debaixo de fórma, com 40 soldados.

Aos corredores da caserna onde elle se encontrava accorre Machado Santos.

Pedia-lhe este que adherisse á Republica para salvar a Patria.

— Estou cumprindo o meu dever. Deffendo as instituições. Se da Republica tivesse recebido a mesma ordem, cumpril-a-ia.

— Fique embora V. Ex.ª, mas consinta que os soldados nos sigam, repetiu o commissario naval.

— Eu cumpro meu dever, elles procedam como entenderem.

Machado Santos não viu ali uma resistencia real e insistiu por outros secundado.

O capitão Marianno Choque, abraçava a sua gente pela fidelidade, que não foi todavia, e confirmando a intuição de Ma-Santos, a uma offensiva.

Não teve a tactica de occupar as janellas que deitavam para o parque e d'ahi com fogo vivo, procurar inutilisar as mua-

res, impedindo que as baterias sahissem, nem de estabelecer um ataque com esses 40 homens ainda não contaminados pelo espirito da revolta.

Machado Santos, comprehendeu bem até onde iria essa resistencia, e viu se esta vencida pelas suas palavras e por um abraço do sargento Gonzaga Pinto, que mostrando ao capitão Choque as casernas abandonadas, lhe pediu que evitasse o fuzilamento dos seus soldados pelos revoltosos de artilharia 1 ou pelos de infantaria 16.

Estes já haviam morto, ante a resistencia, o sargento Costa de artilharia e duvidas não haveria de proseguimento.

Choque, n'essa altura, deixou mais fallar o coração do que o seu dever de militar que queria deffender as instituições monarchicas.

Voltando as costas ao sargento, desceu á secretaria como o 21.º prisioneiro voluntario, emquanto as praças confraternisavam com as outras.

Evitára o fuzilamento dos da sua bateria, sem bem que deva ser esse sempre o espelho dos que envergam a farda e tomam a espingarda ou a espada, para defeza de um regimen ou da integridade patria.

Mais tarde, Machado Santos, fez justiça a esse official, que evidenciou, é certo, uma vontade de defeza, talvez patenteada, se, em vez de se lhe fallar á alma, em logar de convencer, a revolta o quizesse vencer.

Fazem parte essas palavras de justiças, de um artigo onde Machado Santos responde a uma carta do capitão Affonso Palla sobre a não assistencia ás reuniões preparatorias dos revolucionarios.

Constituindo elementos sobre esses dois vultos da acção em artilharia 1, impõe-se o transcrever na integra: (*)

«Sob esta epigraphe, publicou o *Mundo* uma carta assignada pelo capitão José Affonso Palla, onde sua ex.ª tenta responder ao que nós publicámos, com o titulo *Correspondencia*, em um dos nossos passados numeros.

(*) «O Intransigente» de 29 de Novembro de 1910

«Ora nós dissémos acima que sua ex.ª tenta responder, porque o sr. capitão a nada responde. Que diz o sr. Palla? Que nós a quasi nenhumas reuniões de officiaes assistimos, nem mesmo á ultima da rua da Esperança. E' verdade, e d'isso nos felicitamos, porque d'essas reuniões nenhum resultado pratico se tirava nem tirou, a não ser na ultima, que deu o magnifico resultado de ficarem todos á espera do signal como no 28 de Janeiro.

«Até essa malfadada reunião tinha ficado assente, na commissão de resistencia da maçonaria, de que sua ex.ª não tinha a honra de fazer parte, e que era composta de: Miguel Bombarda, Antonio Maria da Silva, Simões Rapozo, José Cordeiro Junior, Martins Cardozo, Candido dos Reis e Machado Santos, estando ausentes José de Castro e Francisco Grandella, tinha ficado assente, iamos dizendo, que não haveria signal algum, mas sim um hora determinada, e essa hora era a uma da madrugada do dia 4. A essa hora, os regimentos deviam sahir para a rua e a marinha insubordinar-se.

«Como sua ex.ª viu e vê, bom foi que não tivessemos ido á rua da Esperança, senão ainda hoje... estariamos á espera do signal.

«Como tomámos para nós o encargo de ordenar a revolta na marinha e de commandar infantaria 16, visto nenhum official querer ir buscar esse regimento, porque era materia prima que lá não existia; nem sequer um sargento para amostra, sendo por isso considerado o peor, a revolta deu-se, precisamente á hora marcada, e como sua ex.ª sabe, era uma hora e um quarto da noite, quando entrámos pelo quartel de artilharia 1, exactamente no momento em que S. Ex.ª sahia do seu quarto para a parada, tendo ainda que attrahir a nós a bateria que, debaixo de fórma, se encontrava commandada pelo capitão Choques, o que bastante trabalho diplomatico nos deu, porque este nosso camarada, não desejando derramamento de sangue, não desejava tambem, collaborar no movimento, conservando uma attitude correcta e digna que bastante nos impressionou, ficando nós a termos desde esse momento, uma alta consideração por este official e — porque não dizel o — tambem uma sincera

amizade, que só agora temos occasião de publicamente manifestar.

«Tudo quanto n'essas reuniões se passava, nos era communicado, porque, além de pertencermos á Commissão de Resistencia da Maçonaria, pertenciamos, *ao tempo*, á Alta Venda da Carbonaria e Candido dos Reis era. . . carbonario, sendo na qualidade de inspector que seguiu com um documento da C∴ P∴ para o norte a inspeccionar e ligar os elementos militares que lá tinhamos.

«S. Ex.ª o capitão Palla, que nunca teve a honra de ser carbonario, ha de lembrar-se que foi integrado n'este movimento n'uma noite no palacio maçonico por intermedio de Elysio de Campos, o illustre capitão de artilharia n.º 1, que mutuamente nos apresentou, ficando ambos em contacto. Ha de lembrar-se tambem que o capitão de fragata Fontes entrou para o movimento pela mão de Magalhães Lima, a nosso pedido, e o coronel Ramos da Costa foi a pedido de Antonio Maria da Silva, por intermedio d'um amigo. Magalhães Lima, Antonio Maria da Silva e Machado Santos é que insistiram com Candido dos Reis para reunir os tres officiaes em commissão e elaborarem o plano, e n'uma noite Candido dos Reis, em casa de Magalhães Lima, informou-nos de todos os elementos com que contavamos.

«Quem commandava as forças na manhã de 4 de Outubro, bem sabia o estado dos regimentos, porque d'isso *pessoalmente* se informara, e S. Ex.ª o sr. capitão Palla tambem o não ignorava, havia um anno que Candido dos Reis e Machado Santos lh'o vinham dizendo, bem como os officiaes José Vellez e Carvalhal Henriques, sobre os seus regimentos; os dois cincos, na celebre reunião no escriptorio de João Chagas de 17 de agosto, reunião em que S. Ex.ª se recusou terminantemente a sahir, e onde exigiu a fórma especial de os soldados do seu regimento o cumprimentarem para que podesse ter a certeza de ser obedecido por elles na noite da revolta.

«Agora póde o capitão Palla pedir os rigores do codigo da justiça militar para Machado Santos, por elle o não ter informado do que sabia sobre o estado de espirito das forças ini-

migas; póde o capitão Palla dizer o que quizer para se desculpar da sua... retirada para Olivença, que nada no mundo ha que o possa libertar do remorso de haver abandonado os seus soldados no campo da batalha em frente do inimigo. Temos feito o possivel para não molestar S. Ex.ª, mas... S. Ex.ª assim o quer. Seja!»

Sobre a adhesão da bateria do capitão Choque, houve controversias e Machado Santos quiz reivindicar esse trabalho, como producto da sua diplomacia: (*)

«O capitão Palla manda-me chamar e diz-me para ir arrancar ao commando do capitão Choque a bateria que este conservava n'um corredor, debaixo de forma. Com grande custo consigo, á força de diplomacia e carinho arrastar comigo a bateria, sendo bastante auxiliado pelos civis que levara com infantaria 16, commandados por Meyrelles e pelos sargentos Silva e Pinho. O chefe Belem tambem muito me auxiliou n'este trabalho.»

O revolucionario José Antonio dos Santos Belem, cita egualmente o facto, attribuindo-o a Machado Santos:

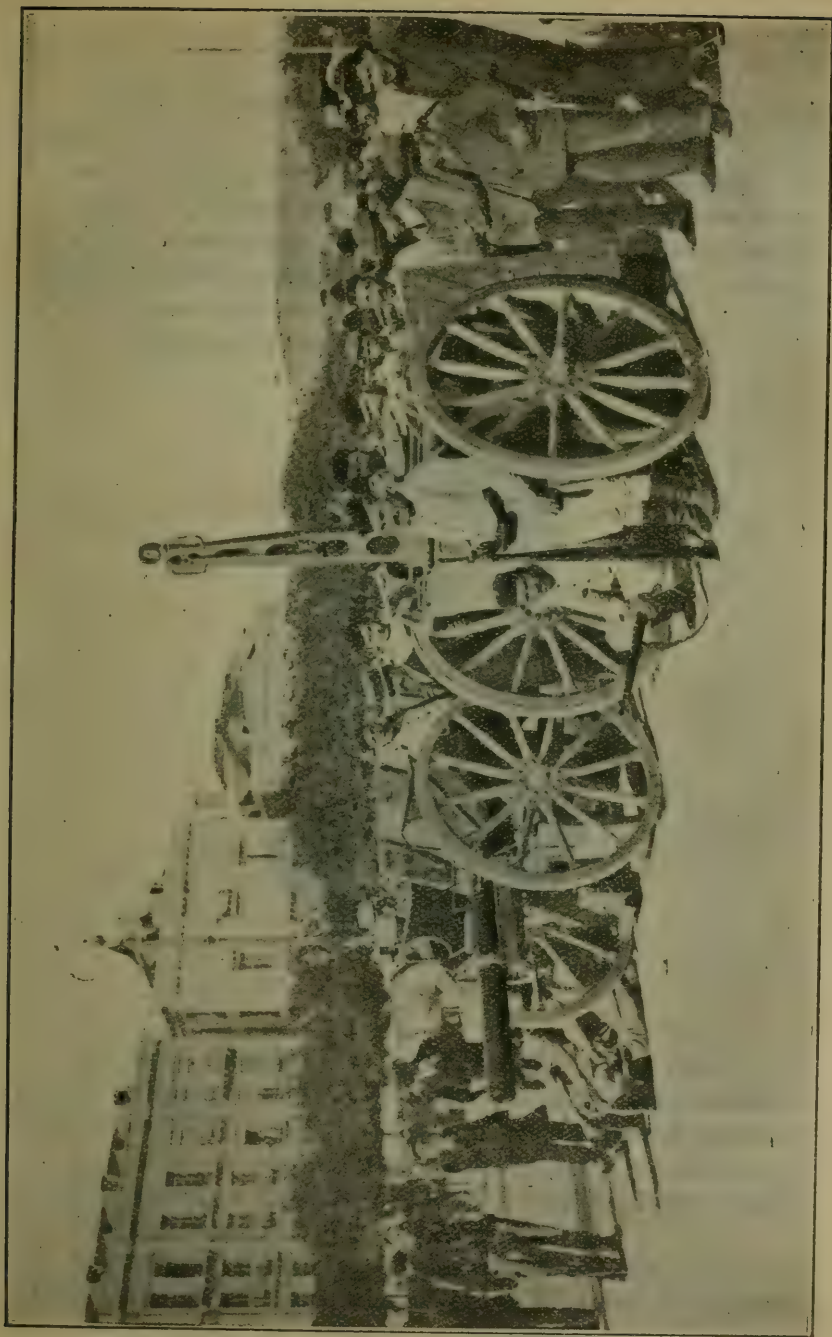
«O capitão Palla chama os paisanos e diz-lhes que, havendo ainda no quartel grupos que não estavam insurrecionados, era necessario ir alicial-os, para que não tivessemos de ser surprehendidos pelas costas, á sahida Machado Santos vae então com alguns populares, a uma das casernas, onde um capitão mantinha debaixo de forma o seu grupo. Machado Santos dirigiu-se-lhe, commovidamente, abraçando-o:

« — Meu capitão, venha comnosco, que vamos salvar a nossa patria! Lisboa está toda revoltada, seremos nós os redemptores da nossa querida terra!

«O official mantinha uma attitude quasi chocarreira, e, a esta effusão, respondia n'um riso:

« — Não, não saio d'aqui...

« — Então deixe vir os seus soldados! exclamou ainda Machado Santos, ao mesmo tempo que os populares os incitavam.

(*) «A Revolução Portugueza»=Relatorio de Machado Santos. = Pagina 68.

AS FORÇAS REPUBLICANAS INSTALLADAS NA AVENIDA DA LIBERDADE

«Então o official sem se voltar, com uma grande confiança disse:

« — Olhe, se elles quizerem ir, eu não me opponho...»

«Estas palavras foram o grito para a deserção; um a um, os soldados saem das fileiras para os braços do povo, que dá vivas á Republica, indo buscar os mais irresolutos. E' então que o capitão com um sorriso amarello, exclama:

« — Ah, isso parece-me que é forçar muito...

FERRADOR BENTO VAZ GOMES

«A estas palavras um popular mette a arma á cara, ao mesmo tempo que outros desviando-a, bradam: Não se mata o homem!» Os outros officiaes ficaram presos depois de tomarem o compromisso de não hostilisarem os revoltosos; e como os seus guardas fossem, a principio, soldados, o capitão Palla ordenou que elles fossem substituidos por paisanos.»

Foi tambem o chefe civil Alberto Meyrelles com o 2.° sargento Antonio da Silva Pinho, depois promovido a 1.° sargento, um dos auxiliares da captação d'essa bateria, trabalho que de-

pois apparecia quasi em absoluto reivindicado pelo 1.º sargento Camillo Augusto Gonzaga Pinto, no seu relatorio, (*) apoz a citação da tentativa por Machado Santos:

«O sr. Machado Santos não insistiu e voltando-se para o grupo que o acompanhava, disse:

« — Rapazes, podemos ir-nos embora. Este official e os seus soldados não nos podem fazer mal algum.

«Em seguida retirava para o parque, descendo as escadarias da caserna. Ficavamos então em frente do sr. capitão Choque que abraçava os soldados por terem ficado ao seu lado. Acompanhava-nos o sargento Pinto.

«Comprehendiamos bem que era preciso tirar esse official d'aquella situação. Bastava que elle ordenasse ás praças que tomassem as janellas da caserna que deitava para o parque e não seria inoffensivo como pretendera Machado Santos. As praças podiam não só produzir mortes, mas abater o gado necessario para a conducção das peças.

«Abraçando-o, por nossa vez convidamol-o a desistir do seu proposito. Mostramos-lhes as casernas abandonadas, pedimos-lhes que evitasse que aquelles soldados fossem fuzilados pelos seus camaradas ou pelas forças de infantaria 16. Era uma carnificina inutil.

«O sr. capitão Choque mostrou-se abalado pelas nossas palavras e por fim recolheu á secretaria, onde os civis e militares prendiam os officiaes. As praças regressavam immediatamente pelo parque acompanhando os seus camaradas que se dispunham a trabalhar pela Republica.

«Vimos com surpreza no relatorio do sr. Machado Santos na parte que se refere determinadamente a este ponto, uma affirmação curiosissima: ter sido elle quem arrancára a bateria ao capitão Choque. Deixam aqui a expressão da verdade e confir-

---

(*) *Memorias da Revolução = Na Rotunda = Em artilharia 1 — No parque Eduardo VII — Relatorio do sargento revolucionario em artilharia 1, Gonzaga Pinto* = Lisboa 1911 = Pagina 31.

Teve antes publicação no jornal «O Mundo», iniciada a 18 de Fevereiro de 1911, passando depois a volume, rectificado e reorganisado o texto apparecido no periodico republicano.

mam-na os depoimentos feitos por Alfredo da Silva Lucas, 1.º cabo servente n.º 32 da 7.ª bateria:

«Declaro que na noite da sublevação, quando se achavam formadas a 7.ª e oitava baterias, por indicação do 1.º sargento Gonzaga, a setima bateria seguiu para o parque, ficando a oitava bateria com o capitão Choque á frente d'ella, e debaixo de fórma, n'isto chega o sr. Machado dos Santos com alguns civis e militares de infantaria 16, vindo todos para a bateria. O sr. Machado dos Santos disse que adherissem á Republica, afim de salvar a Patria. O sr. capitão Choque não cedeu e voltou-se para a bateria e disse: — Rapazes, se querem ir, vão; eu é que não vou. E os rapazes ficaram no seu posto, e o sr. Machado dos Santos desceu com os seus homens pela escada abaixo, ficando ainda a bateria debaixo de fórma. Pouco depois, quando o sr. Machado dos Santos ia a subir a escada, vinha a bateria a descer, encontrando-se com ella á porta da saída para a parada.» (*)

Certo é porém que, se em parte a adhesão devida foi ao commissario naval, facto comprovado nos testemunhos dos que na missão o acompanharam, mais largamente influiu a convicção do official de artilharia, não querendo mesmo pôr em pratica a manobra, prevista pelos revolucionarios, ou fôsse o collocar dos 40 soldados, ainda fieis, n'uma resistencia efficaz.

A seu tempo e ao nascer de novas accusações a Machado Santos, veremos surgir desmentidos fortes á acção alliciadora e revolucionaria do sargento Gonzaga Pinto.

Volvamos aos successos de artilharia 1.

Removidos esses obstaculos, o capitão Palla gritava:

— Vamos a isto que d'esta vez não se póde recuar!

Novo embaraço surgiu.

A recusa da bateria do capitão Caupers em adherir á marcha.

O commissario naval Machado Santos, abraçando os arti-

(*) Este depoimento, transcripto do livro de Gonzaga Pinto, a paginas 32, teve antes publicação sob diversa fórma, no jornal «O Mundo» de 21 de Fevereiro de 1911.

lheiros, procurou convencel-os a quebrar o juramento á causa da realeza.

Com phrases de revolta apontou-lhes o novo dever.

O 2.º sargento Antonio de Figueiredo, notando a hesitação da 8.ª bateria commandada pelo capitão João Bernardo Correia Caupers, sahiu da fórma acclamando a Republica e, ao mesmo tempo, indicava o local do armamento e auxiliava os preparativos de marcha das peças.

O acto valia-lhe a promoção a 1.º sargento, pela ordem do exercito, publicada a 22 de Novembro de 1910.

Para que mais incidentes não apparecessem operou-se a sahida, demais ante o aviso de que a municipal estava de emboscada nas terras de Campolide.

Urgia seguir.

A victoria não estava alcançada.

Apenas estava dado o primeiro passo.

Na parada o capitão Sá Cardoso, gritava por uma cavallo.

Apeado um soldado, o official montava, ao tempo que ali chegavam para auxilio á revolta, os tenentes Alberto José Caetano Nunes Freire Quaresma, de infantaria 16, Jayme Augusto Pinto Garcia, que antes fizera parte d'esse regimente, sahindo apoz os successos de 28 de Janeiro; Alberto da Silva Paes e Manuel Luiz dos Santos, de infantaria 3 e que de proposito haviam abandonado o respectivo quartel para cooperação no movimento.

Aprestada uma bateria, sahia logo, a pedido de Palla, sob o commando do capitão Sá Cardoso, com o commissario naval Machado Santos e o alferes Alberto Camacho Brandão.

Na vanguarda formava um pelotão de infantaria 16, sob o commando do tenente Jayme Augusto Pinto Garcia, e um esquadrão de cavallaria, composto por impedidos.

Levavam como roteiro o ataque do paço real, junccionando-se a infantaria 2 e caçadores 2.

Com elles foi o medico revolucionario Alvaro Bossa.

Um quarto de hora depois nova bateria seguia, de 3 peças, com o capitão José Affonso Palla e os sargentos Gonzaga Pinto, José Soares da Encarnação, Lobo Pimentel e Firmino Rego.

Tinham como itenerario o largo da Abegoaria, para ataque ao quartel da municipal no Carmo.

Estavam em marcha ás ordens da Revolução as baterias de Campolide.

Eram, segundo o relatorio de Machado Santos, tres horas e meia da madrugada.

O capitão Palia, cumprira a palavra solemne que dera na reunião da Rua da Esperança, apoz ligeiro incidente com o almirante Candido dos Reis.

A' insistencia d'este, o official do exercito, exaltado, teve uma phrase violenta:

— Sr. almirante, o movimento feito n'esta noite, com as tropas de prevenção, é uma brutalidade que nunca a historia nos perdoará. Fazer isto, é não conhecer a mechanica de um regimento. Eu protesto contra elle.

Candido dos Reis, n'essa hora ainda vibrando de enthusiasmo, explodiu energico:

— Eu não o chamei para fazer philosophia. O que pergunto é se sae ou não artilharia 1. Se não vencermos, daremos um tiro nos miolos.

Affonso Palla, ainda redarguiu:

— Não vou pata a revolução para me suicidar, vou para vencer.

O almirante, impaciente, de semblante contrahido, bradou:

— Deixemo-nos de phrases. Responda simplesmente: tira ou não o regimento?...

O outro, a despeito de opiniões identicas á sua, teve a concisa resposta:

— Tome nota, sr. almirante: artilharia 1 sae para a rua, para a revolução, a não ser que eu fique morto na parada.

O capitão José Affonso Palla acabava de cumprir o promessa solemne.

Estava na rua o regimento de artilharia 1.

Aos cabos e praças que o trouxeram á sedição, caberiam depois, por ordem do exercito publicada em 22 de Novembro de 1910, os premios:

De promoção a 1.ᵒˢ sargentos, os 1.ᵒˢ cabos, Manuel Tavares Grello, Francisco Godinho, João Evangelista dos Santos, (*) José Seraphim da Fonseca, Clemente José Juncal, e os soldados serventes, Agostinho da Silva Martins Barradas e Raphael Miguel; a 2.ᵒˢ sargentos os 1.ᵒˢ cabos, José Martins, Antonio da Silva, Callixto Morgado, João Manuel de Mello, Caetano da Silva Monteiro, Arnaldo de Almeida, Antonio Olivio de Carvalho Salles, Manuel de Carvalho, Amadeu Alberto Dias, Ramiro Francisco da Silva, Amilcar Eller Caldas Pereira, Antonio Ferreira da Silva, Joaquim dos Reis Monteiro, e soldados, Eugenio Guilherme C. de Leiria, Domingos de Deus, Thomé Cerqueira; a 1.º cabo o 2.º cabo telegraphista, Antonio de Brito, o 2.º cabo, Luiz de Andrade, os soldados, José Gomes Chita, Antonio Caetano, Manuel Heliodoro, Luiz Ferreira Martins, Ernesto Rodrigues, José da Silva Pombeiro, Carlos dos Santos Olympio, Carlos de Sousa, Agostinho de Carvalho, Manuel dos Santos, Benjamim dos Santos, Arsenio Rateiro, Antonio de Sousa, Francisco Soares e Joaquim dos Santos; a mestres ferradores, os ferradores Bento Vaz e Antonio José dos Santos; a mestre de clarins, o clarim Arnaldo Augusto Quintão e a contra-mestres de clarins, Raul Figueiredo, Francisco Rodrigues, Manuel dos Santos e João Ferreira.

Pelo auxilio ao levantamento do regimento, e defesa do quartel caberia ainda a promoção a 1.ᵒˢ sargentos dos 2.ᵒˢ sargentos: Abilio Paulo Mascarenhas, Antonio de Figueiredo, Manuel Monteiro e Raul Augusto Martins.

Os primeiros passos para a reivindição republicana estavam dados.

Não tardariam porém, os embaraços, para que de todo livre não fosse o arriscado caminho a trilhar.

(*) Foi ferido em combate, entrando no posto da Misericordia em 4 de Outubro de 1910.

VIII

Preparando a defesa do quartel.=A bateria do capitão Sá Cardoso, em marcha =A primeira escaramuça.=Na rua Ferreira Borges. =Fuga de revolucionarios =As primeiras granadas.=Um predio historico.=Debandada da guarda municipal.=A bateria de Sá Cardoso retrocede.=Encontro com a do capitão Affonso Palla =O avanço sobre a Avenida.=Os incidentes das ruas das Amoreiras e Braamcamp.=A caminho da Rotunda.

N'essa hora de sedição e de promessas, podiam considerar-se abaladas as velhas convicções.

Assim, a turba revoltada rompia o silencio nocturno com o echo estimulante de seus vivas e com o rodar das carretas pesadas de artilharia, em marcha de revolta, a caminho da hecatombe, ou a caminho da victoria, mais certa talvez aquella do que esta.

No quartel inutilisaram-se provisoriamente algumas peças, occultas logo no parque.

Procedia ao trabalho, o sargento Arthur Celestino Sangremann Henriques, que lhe tirava os percutores, indo em seguida collocar-se com o chefe civil Jorge Francisco de Carvalho e outros populares, junto da peça disposta ao cimo do parque.

Jorge de Carvalho, citado fôra já a proposito dos casos de Cascaes e das associações secretas, mas, levado ao carcere, obtivera a liberdade a 23 de outubro de 1909 (*)

(*) Vide as nossas obras *A Caminho da Republica*, pag. 526 e *A Revolução Portugueza*, 1.º volume, pagina 79=N. d'A.

Vamos encontral-o pois, junto aos revolucionarios e comprovado membro da Carbonaria.

Tomadas as providencias precisas, para a hypothese de um affrouxamento de vigilancia sobre os officiaes detidos, o 2.° sargento Antonio Maria da Graça, apenas tomava conta d'uma peça para defesa.

Antonio Graça, pelos serviços á revolução teve a promoção a 1.° sargento. (*)

Não ficava comtudo solitario o quartel, que de novo poderia cahir em poder das tropas fieis, demais, guardando como prisioneiros os officiaes não adherentes.

Aggrupados todos n'uma sala, eram alvo de energicas mas cortezes attenções, e, passados os primeiros lances de indecisão, até permittido communicar com suas familias por escripto aberto.

Assim, á porta da secretaria, onde estavam detidos, vigilava o antigo cabo 18 da 5.ª bateria, Barradas, que tivera baixa de posto para soldado, por ser dado cumplice do cabo 35, julgado pela apprehensão de papeis sediciosos.

A um soldado era incumbida a guarda do portão do paiol e a 8 carbonarios, a da porta das armas e o serviço de vigilancia.

Distribuiram-se 5 peças, sendo 2 no alto que davam para quartel do lado de Entremuros e Terras, outra, com o telegraphista 25, ao portão das armas; outra ao do paiol e outra nas trazeiras das cosinhas.

Vigilando sobre a porta do quartel e todo o plano superior alto do parque Eduardo VII, ficou o chefe civil, Manuel Braz Simões e ainda Manuel Lourenço Godinho.

No caminho o capitão Palla, incumbira ainda o chefe de grupo Moraes Carvella, de com 12 revolucionarios guarnecer o paiol.

Constatado que elle estava já de posse e á guarda das praças revoltadas de artilharia e de alguns civis com os sargentos Arthur Sangremann Henriques e Graça, o revolucionario, reforçando os depositarios e dando-lhes instrucções, seguiu a retomar o seu logar na força que se destinava ás Necessidades.

(*) Ordem do exercito publicada em 22 de Novembro de 1910.

Não descurando prevenções, os que ficaram, norteados por Armando Porphirio Rodrigues, mantinham rigorosa vigilancia.

Estabeleceram-se vedetas até ao Arco Grande, Arco do Carvalhão, Sete Moinhos, Amoreiras, rua de S. João dos Bemcasados e rua direita de Campolide. Acompanharam-nos rapazes desarmados, destinados á communicação de vedeta para vedeta, do approximar de grupos extranhos.

O encargo preventivo era ainda commettido a 8 vedetas, que, a cavallo, abrangiam, em campo mais largo, o seu serviço de inspecção cautellosa.

Estrugia, pelo silencio da madrugada, o seu grito vibrante:

— Quem vive?

Talvez tido por fiel, ás investigações se poupava um contrario á rebeldia.

Em artilharia 1 nem tudo era pela republica e um sargento conseguindo escapar-se, ia a cavallo e armado de carabina, communicar ao chefe do governo, a prisão dos officiaes e que o quartel estava entregue, quasi em absoluto, a paisanos armados.

Não se tentou a offensiva.

O devotado á realeza e ao regimen, era tido como suspeito e organisador de embuscada terrivel.

N'essa hora de sacrificio inutil, o sargento, cuja identidade não foi apurada com segurança, decerto lamentou o seu erro de querer antepôr-se á derrocada que se parecia ambicionar e não seria desforra estulta lobrigal-o depois a par dos revoltosos.

Estes, crentes n'uma possivel defesa dos contrarios, desconhecendo a tacita acceitação do acto, manifestada n'uma attitude de contrabalançadas opiniões, estabeleciam vigorosamente a sua linha preventiva.

Cabe bem aqui registar um episodio da vigilancia e tratamento revolucionario, relatado por um dos detidos, o official de cavallaria e escriptor Christovam Ayres:

«Seria longo de contar a razão porque na noite de 3 para 4 de outubro em que rebentou a revolução em Lisboa eu me encontrava em condições de poder assistir aos primordios de tão extraordinario drama, por muitos previsto, mas não suspeito de um tão vertiginoso desenlace. Foi como o ruir de uma grande

arvore secular, minada nas raizes. Eis a synthese de toda uma historia que só mais tarde se escreverá com serenidade e rigor, com encarecimento para os verdadeiros vencedores, mas tambem com justiça para os vencidos.

«Curiosidade, seducção das emoções fortes, attracção de perigo... fosse o que fosse, o facto é que me encontrei na zona perigosa de Campolíde na occasião em que a revolta ali recrudescia; tal e qual como me achei em 1907 no foco do mais acceso perigo por occasião do regresso do Porto do então chefe do governo, conselheiro João Franco.

«D'essa feita o caso foi que os partidos tinham resolvido fazer na estação do Rocio, contra a dictadura, uma manifestação pacifica, mas imponente pelo numero. O «mot-d'ordre» era reunirem-se nos respectivos centros, para d'ahi seguirem para a estação. Fui ao centro do partido a que então pertencia; ia commigo meu filho, que Deus haja, tão alheio agora, na sua paz eterna, ás agitações e cataclismos do seu paiz. Entrámos na occasião em que maioraes explicavam as razões de ordem pessoal por que não podiam ir. Como quem diz:—mettemos os cães á moita e ficamos de palanque a ver os acontecimentos, e a colher d'elles depois os respectivos fructos.

«Fez-me nauseas: dei o braço ao meu filho e fomos, Chiado e rua Nova do Carmo abaixo. No Rocio havia grande movimento; fomos andando; e para ponto de observação escolhemos... o Martinho. Má escolha!

«Pouco depois, era no largo um borborinho enorme; correrias de garotos, de policias e até de mulheres. N'uma d'essas correrias a fugir do sabre policial, um magote de gente, entrando pelo café, deitou abaixo uma das mesas, cujo marmore se fez em pedaços. Um d'estes, que viera rolando aos meus pés, entretive-me a partil-o, distrahidamente, com a ponteira da bengala; o que, (soube-o depois por pessoa bem informada), ligado com umas affirmações liberaes que fiz, no elogio do liberalissimo Antonio de Serpa Pimentel, em sessão solemne, na Academia das Sciencias, me acarretou o ter sido inscripto no numero dos revolucionarios!!...

«Defronte da estação do Rocio rijo era o ataque do povo

contra a municipal. Um esquadrão que desembocou da rua do Principe foi recebido a calhau. As vidraças das janellas e portas da estação estoiravam á pedrada. Os garotos tinham descoberto os marmores partidos das mesas do Martinho, e vinham buscal-os ás braçadas, reduzindo os a tamanhos que pudessem jogar á face dos policias e dos municipaes.

«Aquelle intenso aspecto de sedicção popular era muito interessante: para quem, como eu, faz historia e tem de descrever scenas identicas, aquelle estudo do natural era todo cheio de seducções. Mas no Martinho já não havia meros espectadores; passara a ser tambem refugio de alguns sediciosos, que ali se acoitavam, perseguidos pelos agentes da ordem. Achei mais prudente procurar abrigo na sala do fundo; ali estavamos, sentados a uma banca, eu, o meu filho, e o hoje finado general Silverio Pereira da Silva, tio de Joaquim Mousinho, quando uma perseguição mais energica da policia a trouxe até ás portas do Martinho, d'onde disparou uns tiros de revolver para o interior.

«O momento era grave. O meu pobre e querido filho pensava no perigo que eu corria, e estava como louco.

«Levantou-se, e d'ahi a pouco veiu dizer me que descobrira meio de nos safarmos pelas trazeiras da casa. Descortinara uma escada de mão, por onde descemos ao saguão e batemos energicamente a uma porta que se fechára ao sentir gente. No fim de rogos e supplicas, uma voz de mulher intercedeu para que o homem, cheio de medo de que a policia entrasse atraz de nós, nos recebesse:

— «Deixe entrar os homemsinhos, coitados; não está lá a policia; e depois não torne a abrir.

«Era uma estalagem de lavadeiras, que atravessámos ate á rua Jardim do Regedor, entre saloias compassivas, a quem agradecemos penhorados, e tranquillos jumentos que tasquinhavam nas mangedouras, ou dormiam muito serenos, sem se importarem com a bernarda que ia nas ruas. Para alguma cousa serve no mundo o ser-se burro.

«Quando em seguida, n'um electrico, passámos pelo Martinho, já estava postada defronte d'elle, de espingardas carregadas,

uma força de infantaria da municipal, e no dia seguinte eu lia nos jornaes que os que depois de mim se escaparam pelas trazeiras já não lograram a hospitaleira saida pela estalagem, mas sim pelos telhados, e pela janella salvadora da casa de um illustre medico. Ora d'esta vez o caso foi diverso, embora a mesma curiosidade me conduzisse a não menos temerosos perigos.

«A' distancia, vi passar infantaria 16, praças com populares armados de envolta, seguido o troço maior de farrapos de tropa e guerrilhas: cinco agora, logo dois, mais atrás oito no pittoresco conjuncto de chapeus de coco de mistura com bonets, barretes, chapeus moles, — uns de espingardas, outros com pistolas, outros apenas com uma espada.

«Ouvi tiros de peça em artilharia 1, os que responderam do Tejo, as aclamações dentro da parada, depois o rodar dos canhões; em seguida, aqui e acolá, vivo tiroteio. A noite estava serena; o perfil da cidade recortava-se nitido no azul estrellado.

«Embora não calculasse bem qual seria o desfecho d'aquella tragedia que começava a desenrolar-se aos relampagos de artilharia; embora tudo aquillo pudesse ser o inicio do ruir de todo um edificio em que eu fôra nado e creado, mas cujo estado de alicerces eu conhecia um pouco, na observação particular e nos cargos publicos que exercera, — a verdade é que todo aquelle espectaculo me interessava profundamente. Aguardei muito tempo que tudo serenasse em volta, e quando vi deserta e tranquilla a rua de Entre Muros tomei por ella em direcção ao Rato, caminho de casa.

«A certa distancia da porta das armas do quartel de artilharia 1, avistei um grupo; eram paisanos. Suppuz serem curiosos ali reunidos, visto o regimento ter saido. Mas ao approximar-me, mais de uma voz bradou:

«— Quem vem lá?

«— Gente amiga, respondi; mas comprehendendo já a situação.

«Os vultos avançaram para mim, carabinas e revólveres apontados ao meu peito:

«— O que faz o sr. aqui? Para onde vae?

«— Para minha casa.

«— Onde móra?

«— Rua S. João da Matta.

«— Por aqui não pode passar.

«— Então volto pelo mesmo caminho.

«Tinha já dado alguns passos, cogitando no itenerario que havia de levar, quando senti correr no meu encalço:

«— Alto lá! pare ahi!

«O mesmo grupo armado; revólveres e carabina direitos a mim.

«— O sr. quem é? Que profissão tem?

«Percebi. Ou alguem me conhecera, ou me denunciára o meu andar, que me dizem ter geito peculiar aos officiaes de cavallaria. Respondi promptamente:

«— Sou um official do exercito.

«— Ah! queira vir cá para dentro. Está preso.

«Levaram-me para a casa da guarda. Esta era constituida pelos referidos paisanos, e outros egualmente armados; o commandante era ou parecia ser um cabo, a quem fui confiado prisioneiro.

«E eu perguntei aos circumstantes:

«— Os srs. não me dirão por que é que me detém aqui?

«— E' um official do exercito.

«— Mas o que tem isso?

«— Naturalmente é lá dos outros.

«— Mas quaes outros? Eu nem sei de que se trata. E se é por suspeitas, mandem-me acompanhar até a casa. Comprehendem o cuidado em que vae ficar a familia.

«— Ah! o sr. julga que nós tambem não temos familia? Lá estão tambem em cuidados. Que tenham paciencia.

«— Mas os senhores estão no seu posto, para alguma coisa que querem fazer; emquanto que eu...

«E dirigindo-me ao cabo que se conservava em attitude correcta:

«— O' cabo, um official superior do exercito não ha de ficar na casa da guarda. Não está no quartel ninguem com quem eu me entenda, algum senhor official?

«— Só se fôr o sr. capitão Mimoso, me respondeu, pedindo a um paisano para o ir avisar.

«— Capitão Mimoso! disse eu com os meus botões; algum official revolucionario!

«Pois não era. Era o official que estivera de inspecção, um dos prisioneiros lá em cima; mas que, para os actos militares do cabo, continuava a ser quem superintendia no serviço. *Chassez le naturel...*

«N'isto vinham dizer que me mandavam subir. Fui guardado á vista, entre carabinas e pistolas.

«Descendo a escada vinha um paisano de revolver em punho, chapeu mole, barba grisalha ponteaguda, aspecto firme, ar de quem commanda. Era quem superintendia no pessoal civil e militar que ficara tomando conta do quartel.

«— Sois o official preso?

«— Sou.

«E voltando se para os que guardavam:

«— Conduzam este senhor para a sala onde estão presos os srs. officiaes.

«Entre paisanos armados e algumas praças subi os lanços de escada, transpuz o corredor em frente da porta da grande sala. Ao meu lado, na passagem, senti um estalo intenso e secco. Era um paisano que disparava, sem querer, uma pistola automatica.

«Ao entrar na sala achei-me em frente de uns dezeseis ou dezesete officiaes do regimento, o de inspecção e prevenção ainda de bandoleira, grande numero d'elles meus discipulos, entre os não combatentes o meu amigo capellão Elysio Campos. Entre os paisanos que os guardavam, o sr. Saul Simões Serio, empregado do commercio que conheço ha muitos annos, e que me recebeu muito amavelmente.

«— Aqui teem mais um socio na desventura! disse eu aos meus camaradas, entrando.

«E com alguns d'elles me informei do que se passara. Vendo que estava presente o commandante d'aquella interessante guarnição de tropas mixtas, a cuja ordem eu estava prisioneiro, dirigi-me a elle:

«— Permitta-me que lhe faça uma pergunta: — Comprehendo medidas que tenham qualquer utilidade: mas as inuteis!... Não me diz o que lucram em me ter aqui? Não commando tropas, nem disponho de elementos nenhuns com que os possa contrariar.

«— Tende paciencia, me respondeu. Devem ser exactas essas considerações, mas não ha meio de as verificar. Todas as cautellas são poucas, n'este momento.

«Quem assim falava, com uma certa firmeza que não dis-

DR. MACEDO DE BRAGANÇA

pensava a cortezia, não é decerto completamente estranho á disciplina militar. Tinha um quer que seja de quem já respirou essa atmosphera.

«A esse tempo, já o reverendo Elysio Campos fazia propaganda em meu favor.

«— Realmente, é um official que não commanda; não ha inconveniente em lhe dar a liberdade; é um escriptor; é um professor.

«Referencias amaveis e captivantes. Isto era secundado pelo

sr. Saul Serio, que d'ahi a pouco se dirigia ao commandante (permittam que lhe chame assim) a defender a minha causa.

«— Só se toma a responsabilidade d'isso, lhe foi respondido.

«— Pois tomo, sim, redrguiu o sr. Serio, dando talvez o passo mais «serio» da sua vida; porque embora me conhecesse bastante, não podia saber (a gente vê caras, não vê corações:— a Revolução que o diga!) se eu não tinha figados para ir d'ahi pedir ás tropas fieis dois esquadrões para atacar de frente os canhões da Rotunda.

«Note-se, todavia, que eu n'aquella altura não sabia onde estavam os canhões, como não sabia tambem, como não sei ainda hoje, onde estavam as tropas *fieis*. O que vejo nos jornaes quasi todos os dias, é que, em anciosa compita, cada qual se esforça por fazer acreditar que foi o mais... *infiel* possivel. Mas o caso é que a amavel interferencia a meu favor me deu promptamente a liberdade.

«O commandante civil de artilharia quiz ser o proprio a acompanhar-me á saida. Descidas as escadas, internou-se pela cavallariça em frente.

«— Prefere a saida pela estrada de Campolide? lhe perguntei.

«— Não; pela porta das armas.

«— Então não é por aqui, lhe observei; conheço bem o quartel; já aqui servi quando subalterno.

«E encaminhamo-nos no sentido conveniente, depois do meu companheiro ter dado algumas instrucções ás praças que estavam na cavallariça. No caminho, como eu dissesse que estava em cuidado por ter parte da familia no campo, quatro leguas distante de Lisboa, recebi attenciosos conselhos:

«— São senhoras? Podeis estar descançado, que a senhoras não se faz mal.

«— Já que a vossa familia está, em parte fóra, dou-vos de conselho o ir tambem para lá.

«— Acha, então, isto grave? interroguei.

«— Sim. Graves devem ser os acontecimentos.

«— D'aqui saiu mais de uma bateria?

«— Sim, muito mais.

«— Tinham isto bem preparado, pelo que vejo.

«— Ah! muito bem. Foi apenas mais precipitado do que se esperava.

«Tinhamos chegado á porta das armas. Sinceramente agradecido a tantas provas de deferencia pessoal, perguntei:

«— Posso saber a quem fico devendo tão captivante attenção?

«— Armando Porphirio Rodrigues, enfermeiro no hospital Inglez.

«— Muito obrigado.

«Apertei-lhe a mão e saí, entre os cumprimentos dos populares armados, que continuavam guardando a porta.

«Dias depois, lia nos jornaes que o sr. Armando Porphirio Rodrigues, o sr. Saul Simões Serio e seus companheiros, eram nada mais, nem nada menos, do que... carbonarios. E haver gente a quem falar em carbonarios é como falar no diabo!»

Foi ainda essa vigilancia que surprehendeu mais tarde, e levou aos calabouços do quartel, Eduardo Metzner, julgado vigia dos passos revolucionarios.

Detido era pelo grupo do pintor João Duarte, (*) Augusto Silva e Carlos Silva.

Os revolucionarios seguiram, entretanto, o traçado itenerario Rua de Campolide, das Amoreiras, S. João dos Bem Casados e de Campo de Ourique.

No plano estava a tomadia das Necessidades.

Era essa a ambição.

O capitão Sá Cardoso tentou cumprir essa projectada primeira parte da acção de artilharia 1.

Annexados a caçadores 2, infantaria 2, marinheiros e guarda fiscal de Alcantara, procurariam apossar-se do rei.

O resto das tropas fieis, se as houvesse, ou desfalleceriam trazendo a victoria, ou adheriam e o movimento tivéra exito gigantesco.

(*) Foi detido em 1913, como envolvido no mallogrado golpe de estado de 20 de Julho d'esse anno.

A guarda municipal era o pesadelo constante e um popular, primeiros passos dados, foi dar aviso á columna de uma emboscada junto da Penitenciaria.

Uma avançada, explorando a Rua Marquez da Fronteira verificava o erro do informe e a marcha continuou pois pelas ruas de Campolide, das Amoreiras, de S. João dos Bem Casados e de Campo de Ourique, estabelecendo o alarme.

Nas alturas da rua Ferreira Borges, como que aborrecendo esse caminho livre de embaraços, o capitão Sá Cardoso, tentou um lance guerreiro.

Pelo cabo de artilharia, João Evangelista dos Santos, (*) iniciado na carbonaria em Agosto de 1909, fez intimar a 4.ª companhia da guarda municipal aquartellada na Rua da Estrella, a adherir, sob pena de ataque.

Não era esse corpo o propenso a submissões simples e provou-o.

Ainda o emissario não chegara ao seu logar e já os soldados, do commando do capitão João Maria Pinheiro Pinto da Cruz, atacavam a columna revolucionaria, com o auxilio de um pelotão de lanceiros, do commando do aspirante Torres.

O ataque fôra previsto e para isso se dispozeram as forças em abrigo, indo á frente um cabo com algumas praças, em exploração, a força de infantaria em dois grupos pelo passeio, a um de fundo e chegada á parede e a artilharia, ao centro.

A guarda prevera e precavera-se contra a invasão, tendo feito participação telephonica para o quartel do Carmo, d'onde d'essa vez, o coronel Malaquias de Lemos dera ordem para entravar a marcha dos rebeldes, atacando-os de flanco

Um troço de 40 soldados se pretendeu pois defrontar com as fracções de infantaria 16 e artilharia 1, disposto a cortar-lhe a passagem pela rua Saraiva de Carvalho.

Deu-lhe uma descarga, não retorquida.

Repetiu a aggressão.

Estabelecia-se panico e debandada nos revoltosos civis e militares, e ciciou-se um segundo 31 Janeiro de 1891.

(*) Teve como premio dos serviços á revolta a promoção a 1.º sargento.

Apesar da precaução, não deixou de haver a surpreza, por combinado estar que os grupos armados de bombas, impedissem a sahida da guarda municipal.

O plano seria assim executado mais a coberto, pelos poucos embaraços que esse corpo militar podia offerecer, quando meio dezimado pela artilharia civil.

Contava-se ainda que, ante os boatos, a municipal accorreria a gurnecer as Necessidades.

Ao brusco choque das ballas, houve pois a fuga e o medo.

Os soldados de infantaria escaparam-se para a rua da Piedade e da artilharia, os serventes refugiaram-se junto aos escudos das peças, emquanto os conductores, se atiravam a baixo dos cavallos fazendo d'estes barreira aos tiros dos contrarios.

Muitos, correndo pelas ruas proximas, iam cahir sob a fuzilaria dos officiaes de infantaria 16, que, havendo fugido durante a sedição do regimento, voltaram ao quartel, apoz o abandono pelos sediciosos e das jahellas que deitavam para a Rua de Cima dos Quarteis, atiravam sobre os fugitivos ás balas da municipal.

Foram bastos os feridos e morto era o carbonario Joaquim Laranjo Marques, de 22 annos, morador na Rua Possidonio da Silva, cujo corpo ficou ao abandono em frente da porta do quartel até ás 7 horas da manhã seguinte, em que a mãe, Carolina Marques, e alguns populares o levaram em padiola para a morgue.

Mais tarde, ante essa morte em combate, votavam ás camaras (*) a concessão de uma pensão de 9$000 réis mensaes a Joaquim Laranjo, pae de Joaquim Laranjo Marques.

Outro popular ali ficava ainda, como desconhecido.

*

* *

Os officiaes exhortavam os seus elementos a cumprir, friamente, a sua adhesão.

(*) Diario do Senado.=Sessão n.º 136 de 8 de Julho de 1912.=Pagina 5.

Emquanto o tenente Pinto Garcia, procurava metter em ordem a infantaria, o capitão Sá Cardoso e o alferes Brandão, procediam identicamente para com a artilharia.

A derrocada dos projectos seria uma fatalidade.

Tiveram o seu desanimo evidente e não o occultaram:

— Já calculava. Justificaram-se os meus receios! confidenciou o capitão Sá Cardoso.

Antes porém e n'uma previsão menos pessimista, já outro revolucionario exclamara, ao dar-se o contratempo de desengate de um tirante n'uma das carretas de artilharia.

— Mau começo, rapazes. Temos de acabar bem!...

Como que para lhe dar razão salvou tudo d'essa prevista catastrophe, o sargento Mathias dos Santos.

Desmontando rapido, collocava uma das abandonadas peças em combate.

Soou um tiro.

Quiz se mais tarde dizer que esse acto de coragem, devido fôra ao 2.º sargento da 3.ª bateria Carlos Marques Alexandre. (*)

Certo é porem que o executor foi o sargento Mathias, segundo depoimento dos seus companheiros do momento, entre os quaes o commissario naval Machado Santos (**) e o sargento Firmino Rego e o capitão Sá Cardoso.

Outros feitos praticou porém o que lhe valeram na hora dos premios, a promoção a 1.º sargento.

Ao estampido reboou um grito de enthusiasmo dos rebeldes.

Era a primeira granada disparada em nome da Revolução.

Ia ella cravar-se e explodir no predio 105-A da rua Saraiva de Carvalho, fronteiro á rua Ferreira Borges, com esquina para a rua do Patrocinio.

Abria-lhe uma brecha de 50 centimetros de diametro, indo terminar os seus effeitos n'um talho em frente, não sem que os

---

(*) *O Seculo*=Outubro de 1910
(**) Relatorio de Machado Santos=Pagina 70.

estilhaços attingissem a guarda municipal, recuando appressada.

N'esse predio, considerado historico, era mais tarde (*) collocada pelo constructor civil José Pedro Martins uma lapide um quadrilatero de marmore de 1 metro e 14 centimetros de comprimento por 60 centimetros de largo, tendo como motivo decorativo, na extremidade da parte superior a bocca de canhões em bronze e nas da parte superior, as culatras. Ao centro uma granada e em letras douradas, a seguinte inscripção ladeada por duas palmas de bronze:

«Local onde explodiu na madrugada de 4 de Outubro de 1910, a primeira granada para a implantação da Republica. Disparou esse projectil o heroico regimento de artilharia 1. Uma commissão de patriotas.»

Os insurreccionados, refeitos com esse passo auxiliavam com as espingardas e pistolas, o canhoneio, mas n'uma precipitação que quasi victimava o sargento Firmino da Silva Rego, collocado á testa do grupo.

Outro tiro de peça trazia o destroço da parte da companhia da Estrella, emquanto outra seguia o tiroteio, forçando quasi ao silencio o nucleo dos assaltantes, presumindo, pela escuridão, maior effectivo nos contrarios.

Chegou a correr o boato de que n'esse encontro fôra morto o commandante geral das guardas municipaes, coronel Malaquias de Lemos.

O boato, era até reproduzido no dia 4, com o desmentido inherente, pelo orgão governamental *O Imparcial*.

De facto, Malaquias, não sahira do quartel do Carmo, por determinação do commando de divisão.

De ambos os lados se pretendeu reivindicar victorias e assim veremos o coronel Malaquias de Lemos, allegar:

«De tudo dou conta, sem perda de tempo ao quartel general, pedindo auxilio para a quarta companhia. Esta conseguiu

(*) 28 de Janeiro de 1911.

deter a marcha da artilharia, mantendo-a em estado de inação até que ella deliberou retroceder.

«E creio bem que, se dispozesse de maior effectivo ou auxilio lhe fôsse prestado, ai teria ficado encravada a artilharia revoltosa.»

Por seu turno José Antonio dos Santos Belem, na sua descripção (*) tambem firmada por Luiz Augusto Ramos, Joaquim Rodrigues Alves da Costa e Modesto Duarte Garcez, accentua para os rebeldes tambem um ganho da acção, embora dando egualmente nota dos receios que se seguiram a essa primeira lucta nas ruas: e registando até uma inicial feição indisciplinada, de contrariedade aos evidentes desejos de fuga:

«3 horas e 15. — Ouve-se de subito uma descarga, alvejando os revoltosos.

«Era a 4.ª companhia da guarda municipal que atacava de flanco. Immediatamente os soldados e civis romperam fogo vivo dando tempo a que o commandante mandasse assestar uma peça. Era o primeiro incidente de combate; todos, soldados e paizanos, correram a provar que não temiam as balas inimigas! Apóz varias descargas, trocadas entre os dois campos, o capitão Palla faz uma granada, que põe em debandada a companhia assaltante!

«Este primeiro triumpho é saudado com gritos de *Viva a Republica* ! tinhamos desbaratado o inimigo, indisciplinando-se na fuga.

«3 horas e 20.—Este incidente se nos deu a victoria, fez receiar ao commandante uma chacina no caminho e essa ideia fêl-o retroceder, certamente para buscar um caminho novo. Na fébre d'aquella noite historica, nós chegamos a conceber a ideia de que o capitão retrocedia, para regressar ao quartel. E então n'uma resolução que não admittia entraves, fomos postar-n'os junto do palacio do Conde da Anadia, e ahi, de espingardas á cara, bradamos ao bravo capitão Palla:» — Olá, capitão! O caminho é para lá!»

(*) Subsidios para a Historia—A acção da choça Buiça=«O Paiz de 5 de Novembro de 1910.

O sr. dr. Eusebio Leão proclamando a Republica da varanda da Camara Municipal

«Umas duzias de paizanos, contra um regimento de artilharia!

Imagine se, por esta, quantas loucuras sublimes se praticaram n'esta noite!»

A derrota e fuga da municipal é egualmente descripta em depoimento do revolucionario dr. Alvaro Bossa.

Cumpre accentuar, todavia, que, erradamente, José Antonio dos Santos Belem, cita como fazendo parte da columna que se defrontou com a 4.ª companhia da guarda municipal, o capitão José Affonso Palla, quando este sahiu com a 3.ª bateria, indo com a 1.ª o capitão Alfredo Ernesto de Sá Cardoso, com o qual se deu o lance da rua Ferreira Borges. (*)

A municipal foi de facto vencida ali, mas não sem patentear firmeza de animo.

Ao referir-se á apresentação de Machado Santos no quartel do Carmo, ainda o coronel Malaquias de Lemos, diz:

«Trocámos breves palavras, e dizendo-lhe eu que facil lhe tinha sido conseguir a victoria retrucou-me que a guarda municipal bastante os havia incommodado na madrugada de 4 na rua Ferreira Borges, ao que contestei que, se eu commandasse, mais ainda os teria incommodado e ali deveria ter sido sufocado o movimento revolucionario, e, quando assim não acontecesse, talvez ainda áquella hora não estivesse terminado.»

A Monarchia soffrera o embate inicial, nas ruas, e a Republica creára novos alentos.

A columna revoltada esperou, receosa de outras emboscadas tendo ali aviso de que havia soldados occultos pelas esquinas.

Não existiam.

E' certo que bem perto estavam forças que poderiam organisar a revindicta do desaire infligido á força do capitão Pinto da Cruz.

(*) Citam assim o facto, em contrario de José Belem, «A Revolução Portugueza», de J. de Abreu, pagina 134; «Como cae um trono» («La Revolucion en Portugal») pagina 135; «Como se implantou a republica em Portugal» («Notas de um revolucionario») pagina 61; «Relatorio de Machado Santos», pagina 70; «Memorias da Revolução», pelo sargento Gonzaga Pinto, pagina 34 e o Relatorio Official do capitão José Affonso Palla.=N. d'A.

«O commandante de Infantaria 2, postado no largo da Estrella, portanto tão perto do local onde se deu o encontro, não perseguiu os revoltosos, ou por considerar que a sua missão era apenas deffensiva, e não offensiva, ou porque não tivesse já grande confiança no seu regimento. Não seria. Noto apenas que em toda a bibliographia revolucionaria o regimento de infantaria 2 figura como uma força d'elles, revolucionarios, em todos os planos de revolução desde 1908 até 5 de Outubro. O facto é que eu estava nas Necessidades, onde fôra chamado, onde ficára retido por serviço, e tudo isso se passou com o meu completo desconhecimento. Se eu permaneço no logar que tomára quando me chamaram ao telephone do Paço, talvez as coisas corressem d'outra fórma. Uma das inferioridades da artilharia, é o perigo de ser atacada em marcha. Se sobre os artilheiros revoltosos cae uma fracção minima das forças fieis, era d'uma vez a Rotunda!» (*)

Nada se tentou.

O troço mais importante de lanceiros 2, cuja orientação não exprimiu em absoluto uma ousada tentativa de defeza á realeza — teve antes conhecimento do abandono de duas peças, por aviso trazido por dois populares.

«Tempos depois appareceram dois populares, a avisar que os revoltosos haviam abandonado duas peças na rua Ferreira Borges, tendo apenas um tiro, ao serem atacados pela municipal.

« — E não foi ninguem verificar se era verdade?

« — Fui eu.

« — Com quem?

« — Sósinho. Ainda encontrei um bando de populares que me avisaram que não fôsse, porque ia passar ao quartel de infantaria 16, onde me victimariam. «Tanto faz hoje como amanhã!» respondi, seguindo.

« — E como estava infantaria 16 quando lá passou?

(*) Joaquim Leitão=Os Cem Dias Funestos. = (Processo e condemnação do ultimo presidente do conselho de 1910, Antonio Teixeira de Sousa, e do seu livro «Para a Historia da Revolução») Porto-1912 = Depoimento do coronel Alfredo de Albuquerque=Pagina 224.

« — O portão fechado, guardado por sentinella que nada me disse. Chegado á rua Ferreira Borges, lá dei com as duas peças, ambas sem culatra, uma com a lança partida e a outra tambem impossibilitada de se mover. Voltei á Estrella, a participar isto mesmo ao coronel Albuquerque. Já se ouvia tiroteio para os lados do largo do Rato (era provavelmente o ataque á esquadra de policia, que se entregou, sendo desarmada). D'ahi a pouco, o meu coronel incumbiu me de ir explorar se o Aterro estava desimpedido, isto é se tinha livres as communicações por ali.» (*)

Na altura d'esse incidente de armas, o encontro das forças na rua Ferreira Borges, perto passava um nucleo de relativa importancia, e evocam-no os sargentos de lanceiros Antonio Gonçalves Dias e Mario Augusto de Menezes Machado, no seu depoimento integrado na «Resposta ao ex-coronel Alfredo de Albuquerque», (**) pelo major Thomaz de Sousa Rosa:

«Quando a columna chegava á altura da travessa da Estrela dava-se o recontro na rua Ferreira Borges entre as fôrças do commando do capitão Sá Cardoso e o pelotão de infantaria da guarda municipal que se postára ao cimo da Rua do Patrocinio. Nenhum dos regimentos interveio, seguindo pacatamente primeiro para o largo da Estrella e depois para a Rua de Santo Antonio.»

A columna mencionada era composta por lanceiros 2 e infantaria 2, destacada para a Estrella por ordem do commando de divisão.

A perpetua visão de uma contra-revolta energica e perturbante, lançava nos rebeldes um continuo receio.

Pelos raros que de frente se propunham encarar a sedição avaliavam a catastrophe d'um unitario acto repressor.

Pensando em logicos, mas não realisados ataques de entrave á marcha, houve indecisões.

A despeito, porém, do silencio que se seguiu a essa victoria inicial, o effeito foi desnorteante.

(*) «Diario dos Vencidos» por Joaquim Leitão. — Pagina 78.
(**) «O Mundo» de 15 de Dezembro de 1912.

Houve um conselho de officiaes.

A tomada das Necessidades constituiu-se n'um mytho.

O socego, apparente, que havia para alem fez crer n'um abordado movimento e n'um massacre proximo a patentear-se nos seus mais tragicos aspectos.

Tiveram elles aviso de que a guarda do Paço se não insurrecionara.

Dos corpos do exercito vigilando no Aterro e rodeando a regia moradia.

Extranha coincidencia:

Em toda a parte se combatia mas em toda a parte se julgava falha a acção.

O capitão Sá Cardoso, propunha o retrocesso até á Rotunda, afim de esperar o desembarque dos marinheiros, e ainda o encontro com as fôrças do capitão Palla.

O avanço seria um passo arrojado, mas não fructifero.

A orientação foi de seguro effeito e alentados com a esperança de proximo auxilio da armada, o que tão rapido não se daria, effectuou-se o regresso pelo caminho antes percorrido.

As balas da guarda haviam attingido as lanças de algumas viaturas, partindo-as e victimando tres muares.

Necessario foi pois o abandono, com os respectivos carros de munições, de duas peças inutilisadas logo, sendo retirados pelo 1.º sargento Carlos Alexandre a culatra de uma e os percutores da outra, tudo levado pelos revoltosos.

Esse material, desprezado, era depois vistoriado pelo tenente de lanceiros 2, Estevam Wanzeller, assignalando a existencia de duas peças, se bem que Machado Santos no seu relatorio, (a paginas 70) se refira apenas a uma.

Prevaleceu comtudo a affirmativa do primeiro.

Essa mesma posse é registada, com verdade, em todos os relatorios, como o de Sá Cardoso, e até no do coronel Malaquias de Lemos, como sendo de duas peças e trez armões, removidos para o quartel da Estrella, embora sem bases houvesse uma contradicta no esboço (*) descriptivo do dr. Alvaro Bossa:

(*) «O Seculo» de 9 de Outubro de 1910

«A primeira bateria avançou para a Estrella, acompanhada pela infantaria. Tivemos um encontro com a 4.ª companhia da guarda municipal, que derrotámos, pondo-a em fuga. Tendo-se porém, partido as lanças a duas peças, tivemos que as abandonar.

« — E perderam-nas?

« — Não. Inutilisamol-as temporariamente, para que não caissem em poder do inimigo. Se assim não fôsse podiam fazer uso d'ellas contra nós. Horas depois fomos recuperal-as, sem encontrarmos resistencia. A primeira bateria reuniu-se com a segunda, ao fundo da Rua de S. João dos Bemcasados, avançando depois até ao largo do Rato.»

Na Rua das Amoreiras, avistavam a columna de Affonso Palla, que de Campolide se dirigia para o largo de S. Roque n'uma previsão de ali se poder reunir aos grupos revoltados de caçadores 5, infantaria 5 e engenharia.

Tal plano, se se desse, não seria coroado de exito, como já o sabemos.

Em plena rua das Amoreiras, junto á rua de S. João dos Bemcasados, se formou um breve conselho de officiaes, onde se referiram os successos da Estrella.

N'uma confusão, alguns narradores da marcha da columna, quizeram forjar combates perturbadores do conselho, e d'ahi o desmentido opposto por outros, por attribuir erradamente, o ataque á facção revolucionaria, na rua das Amoreiras, como o mencionado nas descripções da breve palestra dos officiaes junto á rua de S. João dos Bemcasados.

Relegando para essa altura a controversia, cumpre accentuar que em paz se realizou o novo conselho dos graduados revolucionarios.

O capitão José Affonso Palla, propunha-se seguir o anterior roteiro até S. Roque, mas Sá Cardoso, julgando falha a tentativa, alvitrava a Rotunda, ideia que depois quiz dar como occasional:

«Como ignoravamos o que se tramava nos outros regimentos, cumprimos á risca a parte que nos competia fazer no plano geral. E, assim, eu saí com a primeira bateria que se organisou

para ir reforçar a força das Necessidades. Mas, não podendo seguir esse intento, por encontrar uma força da municipal na rua Saraiva de Carvalho, e sabendo que se não tinha revoltado a columna das Necessidades, retrocedi e vim encontrar-me com as forças do capitão Palla, que ainda no cumprimento do plano ia em direcção a S. Roque. Em vista das noticias que eu trazia, deliberámos tomar a posição da Rotunda, para esperarmos noticias e resolver depois. A posição das forças da Rotunda foi accasional.

« — Então a posição da Rotunda foi occasional?

« — Foi.

« — Mas dizia-se que haviam escolhido esse campo por ser favoravel a operações militares?

« — Certamente. Mas devo dizer-lhe que foi escolhido como posição de espera, nunca suppondo que se havia de tornar em posição de deffensiva, aliás teria escolhido outro.»

Comtudo fazia isso parte do plano não só do capitão Palla como de Machado Santos:

«O permanecer na Rotunda na manhã de 4 de Outubro, depois da retirada dos officiaes, não foi pela força das circumstancias! Era já plano antigo, discutido e aprovado na Alta Venda da Carbonaria! O official a quem coube a sorte de seguir á risca o plano que idéara, orgulha-se do bom resultado colhido, e, a lembrança do successo faz lhe despresar as injustiças dos correligionarios e até dos seus companheiros d'armas, que, devendo a vida e as benesses que disfructam, ao seu trabalho e á sua tenacidade, o tentam por todas as fórmas desconceituar na opinião publica, inventando intenções que nunca teve, despeitos e ambições que não conhece!

«Esquecem-se as boas almas que o vencedor da Rotunda, em 5 de Outubro, seria tudo o que quizesse ser n'este paiz! Esquecem-se de que nada desejou para si e que tudo tem recusado.»

Retrocedendo ao alto da Avenida, realisavam-se as velhas intenções, segundo as quaes, o parque Eduardo VII, seria tomado por parte de artilharia 1, protegida por infantaria 16.

Restava, o que esquecido foi, o occupar das alturas da Graça, para garantir os effeitos d'essa posição.

Acceite o alvitre de Sá Cardoso, fundiam-se as columnas tomando a chefia superior aquelle official, por mais antigo.

Um pelotão de infantaria, com o commissario naval Machado Santos, abria caminho, como guarda avançada ás 9 peças, divididas em baterias sob o commando do alferes Alberto Camacho Brandão e capitão Palla, ladeadas por pelotões de infantaria sob o mando dos tenentes Alberto da Silva Paes e Jayme Augusto Pinto Garcia, cerrando a fila, 100 revolucionarios ci-

ALFERES BRANDÃO

vis, armados de carabinas, revolveres e projecteis e dirigidos pelo tenente Manuel Luiz dos Santos.

A marcha continuou sempre enthusiastica, a despeito de algumas perdas se contar já.

Novo embaraço se lhes quiz oppôs.

Emquanto a guarda avançada de infantaria 16, do commando de Machado Santos, assaltava, ante um ataque da policia, a esquadra do Rato, pondo em fuga os agentes e distribuindo os revolveres aos paisanos, a cauda da columna era alvejada do alto do muro de um quintal junto ao Arco e jardim das Amoreiras.

A investida foi violenta, para se procurar derrubar esse nucleo de revoltados, mais forte em coragem e em fé de que a numero.

Conseguia-o de momento.

O povo apavorava-se e abandonava uma das peças que seguiu, destravada pela rua da Escola Polytechnica.

Bem se reassumia o animo.

O capitão Palla mandava assestar as peças para derrubar o obstaculo.

A infantaria, porém, formando, fez uma descarga e de novo a municipal era vencida.

Ainda sob tiroteio, o revolucionario Augusto Nunes, com o conductor da peça destravada, ia buscal-a, reconduzindo-a até junto dos revoltosos, do palacio Palmella, na rua D. Pedro V, á Avenida.

A causa era do povo e pelo proloquio, o que o povo quer, Deus o quer.

Foi esse incidente o que trouxe confusões, por se julgar terse dado durante o conselho de officiaes, e com base em descripção de João de Moraes Carvella: (*)

«Foi perto da rua de S. João dos Bemcasados que a primeira escaramuça se travou. Porém, tão insignificante ella foi, que os que seguiam atraz mal ouviram alguns tiros, não chegando a precisar de se immiscuirem na contenda. A guarda municipal fôra obrigada a recuar e fugir.»

Desmentiu a veracidade do ataque na rua de S. João dos Bemcasados, um dos chefes revolucionarios, Manuel Lourenço Godinho, dizendo no seu relatorio, já aqui citado:

«Quem ler a exposição feita por este senhor, e que esteja ao facto de como tudo se passou desde a primeira hora em que os regimentos de artilharia 1 e infantaria 16 sahiram para a rua, observa logo que o sr. Carvella não esteve em nenhum dos pontos em que elle affirma ter estado. Em primeiro logar não houve ataque de especie alguma da parte da rua de S. João dos Bemcasados. D'este lado o ataque que houve foi da parte dos

(*) *O Seculo* de 29 de Outubro de 1910.

populares que n'esta rua se achavam, mas com palmas e vivas e muito enthusiasmo.»

Todavia é obvio esclarecer essa confusão nascida das affirmativas de Moraes Carvella, que, de facto, se refere apenas ao ataque do lado do jardim das Amoreiras, em que visada foi a columna do capitão Palla e que apparece descripto de forma a tirar de duvidas, por Gonzaga Pinto, (*) que do nucleo assediado fazia parte:

«Mal tinhamos chegado ahi pelas alturas do Jardim das Amoreiras, quando vieram dizer que a columna ia ser atacada por forças de cavallaria e de infantaria 16, que na quasi totalidade ficara formada no quartel. Tomaram-se immediatamente todas as precauções para deffender a retirada e abrir caminho.

«N'esse sentido uma peça foi collocada, apontando á embocadura da rua de S. João dos Bemcasados e outra em direcção ao jardim. A noite estava escurissima e apagados os candieiros de illuminação publica. A columna que continuava a sua marcha, estendia-se já desde o largo do Rato á Cruz das Almas.

«N'essa altura a fuzilaria inimiga rompeu fogo do lado do jardim publico e dos terrenos separados pelo muro que segue ao longo da rua. Os deffensores da columna fizeram fogo nutrido, prestando optimo serviço as praças de infantaria 16 que nos acompanhavam. O fogo adverso callou-se de prompto.»

O facto apparece de identica fórma exposto por Machado Santos, no seu relatorio.

De obstaculo em obstaculo, mais celere se procurou tornar a desorganisada caminhada, menos impulsiva já em enthusiasmo do que em receios.

No caminho reuniram-se-lhe os grupos de Abilio José Pereira da Silva, Francisco Neves Brosque, Antonio Lopes Pinto, Manuel Ferreira, João Rodrigues da Silva e José Maria Baptista.

Sahindo das Amoreiras, endireitaram á rua Alexandre Herculano.

(*) *Memorias da Revolução*=Pagina 35.

Já então a marcha se tornava de desordenada em reflexo de pavor, phantasiando-se emboscadas a cada volta de esquina.

Breve pois, novo terror se espelhava nos rostos dos revolucionarios e a columna, de tropel, fugia vertiginosamente pela rua Alexandre Herculano, tornejando para a rua Castilho, onde parava aos gritos formidaveis dos officiaes e sargentos, impondo a ordem, para que fracasso não houvesse.

Todavia, as praças escondiam-se junto aos reparos das peças e emquanto os conductores das muares de artilharia se escapavam, a gente civil, ao exemplo da militança, bateu em retirada.

Os graduados procuraram obstar á evasão dos timoratos, buscando subtrahir-se a combater, quando para isso á rua haviam vindo.

Os capitães Sá Cardoso e Palla e o alferes Camacho Brandão, percorreram raivosos o arruamento, tentando a reorganisação aos gritos de:

— Alto! alto! Ordem!

Persuasiva se assignalou ainda a tactica do alferes Quaresma, chamando a si os evadidos, suspendendo-lhes a fuga com o convincente meio:

— Oh filhos! isto assim não pode ser. E' preciso ordem e coragem, de contrario não fazemos nada!

Em desordem comtudo endireitou a gente revoltada pela rua Braamcamp.

D'esse panico não foi sufficientemente descoberta a causa, antes se patenteou ella sempre como envolta em extranheza, pelo capitão Sá Cardoso: (*)

«Na rua Alexandre Herculano deu-se uma scena que ainda agora não comprehendo. Ouvimos ali um enorme tiroteio, não sei se para atacar, se para desmoralisar. Não sei a causa nem o fim d'aquella fuzilaria. O que sei é que se deu o panico, e a columna desmantelou-se e marchou em debandada até á rua Castilho. Ali conseguimos juntal-a, mas ainda assim seguimos em confusão até á Rotunda.»

(*) *O Imparcial* de 14 de Outubro de 1910.

Por seu lado, Machado dos Santos, descreve assim esse terror: (*)

«A columna metteu á rua Alexandre Herculano, em direcção á Avenida, e, n'essa rua estabeleceu-se um panico tão grande que difficil foi reorganisar o pelotão para repellir o ataque do inimigo. O elemento civil baralhando se com a tropa, impedia os movimentos d'esta e teimando em conservar-se junto dos soldados tornava difficil o commando.»

Pretendeu esclarecer (**) esse ponto, a descripção do chefe revolucionario João de Moraes Carvella, assignalando um ataque não citado aliás nos varios outros relatorios com responsabilidade official de auctoria:

«Continuando o andamento, nada mais de novo succedeu até á Braamcamp Freire. Foi aqui que a cavallaria da guarda municipal voltou a incommodar-nos.

«Estava na Rotunda e nós desciamos a referida arteria. Este recontro foi mais renhido do que o antecedente. O ataque fôra inopinado, e entre os nossos estabeleceu-se certa confusão a ponto mesmo de se darem tiros a torto e a direito, correndo todos o risco de ficarem sob as balas dos seus.

«Eu proprio, para escapar, tive de me deitar de bruços. Mas a artilharia conseguiu assestar uma peça e fazer fogo. O inimigo, deixando alguns cavallos mortos, fugiu precipitadamente, deixando-nos livre a entrada na Avenida, de onde foramos atacados, e de onde iamos nós atacar de certa hora em deante.»

Identicamente falla o sargento Gonzaga Pinto, evocando ainda o testemunho do cabo 49, José Martins, da 1.ª bateria, assignalando ambos um ataque da cavallaria e infantaria da guarda municipal, que, subindo a calçada do Salitre teriam assaltado a rectaguarda da columna.

Deu-se até como feito tiroteio de resposta ao da municipal, o que não apparece relatado em nenhum dos relatorios dos officiaes directores d'essa forçada marcha, não servindo mesmo de

(*) «A Revolução Portugueza»=Relatorio de Machado Santos. = Pagina 70.

(**) *O Seculo* de 29 de Outubro de 1910.

desculpa, o facto do commissario naval Machado Santos, seguir na avançada, pois o ataque, annotado como superior a cinco minutos, decerto conhecido seria dos pelotões que á frente caminhavam.

Sem responsabilidade de auctor, apparecia assignalado esse combate, sob o titulo: «Ecos da Revolução» e sub-titulos «No campo revolucionario da Rotunda — Notas d'um revolucionario que seguiu todas as fases do combate:» (*)

«Seriam 2 horas da madrugada. A cidade não apresentava ainda signais de alteração, tendo as ruas o movimento normal e denotando apenas surpreza e um certo receio nos transeuntes. As tropas revolucionarias seguiam animadas, excitadas pelo primeiro fogo, soltando vivas á Republica e agitando bandeiras vermelhas e verdes. No largo do Rato tiveram uma pequena escaramuça com a policia da esquadra local, que estupida e desvairadamente pretendeu tomar-lhes o passo. Então seguia já á frente, de espada desembainhada, com a sua farda de marinha e a cavallo, o tenente Machado Santos.

«Presentindo a cavallaria da municipal em grande effectivo tomou rapidamente posições, de acôrdo com os officiaes de artilharia e assim pudemos dar batalha com vantagem aos dois esquadrões aguerridos de cavalleiros que pretendiam guardar aquelle admiravel ponto estrategico até á chegada de outras forças fieis ao regime monarchico. Cêrca das 3 horas da madrugada a cavallaria retirava em desordem, deixando muitos feridos e grande numero de cavallos mortos e vivos.»

Por seu turno, ainda José Antonio dos Santos Belem, registava uma descarga sobre a avançada da columna, pelas forças de artilharia 1, da rectaguarda, feita por engano, devido a ser tomada pelo inimigo.

Vamos agora ver a formal contradicta ás citadas «notas de um revolucionario».

E' certo que se deu o sobresalto, não explicado por Machado Santos, marchando na vanguarda da columna e devendo ser

---

(*) O *Mundo* de 7 de Outubro de 1910.

o primeiro a constatar o facto e até dado como o promotor de esse ataque.

Teria nascido essa evolução retrograda, do ataque á municipal, na Rotunda, por bombas, parecendo aos revolucionarios que para ali marchavam, o inicio de um canhoneio contra elles?

Relatado apparecia assim esse episodio:

«Artilharia 1 e infantaria 16 avançavam, perto, e, sabendo da posição tomada pela guarda pretoriana, marchavam cautelo-

SARGENTO MATHIAS DOS SANTOS

samente, pois se reconhecia a superioridade incontestavel que lhe dera o local.

«Eu, por um mero acaso, estava perto, e fazia já comigo mesmo a previsão d'um combate terrivel, que seria o encontro das forças n'esse local de excepção, quando, subitamente, oiço um formidavel estampido e logo outro, e outro...

«Immediatamente vejo, a toda a roda da força acampada, algumas formas abaixarem-se; eram cavallos que cahiam, certamente feridos muito em cheio. Ao mesmo tempo nas fileiras faz-se uma desordem indiscriptivel. Os soldados lançam os ca-

vallos n'uma fuga desordenada, em quanto outros, cujas montadas tinham sido attingidas, fugiam dando gritos de horror, e deixando no chão as pistolas e as espadas, que na corrida saltavam da bainha...»

Quanto á affirmativa de Moraes Carvella não soffreu desmentido, e poderia deduzir-se que o assalto despercebido passou, na marcha desorganisada, a alguns dos chefes do movimento, se o não tivessem dado como intenso, e renhido.

Mas, parece certo que foi o estampido das bombas a base da fuga dos grupos que retrocediam da Lapa.

N'essa desorientada corrida, endireitavam á Rotunda.

IX

A dynamite em acção — Novo destroço da guarda municipal. — Entrada na Rotunda. = Primeiros desanimos. = Intenta-se uma marcha sobre o Rocio. = Recontro com a municipal. = Retrocesso da columna revoltosa de Machado Santos. = Um lance da revolução. — Forma-se a barricada. — Deserções. — Destino incerto!

Pouco antes, a rotunda, fôra abandonada, pela policia, que chegou a estar escondida, receosa, n'uma mina do Casal do Monte Almeida.

A cavallaria da municipal tomava posse do logar, promovendo sanguinolenta dispersão do elemento popular.

Ao avançar dos grupos revoltados tentou uma sortida.

Seria uma hecatombe dos revoltosos.

Subito um popular surgiu e desafiou a guarda, isolada.

Apontaram-lhe os revolvers.

A descarga encontrou o vacuo e o herce, em revindicta suprema, arremessou para a frente dos cavallos, em dois unicos gestos, quatro bombas.

A explosão foi medonha e os resultados fataes.

A municipal semi-trucidada, fugia a galope desfechado, abandonando no campo os restos mutilados dos seus camaradas.

O acto arrojado era attribuido depois ao jornalista, redactor da «Capital» Francisco Xavier Carregal da Silva Passos, chefe do grupo «Redempção» mas sem que bem definida ficasse a sua attitude ali.

De facto, o seu auctor não ficou sufficientemente collocado em foco.

Foi esse lance a origem da dispersão da avançada columna que retrocedeu da Lapa.

Operara esse momento de receio a ignorancia da scena, que appareceu assim descripta, (*) como contradicta ao celebre allegado combate das forças para a posse da Rotunda:

«Vi já escripto — diz o nosso leitor — que foi infantaria 16 quem desalojou as forças da guarda municipal acampadas na Rotunda da Avenida.

«Não é verdade, e posso-o dizer com a segurança de quem «tendo visto» como as coisas se passaram, pode por isso testemunhar com clareza. Quem realisou esse milagre, que a muitos espantou, pela conta de valentia e boa organisação em que estava tida a guarda, foi um popular, «um unico».

«E' essa uma scena que nunca mais me esquecerá. A guarda tinha acampado havia minutos, e de ouvido á escuta, e pistolas aperradas, esperava o momento propicio para o ataque.

«Um quarto e ultimo estampido se ouviu, mas, a esse momento, já as forças iam longe, em debandada, sem disciplina e sem ordem.

«E' então que apparece, dominando o largo, um homem, um popular, que, sósinho em meio da desordem, parecia contemplar com orgulho o campo da devastação. Aquelle individuo com quatro bombas de dynamite bem aproveitadas, acaba de inflingir á queda da monarchia a primeira grande derrota...

«D'ahi a pouco chegavam as forças revolucionarias, que acampavam em socego dominando a cidade.

Não houve realmente esse combate para a posse da Rotunda pelas forças revoltosas, e prova-o o silencio n'essa parte, do relatorio (**) do capitão Affonso Palla, ao referir a marcha sobre a Avenida, e registando ainda um equivoco flagrante no caso da rua Castilho:

(*) *O Paiz* de 18 de Outubro de 1910.
(**) Adeante nos referiremos mais desenvolvidamente a esse relatorio.

«Ao chegarmos á rua Castilho, a columna foi novamente atacada por um tiroteio vivissimo. Os soldados conductores apearam se, desapparecendo um grande numero d'elles, emquanto a infantaria e os civis faziam um tiroteio desordenado, não se sabendo para quem, nem para onde. Notando que tinha havido confusão, corri de um lado para outro, mandando cessar fogo, ordem que foi promptamente obedecida, reorganisando-se de novo a columna, que proseguiu a sua marcha em direcção á Rotunda.»

Variavel é a hora assignalada como a da chegada á Rotunda e se Santos Belem, a dá como sendo ás 5 horas, e Machado Santos, ao romper da madrugada, outros, com menos bases todavia, a disseram feita ás 3 horas e meia. (*)

Certo é porém que se effectuou pouco depois das 4 horas.

Acampavam no local onde se estabelecera a feira de Agosto.

Como que para os receber em festa, achavam-se ainda todos os mastros embandeirados e engrinaldados.

Foi de alegria essa impressão, a despeito do critico instante de indecisões.

A coincidencia, comtudo, era animante.

Acampavam na Avenida da Liberdade, como que a prophetisar essa liberdade que ali os jungia.

Seria ella o baluarte, d'onde só sahiriam para o acclamar de Republica.

Estava ali a annunciada reivindicação popular-portugueza.

Mais sublime do que a franceza, mais nobre e altiva do que ella, colhidos os louros, não dançaria sobre o sangue quente das victimas dos contrarios, mas sim collocaria nas mãos dos vencidos a haste, significativa, da oliveira apaziguadora.

Entrando na Rotunda, já o enthusiasmo não era o da sahida de infantaria 16.

Notado foi esse evidente desanimo ante o socego apparente da cidade.

O capitão Sá Cardoso, arengando aos revolucionarios civis e militares, ácerca das responsabilidades que a todos irmanava,

---

(*) *Para a Historia da Revolução*, por Teixeira de Sousa.=Pagina 239.

apontava que só decidida união e coragem promoveriam o effectivar do projecto que ali os trouxera, salvando-os das conti gencias futuras.

De boa ordem se deram os conselhos, mas poucas horas decorridas, era esse official quem, com outros, abandonava o perigoso posto, emquanto os civis e soldados n'elle se mantinham arriscando a vida e o futuro, ou tendo como minima visão de desgraça, o presidio.

O descanço na tomada posição curto foi, quasi meia hora.

Machado Santos, então ainda subalterno na Rotunda, recebeu pelo capitão Affonso Palla, ordem para, em filas singelas, marchar sobre o Rocio, costeando os predios do lado oriental da Avenida, emquanto outro troço desceria pelo occidental, deixando livre os centros á acção dos canhões do acampamento, onde se procurara antes pôr em foco a artilharia, e collocar em forma a infantaria com 50 atiradores civis, unicos, pela debandada do resto.

Preparou-se n'essa altura a sortida da municipal.

Em socego relativo seguia a columna de Machado Santos, até perto do coreto quando a guarda, salva do effeito das bombas que da Rotunda a desalojáram, mas reagindo sempre, surgiu em ataque impectuoso.

Cheia de teimosia, e verdadeira heroica luctadora pela causa monarchica, tentou como leal, ao ponto de que para a revolta apenas deu o musico de 3.ª classe Augusto Cesar Loureiro e o soldado da 4.ª companhia, José Francisco, (*) — com um minguado nucleo, resto do destroçado de momento antes, uma sortida ao acampamento, ainda em desorganisação e sem defesa preparada.

Vejamos, inicialmente a descripção que do assalto fez o estrangeiro: (**)

«No tarda en precipitarse freneticamente sobre la Rotunda la masa de ginetes, y comienzá á raventar á su pas bombas.

(*) Relatorio de Machado Santos. = Pagina 92.

(**) Como cae un trono.=«La Revolucion en Portugal», por Augusto Vivero y Antonio de La Villa.=Pagina 138.

El campamento se corona de humo. La fusileria estalla violentamente, y tres granadas revientan sobre el alud de soldados, que vacila, se detiene, y al fin, huye hacia Rocio, sin percatarse de que en la Rotunda reina loca desorden, y no, decierto, por los estragos que ha producido la guardia municipal y que se reducen a un muerto aun cuando la terrible tropa llego á unos 50 metros de campamento revolucionario. Reina loca desorden y asi como los fuerzas leales huyen á uña de caballo, nutrido contingente de los revoltosos desampara una de las prezas y se dá á correr, todo aterrorizado.»

Eram quasi cinco horas da madrugada.

Ao conhecer do perigo, o pelotão do 16, da chefia de Machado Santos, formava em angulo para repellir a investida, prevendo o auxilio da força que do lado opposto devia seguir, facilitando-lhe o proseguir da avançada sobre a Praça de D. Pedro.

Apercebida foi porém a deserção d'esse contingente, evolucionando já a caminho da Rotunda.

Era novo empecilho á revolta.

Novo mallogro e nova visão de hecatombe.

No alto da Avenida soubera-se já da situação critica, a despeito da desordem que no acampamento reinava.

Um rapazito, correndo, levava ali o aviso do avanço da guarda, Avenida acima, occulta pelas palmeiras e conduzindo á mão os cavallos.

O troço descendente dos revoltosos e que foi surprehendido teve o alarme por uma descarga, pelas carabinas.

Nova deserção de praças e populares, se lhe seguiu, ficando apenas a uma das peças o capitão Palla, a cavallo, o soldado 51 de artilharia 1 e o 1.º cabo José Martins.

Comprehendeu este a derrocada.

Tudo desorientado, com poucos se podia contar.

Assestou a peça a primeira que na Rotunda entrou em acção.

Dirigiu-se a Affonso Palla, visto urgir actuar:

— Meu capitão, faço fogo!

— Fogo! ordenou o official. .

Trez granadas, fenderam os ares, quasi simultaneamente.

A guarda era colhida, em face mesmo do embryonario acampamento, vencido se pelo ataque désse cinco minutos mais tarde.

Produziram porém effeito seguro junto do pelotão, que soffriam perdas em cavallos e em soldados.

A metralha e apoz a fuzilaria, por um pelotão do 16, do commando do cadete João Ribeiro Gomes fez retroceder os assaltantes que chegaram a ficar distanciados do acampamento apenas 50 metros.

Destroçados, abandonaram no campo, com os cavalleiros feridos ou mortos, os corseis inanimados.

Outros iam, de tropel, parar á Rotunda, onde um chegava até arrastando a perna partida.

Para alarme, ao quartel do Carmo foi levado aviso de que do encontro da municipal com as forças do Alto da Avenida, resultára o desbarato completo do 4.º esquadrão.

Breve se desfazia o exagero pelo regresso ali de 3 soldados, salvos da manobra e que constataram haver-se dado o facto com um pelotão da guarda, effectivamente destroçado.

Era a obra salvadora do baluarte dos revoltados feita pelo cabo Martins.

Mais tarde, vel-o-hemos 2.º sargento por distincção, detido (3 de Fevereiro de 1912) como accusado de fazer parte de um golpe de estado republicano, sendo promotor do processo o mesmo capitão José Affonso Palla, como elle batalhador da Rotunda, e n'essa hora, accusador, como official da policia militar, embora accusado de identico delicto em exposição do sargento Martins ao juiz auditor do 2.º tribunal da 1.ª divisão do exercito: (*)

«Ex.mo Sr. Juiz auditor do 2.º tribunal da 1.ª Divisão do Exercito:

«José Martins, 2.º sargento de artilharia, preso na Casa da Reclusão da 1.ª Divisão do Exercito, tendo tido conhecimento que o 1.º sargento Manuel Ricardo Guerreiro, apresentou a V. Ex.ª uma exposição referindo affirmações feitas pelo 2.º sargento

(*) *A Alvarada* de 29 de Setembro de 1912.

José Joaquim dos Santos Callado, e pelas quaes não era licito duvidar da innocencia do expoente; e, constando lhe que o mesmo 1.º sargento, retirou por motivos que ignora, a sua exposição, vem até V. Ex.ª pedir que a bem da justiça, seja inquirida a veracidade das declarações do referido 2.º sargento Callado, que o expoente com outros camaradas, que podem servir de testemunhas, ouviu e são mais ou menos as seguintes:

«1.º — Que o sr. capitão José Affonso Palla, era chefe d'um grupo que pretendia um golpe de Estado, por isso o incumbira a elle Callado de varias diligencias para descobrir os movimentos d'um outro grupo dirigido pelo sr. capitão Cabrita, e que cumpriu com competencia todas estas ordens.

«2.º — Que todos os sargentos que constam do corpo de delicto em que está incluido o expoente, estão innocentes, e por isso não deviam estar presos, mas sim os verdadeiros culpados, que elle Callado muito bem conhece indicando os nomes de varios srs officiaes.

«3.º — Que um soldado lhe contou, que estando n'um jardim, já de noite, em sitio occulto ouvira dois officiaes do seu regimento (artilharia 1) fallarem sobre o golpe de Estado que elle Callado como entendesse que era um caso de muita gravidade o que o soldado lhe contava, deu d'elle parte ao commandante do regimento. Que passado algum tempo, o soldado foi transferido para o Ultramar, o que elle Callado achou bastante extranho, e

«4.º — Indicou que, em casa de D. Rosa de Queluz, e na rua Augusta n.º 75, 2.º, havia reuniões em que se tratava do golpe de Estado; que a entrada d'uma bateria do grupo a cavallo, no quartel de artilharia n.º 1, era a senha para o mesmo golpe de Estado.

« — Que o almoxarife do palacio da Ajuda, Armando Porphirio Rodrigues, sargento-ajudante Gomes e os 2.ºs sargentos Salvação e Delrisco, de cavallaria 4, estavam ligados com os elementos de artilharia 1 e com os quaes o referido 2.º sargento Callado, tinha ordem de se entender, e

«6.º — Que quando fez estas declarações, era para provar que estava na posse de tudo que se passava e que podia proval-o

com datas, horas e varios documentos que tem em seu poder, dentro de uma mala.

«7.º — Que em certa occasião encontrou o sr. capitão Cabrita em automovel acompanhado pelo almoxarife do palacio da Ajuda, Armando Porphirio Rodrigues, e que muitas mais vezes os encontrou conversando, ficando elle Callado, bastante admirado quando perguntou ao mesmo sr. Capitão, se conhecia aquelle paizano e recebeu resposta negativa, fazendo elle Callado, do caso um certo mysterio.

«8.º — Que uma noite que não se recorda, seriam 2 horas, viu um individuo da classe civil acompanhado pelo sr. tenente Mello Nobre e depois pelo referido sr. capitão Cabrita, ouvindo dizer a um d'elles que era para jogar o dominó e a outro que por aquelle caminho (portão do paiol) ser mais perto.

«9.º — Que prevenido, digo prevenindo, em 10 de janeiro do corrente anno, o sr. capitão Cabrita de que o accusavam de fazer parte d'um golpe de Estado, este senhor lhe respondeu que já sabia que era accusado de tentar esse golpe de Estado, mas que no dia seguinte faria um desmentido nos jornaes. Que no dia seguinte lendo varios jornaes não encontrou o referido desmentido; que encontrando se, na escada da secretaria, com o referido capitão, lhe fallou no promettido desmentido, dizendo-lhe que os jornaes em tal caso não fallavam; recebeu como resposta que reflectindo melhor, achou conveniente não publicar nada a tal respeito, mas quando qualquer pessoa lhe dissesse — o sr. capitão Cabrita faz parte de um complot — a desmentisse terminantemente; que foi ao referido sr. capitão Cabrita, que ouviu pela primeira vez, fallar em golpe de Estado.

«10.º — Que para pertencer a um dos grupos se fazia um juramento por escripto; que elle Callado tambem o fez, recebendo n'essa occasião um, feito por outro sargento. Que pessoa que fizesse este juramento não podia ainda depois de desligado do grupo, fazer quaesquer revelações, dizendo mais uma vez n'esta altura que possuia varios documentos e que se os não tivesse nada diria.

«11.º — Que o ataque premeditado ao quartel de artilharia 1, era dirigido pelo sr. tenente Pimentel, da Guarda Nacional

Republicana, e que este sr. receberia como recompensa a promoção a capitão.

«12.° — Sendo chamado ao telephone d'esta casa de reclusão em 9, o 2.° sargento Callado declarou fallar com o sr. commandante de artilharia 1 e capitão Palla; na volta disse que se elles viessem com o golpe de Estado que os escachava; passado algum tempo rasgou varios papeis que possuia n'um sacco, mostrando-se bastante agitado.

«13.° — Que elle 2.° sargento Callado foi, por occasião da ultima greve dos electricos, alliciado pelo sr. capitão Cabrita para a continuação do golpe de Estado que estava projectado para janeiro do anno corrente.

«14.° — Que ouviu pela primeira vez dizer ao 1.° sargento Humberto de Sousa Mello, em 10 de janeiro, que o sr. major Bastos, chefe do estado-maior e o sr. capitão Cabrita, faziam parte de um golpe de Estado. — (a) *José Martins*, 2.° sargento.»

Retrocedendo ao primeiro ataque da Rotunda.

A deserção da força que devia seguir paralella á rua, impoz a Machado Santos o rapido recuar até ao acampamento, para ir formar na Praça Marquez de Pombal, mantendo a defeza das embocaduras das Avenidas Duque de Loulé e Fontes Pereira de Mello.

Desistindo da marcha sobre o Rocio, mas pondo em debandada os que se pretendiam reapossar do ponto culminante da Avenida, a Revolução assumia, de facto, os direitos da tomadia da Rotunda.

As communicações com as ruas que com ella ligavam, eram logo guarnecidas, emquanto a infantaria se entrincheirava nos atalhos postoriores da Feira de Agosto.

Pouco passava das cinco horas da manhã.

Um ataque, do lado do Matadouro Municipal, e ainda e sempre pela guarda municipal, era inutilisado com um tiro de peça.

Havia barricadas feitas.

Tudo serviu: bancos, cadeiras, o madeiramento de algumas desfeitas barracas, emquanto outras se transformavam em tendas de campanha.

Entre descantes revolucionarios se vae carregando a metralha.

Um grupo se destacou indo liquidar a esquadra de policia da Rua Rosa Araujo. Os agentes eram desarmados, debandando em paz uns e adherindo outros.

Na lucta houve um desastre.

Um dos civis, caiu esphacelado pela explosão de uma bomba que deixou cahir.

As vedetas bradavam:

— Quem vive?

Eram detidos e collocados, com armas, na linha de fogo, os paizanos desconhecidos em transito ao alcançe dos vigias.

O subdito francez, Gustavo Matre, engenheiro, arvorava logo na sua casa da Torrinha, a respectiva bandeira, convidando os revoltosos a respeital-a.

Dentro do acampamento Machado Santos a cavallo, percorria toda a linha de defeza ladeado por dois sargentos, dando as ordens para previstos ataques.

Collocou-se uma peça em cada uma das embocaduras do acampamento, em frente da rua Braamcamp, Avenidas Fontes Pereira de Mello e Duque de Loulé, e ruas oriental e occidental da Avenida da Liberdade e frente ás terras de Campolide.

A sua guarda e acção éra confiada ao resto das forças do 16 de infantaria e aos populares que restavam, não muitos, porque outros haviam já abandonado o posto, e entre elles, o chefe João de Moraes Carvella: (*)

«Uma vez na Rotunda, assestámos as peças nas direcções já conhecidas e passou-se depois o que já é dominio publico, e, portanto, de desnecessaria rememoração.

«Devido ao excesso de trabalho, fui assaltado de uma colica e, por consequencia, invalidado para o combate, tendo de retirar. Não o fiz, porém, sem deixar a minha arma a um atirador de confiança, que quasi a chorar, me supplicava que não desse a outrem.»

Mais outros desapparecimentos se iriam dando, embora

(*) *O Seculo* de 29 de Outubro de 1910.

mais tarde nascessem controversias singulares, onde apoz o assalto de sediciosos á conquista da victoria do ideal, vinha o assalto á conquista de prioridades ou notoriedades d'essa lucta da audacia contra a quasi indifferença.

Se alguns fugiram, outros surgiram a tudo dispostos.

A' barricada chegava, para a lucta, o revolucionario Americo Lopes de Oliveira, da loja ·. · *Montanha.*

Curioso depoimento (*) é o d'esse ingresso na Rotunda, se não pelo lado guerreiro, pelo definir do estado moral de alguns dos combatentes das horas em que tudo era perigos:

« — Eu tinha entrado em casa muito excitado, como você calcula. Era a morte do Bombarda, era o signal para a Revolução... A minha companheira — a minha mulher — percebeu qualquer coisa... «Nada, ahi ha segredo valente...»

«Procurei distrahil-a d'aquillo, e, á noite fui-me estender sobre a cama, a descançar uns minutos... Depois mudei de fato, puz uma flor no casaco. Porque não? Entraria em fogo de flor ao peito, galhardamente, como numa previsão segura de triumpho... Mas a minha mulher viu: mudança de fato, áquella hora... Chapeu desabado, collarinho molle... «Ah! comprehendo tudo! E' hoje a Revolução e tu vaes para a rua!»

«Diabo! Tomei-a a mim, abracei-a: Minha amiga... minha querida amiga! E' o dever. E' a honra!» Palavras d'estas, quando pronunciadas n'um momento solemne, não são indifferentes a uma mulher.

«Sim, tens razão, parte! Mas, Americo: lembra-te... dos nossos filhos!»

«Foi o momento terrivel. E' verdade, o meu Alvaro! E o outro que eu ainda não vira, e nasceria d'ahi a um mez! Se eu não voltasse! O pequeno dormia, entrei-lhe pelo quarto dentro... Foi um beijo só... Um unico... Mas que beijo! Quando sahia, pareceu-me que eu tinha sorvido a carne, e os nervos, e o sangue todo d'elle... Mas — coisa curiosa! — á maneira que eu avançava, e me approximava da Rotunda, formava-se em mim uma grande tranquilidade e o pensamento que

---

(*) *A Republica* de 5 de Outubro de 1911.

me dominava, não era já a ideia de vêr o meu filho, mas a de ver triumphante a Revolução! Que concluir? Que o pae abdicava, em prol do patriota? Não lh'o sei dizer: o que lhe garanto é que ninguem amará mais o seu filho do que eu amo este que aqui tenho, o meu Alvaro. . .

«Mas que quer? Lembrava-me de que, deixar um nome honrado, é já quasi tanto, para o filho, como deixar-lhe o pae... vivo!»

Para lá iam, egualmente, por falta de armas para a sua missão de assalto aos quarteis, os revolucionarios Telles de Lemos, Rodrigues Simões, dr. Carlos Amaro e professor Antonio Francisco dos Santos, este fazendo parte da *barraca Garibaldi*, da C∴ P∴

A mulher portugueza tambem quiz quinhoar do posto arriscado.

Desfeito o plano da cathechisação da engenharia e detido o chefe de barraca José Antonio de Oliveira, o Oliveira *dos bonets*, a mulher, Maria de Oliveira, vinha de abalada até ao alto da Avenida, para gritar ao primeiro official que se lhe deparou:

— Sr. Machado Santos, aqui me tem!

A' falta de armas, era-lhe entregue a missão de propaganda junto das tropas do Rocio.

Enveredando pela Avenida abaixo, cumpril-a-hia, incitando á rebellião, pela republica, as praças e sargentos:

«Do acampamento mette Avenida abaixo, embrenha-se entre os soldados que, desde a praça dos Restauradores até á embocadura das ruas Augusta e do Ouro, esperam ordens do quartel general. Ahi, corre, vôa, vae d'um lado ao outro, falando aos soldados e aos sargentos. A sua palavra é persuasiva, abala, convence. Fala na patria enlameada, a pedir que a regenerem, invoca a historia aviltante de sessenta annos de monarchia.

«Camaradas, lembrem-se de que são portuguezes, e que Portugal quer andar para deante!» (*)

Regressou porém sem que coroados de exito visse os seus exforços.

(*) *A Republica* de 5 de Outubro de 1910.

No acampamento, no ultimo poste dos electricos, fluctuava já uma bandeira verde e vermelha, tendo ao centro, em branco, um barrete phrigio.

As sombras da madrugada iam cedendo o logar ás primeiras claridades matutinas e as aves cruzavam-se assustadas por sobre o guerreiro baluarte, que se aprestava para um ignorado fim.

Quem sabia se uma derrota!...

E o que haveria nos navios?

E em Alcantara!

Deixando o alto da Avenida, vamos perscrutar os meandros da revolta a bordo, visto que d'ali partiu o signal para os successos que precederam a tomadia do quartel de marinheiros.

Abandonemos de instante o posto principal da sedição onde o nascer da alva envolvia nas suas meias tintas, os primeiros vultos desanimados.

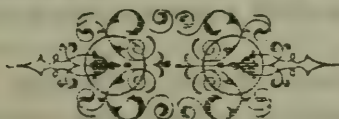
Não havia reforços.

Não havia mais adhesões do exercito nem se sabia da armada.

Dos primeiros, muitos mesmo retrocederam, pois o embate da municipal, a visão terrorifica de uma chacina, trouxera larga copia de deserções.

Só o povo se manteve bem unido, se bem que desalentado.

Comtudo, depois das 5 horas da manhã, não deixavam de saudar, na passagem, com dois tiros de peça postada na Avenida Duque de Loulé, o esquadrão da municipal que pela rua de S. Sebastião da Pedreira, ia guardar a casa do chefe do governo.

A partida estava a jogar-se, e o destino que a ella presidia, conservava o seu enygmatico sorriso de sempre...

X

A sedição no «Adamastor». = A revolta a bordo do «S. Raphael». = A lucta contra os officiaes = Detenção dos graduados. = Episodios da tomadia. = A bordo do «D. Carlos». = Situação extranha = A fragata «D. Fernando». = No «Pero de Alemquer», no «Berrio» e na corveta «Mindello».

' marinha foi entregue um papel importante na projectada revolta.

D'ella viera até o estribilho revolucionario do *pontapé na bola*, nascido do facto de na instrucção de jogos desportivos, se incluir o de *foot ball*, traduzido livremente pela phrase que tornou os iniciados conhecidos entre si.

O leccionamento era aproveitado para propaganda sediciosa e saliente essa juncção de attribuições, nasceu, como senha, depois approvada pela junta superior revolucionaria, o *thema* de *pontapé na bola.*

Da armada devia partir o signal para o movimento.

Não chegou até ella a ordem para a annunciadora salva de 31 tiros, mas, recordadas anteriores determinações, seria feita a de 3.

A phantasia chegou, é certo, a dar como ouvida na cidade. e talvez por suggestão do projecto feito, uma salva de 31 tiros, á 1 hora e trez quartos da madrugada e destinada a saúdar a bandeira da Republica hasteada no *D. Carlos*.

Visava mais a alentar desanimados, doque a constituir informação integra, pois não só elles se não deram, como o cruzador não içára a flammula democratica, o que apenas fez pela violencia, na noite seguinte, a de 4.

Foi o *Adamastor*, o primeiro navio a assumir as responsabilidades da sedição naval.

A bordo estavam de serviço os 2.os tenentes João Mendes Cabeçadas Junior e Saldanha, este de quarto.

A' meia noite recebeu elle a ordem de prevenção, levada até ali por um official, n'um vapor do arsenal.

A eterna duvida sobre a efficacia das tenções republicanas, fez-lhe desprezar o facto, extranhavel, de o officio, confidencial, lhe ser entregue aberto.

Necessitava comtudo de communicar em carta as determinações superiores ao commandante e notifical-as egualmente aos mais officiaes.

Foi logo para a secretaria redigir á machina a circular de regresso aos camaradas e o aviso ás praças de licença para que recolhessem.

Apoz a participação ao commandante, encetou o serviço pela circular:

«Aviso — Ao official Almeida Henriques do cruzador *Adamastor*. — Do official de serviço do cruzador *Adamastor*. — Por ordem superior deve apresentar se a bordo d'este navio ás — horas, devendo para esse fim sollicitar um vapor do arsenal — Bordo do *Adamastor*, 4 de Outubro de 1910. — O official de serviço. — A. D. Saldanha. — 2.° tenente.»

Feitos alguns, a uma praça era commettido o encargo de os levar ao commandante, capitão de fragata Luiz Antonio Aprá.

O marinheiro, n'um escaler, endireitou ao Arsenal, onde, encontrando o 2.° tenente Aragão e Mello e por elle interrogado, declinou o serviço que ia fazer: a entrega de avisos de prevenção.

Quiz-se attribuir a esse facto, o desanimo levado ao Caes do Gaz pelo official, pertencendo á guarnição do *Adamastor*

Pode elle, talvez, ter auxiliado o desespero do almirante

Candido Reis, mas é certo haver-se allegado (*) para a attitude as más novas sobre infantaria 16, não se fallando sequer nos navios de guerra.

Curioso é comtudo reproduzir essa versão (**) dada como origem do mallogro do embarque do Caes do Gaz.

«O 2.º tenente Aragão e Mello, decerto na excitação natural do momento, ao saber pela praça do *Adamastor*, a que elle tambem pertencia, que o navio estava de prevenção, suppôs que a bordo já estivessem mais officiaes do que os tenentes Saldanha e Cabeçadas com o que o revolucionario contava, imaginou talvez que se haviam adoptado providencias que lhe desmanchassem o plano da tomada do navio, e viu tudo gorado.

«Não dispôs, comprehende-se, de serenidade para ligar aos avisos de prevenção a pouca importancia que, para indicio de contra-revolução, elles continham. Esses avisos eram o pão nosso de cada dia, desde Fevereiro de 1908 para cá

«Toda a acção dos governos se limitava a prender nos navios e quarteis as praças de terra e mar, e a deixar andar á solta a Revolução.

«Mas o tenente Aragão e Mello, nervoso, pouco confiante, desanimou, e em vez de arrancar á praça os avisos que elle ia levar aos officiaes do *Adamastor*, deixou seguir os avisos, e foi levar anciosamente o seu desanimo ao chefe militar.

« — Está tudo perdido!»

O trabalho de instrucção, não executado pelo tenente Francisco de Aragão e Mello, foi fielmente posto em pratica pelo marinheiro, não se apressando na entrega dos avisos, de fórma a obstar a que os officiaes se apresentassem cedo no navio, difficultando o movimento.

Assim, o capitão de fragata, só quiz aportar ao cruzador, quando a victoria estava ganha e os outros nem ali chegaram a ir, por tardia vinda e julgado irremediavel mal.

Emquanto o marujo ia apresentar os avisos ao commandante Luiz Aprá, que no local destinado ás horas, escrevia a

(*) Vide pagina 146 d'este volume.
(**) «Diario dos Vencidos» por Joaquim Leitão.—Pagina 128.

palavra *já*, para que immediato fosse o regresso a bordo, aqui continuava o tenente Saldanha a tracejar as restantes communicações.

O plano resultaria nullo.

A volta aos navios não se poderia effectuar, já pelo interceptar das circulares, na sua quasi totalidade, já pela retirada das embarcações.

A tripulação, estava álerta, pois para a revolta fôra prevenida ás 11 horas e meia da noite da vespera, na feira de Agosto, pelo commissario naval Machado Santos, que ao cabo torpedeiro Carlos dos Reis Cadete, entregava ainda trez bandeiras, destinadas ao *Adamastor*, ao *S. Raphael* e ao *D. Carlos*, e que no dia 3 fizera ainda aviso ao 2.º sargento Costa Lima.

Improductivos eram portanto os cuidados do tenente Saldanha.

Junto a elle, sentou-se o tenente Cabeçadas, seguindo com sorriso mysterioso, os trabalhos do seu companheiro de serviço.

Magro, de bigode louro, olhar irrequieto, sublinhou com um encolher de hombros, as descrenças do camarada, citando a inutilidade das continuas e injustificadas prevenções.

A bordo havia silencio completo, glacial, indifferente até as ordens emanadas da majoria general.

Mal o tenente Saldanha traçava mais alguns avisos, era-lhe participado por um sargento:

— Sr. Tenente! Chegaram as licenças, com praças a mais!

O facto, trivial, aliás, n'outras occasiões, devia n'aquelle ordenado regimen preventivo, suscitar uma fiscalisação attenta.

D'ella se não recordou o official, limitando-se a ordenar socego e a embrenhar-se na tarefa escusada.

Era meia noite e meia hora.

Quinze minutos depois, á hora precisa em que em terra os carbonarios iniciavam a marcha sobre infantaria 16, o cabo Carlos dos Reis Cadete, com os 2.os sargentos, Antonio da Costa Lima, José de Pinho Alves e José Antonio da Silva, 1.º contra-mestre João de Almeida Mattos, cabos artilheiros Silvestre Fernandes, José Nobre e José Fillippe Morgadinho; cabo timo-

neiro signaleiro, Antonio Paes Gomes Junior, 2.° conductor, Francisco de Salles Barreto e dispenseiro Carlos José Guerreiro davam o grito de revolta, afluindo em massa, á ré, com a marinhagem.

O tenente Saldanha, só então sentiu abaladas as suas descrenças e pretendeu remediar os erros d'ellas nascidos.

Sahiu rapido da secretaria, onde imperturbavel ficáva o tenente Cabeçadas e tentou, ao passar pelo armeiro, lançar a mão a uma carabina.

Affastaram-no, emquanto uma voz sôava do grupo dos amotinados:

— Se o sr. tenente dá mais um passo, morre!

— Hei de dar quantos passos quizer!

Deixaram-no seguir e apparecer na tolda, onde de relance avaliou o que se desenrolava.

Comprehendeu que se procedera tarde e só então se recordou egualmente do facto pouco tranquilisador, da abertura do officio confidencial sobre prevenções.

Comtudo, apresentava-se ante a marinhagem em revolta e que se não acalmou á sua apparição.

— Que se passa?

A maruja, sem se desconcertar, retrucou:

— Passa que isto não póde continuar assim. Queremos outra cousa!

— Qual?

— A Republica!

Quiz oppôr uma resistencia, procurando concertar-se com o tenente Cabeçadas.

Não o viu.

Procurou descer para o seu camarote.

As praças, orientadas pelos sargentos Antonio da Costa Lima e José Pinho Alves, sob a direcção, occulta, do 2.° tenente José Mendes Cabeçadas Junior, haviam já sido collocadas como sentinellas á escotilha, para não o deixarem descer nem armar-se — facto inexplicavel n'uma prevenção rigorosa.

— O sr. tenente não póde passar por aqui! gritaram-lhe, com as armas apontadas.

O official assignalou de momento, completamente resolutos quinze marinheiros, e por isso procurou convencer os restantes a uma reconsideração.

Percebeu comtudo que a attitude dos outros, se não era de ordem a ir atē ao desacato dos galões do superior, pela violencia, era de completa cumplicidade com o acto preponderante dos camaradas.

Houve exaltados, porém, temerosos das allocuções do tenente, e do meio dos marujos sahiram vozes, não acatadas incitando a homicido:

— E' melhor acabar com elle!

— Acabem lhe o palavrorio a tiro!

A temeridade de Saldanha, corria parelhas com a sua energia e de braços cruzados, assistiu a todo esse desenrolar de promessas de submissão, visando a entreter tempo, e de ameaças, tendentes a quebrar-lhe a chamada á disciplina.

Exigiram lhe entretanto as chaves dos paioes.

Negou-as, embora as tivesse no bolso.

Procuradas outras, uma praça lograva descobrir a do paiol de vante.

N'uma corrida rapida, o tenente lançando-se ao marujo, arrancava-lhe a chave e atirava-a ao mar.

O navio estremecia entretanto, ao echoar dos 3 tiros, indicando para terra a adhesão de bordo.

A scena fôra breve, mas o tenente Mendes Cabeçadas, aliás conhecido no *Adamastor* como desaffeiçoado á causa monarchica, decidiu-se a tomar o logar que a revolução lhe confiára.

Approximou-se do seu camarada e disse-lhe:

— Saldanha, a tripulação deseja que eu tome o commando do navio. Sempre fui republicano e estou decidido a fazel-o!

— Faça como quizer!

Ainda assim tentou impedir o acarretar de munições para junto das peças.

Pacientes, as praças n'um sorriso benevolo, responderam que não iam carregar as metralhadoras, mas apenas trazer para ali as granadas.

Mendes Cabeçadas quiz terminar a acção inefficaz mas per-

turbadora de Saldanha e a um signal seu, um cabo torpedeiro, seguido de alguns marujos armados, approximou-se do official contrario aos seus designios e interrogou-o:

— Sr. tenente! desejamos saber se deseja recolher ao seu camarote ou ir para terra?. ».

N'uma altivez a que as praças respondiam com certa energia delicada, retorquiu:

— Quem é aqui o official?

— O official é o sr. tenente, mas...

E outros remataram:

— Mas a Republica é que nos manda agora...

Saldanha, reinvocando a sua qualidade de official, affirmava que não descia para o camarote, nem desembarcava sem ordem da majoria.

A marinhagem fez signaes luminosos e, pela telegraphia sem fios, procurou obter da estancia superior, a ordem do desembarque do official, a quem davam como impotente para suffocar o movimento.

A majoria estava comtudo semi-solitaria n'essa hora de revolta.

Ante a falta de resposta, resolveram abandonal-o á sua acção sem resultados.

Assim a alva surgiu.

Quizeram içar a bandeira republicana.

Saldanha, embora vendo inutil a sua intransigencia, oppoz-se, bradando que, emquanto estivesse a bordo não o consentia.

Fizeram se novos signaes e novas communicações pela telegraphia sem fios.

Não houve resposta.

Effectuaram rapido conciliabulo.

O tenente tornava-se incommodo. Ou seria liquidado, sacrificado em holocausto ao ideal democratico, ou posto fóra do navio.

Tentou-se, pois, uma mentira como meio de obstar ainda a diffusão de sangue.

Transmittiram-lhe uma falsa ordem da majoria, para o desembarque.

Saldanha duvidou, mas, emquanto os desensoffridos vocifera-vam ameaças, outros, complacentes, affirmavam-lhe verdadeiro o mandado.

Viu e por boa sorte, a insustentabilidade da situação.

Condescendeu em deixar o *Adamastor*.

— Desde que tomaram esse caminho, eu não quero crear-lhes difficuldades. E como podem precisar dos escaleres eu vou no bote. Bastam me dois homens para remar.

Emquanto lhe preparavam a bagagem, houve, dos marinheiros, quem fizesse ver a inconveniencia da sahida do official, que, não hesitaria em procurar embaraços para a acção·

Chegaram-se a communicar ao tenente essas interições, mas a resposta, firme, de que ficando, oppor-se-hia a tudo, não tendo melindres em fazer saltar o navio, originou a manutenção da ideia primitiva.

Era inutil o receio.

Saldanha, se não era pela Republica, não a contrariava em absoluto e definem essa attitude, os trechos onde apparece o tenente, prescindindo dos escaleres para não crear difficuldades aos revoltados e ainda, para os não expôr, abdicando da conducção ao arsenal: (*)

«Perguntaram-lhe que embarcação queria para desembarcar e onde queria saltar.

« — Desde que vocês tomaram esse caminho, eu não quero crear-vos difficuldades. E como podem precisar dos escaleres eu vou no bote. E bastam me dois homens para remar.

« — E que bagagem quer levar?

« — Primeiro os livros, depois as roupas que couberem.

«O impedido arranjou-lhe a bagagem, e entretanto a guarnição já não parecia muito inclinada ao desembarque do tenente Saldanha que recebeu assim essa noticia:

« — Para mim tanto me faz ir para terra como ficar cá. Emquanto estiver hei-de contrariál-os sempre e hei de-lhes dar trabalho. Posso até fazer saltar o navio...

«O contra-mestre passou palavra e do *Adamastor* pediram,

(*) «Diario dos Vencidos», por Joaquim Leitão=Pagina 34.

por signaes, o escaler a vapor do *S. Raphael* para rebocar o bote.

«O tenente Saldanha perguntou quem o queria acompanhar; appareceu apenas o mestre que deseiava desembarcar por doença. E para não expôr as praças, o tenente Saldanha foi o primeiro a dizer que não fazia questão de que o deixassem no Arsenal, podendo leval-o a bordo de qualquer dos vapores que estavam no Tejo, d'onde elle depois arranjaria a ir para o Arsenal.»

Saldanha teve ainda o convencimento de que toda a marinhagem era pela revolta.

No abandono do cruzador, apenas o acompanhou o mestre de bordo, e por doença pretextada.

O barco ia leval-os a Cacilhas, d'onde depois conseguiram transportar-se para o Arsenal de Marinha.

A Historia se não vê em Saldanha um fraco e um desorientado, não deve registar heroismos, onde só se encontra uma coragem eivada de confiança, não indo á sublimidade do sacrificio, transigindo ás difficuldades e patenteando-se rutila pelo arbitrio de generosidade dos revoltados, não querendo abusar da força. mas executando a sua vontade sem constrangimentos effectivos.

Saldanha é o symbolo da serenidade, inalteravel até nas mais criticas situações da vida.

A sedição encontrou-o sereno e sem energias de repressão violenta, talvez como o naufragio o acharia sorridente e sem cuidados.

A revolução a bordo do *Adamastor*, não constituiu um feito epico da historia naval, e apenas se notabilisou por partir d'aquelle vaso de guerra o signal para o movimento em terra.

O tenente Saldanha, assumiu em todo a acto sublevador, a figura banal de um empecilho á revolta, respeitado pelos revoltados, os quaes cumprindo as ordens da revolução a bel talante não deixavam de acatar o official que aliás ali para elles nada era.

O destino quiz assim collocar bem alto as figuras soberbas dos officiaes do *D. Carlos*, que, sendo contra a sedição, não deixaram a espada na bainha, despresando o numero e a vida, e

ainda a do martyr do Valle de Zebro, Frederico Pinheiro Chagas, que, terminou com um tiro a existencia que julgou sem forças para combater o facto consummado!...

*

* *

A marinhagem do *Adamastor* estava segura do seu compromisso, reiterado pela salva do *S. Raphael.*

Fardada e municiada para desembarque, jurou se decisão inabalavel.

A' derrota corresponderia a submersão do navio.

Quanto ao mais, á boa ventura.

E, quanto a mantimentos e munições se quiz dizer uma posse a bordo de ração para trez mezes, devido aos preparativos para proxima viagem de instrucção de guardas-marinhas.

Por julgados insufficiente ou por necessidade evidente, promoveu-se a armazenagem de mais.

Da copia do *Diario de bordo* do *Adamastor*, da assignatura do chefe do movimento a bordo, 2.º tenente José Mendes Cabeçadas Junior, sob visto do 1.º tenente Antonio Ladislau Parreira, vê-se:

«Mandei a Cacilhas o sargento com algumas praças buscar mantimentos que foram generosamente dados. Enviaram para bordo dois bois mortos e uma vacca viva, que tinha sido aprehendida n'um convento.»

O caso não passaria depois sem discussão e assim veremos a camara municipal de Almada exigir ao governo o pagamento da quantia de 160$000 réis, de valor de 608 kilos de carne e de uma porção de tabaco fornecidos pela junta revolucionaria aos marinheiros do *Adamastor* e do *S. Raphael.*

Aos protestos republicanos, com base em haver-se dito que a carne era de uma vitelía e dois bois encontrados (*) no convento do Valle de Rosal, e o tabaco proveniente de subscripção e offerecido aos marinheiros, surgiu desmentido ao democrata

(*) *O Seculo* de 27 de Outubro de 1910.

de Almada, José Luiz, que erguera o extranho incidente, apontando-se-lhe a existencia de um recibo passado ao marchante Price pelo 1.º tenente Ladislau Parreira em relação aos generos enviados para bordo.

Quiz se extranhar ainda a venda de tabaco pelo dedicado em absoluto ao negocio de carne, mas por liquidada se deu a controversia.

A bordo apenas houve o jubilo pela verificação dos precisos mantimentos.

Um incidente o confirmou pittorescamente.

A vitella não foi morta. A marinhagem affeiçoando-se-lhe, conseguiu poupar lhe a vida até 5 de Outubro e á victoria, por desnecessaria a immolação do animal, reivindicou-a para si, collocando-lhe ao pescoço uma colleira com as cores verde e encarnada. (*)

Não se preoccuparam pois com as consequencias do seu acto de insubmissão.

Isso os levou, sob a chefia de Carlos dos Reis Cadete a fazer retroceder, a tiro, o vapor do Arsenal, que cerca das 3 horas da madrugada, ia levar ao cruzador o respectivo commandante, capitão Luiz Aprá, o qual tendo recebido e acabado de preencher os avisos expedidos pelo 2.º tenente Saldanha, seguira logo para o arsenal e d'ahi procurára alcançar o seu navio.

D'ali houve a interrogação:

— Quem vem lá?

— Commandante:

— Não pode avançar. Vá-se embora e já, senão a tiro recua!

Forçado a retroceder, ao arsenal volvia, onde a tempo chegava de dissuadir o immediato, 1.º tenente Almeida Henriques de por identico transe passar.

Aprá, exerceu na Republica (1913) o cargo de chefe da 5.ª Repartição de fiscalisação da Direcção Geral de Marinha, com o posto de capitão de mar e guerra.

A revolução arvorara a sua bandeira e em nome d'ella e d'ella escravos, os marinheiros fizeram do navio um baluarte.

(*) O *Seculo* de 12 de Outubro de 1910.

Nada se sabia porém, de positivo, dos outros navios.

A situação era para desesperar.

Apparentemente só o *Adamastor* e o *S. Raphael* haviam adherido.

As attenções fixaram-se sobre este.

Que se passava ali?

Breve chegaram novas de que, não só o acto de revolta não decorrera sereno como no *Adamastor*, mas que opposição havia.

Occupemos nos pois tambem do *S. Raphael*, cuja carreira findaria, alguns mezes depois, nos cachopos de Villa Nova de Gaya.

*

* *

Ao *S. Raphael* a palavra de sedição fôra levada pelo revolucionario José Antonio dos Santos Belem, mas, para confirmação, os marinheiros enviaram a terra uma ordenança que authenticou o aviso.

Prevenidos foram pelo marinheiro d'aquelle navio, Carlos Cadete, que, em nome de Machado Santos, lhes fôra transmittir a ordem, dada com duas bandeiras na feira de Agosto, a 2 de Outubro.

A tripulação começou a aprestar-se, embora simulando uma indifferença desnorteante para a officialidade desasocegada.

Estava quasi toda, incluindo o commandante, Polycarpo José de Azevedo, que lográra chegar a bordo, ao contrario do immediato, capitão-tenente Anthero Elysio do Nascimento Trigo, que só compareceria na majoria general da armada cerca das 5 horas da manhã de 4.

A situação era embaraçante, pela falta não só dos officiaes que deviam presidir ao movimento, como de machinistas.

Aguardou-se todavia o inicio dos acontecimentos, resolvidos a assumir todos os cargos, a dispensar os agaloados que não tinham comparecido.

Aos tiros do *Adamastor*, não refrearam os impetos de revolta.

Quiz-se reivindicar para o tiroteio de Campo de Ourique,

o inicio da sublevação ali, dizendo-a nascida «quando a bordo do cruzador *S. Raphael* ouviram os tiros de infantaria 16.» (*)

Devida foi ella porém á acção principal do *Adamastor*, como seria este ainda a arvorar (**) a primeira bandeira da Republica.

Foi ainda o marinheiro Jose Malta, um dos que attribuiu (***) o signal ao cruzador de cuja guarnição fazia parte:

«A coisa que nunca me esquece é ter commandado com o Zé de Carvalho o *S. Raphael* até chegar o sr. tenente Tito de Moraes. E olhe que fomos nós que levantamos a guarnição e que demos com a peça o signal de revolução... isso é que não me esquece...»

Base firme é o relatorio official, feito pelo segundo tenente José Mendes Cabeçadas Junior, authenticado com o visto do chefe dos trabalhos da armada, Antonio Ladislau Parreira.

Falla assim a «copia do livro de serviço d'aquelle cruzador», na parte relativa ao «dia 4 de Outubro de 1910.»

«Pouco depois da meia noite do dia 3, veiu um vapor do Arsenal com um official ordenando as prevenções. O sr. tenente Saldanha, immediatamente mandou fazer circulares aos officiaes para se apresentarem a bordo. Pouco depois chegaram as licenças e no vapor que os trouxe foi uma ordenança levar as circulares. Deviam ser approximadamente 0,h 45 m. (a m.) quando a guarnição correu para a ré armada para prender o tenente Saldanha. Não exerceram nenhuma violencia sobre o tenente; apenas puzeram sentinellas á escotilha para o não deixarem descer afim de armar-se. Os paioes foram logo arrombados e assim safaram as salvas e fizeram os trez tiros combinados. Dirigiram as praças, os primeiros contra mestre Mattos e sargentos Lima Pinto.

«Pouco depois o *S. Raphael* correspondia aos tiros; mandei a gente que não estava tirada para serviço a bordo, vertir-se de azul, calçar se e armar-se. Fiquei assim com a gente convenientemente armada e municiada, prompta a desembarcar.»

(*) «A Revolução Portugueza»=Relatorio de Machado Santos. =Pagina 104.

(**) 31 de Outubro de 1910.

(***) *O Intransigente* de 5 de Outubro de 1911.

Outro testemunho o affirma ainda: (*)

«E por volta da uma hora, os canhões do *Adamastor*, accordaram os echos tranquillos de Lisboa, fazendo retumbar o signal de revolta.»

— Viva a republica! gritaram os artilheiros José Malta e José de Carvalho.

Foi a chamma lançada ao rastilho.

Rodearam logo os dois cabecilhas, sob a chefia do cabo signaleiro Francisco Salgueiro da Silva, os marinheiros, Francisco Miguel, José Manuel Esteves, Antonio Cardoso de Lemos, João Capella, Joaquim Pedro Gingeira, Manuel Madeira, Francisco de Sousa; artilheiros, Antonio Nunes Lopes, Antonio Rodrigues Marques, Francisco Pereira, Antonio Santos, Antonio José da Costa, Joaquim dos Santos Cabral, João Albino, Sebastião Dias, Luiz Antonio Pereira, Virgilio Marques Peralta, Zepherino Gonçalves Pastellinho, Augusto Costa, Augusto Rodrigues; fogueiros, João Baptista, Joaquim Frade, Avelino da Costa e Silva, torpedeiro, José Augusto Rodrigues de Almeida; chegador, José Damião e grumetes, Manuel Rodrigues e Antonio Guilhermino de Mello.

Ao tumulto acudiu logo o capitão de fragata Polycarpo José de Azevedo, com o tenente Alves de Sousa e aspirante machinista Victor Veiga.

Determinavam á tripulação a formatura na tolda, manobra a que se recusou o grupo revolucionario, interrogando ainda o commandante sobre os motivos da ordem e o que queria dos marinheiros.

Retorquiu com conselhos energicos, o official devotado á realeza e tido como intimo amigo do assassinado do Terreiro do Paço.

As praças precipitaram-se para os paioes.

Polycarpo de Azezedo, fez escudo do seu corpo, afim de impedir a passagem.

A tripulação viu que o official estava decidido a oppor-se-lhe.

(*) «A Revolução Portugueza» —Relatorio de Machado Santos—Pagina 104.

Do grupo partiu um tiro e a bala entrando-lhe no braço direito foi alojar-se na parte superior do thorax.

Novos tiros o alcançavam.

O aspirante Victor Veiga, n'um acto de revindicta, quiz abrir as valvulas do fundo.

Era a morte dos revoltados, era o heroismo procurando n'um sacrificio o fim de um lance de revolta.

Impediram-no, o mestre machinista, José Maria de Amorim e conductores, Joaquim Marques, Onofre Zepherino e Joaquim Ferreira da Gama.

Elle e os outros eram logo detidos com guarda á vista, recolhendo ao camarote, Polycarpo de Azevedo, que ás 6 horas da manhã era desembarcado, para, acompanhado de um medico da armada, e entre uma força de marinha dar entrada no hospital de S. José, d'onde sahia depois (15 de Outubro) para continuar o tratamento em casa, no largo do Caldas, 179, onde era inspeccionado (19 de Outubro) para effeitos de reforma, e entrando desde logo no goso de 90 dias de licença, para convalescer.

Tinha 48 annos, era natural de Lisboa e filho de Joaquim José de Azevedo e D. Maria Gertrudes Machado de Azevedo.

O resto da guarnição adheria.

Cuidaram então em quem seria o commandante interino do movimento.

Surgia um obstaculo.

Procurado o machinista naval, republicano, Madeira, queria a maruja insurrecionada que elle subisse á ponte do commandante.

Encontraram todavia uma recusa terminante, com base na aggressão ao capitão de fragata Polycarpo de Azevedo.

Desligando-se de toda a acção, declarou constituir-se presioneiro, visto como democrata lhe repugnar egualmente entravar o movimento.

O acto nobre é comprehendido e Madeira descia á camara para ser desembarcado com os outros detidos, quando possivel fosse.

Era perigosa a hora para indecisões e a bom caminho levaram os sediciosos o seu arrojado feito.

Emquanto o mestre de machinas, José Maria de Amorim assumia as funcções de engenheiro, e transformados os conductores, em officiaes machinistas, os artilheiros, José Malta e José de Carvalho, manobravam como officiaes de commando.

D'ahi as ordens para accender as caldeiras e conservar o navio sob pressão para navegar.

Içava-se a bandeira vermelha da revolução.

Patente estava que só elle e o *Adamastor*, que o mesmo fazia, se dispunham para as reivindicações democraticas.

O *D. Carlos* mantinha-se fiel, com a officialidade, á realeza, a despeito da attitude da maruja, que a palavra de revolta tivéra na manhã de segunda feira.

Mas, porque não se associára ao acto da sedição, assim como a fragata *D. Fernando*, o *Berrio* e o *Pêro de Alemquer?*

Vejamos a situação a bordo d'esses vasos de guerra.

*

* *

Não correra bem a acção sediciosa a bordo do *D. Carlos*.

A revolução tinha lá elementos poderosos, e como impulsionadores principaes, os 1.os fogueiros Joaquim Coelho e Manuel Joaquim (*o França*).

As ordens e contra-ordens, os affastaram do local onde estavam aptos a manobrar e á communicação, em 1 de Outubro, de que a commissão de resistencia, havia resolvido o addiamento, sahiram de Lisboa.

Um telegramma do commissario naval Machado Santos, por intermedio do revolucionario Pinto de Lima, por tarde chegar fez com que o regresso a Lisboa fôsse a horas de não poderem entrar a bordo do *D. Carlos*.

Iam para a Rotunda, na manhã de 4, emquanto baldadamente esperados eram no cruzador.

N'este, á falta dos promettidos officiaes insurrecionantes e dos marinheiros chefes do acto a realisar, os alliciados tentaram

a espectativa para que entravada não fôsse a revolta, não participada totalmente para o navio, cuja tripulação apenas pelos informes de terra se preveniu.

A' hora em que a junta contava com o dedicado appoio do *D. Carlos*, esperava este a chegada dos promettidos officiaes, e a iniciativa de dois sargentos, Gilberto e Fausto, que orientados por Machado Santos, deviam dar incremento á attitude rebelde do cruzador:

«A guarnição do *D. Carlos* não tendo quem a dirigisse, não soube revoltar-se; comtudo não foi por falta de vontade. Como para o 16 de Julho e 18 de Agosto havia posto o sargento Gilberto e o sargento Fastio em contacto com um tenente, julguei que este official continuasse dando instrucções sobre o «modus faciendi» da revolução a bordo. Enganei-me. O *S. Raphael* seguiu as que out'ora lhe tinha dado. Por isso repito, se França e Coelho estivessem a bordo, seguiriam o exemplo dos seus camaradas do *S. Raphel.* Não esperavam por officiaes» (*)

A ordem de prevenção chegada á meia noite, se de surpreza colheu em grande parte a marinhagem, de sobreaviso colheu a officialidade.

Despertou suspeitas, a entrega, aberta, do sobrescripto, com a nota de confidencial em que a ordem era dada.

Fechados foram desde logo os paioes das armas, tomando posse da chave o immediato, tenente Rodrigues Bello.

As praças, ao recolher, das licenças, reuniram citando ao entrar os tumultos do Rocio e o frustado assalto á redacção do *Portugal*, com phrases de enthusiasmo e incitamento.

O silencio fez-se breve, mas a postos ficaram.

Ao borborinho ouvido do *Adamastor* ergueram se lestas dos macas, com intentos de secundar o que, sabiam, se estava passando ali.

Os tiros de bordo deram-lhes novo incentivo.

O 2.º tenente Alvaro de Almeida Martha, de serviço, impunha socego.

(*) Relatorio de Machado Santos.=Pagina 113.

Do *Adamastor* fizeram signaes luminosos, procurando atear a revolta no navio que viam mantendo um aspecto neutral.

Houve um começo de insubordinação, logo suffocado com uma rapida intimação do official, que, affirmando desconhecer o succedido a bordo dos outros navios, frisou disposto estar a assegurar rigorosa disciplina.

Acalmou-se a marinhagem, aguardando debalde o appoio promettido.

Impulsiva, uma praça teve qualquer palavra de reprimenda á obediencia dos outros.

Alvaro Martha, sereno, de relance avaliou a situação.

Proceder energico seria atear uma insubordinação.

Resolveu-se por um necessario acto de benignidade, traduzindo, apparentemente, uma confiança cega na repressão em qualquer momento:

— Mistura-te com os teus companheiros e que eu não saiba quem tu és!

Deu resultado a attitude

A fleugma do tenente, desarmou, por instantes, a tempestade que se ia desenhando.

Voltaram ao dormitorio, embora de má vontade.

O proseguir da acção no *Adamastor* e no *S. Raphael* e o ruido das descargas em Alcantara, e das granadas na Lapa, reanimaram-nos.

Retrocederam á coberta, gesticulando uns, segredando outros.

Anciosos seguiram os signaes luminosos feitos dos dois cruzadores.

Os tiros de artilharia 1, não dados no numero combinado, trouxe-lhes um pouco de retrahimento.

A attitude dos navios insurrecionados, tentava-os a imital-os, mas desorientados pela falta dos superiores elementos dirigentes, cingiram-se a um commodimento de obras.

A officialidade, por seu turno, observava uma impassibilidade desnorteante, e só cerca das 4 horas da manhã, ao terminar o seu quarto de serviço, entregue ao 1.º tenente Bento Xavier Vieira da Silva, o tenente Martha, em logar de descer á camara, se conservou no posto de *vante*.

A maruja egualmente não voltára aos dormitorios, e não julgára opportuno o official violentar-lhe a attitude, que, para elles, attribuiu a curiosidade.

O hastear da bandeira da revolta, deu-lhes impulso.

Quebrou-o á chegada, cerca das 5 horas e meia da madrugada, do commandante do *D. Carlos*, capitão de mar e guerra Alvaro Ferreira.

Em breve conselho de officiaes, trocou impressões de terra com os de bordo.

Conhecedor das intenções da marinhagem, que a ninguem podiam illudir, mandou-a formar á ré e em rapida allocução, ouvida impassivelmente, incitou-os ao acatamento da disciplina para que á marinha não fosse a censura de fuga ao cumprimento do seu dever.

Isso não obstou a que algumas praças conseguissem armar-se.

Os officiaes, persuasivos, obtiveram a deposição das armas, não sem que outros marinheiros declarassem ao tenente Martha, n'um queixume, com o seu encoberto todo de ameaça:

« — Mas, sr. tenente, estamos sendo desleaes com os nossos camaradas!...»

A' resposta, por outros, de que a verdadeira deslealdade seria uma attitude de revolta, submetteram-se.

Aguardando estavam qualquer auxilio externo.

A bordo, e isso indicava a attitude dos marinheiros, não havia chefe de revolta.

Estariam á espera d'elle?

Fallava-se do almirante Candido dos Reis.

Viria?!...

Sem as necessarias armas nada podiam.

A officialidade, por seu lado, n'um conselho, percebeu que não devia contar com a maruja para reprimir os successos dos outros navios, e de instante, apenas se conseguiu a neutralidade.

N'um lance de arrojo e desafio, todavia, o capitão de mar e guerra Alvaro Ferreira, fez subir no mastro grande a bandeira azul e branca, com as honras de ordenança.

Aproveitando as armas fornecidas á guarda que no tomba-

O sr. José Relvas fallando ao povo da varanda da Camara Municipal, apóz a proclamação da Republica.

dilho formou ao erguer da bandeira, outros marujos, em alta grita, pretenderam obter as carabinas.

Baldado empenho.

Prudentemente estavam fechadas nos depositos.

Abriu-se uma scisão firme entre os officiaes e as praças.

Estas, aggrupadas ficaram a um lado, n'uma perspectiva ameaça de sublevação ao minimo attentado pessoal.

Os agaloados, limitando-se a uma precaução e a uma vigilancia, viram-se de facto, vencidos.

Se, de apparencia, o *D. Carlos*, de içada flamula branca-azul, significava um navio deffendendo a monarchia, de verdadade era um cruzador em effectivo estado de subordinação á revolta.

Do *Adamastor* e do *S. Raphael*, o perceberam, embora sem ser em todas as suas minudencias.

Dos restantes nenhuns produziam preoccupações.

A' fragata *D. Fernando* iria, na manhã de 5, um troço impor-lhe a submissão, logo patenteada.

Quanto ao transporte *Pero de Alemquer*, assumia a officialidade um aspecto extranho, constituindo-se presioneira sem que um só passo contra ella fosse dado...

Ergueram-se duvidas sobre o *Berrio*, julgado prestes a conduzir forças para assalto aos rebeldes.

Comtudo, semi-desguarnecido ficou elle até ao fim da tarde de 4, sem que lembrado fosse para qualquer encargo anti-revolucionario.

Da corveta *Mindello*, desconheciam-se tambem as intenções, mas desde logo se reservou para de manhã um assalto, não porque temida fosse, mas visando a adquirir polvora e armas, n'aquelle navio depositadas

Analysado tudo a bordo dos dois revoltados cruzadores, e do principal n'essa hora, o *Adamastor*; prevista todavia uma derrocada dos planos, já pela falta dos officiaes que deviam ter presidido ao movimento de bordo, com Candido dos Reis á frente, já pela absoluta negação de noticias, pensou-se no quartel de marinheiros e em buscar o seu auxilio.

Mas que se teria passado ali?...

XI

No quartel de marinheiros.=A invasão.=Victimas sobre victimas. = Falsos boatos =Novos auxilios =Balas de madeira.=Persiste a a ideia da marcha sobre as Necessidades.=O incidente de armas entre a marinha e infantaria 1 =Destroço de cavallaria 4. = A marinha retrocede para o quartel.=O baluarte de Alcantara.= Os soccorros medicos.—Alvorecer de indecisões.

insurreição do quartel de marinheiros foi uma das mais tragicas phases do inicio do movimento revolucionario.

A armada, que puzera como que um ultimatum ao executar da acção, assumindo por isso mais graves responsabilidades, resolvida estava a tudo.

O fracasso seria a ruina.

Assim pois, resolveu derrubar os minimos obstaculos, e elles só podiam ser representados pelos deffensores da causa opposta.

Poucos seriam, mas assim mais exalçada ficaria a firmeza das suas convicções, o grandioso do seu sacrificio; tanto mais notavel quando a realeza, em redor de si, n'essa hora de tragedia e de lucto, sequiosa de dedicação, raros rostos amigos lhe expressavam sentimentos, raros braços se armaram, leal e não convencionalmente para seu appoio.

E, n'uma irrisão, bem minguados eram os sectarios luctadores da democracia.

Animados do espirito convicto que não actuava nos realistas, esses nucleos pequenos, mas soberbamente encorajados, lan-

çaram á terra a semente, d'onde germinaram, revolta victoriosa, e centenas e centenas de combatentes...

O ataque ao quartel de marinheiros, foi portanto o trabalho arriscado de reduzido numero de tentadores da sorte, que, mais uma vez sorriria, admirada do golpe audacioso.

Os elementos pessoaes de combate eram diminutos em todos os pontos.

A propaganda energica de Machado Santos, que é de justiça ver actuando nos diversos nucleos revolucionarios, produzira egualmente no quartel de marinheiros e em Alcantara uma forte corrente de revoltados.

Em Alcantara, as reuniões effectuavam-se n'uma taberna e carvoaria da rua Correia Guedes, junto ao Centro Republicano onde se juntava o grupo revolucionario do dono da loja, Manuel Campos Moreira e os operarios serralheiros Augusto Duarte o *Moca*, e José de Sousa e o celebre carpinteiro Francisco dos Santos, o *Chico Teso*, (*) envolvido nas arruaças de 1907 a João Franco, e inventor e fabricante com os outros dois das bombas de dynamite denominadas *laranginas*.

Como missionario da ideia teve tambem a republica o industrial, e proprietario da fabrica de guano da rua da Cruz, Manuel Theodoro Secretario (**), que á revolução dava ainda o genro, o commerciante Francisco Bonito.

Havia ainda a *choça* de José Madeira e a *barraca* de Augusto Rodrigues.

(*) Das proprias armas eram victimas em 10 de Julho de 1911. Quando os serralheiros Augusto Duarte, de 25 annos, natural de Evora, filho de Antonio Duarte e Maria da Conceição, residente na rua da Cruz, 61, 2.º, e José de Sousa, de 29 annos, natural de Lisboa, casado com Candida de Jesus, morador na rua Correia Guedes, 56, procediam com Chico Teso, de 35 annos, natural de Lisboa, filho de Rosalina dos Santos e Domingos dos Santos á descarga de 15 bombas das denominadas «laranginhas», resto das fabricadas para a revolução e archivadas na loja 65 B da rua Correia Guedes, ao iniciarem os trabalhos do 11.º projectil, este explodia subitamente, por imprudencia de Augusto Duarte que depois da extracção do fulminante, bateu com a bomba sobre uma lage, para a sahida da dynamite e metralha. O imprevidente e como se o destino quizesse mostrar o horror do projectil empregado, ficava com o braço direito esphacelado, bem como os dedos da mão esquerda, tudo amputado; o José de Sousa queimado na cara e o Chico Teso com fundas queimaduras na cara, mãos e pernas.

(**) Falleceu em 16 de Abril de 1913.

O cartuchame para o assalto ao quartel, onde os conspiradores se contavam fornecer, tinha como depositos, os estabelecimentos de Francisco Lamas e João Augusto de Andrade.

Eram fortes esses nucleos revolucionarios e ao facto de todos os projectos para o movimento.

De momento, a maioria não procedeu.

Apenas 18 homens iniciavam o assalto, mallogrado o plano inicial de um disfarce em grumetes, para que a surpreza dos assaltados obstasse a maiores violencias dos grupos predispostos á tomadia.

Assim, o povo, como povo foi.

Não despiu os andrajos de proletario nem a blousa do trabalho.

No quartel fôram descobertas em parte as intenções pelo 2.º sargento Alves, que d'isso fez participação ao 1.º commandante, almirante Vianna, que ordenava secreto inquerito.

A elle escapou a entrada, cerca das 8 horas e meia da noite, de 1500 cartuchos, operada durante a investigação, e até não só o sonegar das circulares onde se determinava a comparencia no quartel de todos os officiaes, documentos que confiados a praças envolvidas no movimento, não chegavam ao seu destino, com o trabalho empregado pelo 1.º sargento José dos Santos Guerreiro, e 2.ºs sargentos José Gonçalves Ferreira e Rodolpho dos Santos, para impedir que os sargentos de serviço, tidos como adversos, prejudicassem o movimento.

Interdita ficou a entrada das rondas não orientadas nos projectos.

No quartel o signal dos navios era já aguardado.

O aviso fôra transmittido por Machado Santos aos cabos Silvestre Fernandes Ferreira, José de Pinho, João Ignacio da Rocha, José dos Santos Martins e João Luiz Monteiro; fogueiro João Sardinha e grumete José Ferreira, fixando se tambem a 1 hora da madrugada.

Ao 2.º contra-mestre Antonio Correia da Silva, confiára o commissario naval Machado Santos, n'uma entrevista tida ás 9 horas da noite de 3, a bandeira verde e encarnada com a esphera, que devia ser hasteada no quartel.

Foi elle um dos grandes impulsionadores da revolta.

Conhecia as regiões de Africa, por ter sido um dos bravos da notavel campanha do Cuamato em 1907, ajudando sob o commando do capitão Alves Roçadas, a novas victorias sobre o gentio rebelde.

A realeza premiava-o, lançando-lhe ao pescoço o collar de cavalleiro da Torre e Espada do Valor Lealdade e Merito ao mesmo tempo que elle se lançava ousadamente no campo da conspiração e ao ponto de se lhe attribuir «a conquista da marinha de guerra para o ideal republicano.» (*)

De afinco foi a tarefa para derrubar a monarchia, mas cahida esta, republica victoriosa, pouco tempo gosou o premio do logar de patrão-mór da delegação maritima do Porto Santo.

A morte o colhia, a menos de dois annos (Julho de 1912) votado ao esquecimento, exposto nas seguintes linhas: (**)

«Porto Santo, onde se encontrava desempenhando as funcções de patrão-mór da delegação maritima, falleceu o contramestre da Armada Antonio Correia da Silva, o celebre *cabo* Antonio que os caudilhos republicanos tanto estimavam em tempos idos e que, implantado o regimen condenaram ao esquecimento, olvidando a sua mão calosa e boa, que tantas vezes apertaram á laia de premio d'uma dedicação que ia até ao sacrificio.»

Impulsionando a sedição contra a realeza o tiveram os marinheiros.

Convencionado tudo, e talvez porque a armada era a unica que de desejo tinha o derrubar integral da causa monarchíca, a postos se collocavam os iniciados no movimento.

Se o commissario naval nem ás salvas alludiu, esperados foram ellas todavia, com base nas convenções tomadas para o 15 de Julho e 18 de Agosto d'esse anno.

Nem todas as praças eram coniventes e as sentinellas, na maioria, desconheciam o projecto.

Ao soar os tiros de bordo, os quinze marinheiros cabecilhas

(*) «O Intransigente» de 14 de Julho de 1912.
(**) «O Intransigente» de 14 de Julho de 1912.

do movimento, e que fingiam dormitar, puzeram-se logo de pé, armados, e fazendo armar a maruja adherente.

O chegador Francisco Palma, preso, com outros, no quartel por delicto disciplinar, ao borborinho, cuja causa conhecia, arrombava a porta do calabouço e ia, com os outros detidos, armar-se e coadjuvar a revolta.

Ao alarme correspondeu o grito nervoso de *álerta* das sentinellas.

Era inutil.

A' manobra de dentro, iria corresponder a de fóra e d'essa conjuncção de forças, a victoria, embora sanguinolenta.

Os revoltosos sob a chefia do tenente Antonio Ladislau Parreira, estavam á porta.

O signal por elles fôra ouvido tambem, se bem que o cabo José dos Santos, n'uma explicavel confusão, escutando os tiros do quartel do 16, os affirmasse ao tenente Parreira, como partindo da Estrella.

Unidos á officialidade dirigente os poucos rebeldes só fizeram fé na propria coragem.

Uma das missões, a principal, sahia á 1 hora e 8 minutos da papelaria Liberty, de Lamas e Franklin, na Rua do Livramento, a mesma d'onde se escoaram para a distribuição clandestina os numeros incendiarios da *Revolta*, da direcção do *intervencionista* José do Valle e destinados ao combate da dictadura franquista.

Compunham-na, os civis, Francisco Gomes Lamas, Franckelin Lamas, Joaquim Vaz, José Madeira e Joaquim Alves, os officiaes, 1.º tenente Antonio Ladislau Parreira, 2.ºs tenentes Annibal de Sousa Dias e José Carlos da Maia, 2.ºs tenentes commissarios navaes, Henrique da Costa Gomes e Guilherme José Rodrigues, 1.º sargento Victorino Gonçalves dos Santos, 2.º sargento José Rodrigues, 2.ºs contra-mestres Antonio Correia da Silva e Armando Barata.

D'estes e sem fallarmos por agora dos officiaes, teriam galardão, pela republica, o 1.º sargento Victorino Gonçalves dos Santos, promovido a tenente para a 2.ª companhia da guarda nacional republicana, com séde no quartel da rua Joaquim Bo-

nifacio; e o 2.º sargento José Rodrigues, e 2.º contra-mestre Armando Barata, promovidos a alferes, para a 1.ª companhia da mesma guarda, com aquartellamento nos Loyos.

Faltava a esse commettimento, além d'outros officiaes, o 1.º tenente João Fiel Stockler, a quem foi expedido aviso telegraphico, cifrado, para o Algarve, onde se encontrava.

Marchando d'ali, achava cortada a linha ferrea no Lavradio.

Não compareceu em Alcantara, mas vel-o-hemos procedendo ora persuasivo ora energico, na sublevação da escola de torpedos em Valle de Zebro.

Ao nucleo disposto a exercer pressão sobre a gente do quartel de marinha, breve se juntaram com algumas praças de marinha os grupos sahidos do Centro Eleitoral Dr. Bernardino Machado, na rua Maria Pia, 4.º 1.º e Sociedade Promotora de Educação Popular, com séde no largo do Calvario n.º 6 e ainda o grupo de José Madeira, com Manuel Jeronymo, Simeão da Cruz, Francisco Ignacio Bonito, Trajano Zink, Francisco dos Santos, José da Cruz, José Lopes do Rego, Jayme do Nascimento, Accacio Abilio Bonito, Juvenal de Moraes, Guilherme Madeira, Alfredo Santos, Carlos Campos, Antonio Henriques, José Antonio da Silva e Joaquim Antonio Torres, sahido do Gremio Republicano de Alcantara, na rua Correia Guedes, 67.

Illudida fôra a vigilancia de infantaria 1, estendida á largura da linha ferrea de Alcantara-Terra e da cavallaria, formada na rua Maria Pia.

Os rebeldes da chefia do 1.º tenente Parreira, aprestavam-se para o acto em vista, collocando-se para isso no jardim da Praça de Armas, a W. do quartel, olhando a entrada principal.

As munições contaram se.

Sete bombas de dynamite e duas pistolas automaticas.

Debalde se haviam procurado mais.

Para que o destino fizesse vêr bem que a victoria mais a elle do que a ninguem seria devida, o armamento de tarde transportado para Alcantara, fôra collocado em local desconhecido dos que com elle deviam proceder.

Quiz-se vêr no caso extranhavel uma traição e um mysterio...

Mas quantos se não deram n'essa cadeia de luctas, onde só a inercia dos deffensores da monarchia daria contingente mais poderoso do que a defficiencia das armas e do que a diminutuidade dos revoltosos?!...

O revolucionario Julio Victorino do Santos, era portador de 10 cartuchos mas nem só uma arma tinha.

A' 1 hora e 10 minutos, iniciam a tomadia do quartel de marinheiros pelo portão do lado sul.

A primeira investida falhou.

A sentinella do lado principal do edificio, fez tambem o alarme.

Desarmava-a o tenente Carlos da Maia

A situação complicava-se.

Subito, o portão do jardim descerrou-se e como representante d'esse audaz propagandista de todo o movimento, Machado Santos, apresentou-se facultando a entrada á turba exaltada, o 2.º fogueiro João Sardinha, portador da chave que fôra entregue pelo cabo artilheiro José dos Santos Martins, o qual a tirára do chaveiro do quartel com a ajuda do cabo da guarda, 1.º marinheiro, Gonçalo Ribeiro Gonçalves.

Já então havia mais populares e marinheiros.

Em contrario de outros depoimentos, o assignala o 2.º sargento da armada José Rodrigues nos seus trechos «Para a historia da revolução. — Notas d'um combatente»:

«Emquanto nós nos reuniamos na typographia Liberty, reuniam-se no Gremio Republicano d'Alcantara, rua Correia Guedes, 67, varias praças de marinhagem, e no Centro Bernardino Machado e Sociedade Promotora de Educação Popular um numero consideravel da classe civil. Pela rua, o movimento de marinheiros e populares era sensivel.

«Mal se ouviu no relogio do Paço das Necessidades a 1 hora, eu, os meus camaradas officiaes inferiores e demais pessoas da classe civil que estavam na typographia da rua do Livramento, saimos e fomo-nos postar no jardim da Praça d'Armas, a W. do quartel de marinheiros, que iamos assaltar d'ahi a momentos.

«Chegaram ainda mais praças de marinhagem e populares. Era um formigueiro de gente que vinha de todos os lados.

«E' impossivel dizer os nomes das pessoas da classe civil que ali vi, porque eram muitas e bastantes desconhecidas para mim. Da armada estavam: os cabos artilheiros Joaquim José Lopes de Sá, José dos Santos Martins e Adolpho José Lopes, cabos marinheiros Joaquim Antonio, João Luiz Monteiro e José Martins, 1.º artilheiro Ricardo Marianno, 1.ºs marinheiros Eduardo Domingos da Fonseca e Ladislau Gomes da Costa, 2.º artilheiro Alberto Thomaz, 2.ºs fogueiros Antonio Gonçalves e João Sardinha, 1.ºs grumetes José Figueira e Manuel da Matta, despenseiro João Antonio da Silva, padeiro Joaquim Correia, cosinheiro de 2.ª classe José Augusto e corneteiros João Antonio d'Oliveira e Manuel Cardoso.»

O 2.º sargento Antonio Rodrigues, desarmava logo a sentinella, entregando a espingarda a um civil e intimando o marujo a callar-se.

Captada a adhesão do guarda ás prisões, cuidou-se logo, por não apparecer a chave, no arrombamento da escuteria do sul da parada, distribuindo se logo armas, trabalho executado pelo corneteiro João Antonio de Oliveira, ao tempo que egualmente dava entrada no quartel, o resto do cartuchame deixado no Gremio Popular e trazido pelo cabo José dos Santos Martins e 2.º fogueiro Antonio Gonçalves.

Ao estrepito da invasão e ao alarme dos não adherentes, accorreu á parada do sul, uma força de marinheiros sob o commando do 1.º tenente Jorge Parry Pereira.

Tentava fazer frente aos rebeldes de fóra e convencer os de dentro, quando o chefe carbonario José Madeira o intimou a render-se e o 1.º tenente Ladislau Parreira o convidava a adherir.

De salto cahiram sobre elle, á recusa, e ante a quietitude das praças que commandava, o tenente Parry, éra apalpado e preso.

Emquanto os insurrecionados se dividiam, indo uns ás casernas distantes para acordar os dormentes e mandal-os formar, outros com os tenentes Antonio Ladislau Parreira e José Carlos da Maia, os 1.º sargento Victorino Gonçalves dos Santos e 2.º sargento José Rodrigues e varios civis, entre elles José Madeira, Francisco dos Santos, Trajano Zink e Accacio Bonito, perce

bendo que podiam contar com a maruja, mas nunca com a officialidade, detinham, sem resistencia, no jardim, no caminho da parada superior, o 1.º tenente Antonio Pinheiro Silvano e 2.ºs tenentes Alberto Carlos dos Santos e Antonio Sergio de Sousa, que apenas formulavam negativa de cooperação.

Assim o 1.º tenente Parreira, intimando-lhes a rendição, viu que lhe eram desde logo entregues as armas.

Confiando-os a alguns que os guardavam á vista, como caminho inicial para o ingresso nos calabouços do quartel, d'onde por extranha anomalia haviam sahido, livres, os marinheiros presos por delictos de indisciplina, — o grupo galgava de roldão as escadas que conduziam á sala onde o commandante se devia encontrar.

O almirante Carlos Maria Pereira Vianna, correu ao cimo a indagar o que se passava.

O tenente Carlos da Maia, redarguiu:

— Vimos pedir lhe que se entregue, commandante.

— O tenente ousa, a mim, o seu almirante...

— Entregue-se...

— Nunca!

— Entregue se, commandante, senão morre!

Elle, ordenou ainda á guarda, com voz de stentor, suppondo fazer valer a disciplina:

— Fogo!

Não é obedecido porém pelos *camisolas de alcaxa.*

O almirante Pereira Vianna tentou energico impôr-se á acção da revolta e apoz intimativa, não acatada, e despresando a propria vida, á mercê d'esse grupo de *sansculottes* portuguezes, armados *ad libitum*, de punhaes, espadas, revolveres, e até cajados, travava de pistola e desfechava tres tiros contra o mais proximo, baqueando logo mais gravemente ferido, um cabo signaleiro e menos gravemente outro marujo e o civil Accacio Bonito, que ao hospital de marinha seria levado no trem do almirante Magalhães e Silva.

Citam esta aggressão a Pereira Vianna dois relatorios.

Assim, Machado Santos, a paginas 100, diz:

«José Carlos da Maia com o 1.º sargento Victorino dos San-

tos, o 2.º sargento, José Rodrigues, o 1.º marinheiro Gonçalo Ribeiro Gonçalves e os civis José Madeira, Accacio Bonito, Zuik e Francisco Santos, intimam o 1.º commandante, almirante Vianna, a render-se, este responde fazendo fogo com a sua pistola, ferindo tres homens. O almirante C. M. Pereira Vianna, recolhe a casa ferido.»

O relatorio official entregue ao governo provisorio pelo 1.º tenente Antonio Ladislau Parreira, declara:

«Presos os officiaes de serviço, para determinar a posse completa do quartel, faltava prender os commandantes, e para isto, tendo préviamente formado um nucleo para defender as sahidas, procedeu-se a buscas pelo edificio. O primeiro a descer foi o 1.º commandante que vinha só e armado e ficou entre portas á entrada do corredor da porta principal, onde o tenente Parreira o intimou a render-se. Como resistisse, primeiro agitando a espada e depois disparando tiros de revolver ou pistola, foram tambem contra elle disparados alguns tiros, terminando por cahir ferido. Em seguida retirou o nucleo, sendo o ferido levado para cima pelos seus creados, e continuaram a juntar-se na parada os contingentes das differentes casernas.»

Apparece comtudo uma divergencia, a esse respeito, em depoimento (*) firmado por um dos actuantes d'essa scena, o 2.º sargento da armada, José Rodrigues, que se esquece porem de citar o nome do 1.º tenente Parreira:

«Emquanto as praças — das quaes nem uma só deixou de adherir ao movimento — se iam armando e reunindo na parada sul, o tenente José Carlos da Maia, acompanhado por mim e pelo meu camarada Victorino dos Santos e de alguns populares, dirigiu-se para a porta principal, apparecendo então á entrada do corredor o 1.º commandante Carlos Maria Pereira Vianna. O tenente Maia intima-o logo a entregar-se; o commandante, longe de aceitar a intimação levou a mão á espada para a desembainhar. O tenente Maia, repetiu de novo: «Entregue-se, commandante, senão morre!»

«O capitão Pereira Vianna respondeu com firmeza: «Não

(*) «A Lucta», de 29 de Outubro de 1910.

me entrego», e n'um movimento rapido tirou o revolver do bolso. Antes de ter tempo de fazer fogo sobre nós, o pobre commandante cahia varado por uma bala dos revoltosos. Emquanto alguns populares tomavam conta do ferido, que agonisava, dirigimo nos para a parada.»

Se se attender a que Machado Santos, na Rotunda, não podia estabelecer uma affirmativa, propriamente sua, sobre os successos do quartel de marinheiros, e apenas tomar por base, depoimentos de outrem, estariam a chocar-se as allegações do 1.° tenente Parreira e do sargento Rodrigues, impossibilitando o estabelecer da verdade, por maioria de indicações.

De identico parecer d'este ultimo, foi ainda um livro da epocha: (*)

«Pereira Vianna chegou ainda a esboçar um movimento para tirar o revolver do bolso, mas não conseguiu realisar o seu intento. No mesmo instante cahia varado por uma bala.»

Vale, porém, á situação, trazendo ainda novos e curiosos elementos, não só sobre a acção geral do quartel como authenticando as notas dos relatorios do 1.° tenente Ladislau Parreira e commissario naval Machado Santos, outro depoimento, o de um dos assaltantes do quartel, o popular Manuel Jeronymo, que o fogo marcou no rosto, para vestigio da tentativa: (**)

«Prendemos as duas sentinellas e o official que na entrada encontrámos, e os que se renderam ficaram sobre guarda de alguns. O primeiro aposento a que em acima entrámos foi na secretaria. Estavam os officiaes Vilhena (mais conhecido pelo «Vilheninha da Pera»), que é o 1.° commandante, e o 2.°, Carvalhosa Athayde. Nós, os populares, á ordem da tenente Parreira, armámo-nos. As cargas, porém, não appareceram. Subimos ao dormitorio e alarmámos os marinheiros. O desgosto pela ausencia de armamento era pago pela franqueza e amisade com que o nosso commandante se dirigia aos marinheiros despertados:

« — Vamos. Deixa lá as meias que podes bem lutar sem

(*) «Como triumphou a republica». = «Subsidios para a Historia da Revolução de 4 de Outubro de 1910») — Pagina 98.
(**) «O Imparcial» de 24 de Outubro de 1910.

ellas. O' tu, olha que para proclamar a Republica é escusado casaco. Vamos a isto, rapazes!» Era um tumulto indescriptivel!

— Quantos seriam esses marinheiros aquartellados? — perguntámos.

« — Talvez 120 homens.

« — Poucos...

« — Poucos, sim. Voltámos de novo á secretaria, aos outros aposentos proximos corremos o que podemos. O commandante Vilhena, quando chegámos á porta das armas mandou fazer fogo. Engano extraordinario: as balas de carga eram de pau; inuteis!

« — Talvez carregadas com proposito pelos soldados, não?

« — Talvez! Mas escute: um paisano, acto continuo áquella ordem e áquelle fracasso, pregou-lhe com a coronha da espingarda na cabeça. Vilhena caiu desamparadamente. Mas conseguindo mover-se fez fogo com a pistola que possuia do armamento official; e essa carga veiu ferir o popular Accacio Bonito. Romperam logo para elle tres tiros, que apenas lhe passaram de raspão pelo craneo. Ficou prostrado e desarmado.

«Logo em cima, de novo, o official Carvalhosa Athayde tentou prender o popular José Madeira, que passava para a secretaria. Voltaram-se as senhas: foi elle preso, ficando sem a pistola e uma mão cheia de balas.

«Foram então presos mais sete officiaes, que recolheram aos calabouços isolados, Carvalhosa Athayde foi para reclusão n.º 2. O commandante Vilhena foi para casa, que é dentro do quartel, por estar bastante ferido.

«Formámos finalmente na parada. Foram recrutadas as sentinellas ás prisões. Quando isto se fazia ouvimos o tropel das forças de lanceiros que vinham de acompanhar o rei ao Paço e corresponderam aos «vivas á Republica», que os populares e militares soltam sobre o muro. Para onde iriam assim correndo?... Não o sabemos ainda. Fomos arrombar os paioes—serviço mais util. Rapidamente, como que por encanto, as munições distribuiram-se. Formámos de novo e saimos para os lados do Aterro, pela Rua Tenente Valadim.

«Adeante, junto do local onde costuma realisar-se a feira de Alcantara, encontrámos cavallaria 4. Approximámo-nos e o tenente Maia foi conferenciar com o commandante do regimento. Nós vivemos então um momento terrivel! Eram forças muito superiores em numero áquellas que levavamos. Esperou-se. O nosso delegado voltou sem conseguir a adhesão do regimento. Ouvimos de lá a ordem de desembainhar espada. Acto continuo, do nosso lado, o tenente Parreira mandou descarregar.

«E o nosso grupo, que se tinha dividido em duas alas sobre os dois passeios da rua, desatou corajosamente n'um tiroteio formidavel.

«A rua estava toda envolvida no negrume. Era terrivel. De vez em quando, sobre a escuridão que se erguia ás cargas mais unidas e rapidas, o relampago e o estrondo das granadas de mão disseminavam tragicamente na massa das forças de cavallaria, contendo-as a distancia e em desordem. Novas cargas nossas rompiam a todo o instante; as granadas foram produzindo destroço; iam minguando os homens na nossa frente. Nenhum de nós mediu o perigo d'aquella hora formidavel, açoitando dois regimentos em peso, pois que infantaria 1 mantinha-se atraz das forças com que lutavamos, em absoluta espectativa. Por fim os ultimos cavalleiros fugiram, como haviam fugido, atordoados, muitos ou quasi todos os cavallos das praças que tinhamos ferido. Já não possuiamos granadas. Tudo era sombra deante de nós, que a noite estava escurissima. Ouviam-se apenas gemidos constantes, altos ou arrastados, d'uma successão que trazia as lagrimas aos olhos.

« — E infantaria 1?

« — Veiu depois. Deviam ser, a essa altura, tres horas da manhã!... Poucas munições tinhamos então. Todavia respondemos ao tiroteio do «novo» inimigo. Ferimol-o tanto quanto pudemos. Até que para conservar o bom numero dos nossos homens e na quasi ausencia de cargas, o tenente Parreira mandou que retirassemos de novo para o quartel de marinheiros. Tinhamos apenas tres homens em terra.

« — A infantaria seguiu-os?

« — Seguiu, mas por pouco tempo.

« — Que fizeram depois?

« — Quando entravamos prendemos o almirante Augusto Castilho que creio se recolhia ao quartel, já avisado dos tumultos. Pela madrugada lutamos ainda com os restos de cavallaria 4 e com lanceiros 2. Fortificámo-nos na parada. Depois, até ao dia, houve plena paz — apesar da escassez de noticias ácerca do resto do movimento.

« — E chegaram?

« — Tarde. O tenente Parreira, a quem cabem as honras de todas as operações de populares e marinheiros, tomou a re-

YACHT REAL «AMELIA»

solução de prender todos os individuos que passassem em frente do quartel. Entraram varios. E entraram tambem, para nossa alimentação, diversos carregamentos de carne, cabritos vivos, cerveja, pão, gazosas e «pirolitos», que áquellas horas rodavam ou para Belem ou para Lisboa.

« — Ouvimos dizer que foram passados para todos os proprietarios, termos dos generos apprehendidos; é verdade?

« — E' de crêr que sim. Eu não vi.

« — Ia dizer?...

« — Sim, ia continuar. Almoçámos e pouco depois principiámos a ser atacados para a parada pela guarda do paço das Necessidades. O fogo não foi cerrado, todavia nós démos as respostas sufficientes para provarmos que tinhamos munições. Mas qual não foi o nosso espanto quando, ao meia dia, de lá destacaram um official que veiu convidar-nos a rendermo-nos. Nunca! Ali, todos, como se fôra um só! Seguiram á «amabilidade do convite» tres tiros de metralhadora. Era então necessario tomar um expediente decisivo!...

« — E os cruzadores?

« — Estavam ainda em frente ao Terreiro do Paço. Foi devido ás descargas de metralhadora que o primeiro tenente Parreira mandou tocar immediatamente a cabo de signaleiros, e se fizeram para bordo as respectivas indicações de subir Tejo acima.

« — Deram-se então as descargas do mar contra o paço das Necessidades?

« — Já tinham sido feitas algumas.

« — Para que foram então esses exercicios?

« — Para que os cruzadores subissem e se fizesse o nosso embarque para bordo.

« — E fez-se?...

« — Fez-se depois do jantar. A' noite o *S. Raphael* desceu de novo para o Terreiro do Paço, e o *Adamastor* foi á doca de Santo Amaro vêr se descobria infantaria 1. Vimol-a realmente. Mas não a pudemos bombardear porque tinhamos pela frente a casa do sr. Migueis. Cessou ahi todo o meu trabalho na campanha.

« — Então não assistiu ao assalto ao «D. Carlos»?

« — Não. Até ao desembarque na manhã de quarta feira nada mais fiz »

Mas, como não surgiu documento sem inexactidões, alludese n'este, ao official Vilhena por erro, pois os factos se deram com o almirante Pereira Vianna.

Houve pois a energica opposição d'este, pelas armas.

Ao acto correspondeu o exaspero dos outros.

As espingardas eram-lhe immediatamente apontadas.

A revolução havia de vencer, a despeito de quantos embaraços podessem surgir.

O almirante era logo attingido, e ao mesmo tempo uma congestão o lançava por terra.

A concentrada raiva de se ver vencido completára as intenções da rebeldia.

Cahia, cerrando os punhos convulsivamente.

Boatos vieram para fóra, de que morto fôra, tal a violencia do ataque, que nem de todos os conspiradores fôra assistido, pela dispersão de forças no arrombamento de paioes e vigilancia contra as forças ainda fieis á monarchia e detenção de outros officiaes.

Assim disse se: (*)

«Emquanto isto se passava, o 1.° tenente Parreira, tomava o commando das forças navaes, como já o havia feito no quartel do corpo de marinheiros. N'este quartel, o commandante do corpo vice-almirante Vianna foi morto com um tiro por uma praça que acudiu em defeza d'aquelle official, a quem o commandante apontara o seu revolver.»

O almirante não ficou morto.

Ao vel-o cahir conduzia-o ao posto o enfermeiro Francisco Moura, o primeiro que o tratou dos ferimentos recebidos, e d'ali para os seus aposentos particulares.

A Republica, em horas de irrefutavel justiça, não poupou reprimenda aos vencidos por entrega simples nem regateou elogios aos vencidos por combate onde se arriscaram.

No seu relatorio official, datado de 20 de Outubro de 1910, ainda o 1.° tenente Antonio Ladislau Parreira, prestava culto valorisado ao almirante Pereira Vianna, exalçando nobremente á sua coragem:

«Terminaremos este relatorio prestando uma homenagem de respeito que não podemos calar. Referimo-nos ao almirante Pereira Vianna, que ficou ferido, podendo ter ficado morto no seu posto.»

Pereira Vianna, reformava-se no posto de vice-almirante.

Abandonando o ferido almirante Pereira Vianna, era perseguido o 2.° commandante Henrique de Castro Carvalhosa

(*) «O Seculo» de 6 de Outubro de 1910.

e Athayde, que antes lográra escapar-se, não sem bradar *ás armas.*

Lobrigado na parada de cima, de olhar inquieto, sem bonet nem espada, n'um nervosismo mal comprehendido n'um official combatente, e da armada, sempre sujeita a graves contingencias — detido era e entregue a dois cadetes e dois populares, não sem que apalpado fosse, achando-se-lhe na algibeira as cargas de um revolver que entregava ao 1.º tenente Parreira, como pouco disposto a energicas defezas.

Ainda n'este ponto surgiram divergencias.

Segundo o relato (*) do 2.º sargento Rodrigues, o 2.º commandante nenhuma arma possuia:

«Dirigimo-nos para a parada, onde encontrámos o 2.º commandante Henrique de Castro Carvalhosa e Athayde, de olhar esgaseado, sem luneta, sem espada, inteiramente desarmado. Apalpado apenas lhe foram encontradas na algibeira as cargas de um famoso revolver que possuia.

« — E esse revolver onde estava?

« — Não sei, não o trazia comsigo.»

Já o tenente Parreira affirmava: (**)

«Pouco depois os civis, empregados nas buscas, correram sobre o 2.º commandante, obrigando-o a fugir deante de si, até á parada de cima, onde o tenente Parreira o intimou a render-se, dando-lhe ordem de prisão e recebendo d'elle a sua arma.»

Prevalece esta allegação, pelo facto de a entrega do revolver, sem resistencia, haver sido feita, precedendo a inspecção aos bolsos.

Essa orientação do commandante Carvalhosa e Athayde, era posta em foco, mais tarde, quando da sua escolha para exercer o commando de um navio.

Por informação do então major general da armada, vice-almirante José Maria Teixeira Guimarães era o official «inculpado da falta de prestigio, motivada pela sua attitude durante

---

(*) «A Lucta» de 25 de Outubro de 1910

(**) Relatorio do 1.º tenente Antonio Ladislau Parreira, já citado.

o movimento revolucionario de 5 de Outubro no quartel de marinheiros » (*)

Um despacho (26 de Fevereiro de 1913) do ministro da marinha, capitão-tenente da armada, José de Freitas Ribeiro, mandou reunir o tribunal disciplinar da armada, que em sessão secreta emittia o seguinte voto (**) sobre o processo:

«Em cumprimento do determinado na ordem de S. Ex.ª o Ministro da Marinha de 26 de Fevereiro ultimo reuniu o Tribunal Disciplinar da Armada para julgar se o capitão de mar e guerra Henrique de Castro Carvalhosa e Athayde estava incurso no artigo 89° do regulamento disciplinar da armada.

«Tendo sido presente ao tribunal o respectivo processo com todos os documentos a que se referem os n.os 1.°, 2.°, 3.°, 4.° e 5.° do artigo 88.°;

«Tendo sido chamado a prestar informação, nos termos do § unico do artigo 88.°, o Ex.mo Sr. vice-almirante, reformado, Pereira Vianna, e primeiros tenentes Pinheiro Silvano e Alberto dos Santos;

«Não constando nem da informação e relatorio de S. Ex.ª o Major General da Armada factos demonstrativos da incapacidade profissional do citado official, antes o contrario, nem das informações annuaes nem da nota de assentamentos do citado official, nem do que disseram perante este Tribunal os officiaes acima citados, que declararam não terem presenciado nem lhe constar que o capitão de mar e guerra Carvalhosa tivesse sido desrespeitado, aggredido, maltratado e arremessado para um calabouço por praças do corpo de marinheiros.

«Este tribunal decidiu, por unanimidade de votos, que o capitão de mar e guerra, Henrique de Castro Carvalhosa e Athayde, não está incurso em nenhum dos numeros do artigo 87.° do regulamento disciplinar da armada.

«Tribunal Disciplinar da Armada, 18 de Abril de 1913. *Jose Joaquim Xavier de Brito*, vice-almirante — *Manuel Lourenço Vasco de Carvalho*, contra-almirante — *José Nunes da*

(*) «O Seculo» de 19 de Abril de 1913.
(**) Ordem da Armada n.° 8, de Maio de 1913.

Matta, contra-almirante (com reserva, mandando parecer) — *Julio José Marques da Costa*, contra-almirante — *Jose Candido Correia*—contra-almirante.»

Acompanhava-o o parecer de um dos membros do tribunal o contra-almirante José Nunes da Matta:

«Relativamente ao capitão de mar e guerra, Henrique de Castro Carvalhosa e Athayde, mandado comparecer perante o Conselho Disciplinar da Armada, em razão da informação dada a seu respeito pelo Sr. Major General da Armada, cumpre-me dizer o seguinte:

«Considerando que as informações a respeito d'este official e os depoimentos ouvidos são accordes em que tem competencia profissional, sendo mesmo um dos poucos officiaes que no posto de commando nas manobras em esquadra sob a direcção superior do vice-almirante Moraes e Sousa não mostrou o menor receio e antes revelou resolução rapida e precisão definida;

«Mas, attendendo a que o Sr. Major General da Armada, em razão da ponderação que dá a edade e de grande responsabilidade inherente ao seu alto cargo, não fazia a affirmação de que este official havia sido preso e desrespeitado por praças da armada se realmente não conhecesse factos precisos e claros que comprovassem a sua affirmação; e

«Attendendo ainda a que o capitão de mar e guerra Ladislau Parreira, no seu relatorio a respeito dos factos occorridos no Quartel de Marinheiros na noite de 3 para 4 de Outubro de 1910, affirma que este official foi preso por elle com o auxilio de individuos da classe civil e algumas praças da armada, quando fugia;

«Sou de parecer, em primeiro logar, que o facto d'este official se retirar e mesmo fugir deante das forças insuperaveis não o deslustra como militar, pois que a historia de todos os tempos nos apresenta numerosos exemplos de afamados cabos de guerra se retirarem e mesmo fugirem deante de forças superiores, e que portanto esse facto não prova falta de capacidade profissional; e sou de parecer em segundo logar que, visto não ser admissivel o duvidar-se da informação do Sr. Major General da Armada e relato do Sr. Ladislau Parreira, e para dar mais algum

tempo a que nas praças da armada se desvaneça qualquer impressão relativa ao facto da sua prisão, «não lhe seja dado o commando de qualquer navio da armada antes do dia 4 d'Outubro do presente anno, podendo exercer todas as outras commissões da arma, mas que, a partir d'aquella data lhe seja permittido desempenhar todos os serviços da arma, incluindo o commando de navio isolado ou em esquadra.» — Sala do Tribunal Disciplinar, 18 de Abril de 1913. — José Nunes da Matta.»

Conformou-se o ministro com o parecer, denegando (5 de Junho de 1913) porém auctorisação ao capitão de mar e guerre, Carvalhosa e Athayde, para publicar a defeza apresentada ao conselho, com fundamento em «não convir sujeitar-se a controversias as discussões do tribunal disciplinar ou as declarações de voto dos seus membros.»

Retrocedamos aos successos da madrugada de 4, no quartel de marinheiros.

Emquanto se dava a perseguição e detenção do capião de mar e guerra Carvalhosa e Athayde, contava o movimento como um dos novos auxiliares, o 2.º tenente Tito Augusto de Moraes, que no 28 de Janeiro de 1908 estivera com Machado Santoa, na rua do Ouro, esperando o signal para a revolta.

Tito de Moraes fazia parte do grupo revolucionario mas outros trabalhos o haviam affastado até então do seu posto no quartel.

Desde logo se incumbia de activar a formatura das praças em condições de entrar no plano de combate extremo.

Entretanto a lucta seguia.

O sargento Antonio Alves, recusou adherir, contrariamente ao que desde logo haviam feito os 1.ºs sargentos Joaquim Guilherme Guerreiro, Henrique Francisco e Antonio Augusto da Costa, 2.ºs sargentos Antonio Maria de Carvalho, Rodolpho dos Santos, José Salvador, José Gonçalves Ferreira e João Augusto Alves, 1.º contra-mestre José Joaquim Marques e 2.º contra-mestre Luiz da Silva.

O sargento Alves, que perscrutára o movimento e que quiz

oppôr-se ao arrombar da arrecadação do armamento, era repellido e a custo salvou a vida.

Bravo, exaltado, foi salvo por dois populares, que, para o livrar da furia dos assaltantes, o arrastaram, como preso, até á presença do tenente Parreira.

A indisciplina da revolta trouxera a indisciplina dos fieis e o tenente, escutava da bocca do sargento, as maiores recriminações pelo seu acto de revolucionario.

Comprehendeu o official a gravidade do incidente e das arguições n'essa altura, que poderiam ainda trazer o retrocesso de ideias por parte d'alguns marinheiros, de momento enthusiasmados, e ancioso de terminar a scena deveras extranha, apontou-lhe ao peito uma pistola, emquanto os populares de novo o conduziam, fortemente agarrado, para o calabouço isolado, gritando ainda contra a sua falta de vigilancia.

Os officiaes não adherentes, jaziam já nos carceres sob a guarda de civis armados.

Animava-os ainda a esperança de um mallogro.

Comtudo, seria a Republica, victoriosa, quem lhes abriria as portas dos calabouços para onde a Revolução os arremessára.

Pensou-se n'um auxilio externo, pelo tumulto erguido durante o acto da investida.

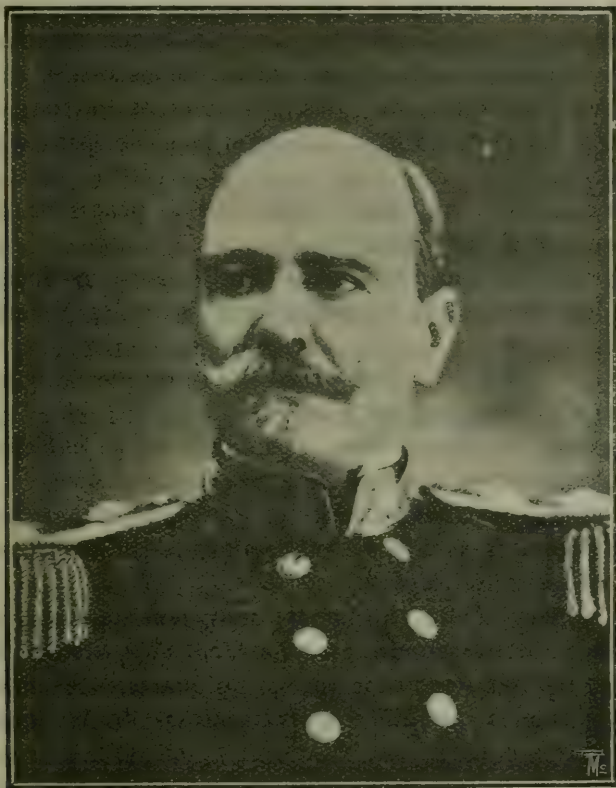
Todavia, n'um relativo borborinho se passou essa scena de invasão, ao ponto que do quartel da 6.ª companhia da municipal, era communicado ao commando geral das guardas, existir «no quartel de marinheiros bastante movimento, sem comtudo haver grande barulho, notando-se ás vezes um ou outro tiro e gritos abafados».

Essa participação, assignalada no relatorio do coronel Malaquias de Lemos, não induziu porém a uma rapida intervenção da municipal, só muito mais tarde apparecida na frente do edificio de Alcantara.

Esse auxilio dando animo aos que se não renderam logo, traduziria um entrave seguro á marcha sediciosa, mais ou menos propensa a indecisões ao surgir de qualquer contrariedade.

N'essas possibilidades não se deteve o pensamento dos assaltantes do quartel de Alcantara.

Pretendia-se apenas seguir a iniciada orientação avassaladora.

Promptas a seguir se apuraram 50 praças, e para as municiar foram arrombados os paioes.

GENERAL CARVALHAL

(Commandante da 1.ª divisão militar)

Comtudo, por ironia soberba, ao fazer-se saltar a portinhola do das munições, surgia desillusão forte.

O 2.° contra-mestre Armando Barata, deparava com balas de pau, perfeitamente simuladas.

A commentarios se prestou depois o facto, desconhecido dos

officiaes fieis á monarchia e até de alguns devotados á democracia.

Não faltaram allusões, quasi directas, á fabrica da polvora em Chellas, então dirigida pelo coronel Antonio Xavier Correia Barreto e futuro ministro da Guerra.

Esse caso, conjugado com outros, fez suscitar ao francez Leon Poinsard, a accusação de que o estado maior, para auxilio á revolta, fornecera os realistas com cartuchos vasios.

Feita a distribuição de balas, o 1.º tenente Parreira, cuidou de, visto a posse do edificio, fortalecer se n'elle, para constituir seguro asylo.

Interdito foi o ingresso a officiaes e ás praças licenceadas.

Só sob prisão ali entrariam.

A inactividade não sorriu aos revoltosos de marinha.

A ideia dominante do assalto ao Palacio das Necessidades, resurgiu.

Era, de momento, impraticavel e retrocederia, como além retrocedera a infantaria 16 e artilharia 1.

Emquanto se desenvolvia, a par da defeza, o incitamento á marcha, manobrava egualmente a astucia.

Do arsenal, não tomado ainda, era pelo telephone, ordenado para Alcantara, a sahida de forças afim de conter a insubordição do cruzador *S. Raphael.*

O artilheiro 1520, simulando ser o tenente Jorge Parry, a essa hora detido, respondia para o arsenal ao 1.º tenente Bastos, accentuando a existencia de socego no quartel e fazendo saber, ante a insistencia, que não consentia na sahida das forças para não alarmar a cidade.

Julgou-se o facto verdadeiro, na ignorancia de que, n'esse momento, os revoltosos estabeleciam uma vigorosa linha de atiradores para a defeza do edificio.

Todavia, á persistencia, o marinheiro fingiu dar ordens para a sahida de contingentes e interrogou para o arsenal, mais tarde, se elles já ali tinham chegado, obtendo, como era de esperar, negativa resposta.

Já havia porém suspeitas e o capitão de fragata Luiz Aprá, indo ao apparelho telephonico, de prompto percebeu a falsa per-

sonalidade que fallava, visto conhecer bem a voz do 1.º tenente Jorge Parry Pereira, com quem bastante lidára quando o tivera sob as suas ordens a bordo do transporte *Africa*

Cortou-se pois a ligação, estabelecido o convencimento de que o quartel cahira já na posse dos revoltosos.

Estes, de facto, proseguiam na sua acção.

O 1.º tenente Antonio Ladislau Parreira, armando e equipando as praças, confiava ao commissario naval Henrique da Costa Gomes, a manutenção do posto, com 50 marujos, collocados nas janellas, incumbindo-lhe o impedir a sahida da guarda municipal de Alcantara e a protecção da parte central do edificio.

Cento e oitenta marinheiros iam tentar uma sortida, sahindo pelo lado opposto, o do Aterro.

Como começo houve logo embaraços.

A officialidade não adherente, occultára a chave da sahida do lado sul.

Urgia proceder, pois passava das duas horas e meia da madrugada.

Foi arrombada a porta.

O primeiro pelotão defrontava-se a poucos passos com uma pequena força de lanceiros 2.

Não se atemorisou.

Pesquisou-lhe intenções, gritando:

— Viva a Republica!

A cavallaria debandava, sem hostilisar, indifferente.

Vejamos n'este ponto, e para contradicta a pormenores onde o contrario se citou, os seguintes trechos do depoimento do sargento ajudante de lanceiros 2, Antonio Gonçalves Dias e do 1.º sargento Mario Augusto de Mezes Machado, incluindo no relatorio do major d'aquelle regimento, Thomaz de Sousa Rosa: (*)

«O regimento saiu do quartel cerca da uma hora de 4 de Outubro e seguiu pela Junqueira para Alcantara-Mar. As praças levavam as lanças enfiadas do lado esquerdo e a carabina

(*) «O Mundo» de 15 de Dezembro de 1912.

empunhada na mão direita (até n'isto se manifestam os conhecimentos militares do ex coronel Albuquerque). Quando a guarda avançada do commando do tenente Accacio Nunes chegou á altura do Baluarte no quartel dos marinheiros, fez alto, vindo o tenente Nunes dizer ao coronel que do mesmo quartel alguem disparára um tiro e dissera «Vamos a elles». O coronel mandou retrogradar e desfilou com o regimento pela rua que corre junto á linha ferrea e seguiu pela Fonte Santa, Santa Izabel, em direcção ao Rocio. Ali esteve o regimento parado até cerca das 2 horas e meia, em que novamente se poz em marcha, juntamente com infantaria 2, seguindo pela Avenida, Salitre, Santa Izabel, rua Saraiva de Carvalho, travessa da Estrella em direcção ao largo da Estrella.»

A' retirada dos lanceiros, esquivando-se a guerreiros lances reanimou-se a ambição da marcha sobre as Necessidades.

Foi n'essas alturas que novos auxiliares chegaram.

Falhos os planos sobre os regimentos, appareceram com o seu grupo de 22 revolucionarios, o chefe civil José Nogueira, estabelecido com tabacaria e cervejaria na rua do Livramento e com o seu nucleo, o barbeiro João Augusto de Andrade.

De jubijo foi a apparição, por constituir reforço e se ao primeiro nada caberia em premio, á victoria ganha, ao segundo iria, como recompensa, o logar de almoxarife do antigo palacio real das Necessidades.

Vierama inda, isolados, os revolucionarios Benjamim Augusto, Candido Augusto, Joaquim Nepumuceno da Cruz, Heitor de Oliveira Victoria, Manuel Joaquim Lopes, Virgilio Augusto Fernandes e o engenheiro electricista Antonio Vaz Gomes, filho do juiz de direito do tribunal das execuções fiscaes dr. Vicente Luiz Gomes, (*) e o cutileiro Antonio Luciano de Sousa Nogueira.(**)

(*) Apóz a Republica proclamada era-lhe dado o cargo de presidente de commissão jurisdicional dos bens das extinctas congregações religiosas. O filho, a esse tempo, (Abril de 1913) com o curso de engenheiro mechanico, pelas escolas de Liverpool Napier e estudando em Londres, a construcção de automoveis tomava ali uma attitude notavel.

Apenas de 26 annos, pois nascera em Lisboa a 16 de Outubro de 1887, desafiou para duello, em França, o representante de um grupo de realistas exilados, como auctor de uma local no «Daily Mail» sobre a Republica Por-

Aos grupos recemchegados era confiado o auxilio externo, tomando o Aterro, interceptando o transito para além de Santos e capturando os suspeitos nas ruas de Alcantara.

D'essa vigilancia, nasceria mais tarde, a detenção do contra-almirante Carlos Augusto de Magalhães e Silva, que, ao apear-se d'um trem no Aterro, quiz entrar no edificio sendo, aprisionado pelos chefes carbonarios, João Augusto de Andrade e José Nogueira, com Francisco Carreira, João Borges e Edmundo Magno dos Santos; e o 1.º tenente Mello Guerreiro, que, ligando-se aos revoltosos, era restituido á liberdade e encorporado na acção, emquanto o tenente Tavares, era forçado a affastar-se a tiro.

Quando do arsenal interrogaram, a instancias de familia, se o almirante Magalhães e Silva chegara ao quartel, houve como resposta a negativa.

Todavia já elle detido fôra com outros.

Essa vigilancia, ainda por um troço onde estava o contra-mestre da armada Antonio Correia da Silva, deu origem ao celebre caso do coupé 44.

Os revolucionarios, vendo approximar-se o trem, presumiram captura de valia.

Ao intempestivo da investida, succedeu o equivoco duplo: nem o dr. Affonso Costa, se reconheceu entre os conspiradores nem estes notaram no occulto viajeiro, o seu caudilho.

Uma descarga attingiu o vehiculo e os cavallos.

Na ancia de abandonar o perigoso posto, o cocheiro, deixava, morto, um dos cavallos, que ficou encostado ao muro do quartel de Alcantara e conseguiu com o outro arrastar o trem por algum tempo, até que o advogado deixando o Aterro, procurava refugio no Hotel Central, onde, julgando-se ferido, era examinado pelo dr. Malva do Valle, que facetamente desvanecia cuidados.

---

tugueza. Recusada a pendencia, pretendeu inscrever se como orador n'um comicio em Londres, em que a duqueza Luiza de Bedford fez campanha contra as prisões da republica, chegando a ser perseguido na capital ingleza por insistir em discursar. Regressou depois a Lisboa, como engenheiro da agencia automobilista Napier.

(**) Falleceu em 26 de Julho de 1913.

Entretanto estabelecia alarme o echoar das descargas.

Os planos iam cahindo, e assim o notou a columna sahida do edificio de Alcantara.

Não houve todavia desanimos.

Tendo como objectivo as Necessidades, a força enveredou pela rua 24 de Julho, em direcção á rua da Costa.

Defrontou-se-lhe logo infantaria 1, acampada junto ás cancellas da linha ferrea, sob o commando do coronel José Jayme de Sousa Marques.

O obstaculo trouxe exasperos.

Teve de fazer alto a columna rebelde, destacando embora alguns civis até á rua Vieira da Silva, em investigação de passagem viavel e para trazer a maruja desembarcada dos navios.

A idéia de ataque ao paço real esfriou.

Convencionou-se antes preparar uma resistencia.

Convinha prevenir para que subito ataque não trouxesse uma chacina completa.

Arrombado em parte, o tapume junto á passagem do nivel do caminho de ferro, as forças desenvolviam-se em angulo, ficando uma, sob o commando do 2.º tenente Carlos da Maia, e auxilio do 1.º tenente adherente, Cesar Augusto de Mello Guerreiro voltando costas ao tapume, com as armas apontadas para a passagem do nivel e occupando ainda a cerca com a frente a oeste; e outra, em companhias commandadas pelos 2.ºs tenentes Tito de Moraes e Sousa Dias e commissario naval Guilherme Rodrigues com as costas para a parede norte da rua 24 de Julho, apontando as armas para a mesma passagem.

Quando Parreira deliberava enviar um parlamentario a convidar as tropas fieis a adherir, já para os revoltosos se dirigiu um capitão disposto a entender-se com as forças do 2.º tenente Carlos da Maia.

Trocava-se então o seguinte dialogo, começado pelo official da armada:

— Que deffende?

— Tenho muita pena, mas sou obrigado a vir aqui...

A attitude pouco altiva do capitão, fez augmentar as energias dos revolucionarios.

— Mas que principio deffende?...

— As instituições.

— Mas que instituições? Republica ou monarchia?

— Monarchia...

E retrocedendo, evocava a sua qualidade:

— Sou parlamentario e vou contar isto ao meu tenente-coronel.

Segundo emissario vinha, um tenente, que, dando quasi identicas respostas, se affastava egualmente afim de communicar ao tenente-coronel o colloquio, aliás bem pouco compativel com as circumstancias de momento.

A inutilidade das palestras patenteou-se ao tenente Parreira que anteviu, não um acto tendente a ganhar tempo para concentração de forças, mas uma evidencia de indifferentismo, que lhe convinha aproveitar.

Parreira, pois, farto da espectativa observada pelos regimentos realistas, abria as hostilidades e ordenava a primeira descarga.

A infantaria, fez fogo, abrigada por uns taboões.

Os revoltosos teem perdas e recuam, por instantes.

Entretanto, os populares com marinheiros que seguiam em exploração até á rua Fradesso da Silveira, esperando o anceado desembarque das outras praças, assignalavam a tomadia d'aquelles logares.

Por acaso, deparava-se-lhe uma parte de cavallaria 4.

Para o quartel da calçada da Ajuda, determinara o commando da divisão a sahida de um esquadrão que se juntaria a infantaria 1, para ataque á marinha, em caso de necessidade.

Mais tarde, foi ordenado ao respectivo commandante, coronel Jesuino Gregorio Pessoa de Amorim, que acompanhando a força, viesse acampar no Rocio.

Pouco alem de 40 soldados possuia, mas cumprindo as ordens, avançou para o destinado posto, indo cahir porém no meio dos rebeldes avidos de marchar sobre as Necessidades.

Dava se o encontro na rua Vieira da Silva, quasi ao desembocar da rua 24 de Julho.

Se alguns dos civis fugiram, occultando-se nas medas de pi-

nho do Aterro ou no quartel de marinheiros, outros faziam frente aos inopinados atacantes.

Ao surgirem ali os rebeldes faziam-lhe uma descarga.

Os cavallos espantaram-se, alojando os cavalleiros.

Ficaram feridos, o major, Manuel Ignacio da Rocha Teixeira, com contusões na região parietal esquerda, e na perna direita e deslocação do braço direito pelo hombro, por ter sido arrastado pelo cavallo; e o alferes Victorino da Gama Barata, com o joelho esquerdo desarticulado.

Das praças, foram mais gravemente attingidos os soldados n.º 34 do 2.º esquadrão, Antonio Francisco, com fractura do craneo, e a quem foi feita a trepanação; 142 do 2.º Manuel Gonçalves, a quem entrou uma bala pela nadega e saíu proximo da virilha ficando ainda com escoriações nas mãos; 166 do 3.º José Augusto, com escoriações em diversas partes do corpo, 103 do 2.º Emilio Santos, 44 do 4.º Alexandrino Cruz e 50 do 2.º Evaristo Ferreira Neves, contusão do joelho direito e escoriações pelo corpo por serem arrastados e pisados pelos cavallos; soldado 221 do 4.º Manuel da Silva, com graves contusões no thorax por lhe terem caído em cima tres cavallos; soldado 105 do 2.º Manuel Leitão, ferido por uma bala, que lhe atravessou a coxa direita no terço superior, e 141 do 2.º Benedicto Augusto, ferido com uma bala na região renal e outra no braço direito.

Persistiram todavia no avanço aos outros.

Aos tiros seguiram-se as bombas.

Emmudeceram as espingardas para que actuasse a dynamite.

A derrocada fazia-se.

Os claros nos soldados não se logravam preencher.

Muitos ficaram debaixo das montadas esphacelladas pela metralha e que nas ruas Vieira da Silva e Cascaes (*) ficaram ao abandono.

Outros, desvairados, desmontavam, supplicando misericordia

(*) A rua Cascaes passava a denominar-se João de Oliveira Migueis, como homenagem a um republicano do bairro de Alcantara, sendo a respectiva lapide inaugurada em 5 de Outubro de 1913.

com abdicação de fé jurada á monarchia, que amaldiçoavam n'aquella hora de angustia.

Alguns, aproveitando os cavallos sem cavalleiro, iam de abalada, perseguidos ainda até ao principio da rua de S. Joaquim ao Calvario, onde emfim socegavam, para n'uma forçada marcha até Monsanto, descer d'ali até á residencia do presidente do conselho onde o coronel ia communicar o desastroso passo.

Teve este lance de revolta descripções divergentes entre si; apontando-se até combates simultaneos, aliás contradictados: (*)

«O 1.º tenente Parreira, tomadas estas disposições, ainda esperou um pouco antes de abrir as hostilidades. Mas continuando a notar movimentos na cavallaria e infantaria adversas, resolveu tomar a offensiva e deu a voz de fogo. A fusilaria crepitou com energia e violencia durante minutos. Do lado opposto responderam ao ataque com umas descargas que causaram algumas baixas nas forças revolucionarias. A seguir, como a cavallaria inimiga, desembocando na rua Fradesco da Silveira, desobedecesse á intimativa do 1.º tenente Parreira para fazer alta, os revolucionarios e os populares atacaram-na rudemente, secundados pela artilharia civil e a cavallaria dispersando-se, bateu em retirada, com cerca de 50 baixas entre mortos e feridos.»

Não foi todavia aquelle um combate simultaneo com cavallaria e infantaria e outro livro (**), aponta até uma espectativa da segunda, se bem que de pouca duração fosse:

«E o nosso grupo, que se tinha dividido em duas alas sobre os dois passeios da rua, desatou corajosamente n'um tiroteio formidavel. A rua estava toda envolvida no negrume. Era terrivel.

«De vez em quando, sobre a escuridão que se erguia ás cargas mais unidas e rapidas, o relampago e o estrondo das granadas de mão disseminavam tragicamente na massa das forças de cavallaria, contendo-as a distancia e em desordem. Novas

(*) «A Revolução Portugueza».=«O 5 de Outubro», por J. de Abreu. Pagina 140.

(**) «Como se implantou a Republica em Portugal».=Notas de um revolucionario.=Pagina 78.

cargas nossas rompiam a todo o instante; as granadas de mão foram produzindo destroço; iam minguando os homens na nossa frente.

«Nenhum de nós mediu o perigo d'aquella hora formidavel, açoitando dois regimentos em peso, pois que infantaria 1 mantinha-se atráz das fôrças com que luctavamos, em absoluta espectativa. Por fim, os ultimos cavalleiros fugiram, como haviam fugido atordoados, muitos ou quasi todos os cavallos das praças que tinhamos ferido. Já não possuiamos granadas. Tudo era sombra deante de nós, pois a noite estava escurissima. Ouviram-se apenas gemidos constantes que traziam lagrimas aos olhos.»

Houve portanto o acto, isolado, sobre a ultima força sahida do quartel de cavallaria 4 e apoz a lucta com o esquadrão de auxilio a infantaria de Belem.

Lograda essa victoria sobre o esquadrão do coronel Pessoa de Amorim, coube aos revoltosos, a vez de desanimo e do retrocesso sobre esses ganhos passos, não isentos de desgraças, pois ao arremessar de uma bomba, esta, ao explodir, victimava tres populares.

Ouviram-se novas descargas.

Os civis ignorando que era a maruja combatendo infantaria 1, e o primitivo esquadrão de reforço de cavallaria, 4 debandavam rapidos.

Na escuridão da noite, só ficavam a desenhar-se os confusos vultos dos corceis sem vida, estripados, e dos soldados feridos, arrastando se envoltos em sangue e lamentando a má senda em que se envolviam.

Infantaria 1, que se tivessse mais cedo e mais efficazmente auxiliado a manobra de cavallaria 4, decerto evitava o desaire d'esta, decidiu-se a estabelecer lucta energica.

Não era escassa a força: 250 praças.

Esse effectivo elevou o o presidente do conselho, conselheiro Teixeira de Sousa, a 491, mas o primeiro numero foi o que realmente intentou e conseguiu antepôr se á marcha dos marinheiros sobre o palacio das Necessidades.

A primeira descarga fez logo baixas nos revoltosos, ficando feridos mais gravemente o cabo de marinheiros, Gregorio dos

Santos, que teve de ser operado, e o grumete João Baptista dos Santos.

Attingida especialmente a columna do 1.º tenente Parreira e 2.º tenente Tito de Moraes, operava esta a primeira retirada, pela rua Baluarte, pretendendo guarnecel-a.

Ladislau Parreira assignala no seu relatorio como debandada dos realistas o que constituiu recuo dos rebeldes:

«O tenente Parreira, depois de tomadas estas disposições, esperou ainda um pouco, e como se continuassem a notar movimentos na cavallaria e infantaria, resolveu tomar a offensiva e fazer fogo, o que se fez com bastante energia e valentia durante algum tempo. A este ataque respondeu do lado opposto a fuzilaria que nos fez algumas baixas, não conseguindo, apezar d'isso, calar o nosso fogo. N'esta occasião, houve uma divisão da columna, recolhendo o 1.º pelotão pela rua Baluarte, para a guarnecer e defender, ficando ainda o tenente Maia até final da debandada do inimigo, recolhendo mais tarde com o seu pelotão pela porta sul.»

As munições dos revoltosos eram poucas, e apoz a resposta aos realistas, para a illusão de que bem municiados estavam, reconhecida a inefficacia do processo, retrocediam sobre o quartel de marinheiros, deixando dois mortos e trazendo 17 feridos, emquanto o 1 de infantaria registava apenas 2 soldados feridos.

E' certo que o 1.º tenente Parreira, no seu relatorio official foi o primeiro a patentear a manutenção do regimento, junto ao seu posto anterior, os tapumes da rua 24 de Julho:

«Recolhidos ao quartel fez-se tambem, *grosso modo* a contagem das forças, verificando se haver as perdas que constam da relação C. e notando-se não terem recolhido o tenente Mello Guerreiro e commissario Guilherme Rodrigues. Em compensação apresentaram se 4 enfermeiros, com ambulancias portateis, que haviam seguido com ordem do medico Vasconcellos e Sá, aos quaes este deu instrucções para irem para o corpo caso vissem que na Rocha do Conde d'Obidos a gente dos navios não desembarcava.

«Amanheceu pouco depois, e então verificou-se pelo que lado

sul infantaria 1 estava occulta com as casas do caminho de ferro e tapumes, desenvolvendo até á rua da Costa, acompanhada tambem da guarda fiscal e d'alguma cavallaria que suppõe ser do 4.»

Houve pois a retirada, pela impossibilidade de sustentar combate renhido, ante a attitude da cavallaria, pois que a infantaria, não teve um rasgo de energia, que só desfavoravel seria aos revoltosos.

Não o occulta nas suas entrelinhas, um depoimento: (*)

«Nenhum de nós mediu o perigo n'aquella hora formidavel, acoitando dois regimentos em peso, pois que infantaria 1, mantinhe-se atrás das forças com que luctavamos, em absolta espectativa.»

Não o sabiam antes os marinheiros e retrocederam.

Retirando para o quartel, o tenente Parreira já sabia pelas vedetas, a existencia de forças nas Necessidades.

Loucura seria pois procurar junccionar-se aos nucleos de artilharia 1 e infantaria 16 que presumia a caminho do paço real.

Ao perigo paraeste decerto corresponderia a marcha das tropas que estavam em Alcantara, e que pareciam pouco dispostos a deixar esse campo de acção.

Que tinha havido?

Suscitaram-se logo ideias de fracasso geral, accirradas com a falta de desembarque dos marinheiros.

Prestes a reentrar no edificio, detinham os revoltosos, o vice-almirante Augusto Vidal de Castilho Barreto e Noronha que desconhecendo a attitude da maruja, ia recolher ao quartel.

Dentro tiveram logo de repellir, fazendo fogo das janellas, um vigoroso ataque feito pela parte central, pelo 4.º esquadrão e a 6.ª companhia da guarda municipal.

Entretanto, para coartar a marcha sobre o palacio, infantaria 2, do commando do coronel Antonio Augusto de Sousa Bessa, vinha formar em Alcantara, na praça do mercado, fechando as travessas que separavam a area nova da cidade do

---

(*) «Como se implantou a Republica em Portugal» = Pagina 76.

antiga e fazendo com que quantos a essa hora estavam longe da baixa, para esta não podessem vir.

Desenhou-se uma perspectiva de combate intenso e para isso, José Nogueira, tomou posse, com os seus, de uma janella do archivo, no 1.º andar.

Foram necessarias bombas.

Da missão de as conduzir fôra tempo antes encarregado o carbonario Raul Magalhães Coutinho, iniciado em Janeiro de 1909, n'uma *choça* de Emilio Meyrelles, Antonio da Costa e Saraphim Carvalho.

Atravez da escuridão procurou desempenhar-se da tarefa ardua.

Em face do quartel, postára-se a cavallaria da guarda municipal.

Por entre as trevas se escapou, para ir cair no meio de infantaria 1, formada na rua Vieira da Silva.

Tomou o aspecto d'um amedrontado.

O commandante interrogou o sobre o caminho que queria seguir.

— Para minha casa!

O official, ignorando que na frente tinha um carbonario, ordenou-lhe, despreoccupado:

— Siga!

O revolucionario, caminhando sob o seu aspecto simples e, de passo cautelloso illuminado pela luz da astucia, conseguiu entrar pelas trazeiras do quartel e fazer entrega ao tenente Carlos da Maia dos explosivos que o commandante de infantaria 1 deixára passara e que sufficientes eram para lhe trucidar o regimento inteiro

O carbonario audaz desempenhára-se da tarefa, pelo ideal que professava.

Mais tarde comtudo, veremos Raul Magalhães Coutinho, lançado para os carceres da Republica (29 de Junho de 1912), e por extranha incoherencia, poucos dias decorridos sobre a sua proclamação como benemerito da Patria, em pleno Senado da Republica, e sob a accusação de vendido aos monarchicos que elle ajudára a dizimar mezes antes.

Ao tribunal ia pois o seguinte auto de accusação:

«Em libello accusatorio diz o promotor de justiça contra o reu Raul de Magalhães Coutinho, solteiro, servente do Arsenal de Marinha, residente em Lisboa e actualmente preso: que o reu, na occasião da sua captura em junho d'este anno, em que teve logar a gréve do pessoal dos electricos, trazia comsigo duas bombas com envolucro de ferro fundido, de fórma espherica, contendo metralha de ferro, com uma mistura explosiva de chlorato de potassio e sulphureto de antimonio, proprias a exterminar pessoas e causar estragos em edificios, bombas que ha bastante tempo guardava na quinta do Cabrinha, onde residia com seu pae.

«Que este facto constitue o crime previsto pelo artigo 4.º e punido pelo artigo 3.º da lei de 30 de Abril de 1912.

«Requer que ao reu seja applicadas a pena da lei violada.

«Testemunhas: Antonio da Costa Lima, alferes da Guarda Nacional Republicana, Antonio Albino, soldado n.º 149, João Vaz de Carvalho, soldado n.º 8, Armando Gomes Saraiva, soldado n.º 40, Manuel da Cruz, soldado n.º 56, Joaquim Gonçalves, soldado n.º 52, e Manuel Joaquim, 1.º cabo n.º 132, todos da 2.ª companhia do 1.º batalhão da Guarda Republicana, e Manuel Joaquim Ferreira dos Santos, policia de Investigação Criminal.»

Solto, detido era de novo, (13 de Junho de 1913) com outros, sob a accusação de «propagandistas da guerra civil e de attentarem contra as instituições da Republica.» (*)

D'essa vez, levava-o ás prisões, o caso da bomba lançada na rua Nova do Carmo, por occasião do cortejo camoneano celebrado a 10 d'aquelle mez.

Assim, como contrario á democracia enfileirou no numero dos enclausurados, aquelle que d'antes detido fôra, como adverso á realeza e glorificador de Buiça e Costa, os regicidas de Fevereiro.

Entretanto chegavam ao quartel de marinheiros, alem do dr. Alexandre José Botelho de Vasconcellos e Sá, os enfermeiros do

---

(*) «O Intransigente» de 20 de Setembro de 1913.

hospital de marinha, Adelino José das Neves Coelho e Alfredo Martins e ajudante Eduardo Rodrigues da Costa, formando columna de ambulancia.

Levára-os até ali um automovel, com a bandeira da Cruz Vermelha.

Antes, ás primeiras horas de combate, e atravez os riscos de uma detenção ou de um ataque, pois ignoravam a attitude das forças realistas, haviam apparecido com ambulancias portateis os 2.os enfermeiros navaes Ramiro dos Reis e Emygdio Augusto Coelho Flôr e os ajudantes de enfermeiro Eduardo Rodrigues da Costa e João de Sousa Martins Cabrita, que debalde tinham esperado na Rocha do Conde de Obidos o desembarque da maruja.

O arrojo d'essa travessia e os serviços de enfermagem prestados, valiam-lhes a concessão de pensões annuaes victalicias de 73$000 réis. (*)

Se eram para ali, os primeiros soccorros medicos, nas ruas, haviam ha muito começado a surgir os sinistros cortejos de macas.

A Cruz Vermelha e os bombeiros voluntarios, alheios á tempestade desenrolada, percorriam os arruamentos, na missão humanitaria, recolhendo os feridos, reunindo piedosamente os restos fragmentados dos infelizes esphacelados pelas bombas ou pelas granadas.

Aqui e ali, attingidos eram os benemeritos.

Um troço d'esses bravos, que ia a caminho da Rotunda, para prestar soccorros, era ainda forçado a retroceder, a tiro, n'essas primeiras horas de indecisão e de loucura.

A' disposição do general de divisão, era logo posto um serviço de ambulancias sob a chefia do dr. Correia Ribeiro, com 3 enfermeiros e 1 enfermeira.

Na succursal do jornal *O Seculo*, ao Rocio, installava a Cruz Vermelha um posto, com os medicos, Alfredo Tovar de Lemos Junior, José Bernardo Correia Ribeiro, Fernando Bebiano Bae-

---

(*) Veem citados na Ordem da Majoria General da Armada de 11 de Novembro de 1910.

ta Neves, Jayme Neves e José Rodrigues Bugalho; as *damas da Cruz Vermelha*, D. Amelia Clydo Lima, D. Alice Xavier da Fonseca e D. Bertha Teixeira Frazão; o estudante de medicina, Paulo Valente Marrecas Ferreira; o 1.º sargento de infantaria 2 Bento da Silva Fernandes, os enfermeiros Antonio dos Santos, Eduardo da Assumpção Pereira, Miguel de Aguiar, Cypriano Correia e Julio dos Santos Lamas; os maqueiros, Raul Pereira Pedroso, João Portzgen, Eduardo Cezar Torres de Jesus, Luiz Ferreira, Annibal Ferreira Breia, Alexandre Augusto Ramos Certã, Henrique Monteiro, Domingos Cruz, João Antunes de Sousa Pinto, Manuel de Sousa, Manuel da Costa Vaz, o ajudante, soldado de caçadores 2, João Garcia Correia Ribeiro e os serventes, Lucindo Vianna e José Seixas dos Santos.

A dedicação inexcedivel de esses grupos humanitarios a seu tempo será descripta.

Ali foi arvorada a bandeira da Cruz Vermelha.

Installados foram tambem, logo ás 8 horas da noite, os soccorros medicos, no posto da misericordia de Lisboa, onde ficaram os drs. Jose da Silva Ramos, Vasques Machado, Henrique Sanguineti e Isaac Anahory, e mais tarde, tambem os drs. Antonio dos Anjos Corvinel Moreira e Arthur Ravara, com os pharmaceuticos sub-chefe Antonio José da Silva e José Miguel de Aguiar Saldanha, enfermeiros, Eduardo Alves da Assumpção, Antonio Lopes da Costa Ferreira, Antonio Borges Mousinho, Trindade Alves, e visitador José Andrade Corvo e enfermeiras Maria Leonor Ferrão, Maria Luiz Onofre e Laura da Camara Costa.

No hospital de S. José, aguardavam o serviço vasto a executar, os medicos Arthur Ricardo Jorge, Martinho Pedro Dordio Rosado, Joaquim José da Silva Araujo, Antonio Balbino do Rego, Antonio Amor de Mello, João Paes de Vasconcellos, Alberto Mac-Breid Fernandes (*), Bossa, Reynaldo dos Santos, Fran-

(*) O dr. Mac-Bride, chefe de clinica na Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, trocaria depois, como o dr. Manuel Pulido Valente, o hospital de S. José pelo da Marinha, onde a revolta se agitava, valendo lhes o acto, um louvor publicado na ordem da majoria general da armada, de 11 de Novembro de 1910.

cisco Elesiario Ferreira, Manuel Fernandes da Cruz, e Adelino da Costa Padesco, dirigidos pelo dr. Manuel Maria Bordallo Prostes Pinheiro, com os enfermeiros, José Bernardo, Antonio Jacintho Pereira da Rocha, José Joaquim de Oliveira e Antonio Luciano do Santos.

Na estação dos bombeiros voluntarios da Praça da Alegria, installavam estes um posto de soccorros com os drs. Jayme Neves, Julio Thomaz Pinto e Ernesto de Lima Amaro, o commandante do corpo, Alfredo Pereira da Rocha e os aspirantes da ambulancia, e o destaque para a rua, com as macas, dos voluntarios do bem.

Dispostos á missão humanitaria se conjugavam os voluntarios Alfredo Accacio de Andrade, Julio Canongia, Francisco Estrada, Abilio Alves, Reynaldo Augusto Ferreira da Silva, Eduardo Ferreira, Mario Leiria, Eduardo Reis Junior, Julio Peres Ferro, Manuel Henriques Pereira, Carlos Carvalho, José Carvalhido, José Braga, Marianno Soares e Mario Saragoça.

No hospital da Boa Hora, em Belem, a postos estavam o director interino, capitão medico de lanceiros 2, dr. José Gomes Ribeiro, o tenente medico, dr. Simões Alves, o alferes medico de cavallaria 4, dr. Futscher de Magalhães, e os facultativos civis, drs. Ayres Tavares, Rodrigo Alves de Sousa, Francisco Mendes Callado, Eugenio Augusto Perdigão e Meyrelles.

No posto do hospital militar da Estrella, os soccorros eram logo estabelecidos por todos os facultativos, pharmaceuticos e enfermeiros disponiveis, dirigidos pelo major medico, director dos serviços hospitalares, dr. Jacintho de Miranda.

Eram elles: os capitães medicos, José Justino de Carvalho, commandante da companhia de saude; Lucio Gonçalves Nunes, do regimento de artilharia, sub-director do hospital; José da Cunha e Silva, director do posto de desinfecção; os tenentes-medicos Manuel Rosado Fernandes Gião, director do laboratorio de radioscopia e electro-therapia, Albino Augusto Pacheco, do regimento de engenharia; Julio Dantas, do regimento de artilharia 1; Alberto Luiz de Mendonça, do Collegio Militar, e Alfredo Guilherme de Vasconcellos Dias, director do gabinete de bacteriologia; os alferes medicos tirocinantes, Francisco Mo-

raes Manchego, do regimento de infantaria 25; João de Madeira Pinto, do regimento de infantaria 16, e José Maria Soares de caçadores 3; os tenentes medicos, Mario Moutinho e José Maria Coelho Junior, que, achando-se o primeiro na situação de licença illimitada e o segundo na de inactividade por doença, se apresentaram expontaneamente; o tenente d'administração militar José de Sousa Moreira; o tenente pharmaceutico Ferreira da Silva; o alferes almoxarife de saude Francisco da Silva; o alferes almoxarife de saude Neves Medina; o 1.º sargento Alberto José Luiz, da companhia de saude; os 2.ºs sargentos Antonio Augusto Cachudo, de infantaria 2, Antonio Marques Junior, de caçadores 2, e Adelino da Cruz Grave, de infantaria 16; o 2.º sargento José Bunheirão, da companhia de saude; o 2.º cabo Encarnação Martins e 2.ºs cabos Feliciano d'Oliveira e José Martins Loureiro, da companhia de saude, os soldados Silverio Rodrigues Xavier, da companhia de saude; os enfermeiros Francisco Antonio de Sousa Alves, Mello Rodrigues, Manuel Pereira e Augusto Luiz.

Bem precisos eram esses soccorros todos.

As victimas augmentavam.

A lucta dera já sangue nas ruas onde a policia e a municipal procuraram entravar a revolta; dava tragedias em infantaria 16 e na Rotunda; em Alcantara, na Graça, na Lapa, por toda a parte onde se agitava o movimento de rebellião.

No hospital da marinha, auxiliares á revolta e cummulativamente aos serviços de enfermagem, estavam alem do servente-barbeiro Antonio Branco, os enfermeiros Sebastião Lopes, Manuel Nunes Gouveia, Antonio Gomes, Manuel Henrique Pinto, Alfredo Martins, Antonio da Silva Amaral, Manuel Arthur Novaes Rodrigues, Antonio Marcellino, Victorino dos Santos Trindade e Luiz Marques do Adro;

O duplo serviço, valeu aos seis primeiros a concessão de pensões annuaes victalicias de 73$000 réis e aos restantes de 55$000 réis. (*)

(*) Consta da Ordem de 11 de Novembro de 1910 da Majoria General da Armada.

A postos estavam egualmente os medicos navaes Jayme dos Santos Faria e Antonio Augusto Fernandes, com a ajuda de facultativos civis. (**)

O medico naval dr. Vasconcellos e Sá trocava depois o hospital de Marinha pelo quartel de Alcantara.

Todavia se os cuidados especiaes havidos no hospital da Estrella, originaram pedidos de louvor, já aquelle trouxe reclamações, por os marinheiros feridos e ali recolhidos haverem estado «quasi 48 horas sem comer, por simples medidas de economia.»

A revolução começara a desnudar os seus sanguinolentos resultados.

A chegada dos soccorros medicos necessaria se patenteou pois em todos os pontos.

Apparecendo no quartel de marinheiros o dr. Vasconcellos e Sá, ia encontrar ali novas pouco animadoras.

Estabelecido estava um bloqueio por infantaria 1 e 2, caçadores 2 e guarda municipal.

Aguardado foi todavia, em estranha espectativa, o fim de essa aventura.

O resto da madrugada, cheia de peripecias, nada trouxe de retumbante, embora para perturbar bastasse a anormalidade da situação.

Em pé de guerra, uns e outros viram clarear o ceu, patenteando o inicio, soberbo, do dia 4 de Outubro.

Que de surpreza traria elle?!...

(**) Vida pagina 176 d'este volume.

XII

O conselho de ministros. = O governo e as prevenções proprias.=Medidas sobre os regimentos das provincias.=O juiz de instrucção criminal.=A revolução e os serviços de communicações – Concillabulo ministerial =Impressões sobre o commando do divisão. = Cuidando da defeza pessoal.=Ainda o destroço de cavallaria 4 –Terrores dos politicos.=Entrevista do conselheiro Teixeira de Sousa com o chefe da dissidendia.

o governo?

Que providencias tomára?

Registámos já os seus iniciaes trabalhos de prevenção, em que de facto houve logo divergencias e contrariedades, pois, sabidos, quasi de certo, os aprestos da revolução para essa noite, o alarme aos regimentos só ás 8 horas officialmente chegou.

Entregue a cidade ao commando militar e prevista a necessidade de uma suspensão de garantias, de todo se olvidou a forma legal de a mandar executar: um decreto.

Esse acto apenas relembrado seria de manhã, mas sem que levado a effeito fosse, mercê de circumstancias nascidas dos primeiros falhos passos do gabinete Teixeira de Sousa.

Sahindo do palacio real, os membros do governo iam, presumivelmente, affastar-se do foco revolucionario, que, segundo se pensava, sería o Rocio.

Acolhendo-se a casa, o conselheiro Teixeira de Sousà, transformou-a em reducto, e se olvidára a regia guarda, não esque-

ceu que do plano militar constava o fornecimento de uma força para vigilancia da residencia ministerial.

A' moradia do Largo de S. Sebastião da Pedreira, 51, chegavam pois, requisitadas, 142 praças do 3.ª companhia da guarda municipal, do commando do capitão Julio Cesar dos Santos Segurado e 77 soldados de cavallària do 2.º esquadrão.

Reunia-se então o conselho de ministros, que aliás melhor estaria na sala da secretaria do reino.

Estavam ali, além do presidente do conselho, os titulares das pastas de guerra, José Nicolau Raposo Botelho, marinha José Marnoco e Sousa, fazenda, Anselmo de Assis Andrade, obras publicas, José Gonçalves Pereira dos Santos e estrangeiros, José de Azevedo Castello Branco, e ainda o secretàrio particular e o chefe do gabinete do 1.º ministro, Nicolau de Mesquita, e o capitão Cruz e Sousa.

Faltava unicamente o ministro da justiça, conselheiro Joaquim Manuel Fratel, no Estoril, onde não chegavam balas nem receios.

Os outros, aconchegavam-se nos sophás de molas da presidencial residencia.

Egualmente ali se encontrava o juiz de instrucção criminal conselheiro Antonio Emilio de Almeidà Azevedo, que parâ a residencia do chefe do governo seguira, esquecido do governo civil, para assistir ás discussões ministeriaes que só abandonava ás 8 horas da manhã seguinte.

Ao presidente do conselho, apenas sorria n'essa hora de perigo, o ver-se bem rodeado.

Telephonando para o juizo de instrucção, fizera sciente, o dr. Almeida Azevedo dos avisos confirmativos de uma revolta e marcára entrevista para sua casa.

Se isso significava a retirada do funccionario do ponto onde deveria actuar, de duplo sentido se poderia tomar a attitude.

A' nomeação do dr. Almeida Azevedo para o seu alto cargo correspondera um elogio pelos catholicos, (*) traduzindo segurança nas suas convicções monarchicas:

(*) «O Portugal» de 21 de Fevereiro de 1910.

«Quanto á nomeação do sr. Antonio de Almeida Azevedo, para juiz de instrucção, tambem só louvores cabem ao governo que a fez, premiando assim os serviços relevantes d'esse zeloso e intelligente magistrado.»

Era elle todavia o juiz accusado pelos republicanos, de, ao conhecer o regicidio, ter dado um abraço n'um democrata, commerciante portuense da rua dos Carmelitas, com a phrase violenta:

« — Parabens! Já está morto o bandido!» (*)

Queria-se assim possuir junto a esse conselho convocado em circumstancias anormaes, ou o irreverente apologista do regicidio, para contra-mina a providencias anti-revolucionarias, ou reter, para improductiva acção, o dedicado á corôa, segundo a crença dos orgãos nacionalistas.

O vão exforço do magistrado n'essa entrevista magna, salientava-o (**) comtudo, o proprio presidente do gabinete:

«Chegado ali telephonei ao juiz de instrucção criminal, dizendo-lhe ter eu a confirmação de que de noite explodiria o movimento revolucionario e pedindo-lhe que fosse á minha casa.

« — Tambem me parece. Vou já.» Tal foi a resposta do juiz Antonio Emilio.

«D'ahi a pouco entrou em minha casa, onde permaneceu até ao dia seguinte, ás 8 horas da manhã. O juiz de instrucção criminal não me deu informação nenhuma, porque decerto a não tinha. Dou estas explicações ainda no intuito de pulverisar as accusações dos meus inimigos, que querem imputar-me responsabilidades no exito da revolução.

«Seria commodo para mim deixar correr a falsidade, quando tanta gente se appressou a declarar serviços prestados á implantação da Republica, mas não convinha á minha consciencia de homem que nunca soube o que é uma deslealdade. Na ordem de ideias em que se lançaram a meu respeito os meus detractores, fizeram correr que o juiz de instrucção me informára

(*) Vide o 1.º volume d'esta obra, pagina 308.

(**) Teixeira de Sousa=«Para a Historia da Revolução»=2.º volume — Pagina 247.

no dia 3 á noite de que os dirigentes da revolta estavam reunidos em uma casa da rua da Esperança e de que eu recusára auctorisação para os prender.

«Não creio que o juiz Antonio Emilio tal dissesse. Isso representa uma falsidade tão grande como tantas outras inventadas a meu respeito. Aquelle magistrado nem me deu essa informação nem pediu auctorisação para prender quem quer que fosse na noite de 3 de Outubro.

«Fui eu quem lhe dei a noticia da revolução, indo immediatamente para a minha casa, onde se conservou até ao dia immediato com os meus collegas de governo e com os meus secretarios. Os seus agentes estavam reunidos no governo civil. Durante a revolução ninguem me fallou na reunião da rua da Esperança ou em outra qualquer.»

Em traços indeleveis registada ficou a nulla interferencia do chefe dos serviços de investigação, que, desconhecendo os meandros dos planos a executar pelos revolucionarios, nem de leve se recordou, ou lhe foi recordada, a conveniencia de uma direcção directa sobre a judiciaria para as tentativas de descoberta dos bem sabidos caudilhos dos movimentos de sedição, percorrendo as ruas em missões da causa ou conspirando a poucos passos do governo civil.

Justo é comtudo salientar que, em parte, o chefe do governo exercera essas funcções de vigilancia, mas para um embaraço visivel aquella que os agentes policiaes podiam desempenhar.

O conselheiro Teixeira de Sousa, recommendara pelo telephone, ao commandante da policia, coronel José Antonio de Moraes Sarmento, a conveniencia do recolher dos agentes ás esquadras, ás 10 horas da noite.

A ordem, consciente ou inconsciente, era perturbadora da boa orientação, pois, emquanto os republicanos alargavam o seu serviço de espionagem, fazendo seguir os regimentos e annotando-lhes o acampamento e forças, o encerramento dos policias, não só abria caminho ao activo e livre serviço da revolução, como facultava as reuniões nos centros republicanos.

Não o entendeu assim, em parte, o commando da policia e se abandonou, por inexplicavel attitude, a vigilancia sobre os

centros escolares democraticos, conhecidos focos de rebellião, determinou que á 1 hora da madrugada, sahissem patrulhas dobradas para a rua.

Do conselho de ministros, apreciadas, em longas controversias, as providencia a tomar sahiram as ordens telephonicas, dadas á meia noite de 3 de Outubro, para que marchassem sobre a capital, os regimentos de artilharia 3 e caçadores 6, de Santarem, infantaria 15, de Thomar, cavallaria 5, de Evora, cavallaria 3, de Extremoz.

Os elementos da capital, suspeitos, fizeram collocar as vistas nos regimentos da provincia e pensou-se no avanço de artilharia 3, e caçadores 6, de Santarem, para o que se aprestaria um comboio, a sahir da estação do Rocio ás 4 horas da manhã.

Um telegramma se expediu.

Não chegou lá.

Os revoltados haviam tomado as suas precauções, previsto todas as hypotheses, e ainda mesmo aquellas que o governo descurára.

O proprio serviço telephonico foi em grande parte interrompido, ao ponto de no Porto, se culpar a ventania da falta de communicação com Lisboa.

A rede revolucionaria tudo envolvia.

Se ás portas de Algés, o civil, José Norte, manobrava attento, até aggrupar com armas, 150 moradores de Porto Salvo, com os quaes deteve o tenente Antonio Joaquim Ferreira Diniz de infantaria 11 e o 2.° sargento, Arsenio, logo collocados ao serviço da insurreição, outros grupos haviam já feito o córte das linhàs ferreas da Figueira, em Torres Vedras, do norte, em Braço de Prata, Olivaes, Carregado e Santarem e a do sul, entre o Barreiro e Lavradio; e ainda das de Cascaes e Villa Franca, originando està à suspensão da marcha sobre a capital, de caçadores 6 e do grupo de artilharia, de Abrantes, que aliás tentou emprehender a travessia pela via ordinaria.

Não podia auxiliar os realistas.

Mais de 100 revolucionarios do Cartaxo, com a direcção de Alvaro Mendes, organisador dos grupos da provincia, João Duarte

Ribeiro, João Gomes de Sequeira e José de Oliveira Santos, haviam destruido a linha entre Sant'Anna e Valle de Santarem.

Tentou a marcha pela estrada ordinaria, mas estabelecidos ao longe das linhas do norte, leste e oeste, os grupos do revolucionario de Villa Nova de Ourem, Alvaro Mendes, este, avisado, promoveu o alliciamento da soldadesca, que estacionava logo, contrariamente aos desejos da propria officialidade, onde só hàvia adherentes 4, sendo 3 em caçadores 6 e o capitão Figueiredo em artilharia.

Infantaria 15, de Thomar, pretendeu avançar pela via de Alfarellos, ante telegramma recebido já na manhã de 4, mas a linha de oeste estava cortada, e aluida a ponte de Leiria pelos conspiradores das Caldas, Alcobaça e Leiria, que obtinham a cooperação dos soldados, recusando terminantemente o continuar da marcha, projecto aliás de antemão combinado.

A detenção da marcha não influiria, parece, nas intenções, pois, republica feita, se fez alarde de que, minado pelos sargentos, o regimento entraria em Lisboa, insurrecionado, de nada valendo o lealismo, talvez unico no regimento, do tenente-coronel Madureira Guedes.

Quanto â cavallaria 3 e 5, no seu posto estavam dois revoltosos, os telagraphistas em serviço na estação eborense, Manuel de Alegria Vidal e José Augusto do Rosario, que sonegando os despachos, evitavam a vinda das tropas.

Ignorando tudo, ainda o commando da divisão contava com esses reforços e já a junta revolucionaria distribuia uma proclamação annunciando os embaraços antepostos á marcha e dando a ordem expedida para os regimentos de fóra como prova de haver o governo perdido a confiança na guarnição de Lisboa.

Na capital, a delegação organisada, manobrava incessante, mas isso não obstou a que os diversos telegrammas seguissem, só interceptados em Evora, pela dedicação dos telegraphistas, um dos quaes, o 1.º aspirante Rosario, fazia assim o seu relatorio datado de 7 de Junho de 1912 da cidade de Evora:

«Não só pelo nome do seu auctor, mas principalmente pela situação politica que elle occupava á data da Revolução, o livro do sr. Teixeira de Sousa está naturalmente indicado como uma

das fontes onde futuros historiadores irão procurar informes do feito que determinou a queda da dinastia dos Bragançasse proclamou a Republica em Portugal. Afigura-se-me portanto indispensavel esclarecer, tanto quanto possivel, aquelles pontos em que porventura as suas informações não sejam a rigorosa expressão da verdade historica, para que ella um dia seja apreciada com a justiça que merece. Referindo se ao facto da organisação revolucionaria se ter estendido ao pessoal dos telegraphos, diz que as communicações telegraphicas estavam nas mãos dos revoltosos, o que, em rigor, não é verdadeiramente exacto, visto que só do dia 5 de Outubro, pela manhã, é que isso se deu, e acentua (pag. 414, 2.° vol.) a declaração do telegraphista Anibal Lameiras que diz: *de forma que desde que a revolução estalou, só conseguiu passar um telegramma para Evora*, etc.

«A verdade deve estar sempre acima de tudo, e ella diz que esta declaração do telegraphista Anibal Lameiras não é a sua expressão verdadeira, pois que tendo os revolucionarios deixado intacta a linha de Lisboa a Setubal e d'esta a Evora, por varias vezes durante o dia 4, aqui se deu ligação para Lisboa funccionar com Santarem, passando-lhe *varios despachos*, o que tambem succedeu para Evora, A's 5,2 da tarde d'esse dia 4 recebeu-se aqui *mais um*, aquelle em que o sr. Teixeira de Sousa communicava a todos os governadores civis *que tinha rebentado essa manhã em Lisboa uma insurreição republicana mas que estava quasi debelada.* Esse telegramma foi, bem contra minha vontade, entregue ao então governador civil substituto dr. José Nunes do Nascimento, que, como era de suppor, logo tratou de o fazer bastante conhecido, para *amortecer* qualquer espirito de revolta que porventura se estivesse preparando para n'essa noite secundar o movimento de Lisboa. Outro não era evidentemente o fim d'esse telegramma. Pois ás 10,46 da noite, *Lisboa tornava a passar o mesmo despacho!* Nunca logrei comprehender bem a acção verdadeiramente revolucionaria do *comité* dos telegraphos de Lisboa!

«A's 10,26 da noite recebia eu *mais um* despacho assignado por *Ministro da Guerra*, dirigido ao commandante de caçadores 1, Abrantes, assim concebido:

«Urgente marcha batalhão deve vir para Lisboa com maxima urgencia.»

«Esse telegramma veio dar-me alento e esperança! Era a justificação do *truc* usado com o telegramma aos governadores civis! Se pediam reforços era porque a *insurreição republicana* não estava ainda debelada! Rapido resolvi o meu dever. Guardei esse despacho, illudindo a vigilancia do chefe da estação, presente ainda a essa hora e até depois da meia noite. O despacho era das 2,16 da tarde, evidentemente de proposito retardado em Lisboa, mas logo a seguir me passaram *mais outro*, tambem assignado por *Ministro da Guerra*, dirigido ao commandante militar Abrantes, o qual dizia assim:

«Mande marchar immediatamente Lisboa comboio especial duas baterias grupo montado juntamente com caçadores 1 forças desembarcam Olivaes seguem estrada Sacavem.»

«Tal despacho era taxado das 10,30 da noite e eu recebia-o poucos minutos depois! Percebi que em Lisboa se luctava desesperadamente e... dei a este despacho o mesmo destino do outro, então já resolvido a *tudo* que viesse! De Abrantes telegraphava, se não estou em erro, o commandante de caçadores ao commandante da 4.ª divisão dizendo ter comboio especial formado e estar esperando ordens. Não pude evitar que este despacho fosse passado ao quartel general, mas parecendo-me critica a minha situação, resolvi sair por minutos, allegando precisar tomar qualquer alimento e procurei immediatamente o dr. Felicio Caeiro, ao tempo um dos organizadores considerados da *Carbonaria*, a quem puz ao facto da situação, pedindo-lhe para que providenciasse no sentido de irem cortar sem demora as linhas telegraphicas. Pretendia assim evitar que o quartel general se correspondesse com Abrantes e eu fosse desde logo apanhado no segredo do meu acto, que resultaria inutil. Se necessario for o testemunho de alguem posso invocar o do meu collega Ladislau Antonio de Sá; o do dr. Felicio Caeiro; o do commerciante Francisco Maria Nunes, que foi quem, na Sociedade Harmonia, me arranjou uma *sandwich* para no regresso á estação não despertar no chefe quaesquer suspeitas; o do carteiro Estevam da Silva Costa, que com o meu collega Manuel Ale-

gria Vidal e eu, constituimos o grupo revolucionario dos telegraphos em Evora, e ainda o do incansavel luctador Higino Barrão.

«Como se vê, não foi pois *só um* os despachos passados a Evora desde que a revulcção estalou, e a verdade deve sempre ser dita, para conhecimento do sr. Teixeira de Sousa e da... Historia. N'uma agitação impossivel de descrever, eu ia constatando que as linhas não eram cortadas, e então, exercendo sobre o meu companheiro de noite — aspirante Carlos Caldeira — um pouco de pressão espiritual, dando-lhe a crer que não estava para me massar muito com o serviço, consegui que elle adormecesse e... e tirei ao comutador suisso todas as cavilhas de ligação com Lisboa, Santarem-Abrantes e quartel general! Pela manhã, quasi á hora de começar entrando o pessoal, das 5 e 30 ás 6 horas da manhã, pouco mais ou menos, tornei a collocar tudo normal e ainda a essa hora, invocando a presença do director geral Alfredo Pereira, Lisboa pediu ligação para Santarem, Aveiro, Coimbra e Porto, pedindo informes da noite. De toda a parte vinha a desoladora noticia do mais profundo socego! Apenas no Porto uns breves tumultos em frente á redacção de um jornal. Era o desastre total! A's 10 horas, ou 10 e 30, chegou-nos finalmente a libertadora nova do triumpho da Republica e só então respirámos descançadamente! Depois tudo se passou como é sabido e que ao caso nada interessa.»

Em Torres Vedras outros grupos se desenvolveram para o serviço de corte das linhas e d'esse acto veiu o seguinte depoimento:

«Na Ribaldeira aggregaram-se outros, entrando em Torres 32 homens, que se dirigiram ao Centro, onde se suppoz que a commissão municipal estava em sessão permanente, o que não succedeu. Exposto pelo companheiro Faustino o que ali os levava, foram recebidos com risos ironicos, sendo aconselhados a que aguardassem os acontecimentos e chegando Antonio da Silva, tanoeiro, a dizer que para se fazer a revolução não eram necessarias armas, mas apenas bastava ter mãos. Os revolucionarios, já exaltados, estavam resolvidos a voltar-lhes as costas, quando os membros da commissão foram sahindo pouco a pouco. Ficá-

ram só o Faustino, os seus companheiros e alguns socios do Centro. Verberando acremente o procedimento da commissão, resolveu-se de commum accordo irem das duas para as tres horas destruir a linha ferrea e telephonica, o que fizeram empregando 36 bombas quasi sem resultado, sendo necessario recorrer a martellos, chaves inglezas e força braçal. A's 4 foi o nosso correligionario arrear a bandeira do Centro para içal-a na Camara, o que não se conseguiu por os habitantes, estremunhados de somno, não estarem para se ralar... Vendo esta disposição de animos, abandonaram a villa, voltando a Dois Portos com a resolução de trabalhar, independentemente, o que não se fez por a Republica estar já proclamada. *A Cesar o que é de Cesar.*»

Certo é que em parte falharam os projectos, e que os telegrammas iam passando, para os corpos da provincia, expedidos alguns pelo proprio chefe do grupo encarregado de os reter... Erros sobre erros havia, e contrabalançando os dos revoltosos, o governo, desorientado, esquecendo a necessaria cifra, formulava despachos telegraphicos triviaes, pondo sem reserva as suas ordens de avanço ou prevenção...

Dispondo de todos os elementos, combinadas todas as probabilidades, os revolucionarios haviam estabelecido egualmente campo de acção nos correios e telegraphos procurando trazer assim rudes embaraços ao governo.

Assim julgadas cortadas todas as linhas, pensou-se na utilisação da que ligava Lisboa com a cidade de Evora, ou fosse Casa Branca-Rainha-Alcacer do Sal-Lisboa.

A junta dos telegraphos de Lisboa, onde estavam os representantes da loj.·. *Germinal*, Amandio Saraiva Junqueiro e Annibal Lameiras, possuia ainda o appoio forte da dos correios, constituida por Ernesto de Lorena Queiroz, Antonio Garcia Ferreira e Ricardo Lambert, filiados na Carbonaria Portugueza e entendendo-se com os chefes da revolução.

D'ali nasceu o serviço do corte de linhas telephonicas, sendo a do Porto, via Telheiras, commettido ao aspirante João Gualberto do Nascimento Pires, que egualmente devia cortar as do ministerio da Guerra, o que se não fez pela falta do portador

das chaves do edificio do Arco da Rua Augusta, onde as linhas passavam. Ao aspirante Baldemiro Gameiro da Matta, competia, com o civil Alberto das Neves, commerciante em Sacavem, o corte das ligações telegraphicas em Thorel, entre os ministerios e os quarteis general e do Carmo.

Ficou todavia a linha da alfandega, que correspondencia estabeleceu entre a residencia de Teixeira de Sousa e a séde da divisão.

Apenas a conspiração, e para seu serviço, deixou aptas a funccionar, n'uma illusão de esquecimento, as linhas telegraphicas do Rocio, Braço de Prata, e as da Companhia Real dos Caminhos de Ferro até ás Caldas da Rainha e por defficiencia, as linhas de Lisboa-Setubal e Setubal-Santarem-Abrantes e a de Lisboa Evora-Casa Branca-Biscainha-Alcacer.

Isso não obstaria a que, decorridas essas horas embaraçosas o comité revolucionario dos telegraphos demonstrasse assim o seu contentamento: (*)

«O Comité Revolucionario dos Telegraphos reconhecendo á evidencia, que a boa execução dos espinhosos e graves trabalhos realisados para secundar o movimento libertador da Patria pela implantação da Republica, muito se deve ao auxilio denodado dos seus collegas da Estação Central, vem jubilosamente testemunhar-lhes o seu mais vivo reconhecimento que nunca olvidará, convicto de que, sem esse concurso valioso, o resultado dos seus esforços não seria da importancia e brilhantismo desejados.

«Lisboa, 23 de Outubro de 1910. — Pelo Comité — (a) Annibal Lameiras.»

Exalçado foi tambem o trabalho da junta dos telegraphos e o nome do respectivo chefe revolucionario Annibal Lameiras, embora mais tarde este desse origem a arguições da imprensa (**) por escandalos monetarios, justificando a seguinte portaria (***) assignada pelo ministro do fomento, Antonio Maria da Silva, de quem Lameiras fôra secretario particular:

(*) «O Seculo», de 4 de Outubro de 1910.

(**) «O Rebate» de 14 de Outubro de 1913. — «O Dia» e «O Socialista», de 16 de Outubro de 1913.

(***) «Diario do Governo» de 31 de Outubro de 1913.

«Tendo sido presente ao ministro do fomento o processo disciplinar mandado instaurar contra o segundo official do quadro telegrapho-postal Annibal Lameiras Fernandes, em virtude de faltas graves por elle commettidas, foi este funccionario julgado incurso no artigo 341.º da organização vigente dos correios, telegraphos, telephones e fiscalização das industrias electricas, mas havendo-lhe sido considerada como attenuante a circumstancia prevista no n.º 3.º do artigo 8.º do regulamento disciplinar dos funccionarios civis, manda o governo da Republica Portugueza, pelo ministro do fomento, lhe seja applicada a pena de suspensão por cento e oitenta dias, nos termos do artigo 338.º da mesma organização. Paços do governo da Republica, em 30 de Outubro de 1913. — O ministro do fomento *Antonio Maria da Silva.*»

Se dos correiros e telegraphos, a maioria se dedicou aos trabalhos da especialidade, o corte das linhas, outros preferiram mais perigoso campo de acção e deixando o serviço de entrave a communicações, o aspirante Arthur Cesar Nunes, tomava as armas para o combate, o que lhe valia com o galardão profissional, o official elogio: (*)

«O Governo Provisorio da Republica Portugueza faz saber que, em nome da Republica, e tendo em alta consideração os relevantes serviços prestados pelo cidadão Arthur Cesar Nunes, segundo aspirante do quadro dos correios de Lisboa e Porto, que durante os dias 3, 4 e 5 do corrente combateu heroicamente pela causa da mesma Republica, decretou a sua promoção por distincção, ao logar de segundo official do mesmo quadro, para n'este ser provido definitivamente logo que occorra vacatura.

«Determina-se, portanto, que todas as auctoridades a quem o conhecimento e a execução do presente decreto com força de lei pertencer, o cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'elle se contém.

«Os ministros de todas as repartições o façam imprimir, publicar e correr. Dado nos Paços do Governo da Republica,

---

(*) «Legislação Portugueza» de 1910.=2.º volume.

aos 28 de Outubro de 1910. — Joaquim Theophilo Braga. — Antonio José de Almeida — Affonso Costa — José Relvas — Antonio Xavier Correia Barreto — Amaro de Azevedo Gomes — Bernardino Machado — Antonio Luiz Gomes.»

Retrocedamos porém ao conciliabulo do governo.

Na entrevista ministerial, referencia houve aos documentos obtidos, com inequivocos dados sobre o projecto e a situação quasi se aclarava.

Analysadas eram as ordens de prevenção, expandindo-se sobre ellas um voto de confiança.

Indifferença ou má vontade não lucilaram praticos proveitos para a causa da realeza e Teixeira de Sousa, só mais tarde reconheceu (*) o erro d'essa confiança, sequencia de uma inercia irritante.

«Como singelo commentario tenho eu a dizer:

«1.º que tendo recommendado as prevenções ás 5 horas da tarde, tendo insistido n'ellas ás 7 horas da tarde e tendo eu ás 8 horas da noite, dado, no Paço de Belem, a certeza de que a Revolução rebentaria n'aquella noite, só das duas para as tres horas da manhã estava tudo a postos.»

As arguições não eram descabidas, e se bem que o ultimo presidente do conselho da monarchia portugueza, em falta incorreu, por só ás 5 horas ter dado ordem de prevenção, sabendo o que se tramava, tempo antes, não menos certo é, que da instancia superior militar, não se participou aos commandantes dos regimentos a certeza absoluta de revolta assignalada por Teixeira de Sousa, facto provado com a descuidosa serenidade dos officiaes nos quarteis, jogando indifferentes ou dormindo, incautos, quando, portas a dentro, a agitação lavrava, terrivel e destruidora...

No conselho, avaliadas as infalibilidades d'um entrave á sedição annunciada, suscitaram-se duvidas sobre a veracidade dos boatos, tiradas á chegada do deputado dr. Henrique de Mello

(*) «Para a Historia da Revolução» por Teixeira de Sousa = 2.º volume, pagina 315.

Archer da Silva, capitão-medico da guarda fiscal dr. Almeida Dias, Miguel Costa e jornalista Lara Everard, portadores da sua confirmação, baseada já nos primeiros tiros.

Haviam procurado informações no governo civil, abandonado pelo chefe do districto major Antonio Mendes Magalhães Ramalho e onde cousa alguma se sabia.

O trem, percorrera as ruas centraes, annotando-se á esquina fronteira ao café Suisso, junto ao Hotel Avenida Palace, um grupo que tentou deter a carruagem, mercê do signal feito, para elles desconhecido, mas em que, os não profanos, veriam o convencionado para o reconhecimento dos revolucionarios.

O secretario do presidente do conselho, o dr. Almeida Dias, julgou até vêr n'um dos do grupo, o conselheiro Alpoim, illusão breve desfeita e impondo a necessidade de novo rodar do carro, obrigado a parar ante os piquetes de cavallaria da guarda municipal, junto ao monumento dos Restauradores, no alto da Avenida Antonio Augusto de Aguiar, no largo de S. Sebastião da Pedreira, e formando muralha rente á porta do chefe do governo.

Este, recebia pois a confirmação da gravidade dos acontecimentos e até da primeira fuga da policia, correndo loucamente da rua Alexandre Herculano e Avenida, para a rua de Santa Martha.

Não tinha o conselho o aspecto sobresaltado inherente ás calculadas scenas externas e que o todo bellico da rua espelhava.

Parecendo conformado com as circumstancias poucos banaes, o conselheiro Teixeira de Sousa, explicava ainda aos recemchegados, n'uma apathia absorvente, erguendo se do sophá onde antes parecia meditar:

— A Revolução, meus amigos, a Revolução!...

O ministro dos negocios estrangeiros, José de Azevedo Castello Branco, eivado ainda d'essa crença na firmeza do exercito, amachucava n'um desprendido lançamento sobre uma poltrona a casaca festiva do banquete palaciano, e emquanto lhe refulgiam ainda no peito a gran-cruz e a commenda da ordem de Nossa Senhora da Conceição, animava confiante:

— Pois que venha a revolução!...

Collocado ao telephone, o ministro da guerra ia transmittindo aos assistentes, os factos relatados pelo quartel general e que citando apenas sublevados parte de artilharia 1 e parte de infantaria 16, fazia nascer convencimentos de lealismo dos outros regimentos.

Longe de dictar providencias de momento, Teixeira de Sousa, aconchegando-se ao sophá, formulava projectos de problematica revindicta, ou fosse com a dissolução dos dois nucleos revoltados, a dispersão da officialidade pelas divisões provincianas.

Isso fez surgir o commentario sensato do ministro dos negocios estrangeiros, o unico que procurou fazer terminar a inercia dos outros:

— Sim, sim, mas isso é para depois. O que é necessario é fazer com que isto não dure até de manhã.

Tudo se limitou a novos pedidos de informações, que, vindos do quartel general pelo telephone da alfandega, assignalavam os passos dos revolucionarios, desde a marcha sobre as Necessidades, que se affirmava então seria cortada por infantaria 2 e caçadores 5, até á insurreição no quartel de marinha, que se affirmava teria fim sob a energia de cavallaria 4 e infantaria 1.

Tinha pois o quartel general umas intuições de ordem perfeitamente hypotheticas, confirmadas com o contrario desenlace do que previa.

Foi assim que, quando a campainha do telephone retiniu, madrugada avançada, sob a febril pressão da mão régia, o chefe do governo, ou crente nas previsões do aquartellamento de S. Domingos ou forcejando por tranquillisar D. Manuel, lhe não fez segredo das ideias dos revoltosos, de ataque ao paço, assegurando tomadas todas ás providencias para a firme defeza da residencia real.

De intervallo, o presidente do conselho sentia fraquejarem-lhe as forças, reconhecendo-se pouco apto para noctivago.

A artilharia fazia já ouvir o seu som cavo.

Houve receios, e só o ministro dos negocios estrangeiros, teve forças para exclamar:

— Estou sobre brazas! O nosso logar não era aqui, mas no

paço, ac lado do rei. Cá fóra bastava um dos ministros, para o que fosse preciso, para representar o governo nas ordens!

Mas, nem apenas o gabinete ali se encontrava, brilhando pela ausencia nos logares onde imprescindiveis eram, e formando côrte á presidencia do conselho, o governador civil, major Magalhães Ramalho e o juiz de instrucção.

A insistencia do tiroteio, originou a insistencia de pedidos de informes, que o ministro da guerra sollicitava fóra de si ao apparelho telephonico, dando voltas á manivella da campainha de chamada, e sem collocar o auscultador no descanço.

As novas vieram menos optimistas.

Se as forças revoltadas não haviam proseguido, por circumstancias ainda ali desconhecidas, nas intenções de assalto ás Necessidades, em compensação acampara no Alto da Avenida, resistindo á municipal; e os marinheiros, segundo se dizia, effectuavam o embarque para os cruzadores.

Os intuitos eram viziveis: o despejar de granadas sobre Lisboa.

Tardiamente quiz emendar o conselheiro Teixeira de Sousa, o extranho erro da alteração do regimen preventivo naval.

Não tendo promovido, desde o dia 2, em que no paço da Pena alvitrára possibilidades de revolta, a sahida dos barcos, tão usada em taes casos e que a propria marinhagem previa— lembrou-se, n'essa hora de difficuldades, de plena revolução, do affastamento dos navios.

N'uma surpreza simulada, pois que até para os profanos, o facto não podia constituir segredos, houve as allegações do ministro da marinha sobre as horas de que necessitava qualquer vaso de guerra para viagem e o commentario ironico do deputado dr. Archer da Silva, de que, provavel era estarem os navios promptos a sahir, mas apenas para satisfação ás ordens dos chefes revolucionarios.

A' dura verdade, correspondeu a mudez que serviu para mais terror lançar pelo ruido nitido da longinqua fusilaria.

O general Raposo Botelho, a distancia larga do quartel general e do ministerio da guerra, bradava convulso:

—O que é preciso é suffocar isto quanto antes!

Não se ergueu todavia da sua cadeira, o chefe, occasional, do exercito, que mais tarde veria assim citados (*) os precedentes guerreiros:

«Foi n'esse saudoso collegio de Nossa Senhora da Gloria,— onde nunca me cheirou a incenso nem a cera — que a minha geração conheceu o capitão Raposo Botelho, já com o seu *compendio de Geographia Universal* na 2.ª ou 3.ª edição e o seu *t c* nervoso tambem já bastante adeantado. A sua voz cheia, embora terminando por um guincho, e os seus galões faziam-no o mestre, não digo mais querido, mas o mestre mais temido. Veiu a revolta de 31 de Janeiro. Começou a correr que o capitão Raposo — não sei com que fundamento nem se com fundamento — passara as horas da revolta debaixo de umas taboas da Viella da Madeira, que fazia as trazeiras da Rua de Santo Antonio, onde correu o sangue de combate. E a minha geração de todo lhe perdeu o medo. Logo a seguir, foi para Lisboa, numa leva de heroes algidos, que, não sei tambem com que fundamento, no 31 de Janeiro grangearam fama de lealismo ás instituições. Passados annos, sempre sedentariamente trabalhador, ganhava contos de réis por anno, era director da Cooperativa Militar, e creio — o que d'outras companhias, era general e era ministro da guerra.»

O conselheiro José de Azevedo Castello Branco, cuja missão ali era apagada, pela comparencia dos principaes ministros, arbitros em assumptos de ordem publica, o do reino, o da guerra e o da marinha, — respondeu:

— Era preciso suffocar isto, era, mas não é com palavreado que se suffocam revoluções. O que nós não temos é um general que assuma o commando das tropas fieis e lhes unifique os movimentos!

O problema teria outro escabroso ponto.

Admittida a existencia d'esse general, as tropas actuariam a favor da causa monarchica?

Parece comtudo não offerecer duvidas, que se conduzidos fossem por um commandante energico e discisplinador, habil e

(*) «Os Cem Dias Funestos», por Joaquim Leitão—Pagina 493.

encorajado, a indisciplina lançada pela democracia e a revolta prégada pela carbonaria, teria uma fallencia geral.

Até quasi ao 5 de Outubro o exercito, tomava uma attitude de espectativa e de falta de força para o assumir audacioso de responsabilidades. Fez-se uso assim, desde a fuga simulada, que na derrocada da revolta, significaria medo e nunca uma traição á monarchia, até ao esquivar á ordem de fogo, alandeado na victoria democratica, mas que seria recatado, no fracasso.

Mas a causa era indifferente á maioria da officialidade.

Essa desculpa lhe dá o proprio commandante da Rotunda:

«A grande maioria da officialidade da guarnição de Lisboa (e tambem da provincia) era completamente indifferente á politica. Surprehendida por um movimento revolucionario, sem conhecer a sua viabilidade, accorreu ao posto de combate. em obediencia ás ordens superiores.

«A attitude dos soldados pouco dispostos á repressão, ou antes com magnificas disposições para acompanharem os revoltosos, necessariamente nos assegurava a victoria, não sendo licito dizer-se que o exercito ficára vencido na lucta quando, na manhã de 5, a revolta tomou o aspecto de movimento nacional, o exercito em massa reconheceu as novas instituições, desistindo d'um combate que, a meu ver, nunca intentára travar contra a Nação.» (*)

Transparece aqui uma directa allusão a platonismo combativo do exercito.

Mais tarde (**) essa opinião, soffreria, por circumstancias varias, modificações assim expostas:

«Não é justo dizer-se que a guarnição de Lisboa se rendeu sem haver sido atacada; tudo estava effectivamente preparado para que o não fosse, mas a fatalidade assim nos obrigou; durante 30 horas a artilharia revoltada não lhe deu descanço.»

Muito antes, e n'uma segurança absoluta, já o jornalismo

(*) 1907-1910 = «A Revolução Portugueza» = Relatorio de Machado Santos = Pagina 173.

(**) *O Intransigente* de 17 de Novembro de 1913.

republicano (*), dissera, retortando accusações sobre vontade de dynamitar os quarteis na tentativa do 28 de Janeiro:

«Nunca os revolucionarios pensaram, nem podiam pensar, em empregar bombas de dynamite contra os quarteis. Os revolucionarios tinham como segura a adhesão dos quarteis ao movimento liberal e patriotico que se projectava. Contavam como certo que a maior parte do exercito acompanhava o povo e que a parte do que o não acompanhasse, se não manifestaria contra elle.»

A previsão derrubada em 1908, não falharia dois annos depois, salientando comtudo que, a um qualquer antevisto e certo fracasso republicano, os adherentes seriam os primeiros a consummar a final derrocada.

A phrase de José de Azevedo, póde pois ficar como historica e synthetisadora da agonia da realeza em Portugal.

Pouco antes viera auxiliar a demonstração de escassez de energia do governo, um sargento de artilharia 1.

Apresentando-se ao commandante da força da guarda municipal collocada na rua de S. Sebastião da Pedreira, notificou-lhe o pouco numero dos revoltosos em marcha, a utilidade de um ataque, e a humanidade da libertação dos officiaes detidos no quartel de Campolide e dados como avidos de combater.

O capitão Julio Cesar dos Santos Segurado, ordenou fosse levada a informação ao conselheiro Teixeira de Sousa, não excluindo a opinião do sargento.

O chefe do governo oppoz-se.

— Isso não. Esperemos um pouco!

Entretanto a revolução avançava.

Sonhava embaraços, esqueçido d'essa ameaça (**) permanente que parecia reproduzir se a lettras de fogo e de sangue, na historica sala do conselho ministerial:

«Pouco nos interessa que triumphe este ou aquelle, mas a verdade manda que se diga que a victoria do sr. Teixeira de Sousa não deixaria de ser extremamente util para nós republicanos.

(*) «O Mundo» de 30 de Janeiro de 1909.
(**) «O Paiz» de 8 de Janeiro de 1910.

«Se o sr. Teixeira de Sousa nos não attendesse, nós, os republicanos, teriamos muito á mão elementos de effeito seguro, para o obrigar a cumprir certas promessas...»

Já o conselheiro Julio de Vilhena, o dissera anteriormente, sendo chefe do partido regenerador, e attingindo em cheio a orientação democratica:

«De fóra está o partido republicano, dando sentenças, apreciando as manobras, mettendo os chefes ás bulhas, intrigando, desconcertando, decretando primazias, atacando, ora com violencias, ora com insidias, promovendo, emfim, por todos os modos, a desordem nas fileiras contrarias, a ver se consegue no meio da indisciplina e da anarchia geral, entrarem elles na cidade sem dispendio de forças, nem gasto de armas ou munições.» (*)

Não se reflectiu sobre essa soberba descripção historica na hora solemnissima do magno conselho.

Se somenos foi a analyse de contingencias, de relampago se viu a tactica de repressões.

Era evidente que apenas se pretendia a guarda propria e isso se confirmou ao ser regeitado o alvitre do coronel Malaquias de Lemos, para que, ante o destroço do 4.º esquadrão, na Avenida, fossem impedir a formação do acampamento da Rotunda, a 3.ª companhia e o 2.º esquadrão, ou fossem os 219 homens immobilisados na defesa do inutil governo.

O conselho de ministros proseguiu na troca, sem valor, de impressões.

Portador de más novas, interrompia o conciliabulo, excentrico, o coronel de cavallaria 4, Jesuino Gregorio Pessoa de Amorim.

Pedindo ordens, contava o destroço do seu esquadrão em Alcantara, facto assim relatado n'um livro (**) onde recolhidos foram varios depoimentos:

«Depois, seriam 5 e meia para as 6, chegou ao largo de S. Sebastião da Pedreira o coronel de cavallaria 4, Pessoa de Amo-

---

(*) «O Popular de 10 de Novembro de 1909.

(**) Joaquim Leitão=«Diario dos Vencidos» pagina 70

rim, com uma força do seu regimento. Entrou em casa do sr. Teixeira de Sousa, e informou o conselho de ministros de que, por ordem do quartel general, mandára um esquadrão para Alcantara, a juntar-se a infantaria 1 para atacar os marinheiros; que mais tarde recebera ordens de sahir elle proprio do quartel com o resto da força, a qual consistia em quarenta e tantos cavallos, pois que nos dias precedentes o regimento fornecera varias diligencias para fóra de Lisboa, por causa das greves; que, chegando a Alcantara, fôra recebido a tiro e a bombas de dynamite, sendo-lhe mortos alguns homens e cavallos e ferido um official, e que veiu então por Monsanto a casa do presidente do conselho, para receber as ordens que lhe quizessem dar.»

Não foi de exagero, como sabido é, o relato do coronel Pessoa de Amorim, a despeito do conselheiro Teixeira de Sousa, na obra (*) reinvindicadora da sua defeza, assignalar uma sensivel diminuição no numero das praças victimadas:

«Cavallaria 4 foi mandada marchar para o Rocio, marcando-lhe um caminho que a levou por Alcantara, tendo ali recebido á passagem, o fogo dos revoltosos que se encontravam no quartel de marinheiros.

«No dia 4, de manhã, entrou o commandante em minha casa para me informar do que lhe aconteceu em Alcantara e, de que o regimento ficára reduzido a 40 cavallos. Creio bem que se perderam os restantes, pois da nota das baixas, que adeante é referida, e que julgo authentica, consta que em cavallaria 4 foram sómente duas praças feridas e 3 cavallos mortos.»

A relação, de paginas 449, do livro de Teixeira de Sousa, regista, de facto, e citando a informação fornecida como exacta, as duas feridas praças

Comtudo, de evidente erro é a affirmativa e uma nota hospitalar (**), do estabelecimento de caridade, da Boa Hora, em Belem, marca a ida ali, para curativo, do major Rocha Teixeira, alferes Barata e varias praças, com os respectivos nomes.

(*) Teixeira de Sousa — «Para a Historia da Revolução» — 2.° volume =Pagina 316.

(**) «O Seculo» de 7 Outubro de 1910.

Ainda o noticiario da epoca relata: (*)

«Quando, como dissemos, o regimento de cavallaria 4 se dirigia de Belem para Alcantara, retrocedeu precipitadamente. Esse facto foi devido a ter sido recebida uma descarga cerrada dada pelos marinheiros que se achavam no quartel, do lado do Aterro.

«A confusão foi grande, espantando-se muitos cavallos que lançaram no chão os cavalleiros, officiaes e soldados, entre os quaes o sr. major Manuel Ignacio da Rocha Teixeira e o alferes Victorino da Gama Barata, o primeiro ficou com uma ferida contusa na cabeça, deslocação do braço direito pelo hombro, tendo sido arrastado por algum tempo pelo cavallo em fuga preso ao estribo; o segundo de uma forte contusão na articulação do joelho esquerdo; ambos esses officiaes, bem como as praças a que já alludimos foram conduzidos logo que isso se tornou possivel ao hospital militar da Boa Hora, ficando ali em tratamento o major e o alferes cujo estado não inspirava cuidado e 14 praças com ferimentos, fracturas ou contusões produzidas por arma de fogo ou queda, uma d'ellas com fractura no craneo, na região parietal esquerda sendo-lhe feita a trepanação.»

Não teve pois um phantastico descrever o episodio relatado pelo coronel Pessoa de Amorim, se bem que, para lançar duvidas sobre essas divergencias e a attitude do regimento, a notar haja ser elle um dos corpos com que a revolução contava, segundo o depoimento do revolucionario João Chagas.

Teixeira de Sousa, succumbido ante o tragico desfecho da marcha de cavallaria 4, curvou a cabeça.

Seria talvez n'essa hora que se deu o incidente que para defeza do chefe do partido regenerador patenteou mais tarde um jornalista (**) em critica acerada á obra *Os Cem Dias Funestos*:

«Devemos dizer que, se Teixeira de Sousa realmente tivesse proferido a frase *Eu poderei cair* antes de eu querer, *mas ha*

(*) «Diario de Noticias» de 5 de Outubro de 1910. = 4.ª edição.
(**) *O Mundo* de 22 de Novembro de 1912.

de cair comigo a monarchia, os seus amigos, nas horas da Revolução, não lhe teriam visto as lagrimas aflictivas e amarguradas que lhe escaldavam as faces por não ver na rua aquelles que horas antes lhe garantiam poderem responder pela fidelidade de toda a guarnição de Lisboa.

«Teixeira de Sousa ambicionava apenas servir a Patria e a Monarchia defendendo-as, não com tiranias e semeando odios, mas com um programma governativo tão liberal e viavel que era a garantia segura do nosso resurgimento.»

A descripção do coronel Amorim, trouxe de facto um desanimo.

Foi aìnda o ministro dos negocios extrangeiros, quem ousou dar uma ordem, depois de relancear o olhar pelos desalentados companheiros.

Impunha-se talvez o ataque de flanco ás forças da Rotunda e para isso, o coronel devia aggregar a si as praças que tivesse por necessarias.

O official sahiu, salientando talvez o acabrunhamento d'esse conselho de estadistas, mais talhados para o expediente ordinario das secretarias ministeriaes do que para as graves contingencias de uma revolta, encargo aliás tomado ao receber a herança de governar, das mãos do conselheiro Veiga Beirão.

Ao tropel dos cavallos, em marcha para a Rotunda, o chefe do governo pareceu despertar do seu lethargo:

—Afinal talvez fosse melhor que esses tambem aqui ficassem, que os outros não são muitos!

Eram quasi seis horas da manhã.

A politica estava assim em alarme.

Em casa do antigo presidente do conselho, José Luciano de Castro o sobresalto era tambem patente.

N'essa madrugada ninguem ali socegava, e o telephone largo serviço teve, para a pesquisa de quanto succedia.

O chefe do partido progressista, a conferencia chamava o conselheiro Veiga Beirão, emquanto para espelhar a gravidade dos successos chegava á sala do conselho da residencia do presidente do ministerio, o chefe do partido dissidente, conselheiro José de Alpoim.

Antes, telephonára do Hotel Avenida Palace, communicando que a revolução estava na rua, aviso recebido pela esposa do conselheiro Teixeira de Sousa.

Apparecendo pessoalmente, o conselheiro Alpoim em particular entrevista com o presidente do conselho informava, do que lograva ver, e do que apurára em conversa no café Martinho.

Os revolucionarios nas ruas dirigindo se-lhe.

Os revolucionarios ainda, julgando n'elle o envolvido na *janeirada* de 1908, onde a familia real devia ser presa.

Os revolucionarios, que, n'aquella hora de lucta, lhe haviam, em plena rua, mostrado o caminho da revolta, assegurando-lhe excellente a occasião para patentear as suas ideias de democrata...

Os rebeldes ouvindo-lhe o aviso telephonico para o chefe do governo referindo o estado rebellionario do povo.

O chefe dissidente, contou a phrase com que respondera á acção catechisante dos carbonarios occultos junto ao Hotel Avenida Palace, á entrada da Avenida da Liberdade:

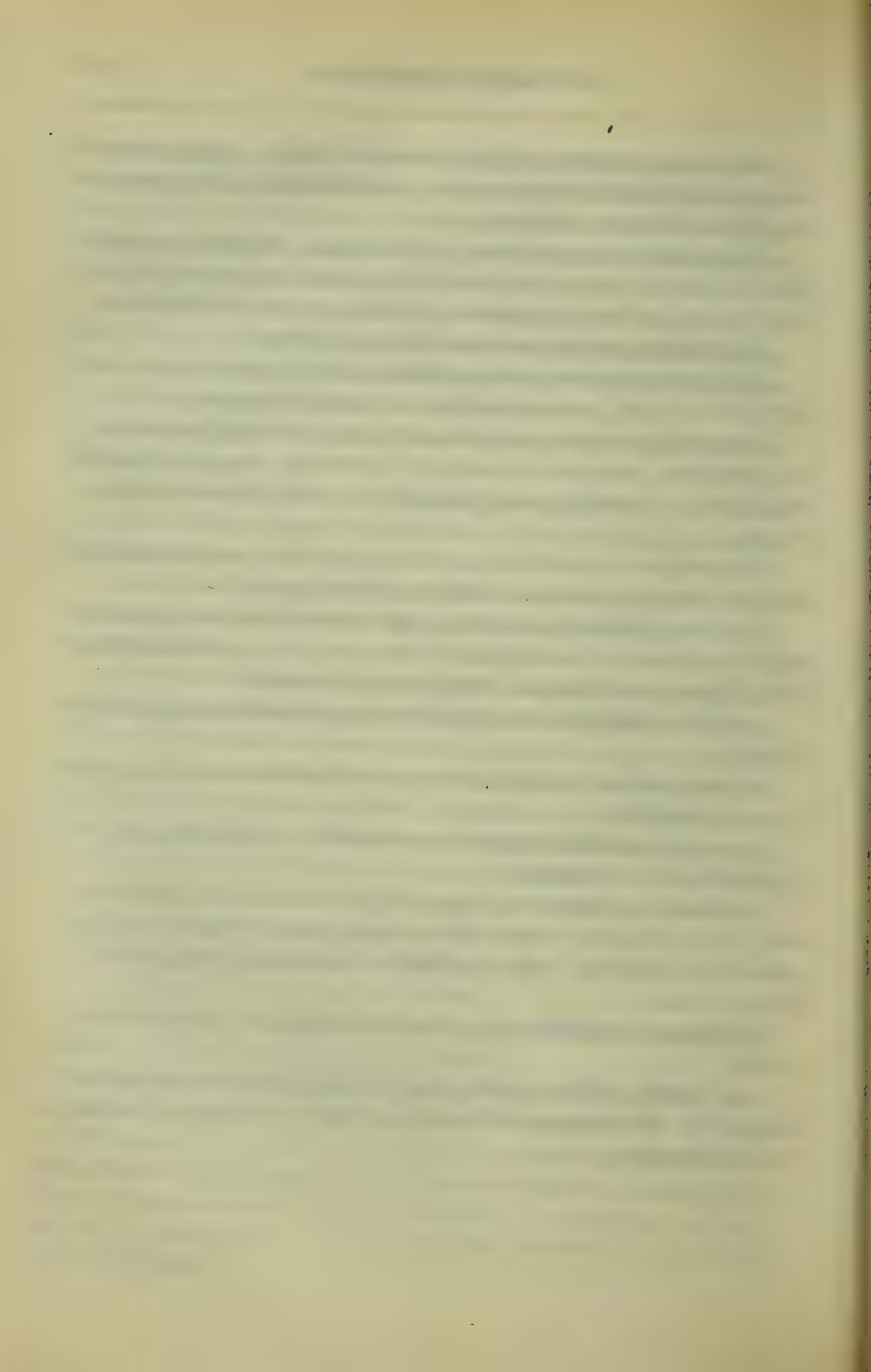
— Que mal feito isto foi! Quando governava um governo liberal!...

A serio deixou escapar até no café Martinho o annuncio de uma perseguição:

— «Isto é um movimento organisado... se não vencem, a repressão será tremenda!»

Ameaça ou incentivo, certo é que os revoltosos anceavam não cahir sob esse promettido castigo, pouco versado aliás no conselho ministerial, onde com febril impaciencia se esperava o raiar do dia.

Entravam comtudo nos primeiros alvores do dia 4 de Outubro.

A revolta fallava ainda, mas pobre d'ella se os aulicos da monarchia não tivessem affivelado aos labios o extranho sorriso da indifferença.

O DIA 4 DE OUTUBRO

I

Manhã de revolta.—O aspecto da cidade de Lisboa.—A guarda municipal e a policia.—A attitude dos regimentos.—O povo manobrando. — Proclamação da Republica nas villas de Aldegallega, Almada, Barreiro Seixal e Loures.

As primeiras claridades do dia 4 de Outubro de 1910 viu-as a cidade de Lisboa solemne e tragicamente saudadas pela fuzilaria da Revolução.

A alva, nos seus tons dubios, veiu desvendar aos olhos da população não iniciada nos tramas democraticos, o estranho espectaculo d'essa madrugada de revolta.

Patenteou proximo ao quartel de marinheiros e junto ao do 16, na rua da Piedade, os primeiros cadaveres.

Nas diversas ruas, novos corpos jaziam, sem vida, em posições singulares, contrahidos uns, descompostos outros, mutilados varios.

Eram os esfarrapados, victimas do seu ideal, sacrificados em holocausto aos sonhos de gloria de outros.

Eram os miseros, servindo de degrau, com os corpos exanimes de martyres, á ascensão, de sempre, dos poderosos.

Eram os crentes, baqueando, na persuasão sublime do que do seu sangue brotaria, com a queda final da reacção monarchica o supremo bem do povo, sahindo do abraço esmagante da monarchia para o osculo fraterno da republica.

Não havia assim dolorida emoção ante essas victimas da acção nocturna.

Compunham o troço natural dos immolados a uma causa santa, a da liberdade de um povo.

E comtudo, horrido era o quadro que o estrangeiro descreveu em curtas linhas impressionistas:

«Nas ruas, cobertos de sangue, dormem o somno mysterioso da morte, muitos heroes anonymos, na sua maioria populares, gente humilde, descalços, com as mãos callosas pelo rude labor diario. Aqui e acolá, com as entranhas de fóra, alguns cavallos da municipal mostram os espantosos estragos da dynamite.» (*)

Não estava comtudo bem ligada a ideia d'uma authentica revolução.

Seria talvez um simples movimento insurrecional, afogado talvez entre as mãos fortes da monarchia, quando o sol dourasse os altos predios da velha Lisboa.

Comtudo esta perdera o seu aspecto trivial de vida, para assumir como que outra existencia.

O terror misturava-se á curiosidade.

Se o soar d'uma descarga, afugentava, breve o refluxo popular vinha, ás embocaduras das ruas, ciciando os seus boatos, tetricos uns, de epopeia outros.

A existencia citadina modificava-se e sahindo da sua buliçosa attitude de sempre, mas pacata e paciente, assumira a feição extranha de nervosismo e impectuosidade.

Era o inedito, o imprevisto a attrahir todo um povo.

Os mercados estavam encerrados, bem como a maioria dos estabelecimentos.

Apenas raras padarias, onde breve se acabava o pão e algumas mercearias, onde terminava o fornecimento de bacalhau e batatas, conservaram, por instantes, as portas entre-abertas.

Paralisára o serviço de comboios, sahindo apenas o expresso, suspenso porém na estação de Alfarellos.

(*) «Como cae un trono = La Revolucion en Portugal». = Pagina 125

Para que não avançasse nenhum de Campolide, á entrada da estação formou um grupo de 60 revolucionarios civis.

Appareceram destruidas as linhas entre Braço de Prata e Olivaes, a da Figueira, a de Torres, Carregado, Santarem, e entre o Barreiro e Lavradio.

Suspensos os serviços aduaneiros, era logo a guarda da alfandega confiada a forças militares, impedindo, rigorosamente, a approximação ao edificio.

Dera se o corte do cabo submarino, impedindo as transmissões por essa fórma.

Estava parada a tracção electrica e a circulação dos ascensores tendo ido todo o pessoal reunir-se aos nucleos revoltados do quartel de marinheiros e da Rotunda.

As ruas foram tomadas pelas tropas, ouvindo-se o toque incessante dos clarins.

Caçadores 5, fechava as embocaduras da rua do Ouro e Augusta, de metralhadoras assestadas para o lado do Terreiro do Paço, infantaria 5, destacando um batalhão para junto do gradeamento da rua do Jardim do Regedor tomava o quartel general e as ruas da Palma, S. Domingos e Santo Antão.

Mais tarde, essas forças de infantaria 5 e caçadores 5, eram reforçadas, ostentando alem das cartucheiras, o bornal e o sacco das munições.

As ambulancias dos voluntarios da Ajuda occultavam-se nas embocaduras da Avenida, emquanto ia crescendo o numero de feridos nos hospitaes, ao ponto de se combinar o deslocamento de doentes do hospital de S. José para o do Rego e de se gastar no da marinha, a gaze hydrophila.

A cavallaria da municipal destacava um esquadrão para a frente do theatro de D. Maria II, no Rocio, e outro, para junto da entrada particular do mesmo theatro, no largo de S. Domingos.

Da infantaria do Carmo, uma parte tomava no largo respectivo, as entradas das ruas que iam dar ao quartel, como a rua Nova da Trindade, largo da Abegoaria, calçada do Sacramento, calçada do Carmo, rua do Duque e rua Serpa Pinto, emquanto uma companhia formava no largo de S. Roque.

Outra parte, de guarda á estação central dos telephones, dividia-se em duas facções, recolhendo uma ao patim inferior e formando outra na rua dos Retrozeiros, com frente á rua do Crucifixo.

A policia recolhera, por ordem superior, ao governo civil, abandonando as esquadras.

A da rua do Loureiro, insubordinara-se antes, contrariando uma ordem do chefe Costa, que determinava a concentração dos agentes no interior do posto.

Julgado mau local para defeza, um cabo, exaltado, chamando os policias dos postos avançados, mostrou-lhes a escassa conta em que eram tidos e aconselhou-os a deffenderem-se ou a recolherem a casa.

Alguns revolucionarios, de passagem e para evitar refregas em que a policia seria de facil vencida, lançaram o pregão aterrorisante dos assaltos effectuados a outras esquadras.

Os guardas aprestaram-se para resposta a previsto ataque, quando, como entrave á aliás justa indisciplina, veio do governo civil a ordem determinando a descida até á rua Capello, ao Chiado, onde era a séde do commando.

A marcha fez-se, não sem que n'um exemplo de alta humanidade e coragem, o troço retrocedesse para trazer um agente, esquecido, cumpridor isolado do serviço de segurança no Principe Real.

Não era descabida a prevenção, pois que, mais tarde, quando cerca das 9 e meia um troço de 5 policias, passava pela rua dos Cavalleiros, d'uma janella era-lhes lançada uma bomba de dynamite que matava 1 dos agentes, ferindo 3.

Dera-se já tambem o assalto á esquadra de policia do Beato.

Não se submetteram de prompto os agentes e a tiro, ripostou, sendo feridos muitos populares e entre elles, Cypriano Marques, attingido com uma bala n'uma perna, que lhe foi amputada dois dias depois.

De vencida foram levados os guardas e a esquadra era tomada e destruida, seguindo d'ali os assaltantes para a pharmacia da rua Direita do Grillo, desmantellada, com o prejuizo de dois contos de réis.

O odio á policia e sua perseguição, callava tanto no animo de alguns agentes, que chegaram a enviar aos chefes, os sabres e os revolveres declarando não querer servir mais na corporação, emquanto outros iam armar-se ao quartel de engenharia que estava barricado.

Por seu lado, o commando policial, prevendo egualmente que o fim do assalto ás esquadras era tambem o preparo de libertação dos presos politicos, fazia-os transportar para o quartel do Carmo, indo para o governo civil os implicados nos casos das bombas (*) da rua dos Correeiros 161, Manuel Vaz Bravo, Manuel de Seixas Brito Bettencourt e João Antonio Alves Borges.

Se o 2.°, envolvido estivera já na explosão de bombas da rua de Santo Antonio, á Estrella, o ultimo encontramol o já implicado no 28 de Janeiro de 1908, e anteriormente comprehendido na lei de 13 de Fevereiro de 1896 e uma das suas primeiras victimas.

Não obstante, e presumindo investida ao governo civil, fazia-se com que a policia tomasse, em cordão espesso, a frente do edificio, destacando-se alguns agentes para o telhado, em serviço de vigilancia e conjuncção de defeza.

N'uma espectativa, a guarda fiscal, formava, em parte, em toda a linha ferrea da Cintura, tendo adherido já a de Beirollas.

Outras facções estavam distribuidas pela cidade, auxiliando até a captura de rebeldes isolados, sendo 27 marinheiros detidos pela guarda fiscal e levados para o quartel do Carmo.

A segunda companhia, apoz um assalto popular ao posto de Alcantara, retrocedera a guardar os armazens aduaneiros do Porto Franco.

A terceira, quiz avançar sobre as Necessidades para as guarnecer, e á passagem pela Junqueira, o capitão Costa Couto, um dos heroes da prisão do regulo Gungunhana, expressava ao commandante da 2.ª companhia, capitão Antonio de Almeida Leitão a ordem que ia executar, de se unir a infantaria 1.

(*) Descripto no 2.° volume d'esta obra, pagina 688.

Recusava acompanhal-o, o capitão Leitão, sob base de que não devia metter os soldados ao fogo como aventureiros.

A força de Costa Couto, seguia, para retroceder de seguida, pelo impedimento do caminho, juntando-se á segunda companhia, em Porto Franco, que não abandonaram.

Citados foram factos onde se pretendeu dar como auxiliar da democracia o nucleo do capitão Couto, pela retirada para Alcantara, sem dar um tiro.

Mais tarde surgia uma contradicta, (*) na hora em que, victoria ganha, tudo quiz collocàr uma pedra assignaladora do completo voltar de costas ao regimen cahido:

«Diz v. ex.ª que a terceira companhia recebeu ordem para se unir a infantaria 1, regimento que, como é notorio, estava ao lada da monarchia. Até ahi será verdade, como verdade é o ter passado a terceira companhia pela rua da Junqueira, onde já se encontrava a segunda companhia guardando os armazens chamados do Porto Franco. Foi aqui que a terceira companhia, commandada pelo capitão Costa Couto e tenentes Costa e Silva fez alto e, chegando e falando o capitão Couto com o capitão Antonio d'Almeida Leitão, commandante da segunda, este disse-lhe que tinha estado em Alcantara e vendo que os revoltosos tinham assaltado o posto, voltára a tomar conta dos armazens, ao que o capitão Couto respondeu: «pois nós vamos juntar-nos a infantaria 1, por ser a ordem que recebi, e que deve estar no Paço», respondendo o capitão Leitão que d'ali não saía com o seu pessoal sem saber o que devia fazer, pois não devia ir metter os soldados ao fogo como aventureiros.

«D'aqui seguiu a terceira companhia para voltar d'ahi a uma horá e dizer que, não lhe sendo possivel passar para o Paço, vinha juntar-se á segunda companhia, onde permaneceu até á manhã em que foi a implantação da Republica.

«Quanto á manifestação, devo dizer que, emquanto o sr. capitão Leitão auctorisou as praças a manifestarem-se, fraternisando com ellas, o sr. capitão Couto não consentiu que o seu

(*) «Diario de Noticias» de 19 do Outubro de 1910.

pessoal saisse d'um pateo onde os metteu e a cuja porta collocou os sargentos para os impedir de sair.

«E' isto que em abono da verdade pede a publicação quem é — De v. ex.ª — Um 1.º cabo da 2.ª companhia.»

Se, na cidade alta, o movimento era escasso, na baixa era grande.

Todas as casas commerciaes e particulares estrangeiras, arvoraram logo, preventivamente, as bandeiras das suas nações.

Em maioria, os moradores dos predios do alto da Avenida, abandonaram, por perigosas, as respectivas residencias, affluindo anciosos de melhor refugio aos hoteis das ruas principaes, onde novos terrores os colhiam.

Grupos de civis, trocavam combinações e impressões.

Sabia já o povo, alguma cousa mais do que o governo.

Não ignorava as alegrias, como não ignorava as contrariedades.

Ciciava em pleno Caes do Sodré, olhando os navios onde fluctuava a pequena bandeira revolucionaria, que a Rotunda estava semi-desprovida de combatentes, por um abandono nascido da orientação dubia dos regimentos.

Conhecido era que cerca das 9 horas, um destacamento de infantaria 5, com os civis, se dirigira aos Olivaes, atacando o posto da municipal, logo desarmada.

De posse da revolução estava o deposito de Beirollas.

Murmurado foi o nome do sollicitador Fernão Botto Machado, como um dos principaes agitadores para a acção geral sobre Beirollas, achando-se á frente de um grupo de gente de Sacavem e Camarate, destinado a impedir o avanço das baterias de Santarem, fazendo saltar com a dynamite a ponte da primeira d'aquellas localidades.

Verdadeiro o boato, traria mais tarde, a Botto Machado, victoria ganha, os logares de deputado, consul geral de Portugal no Rio de Janeiro e depois nomeado (*) chefe de missão de

---

(*) Decreto publicado no «Diario do Governo» n.º 230 de 1 de Outubro de 1913 = Decreto de 6 de Setembro do mesmo anno.

2.ª classe e collocado na legação de Portugal junto da Republica do Panamá.

Animado o povo, e simulando seguir o apparato marcial, dava de quando em quando vivas á republica, incitando as tropas que lhe tomavam a passagem, unidas, mirando inquietas a casaria.

Presumiam todos os ataques e todas as violenciàs, já pelo conhecimento do que em redor se passava, já pelos boatos, aliás certos, espalhados anteriormente.

A revolução alastrára demais e difficilmente se procurava atalhar o incendio.

A cada sublevação, em vez de corresponder um novo acto de energia, mais se acirrava a inercia.

Mais do que ninguem, melhor ainda do que o proprio governo, encerrado em esteril conselho d'onde nada sahia de francamente favoravel para a dynastia — o povo, mais indifferente a perigos, tudo pesquizava, tudo conhecia.

Era a populaça, quem, captadora e bondosa, ao mesmo tempo, abria subscripção, na calçada da Estrella, para que de comer tivessem ás 10 horas da manhã, algumas praças de infantaria 16, esquecidas na guarda do edificio das côrtes e que não se alimentavam desde as quatro horas da tarde da vespera.

Isso contribuiu talvez para que, á tarde, essas praças, com o sargento Marcellino fôssem auxiliar os revolucionarios da Rotunda.

Enervada e jubilante, tão rapida descia do alto de Santa Catharina e ao Aterro, como galgava do Terreiro do Paço aos altos da Graça, victoriando o lento espreguiçar das bandeiras republicanas nos navios.

A emoção de ver o seu fluctuar na popa do «Adamastor» e do «S Raphael», foi todavia offuscada, em parte, com o esvoaçar magestoso da bandeira azul e branca por sobre o cruzador «D. Carlos».

Outras novas boas derrubaram a concentrada raiva d'essa desillusão.

Recebendo-as, enthusiasta, subia, na estação do Caes do Sodré aos tejadilhos das carruagens dos comboios parados, tentan

do perceber os affans da marinhagem e até o jubilo intenso da gente da Outra Banda.

De longe viera o aviso de que a Republica estava proclamada em varias villas de alem Tejo.

Já então aos revolucionarios sorrira, como galardão a sacrificios e ironia a desalentos, a bandeira republicana fluctuando em cinco villas proximas de Lisboa.

As da Outra Banda deram o exemplo.

Aldegallega foi a primeira.

Velho baluarte democrata, ás noticias de revolução na rua não teve embaraços em a coadjuvar.

Madrugada alta, a populaça proclamava a republica, e fazendo hastear a bandeira na camara municipal, elegia 1.º administrador do concelho, republicano, o vice-presidente da commissão municipal, Antonio Luiz Ramos.

A communicação para a revolta em Aldegallega, foi levada de Lisboa, pelo secretario da camara municipal, dr. Ernesto Carneiro Franco, que a participava ás 9 horas da manhã de 3, ao presidente da camara municipal, Manuel Ferreira Geraldes, ao presidente da commissão municipal, Francisco Freire Caria Junior, e aos aggremiados da L. ·. «Gestatorista».

A elles estava commettido o dirigir da execução do plano revoltoso na margem esquerda do Tejo, coadjuvados pelos chefes de grupo, João da Costa. Manuel Lourenço, Simões Domingues, Manuel Barreiro, Bernardo Manteigas, Antonio Ramos e Figueiredo

Transmittida a ordem do Directorio, á noite, o povo tomava as ruas do Caes, do Martyr de Montjuich e da Calçada, como pontos de accesso ao caes de embarque, caminho de ferro, telephone e Valle de Zebro.

A's 11 horas da noite fazia-se a marcha sobre a estação naval.

Armados de carabinas, e em carros, iam os revolucionarios Antonio Rodrigues Calleiro Junior, José Cypriano Salgado Junior, Francisco Freire Caria Junior, Antonio Ramos, Antonio Marques Contramestre, José Augusto Saloio e Francisco Maria da Silva, emquanto outros tomavam alguns barcos com igual destino.

Para o arvorar da bandeira na administração do concelho, se aguardou todavia o regresso da columna civil revoltosa que tentára proceder em Valle de Zebro.

A' inefficacia do projecto sobre a escola de torpedos, correspondeu o retrocesso, com motivo no addiamento da acção.

Entretanto seguia o republicanisar da villà, espalhando o estandarte verde e encarnado por todos os edificios e estendendo-se o movimento a Alcochete, onde 300 populares iam levar a nova proclamadora.

Em armas ficavam os revoltosos de Aldegallega durante os dias e noites de 3 e 4, em que o povo, irrompendo pela repartição de fazenda procedeu á queima de todos os livros, intentando fazer o mesmo na recebedoria, o que foi embargado pelos revolucionarios, collocados de guarda às repartições e cadeia.

Quiz-se reivindicar para outras terras essa primazia, que coube porém, sem contestação, a Aldegallega:

«Foi aqui, em Aldegallega, a primeira terra em que foi proclamada a Republica, pois que na madrugada de 4 já tremulava a bandeira republicana nos paços do concelho, e no regresso dos valentes homens que d'aqui tinham ido a Valle de Zebro, mal armados, mas dispostos a tudo, foi hasteada a bandeira na administração do conselho e em todos os edificios publicos e particulares, associações, etc.» (*)

Proveio comtudo o erro, de só a 5, conhecida a derradeira e verdadeira victoria, a de Lisboa, as bandeiras tremularem em todas as casas, com largas festejos populares, illuminações geraes e cortejo civico.

Foi Almada, a outra villa principal reivindicadora do ideal democratico

O tiroteio de Lisboa, chamou á rua o povo.

A espectativa foi curta.

Convencionada a necessidade de proceder, o operariado resolvia, em peso, a não comparencia nas fabricas e reunindo-se-lhe os chefes de partido local, actuava energico.

Da capital levou informes o professor José Antonio Simões

(*) «O Seculo» de 10 de Outubro de 1910.

Raposo, que tendo debalde procurado o almirante Reis pelas immediações da Rocha de Conde de Obidos e havendo pesquizado algumas das phases do movimento, decidira ir á Outra Banda ao notar as bandeiras arvoradas já nos navios.

As mal encobertas desesperanças da cidade não tiveram echo do outro lado do Tejo.

Decidiu um lance de arrojo.

Levando á frente a bandeira do Centro José Elias Garcia, e com o velho deputado republicano José Maria de Moura Barata Feio Terenas, incutindo enthusiasmo, a massa popular, com alguns marinheiros, investiu com o castello de Almada

Feio Terenas intimava ao official da guarda a rendição.

Contava-se com a resistencia mas nenhuma houve.

Effectuou-se um summario acto de entrega.

Sem uma hesitação, o official, Antonio Lopes Soares Branco, ali collocado para obediencia á bandeira azul e branca, dava logo ordem para o ascender na torre alta, da verde e encarnada, com a phrase simples:

— O povo manda, obedeço!

A multidão ao satisfeito desejo, pois que a imposições não teve de ir, acclamou n'um grito unisono o arvorado estandarte.

O feito levaria o velho democrata, a senador e ao cargo de director geral da secretaria do Congresso da Republica.

Os boatos registaram como participante do acto da tomadia do forte toda a marinhagem do «D. Carlos», e até o proprio presidente do conselho, Antonio Teixeira de Sousa, n'uma entrevista (*) concedida á imprensa se fez echo d'esse erro:

« — Mas que papel representa então o cruzador «D. Carlos» o mais poderoso dos navios, o qual, segundo v. ex.ª diz, não arvorou a bandeira revolucionaria?

« — E' legitima a sua pergunta, pois podia inferir-se que, ficando o «D. Carlos» fiel á causa monarchica, elle poderia conter os dois pequenos cruzadores revoltados e evitar o desembarque dos marinheiros e o bombardeamento da cidade. Mas não podia ser assim. Logo no inicio da revolta toda a marinhagem

(*) «O Diario de Noticias» de 17 de Outubro de 1910.

desembarcou e foi occupar o forte de Almada, prevenindo a hypothese de ali ser estabelecida a artilharia vinda de Torres Novas ou de outro logar. O navio ficou apenas occupado pelo commandante, gravemente ferido, por alguns officiaes e por seis ou oito praças. N'estas circumstancias, o «D. Carlos» estava na revolução, embora só ao fim da tarde substituisse a bandeira azul e branca pela bandeira republicana.»

Do «D. Carlos» comtudo, só sahiu o marinheiro que ao «Adamastor» foi fazer sciente da situação do navio e pela noite o troço que ao mesmo vaso de guerra e a occultas conseguiu ir insistir pela abordagem ao cruzador.

A posse do castello de Almada constituia de per si, uma uma prevenção excellente, visando a tomar o passo á artilharia de Torres Novas ou a outra que ali se quizesse installar como elemento combativo dos revoltosos.

Tropas para combater não faltariam, se as norteasse o amor á realeza e o desprezo á vida, este usado nos nucleos rebellionarios.

Mas o grupo de artilharia 4, aquartellado na Trafaria, nos fortes da Raposeira e da Alpena, do commando do major Antonio Lopes Soares Branco e a guarda fiscal installada em Cacilhas, observaram um neutralismo que a massa popular republicana, saudou e de facto como adhesão sem reluctancia.

E' certo que as acclamações á Republica, pelo professor José Antonio Simões Raposo, Bartholomeu Constantino e Julio Victorino dos Santos, alguns dos guardas corresponderam cerrando as janellas do posto fiscal em Cacilhas, mas, de facto, a essa platonica desmonstração se restringiram

Conseguida essa abstenção de hostilidade emquanto José Maria Feio Terenas, falava ao povo do seu automovel, o operario Bartholomeu Constantino, subia a um banco de pedra d'onde incita á revolta com phrases violentas á monarchia e de axaltação aos que na capital se arriscavam pela victoria da ideia democratica.

Bartholomeu Constantino, que mais tarde ia ao carcere, como tantos outros, sob a accusação de envolvido em tumultos contrarios á republica, conduziu a populaça á invasão das fa·

bricas, para que o operariado o seu appoio désse ao movimento avassalante.

Seguindo a enthusiastica corrente, e com uma banda de musica atroando os ares aos accordes da Marselheza, eram tomados os paços do concelho.

Eram sete horas da manhã e tres depois elegia-se. por tudo adherente, a junta governativa revolucionaria, precedendo a proclamação da Republica, ao meio dia.

Já subira tambem ao alto do edificio da administração de Almada, a bandeira republicana, tirada, por outra não haver, do Centro Capitão Leitão.

De novo se suscitaram apprehensões sobre os grupos militares.

Assignalou-se bem que nada a temer havia.

A victoria fôra facil, era certo, mas dando a affirmativa de que a propaganda nos regimentos annullára todas as noções do dever e da propria disciplina.

Livre de obstaculo, evolados esses pesadellos, para auxilio á revolta, começou a caça ao padre.

O povo, armado de archotes, ia atear o fogo no convento do Valle do Rosál.

As chammas illuminaram assim o estranho espectaculo de uma turba, seguindo, ebria de alegria, a derrocada esbrazeada d'uma succursal do collegio loyolano do Quelhas.

A villa do Barreiro, foi outra das iniciaes proclamadoras da republica.

Reunido parte do povo de Almada, e parte do d'aquelle concelho marchou pelas 11 horas da noite para Valle de Zebro, onde inquirindo da situação, tiveram duvidas, expressas pela propria marinhagem, sobre a completa adherencia da escola de torpedos.

Tentar um lance em taes condições, affigurou-se de perigo.

Voltaram assim ao Centro Republicano, onde aguardadas fôram novas de Lisboa.

Deram estas a revolução em agudo periodo e os grupos civis,

chamando ás armas a população, fez tocar os sinos a rebate cerca das 5 horas da manhã. .

Armados de espingardas, revolveres, pistolas, chuços, floretes, lanças e cacetes, formavam compacto nucleo, e aprestavam-se para a defeza da bandeira republicana, pouco antes içada no edificio da camara municipal pelo dr. Franco, que d'ali proclamava a Republica.

Eleita foi a junta revolucionaria, constituida pelo droguista José Luiz da Costa, Ricardo Rosa y Alberty, José Esteves, Caetano Francisco da Silva, photographo João dos Santos Pimenta e Manuel Marques de Oliveira.

Tomadas foram desde logo precauções rigorosas para com cavallaria 3.

Esta, porém, evolucionando sem hostilisar os revoltosos, veiu formar na praça da villa, pacifica e ordeiramente.

Era simples guarda de honra ao feito popular: o ideal novo estava proclamado.

Desvanecidos receios por esse lado, a revolta ganhou maior enthusiasmo

Decidia-se o corte de communicações e levantada immediatamente foi a linha ferrea entre o Barreiro, Lavradio, Alhos Vedros e Moita com o respectivo corte de linhas telegraphicas.

Colhido no meio do trajecto, já não poude chegar o comboio do Algarve, tendo os passageiros que ficar nas carruagens.

Os grupos civis tomando as posições consideradas de vantagem para repellir qualquer ataque de forças fieis, o que se não deu, combinavam outro avanço sobre Valle de Zebro.

Levado a effeito, dava resultado nullo, como o primeiro, trazendo terrores pela nova da detenção do tenente de marinha, revolucionario, João Fiel Stockler.

Os reforços já haviam provocado desesperanças.

Do Barreiro, os grupos civis, viram pelas 8 horas seguir para Valle de Zebro, com um troço de officiaes, o vapor «Trafaria».

Aggrupados na margem do rio, tentavam a adhesão, acclamando a republica e agitando bandeiras.

Nenhum resultado deu, como improductiva seria identica

tentativa feita, pela tarde á passagem do «Azinheira» que para ali levou mais officiaes e varias praças do «Pero de Alemquer».

A officialidade conduzida no «Trafaria» voltou-lhes as costas, e a maruja patenteou um socego desnorteante.

Outra villa da beira do Tejo, lhes seguiu o exemplo: a do Seixal.

Ao conhecimento de que a revolta alarmava a capital, o povo sahiu para a rua, conseguindo logo a adherencia da guarda aduaneira.

Junccionando a si novos elementos, invadiam os paços do concelho, onde era hasteada a bandeira republicana, e como processo inicial, proclamada a republica, com eleição da junta revolucionaria.

Se os de Almada, obtida a reivindicação democratica, iam exercer odios sobre os conventos, os do Seixal, ganha a certeza de que o movimento seguia, voltaram as attenções para a recebedoria e administração do concelho.

Pela tarde, de assalto os tomavam, ante fuga das auctoridades e trazendo para a rua os documentos de cobrança e os livros, d'elles faziam fogueiras, entre manifestações jubilosas e reunidos já aos grupos vindos dos logares da Arrentella e da Amora.

As terras da beira-Tejo foram pois as primeiras a proclamar a Republica.

Comtudo, e para que de todo lhes não ficasse a primazia ás do sul, egualmente ao nascer do dia, ainda outra villa, entre o N. e o NNE. de Lisboa reconheceu implantado o regimen novo: a de Loures.

Do Centro Braamcamp Freire, sahiu a commissão municipal republicana, composta pelos drs. Augusto Moreira Feio e Antonio Carvalho de Figueiredo, Manuel Maria Mano, Joaquim Augusto Dias e Francisco Rodrigues Ascenso.

Formando comicio, era dada ao povo a noticia, prematura aliás, da victoria em Lisboa.

A populaça bradou alto a sua alegria.

Submettido pela nova, falsa, nem resistencia oppoz o administrador nem a guarda policial ás suas ordens.

A bandeira do Centro, subia ligeira, fluctuando no edificio da administração.

Vivas energicos a saudaram.

Assim de passo em passo, a revolução ganhava terreno, mercê da inercia de uns e dos ousados ardis de outros.

II

O caso do cruzador «S. Paulo».—Um erro de embuscada =Tentativas de assalto á Rotunda.=A attitude de infantaria 5 = Lances de coragem =Prophecia popular.=Episodios da lucta nas ruas. — A Cruz Vermelha alvejada pelo tiroteio. —Assaltos = A imprensa ante a revolução.

Estava encorajado o povo.

Via a bandeira verde e encarnada, a dar-lhe prophecias de completa victoria, não difficil, pelo abandono d'uma efficaz defeza.

A's 6 horas da manhã, animados pelos estandartes da democracia fluctuando já victoriosos na Outra Banda, — no Barreiro e Almada — e pelos vivas á republica pelo povo, o «Adamastor» e o «S. Raphael» içavam as bandeiras republicanas, firmando as com uma salva.

Deu isso logar a um incidente.

Como que correspondendo ao acto dos navios revoltados e saudando a bandeira verde e encarnada, o cruzador brazileiro «S. Paulo», surto no Tejo, dava uma salva, e apoz, arvorava o symbolo da sua patria, firmando-o com outro numero de tiros.

O sucesso relatado pelo jornalismo (*), serviu para discus-

(*) «O Seculo» de 4 de Outubro de 1910.

sões protocollares, onde se salientava a peripecia anormal do cumprimento do barco estrangeiro á bandeira então simplesmente revolucionaria, visto não estar ainda destituida a monarchia e de ser apenas nacional a bandeira azul e branca

Tentou-se o desmentido, com a allegação de que se solemnisava apenas o regresso a bordo do «S. Paulo», do presidente Hermes da Fonseca.

Este não sahira porém do paço onde estava alojado, dando por findas as visitas officiaes.

Segundo a propria imprensa republicana, (*) o embarque do chefe de estado brazileiro, effectuou-se ás 8 horas da manhã, e ainda outro salientava o facto da salva ter soado ao içar da bandeira no «Adamastor». (**)

Uma nota officiosa do governo brazileiro e a proposito de um attribuido passeio de automovel no dia 4 do presidente Hermes da Fonseca com o dr. Theophilo Braga, assignalava porém o embarque do marechal, na tarde d'esse dia, tendo-se conservado até então no palacio de Belem, o que era certo.

A livros passou o successo do «S. Paulo» fóra da praxe diplomatica:

«A's 8 horas, quando é costume salvar-se ás bandeiras, o «S. Paulo» teve de corresponder á bandeira vermelha que se içára a bordo do «S. Raphael», onde a marinhagem, com a do «Adamastor», se tinham revolucionado.» (***)

De outra fórma ainda se relatou o incidente:

«Informam-nos de que os cruzadores revoltados, quando passavam junto do cruzador brazileiro «S. Paulo» salvaram e arvoraram a bandeira republicana. O «S. Paulo» correspondeu á saudação arvorando a bandeira azul e branca e dando uma salva de 21 tiros.

«Outra versão era a de que a salva foi dada porque n'essa occasião entrava a bordo o marechal Hermes da Fonseca.»

Comtudo, apenas subsistiu, como de mais solidas bases, e

(*) «A Capital» de 4 de Outubro de 1910.
(**) «O Seculo» de 5 de Outubro de 1910.
(***) Da «Monarchia á Republica» — Pagina 26.

de melhor agrado ao internacionalismo, uma outra affirmativa a de um erro da tripulação do «S. Paulo», que vendo içar a bandeira revolucionaria, de principio a tomou pelo pavilhão real.

Fazendo subir egualmente a vermelha bandeira brigantina, com a do Brazil, a ambas se deu a salva de 21 tiros.

D'essa opinião foi o official do cruzador «D. Carlos», tenente Alvaro Martha: (*)

« — Mas era já á bandeira republicana que o couraçado brazileiro «S. Paulo» salvou? Ou teriam elles supposto que salvavam o estandarte real?

« — Parece que sim, que o couraçado «S. Paulo» suppunha que a bandeira içada, n'essa manhã de 4 de Outubro do «Adamastor» era o estandarte real. Mas a bandeira que eu vi içar não era o estandarte real, e sim a bandeira verde e encarnada.»

Estabeleceu alarde no arsenal, o caso, succedido, do içar da bandeira encarnada; a bordo do «S. Paulo», e por ordem superior ia ali o tenente Arnaldo Coelho de Magalhães, inquirir do que dera origem ao estranho acontecimento.

N'uma attitude de surpreza foi recebido, e em resposta, obtinha o official, com as desculpas, a allegação de se haver pensado n'um embarque do rei D. Manuel.

Todavia alguns factos se deram, estabelecendo uma quasi correlação com a attitude equivoca da manhã de 4.

Assim, deu-se a deserção (**) de algumas praças do «S. Paulo», que se disseram auxiliando a revolta e ao noticiario veio o pormenor (***) de que pelas 4 horas da tarde passou pela calçada de S. Francisco um grande grupo de marinheiros brazileiros, soltando vivas a Portugal e á Republica.

A Hespanha metteu-se a criticar a situação apresentada ao marechal Hermes da Fonseca, mas n'esses trechos de leve tratados, resaltava como evidente um aproveitar da estada presidencial para auxilio indirecto ás intenções revolucionarias:

(*) «O Diario de Noticias» de 5 de Outubro de 1910.
(**) «O Diario de Noticias» de 5 de Outubro de 1910.
(***) «O Seculo» de 5 de Outubro de 1910.

«Em Madrid, entre muita e muita gente, o que mais surprehendeu no movimento revolucionario portuguez, foi a sua incorrecção.

« — Mas, senhores, sublevar-se sem esperar que se fosse embora o illustre hospede!...»

«Este assombro é muito notavel nos apaixonados das boas maneiras e nos escravos da etiqueta. E' achaque muito hespanhol. Aqui, a existencia d'uma exposição, a proximidade de uma viagem, a temporada de festas e outros motivos, são causas sufficientes para impedir um motim, prohibir uma manifestação e suspender a vida publica.

«Os portuguezes, apesar da lenda que teem em Hespanha, não torcem o seu dever pela futilidade da cortezia e a embofia da correcção.

«Estava entre elles o presidente da republica do Brazil. Os republicanos aproveitaram a sua estada em Lisboa, para atroar os ouvidos de D. Manuel com vivas á Republica.

«Mas foram mais alem: organisaram em honra de Hermes da Fonseca, um festejo que não estava no programma determinado pelo protocollo, mas que valeu todas as festas celebradas e por todos os actos que se suspenderam.

«Esse festejo é uma Revolução.

«Que festejo podia haver mais grato para elle que presidiu á grande republica erguida sobre os escombros do throno imperial?!»

Tudo serviu para bordar commentarios sobre a attitude brazileira, citando-se até o facto de, havendo o presidente Hermes da Fonseca, manifestado intenções de depôr uma corôa sobre o caixão do rei D. Carlos, á proclamação da republica olvidar esse annunciado projecto.

Para desvio d'essas avalanches de arguições, disse-se que o caso da bandeira citado fôra apenas em obediencia á vontade de animar o povo, crente do appoio do Brazil.

Todavia á hora a qne o facto se deu, a populaça manobrava desconhecendo-o.

Tinha adversario firme, se bem que a sua desunida ordem de combate lhe inutilisasse o ardor e a persistencia.

A guarda municipal como a mais séria deffensora da causa monarchica, surgia em todos os pontos.

Os seus esquadrões percorriam intemeratos, todos os arruamentos, indifferentes os soldados ao perigo que os rodeava, sabedores de que a populaça, como ameaça, e exemplo, lhe esphacellara em mil pedaços as guaritas dos soldados de linha.

N'uma mão a pistola e n'outra a espada, marchavam sempre anciosos de resolver essa pendencia inesperada e cujo fim lhes era mysterio.

As evoluções eram continuas.

A's 5 e meia da manhã, a companhia de infantaria da guarda, que formava no largo de S. Roque, com a frente para S. Pedro de Alcantara, e tomando ainda as embocaduras da travessa da Queimada, Escadinhas do Duque e rua da Trindade, lobrigou uma força que contra ella caminhava.

De joelho em terra esperaram se encontrasse ao alcance de tiro.

O espectaculo nocturno de dynamite em acção, fez com que rompesse as hostilidades.

Uma descarga era feita, apoz o toque de cornetas. Alguns soldados baquearam.

Erro triste.

Eram egualmente da municipal.

O equivoco, lamentavel, n'esses instantes de lucta foi esplicado e teve egualmente uma causa.

A guarda, avisada de um ataque ao quartel do Carma, fôra occultar-se por detraz do restaurante conhecido pelo nome de «Tavares Pobre».

Melhor era a vigilancia republicana do que a monarchica, mercê de factos varios.

Um popular levára ao campo revolucionario a denuncia da espera.

Ali recebida, era acatada:

— Pois que apodreçam á nossa espera!

O apparecer de outra força da guarda deu o equivoco.

Os dois contingentes, unidos marcharam indo acoitar-se na travessa da Trindade, por a rua de S. Roque offerecer perigos, por fronteira ao mar.

Uma parte da cavallaria marchou em perigrinação pelas ruas do Bairro Alto, até se deter na rua Formosa.

Aproveitando as evoluções, se bem que pouco distantes, o povo, afluindo aos Paulistas seguiu a crivar de balas o quartel da guarda.

Um esquadrão de cavallaria 4, pretendeu dirigir-se ao Campo Grande pela Avenida.

Era ousadia que a Rotunda castigou com trez rapidos tiros de peça.

Os ginetes cahiram e uma das granadas ào explodir, matava o cavallo de uma carroça, cujo conductor teimáre em desdenhar do tiroteio.

O esquadrão retrocedia, entretanto, não sem que um tenente, deixando-se de proposito ficar para traz, não fosse de corrida entregar-se ao acampamento, onde lhe forneciam logo uma carabina.

Ali fôra já levado preso, um policia, surprehendido n'uma rua proxima.

Não era um espia, mas um descuidado.

A revolução não era de assassinos e ao vel-o surgir, apavorado, sem armas, os da Rotunda, davam-lhe de novo a liberdade, sob palavra de honra de que não hostilisaria o movimento.

O agente firmando-a e correspondendo nobremente ao gesto humanitario, despia a farda, onde embrulhava o bonet e fazendo de tudo um rolo, sahia do acampamento entre applausos do povo revolucionario.

Quasi simultaneamente um esquadrão tentou um reconhecimento ao alto da Avenida, pelos lados do Matadouro.

Foi forçado a retroceder, a tiro de espingarda e de peça, deixando cavallos mortos a trazendo á garupa de outros, algumas praças feridas.

Não era esperado o regresso pelo Avenida e a força de infantaria 5, abrigada com o gradeamento da rua do Jardim do Regedor, colhia ainda na passagem com uma descarga, o desmantellado troço de cavallaria.

Quiz-se vêr no facto mais uma cilada do que um erro.

Não seria de todo difficil de a admittir, visto que sobre esse nucleo do 5 de infantaria pesaram mais tarde novas accusações, expostas pelo capitão Alfredo Pedreira Martins de Lima e que iam até a uma espectaculosa fuga:

«Durante as varias occasiões que, em serviço me dirigi a esse batalhão de infantaria 5, tive occasião de notar que quasi todos fugiam, quando rebentavam perto as granadas, ou as sentiam passar; e tanto assim foi que, por mais de uma vez levei para o seu posto os fugitivos, lembrando-lhes que o soldado portuguez nunca abandonava o seu posto.» (*)

Era exagerado o panico e envolvia mais cumplicidade que tibieza.

Assim o ataque á municipal se em engano foi tido, poderia egualmente enfileirar no numero dos ardis revolucionarios.

Adestrados para um simulacro de receio como escapada a um energico assumir de responsabilidades pela integração desassombrada na revolta, as praças, a cada tiro descido da Rotunda, intentavam uma assustadiça dispersão.

Uma granada estoirava ao exacto apparecimento do capitão Martins de Lima, que vinha descendo a Avenida.

A soldadesca do 5 de infantaria, executando um dos seus passos de deserção, viu surgir-lhe pela frente o official, que desembainhando a espada, os invectivou:

— Cobardes! as balas só acertam em quem foge d'ellas!...

Oppondo-lhes a espada aos peitos e a coragem de apresentação, isolada, no meio da rua varrida pela fuzilaria, vencia os, com a apostrophe ainda:

« — Vocês querem deshonrar-se com uma fuga de cobardes? O soldado portuguez nunca foge! Tenho commandado muito soldado e nunca vi fugir nenhum. Se vocês não veem para a frente, vou eu só!

As praças reconsideraram e, reuniram se no seu posto, com a resposta:

— Aqui não se foge, meu capitão!...

Reconstituido o posto avançado, de novo o capitão tinha de

(*) Da Monarchia á Republica.= Pagina 138.

intervir para entrave a uma prejudicial attitude tomada pela major João Pedroso de Lima, mostrando a officiaes e soldados, fragmentos de granada.

Notando nas praças um evidente constrangimento e receio, Martins de Lima, evocando o nome do commandante da divisão, fazia notar ao major, a despeito de seu superior, a conveniencia de occultar os mostrados destroços e até de procurar abrigo com os predios do largo do Camões ou nas arcadas do Theatro de D. Maria.

Acatada a determinação, e ao querer entregar o commando ao immediato, capitão Theodoro Gil de Figueiredo Carmona, tinha d'este a pergunta:

— Os revoltosos não virão ahi pela Avenida abaixo?

Martins de Lima, viu no facto o estabelecer, junto aos soldados, d'uma situação de perigo e insinuava ao capitão a retirada do local, assumindo elle a chefia do troço de infantaria, apesar de ser official de cavallaria.

Voltava a esse tempo, o major Pedroso de Lima.

O capitão investindo-o de novo no commando, cavalgava para o quartel general, onde desmontava o espectaculo estranho offerecido pelas tropas acampadas ao principio da Avenida, salientando porém a intransigencia e firmeza do alferes Ernesto Augusto Empis, não se arredando do posto, emquanto por vezes isolado ficasse junto das metralhadoras do seu commando.

N'um erro evidente sobre o pensar dos batalhões que fechavam a Avenida e procurando tirar-lhes da alma a derradeira indecisão, da Rotunda no exaspero dos semi-abandonados, fazia-se fogo vivo sobre essas forças, embora nenhum ataque o justificasse.

A despeito d'essa irritante illusão de combate e como provando a denodada raça do povo portuguez, mulheres e creanças não deixam de cruzar as ruas nos raros intervallos da pendencia sanguinolenta.

Um popular tentou atravessar a Avenida, na rua das Pretas para a Praça da Alegria.

Cahiu varado por uma bala.

Não obstava a que outro o fizesse, cahindo egualmente com

uma bala n'um pé, emquanto dois operarios, indifferentes ao exemplo, se arrojaram para o ferido e em braços o retiraram do perigoso campo.

E as balas sibilam indo achatar-se nas paredes, raspar as pedras das ruas ou cahir sobre os telhados, indicando as pontarias, altas, a ancia de vencer, o anhelo de patentear ferocidade incutidora do medo, já que o exercito se esbate longe, a caracterisar-se só por uma fila negra, que abre presurosa, acoitando-se junto ás paredes, ao lampejo do fogo distante.

Comtudo, ha quadros audazes e outros emotivos e ao mes mo tempo sublimes:

Um marinheiro, moribundo, e levado ao collo de populares atravessou as ruas, exclamando:

— Viva a Republica!

Ha lances de arrojada provocação e, de preferencia, sabida a sua lealdade ao regimen, visando a guarda municipal.

Um esquadrão descendo a trote, a rua Nova da Palma, ao desembocar na travessa de S. Domingos, fôra alvejado a tiros de revolver.

Retrocedendo, pesquisava d'onde partira o ataque, não logrando descobrir parte do grupo do sapateiro José Victorino, occulto n'uma escada e que fizera fogo mettendo os canos das armas pelas grades da porta.

Salvos d'esse lance, tentaram os revolucionarios, pela travessa Nova de S. Domingos, attrahir outro esquadrão, acampado no largo do mesmo nome.

Vendo o grupo, a cavallaria, desembainhando as espadas intentou uma carga, e perseguiu-o, ao ver-lhe a fuga.

Todavia, proximo á rua do Amparo, José Victorino, encostando se á parede, lançava uma bomba para a frente dos cavalleiros.

Os cavallos amedrontados, lançavam-nos por terra e o impeto da carreira, promovendo o choque com os das filas de traz, dava-lhes a desorientação, emquanto o nucle rebelde se distanciava, indo actuar, como veremos, junto das forças do Rocio.

Refeito do abalo, o esquadrão ia formar nas trazeiras do Francfort Hotel.

Outro audacioso feito era consummado sobre as forças do Rocio.

A's 11 horas um popular ousado, veio até junto da força formada ao pé do Arco do Bandeira, tentando attrahil-a, aos gritos de:

— Viva a Republica!

A tropa não cedeu e os officiaes censuraram-no.

Tentou abraçar um alferes, mas foi preso e levado para a esquadra da rua das Portas de Santo Antão.

Aproveitando essa contingencia de alarme, José Victorino, e com elle, outros revolucionarios, resolveram outro lance, por um dos interferentes (*) assim descripto:

«Pela volta das 8 e meia retiram todas as forças de cavallaria que andavam pela baixa. Eu e os que andavam comigo, dirigimos nos para a rua Augusta, fomos ter ao fundo do Rocio onde estava uma metralhadora. Ao chegarem a 10 passos de distancia, onde já estava muito povo e alguns revolucionarios que não eram por nós conhecidos, mas que na maneira de olhar se via que estavam para o mesmo fim, — atiramos uma bomba á metralhadora.

«Em seguida o militar que estava á metralhadora, em vez de disparar, poz-se em pé em cima da metralhadora e disse: «Viva a Republica!» e um alferes que ali estava, puchou pela pistola e disse para o militar:

« — Se fizer outra como essa, dou-lhe já um tiro!

«Outro militar disse para o alferes:

« — Elle a cahir e você cae tambem!», apontando a arma ao alferes.

«Ao mesmo tempo tudo correu para a metralhadora, agarrando a grande numero de pessoas. Veiu o capitão Carvalhal que nos pediu para deixar a peça, o que só com muito custo conseguiu, e palavras de honra que eram pela Republica, dizendo que se assim não fosse, já nos não deixára chegar tão perto.

«E deixámos a peça.»

Patenteou o depoimento, — errado aliás na citação do ca-

(*) Do Relatorio, inedito, de José Victorino.

pitão Carvalhal Correia Henriques, como o official envolvido envolvido no incidente, e que se encontrava n'essa hora com parte de caçadores 5, junto ao Arsenal do Exercito, — um evidente «statu-quo» do exercito, procurando manter-se entre os limites da rebellião que podia ser vencida e da defeza á corôa, que com força ainda, talvez victoriosa podesse ficar.

Assim se justifica a efficacia da propaganda dos elementos civis, que levada aos heroicos excessos, longe de ter a repressão, ganhava uma quasi acquiescencia, conduzindo á final attitude de entrega.

A's tentativas populares para convencer os soldados dispostos nas embocaduras do Rocio e especialmente sobre o 5 de caçadores, correspondeu, por parte do commandante, a ordem do fusilamento, com a citação de medida contraria á acção das bombas.

A determinação não foi cumprida, allegando-se como entrave, os capitães Aguiar e Penha Coutinho e o alferes Gomes da Silva, que se oppuzeram.

Evidenciava-se a indisciplina, não participada superiormente pelo commandante, ao chefe da divisão.

Isso suscitaria arguições, expostas pelo capitão Martins de Lima, em pleno conselho de officiaes, o derradeiro, na historica manhã de 5 de Outubro.

N'essa altura as analysaremos.

A's propostas medidas de radical remedio para as investidas dos civis,co rrespondeu de facto a precaução de longe os deter.

As vedetas, receosas de qualquer aggressão, não mais deram ensejo a approximações perigosas.

De instante a instante se bradava.

— Quem vem lá?

Populares declinavam a necessidade de attravessar o Rocio, como caminho para casa ou suas occupações.

— Não póde passar! gritavam-lhes de longe, de arma aperrada.

Junto ao ultimo quarteirão da rua Augusta, um popular, á viva força quiz transpôr o espaço que o approximaria dos soldados.

— Não póde passar!...

— Vou para o meu trabalho!

— Faça alto! Não póde passar!

O operario insistiu.

A soldadesca apontou-lhe as armas.

Elle retrocedeu dois passos. Mira soberbo os canos das espingardas que se lhe dirigiam ao arcaboiço forte e teve o brado, quebrando o silencio gelido d'essa manhã de revolt-a:

— Isto hoje é de vocês... mas amanhã será de quem Deus quizer!...

Era da Republica.

Deus o queria, e Deus o prophetisára pela bocca d'um representante do povo.

Outros enveredavam para o seu logar na revolta, como obediencia a um dever e por isso intransigentes e sem cautellas.

Para o assalto ás Necessidades iam afluindo os grupos na manhã de 4, expondo-se aos riscos pelo patentear das armas.

Se a maioria lograva escapar, um grupo de revolucionarios armados de espingardas e de pistolas automaticas, cahia na rede policial, sendo trazidos para o governo civil entre uma escolta de 20 agentes.

O povo tentou libertal-os.

A energica resistencia dos guardas, venceu a audaz teimosia dos outros.

Mais enthusiasticos do que combatentes, outros grupos appareceram.

As creanças, pelas ruas, indifferentes ás descargas, procuram avidas as capsulas detonadas.

As perseguições haviam trazido o abandono inconsciente, nos arruamentos, de projecteis não servidos.

Uma mulher entrega a uma creança da travessa do Olival, um volume que havia achado junto á porta do recolhimento do Bom Pastor.

O pequeno Arthur de Carvalho, ali residente no n.º 15, vae brincar com outro do n.º 17, Abilio Marques.

O embrulho rebolava no chão com estampido enorme, e esphacelando o braço do pequeno Abilio.

Era uma bomba.

A detenção dos paes do ferido trazia a da mulher que trouxera o projectil, desconhecendo esta o que era e crendo-o simples bola de ferro.

Como esses filhos do povo, brincando descuidosos, emquanto a fuzilaria crepitava, outros assignalavam o mesmo desprendimento.

Um, que não teria 10 annos, atravessava no Rocio a linha de fogo.

Mandam-no fugir.

— O quê? perguntou, sorrindo ao official.

— Podes morrer!...

— Eu?!... Ora... ando a apanhar balas... e estas apanhei-as lá em cima, na Rotunda!...

E galgava de novo a Avenida, ao ruido de nova descarga, para a colheita arriscada d'essas, curiosidades historicas, que depois vinha ás ruas pacatas vender de 20 a 100 réis.

Sem o saber, a creança escrevia um pagina de heroismo e coragem na historia do povo de Portugal.

Levadas pela dôr, mas não menos heroicas, as esposas, as mães, percorrem expostas a todos os perigos, os locaes de combate, gritando pelos maridos, pelos filhos!..

Ao troar forte do canhão, que sôa como que rematando cada descarga, algumas infelizes desmaiavam.

Os populares lhes acodem, levando-as do foco da refrega, entre o rugido das granadas e o crepitar tragico da ballaria mortifera.

Pelas 10 horas, o povo tentou uma sortida, e descendo a Avenida, desarmado, aos gritos de viva a Republica, a Patria, a Liberdade, marchava para os regimentos fieis.

Estes reconheciam as intenções.

Ao chegar á frente do monumento dos Restauradores, eram detidos por um tiro de peça e fuzilaria.

Muitos caiam, feridos e mortos, entre estes, Antonio Joaquim, natural de Lisboa, morador na rua João do Outeiro, 20, 2.º, attingido com uma bala na cabeça por onde lhe sahia a massa encephalica, e conduzido para a morgue d'onde sahia para o cemiterio no dia 10.

Attingido era egualmente um trem, logo crivado de balas, ficando um dos cavallos mortos.

Operou se a fuga desordenada pela rua de Santo Antão e Escadinhas de S. Luiz.

No trajecto os colheu uma descarga da força de infantaria 5 collocada no largo de S. Domingos, ficando no solo dezenas de feridos e mortos, e entre estes o estampador Antonio Mendes Pereira, de 47 annos, natural de Lisboa, morador na rua do Desterro, 30, 1.º andar, filho de Augusto Mendes Pereira e de Justiniana Pereira.

Feridos ficavam, mais gravemente, o guarda freio dos electricos, Fernando dos Santos, morador na rua Martim Vaz, com um tiro nas costas, o carpinteiro José de Oliveira, com uma bala no braço e o serralheiro José Cardoso, morador na Fonte Santa.

Iniciado o fogo, as tropas postadas no principio da Avenida atacavam a Rotunda com descargas, n'um combate estranhavel, a que só as forças de Machado Santos davam cunho verdadeiro pela resposta a tiro das peças.

Pouco depois das onze horas da manhã, um troço de revolucionarios, com o cabo de artilharia João Evangelista dos Santos filiado na C.·. P.·. desde agosto de 1909, tentou por seu turno sublevar as forças do Rocio, e desce a Avenida.

Ao chegar á rua das Pretas, caçadores 5 fez fogo com as metralhadoras.

Muitos dos revoltosos caem.

Os outros retrocederam levando os feridos.

Junto á rua Alexandre Herçulano, da Rotunda, não contando com tão rapida volta, recebiam-nos a tiro de peça.

Novos feridos houve pelo mesmo ideal victimados e o cabo Santos depois galardoado com a promoção a 1.º sargento, sente primeiro cahir sobre si o corcel, e só ao querer erguer-se se conhece egualmente ferido: os ossos da perna esquerda tinham sido esmagados pela metralha.

Trazido para fóra do local perigoso, era levado em trem ao posto medico da Misericordia.

Da Rotunda se conheceu o erro, embora tarde.

Os alvejados recolhiam ao acampamento e para allivio de maguas, nova descarga se fez para as tropas acampadas no principio da Avenida.

A resposta d'estas não se fez esperar e levada pela fuzilaria do lado da Praça dos Restauradores, a força de caçadores, postada ao principio da rua de Santo Antão, alvejava ao meio dia, com tiros soltos, um grupo de bombeiros voluntarios que ali passava conduzindo um morto para a morgue.

O engano não teve consequencias, e o caso se explicaria depois, ante o testemunho, «post» Republica de que a maioria das pontarias eram altas.

Um outro identico successo se dava em opposto sitio, mas com mais tragico fim.

Em missão de caridade, percorreu as ruas o alumno da Escola Medica Antonio de Carvalho Bastos.

Proximo á calçada das Necessidades, apoz o tratamento de um soldado ferido, era visto por um sargento ajudante de caçadores 2, que desconhecendo o estudante de medicina como filho do commandante André Joaquim Bastos, enviou-lhe trez tiros fazendo-o baquear ao lado d'aquelle que soccorrera.

Só n'essa hora reconhecido, era levado logo ao hospital da Estrella, onde mais tarde lhe eram extrahidas as balas e tratado de duas costellas fracturadas, hemorrhagia e ephysema.

O sargento penitenciou-se, allegando o facto de haver visto o estudante á paisana subindo a calçada precipitadamente e parecendo dirigir-se com más intenções para junto da força.

Desfechára então julgando-o revolucionario.

Certo é, porém, que Antonio de Carvalho era nomeado depois (*), na sua qualidade de revolucionario civil, para o logar de fiscal de 2.ª classe do corpo de fiscalisação dos impostos.

Emquanto se luctava na Rotunda, no Rocio e em Alcantara, o povo republicano não combatente, fazia publica demonstração do seu ideal, n'uma homenagem saudosa a Miguel Bombarda, indo pranteal-o junto ao esquife collocado na galeria norte

---

(*) Janeiro de 1913.

da Sala dos Passos Perdidos da Escola Medica, em um taboleiro de mogno polido coberto por uma colcha branca.

Outros assaltavam a Cosinha Economica de Xabregas, destruindo tudo quanto lá havia.

Um grupo, com sete praças de artilharia 1, tomava posse do hospital da Estrella e edificio de Côrtes, obrigando os soldados de serviço ali a renderem-se.

Todavia, os excessos de alguns, contravencionando o preceituado na ordem civil emanada da junta revolucionaria, fez appressar um investir de responsabilidades sobre casos não contidos nos planos sediciosos.

Ao passo que faziam fugir a policia, os revoltosos, para boa conta do movimento, organisavam logo corpos de vigilancia, e de serviço e segurança da cidade, incumbindo o da Estephania, Arco do Cego, Campo Pequeno, Picôas e Charneca, ao grupo civil de José Fernandes Viegas, com Antonio Maria Dionysio, Armando Fernandes Viegas, Augusto Palyart, José Pires, Domingos Rodrigues, José Motta, Antonio Motta, José Pinhã Peres e Manuel Pereira Guimarães.

Accirrando os seus nucleos ou expressando optimismos, acompanhava a imprensa os seus partidos.

O «Mundo», fazendo uma phantastica descripção dos acontecimentos, constituia poderoso incentivo á revolta.

Assim não só se dava o cruzador «D. Carlos», como tendo hasteada a bandeira republicana, como se noticiava um desembarque da marinha, a essa hora, occultando os receios de uma derrocada.

Sobre caçadores 5 se forjou uma adherencia, e a sahida para a rua, ás 2 horas e meia da madrugada, aos gritos de Viva a Republica, e assignalando-se optimistas as noticias do movimento revolucionario, dizia-se á frente d'este um general:

«2 e meia. — O regimento de caçadores 5 aderiu enthusiasticamente ao movimento, vindo para a rua aos gritos de «Viva a Republica!» No centro da cidade o movimento é quasi nulo. A municipal do Carmo defende o quartel, vindo até ao largo do Carmo. Do quartel de infantaria 16 teem saido varios officiaes feridos, em macas, para o hospital e um soldado. Nas immedia-

ções do quartel reina grande socego. Um corneta da municipal segue aqui, pela rua de S. Roque acima, a correr. Agora, é um impedido que sobe a cavallo a mesma rua, de carabina ao lado. A Caixa Geral dos Depositos está guardada pela municipal. Diz-se que as forças revolucionarias agem sob o commando de um general e de um contra-almirante. As noticias do movimento revolucionario são optimistas.»

Trez successivas edições houve d'esse jornal e na terceira, sem se desmanchar em absoluto os iniciaes informes, aventou-se a adhesão de cavallaria 4, como que para contrabalançar a affirmativa, recatada, de se não haver dado o desembarque da marinha.

Para alento, comtudo, aos revoltosos, assignalavam uma marcha, falsa, todavia, de 2000 populares, armados de carabinas, pistolas e sabres, destinando-se a, sahindo do Poço do Bispo, actuar em Lisboa.

Tudo de impulso servia e para animo a essa causa a debater-se nas ruas.

Era a imprensa republicana, encorajando os seus luctadores emquanto a imprensa monarchica, retrahida, nem uma só phrase destinada a bem dispor, levou aos deffensores da realeza, escondendo o seu estertor, o seu anhélito.

Mais incitador, espalhando rancores, induzindo á obra de derrocada, ao fundo cavar do solo onde assentava o throno, ainda o «Mundo», nas duas primeiras edições, reavivará, louvando o assassinado dr. Miguel Bombarda, as phrases de odio á cleresia, na inconcebivel ancia de a ver perseguida :

«O dia de hontem foi de desespêro e dôr para a população de Lisboa — excluidos apenas os miseraveis reptis que são a sua vergonha. Morreu o dr. Miguel Bombarda, um dos homens mais queridos do povo e um dos vultos mais odiados pelo clericalismo. Vibrou de raiva, por isso, a alma do povo, e exultou, louca de alegria, a canalha clerical. A' hora em que, vivo ainda o nosso querido correligionario, milhares de pessoas pediam aflictivamente noticias, a voz de um desconhecido comentava com satisfação: — Foi bem feito! Esse comentario miseravel e perverso traduz bem a monstruosa e feroz alegria que hontem pairou

«Que essas pessoas chamavam «castigo de Deus» á morte do sr. dr. Bombarda.

A «Capital», seguia a esteira firme da maioria da imprensa republicana.

Ali se quiz levar um falso thema, segundo o qual seria aconselhado aos republicanos o desapego de qualquer movimento, attribuido a manejos politicos do governo, macommunado com os jesuitas:

«Vieram dizer-me que o Ricardo Covões tinha estado na «Capital» pedindo para publicar em «grosso normando» um aviso ao povo, prevenindo-o contra a «intentona preparada pelo governo e pelos jesuitas» e pedindo aos republicanos para se metterem em casa!. . . » (*)

Não se orientando n'essa attitude, o jornal republicano, animava os sediciosos, com noticias propositalmente augmentadas em relação ás victorias democraticas.

O «Seculo», que se patenteava republicano n'essa hora, como conhecedor do meio onde se desenvolvia a revolução, escrevia vigoroso e altivo:

«A alma portugueza, soffredora e heroica, ao mesmo tempo capaz da resignação suprema e da suprema audacia, despertou hontem, mais uma vez, para os lances que causam o assombro do mundo e vinculam ás grandes paginas da Historia o nome gloriosamente immortal de um povo! Vilipendiada e oppressa ao peso da calumnia de um irremediavel abastardamento, eil-a que se levanta, impetuosa e explendida, affirmando a inexaurivel fecundidade das suas energias e antepondo á affronta dos calumniadores o desmentido tremendo que as nações a esta hora já conhecem. . .

«O que Lisboa tem presenceado desde os primeiros alvores da madrugada de terça feira, na espectativa anciosissima d'um ponto final posto á agonia do regimen, não se descreverá sem uma profunda commoção — quando, assegurado definitivamente o triumpho, que tudo indica ser inevitavel, de animo sereno

---

(*) Celestino Steffanina. = Subsidios para a Historia da Revolução de 5 de Outubro de 1910.—Lisboa-1913=Pagina 6.

se evocarem os estranhos, soberbos episodios d'essa jornada epica. Nas paginas dos livros ou na memoria dos homens por certo se não guardam exemplos de abnegação e bravura, lições de sacrificio e amor patriotico que excedam os d'aquelles a quem, para salvar a honra e o credito periclitantes, foi necessario recorrer á sorte das armas!

«Numerosas forças do exercito, toda a armada e povo revoltados luctam, ha vinte e quatro horas, para remover a situação ignominiosa que nos crearam longos annos de subserviencias a oligarchias de ineptos, de obscurantistas, de corruptos, de ladrões e de traidores No mar e em terra, o canhoneio diurno e nocturno é como que as salvas funebres do throno e dos seus aulicos. As instituições ficaram hontem, positivamente feridas de morte, e o seu mais alto representante, acolhendo-se, segundo se diz, ao seguro abrigo que o direito internacional considerou terreno estrangeiro, abandonou-as...

«Ignoramos se é ou não verdadeiro este boato; mas, como quer que seja, a republica tornou se, no solemnessimo momento historico que atravessamos, mais do que uma ardente aspiração popular — uma absoluta necessidade nacional. Só ella, que tanta innarravel angustia e tanto sangue generoso tem custado, póde redimir-nos, enaltecer-nos e impôr-nos ao respeito das gentes porque só ella trará ao paiz a independencia, a paz, a concordia, a prosperidade e o prestigio que devem constituir o seu apanagio...

«Bemdito e sagrado direito, o da Revolução!»

Contrariamente a esses, e traduzindo n'uma simulada surpreza, o retirar prudente a futuras responsabilidades, caso fracasso houvesse, o orgão republicano «A Lucta», dirigido pelo dr. Manuel de Brito Camacho, dava a publico a extranha interrogação em normando: «Ordem Publica» — «Tropas na rua» — «O que ha?» seguida de noticiario simples, parecendo espelhar um desconhecimento do que se tramava:

«A' uma hora e dez, ouvimos na nossa redacção tiros de artilharia, dos lados do mar. Ao mesmo tempo avisam-nos pelo telephone de que se tinha insurrecionado o regimento de infantaria 16.

«A's 2 e meia da madrugada chega-nos a noticia de ter desembarcado a marinha, e ter-se insurrecionado caçadores 5 e preparava-se para vir para a rua a artilharia. Nãose ouve fogo de nenhum lado.»

E, chronologicamente, proseguia, sem commentarios ou incentivos, n'um cautelloso annotar de ouvidos descargas ou sonorosos boatos.

Não passou sem futuros reparos a attitude, que o chefe da Rotunda apreciou d'esta fórma: (*)

«O jornal da manhã «O Mundo» dava noticia dos acontecimentos, exagerando-os, o que não prejudicava o movimento. «A Lucta», na segunda pagina, publicava um artigo minusculo intitulado: «Ordem Publica» — «Tropas na rua». — «O que ha?»

«O jornal da tarde «O Paiz» que ás 4 horas (p. m.) já se encontra á venda nas ruas, dava noticia de grandes victorias e «incitava o povo á revolta». Effectivamente, quando este jornal sahiu da machina, ganhavam os revolucionarios o primeiro e o mais importante dos combates da Rotunda mas, emquanto se imprimia, ninguem podia cantar victorias.

«O jornal da noite «A Capital», dava noticias enthusiasticas sobre a revolução, o que sempre animava os timidos a virem collaborar comnosco.

«Se a revolta fosse suffocada, «O Mundo» e «A Capital» seriam suspensos; «O Paiz» supprimido e o seu director, Meira e Sousa, teria a mesma sorte dos revolucionarios. Quanto á «Lucta» nada soffreria; atravessaria o periodo de repressão e do novo engrandecimento do poder real, com a mesma paz e socego com que atravessou toda a existencia ministerial de João Franco. Ficaria sendo o unico orgão do desbaratado partido republicano, a unica voz que na imprensa pediria misericordia para os vencidos.»

A esses e outros ataques, onde a ironia transparecia, ripostou

---

(*) «A Revolução Portugueza» = Relatorio de Machado Santos = Pagina 170.

a «Lucta» com explicações, e n'uma d'ellas com os aggressivos golpes seguintes (Abril de 1912):

«Quanto á phrase de 4 de Outubro... O sr. Brito Camacho sabia perfeitamente que se tratava de um movimento revolucionario, porque estava ao facto de quanto a esse respeito se passava. Se não estamos em erro, o sr. Affonso Costa, que viera da Serra da Estrella tres dias antes de rebentar o movimento e que já comprára bilhete para acompanhar seus filhos á Suissa, o sr. Affonso Costa é que só soube que a revolução se fazia algumas horas antes d'ella rebentar, no dia 3, segunda-feira. A phrase — «Que ha?» já o sr. Brito Camacho a explicou n'este jornal; mas convem saber que ás tres horas da madrugada no dia 4, chamado a casa do sr. dr. Augusto de Vasconcellos, aonde se achava o sr. Affonso Costa, ahi lhe foi dito que tudo estava perdido, pois que estava cercada a casa de S. Paulo. Perguntando-se o que havia a fazer, o sr. Brito Camacho respondeu — «Ha que esperar». E foi esperar para a redacção «d'A Lucta», quasi paredes meias com o governo civil, isto é, na bocca do lobo, que poderia engulil-o, se quizesse. E ahi criou um «junta revolucionaria», que distribuiu proclamações, que deu ordem sobre a marcha de tropas e que se fartou de dizer para toda a parte que tudo ia muito bem, que o triumpho da Republica seria certo desde que cada qual guardasse a posição que occupava.

«Isto se affirma, porque isto se prova e isto não cria ao sr. Brito Camacho a má situação que perante republicanos, em Braga, pretendeu crear-lhe o sr. Affonso Costa.»

Mais tarde ainda (23 de Abril de 1913) apparecia então a verdadeira causa, assignalada nos desanimos levados á «Lucta» na madrugada historica de 4 de Outubro, pelo revolucionario Manuel Soares Guedes:

«Foi então que escrevemos aquella pequenina local, na segunda pagina, — «O que ha?» — ao proposito de impedir que se dissesse, caso tudo se perdesse, que houvera uma revolução lograda, ficando-nos uma porta aberta para um futuro proximo. Sabe-se o partido que d'esta phrase se tem pretendido tirar, umas vezes por estupidez, e outras vezes por acanalhada maldade.»

Commentarios picarescos sublinharam a evidente escapada do jornal republicano, cuja attitude não teve parceiros na hora grave em que o fiel da balança revolucionaria não indicava se pesava mais o prato da victoria ou o da derrota.

Todavia, se cautellas houve, não deixou de existir o bom humor, espelhado no seguinte caso:

O director de «A Lucta», no meio da azafama, de uma entrevista da junta, e onde projectava um estabelecimento de communicações entre as tropas de terra e os marinheiros, teve chamada telephonica, para interrogação sobre se ainda havia combate na Rotunda.

Querendo saber quem era o interrogante e obtendo como resposta que «um seu leitor», a despeito da situação grave, deu a resposta incisiva:

— Ah sim!... pois então continue-me a ler.

Da imprensa monarchica, a orientação era de espectativa, e de descrença em aureolas democraticas.

O orgão franquista, «O Correio da Manhã», espelhava assim as impressões dos tumultos nocturnos, desconhecendo ainda a poderosa energia popular:

«Não ligamos aos tumultos de hontem uma importancia maior do que aquella que elles em si proprios merecem; mas como symptoma de degradação do espirito popular, como manifestação das disposições em que se encontra especialmente a equivoca matulagem que em Lisboa forma o «casco» do partido revolucionario, não se poderia esperar mais e melhor, para apontar á consideração d'aquelles que sabem pelos domingos tirar os dias santos, no tocante á especial mas singela psychologia das multidões. As responsabilidades de corypheus republicanos nos vergonhosos factos de hontem — como nos gravissimos acontecimentos que, mais dia, menos dia, hão de estalar em Lisboa por obra da mesma turba revolta, que hontem inculpava os monarchicos pelo assassinato do dr. Bombarda — esses são primaciaes e directos.»

Pelo governo, ainda o orgão matinal «O Popular», allegava apenas:

«O governo para si não pede clemencia nem transigen-

cia. De face alta e fronte erguida nada receia porque nada deve.»

A essa hora, o gabinete, percorria as ruas, n'uma declarada fuga indo occultar-se em pontos diversos, na velocidade maxima dos seus automoveis.

Retinha-os o quartel general, onde iam augmentar o confuso aspecto das salas militares, iam á majoria general da armada, para simulacro de resistencia, cifrada em troca de emoções, á mesa d'um almoço.

O orgão nacionalista «O Portugal», escrevia:

«Os republicanos ficaram apavorados com as declarações do sr. José de Azevedo a um jornalista inglez. Nunca os jacobinos portuguezes olharam com bons olhos para o sr. ministro dos estrangeiros. As nulidades do ministerio mereceram-lhes sempre as mais significativas deferencias. O sr. José d'Azevedo Castello Branco, não obstante ser a primeira e mais illustre cabeça do ministerio, foi sempre posto de parte.

«E agora que elle disse a um sujeito lá de fóra o que faria o governo (?) em face de uma revolução republicana, cahem-lhe em cima, intimando, nada menos, o sr. presidente do conselho a pol-o fóra do ministerio. E todavia o que elle disse deve estar no pensamento de todo o gabinete, se todo o gabineté é fiel ás instituições. O principal dever de todo o governo monarchico deve ser, pensamos nós, defender a monarchia.»

O «Imparcial», egualmente orgão do gabinete, como inspirado pelo ministro dos negocios estrangeiros, conselheiro José de Azevedo Castello Branco, vinha ainda como que adormecido n'esse preclaro somno de innocencia, de que despertaria porém á hora em que o governo dispersava á procura de melhor refugio:

«Que se passou esta noite? E' difficil por emquanto dizel-o; é difficil desde já pôr a nú as verdadeiras causas d'essa tragedia sangrenta.

«Foi uma tentativa revolucionaria?

«Francamente, não nos parece; e a impressão d'um nosso camarada de redacção, que vagueou por essas ruas ao saber do acaso, é de que o povo se mostra um pouco alheado.

«Vamos vêr se, um pouco confusamente ainda, sem ordem nem coordenação bem nitida de factos, damos aos leitores uma idéa dos acontecimentos.

As origens

«A revolta estava militarmente preparada? Não nos parece. Nasceu em meia duzia de cabeças, ao sabor do acaso e da colera de hontem.

«Foi a morte do dr. Miguel Bombarda a causa da desordem?

«Foi a causa apparente, mas para encontrar o mal é necessario ir buscal-o mais fundo, na exaltação constante em que temos vivido.»

N'essa altura, já o jornal portuense «A Patria», citava sem restricções o facto de haver rebentado uma revolução em Lisboa.

Mercê d'um entendimento entre os republicanos de Lisboa e Porto, o jornal dirigido pelo dr. Alfredo de Magalhães dava sob bases nitidas o reflexo dos acontecimentos.

Isso contribuiu para a agitação na capital do norte, onde veremos na devida altura o desenrolar de successos graves e tumultuosos.

Na vespera, havia a imprensa opposicionista de Lisboa, exposto energias grandes no instante em que os ligeiros tumultos da tarde, ainda não faziam prever toda a expansão da vontade democratica.

O «Correio da Noite», progressista, da feição José Luciano, ironisava as intenções republicanas:

«Os brazileiros veem no sr. marechal Hermes o Porfirio Diaz dos Estados Unidos do Brazil.

«Enganam-se, pois, aquelles que crêem lisongear o illustre brazileiro com manifestações demagogicas. De Demagogia «en a assez» o Brazil.

«O sr. Hermes da Fonseca é o symbolo do... contrario.

«E fiquem-se com esta os enthusiastas de rubra gravatinha...»

O «Liberal», da direcção do padre Alexandre de Albuquerque, incitava á repressão o governo, insufflando tendencias de, para deffender direitos, ir aos ultimos extremos...

O MARECHAL HERMES DA FONSECA, EM LISBOA

(Dr. Costa Motta, ministro do Brazil em Lisboa, Marechal Hermes, e dr. Teixeira de Souza, ultimo presidente de conselho da Monarchia).

«Estamos no proposito firme de nos não deixar-mos expoliar, havemos de deffender os nossos direitos á mão armada se com armas nol-os quizerem roubar, iremos aos ultimos extremos se contra nós se praticarem as ultimas violencias. Sabemos de quanto é capaz o governo.

«Os homens que o constituem são aventureiros para todos os commettimentos porque só a ambição e a cubiça os encorajam. Deixal os á solta é loucura rematada. Reprimil-os, obrigal-os ao respeito pela lei, é dever de el-rei, é honra de portuguezes.»

Não surgiram sequer no claro ambito da lucta da imprensa esses velhos paladinos, não publicadas em 4 e 5 de Outubro, emquanto corria celere, em edições triplicadas, alem do jornalismo governamental o republicano, este espalhando boatos convencionaes, de incitamento ás suas fileiras pela affirmativa da derrocada nas dos outros, e adventando horas de gloria n'aquelles em que só terrores havia...

A dissidencia, pelo «Dia», procurava estabelecer o «statuquo», como ponto de transição para as acclamações do dia 6, ao regimen nascente, e promettendo aureos periodos:

«Se o Senhor D. Manuel II fôr ao Brazil — e vivamente o desejamos que essa viagem official se realise na primeira opportunidade favoravel — estamos certos de que republicanos e monarchicos brazileiros e tambem os nossos compatriotas hão de juntar-se para saudarem no Senhor D. Manoel, e sem quaesquer preoccupação politicas, não a instituição dynastica, mas a Nação Portugueza.»

A dissidencia, pois, preparada estava, deixando resaltar, do justo anhelo de patriota, de gloria á Nação de Portugal, a desprendida abstenção de saudações ao institucionalismo dynastico...

A imprensa symbolisava a attitude dos partidos.

Quando não era a deserção era a espectativa, fazendo vacuo em redor d'esse vulto de creança, victima da chusma ambiciosa, zunindo louvaminhas junto á mesa dos festins financeiros ou tiroteando injurias á distancia opposta ao cubiçado pomo.

Foram essas as derradeiras impressões de antes e durante a revolução.

Esta, lograva auxilio, indirecto, pela municipal, não deixando transitar as fôrmas para a impressão do «Noticias de Lisboa», «Novidades» e «Dia», monarchicos que deixaram de se publicar, succedendo o mesmo ao «Correio da Manhã», cujo pessoal não compareceu na noite de 4.

Sahiram apenas «O Liberal», «O Paiz», «O Correio da Noite», e o «Imparcial».

Não quiz deixar de apparecer tambem a folha official, «O Diario do Governo», que, á falta de materia nova, reproduzia o que na vespera trouxe...

E foi elle o derradeiro que inseriu disposições monarchicas.

III

Morte do almirante Carlos Candido dos Reis. - O conselho dos chefes da revolta.=Indecisões e desesperos =Proclamações dos revolucionarios.—Nova dispersão do quartel general da rebeldia.

Emquanto se combatia, os dirigentes da revolta dispersos andavam.

Refugiados uns, procurando informar-se, raros, não ia aos rebeldes o incitamento de lograr á sua frente os impulsionadores do seu acto de coragem.

Já então de àlguns era conhecido o fim do almirante Candido Reis, que pelo convencionado devia voltar a reunir-se aos elementos superiores da sedição, logo que notado fosse qualquer subido grau de viabilidade para o proseguimento da lucta contra a realeza.

A lucta iniciada cerca da 1 hora da madrugada, não affrouxára, antes subira de intensidade.

O chefe supremo da sedição, curvado ao peso da scena de retrahimento do Caes do G-z, já despira a esse tempo a sua farda e caminhava a gigantescos passos para a morte.

Apoz horrorosa vigilia sobre o leito, deixou a casa onde o conduzira o revolucionario Alfredo Leal.

Candido Reis, sahira só, no desespero evidente de ver confirmadas as suspeitas expostas no centro do largo de S. Carlos, ao medico naval dr. Vasconcellos e Sá.

De facto houve as deserções que previra e o almirante, abandonado na hora mais grave, e não tendo a força sufficiente para defrontar as contingencias do futuro, abandonou a residencia, para o seu ignorado fim, com base inicial no estranho espectaculo do Caes do Gaz.

O tenente Aragão e Mello, patenteando uma pretensa derrocada do plano, insistiu com o tenente do exercito Helder Ribeiro para que o capitão de fragata Fontes Pereira de Mello, convencesse Candido Reis a abandonar a rebellião.

O chefe do movimento, talvez mais pelos outros do que por si, teve a indecisão momentanea, aliás injustificavel em quem tanto insistira a acção, na despeito de todas as contrariedades apresentadas na assembléa da Rua da Esperança.

Essa quebra de firmeza serviu para a origem da morte, ou fosse o vacuo logo feito em volta de si.

Vejamos um depoimento (*) onde sem rebuços fermentidos a situação apparece esclarecida:

«Sabe-se quanto as informações do tenente Aragão careciam de fundamento, é evidente que ellas lhes foram dadas por pessoa que abusou da sua boa fé.

«Tambem se affirma que o «Chire» tinha as caldeiras apagadas e que por isso os officiaes não seguiram para bordo! Ora é preciso honrar e levantar bem alto a memoria do grande almirante Carlos Candido dos Reis, é preciso agora, que ainda é tempo, pôr as cousas no seu logar.

«O vapor que estava ás ordens dos revolucionarios era o «Dinorah» e não o «Chire». E' curioso e inacreditavel que os officiaes de marinha não vissem que o «Dinorah» que estava atracado ao «Chire», fazia vapor, prompto para largar desde as 10 e meia da noute. E tanto assim é que o almirante chegou com alguns officiaes a entrar n'esse barco. Foi ahi que lhe disseram:

« — Os pharoes do «D. Carlos» não estão como foi combinado, está tudo perdido!

«Candido Reis, respondeu:

(*) Celestino Steffanina.=Subsidios para a Historia da Revolução de 5 de Outubro de 1910.=Pagina 8.

« — Não importa. Vamos para bordo.

«E voltando-se para a ré do vapor, viu que todos os officiaes se esgueiravam para terra!

« — «Cobardes!» disse elle então chorando; e vestindo novamente o casaco e deitando fóra o bonet de official, pois ao contrario do que diz Fontes Pereira de Mello, elle estava fardado, foi-se embora. Eu invoco aqui o testemunho do dono do «Dinorah», dos seus vinte tripulantes e dos vinte tripulantes do «Chire». Alguns dos officiaes que fugiram e foram assim, pelo seu procedimento, uma das causas da morte de Candido dos Reis, pertenceram ao numero d'aquelles que, mais tarde, protestaram contra as promoções dos camaradas que tinham cumprido o seu dever.»

O desfecho tragico d'esse acto de dispersão nunca o calcularam porém os officiaes, nem o nucleo da junta revolucionaria que ainda procurava trabalhar.

Uma parte do quartel general revolucionario voltára a reunir na casa 136 da rua do Arco do Bandeira.

Estiveram ali Alfredo Leal, João Chagas, Innocencio Camacho Rodrigues e Arthur Marinha de Campos.

O commerciante Alfredo Leal, de regresso de Santos, onde fôra tranquilisar seu irmão, relatou o que se passára com o almirante Reis e as suas desconfianças sobre o vulto notado no portal da rua D. Estephania 153.

O recrudescer do tiroteio trouxe a ideia de que convinha ir buscar o chefe do movimento.

Nenhum dos que ali se encontravam se quiz expôr a um possivel encontro com os agentes policiaes.

Só Alfredo Leal se decidiu a avançar alguns passos, até deparar com um popular, barbeiro, no Arco do Bandeira, junto ao Café Marrare que incumbia da missão de confiança, ante o signal convencionado.

O portador, seguiu, affrontando os perigos d'essas horas de lucta, perscrutando as trevas da madrugada, pois que era mcerca de 3 horas e meia.

Gastando no percurso, mais de hora e meia, pois só depois das 5 chegava á casa da rua D. Estephania, residencia das irmãs do

almirante, D. Maria Nenoette Reis Faria, casada com o commandante do vapor «Lusitania» Cesar José de Faria, e D. Amelia Margarida Reis.

Ali lhe disseram haver o almirante abandonado o local cerca das 5 horas

Investigando sobre a morada do official, que lhe disseram ser na rua Maria procurou a familia, que encontrava já sabedora do caso triste do encontro do cadaver na travessa das Freiras, tendo ido para o necroterío, o que ia communicar aos impacientes revolucionarios.

Ouçamos agora o depoimento (*) de Alfredo Leal, sobre o ingresso da residencia do alntemira:

«Como achasse imprudente voltar no automovel á casa de banhos, resolvi dirigir-me a casa de meu irmão, em Santos, e ali ordenei ao «chauffeur» que seguisse para o local onde se combinara estacionar. Mal ouvi a fuzilaria, parti, a pé, para uma casa da travessa da Palha em que se reuniam alguns revolucionarios. No caminho, tive a felicidade de encontrar o automovel do irmão de Innocencio Camacho, que ia para o mesmo destino, e tomei logar ao lado d'elle. Apenas chegado contei a João Chagas e outros o que se tinha passado, e como n'essa altura já o tiroteio fôsse violento em toda a cidade, consultei os collegas sobre a maneira de prevenir Candido dos Reis. Assentou se em mandar um popular de confiança, porque sendo eu conhecido da policia, podia esta deter-me no caminho e impedir que o recado chegasse ao destino. Com effeito, fui procurar um republicano de confiança e encarreguei-o de levar o recado a Candido dos Reis. Deviam ser, n'essa altura 3 horas ou 3 e meia da manhã.

«Pode calcular-se a anciedade com que ficamos esperando o regresso do emissario. Mais de duas horas se passaram e o homem não chegava Por fim, já muito inquieto, resolvi descer á rua e tive a felicidade de esbarrar com o emmissario, que regressava todo afflicto. Não tive tempo de perguntar o motivo da sua demora. O homem desfechou-me bruscamente a noticia da

(*) «A Capital» de 14 de Outubro de 1910.

morte de Candido dos Reis descrevendo assim como se desempenhára da sua missão:

« — Quando cheguei á rua de D. Estephania, disseram-me ali que o almirante tinha sahido ás 5 horas da manhã. Tratei então de saber onde era a sua residencia, por calcular que elle tivesse seguido para lá. Passado pouco tempo avistava-me effectivamente com a familia, a quem fui encontrar no mais completo desolamento. Já lá tinha chegado a noticia de que Candido dos Reis apparecera morto e de que o seu cadaver fôra removido para a «morgue».

SARGENTO FIRMINO DA SILVA REGO

« — Portanto, interrompemos nós, Candido dos Reis matou-se ou foi morto, depois das 5 horas da manhã.

« — Não ha sobre isso a menor duvida, responde Alfredo Leal, e é esse facto o que me convence da existencia d'um crime. A essa hora estava a revolução no seu auge e Candido dos Reis só se mataria se a revolução fracassasse. Affirmo-lhe que estou plenamente convencido de que o almirante foi assassinado e tenho a convicção de que ao assassinio não foi extranho o espia que pouco antes entrara em sua casa.

« — Como reconstitue esse attentado?

« — Da fórma mais simples. A policia andava ha muito a vigiar o almirante. Quando se ouviram os tiros a bordo dos navios de guerra, o governo ou quem quer que dirigia essa espionagem disse comsigo: «Lá está o Candido dos Reis a revolucionar a marinha. Acto continuo, deu ordens aos espiões para o agarrarem morto ou vivo. Os espiões puzeram-se em campo e cumpriram a sua incumbencia. Teria havido lucta? Seria o almirante assassinado á traição? São factos a averiguar. No emtanto, na minha opinião, o assassinio foi obra da policia, e o governo tem o dever de investigar rigorosamente, começando por averiguar quem eram os agentes encarregados de vigiar o almirante e mandal-os capturar immediatamente.»

Um erro occasional, ou errata jornalistica, e que a livro passou, (*) cita a reunião como effectuada n'uma casa da travessa da Palha, mas outro documento (**) posterior, e da mesma origem do primeiro, regista identicamente os factos, mas dando-os como succedidos na já citada casa da rua do Arco do Bandeira.

Horas diversas registavam mais tarde as varias testemunhas dando o individuo que se soube depois ser o almirante, como passeando pelas travessas das Freiras, pelas 6 horas da manhã, e ainda registando o deparar com o inanimado personagem vinte e cinco minutos passados.

De todas as controversias e contradicções parece ter ficado assente que o apparecimento se dera entre as 6 e as 6 e meia da manhã.

Assim, como explicar sufficientemente a noticia do emmissario?

Dado como recebido em casa da familia, sabedora já da conducção para a morgue, que só se poderia ter realisado entre esse mesmo intervallo e mais logicamente depois d'elle, como chegou a nova tragica á posse dos revolucionarios, trazida pelo enviado que sahindo do local onde o encontrou Alfredo Leal,

---

(*) «A Revolução Portugueza», por J. d'Abreu. Pagina 162.
(**) Documento inedito, manuscripto, de posse do auctor d'esta obra.

3 ou 3 horas e meia da manhã, estava de regresso, mais de duas horas decorridas, ou mesmo que fossem tres, o que daria 6 horas e meia?...

Fixada essa hora como a do apparecimento e contando que o commissionado gastára para o caminho até á Estephania mais de hora e meia, e deduzindo para o regresso o minimo de meia hora, parece logico que, n'essas alturas não podia existir, em face dos depoimentos convencimento exacto do crime ou do suicidio e da conducção do corpo para a morgue.

Avulta entre as descripções do funebre encontro, a exposta pelo que foi dado como o primeiro que com o corpo deparou: (*)

«Dirigimo-nos á primeira pessoa que chegou junto do corpo inanimado do vice-almirante. E' o trabalhador João Augusto da Silva, solteiro, que vive com sua mãe na avenida dos Anjos, 90. Faz parte do pessoal que trabalha na reconstrucção de um muro da propiedade Pernes, que desabou por occasião das ultimas chuvas, e fica em frente do antigo retiro do Papagaio. Diz-nos esse honesto operario, manifestando por vezes assomos de indignação:

— «Eram 6 horas e um quarto da manhã do dia 4, quando passei proximo do local onde appareceu o almirante; não vi ninguem. Dirigi-me á arrecadação, distante uns 40 metros, agarrei n'uma pá, e vim para o amassadouro, mesmo á esquina da travessa das Freiras. Estava então um homem estendido no chão, ainda resfolegando.

— «O senhor tem a certeza de não ter visto ninguem da primeira vez que passou no local? A vizinha do 1.º andar diz que estava ali um homem sentado...

— «Não estava ninguem sentado, nem estendido no chão

— «Ouviu alguma detonação?

— «Não. O homem estava deitado ao comprido, com os pés para a estrada. A cabeça estava n'este local — e indica-nos um ponto ainda manchado de sangue, que vae na gravura que acompanha esta noticia marcado com uma cruz.—O braço direito estava affastado do corpo e proximo do ante braço uma pistola...

(*) «A Capital» de 18 de Outubro de 1910.

— «Não era um revolver?

— «Não senhor. Uma pistola automatica, preta, chata, quasi sem coronha.

— «Tem a certeza de que não se engana?

— «Tenho.»

Abandonemos porém por agora esse mysterio difficil de penetrar, para só de novo nos integrarmos n'elle, perscrutando-lhes as trevas, ao nascer dos primeiros cuidados judiciaes, orientados já sob o regimen republicano victorioso.

Assim, vamos retroceder ao apparecimento sem vida, do desilludido chefe do movimento revolucionario.

O corpo apparecera na travessa das Freiras, arteria ingreme, mal empedrada, semi-isolada dando passagem, da estrada de Sacavem, em frente da capella do hospital de Arroyos, para o largo do Leão.

A' porta de uma carpintaria, pertencente a Antonio Emilio Vieira e junto ao unico candieiro de illuminação publica existente na Travessa, deparara o trabalhador João Augusto da Silva, com um moribundo, tendo o braço direito aflastado do corpo e uma pistola automatica a poucos passos, junto do antebraço.

Nas algibeiras, á inspecção policial, achava-se-lhe depois, além da carteira, com documentos e uma nota de 5$000 réis, uma bolsa de cabedal, encerrando uma moeda de 500 réis, 4 moedas de 100 réis, em nickel e uma de 5 réis, nova.

Soube-se logo quem era.

Perto estava um cartão de visita, com o nome de Candido dos Reis e escripto a lapis «Se fôr encontrado ferido, levem-me ao Hospital da Marinha.»

Era o chefe superior da revolução.

Sem vida appareceu o vice-almirante reformado Carlos Candido dos Reis.

Nascera a 16 de Janeiro de 1852 e entrára para o serviço da armada, em 1867, sendo promovido a guarda-marinha em 1870, a 2.° tenente em 1873, a 1.° tenente em 1881, a capitão-tenente em 1888, a capitão de fragata em 1892, a capitão de mar e guerra em 1901, obtendo a reforma em vice-almirante.

Era socio da Associação do Registo Civil, á qual dedicara todos os seus cuidados.

Socio da Junta Liberal, largamente a impulsionara e pouco antes realisára na Associação dos Logistas uma conferencia notavel de propaganda anti-clerical.

Gosando de prestigio na armada, soubera leval-a ao estado rubro de revolta.

Nas ultimas eleições da monarchia, realisadas a 28 de Agosto d'esse anno de 1910, incluido teve o nome na lista republica-

SARGENTO JOSÉ SOARES DA ENCARNAÇÃO

na, obtendo no circulo occidental, 10:294 votos, ou fossem no 3.° bairro 2:760, no 4° bairro 4:452 e 3:073 nos concelhos.

Pretendeu o trabalhador soccorrel-o e chamou auxilio.

O servente, José Maria, das obras de reconstrucção d'um muro do antigo palacio Pernes, ia á esquadra de Arroyos, participar aos agentes a descoberta, vindo d'ali os guardas 1124 e 1499, com a maca do hospital.

O official expirára victima de um tiro, assignalado com um ferimento na cabeça.

Sendo tempo de revolta, nem cuidados houve sobre proces-

sos judiciaes e longe de se deixar o cadaver no local onde estava para que as auctoridades pudessem, pela posição, deduzir conclusões, o corpo e apoz hesitações de repugnancia, era collocado n'uma maca pelo pessoal da obra e conduzido á morgue, onde se conservava até ás 11 horas da noite de 7, em que transitaria para a Escola Medica, ficando junto da eça do dr. Miguel Bombarda.

Eram cerca das seis horas e meia da manhã de 4.

Levada era a nova triste aos centros revolucionarios.

Alfredo Leal, o primeiro a conhecel-a, na rua, impunha silencio ao emissario, para que o facto se não traduzisse em mais desanimos.

Cambaleante a participava a João Chagas, Innocencio Camacho e Marinha de Campos, julgando-se desde logo perdido, em absoluto, o movimento.

Um abraço jungiu esses quatro homens, que resolviam outra vez a dispersão, como efficaz medida contraria ao presumivel estender da rede dos argus policiaes.

Mais tarde veremos ainda, Alfredo Leal, actuando em Barcarena, Innocencio Camacho com o professor Simões Raposo na Rotunda e nos navios; e Marinha de Campos, ir levar á Rotunda, com o visconde da Ribeira Brava, a nota desesperadora d'uma ruina de planos.

Entretanto, o silencio promettido não fôra observado.

O incidente era transmittido em breve a quasi todos os locaes revolucionarios.

Levado foi á Rotunda e talvez que elle tivesse influido nos acontecimentos que se lhe seguiram, como a fuga dos officiaes.

Todos procuravam entravar a marcha da prejudicial novidade.

O commissario naval Machado Santos, recebendo-a na praça Marquez de Pombal, cerca das 7 horas da manhã, detinha immediatamente o portador para que mais a não espalhasse.

Ia aos navios, pela telegraphia sem fios, a nova da morte de Candido dos Reis.

Ao conhecel-a, a bordo do «Adamastor», o 1.º tenente Men-

des Cabeçadas Junior, chamando a si o telegraphista participante, disse-lhe:

— Somos dois a sabel-o. Se na guarnição o souber um terceiro, metto-te uma bala na cabeça!

Estabeleceu-se assim um retrahimento á propaganda da tragedia.

A imprensa democratica, por seu turno, guardando identicos recatos, publicava, em maioria, informes falsos.

O «Mundo» na sua terceira idição, não conseguiu de todo fugir ao ambicionado sigillo, e encobertamente alludiu a successo sanguinolento, em informe datado do «meio dia de 4»:

«Tem corrido a noticia, que parece conffirmar-se, de que appareceu morto n'uma azinhaga, junto á egreja de Arroyos, um dos chefes militares do movimento revolucionario e homem de mais alto prestigio. Affirma-se que o seu cadaver está na «morgue» e a noticia foi ali confirmada a um redactor do «Mundo». Damol-a porém, sob reservas, por que se teem espalhado muitas informações falsas destinadas a atemorizar, desorientar e desalentar os elementos revolucionarios.»

Para auxilio ás reluctancias em acreditar na morte do almirante Candido dos Reis, ainda a «Lucta», o dava no dia 5 de Outubro como á frente de 2:000 marinheiros dispostos no quartel de Alcantara.

A «Capital», de 4, dera ponte para essa informação, reproduzida no dia seguinte pela «Lucta», embora já o «Diario de Noticias», assignalasse a morte como constando de uma relação de cadaveres entrados no necroterio.

De facto, n'essa lista apparecia, em primeiro logar, o nome do almirante Carlos Candido dos Reis.

Estabelecida inicialmente essa necessaria convenção de segredo, os grupos inquietos e isolados estabeleceram a sua salvaguarda.

Nasceram boatos que os dirigentes da acção não podiam sequer contradictar ou affirmar, como que alheados do acto a que haviam dado impulso.

Evolado, por instantes, n'essas primeiras horas de desalento, iremos encontrar, mais tarde, o dr. Malva do Valle, companhei-

ro na Rotunda do commissario naval Machado Santos e emissario audaz da revolução.

José Relvas e o dr. Francisco Eusebio Lourenço Leão, depois de n'um circulo restricto, o consultorio do segundo na rua Garrett, 61, 2.º andar, e os jornaes republicanos «Mundo», na rua de S. Roque, e a «Lucta», na rua da Anchieta, sumiam-se em discretos alojamentos do «Hotel de L'Europe», na rua do Carmo 16.

O dr. José Barbosa, no circuito egualmente da cidade alta, entre o seu escriptorio, a rua das Gaveas, e a pharmacia Durão, na rua Garrett, não tendo informações certas dos successos, ia reunir-se no hotel aos outros revolucionarios.

O solo juncava-se de victimas, emquanto o sr. José Relvas e os drs. José Barbosa e Eusebio Leão, discutiam probabilidades á mesa lauta do almoço no hotel onde se albergavam.

Houve a impressão d'um geral fracasso.

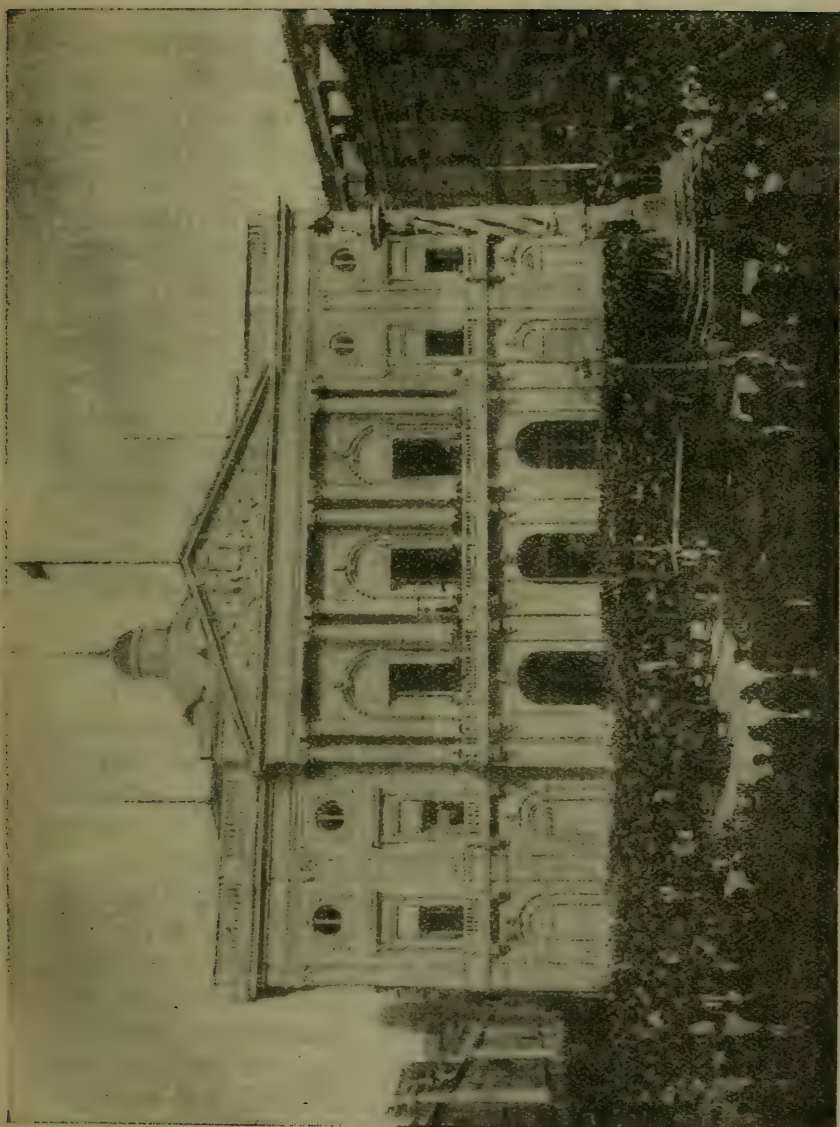
Comtudo decidia-se soffrer a sorte dos vencidos se o fossem e assente ficava o procurar de novos elementos.

D'ali houve a entrevista na redacção da «Lucta» onde se procurou reorganisar o desorientado quartel general.

Foi n'essa redacção, em frente mesmo do governo civil, que, depositado ficou o sobrescripto endereçado ao dr. José Barbosa e contendo o papel historico com os nomes dos nomeados para os altos cargos da republica e a ennumeração dos actos principaes a realisar.

Nas horas de desalento nocturno, de bolso em bolso andou o sobrescripto, escapando ás primitivas ideias de destruição, exemplo do auto de fé que Miguel Bombarda fizera no hospital de S. José ao documento onde em signaes convencionados, se fixára o plano de ataque ás forças realistas, a composição dos grupos republicanos e pontos de trabalho.

O dr. José Barbosa, lendo e relendo esses nomes de futuros governantes e esses projectos de calculado effeito apenas aguardava um assalto, não succedido, á residencia, para os inutilisar.

O inicial plano legislativo, esteve prestes a ser rasgado e deitado n'uma retrete do escriptorio do dr. José Barbosa, na rua do Loreto, 56, 1.º.

A PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA -- ASPECTO DA PRAÇA DO MUNICIPIO

A's intenções do acto manifestadas pelo chefe da Alta Venda da Carbonaria Portugueza, Antonio Maria da Silva, evidenciando receios de ser encontrado com os documentos e com a pistola Browning, de que estava munido, valeu um das foragidos; cuja descripção (*) da scena d'essa parte do quartel general revolucionario é interessante:

«Aclarava o dia viam-se passar já operarios, a rapaziada dos jornaes, as vendedeiras ambulantes que vão á Praça da Figueira fazer o sortido para a sua peregrinação pelos bairros pobres, e toda essa camada negra de proletarios que quasi não dorme para ganhar com que morrer de fome. Vimos passar o Tavares de Macedo com a competente e inseparavel capa de borracha e bengalinha. Vinha com os olhos de quem tinha dormido bem a noute. Envergonhado de novo e sobretudo da minha situação, disse terminantemente:

« — Meus amigos, vocês ficam, mas eu vou-me embora, aqui não se faz e não se sabe nada, vou vêr o que ha e voltarei a trazer noticias.

« — Sim, é melhor ir embora; d'aqui a nada veem, certamente, passar uma busca e . . . somos fusilados!

«N'esta altura o chefe da Alta Venda tira da algibeira a tal papelada e propõe «queima-la, deita la na retrete e fazer correr a aguar para evitar que seja apanhada e. . . sejamos fusilados.» Disse-lhe que me parecia receio exagerado, que esses apontamentos nos podiam fazer falta e que o melhor era guardal-os...

« — Não, isso não, eu não os levo, sou conhecidissimo e se me apanham com os papeis sou fuzilado!

«Para um chefe carbonario era demasiàda cobardia; tomei-lh'os das mãos e guardei-os na minha algibeira. Calculava que depois d'isto iriamos salvos, mas que!. . . o nosso Silva era cauteloso, tinha ainda a pistola terrivel que tanto trabalho e tantos riscos fizera correr a quem a passára na fronteira, não queria sahir com ella, com receio de ser fuzilado, queria deita-la na retrete! Fiz notar ao engenheiro, que não sendo molle não po-

---

(*) Celestino Steffanina=Subsidios para a Historia da Revolução de 5 de Outubro de 1910.=Pagina 10.

dia passar pelo syphão... queria por fim deital-a na caixa do autoclismo!... interveiu então José Barbosa que o quiz convencer a não sahir desarmado; mas qual historia, o rasio da pistola era um perigo... Tive que cortar a discussão propondo leva-la eu, visto que, tendo já os papeis e a minha pistola, não fazia differença mais uma, antes pelo contrario, se tivesse que emigrar sempre me renderia algumas pesetas.»

O engenheiro Antonio Maria da Silva, era, revolução ganha, collocado no cargo de director geral dos correios e mais tarde (1912-1913) ministro do fomento.

Sob alvitre de Celestino Steffanina, transitaram pois os historicos documentos para a sua posse, d'ali para a do ajudante da pharmacia Durão, no Chiado, Antonio Ferreira e d'este por seu turno para a «Lucta», emquanto o resumo fiel das reuniões revolucionarias e adhesões, a ennumeração dos trabalhos sediciosos, escriptos em minuscula calligraphia nas margens de cartas, telegrammas e bilhetes de visita,—occulto estava no forro do chapeu da esposa do pamphletario João Chagas.

De engenho era o ardil e diverso já do pelo mesmo empregado durante as manobras do 28 de Janeiro.

Então occultos estavam os projectos dentro d'um pão de 40 réis, trazido para a meza sempre que necessario era retel-os.

Foi pois na redacção da «Lucta» quasi sob as vistas policiaes, que se reuniu outra parte da junta revolucionaria, deixando outra com alguns revolucionarios na pharmacia Durão, onde appareciam o engenheiro Antonio Maria da Silva, dr. Malva do Valle, dr. Carneiro Franco, dr. Emygdio Mendes, Feio Terenas, tenente Pires Pereira, Vasco Duque, Israel Anahory e outros.

Reproduzindo o accidentado conselho revolucionario da séde do jornal do dr. Brito Camacho veremos dizer auctores hespanhoes: (*)

«Relvas y Barbosa, corren á la redaccion de «A Lucta», ozendo resonar en la lejania numerosas descargas. Algunos nucleos armados les salen al encuentro.

(*) Augusto Vivero y Antonio de la Villa = «Como cae un trono»—«La Revolucion en Portugal» — Madrid-1910=Pagina 125.

« — «Mandou-me procurar?» dicen los dos jefes, alzando los brazos.

« — «Passe cidadão» — responden los outros.

«Y pasan. En «A Lucta» se encuentra tambien Alfonso Costa, desalentado cual todos.

« — Que hacemos? pregunta.

« — Esperar. — contesta el imperturbable Brito Camacho, que no cesa de prodigar disposiciones de gran tino, endereza-das á encauzar la accion de los elementos dispersos y retrasar la derrota, que parece inevitable. Qué espanto, si al fin sobre-viene! La monarquia será inexorable! Que de fusilamientos! Cuantos destierros á los presidios coloniales! Qué inicua serie de venganzas! Siempre y en todas partes, la monarquia fué cruel, despiadada con los vencidos. La portuguesa no ha de ser desemejante á las otras...

«Quizá ese convencimiento se sobrepone al abrumador can-sancio fisico, obra de largas horas de incertidumbre y temores, en que la falta de noticias, cede repentinamiente á un chapar-rón de nuevas aterradoras, en que se comprueba como un regi-men odiado puede mantener-se en pie por la lealtad mal en-tendida de quienes son soldados de la Patria y no del rey... Se reacciona energicamente. Juntos Relvas, Costa, Barbosa y Camacho, se redactan y componen proclamas. Jayme Teixeira parte al cuartel de los marineros con un mensaje alentador. Malva do Valle y Celestino Sttefanina, portean otro, dirigido á Cardoso y Palla, previniendolos, de pasada, contra un ataque de la bateria de Queluz.

«En esto llega una noticia aciaga. Cándido dos Reis ha apa-recido muerto en una calleja solitaria. Asesinado? En lucha? Se ignora. Todos son retazos noticieros, informes imprecisos, con-tradictorios, que obedecen al flujo y reflujo pasional. Se decide desmentir á todo trance la fatal noticia, que puede acelerar el vencimiento de los revoltosos, dar el golpe de gracia á la vaci-lante revolucion. Mas aquello concluye de descorazonar á los directores de la revuelta. Las ilusiones no encandecen ya los ce-rebros donde el pesimismo canta su cancion lúgubre. Se resis-tirá cuanto se pueda, hasta morir, en lucha desigual, efimera,

sin fructo. Y como clarea a el dia y la proximidad del Govierno civil es inconveniente, se trasladan todos al hotel Europa, menos Costa, que vá al Central, donde se halla Antonio José de Almeida.»

Sinthetisando terrores, se trocaram impressões. Era quasi a exacta reproducção do atormentado conselho ministerial do largo de S. Sebastião da Pedreira.

Comtudo, se este cousa alguma de util produzia, o conluio rebelde, a despeito da situação de apparente desastre, deliberava e trabalhava.

Os dirigentes revolucionarios, informados, votavam a conveniencia de occultar a morte de Candido Reis.

Denuncial-a era o abalo moral para os revoltosos e util era fazer-lhes crer na sobrevivencia do unico que as tropas revolucionarias acatavam como bravo.

Resolveu-se dal-o á frente da armada.

Os navios julgal-o-hiam no quartel de marinheiros; aqui, imaginal-o-hiam a bordo.

Os cabeças da revolta, decidiam pois o espalhar de proclamações, compostas e impressas no jornal a «Lucta».

A junta revolucionaria, de facto apenas representada pelo dr. Brito Camacho fez logo transitar a seguinte, tendente a desviar dos revoltosos qualquer fraqueza trazida pela má nova:

«2 horas — Tendo-se espalhado o boato da morte do vice-almirante Candido dos Reis, tratamos de saber se elle seria verdadeiro. Por communicação directa que nos chega do quartel de marinheiros, sabemos que tal boato é absolutamente falso. O vice almirante Reis está á frente das tropas de marinha — «A Junta Revolucionaria.»

Coartou lhe os previstos effeitos o «Imparcial» que ousou quasi sem rebuços dar a exacta versão do facto:

«Tem corrido hoje com insistencia que, n'uma azinhaga da estrada de Sacavem, se suicidou o almirante Carlos Candido dos Reis, eleito deputado republicano, nas ultimas eleições geraes, pelo circulo occidental de Lisboa. O capitão França, official da policial, garantiu ha pouco a um collega nosso a veracidade do boato. No entanto a sua confirmação é impossivel, se bem

que o «Mundo», com certas reservas, diga o cadaver na «Morgue» e que este facto lhe foi confirmado ali.»

Estava feito o alarme, embora convencidos se julgassem os revolucionarios chefes, que o mysterio se obtivera.

Decidia-se o espalhar de successivas proclamações e de ordens precisas.

Emquanto o revolucionario Silvestre Coelho, ia a Sacavem reobeter o protesto das baterias do forte de obstar á marcha de qualquer regimento sobre Lisboa, determinava-se que para a capital viesse o grupo de civis e guardas fiscaes collocados ás ordens da Revolução no Centro João Chagas, ao Beato.

O avanço não se deu, porque mais util julgou a junta a sua acção no local onde estavam concentrados.

Para que não fosse actuar nos revolucionarios o boato corrente de que iam chegar reforços da provincia, lançado foi ainda o seguinte documento:

«Seguro de que a pequena parte da guarnição de Lisboa que ainda não adheriu á revolução pouco tardará a fazel-o, o governo chamou á capital alguns corpos da provincia. A's onze horas da manhã os regimentos de infantaria e artilharia aquartellados em Santarem, preparavam-se para marchar sobre Lisboa pela via ordinaria, visto a linha ferrea ter sido cortada. Do Sul não podem chegar reforços, porque os revolucionarios teem a posse inteira e indisputavel do mar. A revolução está proxima do seu termo, e esse termo é a proclamação da Republica·

«Viva a Patria!

A Junta Revolucionaria»

Assim, os revoltosos, collocando na rua a sua obra anti-dynastica logravam ainda, n'uma notavel mutação de papeis, mais prerogativas de que os poderes constituidos.

Emquanto nos postos monarchicos se desconhecia a verdadeira situação dos rebeldes, se tomavam a serio os gigantescos numerarios traçados para as forças republicanas, e os rebates de phantasticas adhesões; emquanto no campo monarchico eram interceptadas communicações, os revoltosos, mercê d'uma inercia mais parecida com a tolerancia, espalhavam á vontade as suas proclamações, incitantes e animadoras.

Não obstante essas facilidades, n'essa hora bem patentes, de novo se dispersava a chefia da revolta.

Uns acoitavam-se no repouso seguro do Hotel Europe, onde ninguem os sonharia.

Os drs. Affonso Costa e Antonio José d'Almeida, depois de passagem pelo Hotel Central, a casa do dr. Augusto de Vasconcellos na travessa de Santa Catharina e outros, resolvia o primeiro collocar maior distancia entre si e o campo da revolução e endireitando a Algés, escolhia como albergue a casa do revolucionario José Cordeiro Junior, para só reentrar em Lisboa ás 11 horas da manhã de 5.

Negado se deu o facto, aliás exposto em livros varios e insuspeitos: (*)

«Affonso Costa e Antonio José d'Almeida depois de terem errado pelo Hotel Central, a casa do dr. Augusto de Vasconcellos e outros pontos da cidade, tinham ido parar a Algés, onde, a bem dizer, mal chegavam os echos do tiroteio.»

Commentarios acres teve essa fuga a responsabilidades e a perigos e com desasombro o criticou assim um jornal: (**)

«Quando Affonso Costa e Antonio José de Almeida estivéram escondidos em casa de José Cordeiro Junior (que depois fizeram deputado...), no bairro novo de Algés e durante as horas da revolução, não houve qualquer nota particular enviada pelo cruzador brazileiro «S. Paulo»?

«Mais claro: não houve a declaração de que os revoluionarios portuguezes, caso fracassasse o movimento, poderiam acolher-se sob a protecção da bandeira brazileira, á imitação do que lhes fez Castilho nas paragens do Brazil?

«E não ficaria Algés mais perto do cruzador do que Lisboa onde o Povo se batia pelas ruas?

«Bastava só ter ás ordens um bote amarrado perto da estação de Algés e tudo correria bem...»

De verdade a dispersão se deu e como premio aos auxiliares dos foragidos, se ao revolucionario José Cordeiro, ia um car-

(*) «A Revolução Portugueza».=«O 5 de Outubro», por J. d'Abreu.= Pagina 140.

(** «A Alvorada» de 28 de Abril de 1912.

go diplomatico e uma cadeira de deputado, ao dr. Augusto de Vasconcellos, iria o logar de enfermeiro-mór dos hospitaes civis de Lisboa pela exoneração dada ao conselheiro José Curry da Camara Cabral, e tomando posse no dia immediato ao da victoria republicana.

Effectuou se pois outra dispersão, desanimada, do quartel general revolucionario.

Uma boa estrella presidia porém a todos os seus actos.

Quiz comtudo deixar bem patente a sua protecção, apresentando tetricos quadros de repressão, para que nas horas da victoria, quando fossem colher os louros, visse bem a revolução que só o acaso, o destino a servira, transformando em acclamações, em honrarias, o rude espelho de castigos e maldições, de logica intuição se contrariados fossem em seus designios. . .

IV

O ultimo conselho de ministros. — O decreto de suspensão de garantias Attitudes ministeriaes — No arsenal de marinha e na majoria general — O proseguir do conselho = A Rotunda visando a casa do chefe do governo. = A dispersão dos conselheiros. = No quartel general. = Scisão entre o foro civil e o foro militar. = Horas de desorientação = De queda em queda.

Analysada a situação, evidentemente critica, dos dirigentes da revolta, vamos de salto, focar a situação dos dirigentes da monarchia, por uma singular ironia do destino offerecendo quasi identico aspecto de desalento, de receios e de dispersão.

O governo não tomou providencias, senão a seu respeito.

Longe de occupar as respectivas secretarias, reuniu-se em conciliabulo inutil, d'onde nada sahiu contrario á revolução.

Esteve ali todo o gabinete no historico conselho em S. Sebastião da Pedreira.

O proprio ministro da fazenda, conselheiro Anselmo de Assis Andrade, ali compareceu.

Esteve assim o auctor da «Terra», acompanhando esse «miserero» governativo, instrumentado para a reducção a terra da realeza de Portugal.

O ministro da justiça, conselheiro Manuel Fratel, n'um esforço notavel e ante a falta de communicações, vinha a pé do Estoril até á residencia do presidente ministerial.

Não podia resultar obra productiva d'essa reunião, isolada do conhecimento dos factos.

Os boatos desencontrados estabeleciam pois ahi o panico, embora os membros do ministerio procurassem illudir-se.

Julgou-se o movimento trabalho exclusivo do regimento de infantaria 16 e esta suffocada por artilharia 1 e ainda por praças do proprio regimento.

Essas presumpções não eram sem bases todavia, visto que em infantaria 16, nem um só official ou sargento adherira e com as praças fieis compunham um nucleo egual ou superior ao dos revoltados.

Temia-se o exercito e a marinha, e, caso notavel, a Revolução egualmente os temia, concentrando mais as suas esperanças no povo.

Vagos rumores chegavam de anormaes successos, mas emquanto havia um desnorteado accumullar de ideias, a revolução embora aterrorisada, manobrava melhor, sequestrando os telegrammas, onde se lhes descobria a proclamação republicana nas villas da outra margem.

Machado Santos, ia apprehendendo na Rotunda, esses despachos telegraphicos, logo enviados, para conhecimento, aos então commandantes do acampamento, capitães José Affonso Palla e Alfredo Ernesto de Sá Cardoso.

O segredo mantido, de misericordioso auxilio foi ao governo, que, se sem forças procedia então, de baraço e sambenito viria ás ruas entregar-se á inventada fogueira da multidão exaltada, se bem conhecesse o avanço progressivo e avassalante da obra rebellionaria.

Assim, entre o tiroteio cruzado além, e para que malsinado de todo não fosse o conselho impressionista, procurou effectivar algumas medidas de summario aspecto.

Telegraphava aos governadores civis de Bragança, Porto e Villa Real, o addiamento por 24 horas, da viagem régia, sem calcular que, n'essa mesma tarde e noute, ante o desenvolver da acção revolucionaria, teria de participar o abandono da ida de D. Manuel II, ao norte, e o rebentar de uma revolução em Lisboa, com o subterfugio de quasi debellada.

Resolvia-se o renovar da ordem de entrega do governo da cidade ao commando militar e ainda o decretar do estado de sitio com a habitual suspensão de garantias.

Bem singular aspecto offerece todo esse quadro da vida ministerial e militar durante os lances da revolução.

Extranhado foi que o governo militar só assumisse fóros legaes, e relativos ainda, no dia 4, quando desde 3 á noite o presidente do gabinete declinára as suas ordens n'esse sentido.

E' elle quem formula accusações e vamos reproduzil-as, como origem a outros reparos suggeridos ao seu ennunciado:

«O governo, logo no dia 3 á noite, entregou á divisão militar a acção militar contra a revolta, collocando sob as ordens do respectivo commandante toda a força publica, conforme aquelle plano. Não podia proceder de maneira diversa: entregou á divisão a defeza do regimen e da ordem e resolveu decretar o estado de sitio. Não foi este decretado? E' de evidente estranheza que o «Diario do Governo» fosse silencioso a este respeito. Eis a explicação. Em conselho de ministros, reunido em minha casa no dia 4 de Outubro, o governo resolveu que, como de costume e era conveniente, as garantias fossem suspensas e o estado de sitio fosse decretado. Assistiu ao conselho o juiz de instrucção criminal, Antonio Emilio de Almeida Azevedo, que collaborou na redacção do respectivo decreto. Lavrado este, foi por mim mandado por pessoa de inteira confiança á assignatura do Rei, que devia a essa hora estar em Cintra ou Mafra, pois já tinha sahido das Necessidades. Em Cintra, a rainha D. Amelia incumbia-se de apresentar o decreto a D. Manuel, asseguran do que seria devolvido ao governo com a maior segurança. D. Manuel estava já em Mafra. O decreto foi assignado pelo Rei? Foi. Assim m'o communicou por telegramma, cujo texto o director geral dos correios e telegraphos me passou pelo telephone no dia 4 á noite, em consequencia dos boletineiros não poderem já transitar pelas ruas. Não recebi o decreto, nem d'elle tive mais noticias. E' possivel que em Mafra não podessem encontrar quem se arriscasse a vir a Lisboa leval-o. Isto porém não impediu que, em officio dirigido ao general commandante da divisão, o governo no dia 4, lhe ratificasse por escripto os pode-

res que verbalmente lhe havia dado no dia 3 á noite, para proceder, na defeza do regimen e da ordem, como se o estado de sitio tivesse sido decretado. O general Gorjão entendeu que carecia d'este documento para salvaguarda das suas responsabilidades. Eu não hesitei em entregar-lh'o.» (*)

Se resalta um certo retrahimento na execução das determinações ministeriaes, transparece egualmente um evidente intuito de declinar responsabilidades, no facto da exigencia da ordem escripta para a submissão da cidade ao estado de sitio, justificado, sem mais necessidades pela affirmada revolução, ensanguentando as ruas.

Não resta duvida comtudo, que a intenção, só lembrada, durante o dia 4, devia estar legalisada, por decreto apresentado a D. Manuel, na madrugada de 4, o mais tarde, desde que o chefe do governo se disse, propriamente informado, com segurança, de que a revolta se effectuaria n'essa data.

Exigiria a prevenção, o munir-se o governo, cauta e antecedentemente, d'esse meio repressor.

Infileirado o facto com o das prevenções militares insufficientemente determinadas, ou não dictadas, á superficie vem um inconfundivel nivelar de culpas.

João Franco teve logo no dia 28 de Janeiro de 1908, e sem previsões certas do movimento, como as fruiu Teixeira de Sousa, o decreto de suspensão de garantias.

O gabinete, que serviu de periodo de transição da monarchia para a republica, só evocou essa necessidade, quando D. Manuel II, o semi-abandonado das Necessidades, a caminho estava de Mafra, ou n'essa villa já.

Livre passagem houve para alguns, raros, fidalgos que ao paço foram animar a creança desprovida de bons conselhos.

Tel-a-hia o emissario portador do decreto se de tal nascesse ideia, demais contando-se com o portador de confiança que a Mafra o levou.

Realçante é comtudo, que de tardia lembrança foi o decre-

(*) «Para a Historia da Revolução» por Teixeira de Sousa = 2.º volume, paginas 475 e 476.

to, pois antes, ainda ao paço das Necessidades, chegou a ir o deputado dr. Archer e Silva, com o voto do conselheiro Teixeira de Sousa, para a sahida do rei, da capital, missão não executada, totalmente, em virtude de D. Manuel II haver partido já, a caminho de Mafra.

E' contestavel, evidentemente, o valor e efficacia do documento, quando de verdade, e mercê de largas contingencias, a sedição decretára já o estado de sitio, supprindo as lacúnas ministeriaes e militares.

Todavia á Historia cumpre o commentario ao minimo facto apresentado, para accentuar responsabilidades, e, se aponta como nullo o decreto caducador das immunidades, e nullo, impende dizer, pela violencia sediciosa, não dever deixar na obscuridade mais esse frisante luzeiro a cravar-se no ceu, bem constellado, que de cupula serviu ao reivindicar das ambições republicanas...

A estas parecia toldado o horisonte e negra a nublagem, mas sorridentemente cuidava o Destino de, pelas mãos fatigadas dos proprios adversarios, os reus procurando o proprio degredo, lhes rasgar a penumbra simulada, para que jorrasse intenso o manancial rubi-esmeralda, de largos annos promettido...

A historica e magna reunião do gabinete ministerial, foi assim, com uma desesperada palestra sobre o passado, o presente e o futuro, um elo, a jungir-se á cadeia gigantesca de circumstancias que manietaram a realeza, primeiro ao poste tormentoso erguido pelos seus politicos e depois ao acto intencional da democracia.

Contrariamente a esse desperdicio de impressões, o ministro dos negocios estrangeiros, José de Azevedo Castello Branco, teve a phrase:

— O nosso logar não é aqui, mas no paço, ao lado do rei!...

E' certo que junto de D. Manuel, abandonado da maioria dos aulicos, devia collocar-se a figura dos ministros sem acção especial repressiva e n'esse ponto estavam os dos estrangeiros, obras publicas e fazenda, deixando aos outros, a fiscalisação dos negocios das suas pastas, nas respectivas secretarias.

De relance se avaliou quanto de prejudicial e perigoso era a assistencia junto de D. Manuel II, e sabido o difficil trajecto até as Necessidades, pensou-se no quartel general, mais perto e bem guardado:

«D'ahi a conveniencia de o governo ir para o Quartel General, para animar uma acção que cada vez se afigurava mais urgente, cujo campo era na Rotunda e não nas Necessidades. Foi inutil a presença dos ministros? E' certo, mas era junto do commando superior da defeza monarchica que deviam estar. A' hora em que os ministros iam para o Quartel General, D. Manuel ia para Mafra, por conselho meu, pelos motivos já referidos, entre os quaes avultava o de ser da maior conveniencia pôr em liberdade e, por isso, em acção, a brigada das Necessidades, liberdade que só usou para não obedecer ás ordens do Quartel General, repetidas vezes dadas.» (*)

Comtudo recusa terminante tinha o pedido do quartel general para que o presidente do conselho determinasse á municipal, guardando a sua residencia, a marcha sobre ponto onde mais necessaria era...

Assim norteado o conselho, o primeiro a aproveitar o refugio do quartel general, foi o ministro da guerra, José Nicolau Raposo Botelho, preferindo o edificio do largo de S. Domingos, ao decerto n'essa hora abandonado gabinete da sua secretaria.

O da marinha pensou em ficar.

Talvez fosse ali preciso, para deliberação mais radical, até no ponto de sublevação dos marinheiros.

O cruzador «D. Carlos» não adherira, e havia esperança de que elle neutralisasse a acção dos outros.

Sahiu talvez d'essas ideias, a percepção de conveniencia de que o ministro da marinha devia ir para o seu ministerio.

Recordava-o o conselheiro Teixeira de Sousa, que aliás não pensava no ministerio do reino.

Vamos buscar a um livro notavel (**) a descripção espirituo-

(*) Teixeira de Sousa — «Para a Historia da Revolução» — 2.º volume =Pagina 476.

(**) Joaquim Leitão=«Diario dos Vencidos» pagina 104

sa e ironica d'essa phantastica scena do historico conselho de ministros, feita por um dos protogonistas, o deputado dr. Henrique de Mello Archer e Silva, valendo sempre n'essas situações de irresistivel receio:

«O sr. Teixeira de Sousa lembrou ao sr conselheiro Marnoco e Sousa, ministro da marinha, a conveniencia de ir para o seu ministerio.

« — São capazes de me matar pelo caminho!... — admittiu o sr. Marnoco.

« — Não matam, não senhor — diz o dr. Archer e Silva. — V. Ex.ª vae commigo e não lhe succede mal nenhum.

«O sr. Marnoco lá foi para o ministerio, entre o sr. Archer e o sr. Mello Barreto, que não sabemos se já tinha tomado banho.

«O Ministerio da Marinha estava fechado.

«Foram á porta do Arsenal e o sr. dr. Archer disse ao porteiro:

« — Faça favor de abrir que é o sr. Ministro da Marinha.

«Aberta a porta ouviu-se:

« — A's armas!...

« — São os revoltosos... São os revoltosos!... — exclama o sr. Marnoco.

« — Não, senhor, não são. São as honras devidas a V. Ex.ª como ministro da marinha.

«O sr. conselheiro Marnoco e Sousa deu mais uns passos, amparado pelas mesmas duas pessoas.

«Ao encontro do ministro veio um vulto: era um sargento da Armada, fardado, com as suas divisas bem patentes.

«O sr. conselheiro Marnoco vendo uma farda da armada tirou com a mão esquerda o seu inseparavel chapeu de côco, e estendeu a mão direita ao sargento dizendo na sua ainda mais sumida voz:

« — V. Ex.ª como está? está bem?

«O sr. Archer salvou assim a situação:

« — Queira conduzir s. ex.ª o sr. Ministro da Marinha ao sr. Major General da Armada.

«E foi em plena Revolução que o sr. Marnoco e Sousa pela primeira vez na sua vida visitou o Arsenal de Marinha.»

Se estranha foi a entrada, breve recuperava o ministro da marinha a sua attitude mais consentanea ás suas funcções e se, para a armada não foram decretadas nenhumas medidas que entravassem a sua acção de revoltados, magno conselho reunia, para a eterna troca de impressões.

Aggrupavam-se então ali, n'uma entrevista que á revolução não prejudicou, o major general da armada, vice-almirante José Cesario da Silva, o director da escola naval, contra-almirante João Augusto Botto, o director dos serviços maritimos, capitão de fragata Vieira de Sá, o sub-director Julio Gallés e o administrador do arsenal, contra-almirante Carlos Augusto Magalhães e Silva.

Não estava a majoria abandonada de outros officiaes.

De madrugada haviam chegado, cerca das 4 horas e meia, o commandante da fragata «D. Fernando», capitão de mar e guerra, Caetano Rodrigues Caminha; meia hora depois o commandante do «Berrio», 1.º tenente Isaias Newton, o immediato do «S. Raphael» capitão-tenente Anthero Elisio do Nascimento Trigo e quasi simultaneamente, os 1.os tenentes Luiz Maria de Almeida Couceiro e Almeida Henriques.

Pelo commandante Aprá, soube o tenente Almeida Henriques, os successos do «Adamastor», em que aquelle fôra forçado a retirar.

N'uma rapida surpreza pela submissão á ordem da maruja revoltada, teve a phrase de incitamento:

— Mas se nós lá fossemos agora?

Não esteve para novos commettimentos, o official, e retorquiu:

— Quando elles me não deixaram entrar a mim, ninguem lá entra!

Procurando effectuar serviço, e valendo á desorientada attitude de tantos militares, aterrorisados ante uma organisação de guerra, que os estudos da nautica não haviam exemplificado, Almeida Henriques e Almeida Couceiro, arrombaram, para trabalhar, a porta do posto da telegraphia sem fios, apoz perdidos esforços tendentes a obter a respectiva chave, de que era depositario, o 1.º tenente Ladislau Parreira.

Na ignorancia de ser elle o chefe dos assaltantes do quartel de marinheiros, fôra procurado em casa e não encontrado.

Por meios de momento, lograram dar corda ao detector magnetico, mas viram a impossibilidade de realisar transmissões, attendendo ao facto de se não chegar de fóra ao respectivo apparelho.

A chegada do tenente Frederico Pinheiro Chagas, se mais encorajou os camaradas, de derrocada para elle foi.

Como o tenente Almeida Henriques, lembrava uma tentativa contra o «Adamastor».

Fizeram-se opposições.

As praças que recolhiam das licenças, longe de se lhes fornecer armas e collocação na defeza do arsenal, eram mandadas sahir do edificio sob pretexto de parco rancho, e de que, sem comer sufficiente, dar-se-hia ali dentro uma revolta, com consequencias difficeis de prever.

O capitão de mar e guerra, Alvaro Ferreira, energico, mandava aprromptar o escaler para com os seus officiaes seguir para o cruzador «D. Carlos», sob prophecias tetricas de que, vivo, não regressaria ao arsenal.

Assignalada foi todavia a entrada no navio e sem que exteriormente quaesquer signáes graves se patenteassem.

O arvorar da bandeira revolucionaria no «Adamastor» e «S. Raphael», mais quebrados deixou os animos.

O tenente Frederico Pinheiro Chagas, para que o esmorecimento não proseguisse, deu como alvitre, a concentração a bordo do «D. Carlos».

Um silencio forte acolheu a proposta.

A chegada de dois timoneiros, facultou ensejo ao 2.º tenente Couceiro e 1.º tenente Almeida Henriques, para a tomadia dos trabalhos radio-telegraphicos.

Chegavam entretanto os medicos navaes, Sebastião Peres Rodrigues e Antonio José Rodrigues Braga, e outros officiaes, formando um grupo de cerca de 50, entre elles os tenentes José Peixoto, Alberto de Castro Ferreira, 2.ºs tenentes Alvaro Augusto Nunes Ribeiro e Fernando Augusto Vieira de Mattos, e o capitão-tenente João Baptista Ferreira

Dava entrada no edificio o ministro da marinha, conselheiro Marnoco e Sousa.

Ao arsenal foi saber o aspecto grave da sedição nos navios e no quartel de marinheiros.

Conhecida foi a detenção de officiaes e a posse do edificio de Alcantara pelos rebeldes.

Mandou-se verificar se os portões do arsenal bem cerrados estavam a assaltos e se pelo lado do ministerio se equivalia a impossibilidade de uma investida.

Ao sobresalto da entrada succedeu o proprio cuidar da existencia qne não convinha malbaratar em episodios quichotescos e em maguas de alcance largo.

N'essa hora de tragedias e de perigos, no arsenal de marinha, longe de se observar a promettida fidelidade ás instituições, ver-se-hia um quadro tristemente historico

N'uma das salas, o ministro da marinha, conselheiro Marnoco e Sousa e o major general, vice-almirante Cesario da Silva almoçavam tranquillamente, emquanto a fuzilaria estrondeava.

Seria um sublime exemplo de estoicismo se não fosse um acto extranho de irresponsabilidade.

A monarchia, era entregue assím, vendida, ou pela fraca defesa de uns ou pela criminosa indifferença de quantos ella collocára á frente dos logares de maior confiança.

Essa tranquillidade no momento de luctas, onde o unico corpo sinceramente batalhador, a guarda municipal, era destroçado a dynamite, justificou plenamente a censura atirada mais tarde pela imprensa monarchica, (*) sobre o chefe da majoria:

«Mas é indispensavel que o publico saiba o nome do official que desempenhava essas funcções.

«E esse official era o sr. vice almirante Cesario da Silva.

«Não seria justo que a Historia ignorasse o nome do responsavel pelo que no Arsenal se passou.

«O sr. vice almirante Cesario da Silva ha de ir para a Historia.

«E ha de ir ainda que seja pela gola do casaco.

(*) O «Correio da Manhã» de 21 de Novembro de 1910.

«Nada de modestias!... Ninguem tem o direito de recusar o seu logar na Historia.»

N'essa hora de arguições, já o almirante Cesario da Silva, adherira á republica (8 de Outubro) e vel-o-hemos reintegrado no seu cargo de major general, com o applauso mais lisongeiro da imprensa tida por demagogica.

Diziam assim esses louvores:

«O sr. ministro da marinha communicou hontem ao sr almirante Cesario da Silva, o despacho indeferindo o requerimento, por natural escrupulo, em que o mesmo oficial pediu a sua demissão de major general da àrmada. Foi uma excepcional mas justa homenagem a que recebeu o sr. Cesario da Silva, que exercia aquelle logar dentro do antigo regimen, leal e honestamente, sem se prestar nunca a ser instrumento de perseguições O almirante Cesario, sendo disciplinador, é ao mesmo tempo sinceramente estimado por toda a corporação da armada, por que é um espirito recto e bondoso. A sua adhesão á Republica é das que se pódem considerar sinceras e firmes O sr. almirante Cesario da Silva timbrou sempre em cumprir o seu dever e em servir o seu paiz. Dentro da Republica pode e ha de prestar melhores serviços do que os que prestou dentro do regimen morto. Pelos seus sentimentos acentuadamente liberaes, pelo seu amor ao progresso e pela sua bondade está bem dentro de instituições que querem formar uma sociedade disciplinada mas inspirada por principios de justiça e de humanidade. O «Mundo» tem grande satisfação em registar a homenagem que o governo da Republica prestou ao sr. José Cesario da Silva, uma homenagem que, honrando o considerado oficial, honra tambem aquelles que teem a missão de organizar o novo estado de coisas.» (*)

Não ignoravam os republicanos, a orientação politica do oficial collocado pela monarchia no cargo elevado de major general da armada, e mais tarde veremos acclarada um pouco, por depoimento do almirante Hermenegildo de Brito Capello,

(*) «O Mundo», de 9 de Outubro de 1910.

essa attitude de Cesario da Silva, de facto procurando arredar-se da engrenagem palatina: (*)

« — Eu não sei se o major-general sr. Cesario da Silva tinha ligações com os revolucionarios. Não entendo. Eu nunca notei n'elle senão que, sendo ajudante d'El-Rei, mostrava certa reluctancia em jantar no Paço. N'aquelles jantares officiaes a entidades estrangeiras, para que são convidados os ajudantes, percebi que elle não gostava de ir jantar ao Paço. Quanta surpreza, quanta surpresa!....

«O venerando official ia a pouco e pouco caindo n'uma melancolia cada vez mais profunda e que exprimia assim:

«Parece que está dessorada esta raça!...»

Assim, do admirar, em absoluto, não é esse inaudito mas tranquillo almoço da manhã de revolta na majoria general da armada, olhando o rio, onde os navios evolucionando effectuavam o bombardeamento do palacio real.

Já haviam sahido para reforço á escola de Valle de Zebro, onde se achava detido o tenente revolucionario João Fiel Stokler os commandantes dos torpedeiros 3 e 4, Vieira de Mattos e Nunes Ribeiro, assim como os tenentes Almeida Henriques, Frederico Pinheiro Chagas e Fernando Augusto Pereira da Silva, que a bordo do «Pero de Alemquer», iam assistir á quasi pacifica entrega da escola de torpedos.

Chegando ao arsenal o tenente Sampaio e Mello, que residia em Cascaes, fez sciente, os seus superiores e o representante do governo, do canhoneio contra o paço.

Duvida da informação o major general, vice-almirante José Cesario da Silva a despeito de o tenente dar como feitos já cerca de 15 tiros, emquanto outros echoavam nitidos.

Decidiam-se represalias e repressões.

Comtudo, não havia navios, nem força.

Tarde se pensára em remedear o mal.

Procurando reduzir a silencio a propria fraqueza, á mesa se foram trocando as lastimas de um perigo que tanto avançára, e a ameaçar de tal forma que o ministro da marinha pre-

---

(*) «Diario dos Vencidos», por Joaquim Leitão.=Pagina 187.

parativos de retirada ia fazendo na pressa de ingerir as vituaihas.

*

* *

Bem mais intranquillo, fôra, o proseguir do conciliabulo de S. Sebastião da Pedreira, onde enervadamente se fez a permuta de impressões terroristas, já com a assistencia de outro deputado, o director do jornal «As Novidades», João Carlos de Mello Barreto.

Quiz augmentar os receios, cerca das 11 horas da manhã, a artilharia da Rotunda.

Sabia-se ali do conluio ministerial que se presumiu daria uma excessiva repressão ao movimento.

Descobrira o cabo de artilharia 1, João Evangelista dos Santos, occupado no serviço de vedeta, as forças que guardavam a residencia presidencial.

Sonhando traições, onde existia uma inercia mais favoravel á acção do que um decidido appoio, quiz-se trazer á realidade os componentes do desalentado e ultimo gabinete da monarchia, cujo representante, alem nas Necessidades, se via abandonado de quantos, horas antes, em contumelias servis se rojavam ante elle.

Tres granadas estoiraram sobre a residencia do chefe do governo.

De principio se julgou ser a intervenção da columna envolvente.

Reconhecido falso o optimismo, enveredou-se pelo pessimismo e com o canhoneio, surgiu o convencimento de que contra a residencia «foram lançadas diversas bombas explosivas» (*)

A' desolação succedeu o medo.

A guarda evolucionou agitada.

Os ministros queriam abandonar o já perigoso asylo.

(*) Teixeira de Sousa=Para a Historia da Revolução—2.º volume. Pagina 361

O conselheiro Teixeira de Sousa, de voto contrario, dizia ser ali o mais apropriado local.

Já se não discutiam repressões.

A pessoa do rei, a monarchia, foi olvidada.

O lance é mais tragico n'esse momento, e quem cuida sequer do pobre abandonado?

Procuraram se estragos, sem recordação dos que possam existir dentro em pouco, no palacio real: uma granada entrára na cozinha, deteriorando-a.

O conselheiro Pereira dos Santos, não se recordou de que era official superior do exercito, e apenas de que tinha a cathegoria civil e não combatente de ministro das obras publicas.

O mais timorato, quedou-se a um canto, seguindo afflicto a controversia dos collegas.

Chegava a noticia de que morto ficára no acto do bombardeamento, o commandante da força da guarda municipal, que quizera effectuar um reconhecimento.

O caso relatado n'um livro da epocha, não apparece comtudo mencionado no relatorio, posthumo, do corenel Malaquias de Lemos.

Todavia, reproduzimol-o, por constar de obra de confiança. (*)

O bombardeio derrubou os ultimos preconceitos.

Já não havia hesitações.

O ministro da justiça, interpellava o presidente do conselho passando nervoso:

— Não é ao sr. Teixeira de Sousa que me dirijo. E' ao sr. presidente do conselho. V. ex.ª como chefe do governo, não tem o direito de continuar aqui, desde que a sua casa está sendo atacada!

A phrase era solemne, mas não teve o acatamento desejado embora aconselhado fosse por todos os outros.

Recorreu-se a meios extremos.

O deputado Archer da Silva, a instancias d'um dos mem-

(*) «Como se implantou a Republica em Portugal». = Notas de um revolucionario. = Pagina 98.

bros do gabinete, procurava nas salas a esposa do conselheiro Teixeira de Sousa.

E' ainda a mulher portugueza, forte e altiva, encorajada e sublime, que vem dar licções de energia n'essas horas desorientadas.

Ao ver surgir no salão, esse figura serena e imperturbavel, no meio do perigo, como que mais amesquinhado ficou o desolador aspecto do conselho masculo.

— Mas que perigo ha em continuar aqui? interrogou serenamente a esposa do chefe do governo.

— O perigo que ha, minha senhora, é podermos morrer todos aqui — respondeu o dr. Archer.

— Onde é que meu marido deve conservar-se?

— Nós entendiamos que o sr. conselheiro devia ir para o Quartel General.

— Não é isso o que eu desejo saber. O que eu perguntava é se meu marido póde ficar moralmente mal collocado por sahir d'aqui. Para a dignidade d'elle, o que tem a fazer? Ficar aqui ou ir para o Quartel General? Se é aqui que o seu dever lhe manda estar, que fique, haja o perigo que houver.

Convencida, mas sem pressas, esforçou-se então por obter essa sahida.

Do quartel general, de novo se insistia pela retirada da força da municipal, pedido feito pertinaz e inutilmente.

D'essa vez, ia ao telephone, o capitão Martins de Lima.

— Tenho a dizer a V. Ex.ª que a força que ahi está de guarda, por isso que nos faz falta, vae retirar por ordem do sr. general. . .

E do commando da divisão desligavam a communicação.

Foi esse o argumento supremo.

Convinha, para o abandono da residencia, aproveitar a estada da escolta.

O conselheiro Teixeira de Sousa condescendia e desde logo se preparou a sahia.

Aprestados foram dois automoveis.

Sem tibieza, a esposa do chefe do governo se despediu e elle partiu, com o dr. Archer da Silva, incumbido, de regresso, de

conduzir aquella senhora a casa de seu tio, na rua de Andaluz.

O automovel da alfandega, descoberto, seguiu pelo Arco do Cego mas a breve trecho os passageiros eram reconhecidos por um grupo de revoltosos.

A carreira veloz não tolerou desacatos e o vehiculo galgando pelo Matadouro, Rua D. Estephania, até ao Campo de Sant'Anna e d'ali pelas ingremes calçadas de Sant'Anna e do Garcia, ao fim da qual, ficava o largo de S. Domingos e o antigo palacio do Conde de Almada, séde da divisão militar.

A salvo o chefe do governo, o dr. Archer da Silva, seguia de novo, em automovel do ministerio da guerra, a buscar a esposa do presidente do conselho e a determinar a retirada da força da municipal, que já operára porém esse abandono de posto, pela inutil permanencia ali.

Para que nem um só pormenor passasse sem divergencia, vemos que o proprio facto — aliás minimo — da retirada da familia do presidente do conselho, de dois modos foi relatada.

Dizia o dr. Archer da Silva haver sido incumbido da missão por aquelle, (*) em quanto o conselheiro Teixeira de Sousa, relatava: (**)

«Tendo sido bombardeada a sua residencia no largo de S. Sebastião da Pedreira pelas 11 horas da manhã do dia 4 resolveu conduzir a familia para casa de seu tio na rua de Andaluz 41 a 49, onde já habitou durante cinco annos. Feito isso, dirigiu-se ao quartel general onde esteve quasi sempre, tendo d'ahi fallado duas vezes com o rei.»

Comtudo, directamente foi o presidente do governo, da sua residencia para o quartel general, onde breve se lhe juntava o ministro dos negocios estrangeiros, só, visto o da justiça, conselheiro Manuel Fratel haver ido alojar-se na casa do director das «Novidades», João de Mello Barreto.

Apparecia ainda no quartel general, o ministro das obras publicas, Pereira dos Santos.

(*) «Diario dos Vencidos», por Joaquim Leitão=Pagina 102
(**) «A Capital» de 13 de Outubro de 1910.

Longe de folgadamente se acolher os recemchegados, uma desolação se manifestou.

Estavam ali, da alta officialidade, os generaes Manuel Raphael Gorjão, commandante da divisão, e Antonio Carvalhal da Silveira Telles de Carvalho, o commandante da brigada de cavallaria com séde em Almeida o antigo governador de Timor, coronel José Celestino da Silva, o chefe de estado maior, major José Joaquim de Castro, neto do velho miguelista o tambem major José Joaquim de Castro, notavel vulto da guerra peninsular, morto perto do filho, o porta-estandarte Miguel Candido Victor de Castro, quando do ataque ao convento da Serra do Pilar em 14 de Outubro de 1832 durante a lucta fratricida entre D. Miguel e D. Pedro IV.

A' paisana, o general Antonio Julio de Sousa Machado, o coronel Seabra de Lacerda, e o tenente-coronel Garcia Guerreiro, ajudante de campo de D. Manuel II.

De mal se recebeu o apparecer dos ministros.

Era o militarismo a prever o poder civil envolvido nas suas attribuições, e folgando em mostrar uma attitude immiscivel.

*

* *

Nas estações officiaes havia não só a surpreza como uma espectativa que se poderia julgar benevolencia.

As indecisões e as fraquezas da acção tinham um tal grau excessivo, que patente ficou um evidente desejo de facilitar ao elemento revoltado uma victoria disfarçada com um simulacro de resistencia.

Os politicos, se appareciam, era para fomentar convicções de que a monarchia não era susceptivel de se levantar, quer pelo embate da revolução, quer, se a suffocasse, pelos odios com origem nos julgamentos a fazer . . .

A politica que de soalheira, se arvorára, prudentemente, em caseira, lançava boatos de que o rei, a creança collocada no throno ensanguentado pelo primeiro de Fevereiro de 1908, não

deixaria de se collocar na rua á frente d'uma brigada . . . devia dar ordens, como chefe do exercito, ao quartel general.

Singular espectaculo presencearia, se a alma de Nun'Alvares integrando-se na sua, o tivesse feito arremessar para as salas da divisão militar . . .

Era o cahos.

Era o cancro do desnorteamento, interno a integrar-se no cancro da sedição externa.

Era a revolução mental d'uns convictos vencidos, a caldear-se na perturbação d'uns presumiveis derrotados.

De tudo, brotaria o estygma, marcando com o *h* de heroes os esperados vencidos de todo o momento e com o *t* de transigentes, os que immerecidamente tiveram nas mãos flebeis, os pontos unionistas de uma victoria sem custo se boa vontade houvera a um renascimento do prestigio de uma monarchia, se bemquista fôra.

Perdida causa não attrahe advocacia famosa.

A corôa crivada pelas settas dos seus partidarios, quasi tanto como pelas dos seus legitimos e logicos adversarios, só era de esperança para poucos e merecedora de logar na alma, por uns raros.

Se D. Manuel II, n'essas horas de arroubamento em crenças fidelistas, de longada tivesse vindo das Necessidades ao Rocio derrubando obstaculos, desprezando bombas e granadas, e procurando arrebanhar o troço preclaro dos seus altos vassallos das horas felizes, dos christaes reluzentes, das paradas em festivos dias e das acclamações em cortejos de gala, veria, apoz si, a solidão dos amargos transes.

No quartel general, soerguer-se lhe-ia, um quadro phantastico não descriptivo de uma evocação de Kebir, com o «morramos, mas devagar», mas assignalador de um pesadello e com a re lembrança do axioma popular de que «pardal sem trigo zan ga-se até comsigo! . . . »

Houve uma troca de papeis.

Na occasião de pôr na rua os regimentos, os officiaes estavam calmos, emquanto os civis se mantinham desorientados.

Ao avanço da revolta, os elementos que a faziam, assumiam

uma attitude ponderada, disposta a todos os sacrificios, emquanto os militares se deixavam inocular do germen pernicioso do desnorteamento.

O governo foi levar um augumento de indecisões e de má disposição.

Os telephones retiniam para informes familiares sobre a situação do gabinete.

Estabeleciam-se rivalidades entre civis e militares.

Ouçamos porém a descripção da situação ministerial: (*)

«Era cerca das duas horas da tarde. O chefe do estado maior dava repetidas ordens a diversos telephones, mas tudo traduzindo uma lastimavel confusão. Os ministros eram olhados e tratados como pessoas estranhas a tudo quanto se passava. Apenas o general Gorjão e o coronel Seabra de Lacerda me expuzeram repetidas vezes a sua convicção de que o movimento revolucionario seria dominado. Este official diversas vezes deu á rainha D. Amelia, para Cintra, pelo telephone, essas optimistas informações. Era natural que os ministros desejassem inteirar-se da situação e mostrassem a sua estranheza ao verem que o regimen se afundava e se perdia. Se se lembrava que o commandante da divisão devia unir diversas forças e dirigir elle a acção respondia-se que o general não devia fazer tal. Quando o coronel Celestino da Silva pedia um commando, respondia-se que era estranho á divisão. Se se perguntava o motivo por que o general Sousa Machado não saía da inação em que se encontrava para tomar um commando, respondia-se que elle estava n'uma commissão de serviço e que por isso não devia ser utilisado. Se se mostrava a conveniencia de reunir a municipal, de um novo commandante ser encarregado do commando da 1.ª brigada de infantaria que estava junto das Necessidades e que não obedecia á ordem da divisão para ir para o Rocio, se se perguntava pela guarda fiscal ou ainda pelo que se poderia fazer no campo entrincheirado, a resposta era sempre incompleta e confusa.»

O governo procurou fazer trabalho, na séde da divisão,

(*) «Para a Historia da Revolução» por Teixeira de Sousa = 2.° volume, paginas 455.

quando o não fizera durante a reunião do respectivo conselho de ministros.

D'ahi as mutuas accusações.

O militarismo, representado pelo capitão Martins de Lima, exprimiria depois assim as suas queixas: (*)

«Se o sr. Teixeira de Sousa deu essa ordem, isso prova a desorientação e o nocivo obstruccionismo que foi a estada do ministerio no Quartel General, com as suas sentenças. Cada um dava a sua ideia, e cada ideia era um disparate. Não imagina o que nós passámos no Quartel General desde que o ministerio se foi lá installar!»

O civilismo, representado pelo dr. Archer e Silva, retorquiu de fórma identica:

«Essa pagina do quartel general era de fazer endoidecer quem, como eu, não tinha responsabilidade dos factos. O governo não tinha noticias do que se estava passando. Os officiaes não queriam sahir. Os que pediam commandos, os mais arriscados, como o coronel Celestino, o governador de Timor, eram recusados. Os outros diziam que tinham tempo, que iam dar providencias e não fizeram nada.»

A arguição justificou um desmentido, (**) na parte relativa aos officiaes, pelo capitão Martins de Lima:

«Li algures que os officiaes do Quartel General se recusavam a sahir para a rua, e a levar ordens. E' uma falsidade de tal calibre que não me dei ao trabalho de a contestar. Os officiaes que lá havia eram poucos, mas alguns d'elles desempenhavam missões muito arriscadas. Citarei, por exemplo, o Marquez de Bellas, tenente de cavallaria, e o alferes de engenharia D. José Castello Branco, que foram disfarçados e a pé até á Povoa, porque se fôssem a cavallo ou de automovel não conseguiriam passar. Foram para conduzir artilharia 3, que vinha de Santarem, e vêr se a ponte de Sacavem estava cortada, verificando que essa ponte precisava apenas de reparações faceis de fazer. E tanto o Marquez de Bellas, como o tenente de cavallaria Piçarra,

(*) «Diario dos Vencidos» pagina 113.
(**) «Diario dos Vencidos» pagina 109.

e o de artilharia Fernandes Thomaz, e o tenente do Estado Maior sahiram muitissimas outras vezes de automovel e a cavallo, pelas ruas da cidade, para fazerem reconhecimentos ao Alto da Avenida, ao Terreiro do Paço, a S. Pedro de Alcantara e a outros pontos, a levar ordens, debaixo de fogo, sendo algumas vezes atacados nas ruas por populares.»

Para inicio ás dissensões entre os dois poderes, o do governo e o do exercito, este aliás investido já no supremo mando de toda a acção a oppôr aos elementos sediciosos, surgiram desde logo apostrophes, pelos ministros ácêrca da orientação militar.

A parte do gabinete trasplantada para o quartel general, e sem ver compromettida por inutil, a attitude do conselho de S. Sebastião da Pedreira, fomentou as primeiras discordias, trazendo a um pelourinho de inercia os três generaes ali existentes, Raphael Gorjão, Antonio Julio de Sousa Machado e Antonio Carvalhal da Silveira Telles de Carvalho.

Houve a estranheza, colerica, de que não tivessem assumido já o commando de uma envolvente formidavel aos rebeldes.

Era justa a arguição, mas o nucleo militar, embora reconhecendo o erro e tanto que o reparou, constituindo desde logo uma columna destinada a exercer serviço no alto da Penitenciaria, e cujos movimentos inexplicaveis iremos em breve descrever—ao nucleo civil deu o peso do seu anathema, como revindicta da improductiva obra do ministerial conselho, querendo d'ali dictar magnas providencias.

Ganha por esse lado a partida, mas já sem o leal appoio da militança despirtada, o gabinete ouviu e trocou de novo impressões.

Houve uma lembrança para o campo entrincheirado, então do commando do general Elvas Cardeira.

De instante passou, reconhecido que a sua estructura obedecia a repellir invasões e não a reprimir sedições internas.

A sua esphera de ataque só podia abranger os navios quando fóra da barra, pelas baterias Rainha D. Amelia, Rainha D. Maria Pia, Duque de Bragança, Raposeira e S. Gonçalo, pois as da Ameixoeira e Sacavem, apenas varreriam o valle que as defrontava.

Já em 1906 se premeditára dispôr as baterias da margem norte do Tejo, de fórma a poderem exercer dupla acção, interna e externa, com origem na revolta dos marinheiros, em 9 d'Abril d'esse anno.

O projecto, não executado, trouxe a inutilidade da occupação dos serviços do campo entrincheirado, logo olvidado, para só mais tarde se lhe formularem accusações de adherencia, nascidas do prompto voto de fidelidade ás instituições novas, pelo general Elvas Cardeira, como representante do diminuto numero de praças das baterias da costa.

N'uma necessidade de produzir trabalho, o chefe do governo fazia expedir do quartel general, ás 2 horas e 15 minutos da tarde, diversos despachos telegraphicos.

Para Evora dizia:

«Ao commandante de cacadores 1 — Urgente mande batalhão deve vir para Lisboa com maxima urgencia.»

Mandados apromptar eram ainda cavallaria 5 e o grupo de artilharia.

Outros se expediram ainda.

«Ao commandante militar de Abrantes — Mande marchar immediatamente Lisboa, comboyo especial duas baterias grupo montado juntamente com caçadores 1 forças desembarcam Olivaes seguem estrada Sacavem.»

Por inepcia ou calculo se fizeram transitar esses telegrammas não cifrados e, ainda que pudessem chegar ao seu destino em virtude de receios de comprometimento pelos telegraphistas, iam fornecer aos revoltosos elementos sobre o caminho a percorrer pelas forças, que assim podiam encontrar no trajecto os grupos dizimadores pertencentes á C∴ P∴

Pelas linha Lisboa-Evora Casa-Branca-Biscainha-Alcacer foram mandadas avançar cavallaria 5 e artilharia 3 de Evora e cavallaria 3, de Extremoz.

Esses despachos, um dos quaes, o destinado a Abrantes, fôra transmittido de facto pelo proprio chefe do grupo carbonario dos telegraphos Annibal Lameiras, (*) eram sustados na esta-

(*) Conta o facto Celestino Steffanina, a paginas 10 do seu opusculo Subsidios para a Historia da Revolução.

ção eborense pelos telegraphistas Manuel Vidal e José Augusto do Rosario, que ali os perceberam ás 10 horas e 26 minutos da noite de 4.

Todavia, e pela influencia do quartel general do Porto, de onde se espalharam telegrammas para os corpos da provincia, de prevenção ficaram infantaria 8, no quartel do Populo, em Braga; artilharia 5 e infantaria 3 em Vianna do Castello, caçadores 3 em Valença.

Intervindo directamente nos serviços militares, o governo fallou na substituição do coronel Brito e Abreu, no commando das forças da guarda ás Necessidades.

A resposta foi equivoca.

Abordando o facto de se recusar um commando ao coronel Celestino da Silva, o pretexto de que era extranho á divisão, como chefe de brigada de cavallaria em Almeida, verberou-o.

Extranha attitude, a do commando superior militar, como se para a defeza do regimen podesse haver distincções, não fosse tudo exercito, apto a servir o rei.

Tanto mais singular era, quanto pelo telephone se conheciam as constantes adhesões á revolta, as tentativas firmes da rebeldia, com tomadia de todo o bairro de Alcantara, o appoio dos navios, a posse de Beirollas.

Do gabinete apenas o ministro das obras publicas, a despeito de ser official do exercito, se não permittia dar alvitres.

A um canto, silencioso, talvez pensasse no lance do conselho em S. Sebastião da Pedreira, onde nada de util se propuzera, para de seguida se patentear no commando militar, uma larga e então irrisoria effervescencia de ideias repressoras.

O elemento official abriu scisão com o civil.

Evocou-se a conveniencia da entrega de toda a acção ao poder militar.

Na falta do promettido decreto promulgando as leis marciaes e o estado de sitio exigido foi ao poder civil uma expressa ordem d'esse genero, dada em officio immediato.

Não obstante, reconheceu-se de obstaculo a assistencia ministerial ao evidente desasocego dos agaloados.

O commandante da divisão, fazia ouvir junto do capitão

Martins de Lima, seu ajudante, a affirmativa de que o governo constituia um embaraço, por, com as insinuações, orientar uma pessima disciplina.

De constante clamava a urgencia de um ataque á Rotunda, subindo a Avenida.

Era expôr as forças á chacina, pois antes se impunha uma envolvente.

Indicava a conveniencia de que o general Gorjão devia collocar-se na rua, á frente das tropas.

Era liquidar o chefe supremo da defeza, que, se ordens energicas não deu, não deixava por isso de occupar o verdadeiro logar: o quartel general.

N'essas alturas, o capitão Martins de Lima, suggeriu uma medida grave, ou fosse a prisão dos ministros e seus companheiros, n'uma sala separada das repartições do serviço e fazendo guardar estas por sentinellas, para que no aposento onde se deliberava só entrasse quem de direito:

«O general lastimava-se de ter ali aquelles intrusos e seus acolytos que punham o quartel general n'uma confusão de endoidecer. O unico bom de aturar era o conselheiro Pereira dos Santos. Esse não abria a bocca. Sentou-se a um canto e ali ficou. Então eu propuz ao meu general: convidal-os a passar todos para uma sala contigua á do general e depois de os apanhar lá pôr-lhes sentinellas á porta que communicava com o gabinete do general, deixando-lhes livre a communicação com a rua, convencido, e muito a pesar meu, que elles a não utilisariam. O general achou forte de mais e eu n'essa occasião achei o meu general fraco.

« — Mas para essa sala queria convidar tambem o Ministro da Guerra?

« — Todos. E hoje estou bem arrependido de não insistir até o general acceitar o meu alvitre de prender os ministros. Afinal, quem fez a Republica foram elles.» (*)

Era um golpe de estado, e demais, excessivo.

(*) Joaquim Leitão.=O «Diario dos Vencidos» —Subsidios para a Historia da Revolução, de 5 de Outubro=Pagina 122.

O general Gorjão não sanccionou o projecto e deliberava-se que, confiada a cidade á jurisdicção militar, o foro ministerial baixára de prerogativas.

O quartel general proclamava a autonomia, e votava á indifferença os alvitres do gabinete.

A realeza não ganhou nem perdeu mais com a attitude.

O germen evolutivo é que ganhára forças, se victalisára poderosamente.

Com o governo aconselhando, ou collocando á margem o governo, a roda-viva dos desorientados proseguiu, manejada ironicamente pelos que, n'um simulacro de auxilio á dynastia de facto a impulsionavam para o abysmo.

V

No quartel de marinheiros. — Arranjando mantimentos. = Prisão do commandante de artilharia 1.=Os emissarios dos navios.=Decide se a posse do «S Raphael». = Novas esperanças =A attitude de caçadores 2 e infantaria 1.=Projectos de bombardeamento do quartel de marinheiros =A contra-ordem.=Uma creança heroe. =De perigo em perigo.

Voltemos á acção da marinha, que de novo desempenhava papel importante.

Comecemos pelo quartel de marinheiros.

Ao içar das bandeiras nos dois navios insurrecionados correspondeu o arvorar do pavilhão revolucionario no mastro da parada.

Desenhavam-se nos rostos os vestigios indeleveis d'essa mal passada noite.

Ao turbilhão dos decorridos successos, cheios de emotividades, repletos de surprezas, succedera a nitida presciencia das assumidas responsabilidades.

Se havia, comtudo, um quasi isolamento, raros desfallecimentos se notavam, a despeito das muitas baixas.

Questão de vida ou de morte, o povo desprezava a primeira, para seguir o seu caminho de ensinado odio á realeza.

Para isso se reuniram negociantes, soldados, marinheiros, guarda-freios, estudantes, operarios, n'uma notavel promiscuidade.

A situação, avaliada, não era de jubilo.

Um cerco, que se não sabia apparente; os vasos de guerra, adherentes, mas em ignoradas condições de auxilio a Alcantara,

o absoluto desconhecimento da posição dos restantes nucleos combatentes.

As primeiras claridades, deixando aperceber no seu despreocupado aspecto a soldadesca, presumivel contraria, patenteou, de seguro, a derrocada da marcha sobre as Necessidades pela força de artilharia que a seu cargo tinha o lance.

Alguns dos officiaes, haviam sido vencidos pela inacção forçada, mercê da espectativa dos que, longe de atacar, pareciam esperar assaltos.

Emquanto um medico naval se atirava soffrego a um negro pão de munição, o 2.º tenente José Carlos da Maia, alquebrado, atirára-se para um banco, onde o somno o colheu, como necessario interregno ao despertar na senda das desesperanças.

Vejamol-o descrever ligeiro essas horas de amarga espectativa:

«Impressão predominante?... Sei lá! Que estava com muito somno... Que cheguei a dormitar ali, em cima d'aquelle banco, com a cabeça nas pernas d'um marinheiro... Accordei... Estava a nascer o sol. Olhei os montes da Trafaria... Lembrei-me de minha mãe... A agua vasava com força... O cruzador brasileiro estava em frente de Cacilhas. Em caso de derrota e ella, então, n'esse momento, parecia-me fatal, parecia-me irremediavel, não haveria meio de o alcançar... Olhei os montes da Trafaria, banhados de sol, onde estava a minha velhinha... de repente começou do rio o bombardeamento das Necessidades... Prompto... Agora tinhamol-as travadas... Nasceu-me a esperança e nunca mais a perdi.» (*)

Não teve todavia a massa anonyma dos deffensores do quartel esses tetricos pensamentos.

Crentes na reivindicação dos seus desejos, sonhando sempre victorias, mais cuidaram de se precaver do que se deixaram penetrar das nevroses intensas dos receios.

Reaffirmavam o voto de tenaz resistencia a despeito de sabidas difficuldades de numero e da manutenção, por escassez de mantimentos.

(*) «O Intransigente de 5 Outubro de 1911.

Isso forçou, mais tarde, ao assalto de duas desprevenidas carroças da administração militar entrando então no quartel, pela tomadia, cervejas, cabritos vivos, pão, gazosas, café e outros generos, destinados antes ás forças que deffendiam as Necessidades.

Não deixou de surprehender o facto, levado aos limites de uma tactica singular, desde que o quartel general conhecia o estado de sitio de Alcantara.

Disseram-se voluntariamente enviadas pela Nova Companhia Nacional de Moagens, tres carroças com arroz, massas e bolachas, mas a cedencia obtida foi por intervenção das forças revoltosas.

Por seu turno o serviço attento das vedetas pronunciou-se de largo alcance, registando todos os movimentos das tropas que formavam, simulando um embaraço á marcha sobre o palacio real.

Disposta estava infantaria 1 ao longo das cancellas da linha ferrea em Alcantara, seguindo até á rua da Costa.

Fronteiro ao paço e contornando a ala esquerda, caçadores 2 a que se reuniria depois o resto de infantaria 16.

Na calçada das Necessidades, uma companhia de infantaria da guarda municipal.

Parte de cavallaria 4, evolucionava.

Recebida era a adhesão de Carlos da Silva Rocha, desejoso de revindicta aos 9 annos de deportação militar em que fôra condemnado, como fazendo parte da revolta a bordo do cruzador «Vasco da Gama», em 13 de Abril de 1906, e sem que recordado estivesse da amnistia decretada por D. Manuel II em 12 de Fevereiro de 1908, abandonára o trabalho no vapor «Cabo Verde», para de novo offerecer os seus serviços á causa da republica.

Affirmando-se soberana e conscienciosa, esquivava-se a revolta a violencias inuteis.

O capitão de fragata, Sebastião Maria Pinto Garcez, procurou entrar no quartel.

As praças não o permittindo, convidaram-no a adherir, e ante a negativa, vendo que o official sendo da armada, escassa

contraria, a acção podia realisar, pelo estado de alma da marinhagem, fizeram-lhe a intimação simples de retirada.

Mas houve detenções, por medida cauta, visando em especial os agaloados do exercito, pela indecisa attitude d'este.

Assim, cahiu na apertada rede de vigilancia dos rebeldes, o coronel Jayme Leitão de Castro, commandante de artilharia 1, aprisionado de manhã em Alcantara, quando ali passava n'um semi-desconhecer dos factos da madrugada.

Leitão de Castro, fôra, quando capitão de artilharia 1, commandar uma bateria que de Lisboa seguiu para debellar a revolta do Porto em 31 de Janeiro de 1891.

Encontrou-a já vencida e nada fez.

Dezenove annos decorridos, eram os republicanos que o detinham, para dar a impressão de um desmentido a boatos de uma connivencia aos designios da democracia.

Houve-a, comtudo, embora nem de todos os revoltosos de 1910 conhecida fosse.

A dezenove annos de distancia da fracassada proclamação republicana de 1891, o combatente d'aquellas horas contra a democracia, pela realeza, enveredava pela republica contra a corôa, e cedendo ás instancias do almirante Candido dos Reis, feitas em uma reunião no Bussaco, firmara o facto de não hostilisar a revolta anti-dynastica, affastando-se do regimento no momento da sedicão.

Já na tarde de 3, apoz o suicidio do coronel Adelino Maia, se trocou este nome pelo do coronel Leitão de Castro, ligando-o a responsabilidades revolucionarias.

A não comparencia no quartel, á ordenada prevenção, ficando artilharia entregue ás ordens do major José de Oliveira Duque, registando uma alliança á revolta, trouxe uma justificação aos boatos que a citavam e mais tarde definidos assim (*) no orgão jornalistico da direcção de Machado Santos:

«Encontra-se preso este official general do nosso exercito que ha cerca de dois annos vinha sendo apontado como o chefe militar do movimento realista em Lisboa.

(*) «O Intransigente» de 28 de Outubro de 1913.

«Para que se saiba como se tem feito politica de inutilisação d'homens, provocando sobre elles o odio da opinião publica para servir o partidarismo, vem a talhe de foice declarar que quando se começou a falar na cumplicidade do general Leitão de Castro com os conspiradores monarchicos, propositadamente se confundia o seu nome com o do nosso illustre amigo sr. general Pimenta de Castro para fazer o jogo da «Joven Turquia».

«Não temos nenhum dado que nos garanta ser o official preso um conspirador monarchico; mas o que podemos affirmar é que sendo s. ex.ª commandante do regimento de artilharia n.º 1 e gosando da fama de muito liberal, o saudoso almirante Candido dos Reis nos disse que o procurára no Bussaco e que lhe arrancára a promessa de não hostilisar o movimento republicano. Foi devido a esse encontro que na noite de 3: 4 de outubro de 1910 o regimento de artilharia n.º 1, estando de prevenção, encontrava-se sob as ordens do então major sr. Josue d'Oliveira Duque.

«Pensar a gente no enthusiasmo que houve para a mudança do regimen, e vêr o que se está vendo actualmente... que tristeza faz!»

Esclareçamos o incidente, embora á ligeira.

Jayme de Castro, detido do quartel de marinheiros, pela ignorancia da sua adherencia especial á revolta, victoriosa ella, regressava á liberdade, sendo transferido pela ordem do exercito n.º 2 da 2.ª série, publicada em 13 de Outubro de 1910, para o regimento de artilharia 3, indo para artilharia 1, o coronel Nobre da Veiga.

Mais tarde, cabendo-lhe a promoção a general, era-lhe confiado ainda o cargo de 2.º commandante da escola de guerra, antiga Escola do Exercito.

A's incursões monarchicas teve o nome citado como seu adepto, e pela tentativa, mallograda, de 21 de Outubro de 1913, era detido dois dias depois, não sem aggressão na rua pelos grupos carbonarios denominados de «Defeza da Republica», não perdoando ao connivente do trama democrata de 1910, o regresso, tres annos ávante, ás doutrinas realistas de 1891.

Apoz clausura voltava á vida livre, mas não sem que amarga fosse a decorrida forçadamente no castello de S. Jorge.

Retrocedamos de novo aos successos da manhã de 4 de Outubro em Alcantara.

Entre as effectuadas detenções, chegavam ao quartel da armada, novas dos navios, trazidas pelos revolucionarios Julio Victorino dos Santos, José Joaquim da Costa e Josué Carlos Muñoz.

O apparecimento d'esse grupo civil trouxe desasocegos.

Eram sete horas.

Reconhecidos, quizeram dar-lhes armas.

Recusaram, visto estarem municiados.

Eram simples emissarios.

Os navios, votados a um esquecimento grave, reclamavam vistas attenciosas, para que se não convertessem em realidades as constantes visões de derrota.

A situação já fôra tambem exposta pelo revolucionario Estevão Pimentel, que estivera no «Adamastor».

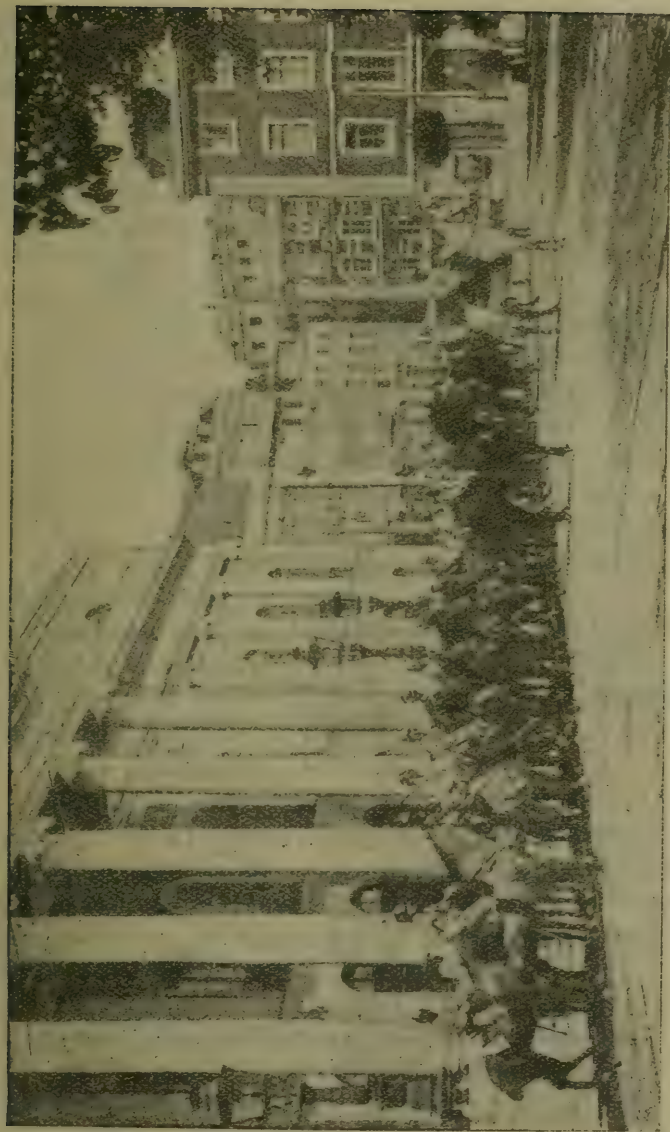
Levados os novos participantes á presença do 1.º tenente Antonio Ladislau Parreira, ali faziam o relate summario dos successos da madrugada nos cruzadores.

Desempenhavam-se da missão alta, communicando um pedido do 1.º tenente João Mendes Cabeçadas Junior, para que se effectuasse a remessa de officiaes, destinados a auxilial-o, e a assumir o commando do «S. Raphael» confiado a simples praças de marinha.

Na parada mesmo se reuniu o conselho de officiaes, composto pelos tenentes Annibal de Sousa Dias, José Carlos da Maia, Tito Augusto de Moraes e Antonio Ladislau Parreira, chefe da defeza do quartel, não assistindo o commissario naval Costa Gomes, pela conveniencia de não abandonar o seu posto.

Parreira, pouco poderia valer á situação.

Era diminuta a officialidade adherente e o quartel a todo o instante esperava um assalto.

De momento e para que a posição do «S. Raphael» se não tornasse insustentavel, apenas a esse cruzador se ligavam attenções.

A REVOLUÇÃO EM LISBOA

(A Guarda Municipal junto ao antigo theatro de D. Maria II)

Encarregado era, por voto proprio, o 2.º tenente Tito Augusto de Moraes, de, passando pelo «Adamastor» se informar da attitude verdadeira do outro navio e, conforme as circumstancias proceder.

Ante possibilidade de manter a bordo o movimento iniciado, devia seguir para o cruzador, auxiliado por praças que sollicitaria ao tenente Mendes Cabeçadas.

Desempenhada essa missão, restava-lhe fazer conduzir os dois cruzadores para defronte do quartel, afim de desembarcar a gente disponivel e material preciso.

Para reforço aos tres emissarios se apresentaram, armados de espingarda e terçado e com as cartucheiras repletas, os revolucionarios Adolpho Rodrigues e Antonio Faria, metallurgicos.

Tito Augusto de Moraes, com os civis por escolta, sahiu pelo lado do Aterro, onde o vapor «Izaura», da Parceria dos Vapores Lisbonenses, serviu para o projecto a effectuar.

Tido era o quartel como sublevado mas não obstante, sahiu o grupo sem embargos, como transitou para o barco que sem elles aos navios os conduziu.

As novas sobre os cruzadores, animo melhor deram aos rebeldes de Alcantara.

Entretanto viram os insurgentes avançar uma massa de cavalleiros, precedidos de sete.

Uma descarga lhes tolheu o passo.

Os que á frente vinham, porém, indifferentes ás balas, e gritando «Viva a Republica!» a galope entravam na linha de defesa.

Adheriam assim á causa democratica, os cabos de cavallaria 4, Manuel Marques Pimenta, Luiz Cordeiro, José de Campos Monteiro e os soldados João Martha, Antonio Filippe Morgado, Joaquim Custodio e José Manuel.

Perseguia-os o capitão Silva do seu esquadrão, acclamando como elles a Republica, para disfarce á investida.

Ao fracasso, á escapada dos soldados, agitava furioso a espada e retrocedia, victoriando febril:

— Viva a Monarchia! . .

O successo assumiu proporções gigantescas, e a imprensa do governo, «O Imparcial», como se quizesse levar tambem ao

campo revoltoso, o effeito moral d'uma victoria,—ainda não ganha—fazia circular o boato, transformando em regimento, as sete praças do 4 de cavallaria:

«O regimento de cavallaria 4, que estava postado em Belem, adheriu aos revoltosos, entrando para o Quartel dos Marinheiros, e estas duas forças combinadas, diz-se, marcham sobre o centro da cidade, afim de envolver por um lado as tropas que estão no Rocio, sobre as quaes marcha, á hora a que escrevemos —2 horas da tarde—tambem a infantaria 16 e a artilharia 1. As granadas veem rebentar na Praça dos Restauradores. Ao mesmo tempo, as forças que estão postadas, com as respectivas metralhadoras, na Praça, tocam a reunir.».

Rebates houve de vigoroso assalto e não poupavam pormenores os recemvindos, emquanto a metralhadora era assestada no lado esquerdo do quartel, em direcção ao palacio das Necessidades.

As vedetas, colhiam, cautellosamente, por falta de conhecimento, o emissario da Rotunda.

Chegou o revolucionario Joaquim Augusto Pinto de Lima, que, descendo a Avenida e attravessando as ruas principaes sem entraves, conseguira voltar a Alcantara, entregando ao 1.º tenente Antonio Ladislau Parreira, um autographo do então commandante das forças da Rotunda, descrevendo singelamente, a situação:

«Estou na Rotunda com os regimentos de infantaria 16 e artilharia 1, completos. — Sá Cardoso.»

Não deu nota exacta da desorganisada attitude que presenciára.

Callou até intimas convicções de um mau fim da aventura nascidas do aspecto desanimado do acampamento.

Outro enviado derrubou os preconceitos.

O dr. José Malva do Valle, chegando cerca do meio dia, com Celestino Steffanina, lançou no quartel uma visão de terror, espalhando a extranha contingencia do quasi abandono reducto da Avenida.

Não obedeceu isso a um influxo de medo, mas de condemnação a quantos se não mantinham firmes e mais tarde veremos

de novo, o dr. Malva do Valle, assistindo na Rotunda, intemerato e responsavel, ao combate com as baterias de Queluz.

Escutado o desenrolar do aspecto interior da modesta barricada da Praça Marquez de Pombal, convencionou-se o segredo.

Se lá, como ali, havia o cerco, para que alarmes só prejudiciaes?

Ignorava-se comtudo que do mero espectaculo, com raras excepções, era essa conjuncção de forças rodeantes da Rotunda e de Alcantara.

Convinha antes, pensou o tenente Parreira, uma juncção de forças, para menos quebranto de coragem dos combatentes.

Infantaria 1, assumia o aspecto simples d'um anteparo enygmatico á marcha dos rebeldes.

Paciente deante d'esse obstaculo fragil que era o quartel de marinheiros, nas primeiras horas insufficientemente municiado, manietada teve a acção de avanço.

Esse apresentado scenario da Rotunda, se de todo não perturbou, deu origem a alguns desanimos.

A elles se seguiram sobresaltos.

Tiveram base effectiva em communicação de um sargento de marinha, que, como delegado forçado do commandante das forças deffensoras das Necessidades, declinava a intimação para o quartel se render no praso de um quarto de hora, sob ameaça de canhoneio, findos esses quinze minutos.

O emissario era mandado armar e formar na frente da linha de fogo, como suspeito, emquanto mais activa vigilancia se determinava, n'uma anciedade que só abrandou, quando do «S. Raphael» se fez o desembarque de uma metralhadora e munições e o tenente Tito de Moraes, de regresso, trouxe mais animantes informes sobre os navios, assegurando contar-se com poderoso auxilio, logo communicado a todos.

Para que completo não fosse o jubilo não tardaria a saber-se certo facto succedido com os revolucionarios Jayme Teixeira e Mario Malheiros, de volta da Rotunda.

Perto do arsenal haviam sido detidos por um official da armada, que, embora citado fosse como monarchico, sustentou com Jayme Teixeira, o dialogo seguinte:

— E' revolucionario?

— Sou.

— Dê-me a sua palavra de honra!

— Juro-lhe pela minha honra!

O official, delegou então n'elle o encargo de ir ou mandar a bordo dos navios revoltados avisar a expedição de uma ordem para Valle de Zebro, determinando a sahida dos torpedeiros incumbidos de metter no fundo os navios.

O caso, citado como partindo não de um republicano, mas d'alguem desejoso de ser humanitario, poderia constituir um ardil de guerra, tendente a semear terrores.

Recebido foi pois como prevenção, mas sem contingencias de alarme grave.

N'essas circumstancias, o appoio pelos cruzadores, impulsionou o jubilo natural e do incentivo nasceram mais temeridades.

Assim se esperou o annunciado bombardeio, na ignorancia de que n'um beneficio á revolução, de lado fôra posto e com incidentes singulares.

Mandada avançar até Alcantara a bateria de Queluz, determinou-se, com um predicto appoio de infantaria 1, o bombardeio do quartel de marinheiros.

O regimento principiou por sollicitar de caçadores 2, uma metralhadora.

O tenente-coronel de cacadores 2, André Joaquim Bastos recusava-a, allegando-a necessaria, quando aliás alli se tornou inutil.

A resposta, trazida pelo tenente de cavallaria da guarda municipal, Raul de Menezes, ao commandante de infantaria 1, coronel José Jayme de Sousa Marques, trouxe censuras.

Comtudo, aprestaram-se os contingentes para esse assalto.

Fallou-se no movimento conjunto com algumas das forças do palacio, onde se agglomerava quasi toda a guarnição de Lisboa, como o resto se dispunha em defeza do quartel general, onde o governo estava.

Junto ás Necessidades, estavam 114 praças de infantaria 2, 100 praças de infantaria 1, 150 de infantaria 16, 1 pelotão de

lanceiros 2, com 6 metralhadoras, a 6.ª companhia e o 3.º esquadrão da guarda municipal, n'um activo superior a 800 homens.

Reteve-se junto ao palacio essa força relativamente grande, que, excepção da municipal, assistia impassivel ao tiroteio, assumindo apenas as funcções, inuteis e representativas, de interceptadora da approximação á régia residencia.

As forças do exercito ali collocadas, desde as 10 horas da manhã sob o commando do coronel Bernardo Antonio Brito e Abreu, é certo que n'outros pontos de nada serviriam egualmente e estando-lhe confiada a guarda do paço, raros tiros dispararam.

A revolução estava ali representada pelo commandante de caçadores 2, o tenente-coronel André Bastos, e os outros officiaes, o coronel Marques, á frente de infantaria 1, o tenente-coronel de infantaria 16, e o tenente Luiz da Cunha Menezes, á frente de lanceiros, mantinham a attitude indecisa, aliás mais favoravel á revolta do que á realeza.

Para que duvidas não restassem sobre caçadores, os proprios officiaes viriam definir (*) e patentear a orientação de manifesta contrariedade ao regimen que para defeza sua ali collocára o regimento.

«Constando do relatorio apresentado pelo 1.º tenente da armada sr. Ladislau Parreira, transcripto n'um dos jornaes de Lisboa, que, por vezes, os revoltosos do corpo de marinheiros, bem como o quartel, estiveram debaixo de um «intenso fogo» das metralhadoras do batalhão de caçadores 2, estacionado no largo das Necessidades e immediações, durante a revolução, entendem os officiaes do dito batalhão virem declarar publicamente haver equivoco d'aquelle official, ou ainda s. ex.ª estar mal informado, não sendo portanto acceitavel tal informação. Apenas n'uma das metralhadoras, das collocadas junto do gradeamento fronteiro á casa da guarda do palacio, se consumiram uns 60 tiros com pontarias baixa, e que muito damnificaram... as pedras da calçada. E se alguma duvida d'isto res-

---

(*) «O Seculo» de 7 de Novembro de 1910.

tar, confira-se a carga dos cartuchos á responsabilidade do batalhão.

«Tal fogo foi feito em virtude de um panico que se estabeleceu, quando infantaria 16 chegou ás Necessidades no dia 4, e que foi alvejada por uns tiros disparados do quartel de marinheiros e de algumas casas proximas. E' sabido quanto o brioso e valente official sr. tenente Parreira é incapaz de desvirtuar a verdade, e, justamente porque desejamos que ella triumphe, julgamos opportuna e imprescindivel esta declaração.

«Se forças houve das que deffendiam as Necessidades, que hostilisaram os revoltosos, não foi, por caçadores 2, e tudo isto constará de um detalhado relatorio que escrupulosamente vae ser elaborado por todos os officiaes do batalhão, com o testemunho dos sargentos e mais algumas praças, e onde predominará a verdade. N'esse documento descrever-se-hão, com minuciosidade, os acontecimentos, desde a sahida do batalhão para o largo das Necessidades, até á chegada ao quartel depois de já proclamada a republica, ficando brevemente na biblioteca, á disposição da imprensa.

«Ainda n'elle se fará referencia a uns factos attribuidos, ha dias, n'outros jornais, ao tenente-ajudante sr. Conceição Junior, factos que, pela maneira como foram descriptos, não traduzem bem a expressão da verdade, e algo incommodaram o nosso querido camarada. Por ultimo se rebaterão tambem umas asserções do sr. Soares Andréa, entre as quaes o ter ouvido s. ex.ª na madrugada de 5, «o repenicar de descargas cerradas das nossas metralhadoras» sobre o quartel de marinheiros. Esta é phantastica! Não tinhamos tenção de vir a publico fazer quaesquer declarações, todavia, ao vermos o batalhão attingido com referencias que reputamos pouco lisonjeiras, parece assistir-nos o direito de defeza, pugnando pela verdade. — Os officiaes de caçadores 2.»

E' extranha a defeza, se attendermos a que se pretende affirmar uma patente quebra disciplinar e até certo ponto uma duplicidade caracteristica, conduzida até a uma recusa de marcha para S. Pedro de Alcantara, na hora em que se pensou n'um ataque d'ali, á Rotunda.

Mas bem cabido foi o protesto, desde que ainda teremos occasião de ver o tenente João de Sousa Aguiar protegendo o embarque dos marinheiros com distracções proporcionadas aos officiaes da guarda municipal; (*) o tenente Conceição, occultando ordens da divisão; e os sargentos planeando traições e até offerecendo entrega da posição que simulavam deffender.

A realeza debatia-se assim n'uma inflexivel rede de infernal contextura, como murcida inexperta colhida n'um centro de famintos e astuciosos arachnideos.

*

* *

O coronel Alfredo Albuquerque, apoz ter confiado ao tenente Estevam Wanzeller, um reconhecimento á calçada da Estrella e Aterro, recebia na rua do Patrocinio, onde estava com o coronel de infantaria 2, Antonio Augusto de Sousa Bessa, tenente-coronel Sousa Araujo, e major Thimoteo Alvim, o aviso por uma ordenança de cavallaria 4, de que era chamado ao telephone das Necessidades pelo chefe de estado maior, coronel José Joaquim de Castro.

Accorrendo ali, era-lhe transmittida a determinação textual:

«As baterias de Queluz, estão em Belem na parada do quartel do seu regimento; já lhes dei ordem para marcharem immediatamente para as Necessidades. Assim que ahi chegarem o que não deve demorar muito, bombardeie o quartel de marinheiros.»

Affirmado o exacto cumprimento da missão, o coronel de lanceiros, apoz ligeira entrevista com D. Manuel II, a quem expunha, com a situação, a possibilidade de um retrocesso republicano, iniciava trabalhos.

Voltando ao seu posto, estabelecia o seu plano de ataque, emquanto esperava as forças de Queluz, ás quaes commettida estava a acção principal.

(*) «O Imparcial» de 20 de Outubro de 1910.

A infantaria 1 impedia o córte da retirada aos marinheiros caso quizessem sahir pelo Aterro, e de fazer o aviso aquelle regimento era encarregado o capitão de estado maior, Augusto de Assis da Silva Reis.

E' certo, todavia, que pelo coronel José Jayme de Sousa Marques, nenhuma participação foi recebida sobre as intenções de assalto ao quartel de Alcantara, pois a ella se não refere, antes salientava uma absoluta falta de instrucções: (*)

«Na manhã de 4 era necessario dar de comer aos meus homens, ninguem do quartel general me apparecia, nenhumas providencias se tomavam e eu resolvi comprar n'uma padaria proxima muito pão, que por minha conta mandei distribuir aos meus homens. Todo o dia 4 me conservei em Alcantara, e querendo na manhã d'esse dia garantir mais efficazmente a segurança que me tinha sido incumbida, mandei pelo tenente de cavallaria da guarda municipal, Raul de Menezes, pedir a caçadores 2, que elle me disse estar no largo das Necessidades, uma metralhadora, pois a minha força era diminutissima para repellir algum ataque que o inimigo quizesse fazer com forças superiores, depois das perdas que tinha soffrido, e os maus resultados da sua tentativa. Responderam-me que não podia ser porque fazia muita falta!!...

«Conservei-me até ao fim da tarde em Alcantara sem noticias e sem receber qualquer ordem. Esteve completamente abandonado o meu regimento, e uma força de cavallaria 4 do commando do capitão Silva, que estava sob as minhas ordens, coadjuvando-me na missão que eu tinha a cumprir. Contou-me então, particularmente, que no largo das Necessidades, alem de caçadores 2, estava infantaria 16 e guarda municipal, tudo sob o commando do coronel Brito e Abreu.»

A affirmativa do coronel Sousa Marques, estabelece uma nitida situação de abandono, e ainda; e ainda a prova refutavel de que até elle não chegou a ordem determinando a attitude do regimento na hora do projectado ataque ao edificio de Alcanta-

(*) «Os Cem Dias Funestos» = Pagina 278.

ra, onde se concentravam os revoltados da chefia de Antonio Ladislau Parreira.

Sobre lanceiros mesmo, se encarregou o tenente Estevão Wanzeller de estabelecer egualmente certa confusão, registando, que de regresso do encargo explorador, assistia á scena de aviso feito ao coronel Alfredo de Albuquerque para se não alterar se ouvisse descargas de artilharia, visto se haver dado ordem de bombardeamento do quartel de marinheiros.

Todavia foi certa a determinação feita a cavallaria 2, para accionar com as baterias e os dois corpos de infantaria.

Levada ou não a effeito, por qualquer impedimento desconhecido, a transmissão da ordem ao regimento n.º 1, o facto de nullo resultado seria, pelo abandono do plano.

Esse facto se sabido foi, ou ainda o olvido votado a infantaria 1, contribuiu talvez para que ella tomasse pela tarde, extranha e inconcebivel attitude, salientada até pelos proprios revolucionarios, apontando-lhe a inercia:

«Tratou-se pois, na tarde do dia 4, de embarcar a gente que guarnecia o quartel, ao cruzador «Adamastor». Formados a quatro de fundo, saimos pela porta que dá para o Aterro e debaixo da acção de infantaria 1 e metralhadoras que finalmente poderiam fazer muitas baixas, difficultando o embarque, pois que a demora da passagem da força pelo Aterro e a descoberto ainda foi o bastante para ser facil tal ataque. Mas parece que as forças governamentaes não deram pelo embarque senão depois d'elle realisado. Nem um tiro dispararam!» (*)

Todavia, e apesar de uma defesa do coronel Bessa, o regimento era contado adherente, pelos republicanos, citando-o como tal em todos os planos de revolta, a qual grangeava, de passo em passo, mais auxiliares aproveitando o indeciso caminho dos que se diziam propostos a entraval-a.

Já então de regresso estava na Estrella, o tenente Estevão Wanzeller, dando conta dos seus trabalhos.

(*) Notas obtidas «por um official da armada que esteve ao serviço da Revolução Republicana em terra, mas que seguiu de perto todas as operações.» == O «Mundo», de 15 de Outubro de 1910.

Fizera recolher a guarda de infantaria 16, de serviço nas côrtes e que não tardou a juntar-se aos rebeldes da Rotunda, a despeito do acatamento ás ordens do official de lanceiros.

Proseguindo a travessia exploradora e até alargando-a, ia até ao Aterro e a Santos, e conseguiu levar ao arsenal entre os protestos de alguns populares e o incitamento de outros, varias praças da armada encontradas desarmadas.

De marcha até ao quartel general constatava lhe a feição desordenada e evidenciando se emissario do commandante de lanceiros, para elle sollicitava ordens.

Longe de o aproveitar, o commando superior preferia a transmissão telephonica e o official, de regresso do quasi inutil serviço, soffria na rua do Ouro, perto da rua S. Nicolau, e na rua de S. Julião, as investidas da populaça, anciosa de lhe impedir o caminho.

Mercê de serenidade e mais ainda da mal definida situação revolucionaria, lograva escapar aos ataques, á pedra, e voltando ao local onde estacionava lanceiros, ao coronel Albuquerque historiava o resultado dos seus passos.

Pouco depois chegavam as baterias, sob o commando do capitão Julio de Faria Machado Vieira.

Ao seu apparecimento e no meio da barafunda de tropas, alguem aventou o erro do bombardeio, citando falsamente o não constar cousa certa sobre a agitação no quartel.

Desmentiu-se.

Logo outro fez salientar a existencia de familias dos officiaes no edificio de Alcantara e até o reflexo do estabelecer da lucta proximo do palacio real.

Resolvido foi a remessa de um enviado ao quartel, para o intimar a render-se se dentro de 15 minutos não viesse um official superior garantir o facto de haver tranquillidade no quartel.

O emissario não regressou.

O commandante revolucionario de Alcantara, 1.º tenente Ladislau Parreira, recebendo a intimação encolhera os hombros e mandara metter o sargento communicador na linha de fogo para a defesa da Republica.

Entretanto e registando o não regresso do emissario, o coronel Alfredo Albuquerque, mandava collocar uma peça no jardim do largo das Necessidades, outra junto á rampa das Necessidades, pelo lado da Praça das Armas e outra na parada do quartel da guarda municipal.

Ia começar o bombardeamento, quando pelo telephone era de novo chamado o commandante das forças.

Ali recebia, telephonicamente, ordem do chefe do estado maior, para marchar com as baterias, lanceiros e infantaria 2, sobre o Alto da Penitenciaria, para ataque á Rotunda.

Debalde o coronel Albuquerque, fez salientar, não só a conveniencia de combate ao quartel de Alcantara, como as disposições já tomadas para esse effeito.

Insistiu-se energico no retrocesso e houve que obedecer.

Quiz dar-se essa orientação, como tendo origem nos trabalhos revolucionarios do quartel general, onde a rebellião imperava.

Não faltou, egualmente, quem attribuisse a contra ordem a abuso do nome do coronel Joaquim de Castro.

N'este ponto, as allegações cahiram e veremos o proprio coronel Albuquerque, descrever (*) a scena, como confiante na ordem e attribuindo-lhe origem directa do quartel general:

«Acceite o facto como me cumpria, perguntei o itenerario que queriam que a força levasse. Respondeu-me a divisão: Campo de Ourique, Arco do Carvalhão, Campolide e Penitenciaria.» Resposta minha:

«— Como seguramente do que se trata é atacar já os revoltosos, se me dá licença deixe-lhe observar o seguinte: as nossas forças estão na Estrella, e por consequencia para conseguir esse resultado, o melhor é apoderarmo-nos já do largo do Rato que é pertissimo, e estabelecidos ali alguma cousa havemos de fazer pela rua Alexandre Herculano e circumvizinhas. Estou convencido de que occupando o largo do Rato poderemos ficar senhores da situação.» Resposta do sr. coronel Castro — «Não; é indispensavel fazer o que eu lhe acabo de dizer, por isso que

(*) Joaquim Leitão — «Os Cem Dias Funestos», pagina 222.

quando essas forças chegarem á Penitenciaria e começarem a atacar os revoltosos pela rectaguarda, esse ataque será secundado na frente pelas forças que occupam a Praça dos Restauradores e o Rocio.

« — Ataque que nunca se effectuou.

« — Nunca! As tropas que occupavam a Praça dos Restauradores e o Rocio nunca sairam dos logares tomados desde a meia noite de 3 de Outubro. Mas deixe-me acabar de lhe contar o dialogo com o Quartel General: «V. Ex.ª sabe que fôrças teem lá os revoltosos?» perguntei eu.

« — Parece que 15 boccas de fogo e mil homens.

« — Ainda assim, insisti, talvez não fosse mau fazer o que eu disse.

« — Não, sigam já, e, ouça, diga tudo isto ao Bessa.»

«Foi então que communiquei que o coronel Bessa não queria tomar o commando das forças; acompanhando o regimento, sim, mas recusando-se a intervir em cousa alguma.

« — Bem, dirija o Albuquerque tudo!»

«Assente a missão que me acabava de ser confiada, segui com o capitão Vieira e as baterias sob o seu commando para a rua do Patrocinio. Só lá é que fui saber que durante a minha ausencia se déra no Campo de Ourique o primeiro recontro dos revoltosos com algumas das nossas forças, a Guarda Municipal da Estrella e o pelotão de lanceiros commandados pelo aspirante Torres»

Reivindicava-se internamente para o chefe de estado maior a responsabilidade, grave, do retrocesso no plano, e ainda o capitão Alfredo Pereira Martins de Lemos, salientaria (*) bem esse ponto, collocando fóra de arguições, o chefe da divisão, general Raphael Gorjão:

«Quando chegou a noticia de que os marinheiros tambem se tinham revoltado, foi dada ordem ao regimento de infantaria 1, e ás boccas de fogo do grupo a cavallo de Queluz, para fazerem fogo sobre o quartel dos marinheiros. Houve depois

(*) «Da Monarchia á Republica» pagina 138.

uma contra-ordem — que não partiu do general — para que a artilharia não atirasse sobre aquelle quartel.»

O coronel José Joaquim de Castro, justificou (*) porém assim essa retirada, patenteando ainda que, de facto a ordenara, com base nas informações vindas da Estrella:

«O Quartel General teve o cuidado de procurar estar em ligação com as baterias a cavallo, ordenando-lhe que marchasse de Queluz sobre o quartel de cavallaria 2 com todas as medidas de segurança, e depois para as Necessidades por Alcantara, avisando sempre as chegadas a esses pontos, pois tornava-se necessario ainda definir a sua missão.

«Quando tive conhecimento da sua chegada ás Necessidades, recebia ao mesmo tempo, noticia de que uma grande massa de revoltosos tinha entrado no quartel de marinheiros para se armarem.

«Foi dada ordem á bateria para que procurasse metter algumas granadas no quartel a fim de os dispersar, sendo observado que era difficil, por se correr o risco de offender os officiaes que se achavam presos no quartel e as familias que tambem ali se encontravam.

«E em vista d'isso obtemperei que se procedesse em harmonia com as circumstancias, retirando-se com brevidade para reunir no largo da Estrella a infantaria 2 e cavallaria 2, a fim de irem ao ataque da Rotunda, sob o commando do general Carvalhal. Eis a explicação da retirada da artilharia, baseada principalmente na necessidade de não demorar o ataque á Rotunda.»

E' certo que o chefe do governo procuraria atirar sobre o commandante de lanceiros a inteira responsabilidade do retrocesso e isso apparece na obra «A Força Publica na Revolução.»

Todavia, se de pessima tactica ou de manifesta inercia foi a espectativa durante o incidente entre as baterias do capitão revolucionario Sá Cardoso e a guarda municipal da 4.ª companhia na rua Ferreira Borges, collocada fica distante das argui-

(*) «Diario dos Vencidos», por Joaquim Leitão — Pagina 326.

ções da reconsideração do bombardeio do quartel de Alcantara a attitude do coronel Albuquerque, se bem que, sem provas, invocado fosse o seu nome como o do official adverso, por humanitario appello, á investida sobre o foco revolucionario da chefia do tenente Parreira.

Assim, quando este sonhava com a violencia d'um ataque, surgiu-lhe o inesperado d'uma retirada.

A columna, evolucionando para o novo preparado desaire, cifrado no segundo retrocesso, d'essa vez dos altos da Penitenciaria, fez crear animos aos revoltosos, que um pequeno nucleo de cavallaria procurou contrariar.

Um esquadrão tentou uma carga sobre o povo revoltado.

A' bala responderam á bala, mas, quando em tropel, a soldadesca procurava derrubar á espada esse todo exaltado, uma clareira se abriu.

A tropa era envolvida, apertada.

Depois o povo alargou o circulo e retrocedeu.

Não se importou dos que cahiam.

Eram as victimas que se deviam immolar ao movimento.

Não comprehendendo o acto os soldados ganharam terreno.

Avançaram.

As bombas formavam então o obstaculo, deixando victimas, por sua vez.

Era mais uma partida perdida.

Dez praças desmontadas, fizeram causa commum com os revoltosos.

Os poucos restantes retrocederam e foram reunir-se á guarda municipal e parte de infantaria, dispostas na defeza do palacio das Necessidades.

Inertes se mantinham, destacando apenas fracções para o combate, em vez de em acção conjuncta esmagar o movimento, deffendendo a residencia realenga com menos numeroso activo.

Como que para lhes patentear a inefficacia do acto, aos revoltosos dos navios se fez aviso para mais energico procedimento, de profundo abalo moral, e que veremos já executar.

Um incidente contribuiu para sobresaltos, a que não soube eximir-se caçadores 2.

Desconhecendo que não fôra em absoluto a adhesão de infantaria 16, estabeleceu alarme a chegada da parte do regimento que não foi para a Rotunda.

Fez-se tiroteio, e de Alcantara, emquanto o equivoco se não desmanchava, respondia-se com fogo vivo, crentes n'um ataque que préviamente fôra annunciado e cujo inicio exposto pelo commerciante José Nogueira, apresenta bem todo o aspecto de essa singular situação dos corpos do exercito para com o regimen;

«De ahi a pouco chegavam ainda dois sargentos de marinha, que pediam para falar aos officiaes, e d'elles, soube depois que vinham annunciar, da parte do coronel de caçadores um novo ataque. E, effectivamente, o ataque deu-se, porém sem resultado para elles.»

Vendo o tiroteio, infantaria 1, secundava-o.

Procurando um ataque simultaneo pelo lado da rua 24 de Julho, alguns grupos civis, audaciosos, abandonaram o quartel, indo occultar-se defronte, para fazer fogo, atravez de uns interticios do tapume da estancia de madeiras, José Lino.

A tactica, de conveniencia e de intuição, que os rebeldes attribuiam aos presumidos fieis, não teve rebate n'estes, e convencidos os deffensores do quartel de Alcantara que nenhum duplo assalto se premeditava, mas apenas um apparato de combate, de novo abandonaram a rua, em transito aberto para os revoltosos, regressando ao edificio.

Da parada se travou combate.

Heroe, uma creança, franzina, esqueletica, o ajudante de ferreiro da fabrica de bolachas da Pampulha, Candido Augusto, de 17 annos, isolado foi retorquir aos tiros do regimento, transformando em escudo uma palmeira ali plantada.

A carabina queimou-lhe as mãos, mas fez fogo ininterrupto.

O enthusiasmo levou o a deitar meio corpo fóra do baluarte que escolhera.

A creança caíu n'um retumbante «viva á Republica!»

Uma bala a ferira, attingindo-lhe a perna esquerda, onde teve depois operação do femur pelos drs. Vasconcellos e Sá e Jay-

me dos Santos Faria, feita no hospital de marinha, d'onde só sahiria a 23 de Abril do anno seguinte.

Baqueou o pequeno heroe, trazendo o desespero aos companheiros que elle aliás animou e incitou com a sua coragem singular.

Vejamos o descrever pessoal (*) d'essa situação emocionante, esse historico pormenor da tarde de 4 do quartel de marinheiros:

«Quando o serviço, na fabrica da Pampulha, onde trabalhava, cessou, elle, em vez de conforme o costume, se metter na cama, estendeu-se vestido no corredor que serve os differentes dormitorios dos operarios, esperando anciosamente que o annunciado signal se fizesse ouvir no Tejo.

« — Não preguei olho toda a noite. A's duas horas em ponto, quando os tiros de peça soaram, não tive mais que levantarme e correr ao quartel de marinheiros.

«Era precisamente o momento em que chegava o primeiro grupo de revolucionarios. Metti-me no meio d'elles e seguimos todos para o portão da parada, do lado de cima, onde um grumete immediatamente nos franqueou a entrada. Não tivemos muito tempo que esperar, porque d'ahi a meia hora, se tanto, travava-se o primeiro combate com os regimentos de cavallaria 2 e 4, que avançavam pela rua 24 de Julho. N'esse tempo, porém, já eu aprendera a manejar a carabina, pois a distribuição de armas fôra feita logo á entrada. E assim, quando o tiroteio começou, eu estava ao lado dos outros em linha de fogo, não arreando emquanto o inimigo não bateu em retirada. Depois não tivémos mais combates sérios durante a manhã. Ahi por volta do meio dia, ou uma hora, começámos a ser atacados por caçadores 2 e infantaria 1, que deffendiam o palacio das Necessidades. Não nos apanharam de surpreza, porque a gente esteve sempre a postos. Por signal, até um grupo de que eu fiz parte tinha sahido para a estancia de madeiras do Lino, que fica em frente, a fim de fazer fogo d'ali, atravez das frestas do tapume, se o inimigo se lembrasse de voltar a atacar o quartel pela rua

(*) «A Capital» de 8 de Abril de 1911.

24 de Julho. Como não houvesse nada, voltámos para a parada, e ali nos encontravamos todos quando começou o tiroteio dos que deffendiam as Necessidades. N'essa occasião é que foi o diabo. No sitio onde eu estava havia uma palmeira grossa, e de ao pé d'ella via-se melhor os inimigos.

«Alguns camaradas disseram-me que não fosse para lá, pois arriscava-me tambem a ser visto por elles. Eu porém, não fiz caso, porque, como sou magro, ficava todo encoberto pelo tronco da arvore. E, effectivamente, lá estive bastante tempo sem ser attingido por nenhuma bala.

« — Mas não subiu para cima da palmeira?

«O nosso interlocutor olha-nos com espanto.

— Eu subia lá para cima da palmeira! Estive sempre muito encolhido atraz do tronco e só quando fazia a pontaria é que sem querer, deitava um pé mais á frente. Foi n'uma d'essas occasiões que uma bala me pilhou a perna. Apezar da dôr, no primeiro instante, não ser muito grande, fui-me ao chão, porque a perna tinha ficado partida. Ainda me arrastei para traz de uma taboas onde estavam alguns camaradas. Mas n'essa occasião não tive remedio senão arrear, porque as dôres começavam a ser horriveis.»

Erguido, era retirado do posto da lucta, ás costas de um moço de pharmacia, para a ambulancia do quartel, d'onde em galera transitou para o hospital, que abandonava seis mezes depois, apoz tres graves operações.

O pequeno heroe escreveu sem o saber, uma das paginas mais commoventes da revolta.

Era o humilde, sacrificando-se pelo ideal da republica.

Era a creança rachitica, de descuidada instrucção, cahindo de sorriso nos labios, a mão convulsa apertando ainda a carabina, indifferente ao rasto enorme de sangue, do seu sangue de plebeu, para que nem uma só palavra de desesperança, obscurecesse a ousada loucura dos que ficavam proseguindo a obra que era sua tambem.

O tiro, aliás, teve a base, disse-se, da ordem de mais vigoroso ataque ás Necessidades.

Houve a phrase:

— Lá vae o pequeno, mas o «radioso», que é pequeno tambem, ha de pagal-o pelo que é!

Se D. Manuel não puzesse entre a revolução e elle a distancia da fronteira, o revolucionario anonymo, teria decerto para com o soberano, e evocando a queda do revolucionario-creança o odio que ao Delphim de França votou o sapateiro Simão.

Dos navios começava pouco depois a acção do bombardeamento ás Necessidades.

Mas, como se venceu os sobresaltos iniciaes?

Vamos analysar o que se passava a bordo.

VI

Nos navios = As primeiras noticias recebidas no «Adamastor». = A situação do «S. Raphael».—A attitude do cruzador «D Carlos»—A posse do «S. Raphael»=O tenente Tito de Moraes impondo se á officialidade do navio.—A coragem vencendo a força. = Expedição da ordem para o bombardeamento do palacio real = De perda em perda.=A primeira granada.

nascer do dia colhera os revoltados dos navios, ancorados a leste do quartel de Alcantara, n'uma situação enervante e de indecisões.

Estavam sós.

De terra nem um auxilio.

Cousa alguma se sabia.

No «Adamastor», os rebeldes a tudo resolvidos, viram despertar o sol sem que ajudados fossem e sem que se lhes deparasse qualquer dos officiaes destinados a accionar nos cruzadores.

De terra vinha a impressão de lucta.

Combatia-se na margem norte e exaltados os animos andavam na margem sul, d'onde as praças, mandadas buscar mantimentos, haviam trazido esperanças e alegrias, pelos successos de Almada.

Assim, pondo de parte desesperos, firmou-se a espectativa até que á falla alguem viesse, para noticias da capital e para o sollicitar de ordens a quem da revolução, as podesse dar.

Possuia já a sedição a corveta «Mindello», servindo de deposito de polvora.

Um troço de marinheiros, sob o commando do marinheiro Zacharias, apossando-se de um vapor da Alfandega, deram-lhe a abordagem, cerca das 7 horas da manhã.

Ali exigiram do encarregado de bordo a entrega de todas as armas Mannlicher existentes.

Ante a resposta de que não tinha as chaves dos paioes, eram estes arrombados pelos revolucionarios, trazendo para o «Adamastor» as armas necessarias.

Do «S. Raphael» estava segura a adhesão, patenteada na obediencia ao signal do «Adamastor», para a salva ao subir da bandeira da revolta.

D'ali se sollicitavam porém officiaes, por se affigurar perigoso o estado do navio sob o commando de simples marinheiros e ainda encontrando-se a bordo a officialidade não adherente.

O «D. Carlos» mantinha a bandeira azul e branca, como indicio de uma ameaça para os rebeldes, aliás promptos para todas as contingencias.

Prescrutando ancioso o horisonte, lobrigava o tenente Cabeçadas um vapor de carreira, onde iam os revolucionarios, que tinham proclamado a republica na Outra Banda, e entre elles Hermano Neves, Estevão Pimentel, Victorino dos Santos, Mario Malheiros e Jayme Teixeira.

Mostrou-lhes a necessidade de fazer communicações para terra.

Desembarcados os grupos no Terreiro do Paço, com destino ao quartel de marinheiros e á Rotunda, os revolucionarios Mario Malheiros, Estevam Pimentel, Jayme Teixeira, José Joaquim da Costa, chefe das officinas de torneiro da fabrica Moniz Galvão, Josué Carlos Munoz, encarregado das officinas metalurgicas do Instituto Pasteur e Julio Victorino dos Santos, em barco se dirigiam ao «Adamastor».

Teve Mendes Cabeçadas, novas optimistas do movimento, e transmittia para o quartel de marinheiros, com a descripção breve dos successos do cruzador, umas informações de que ás 10 horas estava prompto a navegar e que, se necessario fôsse, mais lesto marcharia o «S. Raphael», bastando que tivesse regular commando.

Incumbia na despedida o revolucionario Julio Victorino dos Santos, da missão especial de ali sollicitar officiaes, principalmente para o «S. Raphael». (*)

«Chegados á falla com o tenente Cabeçadas, depois de lhe dar-mos as noticias mais animadoras de terra, disse-nos o mesmo que no «S. Raphael», poderia-mos sujeitar a um fracasso, visto que os officiaes que estavam a bordo não aderiram e como os do «D. Carlos» tambem não, pedia que lhe levasse-mos officiaes afim de que tal não succedesse, fui eu um dos que disse ao tenente Cabeçadas e á marinhagem depois de animal-os o mais possivel. Aguentem-se rapazes, que eu dou-lhes a minha palavra que vou buscar officiaes para bordo, seguiram se uns vivas «A' Republica» e dirigimo-nos para terra, alvitrando o primeiro grupo que deveriamos dirigir para o Caes do Sodré afim de irem fallar ao cidadão Simões Raposo no que eu não estive d'accordo, pois o principal n'esta occasião era ir buscar officiaes e o mais provavel era ir encontral-os no Quartel, concordaram com a minha opinião e para lá nos dirigimos desembarcando nós n'umas escadas de pedra, quasi na frente da Rocha do Conde d'Obidos; pagou-se ao fragateiro e dirigimo-nos pela muralha fóra; passava n'esta occasião o meu amigo Manuel Maria d'Oliveira Gomes, morador na rua de S. Bento, 32, 1.º, que vinha dos lados de Alcantara e avisou-nos de que não fossemos para baixo pois estavamos sujeitos a sermos fuzilados por infantaria 1. — N'esta occasião voltei-me para todos que me acompanhavam e disse-lhes:

«Demos a nossa palavra de que iamos buscar officiaes e como tal não devemos retroceder» — com o que concordaram José Costa e José Minoz e continua-mos avançando, no entanto os outros tres companheiros foram-se deixando ficar para traz, creio que devido ao «cansaço» e quando chegámos á parada do Quartel já os tinha-mos perdido de vista.» (**)

Entretanto chegavam ao «Adamastor» noticias do «D Carlos».

(*) «Notas Veridicas = Apontamentos para a Historia da Revolução» = por Julio Victorino dos Santos.

(**) Observámos a exacta graphia do livro. = N. d'A.

Do cruzador se deitou pela borda fóra, um marinheiro.

Estabeleceu-se o alarme, pensando em acontecimentos graves que se tivesse dado.

O marujo, porém, o 1.º artilheiro 3487 Benjamim Magalhães, a nado chegava ao «Adamastor», apresentando-se ao 2.º tenente Mendes Cabeçadas para communicar a situação do navio.

As praças mantinham ali a sua attitude de insubmissas.

A officialidade, comtudo, armada, a distancia collocava os revoltosos, desarmados.

Havia a marinhagem procurado impedir o arvorar, ás 8 horas, da bandeira azul e branca.

Feita foi a segunda tentativa de sublevação, acclamando a Republica.

Os officiaes tinham porém imposto o executar do acto, e o pavilhão monarchico subiu ao mastro grande, com todas as honras da ordenança, e ante os agaloados, armados de pistola.

Aproveitando o almoço d'elles, e durante o qual a vigilancia affrouxára, resolveu a maruja enviar um delegado que fôsse expôr a extranha situação de uns e de outros.

Difficil era proseguir n'essa posição periclitante de mutua espectativa.

Suscitada a tomadia violenta do «D. Carlos», viu-se a impossibilidade.

A quem devia ser incumbido o commetimento?

E como, se nem um vapor havia e o «Adamastor» não podia executar a acção?

O «Adamastor» nada podia fazer.

Sem ordens, sem um exacto conhecimento dos successos terrestres, que influiram mais ou menos nas intenções dos navios, limitou-se a registar o aviso do emissario do «D. Carlos» e a determinar-lhes a espera de soccorro.

Deviam sustentar-se quanto possivel, aguardando as anormalidades externas ou internas.

O marinheiro, a nado regresson ao navio, onde foi levar a nota d'uma má impressão.

*

* *

Por esse tempo chegavam ao quartel de Alcantara os civis que haviam chegado á falla com o tenente Mendes Cabeçadas.

Vimos já como o grupo revolucionario se desempenhou da missão.

Arriscada foi, pelo presumivel receio de que aos rebeldes estivessem reservadas extranhas repressões, mas bem mais arriscada seria se as tropas collocadas como deffensoras da realeza a sério houvessem tomado a incumbencia.

Se livres de obstaculos os tres revolucionarios conseguiram a cabal satisfação da promessa feita, salvo de contrariedades se effectuou o embarque com o tenente Tito de Moraes, effectuado sob as vistas do regimento de infantaria 1:

«Durante o nosso trajecto até embarcármos nada houve de anormal (embora estivessemos em risco de sermos chacinados por infantaria visto ter-mos de passar muito proximo do local onde elles estavam intrincheirados.» (*)

Um vapor conduzia ao «Adamastor», alem do 2.° tenente Tito de Moraes, José Joaquim da Costa, Josué Carlos Munoz e Julio Victorino dos Santos, os metallurgicos Antonio Faria e Adolpho Rodrigues, o engenheiro mechanico, Antonio Vaz Gomes, logo destinado para o trabalho com os pholophotes, e o ajudante de serralheiro Joaquim Marques.

O tenente, informado era pelo commandante, occasional, do «Adamastor», da situação critica dos outros navios, impondo-se não só a mudança de attitude do «D. Carlos», permanente ameaça, como a solução da espectativa do «S Raphael».

Offerecia mais seguro aspecto de ser breve resolvido o caso d'este cruzador.

O «D. Carlos» viu-se que permanecia desaffecto á democracia e um ataque em pleno dia, com gente mal municiada, os marinheiros sem armamento, poderia traduzir-se n'uma derroca-

(*) «Notas Veridicas» — por Julio Victorino dos Santos, pagina 13.

da, comprometedora mesmo para o estado republicanisado dos dois outros navios.

Urgia ainda auxiliar o quartel de marinheiros, mal provido de combatentes praticos.

A tomadia do «D. Carlos» foi posta á margem.

Um liquidar de contingencias, o definir de circumstancias pela officialidade, teria sido a quebra de um dos mais fortes élos dos da revolução.

Um lance de audacia, n'aquellas primeiras horas do dia 4, e a monarchia teria tido talvez ganha a sua causa.

Não o quiz assim a estrella que presidia ao destino de D. Manuel II, como rei de Portugal.

O rasgo de audacia estava a cargo dos revoltosos.

Quando os officiaes do «D. Carlos» lhe quizeram oppor o seu denodo, tarde era já.

A noite descera como auxiliar de astucia e de tragedias.

De instante foi pois affastada a ideia da posse do cruzador, ainda fiel á bandeira branca-azul.

Vejamos n'esse ponto, o relatorio do 2.° tenente Tito de Moraes, intitulado «A acção do S. Raphael no bombardeamento das Necessidades e na tomadia do «D. Carlos» :»

«Sahi pela porta Sul, acompanhado de 4 populares armados, e embarcámos no caes, em Alcantara, em um vaporsito que promptamente se poz á nossa disposição, levando-nos a bordo do «Adamastor», onde o tenente Cabeçadas me confirmou tudo que nós tinhamos sabido no quartel. Alvitrou elle que se fosse logo ao «D. Carlos» obrigar os officiaes a renderem-se, pois que ali, um, relativamente pequeno, numero, armado de pistolas, tendo conseguido apoderar-se das chaves dos paioes, impedia que a guarnição, que toda estava tambem do nosso lado, se armasse para adherir á Revolução. Não podia, porém, aquelle navio pôr entraves ás ordens que eu levava, pois não podia atacar-nos, ao passo que, se fossemos nós atacal-o, demoravamos o desembarque das forças em Alcantara.

«Por este motivo, resolvi não me importar com aquelle navio, nem com os demais que ainda não tinham adherido ao movimento (dos quaes, tambem, só a fragata «D. Fernando» nos

poderia fazer mal, se não estivesse com as peças atracadas) e segui logo para o «S. Raphael», para o conduzir a Alcantara. O mesmo vaporsito me conduziu áquelle cruzador, com os populares que me acompanhavam e com as praças do «Adamastor» que poderam ser dispensadas das guarnições das peças, do serviço de fogo e dos outros serviços de bordo, convenientemente armadas.»

De identica opinião não foi o tenente Cabeçadas, que não só a expoz ao tenente Tito de Moraes, como a citou no «livro de serviço do cruzador «Adamastor»:»

«Pouco depois, veiu a bordo d'este navio o senhor tenente Tito de Moraes, a quem informei do que havia. Deu-me ordem para lhe dar toda a gente disponivel, o que fiz, ficando apenas com o pessoal constante da relação junta, e foi tomar o commando do «S. Raphael», levando comsigo a força d'este navio. Propuz a tomada do «D. Carlos» antes de partimos para Alcantara, o que se não fez pela pressa de levar soccorros á gente do quartel de marinheiros; foi uma falta que podia ser irreparavel.»

Mais facil presa era comtudo a do «S. Raphael», com o desbravado caminho, e ainda de desespero era talvez o posto do quartel de marinheiros.

Mostrou-se pois apenas a necessidade de abordar ao cruzador, já de posse da revolução.

Tito de Moraes exigia ao 2.° tenente Cabeçadas toda a marinhagem disponivel, para actuar ali e soccorrer Alcantara.

Encarregando o mesmo official de fazer avançar o «Adamastor» até á frente do quartel, o 2.° tenente Tito de Moraes, com 30 praças e os revolucionarios que o haviam acompanhado primeiro, (*) desceu para o vapor que mandou endireitar áquelle navio.

(*) Alguns depoimentos mencionam que com elles foram Estevão Pimentel, Jayme Teixeira e Maria Malheiros, mas não os citam nenhum dos relatorios officiaes, ou sejam os dos tenentes José Mendes Cabeçadas Junior, Antonio Ladislau Parreira e Tito Augusto de Moraes, nem o relatorio com o visto do tenente Parreira, feito pelo revolucionario Julio Victorino dos Santos e intitulado «Notas Veridicas=Apontamentos para a Historia da Revolução» = N. d'A.

Disse-se o feito realisado ás 4 horas da madrugada de 4.

Certo é todavia que o official destinado para o executar pelo quartel de marinheiros, só foi para o «S. Raphael» depois das 11 horas da manhã:

«São onze horas da manhã. Tito Augusto de Moraes é o unico official que então podia ser dispensado. Embarcaram com elle Estevão Pimentel, Jayme Teixeira e Victorino de Sousa. No «Adamastor» entram na falua 30 marinheiros, e aproa se ao «S. Raphael». (*)

A bordo havia, a par da intrepidez, um pouco de receio.

Existia o isolamento quasi.

O aspecto, de espectativa, do «Adamastor», não era para animar.

E' certo que proseguia hasteada no quartel de Alcantara a bandeira da revolução, mas a falta dos officiaes adherentes e mais ainda de Candido dos Reis, começava a levar aos espiritos dos rebeldes uma progressiva descrença.

Comtudo, logo de manhã, e obedecendo a uma ordem da majoria, fizeram transportar para terra, no escaler a vapor, o ferido commandante, substituido a bordo por um simples marinheiro, José de Carvalho, fazendo de immediato, outro, José Malta e de officiaes, os conductores de machinas...

De regresso de terra, o 1.º machinista do navio, João Augusto Madeira, más novas trouxe:

«Eram sete horas e meia da manhã quando o primeiro machinista do navio, João Augusto Madeira, de quem a guarnição muito esperava, se apresentou a bordo dizendo que estava tudo perdido. Os artilheiros José Malta e José de Carvalho riram-se e disseram-lhe para ir ver se havia já pressão para a machina funccionar, ao que se recusou chamando-lhes malucos e recolhendo ao seu camarote onde se fechou por dentro.» (**)

A despeito da descrença nos pessimismos, o avançar das horas, sem auxilio, originou que rasão fosse dada a João Madeira.

(*) Como triumphou a Republica = Subsidios para a Historia da Revolução de 4 de Outubro de 1910.—2.ª edição=Pagina 116.

(**) A «Revolução Portugueza» = Relatorio de Machado Santos = Pagina 107.

Pelas 9 horas da manhã viram emfim approximar-se um vapor, e n'elle um official, reconhecido por revolucionario: Tito de Moraes.

Este, energico, mandou preparar para atracar, emquanto dentro se esboçava uma attitude de surpreza.

Não lhe ia ser feita uma abordagem, mas proposta uma capitulação.

Dos officiaes, desde a sublevação considerados prisioneiros, destacou-se o tenente Alves de Sousa, que inquiriu, do portaló, da intenção de Tito de Moraes e sob que condições seriam considerados e tomado o cruzador.

— Venho tomar o barco pela força armada, com o fim exclusivo de secundar o movimento revolucionario.

E imperioso, para a maruja:

— Arreia a escada.

Tito de Moraes, subiu, com os seus companheiros.

Um official interrogou-o ainda sobre a situação sua e dos collegas.

O tenente revolucionario, energico e indifferente ao acto de arrojo que praticava e sabedor da attitude que elles haviam assumido, retorquiu:

— A situação dos senhores é a de presos á minha ordem e teem de me acompanhar ao quartel de marinheiros. Sobre a posse do barco declaro por escripto e sobre minha palavra de honra que o tomo pela força armada com o fim exclusivo de secundar o movimento revolucionario.

E apoz:

— Traze papel e tinta!

Emquanto um grumete correu a satisfazer a ordenação, o official proseguiu, encarando firme esses prisioneiros:

— Vou fazer-lhes a declaração por escripto, para que salvem a sua responsabilidade no caso de fracassar o movimento...

Escreveu-a ante glacial silencio, methodico, sereno, como se fosse não mandatario da Revolução, mas simples rabiscador de um bilhete de cortezia.

Aprumou depois a estatura e leu pausado:

— «Eu, Tito Augusto de Moraes, segundo tenente da Ar-

mada, declaro, sob minha palavra de honra, que tomo posse do cruzador «S. Raphael» com o auxilio da força armada, e com o fim exclusivo de secundar o movimento revolucionario.»

Satisfeitos por esse lado, insistiram pela regularisação das suas situações.

O tenente Tito de Moraes, fixou-lhes a de prisioneiros, com a de immediato embarque para terra.

O dito era arrogante.

Os officiaes não adherentes, entreolharam-se e abrangeram com a vista a marinhagem. Comprehenderam que estavam bem ao serviço da Republica.

Nada podiam fazer.

Era singular que os officiaes, com homenagem a bordo, nada tentassem, antes da chegada do enviado de Ladislau Parreira, para quebrar a penosa situação.

Ao reforço era inutil a resistencia.

Vejamos o relatorio do revolucionario Julio Victorino dos Santos, sobre essa scena unica, effectuada a bordo do «S. Raphael»: (*)

«N'essa occasião vieram novamente os officiaes ter com Tito de Moraes, afim de saberem definitivamente qual a sua situação a bordo.

« — Visto os senhores não quererem adherir considerem-se presos, disse-lhes Tito de Moraes.

«O tenente Alves de Sousa, voltou-se para os restantes officiaes que o acompanhavam e disse:

« — Os senhores ouviram, é um official mais antigo que nos diz isto — e dirigindo-se a Tito de Moraes: — acatamos as vossas ordens, porém peço-vos para nos serem dadas por escripto.

«Tito de Moraes deu-lhes a palavra de honra que já lhes passava a mesma e mandou-os recolher novamente aos camarotes.»

Essa attitude convincente de submissão era perfeito contraste com a assumida durante a noite em que o tenente Alves de Sousa, intemerato se collocou ao lado do commandante.

(*) Notas veridicas. = Pagina 13.

Era a revolta desbravando o caminho aos sediciosos...

Tito de Moraes, mais commandante que todos esses homens validos que voluntariamente entregavam a sua espada, não quiz recusar as ordens por escripto, embora nos labios tivesse um sorriso ironico.

Redigiu-as entre os murmurios dos marinheiros olhando os officiaes desalentados.

— Cobardes! ciciaram.

Tito de Moraes, reprimiu o proseguir das injurias, que podiam constituir um incentivo a esses homens.

— Sentido! bradava, de sobrancelhas franzidas.

Procurou aquietar os marinheiros, espantados elles proprios d'esse acto de submissão, que repudiariam, até cahir um a um, se lhes não sorrisse a aureola da liberdade sobre o facho rutilo da Revolta.

Inquiriu se prompto estava o navio a levantar ferro.

Novo emissario chegava do quartel de Alcantara.

Pedia-se o desembarque rapido do maior numero de marujos, signaleiros, armas e munições.

Mandou o tenente Tito de Moraes, avançar 80 homens e preparar alguns cunhetes de polvora.

Os revoltosos appressaram-se a executar a determinação, emquanto o official, para que os camaradas prisioneiros não tivessem a minima responsabilidade no caso de fracasso da revolta, escrevia o seguinte:

« — Affirmo que eu o tenente Tito Augusto de Moraes, sou o unico responsavel pela requisição e entrega de cunhetes de polvora e o desembarque de 80 praças do cruzador «S. Raphael».

Em pouco mais de meia hora se desenvolveram aquellas scenas.

Era participado que as machinas já podiam funccionar e o cruzador, levantando ferro, seguindo rio abaixo, ia fundear mais proximo do quartel, fazendo, durante o trajecto, tiros de polvora secca, para respeito a previstos ataques, não realisados.

Comprehendeu o tenente que afim de não surgirem contrariedades, lhe convinha seguir no vapor destinado a levar os detidos para terra.

Emquanto se procedia ao embarque das munições e d'uma metralhadora H, automatica, de 6^{mm},05, chamava o machinista João Augusto Madeira, republicano reconhecido, e entregava-lhe o commando do navio.

Madeira, como vimos, fôra o primeiro descrente, por sabedor das noticias da madrugada, da fuga de revolucionarios de S. Paulo e do fracasso junto dos regimentos.

Refractario a violencias, não soubera sem desgosto a aggressão a Polycarpo de Azevedo.

Recusou pois, allegando que embora perfilhasse o ideal democratico, não queria acompanhar o movimento, visto ter sido ferido o commandante, capitão de fragata Polycarpo José de Azevedo.

A's insistencias corresponderam recusas e declarou constituir-se egualmente prisioneiro.

E, altivo, tomou logar entre os detidos acabrunhados.

O tenente Tito de Moraes, mal refeito do espanto d'essa attitude, de novo reintegrava no commando o 1.º artilheiro José de Carvalho que até então estivera de posse do cruzador.

De seguida determinou a sahida dos retidos nos camarotes.

Desceram silenciosos e entraram na fragata, onde os do «Adamastor» lhes formavam vigilancia.

O barco endireitou ao caes de Alcantara.

A meio do trajecto cruzava-se com um bote em que o commissario naval Marianno Martins que embarcára no Caes do Sodré em mangas de camisa, para não ser reconhecido, ia offerecer os serviços a Tito de Moraes.

— Mande, commandante, estou ás suas ordens!

— Vae tomar o commando do «S. Raphael». Eu levo signaleiros. Darei ordens!

Marianno Martins, interrogou então os camaradas que sabia pertencer ao cruzador de que ia assumir a chefia:

— Então os senhores, não veem ?!. . .

Tito de Moraes, nobremente não salientou a prisão:

— Não; estes senhores vão para terra. Teem outro serviço. . .

Os prisioneiros curvaram a cabeça e só então Marianno Martins comprehendeu: a Revolução não os conseguira arrancar ás cadeias do seu juramento á Monarchia no exterior...

A situação extranha, esse silencio emocinante, quebrou-o a marinhagem com uma saudação de enthusiasmo:

— Viva a Republica!

Emquanto o bote ia levar ao «S. Raphael», o commandante imposto pela revolta, o tenente Tito de Moraes, desembarcava no caes ao abrigo dos depositos ali existentes.

Dos submettidos do «Adamastor» destacou-se o tenente Alves de Sousa, para pedir a marcha sem ser entre a escolta.

Tito de Moraes, assim o auctorisava, mas sob palavra de honra de que se iriam entregar ao quartel.

O compromisso era rigorosamente cumprido e os detidos iam apresentar-se a Alcantara, como que n'uma guarda avançada dos rebeldes recem-desembarcados.

Estes entretanto, reuniam a si novos revolucionarios civis, incumbidos do transporte das munições e da metralhadora.

Cada cunhete era entregue a dois homens, para conducção revesada.

A peça ladearam-na quatro civis.

Os marinheiros marchavam envolvendo os conductores das munições, e a columna seguia, a procurar sempre encobrir-se com os diversos barracões collocados no curto trajecto.

Nenhum ataque houve e a salvo chegou tudo ao quartel.

De jubilo foi a chegada.

O reforço trouxe animação.

Um rapido conselho de officiaes, suscitou a conveniencia de proceder energica e efficazmente.

Trocadas impressões, resolvidas controversias, assente ficava o começo da acção naval, que devia promover o desalojamento das forças envolventes do quartel.

O 1.º tenente Ladislau Parreira, redigia logo a ordem para o «Adamastor» orientar o plano que lhe era commettido e ao «S. Raphael».

Traçada n'um bocado de papel imperfeitamente cortado, continha a determinação formal: (*)

«Adamastor
Tome posição conveniente e bombardeie
immediatamente
Palacio Necessidades.
Nós ficamos aguardando
chegada das tropas revolucionarias q-estão a
E'ste e mantemos
reducto quartel.
Cuidado com pontarias.

Antonio Ladislau Parreira
José Carlos da Maia»

A ordem teria depois, para reconhecimento, a assignatura de visto do tenente José Mendes Cabeçadas Junior, commandante do «Adamastor» no acto do bombardeamento.

Constituindo, mais tarde, documento notavel da revolução, apoz essas tres assignaturas, reproduzidas ainda, outras se lhe juntavam, em autographo, authenticando o historico papel.

Eram ellas as de Machado Santos, Franklim Lamas, Francisco Candido Gomes Lamas, Alexandre J. B. de Vasconcellos e Sá, Tito Augusto de Moraes, Henrique da Costa Gomes, Marianno Martins, João Augusto de Andrade, Accacio Abilio Bonito, Annibal de Sousa Dias, José Madeira, José Joaquim Marques da S.ª Araujo, Julio Victorino dos Santos, Jayme dos Santos Pato, João Fiel Stokler.

Para cumprir o encargo, o tenente Tito de Moraes, passava immediatamente a um barco com os revolucionarios José Costa, Antonio Faria e Julio Victorino dos Santos.

O «Adamastor» chegava a Alcantara, meia hora depois do «S. Raphael».

A ordem era-lhe entregue, na passagem, pelo civil Julio Victorino dos Santos, de mando do tenente Tito de Moraes.

(*) E' textual a disposição das palavras do historico documento.

A precipitação trouxe faltas.

D'ahi novos emissarios para bordo, para que se remettessem para terra, mais armas e caixas de fita.

Olvidou se, ainda, o communicar da exacta posição das forças que pareciam constituir perigo para o quartel de Alcantara.

Novo desembarque se fez de civis.

N'essa altura, infantaria 1 julgou de mais as idas e vindas.

Uma companhia quiz avançar sobre o troço portador de munições do «S. Raphael».

Foi apenas simulacro de investida.

O commandante mandava retroceder e tudo passava incolume:

«N'esta occasião fomos descobertos por soldados de infantaria 1, os quaes ainda chegaram a querer avançar, o que não fizeram, creio que devido ao receio que de bordo os metralhassem ou da «artilharia civil.» (*)

A attitude, de mera espectativa, dos regimentos que a monarchia e os proprios revoltosos, julgavam de séria ameaça para a sedição, foi de novo apreciada.

Não convinha uma situação duvidosa.

Urgia apressar acontecimentos, encaminhando tudo, ou para a derrota, ou para a victoria.

O conselho resolvia ampliar a ordem assim levada para os navios.

Em duplicado se redigia um complemento, pelo qual o bombardeamento se estenderia até ao Paço das Necessidades.

A monarchia estava perdida.

A defeza não equivalia ao ataque. Este tinha por si convicções, aquella apenas envolta estava em ficções.

Assume n'este lance um alto alce historico, o revolucionario Julio Victorino dos Santos.

Foi elle o portador da ordem assignada pelo tenente Antonio Ladislau Parreira, determinando o bombardeamento do palacio real.

(*) «Notas veridicas» = «Apontamentos para a Historia da Revolução =por Julio Victorino dos Santos, pagina 15.

Quiz-se dizer que tremulo a recebeu e tremulo a apresentou a bordo do «S. Raphael», d'onde foi transmittida ao «Adamastor».

Emquanto do quartel de marinheiros se respondia a um tiroteio, o «S. Raphael» fazia dois tiros de peça para desalojar os atacantes de Alcantara.

Desconhecida a exacta posição, no que não foram orientados os artilheiros, fez-se fogo ao acaso:

«De bordo, porém, não se viam as posições das praças fieis á monarchia, e por isso foi bastante ao acaso que mandei dar dois tiros de H. tr. 47 na direcção da Casa do Povo de Alcantara, ao longo da qual corre a rua onde eu suppunha que estavam aquellas forças.» (*)

Cumprida essa missão de sobresalto às forças presumidas fieis, era recebida a segunda ordem.

Os navios endireitaram ás Necessidades.

O momento era solemne

O silencio cedera o passo ás exclamações.

O povo, pelo caes, viu a manobra da sahida dos navios, sem o comprehender.

Breve lhe conheceria os fins.

Espalhada andava já, a nova, falsa, de que tomado fôra o «D. Carlos» e o proprio orgão governamental «O Imparcial», (4 de Outubro de 1910) sem pensar no avigoramento de energia levado aos contrarios, — se o eram, segundo as vehementes accusações ao governo, — reproduzia com o facto de terem bandeira vermelha, o «S. Raphael» e o «S. Gabriel», a nova de tomadia, ao meio dia, do cruzador «D. Carlos».

Nascera a confusão do acto da posse do «S Raphael».

Os civis, não sabedores das suas intenções, seguiram attentos essa mysteriosa rotina dos navios.

Passando junto ao «D. Carlos» onde fluctuava ainda, altiva, a bandeira azul e branca das glorias portuguezas, pensou-se a bordo n'um ataque subito do cruzador, renovada a supremacia da officialidade.

(*) «A acção do S. Raphael no bombardeamento das Necessidades e na tomada do D. Carlos» (Relatorio do tenente Tito de Moraes).

Mas, como demonstração de submissa á causa da republica, a marinhagem descobria se, perfilando-se em continencia...

Vencida a distancia, houve o preparo para o lance de sensação.

De instante houve um hesitar, mais de nevrose, não de receio.

A monarchia seguia de queda em queda, de perigo em perigo, de perda em perda...

A primeira granada fendeu os ares.

Disparara-a o «S. Raphael».

VII

O bombardeamento do Palacio Real

Os cruzadores tomando posições =Queda do pavilhão real.=Granadas sobre granadas =O fim do bombardeamento =As mortes da rua Maria Pia. = Rio acima. — Ataque á municipal do Terreiro do Paço = O semi abandono do quartel de marinheiros. = Destino implacavel.

Para execução da ordem temeraria do 1.º tenente Antonio Ladislau Parreira, se aprestaram cuidadosamente os dois cruzadores.

Ladislau Parreira, não inactivo, e para que, n'um desespero as forças rodeantes do palacio, não galgassem de subito o trajecto d'ali a Alcantara, para violenta posse do quartel, fez lançar o pregão do avanço de 2000 marinheiros sob o commando do vice-almirante Candido dos Reis.

Elle, porém, já não podia assumir essa chefia, estiraçado além, no somno do mysterio chamado a morte.

Entretanto, a bordo do «Adamastor», o 2.º tenente José Mendes Cabeçadas Junior, procedia attentamente á medição da distancia com o talometro e á consulta das tabellas de tiro.

A maruja acarretou para junto das peças de $6,5^{mm}$ e $10,5^{cm}$ as respectivas munições.

A bordo do «S. Raphael», o tenente Tito Augusto de Moraes, mandava preparar as peças de 47, de bombordo e estibordo e ainda as de 15, collocadas a vante.

Escolhiam-se os melhores artilheiros e, em forma, se lhes recommendava a maior precisão de tiro para que as granadas não actuassem em pontos diversos d'aquelles que deviam ser visados.

Os dois vasos de guerra collocaram-se quasi a par, em frente das Necessidades.

Aprestaram-se as peças de 6,5.

Quizeram alguns revoltosos empregar as de 15, mas foram recusados, de principio.

Despediram-se as primeiras granadas.

O «Adamastor» fazia certeiras pontarias.

N'um dado momento dois artilheiros concertavam entre si um plano:

— Oh rapazes vocês querem vêr como o pavilhão real vem já abaixo em menos de nada?!..., disse o 1.º artilheiro n.º 3709.

O projectil rompeu o espaço.

Perdido esse, fez outro, com identico resultado.

Ao terceiro, a bala quebrando a adriça, operava a queda, lenta, do estandarte vermelho com a corôa, symbolo da realeza.

Enorme grito de enthusiasmo assignalou a obra destruidora e prophetica.

Pode dizer-se morta a monarchia.

As granadas succederam-se, abrindo claros enormes nas paredes, estilhaçando vidros, fendendo as cantarias, por pontarias certeiras do cabo artilheiro 772.

O «S. Raphael» effectuava o bombardeamento evolucionando sempre, procurando posições.

Empregava assim as peças de bombordo e estibordo, com as quaes fez um numero de tiros superior a 20 e ainda cinco com a peça de vante.

O «Adamastor» fazia quasi identico numero de tiros.

A' 40.ª granada, reconheciam do quartel de marinheiros haver sido cumprido o mandato, que secundado fôra pelos tiros d'ali e dos telhados da Companhia União Fabril.

A derrocada material estava prompta e, como consequencia, o abalo moral assegurado.

Era feito de Alcantara um signal para cessar o fogo, que durára cerca de 2 horas.

No quartel, onde foi seguido attento o bombardeio, os clarins entoavam a «marselheza» em quanto o vento fazia fluctuar as bandeiras vermelhas.

A acção estava conclusa.

Quiz envolver-se no bombardeamento o «D. Amelia» e desmentir o emprego de peças de 15, vindo tudo exposto (*) n'uma entrevista com «um marinheiro», que aliás desconhecia, em parte, os successos das Necessidades:

«Hontem ás 9 horas da manhã, quando a agitação era enorme e as ordens se transmittiam febrilmente no quartel general da 1.ª divisão militar, tivemos ensejo de palestrar com um marinheiro, que, de arma no braço aguardava muito perfilado as ordens do sub-chefe do Estado-Maior sr. tenente Cabrita.

«Trocaram-se algumas impressões ácêrca do bombardeamento do Paço das Necessidades e havia quem affirmasse que a derrocada ali era completa, devido aos estragos causados pelo bombardeamento feito pela artilharia de grande calibre.

«Sobre este assumpto o referido marinheiro informa-nos sollicito e por uma fórma sevéra, como que indignado por um boato que podia ferir a fórma correcta como tem procedido sempre a briosa corporação a que pertence:

« — O bombardeamento do Paço das Necessidades foi feito com peças de 6,5°. Não empregámos um unico tiro das peças de 15°, apesar do abundante numero de munições que possuiamos.

«O que succedeu porém foi não se ter extraviado um unico tiro, devido á maravilhosa pontaria de quem o executava.

«Vou contar-lhe um facto interessante, diz-nos o nosso interlocutor:

« — A bordo do «D. Amelia» havia dois rapazes que passam por ser os melhores apontadores da armada, e um d'elles, voltando-se para nós, antes de disparar o primeiro tiro, disse-nos enthusiasticamente:

(*) «O Dia» de 7 de Outubro de 1910.

«— Oh! rapazes, vocês querem vêr como o pavilhão real vem já abaixo em menos de nada?

«Mal tinha proferido estas palavras, o projectil chegue no espaço e a bandeira desce lentamente ao longo do mastro.

«A bala tinha quebrado a adriça!

«Calcule por este facto, como se executaram os restantes tiros feitos pelo mesmo marinheiro.

«— Não fizeram então fogo com as peças de 15°?

«— Não, senhor; garanto-lhe que não empregámos ainda um unico tiro d'esse material!

«— E com as metralhadoras?

«— Serviram frequentes vezes. Se os caçadores tinham em terra as metralhadoras que guarneciam o Paço das Necessidades, nós tambem lá tinhamos magnificos Hotckiss, que despejavam 630 tiros.

«— Com quantas praças iniciaram os marinheiros o movimento revolucionario?

«— Eramos 900 homens, dispostos a não abandonar o nosso posto.

«Quando a commissão de Alcantara reuniu, na noite do movimento, estavamos decididos a ir até ao fim, e tenho a certeza — diz-nos o marinheiro muito convictamente — que se o movimento tem sido dominado em terra, haveria uma guerra civil com uma mortandade como não haveria memoria.

«— Tinham então muitas munições?

«— O «S. Raphael» tinha 60:000 cartuchos para carabina, o «Adamastor», 30:000 e o «D. Carlos», cuja guarnição estava comnosco comprometendo a não nos abandonar, tinha 63:000 projecteis a bordo.

«Isto para as espingardas, agora para as peças tinhamos 300 tiros por bocca de fogo.»

Na propria entrevista se frisa pois, na parte relativa a munições, os cruzadores «S. Raphael» e «Adamastor», tem assente ficando que o «D. Amelia» não teve acção no bombardeamento.

Este, segundo a sua derrota nautica, fundeava em Macau a 18 d'esse mez d'Outubro.

Quanto ao emprego das peças de grande calibre, tão repudiado, encontra-se assignalado no relatorio official do 2.º tenente Tito de Moraes: (*)

«Pouco depois tambem recebi ordem para começar o bombardeamento do palacio das Necessidades, ordem que foi transmittida ao «Adamastor». N'esse bombardeamento que durou approximadamente duas horas, fizeram-se vinte e tantos tiros com as peças de 47, dos dois bordos, porque andei sempre em evoluções, á escolha de posição conveniente e cinco tiros com a peça 15 de vante.»

Outro depoimento, o do 1.º tenente Victor de Sepulveda, o confirmava ainda: (**)

«Não querendo render-me, nem adherir, sahi immediatamente, levando para S. M. a Rainha uma lembrança, um estilhaço de granada, prova de que os navios atiraram com peças de 15.»

Certo é porém que, embora fôsse feito uso das metralhadoras de 15, os estragos não assumiram as proporções que, para contentamento da parte popular revoltada, a «Lucta» citou, apontando desmoronamentos do palacio e até o telhado abatendo. (***)

Abandonando a posição fronteiriça as Necessidades e ignorando os resultados, do bombardeio, os dois vasos de guerra vinham de novo rio acima, espalhando o terror com os tiros feitos sobre Alcântara.

Na rua das Fontainhas, uma granada do «S. Raphael» entrava n'uma casa de habitação, causando victimas.

Na rua Maria Pia, outra damnificáva fortemente um predio.

Outra ainda, fazia cinco victimas.

Quando o trabalhador, José da Silva, natural de Almoster, socio do Centro Republicano Bernardino Machado, morador na

---

(*) A acção do «S. Raphael» no bombardeamento das Necessidades e na tomada do «D. Carlos»=(Relatorio do 2.º tenente Tito de Moraes).

(**) Joaquim Leitao = «Diario dos Vencidos» pagina 227.

(***) «A Lucta» de 5 de Outubro de 1910.=Adeante reproduziremos o trecho.

rua Maria Pia, 43, sua mulher Joanna Paiva, Francisco da Costa, morador na mesma rua, 41, 1.º, Maria Candida Pereira, residente no n.º 24 d'aquella rua e um trabalhador de nome Antonio, conversavam na rua sobre os acontecimentos, uma granada disparada pelo «S. Raphael», explodindo, matava logo os quatro primeiros, ferindo o ultimo.

A filha de José da Silva, Elvira Rosa, escapava, estando perto.

Ao estrondo, cerrou os olhos, e quando os abriu, deparou-se-lhe o tragico espectaculo dos esphacelados corpos do pae, da mãe e seus companheiros.

Feito, incautamente, esse morticinio, na embriaguez do colhido enthusiasmo, os navios vieram fundear em frente do quartel.

A despeito da facil victoria ganha, não diminuiram os receios.

O ataque dos navios, a distancia, d'onde não podiam ser visados, se serviu para affirmar a inutilidade do «D. Carlos», embora mantendo a bandeira azul e branca, não constituiria base de segurança á revolução se a realeza ainda tivesse liames firmes que ao solo portuguez a prendessem.

Por sua infelicidade, o palacio estava rodeado de tropas inuteis e que ao subir do pavilhão verde-rubro, symbolo da proclamada republica, ou se penitenciariam dos raros tiros oppostos á turba sediciosa, ou proclamariam que em defeza da monarchia nenhum haviam feito...

Estava observada uma espectativa, benevola.

Mal interpretada pelos sediciosos, fez-lhes só vêr urzes, cardos, no campo onde, aos clarões da victoria, o «verde» da relvagem se casaria enthusiastico com o «rubro» das papoulas.

N'essa hora indecisa do ataque ao real palacio, não foi visto esse consorcio de côres, só realçado ao cantico já não prohibido, da «Maria da Fonte» e da «Portugueza».

Só se notou ceu de borrasca e de tufão, embora o sol brilhasse rutilo e promissorio.

N'um escaler de bordo vinha a terra, o revolucionario Julio Victorino dos Santos, para da parte do tenente Tito de Moraes pedir ordens e vislumbrar incertezas.

Reunido de novo o conselho, ventilaram-se graves probabilidades.

Pensou-se em eflectivar uma libertação do cerco, por meio da absorpção de todo o caminho até á Praça do Commercio, trazendo ainda, como plano, a envolvente das forças acampadas no Rocio, collocadas de tal fórma sob o pezo da Rotunda e d'esse novo reforço.

Era traçada uma ordem, para os dois navíos protegerem uma marcha, pela margem, sobre o Terreiro do Paço.

Mal a determinação chegava a bordo, novo signal era feito.

O conselho ponderára as contingencias do momento.

As tropas que os revoltosos não conheciam como inertes, e antes julgavam dispostas a lances arriscados, não se haviam arredado dos seus postos.

A travessia terrestre, affigurou-se-lhes perigosa, como de perigo se viu a permanencia no quartel.

Seguros da Praça de Armas á Praça do Commercio, presumido foi o itenerario de constante risco.

Não contavam com outros auxilios.

Pelos vigias, sabiam o Rocio occupado por caçadores 5 e infantaria 5, e os correios e telegraphos deffendidos pela guarda municipal.

De conjecturado pouco seguro efieito era assim o combate contra todos esses elementos.

Problematica julgaram a contagem com o movimento secundado pela Rotunda.

Era calculada critica a posição d'esta, se bem que segredo houvesse sobre o escabroso conhecimento.

Do Alto da Avenida, instou-se pelo soccorro da armada, não occultando receios os emissarios de Machado Santos.

Por seu turno, do quartel de marinheiros fôra resolvido enviar um emissario á Rotunda.

Escolhido foi o revolucionario Jayme Teixeira, que fizera parte da expedição ao «S. Raphael», tomado tão sem custo.

Necessario era, para acabar com os successivos conflictos, que Machado Santos avançasse sobre o Rocio, caminho de Alcantara, emquanto de bordo auxiliavam a sua acção.

A Rotunda estava a esse tempo em pleno periodo de ataque das baterias de Queluz e de um rapido conselho entre Machado Santos, o enviado do quartel de Alcantara e o alferes de artilharia, Alberto Camacho Brandão, surgiu a remessa de uma nota de guerra assim concebida:

«Impossivel avançar Alcantara visto não abundar a infantaria, antes pelo contrario, com que possamos apoiar as praças — Bateremos Rocio quando bombardearem terreiro do paço. — Estamos em combate desde madrugada.»

Deprehendia-se que as forças da Rotunda estavam impedidas de se junccionar com as de Alcantara, e logicamente, viu-se, estas com aquellas.

N'essas interminaveis horas de receios, o pouco alarmante desenho da situação, longe de significar um suster vigoroso da posição e uma resistencia grande aos embates dos realistas, fez transformar a resposta do commandante da Rotunda em evidente texto reflector de desespero, de derrocada.

O que seria do baluarte de Alcantara á entrega da Rotunda?

Quaes os horrores destinados aos revoltosos da armada, quando vencida a barricada norte, a conjuncção de deffensores realistas se entregasse ao prazer da revindicta sobre os tresloucados sonhadores de uma republica para Portugal?

De que estupendos meios se serviria o jesuitismo para tripudiar sobre a cohorte ousada dos que haviam tentado contra as oligarchias, affirmando-se destruidoras irredutiveis de sectarismo pernicioso, escoado dos conventiculos?

De que torpezas se rodearia a corôa para o castigo dos aventureiros empenhados em derrubar a dynastia brigantina e que, n'uma pasmosa audacia, hereticamente haviam affogado em chammas a residencia congreganista de Valle do Rosal e esburacado fusilmadas as paredes julgadas invulneraveis, da régia moradia?

A que formidavel omnisciencia recorreriam os vencedores para encontro de penitencias e torturas destinadas aos vencidos?...

Foram essas as interrogações tenebrosas que se entrechocaram no cerebro dos dirigentes da acção revolucionaria em Alcantara.

Embora se não deixasse transparecer todo esse sonhado sudario de vinganças, de instante se julgou tudo perdido.

De per si, cada posto de sedição, teve os seus transes de deserção e de medo, de desanimo e de fraqueza.

Candido dos Reis, déra, mais fortemente, o exemplo d'uma turvação espiritual, ante um fracasso presumido.

A Rotunda eivou-se de nervosa crise, ás primeiras horas da manhã, onde a fuga fazia distanciar alguns officiaes do posto difficil por elles creado e onde haviam atrahido enthusiastas e crentes.

O quartel de Alcantara era mordicado pela tarde, pela tarantula excitante do receio.

Como que os fustigava a visão tremenda do ataque ás Necessidades.

Ia dar-se a passagem para os vasos de guerra.

Desprendidamente se ia deixar quasi deserto esse local que se sustentára firme até então.

Rasgado estava o caminho á reintegração do poder monarchico, se este robustecido estivesse em convicções para o executar d'esse acto de simples forma.

Mas a realeza, como já rúptil symbolo, estava condemnada, e, mais talvez pelos seus, do que pelos adversos, mais propensos a fuga, mais inclinados ao pessimismo.

Pela vez segunda, a monarchia de Portugal, teve nas mãos o gladio que de golpe unico esquartejaria a hydra de Lerna, de escancaradas fauces e que então sumia, n'um só feixe, facil de mutilar, as suas sete cabeças.

Não o soube, e não lhe deixaram entrever esse instante magno e de collossal effeito para o seu futuro.

Foi relampago rasgando celere o espaço de negra nublagem onde gravitava a dynastia brigantina.

A serpente mythologica, distendera de novo as suas cabeças, como tentaculos multiplos de gigante polvo.

Ia dar-se a absorpção.

Antes, porém, reentremos no critico instante em que a realeza, embora fugitiva, pela nullidade da defeza, podia ter tido por si dedicações grandes dadivosas de melhor destino.

Ao espelho evidente de uma derrocada, resolvido foi no quartel de Alcantara, o embarque da quasi totalidade das forças que ali se encontravam, e assim foi dito para o «S. Raphael» afim de que se preparasse para receber tudo a bordo.

Em Alcantara ficava apenas por mais tempo, o sufficiente para avaliar da verdade dos prognosticos terroristas, o commissario naval Henrique da Costa Gomes.

Fruindo sempre facilidades, alcançavam do commandante Cura, ao serviço da Empreza Nacional de Navegação, a cedencia do rebocador «Cabinda».

Auxiliava-os ainda um rebocador do arsenal.

Formados a quatro de fundo, sahiram os rebeldes pela porta do Aterro e sem que infantaria I procurasse difficultar essa marcha, que poderia ser pródomo de mais calamidades para a realeza e seus deffensores.

Breve embarcavam no «S. Raphael» com os populares e marinheiros, o 1.º tenente Antonio Ladislau Parreira, os 2.os tenentes Carlos da Maia e Annibal de Sousa Dias e o medico naval dr. Vasconcellos e Sá.

Reconduzida foi a metralhadora e o resto dos cunhetes de polvora.

O «S. Raphael» suspendeu ferro e seguiu pela margem direita, entre as acclamações dos guardas fiscaes e populares.

Essa attitude salientaram (*), admirativamente, os proprios revolucionarios:

«Tratou-se, pois, na tarde do dia 4 de embarcar a gente que guarnecia o quartel no cruzador «S. Raphael». Formados a quatro de fundo, saímos pela porta que dá para o Aterro e debaixo da acção de infantaria I e metralhadoras, que facilmente poderiam fazer muitas baixas, dificultando o embarque, pois que a demora da passagem das forças pelo Aterro, e a descoberto, ainda foi o bastante para ser facil tal ataque. Mas parece que as forças governamentaes não deram pelo embarque senão depois delle realizado. Nem um tiro dispararam!»

(*) A «Marinha na Revolução» — «Notas de um official que seguiu todas as fases do movimento» : «O Mundo» de 15 de Outubro de 1910.

Quiz o tenente Tito de Moraes dar posse do commando do navio ao seu superior, o 1.º tenente Antonio Ladislau Parreira, recusado, por bem entregue.

Emquanto o «Adamastor» ficava, para proseguir o embarque, o «S. Raphael», pondo se ao largo, seguiu rio acima, passando ligeiro pelo «D. Carlos» e pela fragata «D. Fernando», ostentando a bandeira monarchica.

Os canhões do cruzador fiel estavam em pontaria. A tripulação attenta.

A do «S. Raphael» tomava posições, prevendo um ataque.

Não se deu.

Nem um tiro soou.

A maruja nada fez, em proveito da causa republicana, porque cousa alguma podia de momento.

Os officiaes, os unicos monarchicos, nada fizeram contra a causa da Republica, porque não seriam obedecidos.

Tentaram os revoltosos as acclamações á Republica.

Dos outros nem um só grito houve.

O «S. Raphael» navegou pois sem novidade e com applauso dos barcos mercantes que estavam fundeados. Mas ao passar no quadro dos navios de guerra, anciosos viram que o «D. Carlos» e a fragata «D. Fernando» continuavam com a bandeira azul e branca. Deram n'essa occasião vivas de incentivo que não foram correspondidos pelos navios.»

Na ponte do arsenal, aliás ainda não submettido, a guarda apresentava armas aos revoltosos.

Era a adherencia á rebeldia.

Correspondendo fez o navio uma salva.

De passagem alvejaram os artilheiros navaes a majoria general, estabelecendo panico.

Em festa se servia entretanto ás praças e populares, uma refeição quente, cosinhada a bordo.

Os oculos, dirigidos para terra, assignalaram, de facto, a anterior denunciada presença de municipal na arcada do poente, onde eram situados os ministerios da guerra, marinha, fazenda, obras publicas e estação central dos correios.

N'um impulso, mas na certeza absoluta de que não haveria para o mar revindicta possivel, faziam quatro tiros.

Uma desalojava, como de prever, mas não sem resistencia, a municipal que, apoz perdidas descargas, fugia lesta para dentro do ministerio das obras publicas.

Sobre esse nucleo deffensor dos telegraphos, passou uma accusação, na qual parecia notar-se firme vontade de adherencia.

Expunha-a (*) o chefe revolucionario Annibal Lameiras:

«A guarda municipal nem por um instante nos abandonou. Commandava-a o capitão Pires, um cavalheiro baixote e gordalhudo, que se não fartava de dizer que se renderia logo que fosse atacado por forças eguaes ou superiores ás suas.

«Fôra o que se resolvera — dizia — no conselho de officiaes por elle convocado, e d'essa resolução dera parte para o quartel do Carmo.

«Deve porém dizer-se que os officiaes que acompanhavam o sr. Pires eram apenas dois...

«Até á hora em que o «S. Raphael» appareceu defronte do Terreiro do Paço, a municipal não deu mostras de desalento. Contava ainda vencer. Aquelle navio mandou-lhe a primeira granada. Não calcula o que então se passou. O terror dominou a soldadesca e praças e officiaes, abandonando até as armas, invadiam a estação, fechando as portas e janellas, na attitude desesperada de quem pretende deffender-se d'um inimigo invencivel...

«Foi um momento tragico para a municipal, esse.

«Não se contentou, porém, a guarda em se refugiar apenas aqui dentro, destruindo apparelhos, desvastando tudo o que encontrava deante de si, tratou de se barricar, de accumular nas janellas tudo o que se lhe deparava. Era o desvairo que a tomara toda, deixando a sem saber que fazer. E quando, n'um dado momento, vi o capitão Pires, afogueado e afflicto, approximar-se do caixote com as bombas, que estavam alem, debaixo d'aquelle armario, chegou-me tambem a vez de tremer. E bradei-lhe:

(*) «Da Monarchia á Republica» — Pagina 80.

« — Capitão, deixe ficar esse caixote! Tem coisas que podem quebrar-se.»

«E o caixote ficou no seu logar. Mas se lhe tem dado um ligeiro solavanco, tudo isto tinha ido pelos ares.»

Não podia, de facto, a municipal sustentar a pé firme, um combate onde a sua inferioridade era manifesta, vendo-se forçada a responder, com fuzilaria simples, ás granadas de longe atiradas pelo cruzador.

A dispersão deu-se pois, mas sem o abandono de armas e sem o exposto exagero de fuga.

A segunda granada do «S. Raphael» ia explodir junto ao ministerio do reino.

Duas foram n'uma pontaria baixa, certeira, enfiar pelo centro da Rua do Ouro.

Com pericia assombrosa, iam colher, pelo meio da rua, as forças postadas á embocadura do Rocio.

O estrangeiro deu o facto como soberbo coroar do bombardeamento do paço:

«Cuantos oficiales coadyuvaron á ello? Unos siete, cuyo heroismo es merecedor de toda suerte de elogios. Son: los primeros tenientes Parreira y Vasconcellos; los segundos, Souza Dias, Tito de Moraes, Maia y Cabeçadas Junior; los comisarios navales Costa Gomes y Martins. Mucho les debe la Republica, porque el bombardeo al Palacio real fué la clave del triunfo, como el cañoneo por la rúa del Ouro la consagracion de la victoria. Pero en la gran obra no estan solos. A par suyo figura la legion anonima de marineros, la energia popular uniformada. Ellas mostraron de cuan poco le sirve a un regimen podrido halagar a los de arriba cuando el sentimiento de libertad inflama el corazon de los de abajo. Por su esfuerzo triunfó el ideal de Patria y fuy vencida la encarnacion servil que de ella se hacia en un rey bobo y cobarde. Eso si puede llamarse patriotismo.» (*)

O cruzador fundeava depois fronteiro ao Caes da Areia protegido pelo edificio da Alfandega.

(*) «Como cae un trono = La Revolucion en Portugal» — Pagina 168.

Eram 5 horas e meia da tarde.

Fazia ainda novos tiros sobre Santa Apolonia e immediações.

Descançaram então.

Não julgaram conveniente um desembarque nocturno, para que os não colhesse embuscadas.

Sendo noite, apenas foi suscitada a conveniencia de se enviar um emissario a Machado dos Santos.

Assumiu o encargo difficil, o chefe carbonario Victorino dos Santos e o commissario naval Marianno Martins.

Embarcando n'um escaler, desembarcavam no Caes da Alfandega.

A' difficuldade da travessia, resolveram aguardar outros emissarios.

Um maritimo se prestou ao feito, sendo-lhe entregue, por Julio Victorino dos Santos, o seu cartão de identidade de socio do Centro Eleitoral Democratico, em cujo verso escreveu o aviso de que a marinha poria pé em terra pelas 4 horas da madrugada.

Emquanto o enviado seguia, retrocediam os dois revolucionarios para bordo do «S. Raphael».

Breve recebiam, devolvido, o aviso destinado a Machado Santos.

A missão disse-se impossivel de cumprir pela tomadia das ruas que deitavam á Rotunda.

Todavia a ella continuavam tendo accesso alguns grupos civis, anciosos de coadjuvar o commissario naval na julgada improba tarefa de manutenção do reducto da Avenida.

Entretanto o commissario naval Costa Gomes, tratava de promover o embarque do resto dos que o rodeavam.

Para mais rapido se effectuar, utilisava-se do vapor «Guiné», da Empreza Nacional de Navegação, e do commando do capitão de marinha mercante, Cura.

«Deram entrada n'este navio, entre praças e paisanos, talvez mais de 1:500 homens armados.» (*)

Muitos seriam depois transferidos para o «S. Raphael», á chegada ao Terreiro do Paço.

(*) Copia do livro de serviço do cruzador «Adamastor»

O quartel ficou ao abandono quasi.

Se á monarchia tivesse sorrido a sorte n'essa hora, um lance de arrojo, simples, e sem guindado ser ás alturas de heroico feito, operaria o retrocesso rapido de toda a sedição.

Mais tarde, e dita uma ignorancia do estado pouco definivel do quartel, se allegou que facilmente seria reconquistado pelos navios revoltados.

Todavia, imperando, de continuo, nos rebeldes, um desanimo a cada pretenso fracasso, a retomadia do edificio de Alcantara, o alarme do acto e a acção energica das forças de espectativa nas Necessidades, rompendo a sua inacção, traduzindo uma derrota dos sediciosos, trariam ao caminho monarchico os regimentos, n'essa hora ainda indecisos sobre o caminho a tomar.

O vacuo fez-se, para submergir a revolução.

Ninguem lhe deu o impulso.

O abysmo, de relampago escancarado, fechou-se lepido ali, para se cavar acolá, como castigo ao desprezo das fortunas occasionaes e ainda como satisfação ao desejo transformista.

Ao desapparecer do sorvedouro aberto á revolução, abria-se a voragem aos pés da monarchia.

O refluxo attrahiu-a.

Ficou retida.

Intuitivamente, o segundo vaso de guerra como se calculasse que bem ficava o quartel, embora desprovido de forças, fendeu ligeiro as ondas.

Singrando o mar, satisfeito da jornada e da missão de bombardeamento veiu de abalada até á frente do Terreiro do Paço, para companhia ao «S. Raphael», o cruzador «Adamastor» que pouco depois junto do outro fundeava, recebendo d'elle parte dos marinheiros e populares que ali estavam a mais.

Havia ainda o rejubilo do feito das Necessidades, a bordo dos dois navios.

O destino escrevia-lhes porém n'essa hora de alegria o seu futuro de desprazer.

O primeiro, o «S. Raphael» a pouco mais de um anno de esse bombardeamento, a 21 de Outubro de 1911 ia quebrar-se

nos rochedos da margem de Villa do Conde, salvando-se a custo a tripulação, da qual perecia ainda um marinheiro.

Assim teve finda carreira, o navio de 1800 tonelladas, 73^{m},80 de comprimento, 10,84 de bocca externa e da velocidade de 15 milhas garantidas por duas helices accionadas por machinas da força de 3000 cavallos.

O «S. Raphael» fôrá lançado á agua em 1898.

O segundo, conduzido por um dos officiaes da acção de Outubro de 1910, o ex-segundo tenente Annibal de Sousa Dias, que a revolta levou a capitão-tenente, encravava-se a 11 de Maio de 1913 nos baixos das Novilhas perto da ilha Dumbell, em Hong-Kong, entre as ilhas de Lantau e Chung-Chau.

Julgou-se que a carreira terminasse esse bello navio de 1757 tonelladas de deslocamento, da velocidade de 18 a 19 milhas, possuidor de 3 tubos lança torpedos, 6 peças Krupp, 7 Hotokiss e 2 Nordenfert; construido em Livorno com o producto da subscripção nacional aberta em 1890, por occasião do ultimatum inglez; lançado á agua em 12 de Julho de 1896, entrado no Tejo a 7 de Outubro e entregue ao governo a 15 d'esse mesmo mez.

O «Adamastor» era todavia posto a fluctuar a 16 de Maio, e rebocado para a doca de Kauloou Kanj Konj, para as convenientes reparações.

Foram estas de valia, necessitando o navio de substituição de 25 chapas protectoras do costado, do endireitamento de outras tantas, de reforma de cavername, do concerto de duas chapas de fundo, de outra junto á quilha entre o paiol dos generos e a meio da casa das machinas; reforma dos anteparos e escora das caldeiras; remodelação de 88 chapas deformadas, etc., exigindo a companhia das docas 10:000 libras, apenas pelos trabalhos de salvamento, mas baixando-os a 7:500, com 8:500 libras para os fabricos, n'um total de 16:000 libras, ou 72 contos de réis, cambio ao par.

O commandante do «Adamastor», capitão-tenente Sousa Dias, era exonerado do commando, sendo mandado instaurar (agosto de 1913) o competente processo para comparencia a conselho de guerra, composto pelo capitão de mar e guerra, Emilio

Augusto Carceres Fronteira, presidente; capitão de mar e guerra João Augusto Mattos Sousa, promotor; capitães-tenentes Alves Ferreira de Sousa, Benjamim Paiva Curado, Jayme Leotte do Rego, José Dionisio Carreiro de Sousa Faro, Julio Milheiros, jurados; Manuel Ribeiro da Silva, guarda-marinha auxiliar, secretario e dr. João de Menezes, defensor.

Dada a causa do encalhe como originada na tentativa de evitar o abalroamento com um barco de vela, o conselho absolvia (24 de Janeiro de 1914) o capitão-tenente Sousa Dias, anteriormente substituido pelo capitão João do Canto e Castro da Silva Antunes, no commando do «Adamastor», que não reentrara no Tejo (18 de Outubro de 1913) sem ser attingido (Agosto de 1913) por doença suspeita a bordo e victima de outro abalroamento (Outubro de 1913).

Assim fôram influenciados por estrella má, os dois navios, um dos quaes, o «Adamastor», inaugurou a 31 de Outubro de 1910, a primeira bandeira da Republica.

Vejamos agora os effeitos do arrojado acto do bombardeamento das Necessidades.

VIII

O bombardeamento do Palacio Real

Nas Necessidades.—O exercito e a defeza do paço.=Ao inicio do bombardeio.—Do paço para o jardim da Rainha.=Do jardim para o Picadeiro.=O appello á intervenção ingleza.—A côrte.=O grupo dos dedicados á realeza de Portugal.=O embaixador hespanhol.

s claridades matinaes surgindo lentas, não trouxeram ao palacio real melhores aspectos do que apresentava a enorme e lugubre madrugada de pesadello, começada nos trez tiros, origem do caducar da partida do bridge.

Julgado sonho mau foi toda essa perspectiva da excitação popular.

O sonho traz, como logica consequencia, o positivismo.

Para a realeza seria elle bem duro, e, se o canto do gallo, segundo as crenças affasta as más visões, para a dynastia de Bragança, o alvorecer de 4 como o de 5, apresentou não o desvanecer subtil das cousas pavorosas, mas a cruel realidade: a vontade de um povo, indicando o caminho do exilio para que não trilhasse a estrada torva da morte, aberta ante a clareira immensa deixada em seu redor, pela aulicolagem amedrontada.

Como «simoun» terrivel, levara-os o receio no seu redemoinho.

Lançara-se, na monarchia, o pregão de uma bancarrota, de uma derrocada, d'um crime de lesa patria, d'uma nacionalidade a perder-se.

Era a precisa nota para os fins a executar e, provou-o, a dentro da republica, o renascer das normas de derrocada, de nação a perder-se nas garras ensanguentadas do estrangeiro audaz.

Ao rumor popular, desejoso de liquidar essa apresentada situação de desespero, correspondia, pela realeza, o exacto desconhecer d'esse vulcão espalhando lento a sua lava destruidora.

Era a patria em perigo, o rastilho posto a arder para a explosão do exaltado animo do povo.

Levado na corrente, não se lembrou a massa anonyma de que Portugal, é e será sempre a gloriosa nação firmada pelos altos feitos dos lusos antepassados e que quando envolto nos mares agitados da internacional politica, sempre o destino lhe guiará a posto bom o seu progresso de terra bemdita.

A realeza, mesmo n'essa hora de agrura, não duvidou de um reconsiderar de intenções.

Não viria tão cedo.

Só começariam a retroceder, seguidos alguns mezes do drama desenrolado.

*

* *

D. Manuel, fardado, semelhava porem Napoleão prevendo um Waterloo.

Não teria uma ilha de Santa Elena, pois mais feliz que Bonaparte, não iria dos rochedos altos contemplar o mundo que o repudiou e venceu, mas apenas o castello de Woodnorton, para colher a amarga saudade da patria, que o votára ao exilio, relembrando-o, todavia, nas horas de desillusão.

Procurou novas d'essa lucta longinqua.

Deram-lhe animações e contradicções.

O rei, não foi o fraco que quizeram apresentar para mais descer a sua figura entravante da ideia nova.

Quiz vir á rua, animar os fieis, raros, e para isso desenvergara a casaca da festa da vespera, e tomára a sua farda.

Crente, tinha convicção de que as tropas, cercando o paço, por elle eram.

Mas, como pensar na soldadesca, se do palatinismo frequentador dos paços, diminutos estavam?

Olhou esses aposentos vastos e agora solitarios.

Não tinha ali, no instante de desgraça e de terror, essa turba de aduladores e de servidores que o rodeavam nos dias felizes.

Veio á mente decerto essa phrase tantas vezes repetida pelo pae, D. Carlos:

—Isto é uma monarchia sem monarchicos!

Teria a confirmação, dias depois, ao percorrer nos momentos tristes do forçado repouso de Woodnorton, as columnas do jornalismo portuguez, que a lettras terriveis assignalaram a transição facil para a republica que o depuzera, de muitos que tivera por devotados ao rei e á realeza...

Nas curtas horas de permanencia no paço das Necessidades, a boa fé de D. Manuel por vezes imperou ainda.

Fallou-se sobre o effectivo de tropas existente.

Estavam caçadores 2, do commando do tenente-coronel André Joaquim Bastos, tomando as embocaduras das ruas; infantaria 2, do commando do coronel Antonio Augusto de Sousa Bessa, dividida em secções, a primeira das quaes formava em frente do palacio; a 2.ª no picadeiro, a 3.ª na porta do convento e a 4.ª no pateo do Rilvas; lanceiros, com o coronel Alfredo de Albuquerque; as baterias de Queluz, e ainda a guarda municipal.

Não se estabeleceram duvidas sobre as ultimas, e confirmaria essa predisposição, o facto do capitão Ribeiro de infantaria 2, sendo intimado por escripto para se entregar, deixando na casa da guarda o armamento e o cartuchame, retorquir que era soldado da monarchia e que se não entregava, e á insistencia com ameaças voltar-lhes as costas com indifferença.

Foram as indecisões directamente a caçadores 2, sabendo-se que o coronel Bastos affecto era á democracia.

Nem só elle era dedicado á causa dos revoltosos.

Auxiliavam-na o tenente João de Sousa Aguiar, o tenente ajudante Conceição e quasi todos os sargentos.

Houve confiança nos lanceiros.

Ignorava-se todavia a sua acção nulla da madrugada, dei-

xando a sós a guarda municipal para a detenção á columna do capitão Sá Cardoso, na rua Ferreira Borges.

Comprehendidas e conhecidas as intenções de um assalto ás Necessidades, cavallaria 2 com infantaria 2, esquivando se a entromettimentos no conflicto de armas travado entre parte de artilharia 1 e do 16, com o pelotão da municipal da Estrella, cuidara-se apenas em procurar abrigo junto dos predios da rua de Santo Antonio.

O commandante de lanceiros, coronel Alfredo de Albuquerque, cingido á convenção de que apenas lhe impedia o dever de formar barreira á marcha dos sediciosos, e não o de lhe coartar as intenções com o golpe cerce e de facil execução pela columna ás suas ordens, arrumára ás embocaduras das ruas as praças da sua chefia, e foi ao palacio real fazer os seus cumprimentos de official da casa militar de D. Manuel II.

Não chegára ainda aos regios salões o echo d'essa tactica de espectativa simples, nascida talvez de singulares controversias do plano anti-revolucionario elaborado na secretaria suprema do commando militar.

A lanceiros foi assim a parte mais bem talhada da confiança real nas tropas acampadas em redor da realenga residencia.

Pesaram-se todavia probabilidades e aspectos problematicos.

A divergencia de um regimento, estabeleceria ou a juncção de outros á sua causa, ou o combate, em frente mesmo ao paço.

Emquanto, como que para affastar d'ali os regimentos presumidos realengos, se ordenava do quartel general a sahida immediata de cavallaria 2 e das baterias, retirando-lhe mesmo a primitiva ordem de assalto ao revoltado quartel de marinheiros, nas salas palacianas optava-se por um retrahimento em materia de avaliação da attitude das forças, ante a vontade do soberano de á sua frente se collocar.

Quaes seriam as fieis?

Mais tarde e renovando essa interrogação sobre que tropas poderiam ter auxiliado o rei na sua intenção de se collocar á sua frente, diria assim o presidente do conselho, Antonio Teixeira de Sousa, na sua obra «Para a Historia da Revolução» (pagina 472):

«Que tropas? Não eram poucas as que tinha deffendendo o Paço em que se encontrava: os regimentos de infantaria 1, que passava por ser o mais fiel á Monarchia, o batalhão de caçadores 2, 150 praças de infantaria 16, duas companhias da municipal, 1 esquadrão da mesma guarda e ainda durante parte do dia 4, a bateria de Queluz, do commando de Paiva Couceiro.»

Todavia, n'uma breve penitencia, patenteava a attitude de caçadores 2 (*) e declarára ainda, na mesma citada obra: (**)

«Logo que o Rei sahiu e do facto dei conhecimento ao commandante da divisão, este ordenou que a brigada que defendia o Paço marchasse para o Rocio. Repetiu a ordem, muitas vezes, mas o commandante da brigada recusou-se a marchar, com o fundamento na insubordinação dos soldados, conforme o relato que o general fez no dia 5 no conselho de officiaes e diversas testemunhas.»

Estava assim de flagrante incoherencia o inicial assomadiço aspecto de defeza pelos contingentes das Necessidades, com a base testemunhal apoz evocada.

De facto, com que tropas podia contar D. Manuel?!...

Ante uma indecisão, de pouco valia a tentativa.

Logo nos primeiros instantes, o palacianismo desesperou de uma efficaz defeza do rei.

Só este manteve a sua confiança e teimosia de á frente das praças tentar com um lance de audacia o soerguer da supremacia real.

Eivado d'essa fé no exercito e no proprio governo, tinha no rosto, exceptuando a pallidez, o aspecto sereno de quem aguarda horas melhores, embora uma concentrada raiva lhe fizesse contrahir as feições de vez em quando.

A crença todavia era immerecida.

Como notamos no incidente de armas entre a municipal da Estrella e a columna revoltosa sahida do quartel de artilharia 1 não se apresentou a auxiliar a guarda, a força de lanceiros 2 e infantaria 2, observando singular espectativa, a dois passos do local onde se realisou o choque primeiro.

(*) Paginas 387-389 do livro «Para a Historia da Revolução».
(**) Pagina 482 do livro «Para a Historia da Revolução».

A sedição ganhava assim tudo, e até por vontade propria ou indifferença protestada.

Veremos depois a attitude regimental, evidenciada em foco perturbante pela luz da critica merecida ás mutuas recriminações.

Foram bicos de corvos remexendo o amontoado putrefacto das ficções, da proclamada defeza da cortezania.

Porém, ao reciproco arguir e ao levantar do vôo, os factos desceram dos altos das hypotheses ao raso campo das verdades.

Evidentemente, seria inutil á causa da realeza, a cavalgada pelas ruas citadinas.

Os monarchas das duas primeiras dynastias, a de Borgonha e de Aviz, iam para as luctas na Berberia, levando apoz si os troços soberbos e brilhantes da fidalguia e os terços aguerridos, febris em zelo patrio e de olhar no real estandarte.

O 16.º rei da dynastia de Bragança, de outras epochas fazia parte.

Deixara apoz si, a dos tres Filippes e era o fecho da brigantina, onde D. João IV á força viera de Villa Viçosa para se sentar no throno, para que a varomil figura de D. Luiza de Gusmão impuzesse a firmeza julgada apanagio da masculinidade.

Já não eram os tempos da guerra santa, unindo os lusos contra os barbaros.

Era a phase, dita progressiva, dos ideaes novos, desjungindo irmãos dos irmãos, para cavar entre elles o odio da guerra fratricida.

Era Lisboa combatendo contra Lisboa, e a coragem de alguns, traçando o caminho do regimen novo, com o abafar da resistencia de raros e com a tacita acquiescencia de muitos.

D. Manuel, cahindo como alvo de effeito, no meio d'esse circulo vicioso, só com o modesto cortejo dos seus dedicados, significaria apenas um holocausto tragico, um inutil appressor da victoria da democracia.

De identica opinião, seria o conselheiro Teixeira de Sousa, que, desmentindo as accusações de se haver opposto á marcha de D. Manuel para os postos de combate, esclarecia: (*)

(*) «Para a Historia da Revolução». = Pagina 245.

«Era de evidente conveniencia que D. Manuel se não expuzesse aos perigos de uma revolução contra elle principalmente dirigida, como representante do regimen monarchico. Sem successão directa, se a revolução o supprimisse, a causa monarchica ficaria desde logo perdida.

«Além d'esta circumstancia de caracter politico, corria ao governo a obrigação de defender a vida do Rei. Por taes motivos não aconselhei D. Manuel a collocar-se á frente das tropas, sendo certo ainda que, conforme as affirmações diariamente feitas pelos commandantes da força publica, as instituições seriam defendidas com a certeza de exito, sendo apenas de recear os excessos que a divisão praticaria, como mais de uma vez me foi ponderado pelo general Raphael Gorjão, naquelle mesmo momento me repetia.

«Mas demovi eu D. Manuel de qualquer proposito que manifestasse de se collocar á frente das tropas, expresso n'aquelle momento ou durante a Revolução? Não; absolutamente não. Os que me attribuiram essa attitude faltaram inteiramente á verdade. Nunca D. Manuel me expressou esse desejo, e por isso nunca contrahi tal responsabilidade. Não duvido acreditar que o Rei tomaria o logar que o governo lhe indicasse, qualquer que fosse o perigo; mas ninguem lhe poderia aconselhar que se collocasse ao alcance de uma carabina ou de uma bomba explosiva, tanto mais quanto era certo que, pela confiança que aos responsaveis inspirava a força publica, esse grande risco era dispensavel.»

Era porem pouco solida a base affirmativa de uma defeza pelo exercito.

Não o dominava o medo, manietava-o a connivencia.

Celestino Steffanina, o affirma: (*)

«Voltando da Rotunda, andei nas ruas da Praça da Figueira, do Amparo, e S. Domingos, fallando com os soldados que se conservaram fieis!... a todos ouvi palavras que me davam a certeza que «nunca» atacariam as forças revoltadas; a um sargento ouvi eu... «se apparecesse ahi o Affonso Costa ou o Antonio José ia tudo atraz d'elles.»

(*) Celestino Steffanina = «Subsidios para a historia da revolução de 5 de Outubro de 1910» = Pagina 20.

Por seu turno, Machado Santos, n'um exclarecimento á polemica estabelecida entre o conselheiro Teixeira de Sousa nos livros «Para a Historia da Revolução» e «A Força Publica na Revolução» e o coronel Alfredo de Albuquerque, no livro de Joaquim Leitão, «Os Cem Dias Funestos» (Processo e condemnação do ultimo presidente do conselho de 1910, Antonio Teixeira de Sousa, e do seu livro «Para a Historia da Revolução») — diria, (*) para bem accentuar a completa absorpção da soldadesca pelo espirito revolucionario:

«E' preciso que isto se repita bastantes vezes em honra do uniforme do exercito portuguez: os oficiaes conseguiram dos seus soldados o maximo que podiam, arrancar-lhes mais energias para a ação, foi-lhes completamente impossivel, como impossivel fôra para alguns realisar o plano de intentona reaccionaria no estado em que haviamos posto os quarteis.»

Mais por intuição, do que por conhecimento de successos, o projecto de marcha em embryonario tom se manteve.

D. Manuel ficou, pois, disfarçando o desespero, para que não o enleasse o desanimo.

Quiz saber novas de Cintra.

Para lá se telephonou.

No castello da Pena com sobresalto recebera a rainha D. Amelia, a confirmação das noticias da vespera, que só de manhã lhe foram transmittidas.

Procurou pormenores sobre a gravidade do movimento.

No paço, onde tudo se occultava, embora muito se soubesse, essa ignorancia se proclamou, e para que a tranquillidade se fizesse no castello, affirmaram-se as Necessidades bem deffendidas pelas tropas fieis e o governo determinando providencias exemplares.

Julgado foi bem acceite esse optimismo.

Mas não socegou mais a alma da mãe, nem o coração da avó.

Uma e outro lhes diziam o desasocego patente de Lisboa, a chamma aterrorisante que o paço envolvia.

Reunindo-se na residencia cupular da Serra de Cintra onde

(*) «O Intransigente» de 17 de Novembro de 1913.

a seu tempo iremos analysar o quadro commovente dos anceios d'essas duas figuras, uma alquebrada, outra animosa, preparando-se para amargos transes, — jámáis deixaram de pedir informes, firmando no gabinete ministerial as suas esperanças, até receber, pelo proprio apparelho telephonico, o echo retumbante do explodir das granadas . .

Não estava pois, D. Manuel II moralmente desacompanhado de sinceros affectos nos lances de perigo.

O apparelho telephonico transmittia-lhe os conselhos encorajados da rainha D. Amelia, que, ora colerica ora impulsiva, como que assistia a esse soturno desenrolar de peripecias alanceantes.

De Cintra a Lisboa, voava essa alma de mãe, e o telephone, reproduzindo a voz da viuva de D. Carlos I, lançava no salão do paço das Necessidades, o reflexo de um pensamento ao assassinado do Terreiro do Paço, renovado ainda na Ericeira, e dizendo muito no seu aspecto simples:

— Ah que se fosse vivo quem eu sei...

Reproduzindo em singellas mas significativas impressões a attitude febril da rainha e, ainda, reafirmando as intenções de D. Manuel, de se collocar á frente das tropas, vemos uma obra que todo o estrangeiro registou por notavel.

Servem-nos agora as affirmativas, que vamos traduzir, contidas na celebre obra «Souvenirs Inedits sur la Reine Amélie de Portugal, recuiellis par Lucien Corpechot»:

«A noite decorreu sem estar ao redor do rei mais do que um punhado de servidores: dois ajudantes de campo, o grande da côrte, conde de Sabugosa, alguns camaristas fieis e o ministro de Hespanha, que ao inicio do fuzilamento atravessou a linha dos insurrectos e veio tomar um logar de honra junto de D. Manuel; ao todo oito ou dez pessoas.

«Ao nascer do dia se apercebeu a bandeira da Republica fluctuando sobre o quartel de marinheiros; o rei fez içar o seu pavilhão sobre as Necessidades. Então, dois navios, no ancoradouro, e em poder dos revolucionarios, levantam ferro, manobram para se collocar deante do arsenal e mettem-se em posição para bombardear o palacio real.

«Um enviado do presidente do conselho se apresenta ao rei, portador d'uma mensagem, exhortando Sua Magestade a deixar o palacio, sobre o qual começam a cahir as granadas. D. Manuel faz aos personagens que o rodeiam a leitura da carta do seu ministro e rematou: Ide se vos apraz, eu fico! Visto que a constituição não me determina outro papel que o de me fazer matar, procural-o hei cumprir convenientemente.»

«Os primeiros projecteis apenas attingiram as chaminés. O rei, sorrindo, diz que de ordinario as revoluções dão trabalho aos operarios. Cornijas desmoronam-se; vidros estalam. O rei sahe para os jardins. Calcula que apoz as ordens dádas pela tarde, os regimentos do norte esperados em Lisboa, chegarão durante a lucta e dispõe-se a collocar-se á sua frente. Os sediciosos serão como que affogados pela massa dos soldados fieis e pode-se assim considerar finda a insurreição.

«Os conhecimentos que elle crê ter da situação, esses calculos permittem-lhe esperar. Sobre a metralha, discute, impassivel as probabilidades.

«Mas a rainha? De Cintra, ella ouve troar o canhão. Pelo telephone recebe novas animadoras. Percebeu que seu filho lhe respondeu com a sua calma, com a sua tranquillidade. Depois a ligação foi cortada. E ella nada mais soube de D. Manuel, senão que está isolado do resto do mundo no seu palacio, que os canhões de uma esquadra bombardeiam! Revê D. Carlos expirando, Dom Luiz debatendo-se nas convulsões da agonia! Cae de joelhos. Resa!

«Aquella mãe não pode supportar a ideia da uma tal noite de angustia, as longas horas de obscuridades, o silencio de Cintra, cortado de tempos a tempos pelo troar do canhão ou das metralhadoras. E' impossivel reunir-se a D. Manuel, resguardal-o com o seu corpo.

«Está ali espectadora impotente e desarmada . .

«E é quasi com satisfação, como um allivio, que sabe que o rei deixou Lisboa, que está em Mafra.

«Corre para junto d'elle. . .

«Pela uma hora o rei recebeu uma nova mensagem dos seus ministros, uma notificação cathegorica de ter de deixar imme-

diatamente o seu palacio. Só a sua presença nas Necessidades é causa do bombardeamento d'aquelle bairro e se as granadas não teem feito grandes estragos no dominio real, todas as casas em redor estão desmanteladas; incendios se ateiam. A obstinação do rei em permanecer em Lisboa vae causar as maiores calamidades. O presidente do conselho lança lhe a responsabilidade do desastre e não se abalança a dirigir a resistencia se o rei se não affasta da cidade. Como é que não comprehende que a sua presença constrange os seus deffensores?

«Dom Manuel não o comprehende, com effeito, elle que apenas sonha reunir as suas tropas fieis e triumphar ou morrer á á sua frente!

«Todavia, ganhará Mafra, onde se rodeará do batalhão dos alumnos da escola, onde se aggruparão as forças militares do reino, d'onde poderá agir. E Dom Manuel decide-se a partir para Mafra.

«O rei não tinha tomado alimento algum durante a noite, diz o marquez do Lavradio, que o não deixou mais. Tentámos fazel-o tomar alguma cousa. Foi em vão. O palacio está solitario. Desde o primeiro tiro, creados, guardas, moços de cosinha e dignitarios, tinham-se feito republicanos.»

Retrocedamos nós ao palacio das Necessidades, onde novos dedicados á realeza appareceram ainda, para que completo não fosse o vacuo em redor d'ella formado.

De fóra chegava o medico da real camara dr. Arthur Ravara.

Como portador de novas, e como companheiro de provações chegou cerca das 7 horas da manhã, o tenente da armada, Victor Leite de Sepulveda, notavel pela parte que tomára na campanha do Cuamato em 1907.

Conhecera o aspecto da Rotunda, onde fôra detido.

Libertado pelas ordens do capitão José Affonso Palla, subira a Valle de Pereiro, para d'ali galgar até á Estrella.

Assignalára uma descançada espectativa da guarda municipal da travessa dos Ladrões e, seguindo sempre, ia defrontar com um official revolucionario commandando a força de serviço

a uma peça collocada junto ao portão do Picadeiro do palacio das Necessidades.

Era de caçadores 2, e d'este regimento se teve por suspeito o titular, que não entrava as portas do paço sem previa apresentação ao chefe das tropas ali acampadas.

Callou-se o 1.º tenente Sepulveda sobre a attitude pouco tranquilisadora das forças que cercavam a moradia real.

Não quiz perturbar a apparencia calma dos fidalgos ali reunidos.

Apenas com o 1.º tenente Joaquim Vieira Botelho da Costa expandiu opiniões.

Entrando, a chamado regio, na sala do primeiro andar, referiu a sua detenção na Rotunda, onde os revoltosos acampavam.

O marquez do Lavradio, apresentava comtudo convicções de que o movimento em breve estaria dominado.

O tenente Sepulveda, não julgou util espalhar terrores e deixou-lhes a crença.

Breve chegava uma noticia alarmante trazida por um official dos que deffendiam o paço.

Affirmando insufficientes os contingentes ali collocados para se anteporem ao projecto que parecia se ir executar, informava que do cruzador «S. Raphael» estava desembarcando uma columna de marinheiros, destinada decerto ao assalto do palacio.

Apoz o facto, communicado ao marquez do Lavradio, secretario particular de D. Manuel II, o official regressava ao seu posto, emquanto se formulava aviso das intenções da armada ao quartel general, pedindo reforços para auxilio efficaz ás praças occupadas no isolamento do paço.

Fallando sempre do governo, d'elle se não sabiam novas.

Pouco depois estabelecia se ligação para o presidente do conselho.

A's nove horas chegava uma communicação ministerial.

Não coloria prasenteiro a entrelinha de allegação de uma excellente perspectiva, a nota alarmante de que os marinheiros intentavam o bombardeamento do paço.

Indicando a utilidade do seu abandono por Mafra ou Cintra, assignalava bem a gravidade dos acontecimentos.

D. Manuel, triste, mas sem atavios de ephemeras energias ou lassidões de pussilanime, reunia o conselho dos seus officiaes e dando-lhes conta do aviso, teve n'um sorriso melancholico, a phrase:

— Vão vocês, se quizerem. Eu fico ainda. Desde que a constituição me não marca outro papel se não o de me deixar matar, cumpril-o-hei!...

Dos dignitarios que ali se encontravam, nenhum se aproveitou da concedida venia.

Eram elles o coronel Waddington e o capitão de fragata Vellez Caldeira, o marquez do Lavradio, o 1.º tenente Sepulveda, o marquez de Fayal, o conde de Sabugosa, o conde de Tarouca, o dr. Ravara e Fernando Eduardo de Serpa.

O tenente Sepulveda, descera entretanto, indo observar de novo a disposição das forças.

Já haviam retirado as baterias de Queluz e lanceiros com o coronel Alfredo de Albuquerque.

Relaceando um olhar ao longe, percebeu extranhas evoluções dos navios.

Ia realisar-se talvez a indicação singular do chefe do governo.

Fazia logo prevenir o coronel de engenharia, Fernando Eduardo de Serpa Pimentel para que el-rei deixasse, como ponto superior e por isso perigoso, o salão do andar nobre.

A prevenção se recatada foi, a curiosos ouvidos chegou.

A dispersão fazia-se, a creadagem fugia celere, abandonando tudo.

Só quatro ficavam.

Comtudo, ainda d'essa feita se não realisou o ataque.

N'esse instante procedia-se a novo desembarque de munições para o quartel de marinheiros.

Como commandante da brigada de defeza, apresentava se então, o coronel Bernardo Antonio de Brito e Abreu.

Seria extranha a apresentação, depois das 10 horas da manhã, do commandante da 1.ª brigada de infantaria, quando desde a vespera, de tarde se haviam ordenado prevenções, se de extensa surpreza não fosse toda a attitude do exercito n'essas horas de balanceador convencionalismo.

Alvo de esperanças novas, por parte do monarcha, symbolisou comtudo, para os que o rodeavam, pouco seguro esteio da regia guarda.

O brigadeiro, mercê d'essa negligencia quasi proxima da adherencia registada no exercito durante a revolução de Outubro, justificaria a duvida dos raros devotados á realeza.

Vel-o hemos em breve, recusando, em futil pretexto, a marcha para um ponto estrategico

Se os monarchicos leaes o condemnaram, os republicanos o absolveriam, com base na exacta attitude da soldadesca.

Assim de justiça é dizer, que o coronel Brito e Abreu, se arguições justas teve pela falta de marcha, onde o seu valor militar não devia recuar, em face mesmo d'um provavel fuzilamento, procedeu, levado pelas circumstancias de indisciplina, apreciadas, propriamente, pelos vencedores:

«As forças que se encontravam junto ao palacio das Necessidades, no dia 4, quando começou o bombardeamento, eram os regimentos de infanteria 1, commandante Marques, e infantaria 2, commandante Bessa, 150 praças de infantaria 16, uma companhia da guarda municipal e um esquadrão da mesma guarda. Era commandante d'estas forças, de mais de 1000 homens o sr. Brito e Abreu. A disposição dos soldados era pessima para a monarchia e excellente para nós. Mostravam o firme proposito, na sua maioria, de não matarem em nome do rei. Os officiaes estavam mais divididos. Mas quando o rei fugiu, até amigos seus perderam a fé. Do quartel general baixaram varias ordens, para as forças envolverem o acampamento da Avenida, para acamparem em S. Pedro d'Alcantara e na Praça Luiz de Camões, para irem para o Terreiro do Paço, etc. O conselho de officiaes, reunido, não acceitou essa ordem. Uma vez porém, tocou a reunir para as forças marcharem. Os soldados murmuraram, mostraram bem que não marchariam—e não marcharam. Deve-se dizer isto que não prejudica a gloria dos vencedores: as tropas chamadas fieis não eram afinal fieis. A maioria do exercito era, e mostrou-se, republicana—ainda mesmo não se batendo pela Republica.» (*)

(*) «O Mundo» de 11 de Outubro de 1910.

Ao borborinho estabelecido pelo evolar da creadagem, surgiu o periodo de nevrose.

O desanimo dos que fugiram, lançou sobre os que ficaram uma sombra de perplexidade.

O telephone retinia incessante, sem que do paço conseguissem alguma cousa de productivo.

De fóra vinha uma visão de desasocego. Dentro notava-se a esperança apenas como modesto e pouco espesso involucro do desespero.

Vejamos o 1.º tenente Victor Sepulveda, a descrever esse duplo aspecto:

«Eu, que já ia de assistir ao estado das forças que guarneciam o Paço e que me não deixava ter grande confiança, não podia ter a mesma tranquillidade; para não semear o desanimo, não contei o que lá presenceára em baixo.

«Quando El-Rei me despediu, voltei para baixo e fiquei por ali a observar: havia officiaes que trabalhavam bem e de vontade, outros que davam parte de doente, soldados já doentes, uma desordem completa.

«No Paço, ninguem, dos que o dever lá chamava, apparecia.

«A's dez horas da manhã appareceram os navios revoltosos, e não me pôde passar despercebida a coincidencia da retirada da artilharia de Queluz e a evolução dos navios de guerra.

«Preveni o sr. Fernando Eduardo de Serpa, para El-Rei deixar o 1.º andar.

«Os navios se desciam, para alguma cousa havia de ser; devia-se contar com o bombardeamento.

«Os creados da Casa Real mal avistaram os navios fugiram todos; excepto quatro, abandonaram tudo.

«Com o Quartel General fallava-se a custo.

«Pedia-se artilharia, diziam que sim, e outras vezes não respondiam.

«El-Rei e o Marquez do Lavradio procuravam fallar com o Presidente do Conselho que não respondia nem se sabia onde paráva.

«E o telephone sempre occupado com gente que tranquillisava as familias, ou que recebia perguntas afflictas.

«Quando se precisava fallar com alguma auctoridade (general ou ministros) nunca estavam.

«Bastava essa resistencia passiva do telephone para desanimar um bravo. Era um verdadeiro inferno.

«Por mim, nada podia fazer: as forças tinham os seus officiaes, e eu não me animava a dizer a El-Rei o estado de desmoralisação das tropas.» (*)

Um crepitar de fuzilaria lançou alarme.

Não era ainda contra o paço.

Tendo chegado o resto que de infantaria 16 no quartel deixara Machado Santos, quando da sua investida, o coronel Brito e Abreu, determinára a sua posição no local denominado o jardim da Rainha, para que batesse o edificio de Alcantara.

De calculado effeito se tornou o ataque, e para que servisse de base a retribuil-o com outro ás Necessidades.

Formadas as praças do 16, o paço das Necessidades, envolveu-se na fumarada das primeiras descargas.

Mal affeita a uma defeza do ideal que propagandas revolucionarias haviam derrubado, a soldadesca, procurou apenas um simulacro de lucta, a que do quartel de marinheiros se correspondeu sonhando um doloroso anceio de carnificina.

Comtudo, as balas dos deffensores do real palacio, por extranha ironia, iam attingir mais aquelles que se mostravam dispostos a proteger os seus habitantes do que os rebeldes ripostando de alem, mas sem que melhores pontarias fizessem:

«Appareceu tambem uma parte do 16 que foi para o chamado Jardim da Rainha, para fazer fogo sobre o Quartel de Marinheiros; mas a atrapalhação, que já envolvera tudo e todos não lhes permittia pontarias lá muito felizes, batendo os estilhaços nas paredes e que, recocheteando, feriram alguns soldados nossos, acabando por serem mandados retirar.» (**)

A' inutilidade do combate, seguiu se a retirada e até a deserção, sahindo d'ali para a Rotunda, o 1.° cabo Anthero Martins.

(*) «Diario dos Vencidos» por Joaquim Leitão, pagina 179.

(**) «O Diario dos Vencidos» por Joaquim Leitão. = Depoimento do tenente Sepulveda. = Pagina 181.

Para quebrar quaesquer intenções de manutenção de fidelidade á monarchia, fizeram os revolucionarios chegar até ás forças de guarda ao paço, o echo verdadeiro da apprehensão de carroças com fartos mantimentos, e o boato, apenas aterrorisante, de uma investida de 2000 marinheiros, sob o commando do almirante Candido Reis.

Servia comtudo para projectos audaciosos, o ligeiro incidente do 16.

O quartel de marinheiros aproveitára o pretexto, para que se do estrangeiro se extranhasse o ataque, dado fosse como nascido da lucta provocada pela guarnição do paço.

D. Manuel, entretanto, descera até á pequena casa do jardim, onde estava installado outro telephone.

Ao conselheiro Teixeira de Sousa, exigia a marcha sobre as Necessidades, das baterias de Queluz, como de maior fé, e podendo obstar ao desembarque da marinha, ou responder ao annunciado bombardeamento.

Era impossivel de satisfazer o pedido.

As baterias seguiam n'essa hora o caminho para achar posição boa, d'onde podessem atacar a Rotunda, e no quartel general desconhecido era o local onde estavam.

O chefe do governo respondia que a artilharia era necessaria para o abafar da insurreição no principal ponto revoltoso, o Alto da Avenida e insistindo, dava como melhor o retirar sobre Cintra ou Mafra.

Conhecido, embora, que a base capital era derrubar o poder regio, pela morte ou pela fuga que as circumstancias impuzessem, e sabida ainda a espalhada intencional vontade de um assalto ás Necessidades, á vontade se deixou o quartel de marinheiros, para em inercia aliás se manter a Rotunda...

Assim, as allegações do conselheiro Teixeira de Sousa, exprimiam o parecer do commando da divisão, já transmittido tambem ao commandante das guardas municipaes, coronel Malaquias de Lemos, quando pelo ataque ao quartel de Alcantara se pronunciou: (*)

(*) *General Malaquias de Lemos* = A sua acção durante a revolução de Outubro de 1910.

«De Alcantara sou informado que chegára ali, de Queluz, a artilharia a cavallo. Sendo indiscutivel que o principal objectivo dos revoltosos era o palacio das Necessidades, e considerando de suma conveniencia afastar os revolucionarios que durante a noite se tinham reunido no quartel de marinheiros, assim o disse para o quartel general, afim de que se aproveitasse a estada n'aquelle ponto da artilharia fiel. Responderam-me que sua ex.ª o general, resolvera mandar atacar em primeiro logar a artilharia revoltosa postada no alto da Avenida, reservando para de tarde o ataque ao quartel dos marinheiros.»

Era bem a convicção de uma impossibilidade de vencer, esse conselho de fuga, dado pelo chefe do governo.

D. Manuel II, aborrecido, e sem pensar que teria de o acceitar, ao ser-lhe repetido o alvitre, disse, passando o auscultador ao marquez do Lavradio:

— Querem que eu vá para Mafra, vê lá o que é...

Eram seguidas attentamente as evoluções dos navios.

Quando os viram descer o rio, fez-se o primeiro alarme.

Annotada a paragem junto do quartel dos marinheiros, houve novos instantes de animo.

Decorridas poucas horas, voltou o desasocego.

Os cruzadores endireitavam, franca e abertamente, até ás proximidades do palacio real.

O explodir das granadas com que visou as tropas que cercavam o edificio de Alcantara, foi como que o aviso.

Momento solemne esse da chegada dos cruzadores quasi em face do paço. As intenções eram já conhecidas.

Estabeleceu-se o natural borborinho.

O que iria succeder?

A soldadesca procurou encobrir-se, fugindo a essa perspectiva de morte.

Seguiram-se alguns minutos de dolorosa espera.

As granadas começaram a cahir.

D. Manuel, o rei que tão rodeado de fidalgos estivera na occasiões de gala, via se semi-abandonado.

Os estampidos iniciaes trouxeram pois o panico a esse reduzido nucleo de fieis.

Temidas peores violencias, de intuição, mas neutralisadas pelo acaso, nasceram receios de que o rei sobre os escombros pudesse ficar.

Uma breve passagem pelo oratorio, deu a nota da crença christã de todos os reis portuguezes.

Os projecteis, entrando pelos aposentos, estilhaçando moveis e estrondeando temerosos, fizeram vêr os inconvenientes da permanencia dentro do edificio.

Instado pelos fidalgos, o rei, vendo proseguir o livre ingresso das granadas nas salas do palacio, decidia-se a sahir, para a Tapada.

N'um equivoco flagrante, o tenente da armada, Eduardo Lupi, quiz dizer n'um depoimento (*) que D. Manuel II seguira para a Tapada antes do bombardeamento:

«Onde estava El-Rei?

«Quando cheguei estava na cêrca, onde havia tres automoveis preparados para a eventualidade da sua retirada. Estava acompanhado nesse momento pelo snr. Vellez Caldeira, official do «yatch» real «D Amelia», conde de Tarouca, marquez do Lavradio, conde de Sabugosa, marquez do Fayal e pelo sr. Victor Sepulveda, official da armada. Pouco antes tinham chegado os srs. almirante Hermenegildo Capello e Salvador Asseca, que nesse momento se tinham affastado, segundo me disseram, a verificar se da parte do palacio que fôra habitada por El-Rei D. Fernando seria conveniente qualquer procedimento das tropas fieis.

« — Já tinha começado o bombardeamento?

« — Não... Não havia fogo. Os cruzadores «S. Raphael» e «Adamastor» tinham tomado posições para o bombardeamento, e quando a maré vazou romperam fogo, firmando a pontaria em tres tiros, apoz os quaes as granadas começaram cahindo certeiramente sobre o Paço, principalmente no andar nobre e na capella.»

De facto, a chegada do tenente coincidiu quasi com a do almirante Brito Capello e visconde de Asseca, que, como vere-

9.

———Diario dos Vencidos» por Joaquim Leitão, pagina 229.

(*) «O M.

mos, appareceram nas Necessidades quando as granadas já haviam forçado o rei ao abandono do palacio.

Não tem pois base firme a allegação que a Historia regista, para formular a contradita, auxiliada ainda pelos seguintes trechos (*) do tenente Sepulveda:

«D'ahi a pouco começou o bombardeamento do Paço. El-Rei foi para a Tapada, com os officiaes de serviço, o conde de Sabugosa, o conde de Tarouca e Marquez do Fayal; mas foi só depois de instado. Até ahi o Senhor D. Manuel nunca mostrou receio, conservando sempre uma admiravel serenidade. Apenas um pouco triste, como era natural, mas sempre bem disposto. Por essa hora chegaram o vice-almirante Hermenegildo Capello, o visconde d'Asseca e o meu camarada Eduardo Lupi que quiz apresentar-se e falar a El-Rei; dissuadi-o de falar a El-Rei e ficámos juntos até ao fim.»

O facto de não ter chegado a ir á Tapada, justifica outro erro: o de dar a existencia ali de tres automoveis, quando á hora da partida, a custo se procuraram e arranjaram dois.

Coadjuva egualmente as opposições a essas affirmativas as declarações do tenente João Feijó Teixeira, (**) se bem que se não isentem d'um erro, o de attribuir a D. Manuel o desejo de refugio no jardim, o que lhe foi aconselhado pelos dedicados rodeantes da sua pessoa.

«Pelo meio da tarde, pouco depois de ter começado o bombardeamento do Paço, soube que o sr. D. Manuel manifestar ao desejo de se refugiar no jardim, com medo de ficar sepultado nos escombros. Com effeito n'essa altura, o edificio soffria rombos alarmantes. O sr. D. Manuel installou-se n'uma das pequenas casas do jardim, e lá se conservou algum tempo, pedindo constantes ligações telephonicas para diversos pontos. As suas esperanças, no decorrer das informações obtidas, devem ter soffrido profundo abalo, porque a breve trecho o sr. D. Manuel dava ordens para que lhe fosse preparado um automovel que o conduzisse a Mafra.»

(*) Obra já citada.=Pagina 181.
(**) «A Capital» de 12 de Outubro de 1910.

Foi por tanto durante o canhoneio que D. Manuel sahiu, entre os fidalgos, para o jardim da Rainha; d'onde, para que exposto ainda não ficasse, ingressava em pequena casa onde estava installado um apparelho telephonico.

Insistentemente o fez trabalhar, já respondendo ás alanceadas perguntas da rainha D. Amelia, já procurando e por seu conselho, obter do commando da divisão um entrave á revolta.

Era-lhe transmittida a attitude energica da Rotunda, embora se confiasse na acção firme do coronel Alfredo de Albuquerque e no lealismo e intransigencia combativa do capitão Henrique Mitchell de Paiva Couceiro, cujo dedicado voto á realeza era de animar.

O canhoneio proseguiu.

Teve que passar para o picadeiro.

Por instantes, D. Manuel ficou á porta do picadeiro, junto de uma cadeira, mettendo e tirando, machinalmente, os aneis da mão esquerda.

Como que formando barreira, estavam os marquezes do Fayal e do Lavradio, os condes de Sabugosa e Tarouca, o dr. Arthur Ravara, e o coronel Waddington.

A cavallo, o tenente da guarda municipal, Raul de Menezes, seguiá as evoluções das tropas, que procuravam furtar-se ao fogo dos navios.

Quiz se ouvir a opinião do alferes de infantaria 16, João Xavier de Velasco Celestino Soares, que, acompanhando o capitão de fragata Vellez Caldeira, foi reunir-se a D. Manuel II.

A historica entrevista appareceu assim descripta: (*)

«O rei, dirigindo-se ao alferes Celestino Soares, perguntou-lhe qual era a sua impressão pessoal sobre as condições de defesa do paço, sendo-lhe respondido que não poderia resistir a um ataque violento. «Então parece lhe que isto está mal?» «Parece-me que não poderemos resistir efficazmente.» O conde de Tarouca exclama: «Não quer dizer nada! Mandam se vir mais tropas fieis.» Alferes Celestino Soares: «De onde?» Tarouca: «Então? Temos infantaria 1 . . .» Alferes Soares: «Não póde passar

(*) «O Mundo» de 21 de Setembro de 1911.

de Alcantara.» Tarouca: «Infantaria 2...» Alferes Soares: «Infantaria 2, com as baterias de Queluz, tenta n'este momento um ataque envolvente á Rotunda». Tarouca: «E o resto?» Alferes Soares: «Estão guardando os bancos, o Arsenal do Exercito, etc....»

«O rei ouve calado e de olhos no chão. De subito, volta se para Raul de Menezes e pergunta: «V. responsabilisa-se pela minha vida?» Ao que este responde: «Emquanto fôr vivo, não tocarão em V. M. Mas um morto não póde responder por ninguem.» Do lado gritavam ao rei: «Ouve, ouve? V. M. já cumpriu o seu dever. Agora seria temeridade ficar. Saiamos emquanto é tempo.

«O rei volta-se então para o alferes Celestino Soares, a quem trata pela primeira vez por tu, e diz-lhe:

« — Vai ao telefone e dize-me já ao presidente do conselho que, se estiver algum «destroyer» inglês no Tejo, lhe mande dizer que meta no fundo os navios portuguezes.

«O alferes Soares vai ao telefone, colocado no quarto do comandante do posto do picadeiro, manda ligar para o aspirante alferes Leite no posto principal da guarda de infantaria 2 e diz-lhe textualmente: «Diz el-rei que o presidente do conselho já tem ordem para, se estiver no Tejo algum «destroyer» inglês, meter no fundo os barcos portuguezes».

«O aspirante Leite responde:

« — Bem, ficou sabendo.

«O sr. Celestino Soares volta junto do rei e comunica lhe: «Acabo de cumprir as ordens de v. m.» Depois cavalgou o muro para vigiar os arredores e, como tudo estivesse tranquillo, o rei e a comitiva subiram uma escada, passaram para a quinta pegada ao palacio, onde se estava construindo, diz-se, a futura residencia da rainha Amelia, e por ahi foram até ao automovel.

«O ultimo a sair foi o dr. Ravara, que perguntou ao alferes: «Você fica?» Ao que este respondeu: «Que hei de fazer?»

«A' noite, estando os officiaes reunidos, o alferes Celestino Soares comunicou ao comandante da primeira brigada de infantaria, Brito e Abreu, sob cujas ordens estava a guarnição do paço, a ordem que o rei lhe dera e como elle a não cumprira

«Brito e Abreu diz-lhe:

« — Se v. quizer transmitir essa ordem ao presidente do conselho, transmitta-a. Eu recuso-me terminantemente a isso.

«E ninguem a cumpriu.»

Não teve contestação o depoimento, que só mais tarde apparecia, exteriorisado em todos os seus pormenores.

Antes, porém, e n'um normando encimado pelo titulo de «Alta Traição», apparecer ao libello n'um jornal republicano, (*) exposto n'uma affirmativa cathegorica:

«Nos primeiros momentos do bombardeamento encontravam-se no picadeiro do Paço das Necessidades o rei Manuel, o alferes de infantaria 16 Celestino Soares, o tenente Raul de Menezes, e, entre outros palatinos, os srs. conde de Tarouca e dr. Arthur Ravara. O rei, dirigindo-se ao alferes Celestino, perguntou-lhe:

« — Então julgas, com as forças que temos, tudo perdido?

«O alferes esboçou um ar pessimista e o rei ordenou-lhe:

« — Vae ao telephone e dize-me já ao presidente do conselho que se estiver algum «destroyer» inglez no Tejo lhe mande dizer que metta no fundo os navios portuguezes...

«Offerecemos esta pagina de dignidade patriotica do sr. D. Manuel de Bragança ao povo portuguez.

«Conscientes da gravidade do que affirmamos, assumimos perante o governo, e para todos os effeitos, a responsabilidade d'estas palavras historicas, aqui reproduzidas sem colera e com o mais idoneo testemunho.»

Foi veridico o incidente.

No exaspero de uma situação anormal, vendo uma inutil guarda, por acobertada de perigo, olhando esses raros fidalgos, minoria de todos quantos pisavam as saias regias, D. Manuel, oppoz na sua exaltada ordem o formal desmentido á apregoada tibieza em que o quizeram envolver.

Era o desespero.

Haviam-lhe patenteado a força da revolução impedindo a passagem de infantaria 1.

(*) *A Republica Portugueza*, de 2 de Novembro de 1910.

Tinham-lhe exposto o aflastamento de infantaria 2 com as baterias.

Conhecera a tangibilidade das tropas que julgava o deffendiam, mas que, n'um panico, falso ou verdadeiro, oppunham, em vez de resistencia a dispersão.

A marinha era o appoio firme da sedição.

Não tendo exercito, não tendo armada, nasceu a raiva dos que se vêem manietados ante uma traição geral.

Era o naufrago que,— embora condemnavelmente, para se pôr fóra de perigo — se lança contra outro, para o logar no batel salvador.

A phrase foi irreflectida, e, por surgir em transes onde a morte se desenhava enlaçante, não teve ali reproducção.

Um incidente attenua ainda esse subito obscurecer de boas intenções.

Houve um alvitre de intimar a rendição aos marinheiros, sob pena de immediato fuzilamento dos revolucionarios, em grande numero detidos na esquadra das Cavallariças do Infante.

Eram marujos, soldados, sargentos e civis.

O rei não auxiliou o ardil, que talvez bello effeito desse.

Attribuiu-se-lhe a phrase:

— Não. Julgariam verdadeiro e de victima passaria a ser cruel.

E os presos tiveram todos a liberdade, quando a republica se proclamou.

A Historia, se não perdôa esse grito de chamada ao estrangeiro para valer á realeza de Portugal, não deixa de conduzir o brado anti-patriotico até ás causas terriveis.

D. Manuel, teve na hora lugubre do bombardeio a presciencia do que é o poderio dos grandes: sujeito ao vacuo quando a desgraça surge.

Desde o instante em que o infortunio cérca, alarga-se, até se esvahir, o circulo dos amigos. Estes cedem o passo áquelle, para que os não cinjam tambem no seu abraço de ruina.

O rei viu pois raras amisades no instante grave que precedeu a primeira avançada para o exilio.

A côrte já quasi nem um symbolo era.

A velha autocracia, tão notavel nos iniciaes reinados, ia cahindo, n'um desfallecimento evidente que lhe cortou os foros de segundo estado.

O terceiro estado, o povo, disputava primazias contra o primeiro, o clero e contra o outro, a realeza.

A decadencia fez misturas e os velhos pergaminhos, com as mitras ricas e as tiaras preciosas, não se eivaram da convicção de que só a corôa lhes tornava reluzentes os brazões ou veneraveis as purpuras episcopaes.

A politica, n'um enlace de embuste, ou n'um canto de sereia, tresmalhando crenças, desfigurou credos e esphacelou dogmas, sem que, a incautos conveniencias recordasse.

Acompanha a vida das nações essas extranhas anomalias de tensões separatistas ou niveladoras, onde o terceiro estado quer abalar a escada autocrata do quebrado feudalismo das velhas eras, sem ver que o boyardo se arranca a mascara de fereza, para cahir nos braços do egualitario, não depõe a qualidade senhorial que o outro torna dependente.

Mas, nem tudo é convenção e se nas supremas orientações populares, por vezes cabe o influxo de uma doutrina mal interpretada, outras vezes impera o poderio de uma ideia solidificada pela vontade.

Esta auxilio tinha pelos que, de facto lhe deviam pôr embarras.

Era bem a monarchia sem monarchicos, que D. Carlos I percebera, e a claro poz, pagando todavia duramente a franqueza de o dizer.

Veremos depois que nem faltou á republica na sua hora de victoria, o brado acclamativo dos catholicos, frisando «mais preferida a vida e situação dos catholicos dentro da republica brazileira do que a situação que a egreja tinha dentro da monarchia portugueza.» (*)

O clero expiaria a affirmativa.

Comtudo, elle que teve fóros altos junto do throno de D.

(*) *O Correio do Norte*, do Porto, de 9 de Outubro de 1910.

Carlos I, pela rainha, e do de D. Manuel II, o clero, despresando as prerogativas reaes, e não tendo entraves sérios á sua marcha de reacção, não ousou vir aos salões regios, e n'elle se não viu o chefe supremo da egreja portugueza, o patriarcha, egualmente palatino como capellão-mór.

Ao pequeno grupo, ainda se reuniam porém, apparecendo no momento perigoso do inicio do bombardeio, o chefe da casa militar d'el-rei, vice-almirante Hermenegildo Carlos de Brito Capello, o camarista e estribeiro-mór visconde de Asseca, Salvador Correia da Sá e ainda o 1.º tenente da armada, Eduardo da Costa Lupi.

Essa figura de velho antigo, altiva e nobre, de Hermenegildo Capello, tivera de manhã em Massamá, logar perto de Queluz, a noticia do rebentar da revolução.

Não teve hesitações esse vulto epico, ao qual a historia portugueza, dedicou como colonial e explorador audacioso, algumas das suas paginas de gloria, que o povo sanccionara erguendo-o como idolo veneravel, admirando-o na sessão memoravel da Sociedade de Geographia, de 15 de Março de 1880, em que com o madeirense Roberto Ivens era recebido solemnemente depois da celebre viagem ás terras de Iaca e na sessão notavel de 1 de Outubro de 1885, em que communicava o exito brilhante e arrojado dos seus trabalhos na travessia de Mossamedes a Quelimane.

A primeira notavel viagem de exploração assignala-a ainda hoje a recordação d'essa obra importantissima publicada em 1881, «De Benguella ás terras de Iaca».

Da segunda travessia nasceu o não menos celebre livro «De Angola á Contra-Costa — Descripção de uma viagem atravez do continente africano», por H. Capello e R. Ivens» em dois grossos volumes publicados em 1886 e onde se referiam as importantes descobertas, realisadas em 1884-1885, das origens do Lualaba, e do caminho entre as duas costas, a visita ás terras da Garanganja, Katanga e ao curso do rio Luapula, bem como a descida do rio Zambeze, do Chôa ao Oceano.

Brito Capello intemerato explorador, traçou logo como itenerario de dever, a ida ao paço, fossem quaes fossem os embaraços a surgir.

Na estação do caminho de ferro, com falsas indicações quizeram impedil-o de seguir.

— Não vá para Lisboa, porque o não deixam entrar. E el-rei não está lá.

— El-rei não está em Lisboa? Então onde está?

— Foi para Cintra!

O apparecimento do visconde de Asseca, cortou essa tendenciosa informação.

O fidalgo, conhecendo já em parte o que se passava, bradava:

— El-rei não está em Cintra. Está mas é em Lisboa. Vamos para Lisboa.

Logravam ainda aproveitar-se do comboio até ao Rocio.

Brito Capello, teve de recordar-se dos velhos tempos de explorador americano, das suas travessias longas com Roberto Ivens.

A pé, o velho official, percorreu a cidade, procurando os melhores caminhos, para que as balas ou a prisão o não impedissem, de, com o visconde de Asseca, ir levar ao paço a sua presença de palatino leal.

Sem falla pelo cançasso, de pés inchados, pela peregrinação fatigante, o ancião lá deitou ás Necessidades, sem que embargo á cruzada fossem, a distancia a que de Lisboa estava, e a salvo ali, das contingencias graves da rebellião, nem a edade, esse avançado peso de 70 annos, desculpa em quanto a quizessem ter.

Elle e o visconde de Asseca, emquanto os canhões dos navios troavam, procuravam D. Manuel.

Chegavam em momento grave: o do bombardeio.

As granadas, silvavam, sahindo dos navios, para estoirar junto ao palacio, com um fragor de aterrar.

— El-rei? perguntava pressuroso Hermenegildo Capello.

— Está no jardim da Rainha.

N'elle, pouco antes, abandonado pelas praças do 16 apoz o seu singular arremedo do ataque a Alcantara, egualmente o não achavam, e apenas o logravam ver no picadeiro.

Era cerca de 1 hora da tarde.

De momento, apenas perto estavam o conde de Tarouca, o

conde de Sabugosa, o marquez do Fayal, o marquez do Lavradio, o tenente Sepulveda.

Apparecendo solemne e hirto, o velho official, endireitando ao rei, creança sem amparo, teve logo a phraseologia violenta de um açoute aos governantes e aos evolados d'essas salas.

De sobr'olho franzido escutou os informes do grande explorador assignalando o avanço dos revolucionarios e culpando dos successos os governos que se succederam desde D. Carlos.

D. Manuel, prescindiu de saber as causas, bem conhecidas e bem meditadas:

— Mas, agora, o que se hade fazer?

— Agora, senhor, só ha um remedio.

— Qual?

— Um só e já, ou está tudo perdido!

O rei insistiu nervoso já, n'uma irreprimivel impaciencia:

— Mas qual é?

— E' Vossa Magestade e nós montarmos a cavallo e Vossa Magestade pôr-se á frente das tropas que estão guardando o paço e marchar para Lisboa.

Mal orientado se achou o alvitre e classificado de loucuras.

O official insistiu porem:

— Será, mas se el-rei o não fizer, então que trate de fugir porque a monarchia está perdida. Só Sua Magestade com um acto ou um ataque de coragem que inflamme os soldados pode salvar o throno!

D. Manuel não teve uma hesitação e declarou-se prompto a executar o projecto.

Renasceu a reproducção de uma desconfiança, justa, sobre as forças destinadas a dar golpe.

O telephone participou para Cintra, o conselho e a boa vontade de ser seguido.

Disse-se (*) que da Pena veio entrave:

«Mas um grito de egoismo, como só o sabem ter as mães, impediu o gesto.

(*) «Nas Necessidades = Depoimento de um official» — «O Correio da Manhã» de 27 de Outubro de 1910.

«— Não, não, não quero! Quero o meu filho, é o ultimo bem que me resta!...» disseram de Cintra ao ser communicada a resolução pelo telephone.

«E ninguem mais teve coragem para aconselhar o caminho onde se poderia encontrar a victoria ou uma morte nobre.»

Houve controversias sobre o incidente.

O jornal de Roma, «A Tribuna», dando a publico (16 de Novembro de 1910) uma extensa descripção do movimento, attribuida ao tenente Sepulveda, a esse tempo em Sanrossore junto da rainha D. Maria Pia, affirmava:

«Entretanto, D. Manuel, que no paço trabalhava com o seu secretario ouvia troar a artilharia, mas confiava em que a revolução seria dominada, pois Teixeira de Sousa telephonava-lhe, repetidas vezes, a tranquilisal-o. Finalmente, já quando os revolucionarios se approximavam do paço, a rainha D. Amelia informada do que se passava, telephonou-lhe de Cintra aconselhando-o a sair do paço, collocando-se á frente das tropas fieis e marchando contra os revolucionarios.

«No emtanto, apoz um breve conselho de officiaes ajudantes de ordens do rei, foi julgado inopportuno expôr assim a sua vida, aconselhando-o por isso a ir para Mafra, pois d'ali, ou de Cascaes, poderia marchar sobre Lisboa, com as tropas.»

Os salientes erros dos pormenores, os collocaram logo em mau terreno de veracidade, e não tardou o desmentido, pelo 1.° tenente Sepulveda, dando a entrevista como apocrypha.

Assim, e sem contestação firme, apenas de pé ficaram os trechos do livro do conselheiro Teixeira de Sousa, onde ligeiramente se insinua que a rainha D. Amelia se oppuzera a que D. Manuel II combatesse. Comtudo, veremos mais tarde, a tenaz opposição das duas rainhas á marcha para Gibraltar, em logar da sobre o Porto, tendo como embaraço forte a attitude do commandante do hiate «Amelia», Moreira de Sá.

Não ficou assim cathegoricamente definida a vontade da rainha, parecendo todavia que, mercê ora do maternal affecto, ora da colera irrepremida, de instante se aventuravam guerreiros conselhos para breve desapparecerem ao influxo da alma temerosa de perigos para o filho estremecido.

Se do palacio de Cintra, veiu essa ordem de retrocesso, foi mais effectivamente o coração de mãe a prever a inutilidade do passo, do que a energia da rainha a decretar a espectativa.

A rainha D. Amelia, manteve a firmeza de uma Orleans, nascida nos transes amargos do exilio dos paes, os condes de Paris, e ella mesma tantas vezes attingida pelos golpes de desfortuna.

O apparelho telephonico foi o transmissor impassivel de muita colera e de muita censura ao sexo que lhe difficultava o assumir a directa acção contraria á revolta.

Nas Necessidades proseguia o excitado aguardar de mau fim.

Todavia se largas clareiras fizera a palatinagem em torno da creança que o destino, para sua desventura e amargos transes collocou no throno, foi para melhor distinguir esse grupo de dedicados que lhe formaram côrte, na hora affastadora da desdita.

O rei viu, a seu lado, o seu ajudante e chefe da casa militar, vice-almirante Hermenegildo Carlos de Brito Capello, o capitão de fragata João Agnello Vellez Caldeira Castello Branco, os coroneis de engenharia Fernando Eduardo de Serpa Pimentel e Antonio Luiz Theophilo de Araujo Waddington, o tenente João Feijó Teixeira, e 1.º tenente, Victor de Sepulveda, que de manhã chegara.

Do pessoal militar privativo faltavam, portanto, embora em serviço estivessem, o coronel Filippe Malaquias de Lemos, commandando no Carmo as guardas municipaes, o coronel Alfredo Augusto José de Albuquerque, commandando lanceiros 2, o coronel de infantaria, Antonio Vaz Correia de Seabra Lacerda, o tenente-coronel de estado maior, Antonio José Garcia Guerreiro, em missão no quartel general, onde a acção todavia foi quasi apagada; o major de cavallaria Thiomoteo de Sousa Alvim, commandando um esquadrão de lanceiros, o capitão de fragata João José Moreira de Sá, a bordo do hiate «D. Amelia», surto no Tejo.

Em Gibraltar, o capitão de fragata Moreira de Sá, allegando que não queria ser havido por desertor, jurou vir a Lisboa, entregar o hiate, cuja acção a seu tempo será descripta.

Longe estavam o coronel de cavallaria Antonio Francisco da Costa, ausente de Lisboa, o coronel de artilharia, José Lobo de Vasconcellos, ausente na Beira; o capitão de fragata, Antonio Ferreira Pinto Bastos, a bordo do cruzador «S. Gabriel» em viagem de circumnavegação; o capitão de engenharia, Antonio Carlos Leotte Tavares, ausente no Algarve; o capitão de cavallaria, Francisco de Paula Maria Anna do Loreto Figueira da Camara, em serviço em Macau.

Havia 4 vagas na palatinagem e assim fixada estava a existencia dos 17 personagens da casa militar.

Dos 58 honorarios, faltava em primeiro logar, o duque do Porto, infante de Portugal.

Não estava longe, mas a curta distancia a que se collocára livrára-o do espectaculo perturbante do bombardeamento.

Retinha-o a cidadella de Cascaes, onde o povo esperava, armado, mas ordeiro, a ambicionada victoria do seu ideal.

A despeito do sabido avançar sedicioso, não ousou galgar esses kilometros que das Necessidades o separavam e vir offerecer ao rei e ao sobrinho, a sua espada de general de divisão e o seu conselho de mais avançado em annos.

O automovel apenas rodou no circuito evascrense, n'uns preparativos de retirada.

De embaraços o tiraria, fornecendo meios á iniciativa de desapparecimento, o hiate «D. Amelia», fugido do ancoradouro da Junqueira, accossado pelo receio nascido dos boatos de que a bordo tinha a familia régia.

De abalada, para que as balas o não attingissem como abrigo dos reis portuguezes, descia do poiso habitual para se balouçar fronteiro á cidadella, onde receberia o infante de Portugal, D. Affonso de Bragança.

Attribuiram-se-lhe intenções de completar com uma sollicitação em forma, o pensamento apenas exposto n'um sobresalto espiritual, pelo rei D. Manuel e jámais reproduzido.

Deixemol-os, por agora, pois apenas se procura, com o registar da sua ausencia e o fixar do escolhido asylo, descrever a situação do primeiro dignitario da casa honoraria de D. Manuel II.

Definida essa situação, sigamos ás dos restantes palatinos.

Faltavam, alem do infante D. Affonso, refugiado em Cascaes; e por impedidos em serviço, o general Manuel Raphael Gorjão, commandando a divisão, os vice-almirantes Luiz Antonio de Moraes e Sousa e José Cesario da Silva, na majoria general da armada; o general de brigada, Antonio Julio de Sousa Machado e o tenente-coronel Thomaz Antonio Garcia Rosado, no quartel general; o coronel José Antonio de Moraes Sarmento, no governo civil, commandando a policia; o capitão de mar e guerra, Alvaro da Costa Ferreira, commandando o cruzador «D. Carlos» onde seria ferido, em defeza da monarchia; o capitão de fragata, Polycarpo José de Azevedo, commandando o cruzador «S. Raphael» onde era ferido; o capitão D. José de Mello, junto do infante D. Affonso; o capitão Antonio Bernardo Ferreira, commandando as baterias da Serra do Pilar, no Porto; o capitão Henrique Mitchell de Paiva Couceiro, a caminho para o bombardeio da Rotunda, com as baterias de Queluz; o conde de Sousa Rosa, exercendo o cargo de ministro de Portugal em Paris; o tenente-coronel João Augusto Alves Roçadas, e o major de engenharia, Alfredo Augusto Freire de Andrade, governando, respectivamente Angola e Moçambique; os capitães Eduardo Augusto Marques, Alfredo Baptista Coelho, Francelino Pimentel e João de Almeida e 1.º tenente Augusto Pinto Cardoso, em expedição nas provincias de Macau, Moçambique, Guiné e Angola.

D'estes, desculpa ponderada tinha a falta do tenente-coronel Alves Roçadas, cujas affinidades com os republicanos por elles mesmo seriam postas a claro, no orgão jornalistico de Machado Santos, sob titulo de «Um revolucionario»:

«A «Lucta» desmentindo os boatos da nomeação do sr. Alves Roçadas para governador d'Angola, boatos a que não démos credito por não julgarmos o sr. Almeida Ribeiro capaz de arrostar com o prestigio ambaquino do sr. Norton de Mattos, fez hontem esta sensacional declaração:

«E a proposito, vem dizer que o sr. Roçadas era republicano muito antes de 5 de Outubro, e d'aquelles republicanos com

que contavamos para effeitos revolucionarios. Affirma-se e demonstra-se.»

«E tão republicano o consideravamos nós tambem, que ao vel-o atravessar as ruas de Lisboa, a cavalo, á frente das suas tropas victoriosas do Cuamato, ante as acclamações bem expressivas da onda popular, poucos dias antes do «28 de Janeiro», julgámos que s. ex.ª ia em marcha sobre as Necessidades para expulsar João Franco do poder e D. Carlos do trôno.

«Enganámo-nos! mas o caso podia ter-se dado porque o illustre «capitão» Roçadas, ao tempo, devia ter recebido na Madeira uma carta de João Chagas, onde este caudilho o informava do estado dos espiritos em Lisboa.» (*)

Alves Roçadas, propunha-se mais tarde (eleições de 16 de Novembro de 1913) a deputado pelo Porto, como representante do partido unionista, da chefia do dr. Manuel de Brito Camacho, não sendo eleito e obtendo apenas 250 votos.

O major de engenharia, Freire de Andrade, antigo franquista, faltando, assumiria na republica altas influencias, fruindo como coronel, os cargos de director geral do ultramar e depois (**) secretario geral do ministerio de instrucção publica, não sem que outros democratas lhe registassem (***) assim os antecedentes politicos:

«O ex-governador franquista Freire de Andrade, foi sempre perseguidor de republicanos, imoral subsidiador de jornaes, cacique-mór de Lourenço Marques ás ordens da monarquia. Ahi está o homem por quem os «seus correligionarios» vertem lagrimas de saudade!»

Certo é porem que esses accusadores o citavam egualmente como não republicano, embora Freire de Andrade adherente estivesse ao partido do dr. Affonso Costa.

Francelino Pimentel, um dos bravos do Cuamato em 1907 e heroe da campanha dos Dembos, e João de Almeida ambos longe da patria, patentear-se-hiam depois conspiradores da cau-

---

(*) *O Intransigente* de 22 de Setembro de 1913.
(**) Tomou posse em 1 de Outubro de 1913.
(***) *O Rebate* de 3 Outubro de 1913.

sa monarchica, soffrendo o primeiro a clausura e sendo o segundo forçado a exilar-se, não sem que, julgado á revelia no tribunal marcial de Braga, como envolvido em tentativas restauradoras (21 de Outubro de 1913) fosse depois de novo julgado, ainda á revelia, pelo tribunal marcial de Lisboa, em Santa Clara e condemnado a pena maxima, ou 6 annos de prisão maior cellular, seguidos de 10 de degredo ou na alternativa de 20 em possessão de 2.ª classe, com fundamento nos depoimentos dos capitães Maia Magalhães e Pereira dos Santos, allegando-se sabedores de que João d'Almeida tomára parte na incursão de Chaves em 5 de Julho de 1912.

Estavam ausentes ainda, em Traz-os-Montes, o general de divisão Luiz Augusto Pimentel Pinto; no Estoril, o director geral do ministerio da guerra, general de brigada, José Honorato de Mendonça; em Cintra, os coroneis Antonio Rodrigues Ribeiro, Carlos Roma du Bocage e João Benjamim Pinto; em Fornos de Algodres, o coronel Francisco da Costa Cabral; em Oeiras, o capitão de fragata, Alexandre Henrique Pereira Faria Saldanha e Lencastre, conde de Cuba; no estrangeiro, o coronel Antonio Carlos Coelho de Vasconcellos Porto; nos arredores de Lisboa, o capitão de estado maior, Ayres de Ornellas e Vasconcellos.

Este, antigo ministro da marinha seria detido, á republica proclamada, sendo restituido á liberdade (7 de Outubro de 1910) mas não sem que jurasse sob palavra de honra não crear difficuldades ao regimen novo.

O exilio lhe sorriria, não faltando em volta do seu nome, boatos de connivencia com os desejosos de restaurar a monarchia portugueza.

Ausentes por reforma, havia os generaes Joaquim Pereira Pimenta de Castro, Guilherme Charters de Azevedo, conde de Arnoso, Luciano Pego de Almeida Cibrão, Alberto Ferreira da Silva Oliveira, Joaquim Carlos Paiva de Andrade, Joaquim Antonio Vito Moreira, Luiz de Sousa Folque, Hugo de Lacerda Castello Branco, Antonio Ferreira Aboim, e vice-almirante Guilherme Augusto de Brito Capello.

O conde de Arnoso, Bernardo Correia Pereira de Mello, ap-

pareceria ainda, quando da Ericeira endireitavam ao hiate os dois barcos que conduziam os exilados.

A curta distancia de Lisboa, como Oeiras, Cintra e Estoril alguns dignitarios estavam, e a situação da reforma de outros, não impediria que, por dedicados á corôa, ali acorressem no instante grave d'uma revolta tendente a abalal-a.

Em Cintra se encontravam varios e a pequeno intervallo do paço da villa e da Pena.

Se a muitos não balejou porem a sorte, quando Republica em Portugal feita, a outros, veremos a boa ventura a guiar-lhe os passos, indo o general Pimenta de Castro sentar-se nas bancadas de ministro da guerra, no 1.º ministerio—post-Constituição—denominado dos 70 dias, por ter durado de 3 de Setembro a 12 de Novembro de 1911, e presidido pelo revolucionario de 31 de Janeiro de 1891, João Pinheiro Chagas. O general Pimenta de Castro, apenas se conservou no ministerio até 8 de Outubro de 1911, data em que o substituia, o tenente-coronel de artilharia Alberto Carlos da Silveira.

Restavam ainda, distantes do regio palacio, varios outros palacianos da casa militar honoraria.

Se o capitão João de Mendonça Gaivão, no ultramar, e o tenente-coronel José de Abreu Macedo Ortigão, na reserva, desculpa tinham, de saliencia foi o abandono, pelo director do Collegio Militar, general José Estevão de Moraes Sarmento que a republica logo collocaria á frente da Escola do Exercito (17 de Outubro); pelos antigos ministros progressistas, general Sebastião Custodio de Sousa Telles, que em Lisboa, na manhã de 3 estivera almoçando em casa do conselheiro José Luciano e n'essa noite no jantar de gala no paço de Belem; e pelo coronel José Mathias Nunes que logo a 7 se apresentava, conferenciando com o ministro da guerra do governo provisorio, coronel Antonio Xavier Correia Barreto.

Não estava o capitão-tenente João de Azevedo Coutinho Fragoso de Siqueira, mas achal-o-hia el-rei em Mafra, como mais tarde o encontrava, durante o seu exilio, desterrado elle proprio, e procurando em lances de audacia, uma tentativa de restauração (21 de Outubro de 1913).

Não surgiu ali o ajudante de campo honorario e primeiro presidente do conselho do manuelino reinado, vice-almirante Francisco Joaquim Ferreira do Amaral, que, todavia, veremos, logo a 7 de Outubro, (*) a cumprimentar, á frente da corporação da armada, o primeiro ministro da marinha republicano, Amaro Justiniano de Azevedo Gomes.

As extranhezas iniciaes, em parte contrabalançadas pelos que malsinaram a chamada aos conselhos da corôa, no reinado de D. Manuel II, d'aquelle que no reinado de D. Carlos de lado havia sido posto, derruir-se-hiam a pouco e pouco, até pelo proprio serem esclarecidas: (**)

«A escolha do meu nome para candidato ás proximas eleições foi uma surpreza. Estava bem longe de que se lembrassem de mim, apesar de, em tempos, o dr. Affonso Costa, meu velho amigo, me ter dado a entender que muito lhe agradaria ter-me como collega no Parlamento. Suppuz, em todo o caso, que se trataria de um vago desejo apenas, que jámais viria a transformar-se n'uma realidade. Vejo, porem, que me enganei; e como sou eleitor recenseado, o meu nome lá irá perigrinar pelas urnas do circulo de Alcobaça, a ver se inspira aos eleitores d'essa linda e nobre região a confiança necessaria para sahir vencedor. Como vim para a Republica? Por ser portuguez e por ser patriota. Mais nada. E' que, por mais que isto pese aos que não pensam como eu, entendo que todos os portuguezes que conservam ainda bem vivo o amor pelo seu Paiz e o sentimento da nacionalidade devem servir com dedicação o regimen, dar-lhe o seu apoio, trabalhar pela sua consolidação, empregar os maiores esforços para que elle se aperfeiçôe e conquiste para a Nação a era de prosperidade e de tranquilidade a que ella tem direito. Herdei de meus paes este Paiz independente e livre. A meus filhos o quero transmittir como m'o transmittiram a mim. E' por isso que sirvo a Republica, que hei de servil-a emquanto puder porque estou convencido de que é ella a exclusiva garantia da independencia portugueza.»

N'uma feição nova, a republicana, surgia ainda o primeiro

(*) «O Dia» de 7 de Outubro de 1910.
(**) «A Capital» de 22 de Outubro de 1913.

chefe do governo, do reinado curto de D. Manuel II, e que em plena sessão da Camara dos Pares do Reino, de 11 de Agosto de 1908, discursava, como presidente do conselho de ministros da monarchia:

«Não é de hoje o meu amor intenso ao sistema que nos rege. Ainda mesmo nos meus tempos de estudante, não sofri daquella brotoeja republicana que tão facilmente ataca os que cursam as escolas!»

Mais tarde propondo-se a deputado republicano (eleições de 16 de Novembro de 1913) como um dos representantes, em camaras, do partido democratico, da chefia do dr. Affonso Augusto da Costa, era eleito pelo circulo de Alcobaça.

Bem justificada estava pois a não assistencia á scena tormentosa do bombardeio, como ajudante de campo de D. Manuel II.

Era a sempiterna verdade, sobrenadando, á flôr das aguas negras da conveniencia; era a voz, de alem tumulo, de D. Carlos I, reproduzindo a phrase, dia a dia, hora a hora, confirmada:

— Monarchia sem monarchicos.

Ainda da casa militar faltavam os capitães ds mar e guerra, Guilherme Gomes Coelho, servindo em Lisboa, o cargo de presidente da commissão central de pescarias; Custodio Miguel Borja, na commissão especial de commissario regio junto da Companhia da Zambezia; os capitães de fragata José Aleixo Ribeiro, servindo em Lisboa, na commissão de cartographia; o capitão-tenente Guilherme Ivens Ferraz, addido á majoria general da armada.

Affastados estavam o capitão de fragata Nuno de Freitas Queriol, antigo chefe do gabinete do conselheiro Hintze Ribeiro, em commissão no ultramar; o capitão de mar e guerra João Miguel Rosa, exercendo as funcções de consul no Natal e governador da companhia do Nyassa; o capitão de fragata Ernesto Augusto Gomes de Sousa, capitão do porto de Angola; o 1.° tenente Filippe Trajano Viena da Rocha, na commissão geodesica de Moçambique e o 2.° tenente Hugo O'Neill, desligado, a seu pedido, do serviço da armada. (*)

(*) Estes nove officiaes apparecem mencionados no mappa II, intercallado a paginas 356 e 357 do livro «Os Cem Dias Funestos» de Joaquim Leitão, como em situação desconhecida.

Da casa civil, apenas o secretario particular, marquez do Lavradio, 1.º tenente D. José de Almeida Correia de Sá; o camarista, e estribeiro-mór, visconde d'Asseca, Salvador Correia de Sá; o camarista e capitão da guarda real dos archeiros, marquez do Fayal, Luiz Coutinho Borges de Medeiros Sousa Dias da Camara, e o mordomo-mór, conde de Sabugosa, Antonio Maria José de Mello Silva Cesar e Menezes.

Não estavam do pessoal effectivo, o aposentador-mór, conde das Alcaçovas, D. Caetano Henrique Pereira de Faria Saldanha e Lencastre; o armeiro-mór, conde de Mesquitella, D. Luiz Maria Alvaro da Costa de Sousa Macedo, que comtudo se apresentaria em Mafra e d'ali iria á despedida real na Ericeira; o camarista, marquez de Pombal, Antonio de Carvalho e Mello Daun Albuquerque e Lorena; o mestre-sala, conde de Figueiró, Antonio de Vasconcellos e Sousa que veremos em 12 seguir para Sevilha e d'ali para Gibraltar, ao encontro dos reis; o correio-mór, marquez de Penafiel, Manuel Antonio Maria de Sena Freire Belford Gomes da Matta de Sousa Coutinho; o couteiro-mór, conde das Galveias, João de Avillez Lobo de Almeida Mello e Castro ao serviço tambem da rainha como veador e que iria ainda a Gibraltar; o reposteiro-mór, marquez de Castello Melhor, João da Silveira Pinto da Fonseca e o alferes-mór e camarista, conde de S. Lourenço, Antonio Vasco de Mello e Silva Cesar de Menezes, que encontraremos depois em Mafra e Ericeira.

D'estes, era detido, pelas 6 horas da manhã de 7, quando ainda estava nos seus aposentos do solar de Oeiras, o marquez de Pombal, só mais tarde restituido á liberdade.

Do pessoal effectivo, não compareceu tambem o capellão-mór, patriarcha de Lisboa, D. Antonio Mendes Bello.

A abstenção do clero na companhia a D. Manuel II nas horas de amargura, não excluiu a attitude revolucionaria de futuro, cabendo, a uns dos purpurados, o desterro para fóra das suas dioceses, mas com residencia em Portugal e a outros, o exilio.

Dos medicos da real camara apenas estava o dr. Arthur Ravara não se encontrando ali o 1.º medico, D. Antonio Maria de

Lencastre; medico consultor, Francisco Augusto de Oliveira Feijão, os medicos, Antonio de Azevedo Meyrelles, Carlos Tavares, D. Thomaz de Mello Breyner e os facultativos substitutos, D. Fernando de Lencastre, Fernando de Mattos Chaves e Manuel de Lucena.

D. Thomaz de Mello, ausente em Cintra, appareceria em Mafra, a segunda parte do caminho do exilio.

Faltavam o condel-mór e o meirinho-mór, pela vacatura dos cargos; o capitão-honorario da guarda real dos archeiros, duque de Palmella, Antonio de Sampaio Pina de Brederode, por doença e relembrando a morte, recente, da duqueza (*); o guarda-roupa, barão de Fornellos, Fernando Maria Pereira dos Santos, por desgostos intimos, vivendo affastado dos paços regios; o camarista-mór, marquez-barão de Alvito, João Lobo da Silveira Quaresma, residindo na villa de Alvito.

Dos camaristas honorarios, apenas estava o coronel de engenharia, Fernando Eduardo de Serpa Pimentel, que egualmente fazia parte da casa militar do rei.

Faltavam, os marquezes, de Bellas, D. José Ignacio Castello Branco Correia e Cunha de Vasconcellos e Sousa; de Borba, D. Fernando Luiz de Sousa Coutinho; da Foz, Tristão Guedes de Queiroz Correia Castello Branco; de Gouveia, D. Affonso de Serpa Leitão Pimentel; de Sousa Holstein, D. Luiz de Sousa Holstein; e de Tancos, D. Diogo Manuel de Noronha; os condes, de Arnoso, Bernardo Pinheiro Correia de Mello, reformado, mas que appareceria na Ericeira; do Cartaxo, D. Jorge José de Mello, que estava em Lisboa, em serviço no ministerio das obras publicas e que appareceria na despedida de Mafra; da Figueira, D. Luiz de Castello Branco; de Redondo e Vimioso, D. José Luiz de Sousa Coutinho; da Ribeira Grande, D. Vicente de Paula Gonçalves Zarco da Camara; de Villa Real, D. José Luiz de Sousa Botelho Mourão e o guarda-roupa visconde de S. Christovam José M. Costa e Sá; o escrivão da nobreza do reino, Carlos Augusto de Campos.

(*) Falleceu a 2 de Setembro de 1909. = Vide a nossa obra «A Caminho da Republica» = Pagina 350.

Estavam ausentes por distante moradia, ou por doença, o camarista, conde de Castello Paiva, Martinho José Pinto Menezes de Sousa Mello Almeida Correia de Miranda Montenegro de Vasconcellos Pereira de Bulhões, residindo em Castello Paiva; o conde de Paraty, D. Miguel Antonio Aleixo do Carmo Noronha, este, ausente em Viena de Austria, como ministro de Portugal; D. Nuno de Sousa Coutinho, residindo em Santarem; os guarda-roupa, José Palhinha de Brito Fallé, residindo em Vendas Novas; visconde da Ponte Ferreira, José Emilio de Azevedo Pereira da Silva Cabral, cego; o visconde de Wildick, Pedro Affonso de Figueiredo, residindo em Cannes; Jorge O'Neill, vivendo affastado da vida palaciana.

Havia ainda a multidão enorme da velha e recente nobreza, dos titulares de vetusto pergaminho ou de fidalguia de recem-outhorga, a turba gigantesca dos conselheiros que n'esses instantes de angustia não ousou pisar as alcatifas preciosas das salas realengas, que não abafavam então os ruidos das festas mas reproduziam temorosos o echoar surdo do canhoneio revolucionario.

O perceptor allemão, Franz Kerausch, nem a tempo chegou de embarcar no hiate «D. Amelia».

Ia elle já longe, quando o professor germanico. esbaforido entrava na praça da Ericeira, recem-chegado de Cascaes. Iria, porem ao exilio e achal-o-hemos em Gibraltar.

O palacianismo desertou pois quasi todo das salas das Necessidades como já fizera na hora terrivel do 1.º de Fevereiro de 1908.

Não admirava.

Se a corrente superior não canalisava para o paço, a inferior fazia mais, combatia-a, deixando crescer na alma os cardos da ingratidão.

Combatendo estava pela republica o praticante de picador do picadeiro real, Silverio da Costa, filho do picador Costa, que altamente protegido fôra pelo assassinado de 1907, pae do exilado de 1910...

Se a monarchia nada podia fazer, a republica victoriosa, e de sangue novo, soube premiar, por sua vez o revolucionario:

«Pessoa que nos merece confiança informa-nos de que o funccionario da direcção da fazenda publica que arrancou o distico monarchico de uma machina de escrever da 2.ª repartição como ante-hontem aqui referimos, não é o unico republicano que ali defende o prestigio do regime actual. Ha pelo menos um outro, ex-empregado da casa real, de apelido Costa, que tomou parte importante na revolução de 5 de Outubro que continua afirmando-se energicamente um convicto defensor da Republica.» (*)

Egualmente não viram as salas regias, a figura decerto fabulosa e prescrutadora, de um indigitado chefe da policia secreta do rei de Portugal, o capitão reformado da guarda civil hespanhola, D. José Robles.

D'esse, comtudo, assignalou a passagem de fugitivo, um jornal da propria nação que para lusas terras o exportou como inutil cousa: (**)

«Gibraltar — A bordo do vapor «Isla de Passay», chegou a Gibraltar o sr. D. José Robles, capitão da guarda civil, reformado, que era chefe da policia secreta do rei de Portugal. Embarcou em Lisboa, protegido por um esquadrão de cavallaria...»

Estava ali todavia o ministro de Hespanha em Portugal, marquez de Villalobar, D. Rodrigo Saavedra y Vivent, que falsamente se disse abandonára a côrte lisboeta, com o pessoal da legação e consular, com destino a Fuentes de Onoro.

Teve desmentido (***) o boato, registando-lhe ainda a presença o livro hespanhol, «Como cae un trono — La Revolucion en Portugal», (Paginas 192) embora com o erro de uma descortez recepção ao embaixador de Hespanha:

«Desde las techumbres de la Union fabril y del cuartel de los marinos chaparrean balas sobre Palacio. Son de las dotaciones del «Adamastor» y «San Rafael», que han desembarcado en gran parte.

«Luego suenan más nutridas descargas. Es que la marine-

(*) «O Mundo» de 7 de Maio de 1912.
(**) «La Epoca» de Madrid, de 9 de Outubro de 1910.
(***) «O Diario de Noticias» de 5 de Outubro de 1910.

ria y los populares intentan un ataque por las calles adyacentes á Pampulha y Alcantara. Cesa el fuego. Se respira. Los fusiles y la ametralladoras de los leales han quedado victoriosos. Pasan las horas con lentitude desesperante.

«De vez en vez llega alguna noticia incierta, que derrama destellos de esperanza. Cesa unos minutos el ronco estruendo de los cañones y el seco tableteo de la fusileria. Se habrá aplastado á la Revolucion?

«Luego son nuevas desoladoras: toda la marineria está con los revoltosos, el Arsenal ha sido tomado, la Guardia municipal es barrida por las bombas de la «artilleria civil». Cunde el espanto y en la mente del monarca aparece en nebulosa la idea de la huida.

«En esto surge un personaje meticuloso y remirado, es el embajador de España, que no ha podido pasarse sin averiguar si la treste Majestad caida ha menester de sus servicios. El rey nan está para zalemas, y secamente responde que no más desea estar solo, con lo que el señor embajador de España sale mohino y cabizbajo.

«Pero el monarca fia aun en los suyos, pues no todo el ejercito és republicano y todavia se mantiene leal la masa de tropas que envuelve á Palacio.»

O marquez de Villalobar, companheiro de D. Manuel durante o lance arriscado do bombardeio, não teve comtudo por parte do rei uma unica phrase que traduzisse desprimor ou irregular tratamento.

O soberano, de habito bem cortez, melhor inda acolheu no periodo de desgraça, aquelles que por dedicado affecto lh'o quizeram tornar menos aspero, e mais animante.

Não pertencendo ao pessoal palatino, mas querendo auxiliar a realeza, appareceu tambem o tenente da armada Eduardo Lupi, que, encontrando-se em S. João do Estoril, ao ter conhecimento da revolta, transpoz a pé o caminho d'ali ás Necessidades, onde se reuniu ao tenente Sepulveda.

Bem poucos eram todavia os que quizeram rodear o semidesthronado.

Assim, de agrado e emoção foi, que, ao reduzido nucleo de

companheiros das horas desventurosas, se juntasse a figura veneranda de Hermenegildo Capello.

Dir-se-hia que o ancião representava, na sua decrepitude, uma força.

Não era, mas apenas a historia do passado a soerguer-se ali, o echo de distantes glorias a querer insuflar animos.

Foi essa historia que gritou alto a sua censura, apontando tudo como o resultado das doutrinas das derradeiras guerras monarchicas.

Foi elle quem fustigou a pussilanimidade de muitos, querendo arrojal-os ao acto encorajado de uma defesa á dynastia.

Trabalho inutil.

Se não era a reproducção de Portugal extinguindo-se nas mãos flebeis do cardeal D. Henrique, ao desapparecer do glorioso tresloucado de Alcacer Kibir, era bem a raça varonil dos portuguezes das conquistas, dos sectarios do «pelo Deus e pelo rei»; a affundar-se gradual no «mar magnum» de uma causa sem crentes.

N'essa hora, a dynastia de Bragança, era sol declinando para o seu ocaso, envolto nos raios avermelhados, fugitivos das espingardas e das boccas das metralhadoras.

O presente queria esmagar o passado e tudo se aprestava para o facil derrubamento.

As balas rasgavam as trevas do futuro, para que a luz brotasse.

O futuro, todavia, que é, ininterrupto e fatalmente, o ámanhã, o ignoto, o desconhecido, continuou aprofundado sempre nas trevas do mysterio.

A ousadia dos homens não chega aos abysmos insondaveis do infinito.

Poderá ser aguia a julgar se proxima das nuvens, mas breve desce ao cume das montanhas para, fatigada e maravilhada, reconhecer, com a impotencia dos seus vôos altos, a sublimidade grandiosa do existente e os seus designios, mandando para quando a mais não deva ascender ou saber.

PAÇO DAS NECESSIDADES

IX

Bombardeamento do Palacio Real

O effeito das granadas.=Momentos de angustia.=Insiste-se na retirada para Mafra. = De consulta em consulta. =Preparativos do abandono de Lisboa =O Palacio das Necessidades.

Vimos, n'uma rapida analyse, o que era a côrte de Portugal no lance extremo do bombardeamento do palacio das Necessidades.

Versailles foi mais frequentado pelos nobres, nos episodios sangrentos da revolução que levou ao cadafalso Luiz XVI e Maria Antonietta.

Certo é que se D. Manuel II não teve, como o guilhotinado de 1793, um general marquez de Lafayette para o salvar das furias populares, tambem do povo não temia a colera vermelha.

Não presidiu a isso a complacencia mas a conveniencia.

A onda popular, sempre impetuosa, parece haver esbarrado com a muralha de um conselho e este nascido se disse de resultados da missão republicana a Londres, onde se grangeára uma

espectativa, só quebrada ante qualquer reproducção tragica do primeiro de Fevereiro de 1908.

Não deixou, todavia, de ser terrivel esse espectaculo do bombardeio das Necessidades, e a ciciada convenção secreta luso-britannica de nullo effeito resultaria se a fatalidade de permeio se mettesse, lançando a morte no caminho cruciante onde o rei vegetava.

Reunidos os seus poucos companheiros, trocavam impressões, ante o ribombar da artilharia.

D. Manuel, relanceou um olhar torvo que abrangeu a palatinagem, nervosa, mas inactiva, e a soldadesca inerme.

O canhoneio apavorava esses homens escolhidos para que emulos de Mavorte se não mostrassem.

O brigadeiro Brito e Abreu mesmo, se resguardava cauto com um muro.

Emquanto elle o fazia, alguem que pouco pisara as salas realengas, que raro se curvára nas contumelias solemnes da côrte, aprestava-se para patentear altivo o seu voto de paladino leal.

O ultimo granadeiro, Henrique de Paiva Couceiro, o legitimo vassallo fiel, ia tentar suster a derrocada.

A traição o enredaria, mas e por erro, inculpado seria do insuccesso da sua obra, derrubada junto aos altos da Penitenciaria e cortada cerce no paço das Necessidades.

As granadas iam estoirando sempre sobre o palacio real.

De preferencia, attingiram os altos dos edificio, começando por damnificar a cornija.

Uma bala entrando pelo salão dos Espelhos, apoz ter estilhado os vidros das janellas, estoirava no meio do aposento.

Outra rebentava no gabinete contiguo ao quarto de D. Manuel, quebrando portas, e moveis.

Seguindo, iam partindo quasi por completo a cupula da cantaria do portão; fazendo enorme rombo na terceira janella do lado direito do mesmo portão; arrazando na extensão de dois metros o beiral do telhado, desfazendo a guarita das sentinellas, espalhando a metralha pelo chão da sala de musica.

A fusilaria formava trinta orificios na frontaria da casa da guarda e doze no portão.

Sabido que o andar nobre era o da permanencia real, os oculos assestados, indicavam esse ponto de especial ataque.

A capella soffria-o egualmente.

Citando os estragos, o jornalismo lisboeta, disse:

«A cada granada, o palacio sofre um rombo. A pouco e pouco, vae-se desmoronando. A torre cahiu inteira, o pavilhão voou, o telhado abate com ruido. No terraço do quartel assiste-se com enthusiasmo louco a esta derrocada.»

O tenente Sepulveda, descreveria (*) assim os estragos, embora n'um optimismo saliente:

«Os tiros dos cruzadores, não nos faziam mal, só escangalhavam os altos do palacio. O maior estrago era a força moral que tiravam aos soldados.»

O estrangeiro (**), visitando, mais tarde esse palacio, celebre tantas vezes, seria por vezes irreverente, mas tambem consciencioso:

«Visitámos d'extremo a outro o antigo Palacio onde a tyrania portugueza tinha o seu asylo... E os mudos objectos, a revolta exhibição de moveis e quadros bellos, de superfluidades e artificios, caprichos e commodidades da vida, breve nos fez comprehender a psychologia de uma realeza.

«São os objectos personagens mudos que fallam pelos vivos. Uma casa é uma alma, uma habitação o relicario de um espirito. Filippe II é o Escurial; Luiz XV, Versailles; os palacios de Madrid, a carne feita marmore d'aquelle grande monarcha rectilineo que se chamou Carlos III; o Colyseu é a Roma cesariana. Oh! o Palacio das Necessidades é tambem a alma da monarchia lusitana...

«Percorremol-o todo, amavelmente acompanhados por um bravo, sympathico official de marinha portugueza. Desde o pateo, solitario, calmo, em que já não resoam esporas e que adormece entre palmeiras gentis até ao occulto camarim onde o pobre «Manolo» abandonou a sua espada e a sua couraça.

(*) «Diario dos Vencidos» — Pagina 182.

(**) «Como cae un trono = La Revolucion en Portugal», por Augusto Vivero y Antonio de la Villa—Pagina 214.

«Desfilaram ante nossos olhos salões e mais salões, em que a frivolidade tem o seu acampamento; exercitos de figurinhas de porcelana, tão frageis e tão ôcas de alma como os seus possuidores; innumeravel legião de brilhantes japonerias, que o pintor do Oriente pintou com o polvilho das mariposas; porcelanas subtis e transparentes, copos, amphoras, lacas e rigidos Budhas de pedra ou marmore; de aureos bronzes e adustos ferros; uma mistura de «bric-a-brac», onde espelham a sua inconsistencia, productos francezes de leviano preço, excentricidades do «Boulevard» e ninharias de bazar para uso de qualquer «amador», amigo, sómente de exterioridades...

«O canhão, com seus caprichosos devaneios destruidores, actuou no Palacio, revolucionaria e artisticamente, galante e respeitoso, com muito ruido e escassos effeitos. Uma granada audaz entrou tranquillamente, sem golpes de alabarda nem ceremoniosas reverencias, nem mais nem menos que pelo augusto, dourado salão de sua magestade fidelissima; atravessou de um extremo a outro o aposento e foi logo recrear-se garridamente no amplo espelho onde a porcina magestade do rei D. Carlos reflectiu algum tempo a sua gordura. Porém esta gentil granada passou por cima de bellos quadros sem lhes tocar, voou sobre admiraveis porcellanas sem as beijar sequer, e, de caminho como boa revolucionaria, só levou os «cabeçotes» de alguns Budhas e de outros pobres deuses do Extremo Oriente, inferiores em cathegoria e eguaes no infortunio.

«Outra granada, a historica granada da janella real, respeitou tambem, sabiamente, o que de bom hávia na habitação, fazendo escombros, levando adeante de si vulgares cortinados.

«Aparte o herdado de seus maiores, os ultimos monarchas lusitanos não deram provas nem do seu amor á arte, nem de singular cultura. Ha bons quadros, especialmente o collocado no primeiro dos salões, uma tela flamenga, de admiravel contextura e de esquisita côr, um Christo da escola de João Metsys, e uma monja, de admiravel desenho, e grande moldura em gothico, na habitação da rainha D. Amelia; ha ricos christaes (isto é, sem duvida, o melhor do palacio) sobre tudo os venezianos de Murano, de esquisito colorido, attenuado pela acção do tempo, o

grande collaborador da arte, e os christaes da Granja e do Retiro; ha lindos moveis de fabrico portuguez, antigos, severos e cheios de pompa, como presumçosos cortezãos, de madeira e de couro; ha, emfim, antigas reliquias, signaes de grandeza; mas o moderno, o accidental, que pobre, que vulgar!

«A alma do reinado que se exteriorisa em seus gestos artisticos, tem seu santuario no mais interessante do Palacio, nos aposentos intimos. Elles nos fizeram comprehender mil vezes melhor do que os jornaes, de que o relato de testemunhas presenciaes, a revolução portugueza.

«Atravessamos salões e mais salões, tropeçamos em moveis mil e descansamos nossos olhos em grandiosos espelhos, aureas corôas, explendidas poltronas e armarios de laca e nacar com ornatos de bonequitos japonezes e figuritas de Sévres, que sorridentes se reverenceiam, como se estivessem em Versailles (a uma d'ellas a metralha levou a cabeça em meio do baile...)

«Passamos pela ampla ante sala onde resplandeceram as prateadas trombetas dos arautos do rei, trombetas que soam hoje como os do Juizo Final. Estamos nas habitações do rei: passaremos logo ás da rainha.

«Oh monarchia portugueza, aqui sim, que estás retractada!

«A' vista está a alcova onde o pobre mancebo repousava, em sonho. Santos, de madeira, lhe fazem mystica guarda em peanhas e na mesa de cabeceira, anjos da guarda que nada poderam, afinal, contra os canhões dos bravos marinheiros, revoluteiam sobre o candido leito; medalhas colhidas de seus torneios; veem-se columnas de Salomão; rosarios e escapularios, sobem, audazes e prodigamente pelos dourados da regia cama...

«Ali, o pobre rei, como Luiz XI, como o napolitano rei Bomba, como os tyrannos todos que fizeram da religião verdugo, se julgaria seguro da sua corôa e da sua alma, com a couraça santa do escapulario e a espada, do cirio...

«E muito perto está a vergonha, a pagina ignominiosa. O uniforme de «capitão-general», cahido sobre uma cadeira; a espada abandonada, a gloriosa espada de D. Sebastião chocando a sua folha com os rosarios de Loyola...

«Oh desditoso rei, jovensito educando de jesuitico collegio! O ruido de uma granada fez-te abandonar a gloriosa historia de teus avós! Deus não te protegeu!

«Logo, a alma da rainha Amelia nos apparece em seus camarins, clara, cruamente. Ali, encontram-se misturados os «cacos» parisienses com os amuletos italianos, santos e «porte-bonheurs», despertadores andaluzes e um vaso ordinario, contendo um papel com uns versos em que um poeta cortezão offerece as odorantes flores... que de tal artefacto possam brotar. A rainha tem sobre a sua mesa um livro de «Canções do Boulevard», ecos do «Cabaret» parisiense, descarado e frivolo; tem santos, estampas, virgens, aureos nimbos, cilicios, o mysticismo e o prazer juntos, o outro mundo com o mundo habitual e ainda com o «demi-monde...» E sobre a mesa augusta destaca suas angulosas linhas um immenso suino, um porco de prata, opulento, magnifico, amuleto grandioso que o grande Guerra Junqueiro immortalisou dedicando-o ao rei Carlos...

«Esta é a ex-soberana de Portugal, a «Rainha dos tristes destinos», a auctora da catastrophe que arrastou a de seu marido e a de seus filhos. Essa sinistra mãe parece reviver em seus regios camarins... E' a violencia, a ambição, a feição dominante dos Orleans com a inconsciencia e a frivolidade de Maria Antonietta e da princeza de Lambale, a alma ardente e astuta de uma princeza de Ferrara, das que usavam punhal e esgrimiam veneno (nas habitações da rainha Amelia vimos toda uma curiosa collecção de punhaes, alguns com cinturão) com os deliquios mysticos de uma senhora de La Valliere retirada ao claustro...

«Mysticismo e odio ao povo! Esta foi a sua divisa. Por isso cahiu. Aprendei, rainhas-mães!...

«Sahimos do regio «pantheon» onde a banalidade teve assento um dia. Ali, na sala do throno, o retrato da rainha Amelia, vestida de rosa, extremamente provocadora, retrato de jornal de modas ou da revista «cocotil» indigno d'aquelle logar, nos offerece a sua despedida, a de um reinado frivolo e sensual, o dos tristes destinos...

«Depois, no quarto do rei, detenho me um instante. Sobre a

mesa está aberto um livro, o ultimo que talvez leu o infeliz rei. E' uma pequena edição dos «Contos Escolhidos», de Affonso Daudet.

«Providencial leitura! Ha entre esses lindos contos alguns que quiçá, terminou o rei de ler em sua agonia magestatica, uma narração que deveria ser ensinamento dos reis. . . Aquelle conto em que um rei que agonisa, crê deffender-se da morte pondo cerco ao palacio, artilharia e cavallaria, guardas e alabardeiros que detenham a senhora Morte para que se não metta pelas paredes. . . Porem a funebre dama entra no Palacio, por fim, vence os canhões, as lanças e os arcabuzes, e mata o rei. Assim o pobre «Manolo» nada poude fazer contra o poder do seu povo. Os canhões e os seus rosarios se abateram ante a firme e gloriosa vontade de Portugal republicano e livre!. . . »

A orientação republicana e ainda a origem castelhana—trivialmente arrebatada e retumbante em ficticios effeitos — do autor das linhas descriptivas do Palacio das Necessidades, attenuam as incorrecções phraseologicas e o desprimor para com a rainha.

Não era ella a sinistra mãe que nos apresenta Rodrigo Soriano, nem a habil manejadora de punhaes que a phantasia habitual hespanhola quiz n'ella descobrir.

A rainha D. Amelia, cuja acção a seu tempo será discutida, foi mais a victima de multiplices convenções do que a figura tragica por escriptores hespanhoes desenhada, com auxilio do lapis regional, apontado pela tradição, como de singular engenho para traços inconcebiveis. . .

Volvamos porem ao palacio das Necessidades, e aos derradeiros instantes da estada de D. Manuel em Lisboa.

O picadeiro ganhava fôros de logar accentuadamente historico.

Ali se reuniu o ultimo conselho real de Lisboa.

Ante o bombardeamento, reconhecida a impossibilidade de resistencia a um ataque, convinha proceder.

Pensou-se ou na retirada de D. Manuel ou na espectativa

Optou-se por esta ultima, visto as granadas só actuarem no edificio.

Urgia comtudo responder á provocação dos rebeldes.

Foi esse o voto firme de Hermenegildo Capello.

Lançou-se uma suspeita ás forças que o paço rodeavam.

O velho official, perdida a sua habitual serenidade, «bateu o pé e fallou alto.» (*)

N'uma venia ao rei, gritou a energia do seu tempo, e fustigou de novo a inercia da moça gente que não chegava á sua velhice altiva.

Só, indifferente ao estrondo dos tiros, foi ao terraço ver se havia possivel defeza.

Avançando até á parte do edificio que durante muito tempo

HERMENEGILDO CAPELLO

habitára D. Fernando II, intentou estudar os meios de estabelecer um ataque.

Como que para lhe tirar illusões, o bombardeio subiu de intensidade.

Era a animação pelo quasi silencio das espingardas que se eriçavam em volta do paço.

As descargas, se se fizessem, dariam a nota, perturbante para os sediciosos, de que essas tropas dispostas se encontravam a manter a integridade monarchica.

O aspecto de vacillação, exprimia, evidentemente, o contrario

(*) «Diario dos Vencidos» por Joaquim Leitão, pagina 184.

Era um perfeito declinar de futuras responsabilidades.

Nem um só arremedo de opposição.

Methodicamente, seguros de que ninguem se abalançaria a contrapôr a esse extranho acto de ousada investida, uma attitude de represalia, os cruzadores diminuiam as suas munições empregando-as, a salvo, sobre a moradia onde a realeza de Portugal não contava tão cedo deixar a corôa.

Não escapou ao estrangeiro essa orientação de abandono completo da causa monarchica e um episodio, succedido na redacção de um jornal, conta o jornalista Emilio Costa:

«Estava eu na redacção do «Seculo», no dia 4, com alguns camaradas do jornal, de cujos nomes me não lembro, seriam 12 ou 13, pouco mais ou menos, quando entrava na sala onde estavamos o critico e historiador de arte, Berteaux. Este, comentou alegremente o facto de ter vindo a Lisboa para um pacato trabalho de visitar museus e cair em plena revolução. Falou de quanto havia de curioso, baterem-se os homens assim, com um tão bello sol, que mais convidava a passear que a trocar tiros. Referiu se á attitude da população de Lisboa, calmá, tratando as «menagéres» da sua vida, como se estivessemos em tempo normal.

«Foi então que a nossa attenção foi despertada pelo cruzador «S. Raphael», que descia o rio — o que muito bem se via da janella da sala onde estavamos — e pensámos, ou pelo menos eu pensei que estava tudo perdido, porque me persuadi de que o navio se fazia ao largo. Mas alguns minutos depois, o barco manobrava de fórma que se viu logo que não se retirava e se dispunha para alguma cousa de interessante.

«Com efeito, não tardou que começasse o bombardeamento das Necessidades, e foi no meio de comentarios, que, como V. calcula, eram muitos e variados, que o Berteaux disse que a revolução era um facto triumfante, porque o que estava presenceando era inacreditavel.

«Bombardeava-se o palacio real, com o rei lá dentro e não se disparava contra o cruzador, de lado nenhum. Queria dizer que ninguem defendia a monarquia, e que quaesquer que fossem os acontecimentos que se seguissem, seriam meros episodios

d'uma luta cujos resultados para elle, já não eram duvidosos: A monarquia estava em terra.»

Proseguiram pois o «S. Raphael» e o «Adamastor» na sua faina alarmante e torturante.

Para augmentar o panico, o sino da torre do palacio, fez um dobre plangente.

Uma granada actuando na cornija da Torre, produziu o macabro som.

Era o destino marcando o termo d'esse infeliz reinado.

De facto, a existencia da monarchia em Portugal foi, d'essa hora em deante, perfeitamente ficticia.

Apenas a illusão deu esperanças.

D. Manuel II, perdera a corôa e o sino palaciano como que acompanhara n'um dobre singular e impressionante a derrocada do throno de Portugal.

O telephone, retinindo cerca das tres horas da tarde, trouxe a suspensão do conselho, a que assistiu o commandante da brigada, coronel Brito e Abreu.

Do quartel general, o conselheiro Teixeira de Sousa, teve como que o voto de desempate n'esse debater de procedimento a seguir.

Segundo elle, impunha se a sahida do paço, preferindo-se para residencia momentanea o de Mafra, para que as forças acampadas nas Necessidades deslocadas fossem para outros pontos onde a acção combativa as chamasse.

N'um caso de persistencia, não respondia pelos successos de futuro, deixando a el-rei a responsabilidade do não abortar da sedição.

Aconselhando a partida para Mafra, com a guarda municipal, o conselheiro Teixeira de Sousa, affirmava que facilmente ali se reuniriam 500 homens da Escola Pratica de Infantaria.

O argumento da necessidade das tropas para combate, serviria, pois se ignorava que as praças d'ali não sahiriam, mercê da attitude extranha do brigadeiro, coronel Bernardo Antonio Brito e Abreu.

O quartel general, ordenando, repetidas vezes, a marcha para S. Pedro de Alcantara da soldadesca detida no inutil poiso

das Necessidades, veria desrespeitado o mandado sob subterfugios pueris.

D. Manuel, movido pela intransigencia de Hermenegildo Capello, proseguiu na intenção, já antes manifestada, de sahir com as forças. (*)

Até junto do governo, parece, não foram as manifestações de esse desejo, evidenciando-o assim o conselheiro Teixeira de Sousa, a paginas 478 da primeira das suas obras de defeza «Para a Historia da Revolução»:

«E' possivel que o rei pensasse em dirigir-se para onde as tropas combatiam, e que alguem d'isso o dissuadisse. O marquez de Soveral poderá sabel-o. O que eu affirmo pela maneira mais peremptoria é que nunca me fallou n'isso, nem a nenhum dos ministros, nem quando lhe dei conhecimento da Revolução nem durante ella, nem depois de proclamada a Republica. Não desmereço as qualidades de coragem de D. Manuel. Penso até que se o governo lhe tivesse marcado esse logar, não desertaria, mas a verdade é que nunca o governo, por qualquer dos seus ministros, teve conhecimento de tal intenção.»

A affirmativa é renovada varias vezes na sua obra de defesa, pelo mesmo ultimo presidente do conselho do reinado de D. Manuel II.

Brito e Abreu fez valer o voto de desempate do chefe do governo, emittindo parecer favoravel á marcha sobre Mafra, allegando «não se responsabilisar pela defeza do Paço.»

A dolorosa confissão foi tida por de bases solidas.

Todavia D. Manuel convenceu-se, melhor, ou simulou convencer-se das probabilidades de ser ainda vencida a revolta, com a ajuda d'essa desorientada brigada que o cercava.

Não teve illusões.

Voltaram se para o Porto as attenções regias.

A cidade invicta, receberia decerto o rei e guardal-o-ia até ao suffocar da revolta em Lisboa.

De momento seguir-se-ia para Mafra.

(*) Cita o facto o 1.º tenente Victor Sepulveda; a paginas 132 do «Diario dos Vencidos».

Comtudo, o commandante da escola pratica ali estabelecida tenente-coronel Francisco Maria Pinto da Rocha, logo a 7, escrevia um officio ao ministro da guerra da republica, coronel Antonio Xavier Correia Barreto, congratulando-se por o ver servindo aquella pasta e penitenciando-se de não ter ainda arvorado a bandeira da republica, com motivo na demora da sua confecção.

O facto appareceu assim citado (*):

«O comandante da Escola Pratica de Infantaria, em Mafra, sr. tenente-coronel Francisco Maria Pinto da Rocha, mandou, por um proprio, um oficio ao sr. coronel Barreto, felicitando-o calorosamente por ser o primeiro ministro da guerra da Republica Portugueza, e assegurando-lhe a enthusiastica adesão sua e da oficialidade da escola ás novas instituições e comunicando-lhe que seria hoje içada, no edificio da escola, com todas as honras militares, a bandeira da Republica, que mandou fazer por não haver ali nenhuma que pudesse empregar para tal fim. O antigo escudo da monarchia será substituido, ao mesmo tempo, por outro com a inscripção da data gloriosa: — 5 de Outubro de 1910»

No desconhecimento total dos factos de futuro, resolvia-se a immediata partida para ali.

E o caminho?

Alvitrado o de Campolide, foi chamado á consulta o tenente da guarda municipal, Raul de Menezes.

Este, já conhecia as furias populares, pois as sustivera na historica tarde de 5 de Abril de 1908, em Alcantara, (**) durante as eleições tragicas d'esse anno.

Fôra já portador, de manhã, da resposta recusando a satisfação ao pedido pelo coronel de infantaria 1, José Joaquim de Sousa Marques, para que caçadores 2 lhe cedesse uma metralhadora.

Allegando-se que podia fazer falta não foi remettida, embora reconhecido se tornasse aos fieis, que a peça, poderia, em ca-

(*) «O Mundo» de 7 de Outubro de 1910.

(**) Vide a nossa obra «O Começo de um reinado» = Elementos para a historia do reinado de D. Manuel II) Pagina 103.

so de necessidade, collocar os rebeldes entre dois fogos, e até fazer melhor serviço junto da infantaria, por a suspeita apenas visar de instante a força do tenente-coronel André Bastos.

O official chamado a conselho e que já effectuára successivos reconhecimentos por locaes varios, tentou aquelle que a caravana pretendia seguir.

Mal recebido pelos nucleos revoltosos, encontrando a resistencia energica que não achára na abrilada de 1908, assim o vinha participar, mostrando a impraticabilidade do projecto.

Novos desanimos sobrevieram.

Julgou-se fallida a propria ideia da caminhada a Mafra, e as Necessidades, alvo de apertado bloqueio.

Valia á embaraçante perspectiva de um aguardar, terrivel de todas as contingencias, o tenente, propondo como itenerario a sahida pela Tapada, enveredando-se pela rua do Possollo, attingir o Albergue dos Invalidos do Trabalho, na rua Possidonio da Silva, as ruas dos Prazeres, rua Maria Pia, até ao Arco do Carvalhão, tomar pela Ponte Nova, até entrar na estrada da Pimenteira, já de antevista segurança.

Não foi esta julgada facil, prevendo-se que os rebeldes conheciam, decerto, todas as passagens que do paço podiam dar livre transito.

A' controversia punha termo o rei, com a interrogação directa ao tenente Raul de Menezes.

— No meu caso, o que fazia o Raul :

A resposta foi de convencer, no seu enunciado simples :

— Só ha um caminho desimpedido. . .

Estava comprehendido.

D. Manuel II, disposto a encetar essa retirada que o destino, superior a todos, lhe indicava, só perguntou :

— Quando acha melhor que eu saia ?

Fulminante e decisiva foi a deliberação :

— Quanto mais tempo Vossa Magestade se demorar, mais tempo estará sob o bombardeamento. . .

O conselho palatino resolvia o immediato abandono do palacio.

O tenente, inteirado do que se resolvera, ia a galope preparar o seu esquadrão, o terceiro.

Ao mesmo tempo participava pelo telephone ao seu commandante geral, o coronel Malaquias de Lemos, a marcha sobre Mafra, sob escolta do 3.º esquadrão, e pedindo em nome de D. Manuel fosse communicado ao presidente do conselho essa sahida, afim de que áquella villa se lhe dirigissem quaesquer informes.

Não ignorava o coronel Malaquias de Lemos que se havia dado o bombardeamento, obtendo noticias por intermedio do quartel da 6.ª companhia, em Alcantara.

Assim, confirmação teve de que inutil haviam sido as noticias transmittidas ao quartel general sobre intenções do bombardeio do palacio real e sobre a vontade do desembarque em qualquer ponto do rio.

A retirada regia era a evidente prova de que o commando de divisão não logrâra oppôr-se á derrocada.

Participando a determinação do rei para casa do chefe do governo, só então soube que elle se encontrava no quartel general.

Deu se então a inconcepta deposição de cargos.

D. Manuel, para que mais facilmente despercebido passasse, era aconselhado a trocar a farda de generalissimo portuguez, substituindo-a por traje civil.

O rei, condescendeu.

Envergando nova camisa, vestia um fato de jaquetão e deixava na poltrona do aposento, a farda e o espadim, e esquecida uma corrente de ouro com bentinhos. (*)

Instinctivamente volveu um olhar a essas salas onde não voltaria, embora n'essa hora o não pensasse assim.

Relanceou a vista pela pequena sala do throno, mettida entre os aposentos do assassinado do Terreiro do Paço e a sala azul, onde se effectuavam as reuniões do conselho de Estado.

Olhou o Christo grande que tinha á cabeceira do leito, simples e modesto.

Olhou o relogio disposto sobre a commoda, entre os candieiros de columna, esguios; a mesa de cabeceira com o seu batalhão de retratos.

(*) «O Seculo» de 12 de Outubro de 1910.

Aos pés da cama, sobre a poltrona, os objectos de que se despojára.

Ia deixar os seus quatro aposentos principaes, aquelles em que mais se detinha.

Abandonava a pequena salinha de entrada, onde tinha o piano, de grande auctor, instrumento de que fazia brotar as notas sentimentaes da musica sacra, por elle cultivada, com todo o fervor d'um crente durante infinitas horas.

Contiguo a elle, o gabinete de trabalho, a cuja pesada secretaria se demorava compulsando papeis ou lendo, sentado em preciosa cadeira de docel, os livros aggrupados na rica estante que o defrontava e onde tinha os volumes mais da sua predilecção.

Fronteiro á janella, olhando o pateo do palacio, tinha o sophá das horas de remanso e, perto, a bella poltrona ingleza, com o annexo da estante-movel, onde pousava o livro quando lia, recostado, de braços pendidos, mollemente.

Do gabinete passava ao quarto, cujas paredes sustinham quadros biblicos.

Sobre uma meza rica, objectos varios, onde de novo transparecia a nota religiosa, embora misturada com a profana.

Tinha imagens e rosarios, estatuetas e photographias, caricaturas de Eduardo VII e do marquez de Soveral, este, envergando o habito de Santo Antonio, e com o rei ao collo, como simulação de Menino Jesus.

Era a obra heretica e caustica de um irreverente, como que a penitenciar-se junto dos santos e bentinhos que a rodeavam.

Patenteando o exercicio constante da leitura, dois livros ainda repousavam sobre a mesa de cabeceira: «Le Lys rouge», romance de Anatole France e «Le Culte de l'incompetence».

D'esse aposento seguia ao modesto quarto de banho, com a mesa de toillete repleta de frascos e de essencias e caixinhas de pomadas e a amenisar esse todo simples, banal, uma oleographia de auctoria sem responsabilidade, reproduzindo porém uma figura de mulher vaporosa e fina, sorridente e linda.

Era o protesto a quantos diziam que elle não reverenciava essa obra maravilhosa da natureza, nascida em Eva, a primeira

que soube idealisar e formar, para traduzir com o Homem, as quatro lettras da palavra que é toda uma elegia : amor.

Abandonava o primitivo e depois o derradeiro quarto do pae, D. Carlos, tão cheio de fausto quando sob seus tectos abrigou o rei de Inglaterra Eduardo VII e que, apoz ter recebido os cadaveres dos assassinados do Terreiro do Paço, cerrado fôra a todas as vistas, para que esse espectaculo tragico se não reproduzisse integro, evocado nos moveis, no leito onde os corpos haviam repousado, exangues...

Uma parede recente, o vedára, e quem, subindo os dois lances da escada collocada á esquerda do largo pateo da principal entrada, passasse á sala dos archeiros, a do porteiro da cadna, a salinha de espera, e deixando a porta da esquerda, para não ir ás salas Imperio, Azul e do Throno, enveredasse pela da direita, procurando a entrada particular conductora do quarto de D. Carlos, nada acharia que o indicasse.

Um golpe de vista de extranhos, não o iria profanar; a vista maguada da familia, não se entristeceria mais.

Tudo isso ia desapparecer á sua contemplação, como no seu esconderijo abandonára a casa forte, retendo as joias da corôa.

Vejamos uma descripção (*) d'essa sala, installada no subterraneo do edificio, e onde D. Manuel indo a outras casas, nem sequer desceu, a despeito de os valores ali archivados «representarem uma fortuna de cerca de 3:000 contos»:

«Descem-se umas escadas de pedra, e, aberta a porta de ferro, depara-se-nos logo, dentro das amplas «vitrines», grande quantidade de alfaias, quadros preciosos, objectos raros, etc. Estamos na antecamara da casa das joias. Para penetrar alli, é mister abrir-se uma outra porta pesadissima de ferro, que semelha a de um cofre de proporções colossaes. Espera-nos lá dentro um deslumbramento. Dir-se-hia estarmos n'um d'aquelles tradiccionaes subterraneos dos antigos judeus mercadores de joias. O ouro e a prata existem ali em profusão indescriptivel. A' direita, n'uma estante que occupa todo o comprimento da parede, guarda-se a famosa baixella «Germain», toda de prata

(*) «O Dia» de 9 de Fevereiro de 1911.

macissa e que pesa nada menos de mil kilos. Uma tonelada do precioso metal! A' esquerda, logo á entrada, vê-se um cofre antigo, onde estão fechadas as joias particulares de D Amelia, que se calcula valerem cerca de 200 contos. A seguir dentro de uma «vitrine», salta-nos aos olhos a corôa e sceptro do antigo reino, tudo de ouro. Junto d'esses objectos repousam varios blocos de ouro nativo, o maior dos quaes pesa 20 kilos, e alguns delicados trabalhos de ourivesaria de confecção esmeradissima. Na «vitrine» seguinte depara-se-nos um enorme centro de meza, todo de prata, que servia nos banquetes de gala. Pesa 70 kilos. Mas o «clou» do deslumbramento é sem duvida o pequeno cofre que se encontra a um canto, quasi desprezado. Abre-se, evidencia-se o contheúdo das caixinhas que contém, e os feixes luminosos jorram como por encanto dos diamantes da mais pura agua... Alli está o diadema da rainha, as placas da grã-cruz das tres ordens do antigo monarcha, as preciosissimas joias da corôa, o famoso livro das Horas da rainha D. Leonor, a que se attribue um preço de muitas dezenas de contos. Mais além, n'uma terceira «vitrine», entre outras cousas de raro valor, destaca-se a celebre custodia de Belem, — a preciosa obra artistica de Gil Vicente — de ouro e esmalte, que só por si representa uma fortuna incalculavel.»

Ia abandonar o palacio, cuja construcção devida fôra ao architecto Caetano Thomaz de Sousa, a antiga séde da Academia Real das Sciencias e até local onde se reuniram em 1821, as côrtes democraticas orientadas pela junta do Porto.

Fôra modesta ermida.

A peste de 1599 levára á Ericeira muitos maritnos.

Para oppor ao flagello, nasceu a crença, e a posse de uma imagem de Virgem, trouxe-lhes o voto de lhe erguerem uma capella em Lisboa.

Livres da epidemia, á volta á côrte, começavam subindo sobre o solo do alto de Alcantara, as paredes da denominada Capella de Nossa Senhora das Necessidades, com uma irmandade formada por gente do mar.

A modesta ermida, mercê da promessa que lhe dera origem, fez surgir outra, em 1742, do sumptuoso rei D. João V.

Não hesitou elle n'um sacrilegio, habituado como estava a correr os conventos em amorosas palestras freiraticas, com a mesma facilidade com que corria á estocada os espadachins emeritos da epocha turbulenta da Lisboa velha, dos nichos e dos lampeões, dos aguazis e dos frades.

Minado por doença grave, mandou arrancar da ermida a imagem veneranda e ella sahia do seu logar santo, para o paço da Ribeira, para o quarto profano do apaixonado de Madre Paula, do conquistador eximio dos claustros de Odivellas.

A's melhoras reaes, correspondeu a radical execução da promessa de recollocar a imagem em egreja digna, pelo fausto, do seu reinado de explendores.

A egreja se levantou, com convento annexo, de 1743 a 1750 e pelo trabalho attento do architecto Caetano Thomaz de Sousa e o palacio, que se lhe reuniu se houve por merecida residencia dos irmãos do rei Magnanimo, os infantes D. Antonio e D. Manuel.

Ali teve pacifica vida, o primeiro habitante, para contraria opposição ao destino do ultimo, D. Manuel, como elle, ao qual talhada estava a sahida d'ali, direito ás contingencias amargas do exilio, e pela Ericeira, onde origem authentica teve a fundação conventual e palaciana.

Do convento tomaram posse os congreganistas de S. Filippe Nery, e da estada d'estes proveio a denominação de bibliotheca dos Nerys, dada á sala situada no fim do corredor, que dá sahida, com transito por passagem abobadada, para o pateo das côrtes e d'este, transposto o ferreo portão, para o largo do Rilvas, collocado entre as travessas das Necessidades, e do Thesouro e ao cimo da segunda rampa da calçada das Necessidades.

A extincção das ordens religiosas, promoveu o annexar da parte do velho mosteiro ao palacio, habitação real, por escolha de D. Maria II, em 1831, e de D. Fernando, do infante D. Augusto, de D. Pedro V, e da rainha D. Estephania, que ali finalisaram os dias.

D. Fernando, o rei-artista, formou ali uma celebre galeria de quadros e de objectos de arte.

D. Carlos I, nos ultimos annos, escolhera para residir parte

d'esses aposentos, onde installára o seu gabinete de trabalho e as famosas collecções oceanographicas, escolhendo outros para repouso e até para refugio seguro de aventuras de amor.

N'uma percepção intima, D. Manuel abrangeu n'um olhar e talvez mais com a alma do que com a vista todas essas salas, todos esses objectos evocativos da sua vida e da vida dos seus maiores.

Ia dar-se o abandono do palacio onde não volveria tão cedo.

X

As duas rainhas.=A sahida do Paço das Necessidades.=O incidente da Cruz das Oliveiras. = A ultima granada = O jornalismo estrangeiro ante o abandono do palacio real = O regresso da escolta regia Novas proclamações republicanas. =Boatos de haver D. Manuel II procurado refugio na legação de Inglaterra. = O presidente da Republica do Brasil offerecendo asylo ao rei de Portugal =O emissario do presidente do conselho.=A dispersão palatina

ntretanto fizera-se breve communicação para Cintra, sem que descriptos fossem todos os horrores, origem d'essa forçada viagem a effectuar.

A presciencia materna suppriu comtudo a escassez de elementos terroristas, e, emquanto o filho, impaciente aguardava a vinda do vehiculo salvador, a mãe, nervosa e inquieta, ouvindo do lado do mar o canhoneio, descia da Pena ao velho paço de Cintra, para concertar com a rainha D. Maria Pia, a ida a Mafra para magno conselho.

A' prova de novo estavam esses dois corações de mulher, sentimentaes e bem feridos já pela adversidade.

E, quando a infeliz viuva de D. Luiz I, fixou o olhar entristecido, de amargura e desalento no olhar decidido, mas apprehensivo, da que fôra esposa do assassinado do Terreiro do Paço, que vira cahir junto a si, com o filho seu enlevo, por extranho

effeito telepathico, produzida a communhão de ideias, resurgiram duas mulheres, altivas e firmes, correndo unidas a levar conforto ao filho, ao neto...

Era o protesto natural, emergindo logico, aos que dão os reis sem coração, por simples resultado anachronico d'um adomar a convenções.

Ali rejuvenescia a alma vibratil da mulher, era o seu sentimento nato, resurgindo intenso e abdicador de altas prerogativas, á ideia do perigo que rodear podia essa creança de sempre...

E ella, de facto, atravessava outra vez, a crise violenta da ignorancia das surprezas más, que podiam chegar a cada segundo que a cada minuto succedia...

Sigamos ainda os seus passos de infeliz, nos derradeiros instantes de Lisboa e ao reproduzir as torturas das ultimas horas de terra portugueza, esse scenario emotivo de Mafra e da Ericeira, n'elle entrarão, desde o inicio do seu Calvario novo, as duas bellas figuras de mulher, mãe e avó, caminhando para o exilio, mas guardando como supremo beneficio, a companhia do desterrado rei, o filho e o neto bem amado...

*

* *

Pensou-se salva a situação melindrosa com o alvitre do tenente Raul de Menezes.

Não o estava comtudo, em absoluto.

Sendo necessario um automovel, a meio caminho percorrido foi aprisionado.

A despeito de sabida essa nova contrariedade, a côrte fiel não desanimou.

Emquanto o conde de Sabugosa se conservava junto do rei e o coronel Antonio Waddington, por uma janella analysava o aspecto exterior, o marquez do Fayal insistia ao telephone pela remessa de outro vehiculo.

E' pesada e soturna a atmosphera do aposento em que se acha agora, mais a coberto do bombardeio.

Era o gabinete de trabalho do D. Carlos, na outra extremidade do palacio, e onde, como evocação d'esse pintor notavel, surgia o quadro de uma mulher nova, sobre as ondas verdejantes.

De subito recebem o aviso de que promptos estavam dois automoveis.

Passaram ao jardim Franzeni para desnorteamento de quem os quizesse perseguir.

Da creadagem, apenas dois não haviam fugido.

Tomaram logar no arrazado automovel do paço e abriram caminho.

Deu-se a sahida do palacio com completa divergencia de horas e se alguns a registaram ás duas das tarde, o 1.º tenente Victor Sepulveda, a affirma effectuada ás 4:

«Reuniu conselho na Tapada, a que assistiu o Brigadeiro, que disse não se responsabilisar pelas forças, já bastante desmoralisadas, e reinterou o conselho da ida para Mafra.

«Perante isto, El-Rei, que nunca pensara sahir do Paço das Necessidades senão para marchar com as suas tropas, deixou o Palacio, pelas 4 da tarde, seguindo n'um automovel com uma escolta da municipal.» (*)

D. Manuel II tomava logar no automovel no pateo de uma casa tempos antes adquirida pela casa real e existente ao fundo da Tapada e na parte adjacente á calçada das Necessidades e a rua do Borja.

O rei assentava-se, tendo ao lado, o conde de Sabugosa e á frente o tenente João Feijó Teixeira.

Tomava o volante de conductor, o marquez de Fayal.

A despedida dos que não seguiam foi breve mas emotiva.

Juraram affeições e lealdades.

Seriam cumpridas e no exilio acharia D. Manuel muitos d'aquelles que á partida lhe assistiam.

Não havia tempo para emoções.

Urgia caminhar.

Um pelotão da municipal, seguiu adeante, em exploração

(*) «Diario dos Vencidos» por Joaquim Leitão, pagina 182.

Fez-se a marcha, indo outro em escolta, e cavalgando ás portinholas, o capitão e o tenente da guarda.

Celere foi a carreira, durante a qual nem uma só palavra se trocou.

Lance amargo esse!

Meditando nas consequencias do acto e dos factos que lhe deram origem, o silencio foi grande.

O tenente Feijó Teixeira nem quiz expressar os receios de uma republicanisação em Mafra, d'uma queda no meio da villa arvorando egualmente o pendão da revolta.

As apprehensões não se justificariam porém.

O automovel affrouxou o andamento ao chegar ao Arco do Carvalhão.

Temeram os passageiros, um entrave posto pelos rebeldes.

Reconhecido apenas um embaraço natural do vehiculo, e reparado este, a jornada seguiu.

Era tempo.

De instante, algumas granadas estoiravam no sitio onde haviam estado parados.

Mais rapida se fez a carreira, e devido a esse excesso de velocidade, teve ella de se suspender de novo na rampa da Cruz das Oliveiras.

Para remediar o mal, foi necessario travar o automovel, para que não galgasse a ladeira.

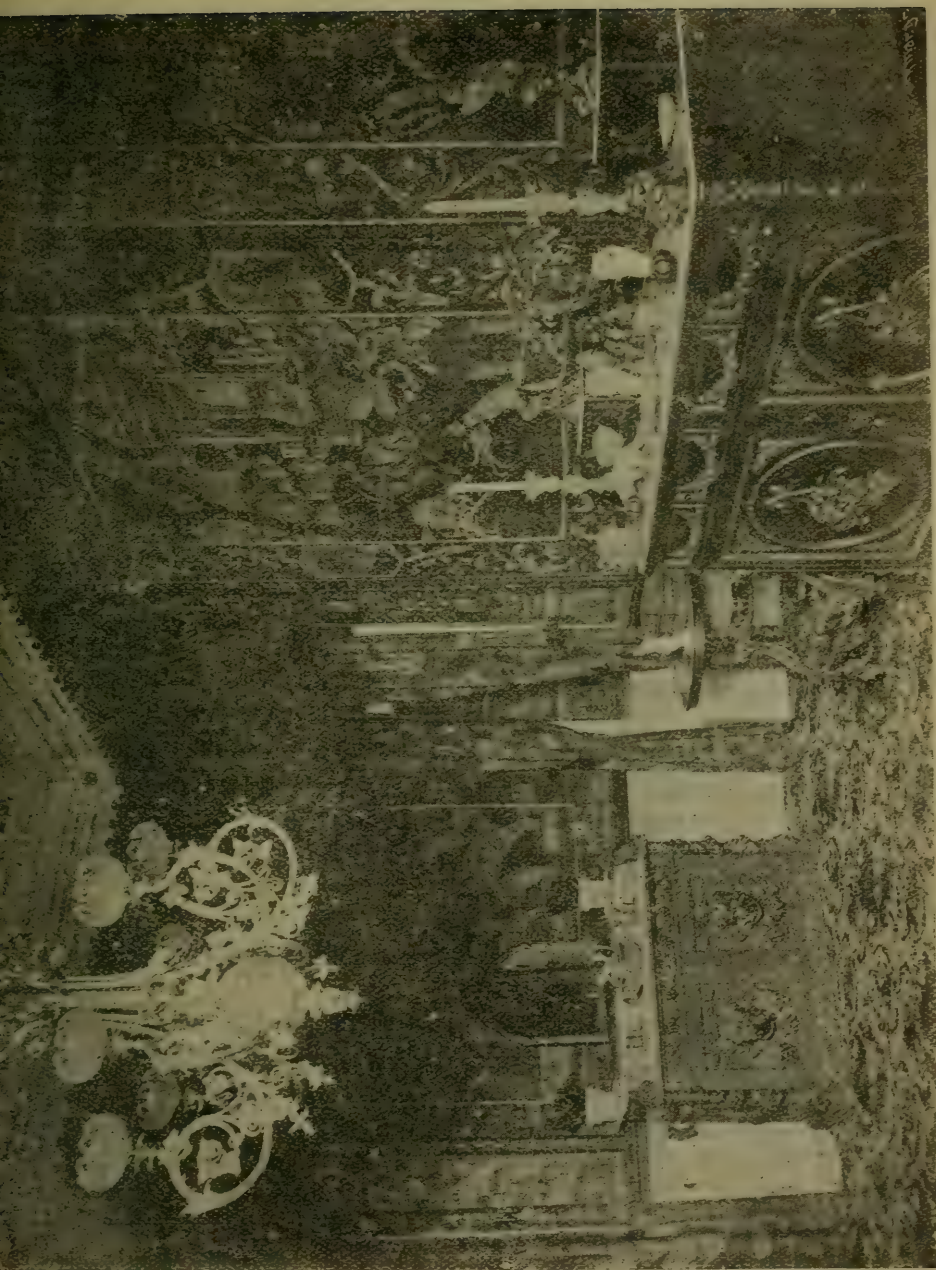
D. Manuel, em pessoa, quiz transportar uma pesada pedra para collocar em frente de uma das rodas, impedindo-o os fidalgos e os officiaes de proseguir n'esses trabalhos, durante os quaes e pelo exforço perdia dois anneis.

Só ultimadas as reparações e feito algum caminho, pela falta se deu.

O rei, sereno de animo, manifestou desejos de retrocesso, para recuperar as perdidas joias.

Encontradas ellas, no proprio local onde o soberano pretendera travar o automovel, este seguia emfim a sua derrota, até á estrada da Pimenteira.

O semi-exilado, dispensava a escolta.

Como de inicio se dissera, d'ahi para deante, sem perigo,

PAÇO DAS NECESSIDADES — GABINETE DE TOILETTE DO REI

previsionalmente, era a viagem, e necessaria era decerto a força para se reunir ás tropas que se presumiam deffendendo a causa d'essa realeza, cujo representante embora quasi abàndonado, não teve os desfallecimentos que lhe assacaram.

A scena da derradeira estada de D. Manuel nas Necessidades e a sua sahida d'ali, apparecia descripta com os exageros de lhe attribuir uma pussilanimidade grande:

«A' tarde o cruzador começa a lançar as granadas. O Rei foge, mais livido, para a outra extremidade do palacio, para o «atelier» onde D. Carlos pintava e recebia as visitas patuscas.

«Quer partir. Quer a todo o transe, febril, tremendo, apesar das injuncções de Fayal. Para onde? Seja para onde fôr. O ruido da artilharia e as noticias que do Commando Geral lhe communicam imprimem á volição da creatura infantil uma grande energia.

«Desaba uma das torres, ruida pelas granadas. Ha um ruido formidavel. O rei quer fugir a todo o transe.

«Telephonam para uma «garage», pedindo um automovel.

«O automovel é preso no caminho. Augmenta a anciedade. O rei estende-se sobre o divan largo e fofo, a um canto do atelier. Sorri, n'uma parede, sobre a onda verde, o corpo nú de uma mulher d'olhos verdes, liquidos, obra de D. Carlos.

«Telephonam novamente, pedindo o automovel.

«E' preciso fugir! Correm pela Tapada das Necessidades, saltam os muros, para o jardim Fransini, recente acquisição de D Manuel. O rei treme, quasi lhe vergam as pernas.

«O rei pergunta pelos seus validos, pela côrte. Não ha ninguem!

«Sabugosa tem palavras de conforto. Fayal volta ao telephone. Waddington espreita, pela janella. E a cada ruido insolito, o rei estremece, soergue-se. Vêem prendel-o, matal-o? E a scena tragica de 1 de Fevereiro surge, n'um fundo de sangue, no cerebro allucinado.

« — Emfim! — annuncía Sabugosa.

«Fazem-se os preparativos. N'um automovel do paço, seguem alguns creados.

«No da «garage», vae o rei, embrulhado n'uma manta, na caixa, escondido. Fayal, toma o volante.» (*)

Superiormente phantasista era porém a descripção que ao Rio de Janeiro era levada (**) e attribuida ao correspondente em Lisboa, do «Daily Telegraph»:

«Quando a revolução rebentou, D. Manuel estava na cama, onde o foram acordar officiaes da casa real. Reuniu-se immediatamente um conselho e decidiu-se esperar os acontecimentos, porque se acreditava na fidelidade das tropas da guarnição de Lisboa e julgava-se que com os reforços que viriam das provincias, a insurreição seria promptamente suffocada.

«D. Manuel a quem nunca passára pela cabeça que a fatalidade o fizesse um dia Rei, andava ha muito tempo em um estado de grande abatimento, conscio do desprestigio dos monarchicos e sabedor das innumeras adhesões, que o partido republicano estava constantemente recebendo. Muitas vezes dissera a sua mãe e aos seus mais intimos amigos que era necessario examinar cuidadosamente a situação e que na sua opinião, valia mais a pena abandonar o throno e viver em tranquilidade, deixando que Portugal adoptasse a forma de governo que mais lhe conviesse. Mas D. Amelia, a côrte e os seus conselheiros espirituaes diziam-lhe que não pensasse em tal. Observavam-lhe que o seu pessimismo não tinha razão de ser e asseguravam-lhe que Portugal nunca poderia ser republicano, emquanto o rei pudesse contar com o exercito e parte da marinha.

«Era este o estado de coisas quando a revolução rebentou.

«Os amigos intimos de D. Manuel chegaram ao palacio na madrugada de terça feira e principiaram tomando as precauções necessarias para a segurança das pessoas reaes caso se tornasse necessario abandonar Lisboa. Embarcações, carruagens, cavallos, foram postos á disposição da familia real e alguns servidores leaes foram a certas legações — pediram-me para que não mencionasse nomes — para arranjar asylo para o rei, caso não

(*) «O Dia» de 7 de Outubro de 1910

(**) «As ultimas horas da Monarchia Portugueza» — «O Jornal de Commercio» — Novembro de 1910.

fôsse possivel sair de Lisboa. Depois de longa discussão, decidiu-se combinar quatro meios para garantir a vida do rei. O primeiro consistia em mandar D. Manuel para uma das legações, onde elle se poria sob a protecção da respectiva bandeira.

«O segundo era seguir para a fronteira hespanhola, fazendo o percurso em automovel pelas estradas do sul, que se sabia não offerecerem perigo. O terceiro meio era pôr o rei a bordo d'um navio estrangeiro sob a protecção da bandeira, e fazel-o acompanhar por dois ministros de duas potencias amigas. Finalmente, o quarto consistia em ficar no palacio até ao ultimo momento, e seguindo depois para Cintra, embarcar no «yacht» «D. Amelia» que já recebera ordens para estar de promptidão e cuja guarnição era absolutamente fiel ao rei.

«Durante todo esse tempo, posso affirmar sem receio de contradicção que os amigos do rei e os diplomatas tiveram varias conferencias com importantes personagens do partido republicano e que obtiveram uma garantia absoluta de que a familia real seria respeitada e que só no caso de resistencia é que se recorria á fôrça. «Se a revolução triumphar, disse um dos chefes, a estrada de Cintra estará desimpedida e o rei poderá ir por ella sem receio». Um dos amigos de D. Manuel perguntou se os navios de guerra deixariam o «yacht» real sair do porto, sendo-lhe respondido que já tinham sido dadas ordens para que o «D. Amelia» pudesse livremente levantar ferro.

«Os republicanos expediram tambem ordens a certos regimentos, que estavam com os revolucionarios e que poderiam embargar a passagem dos membros da familia real, a fim de que os não molestassem, e os deixassem passar livremente. Isto foi na noite de 4 de Outubro. Durante todo o dia entretivera-se a esperança de que a causa monarchica acabaria por triumphar porque nem a esquadra, nem os fortes se tinham ainda passado para os revoltosos. Durante a noite a esperança recrudesceu porque alguns monarchicos, que vieram ao palacio disseram que na manhã seguinte importantes reforços das provincias se viriam juntar á guarnição da capital e que a revolta seria esmagada.

«Antes de proseguir, devo insistir em um ponto importante. Até agora ainda não se soube exactamente onde é que o rei passou a noite de 4 de Outubro. Correram diversas versões. Tanto os monarchicos, como os republicanos, affirmam que D. Manuel passou a noite no palacio, onde só saiu depois do bombardeamento em 5 de Outubro, ás 11 horas da manhã. Outras pessoas asseguram-me que o rei saiu do palacio na noite de 4 de Outubro, indo para uma casa preparada para o receber, pelo ministro hespanhol. Outros ainda contam que elle foi para bordo de um navio inglez, ancorado no Tejo, que estava prompto para sair a qualquer hora para se juntar ao «yacht» «D. Amelia». E' impossivel averiguar qual d'estas versões é exacta, porque apesar das minhas relações com os organisadores da fuga, não pude alcançar informações exactas sobre o que é considerado um segredo de Estado.

«Comtudo, na minha opinião, o rei não passou a noite no palacio. As razões em que me fundo para assim falar são as seguintes: Varias pessoas, moradoras nas visinhanças do palacio, asseguram me que elle estava deserto quando o bombardeamento começou e que nenhuma carruagem ou automovel d'ali saiu a qualquer hora que fosse, desse dia. Accrescentam que no 5 de Outubro, teria sido impossivel sair do palacio, por causa do fogo cerrado dos navios e da artilharia revolucionaria, que estavam atacando o palacio. Este argumento tem uma certa força; assim como tambem o facto de que na noite de 4 para 5 d'Outubro nenhuma luz se viu nos aposentos do palacio, apesar das janellas não estarem fechadas.

«Ainda outras razões me levam a concluir que D. Manuel não passou a noite no palacio. Não teria sido possivel garantir a sua vida ali por causa do terrivel fogo que estavam fazendo contra o palacio; comtudo pessoas da mais alta importancia me asseguram que o rei nunca correu o menor perigo. Estas conclusões estão de acordo com uma versão, que me foi dada por um diplomata, o qual acredita que o rei deixou o palacio em automovel na noite de 4 de Outubro, acompanhado por tres pessoas á paizana, e que foi para uma casa de campo nas margens do Tejo, a pouca distancia da estrada de ferro de Mafra.

A' meia noite dois altos funccionarios da côrte, o marquez do Fayal e o conde de Sabugosa, foram vistos nas visinhanças de Mafra.

«Como não me era possivel ir verificar pessoalmente a exactidão desta informação, pedi a um dos meus amigos, um capitão de infantaria, que procurasse saber dos soldados e dos marinheiros que atacaram o palacio se, de facto, o rei se encontrava ali. A resposta recebida pelo telephone foi a seguinte: «Acabo de falar com varios soldados da força que atacou o palacio. Disseram-me que o cerco principiou antes das 8 horas da manhã, que todas as ruas ficaram fechadas e que nenhuma carruagem ou automovel saiu do palacio durante esse dia. Accrescentam que a cama do rei não fôra desfeita e que todos acreditam que nem o rei, nem os seus criados, se achavam no palacio, tendo partido á meia noite em direcção a Cintra. «O meu amigo accrescentou que um capitão de infantaria lhe contára que, durante o bombardeamento, ouvira dizer: «Não vale apena atirar mais, porque o palacio está vasio e a unica coisa que conseguiriamos era destruir um edificio que pertence á nação».

«A minha impressão é a seguinte: o rei deve ter passado a noite em qualquer logar, perto do Tejo, na estrada que vae para Cintra, e não muito distante de um navio estrangeiro, que estava prompto a recebel-o em caso de necessidade.»

Não deixou a Italia de espalhar egualmente excentricos dados sobre os successos palacianos d'essas horas de revolta e como principal se apresentou o jornal romano «La Ragione» (22 de Janeiro de 1911) sob o titulo «A tragica noite do rei Manuel» e sub-titulos «Os soluços do rei» — «Escondido n'uma tenda» — «A queda»:

«Vienna; 22.—O «Budapesth» publica uma interessante entrevista com o ex-deputado português de Oliveira, de passagem em Budapesth, ácêrca da ultima noite do reinado de D. Manuel. A narrativa que d'esta noite faz o sr. de Oliveira, que estava no palacio das Necessidades, junto do rei, e que depois o acompanhou ao exilio, contém factos particulares importantissimos e ineditos, muito diferentes do que até agora se tem publicado sobre aquella noite historico.

«O capitão de marinha Donaldo — conta o ex deputado por-

tuguês — tinha dito ao rei, ao regressár do banquete oferecido ao novo presidente do Brasil, que o movimento das tripulações dos navios surtos no ancoradouro de Lisboa era um fermento insignificante que elle tinha já frustrado com ordens que de terra tinha dado. Donaldo conduziu de ahi a pouco, o rei a um outro sitio de onde se avistava um navio de guerra avançando pelo Tejo. O rei sorriu; mas de subito o capitão Donaldo empalideceu e vacilou, por ter notado que o navio de guerra estava ancorando defronte do palacio, sobre o qual, pouco depois, caiam algumas granadas. Donaldo puxou o rei pela mão e levou-o a um quarto, justamente no instante em que explodiram os primeiros projecteis. O rei desatou então a soluçar, agarrou-se ao pesado reposteiro da porta, e equilibrou-se. Como o reposteiro cedeu ou se rasgou, o rei caiu no chão. A rainha mãe que não sabia porque motivo o rei tinha caido, gritou por soccorro. Appareceram novos individuos annunciando que a artilharia, confraternizando com os revolucionarios, avançava contra o palacio real. Os soldados que se encontravam no paço começaram a chorar e a rezar, o rei e o seu sequito cairam de joelhos em volta do capellão da côrte, que estava tambem caido no pavimento. Todos choravam. O capitão Donaldo respondeu com um tiro á intimação de prender o rei. Este foi metido n'um automovel e levado para a rua. Donaldo suicidou-se apenas os revolucionarios penetraram no palacio.

«Quanto ás causas que fizeram explodir a revolução, o ex-deputado que professa os principios monarchicos, diz que esses motivos são imputaveis, em grande parte á conducta de D. Manuel. O rei não cuidava dos negocios do Estado; o que o interessava eram os divertimentos, as mulheres, e especialmente os uniformes da marinha. Basta lembrar que, em tres mezes, ordenou reforma radical nos fardamentos da marinha, só para dar que fazer ao seu alfaiate e aos fornecedores interessados. Finalmente, o sr. Oliveira declarou que a sorte da Republica não é estavel em Portugal. Crê que a monarchia ha de voltar; não tem duvida de que o restaurador será D. Manuel.»

Nenhum d'esses factos se dera e até os personagens, salvo D. Manuel, desconhecidos eram no meio portuguez.

Quanto á rainha não se encontrava nas Necessidades, mas na Pena e falsos eram os extravagantes episodios narrados no jornal italiano.

De principio ao fim repletas de incorrecções descriptivas, as novellas transmittidas ao Brazil e á Italia, mereciam passagem á Historia para que, por ella desmentidas, não ganhassem fóros de veridicas.

Certo é porém que, mesmo em Portugal, mas com a desculpa aliás da necessidade de que promover, pelos republicanos, a mais intensa propaganda para o completar da derrocada monarchica, quasi identicas phantasias se forjaram:

«O rei saira no dia 4, pelas trazeiras das Necessidades, a caminho de Mafra, indo de automovel, envolto em cobertores, para que se não visse a sua figura humana. N'outro automovel seguiam amigos seus, o conde de Sabugosa e o marquez do Fayal. Chegou a Mafra ás 3 horas.» (*)

Desmente porem essas attribuidas tibiezas e escassez de serenidade, um depoimento de valia, o do tenente da guarda municipal, Raul de Menezes, que junto de D. Manuel II esteve n'essas horas de embaraços: (**)

«O rei não saiu embrulhado em mantas, nem em capas. Tampouco partiu com ar de ridicula peiguice. Ia com um fato vulgar, de passeio, e chapeu molle. Nem mala nem bengala. Quanto á attitude e phisionomia só se póde dizer, com verdade, que apenas exprimiam algum nervosismo e um tanto de commoção.

«Como subalterno mais antigo do meu esquadrão, fui incumbido de, com o pelotão que commandava, proceder á «apalpadella» das proximidades do paço, afim de sabermos a que distancia tinhamos os revoltosos, missão de que mais de uma vez me desempenhei, por vezes com enorme risco. Tal qualidade indicou a minha chamada ao picadeiro das Necessidades, na terça feira, logo ao começo do bombardeamento do palacio.

«Ali me encontrei com o sr. D. Manuel e um grupo de pa-

(*) «O Mundo» de 7 de Outubro de 1910.
(*) «O Seculo» de 15 de Outubro de 1910.

latinos, que lhe faziam roda. D'estes, lembro o marquez do Lavradio, D. Fernando de Serpa, visconde de Asseca, conde de Sabugosa e marquez do Fayal. O rei e seus validos lembraram-me que o primeiro precisava deixar Lisboa, tomando a direcção de Campolide, para o que se tornava necessario saber se isto era ou não possivel. No cumprimento do meu dever, procedi ao novo reconhecimento, voltando ao picadeiro com a seguinte resposta :

« — Não é possivel.

«Junto áquellas portas foramos recebidos com morras á guarda municipal, pedras e alguns tiros. Como é natural, a minha informação impressionou desagradavelmente o monarcha, e não ficando mais satisfeitos os seus vassallos Fechada a sahida de Campolide, suppunha-se impossivel a fuga, visto que todas as arterias estavam bloqueadas.

«Travou-se larga discussão a proposito, até que eu, conhecedor bastante da parte occidental da cidade, alvitrei o seguinte itenerario: Tapada, rua do Possollo, Asylo dos Invalidos do Trabalho, Prazeres, rua Maria Pia, Arco do Carvalhão, Ponte Nova e estrada da Pimenteira. Descutiu-se muito este caminho, levantando os aulicos constantes duvidas sobre a sua exequibilidade, duvidas que eu, por absoluto conhecimento de causa, rebatia com exito. Por fim, o rei interpellou-me nos seguintes termos :

« — No meu caso o que fazia o Raul ?

« — Só ha um caminho desimpedido — respondi.

« — Quando acha melhor que eu saia ? — tornou a interpellar-me o rei.

« — Quanto mais tempo vossa magestade se demorar, mais tempo estará sob o bombardeamento — accrescentei.

«E resolveu-se a fuga para logo. Parti a communicar a resolução ao commandante do esquadrão.

«Momentos depois, no extremo da tapada e no pateo da casa (parece que ultimamente comprada pela familia real), que encabeça a calçada das Necessidades e a rua do Borja, um automovel «Peugeot» da casa real recebia o rei, que tomava logar no interior com o conde de Sabugosa e o marquez do Fayal,

que se sentava ao lado do «chauffeur». Outro automovel, vazio, seguia este. Os carros puzeram-se em marcha levando por guarda avançada o meu pelotão, e na rectaguarda o resto da força. A's portinholas da carruagem do rei seguiam o meu capitão e um tenente.

«Ninguem mais deu pela fuga. O rei não era de facil descobrimento e a velocidade da marcha não permittia longos reparos...

«O meu itenerario seguiu-se á risca, não se encontrando, por acaso, impedimento algum. Apanharam-se dois sustos, mas foram de rapida duração. Tanto na rua do Arco do Carvalhão, como na rampa da Cruz das Oliveiras, o automovel da magestade «engasgou-se», sendo preciso, da ultima vez, arrancal-o a braço, esforço para que tambem eu e alguns soldados contribuimos... Então, sendo necessario, em certa altura, travar o auto, o proprio rei andou á procura de uma pedra, que encontrou, e não pequena... e tentou auxiliar o trabalho dos companheiros, o que não foi permittido..

«Salva esta ultima apertada situação, abalámos, tendo porém, alguns metros adeante, de retroceder, visto o sr. D. Manuel dar por falta de dois anneis. Estes foram encontrados onde o rei pretendera travar o automovel. Um pormenor interessante que me ia fugindo. Segundos depois de nos salvarmos da primeira forçada paragem, sentimos cahir no ponto onde esta se dera, algumas granadas. Se a demora se prolonga, nem a alma nos aproveitavam...

«Chegámos á estrada da Pimenteira, finalmente. O rei deu-nos as suas despedidas, agradecendo o nosso prestimo e pediu-me que communicasse ao sr. Teixeira de Sousa que esperava em Mafra noticias suas.»

O tenente Raul de Menezes, chegando a Monsanto, fazia de ali constar ao quartel general a sua chegada, por dispensa de escolta, feita por D. Manuel.

O coronel José Joaquim de Castro dava lhe ordem para procurar noticias das baterias de Queluz, devendo reunir-se-lhe, para garantir o seu regresso a Lisboa.

Não a encontrando, o tenente com a sua força, galopava até á cidade onde reentrava sem embaraços.

O official cumpriria o seu dever até final, e sem que, pela natureza das missões que lhe foram confiadas ao regresso da Pimenteira, tivesse tido occasião de provar de novo o lealismo á corôa.

A' proclamação da republica vel-o-hemos effectuar a entrega dos revolveres e espadas dos seus subordinados, ao capitão de mar e guerra Alvaro de Oliveira Soares Andréa, commandante da marinhagem em Alcantara.

O facto estava consummado, o povo satisfeito e inutil seria a opposição ao popular enthusiasmo.

Vendo seguir as praças do tenente Raul de Menezes, o rei mandava continuar a jornada, caminho de Mafra, onde depois iremos encontral-o.

Era logo conhecida a partida, e se bem que ignorassem os republicanos os seus pormenores, cuidaram de momento de aproveitar esse bello encaminhar de successos, soerguedor do desanimado aspecto dos elementos, combatentes, da democracia.

A junta revolucionaria, avisada do passo régio, explorava o acontecimento, e da «Lucta», sahia, a occultas, a proclamação que fez crear novos alentos aos rebeldes e acirrar mais para uma equilibrada defesa da monarchia, as tropas que, por obrigação mais do que por convicção, pareciam oppôr resistencias aos manejos da revolta.

Dizia assim a proclamação:

«4 horas — Agora mesmo chega á Junta a noticia, absolutamente certa, de ter fugido o rei. Para onde? Não o sabe a Junta, mas a sua fuga é um facto. Apesar d'isso, a acção revolucionaria continua, só cessando quando o governo provisorio puder falar á Nação do Paço das Necessidades. Vae bater o minuto supremo mas, até que elle bata, as forças revolucionarias não affrouxam nem desarmam.

«Viva a Patria!

A Junta Revolucionaria.»

Para que aos descrentes da sahida régia, não restassem duvidas sobre o facto, vendo-se na falta de menção do ponto onde D. Manuel se encontrava, uma forma de incitar sem firmes bases de veracidade, espalhado foi o boato de que o rei se aco-

lhera á protecção ingleza, procurando asylo na embaixada britannica.

O dr. Brito Camacho, simulando na redacção da «Luta», a existencia de uma junta revolucionaria, lançava, audacioso, pela noite, uma nova proclamação:

«9 horas da noite — Chega á Junta Revolucionaria a informação derivada da melhor fonte, de se ter refugiado o sr. D. Manuel na legação da Inglaterra. Acolhendo-se a territorio estrangeiro, pois que as legações são unidades territoriaes das nações respectivas, o rei abdicou de facto, renunciou aos direitos que tinha pela constituição. Está, pois, vago o throno portuguez, e essa vaga não será provida, porque a Nação quer assumir a posse dos seus destinos, proclamando a Republica.

«Viva a Patria!

A Junta Revolucionaria.»

A informação, dada como vinda de boa fonte, não era exacta.

D. Manuel, embora fugido, não transitára para nenhuma legação e antes, em territorio portuguez, em Mafra, no seu palacio, aguardava melhores novas.

Já a noticia fôra reconhecida insubsistente pela indirecta investigação de alguns elementos civis.

Não obstante, de sã proveniencia a julgavam trez dos dirigentes da revolta, occultos no «Hotel Europe» e recebendo pela madrugada esse informe, falso, mas que lhes incutiu esperanças.

Eram elles, José Relvas e os drs. Eusebio Leão e José Barbosa.

Quiz-se egualmente dizer, a certos desmentidos sobre o acolhimento na legação britannica, que D. Manuel II estava recolhido a bordo do cruzador «S. Paulo».

Nascera a nova de se haver propalado, se bem que sob dubios aspectos, um offerecimento do presidente Hermes da Fonseca, para se recolher n'aquella navio.

O facto existiu, e comprovam-no os seguintes trechos de uma «entrevista com um portuguez chegado do Rio de Janeiro»: (*)

(*) «O Correio da Manhã» de 5 de Dezembro de 1910.

« — O Presidente Hermes da Fonseca não sei se sympathisou se não com o actual regimen implantado em Portugal, tendo por testemunha o navio de guerra brazileiro «S. Paulo». Só sei que elle disse a um amigo meu, que é um homem de bem, e que m'o não contaria se não fôsse uma verdade, que elle Marechal Hermes da Fonseca, quando a revolução de 5 de Outubro se desencadeou, mandára dizer a El-Rei D. Manuel que, se Sua Magestade entendesse que a sua vida corria algum risco continuando no Paço das Necessidades, o «S. Paulo» teria muita honra em o receber e lhe offerecer hospitalidade.

« — Mas isso é novo? Cá em Portugal nunca se soube de similhante offerecimento do Marechal Hermes da Fonseca a El-Rei! Teria El-Rei recebido esse offerecimento?

« — Tanto não sei. O que lhe garanto é que foi o proprio Marechal Hermes da Fonseca quem disse que fizera esse offerecimento. Disse-o a um considerado membro da colonia portugueza do Rio de Janeiro, que directamente m'o contou a mim. E é pena que El-Rei, em vez de embarcar no «Amelia» não tivessse antes ido para o «S. Paulo», e em vez de Wooddorton não tivesse acceitado a hospitalidade do Brazil . . . »

Não acceitou o rei a offerta, nem parece tel-a recebido.

Abandonando as Necessidades, em direcção a Mafra, como sahindo de Mafra para a Ericeira, o soberano não pensava no exilio, mas sim em procurar appoio em terras lusas, affectas á realeza.

O plano seria inutilisado por extranhos impedimentos; nascendo como imprevista resolução a marcha para britannico territorio.

Versadas as probabilidades de um acolher do rei no cruzador brazileiro, foram essas tidas por boas, se bem que não fossem achados rastos d'essa decisão.

Impossivel de a verificar, mas patente que o monarcha não estava nas Necessidades, cobraram alentos novos os rebeldes.

Eram o inicio de uma abdicação, embora forçada, e um dos mais fortes golpes sobre o abalado estado moral das tropas julgadas realistas.

Jungiram-se os dois boatos: o fugitivo ou se acolhera á legação ingleza, ou ao navio brazileiro.

Em qualquer dos casos era a fuga.

A junta, comtudo, tem sobresaltos, por desconhecer para que local se dera.

Só tarde era sabido, e já então se citava o facto com a affirmativa de (*) que D. Manuel fôra visto passar de automovel, em Loures, com o marquez de Fayal e o conde de Sabugosa.

Entretanto, que essa passagem celere se dava, chegava ás Necessidades como emissario do chefe do governo, o dr. Archer da Silva.

Portador de um documento de credito que lhe dava facilidades junto das forças julgadas fieis, conseguiu, sem estorvo, abordar a Alcantara.

A' altura do quartel, os rebeldes intimaram-no a fazer alto e declinar a que ia.

Evocando a sua qualidade de medico e a urgencia de vêr um doente desvaneceu sobresaltos.

Patentearam-lhe o perigo de por ali seguir, indicando-lhe outro caminho.

O automovel retrocedia, e pela Cova da Moura, logrou attingir as Necessidades.

Vejamos, n'esta altura, os trechos d'um livro (**) que visa especialmente a coadjuvar a Historia:

«Quando chegou, disse a um official das forças que guardavam o Paço:

« — Desejo fallar a El-Rei.

« — Não é possivel.

« — Mas eu preciso fallar-lhe, em nome do sr. Presidente do Conselho.

« — Não é possivel porque Sua Magestade acaba de deixar o Paço.

« — Ha muito?

« — Ha cinco minutos.

« — Para onde foi?

« — Não se sabe.

(*) «O Mundo» de 5 de Outubro de 1910.
(**) O «Diario dos Vencidos» por Joaquim Leitão. = Pagina 192.

« — Da civil ou militar de El-Rei, está alguem?

« — Ninguem.

« — El-Rei tem estado, então, só.

« — Não, senhor. Além do sr. Conde de Sabugosa, Marquez do Fayal, Marquez do Lavradio, Vellez Caldeira e Antonio Waddington, que vieram com Sua Magestade de Belem, e aqui se conservaram toda a noite, chegou ás duas horas da madrugada o Conde de Tarouca, e á 1 hora da tarde o Visconde d'Asseca e o almirante Hermenegildo Capello.

« — Esteve cá o Hermenegildo Capello?

« — Apesar dos seus honrados setenta annos, depois de varias tentativas para atravessar as linhas revoltosas, cá veiu ter, e aqui se conservou até El-Rei partir.

« — Mas já não está ahi ninguem?

« — Está ali o sr. tenente Sepulveda; e o official apontou para um rapaz, vestido á paisana, que fumava um cigarro, bamboleando-se n'um dos arames da cerca.

«O dr. Archer da Silva ia a retirar-se. Um official recommendou-lhe:

« — V. Ex.ª fazia a fineza dizia no Quartel General que nos mandassem para aqui artilharia?

« — A artilharia?

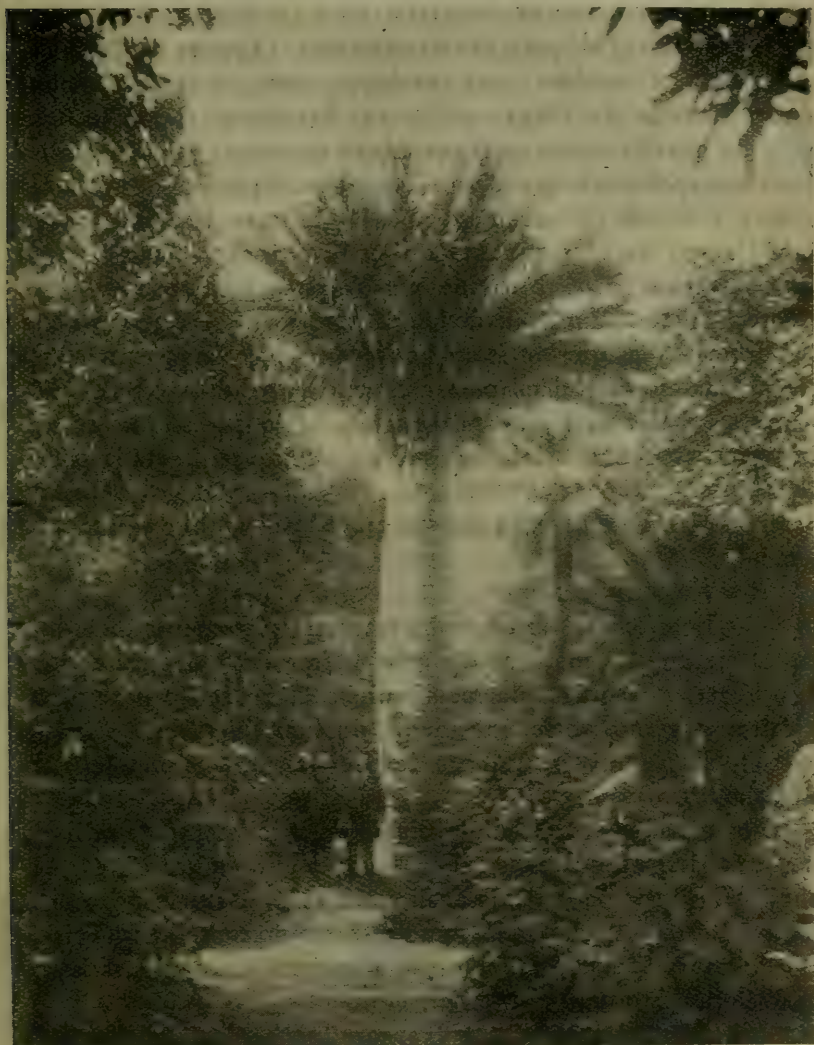
« — Sim, porque nós não nos podemos sustentar. Os marinheiros estão a desembarcar, vamos ser atacados e precisamos cá da artilharia.

« — Mas não esteve já ahi a artilharia?

« — De manhã. Esteve até para bombardear o Quartel dos Marinheiros, mas quando ia a tomar posições veiu ordem de retirar... Precisamos de artilharia, o Quartel General que nos mande artilharia...

« — Sim, eu lá digo. Uma pergunta ainda, o conde de Tarouca não estará ahi?

« — Não, senhor. Foi dos primeiros a chegar e só sahiu depois de El-Rei partir. Ouvi dizer que se tinha acabado de deitar quando ouviu os tiros do «Adamastor»; tornou-se a vestir, mandou chamar um carro e foi á esquadra da rua Rosa Araujo saber o que havia. Lá, parece que confirmaram que havia

qualquer coisa porque já lá estavam presos uns populares que

JARDIM DO PAÇO DAS NECESSIDADES

tinham arremessado uma bomba. O conde de Tarouca encontrou-se com o sr. Martins de Lima que descia a Avenida, muito

descansadamente como se nada houvesse. E o conde de Tarouca perguntou-lhe se sabia alguma coisa. «Fui ver o que era: estão aos tiros nos quarteis de infantaria 16 e artilharia 1, e eu venho até muito de vagar, para não dar alarme». O conde de Tarouca, certo de que estalára uma revolução, tomou o carro e seguiu para a Estrella. Ao chegar á Avenida Saraiva de Carvalho uma força da guarda municipal, que estava encoberta com a esquina, de armas apontadas mandou-o fazer alto. Apeou-se, fez-se reconhecer e o official recomendou-lhe que fosse de volta, porque para Campo de Ourique estavam os revoltosos; no mesmo instante silvaram balas, o conde de Tarouca metteu-se no trem, e de difficuldade em difficuldade cá veiu ter. Elle é testemunha das difficuldades que no Paço houve em obter ligações telephonicas. Quando El-Rei foi para a cerca, lá esteve com S. M., ouvindo as balas cair nos pinheiros, e creio que não foi com o Rei porque S. M. declarou que no automovel devia ir pouca gente.

«— Mas V. Ex.ª tem a certeza que El Rei sahiu do Paço, não tem?

«— Absoluta certeza.

«— Bem, o que eu cá vinha fazer era justamente dizer-lhe, em nome do governo, que era conveniente sahir das Necessidades. El-Rei já sahiu, nada mais tenho a dizer, senão ir communicar isto mesmo ao sr. Presidente do Conselho.

«— V. Ex.ª não se esqueça de dizer lá que nos mandem artilharia.»

Por veridico se deu ainda o caso de, á indicação de retirada d'el-rei para Mafra, haver perguntado o alto emissario, dr. Archer da Silva, o que devia aconselhar se D. Manuel quizesse ir para o Porto, apresentando, como resposta do conselheiro Teixeira de Sousa, a formal opposição a pretexto de significar isso o estabelecimento da guerra civil.

Desmentido houve e, por flagrante incoherencia, abrangendo até o proprio facto do aconselhar permanente da retirada das Necessidades, quer pelo telephone, quer por enviado especial.

Se confirma as primeiras indicações, o marquez do Lavradio, citando os insistentes incitamentos da partida para Mafra, rei-

terou a authenticidade da sua missão, no palacio das Necessidades, o deputado Archer da Silva: (*)

«Meu presado amigo: — Tem o meu amigo publicado no «Correio da Manhã» uma serie de artigos, com o titulo de «Diario dos Vencidos», em que me são feitas várias referencias. Como esses artigos não são provenientes de nenhuma entrevista, tanto mais que ao seu amavel convite para uma «interview» respondi declinando a sua gentileza, não é d'admirar que algumas inexactidões ahi se encontrassem a par de factos que eu mesmo ignorava.

«Chamaram-me porém a attenção para um artigo publicado hontem no «Liberal» em que são feitas varias considerações a uma local do «Seculo» que referindo-se ao que se passou no no paço diz «Tambem é inteiramente falso que o seu governo lhe fizesse indicações de qualquer especie ácerca da retirada do paço...» Como n'um dos seus artigos o meu amigo narra a minha ida ás Necessidades, em missão do sr. Teixeira de Sousa, cumpre-me declarar que é absolutamente exacta a sua informação; apenas nas palavras trocadas, n'essa occasião, entre mim e o antigo presidente do conselho não houve a minima referencia á suposta ida para o Porto. A verdade é que não tendo podido ir para junto do rei o antigo ministro dos estrangeiros, apezar de todos os seus desejos, foi resolvido entre elle e o sr. Teixeira de Sousa que fosse eu o encarregado de ir dizer ao rei que o seu governo entendia como conveniente a sua saida do paço afim de poder mobilisar as forças que lá se encontravam. Emquanto eu ia no desempenho da minha missão, o sr. presidente do conselho, pelo telephone, procurava tambem dar-lhe conhecimento d'este modo de vêr.

«Aqui tem o meu amigo como os factos se passaram e estou certo que em vista d'esta minha declaração o «Seculo» reconhecerá o nenhum fundamento das suas informações. Amigo muito obrigado — Henrique de Mello Archer e Silva. — 15 de Novembro de 1910.»

(*) «Diario dos Vencidos» por Joaquim Leitão. = Pagina 195.

Deixando seguir D. Manuel, com a modesta comitiva, no paço ficavam os tenentes Victor de Sepulveda e Eduardo Lupi.

Emquanto o almirante Hermenegildo Capello, regressava a Massamá, desolado, detido, quasi passo a passo, por grupos de revolucionarios, armados de carabinas, revolveres e até de simples bainhas de espada, abandonávam egualmente o palacio o capitão-tenente Vellez Caldeira e Antonio Waddington.

Voltaremos a encontral-os, todos, a caminho do exilio uns, recolhendo á ignorada vida, outros.

Hermenegildo Capello, espelharia mais tarde, amargamente o seu estado de alma.

«Nunca mais quiz ver a minha farda. Mandei-a guardar e só se fôr para mortalha a tornarei a vestir. E talvez nem mesmo assim...»

Victor Sepulveda, iria fazer parte de columnas realistas, anciosas do restaurar da realeza.

Eduardo Lupi, deixando, por vontade propria, o serviço naval, exilar-se-ia em Inglaterra.

E' tempo porém de deixar o paço e os palacianos, e irmos de longada até á Rotunda, não citada desde o firmar do seu historico baluarte.

Vamos analysar agora esse aspecto novo da defeza popular, que abandonámos no critico instante do inicio d'um acampamento julgado apto a resistir a todas as tentativas de um assalto em forma.

XI

Na Rotunda. — Os combatentes. — Os boatos e a situação do acampamento. = O enviado do quartel de Alcantara. = Primeiros desanimos. = Prisão do tenente Victor Sepulveda. = Visão de derrocada. = Os missionarios do desalento. = Ultimas tentativas = Appella-se para o voto da officialidade.

Essa soberba manhã de sol de 4 de Outubro, não trouxe esperanças á Rotunda, mas desillusões.

O acampamento era de momento invadido por populares, na maioria desarmados, mas que ali iam offerecer serviços á causa da revolta.

Alguns não se submettiam ao evidente aspecto de descrença.

Vendo sacrificio inutil, sahiam a pretexto de se escalonar para o serviço de informações.

Os que ficavam dos civis, não tinham comtudo nem uma sombra de indecisão.

Era ali o caminho que devia conduzir á victoria do seu ideal.

Até ao fim esperariam os resultados, bons ou maus, do ousado passo.

A defeza estava organisada, e para isso contribuiram as tropas presumidas fieis e que comtudo se limitaram, a, n'uma respeitavel distancia, perturbar com a presença, o fatigante e appressado trabalho de collocar o campo rebelde em soffriveis condições de responder a um assalto.

As peças estavam assestadas em todas as embocaduras dos arruamentos.

As praças do 16, aguardavam, estendidas no solo, e de espingardas apontadas, o momento de entrar em lucta.

Os grupos de populares, vigiavam, com os bolsos cheios de cartuchos e armados de espingardas, carabinas, sabres, pistolas, ou varapaus.

Havia ali de tudo: operarios, guarda-freios, empregados commerciaes, estudantes.

Uma especie de gigante, sem chapeu, mal enroupado e pé ao vento, typo dos historicos vendeanos, animava com o seu todo de força, os civis impavidos.

Arrastando a espada que para elle era quasi de creança, tal era a estatura, vigilava attento, auxiliado por outro popular, egualmente o symbolo da coragem, que a sua edade insuflava.

O «velho das barbas brancas», para os da Rotunda é de nome Francisco Simões Dias, percorria de lado a lado o acompamento, para que nem um só dos actos dos deffensores mandatarios deixasse de ser executado.

Ainda uma velhinha macillenta e andrajosa, dona de uma das modestas desmantelladas barracas, distribuia affavel e compassiva, pão e pedaços de bacalhau.

A' offerta de alguns cobres, recusava terminantemente:

— Não, filhos! Não devem nada. Pena é eu não ter mais cousas que lhes dar!

Breve chegavam.

Apprehendidas ingressavam no singular baluarte rebelde, duas carroças, uma com palha para os cavallos, e outra com o pão de munição, pelos soldados cognominado de «casqueiro».

Como desafio por esses nucleos dispostos a tudo, fluctuava no ultimo poste dos electricos da Praça Marquez de Pombal, a bandeira verde e vermelha da Revolução.

Os revolucionarios, olhando-a, convictos deixavam emergir as armas do meio dos bancos de madeira, das mesas, das arvores, das barracas da feira, com que haviam formado o seu reducto de rebeldia.

Era a perfeita constituição d'uma barricada das ruas parisienses de 1793.

A's primeiras horas da manhã, encontravam-se ali cerca de quatrocentos homens.

Todos cooperavam, sem desfallecimento, na organisação da defeza.

Trabalhada ella, fez-se aviso para que preparado estava tudo até para a eventualidade de uma perda de acção.

No cano do exgoto, sob a fortaleza popular, havia sido collocada uma caixa com bombas de dynamite, que faria voar os vencidos se a sorte lhes não sorrisse.

Antes, largos entraves teriam, é certo, e para isso destacavam os revoltosos alguns civis que, postados nos telhados da Patriarchal até ao Rato, deviam destroçar os regimentos, caso pretendessem envolver a Rotunda.

Desvanecer-se quizeram comtudo esses lances de derrocada antevista, e se espalhou que era franca a adhesão militar.

Retrahida de momento não tardaria a affluir em massa e a marinha decerto não faltava ao compromisso tomado.

Como se fôra uma evocação, começaram a apparecer as novas pessimistas, contrariando o convencimento de que a artilharia de Queluz, longe de se oppor ao movimento, avançava sobre Lisboa para o auxiliar.

A' Rotunda levavam o espectaculo de uma prevista derrota: caçadores 5 e infantaria 5 no Rocio; infantaria 1, cavallaria 2 e 4 cuja sahida dos quarteis devia ter sido impedida pelos carbonarios, actuavam em Alcantara contra a revolução; as baterias de Queluz, com cuja adhesão se contava, ou por parte no movimento ou pelo encrave das respectivas peças, assignalavam uns evidentes propositos de esmagar a rebellião.

A municipal manobrava indifferente ás constantes derrotas.

Os marinheiros não haviam desembarcado e de outros corpos de cavallaria, se soube a sua attitude pouco benevola.

Portador foi d'essa nova, o tenente José Ricardo Pereira Cabral, que se apresentou na Rotunda pouco depois das 6 horas e meia da manhã.

Bem recebido era, como de direito a um dos organisadores

do nucleo revolucionario da Escola do Exercito, que para ali havia dado apenas alguns dos alumnos, ante um fracasso do plano respectivo.

Comtudo não era ali o logar do tenente Cabral, a essa hora já aguardado debalde na escola para orientar a acção premeditada.

Apoz as derruidas tentativas para as insurreições regimentaes, muitos dos alumnos haviam recolhido ao edificio escolar, na intenção de proceder consoante as circumstancias.

Pereira Cabral, tendo retrocedido á simples noticia de prevenção dada para cavallaria 4, que lhe coubera trazer á revolta, com a ajuda dos cadetes Sarmento Pimentel e Aragão, resistiu ali ás instancias d'esses dois, tendentes a promover um assalto á municipal com 30 soldados de cavallaria.

Cabral, recusando sempre, por julgar o lance de inutil resultado, ia á Rotunda, para saber e trazer noticias, emquanto o cadete Sarmento Pimentel era detido temporariamente.

No acampamento rebelde ficava, embora esperado fosse na Escola do Exercito onde a soldadesca declarava adherir se o seu commando tivesse.

Na Rotunda se ignorava essa attitude dos estudantes militares, representados ali apenas pelos cadetes João Ribeiro Gomes e Ignacio Monteiro de Azevedo, que trouxeram o echo do mallogro da sua tentativa para sublevar engenharia.

Assim se manobrava na Escola do Exercito.

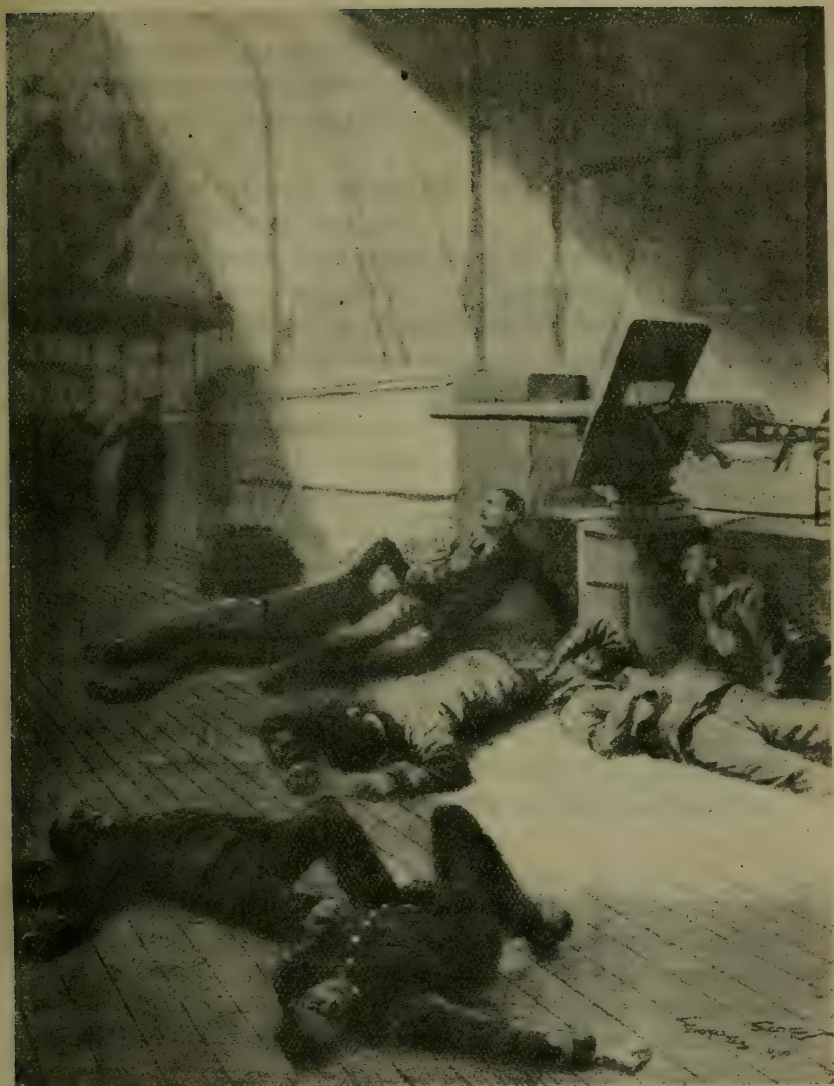
Todavia foi ella a escolhida para a primeira visita official de D. Manuel II, a 15 de Maio de 1908.

Ia longe já a data e tudo esquecido estava...

*

Por outros revolucionarios se soube que não haviam sido cortados pelos trez grupos d'isso incumbidos, os fios telephonicos de ligação do quartel general com os varios quarteis.

Descriminavam-se as contingencias e embaraços surgidos, origem da inexequibilidade do plano, que, segundo os informes, dera ensejo ao commando da divisão para o transmittir de ordens contrarias ás ambições dos revoltosos.

Julgada foi de pouca segurança a informação, desanimaram

A ICONOGRAPHIA DA REVOLUÇÃO

(Estampa reproduzida da *Illustração Franceza* onde são phantasiados os acontecimentos a bordo do *D. Carlos*).

de instante os populares, emquanto os officiaes manifestavam os seus iniciaes azedumes.

Estabeleceu-se confusão.

A duvida, penetrando no espirito dos insurgentes, sem efficaz ajuda durante a madrugada e começo do dia, trouxe amarga phraseologia.

Houve queixas pelo arremessar do povo á revolta, quando nem com o exercito se contava.

Surgiu um quasi desmantelamento da defeza:

«No meio do acampamento, Sá Cardoso, que de madrugada repellira com energia o primeiro ataque da municipal, dava do alto do cavallo que montava umas instrucções aos outros officiaes que até ali o tinham acompanhado. Perto andava o capitão Palla. Mas como este vestia o uniforme de serviço interno e Sá Cardoso ostentava o dolman azul ferrete com os galões do seu posto, todas as attenções derivavam naturalmente para o arrojado conspirador, que de resto, como já tivemos ensejo de o dizer, era n'aquella occasião, o commandante em chefe da columna revoltada. Machado Santos dirigia n'outro ponto do acampamento uma força mixta de populares e soldados de infantaria 16. A confusão era enorme. Pairava no ambiente a duvida, a duvida terrivel de que a sahida dos dois quarteis, o d'aquelle regimento e o de artilharia 1 não fôra secundada.» (*)

As circumstancias mudavam comtudo com a chegada do revolucionario Joaquim Augusto Pinto de Lima, emissario denodado do quartel de Alcantara.

Eram quasi 7 horas da manhã.

Reconhecido o capitão de artilharia Alfredo Ernesto de Sá Cardoso, como o chefe do acampamento, o enviado do quartel de marinheiros, ennumerava-lhe os successos da madrugada, desde a tomadia do edificio da Praça de Armas até aos conhecidos episodios da posse do «Adamastor» e da sublevação do «S. Raphael», que se poderia considerar egualmente como pertença dos revoltosos.

As boas novas não tiveram a ambicionada acceitação agra-

(*) «A Revolução Portugueza» — Por J. de Abreu — Pagina 176.

davel e até parece que foram olvidadas, como preparativo á fuga prestes a dar-se.

Mostra esse desprendimento o capitão Sá Cardoso, dizendo nas annotações ao seu relatorio:

«O que contesto — e isto é importante — é que á Rotunda chegassem outras noticias sobre o quartel de marinheiros que não fossem as de que os marinheiros tinham sido atacados por infantaria 1 e cavallaria 2 e 4 e que estavam cercados no quartel por estas forças e por caçadores 2, infantaria 2 e guarda municipal.»

Feita, comtudo, uma exposição de todos os conhecidos successos, embora se não excluissem os propriamente contrarios á apregoada energia promettida antes da sedição, Pinto de Lima, recebia como documento comprovativo da cumprida missão e para que satisfeito fosse um pedido do 1.º tenente Antonio Ladislau Parreira, uma informação sobre forças acampadas no Alto da Avenida.

Rapidamente, n'uma nota concisa, mas onde n'um contrabalanço se exaggerava o numero de soldados e se esquecia o povo, o capitão Sá Cardoso, satisfazia o pedido, escrevendo mesmo a cavállo, com um lapis sollicitado ao capitão José Affonso Palla:

«Estou na Rotunda com os regimentos de infantaria 16 e artilharia 1, completos. — Sá Cardoso.»

Não era bem exacto o informe.

Esquecidas haviam sido cerca de 100 praças do 16, não adherentes á causa, mas acção d'estas, junto ás Necessidades, encarregar-se-hia de justificar o proposital augmento de forças exposto no pedaço de papel do commandante da Rotunda.

Ainda escassez havia de infantaria, já exposta no seguinte notificado a lapis pelo alferes Alberto Camacho Brandão, n'um seu cartão de visita:

«Meu capitão. Participo a V. Ex.^{cia} que não tenho força de infanteria para appoiar a artilharia sob o meu commando — Alberto Brandão — Alf.»

Mas, se de todo não foi desnudada a effectiva situação da Rotunda, analyse esta soffreu por parte do encarregado de estabelecer entendimentos entre ella e o aquartelamento de marinha.

O emissario ia de regresso a Alcantara, descendo sem obstaculo a Avenida, emquanto na parte que era commandada pelo commissario naval Antonio Maria de Azevedo Machado Santos, outros incidentes a essa hora se davam.

Exercendo vigilancia, retivera alguns telegrammas, cujo contheudo só mais tarde seria conhecido no acampamento.

N'elles se registava a proclamação da Republica em terras da outra margem do Tejo, sendo os despachos destinados ao presidente do conselho.

Identificando-se das bellas noticias, Machado Santos, enviava os originaes aos capitães Sá Cardoso e Palla, para que jubilo grande houvesse no baluarte.

Já lavrava porém, intensa e febril, a convicção de uma derrota e o horror de uma traição pelo exercito alliado á rebeldia.

Mais desesperançado, o capitão Sá Cardoso, manisfestára até ao seu camarada Affonso Palla, n'um conciliabulo rapido, a vontade de se liquidar pelo suicidio.

Pedido foi pelo segundo ao primeiro, um sobreestar nas intenções, evocando-se a de minuto a minuto abalada confiança em proxima chegada de reforços.

Apoz essa inicial troca de impressões, resolvia-se o aguardar de noticias mais seguras, emquanto o capitão Palla exalçava uma traição geral.

Acercando-se do official, o 1.º sargento de artilharia 1, Camillo Augusto Gonzaga Pinto, perguntava se o grupo a cavallo era contra ou a favor da revolta.

Deu o capitão uma resposta evasiva, emquanto o sargento aconselhava como radical defeza o guarnecer do quartel de artilharia.

Vejamos n'esse episodio, o relatorio de Gonzaga Pinto:

«A Rotunda começa a ser abandonada á formiga. Por ultimo chega ao nosso conhecimento o suicidio do almirante Reis. N'esse momento todos nós nos consideramos irremediavelmente perdidos. E' que n'essa amarga conjunctura toda a gente parecia apostada em roubar-nos a confiança.

«Foram horas seguidas de torturante e angustiosa espectativa. Apenas duzias de praças e civis, n'uma heroica indifferen-

ça, incomprehensão da tremenda responsabilidade do momento ria e cantava na Rotunda. A certeza do desastre entra definitivamente no nosso espirito.

«São oito horas e meia. Os officiaes reunem pela primeira vez, e resolvem esperar noticias. O sr. capitão Palla, volta indignado, exclamando:

« — Então, estamos trahidos em toda a linha!!...

«Foi n'esta occasião que nos encontramos novamente com esse official.

« — Meu capitão, sabe se o grupo a cavallo está por nós ou contra nós?

« — Eu sei lá! respondeu o sr. Palla.

« — E' que talvez a nossa defeza estivesse em guarnecermos o quartel.

« — Mas com que gente? Com os garotos que ali estão.

« — Talvez se possa arranjar e, de resto, sempre lá ficaram alguns camaradas.

« — Pois então, vá tratar d'isso.

«Em seguida os officiaes reunem de novo e votam por unanimidade o abandono do campo. Eram cerca das nove horas da manhã. Demos algumas voltas ao acampamento, onde, de facto, não haveria mais de 40 homens n'essa altura. Apenas a rapaziada se mexia como n'uma festa.» (*)

Entretanto, os vedetas, attentos, effectuavam uma detenção de valia.

O tenente da armada, Victor Leite de Sepulveda, no caminho para a apresentação no arsenal, cahiu nas mãos do grupo que guardava o acampamento do lado das Avenidas Fontes Pereira de Mello e Duque de Loulé.

Posto em alarme o tenente, inicialmente, pelo movimento de cavallaria na Avenida Fontes Pereira de Mello e pelos tiros de artilharia, procurára informar-se, pelo telephone, ligado para o arsenal de marinha, sobre a causa d'esse facto.

D'ali indicava o electricista de serviço, a revolta dos navios, mas

(*) «Memorias da Revolução — Na Rotunda = Em artilharia 1 = No Parque Eduardo VII = Relatorio do sargento revolucionario de artilharia 1 Gonzaga Pinto» = Pagina 41.

apoz a inutilidade da ligação para a Tapada e para as Necessidades, resumido julgou os successos e suffocado incidente naval.

Retido ainda pela familia, só logrou vencer-lhe, em parte, a resistencia, quando ás cinco horas da manhã, do arsenal foi prevenido da continuação do movimento e da existencia ali de officiaes apresentando-se ao serviço.

Registando impossivel o proseguir d'essa espectativa, abandonava emfim a residencia, disposto a ir ao arsenal, e, no caso de impedimento, ir para junto do rei.

Surprehendia-o o bellico aspecto da Rotunda.

Não era de disciplina a attitude dos revoltosos, offerecendo antes o acampamento o todo de um desordenamento.

O tenente Sepulveda, vendo um official de marinha, dando ordens, dirigiu-se lhe e interrogou sobre o que se passava.

— Está a marinha em revolta!

— E o senhor?

— Eu estou pela patria!

A Rotunda não podia representar de baluarte de exercito regular, pela maioria de civis que a guarneciam.

Não desconhecia Victor de Sepulveda, as constantes ambições democraticas de derrubar a monarchia.

Singular se tornou pois essa approximação e desde logo se fez conhecer ao recemvindo, que cahira no meio de um grupo de desaffectos á causa da realeza, e que d'esse lado das Avenidas Fontes Pereira de Mello e Duque de Loulé, exercia commando, o commissario naval Machado Santos.

Travava-se então o seguinte dialogo:

— Que vindes fazer aqui?!... interrogou o chefe do posto.

— Olá, és tu? A marinha está aqui?

— Não! aqui está artilharia 1 e infantaria 16. Para onde ides?

— Ora essa! Vou-me apresentar ao major general da armada; dizem que ha barulhos... Vou para o arsenal e senão para onde eu pretender ir...

— Barulhos? Ah! Ah! Está na rua a revolução...

Machado Santos evocava-lhe a derruida convicção revolucio-

naria, procurando convencel-o a enfileirar-se, de novo, no campo da rebeldia.

Não quiz o palatino dar ouvidos a incitamentos, simulando não se recordar dos seus tempos de perfilhador de identicas ideias.

O commissario naval, sem olhar aos galões do superior, bradou então, ante os inuteis exforços:

— Está na rua a revolução e tu, com muita pena minha, és meu prisioneiro.

— Oh! Oh! vê o que fazes! eu...

— Dois civis armados para levarem este senhor ao commandante da columna!

— Então!... eu...

— Conduzam este senhor ao sr. capitão Sá Cardoso e digam-lhe que é official de marinha e que acho conveniente conserval-o preso.

Os civis responderam:

— Sim, meu commandante.

— Deixa estar... ameaçou Sepulveda.

Machado Santos, pondo lhe a mão no hombro, retorquiu:

— Adeus, meu irmão da Montanha.

Sepulveda estremecia a essa allusão ao seu posto maçonico, pois era maçon a coberto.

Cahira exactamente no meio dos propagandistas do ideal que antes proclamara.

O tenente, envolvido nas multiplas tentativas de reivindicação democratica, tornou-se mais suspeito aos antigos acamaradados de projectos sediciosos contra a realeza, do que aos acerrimos deffensores da corôa.

Não occultava o tenente Sepulveda, as suas velhas ligações com o carbonarismo, que aliaz o não collocára ao facto dos seus segredos, e com a maçonaria, sabida adversaria do direito divino, e assim, vel-o-hemos, republica em Portugal, expôr os seus passados trabalhos de combate á dynastia:

«O anno de 1890, começa o tenente Sepulveda, veiu encontrar-me ainda na Escola Naval, sem predilecções ou sequer tendencias politicas.

«Eram os vinte annos, a idade em que o patriotismo, como todas as paixões, é mais ardente e generoso.

«O «ultimatum» inglez desvairou o paiz, levando-me a mim, como toda a geração academica d'essa hora angustiosa, n'uma onda de bellos devaneios patrioticos.

A RAINHA MARIA PIA

(Photographia tirada na ultima festa a que assistiu com seu neto no terreiro dos Seteaes, em Cintra, em 12 de setembro de 1910).

«E o momento, cuja psycologia foi egual para toda a geração de 90, localisou-se no sentido revolucionario.

«Sem odios, sem incompatibilidades para com o regimen, sem meditar as vantagens d'uma substituição das instituições tradicionaes pela democracia, eu achei-me entre os diversos caudilhos que agora figuravam na outubrada.

«Com esses, mais alguns que a morte já levou, como Hygino de Sousa, e outros que são ou eram monarchicos (em 3 de outubro) passeei o ardor d'esse delirio patriotico, convulcionando a Rua á luz das archotadas academicas, interrompendo os espectaculos publicos com o impeto d'uma geração que sinceramente apparecia envolta na bandeira portugueza, á frente de uma Patria.

«Em breve notei, porém, que a esse instincto generoso das multidões patrioticas bondava uma carga da municipal para fazer refluir á mais desoladora debandada a consciencia collectiva.

«Na vanguarda d'esse debandar, sempre que apparecia a Guarda ou havia responsabilidades, iam os chefes, que se mettiam em casa, atirando para a rua e para os riscos o povinho, os aspirantes e as praças de marinha.

«Afastei-me, desenganado da inconsistente psycologia dos chefes, jurando nunca mais me metter em manifestações

«Acábado o meu curso de official de marinha, fui para a Africa, sendo mesmo lá instado para regressar aos meus enthusiasmos patrioticos de estudante. Nem sequer respondi.

«Vim para Lisboa e, haverá dezeseis annos, fui para o corpo de Marinheiros como instructor.

«Entrei, então, em varias tentativas, entrei em todas d'esse tempo, não chegando nenhuma d'ellas a realisar-se.

«Mas a sério nunca vi que andasse senão Candido dos Reis.

«Toda a gente o que queria era subir, commandar, do bem do paiz ninguem queria saber.

«Comtudo, os trabalhos revolucionarios haviam-me envolvido.

«Varias vezes andámos em fugidas pelas casas uns dos outros.

«Na minha casa da rua de S. Joaquim, onde morava o escriptor Pinheiro Chagas e onde depois morou seu filho, director do «Correio da Manhã», nos reunimos algumas vezes, e d'uma feita tudo esteve preparado para a revolução.

«O corpo de marinheiros seria commandado por Salazar Moscoso e por mim, devendo nós sahir no dia seguinte quando houvesse o signal do Porto.

«O nosso signal era os escaleres armados em guerra sahirem dos navios.

«Nós sahimos, e com infantaria 2 marchamos sobre o Terreiro do Paço, devendo esperar ahi ordens.

«Mas na vespera discutiram-se as eommissões a dar aos officiaes superiores que estavam na reunião.

«Só Candido dos Reis nada queria, continuando embrenhado no plano da revolta.

«Por fim, sahimos, sem nada ficar decidido além da espera do signal do Porto que nunca se fez!

«Ainda não era o derradeiro desengano.

«Deve ir ha nove annos, isto.

«Tirei a carta de official torpedeiro, dediquei-me á electricidade, disposto a tratar da minha vida.

«Entrára eu para a Maçonaria, quando fui convidado a filiar-me no Centro de João Franco, por João Bello, hoje em Africa, e ao tempo um fervoroso adepto do «franquismo».

«A politica associativa, n'essa epoca, reduzia-se a formularios sem significação nem valor.

«Deixei de ir á Maçonaria e puz-me «a coberto» sem de nada mais querer saber.

«Quanto ao meu franquismo, cifrava-se em pagar a minha quota no Centro do Chiado, desinteressado dos politicos revolucionarios, e sem dispor de mais illusões para acompanhar os politicos conservadores.

«N'essa tristeza de desilludido ia vivendo, quando circumstancias fortuitas me approximaram do Senhor D. Carlos.

«E, desde então, a bondade d'Aquelle Senhor fez de mim um leal e sincero afleiçoado da Familia Real.

«Quando os revolucionarios de então, e esse numero alguns de hoje, vinham ter commigo, pedia-lhes lealmente que nada me contassem porque havia mudado de ideias.

«Mas como elles só se me dirigiam em vesperas de «pavorosas», eu percebia perfeitamente quando as ia haver.

«Nunca, porém, delactei ninguem, nunca dei qualquer informação que podesse contribuir para perseguições.

«Limitava-se a avisar que mais dia menos dia havia qual.

quer revolta, e assim preveni as de junho de 1907 e o 28 de janeiro.

«Respondiam-me que eu sonhava.

«Fui sempre leal para todos, mas defendi sempre a Familia que ha 7 annos me chamava a si.

«D'esse movimento de 5 de Outubro, nada sabia.

«Deviam ter-se convencido que eu era um sincero amigo da Familia Real, porque vivendo diariamente, em serviço, com operarios, fallando todos os dias com os maiores revolucionarios da Armada, de alguns dos quaes era amigo, nunca percebi nada que se parecesse com um indicio de revolução.»

Entrára comtudo n'um dos seus fócos. (*)

Entre os dois civis, era collocado em frente dos capitães Affonso Palla e Sá Cardoso com o declinar da, n'essa hora irritante cathegoria, de official ás ordens do rei.

Renovada foi a tentativa de adhesão, pelo rejuvenescer dos tempos em que juntos conspiravam.

O capitão Sá Cardoso, nas annotações do seu relatorio official, diz:

«Ao contrario do que narra o sr. 1.º tenente Sepulveda, na sua entrevista de 18 de Dezembro, com o «Correio da Manhã», eu, propositadamente, não troquei com elle uma unica palavra, nem para insistir com elle que ficasse, nem para invocar uma amisade que de ha muito tinha deixado de existir.»

Attender-se deve porem a que o official na nota seguinte á precedente, se allega esquecido de haver traçado o brilhete descriptivo das forças da Rotunda para ser entregue ao 1.º tenente Parreira.

O tenente Sepulveda, energico recusou e o capitão Palla, vendo talvez de relance o estado anarchico do acampamento, aparentando-se-lhe inutil reter prisioneiros, quando em mente, elle proprio pensava em se livrar d'essa cadeia de riscos e de responsabilidades, liberdade dava ao palatino com a phrase historica:

— Então vá para onde o destino o leve.

O libertado, previsto um difficil caminho até ao arsenal, por

---

(*) «Diario dos Vencidos» por Joaquim Leitão, pagina 50.

Valle de Pereiro enveredava até á Estrella e d'ahi ao paço das Necessidades.

Divergencias houve sobre esse incidente.

No seu relatorio official o capitão Sá Cardoso, nega, como já vimos, a allegada troca de palavras com o tenente Sepulveda.

Deu-se ella porem, nascendo a negativa decerto da exposição altiva feita pela tenente Sepulveda:

«Sá Cardoso, que tambem ali estava, tentou convencer-me a adherir, evocando tambem a nossa amisade de que eu não quiz lembrar-me.» (*)

Quiz se attribuir a sahida do official de marinha, a uma fuga e expõe essa falsa theoria o revolucionario José Antonio dos Santos Belem, nos seus «Subsidios para a Historia» — «A Carbonaria Portugueza na Revolução» — «A acção da Choça Buiça»: (**)

«6 horas e 30 — Apparece no campo o tenente Sepulveda, a quem o primeiro dos signatarios leva á presença de Machado dos Santos, trocando-se entre os dois o seguinte dialogo:

« — Para onde vae?

« — Que lhe importa?

« — Talvez levar noticias ao sr. Teixeira de Sousa?

« — Põe-lhe alguma duvida?

«N'esta altura, o primeiro dos signatarios (***) mette a arma á cara, alvejando-o. Alguns populares impedem-n'o de disparar, e o sr. Sepulveda é conduzido ao capitão Palla, que o interroga, respondendo aquelle que estava ali por acaso. E, como désse a sua palavra d'honra que não hostilisaria os revoltosos, o capitão Palla mandou-o em paz.

«O primeiro dos signatarios ainda aconselhou a que o revistassem, na esperança de lhe serem apanhados alguns documentos, na confusão do momento, o official poude, porem, escapar-se.»

Certo é porém que nenhuma reconsideração houve, de ins-

(*) «Diario dos Vencidos» por Joaquim Leitão, pagina 57.

(**) «O Paiz» de 5 de Novembro de 1910.

(***) O primeiro signatario do relatorio da acção da «Choça Buiça», é José Antonio dos Santos Belem

tante, e que o palatino, do acampamento sahiu sob o sereno aspecto de uma concedida liberdade, subindo até por Valle de Pereiro, onde as vistas dos seus perseguidores o lobrigariam, se tenções tivessem de novamente o colher.

*

* *

A' libertação do tenente Sepulveda, seguiram-se trabalhos tendentes a procurar effectivar o appoio dos regimentos, que, pelos representantes assistentes á reunião da rua da Esperança promettido haviam uma reciprocidade de auxilio.

Para animo ao desorientado acampamento, appareciam ainda os revolucionarios Jayme Teixeira e Mario Malheiros.

Viram uma situação de molde a desorientar.

Querendo valer-lhe, fizeram-se echo de novas falsas, de optimismo, onde surgia em maravilhoso explendor, o baluarte de Alcantara.

Abandonando o Alto da Avenida, enveredavam para a Praça de Armas, a exercer missão identica, colhendo no caminho a noticia alarmante, mas menos verdadeira, de que os torpedeiros iam a caminho para metter os navios no fundo.

Dava-a um official de marinha, apresentando-se alheio ao ideal republicano, mas que de facto estava servindo a causa.

Era falso, todavia, o alarme, não se tendo effectuado a sahida dos torpedeiros, embora ordem para isso tivesse sido dada.

Entretanto, foram chegando á Rotunda os portadores de más novas.

Das 6 ás 8 horas succederam-se os relates desanimadores, patenteando quadros de derrocada.

Surgiram o tenente Alvaro Poppe, o engenheiro civil Arthur Rodrigues Cohen e o ex-tenente Manuel Maria Coelho, definindo, no seu apparecimento, pouco antes das 8 horas, um perfeito estado de fracasso.

O tenente Poppe, fôra incumbido de, com os alumnos da escola do exercito, João Ribeiro Gomes e Ignacio Monteiro de Azevedo, trazer para a insurreição o regimento de engenharia,

e á sua chegada desde logo se reconheceu á evidencia, que com esse nucleo militar se não podia contar.

Por seu lado, o tenente Coelho, teve a mesma falsa visão de total perda, ou porque se julgasse volvido ao tempo de energia do governo de 1891, ou porque o constrangido aspecto dos deffensores da democracia em opposição estivesse ao espirito sereno, mesmo na desgraça, dos heroes da revolta portuense.

Assim, não soube esconder o seu pensamento e traduziu-o em phrase derrubadora de coragem:

— Outro 31 de Janeiro!

O incidente apparece mencionado (*) ainda, com a escusa de assumir a proposta chefia dos insurrectos:

«O capitão Coelho convidado a montar e a tomar o commando das forças, não o poude fazer porque não tinha esporas!... e o movimento tinha fracassado... erá outro 31 de Janeiro.»

Phantasiava-se assim o contrario do que offerecia esse aspecto da Rotunda.

A revolta do Porto cahira, mas não sem que a lucta febril a ensanguentasse.

N'essa hora de Outubro, mais do que a dôr de uma derrota de armas na mão, fumegantes pela violencia do tiroteio, emergia o todo desolador d'um abandono:

«Morando proximo da Rotunda, fui ás 5 horas da manhã do dia 4 ver de que se tratava, pois o estrondo das granadas tinha-me posto em sobresalto e a minha familia.

«Tive occasião de observar que os soldados de artilharia 1 e de infantaria 16 eram poucos para um movimento forte e decisivo (e isto mesmo disse ao sr. dr. Macedo de Bragança, com quem me encontrei) e que se a guarda municipal e caçadores 5 atacassem valentemente, em breve os republicanos seriam submettidos.

«Confirmo, portanto, o depoimento do sr. capitão Sá Cardoso (que hoje vem no seu «Diario») e attribuo á intervenção op-

---

(*) Celestino Steffanina. — «Subsidios para a historia da revolução de 5 de Outubro de 1910.—Pagína 14.

portuna da marinhagem que do rio atacou as forças que estavam no Rocio, bem como á fuga precipitada da guarda municipal ás primeiras granadas, o exito das forças republicanas.

«De resto, na Rotunda, ás 5 horas da manhã pouca gente havia, a ponto de uma praça estar a tomar conta de cinco muares e a peça que estava voltada para o largo de Andaluz estar apenas com um artilheiro, valente, diga-se a verdade, e á caixa das granadas um paisano, rapaz ainda, de chapeu de côco e bem vestido que fornecia «ao collega» as granadas, munido de uma carabina para defesa pessoal.

«Repito, pouca gente, o que mais a meu ver encarece a acção. — De v. ex.ª — Antonio Gonçalves da Costa.»

Reaffirmava a declaração, esclarecendo-a ainda o revolucionario citado, sem nome, por Antonio Gonçalves da Costa:

«Sr. Redactor. — Numa carta que vem publicada no seu jornal «Diario de Noticias» do dia 17 com este titulo: «Depoimento de uma testemunha presencial» e assignada pelo sr. Antonio Gonçalves da Costa, em que diz que esteve na manhã de 5 na Rotunda da Avenida e que havia pouca gente, a ponto de uma praça estar a tomar conta em cinco muares e a peça que estava voltada para o largo de Andaluz estar apenas com um artilheiro, valente, diga-se a verdade, e á caixa das granadas um paisano rapaz ainda, de chapéu de côco e bem vestido que fornecia ao meu collega as granadas e munido de uma carabina era este seu criado José Ribeiro de Carvalho que acompanhou os soldados de infantaria 16 ao quartel de artilharia 1 e de lá sahiu na primeira peça que sahiu do quartel, direito á rua Ferreira Borges onde se deu o primeiro tiro contra a guarda municipal e depois voltou com artilharia pela rua das Amoreiras direito ao Rato, onde se tornou a pôr outra peça em bateria mas que não chegou a fazer fogo. Depois, indo eu na peça com o mesmo soldado fomos novamente atacados no largo do Rato pela policia e os soldados que vinham a guiar as mulas fugiram ficando eu só e o soldado na peça que depois teve que elle ir guiar as mulas e eu fiquei sósinho na peça até chegar á Rotunda aonde nos juntámos ás outras e lá estive três dias e três noutes sempre ao pé da peça como viu o sr. Antonio Gonçalves da

Costa e não fiz mais porque não pude e não me tenho na conta de heroe como muitos que nada fizeram e vem o seu nome no jornal como heroes. — De v. ex.ª José Ribeiro de Carvalho.»

Esses depoimentos, depois confirmados pelo capitão José Affonso Palla, correspondendo á verdade dos factos, eram todavia falsamente carregados pelas apparencias.

Para os que não conhecessem o voto do desprezo de vida, jungidor d'esse grupo modesto ao seu apregoado posto de mar-

CONDE DE TAROUCA

tyres da causa democratica, a desillusão, mais completa não podia ser.

Essa crença os levou para longe d'esse antevisto centro de ruina.

Todavia, á Republica feita, se pelo occaso do lance de 1891, advinha ainda ao tenente Coelho a reintegração no exercito com o posto de major, o commando do batalhão de caçadores 5

do qual tomava posse a 15 de Outubro de 1910 e ainda o cargo de governador da provincia de Angola, para onde seguia em Dezembro d'esse anno, ao engenheiro Cohen, iria mais tarde o cargo de vereador da Camara Municipal de Lisboa.

Mal desapparecidos os tres revolucionarios, surgia n'esse semi-devastado campo de insurrecionados, o alferes de artilharia Cortez dos Santos, pedindo noticias do pae, que lhe disseram preso no quartel de artilharia, á ordem da revolução

N'uma extranha attitude, salientada até no relatorio do capitão Sá Cardoso, o official, considerava-se adherente á mesma causa que á detenção levára o auctor dos seus dias!

Assignalou-se uma extranha espectativa do exercito.

Confirmava-a de regresso do Rocio onde a fôra analysar, de ordem do capitão Alfredo Ernesto de Sá Cardoso, e com dois civis auxiliares, o tenente de cavallaria José Ricardo Pereira Cabral.

Não se desvendou porém á vista dos revolucionarios, para encorajamento, essa extraordinaria faculdade de livre transito, de ingresso e sahida do acampamento, que devia estar e se dizia cingido n'um circulo de baionetas.

Não se reconheceu a facilidade de passagem junto das tropas julgadas fieis, demonstrando tudo a clara vontade de auxilio, assim prestado, embora sem directo alcance.

Apenas se forcejava por lançar em trevas, o procedimento da soldadesca que cerrava a Avenida do lado opposto ao dos sediciosos, como se de vantagem fossem carregar com as desesperadas côres de um mallogro a evidente forma neutral dos phantasiados deffensores da realeza.

Isso levou o capitão Affonso Palla, a do alto do seu cavallo, dizer aos civis Luiz de Athayde (*) e João Alvares:

— Não sei o que se passa lá por baixo, mas receio tudo perdido... Só tenho pena d'este punhado de valentes que me rodeia!...

(*) Fallecia a 1 de Dezembro de 1913 com 31 annos de edade. Foi redactor e secretario da redacção das «Novidades», e alem de artigos dispersos em jornaes, deixou o livro de versos «O Pesadello de Gibraltar».

No intimo gravitava todavia a pressão forte, avassalante, de uma perda.

Não deixou o official de expôr os erros de não ter sido adoptado o projecto de sua lavra.

A veracidade de um desastre patenteou-se, e disse-se perdido tudo, mercê da conjugação d'esse mau passo com o retrahimento do exercito e o recuar da marinha, não effectuando e desembarque, remate necessario da gigantesca aventura.

Era mais o mysterio do que externamente se passava do que a tortura dos combates, a preoccupação d'esses instantes.

As forças, se de espectativa estavam, offereciam um aspecto dubio, que mais facilmente se poderia interpretar favoravel á revolta.

E' certo assim e, segundo o proprio testemunho (*) do conselheiro Teixeira de Sousa, os revoltosos até ás 11 horas da manhã ainda não haviam sido incommodados.

A incerteza e os pessimistas formaram a causa primordial das intenções de abandono

N'uma corrente insensivel, todo esse espelho se patenteou no primeiro conselho dos graduados, base para o segundo e definitivo, e cuja convocação teve a condescendencia do capitão José Affonso Palla, que, antes, contra o acto se manifestára junto do capitão Sá Cardoso.

Houve um inicial conselho de officiaes, a que comparecia o commissario naval Machado Santos.

Ventilava-se a instabilidade da manutenção da defeza.

Antevista uma derrota só se pensou na retirada.

O official de marinha protestou energico, affirmando que emquanto troasse a artilharia no Tejo e se conservasse a posição da Rotunda, Lisboa estava dominada pelos dois extremos.

O capitão Sá Cardoso, traçava um mau quadro das circumstancias, allegando a guarnição contraria aos revoltosos e que, só com carnificina nas ruas da capital, se poderia manter o equilibrio sedicioso.

(*) «Para a Historia da Revolução». = 2.º volume, pagina 476.

Repugnando-lhe ordenar uma lucta-massacre, optava pelo abandono do movimento.

Machado Santos reincidiu na contraria opinião de fracasso, e demonstrou as intenções de proseguir o movimento. Despedia-se com uma continencia e retomava a direcção do seu posto de defeza, do lado da Avenida Fontes Pereira de Mello.

Ao tempo, o acampamento era invadido por uma onda de populares, francamente acolhidos.

Symbolisavam apenas numero.

Não tinham, nem havia armas para lhes dar.

Ainda outros emissarios surgiam ali.

A esses competia o cerce golpe na abalada fé dos combatentes.

O apparecimento, pelas 8 horas da manhã, do commissario naval, reformado, Arthur Marinha de Campos e do dissidente progressista visconde da Ribeira Brava, julgou-se de bom prenuncio.

Um e outro envolvidos haviam estado na janeirada de 1908.

A energia patenteada por Marinha de Campos, durante essa epocha de terrores e de conspirações, assignalava a ainda Machado Santos, a pagina 20 do seu relatorio, ao citar o mallogro de 1908:

«Combinei com Cerejo pôr o corpo de marinheiros na rua, como meio desesperado de salvarmos os nossos amigos presos e para isso chego a fallar a Helder Ribeiro, ao tempo em caçadores 2 para nos secundar; o dois de caçadores era então o nosso melhor regimento. Helder estava prompto a isso; a proposta fil-a conversando com elle na rua Aurea.

«Marinha de Campos tenta sublevar, sósinho, a fragata «D. Fernando». Consigo evitar a chacina dos marinheiros, pelas rigorosas instrucções que lhes havia dado. Ao emissário que lá mandára, o sr. João Salgueiro Rodrigues, o cabo Sá respondeu que só obedecia ás ordens do sr. tenente João Manuel de Carvalho, official que eu lhe havia indicado como sendo aquelle a quem unicamente devia obedecer.»

E foi de facto, ainda, Marinha de Campos, quem, ajudando

o dr. Affonso Costa, intentou o lance de 28 de Janeiro, derruido pela attitude repressora do gabinete João Franco.

Antes, mostrára-se temerario nos artigos violentos do jornal «O Radical», que dirigira depois, em 1910, a 8 de Abril, evidenciava-se não menos desprezador de perseguições, firmando no «Mundo» phrases energicas e ameaçadoras:

«Declarou no parlamento o presidente do conselho de ministros, sr. Francisco Beirão, que está no proposito de modificar o juizo de instrucção criminal, se as camaras lho consentirem, mas sem que a isso se deixe arrastar pela opinião publica!

«A opinião publica, a unica força que nas sociedades modernas póde dar vida real a um governo e autoridade incontestada a um ministro, é por esta forma desdenhada em Portugal, no seculo XX, por um primeiro ministro, por um chefe de governo.

«O juizo de instrucção criminal tal como está — dependencia do ministerio do reino, instrumento de represalias, agencia de «chantages» politicas, logradouro de rufiões, delatores, espiões, brutos e outros miseraveis parasitas, permanecerá como está, faccioso e deshumano, reaccionario e imoral.

«Não vale a pena mexer-lhe agora o sr. Beirão. A este homem que, como presidente da Associação dos Advogados de Lisboa, se recusou a subscrever o telegrama enviado por cêrca de 100 dos seus colegas ao capitão Francisco Galceran, o honrado e corajoso deffensor de Francisco Ferrer perante o conselho de guerra de Barcelona, não póde repugnar sufficientemente a organização e funcionamento do nosso monstruoso juizo de instrução criminal. Que o deixe ficar, como o encontrou, e como já antes o tinha encontrado.

«Um dia, essa opinião publica, pela qual o sr. Beirão não está disposto a ser guiado, traduzindo-se em actos concretos e definitivos, despedaçando a machina infernal do regime, acabará tambem de vez com o juizo de instrucção, que não é mais do que uma peça importante da engrenagem politica que móe o paiz.

«Até lá, sofrerá cada qual resignadamente, na esperança, ou antes na certeza, de que não tardará a soar a hora tremenda dos actos solemnes da justiça popular.

«Prosiga, pois, o juiz de instrução a sua obra facciosa de perseguição politica. Para a implantação d'este simulacro de regime constitucional foi necessario que muitos portuguezes sofressem os horrores do carcere, do desterro, do degredo e da forca. No castelo de Estremoz ainda hoje se mostram os sinaes deixados nos ladrilhos pelos machados que no dia 27 de Julho de 1833 esquartejaram 33 liberaes ali detidos. Para a proclamação de um regime sinceramente liberal e democratico não póde deixar de sofrer-se tambem e porventura ainda mais. A victoria definitiva caberá ao que estão com a Razão e com a Justiça.»

Marinha de Campos era ainda da junta revolucionaria encarregada de impulsionar a revolta de Outubro.

Todavia errada foi a crença em animações.

Longe de trazer alentos, foram traduzir pensamentos desnorteantes.

Descreveu-os (*) o revolucicnario Dias dos Santos, um dos assaltantes do quartel de infantaria 16:

«As suas impressões mais fortes, as que mais fundo lhe ficavam gravadas na alma foram duas: a do panico, espalhado no acampamento, ás 8 horas da manhã do dia 4, por Marinha de Campos e pelo Ribeira Brava, que vieram, em aves agoirentas dizer que estava tudo perdido... Tudo... E os officiaes abalaram... Abalou tudo... E eu chorei de raiva, chorei de indignação, chorei de desespero... Mas fiquei disposto a vender a pelle... Esta foi a impressão mais forte.»

Divergindo d'essas allusões, já o capitão José Affonso Palla, como que insinua a culpabilidade do desanimo total devido ao quadro traçado pelo ex-tenente Coelho.

Todavia, como diversos foram os missionarios do desalento, cahindo em campo productivo, improba tarefa seria a do historiador que quizesse salientar a verdadeira entidade lançadora da ideia de abandono no espirito dos dirigentes da Rotunda.

E' certo que, antes d'aquelles a quem attribuida foi a influencia do acto, evidenciada se tornou uma desillusão sobre a viabilidade revolucionaria.

(*) *O Intransigente* de 5 de Outubro de 1911.

E, como a alma diverge de orientação em cada envolucro transitorio, — pois que esse todo abstracto, indifinivel, segue de transmissão em transmissão consoante a inanidade final do corpo a que serviu de guia — a preponderancia mental exercida pela descripção do tenente Coelho no espirito do capitão Palla, pode ter deixado de actuar no do capitão Sá Cardoso e nos dos outros, por sua vez sujeitos a pressão descriptiva do visconde da Ribeira Brava.

Attribuindo a este a responsabilidade d'essa incutida desesperança, outro depoimento surgiu.

Affirmava (*) pois ainda essa attitude de desespero, o chefe do grupo civil «A Mão Negra», Alberto Silva:

«Eu abaixo assignado declaro que no dia 4 de Outubro de 1910 até ás 10 horas da manhã se receberam na Rotunda noticias alarmantes e desanimadoras tendo o «Visconde da Ribeira Brava sido um dos que mais desalentou a todos».

A terra vinha assim todo o risonho esboço feito pelo revolucionario Pinto de Lima.

Teceu-se um quadro de tragica derrocada.

As tropas deram-se outra vez como firmes e intransigentes na defeza da causa monarchica.

Saliente a evasão do balneario; assignalado que os dispersos membros da junta revolucionaria, quasi a monte andavam e que o povo nem secundára de gosto a esphera do commando dos dirigentes revoltosos, restou como corollario logico, o fracasso inteiro de todo o movimento e o inutil de novos sacrificios.

Esse espectaculo mal definido e sem bases, ia dar ensejo a um desanimo forte e irreprimivel em officiaes até então dispostos a arrostar com as difficuldades.

Mal ensombrados escutaram os capitães Sá Cardoso e Affonso Palla, o descrever da pretensa falta ao compromisso da revolução.

E, caso extranho, emquanto á Rotunda iam novas de um desabar de projectos e de um acrisolado desejo da soldadesca, de

---

(*) Celestino Steffanina = *Subsidios para a Historia da Revolução de 5 de Outubro de 1910*, pagina 13.

deffender a realeza, ao governo e ao commando de divisão ia o convencimento de que se não podia contar com o exercito para o ataque á democracia.

De singular controversia nasceria um facto, a ella devido quasi em absoluto: a republica.

Cumprida a missão desagradavel, abandonaram a Rotunda, o visconde da Ribeira Brava e o commissario naval Marinha de Campos.

A' ganha victoria, se o primeiro de appoio firme se constituiu para a democracia, o segundo, era louvado pelo decreto de 18 de Outubro de 1910 e collocado no cargo de governador da provincia de Cabo Verde, d'onde regressaria (Abril de 1911) prisioneiro, sob accusações tumultuarias, e de autonomia colonial, não sendo mantida comtudo a detenção inicial, com homenagem na cidade de Lisboa.

A' sahida dos dois revolucionarios, correspondeu, antecedendo uma troca de impressões, uma contra-prova aos pessimismos.

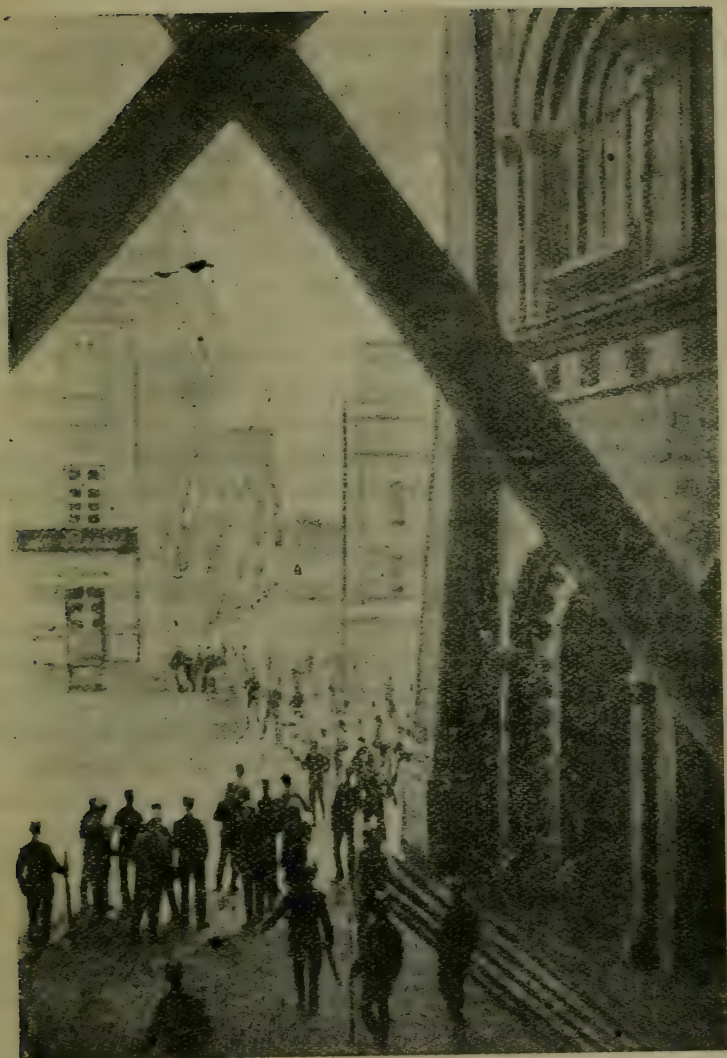
O capitão Sá Cardoso, tentou um lance para com infantaria 5.

Um emissario levava ao tenente José da Ascensão Valdez, um bilhete, dizendo que esperava infantaria pelo lado oriental da Avenida. A marcação do ponto por onde se effectuaria a marcha, equivalia a um signal.

O documento, entregue por um revolucionario civil, dizia, sob a assignatura do capitão Sá Cardoso, tão nervosamente traçada, que incomprehensivel foi para o tenente Valdez:

«Infantaria 16 e artilharia 1, revoltadas, occupam o alto da Avenida. Esperam infantaria 5 pelo lado oriental.»

O official, iniciado pelo chefe carbonario Antonio Augusto Maldonado, em 1908, preparára desde esse dia o movimento, attrahindo a si os camaradas do regimento e ainda sargentos e cabos ao ponto de, com o auxilio do cabo 55, Francisco do Carmo Benevides, a soldadesca fazer a continencia ao dr. Antonio José de Almeida, como se de disciplina o acto fosse.

Podia pois o tenente José Valdez responder pela adhesão da força que lhe estava confiada, mas, analysando rapidamente as

Um instantaneo da revolução em Lisboa, no momento em que uma granada rebentava em frente do Hotel Avenida Palace.

contingencias do acto sollicitado, conseguia fazer communicar que, para o plano, necessitaria de arriscar os seus homens á chacina pelas metralhadoras de caçadores 5, uma companhia de attitude incerta, do seu regimento e um esquadrão da municipal. Em occasião opportuna daria o passo, esperando ataque forte da Rotunda, que desorientasse aquellas forças.

De facto, o tenente, todo esse dia e noite, empregou exforços para obter a adhesão do resto da officialidade, mas sem exito, e desejoso de auxiliar a Rotunda, sollicitava do major Pedroso de Lima, auctorisação para com a sua companhia effectuar explorações.

Era evidente a vontade de satisfazer o pedido das forças rebeldes, mas contrariado foi pelo superior.

Pensado foi um lance de ataque ás metralhadoras de caçadores, do commando do alferes Ernesto Empris, mas dissuadido o tenente Valdez pelo alferes Bragança, sob fundamento de que entravados seriam pelas forças collocadas adeante, resolvido era o aguardar de melhores probabilidades

Na impossibilidade, pois, de dar immediata satisfação ao convite do capitão Sá Cardoso determinava (•) porém á soldadesca que só fizesse fogo quando elle o ordenasse, ordem não cumprida, aliàs, descarregando as praças as armas sempre que as metralhadoras de caçadores 5, atiravam sobre a Rotunda.

A' resposta do tenente Valdez deu-se logo na Rotunda uma nova troca de impressões desanimadas.

O capitão José Affonso Palla, evocou a pequena confiança que tivera n'uma victoria.

Já se oppuzera á tentativa de 4 de Abril de 1910.

Incumbido pelo almirante Candido Reis de angariar adhesões de officiaes, diminutas obtivera, por ser julgado pouco viavel o movimento.

Essa opinião, origem dera a que por Abril, quando o commissario naval Machado Santos, assegurára firme a marinha e de conveniencia o golpe, o capitão Palla, se patenteasse abertamente contrario ao acto preparado para a madrugada de 5 d'aquelle

(*) Depoimento do cabo de infantaria 5, Francisco do Carmo Benevides

mez, fundando-se na falta de entendimento do exercito com a armada.

A' revolta valeu, de facto, essa attitude, que se disse servida ainda por apregoados receios provocados pelo gabinete Veiga Beirão, conhecedor do trama e espelhando manifestas intenções de intransigencia.

Melhor terreno julgavam os revolucionarios o do annunciado governo successor, o do conselheiro Teixeira de Sousa, e assim de lances guerreiros escapou o ministerio progressista da presidencia do representante do conselheiro José Luciano de Castro.

E' certo que o capitão Affonso Palla, pouca vontade evidenciára no presumido sacrificio de artilharia 1, declarando firme ao almirante Candido Reis, que o movimento iniciado com as tropas de prevenção constituia uma brutalidade jamais perdoada pela Historia.

Cumpriu porem a dada palavra deque, a não ser que morto ficasse na parada, artilharia 1 sahiria para a rua.

Mas da inactividade a que as forças, presumidas contrarias, condemnaram os deffensores da Rotunda, resultou o gradual esmorecer d'esse inicial enthusiasmo arrebatante dos insurrectos.

Era a eterna visão do doloroso espectaculo do 31 de Janeiro, a que Palla se associára, como republicano antigo, cujo ideal professava desde 1881, ainda frequentando a Escola do Exercito.

Dera desesperos e traições, carceres repletos.

Todavia, a despeito de julgar fracassado todo o movimento, o capitão Palla, encontrando o chefe civil João de Moraes Carvella, chegou a manifestar intenções de ir Avenida abaixo, atacar as forças do Rocio.

Ao voto expresso de Moraes Carvella, de que inutil era o passo, tendo todos as caracteristicas de queda em perigosa ratoeira, onde o fusilamento e a prisão entravam como principaes elementos perturbadores do plano, eorrespondeu a deposição da ideia e o renovar intenso do desanimo.

O capitão Sá Cardoso, egualmente reavivou a ruina da sedição portuense, em que se envolvera tambem, como no desmoronado 28 de Janeiro de 1908.

Renovou a anterior descrença, originada pela prevenção.

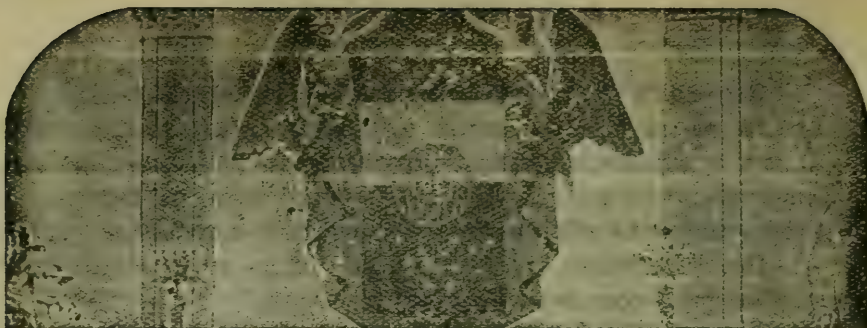
Já na reunião da rua da Esperança, perante o almirante Reis e os officiaes, affirmára que sahiria com elles, mas convicto em absoluto de que haveria fracasso, tanto mais que capacitado estava de que os officiaes não sublevariam os regimentos.

De momento se convenceram pois de quanto havia de inepto em prolongar da resistencia.

E' certo que não havia motivo para esse apavorado aspecto, pela immobilisação das tropas realistas.

Desenhou-se todavia um quadro negro, baseado em hypotheses e estas assentes nas descripções pessimistas dos ultimos informadores chegados á Rotunda.

Mais desesperançado ou mais ancioso de affastar esse pesadelio, ou ainda porque, investido no commando supremo, se lhe apresentasse o dever de convocar o conselho para a resolução do premeditado abandono, certo é haver sido o capitão Alfredo Ernesto de Sá Cardoso quem a ordem deu, tendente a aggrupar os graduados do acampamento da rebeldia.

Os capitães Sá Cardoso e Affonso Palla, deliberaram assim entregar-se ao seu voto.

XII

O conselho dos officiaes.=Balanço de probabilidades =Evoca se o 31 de Janeiro.=Os civis ante o desanimo =A resolução de abandono. = Procurando adhesões á fuga =A resistencia de infantaria 16. O desapparecer dos civis =A fuga dos graduados =Os relatorios dos capitães Sá Cardoso e Affonso Palla.

Reuniu-se portanto o derradeiro conselho de officiaes iniciadores da revolta.

Era o segundo.

Embora se tenha dito que as resoluções de abandono ventiladas foram n'uma reunião de officiaes, é certo que se tomaram em duas entrevistas e o facto cita (*) Machado Santos:

«Chamado a conselho de officiaes, votei contra a retirada, allegando que, emquanto troasse a artilharia no Tejo e nós mantivessemos a posição da Rotunda, dominavamos a cidade. Sá Cardoso disse-me que todos os elementos com que contavamos nos tinham falhado, que a guarnição de Lisboa estava toda contra nós e que para nos aguentarmos, eramos forçados a fazer uma carnificina nas ruas de Lisboa, o que muito lhe custava ordenar.

«Insisti e pedi licença para ir reoccupar o meu posto, a fim de não afrouxar a defeza na parte que me incumbia. O recinto

---

(*) 1907 1910 — «A Revolução Portugueza» = «Relatorio de Machado Santos» = Pagina 72.

ia-se enchendo de populares, o que bastante me magoava, porque vinham desarmados. Novamente atacado, recebia ordem para comparecer a novo conselho de officiaes.»

O commissario naval Machado Santos, dispensou-se de acceder ao chamado.

Conhecendo o fim do convite, declinou a comparencia.

Era elle o unico a não descrer.

Engolphava-se mais na defeza, desenvolvia-a, como se se entrevisse em breve, o chefe d'essa obra que estava orientando.

Abstendo-se de assistir ao magno conselho, antes sollicitava nova peça, que não chegou a receber, para a manutenção do seu posto, o do lado da Avenida Fontes Pereira de Mello.

Apoz embaraços, pela difficuldade de os juntar, nove officiaes se aggruparam para resolver a apregoado critica situação.

Foram elles os capitães Alfredo Ernesto de Sá Cardoso, e José Affonso Palla, os tenentes de estado maior, Jayme Augusto Pinto Garcia, de cavallaria, José Ricardo Pereira Cabral, de infantaria 3, Alberto da Silva Paes, cavalleiro da Ordem de Torre e Espada e Manuel Luiz dos Santos, os alferes de infantaria 16, Alberto José Caetano, Nunes Freire Quaresma e de artilharia 1 Alberto Camacho Brandão, cavalleiro e official da Ordem de Torre e Espada, e Cortéz dos Santos.

Em destaque foram postas as attitudes dos que contados haviam sido como preciosos elementos auxiliares.

Dos chefes capazes de levar animo aos combatentes, como os oradores dos comicios e os deputados acarinhados pelo povo, desconhecido era o paradeiro.

A armada não podia effectuar o combinado desembarque, mercê da escassez de officiaes, allegando-se ainda difficuldades por causa da municipal do Terreiro do Paço e das metralhadoras de caçadores 5, collocadas ás embocaduras das ruas Augusta e do Ouro.

Não se affigurou extranho o pequeno obstaculo, facilmente removivel pelo bombardeamento, mais tarde posto em pratica.

Fez-se alarme grande pela não adherencia do «D. Carlos», cuja tripulação mantinha comtudo uma intransigencia, a favor da causa republicana.

Ergueu-se o boato de que a marinha ia enviar um «ultimatum» ao governo, para cedencia á republica, e que, á contraria resposta, bombardearia a cidade, mettendo depois os navios a pique.

Mais quebrado de animo do que ninguem, estava o capitão Sá Cardoso.

Não lhe sorriu a perspectiva de que, á ameaça pelos navios, poderia corresponder uma geral entrega da restante militança, cujo sentimento a favor da republica fôra bastas vezes apregoado.

Mais tarde se quiz allegar um desconhecimento da acção da marinha, dizendo assim o revolucionario João de Moraes Carvella:

«Da marinha não tinhamos noticias a não serem os tiros que tinhamos ouvido á 1 hora e 10 minutos.»

Comtudo, de Alcantara trouxera novas dos acontecimentos e para lá levou um escripto do capitão Sá Cardoso, o revolucionario Jayme Augusto Pinto de Lima.

Proseguiu pois um infinito desenrolar de tetricas apparencias.

O socego das tropas, que, salvo a municipal, não atacaram o acampamento até ás 11 horas da manhã, foi tomado como prenuncio de uma envolvente.

Por troca de posições, pensavam mais os rebeldes na tactica que devia observar o quartel general do que este cuidava da acção a executar para o soffucar da tentativa sediciosa.

Imperava assim, em ambos os campos, o mesmo desorientado aspecto, perscrutando-se só possiveis intenções dos outros, com olvido das proprias.

Para defesa do posto, além dos civis, pouco mais de 30 homens de infantaria, e quasi identico numero de artilharia, dispersos, a ponto de estarem os cavallos abandonados e algumas das peças em serviço com um só servente.

Emquanto se lamentava esse desprendimento, o quartel general, longe de proceder, accumulava planos sobre planos, n'uma inclita tactica de abstenção.

Ignorado todo esse descalabro de contra-revolução o capitão

Sá Cardoso, patenteou bem a descrença na efficacia do sacrificio com o argumento supremo de que a Rotunda não possuia a força equivalente, sequer, áquella com que se tentára o levantamento portuense de 1891.

Não era n'esse ponto de carregadas tintas o quadro e o proprio commissario naval Machado Santos, mais tarde o reproduziria, como exacto: (*)

«A força existente na Avenida ás nove horas da manhã, salvo a superioridade da artilharia, era numericamente inferior á do movimento do Porto em 31 de Janeiro de 1891 (talvez em um terço). O inimigo, d'uma superioridade esmagadora, tinha em seu poder todos os depositos. O elemento civil não parecia ter hostilisado a guarda; por onde a columna passava não havia indicio algum d'uma cidade em revolta. Só uma crença firme, adquirida á custa d'um grande trabalho, podia ter esperança na victoria final. Essa crença, ninguem como eu a podia ter!

. . . .

«As ordens da Alta Venda para que todas as forças revoltadas avançassem para o interior da cidade, embora o movimento tivesse sido suffocado, ordens dadas fóra do plano da acção militar, davam-me a segurança d'um auxilio externo, auxilio que infelizmente não veio, mas que podia ter-se dado.»

Esquecido estava porém que no Porto o acto fôra quasi unitario e até quasi em local restricto, ao contrario da acção outubrense, onde os elementos dispersos andavam, combatendo e luctando em sitios varios.

Analysada a phase auxiliar pesaram-se as inconveniencias da situação, sob os pontos de vista technico e estrategico.

O ataque de qualquer força ao acampamento, era a perda certa d'este.

Superiormente estavam o Monte, o Thorel, a Penha de França, a Graça, a Penitenciaria, o Carmo, S. Pedro de Alcantara, o Castello de S. Jorge e os altos de Rilhafolles.

Visado das alturas, seria a chacina dos rebeldes.

A confiança de populares e dos soldados, não tinha augmen-

(*) Relatorio já citado, pagina 75;

tado mas diminuido, passada a exaltação, a nevrose d'esses successos iniciaes, d'essas marchas agitadas de Campolide á Estrella, e da Estrella á Rotunda, e d'essa perspectiva de combates, enervante e tentadora.

Era extranho que só então fosse reconhecida a pessima escolha da posição, quando bem estudado fôra o plano e no proprio conselho da Rua de S. João dos Bem Casados, o capitão Sá Cardoso propuzera a Rotunda como ponto excellente, embora depois fosse dado como de simples espera.

E' certo que o capitão Affonso Palla, se manifestára anteriormente pelo estabelecimento do foco revolucionario nas alturas da Graça e da Penha de França, sendo mantida assim uma supremacia sobre as tropas adversas.

Nos seus instantes de desalento e quiçá de arrependimento, idealisavam já os officiaes o acampamento mettido entre dois fogos: o de artilharia 3 de Santarem e o das baterias de Queluz.

D'estas ultimas se assignalou a passagem pela Serra de Monsanto.

Allegou-se a responsabilidade da permanencia, que iria influir na perseguição dos subalternos.

Pensou-se que ao desapparecer dos agaloados corresponderia a fuga de todos os que sob suas ordens haviam procedido.

Ainda, n'uma extranha comprehensão, não se hesitou em os abandonar n'esse posto, julgado assim irremediavelmente perdido!...

Todavia, n'uma insinuação, fez-se ainda a phrase:

— Se fossemos unica e simplesmente soldados, ficavamos, como officiaes não devemos arcar com as responsabilidades do que possa acontecer!

Era tardio o arrependimento, e tambem esse alijar de responsabilidades, esquecidas na hora em que se arremessou para a revolta o punhado de homens encorajados, e evocados apenas no instante em que se vislumbraram derrocadas do projecto.

O voto de abandono foi unanime, e iniciado por um dos alferes.

N'uma descrença total todos se pronunciaram perfilhando a opinião de que a revolta estava suffocada.

Seguil-a corresponderia a uma hecatombe e esta á impossibilidade de tão cedo se poder renovar o lance.

Não lhes sorria a conservação no arriscado ponto.

A fuga resolvia-se e d'ella se quiz culpar até o conhecimento da morte do almirante Candido Reis.

Fôra ella sabida por Machado Santos, cêrca das 7 horas da manhã, pretendendo o commissario naval obstar que a nova se espalhasse.

Isso fez com que sob aspecto de o desconhecer, colhesse identica informação dada pelo chefe carbonario José Antonio dos Santos Belem, o qual a fez transmittir aos officiaes, attribuindo a isso a retirada:

«9 horas e 10.—Corre no acampamento o boato de que o sr. almirante Candido dos Reis se havia suicidado e quem dá a noticia ao sr. Machado dos Santos é ainda o primeiro dos signatarios. Tal noticia lança ahi grande desanimo e leva os officiaes a reunir em conselho, de que resultou, como se sabe, a retirada, ficando commandando o acampamento o heroico commissario Machado dos Santos.»

Certo é porém que não foi erguido o facto triste no conselho de officiaes, e d'elle não faz menção o capitão Sá Cardoso não só no seu relatorio, como em entrevistas jornalisticas (*), onde assignala apenas o desanimo pelas noticias sobre as tropas:

«Seguiram-se algumas horas de espectativa, mas todas as noticias que nos chegavam eram desanimadoras em extremo. Em lucta pela Republica estavamos apenas nós ali, e os marinheiros no quartel, encerrados. Sabiamos mais que lanceiros 2, infantaria 1 e guarda municipal, que deviam estar retidos no quartel, andavam pela rua.

«Restava-nos uma esperança: o desembarque no Terreiro do Paço de 600 marinheiros; mas essa esperança, por volta das 8 horas e meia, era-nos frustrada: a marinha não podia desembarcar. Pouco depois, nova noticia, confirmando esta, dizia-nos que a marinha ia fazer um «ultimatum» ás forças de terra; ou

(*) «O Imparcial» de 14 de Outubro de 1910.

ellas se rendiam, ou a cidade seria bombardeada, mettendo-se depois os navios no fundo.

«Esta noticia, isoladamente, não nos alarmaria, mas depois de outras que a antecederam, do mesmo theor e todas verdadeiras, não nos foi difficil acreditar n'ellas.

«Então o meu desanimo, que já era grande, tornou-se enorme. Convoquei conselho de officiaes, a que não assistiu Machado dos Santos, que continuava embebido na organisação da defeza, na Avenida Fontes Pereira de Mello. Expuz ao conselho a situação: contra nós, cerca de 3:000 homens, com as baterias a cavallo; a nossa posição, dominada pelas alturas, como o Thorel, Graça, Penha, S. Pedro d'Alcantara, etc.

«O inimigo, com 15 metralhadoras; estavamos na imminencia de um ataque simultaneo, por todas as ruas e todas as alturas.

«Todo o conselho, a começar pelo official mais moderno, foi de parecer que a situação era desesperada, e que a lucta traria uma horrorosa carnificina para aquelles rapazes que tinhamos levado até ali.

«Todos os officiaes estavam possuidos do mesmo extremo desanimo que me dominava. Chamei alguns sargentos cujos nomes não cito, por não sabel-os, a quem expuz a situação e aconselhei a que voltassem com as forças a quarteis. As suas responsabilidades eram bem menores do que a dos officíaes, que teriam de se affastar do campo por outra fórma. Um dos sargentos ainda me perguntou com as lagrimas nos olhos:

« — Então está tudo perdido?!

« — Respondi-lhe: — Está. E affastei-me dominado pela mesma commoção.»

Só se visionou a derrocada.

A vista só se fixou n'esse ambito desalentado.

Alto se proclamou o inefficaz resultado de um acorrentar ao edificio revolucionario, prestes a esboroar-se.

Perturbando o magno conselho, um popular, audacioso e firme, bradou:

— Quem quer chorar, vae para casa! Mas não esteja aqui a enfraquecer a coragem dos outros!

Foi como que o estimulo.

Essa voz serviu de juiz no conciliabulo.

A sentença estava dada.

Os officiaes espraiaram a vista ao longe e nada lobrigavam.

Se não havia tropas atacantes, egualmente as não havia deffensoras.

Tentaram convencer tudo á debandada.

Seria tudo um sonho.

A monarchia teria apenas um tragico pesadello, despertando mais fortalecida do que nunca.

Ali, era apenas o encerro n'um voluntario campo—hecatombe.

O acampamento não tardaria a ser visado das alturas do Thorel, Graça, Penha e S. Pedro d'Alcantara.

Assim, inutil era prolongar a resistencia.

Cerca de 6 sargentos adheriram, recebendo do capitão José Affonso Palla, a incumbencia, votada no conselho, de aconselharem aos soldados a volta aos quarteis, não fazendo o mesmo os officiaes, por lhes caber maior responsabilidade.

Não se devia lançar para a perda total esse pequeno nucleo de praças combatentes que, n'um corte evidente, os auctores do «Como cae un trono» (pagina 140) embora ligados aos dirigentes da revolta, descriminaram assim:

«Imposible concebir esperanzas! . . . Qué esperar, teniendo en frente á casi toda la guarnicion, con el «Don Carlos» por la monarquia, y sin haberse podido siquiera encerrar en sus cuarteles á la Guardia Municipal? Todos los cuerpos comprometidos estan contra la revolucion, el Arsenal no ha sido tomado, y la bateria de Queluz, donde hay tantos sargentos republicanos, viene sobre la Rotunda . . .

«Para qué insistir, en una resistencia inutil? A qué verter interilmente más sangre?

«A toda prisa se reúne el consejo de oficiales, al cual no assiste Machado dos Santos, que organiza las obras de defensa en la Avenida Fontes Pereira do Mello. Sá Cardoso, con febril palavra expone lo desesperado de la situacion. En el campamento hay solo unos 50 tiradores civiles y 20 militares.

«Contra estos, unos 3:000 soldados leales, con 15 ametral-

ladoras, y las baterias montadas. La posicion batida por las alturas de Thorel, Graça, Penha, San Pedro de Alcantara, está á punto de ser objecto de un ataque simultaneo por todas partes.

«Es inutil la resistencia, y constituye un crimen sacrificar vanamente la vida de todos aquellos á quienes se llevó á la Rotunda.

«Los nueve oficiales que asisten al Consejo, concuerdan en que la situacion és desesperada y en que prolongrala equivale á producir espantosa carniceria. Lo mejor es abandonar el campo.

«Llaman, pues, á los sargentos y los incitan á tornar con la fuerza á los cuarteles. Luego, vestiendo-se de paisano, se aprestan á abandonar el campamento»

Houve terminantes negativas ás sollicitações de retirada para o quartel.

De incentivo deveriam servia para a conservação ali.

Os outros mantiveram todavia a insistencia de abandono, procurando salientar que o effectivo dominante e a falta de outros regimentos assignalavam uma integra catastrophe.

Não valia a pena sacrificar vidas.

As outras praças não accederam.

Decidiram a permanencia ali, especialmente as de infantaria 16.

Foram ellas:

Do 1.° batalhão, os cabos Luiz Gonzaga Caseiro, Antonio da Silva Nunes, Joaquim Filippe, Albano Augusto de Sá, João Martins, Manuel Joaquim Correia, Rufino José Pinto, Carlos Rodrigues Manata, Leonel Augusto da Silva, Francisco Fernandes, Alfredo José Vidigal, Pedro do Carmo Forçado; os corneteiros Manuel, Antonio de Menezes, Carlos dos Santos e Christovam Maia Taboa, os aprendizes de corneteiro José Manuel Felix e Antonio Augusto Braz, o aprendiz de musica, Antonio Marquez Junior e os soldados José do Nascimento Bispo, Joaquim Pereira, Antonio Alves, Izidoro Nobre, José Mesquita, José Martins, José Antunes, José Antonio, Manuel Ribeiro, Antonio Brigida, Luiz Gonçalves, João dos Reis, José Antunes Maneiras, José Domingos, Tobias Gomes, João Torrado Vicente, João Antonio de Sousa, João Francisco Pinto Diogo, José Ribeiro, Fran-

cisco Relvas Durão, Joaquim Mathias, Francisco da Silva, José Fernandes Carteiro, José Carvalho Mathias Junior, Luiz Gonçalves, José Martins Leandro, José Costa, Raul Pereira, João Luiz, José Geralde e Varadiano Francisco; do 2.º batalhão, os cabos, Antonio Monteiro, João Baptista Cardoso de Brito, Manuel Antonio Correia, Antonio Lopes, Raul Antonio da Rocha; o corneteiro, Antonio Calção, o aprendiz de corneteiro, Duarte Cachaço e José Lourenço; o ajudante de corneteiro, Al· Santos, Antonio Craveiro, Joaquim Pereira, Pedro Pires, José Francisco, João Accurcio, José da Silva, Manuel Rodrigues, José Balhau, Antonio Barreiros; e do 3.º batalhão o ajudante da companhia Joaquim Seguro, os cabos Mario do Nascimento Fonseca Motta, Gabriel Ribeiro, Joaquim da Costa Horta, Lucas Fernandes Clemente, José Filippe Pereira Pissarro, Bernardo Mendes, Manuel Marques Serrão Junior, Antonio Jacinto Caeiro, Manuel Ferreira Franco, Claudio Fernandes, Joaquim Marreco; os corneteiros João José Antunes de Queiros e Joaquim Canhoto e os soldados Felix do Couto, Francisco Mendes Ramalhete, José Joaquim Santhiago, José Maria Portella, Rodrigo Vieira, Albino dos Santos, Alexandre Fernando, João Garcia, Antonio, Antonio Ignacio, Manuel Pires, Antonio Domingos, Adriano Pereira, José Martins, José de Almeida Leite, Annio Lopes, Antonio Xavier Ferreira, Antonio Eortuna, Benjamim Maria, José de Moraes, José Duarte Lourenço, Manuel Joaquim Ferreira, Jayme de Jesus, Francisco José, Francisco de Sá Chedas, Antonio Mendes Mauricio, José Ferreira, Joaquim Antonio Filippe, Antonio Bernardo, José dos Santos, Antonio Mendes Caridade, João de Sousa, Herminio Antonio Jorge, Antonio Ignacio, Manuel Gil, David Lopes Conde, João Joaquim, Raphael Farinha, Antonio Elias Barradas, Raphael da Silva, José Francisco Rodrigues, Christovam Rodrigues, Antonio Carneiro, Joaquim da Rocha, José do Nascimento, Joaquim Tavares e Antonio Ferreira.

De artilharia 1, os soldados e cabos em grande parte acompanharam a attitude dos do 16 de infantaria.

Todavia peor era na fuga do que no proseguimento da aventura louca, fosse onde fosse, assumisse ella de facto o terrivel

aspecto de chacina a executar sobre os revoltosos pelas tropas fieis.

Ficaram.

Contrariamente alguns civis procederam.

O chefe revolucionario João de Moraes Carvella, allegando doença, entregava a carabina e munições a outro atirador e retirava convencido do geral fracasso.

O respectivo grupo de atiradores civis, ficava dirigido pelo revolucionario Jorge de Carvalho.

Citado foi como havendo abandonado tambem o acampamento o chefe civil Manuel Lourenço Godinho, dirigente do assalto ao quartel de artilharia.

«Assim o declara o commandante das forças da Rotunda, Machado Santos, no seu «Relatorio» (paginas 160) ao descrever, apoz a victoria, a sua visita ao quartel de artilharia 1:

«A Manuel Lourenço Godinho, não o pude abraçar. Soube mais tarde que na manhã de 4 retirára para sua casa «por ter dado uma queda de um cavallo.»

Outro depoimento, (*) ainda, reaffirma, mas sob aggressivo aspecto, as allegações do relatorio de Machado Santos.

Pertence elle a um dos principaes interferentes da acção no quartel de artilharia 1, desde o 4 de Outubro, o chefe civil Armando Porphirio Rodrigues:

«Permita-me sr. redactor que o mais humilde e obscuro soldado da Republica venha, ainda que bem contra vontade, erguer a sua voz para tomar parte na desgraçada questão do senhor sargento Gonzaga. Chamo-lhe desgraçada, porque nella vou envolver homens que até hoje tenho poupado; porém, não estou resolvido a deixar por mais tempo bacorejar pseudo-heroes á custa do meu sacrificio.

«Nesta malfadada questão, tres homens estão envolvidos: Manuel Lourenço Godinho, com a sua afirmativa; Artur Sangremann Henriques, com o seu atestado, e Gonzaga com o seu relatorio.

«E' triste dizel-o, mas como v. apela para todos quantos pos-

(*) «O Mundo» de 22 de Fevereiro de 1911.

sam fazer luz nesta questão, e eu reconheço em v. a boa vontade de coligir elementos verdadeiros para a Historia e vai sendo tempo de justiça ser feita, creio ir ao encontro da sua boa vontade prestando as minhas declarações, que são as seguintes: O senhor Godinho, tendo sido um bom organisador revolucionario, na noite de 3 de Outubro saiu com as baterias e na manhã de 4 recolheu a sua casa ferido, por ter sido cuspido do cavallo em que montava, tornando a «aparecer-me» no quartel de artilharia n.º 1, no dia 5, ás 11 horas da manhã. Não póde, portanto atestar o que lá se passou; este senhor foi um bravo na prisão dos jesuitas — se heroismo ha em prender homens de saias.

«O senhor Sangremann Henriques, depois da saida das baterias, constituiu se prisioneiro junto dos senhores oficiaes, de onde não tornou a sair senão depois de proclamada a Republica e isto provam os senhores oficiaes que estiveram retidos por mim, em numero de dezeseis.

«O senhor Gonzaga, tendo saido com as baterias na manhã de 4, voltou ao quartel na noite desse dia para aparelhar um cavallo e pôr-se ao fresco para... vedetas, creio eu que era campo largo. «E nada mais fizeram».

«Já vê, sr. redactor, que razão tinha eu em chamar desgraçada a esta questão, que em logar de elevar homens ao apogeu da gloria vai derrubar idolos que tão alto subiram na consagração nacional á sombra do meu silencio e de outros soldados obscuros que batalharam com mira do bem estar do povo portuguez. — Com toda a consideração, sou de v. ex.ª — O ex-chefe civil de artilharia n.º 1, Armando Porphirio Rodrigues. S|c, Rampa das Necessidades, 33, Lisboa.»

A contestação (*), por Manuel Lourenço Godinho, apontou porem o desastre como succedido na manhã de 5, com retirada, por algum tempo e isso justifica o facto de ali não ser encontrado por Machado Santos.

Esse chefe civil, havendo no seu relatorio exposto sem largos pormenores, os acontecimentos de 4 no quartel de artilha-

(*) «Memorias da Revolução», pelo sargento Gonzaga Pinto.=Pag. 79.

ria, descreveu-os em documento enviado á camara dos deputados, para que considerado fosse:

«Aos Dignos Deputados da Nação Portugueza. — Justiça Cidadãos. — E' talvez só que eu por este meio poderei obter de vós o que por todos que eu pelo meu esforço vejo altamente colocados, me teem negado.

«Até hoje ainda não houve senão promessas e só tenho conseguido ser enganado por esses mesmos senhores, de ha um anno a esta data.

«E' pois com desespero no coração que lanço mão d'este meio para vos pedir justiça e ao mesmo tempo para vos ilucidar do quanto eu contribui, fisica, moral e monetariamente para o sucesso da proclamação da Republica.

«Principiarei por vos declarar, Senhores Deputados, que fui eu quem organisou e preparou durante tres annos o regimento de artilharia n.º 1 e mais tarde o regimento de infantaria n.º 16; que fui eu quem primeiro entrou, planeou e dirigiu o assalto ao regimento de artilharia n.º 1 e que avisei o «comité» revolucionario de infantaria 16; que fui eu quem ordenou e dirigiu a detenção de 17 senhores oficiaes de artilharia n.º 1, salvando-lhes a vida, porque alguns militares d'aquelle regimento quizeram arremessar bombas para a sala onde se achavam detidos; fui eu quem organisou o serviço de defeza externa e na sua maior parte interna d'aquelle regimento; fui eu quem com uma mão cheia de desgraçados (como eu), repelimos alguns ataques dados pela extincta guarda municipal, lanceiros 2 e outras forças fieis, ao referido quartel na tarde de 4 e noite de 5 de Outubro de 1910.

«Fui eu quem dirigiu a detenção dos jesuitas do ex-colegio de Campolide, evitando que os mesmos fossem maltratados, além de que fômos recebidos a tiro, o que ia resultando a destruição do mesmo colegio, querendo os revolucionarios incendial-o, evitando não só essa destruição de propriedade e vidas, como evitei que se desviassem objectos de grande valor alli existentes; fui ainda quem organisou o serviço de vedetas e policia que manteve não só a defeza do quartel de artilharia, como a ordem em toda a área de Campolide, Campo d'Ourique e todas

as imediações do referido quartel, e para finalisar, Senhores Deputados da Nação Portuguesa, lembrei-me de por este meio me dirigir a vós, apelando para a vossa consciencia, para que peseis o valor dos meus serviços, que reputo de mais valor do que aqueles prestados por alguns cavalheiros, que apenas empunharam armas no dia 6, para com esse feito heroico mais tarde se apresentarem a reclamar recompensas, que obtiveram por serviços que não prestaram, emquanto que eu trabalhando como trabalhei, arriscando a minha liberdade e bem estar da familia, gastando um pequeno capital de 1:600$000 réis, que eu tinha em deposito, e expondo a minha vida pela causa da Republica e vendo-me hoje em precarias circumstancias, porque tambem perdi o meu emprego, devido á mesma causa, e não podendo obter outro, porque nas casas em que tenho procurado só ali tenho recebido respostas ironicas e perguntas, de quando «vou ser eleito Presidente da Republica ou chamado a constituir governo», e como tenho a saude arruinada, assim como tenho arruinado a de minha esposa por me ter metido em politica, e como essa politica me tem espoliado em tudo e por tudo, só hoje me restam a vossa justiça ou a morte!

«As minhas habilitações são conhecer os idiomas inglês, francês, italiano, espanhol e holandês, assim como sete africanos e, para vos demonstrar a diferença que existe entre estrangeiros e nacionaes no modo de reconhecer serviços e o que cada um vale, cabe-me levar ao vosso esclarecido criterio, que exerci varios cargos de confiança durante o tempo que servi no exercito boer, na extincta Republica Transvaliana.

«Daquelle governo recebi a comissão de sargento instrutor de artilharia, isto em 1887. Depois, e sucessimente, como tenente, exerci o cargo de comandante de policia da cidade Carolina, e como governador militar do distrito de Laidenburg, recebi a comissão de confiança de dirigir pessoalmente a passagem secreta de 115:000 espingardas Mauser e 16000:000 de cartuchos para as mesmas, de Lourenço Marques para Pretoria. Na guerra anglo-boer fiz sempre a diligencia de honrar o nome de Portugal, como comandante da coluna ou brigada portuguesa, composta de 195 portuguezes.

«O sr. Antonio Maria da Silva, administrador geral dos correios e telegrafos conserva alguns documentos que comprovarão a minha passagem pelos logares que acima me refiro.

«Muito mais poderia dizer dos serviços por mim prestados á causa da Republica Portuguesa, já depois dela proclamada, mas que, com tristeza o digo, a sua proclamação não me tem trazido senão desgostos, mal estar e ruina.

«Em Santiago de Compostela, Espanha; e Gondariz, Arcos de Val-de-Vez, ia perdendo a vida, n'aquela por ser descoberto pelos conspiradores que ainda me feriram n'um ombro com as suas facas assassinas, e n'esta por ter tido o arrojo de ir prender o sr. abade Amorim, d'aquella freguezia, ao meio dos seus paroquianos que tentaram com as armas na mão, e armas de toda a qualidade, obstar a que eu levasse o dito abade.

«Em Londres alguns serviços prestei dos quaes o digno ministro de Portugal n'aquella cidade poderá dizer quanto valem assim como o ministro dos estrangeiros. Esperando pois que justiça me seja por vós feita. Subscrevo-me com toda a consideração correligionario sincero Manuel Lourenço Godinho, ex-chefe revolucionario civil. — Lisboa, 16 de Novembro de 1911.»

De facto se assignalam vestigios de sequencia de trabalhos no campo revoltoso, a paginas 53 do «Relatorio do sargento revolucionario de artilharia 1». Gonzaga Pinto:

«No dia 4, das 11 horas para o meio dia, trabalhava-se afanosamente em artilharia 1, para a defeza do quartel, pois se esperava ali o ataque do grupo a cavallo sob o commando do capitão Paiva Couceiro. Era preciso oppôr-lhe uma resistencia tenaz, posto que não houvesse muitos elementos de defeza. D'ahi dependeria o insuccesso ou exito da Revolução. Que seria do movimento se o unico adversario manifesto da monarchia, adquirisse ali uma vantagem? Era preciso luctar até á ultima.

«Esta situação retemperou os nossos nervos e encheu de coragem todos aquelles que tinham sentido os desfallecimentos da inacção. Havia alguem que se apresentava a combater, antes assim. Se, de facto, estivessemos irremediavelmente perdidos fariam pagar bem caro a nossa derrota.

«Tomámos as posições de defeza. Os homens que tinhamos

levado da Rotunda prestaram excellentes serviços. Ao transpormos a porta das armas encontramos o chefe civil Porphirio Rodrigues que se dava aos trabalhos de defeza do quartel. No parque, os chefes civis, Jorge de Carvalho, Godinho, Garcia, com alguns aprendizes de ferrador e alguns populares, preparavam o serviço de artilharia.»

Alem do relatorio, pessoal, de Manuel Lourenço Godinho, ainda cita a sua estada ao serviço da revolução, um depoimento, (*) do cabo reservista Manuel da Costa.

Resalta pois um evidente erro, em data, de Machado Santos em relação a esse chefe carbonario, que veremos assim seguindo o movimento revolucionario nas suas varias phases.

Mais tarde annotava-se ainda Manuel Lourenço Godinho e apoz o exercicio de missões graves e de responsabilidade para entrave de conspirações monarchicas, envolvido n'um incidente largamente debatido nas camaras e na imprensa e conhecido pelo caso do assalto ao Club dos Restauradores. (**)

Por elle soffreu Godinho aggressões populares, por, esquecida a sua acção como um dos implantadores da Republica, a ira da populaça só vêr n'elle e de justiça, um dos assaltantes á propriedade alheia e attribuido reu, com outros, de illegal tomadia de dinheiro existente no Club.

A seu tempo descreveremos porém esse caso que assignalou o governo do dr. Affonso Costa e em destaque poz o então ministro do interior, dr. Rodrigo Rodrigues, mercê do uso, pelos ingerentes no celebre incidente, de bilhetes de agentes especiaes do governo civil, identificando a existencia de uma policia secreta, e até essa data desconhecida.

Volvamos pois aos successos da Rotunda.

*

* *

Dos 6 sargentos que resolveram seguir os officiaes, um chorava, repetindo a phrase :

(*) «O Mundo» de 19 de Fevereiro de 1911.
(**) 7 de Abril de 1913.

— Está tudo perdido?!...

E emquanto o capitão Sá Cardoso, confirmava, o capitão Palla, mantinha a sua vontade de desapparecer, olvidado de que bradára, intemerato e incitador, á sahida do quartel de artilharia 1: (*)

— Rapazes, vamos para a vida ou para a morte; aqui ninguem recua!

Abriria elle o exemplo, elle que a resistencia aconselhára, mantendo-se na attitude de firmeza aquelles que a ella tinham sido aconselhados.

A lição era eloquente e soberba.

O povo revolucionario, commentou esses preparativos de fuga, que, pouco a pouco se realisou

As fardas haviam sido substituidas.

O alferes Alberto Camacho Brandão, desappareceu completamente desconhecivel n'um fato de ganga.

Aos ultimos nasceram ameaças e patentearam-se intenções graves.

Ante surdos rumores se fizeram rapidos preparativos, visando a deixar ao sacrificio que previam, os companheiros intemeratos d'essas primeiras horas de escaramuças e de victorias.

N'uma excitação que n'outros lances seria comica, o capitão Sá Cardoso e o tenente José Ricardo Pereira Cabral, os derradeiros a sahir, trocaram as fardas pelos fatos de dois populares servindo-se até das calças do revolucionario Manuel Ambrosio de Sousa.

Na altura do inicio da evasão, Machado Santos, que havia sollicitado uma peça, notando a sua falta, deixou a outrem a defeza e desceu até ao centro da Praça Marquez de Pombal

Ao seu encontro ia já o revolucionario civil, Bernardo Lopes, (**) para lhe communicar as intenções da officialidade.

Não quiz acreditar.

Deixou o posto melhor guarnecido e foi verificar, percorrendo avido o acampamento.

(*) Depoimento de João de Moraes Carvella, já aqui citado.
(**) Cita o facto o «Intransigente» de 5 de Outubro de 1911.

Reconhecendo certo o aviso, sentiu abalar-se-lhe a coragem.

A maioria dos officiaes já não se encontravam ali.

Rapido, tentou sustar a partida do automovel onde iam o capitão Sá Cardoso e o tenente Cabral, os unicos que restavam.

Baldados foram os esforços.

Sá Cardoso declinou o voto unanime do conselho e insistiu com Machado Santos para que o acompanhasse.

Elle retorquiu altivo:

— Vão, eu fico!

E não o demoveu da intenção, o ennunciado, soturno, das tremendas responsabilidades em que se queria investir o commissario naval.

Os civis, exaltados, verberavam a attitude de fraqueza dos outros.

Suscitaram-se repressões e violencias.

O povo, ali sacrificado, esperando a morte, só sentenciou dictames severos contra aquelles que, depois de o arremessar á aventura grave de uma rebeldia contra o regimen, eximir-se queriam a eventualidades terriveis:

«Ainda me approximei d'um automovel para sustar a partida dos meus camaradas. Alguns cidadãos civis queriam que os mandasse prender e fuzilar; entendi por melhor deixal-os seguir o seu destino, se estavam convencidos da impossibilidade de continuar a lucta. Não era pela força que lhes incutia a esperança.» (*)

Todavia, brigando com a affirmativa por Machado Santos, sobre a tentativa de embargo á partida dos officiaes, apparecem trechos do mesmo, onde se assignala a surpreza do abandono.

Vejamos uma entrevista jornalistica: (**)

«O que resolveram os oficiaes? Infelizmente o desanimo começava a invadir mesmo aquelles que mais ardor tinham mos-

---

(*) A Revolução Portugueza=Relatorio de Machado Santos = Pagina 74

(**) «O Mundo» de 12 de Outubro de 1910.

trado na occasião de fazer sair os regimentos para a rua. Todos apenas com o meu voto contra, resolveram que as forças recolhessem a quarteis, em vista de terem faltado elementos com que se contava e de lhes parecer o movimento inteiramente perdido. Protestei, com quantas forças tive, e quiz demonstrar que, mesmo no caso de não termos mais nenhum regimento pelo nosso lado, n'aquella posição e com o auxilio dos navios de guerra e dos marinheiros poderiamos vencer. A nada se demoveram os meus camaradas, todos elles homens que tinham demonstrado brio e coragem e sinceramente republicanos. Julgavam a causa perdida e affirmavam não querer sacrificar inutimente as vidas dos soldados. N'este momento fui chamado á linha de fogo que estava a meu cargo para repelir uma sortida dà municipal. Quando voltei os officiaes tinham partido, depois de aconselharem os sargentos e soldados a seguil-os. Os bravos rapazes tendo-me ouvido que vinha ali para vencer ou morrer, ficaram todos no seu posto, cheios de fé como eu.»

Identico relate se fez no Relatorio: (*)

«Novamente atacado, recebi ordem para comparecer a novo conselho d'officiaes. Tendo repellido o inimigo, fui ao centro da praça; novamente me recuso a abandonar o campo e peço outra peça para guarnecer a entrada da avenida Duque de Loulé. Esta peça não me foi enviada, e com desgosto, ia a dirigir-me ao commandante da columna, quando debalde o procuro sem encontrar os officiaes e vejo até a força reduzida talvez a metade!»

Outro depoimento, o do revolucionario civil, José Garcia de Almeida, (**) identicamente relata esse incidente:

«Lisboa, 21 de Fevereiro de 1911.— O sinatario d'esta, um dos que acompanhou desde as 5 horas da madrugada de terça feira, 4 de Outubro, e assistindo á retirada dos oficiaes e outros factos para esclarecimento da verdade que prezo lhe dou a seguir uma nota.

(*) Relatorio de Machado Santos.=Pagina 69 a 72.

(**) «O Mundo» de 22 de Fevereiro de 1911.=A transcripção é textual, sendo do proprio as difficiencias.

«Na manhã de 4 de Outubro, deviam ser umas 9 horas um pouco mais ou menos, quando o capitão Palla, Sá Cardoso, tenente Cabral, de cavallaria, deu-se o seguinte facto: antes de subirem para o automovel alguem dos civis lhes perguntou se elles iam fugir, responderam que não, que iam apenas ao Beato colher informações, mas que precisavam de ir disfarçados. N'essa mesma occasião um rapaz meu amigo, de nome Antonio Correia, cedeu ao capitão Palla as botas que trazia calçadas, de vitela de côr, dando-lhe o mesmo sr. Palla as que trazia, que são umas botas altas que se acham ainda em poder do mesmo Correia.

«O automovel largou do sitio junto ao edificio que servia de quartel general e n'esta mesma occasião, eu e mais alguns civis estavamos comentando o caso, quando appareceu Machado Santos, perguntou o que tinha sido aquillo ao que eu e outros respondemos que os oficiaes tinham dito que iam ao Beato colher informações, respondendo Machado Santos: «Elles foram mas... foi fugir». Pediu-nos então Machado Santos que não alastrassemos o boato no acampamento da fuga dos oficiaes para não desanimar, especilamente os soldados, de resto, tudo devia chegar a bom termo, depois andou pelo acampamento a pedir aos que não tivessem armas, que se retirassem que só queria ali no acampamento gente armada. Tendo lido no relatorio do sargento Gonzaga, que o sr. tinha abraçado, confesso que não o vi abraçar. — Sempre pela verdade, dôa a quem doer. — José Garcia de Almeida — Rua do Ouro, n.º 173 4.º esq.»

E' certo porém, que a despeito da controversia estabelecida entre as proprias affirmativas do commissario naval, este se avistou antes do abandono com dois dos officiaes a ella dispostos e um dos quaes, o capitão Sá Cardoso, descreveu assim (*) o facto:

«Depois eu e o tenente de cavallaria Cabral, que pouco depois das 6 horas apparecera no campo a dar más novas, envergamos fatos á paisana que dois populares nos deram, e,

(*) «O Imparcial» de 14 de Outubro de 1910.

mettemo-nos n'um automovel que ali estava. Então Machado dos Santos acercou-se de nós, a querer convencer-nos a que ficassemos, emquanto nós queriamos convencel-o a que nos acompanhasse, para evitar uma chacina. Elle cheio de fé, de enthusiasmo, de bemdita loucura, teimou em ficar e nós partimos tristemente convencidos de que dentro em pouco a Rotunda seria um horroroso mar de sangue.»

A divergencia de citações pelos revolucionarios, se é extranhavel, é ao mesmo tempo desculpavel.

Define ella o perfeito campo de confusão que foi a Rotunda, não offerecendo uma base de analyse segura e de verdadeira fé.

De nada valeram rogativas e ameaças.

O acampamento era deixado successivamente pelos capitães Alfredo Ernesto de Sá Cardoso, José Affonso Palla, tenentes José Ricardo Pereira Cabral, Alberto da Silva Paes, Manuel Luiz dos Santos, Jayme Augusto Pinto Garcia, Alberto José Caetano Nunes Freire Quaresma, alferes Alberto Camacho Brandão.

Este voltaria mais tarde á Rotunda, ao notar que se não dera o previsto desmoronar do acampamento.

Os outros não regressaram, esquecido até o capitão José Affonso Palla, de que em manobra andava o 1.º sargento Camillo Augusto Gonzaga Pinto para concentrar um nucleo de defeza no quartel de artilharia 1.

Foi elle um dos que deixou o acampamento.

De volta, e sabida a abalada dos officiaes, ia ao quartel deixar o cavallo, encaminhando se depois para casa d'um amigo ás Amoreiras, afim de, trocando a farda pelo traje civil, se esquivar á annunciada hecatombe.

Retrocederia porém, como o alferes Camacho Brandão e vêl-o-hemos em breve, assumir com uma attitude firme o papel de accusador, nascido aliás de um incidente conflictivo com o commissario naval Machado Santos, e de uma campanha onde se negava a continuação dos seus serviços.

Ao tempo do regresso do sargento Gonzaga Pinto, que, na falta do capitão Palla, procurava o capitão Sá Cardoso, já este,

com o tenente Ricardo Pereira Cabral, fazia em automovel celere o trajecto para Villa Franca, onde, no dia seguinte, recebiam pelo dr. Anselmo Augusto da Costa Xavier, a nota, festiva e ao mesmo tempo perturbadora, de que a Republica proclamada havia sido.

O capitão Sá Cardoso, faria depois um relatorio dos seus trabalhos até ao abandono do por elle julgado perigoso acampamento.

Narrativa visando a esclarecer e, até certo ponto, deffender o procedimento dos primeiros dirigentes das forças da Rotunda, impõe-se que a Historia a archive nas suas paginas como documento precioso, que, desde 17 de Novembro de 1910, fez parte do archivo do ministerio da guerra apoz a sua entrega ao então ministro, coronel Antonio Xavier Correia Barreto:

«Porque era o mais antigo dos officiaes que tomaram parte no movimento revolucionario na madrugada de 4 de Outubro, coube-me o commando das forças insurrectas. N'esta qualidade, para que a todos possa ser feita justiça, para que os actos dos officiaes que estiveram sob o meu commando possam ser apreciados friamente e com conhecimento de causa, e para que, finalmente, haja um documento onde, officialmente, se narre e pormenorise a sequencia dos acontecimentos que se desenrolaram desde a 1 hora da madrugada de 4 até ás 9 horas da manhã do mesmo dia, julgo que me cumpre o dever de apresentar a v. ex.ª o seguinte relatorio:

«Não me referirei á fórma como se revolucionou o regimento de artilharia 1, porque, não tendo assistido a esse acto, em que teve proeminente papel o capitão Palla, a elle compete fazer essa narrativa.

«Sobre a saida do regimento de infantaria 16, tambem nada posso dizer: mas a fórma como os factos se passaram constará, por certo, do relatorio do sr. Machado Santos.

«Estando assente que o movimento se iniciaria por uma salva de 31 tiros, dada a bordo dos navios de guerra, á uma hora da madrugada, e que esta salva seria correspondida por outra de 6 tiros, dada no quartel de artilharia 1, esperava eu, á uma hora precisa, no largo do Rato, pela salva da marinha,

quando fui prevenido por um popular de que o regimento de infantaria 16 se havia já revoltado, tendo sido disparados tiros no quartel.

«Dirigi-me immediatamente para o quartel de artilharia 1, e, chegando ali, soube, por um grupo de populares occultos nas terras fronteiriças ao quartel, e com quem troquei a senha combinada, que este regimento estava tambem revoltado.

«Não pude, porém, entrar, porque o portão estava fechado, e tive de aguardar na rua a chegada de infantaria 16, que os mesmos populares me affirmaram vir já em caminho.

«Effectivamente, após poucos minutos de espera, appareceu parte de infantaria 16, trazendo á sua frente o commissario da armada Machado Santos. Desembainhei a espada, colloquei-me ao lado d'elle, e, juntos, nos dirigimos ao portão, que arrombámos, entrando de tropel no quartel.

«Emquanto o commissario Machado Santos formava a infantaria e procurava introduzir a ordem n'aquelles 100 homens que nos acompanhavam, dirigi-me eu ao capitão Mimoso, que estava de inspecção, e ao major Duque, convidando-os a adherir ao movimento. Como não accedessem ao meu convite, pedi-lhes que se retirassem, e dirigi-me para a parada, onde fui encontrar o capitão Palla em plena actividade revolucionaria.

«O capitão Palla apresentou-me o alferes Brandão, de artilharia 1, official que, não sabendo absolutamente nada do movimento revolucionario, espontaneamente adheriu á revolução e se offereceu ao capitão Palla para o acompanhar.

«Pouco depois montei a cavallo e assisti á faina revolucionaria, falando com alguns sargentos, que conhecia de antigas reuniões com elles realisadas, quando fui procurado por praças de infantaria 16, então já dispersas na parada, ao pé dos artilheiros, que me perguntaram pelos officiaes que os deviam commandar. Estes officiaes, que eram o tenente de estado maior de infantaria Garcia, os tenentes Santos e Paes, de infantaria 3 e alferes Quaresma, de infantaria 16 (*), estavam já dentro do

(*) Estes officiaes esperavam infantaria 16, no quartel de artilharia 1, porque assim se tinha combinado na reunião da rua da Esperança. — (Nota do Relatorio).

quartel; mas não o conhecendo bem, e tendo entrado pela porta da rua de Campolide, ali os fui encontrar, quando já estava quasi organisada a 1.ª bateria. Conduzi-os para junto de infantaria 16 e entreguei-lhes este regimento, depois de ter reunido todos os cabos — porque o regimento não trazia um unico sargento — e de lhes ter feito uma fala, exhortando-os á obediencia e disciplina. Aquelles officiaes reuniram os soldados de infantaria, metteram-nos em fórma e dividiram-nos em pelotões.

«Começou n'esta altura a espalhar se o boato de que a guarda municipal estava emboscada nas terras de Campolide; não impediu isto, porém, que a bateria se aprompiasse para sair. Foi-me entregue pelo capitão Palla, e n'ella se incorporou o alferes Brandão. Um pelotão de infantaria, commandado pelo tenente Garcia, e um grupo de cavalleiros, formado pelos impedidos dos officiaes, formaram na vanguarda da bateria; como guarda da rectaguarda ia um pelotão commandado pelo commissario Machado Santos. Depois de ter sido explorada a rua Marquez de Fonteira pelos cavalleiros, poz se a bateria em marcha para as Necessidades, onde devia juntar-se á columna formada por caçadores 2, infantaria 2, corpo de marinheiros e guarda fiscal de Alcantara.

«Correu sem novidade a marcha pela rua de Campolide, rua das Amoreiras, rua de S. João dos Bemcasados e rua de Campo d'Ourique.

«Ao desembocarmos na rua Ferreira Borges, prevendo a hypothese de um ataque da guarda municipal da Estrella, fez-se alto e tomaram-se as seguintes disposições: na frente uma flecha commandada por um cabo; a restante força de infantaria da guarda dividiu-se em dois grupos, marchando pelos passeios, junto das paredes, a dois de fundo, seguindo-se a artilharia.

«A meio da rua Ferreira Borges, em frente do quartel de infantaria 16, indo a columna em marcha, foi atacada pela infantaria da guarda municipal da Estrella.

«No primeiro momento, os soldados de infantaria, nunca tendo entrado em fogo, hesitaram e refugiaram-se na rua da Piedade, os conductores de artilharia apearam-se e abrigaram-se junto das parelhas, os serventes mirraram-se junto dos escudos

e a infantaria da guarda poude, impunemente, atirar sobre nós durante alguns instantes.

«Mas cobraram animo, exhortados os de infantaria pelo tenente Garcia e os de artilharia por mim, alferes Brandão e sargento Mathias, que commandava a primeira peça, e, em seguida a um pequeno tiroteio da infantaria, durante o qual se metteu uma peça em combate, rompia esta fogo, e com tres tiros de granada com bala reduzia ao silencio a infantaria da guarda.

«Cairam feridas duas muares, e, tendo-se quebrado duas lanças, fui forçado a abandonar, na rua Ferreira Borges, duas peças, que mandei inutilisar.

«O facto da guarda municipal nos esperar tranquillamente na rua Saraiva de Carvalho, quando, pelo plano formulado, ella devia ter sido impedida de sair pelos populares que lhe cercavam o quartel; o facto de a companhia, tendo podido sair do seu quartel, vir para a rua Saraiva de Carvalho, em logar de correr a defender as Necessidades; o não se ter ouvido explodir nenhuma bomba das que armavam os grupos civis, nem se sentir tiroteio para o lado das Necessidades, convenceram-me de que o movimento tinha falhado nas Necessidades, e produziram, como é natural, má impressão em nós.

«Avisado por populares de que a guarda municipal se dividira e nos esperava ás esquinas das ruas para nos fuzilar, resolvi, depois de conferenciar com o tenente Garcia e alferes Brandão, retroceder e vir encontrar-me com as forças do capitão Palla.

«Ao desembocar da rua de S. João dos Bemcasados na rua das Amoreiras encontrei as forças de artilharia e de infantaria que vinham do quartel de Campolide, e se dirigiam para o largo de S. Roque, a reunir-se á columna revoltosa formada por caçadores 5, infantaria 5 e sapadores.

«Trocadas impressões entre os officiaes, era o capitão Palla de opinião que a columna seguisse para S. Roque, ao que eu me oppunha, por estar convencido de que tinha falhado o movimento nas Necessidades e por saber que a municipal estava na rua. Apresentei então o alvitre de nos dirigirmos para a Rotun-

da (*), e, sendo acceite, tomei o commando da columna e puzemo-nos em marcha.

«A' frente, em guarda avançada, ia um pelotão de infantaria, commandada pelo commissario Machado Santos; a seguir, 9 boccas de fogo, divididas em duas baterias, commandando a 1.ª o alferes Brandão e a 2.ª o capitão Palla; ladeando a artilharia, pela esquerda, um pelotão de infantaria, commandado pelo tenente Paes e alferes Quaresma, e pela direita outro, commandado pelo tenente Garcia. A guarda da rectaguarda, formada por cêrca de 100 civis, que appareceram no quartel de artilharia, era commandada pelo tenente Santos.

«Seguia a columna pela rua das Amoreiras, quando ao chegar ao largo do Rato, foi atacada pela policia da esquadra, que sobre nós fez fogo.

«Metteu-se uma peça em combate, pois pareceu que algumas forças da guarda municipal estavam tambem no Rato, emquanto a guarda avançada, após pequeno tiroteio, encurralava a policia na esquadra e a desarmava.

«Ao mesmo tempo que isto se passava, era a cauda da columna atacada do alto de um muro, na rua das Amoreiras. O capitão Palla mandou fazer fogo á infantaria, pondo termo ao ataque, e chegou a assestar uma peça contra o muro.

«A columna seguiu depois pela rua Alexandre Herculano, em direcção á Avenida. A meio da rua, porém, produziu-se um terror panico, ainda hoje inexplicavel para mim.

«Larga fuzilaria, muitos gritos e a columna, toda desordenada, de tropel, corria vertiginosamente rua abaixo e voltava para a rua Castilho, a fugir de um inimigo que reputo imaginario.

«Debalde officiaes e sargentos tentaram ter mão n'aquella gente.

«Só pararam á esquina da rua Castilho, para a rua Braam-

(*) A posição da Rotunda foi, como se vê, accidental. Indiquei-a porque convencido de que o movimento falhára nas Necessidades, mas nada sabendo sobre a columna que devia operar no Carmo, afigurou-se me ser uma boa posição de espera. Se calculasse que de offensiva se havia de tornar em defensiva, não a teria indicado. = (Nota do Relatorio).

camp e por esta rua se seguiu depois, desordenadamente, até á Rotunda.

«Chegados ahi, incumbi o capitão Palla de organisar a defeza, pelo que se referia á artilharia, o que elle fez, mandando metter em combate boccas de fogo na rua central da Avenida.

«Entretanto, a infantaria entrava em fórma e á sua esquerda os 50 atiradores civis.

«Tive novamente de lhes dizer algumas palavras e recommendar-lhes serenidade, obediencia aos seus chefes e uma grande disciplina, para que á nossa inferioridade numerica se não juntasse a que provinha da desordem.

«Dividiu-se a infantaria — 29 filas! (*) — em pelotões que marcharam para as embocaduras das differentes ruas.

«Logo que o primeiro pelotão, commandado pelo commissario Machado Santos chegou á rua central, o capitão Palla mandou-o seguir em exploração pela rua oriental da Avenida da Liberdade. Pouco depois rompia o tiroteio por parte da guarda municipal, que avançava pela Avenida. O pelotão de Machado Santos retirou sobre a Rotunda. A infantaria e artilharia debandaram e 3 ou 4 serventes que ficaram junto da peça da rua central fizeram, sob a indicação do capitão Palla, 3 tiros que varreram a Avenida.

«A cavallaria da guarda desappareceu, mas, ao amanhecer, poude verificar-se que, a 50 metros do acampamento, estava caido, morto, um cavallo da guarda. Outros havia um pouco mais longe. Se, pois, nos demorassemos um pouco mais, eramos colhidos de surpreza, pelo esquadrão da guarda, quando estavamos procedendo á organisação das nossas forças.

«Forçoso é confessar aqui que, a seguir a este tiroteio, muitas praças de infantaria e artilharia desappareceram da Rotunda ficando os effectivos muitos reduzidos.

«Deviam ser 4 horas da manhã, quando isto se passou. Começava a raiar a claridade, quando nós principiámos a organisar a defeza das embocaduras da rua Braamcamp, avenidas

---

(*) Tinhamos saido de Campolide com pouco mais de 100 homens — (Notas do Relatorio).

Fontes Pereira de Mello, Loulé e ruas oriental e occidental da Avenida, collocando uma peça em cada uma d'ellas e guarnecendo-as com as forças de infantaria 16 que nos restavam e com alguns populares. Os atiradores civis, com outra peça, ficaram fazendo frente ás terras de Campolide, Penitenciaria, etc. Em serviço de exploração para as terras de Campolide, seguiram alguns dos impedidos que estavam a cavallo. Cêrca das 5 horas da manhã, passando uma força da municipal em S. Sebastião da Pedreira, a peça que estava em frente da Avenida Duque de Loulé fez-lhe 2 tiros.

«Organisada a defeza da Rotunda, esperámos noticias do resto das forças que nos deviam acompanhar no movimento, para então decidirmos sobre a orientação a seguir.

«Essas noticias não se fizeram esperar.

«De toda a parte o acampamento começou a ser invadido por populares, alguns, muito poucos, armados, que nos vinham dizer que infantaria 5 e caçadores 5 estavam no Rocio contra nós; lanceiros 2 e cavallaria 4 tinham saido dos quarteis e nos eram hostis; que caçadores 2 e infantaria 2 não tinham adherido ao movimento; que infantaria 1, que os elementos populares de Belem affirmavam poder reter, juntamente com cavallaria 2 e 4, nos seus quarteis, estavam a atacar, em Alcantara, os marinheiros, no quartel, unica força que comnosco cooperava na revolução; que toda a municipal tinha saido dos seus quarteis, sem ser hostilisada pelos elementos civis; finalmente, que as baterias a cavallo, que deviam adherir ao movimento ou, pelo menos, não nos hostilisár, inutilisando as suas boccas de fogo, estavam tambem contra nós.

«Das 6 para as 7 horas da manhã, appareceu no acampamento, produzindo alegria geral, o tenente Cabral, de cavallaria. Imaginou se que elle era emissario das forças revoltosas, mas breve se desfez o engano.

«O que ha? — lhe perguntei. A sua resposta não fez mais que confirmar as informações que já tinhamos, accrescentando que as communicações telephonicas com o quartel general funccionavam, que o Terreiro do Paço estava occupado pela municipal e que a marinha não desembarcára.

«Este destemido official foi, a nosso pedido, saber o que se passava no Rocio. Voltou do seu «raid», como elle lhe chamava, com as mesmas desoladoras noticias, e foi depois arranjar um automovel para mais longe se poderem colher informações. Mandámos ao «Seculo» e ao «Mundo», mas as noticias ali colhidas nada mais adeantavam.

«Durante este tempo passaram na Rotunda duas pequenas forças da guarda fiscal, que foram desarmadas, deixando-se os soldados em liberdade.

«Das 6 para as 7 horas foi preso na embocadura da avenida Fontes Pereira de Mello o 1.º tenente da armada Sepulveda (*); soltei-o em seguida, para não desviar gente a guardal-o, e deixei-o seguir.

«Foram descobertos e revistados tres policias secretas.

«N'esta altura enviei, por populares, a infantaria 5, que se disse querer unir-se aos revoltosos, dois bilhetes convidando-a a reunir-se a nós, subindo a Avenida pelo lado oriental. A resposta que me trouxeram foi que o não podiam fazer, por lh'o impedir caçadores 5, com as metralhadoras. (**)

«Na Rotunda appareceram Alvaro Pope, Arthur Cohen, visconde da Ribeira Brava, ex-tenente Coelho e muitos outros, cujos nomes não me recordo. As suas informações só vinham confirmar-me as anteriores e dizer-nos que haviam forças hostis no Rato, em S. Roque, em S. Sebastião da Pedreira, avenida Ressano Garcia, etc. O ex-tenente Coelho, avaliando a situação teve, para um dos officiaes, esta desoladora phrase: «Outro 31 de Janeiro!»

(*) Foi o sr. Machado Santos quem o prendeu.

Ao contrario do que narra o sr. 1.º tenente Sepulveda, na sua entrevista de 18 de Dezembro, com o «Correio da Manhã» eu, propositadamente não troquei com elle uma unica palavra, nem para insistir com elle para que ficasse, nem para invocar uma amisade que de ha muito tinha deixado de existir. = (Nota do Relatorio).

(**) Não mencionei no relatorio um bilhete que me pediram para o quartel dos marinheiros, porque me não recordava, e ainda hoje me não recordo, de o ter escripto; não posso, comtudo, contestar o facto. O que contesto, — e isto é importante — é que á Rotunda chegassem outras noticias sobre o quartel dos marinheiros que não fossem as de que os marinheiros tinham sido atacados por infantaria 1 e cavallaria 2 e 4, e que estavam cercados no quartel, por estas forças e por caçadores 2, infantaria 2 e guarda municipal. = (Nota do Relatorio).

«Ia correndo o tempo, o desanimo começava a invadir-me; esperava, comtudo, muito da força de marinha, uns 600 homens, que deviam desembarcar, devidamente commandados, em Santos, no Arsenal ou no Terreiro do Paço. Conjugando as nossas forças com as d'elles, apertando as forças estacionadas no Rocio, entre dois fogos, facilmente as submetteriamos e dariamos as mãos á armada, formando-se uma columna com cerca de 700 homens de infantaria e nove peças, força já respeitavel pelo numero e pelo effeito moral que a artilharia, como se vira nos dois anteriores recontros, produzira.

«Estas minhas impressões, mixto de desanimo e de esperança, foram communicadas aos nove officiaes revolucionarios e a um alferes de artilharia, Cortez dos Santos, destemido rapaz, que ali appareceu a saber noticias do pae, preso no quartel de artilharia. Fui eu quem, mais tarde, como elle quizesse ficar comnosco, o aconselhou a que se retirasse, porque o movimento estava perdido.

«Todos nós, com excepção de Machado Santos, estavamos abalados e sem fé. Eu, mais do que qualquer outro, o que não admira, pois fui para o movimento no cumprimento de um dever, mas completamente convencido de que elle não vingava. (*)

(*) Era intenção minha narrar os differentes trabalhos revolucionarios em que entrei desde a preparação do movimento de 31 de Janeiro até ao 5 de Outubro; contar qual foi a acção da loja maçonica Portugal; como se prepararam os movimentos de 1896 e o de 28 de Janeiro; descrever alguns casos sérios e outros comicos em que por vezes eu e camaradas meus nos vimos envolvidos; e, finalmente, trazer para a publicidade nomes em que ninguem fala, mas que, comtudo, muito contribuiram para se chegar até á implantação da Republica em Portugal.

Sou, porém, obrigado a mudar de opinião, porque, se tal fizesse, teria de falar de mim, o que é contra o meu costume, e pareceria, n'este momento, uma valorisação da minha pessoa, e teria tambem de coordenar e colligir apontamentos e de consultar amigos e camaradas, para o que me não sobra o tempo.

Limitar me-hei, portanto, a dizer que, á grande maioria dos officiaes que entraram no movimento de 5 de Outubro, fui eu, improvisado em chefe revolucionario por Candido dos Reis, quem lhes recebeu a apresentação para o movimento de 28 de Janeiro. Desde que estes officiaes, trazidos por mim e por Julio de Moura, em quem ainda não ouvi falar, tomavam parte no movimento, eu, embora convencido de que o movimento não vingava, não podia deixar de os acompanhar. Tinha este dever.

A minha descrença no resultado do movimento provinha da ordem de prevenção dada ás tropas.

Sempre se pensou que, em taes circumstancias, os regimentos, mesmo

«Esperavamos, comtudo, com anciedade noticias da marinha. A's 8 horas chegavam essas almejadas noticias, que deviam acabar de anniquillar toda a nossa energia: A marinha não podia desembarcar, porque lh'o impediam a guarda municipal no Terreiro do Paço e as metralhadoras de caçadores 5 postadas ás embocaduras das ruas do Ouro e Augusta; o «D. Carlos» não adherira ao movimento: os restantes navios seguiam rio abaixo; os marinheiros que se achavam em terra estavam-se apresentando no Arsenal, onde eram desarmados; e, por ultimo, a marinha ia enviar um «ultimatum» á terra, bombardeando em seguida a cidade e mettendo depois os navios a pique.

«A partir d'este momento não vi probabilidades de exito, antes me pareceu que o movimento estava irremediavelmente perdido. Convoquei o conselho de officiaes, a que não assistiu o commissario Machado Santos. (*) Estava todo entregue á defeza do sector Fontes Pereira de Mello e não veiu.

«Ao conselho expuz a situação, pouco mais ou menos, n'estes termos: «Somos cerca de 200 homens (**) entre militares e civis armados; temos contra nós todos os corpos da guarnição, guarda municipal e fiscal; a nossa posição, boa para emprehender a offensiva, está, tendo de nos manter na defensiva, dominada pelas alturas da Graça, Monte, Penha, Thorel, S. Pedro de Alcantara e Penitenciaria (***), que, em breve, estarão occupadas pelas peças das baterias a cavallo; pela disposição das for-

---

com bastantes officiaes, como succedera em 28 de Janeiro, não se podiam revoltar.

A força das circumstancias impôz o movimento. Eu fui mandado para artilharia 1, o que me não estava destinado, mas depois, resolvido o movimento, antes de sair da reunião da Esperança, declarei ao almirante e aos officiaes e civis que ainda ali estavam que sahia com elles, mas absolutamente convencido de que o movimento fracassava, porque os officiaes não conseguiam revoltar os regimentos.=(Nota do Relatorio)

(*) Ignoro porque não compareceu o sr. Machado Santos. Mandei-o avisar, mas é possivel que não recebesse o aviso. O conselho levou bastante tempo primeiro que pudesse reunir; quando estavam uns officiaes faltavam outros.=(Nota do Relatorio).=(Nota do Relatori).

(**) N'esta altura, não devia haver mais do que 50 homens de infantaria e outros tantos de artilharia. Muitas parelhas estavam abandonadas e algumas peças guarnecidas por um só artilheiro servente.

(***) Alem d'estas alturas, outras ha, como o Carmo, Castello, Rilhafolles e Monsanto. = (Nota do Relatorio).

ças inimigas, de que temos conhecimento, desenha-se um movimento envolvente e a dar-se, como é de prever, um ataque simultaneo, não ha possibilidade de resistencia.» Em seguida, a começar pelo official mais moderno, todos concordaram em que a resistencia era impossivel e que não deviamos assumir a responsabilidade de tentar a resistencia, condemnando, sem direito para o fazer, a uma morte certa todos aquelles soldados que para ali tinhamos trazido. Resolveu-se aconselhar as praças a que retirassem para os seus quarteis, e que nós, officiaes, como principaes responsaveis, não podendo esperar quartel da monarchia, retirassemos do campo, conforme pudessemos.

«Fui eu quem communicou a alguns sargentos, talvez seis, estas resoluções, que por elles foram acceites, nada me objectando.

«Um d'elles, ignoro qual, ainda me perguntou, com as lagrimas nos olhos: «Está tudo perdido?» «Está», lhe respondi, e n'elles e em nós transparecia a magua de vêr perder um movimento bem preparado e que tinha sido iniciado por todos com tanta decisão e energia.

«Em seguida, absolutamente convencidos de que as forças desmoralisadas, como estavam, retirariam para os quarteis, com os sargentos, os officiaes foram saindo do acampamento, e, por fim, cêrca das 9 horas, dispunhamo-nos, eu e o tenente Cabral, a abandonar a Rotunda, quando de nós se acercou, acompanhado, salvo erro, por um official de marinha, o commissario Machado Santos, e comnosco instou para que ficassemos. Por nossa parte quizemos mostrar-lhe as responsabilidades em que incorria, levando aquellas diminutas forças ao combate, sem nenhuma probabilidade de exito.

«Não nos ouviu, felizmente, o commissario, e, sem medir as terriveis consequencias da sua pertinacia, se acaso fosse vencido, disse-nos que ficava, e ficou. (*)

(*) Foi bom ou mau que o sr. Machado Santos não tivesse assistido ao conselho?

Se, ouvindo a nossa exposição, a refutasse e persistisse em ficar, pena foi que não estivesse presente; mas, se era susceptivel de ter tambem um momento de desanimo, então melhor foi não assistisse.=(Nota do Relatorio).

«Nós partimos a caminho do exilio ou do suicidio se não conseguissemos alcançar a fronteira, convencidos de que o commissario Machado Santos ficaria só ou assumiria, se tivesse quem o acompanhasse, a enorme responsabilidade da chacina de toda aquella gente.

«Que côro de maldições cairia sobre elle, se tivesse perdido!?

«Mas o commissario encontrou outros sargentos e não aquelles com quem eu falára, que reuniram o seu esforço ao d'elle, ao dos soldados e ao dos civis que foram chegando ao acampamento, formando-se essa legião que triumphou de forças bastantes vezes superiores em numero.

«Aqui lhes presto, a todos, a devida homenagem.

«Antes de encerrar este relatorio, julgo dever dizer as razões por que, em meu entender, falharam, em grande parte, as combinações para a sublevação.

«E' sabido que os corpos, devido á morte do dr. Bombarda, estavam de prevenção. Esta circumstancia, só por si, difficultou o movimento, mas veiu juntar-se-lhe uma outra que, por completo, impossibilitou a revolta dos differentes regimentos. Infantaria 16 e os elementos civis que a acompanharam, não esperaram pelo signal para se revoltar; anteciparam-se, e este facto, communicado para o quartel general, foi logo transmittido para a guarda municipal e differentes regimentos, de fórma que nem os elementos civis chegaram a tempo de impedir a saida dos dos quarteis á guarda municipal, nem tão pouco puderam ajudar a sublevar os regimentos, onde os officiaes monarchicos, prevenidos a tempo, tinham tomado as suas precauções.

«Só artilharia 1 poude sair d'esta difficuldade, porque o capitão Palla, ouvindo as campainhas do telephone a tocar desordenadamente, não hesitou um momento, e, sem esperar tambem pelo signal de bordo, levantou o grito insurreccional. Teve a coadjuval-o, justo é dizel-o, um grupo de sargentos destemidos e arrojados e o grupo civil que estava escondido no quartel.

«O movimento, felizmente, contra a nossa espectativa, vingou.

«Mas quem poderia suppôr que o inimigo permanecesse

inactivo durante horas, deixando enfraquecer o moral das suas tropas?

«Quem poderia suppôr, na nossa situação, que um ataque envolvente e simultaneo se não realisaria?

«Quem poderia suppôr que as baterias de Queluz, em obediencia a um plano de ataque á Rotunda, tivessem de occupar uma posição em que ficavam sujeitas a cruzamento de fogos?

«Quem poderia calcular que o ataque d'estas baterias contra a Rotunda seria feito isoladamente?

«Se ordens acertadas e energicas tivessem emanado de quem podia dal-as, se se houvesse aproveitado as primeiras horas da madrugada, quando as forças estavam ainda subjugadas pelos officiaes, para se cercar e atacar os revoltosos, estes seriam irremediavente anniquillados. (*)

«Quem, com verdade, desapaixonadamente, poderá achar illogicas estas illações?

«Felizmente, nada d'isto se deu e fomos nós quem errou por não contarmos que uma monarchia, que nos ultimos annos tinha vivido quasi sem homens e sem ideas, assim devia acabar.

«Não sei qual será a opinião que o governo provisorio da Republica, v. ex.ª, os meus camaradas e a opinião publica formarão de nós.

«Confio em que, acalmadas as paixões, sabendo se bem como os factos se passaram, a historia serena, imparcial e fria a todos fará justiça.

«Dispensavel seria, portanto, apresentar a v. ex.ª os differentes officiaes que estiveram sob o meu commando, mas apresento-os porque julgo um dever de todos os chefes, embora por pouco tempo exercendo tal logar, bem esclarecer quem tenha de jul-

---

(*) Que se teria passado na manhã de 4, se, precedendo um ataque envolvente á Rotunda, as peças do grupo a cavallo tivessem occupado algumas das alturas e metralhado d'ahi, a coberto, os revolucionarios da Rotunda?

Pode fazer se uma idéa approximada, sabendo-se que, quando na madrugada de 5, uma peça do grupo tomou posição no Thorel, a artilharia dos revolucionarios, entao em posição no alto do Parque Eduardo VII, não podendo descortinar d'onde vinham os projecteis com que estava sendo batida, fez fogo para o Castello, para o Thorel, para S. Pedro de Alcantara e para o Carmo.=Vide «A Democracia», de 28 de novembro.=(Nota do Relatorio).

gar actos praticados por aquelles que tenham servido ás ordens d'esses chefes.

«Capitão de artilharia José Affonso Palla. — Unico official revolucionario de artilharia 1, arcou com toda a corporação, que era abertamente hostil ao movimento, revoltou o regimento e deu á revolução elementos sem os quaes nem possivel seria iniciar a lucta.

«Alferes de artilharia 1 Alberto Camacho Brandão. — Desconhecia por completo os trabalhos revolucionarios, mas sendo um convicto republicano, expontanea e resolutamente nos acompanhou, sem inquirir dos elementos de que dispunhamos nem d'aquillo com que contavamos.

«Tenente do estado-maior de infantaria Jayme Augusto Pinto Garcia. — Já sabia, por experiencia de 28 de Janeiro, quanto custa o fracasso d'um movimento revolucionario. Comprometteu-se a vir e lá esteve acompanhando as forças até á resolução do conselho dos officiaes. Entrou em fogo na rua Ferreira Borges e ninguem o viu furtar o corpo ás balas da municipal.

«Tenente de cavallaria José Ricardo Pereira Cabral. — Appareceu na Rotunda ás 6 e meia da manhã, quando já sabia que nenhuma força do exercito tinha adherido. Podia ter ido apresentar-se, tranquillamente, ao quartel general, mas preferiu compartilhar da sorte dos revoltosos.

«Tenentes de infantaria 3 Alberto da Silva Paes e Manuel Luiz dos Santos. — O primeiro tinha vindo a Lisboa para inquirir dos acontecimentos e o segundo fôra chamado por telegramma a Lisboa, a tomar parte no movimento. Se a coragem lhes não sobrasse, podiam não ter comparecido, e bem facil lhes era mesmo com o movimento triumphante, explicar a sua ausencia; mas não, compareceram, cheios de fé e enthusiasmo, no quartel de artilharia 1.

«Um d'estes, officiaes, o tenente Paes, e cavalleiro da Torre e Espada, como é cavalleiro e official da mesma ordem, o

«Alferes de infantaria 16 Alberto José Caetano Nunes Freireire Quaresma, que egualmente compareceu no movimento. Ambos elles conquistaram aquellas distincções em combates, nas

plagas africanas, e d'outro attestado não precisam para garantir-lhes a valentia.

«Todos esses officiaes, unicos que com o commissario Machado Santos compareceram nos quarteis e arrastaram para a rua as forças insurrectas, foram escravos da sua palavra. Sem a sua audaciosa intervenção inicial, sobretudo a do capitão Palla, a Republica seria impossivel.

«Comparecendo no movimento, arriscaram logo a sua posição e todos expuzeram, sem temor, a vida nos pequenos recontros em que entraram.

CAPITÃO JOSÉ AFFONSO PALLA

«Sem receberem uma unica noticia official sobre o que se passava fóra do acampamento, só aconselharam as tropas a recolher a quarteis e retiraram da Avenida após cinco estiolantes horas de inacção e de duvida durante as quaes as deserções nas forças da Rotunda eram consecutivas.

«Resolveram não levar á morte, que se lhe afigurou certa e improficua, esses homens que por elles tinham sido trazidos para a Revolução.

«Lastimam-se, em face dos resultados, da resolução que tomaram, mas não se arrependem de a terem tomado. A'manhã, em identicas circumstáncias, procederiam de egual fórma.

«Não vacillaram emquanto tiveram que combater, mas, quando tudo levava a crêr que o movimento estava irremediavelmente perdido, por não haver elementos de resistencia, tiveram elles e eu um justificado desanimo, como o tiveram quasi todos os elementos civis e militares que entraram no movimento, como teve esse saudoso e prestigioso chefe, alma do movimento, o grande amigo almirante Candido dos Reis. — Alfredo Ernesto de Sá Cardoso, capitão de artilharia.»

Archivemos egualmente aqui a descripção dos factos da manhã de 4, pelo capitão José Affonso Palla:

«Quando amanheceu, chegou-nos a triste noticia de que todos os regimentos da guarnição, com os quaes contavamos, nos procuravam atacar, estando já as metralhadoras de caçadores postadas no fim da Avenida. Não perdi a esperança, porque contava ainda com a marinha, que tinha a certeza nos seria fiel, e quando o capitão Sá Cardoso me participou que estavamos trahidos em toda a linha, animei-o, dizendo:

« — Tenha esperança, porque segundo o plano combinado, a marinha deve desembarcar no Terreiro do Paço, uns 1:200 homens com algumas metralhadoras, e então elles de baixo e nós de cima, mettemos as tropas fieis ao regimen entre dois fogos».

«D'ahi a pouco, Sá Cardoso voltava a dizer-me que estava tudo perdido e que ia fazer saltar os miolos, porque as noticias que chegavam eram cada vez mais aterradoras. Das 6 horas e meia para as 7 chegou ao acampamento o tenente de cavallaria Cabral, que vinha da Escola do Exercito, dizendo-nos que os alumnos não tinham podido sahir. Pedi-lhe que fosse colher informações e elle marchou, seguido de dois homens armados, a verificar quaes as forças que estacionavam no Rocio. Voltou, informando-me que caçadores 5, infantaria 5, a guarda fiscal e uma grande força da guarda municipal estavam ali acampadas em attitude hostil aos revolucionarios. Mais tarde chegou o tenente Poppe, encarregado de trazer engenharia, dizendo que esta não se tinha revoltado. Mandámos depois atiradores civis ás

redacções do «Seculo» e do «Mundo», a saber noticias que elles não conseguiram obter. Continuei esperançado no auxilio da marinha, pedindo ao Sá Cardoso que teimava em reunir o conselho de officiaes, que não desanimasse.

«Estava tambem combinado que ao serviço dos revoltosos, para a transmissão de ordens e informações, andariam uns vinte automoveis, mas, até então, nenhum tinha apparecido. Só mais tarde chegou em automovel o sr. visconde da Ribeira Brava, dizendo-nos nada saber ácêrca do resto dos revoltosos, porque a guarda municipal o não deixára passar. Varios elementos civis, que mandámos em reconhecimentos, trouxeram-nos a má nova de que caçadores 2 e infantaria 2, tambem nos tinham trahido, bem como cavallaria 4, que julgavamos do nosso lado. A's 8 horas informaram-nos que o «S. Raphael» e o «Adamastor» tinham tentado desembarcar forças no Terreiro do Paço, sendo essas forças repellidas pelos regimentos de caçadores 5 e infantaria 5, que lhes fizeram frente com as metralhadoras, seguindo então aquelles navios rio abaixo.

«Disseram-nos tambem que o «D. Carlos» tinha arvorado a bandeira monarchica e que no arsenal estavam desarmando os marinheiros que ali se iam apresentar. A artilharia de Queluz, onde contavam com um nucleo de sargentos revolucionarios, tambem se dizia que não tinha adherido e marchava sobre nós. Quasi toda a guarnição — infantaria 1, 2 e 5, caçadores 2 e 5, cavallaria 2 e 4, guarda municipal e guarda fiscal — e até a propria marinha, a mais revolucionaria, nos abandonava. Que fazer?

«Desalentado, encarei a situação. No acampamento havia pouca gente, uns cincoenta atiradores civis e alguns poucos militares, porque a maioria tinha desapparecido. Durante trez ou quatro horas esteve o acampamento mergulhado no mais profundo silencio, não tendo recebido o mais pequeno ataque. De onde conclui que as forças que nos tinham trahido procuravam cercar-nos. Passado algum tempo, o capitão Sá Cardoso apresenta-me o grande revolucionario de 31 de Janeiro, hoje major Coelho, que ali apparecera, a quem eu não conhecia. Trocados reciprocos cumprimentos, expuz-lhe a situação critica em que

nos encontravamos, ao que elle retorquiu que nada havia a esperar, accrescentando:

« — Ah! se tivessem adoptado o meu plano, a esta hora dez ou doze mil homens estariam armados nos arsenaes e a revolução triumpharia. Mas nem essa esperança me resta.

«Então disse ao Sá Cardoso que podia reunir o conselho de officiaes, para se apreciar e resolver a situação e o que havia a fazer. Reunido o conselho, Sá Cardoso expoz as más noticias que de toda a parte nos tinham chegado, das quaes se conhecia que não tinhamos ao nosso lado unidade militar alguma da guarnição, e que a propria marinha nos não podia soccorrer. O official menos graduado, o primeiro a falar, expendeu a opinião de que era necessario abandonar o campo. Todos os outros officiaes, em numero de nove, foram unanimes n'essa resolução. Sómente Machado Santos não assistiu a este conselho, constando-me porém que Sá Cardoso o puzera ao facto do que ali se passára. Convencido de que estava tudo perdido e que a ideia porque ha tantos annos trabalhava denodada e porfiadamente, ainda d'esta vez não conseguia vingar, saí do acampamento, acampanhado pelos outros officiaes, eram 9 horas da manhã.»

A fuga teve pois a impulsional-a a descrença.

Os officiaes lá foram, de abalada, sem sequer volver a esse grupo de, por elles, presumidos sacrificados, um olhar saudoso e de favor.

A Rotunda era portanto deixada pelos agaloados como horas depois, pela tarde, o quartel de marinheiros era egualmente abandonado.

Apresentado foi assim um duplo ponto vulneravel da Revolução.

A monarchia não os viu.

Rodeada, em maioria, ou de desafiectos ou de indifferentes, bastou, para interceptar á sua visão esses abysmos cavados aos pés da revolta, que os envolvesse a neblina subtil de uma esperança de fraterno abraço.

A esperança é todavia a «gemini» da desillusão.

XIII

Analyse da fuga.=Começo da supremacia de Machado Santos.=O capitão Affonso Palla e os revolucionarios civis. = Um incidente parlamentar.=Scenario de desorientação.=Os premios de apoz victoria

Larga distancia collocou entre si e a Rotunda a officialidade que até áquelle posto de rebeldia soubera conduzir a peonagem e a soldadesca.

Sonharam deixar indecisos e continuadores da obra desmoralisante, quebradora da energia revolucionaria.

Foi erro.

Ficavam almas vibrantes de enthusiasmo, vergando por vezes, mas rejuvenescendo logo em vislumbres de coragem.

Alguns populares seguiram o exemplo da officialidade.

O chefe revolucionario, o commerciante João de Moraes Carvella, entregando a carabina e respectivas munições, a um atirador civil, que estava desarmado, retirava convencido do mallogro.

O resto ficou, quando o contrario se esperava.

Tiveram depois os foragidos da Rotunda essa desillusão forte.

E para a ter assim melhor fôra, talvez, para esses officiaes, effectuando uma fuga ante as vistas desdenhosas ou ameaçadoras dos civis — que entrave a serio lhes tivessem opposto as tropas na sahida matutina.

Seria um mallogrado passo, e não uma audacia terminada em deserção.

E' certo que, arguida a força publica de não haver assumido uma firme attitude de defeza á monarchia, não podiam os revoltosos allegar uma derrota.

Esse turbilhão de incertezas e de desesperos, esclareceu-o depois o capitão Sá Cardoso, n'uma phrase do seu relatorio, onde vae quasi directamente um golpe formidavel a quantos de posse estavam do encargo de velar pelas instituições monarchicas:

«Mas quem poderia suppor que o inimigo permanecesse inactivo durante horas, deixando enfraquecer o moral das suas tropas?...»

Evidentemente, e a despeito dos quadros de plena adhesão do exercito, exposto nas reuniões revolucionarias, á attitude dos regimentos, formando em boa ordem, não se ligou qualquer ideia de inactividade.

A marcha contra a revolução, teria sido a ruina d'esta, vencida mais ainda pela força das hypotheses do que por um exacto fixar da acção.

Porém, se os officiaes não tiveram a intuição de um simulacro de hostilidade, embora executada, se a boa sorte pelos sediciosos não olhasse, — Machado Santos, orientado por outras informações, não deixou esmorecer de todo a confiança na indisciplina propagada entre a soldadesca.

Isso o conduziu a tentar oppôr-se ao abandono do acampamento pelo capitão Sá Cardoso e tenente Cabral.

Nada obteve, mas ficou.

Comtudo, o febril desenrolar dos acontecimentos, não lhe deu, desde logo, a exacta nocção da responsabilidade.

Foi ao vêr-se sem alguem que, acima d'elle a assumisse, ao reconhecer-se chefe de toda a engrenagem revolucionaria na Rotunda, que percebeu o arriscado lance para onde se havia propriamente arremessado, negando-se a acompanhar a fuga dos outros.

Era a sorte, a sorridente fortuna, aquella que Antonio Vieira, o padre jesuita, profundo conhecedor da humana constituição, definiu assim: (*)

(*) Padre Antonio Vieira = Sermões=Tomo VIII — Pagina 4.

«Variamente pintárão os antigos a que elles chamárão «fortuna». Uns lhes posérão na mão o mundo, outros uma cornucopia, outros um leme; uns a formárão de ouro, outros de vidro, e todos a fizerão cega, todos em figura de mulher, todos com azas nos pés, e os pés sobre uma roda. Em muitas cousas errárão como gentios, em outras acertárão como experimentados e prudentes. Errárão no nome de «fortuna» (de «fors») que significa caso, ou fado; errárão na cegueira dos olhos, errárão nas insignias, e poderes das mãos; porque o governo do mundo, significado no leme, e a destribuição de todas as cousas, significada na cornucopia, pertence somente á Providencia Divina, a qual não cegamente ou com os olhos tapados, mas com a perspicacia de sua sabedoria, e com a balança de sua justiça na mão, é a que reparte a cada um e a todos o que para os fins da mesma providencia com altissimo conselho tem ordenado e disposto. Acertárão porém os mesmos gentios na figura que lhe dérão de mulher pela inconstancia; nas azas dos pés pela velocidade com que se muda, e sobre tudo em lh'os pôrem sobre uma roda; porque nem no prospero, nem no adverso, e muito menos no prospero teve jámais firmeza.»

Por todos esses lances que a phrase magistral do grande portuguez descreveu, passaria Machado Santos.

Iria da crença á descrença, da alegria ao receio e do receio a firmar-se sobre a roda da fortuna, colhida no fogaz momento da estabilidade...

De instante pois, a sorte reteve ali aquelle que mais tarde maldiria esse fim de aventura.

Todavia, nos instantes que immediatamente se seguiram á fuga, as allegações que a elle haviam dado origem, representaram-se nitidas no pensamento de Machado Santos, n'uma crise dolorosa.

Elle o descreve: (*)

«Cheguei a pensar no suicidio; mas a ideia de que os pobres soldados de infantaria 16 que se tinham revoltado, cau-

(*) «A Revolução Portugueza» — Relatorio de Machado Santos = Pagina 72.

sando a morte a um coronel e a um capitão com o tiroteio na parada, chamou-me á responsabilidade da minha situação e fez-me pensar que a todo o tempo era tempo de liquidar a existencia; em quanto houvesse alguem que se collocasse em torno de mim havia de resistir; seria a repetição do ultimo quadrado de Waterloo.

«A um clarim dedicadissimo, que nunca me abandonou, dei ordem de tocar a sargentos. «Appareceram-me 9». Era o que restava para commando!»

Essa tensão espiritual, levaria talvez Machado Santos, a desculpar a fraqueza de animo dos officiaes, se bem que na hora em que ella se patenteou, a concentrada raiva se lhe traduzisse em apostrophes violentas.

Vejamos n'essa parte de desculpa ao acto dos officiaes, que todavia serviu para a gloria de Machado Santos, o relatorio (*) do official de marinha:

«Não quero ir mais alem sem fazer aos meus camaradas a devida justiça.

«Republicanos dedicadissimos de ha longos annos, vendo uma organisação forte e que julgavam invencivel, contavam que toda a officialidade compromettida cumprisse o seu dever; imaginavam que não se lhes exigindo o impossivel, occupassem os postos que voluntariamente tinham acceitado; infelizmente não succedeu assim e, em vez d'um movimento victorioso, viam uma pequena columna completamente cercada por toda a guarnição de Lisboa!

«N'estas condições, quem não tivesse as tremendas responsabidades que pesavam sobre mim, fazia o mesmo que fizeram os meus camaradas. O que se passava no resto da cidade? E os marinheiros a bordo ter-se-hiam visto forçados a algum sacrificio doloroso?

«Esta lembrança obrigou-me a tudo arriscar para salvar de uma hecatombe os meus desgraçados companheiros e para não

---

(**) «A Revolução Portugueza» = Relatorio de Machado Santos — Pagina 73.

COMITÉ REVOLUCIONARIO DA MARINHA

1.º plano, da esquerda para a direita: Dr. Vasconcellos e Sá, 2.º tenente Sousa Dias, 1.º tenente Antonio Ladislau Parreira, 2.º tenente Tito de Moraes, commissario naval Costa Gomes.—2.º plano: 2.º tenente Mendes Cabeçadas, commissario naval Marianno Martins, 1.º tenente João Fiel Stockler, 2.º tenente José Carlos da Maia, 2.º tenente Silva Araujo

sobrecarregar a consciencia com as victimas que a minha propaganda arrastára á perdição.

«O desalento foi rapido e durou apenas alguns segundos; ninguem como eu poderia ter esperança nos soldados que enfileiravam do lado do inimigo: esses soldados em sabendo que era Machado Santos que tinham pela frente, não só nos não hostilisariam muito, como haviam de debandar aos primeiros tiros.

«Esta convicção só a podia ter quem directamente houvesse tratado com elles; esta convicção só a podia ter quem com elles andára todas as noites, durante anno e meio, sem affrouxar um só momento e percebendo em todos o mesmo enthusiasmo.

«Por isso o desalento nos meus camaradas é perfeitamente comprehensivel; e o seu procedimento humano, não desejando promover em Lisboa uma chacina, convencidos como estavam da perda da nossa causa, obriga todos a olharem com o devido respeito aquelles que tentaram regenerar a sua Patria e para isso fizeram patrioticos e dedicados esforços.

. . . .

«Quando os dirigentes do partido consideravam tudo perdido, como o não haviam de considerar tambem um punhado de officiaes, vendo se forçados a pôr de parte completamente o plano combinado, tomadas como estavam pelo inimigo as posições que os revoltosos deviam occupar? Era impossivel, com os avisos recebidos de fóra, conservar a esperança na victoria.»

Mais tarde ainda, Machado Santos, reiterava (*) esse pensamento, procurando collocar em logar justo, a figura do capitão Sá Cardoso:

«O major Sá Cardoso, um dos mais antigos companheiros de Carlos Candido dos Reis em trabalhos revolucionarios, senão o mais antigo de todos, n'um jornal comemorativo do 4 de Outubro que hontem se publicou, disse que apezar da Republica se encontrar victoriosa, elle se considerava um vencido.

«Não tem o illustre official motivo algum que justifique a sua frase.

(*) «O Intransigente» de 4 de Outubro de 1912.

«Tendo feito parte, até ao «28 de Janeiro» do comité de officiaes presidido pelo chorado almirante, e tendo portanto assistido ao fracasso d'um grande numero de movimentos projetados, por culpa d'outros, não sua, de estranhar seria que s. ex.ª sem ter tomado parte ativa nos trabalhos da ultima organização revolucionaria do partido republicano, tivesse a crença dos novos que ainda não tinham passado por crueis desilusões, quando o proprio Candido dos Reis entendeu, por julgar tudo perdido, que só lhe restava o recurso de liquidar com uma bala a sua preciosa existencia.

«Ha homens a quem um momento de desanimo não póde macular, ao de leve que seja, a sua vida de abnegação e sacrificio.

«Essa luta tenaz, constante, que em defeza de uma causa nobre o sr. major Sá Cardoso sustentou durante anos, tornam-no credor do nosso respeito e simpatia, dá-lhe o direito de erguer altivamente a cabeça e de compartilhar com todos os seus companheiros d'armas dos louros da vitória.

«Mesmo no caso de s ex.ª pensar como nós, de que a Republica não é ainda como nós a idealisámos, não é razão para se considerar um vencido, mas sim um combatente que envida o maximo do seu exforço para melhorar a sua propria obra.»

Tinha seguro appoio a opinião.

Os capitães Affonso Palla e Sá Cardoso, foram sem duvida o incentivo poderoso da revolta.

Levados pela febre de uma esperança ou pelo receio de que recuando, em duvida fossem postas as suas convicções, não hesitaram no instante em que conveio proceder.

O acto da sahida de artilharia 1, na madrugada de 4, foi, evidentemente, uma sobreexcitação espiritual.

Comprova-o o desordenamento das marchas que todavia conduziu a um conjuncto de pequenas victorias, ganhas mercê de audacia e ainda da obsecção impressionista do imprevisto.

Comtudo, esse atuidimento teve o seu quê de valoroso, e não conseguiu desmanchal-o em absoluto, o intuito de fuga, ao choque de reflexão, como inevitavel consequencia da torturante espectativa de horas, sem que um auxilio fomentasse esperanças ou um ataque distrahisse attenções.

Resultante d'essa espera de angustia, a barricada da Rotunda, desconstituiu-se, insensivelmente, do seu aguerrido e jubiloso aspecto da primitiva.

Aos deffensores monarchicos deu o acaso essa inercia de momento, para que ella servisse ao desmantellar do foco rebelde cavando-lhe uma semi-ruina que elles poderiam aproveitar habeis.

O meio era convencional e o destino, se por um lado facultou accessos a uma acção de ganho pelas tropas, de presumpção affectas á realeza, desviou-lhes as attenções para o vislumbre d'uma epopéa d'ouro pela democracia e, talhando o evadir d'um rei, isolou-o d'um nucleo de sombras lealistas, como libertando-as para que procedessem eivadas d'esse exemplo.

O evolar dos officiaes da Rotunda, sob a intuição de que ali era o perigo e sacrificio sem preito a rejubilos futuros, segnifica o desenrolar constante d'um desmoronar de convicções que não o symptoma flagrante d'uma nata cobardia.

Os capitães José Affonso Palla e Sá Cardoso, não haviam exitado em cumprir a promessa de iniciar a revolta.

. O risco começou no instante em que a sedição teve o grito proclamador da republica.

De todo pois se lhes não póde negar encorajamento.

De outros fallava alto o seu passado de luctas.

Um d'elles era o alferes de infantaria 16, Alberto José Caetano Nunes Freire Quaresma.

O sertão da Africa, lhe assignalou os feitos, a ponto de, pelas campanhas de 1907 no sul de Angola, ter o seu nome incluido na ordem n.º 24, publicada na «Collecção das Ordens do Exercito do anno de 1910» (Parte não official) — «Lisboa — 1910», pagina 307, como louvado «pela notavel serenidade e valor como conduziu o seu pelotão na difficil marcha de regresso, no combate de 7 de Setembro.»

Era então alferes da 1.ª companhia europea de infantaria de Angola e pelos combates em terras inhospitas, lhe fôram collocadas ao peito as insignias dos graus de cavalleiro e official da Ordem da Torre e Espada, inherente ao «Valor, Lealdade e Merito.»

Outro, fôra tambem notavel na guerra contra os Cuamatos. Era o tenente Alberto da Silva Paes.

Este, fazendo então parte como tenente da 10.ª companhia indigena de infantaria de Moçambique, tivera pela mesma ordem n.º 24 o louvor «pela coragem com que supportou o fogo, sempre de pé junto da metralhadora e pelo modo como dirigiu o funccionamento d'esta».

Deve-se estabelecer assim uma correlação entre a revolta e a fuga.

A nevrose que conduziu ao encetar agitado da acção bellica, foi a nevrose disfarçada talvez em endemica desesperança, que conduziu ao remate inglorio do abandonar do campo, na justa hora fixada para os virtuaes abalos da corôa mal deffendida.

No fim, e como base de ignota intenção, patentear-se-hia a Providencia decretando o abater de uns, os que de roldão marchavam á ventura, a caminho da fuga, apoz de roldão ter enveredado pelo caminho da victoria, — para enfeixar em grinaldas de louro, do louro dedicado aos heroes, quem de momento, fruia a simples subalternidade d'um feito de rebeldia: Machado Santos.

Se este, nos primeiros momentos da revolução, teve para com esse alijar de responsabilidades em hora de perigo, um evidente desenfado, com origem, talvez na situação de suprema preponderancia que a fuga dos officiaes lhe creou, já um d'elles o capitão José Affonso Palla, e contrariamente á attitude serena dos outros, não hesitou em, mais tarde, ante o parlamento, erguer a voz expondo a negação de existencia de revolucionarios civis.

Para incidente serviu esse discurso, logo notabilisado pelos successos a que deu origem.

Entrando em discussão (*) dois pareceres para reconhecimento da authenticidade de dois revolucionarios, pelos senadores José Martins Cardoso e dr. João de Freitas, foi posta em destaque, a conveniencia de entravar o apparecimento de novas petições.

(*) 21 de Janeiro de 1912.

Como base se apresentou a insufficiencia de provas de serviços prestados á revolta e o crescido numero de peticionarios, «pela generosidade excessiva com que o parlamento acolhera pedidos d'aquella natureza.»

Constituiram essas declarações o incentivo para as phrases (*) perturbantes do capitão Affonso Palla, a esse tempo egualmente senador:

«Sr. Presidente: ha muito tempo que eu tinha jurado a mim mesmo não tratar dêste assumpto, mas como agora o Senado se está referindo a revolucionarios civis, apenas vou contar uma historia e mais nada. Em minha casa apareceu um individuo dizendo que tinha sido revolucionario civil, submetti-o a um exame, perguntei-lhe onde tinha estado. Falou primeiro da Rotunda. Deixe-me dizer a V. Ex.ª que poucas pessôas conhecem bem a historia dêstes revolucionarios civis como eu.

«Eu vi que ele não tinha estado na Rotunda. Perguntei-lhe: entrou no Corpo de Marinheiros? Respondeu-me afirmativamente. Perguntei-lhe a que horas tinha sido a abordagem do «D. Carlos». Disse-me que do meio dia para a 1 hora. O sr. Parreira que diga a que hora foi.

«Ora este individuo havia-me sido apresentado pelo meu amigo Cordeiro Junior. Eu fiz parte da commissão de petições da Camara dos Deputados. A principio adoptei o sistema de os submeter a exame. Evidentemente seria esta a melhor forma de reconhecer os verdadeiros revolucionarios. E' claro que quasi todos ficavam reprovados. Mas depois, como alguns dos meus collegas dissessem que, quando provassem com documentos seria o suficiente, em vista dessa decisão desisti desses exames, e foram aprovados um grande numero de revolucionarios civis.

«E bom é de saber-se que no dia 4 de Outubro não havia revolucionarios civis; mas depois no dia 5, quando pelas 2 horas foram distribuidos 8000 pães, os revolucionarios eram já tantos, que um revolucionario autentico, que lá estava, ficou sem pão por já não chegar. Ha documentos em que se prova

(*) «Diario das Sessões do Senado» = «29ª Sessão ordinaria do 3º periodo da 1.ª legislatura=1912-1913=em 21 de Janeiro de 1913» — Pagina 9

que no dia 4, pouca gente havia na Rotunda, e que havia peças que lá estavam apenas com um artilheiro. Agora permita-me V. Ex.ª que acrescente o seguinte: alguns militares que estiveram na Rotunda, que trabalharam pela causa da Republica, se acham, hoje, no maior abandono, porque sendo militares n'aquella occasião deixaram de o ser, e estão hoje completamente na miseria. Conheço nestas condições um a quem tenho socorrido por diversas vezes. Pois para esses, Sr. Presidente, ainda ninguem teve a lembrança de pedir para lhe dar qualquer cousa.»

O senador Martins Cardoso, como que prevendo eventualidades, fez salientar não haver duvidado da qualidade de authenticidade dos revolucionarios, embora affirmasse o seu constante apparecimento, não sendo de extranhar que, com a benevolencia parlamentar outros fossem surgindo.

Para arrostar com a tempestade apenas em campo ficou e talvez pelo seu acto da Rotunda, o capitão Affonso Palla.

Surgiram desde logo os clamores dos revolucionarios civis, não poupando o pormenor da fuga na manhã de 4.

Ao crescente protesto, julgou util o capitão Palla, retroceder na opinião que manifestára veridica, encarada sob o aspecto da avalanche subita de rebeldes de apoz-victoria, mas de mera phraseologia quanto á allegada falta de revolucionarios.

D'ahi novo discurso, onde, reivindicando-se para os insurrectos de Alcantara um logar primacial, golpeada de novo era a coragem dos da Rotunda, emergindo apenas como mais notaveis vultos, os 17 detentores dos officiaes de artilharia 1, com Armando Porphirio Rodrigues, o chefe João de Moraes Carvella, e o negociante de vinhos no Beato, Jorge de Carvalho.

N'uma vontade de diminuir as impugnações dos interferentes na sedição, talvez menos intencionalmente, ellas foram accirradas n'esse discurso, seguido de pormenores interessantes contidos nos documentos lidos em plena camara: (*)

(*) A parte inicial d'este discurso foi já transcripta a paginas 272 do presente volume.

«Sr. Presidente: o bairro que maiores serviços prestou á revolução republicana foi Alcantara.

«Os revolucionarios civis dêsse bairro entraram no corpo de marinheiros, e um outro grupo foi destinado a infantaria n.° 2.

«Ora este bairro pobre, na sua maioria de operarios, cooperou, brilhantemente, no movimento revolucionario. Esses operarios, misturando-se com os marinheiros, embarcaram corajosamente, para os navios, tomando parte na abordagem ao «D. Carlos».

«Ora, eu devo dizer a V. Ex.ª, que esta abordagem foi principalmente feita por um grumete artilheiro, chamado José Malta, d'um altissimo valor, um dos primeiros revolucionarios de 5 de Outubro, pela sua audácia e decisão.

«Essa abordagem foi efectivada por 40 civis e 10 marinheiros.

«Dizer-se, portanto, que na revolução não entraram elementos civis é uma cousa que não faz sentido, nem se pode admitir.

«Mas, Sr. Presidente, o que eu quero frisar e desejo que fique bem assente, é o seguinte:

«E' que tendo eu pertencido á illustre commissão de petições da Camara dos Deputados, essa commissão, até Julho do anno passado, só tinha recebido duas reclamações da gente de Alcantara, que tanto concorreu para o bom exito da Revolução. Note V. Ex.ª, sómente dois; porque os demais pode dizer-se que se sumiram na actividade do seu trabalho e nas preoccupações da sua vida, sem virem aqui pedir qualquer recompensa.

«Note-se este facto, que é importante.

«Da gente do bairro de Alcantara, que, repito, tanto cooperou na proclamação da Republica, até Julho do anno passado apenas duas reclamações se apresentaram.

«Agora permitta-me a Camara que eu leia alguns relatorios para d'um modo resumido se ver o que, efectivamente, foi o movimento da Rotunda.

«Passo a ler o relatorio do tenente Mathias dos Santos, ao tempo da revolução 2.° sargento de artilharia 1, e sem duvida um dos principaes elementos da Revolução.

«Eu tenho aqui alguns documentos e desejava informar o Senado ácêrca do conteúdo d'elles.

«Documentos da natureza dos que passo a expôr tenho talvez uns cento e tantos; mas os que vou ler são quatro, e isto basta para, de momento, scientificar o Senado do que occorreu. Como já disse, este primeiro é de Mathias dos Santos.

«A fim de que a verdade se restabeleça cumpre-me declarar que eu procedi desde que acampamos na Rotunda por meu proprio criterio sem haver nenhuma direcção superior, quando precisava de munições mandava-as buscar ao quartel, e quando queria qualquer outro entendimento mandava perguntar ao primeiro sargento Encarnação, entendo em minha consciencia que desde a retirada dos Srs. officiaes nunca mais ouve direcção superior, sem ser aquella mútua combinação entre os sargentos que comandavam as suas tropas, mas cada um fazendo o que muito bem entendia.

«Chegados ao quartel fiquei surprehendido por me dizer que nos promoviam a officiais, quando na propaganda nos diziam o contrario, o que nós de boa vontade aceitávamos.

«No dia immediato surprehendo os Srs. Brito Camacho e Machado Santos a fazerem promoções a seu talante e reconhecendo que se estavam fazendo graves injustiças, dando altas graduações a quem as não merecia, e deprimindo outros que tanto produziram, eu indignado, puchei da pistola que tinha ao lado pedi licença e metti-me no assunto, dizendo a estes senhores que até ali tinha sido republicano, e que se, se não fizesse justiça, que me faria anarquista prático; estes senhores atrapalhados aconselharam-me prudencia, e então o Sr. Machado Santos começou a falar de mim ao Sr. Brito Camacho e eu enjoado com taes procedimentos retirei-me e fui para minha casa onde permaneci tres dias sem mais voltar ao quartel. — Mathias dos Santos, segundo sargento de artilharia n.º 1 da 4.ª bataria.»

«Vamos agora ao segundo. E' o relatorio de José de Lima. Ouça a Camara.

«Declaro que tendo pertencido ao regimento de infantaria

16 fiz parte do movimento revolucionario de 1910 que implantou a Republica.

«Guiado pelo cabo Correia, á hora indicada começou o movimento.

«Passado um quarto de hora appareceram os civis com o Machado Santos, que estavam no Centro de Santa Izabel á espera que o regimento se revoltasse, entraram pela porta da arrecadação regimental que préviamente nós tinhamos desaparafuzado para que não houvesse resistencia na entrada.

«Pouco depois, o Sr. Machado Santos desfralda uma bandeira republicana e deita a fugir pela parada fóra, gritando: «Rapazes fujamos todos para artilharia 1 que vem ahi a guarda municipal», e assim fomos de enchurrada a correr para artilharia, a ponto d'alguns nos perdermos no caminho, dando o resultado de irem uns pela Cruz das Almas, outros pelas Amoreiras, indo todos acoitar-se no regimento de artilharia 1 que a essa hora já estava revoltado.

«Saiu com a primeira fôrça a artilharia, tivemos fogo na Rua Ferreira Borges, em seguida voltámos para trás, juntámos todos com a restante artilharia na Rua de S. João dos Bemcasados, e fomos para a Rotunda, tivemos fogo na Rua das Amoreiras, na Rua Alexandre Herculano e Rotunda antes do romper da manhã.

«Depois disto ficámos em completo socego; sobre a manhã correu o boato de que ninguem mais tinha adherido, nem Marinha nem Exercito, nem povo, e por esta altura começaram a desaparecer os soldados e o pouco povo que ahi havia, apenas ficando os garotos dos jornaes a brincar com as muares e por cima das peças e alguns militares.

«Eram proximamente 10 horas da manhã quando estava tudo no mais completo abandono e sem governo, começámos então os poucos soldados que lá havia a subir para a Feira de Agosto onde nos apoderámos das barracas de comes e bebes, e cervejarias com doces, sendo o maior desperdicio na barraca das garrafas, onde havia approximadamente 1:500 garrafas, chegando a correr o vinho pelas valetas e aos cascos de vinho d'outras barracas proximas abriamos as torneiras e bebiamos, a

ponto do liquido correr pelas ruas, apparecendo alguns homens estendidos em completo estado de embriaguês, assim como a vadiagem que bebia á descrição até cair.

«Na noite de quatro não havia quasi ninguem na Rotunda nem civis, nem militares, quando muito em todo o parque Eduardo VII e a Rotunda não haveriam entre militares e civis 40 a 50 pessoas; nunca foi batida a Rotunda e o parque a não ser pela artilharia de Couceiro, dando a nossa artilharia muitos tiros, talvez, digo, tiros com balas simuladas por brincadeira para passar o tempo e aterrar as tropas que estavam no Rocio.

«Declaro que tendo lido algumas passagens do relatorio do Sr. Machado Santos, relativas a infantaria 16 e á Rotunda as reconhecesse redondamente mentirosas; na Rotunda não tornou a haver mais fogo como elle diz e sustenta, e de infantaria 16 tambem é falso tudo quanto elle diz. E' pena que tanta patranha se publique e não haja um homem de juizo que indague a verdade. — José de Lima, ex-primeiro cabo de infantaria n.º 16 (com o curso de segundo sargento) n.º 27 da 3.ª companhia do 2.º batalhão, morador na rua de Campo d'Ourique, n.º 25.» (*)

Eram até ponto baseadas em veridicos successos as accusações.

O espelho da desorientada attitude, fôra descoberto ás primeiras horas da victoria, pelas reclamações dos feirantes acampados no local escolhido para poiso dos revolucionarios.

A imprensa salientou-as assim: (**)

«Das quatro barracas com garrafas para jogar argolas, existentes na feira de Agosto, desappareceram durante os dias da revolução, 1:300 garrafas, além d'aquellas que expontaneamente foram franqueadas pelos respectivos feirantes aos officiaes e praças.»

Evidenciadas foram ainda exigencias e ameaças: (***)

(*) «Diario das Sessões do Senado» = «32.ª Sessão ordinaria do 3.º periodo da 1.ª legislatura em 24 de Janeiro de 1912»—Pagina 3.

(**) «O Seculo» de 7 de Outubro de 1910.

(***) «O Diario de Noticias» de 7 de Outubro de 1910.

«Os feirantes que no primeiro dia de combate generosamente offertaram aos soldados todos os mantimentos que estes desejavam, queixam-se dos importantes valores perdidos pelo saque feito pela gatunagem, e por umas vinte praças de infantaria e caçadores que andaram exigindo tabaco e vinho, ameaçando os feirantes de morte.

«E' pois lamentavel este facto e estamos conscios que o governo provisorio da Republica não deixará de attender conscienciosamente uma exposição que lhe será entregue depois de se reunirem os mesmos, pelo meio dia de segunda feira proxima, na séde da Associação de Classe dos Trabalhadores de Imprensa.»

Se a estas allegações desmentido formal não houve, largos protestos ergueram as affirmativas sobre a não assistencia e falta de coragem dos civis.

A contradictar o capitão Affonso Palla vieram á imprensa, o «Comité de Resistencia Extra-Muros», os revolucionarios José Pereira de Araujo, Francisco da Silva Passos, Americo de Oliveira, o fabricante de explosivos José Nunes, José Domingos Lopes, o marinheiro do «S. Raphael» Custodio das Dores e José Augusto dos Santos.

Vejamos a defeza dos dois ultimos. (*)

Dissse o primeiro:

«Sr. Redactor. — Peço a v. a fineza de me dispensar meia duzia de linhas no seu muito lido e apreciado jornal, a fim de rebater umas asserções feitas na sessão do Senado, de ante-hontem, pelo senador capitão de artilharia sr. Affonso Palla.

«Sua ex.ª affirmou que na Rotunda «não houve revolucionarios civis». Esqueceu-se, porém, aquelle senhor de que os revolucionarios civis se bateram em diversos sitios da capital, nomeadamente em Alcantara, e que, portanto, não são só os da Rotunda que podem ter a classificação de revolucionarios!

«Como póde aquelle illustre senador saber se houve ou não revolucionarios civis na Rotunda nos dias 4 e 5 de Outubro, se sua ex.ª, segundo me consta, d'ali se ausentou na madrugada de 4, para parte incerta?

(*) «As Novidades» de 27 de Janeiro de 1913.

«A maioria d'esses modestos servidores da Republica encontram-se ainda hoje, apesar de approvados pelo Congresso para empregos compativeis com a sua instrucção e capacidade, ao desamparo e luctando com a miseria.

«Se todos os chefes revolucionarios podessem prestar informações como as que prestou, na primeira casa do Parlamento o sr. Palla, com certeza os revolucionarios continuariam á mingua de soccorros, porque, de «visu», elles nada poderiam dizer.

«Felizmente, para nós outros, alguns chefes houve que, até á proclamação da Republica se conservaram no seu logar e poderam attestar quaes os serviços prestados por esses que hoje apenas reclamam um minguado pão com que possam, até certo ponto, minorar a sua triste situação.

«Desculpe-me, sr. redactor, este desabafo, mas não me consente o meu espirito e a minha camaradagem vêr os meus camaradas postos á margem por quem tinha por dever indeclinavel ser o primeiro a por elles pugnar. — De v. ex.ª — Custodio das Dôres — (Marinheiro revolucionario)

Reiterou o revolucionario José Augusto dos Santos:

«Sr. Redactor das Novidades: — Rogo a fineza da publicação dos esclarecimentos que seguem:

«O sr. senador José Affonso Palla, querendo no Senado, dar largas á sua veia oratoria, veiu, á mingua de assumptos amesquinhar os revolucionarios civis que, na revolução de Outubro, se bateram em defeza da Patria e da Republica. Só hoje tive conhecimento de que, na sessão de hontem, o sr. Palla se havia retratado, como que impondo as culpas para os tachygraphos da Camara. . .

«Pois bem. Eu, que sou revolucionario civil, que me bati com toda a força do meu braço e com toda a energia do meu coração, não posso e não quero deixar passar as affirmações gratuitas do sr. senador, informações que, apesar do seu retratamento de hontem, ainda ficam de pé, porque é bem conhecido o dictado «Um beijo não leva uma bofetada».

«Mas onde estava o sr. Palla, que não viu os revolucionarios civis?

«Eu posso dizer ao sr. Palla onde eu estava; estive ás porta das armas do quartel da Graça, onde incitei o regimento a vir para a rua defender a Patria. Estive em commissão de serviço revolucionario no quartel general, como prova a copia de um documento que na sua mão tem o illustre senador e que n'esta occasião peço me devolva.

«Onde estava então o sr. Palla? Eu estive sempre batendo-me ao lado dos meus camaradas civis e militares e n'essa occasião eu tive a magua de vêr um official revolucionario despir a sua farda, vestir um fato de civil, umas botas emprestadas e desapparecer n'um automovel, para depois de proclamada a republica, apparecer como um heroe! Não viu isto tambem o illustre senador?

«Eu bati-me e d'isso tenho prova n'um singelo documento firmado pelo commandante da Rotunda sr. Machado Santos. Bati-me pela Patria e na defeza da Republica. Eu tenho empregado a melhor da minha energia, só por amôr da Republica e nunca na mira de galões que os não posso ter, porque não sou militar, nem de empregos, porque os não quero, deixando os para aquelles que nada fizeram e nada fazem.

«Eis a minha defeza e tambem a defeza dos meus camaradas civis, cujo numero se não limita ao quatro nomes de amigos a que hontem o sr Palla se referiu no Senado. E mais não digo, deixo as apreciações e os commentarios a quem os quizer fazer.

«Pela publicação d'esta carta muito grato fica o vosso amigo, José Augusto Santos. s|c travessa de S Domingos, 31-2.° esquerdo.»

Já então o official dera como insufficientemente interpretadas as palavras ditas no Senado e quando a imprensa (*), como reflexo do pensamento dos envolvidos na revolta, frisava que as desculpas dadas na camara pelo sr. Affonso Palla ainda mais os revoltaram, tendo sido «peor a emenda que o soneto.»

D'ahi ainda o facto da procura (**), na Camara, do senador

(*) «As Novidades» de 27 de Janeiro de 1913.
(**) 28 de Janeiro de 1913.

por uma commissão de revolucionarios, para esclarecimento das phrases parlamentares, só satisfeitos ante a resposta do capitão Palla que, explicando as palavras proferidas no Senado as deu de novo por mal reproduzidas, accrescentando encontrar-se sempre prompto a dar o seu concurso aos combatentes de Outubro.

Colheu mais a ultima promessa do que a allegada pessima interpretação, das palavras do official, aliás fixadas nos annaes parlamentares na ordem de ideias que tantos desagrados levaram aos insurrectos de Outubro.

O incidente, todavia, por liquidado se contou.

Toda a polemica serviu, porém, para que a luz incidisse sobre esse apavorado aspecto da Rotunda ás primeiras horas da manhã de 4 de Outubro.

De facto definida esteve a existencia de revolucionarios nos varios locaes de combate, embora mais tarde, o reduzido numero de denodados se visse infinitamente augmentado, mercê da ganha victoria e do passado perigo.

Confirma-o egualmente Machado Santos no «Preambulo» do seu relatorio publicado em 1911:

«O historiador que mais tarde desejar fazer a historia da revolução de 1910 em Portugal, encontrará no nosso modesto trabalho, Verdade e Justiça, mas para o poder aproveitar, carece de o ler com muita attenção, porque não se occultando traições, desanimos e defeitos dos homens, nenhum d'esses actos tem o relevo que á simples vista os faça notar. Depois da proclamação da Republica, os heroes e os organizadores da revolução cahiram sobre o Paiz como nuvem de gafanhotos. O Governo Provisorio tomou-os a serio e os verdadeiros foram postos de banda. Seria caso virgem na historia não succeder assim. O nosso relatorio desmascara-os, porque, no momento da acção, ninguem sabe onde se esconderam.»

O scenario de desvairo sendo pois veridico, é egualmente logico.

A ordem em revolução é como que a irrisoria tentativa de antepôr á invasão do mar um gradeado: a agua escôa-se e ennovella-se, avança e troça do simulado obstaculo.

Conjugado com a falta de auxilios externos esteve o aliás natural espectaculo de indisciplina.

A insurreição cortando-a, não podia gosar uma unitaria vontade.

Os galões desappareciam, para a soldadesca, transformando os seus possuidores no mero aspecto de chefes de sedição.

Era a egualdade perante o mutuo caso de revolta.

O choque da perda de força, com o conhecimento do abandono e da attitude dos regimentos, que, por de espectativa mais terrivel se affigurou, produziu o crescente desejo de deixar o embrionario campo de ruina e de desavenças.

Como precedente ao evolar da peonagem deu-se assim a abalada dos officiaes.

Devera-lhes a revolução porem o mais difficil da tarefa: os passos de inicio, o impulso, a sahida, o arremesso para a lucta das dezenas de homens que, a tudo dispostos, já recuar não quizeram.

Reconheceu-o a Republica victoriosa, que quiz, ao seu proclamar, agraciar os foragidos da Rotunda, com o premio devido a quem se descrente foi ao brilhar do sol rutilo sobre as tropas formadas á illusoria ordem da Monarchia, bem crentes haviam sido, durante as sombras da madrugada, rasgando caminho seguro aos continuadores da sua abandonada obra.

Assim, o governo provisorio, em conselho de ministros de 14 de Dezembro determinava, pelo seguinte decreto, as promoções, desde 5 de Outubro, dos officiaes da Rotunda:

«Pela leitura attenta dos relatorios que teem sido entregues pelos chefes e dirigentes militares do movimento revolucionario de 4 e 5 de Outubro ultimo, póde o Governo Provisorio da Republica Portugueza formar seguro e completo juizo, não só sob as successivas fases e episodios principaes d'esse movimento, mas tambem ácerca da conducta de todos aquelles que n'elle mais se notabilizaram e bem merecem da Republica, pela patriotica dedicação, coragem, fé, intelligencia e enthusiasmo como por esta santa causa se sacrificaram, pondo em risco a sua liberdade, a sua posição social e até a propria vida.

«D'esse valente grupo de benemeritos se destacam, em pri-

meira plana, sete officiaes que, com o commissario naval Antonio Maria de Azevedo Machado Santos, pela sua intervenção a tempo e pela sua attitude exaltada e energica mais contribuiram para o triumpho alcançado pelo movimento insurreccional de 4 e 5 de Outubro ultimo.

«Ao lado dos officiaes, justo é destacar e premiar tambem as praças de pret que com elles patrioticamente collaboraram, bravamente acamaradados todos nos esforços para um ideal commum.

«Tomando na devida apreciação os factos occorridos, o Governo Provisorio da Republica Portugueza faz saber que, em nome da Republica, decreta, para valer como lei, o seguinte:

«Artigo 1.º São considerados promovidos na data de 5 de Outubro ultimo:

«A tenente coronel o capitão de artilharia José Affonso de Palla.

«A major o capitão da mesma arma Alfredo Ernesto de Sá Cardoso.

«A capitães os tenentes de infantaria Jayme Augusto Pinto Garcia, Manuel Luiz dos Santos, Alberto da Silva Paes e Alberto José Caetano Nunes Freire Quaresma e o alferes de artilharia Alberto Camacho Brandão.

«A tenente almoxarife, sem prejuizo de antiguidade, o 1.º sargento de artilharia 1 Candido Augusto Gonzaga Pinto.

«São tambem considerados promovidos, sem prejuizo de antiguidade e na data de 5 de Outubro:

«A 1.ºs sargentos os segundos sargentos da 2.ª bateria de artilharia 1 Arthur do Rego e da 3.ª bateria do mesmo regimento Carlos Marques Alexandre, o soldado da companhia de telephonistas do regimento de engenharia Virgilio Maria da Encarnação e o primeiro cabo reservista da companhia de saude, Antonio Mendes Gomes. A segundos sargentos os primeiros cabos da 6.ª bateria, Domingos Simões e José Francisco Tavares, da 3.ª Pedro Vieira Baptista Machado, da 4.ª Joaquim Correia Alberto, todos de artilharia.

«A primeiro cabo, o soldado 17 do mesmo regimento Antonio Francisco Gravata.»

Todavia, latente estava já a essa hora a questão das promoções, e desde logo se annunciou uma renuncia.

E, de facto, a ordem do exercito n.º 11, de 17 de Dezembro de 1910, era declarada sem effeito e substituida por outra (21 de Dezembro de 1910): (*)

«Por determinação do Governo Provisorio da Republica declara-se sem effeito a Ordem do exercito n.º 11, de 17 do corrente mez, sendo substituida, para todos os effeitos, pela presente da mesma data:

«Pela leitura attenta dos relatorios que teem sido entregues pelos chefes e dirigentes militares do movimento revolucionario de 4 e 5 de Outubro ultimo poude o Governo Provisorio da Republica Portugueza formar seguro e completo juizo, não só sob as successivas fases e episodios principaes d'esse movimento, mas tambem ácerca da conducta de todos aquelles que n'elle mais se notabilizaram e bem merecem da Republica.

«D'esse valente grupo de benemeritos destaca-se um pequeno numero de officiaes, que pela sua intervenção a tempo e pela sua attitude exaltada e energica na preparação e execução inicial do movimento, muito contribuiram para o triumpho alcançado por tão justa e legitima causa. Mereciam estes officiaes uma recompensa bem expressiva, que publica e solemnemente prestasse homenagem aos seus meritos, e que fosse a expressão official, para com elles, dos sentimentos da Patria reconhecida. Constando porém ao Governo Provisorio que os alludidos officiaes se recusariam, por um espirito de nobre isenção, a acceitar a recompensa que naturalmente correspondia ao seu provado valor, tendo já affirmado esta recusa em documento destinado á publicidade, resolveu por unanimidade limitar-se simplesmente a louval-os.

«Ao lado dos officiaes, justo é destacar e premiar tambem as praças de pret que com elles patrioticamente collaboraram bravamente acamaradados todos no esforço para um ideal commum.

«Tomando na devida apreciação os factos occorridos, e em

(*) «Legislação Portugueza» de 1910=Volume 2.º=Pagina 170.

vista das considerações anteriores, o Governo Provisorio da Republica Portugueza faz saber que, em nome da Republica, decreta, para valer como lei, o seguinte:

«Art. 1.º São louvados, o capitão de artilharia José Affonso de Palla, o capitão de artilharia, Alfredo Ernesto de Sá Cardoso, os tenentes de infantaria, Jayme Augusto Pinto Garcia, Manuel Luiz dos Santos, Alberto da Silva Paes, Alberto José Caetano Nunes Freire Quaresma, e o alferes de artilharia, Alberto Camacho Brandão, pela patriotica dedicação, coragem, fé, intelligencia e enthusiasmo com que collaboraram para a implantação da Republica Portugueza.

«Art. 2.º São considerados promovidos na data de 5 de Outubro ultimo:

«A primeiro sargento, o primeiro cabo reservista da companhia de saude, Antonio Mendes Gomes. A segundos sargentos, os primeiros cabos, n.º 17 da 3.ª bateria, Guilherme Francisco Gravata, n.º 19, da 3.ª bateria, Pedro Vieira Baptista Machado, n.º 34 da 4.ª bateria José Ignacio Tavares, e n.º 36 da 6.º bateria, Domingos Simões, todos do regimento de artilharia n.º 1; e o soldado da companhia de telephonistas do regimento de engenharia, Virgilio Maria da Encarnação.

«A primeiro cabo, o soldado n.º 12 da 3.ª bateria do regimento de artilharia 1, Manuel dos Santos.

«Determina-se portanto que todas as auctoridades, a quem o conhecimento e a execução do presente decreto com força de lei pertencer, o cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nelle se contem.

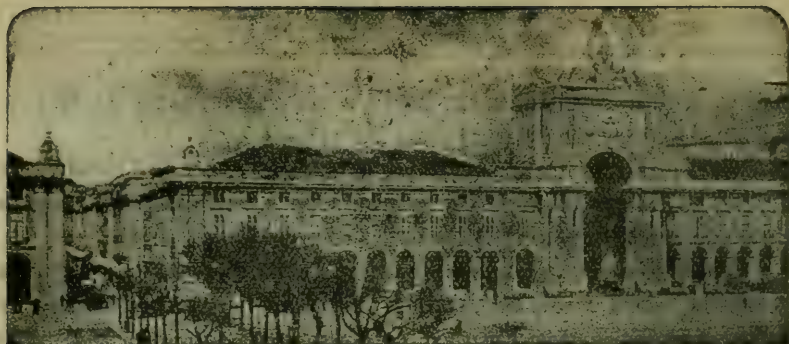
«Os Ministros de todas as Repartições o façam imprimir, publicar e correr. Dado nos Paços do Governo da Republica, em 15 de Dezembro de 1910. — Joaquim Theophilo Braga — Affonso Costa — José Relvas — Antonio Xavier Correia Barreto — Amaro de Azevedo Gomes — Bernardino Machado — Manuel de Brito Camacho.»

Não passou pois sem embaraços e sem questiunculas, o «desideratum» governativo sobre premios, e que depois analysaremos em todos os fios da extensa teia de escuro enredo.

O capitão José Affonso Palla, sentar-se-ia na cadeira de se-

nador, d'onde desnudou, em parte, o occulto scenario da Rotunda ao alvorecer do primeiro dia de revolta.

O capitão Sá Cardoso, viria, lance ganho (7 de Outubro de 1910) ao cargo de chefe do gabinete do 1.º ministro da guerra da Republica, coronel Antonio Xavier Correia Barreto.

Volvamos porem agora ao acampamento revolucionario da Avenida, onde o sol, coroando-o, envolvia no mesmo abraço de ouro, crentes e desilludidos, receosos e encorajados, e com as dedicações e os desinteresses o não amplo campo de ambição e de intrigas.

XIV

A situação na Rotunda aos primeiros momentos da fuga. — Da energia ao esmorecimento. = Esboça se a questão Machado Santos, Gonzaga Pinto e a campanha contra o commissario naval.=Americo de Oliveira.=Os nove sargentos da Rotunda.=Do esmorecimento á crença.

A abalada de desalento dos officiaes, desapparecendo a pouco e pouco, não trouxe, de principio, esmorecimentos.

Ainda os combatentes civis vociferavam imprecações contra os fugitivos.

Aquelles não eram muitos, mas insuflavam animo. Machado Santos, teve assim, de instante, um proseguir d'essa fé em melhores horas, de confiança na execução da promessa de quantos haviam jurado reivindicar a causa da Republica.

Ficou pois.

Quando os outros viram catastrophes, elle teimou e já n'essa attitude foi heroe, como o é aquelle que conhecendo o perigo, o espera, solemne e firme, no contraste flagrante aos esquivos a contingencias mal definidas.

Decorridos os momentos de nevrose, a calma succedendo á irritação pelo abandono, o olhar circumvagando pelo acampamento semi-desamparado dos civis, seguindo o exemplo dos agaloados, percorrendo febril a quasi desorganisada linha de defeza, é que Machado Santos reconheceu o peso exhorbitante da herança de que, por querer, tomára posse.

Todavia, aguardou, por espaço largo, que a sua recusa de sahida do acampamento, tivesse a influencia benefica de attrahir novos auxiliares.

Debalde os esperou.

Em redor, a quasi completa dispersão.

O espectaculo assombrou e perturbou.

A esperança só é firme quando a descrença se não apresenta a degladial-a.

A' febril intuição de uma victoria succedeu a não menos febril crise previsionante de uma embuscada onde de motu-proprio cahira.

O sonho de crescer aos olhos de um povo de sacrificados, descambou n'um horrido pesadello de queda em abysmo incommensuravel.

A alma humana tem d'essas transições.

De relampago se anteveem glorias e de relampago se forma o cahos, o indeciso, o receio em volta d'essa entresonhada aureola de grandiloqua magestade.

Sahindo d'essa visão de se mostrar ao mundo o sustentaculo firme d'uma revolta, ficando quando outros fugiam, evidenciando energias quando varios só patenteavam fraquezas — entrou no campo da humana fragilidade.

De gigante baixou-se, pessoalmente, á classe dos vencidos.

Não era de admirar.

Concretisava-se emfim a pressão espiritual do exemplo e do martellar incessante sobre as probabilidades de uma derrota seguida de uma hecatombe, de uma espectativa como preliminar de lance decisivo e d'uma traição como complemento a inuteis abnegações.

Do exaspero de uma situação mal definida surgiu uma apertada teia, onde, á ganha victoria, por descontentes se pretendeu rodear Machado Santos.

D'esses instantes que se seguiram ao desapparecimento dos officiaes se fez singular descripção, apresentada pelo 1.º sargento Camillo Augusto Gonzaga Pinto, em livro de sua assignatura: (*)

(*) «Memorias da Revolução—Na Rotunda—Em artilharia 1—No Par-

«Casualmente encontramo-nos com Machado dos Santos, que andava preoccupadissimo e desanimado tambem. Passando o seu braço em torno da nossa cintura, diz-nos:

« — Estamos de todo perdidos. Isto é uma desgraça como o 31 de Janeiro. O melhor é irmo-nos todos embora ou entregar-se a gente.

«Respondemos: Emquanto tivermos uma pistola e cargas não nos entregaremos. De resto, tanto se soffre assim como não.

« — Mas os officiaes abandonaram o campo. exclama o sr. Machado dos Santos,

« — Não sei, repuzemos, ainda ha pouco estivemos fallando com o capitão Palla e, por ordem d'elle, vamos guarnecer a parada do quartel.

«Concluimos a nossa palestra com Machado dos Santos, lembrando que talvez fosse bom e désse resultado se um grupo de civis e militares descesse á Avenida e fosse convidar as forças do Rocio a adherir á Republica.»

Procuram authenticar esse dialogo de incitamento á fuga e ainda a sua execução junto dos paisanos e da soldadesca, os depoimentos dos revolucionarios militares de artilharia 1, Alfredo da Silva Lucas, Antonio Teixeira Cutelé, Francisco Ernesto Lopes, Antonio de Sousa, Raul de Figueiredo, Ernesto Armando de Albuquerque, José Ignacio Tavares, Guilherme Francisco Gravata, Arnaldo Augusto Quintas, e dos civis, Manuel do Nascimento Pereira e Julião da Silva Pinto. (*)

Assignalam todos elles uma attitude de total desanimo da parte do commissario e se o clarim Ernesto Armando de Albuquerque, o cita, «no meio da Rotunda, muito cheio de medo, com os olhos muito esgaseados, com apparencia de quem quer fugir», o 2.º sargento José Ignacio Tavares diz: (**)

---

que Eduardo VII=Relatorio do sargento revolucionario de artilharia 1, Gonzaga Pinto»=Pagina 42.

(*) «Memorias da Revolução», já citadas, paginas 43 a 51.

(**) A declaração transcripta no relatorio de Gonzaga Pinto não corresponde textualmente á que o mesmo sargento facultou para publicação no «Mundo» de 22 de Fevereiro de 1911.

«Declaro que prestei juramento, á sahida do regimento, para a implantação da Republica, na noite de 3 para 4 de Outubro, que tinhamos jurado vencer ou morrer. Fiz parte do primeiro combate que tivemos com a 4.ª companhia da antiga guarda municipal, na rua Ferreira Borges, d'onde seguimos para a Rotunda no dia 4 pelas 10 horas da manhã, o sr. Machado Santos disse: — Rapazes! estamos todos perdidos; se quizerem fugir, fugimos. Nós respondemos-lhe: — D'aqui não foge ninguem; venha lá quem vier; tinhamos mettido dentro das palmeiras da Rotunda uma porção de dynamite para o ultimo ataque. E assim concluo o meu simples relatorio.»

Ainda o 1.º cabo de infanteria 16, Francisco Ernesto Lopes declara, em depoimento, haver dito o commissario naval Machado Santos, ao sargento Pimentel, que se ia vestir á paisana, obtendo como resposta que, se tal fizesse, lhe assegurava seria victima.

Mais longe ia todavia o cabo Antonio Teixeira Cutelé, affirmando:

«Declaro que estando na Rotunda pelas 10 horas da manhã do 4 de Outubro, ouvi o sr. Machado dos Santos, pondo as mãos na cabeça, dizer que estavamos perdidos. aonde as praças de artilharia 1 disseram que perdidos já nós estavamos quan do sahimos do quartel para fóra. Declaro mais que seriam dez horas e meia, «o muito», que querendo elle sair pela Avenida que vem dar ao Rato, «aonde» elle foi atacado pelo sargento Ramos do grupo de artilharia montada, pondo a carabina ao hombro, em posição de fazer fogo, dizendo: que se sahisse para fóra que o matava com um tiro. Elle não disse nada e voltou para o acampamento. Quando chegou, pouco depois, a informação que a marinha não tinha sahido a barra fóra, todo se animou, com a noticia que o homem trouxe e nós todos creámos mais coragem que a que tinhamos.

«O sr. Machado dos Santos montou a cavallo e andava no acampamento a correr de um lado para outro a dar vivas á Republica.»

Foi esta a versão que mais largo incremento teve, pelo curso de boa mente seguido.

E' elle o unico a mencionar esse successo, e demais á hora em que outros, como o revolucionario civil, Julio da Silva Pinto, descrevem o resnascer da esperança em Machado Santos, com a evocação do nome do sargento Pimentel:

«Declaro que estando na Rotunda, approximadamente eram 10 horas da manhã de 4, procurei por Machado dos Santos e não me souberam dizer onde estava, indo em seguida encontral-o assentado em um banco de pedra com a cabeça entre as mãos, em attitude do maior desalento, e perguntando-lhe eu: então, Machado dos Santos o que vem a ser isso? Respondeu: está tudo perdido; as forças com que contavamos são estas que aqui vês. O resto está tudo fiel á monarchia. N'isto chega o sargento Pimentel muito alegre, e eu perguntei-lhe o que havia. Elle respondeu-me: a coisa está salva, o que se dizia da marinha não é verdade, e depois dirigiu-se a Machado dos Santos e depois de falar com elle, Machado dos Santos animou-se, levantou-se e montou a cavallo percorrendo o acampamento.»

Nasceu essa accumulação de depoimentos contrarios a Machado Santos de determinada campanha, que a seu tempo será descripta, e com origem n'um conflicto entre o commissario naval e o sargento Camillo Augusto Gonzaga Pinto na hora em que, victoria ganha, de premios se cuidou.

O official inferior, mercê de uma attitude mal definida durante os assaltos á Rotunda e apoz o evolar da officialidade, teve a accusação de haver d'esta seguido o exemplo.

D'ahi o desenrolar de depoimentos adversos ao commissario naval, e com publicação em 1911.

O nome do sargento Gonzaga Pinto, chegou todavia a fazer parte, como promovido a 1.º tenente almoxarife, da ordem do exercito n.º 11, de 17 de Dezembro de 1910, annullada dias depois e substituida por outra, onde, se os officiaes antes galardoàdos, eram simplesmente louvados, o seu nome, e os dos outros sargentos se não incluia.

Não tardou então a avalanche de arguições, visando, quasi na totalidade, o commandante da Rotunda, o qual em todo o seu relatorio não cita o nome de Gonzaga Pinto.

Refutação tiveram porem com outras, as declarações do sargento: (*)

«Sr. — Declaro que é redondamente falso tudo quanto o sargento sr. Gonzaga disse no seu relatorio assim como os testemunhos que o mesmo senhor apresenta em seu favor. Entre outras coisas conta elle, que o sr. Machado Santos o convidára a abandonar a Rotunda, isto é falso; pois quando os senhores oficiaes reuniram para apreciarem a situação, o sr. Machado Santos não assistiu por estar no sector da Avenida Fontes Pereira de Mello e não ter conhecimento do que se estava passando, (como confessou o sr. capitão Palla).

«Mas assistiu o sr. Gonzaga em nome dos sargentos, por ser o mais antigo, e tendo-se resolvido a abandonar a Rotunda elle seguiu o exemplo dos officiaes, isto passou-se ás 10 horas da manhã de 4.

«Neste momento alguem avisou o sr. Machado Santos do succedido, vindo este senhor até ao alto da Rotunda, onde deu ordem para tocar a reunir sargentos, e compareceram não me recorda quantos, mas entre elles já se não encontrava o sr. Gonzaga, como é que elle só saíu da Rotunda, ás 11 horas, pouco mais, e não compareceu ao toque? Diz elle, que se dirigiu ao quartel para o defender... Mas segundo o relatorio do sr. Sangremann publicado num jornal, este senhor diz que elle só, é que comandou a defeza do mesmo, e não fala do sr. Gonzaga, seria por querer as honras só para si? Ou seria esquecimento?

«Não me parece esquecimento, pois o sr. Sangremann não se esqueceu de mencionar o nome de alguns militares e civis que estiveram debaixo do seu comando na defesa do referido quartel, e esquecia-se do sr. Gonzaga!

«Note-se, não conheço os srs. Machado Santos e Gonzaga, senão de vista, por isso não me movem qualquer má vontade contra este ou aquelle, mas a verdade acima de tudo. E nem o sr. Machado Santos precisa da minha fraca defesa, por que o seu nome já está vinculado em letras de oiro nas paginas da Historia mas como em Portugal ha o pessimo costume de depreciar os he-

(*) «O Mundo» de 22 de Fevereiro de 1911.

rois, depois de lhes terem prestado todas as honras, não me admira se ámanhã aparecer outro relatorio, dizendo que o sr. Gonzaga não continuou a estar na Rotunda, por ter medo... — Alberto Alves.»

Este depoimento, não transcripto no relatorio do official inferior, é n'elle comtudo contestado (*) por Jayme José Bornes, mas só na parte referente á permanencia do sargento Gonzaga nos serviços revolucionarios.

Todavia, não attingem, totalmente as allegações de Alberto Alves, os pontos de facto debatidos.

A entrevista de Machado Santos foi dada como succedida apoz a sahida dos officiaes e antes da chamada dos sargentos, base do rejuvenescimento do animo na Rotunda.

Assim, poderia ter-se dado o incidente, sem que isso se oppozesse ao abandono, certo, do acampamento pelo sargento Gonzaga e egualmente sob influencia da atmosphera de pavor.

Sobre esse successo, largamente discutido e muito insufficientemente acclarado, ainda se pronunciou o tenente picador de artilharia 1, Antonio Correia: (**)

«Lisboa, 20 de Fevereiro de 1911. — Sr. — Não foi para mim novidade o relatorio do sargento Gonzaga que ha dias li no jornal de que v. é mui digno director.

«Ha bastante tempo que ouvia dizer que «um sargento da Rotunda» tencionava publicar uma exposição de factos passados ali, com os quaes iria «rachar» Machado Santos.

«Esta era a voz do publico anonimo ao qual algumas vezes ouvi fazer narrações verdadeiramente fantasticas de factos da Rotunda com uma convicção tal que pareciam tê-los observado. — Já lhes achava graça. — Revestia-me da paciencia que podia dispôr para os ouvir até final, não lhes dizendo, é claro, que «tinha estado na Rotunda» porque desde que descobrem agora que esteve lá toda a gente e que só quem não esteve foi Machado Santos, o facto deixava de ter interesse para o caso. — No fim deitava-lhes então a caixa em terra apontando factos, citan-

(*) «Memorias da Revolução», pelo sargento Gonzaga Pinto. — Pag. 91.
(**) «O Mundo» de 21 de Fevereiro de 1911.

do nomes, locais e horas, ilucidando assim verdadeiramente de tudo, quando a palestra se passava com pessoas que me mereciam perder esse tempo, ou que eu compreendia haverem sido iludidos na boa fé pela calumnia dos mal intencionados ou descontentes.

«Machado Santos não precisa defensores e eu seria para isso o menos competente, mas, um motivo ainda mais forte me obrigava a calar: O relatorio não havia sido ainda publicado, e eu manifestando publicamente a minha extraordinaria admiração por Machado Santos, as minhas palavras iriam de certo ser tomadas noutro sentido.

«Deixemo-nos de divagações porque o tempo, o grande mestre tudo ha de ensinar — a verdade como o azeite... e a justiça far-se-ha.

«O assunto de momento é o relatorio Gonzaga.

«Ignoro por completo o que se passou no meu quartel durante a revolução e até á data das forças retirarem da Rotunda para ali. — N'estas circunstancias não ponho a menor duvida aos serviços prestados em artilharia 1 pelo sargento Gonzaga.

«Consta-me que comandou as forças que ali ficaram, o antigo sargento ajudante do regimento hoje tenente da guarda republicana, Sangremann Henriques, e foi esse oficial que lá encontrei quando pela primeira vez fui ao quartel depois da revolta, — 6 de Outubro. — Tenho mesmo ouvido dizer a individuos no quartel, ter o sargento Gonzaga ali trabalhado bastante com elles, e sempre o conheci durante os meus cinco annos de permanencia no regimento como um dos bons elementos para tudo em que se tornasse preciso a sua cooperação, mas não deixei comtudo de extranhar hontem, quando conversando no quartel da guarda republicana com o tenente Sangremann me declarou aquelle oficial não ter a certeza de ter sido em 4 ou em 5 de Outubro, que Gonzaga se apresentou no quartel, e portanto não poder garantir se os serviços por elle prestados tiveram acção no combate com as forças de Queluz, ponto este que sempre julguei capital.

«Não me pertence a mim averiguar factos desta natureza; e a elucidação sobre o assunto posso dar, atenta a circunstancia

de na Rotunda ter conversado com Gonzaga e ter trocado com elle impressões sobre os factos que se iam passando, refere-se unicamente aos ali passados:

«Seriam 10 e meia da manhã de 4, na altura da rua Braamcamp, quando juntos conversavamos e que elle desanimadissimo como todos, a pé e sem a menor esperança; peças fóra de combate e um grave desastre em iminencia, me dizia: — «Nós vamo-nos embora — os srs. oficiaes que nos acompanharam retiraram e aconselharam-nos a que fossemos para o quartel porque as nossas responsabilidades, visto termos vindo comandados são muito menores, por isso vamos para o quartel».

«Tentei animar a situação, lembrando-lhe, e ao sargento Mendonça se me não falha a memoria, e que proximo se encontrava, que se podiam ter esperanças até final, e que n'um caso ultimo seriam provavelmente recolhidos a bordo do barco brasileiro que se encontrava no Tejo, podendo seguir a salvo de qualquer represalia.

«Nesta altura tendo ido dar ordem para abaterem um pobre cavalo que jazia com dores com uma perna decepada por uma granada, operação esta que foi mandada executar pelo intrepido Tereno, hoje tenente da guarda republicana, não mais o vi, e quando por elle perguntei disseram-me os seus colegas que elle havia retirado para o quartel.

«Deve portanto datar d'esse dia e dessa hora a sua retirada da Rotunda, ignorando contudo se a sua retirada no quartel foi ou não imediata ao facto; e, as informações a tal respeito dadas pelos individuos que ali se encontravam, e que seriam os mais competentes para o caso, alguns dos quais fazem ainda parte do regimento, são tão contradictorias, o que é para lastimar, que as não discuto, e, isto facto, impossivel se torna tambem discutir a qualidade dos serviços prestados, bem como a ocasião de que datam.

«De tudo o que acho mais extraordinario é que alguem se tenha abalançado a dizer que esse homem com uma pistola, carabina e não sei se com uma peça de artilharia foi quem obrigou Machado Santos a ficar na Rotunda!! Como é que um individuo que retira obriga outro a ficar? E' isto que irritando-me me

obriga a falar fazendo esta narração dos factos que presenciei, donde poderá quem quizer tirar as respectivas conclusões.

«Tendo v. offerecido as columnas do seu conceituado jornal ás pessoas que com conhecimento do assunto pudessem fazer luz sobre o mesmo, e confiado na reconhecida imparcialidade de v., peço e agradeço a publicação desta. Com a maior consideração sou, etc.—Antonio Correia, tenente picador de artilharia 1.»

Salientados depoimentos especiaes, vejamos livros de insuspeita lavra:

«Entretanto Machado Santos, apoz o abandono da Rotunda pelos outros officiaes, convoca um conselho de sargentos de artilharia 1 e pergunta-lhes se acceitam o seu commando.

« — Estou decidido, diz elle, a não abandonar esta posição custe o que custar!. . .

«Os sargentos respondem lhe que morrerão combatendo até o ultimo momento pela Republica, Machado Santos pede então um cavallo, monta e desde esse instante é elle o unico dirigente dos revolucionarios concentrados no alto da Avenida.» (*)

E' facto que, embora sobre reservas, o mesmo auctor, paginas adeante, (**) se pronuncia por uma influencia suscitando a Machado Santos a necessidade de proseguir a acção:

«Apoz essa sahida, alguns dos elementos revolucionarios, que até então se tinham limitado a executar as ordens dos chefes tomaram a iniciativa de preencher a vaga do commando supremo da «columna da Rotunda» e manifestaram a Machado Santos o desejo de combater «á outrance». Diziam elles: no acampamento encontram-se ainda sargentos de artilharia 1 que conhecem o manejo das peças, que são poderosos elementos de guerra, temos, portanto, o necessario para resistir com vantagem a um ataque serio do inimigo. Machado Santos concordou e, tendo entrado na Revolução com o proposito firme de lhe dedicar a pelle, decidiu queimar o ultimo cartucho na defesa da posição que o acaso lhe confiára.»

(*) J. de Abreu=«O 5 de Outubro»=Pagina 147.
(**) Obra citada=Pagina 180.

Outros (*), porem, se limitaram a collocar o commissario naval, como o mantenedor firme do posto, e como devendo-se «á sua inegualavel energia e patriotismo, a conservação do reducto da Rotunda'»

Recolloquemos agora a situação nos possiveis limites de fundamento que offerece esse enorme labyrintho chamado a Rotunda, verdadeira diabolica caldeira onde fervilham centenares de reciprocas accusações de fuga e de tal forma formuladas que, a dar-se-lhe credito em absoluto, só restaria a convicção de haver sido gigantesco mytho toda essa defeza e ataque da Avenida e lendario o ennumerado de todos esses combatentes de 4 e 5 de Outubro.

Significava isso o impossivel.

E' certo que a deserção foi grande e ao ponto de influenciar, mas em desalento, os proprios que procuravam resistir á derrocada pela firmeza e pela vontade.

Mas a uns que se evolavam succediam outros que preferiam ficar ali, mercê do desprezo da vida.

Machado Santos foi um d'elles.

Deu egualmente a sua submissão ao desanimo, mas não o levou, todavia, ao esboço sequer de uma ideia de fuga, tanto mais facil de executar, quanto lhe bastára dar ouvidos ao parecer unanime da officialidade, exposto quasi desde o raiar do dia.

A desesperança começara cedo nos graduados, e se a sua base era effectiva, e conhecida do commissario naval, a crença imperava n'elle mais que o proprio espectaculo de gradual abandono, patente, vivido.

Ao aviso da iniciada fuga dos officiaes, veiu do seu posto até ao local onde colheu os ultimos dispostos ao desapparecimento.

Viu o vacuo a fazer-se e para desculpa ao acto de deserção bastar-lhe-ia condescender, abster-se ante o desideratum com-

---

(*) Hermano Neves=«Como triumphou a Republica»—«Subsidios para a Historia da Revolução de 4 de Outubro de 1910»=2.ª edição — Pagina 122 123

pleto dos agaloados, ante os argumentos de catastrophe evidente expostos pelos seus superiores, entre elles o capitão Alfredo Ernesto de Sá Cardoso, de facto a essa hora o chefe do acampamento, e que no seu relatorio assignala sufficientemente a decidida coragem de Machado Santos.

O quadro descripto e o exemplo eram mais de acobardar do que de crear heroes.

Não se apresentaram possibilidades de victorias, mas de martyrios.

Não era uma visão de epopeia que podia sorrir a Machado Santos, e apenas o aspecto da hecatombe, da qual outros se procuravam salvar.

Bastaria acompanhal-os: a licção, o incitamento, dos commandantes viera.

Preferindo ficar, com o conhecimento da situação, com varias recusas terminantes á sahida, indesculpavel seria o retrocesso do primitivo pensamento.

Não se deu, portanto essa allegada intenção de affastamento.

Já esboçamos a causa da campanha.

Obvio é de dizer porém que a contestada attitude de Machado Santos, teve successos similares.

Raros foram os combatentes da Rotunda que escaparam á accusação de ali não haverem estado e no quartel de marinheiros, ao capitão tenente Alvaro de Oliveira Soares Andréa se pretendeu tirar o justo logar de quasi solitario deffensor do edificio desde a tarde de 4.

Machado Santos, para o seu momentaneo abalo de energia, teve condições especiaes.

Não contára com a interia responsabilidade d'esse acto arrojado da madrugada.

Era comtudo o destino, tirando-lhe o aspecto subalterno, para lhe confiar a suprema direcção do movimento, que elle ia sustentar firme.

Mal prevenido para o lance, teve o sobresalto.

Julgou-o origem da situação singular d'aquella hora de ignoto fim e era o futuro, talhando-lhe o avanço, apontando-lhe

a caminhada em frente, para, mais tarde, lhe cavar aos pés o abysmo nascido da propria obra, quasi o anathema aos mais audaciosos obreiros da sedição.

Não lhe sorriram bons prognosticos, e apenas se lhe apresentaram terriveis contingencias.

Comtudo a essa desesperada situação ia elle valer, como á do quartel de Alcantara, valeria o capitão-tenente Alvaro d'Oliveira Soares Andréa.

Todavia relanceou a vista por esse baluarte, de momento sujeito a qualquer tomadia.

Via-se isolado para dirigir as tropas irregulares de que se cercara.

O desespero evidenciou-se e vamos vel-o descripto sem os atavios falsos, de um desejo de dispersão:

«Machado dos Santos corre o acampamento, e não encontra um official, a quem se podesse entregar o commando.

«Foi um momento de dolorosa angustia, para o heroico marinheiro, republicano desde muitos annos, e um doido pela grande ideia.

«O que elle soffreu n'esses momentos, ao vêr que o movimento ia talvez fracassar, deante d'elle que estava ali resolvido a praticar todas as loucuras!

«Olhou em volta de si, e viu Americo de Oliveira, que procurava o mesmo que elle: uns galões d'oiro...

«Com a mesma ideia dirigem-se um para o outro.

« — Estamos perdidos! exclamou Machado Santos. Estamos sós! Que fazer?

«Americo d'Oliveira exclamou, n'um impeto:

« — Tocar a unir, e perguntar aos sargentos se acceitam o seu commando!

«E, logo, n'uma profunda commoção:

« — Lembre-se que eramos dois doidos pela Republica, e que devemos morrer aqui, antes de nos rendermos!

«Machado dos Santos exultou: já não estava só, tinha ali ao lado um companheiro heroico. Silenciosamente, mas com uma grande decisão, cahiram nos braços um do outro e foi com uma

voz potente, de commando, que Machado dos Santos mandou tocar a unir.» (*)

Alterado isto appareceu ainda, na hora em que havia já discussões e malquerenças.

Vejamos assim a declaração de Americo Lopes de Oliveira, fazendo parte do livro (**) de Gonzaga Pinto, e onde se citam, com mais certos pormenores, as horas em que outros attribuiram a Machado Santos a ideia de abandono:

«Declaro que ás 10 horas da manhã do dia 4 de Outubro, pouco mais ou menos, estando na Rotunda, Machado dos Santos veiu ter commigo e disse-me:

« — Estamos completamente perdidos, não ha forças possiveis para a defeza. Os officiaes fugiram e eu não sei as vozes de commando. E assim desanimado transmittia esta impressão ás outras pessoas.

«Mas eu observei-lhe:

« — Nós como carbonarios cada um do seu grupo temos grandes responsabilidades em tudo isto. Deixa ver em que param as coisas. Tu não passas de um maluco e eu tambem. Vamos á ver o que sae d'aqui.

«Resposta de Machado dos Santos:

« — Mas eu não percebo nada d'isto de artilharia!

« — Não importa, estão ali os sargentos que sabem tudo; chama-os e pergunta-lhes se querem ficar comtigo!

«Diz Machado dos Santos:

« — Mas como queres tu que eu os chame, se elles andam para ahi todos espalhados.

« — E' facil. Chama um clarim e diz-lhe que toque a sargentos.

«Então eu mesmo chamei um clarim e disse-lhe: toca a sargentos. Reuniram estes na nossa presença e Machado dos Santos perguntou-lhes se queriam ficar na Rotunda, debaixo do seu commando. Elles responderam immediatamente que sim, que d'ali ninguem arredava pé.»

(*) «O Paiz» de 11 de Outubro de 1910.
(**) «Memorias da Revolução»=Pagina 50.

Americo de Oliveira foi no minuto solemnissimo do incentivo, o influenciador que jungiu ao terreno da futura victoria, o ultimo troço de predispostos ao desalento,

N'outro transe difficil o vimos já surgir, quando das perseguições ás sociedades secretas durante o governo de Veiga Beirão.

Havendo sido denunciado o conservador das bibliothecas municipaes, Arthur Augusto Duarte Luz de Almeida, como grão mestre da Carbonaria Portugueza, Americo de Oliveira, afim de que elle não fosse preso, proporcionou-lhe a fuga para Paris, em automovel seu. (*)

Certo é porem que, para demonstração clara da imperfectibilidade da alma humana, tanto esse acto de solidariedade, como o appoio á situação da Rotunda, eram depois trazidos a publico pelo proprio, sob o mordaz aspecto de amesquinhamento dos coadjuvados.

Justo é dizer, comtudo, que elle era já a essa hora, um dos esquecidos das occasiões graves, d'essas onde o serviço á causa democratica teve o cunho firme da energia e do valor.

Iam longe já esses enthusiasmos narrados (**) por Machado Santos:

«Quando sahi do quartel general, Americo de Oliveira esperava-me com um trem e um magnifico almoço de «sandwiches» que me offereceu, mas fez-m'o pagar e caro, porque me levou a outra dragona.»

Tudo contribuiu, mais tarde, para que elle fosse — e com razão talvez — um dos principaes descrentes de apoz causa ganha e traduzindo em desafogos de impectuosa desconnexação ao thema porque luctára, a rebeldia de seu pensar,—no carcere, Republica em Portugal, derruiria em silencio, os erros de haver sido na Rotunda um dos braços fortes destruidor dos dogmas velhos de um reinado novo.

Lançou-o ás cadeias, um incidente de ruido.

(*) Largamente narrado está o incidente e suas consequencias a paginas 798 do 2.º volume d'esta obra.

(**) Relatorio de Machado Santos.=Pagina 91.

Déra-se a explosão de algumas bombas em Lisboa e até a da rua do Carmo, durante o cortejo camoneano de 12 de Junho de 1913, apoz o qual houve a tentativa revolucionaria de 20 do seguinte mez.

Americo de Oliveira, já a esse tempo um descrente em regimens novos, de passagem em Alcobaça, dera origem á remessa do seguinte telegramma para o jornal «O Mundo» (30 de Julho de 1913):

«Alcobaça 26 — O conhecido revolucionario Americo de Oliveira, declarou hontem publicamente poder affirmar que as bombas que ultimamente explodiram em Lisboa, e tantas desgraças causaram, foram lançadas ou mandadas lançar pelo sr. dr. Affonso Costa e outros elmentos democratas, alguns dos quais estão presos. Estas declarações causaram geral indignação, tanto mais que são conhecidos os intuitos com que são espalhadas semelhantes infamias.»

Já o governo da presidencia de Affonso Costa tinha informe do facto e, d'ahi a prisão (28 de Julho) com ideias de lhe serem applicaveis as disposições do artigo 4.º do decreto repressor de 28 de Dezembro de 1910:

«Aquelle que de viva voz, ou por escripto publicos, ou por outro meio de publicação espalhar boato falso, destinado a alarmar o espirito publico, ou susceptivel de causar prejuizo ao Estado, ao credito publico ou á segurança social, sem procurar verificar a sua origem ou o seu fundamento, será punido com a prisão correccional até tres mezes, e multa de 10$000 réis a 100$000 réis, applicando-se em caso de reincidencia, o disposto no artigo antecedente e seu paragrapho.»

Não teve, realmente legitima interpretação para o successo o celebre artigo 4.º e entre a celeuma da imprensa e o fim das investigações judiciaes, Americo de Oliveira era restituido á liberdade, (29 de Julho de 1913), acto seguido de entrega de uma mensagem repleta de assignaturas:

«Um grupo de sinceros e devotados republicanos, reconhecendo as altas qualidades moraes e intellectuaes do prestimoso cidadão Americo de Oliveira, acerrimo propagandista do ideal que se tornou num facto em 5 de Outubro de 1910, ideal a

que não só sacrificou a maior parte dos seus haveres como tambem arriscou a vida nas famosas jornadas de 4 e 5 do mesmo mês e anno, em que não se limitando a aguardar na Rotunda, onde prestou relevantes serviços, o resultado das operações militares foi, a peito descoberto, fazer frente ás forças que se encontravam no Rocio, não temendo a metralha que por vezes vomitavam os seus canhões, altamente indignados com a injustissima prisão que o governo da Republica ordenou — como premio vil — a quem, praticando actos de tão alto valor, tambem a serviu e tem continuado a servir, resolveu dirigir-lhe esta mensagem de protesto, conscios de que todo o bom republicano seu irmão de armas ou simples companheiro no campo da acção propagadora, juntará a sua assignatura áquellas dos que tomaram a iniciativa deste protesto-homenagem, para provar que não só fóra do regimen, sonhado tantos annos e ha tão pouco realisado, como dentro d'elle, não se permitte que aos seus filhos mais dedicados se paguem, com ingratidão, actos que honram, enaltecem e põem acima do nivel de todas as paixões partidarias ou pessoaes, homens da envergadura de Americo d'Oliveira.—Saude e Fraternidade.—Lisboa, 31 de Agosto de 1913.»

Isso não evitou a remessa de uma ordem de prisão expedida pelo administrador de Alcobaça, sendo Americo de Oliveira detido (20 de Dezembro de 1913) e apenas solto mediante fiança de 300 escudos, e a intimação de comparencia perante o juiz d'aquella comarca.

De tudo o salvaria porém, a queda do gabinete Affonso Costa (27 de Janeiro de 1914).

Foi Americo de Oliveira quem, audacioso, affastou para longe essa atmosphera de desanimos da manhã de 4 de Outubro de 1910, no acampamento da Rotunda.

Entre esse revolucionario e o commissario naval se passou apenas a scena que a esmorecimentos poz termo e isso justifica o não ser ella citada com certa cohesão por nenhum dos outros revoltosos, nem pelo proprio Machado Santos, affirmando sempre a sua coragem e esperança: (*)

(*) «O Mundo» de 12 de Outubro de 1910.

«Entretanto, meditando na grave responsabilidade que tomára sobre mim, não me senti sem coragem e a esperança não me abandonou. Eu conhecia bem o espirito dos soldados, cabos e sargentos e confiava mesmo nos que estavam no campo inimigo.»

Imposto o dever de luctar, Machado Santos, resolveu proseguir o trabalho dos evolados officiaes.

Um clarim tocou a unir sargentos.

De quantos haviam entrado na Rotunda, de madrugada, só nove surgiram: os 1.os sargentos José Soares da Encarnação, e Ernesto José dos Santos e os 2.os sargentos Francisco Alexandre Lobo Pimentel, Francisco Garcia Tereno, Laurino Vieira, Firmino Ferreira da Silva Rego, Mathias dos Santos, Ernesto Joaquim Feio e Manuel da Conceição Silva

Dada foi ainda a comparencia de um sargento de marinha de nome Almeida e outro de engenharia.

Mencionou-os o medico Alvaro Bossa no seu depoimento: (*)

«Ficámos, pois, e á nossa frente encontrámo-nos apenas com os seguintes graduados: commissario naval Machado Santos, primeiros sargentos de artilharia Santos e Encarnação e segundos sargentos Pimentel, Tereno, Silva, Mathias, Feio, Rego, Vieira, sargento de marinha Almeida e um sargento de engenharia, cujo nome não recordo.»

Os dois ultimos officiaes inferiores citados pelo dr. Alvaro Bossa, eram o 2.º sargento de engenharia Manuel de Oliveira e o 2.º sargento da armada, Antonio Augusto de Almeida.

Comtudo, não só Machado Santos os apresenta como apenas chegados á Rotunda na tarde e noite de 4, como ainda confirma o facto o tenente Fernando Mauro da Assumpção Carmo, no seu «Relatorio». (**)

Diz elle, em relação ao 2.º sargento Almeida:

«Esteve desde quatro á noite á testa da linha de fogo da

(*) «O Seculo» de 9 de Outubro de 1910.
(**) «Documentos para a Historia»=«Relatorio do tenente Fernando Mauro da Assumpção Carmo» — «O Intransigente» de 16 d'Outubro de 1910.

Avenida Fontes, conservando se de baixo de fogo durante a noite de 4 para 5 e grande combate da madrugada d'este dia. Estava envestido na direcção da referida linha de fogo e prompto a defender o acampamento no caso de ataque feito directamente, e como se esperava pela referida avenida. Não compareceu mais cedo por estar preso no quartel general e só conseguindo fugir depois das 6 horas da tarde de 4.»

E acerca do sargento Manuel de Oliveira:

«Desde 4 de tarde prestou serviço na Rotunda e muito principalmente junto da linha de fogo frente Val de Pereiro, conservando-se debaixo de fogo durante a noite de 4 para 5 e durante o grande combate da madrugada d'este dia e sempre em contacto com os vedetas dos lados do Rato. Prestou bons serviços de reconhecimento e auxiliou os serviços do acampamento. Manifestou ser dotado de uma grande energia na occasião em que se estabeleceu uma grande confusão no acampamento e quando entrava uma força da Guarda Municipal contra os quaes os nossos fizeram fogo suppondo que elles vinham armados. Conseguiu suspender esse acto e serenando os animos evitou muitas desgraças.»

Machado Santos só se refere no seu relatorio, ao sargento Manuel de Oliveira e á sua entrada no acampamento na tarde de 4, e em olvido deixa o sargento de marinha Antonio Augusto de Almeida, que não figura em nenhuma das paginas do relatorio firmado pelo commandante da Rotunda.

E' certo porem que elle esteve no acampamento pelo declinar da tarde, como certo é egualmente que, em contrario da affirmativa do dr. Alvaro Bossa, o commissario naval, nas horas mais graves da revolta, e n'estas se comprehende a do abandono pela officialidade, apenas se encontrou com os nove sargentos, auxiliares preciosos na critica situação da fuga dos capitães e subalternos.

Foi esse o segundo grupo de dedicados á democracia.

O acto de firmeza e o porte energico na lucta, valer-lhes-ia o premio de compensação.

Os nove sargentos, á victoria ganha, eram promovidos a tenentes, pela ordem do exercito publicada a 25 de Outubro de

1910, embora sujeitos fossem depois á celebre e já citada questão das promoções.

D'elles, conhecer os horrores dos carceres do castello de Angra, iria, quando tenente da guarda republicana, o ex-sargento da Rotunda, Lobo Pimentel.

Accusado foi inicialmente de pertencer a um grupo destinado ao golpe de estado para deposição do governo Affonso Costa (*), em janeiro de 1912, e para o ganho, pelo assalto a artilharia 1, do posto de capitão.

CHEFE CIVIL MANUEL LOURENÇO GODINHO

De maus transes se livrava para cahir nos calabouços do Castello de S. Jorge (4 de Janeiro de 1913) por aggravos ao commandante da guarda republicana, general Encarnação Ribeiro, com fundamento na pena de transferencia para Castello Branco, imposta ao tenente Santos, o antigo sargento da Rotunda, Mathias dos Santos, este arguido de não proceder contra o

(*) Vide documento de paginas 348 d'este volume.

povo, retirando, durante tumultos provocados ás raclamações pelo augmento da contribuição predial (Novembro de 1912).

Nova tentativa revolucionaria (*), dava o tenente Pimentel como a ella ligado e mercê d'isso, o vapor «Cabo Verde» o depunha (**) para longa jazida de sete mezes, na fortaleza de S. João Baptista, da cidade de Angra, onde houve por um official, a ordem de limpeza de um sepulchro afim de servir de prisão segredo aos deportados politicos. (***)

Salvo do mau passo açoriano, ingressaria nos presidios frigidissimos e humidos da Trafaria (****), para só sahir d'ali mercê de uma manifestação do povo que defronte do palacio de Belem, foi impetrar do presidente da Republica dr. Manuel de Arriaga a amnistia de todos os presos politicos.

Era ainda presidente do ministerio o dr. Affonso Costa e succedendo-lhe na queda, apoz tumultos, o dr. Bernardino Luiz Machado Guimarães, deferido era o desejo popular por uma lei de 22 de Fevereiro de 1914, da qual aproveitou o tenente Francisco Alexandre Lobo Pimentel que deixava o carcere da Trafaria a 23 d'aquelle mez, carcere onde esteve dois mezes, como desaffecto á Republica por elle ajudada a fazer quando os seus detentores de futuro não sonhavam sequer poder vir a tel-o sob o seu jugo politico.

A amnistia não evitou porém, a comparencia em tribunal marcial (31 de Março — 4 de Abril de 1914) que lhe deu a absolvição.

N'aquella agitada manhã de 4 de Outubro de 1910, não foram entrevistas porem as mudanças que o futuro poderia fazer nas almas enthusiastas dos chamados «sargentos da Rotunda».

Teve pois um cunho solemne, o conselho convocado por Machado Santos.

Este apresentava a situação grave da fuga dos officiaes, e, salientando ser elle o unico que de patente ali se encontrava,

---

(*) 27 de Abril de 1913.
(**) 8 de Maio de 1913.
(***) «O Intransigente» de 5 de Janeiro de 1914.
(****) 22 de Dezembro de 1913.

affirmou-se disposto a assumir a responsabilidade gigantesca da defesa do acampamento, se acceite, auxiliado e reconhecido fosse o seu commando.

Não houve uma hesitação.

De grandiosa coragem foi a resposta:

— Nós morreremos aqui ao lado de V. Senhoria!

Era quasi o reproduzir da vehemencia franceza, que ao inicio da revolução de 1879, na data celebre de 5 de Junho, gritava:

— *Republique ou mort!*

Era como que a visão d'esse quadro de heroismo e de crença offerecido por Walter Furst, Arnoldo Melchtkal e Staaffacher reunindo-se a 16 de Novembro de 1307 n'um valle isclado de Schwitz e jurando ali ou a morte ou a fundação da republica suissa, assente basilarmente a 23 do mez seguinte.

Estava assim sanccionado o assumir por Machado Santos da direcção suprema do acampamento, principal da revolta republicana.

XV

Machado Santos

Rotunda, quasi nulla em acção, ao abandono dos officiaes, emergia para novos commettimentos.

Do pretenso forte baluarte da sedição, mais avigorado em temeridades do que em numero de combatentes, ficava chefe, o commissario naval de 3.ª classe Antonio Maria de Azevedo Machado Santos.

Nascera a 10 de Janeiro de 1875 e existe o seu registo de baptismo na parochial da Pena, de Lisboa, como filho de Mauricio Paulo Victoria e de D. Maria da Assumpção de Azevedo Machado Santos.

Tentou o a carreira naval e ingressava na respectiva Escola.

Ao brilhantismo dos estudos, correspondeu o accesso ao posto de aspirante de 2.ª classe em 29 de Outubro de 1891 e de 1.ª classe em 30 de Julho de 1892.

Terminado o curso da Escola Naval, era collocado em guarda marinha a 5 de Janeiro de 1895.

Os serviços administrativos attrahiram-no, embora n'elle se integrasse a alma d'um evolutivo e de um combatente.

Era um erro de vocação que o destino se encarregaria de desfazer, quinze annos decorridos.

Todavia, esse cerebro, ardente vulcão de revoltado, ia ganhando terreno, accumullando lavas, reprezando-as, na leitura febril da historia, apresentando a realeza com seus defeitos, o povo com seu heroismo, com seus rugidos de soberano selvatico, correndo ao perigo sem lhe medir as consequencias.

Casando a 29 de Julho de 1899, com D. Beatriz Estephania de Oliveira, o destino, para que a gloria futura lhe sorrisse sempre, coroando ainda mais o lar feliz, fez com que se mantivesse, irredutivel, com o amor pela familia, a paixão pelos lances da vida das nações.

Se lhe agradavam as luctas, nos sertões da Africa, contra o gentio sacudindo sempre o jugo da raça branca, sonhava egualmente reproduzir um incendio devorador do throno de D. Carlos, identico ao que Guilherme Tell dirigiu para derrubando o imperador Alberto, fundar a confederação helvetica; identico ao que, em França, Danton, Necker, Robespierre, Mirabeau, Saint Just, Camillo Desmoulins, Marat, atearam para a queda de Luiz XVI e Maria Antonietta e egual ao que o capitão Duroyer, e Lamartine, lançaram para a absorvente republica franceza de 1848, o anno revolucionario, por excellencia, em que a Prussia, se revoltava a 18 de Março e Luz Kossuth, como rutilo symbolo da democracia, arvorava a 13 de Março o estandarte da republica hungara, Kossuth que Lisboa chegou a saudar em Outubro de 1851, na sua passagem por Lisboa, a caminho da terra do exilio, a Inglaterra.

Era a evocação do general francez Championnet, proclamando a republica napolitana no fim do seculo XVIII; da constituição republicana proclamada na Hollanda a 23 de Janeiro de 1579.

Seria a acção telepathica do general João Prim, a traçar-lhe de alem tumulo o exemplo, no resurgir mental do gesto desthronisador de Izabel II, de Hespanha, e que lhe deu como premio a chefia do governo provisorio na fraca republica de Fevereiro de 1873, sob a presidencia de Estanislau Figueras y Moragas.

Era como que a espiritualisação do marinheiro valoroso, Nino Bixio, que, descida do seu circulo de mysterio, a outra al-

ma fôra conduzir a energia e a confiança com que erguera o facho flammante da sedição, da historica cruzada onde a Sicilia de 1860, deu o brado potente do odio á realeza, origem da expedição garibaldina accorrendo para sacudir o jugo burbonico, findo com a queda de Francisco II, o «rei-bombeiro», do throno siciliano.

Porem, a derrocada immediata, ou apoz tempo, de tantas tentativas representariam outros tantos incentivos.

Para estes sorria ainda o influxo supremo do nome do marechal Manuel Deodoro da Fonseca, no acto historico de 15 de Novembro de 1889, apontando o caminho de desterrado a D. Pedro II, do Brazil.

Era a intuição combativa, era a revolta a lavrar como chamma inextinguivel em local propenso a combustão.

Era pois esse mar gigantesco da Historia que lhe trazia nas ondas revoltas, o bello de um incitamento.

Mas, como succedeu a tantos d'esses vultos celebres da tradição de cada paiz, teve Machado Santos antes da notoriedade, a obscuridade.

A luz cega mais quanto mais das trevas se emerge.

Ora em redor d'elle, existia o cahos, era a formação de um periodo aureo a desenhar-se apenas como mal definida sombra no espaço da sua futura existencia.

O inicio d'essa concepção foi pelos fins do periodo governativo de João Ferreira Franco Pinto Castello Branco.

O mez de Agosto de 1907, encontrava Machado Santos, prestando serviço na commissão de compras da marinha, como commissario naval.

A dictadura franquista, vibrantemente atacada pelos republicanos e pelos monarchicos, era a palavra de ordem para a exarcerbação mental.

Tomado foi egualmente d'essa especie de nevrose, e o capitão-tenente João José Lucio Serejo Junior, colhia d'elle uns vislumbres de refractariedade aos actos do governo de João Franco.

O official superior breve o punha em contacto com o capitão-tenente, revolucionario, Alvaro de Oliveira Soares Andréa,

na epocha sub-director dos serviços maritimos do arsenal de marinha.

Ao convencimento de que em Machado Santos actuava um cerebro revoltado, o commissario naval Arthur Marinha de Campos e o tenente do exercito colonial, Mascarenhas Inglez iam abertamente tentar o que Lucio Serejo e Soares Andréa, haviam sondado com a critica da dictadura do chefe do partido regenerador-liberal.

Retrahido, de principio, pela entrada recente de Marinha de Campos no partido republicano, apoz permanencia no partido regenerador-liberal, e desconhecendo o pensar do tenente Mascarenhas, breve se affirmava commungando no mesmo credo.

O mez de Setembro de 1907, dava-lhe a approximação de Candido Reis e João Chagas, no escriptorio do advogado dr. Alexandre Braga.

A's claras evidenciou uma crença desmedida no exercito e na marinha.

João Chagas, experimentado na lucta, e com o baptismo de fogo e de desillusões, do 31 de Janeiro de 1891, fez desvanecer o sonho, impondo o trabalho como realidade e como fonte para a victoria.

Machado Santos, formulava a offerta, acceite por Candido Reis, para lhe ser commettido o alliciamento da maruja.

Quiz-se, comtudo, escutar o voto de officiaes sobre trabalhos n'esse sentido executados.

Nada fôra conseguido e, no exercito, subsistia até falta de agaloados e de um chefe, um coronel, posto com que a revolução não contava.

O commissario naval poz entretanto o seu desvello ao serviço do encargo, e com a ajuda de João Salgueiro Rodrigues, Francisco Thomaz de Oliveira, estabelecido na rua da Cruz, em Alcantara, e Augusto da Assumpção Rodrigues estabelecido na rua Maria Pia, começou a iniciação dos marinheiros, effectuada nocturnamente, no interior da loja do primeiro.

Em pouco se lhe reuniam os cabos de marinha Amaral, Antonio Correia da Silva e João Ignacio Rodrigues, cabo signa-

leiro, Antonio Paes Gomes Junior, o cabo fogueiro, João Joaquim, e os cabos artilheiros, Silvestre Fernandes Ferreira, José Joaquim Lopes de Sá, e Manuel da Cunha Lusitano, os 1.[os] artilheiros, Manuel Teixeira, José da Silva Martins e Ricardo Marianno, e o corneteiro João de Oliveira.

Constituiram elles, com outros que se lhes aggregaram, a base de todo o alliciamento.

Machado Santos, deixou de ser o official de marinha disciplinador, para, esquecendo as divisas, descer aos antros de Alcantara.

As tabernas foram o vasto campo de acção.

A's sombras nocturnas, ás mortas horas, ia buscar para o dourado sonho de revolta, os medicantes e os desprezados da sociedade.

Obscureciam-se cadastros, queriam-se combatentes.

Não se tratava de pôr longe os habitantes triviaes dos carceres, mas apenas medir até onde podia ir o seu pouco caso da vida.

Quem se arriscava ás contingencias, pouco agradaveis, por vezes, das empresas noctivagas, podia bem arremessar-se para a surpreza, para o lance novo, de uma rebeldia.

Era necessario trazer gente para o projecto.

Muitos, levados pelo ideal, não calcularam a distancia que dos outros os separavam.

Unidos pela crença, ninguem exalçou o seu passado limpo, para a abstenção de convivencia com os varios alliciados de bordeis, suspeitos, com albergues nos taboados do Aterro, que a giria celebrisou com o titulo de «Hotel Pinho».

Os meandros de Alcantara e as viellas da Madragôa, os beccos da Mouraria e as tortuosidades de Alfama, foram os circulos viciosos onde baixou Machado Santos.

Mais tarde, (*) elle diria ainda, como se essa recordação lhe fosse grata:

«Hoje, que não sei em que passar o meu tempo, porque infelizmente me não acharam competencia para collaborar na

(*) Pagina 14 do relatorio de Machado Santos, publicado em 1911.

Machado Santos

obra da regeneração da Patria; hoje que a paz do gabinete é mais necessaria do que a agitação das vielas e ruas tortuosas de Alcantara, Madragôa e Alfama; hoje, que os passeios a Monsanto e ao «hotel Pinho», do Aterro, já não são necessarios, eu tenho saudades d'esses tempos de lucta e de terror, em que a alegria e sobresaltos se alternavam, forçando a apparentar um socego de espirito que internamente ninguem podia sentir!»

Dir-se-hia um lamento, e uma pena d'esses passeios.

Julgar-se-hia a falta d'essa promiscuidade terrivel.

Constituia porem uma ironia a esse presente, e quiçá um arrependimento dos passos dados, pois o retrocesso ao tempo de cautellas e de desasocegos dos nocturnos alliciamentos, significava longe ainda a vida de desillusões preparada ao surgir do antigo sonho de todas as horas.

Mas todo esse espaço de Agosto de 1907 a 1910, achou-o firme em crenças.

A' reluctancia de D. Carlos I em reconhecer a monarchia composta de monarchicos, correspondeu a convicção de Candido Reis, de que republicanos havia muitos, mas revolucionarios poucos.

Foi Machado Santos quem a lume trouxe essa opinião: (*)

«Candido dos Reis dizia-me: homem! republicanos, ha muitos, revolucionarios, ha poucos; não tenha illusões. Pode-se ser bom republicano e mau revolucionario, com poucos ou com muitos devemos ir para a frente, para tentarmos salvar este desgraçado Paiz. Mas não se illuda: se formos vencidos, os que se dizem republicanos, para que o não suspeitem, commandarão, e como os outros, os pelotões de fogo que nos hão-de fusilar.»

O conceito era intuitivo.

A logica era flagrante, evidenciando analyse lucida.

Comtudo, para o commissario naval, o grau de enthusiasmo e de porfia, tinha recrudescencia a cada anteposto ou previsto obstaculo.

Não recuou, nem mesmo ante a recusa de muitos que havendo promettido o auxilio da espada á causa da democracia,

---

(*) Relatorio já citado, pagina 17.

disfarçavam o retrocesso sob a chrisma de passageira loucura dada ao compromisso que lhe tomara Machado Santos.

A este, todavia, não teve quebra o animo.

A marinha era a esperança e o exercito o estorvo.

Urgia demovel-o, congraçando-o com a franca adhesão da maruja.

Os preparativos do 28 de Janeiro affirmaram logo a firmeza e vontade do commissario naval.

Ao fracasso pensou ainda em, com Lucio Cerejo, trazer para a rua a marinha e com ella libertar os primeiros presos da janeirada.

Lucio Cerejo, assumindo o commando do quartel de marinheiros, emquanto Soares Andréa tomava o do Arsenal, era o preconcebido plano, onde o dr. Affonso Costa, tomou principal papel, por ser elle quem, ignorando tudo, conseguiu orientar em dois dias a tentativa aprestada para 28, e victoriosa, se outro e não João Franco a governar estivesse

Assim, a prisão de Affonso Costa foi a total ruina do projecto, embora o commissario naval Marinha de Campos pensasse ainda em sublevar a gente da fragata «D. Fernando».

Machado Santos contendo a inutil intenção, evidenciava, como conhecedor, a queda de todo o forjado movimento.

Já registámos (*) a sua acção no 28 de Janeiro.

A' derrocada do sonho de revolta, correspondeu, como destorço, o regicidio.

O governo de Ferreira do Amaral, julgava de conveniencia pôr ao largo alguns suspeitos, e preferentemente, os considerados menos perigosos.

Machado Santos era mandado a bordo da canhoneira «Zambeze», para a Guiné, onde havia uma revolta do gentio, os «papeis» de Bissau, assistindo ali ao bombardeamento de Antim e Bandim, effectuado a 4 de Maio. (**)

(*) Descripta largamente desde paginas 224 do 1.º volume d'esta obra.

(**) Esse lance de armas, brilhantemente dirigido pelo 1.º tenente João Augusto de Oliveira Muzzanty, está descripto a paginas 96-100 da nossa obra «O Começo de um reinado».

Partindo em Fevereiro de 1908, regressava em Junho, para recomeço de propaganda e iniciação.

A Carbonaria, já formada e com redes gigantescas, dava-lhe a chefia da «Alta Venda».

De novo, para que lhe sorrisse a fama do futuro, olvidou os galões para descer aos jogos baratos nas alfurjas onde a marinhagem lhe escutava a palavra de rebeldia.

A 6 de Maio de 1908, iniciára publicação, como republicano immoderado, o jornal «O Radical».

Dirigia-o, o commissario naval Arthur Marinha de Campos e os artigos espelhavam a tenacidade de um official de marinha contra o regimen monarchico.

De regresso das terras de Africa, Machado Santos, tomava a penna e ia auxiliar com a vehemencia de adversario da realeza, a derrocada moral que, com a complacencia dos governos, o «Radical» ia preparando á corôa.

Um artigo mais violento, caustico e indisciplinado, dera-lhe um conselho de guerra.

A defeza brilhante do advogado dr. Antonio Caetano Macieira Junior, que mais tarde veremos ministro dos estrangeiros em ministerio presidido pelo dr. Affonso Costa, — trazia-lhe em audiencia de 17 de Outubro de 1908, a absolvição, attenuada todavia com uma guia de embarque no transporte «Pero de Alemquer», que seguiu para Angola a 31 d'esse mez.

Um semestre durou o exilio, e á volta, conhecidas então bem as suas ideias, conferido ironicamente lhe foi o titulo de «Presidente da Republica do Cartaxo».

Empunhava porem o camartello destruidor da causa monarchica e outra vez Alfama e a Madragôa o retiveram por largas horas.

Impulsionando tudo, salientes foram os serviços e a reunião de 14 de Junho de 1910 sannccionava-se o voto para o cargo de vogal da commissão de resistencia, secreta, sahida da Maçonaria Portugueza e presidida pelo dr. José de Castro.

No receio de fracasso da sua obra, assistiu aos addiamentos de 14 de Julho e 16 de Agosto d'aquelle anno.

Elle que insuflára energia e revolta a outros, teve que lhes

refrear as impaciencias e aconselhar-lhes paciencia e moderação.

Assistente ás reuniões decisivas da tarde de 2 de Outubro no consultorio do dr. Francisco Eusebio Lourenço Leão, e á das 8 horas da noite, no Centro Republicano do largo de S. Carlos, n'este promettia ao almirante Candido dos Reis, a sublevação de infantaria 16.

A tarefa das horas que precederam o movimento, as caminhadas do quartel de Alcantara para Campolide, ao quartel de artilharia 1 e para Campo de Ourique ao quartel de infantaria 16, não o alquebraram.

A promessa cumpriu-a e embora malsinada de pretextos varios, o regimento sahiu para se junccionar a artilharia.

A marcha foi desorganisada, e a soldadesca penetrada d'um temor a que o proprio commissario naval não poude eximir-se.

Certo é porém que, a despeito de todos esses embaraços, se effectuou a juncção dos dois regimentos.

Fez parte, enervado, da jornada de receio do quartel de Campolide á rua Ferreira Borges, e d'esta, n'uma nevrose inconcebivel, á Rotunda.

A subalternidade em que se encontrava n'esses lancès, não lhe deu comtudo o notorio do destaque, colhido apenas no assalto e tomadia da esquadra da rua Rosa Araujo.

O feito, de diminuto alcance, não lhe augmentou o grau em relação aos outros agaloados.

Teve o encargo da defeza de um lado do acampamento da Rotunda.

Absorveu se na tarefa, entregou-se-lhe, ignorando todavia que, desde essa hora, o destino lhe estava desbravando o caminho para, quebradas as cadeias da subalternidade, o aureolar com as notoriedades.

Era o premio, inicial, das labutas em prol da democracia.

Os bastidores d'esse vasto theatro, a Rotunda, onde se desenrolaram tantas scenas de surprezas e de ambições e onde a sorte conduziu a officialidade á resolução de uma fuga, retiveram-no a elle, longe, activo e impulsionante, julgando trabalhar

para outros, e accionando, sem querer, para si, para o consummar do seu destino que, fazendo-o emergir do semi-anonimato, o ia collocar no ponto culminante e pouco facil de ascender, de heroe d'uma reivindicação constituinte.

Das grandes alturas se cae mais breve e mais perigosamente.

Esse destino que o lançou para o mundo da celebridade, atiral-o-hia mais tarde do seu pedestal de idolo, para o campo trivial das veias populares, mas, é certo, já não logrou apagar os anteriores dias de gloria, de alegria, de louvamento em que o nome de Machado Santos estrondeou como o de supremo dador de um bem nacional a uma raça de escravisados.

Fugir dos caprichos populares: são ondas que ora sobem elevando comsigo os bateis frageis da popularidade, ora descem arrastando para a voragem os incautos que na sua estrella de perpetua gloria confiaram.

Dedicado á ideia de que a Republica seria a redempção de Portugal, Machado Santos ergueu o facho incendiario da sedição e ateando o fogo destruidor da realeza, atirou a terra a semente fortificante do ideal a reivindicar pela colera popular.

Emquanto outros manobravam, lançando aos ouvidos do povo as phrases de maldição á corôa, elle, corria os aggrupamentos das camadas baixas, e jungia-os, em segredo á causa de um espraiar, armado, da colera dos adeptos da causa republicana.

Quando outros se eclypsavam, ficava elle, para mentira de quantos lhe negaram a estada no posto onde poucos desejaram conservar-se e justificação dos que alto proclamaram:

«Deve-se a Machado dos Santos, á sua inegualavel energia e patriotismo, a conservação do reducto da Rotunda. Perdido elle, tudo estaria fatalmente perdido. As tropas do Rocio teriam logo conquistado a posição, e os defensores da monarchia seriam bafejados por novo alento, o que por certo teria determinado a derrota dos republicanos. (*)

Foi pois Machado Santos, o evidente executor d'esse mandato.

(*) «Como triumphou a Republica em Portugal» — Pagina 123.

O acaso lh'o entregou.

Confirmaria a posse, a expansão de um povo.

Foi a este e a Machado Santos, ligando-os no mesmo amplexo de louvor, que a imprensa, (*) á aspiração democrata realisada, dedicou as linhas de engrandecimento, que o futuro transformaria, diversas vezes, em apupos de desvairados:

«A Rotunda da Avenida foi o Aventino do povo portuguez. Quando para ali se dirigiu, inflammava-lhe a alma o espirito latino, progressivo, revolucionario, em que lateja o direito, pulsa a justiça. As reivindicações da humanidade conglobam-se todas dentro d'esse espirito. Com o principio da civilisação consubstancia-se o ideal da revolta. Foi Roma que soube fazer grandes cidadãos; e atravez dos seculos, que a Edade Media encheu de espessas sombras e a Renascença tingiu de indecisos clarões de aurora, a França da Revolução reproduziu o typo d'esses grandes cidadãos, que no velho Lacio abandonavam a charrua pela espada, e souberam fazer com o alto despreso da vida, mais que a sublimidade da sua patria, a immortalidade da sua raça.

«Na Rotunda da Avenida esteve um povo digno d'essa evocação soberana, e foi genuinamente o povo, animado apenas da sua heroicidade, humanidade forte e simples, só pensando no seu ideal estremecido, desinteressado e puro, obscuro e altivo,— soldados, officiaes de pequena patente, estudantes, operarios, trabalhadores dos mais humildes. A epica visão recorta-se n'um scenario de magestade revolucionaria, que affasta a ideia dos pronunciamentos e só deixa transparecer, nitida e firme, a intervenção popular.

«Esse povo consubstancia-se n'uma figura predestinada, a de Machado dos Santos. O que era Machado dos Santos? Commissario naval, isto é, um official de marinha, dos que se catalogam na cathegoria dos não combatentes. Machado dos Santos era, — «um não combatente». A designação faz sorrir, quando os factos nos apontam em acção, esse extraordinario combatente. Tambem o povo é um não combatente. Raro toma as armas.

(*) «A Capital» de 8 de Outubro de 1910.

A sua funcção é trabalhar e soffrer. As suas mãos conhecem a enxada, a plaina, a serra, o martello, o malho, a picareta. Não conhecem a espada. Mas quando a empunha, nunca na historia fulgiu esse braço mais poderoso, um gladio mais irresistivel. E' que nunca a toma senão quando o direito o exige, a liberdade o requer, ou a Patria o necessita. O que faz os heroes não é apenas a dextreza, a coragem, o fulminante golpe de vista que decide da sorte dos conflictos mortaes.

«E' a pureza da causa que se defende. O velho Hercules é um cavalleiro andante da Fabula. A sua arma é uma clava e uma vassoura. Com uma subjuga o sordido javali do Erymantho; com a outra varre as cavallariças de Augias. O povo da Rotunda matou assim a Realesa e varreu assim os detrictos da sua corrupção.

«Mignet chama a Danton: «o revolucionario gigantesco». Porquê? Mais ainda do que pela sua bravura, pela sua actividade. No 10 de Agosto, que derrubou a monarchia dos Capetos, como o 5 de Outubro varreu a monarchia dos Braganças, Danton não conheceu um momento de descanço.

«Em toda a parte surgia, em toda a parte só a apparição da sua figura leonina lembrava a todos os combatentes da Revolução que era preciso vencer ou morrer. Machado dos Santos foi um chefe revolucionario da mesma estirpe historica. E' da raça dos predestinados sublimes que, no tumulto revolucionario agigantam as suas proporções á proporção que o perigo cresce. Homens d'estes dir-se-hia que brotam da propria natureza, commovida com o soffrimento do homem, subjugada pelo homem. Dir-se-hia que se entreabre como a cractera d'um vulcão, e arroja ao mundo estes ardentes seres, em cujo olhar crepita uma chamma e em cujo sangue ferve uma lava.

«Ha oito dias, o nome de Machado dos Santos de raros seria conhecido. Hoje, pronuncia-o o mundo, a historia inscreve-o nas suas lapides de marmore. E' ainda n'isto a imagem do povo portuguez, por quem se dedicou, soffreu e combateu. Ha pouco ainda o nome de Portugal era o d'um apagado povo, que muitos nem sequer sabiam desligado da soberania d'outro povo, seu visinho mais poderoso.

«Ha pouco ainda, para grande parte da humanidade, a Hespanha começava nos Pyreneus e acabava na foz do Tejo. Hoje esse nome destaca-se, a sua independencia affirma-se aos olhos attonitos d'essa humanidade. Portugal expande-se, cresce sobre a Hespanha, que parece estreitar-se, para dar as mãos á França, e entrelaçando as bandeiras das duas republicas é já uma sombra vermelha a que se estende sobre a patria do Cid, e pronuncia o advento da aurora rubra das revoluções.

«Povo magnanimo, povo sublime!

«A'manhã, debalde te procurarão no teu reducto sagrado. Estarás de novo no campo e na officina, semeando e martellando, produzindo a fartura e a belleza da tua terra. Mas a tua mão firmou mais uma vez, junto de uma data, a tua assignatura indelevel. Ella ahi fica, como a promessa de que não faltarás logo que seja necessario dar ao progresso mais um d'esses empurrões urgentes que o ajudam a galgar os maiores obstaculos de um caminho.»

D'elle, diria ainda, o orgão da dissidencia, o «Dia», a 7 de Outubro de 1910:

«Entre todos os heroes que se bateram com tamanho denodo e bravura pela causa da democracia, não podemos deixar de especialisar os illustres officiaes de marinha srs. Machado Santos e Marinha de Campos, nossos antigos correligionarios e sempre muito prezados amigos pessoaes.

«Estes dois nomes andam na bocca de todos os democratas como dois verdadeiros heroes, dos que a historia costuma inscrever nas suas paginas, nos primeiros logares de honra.

«Abraçamol-os com o mais cordeal affecto e felicitamol-os com o mais caloroso enthusiasmo, pela sua brilhante conducta na implantação da Republica em Portugal.»

Assim, pois, Machado Santos, da administração naval, não combatente, assumiu funcções adversas áquellas de que tinha patente.

A' desorganisação do acampamento ia seguir-se um, quanto possivel, regimen disciplinado.

O official tinha por si uma estrella boa. Ella o guiou, por esse caminho de obstaculos e de invejas, onde outro fraquejaria se não tivesse a sustental-o a mão invisivel e poderosissima do destino...

XVI

Scenario de desordens. O acampamento insurrecto da Rotunda. = A sua reorganisação apoz a fuga dos officiaes.=A chegada de novos emissarios.=A Escola do Exercito nas primeiras horas de revolta.=Novos auxiliares.

Assumindo, de vontade, o duro encargo de commandante das forças revolucionarias da Rotunda, Machado Santos, abrangeu, n'uma vista retrospectiva, todo o sudario desenvolvido durante as horas de desillusão.

Alem, alliára-se á desesperança, alguma cousa peor do que ella: a indisciplina.

Esses instantes de falta de orientação que a monarchia, se o quizera, teria habilmente e sem custo, aproveitado, levavam até ao saque.

Emquanto uma parte da soldadesca e do povo se evolára, procurando, como os officiaes, uma sahida a lances de afigura da tragedia, outra parte tentou ao menos uma compensação ao sacrificio da madrugada e um amortecimento cerebral dos receios de que se fizera larga propaganda.

Aproveitando os embaraços da abalada dos agaloados, e a phase de evidente quebra de animo que precedeu o restabelecimento, tanto quanto possivel, da ordem na gigantesca barafunda do reducto, dava-se a tomadia, na feira de Agosto, dos abarracamentos de comestiveis e bebidas.

O espectaculo tornou-se tremendo.

Depois de beber, a peonagem, que nem combatente era, e que affluira á Rotunda escoada das viellas lobregas da Madragôa e de Alfama, tomou o campo por conquista e deu a nota veridica, companheira das desvairadas agitações populares.

Cahiram uns sob a acção adormecedora do vinho e das bebidas espirituosas, encharcando-se em liquido vermelho que, tirando ao acampamento, o tetrico de um logar de revolução onde havia sangue, lhe conferia as honras baixas de tabernal orgia.

Foi bem o resurgimento da feira.

Esta, desde a noite alta de 3 cedera o passo para se transformar em logar de lucta, em abrigo de revoltados.

A's 10 horas da manhã de 4, quiz rehaver os seus fóros de banal retiro de pantaguelica acção e de contumaz embriaguez.

A' alegria succedeu a nostalgia e o vandalismo, e as torneiras, abertas, dos cascos, deixavam esvahir pelas ruas da Feira de Agosto, o vinho que a saciedade fizera desprezar...

Evoquemos a descripção de um assistente, antes proclamada em pleno parlamento (*) pelo capitão José Affonso Palla.

Deixemos que o revolucionario de infantaria 16, 1.º cabo, José de Lima, authentique esse quadro perturbante:

«Depois d'isto ficámos em completo socego; sobre a manhã correu o boato que ninguem mais tinha adherido, nem Marinha, nem Exercito, nem povo, e por esta altura começaram a desapparecer os soldados e o pouco povo que ahi havia, apenas ficando os garotos dos jornaes a brincar com as muares e por cima das peças e alguns militares.

«Eram proximamente 10 horas da manhã quando estava tudo no mais completo abandono e sem governo, começamos então os poucos soldados que lá havia a subir para a Feira de Agosto onde nos apoderámos das barracas de comes e bebes, e cervejarias com doces, sendo o maior desperdicio na barraca das garrafas, onde havia approximadamente 1:500 garrafas, chegando a correr o vinho pelas valetas e aos cascos de vinho d'outras

(*) «Diario das Sessões do Senado» — Sessão n.º 32 de 24 de Janeiro de 1913 = Pagina 5.

barracas proximas abriamos as torneiras e bebiamos, a ponto do liquido correr pelas ruas, apparecendo alguns homens estendidos em completo estado de embriaguez, assim como a vadiagem que bebia á descrição até cahir.»

Urgia liquidar a contingencia perigosa, tanto mais quanto se apresentára a ideia de que uma boa defeza daria a illusão de uma poderosa força.

Resolveu-se aproveitar todos os validos dos anteriores incidentes de armas e das investidas ás esvasiadas pipas.

De inicio avaliado foi o estado momentaneo do acampamento.

Ia elle desde a parte alta da Avenida Antonio Augusto de Aguiar, até Campolide, n'uma area onde se comprehendia, o centro, ou elemento central, a Rotunda, e conjugantes, o quartel de artilharia 1 em Entremuros, o parque Eduardo VII, o quartel de Val de Pereiro e os arruamentos que abriam caminho para o local denominativo do baluarte.

O ponto deu-se como excellente, não só porque uma defeza energica o seguraria, como a manutenção, chamaria ali maior numero de deffensores.

Diminuira a força, reduzida a pouco mais de 100 homens, mas a astucia contrabalançaria, em parte, a defficiencia dos batalhadores.

Os adversarios não deviam de conhecer o aspecto desesperançado da Rotunda.

Obedecendo a essa necessaria base, Machado Santos dividia logo as forças em dois nucleos deffensivos e offensivos, actuando o primeiro no parque Eduardo VII, com duas boccas de fogo e o segundo na linha do reducto da Praça Marquez de Pombal, com as restantes.

Verificadas todas as possibilidades de resistencia, a abundância de agua, a relativa faculdade de acquisição de viveres e o estado moral dos revoltosos validos, poucos em numero, mas cheios de fé na victoria, assignalou se que se poderia suster o acampamento, até nas previsões de um cerco por 8 dias.

Sabia já que o «D. Carlos» e a fragata «D. Fernando» saudando embora a bandeira azul e branca, a favor estavam da causa democratica.

Confiando na respectiva guarnição, não teve duvidas em contar com a posse, mais ou menos breve, do cruzador, e com o vigoroso appoio da gente que, a leste, guarnecia o quartel de marinheiros.

Cuidou-se de collocar o acampamento em melhor acção de resistencia utilisando sabiamente as 8 peças trazidas do quartel.

A's 2 collocadas na embocadura da Avenida Fontes Pereira de Mello e ao centro visando a rua central da Avenida da Liberdade, seguiu-se o assentar de uma outra de appoio a esta e de tres guarnecendo as terras do Parque Eduardo VII, para lá do alto da feira de Agosto, cruzando com as que protegiam o quartel de artilharia 1.

Do sector da defeza da Avenida Fontes Pereira de Mello, tomava a chefia o sargento Laurindo Vieira, aggregando-se depois, cerca da noite, o sargento de engenharia, Manuel de Oliveira, que não havendo conseguido sublevar o regimento, nem, durante a revolta, trazel-o a adherencia segura, se apresentou na Rotunda.

O sector do alto do parque Eduardo VII, entregue ficou por superior, aos tres sargentos Mathias dos Santos, Firmino Rego e Garcia Tereno.

Da parte central, a Avenida, dirigiam a defeza e ataque, os dois sargentos Manuel da Conceição Silva e Ernesto José dos Santos.

Apontada outra peça para a Avenida Duque de Loulé, onde ficou dirigindo a defeza, o 2.° sargento Manuel Joaquim Feio e firmada outra na entrada da rua Braamcamp, onde era encarregado do commando, o sargento José Soares da Encarnação, garantida ficava a impossibilidade de assalto, não só pelos lados da Avenida da Liberdade, como pelos de Sete Rios e Campolide, demais com o appoio do quartel de artilharia 1, deposito de forragens e tambem munições das peças e onde manobrava superiormente, o sargento ajudante Arthur Sangremann Henriques, com Armando Porphirio Rodrigues, que entregando a vigilancia do edificio ao ex-soldado da guarda fiscal Antonio Pedro, tomava conta da defeza da entrada do portão principal fronteiro ao parque Eduardo VII.

E' certo porém que, entre esses trabalhos, não se firmou a confiança de Machado Santos na manobra sem agaloados e elle o declara, nos seguintes trechos: (*)

«Fernando Luiz da Silva Mendes, um auxiliar magnifico, alumno da Escola Polytechnica, com outros companheiros seus, havia sido encarregado tambem do serviço de informações. A estes bravos rapazes descrevi assim a situação na manhã de 4: Infantaria e caçadores trahiram-nos; os marinheiros não desembarcaram e estou prestes a ser atacado pelas baterias de Queluz, infantaria e lanceiros. Candido dos Reis suicidou-se e os officiaes que aqui estavam retiraram. Vejam vocês se conseguem arranjar-me alguns officiaes dos nossos.»

Parece destacar-se um desejo, não realisado, de dividir responsabilidades com outros officiaes, facto natural n'uma perspectiva, patente, de ruina.

Egualmente se vêem salientes vislumbres de um derrubar de confiança no auxilio dos outros regimentos, tão citado em varias paginas do relatorio de Machado Santos.

Poder-se-hia levar a falla aos estudantes, como, carregando côres, um insuflar de maior vontade de trazer reforços.

Todavia não convindo ás revoluções o descrever de aspecto negro de um mallogro e de um abandono total, de deducção melhor se affigura, a existencia de momentos de descrença e de desanimo, logo substituidos por outros, de enthusiasmo e de confiança, nas incoherencias tão triviaes na humana raça.

Entre todas essas variegadas disposições espirituaes se foi procurando effectivar uma defeza.

Para favorecer a infantaria, rapidamente se construiram trincheiras-abrigos.

Procedeu-se ao corte dos fios telegraphicos e telephonicos para com elles e o arame farpado tirado do parque, formar obstaculo, atravessando os de lado a lado das ruas.

Com algumas picaretas e pás, descobertas a custo, se iam cavando fossas, augmentando a barricada hypothetica, com as

(*) Relatorio de Machado Santos.=Pagina 84.

guaritas do pessoal dos electricos, e dos guardas do parque, arvores, tapumes de obras, carros da limpeza, taboado das barracas, o que apparecia.

Prevista a eventualidade da conservação ali durante a noite e para que a Rotunda illuminada não offerecesse alvo seguro, foi cortado o cabo eletrico da illuminação.

A meio d'esse estabelecimento de fragil barricada, as tropas do governo, cansadas de uma attitude problematica, e para que que tentado talvez fosse um lance decisivo por parte dos contrarios, effectuaram prolongada descarga.

A resposta da Rotunda não tardou e n'um intervallo de permuta de tiros, proseguiu o trabalho de fortificação, quasi repletos, e suscitando o commentario de que as forças do Rocio, pareciam haver esperado apenas o fortalecimento da Rotunda para o romper de hostilidades...

Alguns firos rasteiros, de artilharia, os fez suspender sem prejuizos largos, a não ser pela infantaria, que estragos causou pelo fogo intenso e certeiro.

Presidindo a toda essa fatigante tarefa, emquanto a vigilancia attenta, procurava perscrutar as intenções dos contrarios, ainda se quiz apresentar a Machado Santos uma visão terrorista.

Haviam chegado dois componentes da junta revolucionaria o dr. Malva do Val e Celestino Steffanina.

Tinham feito um desanuviado trajecto, em trem, do Caes do Sodré á Avenida, e transformando a inacção do exercito em espectativa pouco animadora, esta foi exposta no acampamento pelo dr. Malva do Valle.

Ao novo golpe, correspondeu o commandante da Rotunda com o ennumerado das soffridas contingencias, desde a fuga dos officiaes até á difficuldade de se manter o reducto caso não apparecesse efficaz auxilio.

A' permuta de impressões taes, em face mesmo da peonagem mal disciplinado e escutado avido á espera anciosa de boas noticias colher, julgou util Celestino Steffanina, a efficacia de se constituir em permonorisador de falsos acontecimentos.

Affastava assim os curiosos de junto dos dois chefes e pro-

curava derrubar o effeito de soltas phrases por elles colhidas e cujo sentido nem sufficientemente logrado foi perceber pelo proprio interceptador das palavras trocadas entre Machado Santos e Malva do Valle.

Vejamos a descripção (*) de Celestino Steffanina sobre esse matinal episodio da Rotunda:

«Fui parar ao Caes do Sodré onde encontrei Joaquim Pessoa e Machado Vieira redactor d'«O Seculo»... Nada sabiam! Segui até á muralha e encontrei-me com Malva do Valle, que vinha do Hotel Central onde examinára o dr. Affonso Costa, que julgára ter sido attingido pela descarga que do quartel de marinheiros tinham feito sobre o coupé 44. Disse-lhe «que era preciso fazer-se alguma cousa, que o movimento não estava perdido, que o que faltava era quem tomasse sobre si a decisão de agir, que os chefes tendo desapparecido, elle, como membro do Directorio podia tomar qualquer iniciativa.» Respondeu-me que «estava prompto para tudo», mas que era pouco conhecido e pouco conhecia a cidade.

« — Vamos os dois... eu sou conhecido.

«Arranjei um trem e batemos para a Rotunda, passámos pelo Correio Geral onde estava uma força da Guarda Municipal. «Nada nos disseram!» passámos na Praça da Figueira por entre forças de infantaria, «nada nos disseram!...» Chegados á Rotunda, deviam ser dez e um quarto ou dez e meia da manhã, o quadro era desolador; quando muito, 150 pessoas validas, entre civis e militares capazes de fazerem frente ao inimigo; o resto era rapaziada bravia, armada com ferros de varios tamanhos e feitios, machados, bainhas de espadas e de sabres, etc., etc., tudo armamento que, quando muito, poderia servir para matar a carriça...

«Emquanto Malva do Valle fallava com Machado Santos, que dizia que tinham fugido todos os officiaes e que elle não podia aguentar-se n'aquella posição, eu, para ter o povo affasta-

(*) Celestino Steffanina. = «Subsidios para a Historia da Revolução de 5 de Outubro de 1910»—Pagina 12.

do, afim de não ouvir estas palavras de desalento e manter o fogo sagrado, mentia descaradamente; disse «que Candido Reis estava no quartel de marinheiros á frente das tropas revoltadas; que se aguentassem ali porque á tarde viriam 1000 marinheiros com metralhadoras» mentiras que o estado dos espiritos no acampamento me sugeria.

«Que todas ellas me levarão ao inferno não me pode restar duvida, mas que ellas foram de resultados profiquos prova-o a declaração de Alberto Silva que foi, diz Machado Santos no seu relatorio, pag. 86; «. . . outro chefe, Alberto Silva foram de uma dedicação inexcedivel. Receando ser assassinado por algum traidor, pedia a este ultimo para exercer com os seus homens uma especial vigilancia sobre a minha pessoa; estou convencido que se me encontro com vida a elle o devo.» «Eu abaixo assignado declaro que no dia 4 de Outubro de 1910 até ás 10 horas da manhã se receberam na Rotunda noticias alarmantes e desanimadoras, tendo o «Visconde da Ribeira Brava sido um dos que mais desalentou a todos». Mais declaro que seriam 10 e meia horas da manhã appareceram Malva do Valle e Celestino Steffanina que julguei ser official de marinha e que nos deram as melhores noticias. Que Candido dos Reis estava no quartel de marinheiros vivo e são dando Steffanina a sua palavra de honra que tinham estado fallando com elle meia hora antes. Que os navios no Tejo estavam todos revoltados e que á tarde se faria o desembarque de mil marinheiros para a Rotunda. Que era certa a victoria mas era indispensavel que todos ficassem firmes nos seus postos sem recear ataques que se não dariam por estarem as outras forças todas com o movimento (e a bem da verdade assigno o presente) Lisboa, 10|8|911. — Alberto Silva — Chefe do grupo a Mão Negra.»

O mesmo trem levou portanto o dr. Malva do Valle e Celestino Steffanina ao quartel de Alcantara, onde se effectuou um rapido conselho na parada sul, com os tenentes Antonio Ladislau Parreira e José Carlos da Maia.

Os emissarios da Rotunda, ou porque mais forte julgaram o quartel de marinheiros, ou porque lhes não soffresse o animo proseguir em relates phantasistas, de volta á Praça d'Armas de

Alcantara, o dr. Malva do Valle, expunha (*) ao 1.º tenente Antonio Ladislau Parreira uma situação desordenada de gente acampada no alto da Avenida, sob analyse feita durante o tempo que ali estivera.

No abandono do acampamento iam pois depôr junto das forças de marinha, a torrente das suas desillusões.

Comtudo, á hora da entrevista, já o commissario naval Machado Santos nos apresenta o acampamento em avançado estado de organisação:

«O campo ficou assim regularmente defendido contra qualquer ataque que nos fosse dirigido pelo Norte, pelos lados de Campolide e Sete Rios. Para defender o campo dos ataques pela face Sul, collocou-se em posição mais uma peça, fazendo frente a qualquer aggressão que nos fizessem pela Avenida da Liberdade, outra foi collocada na embocadura da Avenida Braamcamp e outra apontada para a Avenida Duque de Loulé Atiradores civis defendiam as entradas do parque e das ruinas do quartel de Valle do Pereiro.

«O dr. Malva do Valle, illustre membro do Directorio, que presente estava, conversando de parte commigo, disse-me que de todos os presentes nós dois é que seriamos fusilados, elle como o unico chefe civil presente na acção, eu como chefe militar. Que ordenasse o que entendesse porque tambem era de opinião que se deviam fazer todos os sacrificios e que embora convencido da sorte que nos esperava, ficava commigo para dar ao mundo o exemplo do «Dever cumprido.»

De facto, emquanto Celestino Steffanina reproduzia para os revoltosos, ainda em evidente desorganisação, um illusorio quadro de succedidos feitos em Alcantara e a promessa de grandiosas futuras intenções, a entrevista de Machado Santos com o dr. Malva do Valle, exprimia flagrante quebra de energia.

O ultimo, embora expressando votos de acquiescencia a todos os sacrificios, evidenciava responsabilidades terriveis, frisando que dos combatentes ali dispostos, só elle e Machado San-

(*) Consta o facto do relatorio official do 1.º tenente Antonio Ladislau Parreira, chefe do movimento em Alcantara.

tos, como chefes civil e militar teriam o fusilamento, se a sorte desfavoravel fosse.

Era ella, porem, quem jungia aquelle posto o commissario naval e o influxo mau, de novo o quiz perturbar.

Sacudido foi, todavia, o subito torpor da previsão alarmante.

O chefe da Rotunda, suscitava ao dr. Malva do Valle, a conveniencia de se conhecer, sob bases certas, o que se estava passando a bordo e em Alcantara.

O representante do Directorio encarregava se do acto, mas por anomalia, vel-o hemos, embora procurando dar novas excellentes, ir facultar informes desanimadores.

Malva do Valle abandonava, pois, afim de ir ao quartel de marinheiros procurar noticias, esse logar onde o official de marinha ficava como symbolo de spartana stoicidade.

De verdade, se abalos teve, é certo que qualquer outro, com tão fortes pressões espirituaes, não resistiria e escudado nos constantes conselhos de fuga e no, de minuto a minuto, exposto quadro de revindictas e horrores, poria cem leguas entre si e esses sitios prestes a serem tocados pela aza negra da morte e pelo prophetisado potro do martyrio.

Reproduzia-se o estado pouco tranquillisador da Rotunda, mas sem se notar a attitude, talvez desolada, mas sempre energica de Machado Santos.

Sabia elle bem o seu grau de responsabilidade.

Impulsionava, ateava a chamma d'esse incendio destinado a carbonisar o throno da realeza de Portugal.

Tendo arrastado até lá, pela palavra e pelo exemplo, parte do nucleo ali existente, não lhe cumpria a deserção, ao notar que o gladio erguido para decepar a causa monarchica, prestes estava, por singular inversão, para cortar cerce a cabeça dos seus sonhado justiçantes.

Todavia imperava mais a convicção de um sacrificio do que a de uma victoria.

Não quiz, junto a si, quem pudesse compartilhar da eventual responsabilidade da loucura.

Vendo a meio da Praça Marquez de Pombal, o cadete da Escola do Exercito, João Ribeiro Gomes, incitou-o a que não

prejudicasse o seu futuro, e retirando, servisse o ideal republicano valendo-se das relações que tivesse para attenuar a desdita dos vencidos, e mais, proseguir o trabalho reivindicador da democracia.

O cadete, com o seu camarada Ignacio Monteiro de Azevedo e o aspirante de marinha, Adolpho Trindade, recusaram abandonar o posto.

Machado Santos abraçou-os rejubilando.

Sobre este ponto, aliás certo, se apresenta o proprio citador do facto em singular controversia.

Vemol-o assim descrever, a paginas 77 do seu «Relatorio»:

«Um alumno da Escola do Exercito que se encontrava a meio da praça Marquez de Pombal recusou retirar-se. Disse-lhe que não arriscasse o seu futuro e que, com as relações que tivesse, empregasse todos os esforços para melhorar a sorte dos prisioneiros nos conselhos de guerra e que se reservasse para mais tarde continuar a obra que não souberamos levar a cabo. O bravo rapaz recusou; abracei-o e perguntei-lhe o nome; não me respondeu, seguindo immediatamente para a linha de fogo. Era o cadete Ribeiro Gomes. O mesmo fizeram o aspirante de marinha, Adolpho Trindade e o cadete Ignacio de Azevedo.»

Porém, a paginas 124, diz:

«Ribeiro Gomes e Ignacio de Azevedo, vendo deslisar o automovel que conduzia os officiaes para engenharia retiram apresentando-se na Rotunda onde tive os prazer de os ver e onde prestaram optimos serviços. Seriam 11 horas da manhã quando lhes dei ordem terminante de retirarem, ordem que os bravos rapazes não desejavam acatar, conseguindo resolvel-os a isso a muito rogo, pedindo-lhes que fizessem o possivel para que de fóra algum soccorro nos viesse, de tropa regular. Os dois intrepidos moços vão para a escola e lá fazem o que podem na intenção de trazerem o almejado soccorro.»

Parece-nos todavia que mais base teve a primitiva declaração, insufficientemente esclarecida na segunda, havendo-se dado a sahida algum tempo decorrido sobre as iniciaes tentativas.

*

* *

Foi por essa hora que uma lembrança houve para a Escola do Exercito, cujo grupo revolucionario poderia prestar auxilio efficaz.

Inutil fôra a sua acção junto dos regimentos, que não haviam conseguido trazer, abertamente, para a causa republicana.

Regressendo, os cadetes foram levar ali a nota de uma desolação.

Vimos já, as instancias para que o tenente Pereira Cabral, tomasse a chefia do acto insurrecional na Escola.

O official, sahindo para a Rotunda afim de avaliar factos que o conduzissem ao cargo de responsabilidade, foi todavia um dos que do acampamento sahiu com a descrença a tomar-lhe a alma.

Emquanto esperado era na escola, o automovel que o conduzia e ao capitão Sá Cardoso, galgava celere a distancia dos altos da Avenida á pacata Villa Franca.

A impaciencia dos cadetes, corria tão rapida como o auto do que debalde era aguardado.

O estrondear das granadas e a ancia de revolta, irritavam-lhe a intolerancia.

Foi aos agaloados o caustico commentario que os acirraria para a lucta se escutado tivessem a phraseologia violenta das arguições.

Esperanças novas surgiram nos alumnos ao apparecimento, cerca das 11 horas e meia, do tenente Helder Ribeiro, ao tempo que alguns civis se apresentaram pedindo armas.

O 2.º commandante da escola, havia preventivamente collocado as espingardas em condições de não funccionarem, mas sabido pelos revolucionarios o deposito das armas, resolveram elles aguardar o regresso do tenente Cabral para, reunidos a Helder Ribeiro, assaltar a infantaria ás ordens do 2.º commandante, coronel de infantaria, Gaudino Anselmo de Oliveira.

Ante a attitude de aberta resistencia do capitão instructor de equitação, Eduardo Augusto Lopes Valladas, os cadetes João Sarmento Pimentel e Castro e Silva, chamaram á revolta a soldadesca de infantaria, que declarou adherir, mas apenas quando se collocasse á sua frente o tenente Ricardo Pereira Cabral.

Era a derrocada.

Pimentel, Castro e Silva e João de Menezes Ferreira, incitaram o tenente Helder Armando dos Santos Ribeiro á marcha sobre a Rotunda, regeitada por pouco opportuna.

Aberta scisão entre os alumnos monarchicos, formulavam e entregavam ao commandante, coronel Gaudino de Oliveira, uma lista com os nomes dos incitadores republicanos.

A esse tempo, na secretaria, o lente da 1.ª cadeira, conselheiro José Joaquim Mendes Leal, insinuava medidas repressivas.

Mais tarde, republica feita, o conselheiro Mendes Leal, era proposto para um logar de professor cathedratico do Instituto Superior do Commercio, não sem que insinuações tivesse da imprensa: (*)

«O sr. Mendes Leal é um cavalheiro que nas horas amargas da lucta pela implantação da Republica pedia na secretaria da Escola de Guerra a cabeça dos officiaes revolucionarios. O sr. Helder Ribeiro, que estava presente, deve recordar-se. . . Pois agora, como castigo, vae tambem abichando um logarsinho sem concurso de professor do Instituto Superior do Commercio. Se o homem tivesse estado na Rotunda, como premio, mandavam-n'o prender. Haja em vista o caso de Americo de Oliveira. Oh sr. Affonso Costa, tenha dó do homemsinho, coitado! Se continua assim a maltratal-o, é capaz de lhe causar uma indigestão.»

Isso originou a seguinte justificação (**) pelo antigo presidente da camara dos deputados, no reinado de D. Manuel:

«Sr. director do «Diario de Noticias». — A proposita da minha nomeação para o logar de professor do Instituto Superior de

(*) «O Intransigente» de 3 de Agosto de 1913.
(**) «Diario de Noticias» de 6 de Agosto de 1913.

Commercio teem-se occupado alguns jornaes, no uso legitimo do seu direito de livre critica, da minha modesta individualidade.

«Para ilucidar as pessoas que não me conhecem affirmo o seguinte:

«1.º que não pedi a «ninguem» nem por mim nem por interposta pessoa, nem directa nem indirectamente, o lugar de professor ou outro qualquer lugar ou commissão remunerada ou gratuita,

«2.º que fui convidado pelo meu velho amigo e colega na Escola de Guerra sr. Marrecas Ferreira, director do Instituto, para o referido lugar, depois de votado pelo conselho de instrução nos termos da lei;

«3.º que aceitei, como outros homens publicos teem aceitado, situações sem significação politica, porque entendo fazer da minha actividade o uso legitimo, que faz qualquer cidadão;

«4.º que desde 5 de Outubro até hoje, afastado absolutamente de toda a ideia politica, tenho limitado o exercicio da minha actividade exclusivamente ao cumprimento dos meus deveres officiaes. — Mais nada, senhor director. Os homens justos e imparciais avaliarão por estes factos a correcção do meu procedimento. Com subida consideração, de V. Ex.ª, J. J. Mendes Leal. — Lisboa, 4 de Agosto de 1913.»

Os entraves á rebellião da Escola do Exercito, fructificavam.

Sem o tenente Cabral, a esse tempo evolado egualmente da Rotunda; sem noticias, depois transmittidas por Ribeiro Gomes e Ignacio de Azevedo, tudo se limitou á fuga nocturna de Viriato Correia de Lacerda, Manuel Fernandes Beirão e Humberto de Athayde Ramos e Oliveira para o acampamento da Avenida, e ás frustadas tentativas do tenente Helder Armando dos Santos Ribeiro para convencer o tenente João José de Sant'Anna Banazol e os outros officiaes a acompanhal-os na sedição.

Baldadamente esperou pois Machado Santos o auxilio da escola, só prestado n'essa madrugada de 5, pelo abandono dos alumnos, que sahindo sem commando, por o não haver, á Rotunda iam prestar o appoio ás ultimas horas de combate.

Todos esses pormenores da Escola do Exercito ignorava o commissario naval Machado Santos.

Comtudo, a vinda de novos auxiliares, dos cadetes desviaram por instantes as attenções.

Para reforço á Rotunda appareciam o 2.º sargento de infantaria 15, Eduardo Frederico Valdez Faria, o 2.º sargento cadete Luiz Pessoa, o 1.º fogueiro naval Manuel Joaquim, «o França» e o dispenseiro naval, Joaquim Coelho, que não tendo chegado a tempo de realisar o seu plano de bordo do «S. Raphael» foram exercer a missão de revoltados no acampamento da Avenida, junto de Machado Santos.

D'elles, iria a alferes o sargento Valdez Faria, e ao carcere, (5 de Novembro de 1913) como portador de bombas de dynamite e embora se dissesse victima de uma cilada dos adversarios de Machado Santos, o fogueiro Manuel Joaquim «O França».

A este aproveitava-lhe a amnistia concedida por lei de 22 de Fevereiro de 1914, sahindo da cadeia do Limoeiro a 23.

De jubilo foi o apparecimento na Rotunda d'esses novos auxiliares.

Com mais alguns contava Machado Santos, que ao sargento Luiz Pessoa incumbia do commando da peonagem que guarnecia a Avenida Braamcamp, como coadjuvante do sargento José Soares da Encarnação.

Em militares iriam ainda á Rotunda, n'essas primeiras horas, o tenente de infantaria de reserva, José Antonio Ramos, (*) membro da commissão parochial republicana da freguezia da Encarnação, e o cadete de cavallaria 4, Antonio Emygdio de Sá Nogueira, cujos serviços appareciam depois assim registados: (**)

«Sr. redactor. — Tendo v. apresentado por varias vezes nas columnas do seu apreciado jornal os nomes dos heroes que mais se esforçaram para deitar por terra o antigo regimen e erguer altiva e pura a bandeira da Republica, lembramos lhe tambem

(*) «Diario de Noticias» de 16 de Outubro de 1910.

(**) Não foi mencionado em relatorio algum, por ter sahido em 7 d'Outubro de 1910 do acampamento sem deixar o nome a Machado Santos. Refere-se ao facto a «Capital» de 31de Outubro de 1910.

o do valente cadete de cavallaria 4, n.º 4011:626, Antonio Emygdio de Sá Nogueira Junior. Este valente rapaz, um convicto republicano, com a maior das valentias percorreu, sem descançar, todo o acampamento da Rotunda, batalhando e batendo-se denodadamente, vigiando attentamente os movimentos das forças defensoras do regimen, exposto por vezes ao maior perigo, assim andando sempre até ao momento em que poude livremente bradar, com toda a convicção da sua alma: Viva a Republica! e percorrer as ruas da cidade, levando ao povo a feliz nova da redempção da nossa Patria.

«Esse bravo, de cujo heroismo fomos testemunhas, merece, a nosso ver, qualquer recompensa, pedindo a v. que advogue no seu jornal a causa do distincto militar.

«Sem mais, somos, etc., Caetano Barbosa, Fernando Lima, Luiz Barata Nogueira, Antonio de Carvalho Maia, Carlos d'Oliveira, Candido Manuel Rodrigues, Bento Sousa de Moraes e Joaquim Ennes da Lage.»

Ao tempo da chegada dos primeiros, já o chefe da Rotunda tomando, de facto, o encargo de velar por quantos n'elle confiavam, e a despeito de ser official de marinha, galgara para a sella de um cavallo, negro, sem que bem versado fosse na arte ensinada pelo rei D. Duarte no seu livro celebre.

Percorreu assim o vasto acampamento, onde viu semi-organisada a linha de defeza e tendo a seu lado, como chefe do estado maior, o sargento Pimentel.

Para dar mais fulgido brilho á estrella benigna do commissario naval, encheu se o reducto de basto numero de civis municiados e de outros sequiosos de armas.

O campo insurgente recuperava a sua energia.

De bom augurio tudo se julgou.

XVII

Tentativa de marcha sobre o Rocio =O mallogro por caçadores 5. = Os delegados do grupo «A Alvorada». = Soccorros medicos na Rotunda.=Avista se a bateria de Queluz.=Regresso á Rotunda do alferes Camacho Brandão.

O chegado reforço, se symbolisava o renascer da esperança na alma dos revoltosos, por egual representava, de momento, um embaraço, pela difficuldade de jung r em unica corrente, todo esse nucleo irregular.

Dirigindo a sua columna de revoltados, o commandante da Rotundo marcou-lhes acção externa, mais para que desimpedido ficasse o local, podendo responder sem embaraços a eventual ataque, do que visando a obter resultado pratico.

Determinava-lhes a descida ao Rocio, por pontos varios, e aos vivas ao exercito e á patria procurar a approximação de caçadores 5 e infantaria, devendo, obtida a juncção, envolvel-os, acclamando a Republica.

Ao insuccesso não deveria corresponder o abandono do plano, a executar em qualquer eventualidade favoravel, apreveitando-se a minima confusão da soldadesca, para que, os civis, mettendo-se de permeio, obstassem a nova formatura.

O apurado troço oppoz duvidas em proceder sem commando.

Conhecia a scena do balneario, não ignorava a falta dos vultos altos da democracia designados para márchar á frente de cada regimento, e recusou manobrar sem directa chefia, indicada como a de Machado Santos, e que por elle teve contra-vontade.

Esse lance da negativa, serviu mais tarde para base de novos ataques ao commissario naval.

Assim, Gonzaga Pinto, a paginas 43 do seu relatorio «Memorias da Revolução», diz sobre o alvitre que propriamente se attribue, da marcha dos civis sobre a Rocio:

«Machado dos Santos ponderou o alvitre e começou a organisar o grupo, juntando-se umas 40 a 50 pessoas. No grupo reclamava-se que Machado dos Santos tomasse o commando e viesse fazer o convite ao campo adverso. Machado dos Santos, porém recusou-se, dizendo que era preciso na Rotunda. Quebrou a hesitação do grupo uma voz gritando: «Rapazes, vamos lá». Era um individuo desconhecido, de grande barba preta. E a essa voz o grupo partiu Avenida abaixo.»

Confirma (*) o civil Manuel do Nascimento Pereira, esse depoimento, mas attribuindo já o alvitre ao commandante da Rotunda, o que authentica as affirmativas d'este no seu relatorio.

O commandante eventual d'esse nucleo, o revolucionario Americo Lopes de Oliveira, apresentar-se-hia, (**) por seu turno, a assumir a responsabilidade do acto de marcha:

«Declaro que fui eu quem veio com os civis á Praça dos Restauradores, onde deixei a maior parte por terra, em numero superior talvez a 30 homens. Saimos da Rotunda uns 60 homens entre os quaes nenhum militar. A' Rotunda creio ter voltado só eu.»

Houve, de facto, a recusa de Machado Santos, que dir-se-hia transparecer nas proprias linhas da descripção do seu relatorio (pagina 77):

«Armas já não tinha para distribuir. Vendo Americo de Oliveira, peço-lhe que me ajude a desfazer de tanta gente que

---

(*) «Memorias da Revolução», já citadas, pagina 44.
(**) «Memorias da Revelução», já mencionadas, pagina 44.

só prejudicava a defeza. Digo á multidão que se dirija ao Rocio, por differentes pontos, porque os regimentos de caçadores 5 e infantaria 5 eram nossos, que os envolvessem por todos os lados; tendo o cuidado de só darem vivas á Patria e ao Exercito, até conseguirem o contacto com os soldados. Logo que se baralhassem com elles, deviam então dar vivas á Republica. Disse-lhe tambem que não conseguindo logo de entrada o fim desejado se conservassem attentos á mais pequena hesitação que se observasse nas tropas do adversario, porque aproveitando o momento de panico que n'ellas conseguissem estabelecer, o povo baralhado com os soldados, impediria que os regimentos tornassem a formar.

«Não foi sem custo que consegui fazer me obedecer da multidão; todos queriam collaborar na causa, mas ao abrigo da força militar. Americo de Oliveira capitaneou um grupo que se dirigiu ao Rocio, sendo metralhado cobardemente pela soldadesca de Hempis!»

De certo, não cumpria a Machado Santos a execução do plano.

Ao abandono dos officiaes integrado fôra no commando do acampamento, pouco a pouco por elle reorganisado.

Deixal-o, para a missão perigosa, mas de diminuta responsabilidade, significaria rasgar caminho ao completo desapparecimento dos civis, estabelecer de novo um confuso estado, e, mais ainda, largar de mão esse reducto, sujeito a tomadia e como logica consequencia d'esta, a total derrocada do acto de insurreição.

Ficou pois, não accedendo ás ineptas tentativas de affastamento do posto.

Comtudo, como urgia dar impulso á ideia da marcha, á situação valeu o revolucionario civil Americo Lopes de Oliveira, collocando-se á frente d'um nucleo, o primeiro a seguir, organisando-se logo outro (*), onde ia o 1.º cabo João Evangelista dos Santos.

A modesta columna desceu a Avenida.

(*) Já teve referencia a paginas 472 do presente volume.

Era o desafio lançado pela revolta á soldadesca inactiva que alem se sentava nas ruas, ou encostava ás paredes, vencida pela inercia e pelo cansaço.

Atroando os ares se fez a marcha.

Pouco avançavam todavia, detidos por inesperado ataque.

Teriam os revoltosos logrado bom exito, se lhes não frustrasse os duplos planos o alferes Ernesto Augusto Empis.

Vejamos as declarações (*) do tenente de infantaria 5 José Valdez:

«Não foi por isso sem alegria que d'ahi a instantes ouvimos uma gritaria e algazarra enorme, vinda do meio da Avenida e que, á medida que augmentava, pela approximação, nos incutia a esperança de um ataque. Assim, quasi em voz alta, lembramos novamente aos soldados o não fazerem fogo e percorrendo toda a linha da companhia, procuravamos prevenir todos. Mal se avistou a causa da gritaria reparamos que era um grupo de civis que mal chegou ao monumento dos Restauradores se estendeu parallelamente á nossa frente, dando vivas ao exercito, Patria, etc. Como se tivessem feito os toques de ordenança e o grupo não dispersasse, subitamente o alferes Empis, que estava a uma das metralhadoras, sendo elle mesmo quem a manobrava, começou a disparar e o ruido do tiroteio seguido das metralhadoras causou tal panico nos nossos soldados que logo fizeram um vivo tiroteio, que só terminou com a debandada dos civis; embora eu gritasse e o Bragança chegasse a espadeirar alguns soldados, o que é certo é que nada conseguimos senão quando a metralhadora cessou o seu fogo.»

Mau resultado deu pois a effectuada tentativa de sublevação dos regimentos.

Uma descarga inesperada, ordenada pelo alferes de caçadores 5, Ernesto Empis, fiel á monarchia, sustinha os impetos dos enthusiastas.

Houve o immediato recuar, não sem que alguns ficassem no campo.

(*) «O Seculo» de 23 de Novembro de 1910.

Os outros retrocederam, vindo esperar, no acampamento, a prevista investida geral.

O troar da metralhadora, fez logo sciente ao chefe da Rotunda, da forma como a columna de investigação, fôra recebida.

Querendo a revindicta mandava logo fazer fogo unido contra as forças do Rocio.

Estava assim demonstrada a conveniencia de haver ficado no reducto.

Evidenciou-se que, se a metralha dessiminada por caçadores 5 effectuava a dispersão dos civis, no Alto da Avenida mais combatentes havia, sob commando e dispostos a responder á investida dos contrarios.

O tiroteio estabelecera-se.

Guiado pelas informações que creanças intemeratas lhe iam levando, assim se utilisavam os projecteis.

Eram ellas ainda quem, com a loucura da pouca edade, nas ruas tomavam os cavallos, dispersos, sem cavalleiro, e cavalgando sem receio, os entregavam na Rotunda, com as espadas dos trucidados militares, cingidas á cinta e subindo-lhe quasi á cabeça, onde se enterravam tambem os pesados capacetes dos soldados victimados!...

Era bem a revolta pelo povo e essas creanças, esqualidas, esfarrapadas, filhos de pobres, davam a exacta nota do estado de alma popular, aberta, na epocha, á nocção grandiloqua de que só a republica lhes traria futuro aureo.

Não foi a necessidade de emoções que levou a gente miuda aos acampamentos da rebeldia.

O quadro impressionista, de emoção e de enthusiasmo, de aguerrido aspecto e exaltados lances, encontral-o-hiam egualmente no campo dos monarchicos, se servir o quizessem, então levando-lhes os segredos dos baluartes, expondo-lhes o desanimo evidente, a fraqueza a avisinhar-se.

Mas, emquanto aos rebeldes iam todos os pormenores da situação das forças julgadas adversas, a estas nenhum signal foi levado da attitude dos insurrectos, rodeados assim de incontestaveis dedicações.

Despresadas e olvidadas seriam ellas, forçando o povo mais tarde á publica manifestação do seu desagrado, como antes, recuando ao gesto de silencio imposto pelas laminas refulgentes das espadas ou pelos canos raiados das espingardas.

O povo não sabe nunca que synthetisa um agglomerado destinado ao eterno sacrificio. Não é o injusto cognome de massa ignara que o orienta assim; é o vibratil sentimento que o impulsiona a enredar-se nas vãs esperanças de ephemera reivindicação.

Ali ficou pois, aos vislumbres uma derrocada, ou d'uma batalha ganha.

*

* *

N'esses momentos de enthusiasmo, misturado aliás com um certo receio do futuro, novas esperanças vinham ao acampamento trazidas pelos representantes do grupo «A Alvorada» José Saragga Leal, filho do revolucionario de 28 de Janeiro de 1908 e 4 de Outubro de 1910, Alfredo Leal e o dr. Fortunato Mario Monteiro de Figueiredo, escriptor, auctor dos livros «Coimbra» (historia) «Alcacer Kibir» (xácara) «Angelus» (verso) «Ridiculos!...» (satyra) «Palavras de um orgão» (verso) «Trovas» «Pavões!...» (critica) «A Moleirinha» (verso) «Carta de Alforria» (critica) «A Troça» (critica) «Como eu vi Paris» (notas de uma excursão) «Altiva ...» (verso) «Typos de Coimbra» (Notas de um curioso) «Eterna Comedia!» («Quadras do Povo», n.º 6) «Rosario de Luz». «Aldeia em festa» (comedia drama em um acto, em verso, representada pela primeira vez no Theatro Principe Real, em Coimbra). «Divino Amor» (peça historica em tres actos, em verso). «O sr. Doutor» operetta regional portugueza em 3 actos representada no theatro da rua dos Condes em 8 de Julho de 1910. «A Marselheza» (drama revolucionario em 3 actos). «Perfumes e rendas» («lever de rideau», um acto em verso alexandrino). «Estrella d'Alva» (operetta regional em 3 actos) e «Aldeia em festa» (operetta comica em 3 actos) e mais tarde do drama revolucionario «5 de Outubro». (*)

(*) Foi representado em 4 de Janeiro de 1911, no Theatro da Rua dos Condes.

Conhecida foi pelas noticias de Mario Monteiro a posição das forças realistas e seu estado de alma, e ainda as intenções dos marinheiros.

Ninguem duvidou dos informes do dr. Mario Monteiro.

Quando estudante estivera envolvido nos movimentos contra o bispo do Porto e caso Calmon.

Collaborador do jornal democratico de Coimbra «A Resistencia», ali affirmava em 1903 militar moralmente no partido republicano.

A greve coimbrã de 1907, contava-o como vulto de destaque, realisando-se em sua casa as principaes reuniões do movimento academico de opposição á politica de João Franco, cuja carruagem assaltava em Alfarellos, a 18 de Junho de 1907, quando da viagem d'aquelle estadista ao Porto.

Valera-lhe o acto, a immediata exoneração de subdelegado do procurador regio na comarca de Pombal, como logar pouco compativel com o incidente da investida á carruagem do presidente do conselho.

De regresso á capital, vinha ao diario «Noticias de Lisboa», atacar a politica do ultimo chefe de governo do reinado de D. Carlos, e como advogado tomava a deffensiva dos jornalistas envolvidos no processo de imprensa pela transcripção do artigo «Rei Absoluto», de ataque violento contra D. Carlos I, (Dezembro de 1907).

A queda do governo do chamado «dictador», seguiu-se o olvido das antigas devotações á democracia e o dr. Mario Monteiro, dedicava-se ao louvor e á sollicitação do favoritismo regio facto affirmado em cartas do conde de Figueiró, veador da rainha D. Amelia, e onde referencias havia a essa attitude.

Todavia o canhoneio da madrugada de outubro, abalando esse convencionalismo monarchico, de allegada pessoal amisade a D. Manuel II, reevocava-lhe, emergindo do seu pouco tempo de estudante de animo propenso a aventuras dos poucos annos, a promessa (*) ao dr. Antonio José de Almeida feita na Figueira da Foz, durante a inauguração do monumento a Ma-

(*) «A Alvorada) de 12 de Fevereiro de 1912—Anno I n.º 1.

nuel Fernandes Thomaz, de apparecer em acção directa em opportuno momento.

Chegado elle, e sabidas as crenças intermedias á sua vida buliçosa de academico e á sua existencia de politico, vinha á Rotunda, cumprir o promettimento de ajudar a derrubar a monarchia.

Mais tarde, e pela variabilidade dos tempos, vel-o-hemos perseguido por successivos casos perturbadores da Republica, (2 de Agosto de 1912, 26 de Novembro de 1911, e 30 de Janeiro de 1912) e ainda forçado ao exilio (27 de Abril de 1913) como um dos fautores do promeditado golpe de estado, onde apparecia ministro proposto do governo destinado a substituir outro da presidencia do dr. Affonso Costa.

Emquanto os detidos interferentes do movimento mallogrado e de origem republicano-radical, affirmavam como seu intento a defeza da Republica de uma pseudo investida monarchica, Mario Monteiro, distante, declarava como intenção o estabelecimento de uma outra Republica, baseada em dictames menos perseguidores.

Da ingerencia nas fracassadas tentativas, a seu tempo descriptas, nasceram as accusações do «Mundo», sob o titulo de «Um vassallo de D. Manuel II» : (*)

«No palacio das Necessidades foi encontrado um volume escrito á machina com capa especial e retrato do autor, lendo-se naquella o seguinte : — «Perfumes e rendas», peça em 1 acto em verso, por Mario Monteiro Dentro vê-se a seguinte dedicatoria:

«A sua magestade El-Rei o Senhor D. Manuel II, como preito de merecida gratidão e de respeitoso lealismo oferece do coração o mais humilde dos seus vassalos — Mario Monteiro.»

«O livro tem a nota de entrada no paço em 11 de Julho de 1910 — menos de tres meses antes da revolução, e é bom dizer que não se trata do sr. dr. Mario Monteiro que foi deputado e é, ha annos, advogado em Lisboa. Livro, letra e retrato são de Fortunato Mario Monteiro de Figueiredo.»

(*) «O Mundo» de 12 de Abril de 1913.

Por essa occasião appareceu ainda transcrita (*) a seguinte carta do conde de Figueiró, mas não sem que outros artigos violentos, precedessem (**) essa publicidade:

«6 de Março de 1909. — Meu caro amigo — Tenho presente as suas tres cartas que mostrei a sua magestade a Rainha. Sua Magestade interessa-se muito por V. Ex.ª e vae recommendal-o com o maior empenho para o logar que pretende. Este logar é muito disputado e tem grandes pretendentes, mas veremos o que se pode fazer. Sua Magestade não pode de modo nenhum continuar a dar-lhe a mesada que lhe arbitrou pelo muito carregada que está com estas pensões e outras. Sente ter que assim proceder, mas é forçada a fazel-o bem a seu pesar. Não desconhece V. Ex.ª a soberana vontade que Sua Magestade A Rainha lhe mostrou desde o primeiro momento em que V. Ex.ª lhe solllicitou o seu auxilio, e por isso deve comprehender que esta resolução de Sua Magestade lhe é imposta pelas circumstancias. Qualquer noticia que tenha sobre o logar que pretende lhe enviarei. Sou com toda a estima e consideração de V. Ex.ª attento, venerador e obrigado — Conde de Figueiró, veador de serviço.»

Foi este um dos documentos appreendidos em busca á residencia do dr. Mario Monteiro, quando este, de novo esquecido dos democraticos fins, reappareceu um dos chefes das tentativas revolucionarias (27 de Abril de 1913 e 20 de Julho de 1913) que, mallogradas, ao exilio o levaram, aproveitando-lhe a amnistia decretada durante o governo de Bernardino Machado (lei de 22 de Fevereiro de 1914), apoz a qual regressava a Lisboa.

Antes, ás primitivas insinuações de dedicado ao paço, já o dr. Mario Monteiro, retorquira: (***)

«Teve relações com o Paço Assim aconteceu. Protegido ainda pela Casa Pia até ao momento em que renunciou essa protecção para não quebrar a palavra dada n'um acto de leal camaradagem para com collegas expulsos como Ramada Curto,

(*) «O Mundo» de 21 de Agosto de 1913.
(**) «O Mundo» de 21, 22, 23, 24 e 26 de Agosto de 1913.
(***) «A Alvorada» de 12 de Fevereiro de 1912.—Numero I=Anno I.

Campos Lima, Carlos Olavo e outros, lembrou-se de promover um sarau em favor dos famintos de Cabo Verde.

«O sarau realisou se com todo o brilhantismo na Figueira da Foz, e, sendo o conde de Avila presidente da commissão de beneficencia, Mario Monteiro participou-lhe a cifra do producto liquido que tinha ás suas ordens. A resposta recebida foi um telegramma de Cascaes em que a ex-rainha D Amelia, presidente honoraria da mesma commissão, lhe sollicitava que fosse pessoalmente á cidadella prestar as contas em que falara ao conde d'Avila. E, uma vez prestadas essas contas, as relações continuaram em beneficio de estudantes pobres de Coimbra que recorriam ao nosso director para lhes conseguir pensões do Paço, pensões que muito disfructaram até 5 de Outubro.

«E, em vez de ser pelo throno recordando favores recebidos Mario Monteiro foi pelos seus principios na hora em que a victoria se mostrava indecisa para ambos os campos. Registe se.

«Se alguem pretendesse encontrar n'essas relações um argumento deveria consideral-o a favor de quem n'um momento de acção se poz ao lado do Povo sem olhar a razões de gratidão.»

Assim o comprehendeu o povo ao vel-o entrar no raso campo de rebeldia contra a releza desprovida de dedicações e de convictos, de lealismos e de amisades.

Para trazer boas novas á Rotunda, haviam Mario Monteiro e José Leal, (*) percorrido, a pé, do Dafundo á Avenida, as ruas agitadas de Alcantara e os postos guarnecidos pelas forças ali collocadas pelo quartel general.

Escutou-se, por elles, a descripção da verdadeira attitude dos outros revoltosos e do exercito.

Conheceu-se a firmeza do quartel de Alcantara, constituido em bases identicas ás da Rotunda.

Esta viu, com as idas e vindas de revolucionarios, que não estava isolada, nem sequer cercada.

As tropas fieis, retirando para longe, apoz ataques ephemeros, mais dever de officio do que lucta por convicção realista,

---

(*) Pelos serviços á revolução de Outubro o logar de secretario do governo de Cabo Verde.

davam campo aberto para o augmento das forças do grande baluarte da Revolução, entrando e sahindo os revoltosos quando queriam, e fazendo alguns a travessia pela rua da Palma, S. Lazaro, Gomes Freire, até entrar no acampamento pelo lado da Rua Conde de Redondo, mediante o signal convencionado.

E, ao cahir da tarde de 4, João Chagas, vulto bem conhecido de conspirador, transitava pelo Rocio, onde as forças presumidas fieis se encontravam, seguia, a pé, até á Avenida Fontes Pereira de Mello e d'ali entrava na Rotunda, sem outro obstaculo á marcha rapida do que o inutil receio.

Ao acampamento, e sob os preventivos auxilios dos dirigentes da revolta, chegavam, de continuo, farta copia de mantimentos como, saccas com pão, chouriço, queijo da Serra e ainda licores, vinhos, genebra, tres bois mortos, ovos, bilhas com leite.

E' certo que isso appareceu contestado por Machado Santos, a paginas 144 do seu relatorio:

«A' Rotunda não chegou uma das iguarias que José Cordeiro nos reservava. A alteração do plano transtornou tudo; o desapparecimento dos automoveis ainda mais complicou o serviço.»

Não faltaram todavia os mantimentos e assignalado ficou o facto n'outro trecho (*) de um dos combatentes:

«N'esta altura entraram no acampamento o dr. Mario Monteiro e José Leal, filho de Alfredo Leal, que, vindos a pé do Dáfundo, traziam preciosas informações dos marinheiros e sobre o estado das forças reaccionarias.

«O enthusiasmo foi tal que immediamente se resolveu cortar os fios telegraphicos e fazer com elles obstaculos de lado a lado das ruas, bem como os fios do telephone.

«Cortou-se o cabo electrico da illuminação, afim de escurecer a Rotunda, para não servir de alvo, á noite, como succedeu ao inimigo.

«O acampamento offerecia, então, um aspecto interessante.

(*) «O Seculo» de 11 de Outubro de 1910.

«Todos trabalhavam com pás e picaretas constituindo fossos e barricadas com as guaritas do pessoal dos electricos, arvores, etc.

«Ao centro conservavam-se as muares e os armões, bem como saccas de pão, chouriço e queijo da Serra, que os soldados e populares comiam alegremente, mesmo debaixo de fogo e entrando n'elle.»

Tinha base segura a affirmativa.

Comprovava-a ainda o caso, extranho, de ser da Rotunda que sahiam auxilios, em mantimentos, para particulares desprevenidos, como o francez Gustavo Mathiew, a cuja casa na Torrinha, o commandante da Rotunda, mandou levar pão e carne quando soube que ali se não comia desde 3.

Mathiew, retribuia, abrigando uma familia portugueza que adoecera com o susto e offerecendo ao commandante dos revoltosos os pombos correios caso d'elles necessitassem para o serviço de correspondencia.

Ao passo que os monarchicos revelavam a negligencia e quiça, a complacencia, os republicanos, mais previdentes, detinham, sob simples suspeita, quem se approximasse e até os proprios seus, como o coronel de cavallaria de reserva e velho democrata João Maria Lopes, preso por engano, pelo grupo revolucionario «Liberdade», de que faziam parte José Augusto das Santos e Santos Luz.

Approximando-se, a cavallo, era forçado a apear-se e só apoz o reconhecimento pelo commandante do acampamento, conseguiu a liberdade.

Esse attenta e conscienciosa vigilancia, dava a immediata detenção de alguns espías da policia administrativa que conseguiram deitar até ao alto da Avenida.

Reconhecidos, iam para o logar reservados aos prisioneiros, mas sem que os revoltosos uso fizessem das medidas violentas que as circumstancias lhes permittiam.

Na Rotunda, os mais intemeratos batalhadores civis iam-se aggrupando, e para occupar postos principaes se apresentaram, o logista Manuel Ambrosio de Sousa, morador na rua de Arroyos, 178, 2.º; Francisco de Sousa Lamy; Duarte Antonio Pe-

reira de Mello Sarria, (*) caixeiro despachante da alfandega, da C.·. P.·. envolvido na «janeirada» e em virtude d'esse movimento detido no forte de Caxias; João Luz de Sousa Neves, telegraphista (**); o sapateiro Manuel Maria Conde Loureiro; Aggripino Thomaz de Oliveira, o caixeiro da casa Amieiro, Manuel Rodrigues Correia; o antigo marinheiro Manuel Vassallo; Jayme Victor Lisboa; o entalhador José Joaquim dos Santos Oliveira, filho de Manuel Joaquim dos Santos Oliveira, de 22 annos, morador na Quinta dos Confeiteiros; Manuel Martins, Manuel de Oliveira; Dorindo Augusto da Silva; o maçon, Jacintho David das Neves, de 24 annos, socio da firma commercial do Chiado, Tatá & David, filho de Antonio Pedro das Neves e Maria Augusta David, casado com Maria Augusta David das Neves, morador na R. da Magdalena 133, 2°; o sapateiro Carlos Gomes Machado, morador na rua Particular, á Rua Maria Pia, 11; o chefe carbonario João Saraiva, Victorino de Costa Ruivo; Albino Francisco Fernandes; Augusto Peres Brun da Silveira. A este veremos mais tarde, conspirando e levado á condemnação pelos tribunaes marciaes, como conspirador contra a Republica (Julho—Outubro de 1912), aproveitando-lhe todavia a amnistia (21 de Fevereiro de 1914) que lhe descerrava, para a liberdade, as portas do carcere da Penitenciaria (22 de Fevereiro).

Augmentava-lhes a coragem, a mocidade intemerata d'um revolucionario imberbe de 19 annos, o operario da companhia do Gaz, Moysés Martins, que mais tarde, com as suas aventuras deixou transparecer, uma ligeira nota de duvida, tanto mais saliente quanto a primeira foi, n'essas horas ainda de enthusiasmo: (***)

«Entrei «n'aquillo», porque tenho ideias avançadas. Um amigo, o ajudante de forjas Manuel Ignacio Maria, sabendo na segunda feira que o movimento revolucionario devia rebentar d'ahi a horas, avisou-me do caso. Assim, logo que percebi que havia tiroteio prra os lados da Avenida, fui para o acampa-

---

(*) Falleceu a 23 de Agosto de 1912, com 29 annos de edade.
(**) Fallecia em 10 de Janeiro de 1912.
(***) «A Capital» de 28 de Outubro de 1910.

mento da Rotunda e... só voltei ao trabalho ante-hontem. No acampamento, apesar de nunca ter servido na tropa, fiquei ao lado d'uma peça de artilharia. O sargento que a commandava sympathisou commigo e desde então auxiliei todas as manobras do canhão, tendo tambem a meu lado, alem de outros revolucionarios, um atirador distincto, meu companheiro de trabalho na Companhia do Gaz, o antigo marinheiro Eleuterio de Oliveira. Vê — e Moysés Martins mostra-nos os braços e o peito — aqui estão as marcas do combate...

«Sobre a pelle do valoroso revolucionario parece ter passado uma chamma viva, intensa, que a poz quasi em braza. Mas o denodado rapaz liga pouca importancia a esse baptismo de fogo e prosegue a narrativa dos seus feitos:

« — Durante a revolta, fui ordenança de uma das heroinas do movimento que me tratou com desvelo extraordinario. Depois estive de guarda ao Banco de Portugal, voltei pela segunda vez ao acampamento e na quinta feira, 6, á noite, fui atacado no Bairro Alto por uns individuos que, sabendo que eu era amigo de João Borges, pretendiam inutilisar-me. Escuso de dizer que me defendi com as armas na mão. Ante-hontem, como já referi, voltei ao trabalho. O mestre das forjas queria desgostar-me para me obrigar a largar o emprego. Mas respondi-lhe com altivez e elle não insistiu. E fez bem: porque se elle ainda é muito «thalassa», eu sou o que sempre fui e não estava disposto a aturar-lhe as inconveniencias. Para mais, esse mestre tinha pretendido investir com os carroceiros em greve, ameaçando-os mandar alvejar com agua a ferver e em volta d'elle já se ouvia um certo rumor de indignação...

«Continuo no trabalho á espera que os meus serviços possam ser de novo utilisados. Tenho amigos dedicados na organisação dos revoltosos. O João Borges é um dos minha feição. Assim como calhou ter estado na Rotunda ao lado d'uma peça, de artilharia, podia muito bem ter manobrado com a artilharia d'outra especie. Não fui para a Avenida com o receio de morrer; fui, sim, com a certeza de que iamos triumphar. E estou prompto a repetir o que fiz, se o existente não corresponder ao meu ideal. E como eu muitos outros...»

Exaltava ainda a turba de revoltosos, o elemento fiminino, da classe popular, energico e de combate.

De facto e caso extranho, quando os officiaes combatentes, d'um dos corpos do exercito mais habituados á lucta rude, o de artilharia — destroçavam do local perigoso, altivo e energico se aprestara, para apertar nas mãos uma carabina, uma mulher, rival d'essas outras que, em vez do uso de armas, ajoelhavam junto aos feridos, tratando-os como enfermeiras e fallando-lhes como irmãs.

Essa combatente audaciosa, que em destaque punha os desertores do movimento, chamava-se Amelia Santos, republicana, e que assim historiou os seus feitos na Rotunda, adherindo á revolta que allegava cumprimento de um dever:

«Então era justo que os homens se estivessem a bater e a morrer pela causa de todos, emquanto nós nos escondiamos medrosamente em casa? Para empunhar uma arma, tanto serve um homem como uma mulher. E' certo que eu não sabia manejal-a; mas tambem lá estavam homens nas mesmas condições e que depressa aprendiam. Assim fiz eu.

« — Foi sósinha para o campo da revolução?

« — Quasi sósinha. Quando rebentou o tiroteio havia na loja differentes freguezes. Tentei leval-os commigo, animando os e encorajando os. Só um, o sr. Henrique Nunes, se promptificou a acompanhar-me. Sahimos os dois e fomos dar a volta por largo, visto ser impossivel subir a Avenida. Ao chegarmos ao campo, a vedeta não me queria deixar passar. Declarei-lhe, porém, que ia pegar n'uma arma, e ella então franqueou me a passagem, encarregando se tambem de me fornecer uma carabina.

« — E fez fogo ao lado dos homens?

« — Está claro ensinaram-me a manejar a arma e enfileirei ao lado dos outros. Alli estive até ás 11 horas, que foi quando demos a ultima descarga sobre a municipal. Por signal que essa já era bem escusada.

« — Então a essa hora retirou?

« — Não senhor. Como a espingarda pesava muito, larguei-a e peguei n'um revolver. Mas conservei-me na Rotunda até ao fim, e ali passei as noites como os outros. No sabbado de ma-

nhã fui com um grupo prender um jesuita a um terceiro andar da rua das Trinas. Foi esse o meu ultimo serviço »

*

* *

Organisados estavam egualmente os serviços de saude, a cargo do dr. José Paulo Macedo de Bragança, um dos prisioneiros da janeirada e envolvido no celebre caso do engraxador da Rua Fernandes da Fonseca.

Installada a ambulancia debaixo de uma palmeira da Rotunda, em frente do palacio conde de Sabrosa ficou o tratamento dos feridos dirigido pelo dr. Bragança, com o auxilio immediato do enfermeiro, 1.º cabo da companhia de saude, Antonio Mendes Gomes, tornado precioso coadjuvante d'aquelle medico.

Isso não obstou a que a curta distancia de menos de 2 mezes, ensejo houvesse para qneixa justificada exposta nos seguintes trechos jornalisticos intitulados «Ao publico — Esmola» : (*)

«O enfermeiro Antonio Mendes Gomes foi o primeiro patriota que appareceu na Rotunda para tratar dos feridos salvando da morte innumeras victimas. E' casado e tem filhos. Como ha mais de um mez, andamos de porta em porta, de ministerio em ministerio de chapeu na mão a pedir um emprego para elle, não obtendo resultado apesar da nossa influencia, bem conhecida de todos, dirigimo-nos hoje á caridade para o salvarmos a elle e sua familia dos horrores da fome.

«Difficuldades legaes se teem levantado para a sua collocação, havendo-se elle esquecido de applicar nos pensos dos feridos todas as leis e regulamentos da defunta monarchia.»

Aos serviços de enfermagem reuniram-se em breve, o 1.º cabo da companhia de saude, Manuel Martinho, os soldados da mesma companhia, José Martins e Emygdio Serrão, o enfermeiro do hospital de marinha, Alvaro Franco e o coadjuvante Igna-

(*) «O Intransigente» de 29 de novembro de 1910.

cio Antunes, e ainda o conductor de automoveis Julio Francisco Ribeiro.

Veriam mais tarde coadjuval-os (meio dia de 5 de Outubro) no serviço de ambulancia, Jorge Soares e nos de curativos os enfermeiros do hospital de S. José, Abel Machado da Cruz e Eurico de Jesus, portadores de vasto fornecimento de pensos e medicamentos cedidos pelo facultativo do estabelecimento a que pertenciam, o dr. Manuel Maria Bordallo Prostes Pinheiro.

A' missão humanitaria se reunia desde as 11 horas da manhã, o elemento feminino, representado por Ermelinda Rosa, e Maria Amelia Epiphania da França e ainda como assistente da Liga Republicana das Mulheres Portuguezas, Olivia Silva Toscano Saldanha, acompanhada de outra senhora, Rosa Ramos Pereira.

Juntar-se-lhes-hia depois (meio dia de 5) outro feminil auxilio por Maria Emilia dos Santos. (*)

De todas, uma, Ermelinda Rosa, filha de Custodio da Silva e Joaquina Rosa, seria victima de desastre, apenas alguns dias decorridos (14 de Outubro).

Estando no quartel de artilharia, ao querer desarmar um militar que, por brincadeira lhe apontou um revolver, este disparou-se indo uma bala attingil-a no braço. Recolhendo ao hospital do Desterro, onde ficava em tratamento, d'ali sahia, para mais tarde ainda, já então collocada, Republica em Portugal, no deposito de fardamentos, vir ao noticiario jornalistico, (**) por uma brava defeza á policia, quando assaltada esta por um rancho de rufias no largo do Chafariz de Dentro.

Auxiliando os agentes, a pontapé estiraçava um dos aggressores d'estes, e coadjuvava a sua prisão.

Com energia evidente contava portanto a Rotunda.

(*) Procuravam compensar se dois relatorios. Emquanto o de Machado Santos, a paginas 156, cita o nome de Emilia Serrão, aliás, o enfermeiro Emygdio Serrão, segundo o relatorio noticia assignado por todos os dedicados ao serviço de saude da Rotunda («Seculo» de 11 de Outubro de 1 10) n'este apparecia como Ignacia Antunes, o enfermeiro Ignacio Antunes, apresentado assim no livro de Machado Santos. Collocado ficou tudo porém nos seus devidos termos.

(**) Facto succedido na noite de 10 de Março de 1912.

Não havendo medicamentos, de pharmacia em pharmacia os procurava o cabo Mendes Gomes reproduzindo a operação sob tiroteio sempre que os pensos se acabavam, até que do hospital de S. José, o dr. Bordallo Pinheiro enviava todo o material necessario ao funccionamento do improvisado hospital de sangue.

Para os feridos do quartel de artilharia 1, outro se organisou, exercendo ali funcções o 1.º cabo enfermeiro d'aquelle regimento, Manuel de Carvalho, apresentando se mais tarde o alferes medico de infantaria 2, dr. Arthur Pacheco.

O numero de feridos crescendo sempre, forçaria a nova installação, mais ampla.

Ao anoitecer, era arrombada a porta da estação de automoveis do conde de Sabrosa e ali estabelecido o hospital de sangue.

O espectaculo que este offerecia, descreve o Machado Santos em curtas mas elucidativas linhas : (*)

«Sobre os nomes das victimas, é-me completamente impossivel elucidar. Quando no dia 4 me fallavam sobre o serviço de saude, fingia não ouvir; felizmente o inimigo entreteve sempre a minha attenção, conservando a minha vista desviada do triste quadro que apresentava o hospital de sangue.»

No logar onde elle esteve seria mais tarde (25 de Junho de 1911) descerrada uma lapide assignaladora dos serviços ali executados.

O então chefe dos revolucionarios da Rotunda, empregando os seus esforços no dirigir dos trabalhos de defeza, não cessava de exercer os de ataque.

Para não deixar cahir o acampamento em pacifismo, dando-lhe apparencias de vencido, ordenados foram, de quando em quando, varios tiros sobre as tropas que fechavam o Rocio.

N'essas alturas, alguns pequenos bem como diversos populares adultos, trouxeram aviso alarmante.

Para os lados de Sete Rios andavam forças, de artilharia, infantaria e cavallaria e decerto a sua intenção era o ataque ao acampamento pelos lados de Campolide.

(*) Relatorio de Machado Santos = Pagina 156.

De principio se estimou que verdade fosse.

As ligeiras escaramuças entre alguns troços da municipal, as forças do Rocio, e os revoltados da Rotunda, longe de lhes dar animo, por escassez combativa espalhou no acampamento rebelde uma atmosphera de receios.

De instante a instante se pensava em violenta tomadia e as horas de interregno de lucta, foram dadas como consciencioso preparo dos nucleos fieis, ou presumidos, para um lance de esmagamento dos ousados acclamadores da ideia da Republica.

O facto contribuiu porém para que se prevenissem contra essas hypotheses, aliás intuitivamente rasoaveis.

Estabelecido um attento serviço de vigilancia, deu elle profiquos resultados.

As tropas revoltadas, aguardavam novos ataques, quando o revolucionario Manuel Ambrozio de Sousa, de vigia, empoleirado n'uma figueira, confirmou os anteriores avisos, pois lobrigou dois officiaes de espada desembainhada procurando occultar-se com os muros da Penitenciaria.

Passava muito do meio dia.

Pensou-se ainda n'uma manobra simples, como a que alarmára de manhã o acampamento, ante o aviso, por um vigia collocado no quartel de artilharia 1, de que as baterias estavam tomando posições em Monsanto.

Comtudo d'essa vez se assegurou não ser descabida a prevenção e desde logo foram deslocadas mais tres peças para o alto da Feira de Agosto.

As forças fieis estavam descobertas, se bem que sem exacta fixação do seu posto.

Quaes eram ellas e como se encontravam ali?

Machado Santos, galopando até ao Alto da Feira de Agosto, determinava a rigorosa espectativa para combate serio.

As cornetas soando estabeleciam o enthusiasmo.

Iam emfim combater, a serio.

Entretanto, reentrava na Rotunda, á paisana, um dos foragidos da manhã: o alferes Camacho Brandão.

Retirando com os outros officiaes, não teve annuncios de

previsto massacra, e, antes, conheceu a firmeza mantida no acampamento.

Voltou assim, decidido a remediar com a sua actividade de combate, a irreflectida solidariedade anterior.

Entrava na linha de fogo sem que visto fosse pelo chefe da Rotunda, que só por elle daria a meio do ataque das baterias.

No reducto o enthusiasmo crescia, tanto quanto enervante e agitado se organisava o todo offensivo e deffensivo da hypothetica barricada.

A convicção e a fé, transformavam em proporções collossaes de resistencia, o simulacro de um baluarte inexpugnavel.

XVIII

Resolve-se o ataque á Rotunda.=De projecto em projecto—Os boatos registam o commando das baterias de Queluz pelo Infante D Affonso.=A marcha da columna.—Apresenta se o commandante da bateria.

O conselho de officiaes reunido no quartel general, resolvera assumir uma attitude repressiva.

Fez-se salientar a conveniencia do assalto á Rotunda, o sabido ponto capital da revolta.

A azafama não deixava comtudo proceder com criterio.

Portas a dentro do quartel general, a revolução actuava, não pelas armas, mas pelo estabelecimento d'uma forte nevrose, e d'uma barafunda impossibilitadora de acção efficaz.

O ataque devia ser iniciado ás 9 horas, comtudo, a esse tempo, ainda nem plano certo existia.

A theoria militar, vendo-se a braços com a pratica, deixando o caminho de hypotheses pelo terreno escorregadio da realidade, desnorteava-se, fracassava.

Era o cahos a formar-se em torno d'essa sonhada perspectiva de eterna paz.

E todavia, a revolução nem sequer foi o esboço de uma guerra, na sua completa acepção.

A tactica é que se evidenciou inutil, e mercê, não só do fal-

so previsionismo das circumstancias, como da má vontade que presidia ás intenções de repressão.

De choque em choque, de evasiva em evasiva, e de lembrança em lembrança, lançavam-se as vistas, sobre o coronel Alfredo Augusto José de Albuquerque, para o commando da acção que se projectou executar.

Convencionado o assalto, duplo, ao ponto culminante da revolução, a Rotunda, procurou-se estabelecer o effectivo plano.

Como base, descreveu-se a marcha de uma columna, que avançando por S. Pedro de Alcantara, iria atacar o acampamento de flanco, pelo Rato e Valle do Pereiro, com a ajuda de outra, que pela Estephania e Arroyos, realisaria o assalto pela rectaguarda, emquanto o restante das forças actuaria do Rocio e da Avenida.

Era uma excellente envolvente, se levada a bom ponto fosse

A parte principal seria confiada, como necessaria, á infantaria e indigitado se teve o resto do 16.

Serviu para a ruina do alvitre, a indicação e suscitada logo foi a desconfiança que as tropas inspiravam e aquelle nucleo especialmente.

Não eram errados os calculos, mas, a despeito d'elles, ao troço que não acompanhou, inicialmente, a revolta, se marcou como posto de trabalho combativo, as Necessidades, onde comtudo a manobra desfavoravel não foi á democracia.

Teve citação a pouca coragem dos soldados, achado todavia em excesso o medo de que se penetravam.

Assente a investida contra a Rotunda restavam os meios de a effectuar.

O chefe do estado maior da divisão, coronel José Joaquim de Castro, propunha: varrer com as descargas de infantaria a posição dos revoltosos, accionando-se da cerca de Rilhafolles ou, com o appoio da artilharia, ganhar a coberto a posição superior á Avenida, seguindo a columna da Estrella ao Alto do Carvalhão, d'ali por Campolide até aos terrenos na parte detraz da Penitenciaria, pela Quinta do Mendonça e estrada de Palhavã.

A segunda hypothese é que teve acceitação, apoz um estudo demoradissimo e que nenhum resultado deu.

Restava dar-lhe execução.

Nenhuma das forças ali se encontrava.

Cumpria fazer sciente em primeiro logar, o coronel de lanceiros, e depois os commandantes da bateria de Queluz e de infantaria 2, do papel que lhes era distribuido.

O telephone retiniu, para a ordem de abandono da posição junto de Alcantara e das Necessidades, determinando-se-lhe a nova manobra.

Era o erro.

N'essa altura ia executar-se o bombardeamento do quartel de marinheiros.

Derrubado esse obstaculo, talvez nem se tivesse effectuado o tiroteio contra o paço nem a Rotunda se tivesse mantido.

A quebra de uma das extremidades em que se appoiava a revolução, era a morte d'esta.

Era impossivel o raciocinio nos agudos transes para que o militarismo superior nunca se prepára convicta, technica e serenamente.

Ora se pretendia submetter um ora outro local.

As objecções simples, as minimas supposições, solidificavam-se em penhascos irremoviveis, interceptadores do caminho a trilhar para o suffocar da rebeldia.

Não se concretisou o plano da envolvente.

A braços unicamente com a espectativa de infantaria 1, caçadores 2 e o todo indeciso egualmente, de infantaria 16, se deixou o foco, prejudicial, do quartel de marinheiros.

Para o acampamento da Avenida, destinou-se apenas um centro de referecia, unico para onde deviam dirigir a sua attenção: os altos da Penitenciaria.

Não houve a base consciente de que deixar desguarnecido o largo do Rato, concitar actos repressivos n'um unico local, desprezar o rodeamento do campo a absorver, era o inutil ao serviço do irrisorio.

O erro, conjugado com a traição traria á derrota, o composto militar que Paiva Couceiro julgou aprestado para uma victoria.

O simultaneo ataque — aliás previsto, mais sensatamente pelos revoltosos — da Penitenciaria, Graça, S. Pedro de Alcantara, Rato e forças do Rocio, seria o golpe cerce na tenacidade de animo dos rebeldes.

Alvitrar-se-hia, ainda, a escassez de tropas.

Comtudo, melhor divididos os que se haviam reunido no Rocio, e com officiaes de confiança, tirando-se a municipal da acção dispersa e arrancando do descanço das Necessidades outras praças com o appoio da officialidade fiel, a balança desceria ao peso valorisante da intransigencia monarchica.

O destino cavava porem o abysmo onde a monarchia se affundava lenta, para ensinamento de indifferentes e dos semi-abalados nas convicções.

Resolvido o acto, isolado, contra a Rotunda, infantaria 2 preparou-se em parte para o ajudar e a bateria de Queluz marchou para o desfecho de um pequeno Waterloo, e pequeno, porque, se junto aos muros da Penitenciaria não existia a inquebrantibilidade da força para appoio a um Napoleão nem havia a inercia de um general Grouchy, nas terras de Eduardo VII, não estavam egualmente as figuras intangiveis dos marechaes de Wellington, a envolver-se na fumarada historica de 19 de Junho de 1815.

Era aqui o receio, a entenebrecer apenas o desprezo da vida de alguns combatentes audaciosos; era alem a traição, a tirar a um Cid da nova realeza, o sonho de segurar uma corôa.

A meio do seu gesto de sacrificio, e porque se affigurasse talvez, decisivo de mais, seria suspenso.

Resolvido o acto de procedimento contra a Rotunda, para que tudo não fosse de queda rapida, deixou-se surgir uma lenda.

Celere correu o boato de que se encontrava á frente das baterias de Queluz, o seu antigo commandante, o infante de Portugal, duque do Porto, D. Affonso.

Ainda na manhã seguinte ao lance em que intervieram as baterias, se manteve (*) essa affirmativa:

«Lá em cima, na Avenida, as forças revolucionarias, infan-

(*) «O Seculo» de 5 de Outubro de 1910.

taria 16, artilharia 1, grupos immensos de populares armados até aos dentes, fracções pequenas d'outros corpos do exercito, da guarda fiscal, de engenharia e até de marinheiros que não estavam embarcados, nem a dentro do seu quartel, aprestam-se para se defrontarem com as baterias de Queluz, saidas do seu aquartelamento n'aquella localidade, a toda a brida, ao encontro das forças revoltadas e sob o commando, affirma-se, do seu antigo commandante, o sr. D. Affonso.

«Estas forças, que chegam aos antigos muros da cidade muito dizimadas, tendo-se encravado pelo caminho muitas das suas peças, vae postar-se, como ponto estrategico, na baixa de Campolide, avançando depois, a tomar posições, por detraz dos muros da Penitenciaria.»

Era apenas uma phantasia, alimentada pela intuição do que se poderia ter dado.

Não seria de extranhar a comparencia do Infante D. Affonso, visto o seu posto de official superior de artilharia, general de divisão, por carta regia de 31 de Maio de 1906.

Mas, a esse tempo já o tio de D. Manuel II, em Cascaes seguro estava de recolhida a bordo do hiate que o collocaria fóra do revoltado solo portuguez.

Longe de haver essa adhesão legitima á defeza do throno e da familia, o contrario se dera, ou fosse o junccionamento de forças da guarda fiscal aos troços dos insurreccionados para operar contra as baterias.

*

*   *

N'uma marcha lenta, onde se parecia evidenciar a presciencia do inutil resultado, seguia entretanto o seu destino a columna da chefia do coronel Alfredo Augusto José de Albuquerque.

Obediente ao itenerario do quartel general, iria cahir no campo revolucionario formado pelos deffensores do quartel de artilharia 1, se a não salva o tenente Estevam Wanzeller, incumbido do serviço de reconhecimentos e que veiu participar ao seu commandante, a situação do acampamento de Campolide.

Nasceu esse bem d'um mal entendido.

Quando ainda formado no largo da Estrella o regimento de lanceiros, ao respectivo commandante chegou noticia, transmittida do quartel general, de que em artilharia 1 existiam serventes dispostos a entregar-se, com as peças.

Não teve grande credito o participado, mas desde logo, para que inculpados de inercia não houvesse, se offereceu o tenente Wanzeller como verificador do successo singular.

Prevista uma emboscada, não deu annuencia de principio á offerta o commandante de lanceiros e só insistindo o official condescendeu, determinando-lhe a escolha da força que util julgasse para o acompanhar.

Recusou o tenente, visto que, julgado tudo puro ardil, seria um prescindivel sacrificar de gente.

Ainda o coronel de cavallaria, expunha a conveniencia de abandono do capacete, flamante, de lanceiros, pelo pequeno «kepi» de infantaria, logo offerecido pelo coronel Antonio Augusto de Sousa Bessa.

O tenente, teve a resposta breve e energica:

— Não. Ha 10 annos que sirvo este regimento, não mudo o capacete. Onde é que o meu coronel quer que lhe leve a resposta?

Estava já deliberado o plano da Penitenciaria, e, por isso, Alfredo de Albuquerque marcou-lhe como ponto de encontro a estrada do Arco do Carvalhão, com começo na rua das Amoreiras e fim na rua do Arco, perto do rio da Ponte Nova.

— Pois lá receberá a resposta. E se não a receber, pode ter a certeza que fui morto ou preso.

A' phrase, correspondeu immediatamente pelo tenente Wanzeller, o largar de redea ao cavallo e tomando pelo jardim da Estrella, seguia a tomar melhores caminhos, até á rua do Paço do Lumiar, para onde abria um dos portões do quartel de artilharia 1.

Pouco mais conseguiu avançar.

O povo estava postado na rua, e a quarenta metros de distancia do edificio, já a vigilancia não permittia approximação.

Todavia, os trabalhos de transferencia de uma peça para junto do portão, desviou as attenções, só reavivadas quando mais á vista chegou o tenente Estevam Wanzeller, denunciado pelo tropel do cavallo.

Julgado avançada de lanceiros, á inicial confusão, succederam logo intenções de investida e uma descarga pelos civis, fazia com que o official virasse de redea, esquivando-se a inutil fuzilamento, sem pratico alcance para a causa que deffendia.

Desempenhava porem um serviço de reconhecimento, precioso para a columna, quer se pretendesse por ali o assalto a artilharia 1, quer se visse conveniencia em se desviar do mau passo de um encontro com os revoltosos.

O aviso não foi recebido no Arco do Carvalhão, mas sim na Estrada dos Prazeres.

Forçou elle á resolução de um retrocesso.

Impunha-o a impossibilidade do ataque, já pela defficiencia de forças ante um possivel forte nucleo revolucionario, já pelo receio de alterar as disposições do plano geral de combate, não conhecidas do chefe da columna mixta.

Essas hesitações appareceram mais tarde assim descriptas (*) pelo proprio coronel Alfredo Albuquerque:

«Quando recebi este aviso do official de lanceiros, o corpo da columna seguia já pelo desfiladeiro constituido pela estrada que inferiormente ao cemiterio dos Prazeres corre a meio da vertente leste do Valle de Alcantara. Quem conhecer o terreno ou se der ao trabalho de o ir observar, poderá apreciar a situação em que me achei.

«O que fazer? Atacar o quartel de artilharia 1? Mas não iria eu, com este incidente, prejudicar a acção geral que se planeava? não iria envolver-me n'uma acção parcial que transtornasse o plano do Quartel General?

«A melhor resolução ainda era procurar attingir a Penitenciaria, porque, chegado ali, poderia então dividir a minha attenção e esforços pela Rotunda e pelo quartel de artilharia com a

(*) «Os Cem Dias Funestos»=por Joaquim Leitão.=Pagina 231.

vantagem de haver cumprido a ordem recebida sem em nada prejudicar o que pensassem fazer. Além d'isso para bater a artilharia entrincheirada na Rotunda, necessariamente era com as baterias a cavallo, que o Quartel General mais contava.

«Desvial-as do seu objectivo, era gravissimo erro. Tratei pois de seguir outro itenerario, uma vez que as peças de artilharia 1 me cortavam a marcha.»

A pouca largura da estrada não facultava todavia aos artilheiros o retorno.

Ia-se effectuar o desatrellamento das peças, quando se deu pela tomadia popular dos altos que circundavam o sitio dos Terramotos e o Arco do Carvalhão.

A manobra era de risco se precauções não fossem tomadas.

Entendendo-se com o commandante de infantaria 2, coronel Bessa, o chefe da columna, evidenciava lhe a conveniencia de occupação d'aquelles pontos, desalojando a populaça.

Assim procedeu a tropa de linha, emquanto a gente da bateria procedia ao serviço de desengate das peças, collocação para o retrocesso e novo engate ás viaturas.

Descobertos foram todavia uns populares por detraz de um muro.

Quiz-se effectuar uma inspecção, valendo a isso, o aspirante de lanceiros, Torres.

Içando-se a um candieiro de illuminação, por elle escalava o muro, olhando para as terras que o mesmo vedava.

Nada viu, porem.

Os vigilantes haviam desapparecido, á comprehensão dos trabalhos.

A artilharia, encetou a nova ordem de marcha.

Abriu caminho com uma avançada de lanceiros e recolhida a força de infantaria que fora occupar os pontos altos, tomou ella a rectaguarda.

Ia procurar-se passagem para o outro lado do valle de Alcantara.

A columna seguiu pois, caminho da Cruz das Oliveiras, direcção a Monsanto.

Chegando ali, o coronel Alfredo de Albuquerque, pensou n'um golpe de audacia contra o foco dos rebeldes em Campolide.

Reunido o conselho de officiaes, apoz um reconhecimento pelo capitão das baterias, Julio Faria Machado Vieira e tenente de lanceiros Antonio de Passos Callado, perfilhava a opinião do primeiro, contrario a qualquer procedimento contra o quartel de artilharia, porque, ante o difficil graduar do tiro de artilharia, não respondia pela segurança dos moradores das proximidades de Campolide.

Era a exacta reproducção das ideias que haviam obstado ao bombardeamento do quartel de marinheiros pelo receio de se attingir innocentes.

A tal humanitarismo resistia a revolução, para que vencer pudesse, e se a artilharia da Rotunda, enfiaria a bel-prazer granadas pelos predios do Rocio, Avenida, Graça e Monte, sem incommodos pelas victimas a fazer, os navios revoltados, sem que necessario fosse, espalhavam as balas das suas metralhadoras pelo bairro de Alcantara, sem cuidados a possiveis e realisadas hecatombes

A complacencia de novo serviu á rebeldia, sorrindo ironica á pratica de processos de que não usava.

O conciliabulo de officiaes, attendendo pois á inconveniencia de visar d'ali a Rotunda pelas victimas que se iria produzir nos moradores, promovia apenas o descanço das forças, que se não alimentavam desde a tarde de 3.

A columna augmentava n'esse instante, com os officiaes, capitão Domingos Augusto Alves de Castro Oliveira, tenentes Francisco Martins Lusignan de Azevedo, Fernando Coutinho da Silveira Ramos e Manuel Eduardo Martins, este da administração militar, mas adjunto a lanceiros 2.

Aproveitada foi a paragem das forças, para a execução de outros serviços e, emquanto tomavam posse de tres galeras para serem enviadas ao quartel devendo retroceder com mantimentos, n'um automovel com passageiros, tomavam logar dois agentes de policia, encarregados de observar se desempedido estava o caminho pelos lados de Bemfica.

Feito o signal de marcha, de novo a soldadesca seguia, lenta, até que o regresso do automovel registou livre a estrada.

A columna ganhou Bemfica, e breve entrava em Palhavã.

Eram 11 horas da manhã de 4.

O coronel Albuquerque recebia então o valioso auxiliar do seu nucleo de combatentes: Paiva Couceiro.

XIX

PAIVA COUCEIRO

Nos transes perturbadores em que se conhecera a revolução avançando progressiva, se decidira no commando superior e contra pareceres varios, a chamada, immediata, d'um official de valor comprovado.

Era elle o capitão de artilharia Henrique Mitchell de Paiva Cabral Couceiro, em serviço no grupo a cavallo, das baterias aquartelladas em Queluz.

De facto, o official, não só um bravo affirmado nos sertões da Africa como um deffensor extrenuo da realeza, a esta podia valer com o impulso supremo da sua audacia.

A lembrança, tida por de boa tactica entre raros affeiçoados ao regimen, phrases de contrariedade recebeu por outros, se bem que a contrabalançasse a convicção de se encontrar em terreno favoravel á democracia o corpo de exercito a que Paiva Conceiro dava realce com a sua figura de intemerato.

O seu nome já pertencia á historia lusa tendo a enfeixal-o as palmas concedidas ao valor.

As terras de Africa, haviam sido o campo vasto da sua acção de heroe.

A viagem de Hermenegildo de Brito Capello e Roberto Ivens, em 1884, abrira horisontes novos.

Convindo aproveitar a fixação do caminho entre as duas costas angolezas, e assignalados quaes os postos a occupar, deliberava o governo da presidencia de Hintze Ribeiro, organisar a expedição ao Barotze.

Pretendia-se estabelecer um posto militar em Libonta e absorver a influencia sobre os territorios do Sena, Tete, Zumbo e margens do Cuando, Cuito e Cubango.

O plano, devidamente organisado, determinava a marcha de uma columna, em 1889.

Com ella foi Henrique de Paiva Couceiro, fazendo a sua primeira travessia para os mattos da Africa.

Era o inicio da sua vida de gloria, reaffirmada em successivas acções, com ponto culminante na campanha dos vatuas.

As luctas com os negros da Ambunda, foram o seu baptismo de guerra.

Os «ganguellas» do Bihé, tiveram em primeiro logar, o conhecimento da sua serenidade e da sua inquebrantibilidade de ânimo.

Elle ali egualmente achou a sua iniciação nas pugnas de risco, onde a tactica esbarra no obstaculo collossal formado pela astucia.

O gentio é traiçoeiro.

As florestas não teem para elle segredos.

O mysterio para o europeu, é a sciencia para o negro.

O matto á o abysmo para o branco e a redempção para o preto.

Cada passo é a cilada, e o silencio cem vezes mais temivel e ameaçador do que se tribus em peso, emergindo de entre o capim, gritassem em descoberto campo o odio ao invasor.

Mas a gente lusa raro a cobardia põe algemas.

De longe vinha o exemplo do desassombro e Viriato não foi um mytho na historia dos temerarios e dos esforçados em Portugal.

Os sertões deram sempre um contingente firme para a evidencia do arrojo da armada e do exercito portuguez.

E' que ali, o nome da patria fulgura nas dobras sagradas da bandeira.

Ha um nome a crear, para perpectua aureola.

Ha a vontade impetuosa de regresso á metropole, com o authentico cunho de heroicidade a marcar fulgurante a farda nobilissima do soldado de Portugal, cujos feitos não morreram não se extinguiram no campo extenso das guerras da peninsula, nem adormeceram aos louvores, bem ganhos, do internacionalismo de 1807-1814 e onde Orthez em Tolosa formavam incidentes grandiosos.

Paiva Couceiro, não podia nem em temperamento lhe estava, esquivar-se a manter esse passado aureo da nossa fama militar .

Os lances de armas a que presidiu como commandante do esquadrão de cavallaria da Umpata, constituiram a primeira parte da brilhante carreira de armas.

Era a ventura sorrir-lhe nos successos do risco.

Tentava a morte e esta fugia-lhe, como que assombrada de que alguem ousasse affrontal-a.

Procurava espinhos e cardos e o destino, transformava-os em rosas a desfolhar-se lhes aos pés, como homenagem a esse denodo.

E, não o arremessava a elle a loucura de uma creancice.

Paiva Couceiro, nascera a 31 de Dezembro de 1861.

Aos vinte e oito annos de edade, se a energia pode ser trivial, o acto imponderado não é perdoavel.

Era alferes desde 9 de Janeiro de 1884 e tenente desde 27 de Janeiro de 1886.

Seria talvez ancia de ascender

Ella o auxiliava, desde o assentar de praça em cavallaria a 14 de Janeiro de 1878, para seguindo melhor a vocação, concluir brilhantemente em 1883, outro curso, o de artilharia.

Procurava todavia o augmento dos galões no terreno difficil onde o destino com facilidade póde derrubar, na integra, toda a boa vontade, todo o aureo sonho de ambição: o da batalha.

Foi no ponto intenso das operações em Africa que á Inglaterra se apresentou como um estorvo.

O sudario negro do «ultimatum» de 11 de Janeiro de 1890 e suas consequencias, onde a politica se arvorou como de costume,

em derrubadora de boas intenções, neutralisou o antevisto resultado da expedição de 1889, garantido até pelos nomes dos grandes africanistas, o tenente Francisco Maria Victor Cordon, (*) Antonio Maria Cardoso (**) Alexandre Alberto da Rocha Serpa Pinto (***) e Joaquim Carlos Paiva de Andrade. (****).

Um telegramma expedido para o ultramar a 21 de Janeiro de 1890, pelo então ministro da marinha, conselheiro Julio Marques de Vilhena, determinava com base na questão ingleza, o completo suspender de toda a vasta e embora necessaria obra colonial.

Paiva Couceiro estava no Bihé, quando chegou a ordem entravante.

Não rejubilou.

Comtudo, se o governo se submettia, os acontecimentos o contrario exigiam.

O gentio do Bihé, animado pelo retrocesso e até impulsionado por extranhos, sublevou-se.

Não podia fazer-se a espectativa, mas, em obediencia ás altas conveniencias diplomaticas, retirou a força sobre o Bailundo.

Mal interpretado o acto, os negros augmentaram em desvairos.

Da metropole, ia porém a sancção á precisa sequencia de manobras no Cubango.

As determinações cumpriram-se, dando mais um triumpho ás armas portuguezas.

Ali se encontrou o tenente Paiva Couceiro.

Sabendo que a expedição se estava organisando no Forte Princeza Amelia, apresentou-se ao capitão Arthur Paiva. (*****)

(*) Falleceu em Mafra a 15 de Agosto de 1901.

(**) Nasceu em 1849. Falleceu a 17 de Novembro de 1900.

(***) Depois visconde de Serpa Pinto. Nasceu em Tendaes a 20 d'Abril de 1846 e falleceu em Lisboa, a 28 de Dezembro de 1900 Era auctor do livro *Como eu atravessei a Africa.*

(****) Nasceu em Lisboa a 29 de Novembro de 1846.

(*****) Era promovido a tenente-coronel em 1895 e a coronel em 1897, salientando se ainda nas campanhas de 1898, no Humbe, em que procurou passar o Cunene e subjugar o Cuamato, tendo de desistir pela difficiencia da força e má escolha da estação. Querendo vir á metropole, fallecia em 1900, pelas alturas de Cabo Verde, a bordo do paquete «Portugal», sendo o cadaver lançado ao mar.

Folgou este com o reforço.

Sabia-o firme, como a Paiva Conceiro sorria collaborar com o militar que um dos seus appellidos usava.

Tomára elle parte importante em todas as campanhas de Angola.

Tendo feito a sua carreira, em absoluto, em Africa, conhecia-a bem.

Entrára, como elemento imprescindivel, nas guerras de Ambaca; na de Jau, em 1883, finda a qual lhe foi collocada ao peito a cruz da Torre e Espada; na de Tinde em 1885 e na de Cubango em 1888-1889.

A expedição do Bihé, de 1890 1891, para elle, um feito trivial, por consecutivo, se lhe trouxe a elevação ao grau de official da Torre e Espada, precedida da promoção a major, por serviços distinctos (1890) aureolou o nome de Paiva Couceiro.

A guerra do Bihé, facultou-lhe ensejos de evidenciar mais fortemente as suas qualidades de combatente audaz.

O primeiro na linha de fogo, incitador e bravo, marchando á carga com a cegueira de quem desdenha da morte, o então tenente obtinha, sem favor, do commandante da sua columna, capitão Arthur de Paiva, os elogios que a velhos heroes trariam orgulhos.

De regresso á metropole, um decreto honroso mandava fixar-lhe na farda as insignias do grau de cavalleiro da Torre e Espada; concedido segundo o decreto «pela coragem e habilidade com que se houve na commissão de que foi incumbido de obter vassalagem de varios regulos, na região do Cubango até Barier e Andara na provincia de Angola como na recente campanha do Bihé.»

O commercio de Benguella completou a intenção merecida, do governo da metropole.

Reunido, offerecia-lhe as insignias, em diamantes, da ordem com que fôra agraciado.

Novas phases guerreiras o attrahiram.

Em Moçambique havia graves perturbações causadas pelo gentio, andando á compita com os ranes da India, que por egual manifestavam intenção de revolta.

O poderio no ultramar ameaçava decahir.

Desde fins de Agosto de 1894, os vatuas, em continua rebeldia, iam ás maiores provocações.

Em 14 de Outubro d'esse anno, chegavam a forçar a linha de defeza e Lourenço Marques, quasi milagrosamente escapou de cahir nas mãos dos negros.

O pequeno nucleo de soldados ali existente, operou prodigios.

Mas a situação era insustentavel e do continente promoviase o rapido reforço.

Antonio Ennes era nomeado commissario régio em Moçamque e uma columna formada foi para recollocar na ordem os insubmissos.

D'ella fez parte um troço escolhido de officiaes.

A missão, confiada á chefia de Eduardo Augusto Rodrigues Galhardo, (*) teve exito brilhante e para isso contribuiu poderosamente, Antonio Ennes (**), encaminhando, como que intuitivamente, os acontecimentos, desde o seu desembarque na madrugada de 18 de Janeiro de 1895.

Ennes, foi a alavanca evidente que fez emergir de novo a soberania de Portugal nas suas colonias e a patria bem andou em lhe consagrar a memoria em monumento erguido no local onde esse vulto notavel affirmou o seu valor.

Marraqúene, Manjacaze, Chaimite, Coolella, foram tantos outros padrões de gloria para as armas lusitanas, dando o mais vehemente brado victorioso ao ultimo acto de epopeia militar de 1895, o combate de Magul, apoz o qual o mais terrivel regulo, o dos vatuas, Gungunhana, (***) cahia em poder dos portuguezes, pela ousadia do capitão de lanceiros Joaquim Augus-

---

(*) Filho do general de divisão Joaquim Antonio Rodrigues Galhardo, nascido a 25 de Junho de 1845 e fallecido em Lisboa, a 8 de Fevereiro de 1908, sendo director geral do Ministerio da Guerra = Vide a nossa obra «O Começo de um Reinado», pagina 69.

(**) Falleceu em 6 de Agosto de 1901. A elle nos referimos a paginas 580 da nossa obra «A Caminho da Republica» — N. d'A.

(***) Fallecia a 23 de Dezembro de 1906.—Vide a nossa obra «A Caminho da Republica».—Pagina 302.

to Mousinho de Albuquerque, (*) indo prendel-o em Chaimite a 28 de Dezembro de 1895, e justificando que, para o premiar se reformasse por alvará de 1 de Fevereiro de 1896, a ordem da Torre e Espada, formada por D. Affonso V em 1459, restaurada por decreto de 13 de Maio de 1808, regulamentada por lei de 29 de Novembro do mesmo anno, ampliada por alvará de 5 de Julho de 1809 e ainda por D. Pedro IV, com seu alvará de 28 de Julho de 1832, restaurada e reformada, concedendo-se-lhe o titulo de antiga e muito nobre ordem de Torre e Espada do Valor, Lealdade e Merito, e possuindo como distinctivos: pendente da fita azul ferrete, uma «medalha redonda, tendo de um lado uma espada collocada sobre uma corôa de carvalho e no cimo uma torre, e em volta a legenda em letras de oiro: Valor, Lealdade e Merito, e no reverso o escudo das quinas portuguezas sobre um livro, com a legenda: Pelo Rei e pela Lei».

Pela reforma de 1896, era creado (**) o grau de grande official com destino especial a Mousinho de Albuquerque.

Muitos outros heroes (***) registam as paginas descriptivas d'essas campanhas da Africa Oriental.

Um d'elles foi Paiva Couceiro.

O combate de Magul foi um tropheu grande.

Provocou-o e venceu-o.

O perigo achou-o sempre no seu posto, intrepido e sereno.

Todavia, já desde 16 de Maio de 1895, tinha direito ao posto de capitão.

Marraqúene constituiu a culminancia indestructivel da sua heroicidade.

Pelos feitos, teve tambem Paiva Couceiro, a medalha de prata «Rainha D. Amelia», creada por decreto de 23 de Novembro de 1895 para commemorar as expedições a Moçambi-

(*) Suicidava-se em 8 de Fevereiro de 1902.=O facto era mencionado a paginas 502 da obra já citada.

(**) Collecção official da Legislação Portugueza do anno de 1896. = Pagina 459.

(***) Não visa o capitulo ao esmiuçar das pugnas de Africa, feito em obras especiaes de assignatura de interferentes notaveis e por isso nos abstemos de mais ampla citação.

que e á India, e que tinha d'um lado a effigie da soberana e do outro a legenda indicando a batalha a celebrar, estando pendente da fita de seda preta orlada de amarello, com fivela de prata.

Possuidor era já da medalha de ouro do valor militar.

Pelos feitos, Paiva Couceiro teve o nome incluido na carta de lei de 6 de Abril de 1896, (*) de assignatura de D. Carlos I e dos conselheiros Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro, Luiz Augusto Pimentel Pinto e Jacintho Candido, pelo qual sanccionando o decreto das côrtes geraes de 10 de Março do mesmo anno, lhe era arbitrada a pensão annual de 500$000 réis «pelos serviços relevantissimos prestados na campanha da Africa Oriental».

Era-lhe ainda conferida a 1 de Junho de 1896, o grau de cavalleiro da Ordem Militar de S. Bento de Aviz, que se reuniu assim aos anteriores, de commendador e official.

Foi grandioso sem estulticias, e nem quiz dar colorido aos seus actos notaveis.

Só elles o trouxeram ao seu logar.

Mas, outros não affectos a lisonja nem a apresentar falsos prismas, o foram buscar para o merecido foco de notoriedade.

O principal foi Antonio Ennes.

Outhorgou-lhe elle, em titulo unico o maior premio que o denodado official do quadrado de Marraqúene, recebeu commovido, como o não estivera no mais acceso do tiroteio e no mais forte esvoaçar das flechas envenenadas da negragem ululante.

O commissario regio de Mocambique e ministro da marinha em 1890, chamou-lhe o seu Nun'Alvares.

Evocar este nome é crear para Paiva Couceiro, a aureola quasi lendaria que envolveu o vulto notabilissimo do reinado de D. João I.

Era a formula, rara, de lhe cingir na fronte a corôa de louros dos heroes.

Antonio Ennes, fez mais ainda.

Conhecia a sociedade e o mundo.

(*) «Collecção official da Legislação Portugueza do anno de 1896» pagina 150.

Sabia-os tão prodigos em homenagens hoje, como exhuberantes seriam ámanhã em vetuperios e em arremessos malsinantes.

Quiz deixar pois assignalada a obra de Paiva Couceiro em marco immorredouro.

Foi elle o livro, sempre citado e sempre consultado pelos dedicados ao estudo colonial: «Guerra de Africa em 1895».

Fez bem em firmar ali o nome do militar audaz.

N'outras phases seria relembrado.

Esses episodios soberbos em que Paiva Couceiro teve papel exalçante, seriam evocados mais tarde, não em salas de conferencias para que resaltasse outra vez o seu intrinseco valor, mas em sala de audiencia onde o antigo heroe de Africa, era julgado como ausente e pelo crime de fidelidade á corôa.

O lance colossal das luctas de 1895, resurgiu sob a palavra fluente do advogado dr. Pereira de Sousa, no tribunal do Porto, em 17 de Junho de 1913 ao desenrolar de outro feito não menos notavel: a incursão de 5 de Outubro do anno anterior, em que, á frente de modesta columna de 400 homens, invadia Portugal e proclamava a monarchia em Vinhaes:

«Tenho fallado tanto em heroismo e bravura d'este homem que preciso se me torna apresentar factos que o comprovem. Nunca é de mais recordar a historia da Patria, mórmente quando parece haver desejos de lançar um véo sobre o passado. Relembrar os nossos feitos heroicos é retemperar na alma o sentimento do patriotismo; é despertar energias novas e crear animo para marchar na senda da vida.

«Em 1895 a nossa situação na Africa Oriental era de tal maneira difficil, que foi necessario enviar para lá uma expedição militar e um alto funccionario com poderes extraordinarios.

«Como Commissário Regio foi Antonio Ennes e era seu ajudante o então tenente Paiva Couceiro.

«Era precaria a situação da nossa soberania, porque os indigenas, crescendo em ousadia, a instigação dos inglezes e allemães que lhes forneciam armas e polvora, já tinham atacado a cidade de Lourenço Marques e ameaçavam atacal-a de novo.

«Organisada a pequena columna, commandando a «cavallaria» Paiva Couceiro, fez-se em marcha para terras de Incomati. Couceiro adeantou-se com os seus treze soldados e por muito tempo caminhou sem descobrir gentio.

«Andou, andou, andou e já em terras de Magaia elle se tinha distanciado muito dos seus soldados; mas eis que ouve tiros, e, voltando-se, descobre uma multidão de negros que a tiro e brandindo azagaias atacava os seus soldados.

«Eram muitos os negros, sahindo de todos os lados, de traz de todos os comoros.

«Paiva Couceiro volta-se, mette esporas nos ilhaes do cavallo, manda fazer alto aos seus soldados e de longe commanda o fogo. E antes que os negros se juntassem em redor, atravessa com os seus soldados as mangas e corre em direcção a Angoane sem perder um soldado, para se juntar ao resto da columna!

«Dirigindo-se ao local onde a deixára, não a encontrou; para provar ao commandante a sua estada ali, apanhou do chão o papel em que Caldas Xavier embrulhára o seu rancho e n'uma galopada desenfreada corre a Lourenço Marques. Ali nada lhe disseram da columna. Muda de montada e lá vae sósinho a procurar o commandante, que pouco depois encontrou!

«Foi o seu primeiro feito de bravura, e tão grande, que Caldas Xavier dizia a Antonio Ennes louco de enthusiasmo por Couceiro:

« — Isto é que é homem! Isto é que é official!

«Ha, Senhores Jurados, quem chame doido a Paiva Couceiro! Abençoada a loucura que commette desvarios taes! Abençoada loucura que pratica tão nobres façanhas! Chamam-lhe louco! Já visteis vós, Senhores Jurados, algum heroe que não tenha esta ausencia do conhecimento do perigo que o cerca? E', precisamente, isso que o destaca dos outros, que o faz sobrelevar aos demais.

«Porem, isto só, era muito pouco para a sua grandeza. Paiva Couceiro foi um dos heroes de Marraquene!

«Marraquene, Senhores Jurados, foi a primeira victoria que as armas portuguezas alcançaram depois de um periodo de longos annos de paz!

«Marraquene representa para o nosso brio de patriotas um feito de que nos podemos mostrar orgulhosos perante as nações mais poderosas da Europa! Em Marraquene observou-se esse grande prodigio de sangue frio e de bravura, esse phenomeno de reconstruir um quadrado roto, debaixo do ataque e pressão do inimigo e pressão tão grande que, dentro do quadrado, alguns filhos da Patria morderam o pó do chão para não mais se levantar e muitos negros pagaram com a vida a sua ousadia.

«Foi a espada de Couceiro que deante de si levou á cutilada os angolas que atacados de surpreza, abandonaram as filas e os fez voltar ao seu logar.

«Em Marraquene, mais uma vez, Couceiro deu mostra da sua loucura, d'essa loucura santa que em defeza da Patria o levara ao desprendimento da propria vida! Bemdita loucura essa, Senhores Jurados!

«Mas, dentre todos os seus feitos aquelle que a todos sobreleva, aquelle pelo qual a Patria lhe deve eterno e perduravel reconhecimento, é esse combate de Magul! Pouca gente n'este paiz, em que a maioria dos que leem, não leem muitas vezes a historia dos seus maiores, conhece esse grande e precioso livro que Antonio Ennes escreveu sobre as campanhas de Africa de 1895.

«Haverá cousa alguma mais emocinante, cousa mais nobre e capaz de, pelo incitamento e exemplo, acordar dentro do peito de portuguezes os sentimentos do amor da Patria em tantos adormecido?

«Vê-se bem como d'quelle banco dos Reus carece levantar-se para a glorificação essa figura de Couceiro!

«Tende-lo ahi, de pé perante a vossa consciencia, não na attitude humilhada de um Reu, mas erecto, aprumado, direito, apoiado ao punho da sua espada! Ahi tendes o louco!»

Foi esse o desenho a traços largos, da acção de 1895.

Outras o attrahiram ainda.

Apoz ter conhecido os «landins» de Marraquene e Magul e os «vatuas» de Coolella, ambicionou ver em som de guerra, os berberes.

A indole bravia, combativa, fel-o apaixonar egualmente pela lucta ateada entre Marrocos e a Hespanha.

O governo de Portugal deu-lhe licença para que de perto fosse analyzar esse espectaculo de fogo e sangue a desenrolar-se nos areaes de Mellila.

O general hespanhol, Martinez Campos escolhera-o para o seu estado maior.

A espada brilhou indomita nas plagas marroquinas, como scintillára valente ncs sertões da Africa Portugueza.

De volta á patria, o governo hespanhol, sob indicação de Martinez Campos, exalçava-lhe o valor em documento notavel e remettia-lhe para que ao peito a puzesse, a cruz da ordem de Merito Militar.

Outra medalha todavia, lhe assignalava a existencia de grandiosidade.

Marcava um acto de philantropia.

Varias praças do exercito, tomavam banho no Tejo, quando uma, distanciando-se, se viu a braços com mais intensas vagas.

O official lançou-se ás ondas.

Lucta desesperado com ellas, mas arranca-lhes uma quasi julgada presa inevitavel.

Paiva Couceiro não recusou a medalha de prata, dada para registar distincção, philantropia e generosidade.

Tributou-lhe até maior apreço: ganhára-a, não, dando a morte a rebeldes, mas arriscando a vida para salvar a de um dos seus soldados.

Os seus vastos conhecimentos sobre questões ultramarinas, fizeram-no lembrar para serviços burocraticos.

O então ministro da marinha, conselheiro Antonio Teixeira de Sousa, julgou util nomear para execução do decreto de 14 de Novembro de 1901, uma commissão incumbida de reorganisar as forças ultramarinas. D'ella fez parte o capitão de estado maior de artilharia Paiva Couceiro, que, com Francisco Joaquim Ferreira do Amaral, Joaquim Mousinho de Albuquerque, Sousa Machado e João de Azevedo Coutinho, subscreveu o respectivo relatorio, publicado em volume e de proveitoso alcance.

Não liquidára todavia a sua acção sertaneja.

Com o trabalho administrativo, conjugou a tarefa guerreira.

A morte do major Eduardo Costa, em 1 de Maio de 1907, collocava-o, por voto de confiança do governo da presidencia do conselheiro João Ferreira Franco Pinto Castello Branco, no cargo de governador geral da provincia de Angola.

Realisou ali em curtos mezes uma serie de melhoramentos que desde logo em evidencia puzeram o seu tacto governativo, trazendo-lhe, como já vamos vêr, dissabores grandes.

Esse anno de 1907, não o encerrou descançando no seu palacio do governo ou tracejando bases administrativas.

A sua obra era dupla, de direcção e de combate.

O Ambriz apresentou-se como nebuloso ponto para a soberania de Portugal em Africa.

Havia comtudo uma dispersão de forças, actuando em pontos varios, mercê das revoltas consecutivas, entre outras dos Cuamatos e dos Dembos, forçando até ao organizar de uma expedição que, sob o commando de José Augusto Alves Roçadas foi em lucta aberta do Humbe ao Cuamato.

Com pesar viu Paiva Couceiro sahir a columna de operações destinada a occupar a parte leste do Cunene.

Não lhe era dado acompanhal-a.

Propositadamente veiu de Loanda ao Cunene, para assistir á despedida da expedição.

Sentida e tocante foi pois a allocução que lhe fez, no instante em que a marcha se ia effectuar (20 de Agosto de 1907):

«Aos senhores officiaes, sargentos, cabos e soldados e mais praças da columna de operações ao Cuamato:

«Aqui no proprio local e no proprio começo da guerra venho saúdar a columna de operações contra o povo rebelde do Cuamato, em nome do governo da nação e da provincia que represento, e exprimir-lhes a certeza que todos temos de que mais uma vez os soldados portuguezes de terra e mar, disciplinados, resistentes e bravos, saberão honrar a sua fama tradicional de ousadias e de glorias, a mais nobre herança do passado.

«E venho ainda dizer ás tropas da columna que atravez da sua marcha de combate, no meio dos trabalhos e perigos que os rodeiam, a nossa attenção, o nosso interesse e os nossos mais

ardentes votos seguem sempre ao seu lado, acompanhando-os passo a passo, dia a dia, e sentindo ao mesmo tempo a confiança plena de que, com a ajuda de Deus e a força das suas armas, um exito completo verá compensar tanta somma de coragem e de dedicação, de boa vontade e de previdencia, aqui empenhadas no cumprimento do dever a bem do serviço nacional.

«Que a columna avance, pois, se corôe de louros e levante alto essa bandeira cuja guarda e defeza a nação aqui lhes entrega.» (*)

Da columna, que grangeou victorias, faziam parte alguns d'aquelles que annos depois com elle formariam o nucleo de exilados e de combatentes advogadores da causa monarchica: o 1.º tenente da armada Victor Leite de Sepulveda, o capitão de cavallaria Antonio Rodrigues Montez Junior e o capitão de infantaria, Francellino Pimentel.

Ao constrangimento de não poder seguir-lhes a marcha de occupação, procurou obviar o gentio de Ambriz.

Irrequieto e ameaçador, agitou-se, presumindo momento propicio.

De facto, a braços as tropas continentaes e provinciaes, com as multiplas sublevações, Paiva Couceiro só podia contar com elementos quasi irregulares.

Impunha-se proceder, para que a mais não fossem as iniciaes ameaças do gentio do interior do Ambriz.

Africanista experiente e militar conhecedor, chamou a si o capitão Fernando Adolpho da Costa e, pouco depois, confiava-lhe, para execução do inadiavel plano de operações, com uma secção de artilharia, um composto, auxiliar, de praças do corpo disciplinar, e do corpo de policia, uma secção indigena e outra de sapadores, formada por degredados.

Como a missão, com esse nucleo modesto, se lhe affigurasse ardua, decidiu acompanhar a columna.

No dia 20 de Novembro de 1907, era encetada a marcha de risco.

(*) Consta de paginas 259, da «Collecção das Ordens do Exercito de 1910=(Parte não official)»=Lisboa-Imprensa Nacional-1910.

Sob difficuldades formidaveis, onde a falta de agua dava horas tormentosas e a victalidade se quebrava pelo forçado trabalho de abrir caminho atravez dos mattos, se fez a travessia até ao interior, pelas povoações de Quizala, Quitema, Quidumbe, Quicombe, Cavungo, Mobamba, Quiembumbe, Vaturiampa, Quidombelle, Quintonio, Cupuassa, Molombo, Quimbumbo e todas as de pertença do regulo Quibive.

A temeridade do acto invasor, abateu mais a negragem de que o numero de expedicionarios, tão escasso quão grande era em coragem.

Os sobas, iam-se submettendo ante a energia de Paiva Couceiro, firmemente coadjuvado pelo capitão Adolpho da Costa, e o imposto, recusado antes, cobrou-se mercê d'essa attitude.

A 27 de Novembro, entravam em Catumbo, havendo realisado mais pelo arrojo e prestigio do nome do que pela violencia, uma missão pacificadora e a abertura ao commercio angolez das transacções com o interior do Ambriz.

A saude de Paiva Couceiro é que soffreu com essa jornada fadigosa.

Regressando a Loanda, ainda uma queda do cavallo lhe renovava os soffrimentos grangeados durante o atravessar dos pantanos.

O regicidio foi um golpe para Paiva Couceiro, affecto á realeza.

Immediatamente pedia a exoneração do governo geral de Angola, oppondo-se-lhe logo ás intenções as mensagens e telegrammas das camaras de Ambaca, Ambriz, Barra do Dande, Benguella, Catumbella, Dondo, Lucalla, Mossamedes e Santo Antonio do Zaire, acompanhando outra da população de Loanda.

Paiva Couceiro vindo á metropole, não poude escusar-se ao acatamento da extensa campanha feita para o seu regresso, e o vapor «Africa», sahindo do Tejo a 1 de Abril de 1908, de novo o reconduzia a terras insalubres e sobreexcitadas.

N'esse paquete ia a força destinada a render a que entrára na acção contra o Cuamato.

Commandava-a o capitão Lima Dias, mais tarde collocado em condições quasi identicas a Paiva Couceiro, isto é, julgado

em tribunal marcial (Março de 1914) e condemnado por envolvido no projecto revolucionario de 27 de Abril de 1913 contra o governo republicano, então da presidencia do dr. Affonso Costa.

Era o destino a ligar esses dois homens, como annuncio de quasi egualdade nas provações do futuro.

O futuro caudilho da causa monarchica, chegando a Angola recomeçava o seu colonial trabalho administrativo e soerguedor do bom nome portuguez, representado brilhantemente por Paiva Couceiro.

Era toda uma existencia grandiosa, que mais exalçava tambem o nome do pae, como elle, notavel ornamento do exercito, o general de divisão, reformado, José Joaquim de Paiva Cabral Couceiro, gran-cruz, grande official, commendador e cavalleiro da Ordem de S. Bento de Aviz, e commendador da ordem de S. Tiago, nascido em Leiria em 9 de Setembro de 1830, e que dedicando-se a engenheiro, por essa classe proseguiu a vida militar.

A ideia que o norteava para o desenvolvimento da provincia de Angola expol-a Paiva Couceiro n'um livro onde, a par do plano economico realisádo, se indicavam as soluções do problema colonial.

E' notavel a obra, «Angola», — «Dois annos de Governo —Junho de 1907—Junho de 1909» publicada em 1910, onde nas paginas 432 paginas que a compõem, Paiva Couceiro descrevendo a nacionalisação, salienta a occupação dos districtos de Huilla, Bihé (zonas oriental e occidental) Lunda, Congo, Loanda, Benguella e Mossamedes; abordando os instrumentos de transito, faz considerações geraes sobre os caminhos de ferro de Mossamedes, Benguella, Loanda, ramal de Golungo Alto; portos de Mossamedes, Lobito, Loanda e Ambriz e ponte de Chiloango; e versando estudos sobre o povoamento europeu, falla da colonisação portugueza, saneamento da colonisação e da emmigração estrangeira e assistencia, atacando ainda as bases principaes da fusão boer, organisação administrativa, força publica e instrucção.

Se a segunda parte do livro «Angola», é o exacto apreciar das responsabilidades da soberania, e áindá á resolução dá formula de trabalho, com o seu regulamento, o ensinamento agricola, o imposto de cubata e a instituição dos moveis, adaptando-se-lhe ainda o evidenciar das syntheses de justiça, missões de contracto de serviçaes para S. Thomé, commercio da polvora e armas, questão do alcool, serviço de carregadores indigenas e assistencia medica, a terceira parte, sobre commercio, industria, minas, agricultura e seus serviços, indemnisações do alcool, fomento e credito agricola, regimen commercial e equilibrio economico e financeiro, affirma poderosa e inilludivelmente o affincado estudo de Paiva Couceiro para obter a valorização angoleza.

O homem de guerra e o homem de administração colonial, depois de exalçado nas columnas de todo o jornalismo de Portugal aos feitos grandes das campanhas de 1894-1895, teria novo foco nas columnas de «O Economista Portuguez», dizendo d'elle no domingo 18 de Abril de 1909, sob o titulo «Percat mundus, fiat justitia»:

«Honra hoje o «Economista» a sua primeira pagina dando á estampa o retrato do Governador Geral da Provincia d'Angola, o capitão de artilharia Henrique Mitchell de Paiva Couceiro Sem vaidade de acompanharmos esse retrato por um biographia copiosamente documentada, é com verdadeira satisfação que vimos aqui prestar a nossa calorosa homenagem ao official distincto cuja brilhante folha de serviços basta por si só, para constituir uma das mais gloriosas paginas da nossa moderna epopea colonial.

«Desde que depois do «ultimatum» inglez de 1890 as attenções do paiz começaram a fixar-se mais sobre o nosso vasto imperio colonial, o nome de Paiva Couceiro logo se evidenciou como estrella de primeira grandeza, na pleiade dos coloniaes de acção que Portugal deixava quasi ignorados e que souberam mostrar ao mundo que, no declinar do seculo XIX, a raça dos portuguezes do seculo XV não se encontrava ainda abastardada, e que os capitulos da historia patria, escriptos a ferro e sangue nas muralhas das fortalezas da India, tinham a sua

condigna continuação em Marraquene, em Coolella e em Chaimite...

«E' nas operações de 1895 que o nome de Paiva Couceiro especialmente se nos revela como uma especie de d'Artagnan, aliando á frieza da coragem disciplinada os impulsos da natureza de meridional sempre prompta a castigar em todos os campos a insolencia dos que já imaginavam Lourenço Marques paiz conquistado, não refreando criticas ineptas á exiguidade das forças com que nos iamos defrontar contra o poder lendario do filho de Muzilo. A historia d'essa phase da biographia de Paiva Couceiro está feita pela penna inimitavel de Antonio Ennes e é sobejamente conhecida para que pretendamos reedital-a n'este momento e logar.

«Pacificado o districto de Lourenço Marques, Paiva Couceiro não adormece sobre os louros colhidos e pensando com justa razão que a obra colonial de um paiz não deve limitar-se á acção militar, tornamos a encontral-o em Angola procurando resolver o problema das communicações por meio das caminheiras automoveis, sem que o desanimem as difficuldades materiaes da empreza nem o descoroçoem as insinuações malevolas dos que, incapazes de qualquer esforço, teem sempre a critica facil contra todos os que trabalham e produzem.

«Com a subida ao poder da situação franquista e vago o Governo Geral de Angola pelo prematuro fallecimento de Eduardo Costa, é Henrique de Paiva Couceiro nomeado para esse cargo de confiança, a titulo de interino, porque a sua graduação militar de simples capitão de artilharia lhe não permitte, segundo a lei, occupal-o definitivamente. O que uma disposição legal absurda e unicamente fundada no principio dissolvente de se escolherem logares para homens e não homens para os logares lhe não consente, conquista-o Paiva Couceiro por uma administração modelar, provando á evidencia que o numero de galões no canhão de uma farda não é condição necessaria em materia de competencia administrativa.

«Contra a eloquencia dos factos esbarram as influencias politicas e, apesar de interino, Paiva Couceiro conseguiu manter-se á testa do Governo de Angola, cuja effectividade só dentro

em breve lhe poderá competir, por isso que se encontra em vesperas de ser promovido a official superior. Embora relativamente curta a gerencia de Paiva Couceiro em Angola tem sabido inspirar confiança aos que antepoem os interessas superiores da colonia ás suas conveniencias particulares.

«Pois não obstante isso, a malevolencia politica da metropole não o tem poupado e não lhe podendo atacar a administração civil e as medidas de fomento, accusa o de phantasias guerreiras como se a permanencia do estado independente dos Dembos ás portas de Loanda e a rebeldia insolente do regulo do Mossullo, não estivessem sendo um estorvo e uma vergonha para a nossa soberania. Fallam porém mais alto os reaes serviços prestados á Provincia por Paiva Couceiro e a voz dos Zoilas não tem logrado até hoje privar a colonia de quem está alli sendo «the right man in the right place», apesar de algumas vaidades feridas e das ambições dos que olham os governos coloniaes como logares rendosos que de direito competem aos amigos politicos.

«Exgotado assim o velho arsenal de adjectivos anti-militaristas sem proveito para os coloniaes «en chambre» que pontificam sobre colonisação do remanso dos seus gabinetes metropolitanos ao abrigo das febres e das zagaias do gentio, a campanha procura agora explorar a nota do patriotismo a proposito da portaria provincial de 6 de Março que expulsa de Angola, por tempo indeterminado, dois negreiros convictos, pretendendo levar ao conhecimento do publico que o acto de energia do Governador Geral de Angola, vae levianamente alimentar a campanha dos chocolateiros inglezes.

«De longa data o «Economista» definindo a sua attitude n'esta questão do recrutamento dos serviços em Angola, que sempre tem desejado ver exposta á clara luz da verdade dos factos, e a portaria de 6 de Março, longe de representar, para nós, uma «leviandade» e um acto de falta de patriotismo, representa apenas a confirmação official da justiça da nossa demanda. O patriotismo, para nós, não significa de forma alguma a silenciosa connivencia das auctoridades coloniaes e metropolitanas, mas abusos de que a imprensa extrangeira nos accusa, exagerando os ao sabor das suas vantagens commerciaes.

«E' pois justamente por isso que o «Economista», transcrevendo hoje no melhor ponto a portaria incriminada, vem prestar a sua modesta mas sincera homenagem a Henrique de Paiva Couceiro, que tão desassombradamente teve a rara coragem de, n'estes tempos de accordos e transigencias, ser um funccionario zeloso, um perfeito homem de bem.

«Percat mundus, fiat justitia.»

De facto, Paiva Couceiro, breve teve na governação de Angola, dissabores que á exoneração o levaram.

Apresentou ali excellentes medidas e, como principal, a da colonisação do planalto de Mossamedes.

Seguiram-se-lhe outras, como a tendente a realisar a amoedacão da prata, e a da regie do sal produzido na provincia pela acquisição official das salinas particulares.

Uma influia mais poderosamente para a campanha que se começava a esboçar com o resolver do problema financeiro de Angola.

Querendo attenuar o desiquilibrio do orçamento provincial propoz (*) Paiva Couceiro a reducção de 70 a 40°|o do beneficio aduaneiro concedido aos algodões a importar.

Foi logo a proposta alvo de controversias, pelo desejo de manifesta contrariedade a quantas propostas o chefe da provincia intentasse firmar definitivamente.

Não seguiu pois, embora se affirmasse que o negar de sancção, contrario era aos interesses do estado.

Tomando providencias sobre a questão do alcool (**), fez publicar as portarias provinciaes n.os 140 e 143 de 20 de Janeiro e 8 de Maio de 1909.

Esta, onde se obrigavam os productores do alcool, a entrar com elle em armazens ou ao pagamento do novo imposto de consumo, trouxe logo reclamações.

Transmittidas para a metropole, immediatamente o governador, com a consciencia do seu trabalho e do fim a que visava,

---

(*) Largamente descripto está o assumpto a paginas 73 e seguintes da nossa obra «A Caminho da Republica»=N. d'A.

(**) A questão do alcool encontra-se citada, minuciosamente, na nossa obra «A Caminho da Republica», pagina 270 e seguintes.

fez sciente o ministro da marinha de que ao regeitar das propostas corresponderia o deixar das funcções.

Do continente, oppuzeram-lhe as reclamações, sem mesmo apontar qualquer meio conciliatorio.

O conflicto seguiu e Paiva Couceiro, sabedor de que se pretendia envolvel-o nos tramas politicos, conjugando-se com a questão do alcool, a boa vontade de pôr termo ás campanhas inglezas sobre o «cacau-escravo», — exonerava-se.

Entregando o cargo ao commandante da divisão naval do atlantico Sul, conselheiro Alvaro Ferreira, voltava para a metropole, ao tempo que d'esta seguiu a ordem para serem sustadas e substituidas as medidas do capitão Couceiro.

Era ministro da marinha, o conselheiro Manuel de Terra Pereira Vianna, em ministerio da presidencia do conselheiro Wenceslau de Sousa Pereira de Lima.

Desde logo mas tardiamente reconheceram os angolezes fabricantes do alcool; que peor servidos haviam ficado.

As portarias novas, representavam encargos superiores e sem que o estado mais lucrasse.

Houve então protestos e comicios contra o governo e até pedidos de regresso do antigo governador.

Mas para Angola estava já nomeado o heroe do Cuamato, João Augusto Alves Roçadas, e Henrique de Paiva Couceiro, collocado como commandante dos fortes da barra.

Foi o encerrar da sua vida de colonial, que decerto, com sor, riso ironico viu, o eternisar da questão do alcool em Angola, que com a dos chocolateiros inglezes (*), que n'elle tiveram um entrave para seus designios — serviu aos manejos partidarios, visando o regenerador-liberal, sem veniagas.

Na metropole, não deixou a politica de o tentar, novamente, procurando leval-o para o plano deleterio das invejes e das calumnias.

Venceu umas e outras.

Deputado ás côrtes, por Lisboa, em 1906, ao desenhar-se a

(*) Descripta a paginas 632 e seguintes da nossa obra «A Caminho da Republica» = N. d'A.

possibilidade de grande lucta para o parlamento que se tencionava movimentar contra o governo de Teixeira de Sousa, ambicionou-se aggregar-lhe esse espirito de consagrada firmeza.

As ultimas eleições monarchicas, realisadas a 28 de Agosto de 1910, encontram-no figurando na lista da colligação eleitoral composta por nacionalistas, progressistas e regeneradores liberaes.

D'este ultimo partido fazia parte o official.

As urnas davam-lhe, como eleito, a totalidade de 2037 votos, sendo 777 no 1.º bairro de Lisboa e 1260 no 2.º.

Não chegou a sentar-se nas bancadas parlamentares.

O destino queria-o mais para batalhador de espada do que para esgrimista de rhetorica.

A revolução de Outubro, de novo o collocava em destaque.

Era o derradeiro e quasi unico abencerragen.

A realeza estava já em fuga e ainda elle a procurava, seguindo-a, cegamente.

Já a bandeira da republica fluctuava como demonstração de victoria e ainda elle ia do Rocio a Cintra, até á Pena, até que da bocca de João de Azevedo Coutinho ouvia a nova do que o rei sahira pela Ericeira.

Seria o strenuo paladino, temerario e incorruptivel

A' victoria republicana, ficou como vencido, mas de pé.

A' gloriosa vida de heroe de Africa, juntava o passo d'uma rogativa para que á Republica desse o appoio do seu valor.

A Cascaes um emissario do governo provisorio iria perguntar-lhe a attitude e convencel-o a abraçar o regimen moderno.

A resposta de Paiva Couceiro foi á altura de combatente dos quadrados de Coolelle e Marraquene:

«Reconheço as instituições que o Povo reconhecer. Mas se a opinião do Povo não fôr unanime, isto é, se o Norte não concordar com o Sul, estarei até ao fim ao lado dos fieis á tradição. E se acaso se désse uma intervenção estrangeira para sustentar a Monarchia, então passar-me-hia para o lado da Republica.»

Debalde, mais tarde, novas tentativas houve e quando já tendo deposta a espada, voluntariamente, e transigido com o seu

orgulho, cahira no professorado como regente da aula de inglez do Collegio Nacional.

Desnudaram-lhe um quadro de traição do rei D. Manuel e da rainha D. Amelia.

A crença monarchica não se lhe abalou de todo.

Assediado para que á Republica sorrisse, apresentou-lhe a neutralidade.

As circumstancias, — que desenrolaremos quando, pelo descrever do 5 de Outubro registarmos a attitude de Paiva Couceiro, — impelliram-no para a manutenção do seu ideal realista.

De cortejado heroe desceu, para os outros, até cahir no degrau derradeiro da escada politica sob o labeu de traidor.

Era o despeito.

Não conseguiu este apagar a phrase republicana, pronunciada á invasão do campo da democracia por muitos dos presumidos monarchicos:

«Pela adhesão de Paiva Couceiro a Republica troca todos as demais.»

A contraria campanha proseguiu, á inutil attracção.

Baldadado trabalho era e reivindicando em linhas simples, esse intransigente do ideal monarchico, ainda o ultimo presidente do conselho da monarchia, Antonio Teixeira de Sousa, cita (*) como notavel «o capitão de artilharia Paiva Couceiro que manteve a justificada fama de ser um homem destemido e dedicado ao regimen»

Era a elle que, apoz as rogativas se endereçavam as injurias.

Mas, o seu passado de gloria e o seu presente de fidelismo á corôa arrastando alem a sua dôr de exilado, sobrenadava, já quando em lances de arrojo e extraditado por vontade propria, procurava reunir os restos dos devotados á realeza para a sua reconstituição em Portugal.

No Brazil, dizia alto ainda o que elle era, o consul geral da

---

(*) «Para a Historia da Revolução»=Teixeira de Sousa = 2.º volume= Pagina 296.

Republica Portugueza no Rio de Janeiro e combatente democrata de 5 de Outubro, Fernão Botto Machado: (*)

«Ninguem mais crê na restauração monarchica em Portugal. Os proprios monarchistas perdem a esperança. Nós respeitamos a sua crença e pessoa alguma pode negar o valor e lealdade de Paiva Couceiro, a quem nós, os republicanos, estenderiamos, com orgulho, as mãos. E' um soldado valoroso.»

Paiva Couceiro, effectuára já a improductiva tentativa de entrada de Portugal em 5 de Outubro de 1911, com uma columna de exilados portuguezes anciosos de recollocar D. Manuel II no throno e que em seu nome teve a posse temporaria de Vinhaes, Bragança, etc., retrocedendo apenas apoz alguns dias de combate.

No lance simplesmente o acompanharam 400 homens.

Seguiu-se-lhe a derrota sanguinolenta de Julho de 1912, onde, em Chaves, baqueava grande parte da mocidade fidalga de Portugal, mas não sem que em Cabeceiras de Basto a monarchia houvesse sido proclamada.

Esses passos, não secundados devidamente, forçava-o a retroceder ao exilio, para seu renovo, colhendo-o ali a condemnação á revelia, no Tribunal do Porto, em 17 de Junho de 1912, a 6 annos de prisão cellular ou na alternativa de 10 de degredo.

A amnistia decretada em 22 de Fevereiro de 1914, sob assignatura do presidente da republica, dr. Manuel de Arriaga, e do governo da presidencia do dr. Bernardino Luiz Machado Guimarães, não o attingia, antes o mencionava como expulso do territorio da republica portugueza pelo tempo da pena que lhe restasse cumprir, não excedendo dez annos e sob a cathegoria de dirigente e chefe de toda a conspiração monarchica.

Mas, é tempo de para depois deixarmos os lances arrojados da restauração.

Retrocedamos até á phase inicial das suas luctas para que o throno se mantivesse.

(*) «Gazeta de Noticias», do Rio de Janeiro=Abril de 1912.=«O Dia» de 3 de Maio de 1912.

Evidenciamos lhe os antecedentes de heroe e como justificação ao acolhimento de quantos viram n'elle um appoio seguro á columna do commando do coronel Alfredo de Albuquerque.

Era um devotado á realeza que chegava, e para tentar jungil-a ao solo de Portugal, viera, atravez de difficuldades, de Cascaes até á estrada de Palhavã.

Essa figura magra, quasi esguia, representava uma vontade de ferro e um lealismo inquebravel.

*

* *

Na hora difficil e contra pareceres varios, se decidira no commando superior, a chamada do official, que se encontrava na cidadella de Cascaes, em casa do seu sogro, o conde de Paraty, D. Miguel Antonio Aleixo do Carmo Noronha, ministro de Portugal junto á côrte de Vienna d'Austria.

Ali o achava a noticia alarmante de successos graves na cidade

Sabida a necessidade de comparencia ás 4 horas da manhã de 4, por aviso telephonico feito de Queluz para o posto fiscal de Cascaes, tomava o comboio das 5 horas e 45 minutos apeando-se em Paço d'Arcos, d'onde seguiu a pé para o quartel.

No trajecto alguns boatos registavam o interceptar da passagem alem de Algés e a successão de factos graves em Lisboa.

Breve se apresentava em artilharia, bem decidido, como cumpriu, a ser entrave á contra-marcha da realeza.

Eram 9 horas da manhã.

Soube as peripecias iniciaes relativas á bateria.

Nas ordens de prevenção esquecidas havia ella sido.

De surpreza a colheu a determinação de marcha transmittida do quartel general.

O official de serviço, não poude occultar o espanto.

Cousa alguma estava preparada.

A officialidade encontrava-se nas residencias fóra do quartel; a soldadesca dormia.

A galope se cuidou dos preparativos e o capitão Julio de

Faria Machado Vieira, apenas lográra collocar fóra 4 peças e 4 carros com munições, n'uma escassa totalidade de 250 tiros.

Os informes registavam que, pela hora da sahida da bateria o avanço era de 4 horas e 40 minutos.

Conhecendo isso, e irritado por tardiamente lhe haver sido dada parte da determinação de marcha, Couceiro, não poude conter uma imprecação.

Julgou vêr uma imperiosa vontade de o aflastar, para que a realeza o não achasse no seu posto, á hora em que perigo corria.

Mais se lhe acirrou a ambição de correr ao encontro d'esses lances graves, tanto do seu gosto e tanto do seu feitio.

Iria até onde fosse preciso, e de sacrificio em sacrificio. N'uma imprecação, montava a cavallo, em direcção ás Necessidades, procurando a bateria do commando do coronel Alburquerque, com o capitão Machado Vieira e os tenentes Gustavo Tedeschi Correia Neves, Albino Penalva de Figueiredo Rocha, Luiz de Albuquerque Gusmão, Raul Ribeiro de Andrade Pizarra e Abel Joaquim Travassos Valdez.

As portas da Ajuda estavam cerradas e ligadas com arame.

Nova imprecação.

Era mister retroceder.

O que julgou embaraço grande, nada representava.

As baterias, como já vimos, haviam retirado das Necessidades, por ordem do quartel general, onde se convencionára um duplo ataque ao posto culminante da revolução: a Rotunda, analyzadas umas estranhas contrariedades do bombardeio do quartel de marinheiros.

Couceiro, no desespero de se encontrar nas Necessidades, galopava, enveredando pela Portella.

Na calçada da Ajuda, tinha providencial encontro com o capitão Domingos Augusto Alves da Costa Oliveira e tenente Fernando Coutinho da Silveira Ramos, commandando a remessa de um carro de munições para as forças de cavallaria.

Breve troca de impressões trazia o informe da marcha das baterias, para o executar do plano de assedio á Rotunda e contadas como a caminho da estrada de Bemfica

Em desesperado galope seguiu com a ordenança.

O longinquo e pesado rodar da artilharia deu lhe como seguro o roteiro percorrido.

Comtudo, só ao longo da estrada de Sete Rios, se conseguiu reunir ás forças.

Era um elemento denodado que surgia para a defeza, sem subterfugios, da causa da realeza.

Apagar-lhe-ia a coragem, a traição que o enleou.

Paiva Couceiro imaginando caminhar para uma victoria, ia direito ao precipicio de uma derrota.

Mas, elle, vencido, ficou de pé no meio dos vencedores.

Tributaram-lhe justiça.

A atmosphera que lhe fizeram respirar no campo da lucta, não convinha a um guerreiro de affirmada fé, mais apto a manobrar a espada do que a esvurumar enredos e a derrubar insidias.

Só ás manifestações multiplas percebeu o terreno em que ellas se desenvolviam.

Espelhou-o nas horas em que expandiu sobre uma inflexão de desculpa ainda, as impressões d'essas peripecias do ataque das baterias.

N'esses instantes em que era preciso evidenciar fé monarchica é que viu, passo a passo, a traição patentear-se, sem que a sua fama de militar audaz lograsse congregar em torno de si maior numero de deffensores da realeza.

Inicialmente, apenas a surpreza dos escassos elementos lhe avincou a fronte.

Não succumbiu.

Era preciso combater.

Ia combater.

XX

O ATAQUE DAS BATERIAS

Nos altos da Penitenciaria

Surgindo para quinhoar das surprezas d'esse projectado combate, Paiva Couceiro, fazia a sua apresentação ao coronel Alfredo de Albuquerque.

Pretendendo limitar o seu serviço, modestamente, a uma coadjuvação, sem commando e sem destaque, como subalterno, assim o dava a entender.

Não o consentia o coronel Albuquerque, salientando a valia do recemchegado.

— Não senhor, tenha paciencia! Um official tão distincto como o sr. Paiva Couceiro, não pode deixar de tomar a direcção do ataque da artilharia. De mais a mais é o commandante das baterias e o serviço não póde ficar melhor entregue.

Não insistiu, e assumia o commando do grupo a cavallo.

Do chefe da columna escutava as determinações do estado maior, para um previsto derrubar dos orgulhos do acampamento revolucionario, rolando no eterno silencio ao embate violento e consecutivo, energico e irrespondivel, por infantaria 2, lanceiros 2, baterias e 100 praças da municipal.

Não se encontrava ali a ultima.

Dos outros estavam 300 praças de infantaria e 100 de lanceiros.

Divergencias houve sobre o effectivo da primeira.

Assim vemos uns affirmar: (*)

«Marchou portanto a bateria, levando na sua frente a pequena columna de infantaria 2, que segundo parece tinha menos de cem praças, seguindo o mesmo trajecto antes seguido pelos dois officiaes.»

Alfredo de Albuquerque, diz porém: (**)

«Sendo constituida por 300 praças de infantaria n.º 2, 100 praças de lanceiros e 40 das baterias a cavallo, ou um total de 440 praças, tinha um effectivo igual, quando muito, á sexta parte de um regimento de infantaria em pé de guerra.»

Teixeira de Sousa assignala (***) todavia como promptas em infantaria 2 apenas 265 praças.

Cumpre comtudo n'este ponto attender o numero dado pelo coronel Albuquerque, o chefe da columna desde o inicio da marcha e das operações.

Da força destinada a operar contra a Rotunda, faziam ainda parte 40 praças de artilharia, sendo devido o diminuto contingente ao esquecimento da ordem de prevenção.

Para Queluz apenas fôra o aviso de marcha sobre Lisboa sem delongas.

Paiva Couceiro de relance analysou a situação, onde appareciam como iniciaes pontos extranhos o querer-se executar um plano arriscado e decisivo, com reduzido effectivo e o commettimento á cavallaria, do encargo de assalto ás barricadas sem que ella tivesse, para principal acção, os necessarios contingentes de infantaria, assegurando, á baioneta, o exito da investida.

E, comtudo, existiam, além da municipal, guarda fiscal e engenharia, os corpos de infantaria 1, 2 e 5 e os de caçadores 2 e 5.

(*) «Diario dos Vencidos» = «Paiva Couceiro na Revolução» = Pag. 87.
(**) «Os Cem Dias Funestos» — Por Joaquim Leitão — Pagina 366.
(***) «Para a Historia da Revolução». — Pagina 300.

E' certo que de pouca segurança era a guarda fiscal, observando algumas companhias extranha espectativa:

«Uma grande parte da guarda fiscal está formada em frente ao Mercado Geral de Gados, mas os soldados diziam que não avançavam sobre Lisboa e que se não manifestavam nem a favor nem contra.» (*)

Competia pois ás baterias o encetar do combate, á boa ventura.

Ante esses vistos preparativos, os moradores das proximidades outros fizeram e aos inicios do combate, deu-se a dispersão da maioria das familias residentes para os lados de Palhavã, Sete Rios e Cruz da Pedra.

Agarrando á pressa necessarios objectos e preciso dinheiro ou joias, como se de invasão se tratasse, fugiam, em ranchadas, pela estrada de Bemfica, logrando muitos obter transporte para Cintra

Procedera-se entretanto á escolha de terreno.

Alvitrada a parte do hospital de Rilhafolles, lembrada foi a tomadia de posição perto da Penitenciaria, n'um planalto que lhe dava a esquerda e que tinha á direita a casa do colonial Henrique de Mendonça.

Paiva Couceiro, como technico preferiria a posição de Rilhafolles.

O grupo procedendo d'ali, menos exposto estava e portanto em melhores condições de exercer efficaz acção.

Mas, apontadas foram, como mais proximas, as terras perto da Penitenciaria.

Convinha proceder.

O momento não era para discussões sobre preferencias de local.

Paiva Couceiro entrou logo pelo portão da quinta do Seabra, onde já haviam effectuado um reconhecimento os tenentes Antonio de Passos Callado e D. Luiz da Cunha Menezes.

Com 100 praças de infantaria, formando a vanguarda, se abriu a marcha, seguindo-se-lhe a artilharia e os lanceiros.

(*) «O Mundo» de 5 de Outubro de 1910.

Rapidamente se resolveram as condições a observar-se n'esse lance, que presumiu o golpe cerce no aspecto voluntarioso da sedição.

Como plano de campanha estabelecia-se o ataque ininterrupto pela força de Queluz procurando abafar as respostas do acampamento dos rebeldes e, reconhecido em qualquer instante, o fraquejamento d'estes, a entrada em campanha da cavallaria e infantaria, occupando-se a primeira entretanto no serviço de assegurar o livre movimento da columna.

Convinha, para complemento do projecto, guarnecer o flanco esquerdo, que collocado ao oriente, dava para Bemfica a estrada real de S. Sebastião da Pedreira, e fazer acção com appoio ao flanco direito, o muro da Penitenciaria, sem descurar a vigilancia da rectaguarda, olhando para a estrada de Campolide.

Ingressando no planalto era approvada a tactica a observar na acção.

Paiva Couceiro percebia bem que tudo significava um simples sacrificar de homens e de munições.

Se os da Rotunda preoccupados estavam por o seu posto se encontrar sob a influencia das pressões que dos altos sobre ella quizessem ser ordenadas, o artilheiro, perito na especialidade, avaliou logo o restricto ambito donde ia manobrar.

A distancia que separava os dois litigantes não era grande.

Attestava-o a percepção visual do que se passava alem.

Assim desde logo os technicos avaliaram que sendo por um lado posição rasoavel, não offerecia á artilharia terreno necessario para preparar á tropa de linha um bom resultado de assalto.

O local era apenas acceitavel e não favoravel

O lance pela Serra de Monsanto e pela Penitenciaria apresentaria melhores consequencias

Possuia todavia melhor embaraço, a defficiencia da força para a simultaneadade do combate.

Cumpria effectuar alguma cousa.

Evidenciou-se immediatamente uma amollentada execução de ordenamentos.

A energia trouxe mais ligeiro proceder.

A infantaria desenvolvia-se em linha de atiradores formando até ao muro da propriedade Mendonça pelo lado da estrada da Circumvallação, appoiada pela artilharia, desenvolvida em linha, collocando duas peças junto a um tapume de dois metros, n'um intervallo não murado, uma em frente de uma cancella existente á esquerda da estrada e outra na rectaguarda, pela escassez de abertura no muro onde a bateria se abrigava.

Na mais estreita abertura era assestada a bocca da peça que devia visar o quartel de Campolide, na outra as duas metralhadoras destinadas a varrer o acampamento de Machado Santos.

O coronel Antonio Augusto de Sousa Bessa ia ainda, com o major Rocha, dispôr infantaria 2 sobre uns telheiros, collocados interiores ao muro, da altura de dois metros.

Emquanto o 4.º esquadrão e um pelotão de lanceiros 2, constituindo força de reserva, formavam a uma centena de metros das baterias, sob o commando do coronel Alfredo de Albuquerque e tenente-coronel Sousa Araujo, outra parte de lanceiros, composta de dois esquadrões, sob o commando superior do major Thimoteo da Silva Neves e Sousa Alvim, e immediato do capitão Eduardo Ferreira Borges de Castro, seguiu em appoio de algumas companhias de infantaria 2 em missão pela estrada até á propriedade de José Maria Eugenio, para interceptar qualquer ataque por Bemfica.

Entretanto Paiva Couceiro, quiz um binoculo para vêr as posições rebeldes.

Não o havia.

N'um significativo encolher de hombros, foi acolhida a resposta.

Tentou-se o reconhecimento.

O coronel Alfredo de Albuquerque, com o ajudante de infantaria 2, tenente Eduardo Ferreira Vianna, foi até uns terrenos ao sul da rua Marquez da Fronteira.

Ali os lobrigavam os vigias da Rotunda. Eram visados a tiro de espingarda.

Retrocederam, quando havia sido já registada a existencia de uma peça junto ao portão de artilharia 1 e de 2 ou de 3 na frente da antiga casa de saude de Entremuros.

Urgia proceder.

O capitão Paiva Couceiro mandava deitar a baixo o tapume que encobria as peças, tarefa breve terminada.

Ia começar o ataque.

Era cerca da 1 hora e meia da tarde.

Contrariamente, porém, ao que se previa, não o iniciavam as baterias.

Dava o exemplo o acampamento que se pensava derrotar.

A revolta não se acobardava, provocava.

A audacia seria coroada de exito.

*

* *

As baterias apromptaram-se para o primeiro tiro.

Mas, quando as tropas de Alfredo Albuquerque, imaginavam lançar o terror nos baixos da Rotunda, recebiam d'esta não uma resposta, mas um terrivel cartel de desafio.

Tres granadas iam actuar nos muros da Penitenciaria, espalhando a metralha sobre os componentes da força de Queluz, que firme estava no seu posto e sem resguardos.

Cahiam feridos, com uma bala na região epieranea, o tenente do grupo a cavallo, Luiz de Albuquerque Gusmão, pelos estilhaços, o capitão Julio de Faria Machado Vieira, o sargento Augusto Guedes, com uma bala na testa, os cabos Manuel da Graça e Antonio Maria Serodio e ainda varios soldados, entre os quaes o 61, Alberto José dos Reis, com uma bala na perna, o 84, Agostinho Mira, com uma bala n'um pé e José Ramos, que cahia do cavallo, e o 33, José Pestana.

N'uma pequena casa á entrada da quinta do Seabra, improvisara o medico da bateria, capitão dr. José Henriques Bogalho, um hospital de sangue.

Para ali desde logo transportadas foram as praças feridas, mantendo-se todavia no seu posto os officiaes, que só mais tarde receberam curativo.

Mortas ficaram algumas muares, emquanto outras se escapavam á redea solta.

Houve tambem deserções.

Nem de exemplo serviu a energia de Paiva Couceiro, sereno e firme, não se desviando uma pollegada do seu logar de risco.

Muitos dos serventes collocados junto das peças não poderam resistir ao terror das baixas operadas entre os seus e abandonaram tudo.

Não faltariam mais tarde allusões a essa crise de medo, filiando-a na propaganda republicana, a qual, de facto, considerava a bateria como norteada pelos seus preceitos.

Machado Santos, (*) contava com ellas, graças á propaganda do 1.° sargento Andrade, notavel nas campanhas do Cuamato em 1907 e do 1.° sargento Luiz de Sá dos Santos Vaquinhas, para reunidas á força de Barcarena e occupando o alto da Ajuda, forçarem á rendição as forças de Belem.

Vaquinhas, não se esquivou porém, como muitos os dos ligados á revolta, á acção combativa e, attesta-o, uma bala recebida no peito, durante a lucta.

Talvez não tivesse feito fogo contra aquelles de quem perfilhava o ideal, mas tambem não abandonou a linha de fogo, que bem de frente o viu, facto que evidenciou pelo ferimento recebido em combate.

Vê-se ainda nas propostas de promoções, integradas no relatorio de Machado Santos, a paginas 167, outro nome de propagandista junto das baterias, o do ex-sargento Pereira Guimarães:

«Promovido a 1.° sargento no caso de desejar ser reintegrado no serviço activo: Ex-segundo sargento do grupo a cavallo e da bateria n.° 2 de artilharia da guarnição, José Pereira Guimarães. Pelo seu porte valoroso em combate e por ter tentado sublevar as baterias de Queluz.»

Affirmando certa connivencia dos artilheiros com os revoltosos, appareceria ainda mais tarde, o seguinte depoimento de José Gomes Froes Junior, incluido a paginas 84 das «Memorias da Revolução — Relatorio do sargento revolucionario de artilharia 1, Gonzaga Pinto»:

(*) Relatorio=Pagina 140.

«O fogo dirigido pela artilharia de Queluz, por bastante tempo (relativo ao tempo de combate) não passou de inoffensivo, pois que a maior parte das granadas de principio só se sentiam sibilar, emquanto que outras furavam os telhados e attingiam as paredes superiores dos predios proximos, pertencentes aos srs. Marquez da Praia e Visconde de Abrançalha (e cujo fogo, soube mais tarde, ter sido mais ou menos dirigido por sargentos revolucionarios e que era assim dirigido propositadamente, pois que até então nunca se poderam manifestar pela Republica abertamente, talvez por não terem quem seguisse o exemplo. Quem sabe? Além d'isso tinham a mão de ferro de Paiva Couceiro, o grande zelador da monarchia, mas muito pobre em sentimentos patrioticos como tristemente provou).»

A despeito de toda essa propaganda e coadjuvação, o plano geral, isto é, a volta das forças contra os que pretendessem deffender a monarchia — é que fracassou.

Intuitivamente, simulou-se primeiro, é certo, o olvido para o regimen preventivo, originando ainda a escassez das munições.

Houve depois a comparencia de Paiva Couceiro, como antes se dera a falta de delegados da revolução na sahida do grupo, na hora em que o commandante ainda não havia assumido a respectiva chefia.

Não quiz este admittir, talvez para illusão propria, essa connivencia sediciosa e para attenuar quanto possivel o triste espectaculo de deserção, flagrante e patente, se bem que em numero menor do que n'outros regimentos, dizia: (*)

«Conjuntamente deu-se tambem a fuga de uma parte, talvez metade, da força de infantaria e de algumas praças da bateria.

«Deve dizer-se como relativa justificação ou attenuante d'este ultimo lamentavel acontecimento, que esses soldados, no que diz respeito ao grupo de artilharia — pois no que diz respeito a infantaria não pudemos averigual-o — eram simples recrutas de 10 mezes, porquanto as praças que estavam no segundo anno

(*) «Diario dos Vencidos» por Joaquim Leitão.—Pagina 88.

de serviço tinham sido licenceadas em setembro, depois das eleições, o que provavelmente tambem succedera com infantaria 2.

«Comtudo haviam ficado firmes no seu posto os officiaes e sargentos da bateria e alguns dos serventes, o que permittiu que immediatamente se rompesse o fogo de resposta.»

O que o capitão Couceiro assignalou com respeito aos artilheiros, em breve foi explicado por Machado Santos em relação aos de infantaria, pondo em destaque firme a verdadeira origem d'essa accirrada vontade de dispersão, indifferente ás ameaças, aos rogos, ao evocar da disciplina, ao appello de coragem.

Mas nem só as baterias soffreram o effeito do panico.

O resultado da vista dos primeiros feridos deu causa á execução do velho projecto.

Effectuava-se a dispersão de infantaria 2.

Esta, deu logo o grito de que o campo rebelde melhor prevenido estava para ataques.

O visionarismo teve desfecho concludente.

O grosso d'esse diminuto punhado de luctadores, na apparencia insubmettidos, apenas procurou subtrahir-se á certeira pontaria das baterias dos revoltosos.

Salvavam-se e não perjuravam.

Infantaria 2, era a que, segundo o plano do capitão Alfredo Ernesto de Sá Cardoso, e tenente Helder Ribeiro effectuado segundo as colhidas adhesões, devia com caçadores 2, os marinheiros e a guarda fiscal de Alcantara exercer o seu mandato sobre as Necessidades, prendendo ali D. Manuel II.

Não o executou, mas auxiliaria a revolta nos lances onde interviesse.

Assim, metade do regimento, não quiz sujeitar-se ás contingencias de permanecer na linha de fogo e fugiu, n'um irrisorio aspecto de apavorado

Cega, n'uma espantosa carreira, a soldadesca saltava obstaculos.

Desvairo, mais que desespero, um soldado de infantaria, vendo a antepôr-se á marcha dos fugitivos, o coronel Alfredo de Albuquerque, chegou a apontar-lhe a espingarda.

Quiz rasgar caminho e conseguiu-o.

A estupefacção do official e o impulso dos que seguiam atraz da praça ameaçadora, não deixaram consummar o crime, mas deram margem a que a fuga proseguisse.

Ante as vistas, quasi impassiveis, do coronel Sousa Bessa, se fez essa debandada, assim descripta pelo commandante de lanceiros 2:

«Cahiram mortas algumas muares, os cavallos das praças de artilharia, que se tinham apeado, fugiram em todas as direcções e, desastre irremediavel! infantaria 2 destroçou completamente, ficando nas posições que occupavam, quando muito, duas duzias de praças com o ajudante do regimento e um aspirante.

«Com os soldados de infantaria fugiram algumas praças das baterias a cavallo. A situação era critica. Na posição que occupavamos ficaram sómente: de artilharia, todos os officiaes sob o commando de Paiva Couceiro, todos os sargentos e alguns serventes, poucos.

« — Todos os officiaes das baterias?... menos o capitão Vieira que foi ferido...

« — Mesmo esse, apesar de ferido, e perdendo bastante sangue, ficou no seu posto, assim como o alferes de artilharia, tambem ferido.

« — E de infantaria 2, o que quedou?

« — O coronel Bessa, commandante, que não se mecheu de onde estava, o major Rocha, o ajudante do regimento, e um aspirante. Todos os outros officiaes, sargentos e praças se iam n'uma carreira doida, em diversas direcções, para a rectaguarda da posição. O maior numero corria ao longo do muro da Penitenciaria. Precipitando-me sobre elles, e fazendo-lhes vêr a vergonha do seu porte, lá consegui com muito custo, reconduzir algumas praças á nossa linha de fogo, já então furiosamente atacada pelos revoltosos.» (*)

Dos dispersados por vontade propria, alguns foram dar ao Campo Grande e d'ali, até á Avenida, para pelas 7 horas da noite entrar na Rotunda, que, por vencer attrahia a soldadesca pouco disposta a sacrificios.

(*) «Os Cem Dias Funestos»—Paginas 212.

Outros, a caminho do quartel general, deixavam-se alliciar, vencidos pelo cansaço e pela falta de alimento, integrando-se assim no campo adverso, que lhes saciava a fome!

Iam refazer forças no local que lhes haviam ensinado a combater.

E esse quadro de mau senso, de abandono dos que se desejavam reter no limite da defesa monarchica, passou assim para alem fronteiras:

«Demais os soldados, desfallecem, com fome. Emquanto uma multidão de paisanos levou, generosamente durante o dia, provisões ás forças da Rotunda, os leaes tiveram que passar com um pedaço de pão e alguns golos d'agua. Como dispôr de energia phisica, a cahir de inanição, ou vendo sobre as suas cabeças o fragoroso estampido das granadas, vendo os funebres cortejos de mortos e feridos?» (*)

Não era phantastica a descripção, pois appareceu authenticada (**) pelo coronel Alfredo de Albuquerque, em obra descriptiva da sua attitude.

Talvez para obviar o maior numero de actos de submissão um titular morador no largo da Abegoaria mandava distribuir cavacas das Caldas aos soldados da municipal postados nas immediações do quartel do Carmo.

A adherencia á revolta dos desertores de infantaria 2, não constituiu apenas um auxilio material, mas sim um appoio moral.

Forneceram-no, levando á Rotunda a descripção do desolador espectaculo dos altos da Penitenciaria e para o qual contribuiram:

«Elles ao principio hesitaram receando que eu lhes armasse uma cilada, mas depois declararam adherir á Republica, juntando-se-nos no caminho mais doze soldados nas mesmas circumstancias. Contaram-me n'essa occasião que, apenas a nossa artilharia abriu fogo sobre essas forças aggregadas ás baterias de Queluz, a maioria dos officiaes debandou, a cavallaria disper-

(*) «Como cae un trono.=La Revolucion en Portugal»—Pagina 147.
(**) Joaquim Leitão=«Os Cem Dias Funestos»=Pagina 251.

sou e o grosso d'esse exercito pensou em fugir ao perigo o mais rapidamente possivel.» (*)

Não continha exaggeros o depoimento do revolucionario Manuel Ambrozio.

A soldadesca procurou deixar isolados os que não commungassem no credo republicano.

Do regimento de infantaria 2, em superiores apenas ficaram o coronel Bessa, o major Rocha, o ajudante Ferreira Vianna e um aspirante.

O primeiro veria assim apreciada (**) a sua acção pelo commandante de lanceiros:

«Por motivos que se ignoram, não fez a minima diligencia para reunir o seu regimento quando este por completo debandou no Alto da Penitenciaria, mandando comtudo a justiça se diga que tambem não sahiu da linha de fogo, onde se conservou durante todo o tempo que durou o ataque, mas completamente inactivo. Recolheu depois a Belem, ao quartel de infantaria 1, quando a columna retirou da Quinta do Seabra.»

Foi certa a attitude de espectativa e extranha, embora iniciada já pela negativa para assumir, como mais antigo, o commando das forças que foram actuar da Penitenciaria.

As apreciações, egualmente reproduzidas (***) foram por Paiva Couceiro.

Todavia não se evidenciaram receios.

Imperava apenas a indifferença, o aspecto nostalgico de quem lança á ventura os resultados dos successos desenrolados.

Dos restantes officiaes, com os sargentos, diversa foi a orientação.

Procuravam seguro refugio na rectaguarda, uns, na dispersão outros.

De regresso do posto medico provisorio, onde fôra acompanhar feridos, continha ainda o tenente de lanceiros Estevão Wanzeller, a corrida de um capitão e cerca de 30 a 40 soldados de infantaria 2.

(*) «A Capital» de 10 de Outubro de 1910.
(**) «Os Cem Dias Funestos».=Pagina 341.
(***) «A Capital» de 10 de Outubro de 1910.

Atravessando o cavallo no portão da sahida, o official inquiria o motivo da escapada e ao conhecer que fôra o simples effeito do estoirar da granada, incitava-o ao regresso do seu posto.

Vejamos n'este ponto uma entrevista (*) com o tenente, e que, embora tivesse soffrido alterações (**) lhe não alteravam a essencia:

«Eu assisti á bateria entrar em posição, e quando foi ferido o cabo ordenança e o capitão Vieira desci para ir chamar o medico, e quando voltava outra vez para cima, dei com um capitão de infantaria 2, a correr, seguido por um bando de 30 a 40 soldados.

« — Fallou-lhe?

« — Já vae saber. Vendo a debandada, atravessei o meu cavallo no portão, e perguntei: «Sr. capitão! para onde vae?» «Oh! meu tenente! caiu uma granada ao pé de mim, e bateu-me com um torrão!...» «Volte para cima, capitão?» «Para cima é que eu vou!» «Por essa e por outras é que nos perdemos. Os soldados veem fugidos atraz de si!» N'essa occasião passou o tenente Luiz de Menezes que me perguntou o que havia. «E' este capitão que quer fugir.» «Deixa-o lá!» disse Luiz de Menezes, continuando quinta acima. Então, eu voltei-me para o capitão, e deixei-o com estas ultimas palavras: «Não lhe dou um tiro porque a bala pode fazer-me falta!» E segui tambem para cima emquanto o capitão desapparecia para a estrada sendo visto mais tarde sem soldados, a passear com um aspirante e um alferes.»

O capitão Vasconcellos, vinha de facto para a estrada de Sete Rios, com um alferes e um aspirante.

Ali os encontrava o capitão Alfredo Pedreira Martins de Lima, que extranhando o pacato passeio longe do campo de combate, obtinha do official Vasconcellos, a resposta de que o fazia em virtude da fuga total dos seus soldados.

Não poude Martins de Lima deixar de exprimir surpreza

(*) «Diario dos Vencidos» por Joaquim Leitão.=Pagina 94.
(**) «O Correio da Manhã» de 27 de Dezembro de 1910.

não só ante a deserção de uns, como pelo abandono de posto pelos tres agaloados.

O mais graduado reeditou a desçulpa:

« — Ai! eu havia de ficar lá!... Cahiu ao pé de mim uma granada que me atirou um torrão com toda a força e que me maguou immenso. Está claro que me vim embora!...» (*)

A revolução podia contar com a victoria.

Servindo-a, tinha, alem dos que a descoberto lhe desbravavam caminho, uma simulada quebra de energia de muitos.

Mal d'ella porém, se o destino lhe tivesse cortado os passos de avassalladora.

Basto numero dos que n'esses lances se retrahiam, preferindo, a lançar o brado pela Republica, apparentar uma visão de cobardia, — á ruina da causa democratica, abafada na perda da Rotunda ou de Alcantara, não hesitariam no irado proclamar de morte aos vencidos com o viva caloroso á realeza vencedora.

A Providencia poupou-lhes o reaffivelar de mascara.

A' democracia talhado estava o caminho de favorecido resultado, para que o panno não descesse sobre o drama aventuroso de outubro, com o final de mais escandaloso epilogo.

E esse seria o espectaculo dos que mais capricharam na entrega da monarchia á revolução, pedindo para os interventores d'esta, os porões dos navios ou o torturoso exilio, com clausura nas fortalezas de Africa, caso houvesse derrocada.

*

* *

A intervenção do tenente Estevam Wanzeller, não serviu para o official, distanciando-se, nem para a soldadesca.

Esta, retrocedendo na fuga, não regressou ao local onde se travava o duello entre a Rotunda e a força de Couceiro.

Foi antes occultar-se n'um pavilhão, dependencia da quinta de nada valendo a imposta disciplina.

(*) Cita o facto, Martins de Lima, no «Correio da Manhã», de 28 de Novembro de 1910, e o conselheiro Teixeira de Sousa o reproduz a paginas 377 do 2.º volume da sua obra «Para a Historia da Revolução».

Era extranha essa crise de medo e salientando a, disse (*) ainda o coronel Alfredo de Albuquerque, referindo-se á attenuante concedida por Paiva Couceiro, aos serventesdas baterias:

«Mas servirá a mesma explicação para infantaria 2, onde tudo desertou, até os officiaes, excepto aquelles que já lhe referi? não confirmará isto que esse regimento estava compromettido na revolta, e que teria aproveitado aquelle momento para, na impossibilidade de se juntar aos revoltosos, ao menos lhes não fazer fogo? O que significava aquella attitude do coronel Bessa, não querendo tomar commando algum, não dando um passo para reconstituir o regimento que lhe fugia, e ficando elle a pé firme no seu posto? não proviria isto já da falta de confiança no regimento? Nunca pude esclarecer-me bem. Mas nas praças que consegui deter na fuga, e que allegando prostração não foram para a linha de fogo — passei a ver mais inimigos para vigiar do que elementos com que se pudesse contar.»

Por notavel coincidencia, as praças de lanceiros não se isentaram, em grande parte, da fuga e de accusações, como que para mais equitativamente se distribuirem responsabilidades e connivencias.

Em relação ás de infantaria 2, encarregou-se o commissario naval Machado Santos, de as pôr em destaque, (**) em resposta clara áquelles que se julgaram inaptos para perceber a sua attitude:

«Quanto a infantaria 2, entrou na brigada mixta que fez o movimento envolvente á Rotunda por Sete Rios e Campolide.

«As praças mais influentes entre todas e que mais se salientaram na propaganda revolucionaria, foram: o soldado n.º 90|397 da 1.ª companhia do 2.º batalhão, Joaquim da Silva Almeida, que já trabalhára por occasião do 28 de Janeiro; o 1.º cabo n.º 87|395 da 1.ª companhia do mesmo batalhão, Eduardo da Silva Oliveira; o soldado n.º 36 da 1.ª companhia do 2.º batalhão

(*) «Os Cem Dias Funestos» pagina 242.
(**) Relatorio de Machado Santos.=Pagina 135.

Francisco Antonio, e o 2.º cabo n.º 38 da 1.ª companhia do 2.º batalhão, Joaquim da Silva.

«Estas praças, não tendo recebido do official instrucções para a revolta, empregaram todos os esforços, sobretudo no ataque á Rotunda, para o regimento debandar. Parte do regimento, completamente desmoralizada, foi abrigar-se no quartel de infantaria 1, em Belem.»

De facto e confirmando ainda que a base da fuga era não o receio, mas o executar de uma habilidosa tactica, veremos ainda o seguinte depoimento: (*)

«No principio da noite fomos atacados por bombas de dois lados. Estabeleceu se uma enorme confusão. Em vista da desmoralisação que reinava entre os soldados, muitos fugiram. Alguns obedecendo ao plano, metteram-se nas arcadas.»

E' obvio que a Rotunda, dando, com o ataque inopinado e ao mesmo tempo gradual e productivo, uma illusão de serenidade, um falso aspecto de reducto bem guarnecido, desnorteava uns, mas egualente accirrava outros.

Evidenciava, o que aliás era certo, que a posição das tropas fieis estava bem assignalada.

O fogo, certeiro, e causando baixas, trazia como consequencia o desanimo para os já pouco propensos a sustentar o embate com os sediciosos.

Assim, dispostos a arrostar com a sua revindicta, pequeno nucleo se manteve.

Paiva Couceiro, embora registando esse pouco trivial debandar, é quiçá, não querendo advinhar-lhes as causas, não desanimou.

De relance fez a analyse do que se passava e do que convinha realisar.

A cavallaria nada podia fazer de longe.

Parte d'ella, a do commando do tenente-coronel Sousa Araujo, que estava no rectaguarda, tivera até de se abrigar por detraz da casa do africanista Henrique de Mendonça.

(*) Relato da acção no Rocio pelo tenente Valdez. = A Revolução Portugueza, por J. de Abreu.=Pagina 188.

Debalde nos altos da Penitenciaria se alimentou a esperança de que, a cada momento, as forças do Rocio, intervindo, fizessem dividir as attenções da Rotunda, por meio de fuzilaria, a sério.

Seria o appoio da columna e, talvez, o anniquilar da sublevação.

A' falta d'esse auxilio, inutilmente desejado, o episodio da lucta proseguiu.

Aggravou-a o ataque pelas bombas, para effeito moral e fuzilaria para effeito physico realisado do parque Carlos Eugenio, sobre o troço de infantaria 2, acampado na estrada de Palhavã, olhando Bemfica,

Attingidas foram doze praças, ficando oito feridas: o 1.º cabo, José Côrte Real, natural de Braga, na mão direita, o 2.º cabo, Antonio Marques, natural de Bragança, na cabeça, e os soldados, Guilherme dos Santos, na perna direita, Francisco Gonçalves da Cruz, na perna esquerda, Albino Alves Carneiro no pé direito, Antonio Monteiro, nos pés e nas mãos, Antonio Monteiro Praça, natural de Mesão Frio, no pulso direito, Antonio Carlos Lopes Pinto, no pé esquerdo, recebendo todos curativo no hospital do Rego, d'onde seguiram para o hospital militar da Estrella.

No campo ficaram, sem vida, os soldados 16, da 2.ª companhia do 2.º batalhão, Arthur Gonçalves, natural de Mangualde; 35 da mesma companhia e batalhão, Filippe José Rosado, natural de Cuba; 46, da 2.ª companhia do 3.º batalhão, Joaquim da Silva Costa e 98, da 5.ª companhia do 2.º batalhão, Gabriel José Ribeiro, natural de Barcellos.

Os soldados Arthur Gonçalves e Filippe Rosado, attingidos horrorosamente, no peito e cara, abandonados ficaram, valendo-lhes os populares que para a morgue os fizeram transportar cerca das 4 horas e meia da tarde, d'onde seguiram depois para o deposito do hospital militar da Estrella, onde permaneceram como de desconhecida identidade, até ao dia 7 de Outubro.

Os outros deram entrada no hospital do Rego, sendo, por erro, citados como ali fallecidos e fazendo parte do grupo dos 8, que apenas ferimentos tiveram.

Deu-se pois a segunda dispersão de infantaria 2.

Vendo-a, lanceiros seguiu-a, sem que lograsse conter o acto o major Thiomotheo Alvim.

O coronel Alfredo de Albuquerque, historía assim o facto, embora com um visivel attenuar da acção de retrocesso de cavallaria 2:

«Quasi simultaneamente rompiam pelo planalto da nossa posição as praças de lanceiros entregues ao commando do major Alvim, seguindo grande numero de praças de infantaria em completa desordem. A infantaria que eu ali deixara sob o commando de um major, cujo nome como disse ignoro, desertava toda, não ficando viv'alma. O que se passára? Atacados, nunca pude precisar d'onde e por quem, mas desconfio que de dentro do parque Carlos Eugenio, tinham ficado logo redondamente mortos quatro soldados de infantaria n.º 2; e não me restava nem um official, nem uma praça de infantaria, de toda a força que ali tinha installado. Tambem tinha debandado tudo.» (*)

A força em dispersão foi assim, além de infantaria 2, um esquadrão e um pelotão de lanceiros, ás ordens do major Alvim, auxiliado pelo capitão Eduardo Ferreira Borges de Castro e tenentes Accacio Adjucto Nunes e Antonio de Passos Callado, e tendo por objectivo a vigilancia da parte que deitava para a estrada de Bemfica.

Os officiaes debalde procuraram oppor-se-lhes.

Um aspirante já effectuára egualmente a retirada.

Veremos assignalado o facto em trecho, onde querendo esclarècer duvidas sobre o encontro, distanciado do local do combate, dos tres officiaes, o capitão Alfredo Pedreira Martins de Lima, diz: (**)

«Um aspirante de lanceiros 2, que quando lhe cheirou a polvora, ou até mesmo antes de lhe cheirar, abandonou o seu regimento e n'um bello galope de corrida, recolheu prudentemente ao quartel da sua unidade, chama-se Illydio Marinho Falcão e tem 26 annos.»

(*) «Os Cem Dias Funestos».=Pagina 234.
(**) «Diario dos Vencidos».—Paginas 220 231.

O posto ficou assim desguarnecido.

Destroçada pois, ou em fuga a infantaria, o coronel Alfredo de Albuquerque, tentou remediar essa falta reconstituindo a força do seu commando.

E' relatando a tentativa que renasce mais intensa a intuição de se haver dado a abalada:

«O facto era que a situação se tornava cada vez mais critica. Lancei então, mão d'um expediente que infelizmente não me surtiu effeito: reconstituir a força de que o meu regimento dispunha, e mandal-a apear para atiradores e supprir a infantaria.» (*)

A acção de reconstituir teve assim como origem certa, pela logica, a desorganisação.

Não teva ella, é facto, outras causas além da do contagio do receio, norteado pelo lance fugidio da infantaria e attesta-o a não existencia de baixas em lanceiros, o que apenas se deu com elles e com infantaria 1.

Não facultaram talvez os acontecimentos a intervenção em carga de cavallaria, do regimento, que assim iria á conquista de mais brilhantes feitos.

Todo esse aspecto de contingencias e de probabilidades, se desenrolou tarde mais em duello, pelo livro, entre Teixeira de Sousa e Alfredo de Albuquerque, culpando-se mutuamente e com recriminações, inuteis já, pelo consummado feito de republica proclamada.

Analysaremos na devida altura, ao tratarmos da attitude geral do exercito, esse terçar de phraseologia accusativa.

Reentremos, por agora nos episodios da lucta entre a columna mandada para avassallar a Rotunda e a força que ali se mantinha.

A' desorientação da infantaria, teve de assumir as suas funcções, o troço existente de lanceiros 2, que desmontando em parte, formava em atiradores, ficando na sua rectaguarda, as fileiras das praças montadas, segurando cada uma em dois cavallos dos camaradas e respectivas lanças.

(*) «Os Cem Dias Funestos».=Pagina 246.

Procuraram alvejar o extenso campo dos insurrectos, sendo a acção de fogo commandada pelos tenentes D. Nuno Maria do Carmo Noronha, Silveira Ramos, D. Luiz da Cunha Menezes, e Lusignan de Azevedo.

Este, experimentado era nas luctas dos sertões e a pagina 305 da «Collecção das Ordens do Exercito de 1910 — Parte não official — Lisboa — Imprensa Nacional — 1919)» encontra-se o nome do tenente Francisco Martins Lusignan de Azevedo, louvado segundo a ordem n.º 86, e em acção com o capitão Antonio Rodrigues Montez Junior, «Pelo acto de valor que praticou indo, com risco de vida e por seu espontaneo offerecimento, da embala do Cuamato Pequeno ao forte Roçadas, desacompanhado da escolta, no dia seguinte ao da tomada da referida embala, com o fim de ser portador de correspondencia official urgente, conseguindo fazer durante a marcha uma presa de 5 cabeças de gado bovino.»

Silveira Ramos, envolvia-se na lucta, com o empenho de a vencer e mais tarde, ás tentativas restauradoras, vel o hemos n'ellas envolvido.

A' victoria da republica, foi por ella collocado na escola pratica de Torres Novas, como fazendo parte do grupo militar de aquella villa.

N'esta era detido (29 de Novembro de 1912) como participante do chamado «complot da quinta da Cardiga» e do projectado movimento de restauração monarchica (21 de Outubro de 1913). Entretanto já elle ganhára, exalçando o nome de Portugal, o grande premio de S. Sebastian nas celebres provas de equitação (18 de Maio de 1913) reputadas como uma das maiores da Europa, affirmando-se mestre, ante o estrangeiro, na arte de bem cavalgar.

Pela mallograda tentativa realista, recolhia (30 de Novembro de 1913) á casa de reclusão do castello de S. Jorge, sendo depois transferido para o quartel do Carmo, precedendo desligamento de serviço da Escola Pratica.

Aproveitava-lhe, comtudo, a amnistia de Fevereiro de 1914, já aqui citada, podendo n'esse mesmo anno regressar aos lances hippicos.

A bateria e seus auxiliares iam entrar em acção outra vez.

As metralhadoras, reparados os estragos, reconduzidas por algumas praças fieis aos seus logares, foram apontadas para Entremuros.

Julgando-se mais forte o quartel de artilharia I, do que a Rotunda, de preferencia foi marcado para a revindicta.

Todavia, se o primeiro melhor estava em munições, a segunda em superiores condições se encontrava, sob o ponto de vista de numero de combatentes.

Se os elementos civis, n'uma grande maioria, haviam feito clareira em torno de Machado Santos, sustinham a supremacia da Rotunda, os nove sargentos, alem de outros auxiliares de valor.

Dos altos da Penitenciaria, alvejou-se pois com maior intensidade o quartel de Campolide.

A defeza, de facto, era ali diminuta, mas, compensava-a o exforço valaroso dos raros que a punham em pratica, dando o proseguir gradual da queda das granadas.

Um dos tiros da força de Queluz constituiria uma victoria se auxilio efficaz tivesse, por parte das tropas acampadas no Rocio.

Indo furar o muro proximo ao portão do quartel, a granada rebentava sobre uma das peças, e na linha de atiradores, levando ali o mesmo panico que aos deffensores da realeza haviam causado os primeiros projecteis de Campolide.

Produzira-se a fuga.

A columna não o sabia.

Houve jubilos pelos effeitos materiaes, mas não se conheceu o resultado moral obtido.

O intervallo entre a dispersão e a recomposição dos fugitivos de Entremuros, foi tido como calculo para mais seguro ataque.

Como que servindo de auxilio ás presumpções, a resposta foi segura e de effeito.

Emquanto uns, desnorteados, se evolavam do campo de lucta, escapando-se a esse duello notavel e estabelecendo com a es-

cusa de participar da acção um paralello com as dispersões da columna realista, outros se encarregavam de manter o prestigio do acampamento rebelde.

Aos tiros certeiros dos atacantes da Rotunda e de Entremuros, correspondiam os outros com a ira propria dos poucos crentes em vencer e as Canets de campanha despejavam projecteis sobre projecteis, que actuando nos pontos elevados denunciados pela fumarada, traziam perdas e cimentavam desillusões.

A lucta proseguiu.

Ao desenvolver porem da nova pequena columna, foi visado esse alvo.

As peças descarregaram-se outra vez.

O effeito foi retumbante.

Não se soube esquivar lanceiros a cooperar na singular cohesão que levou a maioria dos regimentos a assumir, ante a revolta, o extranho aspecto de auxiliares, pois o desordenamento, por nevrose, por segurança ou por accordo, excellente appoio era á causa com foco principal na Rotunda.

Ao ataque, correspondeu desde logo o abandono do posto.

Era o primeiro passo para a manobra dos que procuravam affastar o regimento dos normas do bom desempenho da sua missão de suffocador do movimento.

Desorientada a soldadesca, teve a completar o instante de perturbação, o desespero de uma falsa voz de commando.

As praças desmontadas, deixavam a posição e retrocedendo sobre as que seguiavam as montadas, estabeleceram o seu desorganisar.

Os cavallos soltos, encarregavam-se de exemplificar a acquiescencia ás vontades da rebeldia, e abandonando o perigoso local, iam de corrida, sem cavalleiros, até ao quartel, como que procurando repouso ou symbolisando o encasso d'essa defeza desesperada mas inutil, por desajudada.

Procurando amortecer esse aspecto de fuga, mas sob bases diversas d'aquellas que Paiva Couceiro empregou para os serventes das baterias diria, (*) mais tarde o coronel de lanceiros:

(*) «Os Cem Dias Funestos», pagina 244.

«As praças apeadas vendo fugir os cavallos, a sua melhor arma, em que mais confiança depositavam, desanimaram e eu, evitando assim a desordem completa, deixei os ir procurar os cavallos para reconstituir o regimento. Mas alguns officiaes (como o D. Nuno Maria do Carmo Noronha) e algumas praças ficaram sem cavallo. Os cavallos foram quasi todos ter ao quartel, com grande surpreza de os vêr entrar sem cavalleiro, para o official de inspecção, capitão André de Oliveira Reis. Os officiaes e praças, apesar de lhes desapparecer a montada, não abandonaram o seu posto, não fugiram, não debandaram. Appareceram-me todos e quando a columna retirou, foram assentados nos armões da bateria a cavallo.»

E' curiosa a justificação da dispersão sob uma licença concedida para procurar os cavallos que, em maioria, foram de abalada até ao quartel, onde o capitão André Reis os recebia, como espelho de completa derrota . . .

Todavia, ainda o coronel Alfredo de Albuquerque se encarrega de erguer o veu com que pretendeu encobrir a continuação, pelos lanceiros, do exemplo dado pelo 2 de infantaria.

Surge o arrependimento ao traçar (*) do quadro de effectividade das forças, no mais critico instante da lucta contra os da Rotunda:

«A nossa situação era de visivil inferioridade. Balanço: deserção completa de um regimento de infantaria; deserção de serventes das baterias, quatro soldados mortos e alguns feridos, cavallos do meu regimento fugidos, e, se persistisse no mesmo proposito, grande risco de ficar sem a pouca força que restava do regimento.»

Não era isto comprovar a fuga embora parcial?

Evidencia-se de facto que ella se deu, na quasi confissão de um reduzir do regimento a uma pouca força, e com risco de essa mesma se evolar.

Convem dizer que lanceiros não tinha ali todo o seu effectivo, quebrado por outros serviços fóra da revolução, mas não offerece duvidas que apenas visam a parte de cavallaria 2 em

(*) Obra Citada. = Pagina 248.

movimento nos altos da Penitenciaria as allegações do coronel Albuquerque sobre a diminuta existencia de praças do regimento apoz a auctorisada procura dos corceis sabiamente endireitando a Belem.

O facto da marcha de abandono da Penitenciaria, já apparecera no noticiario jornalistico, embora sob umas phantasistas presumpções, justificaveis n'essas horas de controversias:

«Pela calçada da Tapada haviam passado duas praças de lanceiros, conduzindo 12 cavallos, cujos cavalleiros tinham sido evidentemente feridos ou mortos.» (*)

Diz ainda o major de cavallaria Thomaz de Sousa Rosa, ao refutar (**) o livro «Os Cem Dias Funestos:

«O capitão de cavallaria n.º 4 Eusebio Ferreira da Silva, que commandava um esquadrão do seu regimento junto da brigada estacionada nas Necessidades, declara que viu no dia 4 de tarde, passar na rua Maria Pia, em fuga desordenada, muitos soldados de cavallaria n.º 2 e muitos cavallos desmontados. Tambem passaram soldados de cavallaria 2, apeados, que se via irem em debandada.»

Houve assim o desapparecimento de uma parte das praças de lanceiros 2.

Attribuiu-se ao coronel Alfredo de Albuquerque, o grito que para a fuga os lançou.

De resto, não são favoraveis á sua attitude n'esse ponto, os depoimentos, em conjuncto, dos sargentos ajudantes, Antonio Gonçalves Dias e 1.º sargento Mario Augusto de Menezes Machado, ambos de cavallaria 2, cujas declarações fazem parte d'um documento celebre, intitulado «A Revolução de Outubro — Resposta ao ex-coronel Alfredo de Alburquerque», por Thomaz de Sousa Rosa, major de cavallaria: (***)

«Quando fizeram alto na rua de Santo Antonio foi destacado um pelotão de cavallaria 2, para junto do cemiterio dos Prazeres, a fim de vigiar a Maria Pia. O coronel retirou para o

(*) «O Diario de Noticias» de 5 de Outubro de 1919.

(**) A Revolução de 5 de Outubro — Resposta ao ex coronel Alfredo de Albuquerque. — «O Mundo» de 15 de Outubro de 1912,

(***) «O Mundo» de 15 de Dezembro de 1912.

paço das Necessidades, onde se conservou até ás 8 horas, em que se poz á frente da columna e com ella seguiu, juntamente com uma bateria do grupo a cavallo, em direcção á rua Ferreira Borges, rua de Campo de Ourique, rua Maria Pia, até ao Arco de Carvalhão. N'este local pretenderam escolher posição para a bateria bombardear o quartel de Campolide. Nada se fez e, perante a informação de que os revolucionarios estavam occupando posições para bater a columna, o coronel Albuquerque ordenou que se marchasse em direcção á estrada que corre do outro lado do Vale de Alcantara, paralela á rua Maria Pia. Para isso desceram ao fundo do Vale citado e subiram á encosta do lado opposto. Attingida esta estrada ainda procuraram, adiante das fabricas de guano escolher posição para a artilharia. Depois de muita conversa, puzeram-se novamente em marcha em direcção á Buraca, Bemfica, de onde voltaram sobre Lisboa pela estrada das Larangeiras, chegando perto das portas de S Sebastião da Pedreira, ás 14 horas. Fizeram alto e, n'esta occasião, o capitão Paiva Couceiro, que pouco antes se tinha apresentado, foi, por ordem do coronel Albuquerque escolher posição para collocar a bateria de artilharia, a fim de bater a Rotundae o quartel de Campolide. Os regimentos ficaram abrigados na estrada das Larangeiras.

«Pouco depois, tres esquádrões, sob o commando do coronel Alburquerque, foram-se collocar abrigados a trás de uma parede que era denominada pelo Terreno para onde fôra a bateria e onde havia um renque de oliveiras, quasi junto á mesma parede. As granadas do partido contrario razavam a rama das oliveiras. Na estrada ficou o esquadrão do comando do capitão Borges de Castro. Alguns soldados de infantaria 2 passaram para o terreno superior e fizeram uns tiros. O coronel Albuquerque atrapalhou-se e deu a voz de «Fujam. Salve-se quem puder». O regimento precipitou-se de escantilhão pela encosta abaixo em direcção a um muro de suporte com bastante altura e que estava de nivel com o terreno que era por assim dizer em andares. Por pouco não caíram do muro abaixo Os cavallos instintivamente voltaram para a direita e dirigiram-se para o portão da quinta. N'esta altura fizeram alto e o coronel mandou

apear o regimento para atiradores. Do regimento todas as praças que appareceram na linha de atiradores não excediam um pelotão. O 1.º sargento Machado, notando que era o mais graduado que se encontrava á frente dos atiradores e não tendo recebido indicações algumas nada mandou fazer. E quando o coronel o intimou a dar a voz de fogo, respondeu que as praças que se encontravam na frente eram do mesmo partido. Então já a confusão era enorme; as granadas contrarias detonavam por cima do regimento e os atiradores quando quizeram montar a cavallo já o regimento desordenado tinha partido a todo o galope pela estrada das Larangeiras. Os soldados que seguravam os cavallos, montadas dos atiradores largaram-nos e fugiram. Os atiradores, vendo se sem montadas, fugiram tambem. O 1.º sargento Machado foi alcançar o cavallo perto de Campolide, quando um paisano se preparava para o montar. A retirada do regimento terminou adiante do viaducto que passa sobre a estrada das Larangeiras, e ali se reuniu parte das praças que tinham dispersado. Outra parte tinha retirado para o quartel.»

Resalta assim o pormenor de que lanceiros eivado estava egualmente do germen de propaganda revolucionaria e de facto nos officiaes contava ali a sedição, com o sargento-ajudante, Antonio Gonçalves Dias e 1.º sargento Mario Augusto de Menezes Machado.

Contraria era a opinião do respectivo coronel, crente na existencia apenas de um official inferior, o sargento Vigozo e do superior, capitão Thomaz de Sousa Rosa, e até do almirante Candido Reis, declarando ao esboço investigador das forças alliciadas: (*)

«Eu não aceito a insubordinação dos regimentos de Belem e das baterias de Queluz tão cegamente como Machado Santos. A officialidade d'aquellas unidades, é, em grande maioria, gente de confiança do Paço, e a não ser o commandante de infantaria 1, os outros dois coroneis são muito estimados pelos seus soldados.»

(*) A Revolução de 5 de Outubro = Subsidios para a Historia», pelo capitão de fragata João Augusto de Fontes Pereira de Mello. — Pagina 24.

A propaganda politica venceu em parte, como de habito, a estima pessoal e não vemos só o coronel de lanceiros a debater-se n'essa rêde manietante.

O proprio Paiva Couceiro não logrou, a despeito do seu incontestavel prestigio, livrar se de dispersões na soldadesca de artilheria, que aliás o tinha como idolo.

Foi isso ainda que fez jungir ao proseguir da lucta um resto de praças, antes dispostas ao desapparecimento.

O chefe das baterias, de verdade, o commandante da columna pelas rapidas ordens, tenacidade observada no ataque, e a assistencia no mais perigoso posto, não deixava sequer tempo para a analyse da situação desesperada.

A sequencia do combate tornara-se irritante.

A maioria das granadas da bateria actuou sobre o predio 175-177 da rua de Entremuros, entrando em todas as salas, a despedaçar moveis, louças, vidros, emquanto os moradores, aterrorisados, se refugiavam n'um subterraneo. Assim, iam estalar junto de armario replecto de preciosa louça da India, logo estilhaçada, arrombar portas, e até outra ia abrigar-se n'um colchão de arame do leito d'onde havia minutos fôra retirada uma senhora doente, que dez dias antes soffrera melindrosa operação.

O fogo começou a lavrar entre o tecto do rez-do-chão e o sobrado do 1.º andar do predio, em cuja frontaria havia rasgões de metro.

Abandonando a perigosa residencia, propriedade do barão de Linhó e d'onde os revolucionarios haviam feito estação para o combate contra as baterias, as duas familias, do administrador da Imprensa Nacional, João Costa e do inspector dos serviços florestaes, Pedro Roberto da Cunha e Silva, fugiam pelos quintaes até á rua das Amoreiras, emquanto a fuzilaria estrondeava, assobiando-lhes as balas aos ouvidos, emquanto as derrocadas se succediam, e um morador, sacrificando-se, procurava e conseguiu extinguia o incendio com toda a agua que poude acarretar.

A Penitenciaria era especialmente attingida na ala esquerda, onde os vidros ficavam estilhaçados.

Ao tempo que algumas balas de espingarda iam quebrar os

vidros do gabinete do chefe da ala E, uma de artilharia ia actuar na torre da chaminé, e outras, produzir dezenas de orificios no muro exterior.

O medo e ancia de liberdade trouxe ao estabelecimento cellular inicios de insurreição, logo suffocados pelos guardas da casa dereclusão com o seu chefe José da Ascensão e Sousa, e o auxilio principal dos seus subordinados, os guardas de 1.ª classe, Pio José e José Nunes.

Estes, seriam louvados pela ordem de direcção da Penitenciaria, sob o n.º 31, de 14 d'aquelle mez, «pela parte que tomaram na manutenção da ordem por occasião da revolta e proclamação da Republica, desde o dia 3 a 6 de Outubro de 1910.»

*

* *

Indifferente a esse novo incidente, que todavia se poderia considerar grave, o chefe do grupo de Queluz, não abandonou a sua esphera de acção.

A um julgado affrouxámento de resposta pelos revoltosos, entreveiu semi-desorganisado o quartel de artilharia 1.

Confiava então ao tenente Eduardo Ferreira Vianna, a tarefa, de risco, de, sahindo pela cancella, atravessar a estrada, até visar com segurança sobre um terreno livre, o acampamento dos rebeldes.

Lance heroico era esse.

A' frente de pouco mais de trinta praças o tenente se propôz, sem pestanejar, cumprir o mandato, indo postar-se no local conhecido por Monte Almeida.

Altivo e energico, se mostrou á frente d'esse troço de homens, aos quaes quiz dar o exemplo de coragem.

Vianna era valoroso e, apparecia assim merecidamente citado em livro (*) pelo coronel Alfredo de Albuquerque:

«A seguir ás descargas feitas sobre mim e o ajudante do 2

(*) Os Cem Dias Funestos.=Pagina 240.

de infantaria, tenente Eduardo Ferreira Vianna, official cujo nome muito prazer tenho em citar, porque até final se portou digna, briosa, valentemente, rebentaram sobre as nossas posições tres granadas.»

Ao lado de Couceiro é justo salientar esse vulto de militar energico e indifferente ao medo.

Os outros atiraram ao alvo que se lhes patenteava.

Alguns soldados cahiram junto ao tenente.

Aos murmurios, ás phrases soltas, o official comprehendeu que, se persistisse, teria o desaire de um abandono.

Não deixou surgir a indisciplina.

Demáis já debandára, como vimos, o contingente de infantaria 2 que sob o commando do major Alvim, fôra collocado á embocadura da estrada de Bemfica, contingente que fez egualmente deslocar o esquadrão de lanceiros dos tenentes Accacio Nunes e Antonio Callado, ficando o campo aberto a um assalto pelos revoltosos, servindo-se do abandonos dos postos de observação para Palhavã e Sete Rios.

Deixar que a indisciplina resurgisse, representaria annullação total da obediencia a qualquer investida para que pretendesse arremessar o troço que commandava.

Regressou portanto, decorridos poucos minutos, indo expôr a situação a Paiva Couceiro.

Era dissabor sobre dissabor, desillusão sobre desillusão, mas não se interrompeu a catadupa de granadas durante mais algum tempo, indifferente ao continuo ripostar pelas forças revoltosas, á espingarda e a canhão.

Houve todavia curto espaço em que isso affrouxou.

Paiva Couceiro relanceou um olhar em redor, para ordenar nova acção, em peso, de infantaria.

Achou-se a braços porém com desolador e deprimente espectaculo.

Da tropa de linha não se lhe deparava mais de 50 homens.

Tudo influia para esse resultado.

A' propaganda republicana juntou-se o descuidar do trato da soldadesca.

Parte d'ella nem força tinha para agir, minada pela fome.

E, saliente-se que nem toda se submettera.

De infantaria 2 alguns valentes houve.

Assim, um cabo e meia duzia de praças tinham-se sentado, a descoberto, sobre o telhado de uma casa terrea ao flanco esquerdo da bateria e d'ali fizeram fogo imperturbavel e certeiro.

Era o exemplo solemne aos outros, mas não servia, por os tolher a jurada fé á revolta.

Mas, nem só as praças se retrahiam.

A officialidade, onde havia o coronel Bessa, o major Rocha e outro, abrigava-se dos tiros e evitava dar ordens.

Couceiro reteve a censura, que o cerebro de exaltado esboçou justiceiramente.

E, mais tarde, á hora em que formulou recriminações, ainda desculpa deu a essa attitude extranha:

«Devo dizer-lhes que aquillo que de menos agradavel, na narração que fizeram e na entrevista que tiveram e que acabam de me ler, possa suppôr-se a respeito do procedimento e da passividade de alguns dos officiaes, a quem n'ellas fazem referencia explico-o eu como um resultado natural e logico do estado d'alma, de indifferença, de aborrecimento e de desconsolo, que o curso dos negocios publicos nos ultimos tempos vinha creando no espirito do publico e dos officiaes em particular. Aquelles mesmos, que ali cruzaram os braços, cumpririam briosamente o seu dever em outras circumstancias... E' essa a minha convicção.» (*)

Ante esse, por elle declarado cruzar de braços, Couceiro, capitão, já se constituira único e verdadeiro chefe.

Mandou de novo avançar a infantaria.

Ninguem se mexeu.

A resistencia viu-se inutil.

Raros secundavam a energia de meia duzia de officiaes dispostos a não transigir.

As proprias praças já não iam á disciplina e esta quebrada era até pelos rogos dos officiaes.

(*) «Diario dos Vencidos», por Joaquim Leitão.=Pagina 92.

Outros entregavam-se a uma espectativa.

Seria talvez o melindre provocado á direcção total assumida pelo chefe das baterias de Queluz.

Todavia, já elle o fizera ao assignalar um retrahimento pouco banal.

Percebendo-o, não quiz alliar-se ao desprendido aspecto de entrega ás circumstancias.

Promoveu o combate.

Reintegrou-se outra vez na pleiade brilhante dos exploradores sertanejos, cognominados «Os officiaes de Africa» e no numero dos quaes tinha logar aureolado.

Nas plagas africanas só pesava comtudo a atmosphera carregada do gentio adverso.

Ali mais grave era o lance.

Ao embate dos contrarios jungia-se a traição de uns e a indifferença de outros.

Exasperado, pois, vendo a derrota, Couceiro atirava-se do cavallo abaixo, quasi empurrou as praças para o posto indicado, e entre phrases exaltadas e despidas de rethorica os invectivava.

20 praças o seguiram, a elle e ao tenente Vianna, sempre despreoccupado ante o perigo, cumprindo ordens e desprezando a vida.

Perdido, as fontes latejantes, imaginou lançar-se na conquista á baioneta, do baluarte da Rotunda.

Mas a reflexão veio.

Era o suicidio e ainda o sacrificio esteril d'esses raros soldados e do esforçado tenente, que para a morte caminhavam serenos.

Conviria antes aproveitar esse punhado de valentes para lance onde o seu valor produzisse, por de outros ter efficaz auxilio.

Era inutil pois o acto de arrojo.

Aos fugitivos, aos não coadjuvantes, foi assim o epitheto que feriu como latego:

— Poltrões! exclamou Paiva Couceiro entre outras palavras de exaltada indignação.

Quasi sem soldados, colhido nas apertadas malhas da rede que só então se lhe desvendou á vista, viu Couceiro a loucura do proseguir da tentativa.

O reducto resistia, apesar de quasi destruido.

Parece que, n'um d'esses desesperos, não desdenhou o official collocar-se como manobrante de uma das peças.

Affirma-o o revolucionario José Gomes Froes Junior, no depoimento da pagina 86, do livro de Gonzaga Pinto, já aqui citado:

«O fogo certeiro a que já alludi, feito pela artilharia de Queluz em seguida ao silencio a que esteve sujeita algum tempo, mas pouco, soube mais tarde ter sido feita pessoalmente por Paiva Couceiro e por um tenente, cujo nome ignoro, e foi o ultimo arranco talvez d'essa occasião para deffender a monarchia pois que até elle tomar conta das peças, o effeito dos seus tiros tinha sido quasi nullo, e além d'isso já a maior parte dos seus soldados tinha fugido e outros feridos e mortos, tendo por fim que retirar.»

Entretanto verificou-se uma falta de munições das baterias.

Tinha-as, mas effectuou-se por essa larga corrente revolucionaria, uma entrega pela soldadesca, de dois armões bem municiados e que se disseram tomadis, talvez pela razão de entrarem no acampamento da Rotunda trazidos por populares sob a chefia do empregado da casa Grandella, Fortunato Espada.

«Ao cahir da tarde, depois de tiros repetidos, certeiros, as baterias de artilharia de Queluz, que estão sendo deffendidas por infantaria 2, são desalojadas, rechaçadas, postas em debandada, fugindo umas e entregando-se outras, a fazerem causa commum com os revolucionarios. Duas das suas peças são tomadas e fracções varias que foram dar ao Campo Grande, vieram adherir ao acampamento do Alto da Avenida, sendo recebidos com o mais vivo enthusiasmo.» (*)

E ainda em noticia suplementaria frisava que: «ás baterias de Queluz tambem foram tomados dois armões cheios de munições.»

(*) «O Seculo» de 5 de Outubro de 1910.

Apontado foi tambem um abandono, em informe (*) posterior:

«Depois de mais de uma hora de lucta, as baterias de Queluz retiraram em desordem, abandonando uma secção de artilharia que veio para as forças revolucionarias trazida pela infantaria 16 e os populares.»

Seguindo n'esta esteira deixaram alguns auctores (**) registar possibilidades do lançamento á margem das peças que aos insurrectos aproveitaram:

«Paiva Couceiro conseguira n'essa manhã fazer marchar para Lisboa a bateria de Queluz que appoiada com alguma infantaria fôra tomar posições nas alturas da Penitenciaria, do lado oriental do edificio. Protegera-se com um muro velho que ali existe e atacava furiosamente a Rotunda e o quartel de artilharia 1, onde muitas paredes ficaram por completo desmanteladas. Os revoltosos respondiam-lhe valorosamente, e com tanta energia os desalojaram da sua posição, que ainda foram aprehender ali, findo o combate, algumas peças abandonadas.»

O livro «Da Monarchia á Republica», pagina 30, regista tambem a tomadia de duas peças das baterias.

O erro é evidente.

Apenas houve a entrega, por praças fugitivas, de dois armões e um carro de serviço de municiamento.

Machado Santos, o chefe da Rotunda, o patenteia, não procurando agigantar successos que a tal se escusassem.

Assim, a paginas 80 do seu relatorio, cita que os obtidos «tropheus foram dois armões e um carro de munições.»

N'essas circumstancias, de traição e de abandono só a audacia poderia trazer exito aos trabalhos realistas.

Paiva Couceiro, sem gente que, intrepida como elle, o soubesse acompanhar, decidia requisitar auxiliares, não sem publicamente exalçar a sua intuição primitiva da inutilidade do exforço com o diminuto effectivo que lhe havia sido confiado.

Convinha, não prolongar indefinidamente o tiroteio pela ar-

(*) *O Mundo* de 7 de Outubro de 1910.
(**) Como triumphou a Republica em Portugal. = Pagina 121.

tilharia, mas apressar o desenlace com uma tomada pelas forças de linha.

Todavia era de responsabilidade e de risco a investida e irrealisavel com pouco mais de 20 soldados, sujeitos, como anteriormente, ás crises de receio que só deixavam firmes no seu posto de fogo, uma minoria de oito a dez.

A' pressa redigia uma nota, para o commando da divisão, tocando ligeiramente a critica situação e requisitando duas companhias de infantaria do exercito e uma da guarda municipal.

As baterias não affrouxavam o ataque, espaçando-o apenas, á espera dos necessarios reforços.

Assim estiveram até cerca das 4 horas.

Proximo d'ellas e meia hora depois da sahida da ordenança, simplesmente augmentava as forças o capitão Alfredo Pedreira Martins de Lima, de companhia com os tenentes Fernando Coutinho da Silveira Ramos e Estevam Wanzeller.

Era delegado de um conselho de superiores, e especialmente de um general, representante do commando quasi supremo, onde não chegára porém a nota de Couceiro.

Martins de Lima, declinando, por desconhecer, o intuito a que ella visava, transmittia a ordem de cessar fogo.

A determinação dada por outro talvez não fôsse bem acceite.

Couceiro, já se habituára á rede traidora que o pretendia envolver e, disposto a reagir contra todo o trama, iria até ao ponto de uma insubordinação para cumprir o mandato de defeza á corôa.

Mas, alem de dois fieis, Silveira Ramos e Estevam Pereira Palha Wanzeller, estava como lidimo mandatario o capitão Alfredo Pedreira Martins de Lima, ajudante do commandante da divisão.

Era notoria a sua valentia.

As campanhas contra o Cuamato, de Julho a Novembro de 1907, haviam-no feito incluir na lista gloriosa dos chamados «Officiaes d'Africa».

Assignalava-lhe os ousados passos em pleno sertão, a «Col-

lecção das Ordens do Exercito de 1910 (Parte não official) — Lisboa-Imprensa Nacional-1910», indicando a paginas 305 o nome do então tenente Alfredo Pedreira Martins de Lima, como louvado pela ordem n.º 18, «Pelos seus repetidos actos de coragem e valor, sobretudo pelos praticados no combate de 27 de Agosto.»

Foi este a revindicta a um ataque feito contra o acampamento, e o destacamento do tenente Martins de Lima, seguia em marcha para a destruição dos libatas, quando o surprehendeu o tiroteio contra as duas faces da columna que defrnotava o matto.

Não impediu o avanço, effectuado até ser noite, em que conveio operar o regresso.

O gentio, todavia, que havia espalhado fogueiras para ellas illuminar o caminho dos brancos, proseguiu o tiroteio, a que as tropas portuguezas responderam com firmeza, e tal, que a entrada no bivaque se fez com a mesma ordem de sahida, embora os negros tivessem pretendido interpôr-se entre o bivaque e as forças que a elle procuravam regressar.

Teixeira de Sousa registava-lhe ainda as proezas de Africa a paginas 233 do 1.º volume da sua obra «Para a Historia da Revolução»; ao citar tambem os trabalhos em Africa no anno de 1907:

«No seu caminho a expedição teve o incidente do Mufilo, em que o capitão Martins de Lima e os seus soldados praticaram actos de bravura.»

O emissario pois não procedia disposto a admittir cobardias.

Paiva Couceiro, debalde porem procurou conhecer a base da determinação, quando elle visava á derradeira phase do seu plano, o ataque á baioneta, precedido de uma carga de cavallaria.

Sonhar-se-hia no sertão.

Deixar-se-hia cegar, e indomavel, iria até, desdenhoso dos perigos, tomar o reducto da Rotunda, como se fôra uma senzala vatua.

Seria o suicidio, talvez, mas era o dever.

N'esse instante de mental tensão, é que vinha a ordem de retirar, o reconhecer de uma derrota.

Era o auxilio moral á revolta, cantando jubilos á vencida do inimigo que se apresentára audaz.

Representava o rasgar de mais largo campo á rebeldia, vendo assim desbravar-se o caminho que julgára crivado de cardos.

Caminhava de dissabores em dissabores, de golpe em golpe nas suas crenças de paladino estrenuo da realeza que via a afundar-se.

A surpreza do official não se occultou, antes surgiu altiva e digna na phrase historica:

— Porquê? Não estareis fazendo bom serviço?

De facto não o prestava consoante a tacita comprehensão de muitos.

Reprimia, quando exigivel era apenas o simulacro.

Comtudo, superiormente se resolvera o terminar do tiroteio e o capitão Alfredo Pedreira Martins de Lima, de novo frisava, embora constrangido, a ordem de cessar hostilidades.

Cumpria executar a retirada.

O commandante do effectivo em combate viu a impossibilidade de proseguir n'esses exforços de lucta.

Da infantaria, o effectivo estava reduzidissimo.

Das cem praças do inicio, a maioria desertára, outra parte retrahia-se, e com os doze collocados fóra do combate, de meia duzia se podia lançar mão.

Lanceiros, estavam ao largo e a sua acção, se se lhe podesse entregar alguma, não tinha auxilio pelos que lh'o deviam dar.

Do grupo de Queluz, as quarenta praças, haviam tido baixas, n'uma percentagem grande para o seu numero.

Havia ainda o escasso das munições.

Era o fim do seu sonho.

Mas fôra até onde lhe fôra permittido ir.

As baterias, ao fim da lucta, apresentaram larga somma de feridos: o capitão Julio de Faria Machado Vieira, o tenente Luiz de Albuquerque Gusmão, os 1.os sargentos Luiz de Sá dos

Santos Vaquinhas, attingido no peito e João da Silva, com uma bala no pulso; o 2.º sargento, Augusto Guedes, com uma bala na testa, o 1.º cabo Manuel da Graça, com uma bala na coxa direita; e os soldados 33, José Pestana, 40, João da Silva Reis Junior, com esphacelamento do nariz pelo recuo de uma peça; 52, Antonio Maria Serodio, com uma bala na coxa; 61, José Ramos, contuso fortemente por queda do cavallo, ferido; 69, Manuel Gomes, com uma bala na coxa; 84, Agostinho Mira, attingido no peito e no pé direito, afóra o soldado Alberto José dos Reis, por aggravamento de padecimento de que soffria.

Em maioria, transitaram pelo hospital de S. José, posto da Cruz Vermelha no Rocio e hospital militar da Estrella.

O espectaculo era de desolar, mas era egualmente de convencer.

Só com coadjuvação, em homens e em munições, podia seguir essa sua vontade avassalante e enervada, de conduzir ao silencio o methodico canhoneio da Rotunda.

Nada possuia, cousa alguma lhe collocáram ao dispôr, para o continuar do combate.

Nada mais podia fazer.

Reconheceu-lhe o serviço, o quartel general, embora lhe não tivesse deixado dar remate.

Em palavras do chefe de estado maior, coronel José Joaquim de Castro, descriptas no «Correio de Manhã» de 30 de Novembro de 1910, ao descrever da execução do alvitre do ataque á Rotunda, appareceu exposto o louvor áquelle que foi até ao supremo exforço:

«Foi este alvitre acceite. No que consistiu a sua realisação por parte da bateria de Queluz, é bem conhecido o heroismo com que se bateram, tendo á sua frente um homem como Paiva Couceiro; pelo que respeita á acção de infantaria 2, fica bem traduzida com a phrase indignada de Martins de Lima: — «Que vergonha! Então infantaria 2 não debandou aos primeiros tiros, como pardaes, quando faltavam 10 minutos para resolver tudo?!» — e depois secundada pelo tenente Wanzeller de lanceiros.»

Resurge, ainda, concludente a opinião do capitão Alfredo Pedreira Martins de Lima que figura a paginas 338 do «Diario dos Vencidos»:

«E' incontestavel a heroicidade com que se bateu a bateria do grupo a cavallo e não é menos para admirar a resignação com que se submetteu a todos os sacrificios que sem necessidade lhe exigiram. Mandaram-na andar sósinha, de noite, por estradas e ruas, e ella andou. Mandaram-na arruar pelos «desfiladeiros» do Carvalhão e Campolide e ella lá foi. Mandaram-na tomar posição a uns trezentos a quatrocentos metros da artilharia e ella não protestou. Infantaria 2 deu ás de Villa Diogo e lanceiros 2 procurou abrigo na estrada de Sete Rios, e ella fingir não dar por isso, até que a foram chamar.»

Como phrase historica, de resposta á determinação do retrocesso, teve Couceiro a seguinte:

— Então, se a ordem é retirar, retiro!

E retirou, mas n'uns preparativos amollentados, lentos de mais talvez, para que não restasse duvidas de que o abandono, por elle, não representava medo.

Passava das 4 horas da tarde.

Foi esse o unico combate serio da Rotunda e de artilharia 1.

N'elle quasi intervieram apenas a bateria e raras praças do 2 de infanteria e, na officialidade, como vultos principaes, Couceiro e Vianna.

Antes da retirada ordenada, effectuaram outros a debandada por vontade propria.

O chefe do grupo de Queluz e do ataque ao baluarte revoltoso, percebeu então por completo o abysmo em que se pretendeu lançal-o.

Illusoria foi a ideia.

Paiva Couceiro não se perturbou com a voragem.

N'essa altura limitou-se a curvar-se á disciplina.

Ainda se enganou com melhores transes, visto o destino lhe occultar as paginas onde se fixavam os successos futuros.

Quando se lhes desvendaram ao desordenado aspecto do quartel general na manhã seguinte, quebrou a submissão disciplinar e quiz erguer a realeza.

Era tarde.

O destino sorria ironico: o rei deixara a patria.

Nem a monarchia sonhára que tinha um paladino denodado a tentar firmal-a ao solo luso, nem esse paladino anteviu sequer que a sua diligencia era inutil.

O erro, a cegueira, eram duplos.

N'um duplo equivoco, só a incerteza tripudia.

E foi ella, atroz e mysteriosa sempre, quem, ao cahir na desillusão de Cintra, fez com que Couceiro atirasse injustamente ao rei, distante, a palavra com que se visam os fugitivos, quer uma corôa cinjam quer da meuda arraia façam parte.

FIM DO TERCEIRO VOLUME

A REVOLUÇÃO PORTUGUEZA

Indice dos capitulos

O DIA 4 DE OUTUBRO

CORRECÇÕES

Paginas	*linhas*	*onde se lê*	*leia se*
49	3	mas eu que	mas eu é que
52	16	hypothe	hypothese
52	16	theoica	theorica
89	4	Mello José	Mello e José
93		Pertence á pagina 94 a nota	da pagina 93.
111	21	existente do	existente no
122	26	ao passo	ao paço
129	2	lençoes e descer,	lençóes, descer
156	31	o anterior	o antever
183	(nota)	Contribuiam depois	Alguns dos agentes feridos, contribuiram
261	33	graves se reproduziam informes	Graves informes se reproduziam
286	29	já havia	já haviam
286	30	tirado	sido tirados
287	13	de carbonarios	composto pelos carbonarios
287	13	José Miranda, rua	José Miranda, morador na rua
288	32	Uma alegria	Um arrepio
288	35	da vaidade	da vontade
356	25	de instrucção.	de intuição,
375	6	n'uma perspectiva	n'uma perpetua
384	29	*ad libirtum*	*ad libitum*
406	22	cavallaria, 4.	cavallaria 4,
433	7	alandeado	alardeado
507	8	reobeter	reobter
527	7	desnorteamento, interno	desnorteamento interno
530	27	despirtada	despeitada
538	1	contraria, a acção	contraria acção
554	28	Alfredo Pereira Martins de Lemos	Alfredo Pedreira Martins de Lima
565	21	pholophotes	holophotes
575	30	alce	realce
597	35	ajudante Conceição	ajudante José Pedro Feliciano da Conceição Junior

Paginas	*linhas*	*onde se lê*	*leia-se*
625	21	evascrense	cascaense
634	35	1907	1908
637	35	para	parar
639	21	por erro	por isso
761	19	exitado	hesitado
793	2	12 de Junho	10 de Junho
811	9	das veias	das vaias
839	3	precedessem	seguissem
863	34	á Inglaterra	a Inglaterra

Correcção ás linhas 25, 26 e 27 da pagina 839, substituidas por:

«que mallogradas, ao exilio o levaram, colhendo-o em territorio brazileiro o *veredictum* proferido por tribunal marcial em 14 de Maio de 1914, condemnando-o á revelia em 15 annos de degredo, aproveitando-lhe a amnistia de 22 de Fevereiro de 1914, mas sem prejuizo do respectivo artigo 2.º, ou seja a expulsão por 10 annos, visto ter sido considerado um dos dirigentes da abrilada de 1913=N' d'A.»